



# A TERRA PARTIDA

Trilogia A Terra Partida

---

N.K. Jemisin



MORROBRANCO  
EDITORA







# A TERRA PARTIDA

Trilogia A Terra Partida

---

N.K. Jemisin



MORROBRANCO  
EDITORA

# A TERRA PARTIDA

---

TRILOGIA COMPLETA

---

N.K. JEMISIN

Tradução  
Aline Storto Pereira



MORROBRANCO  
EDITORA



*The Fifth Season* © 2015 por N.K. Jemisin

*The Obelisk Gate* © 2016 por N.K. Jemisin

*The Stone Sky* © 2017 por N.K. Jemisin

*Stone Hunger* © 2014 por N.K. Jemisin

Publicado em comum acordo com a autora, The Knight Agency e Julio F-Yáñez Agência Literária S.L.

Título original em inglês: *The Broken Earth Trilogy*

Tradução da trilogia: *Aline Storto Pereira*

Tradução da noveleta: *GTD*

Revisão: *Mellory Ferraz e Valentina Amaral*

Preparação: *Petê Rissatti*

Adaptação de Design de Capa: *Hyperion*

Ilustração da Capa: *Miranda Meeks*

Mapa: © *Tim Paul*

Diagramação e Projeto Gráfico: *Desenho Editorial*

Essa é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, organizações e situações são produtos da imaginação do autor ou usados como ficção. Qualquer semelhança com fato reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram contemplados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J49- Jemisin, N.K.

A Terra Partida / N.K. Jemisin; Tradução: Aline Storto Pereira. – São Paulo: Editora Morro Branco, 2020.

ePub: 9.2 MB

ISBN: 978-85-92795-23-8 | ISBN: 978-85-92795-51-1 | ISBN: 978-85-92795-78-8

1. Literatura americana – Romance. 2. Ficção americana.

I. Storto Pereira, Aline. II. Título.

CDD 813



**MORROBRANCO**  
EDITORA

Todos os direitos desta edição reservados à:

EDITORA MORRO BRANCO

Alameda Campinas 463, cj. 23.

01404-000 – São Paulo, SP – Brasil

Telefone (11) 3373-8168

[www.editoramorrobranco.com.br](http://www.editoramorrobranco.com.br)

Impresso no Brasil 2020

**Colaboração: Yuna**

**eBook: Hyperion**

**Versão 1.0.0**



# SUMÁRIO

*Página de título*

*Créditos*

*Mapa*

## **A QUINTA ESTAÇÃO**

Dedicatória

Prólogo: Você está aqui

1. Você, no final
2. Damaya, em invernos passados
3. Você está a caminho
4. Syenite, lapidada e polida
5. Você não está sozinha
6. Damaya, parando aos poucos
7. Você mais um é igual a dois
8. Syenite na estrada alta

Interlúdio

9. Syenite entre os inimigos
10. Você caminha ao lado da fera
11. Damaya no fulcro de tudo



12. Syenite encontra um brinquedo novo

13. Você está no encalço

14. Syenite quebra seus brinquedos

15. Você está entre amigos

16. Syen na terra escondida

17. Damaya no teste final

18. Você descobre maravilhas lá embaixo

19. Syenite na expectativa

Interlúdio

20. Syenite, esticada e puxada de volta

21. Você está reunindo a banda novamente

22. Syenite, fragmentada

23. Você é tudo de que você precisa

Agradecimentos

## **O PORTÃO DO OBELISCO**

Dedicatória

1. Nassun, em crise

2. Você, continuação

3. Schaffa, esquecido

4. Você é desafiada

Interlúdio

5. Nassun toma as rédeas

6. Você se compromete com a causa

7. Nassun encontra a lua

8. Você foi avisada

9. Nassun, necessária
10. Você tem um trabalho importante pela frente
11. Schaffa, deitado
12. Nassun, caindo para cima
13. Você, em meio a relíquias
- Interlúdio
14. Você está convidada!
15. Nassun, em rejeição
16. Você encontra um velho amigo, outra vez
17. Nassun, versus
18. Você, em contagem regressiva
- Interlúdio
19. Você se prepara para a luta
- Interlúdio
20. Nassun, facetada
- Agradecimentos

## **O CÉU DE PEDRA**

### Dedicatória

Prólogo: Sobre mim, quando eu era eu

1. Você, acordando e sonhando
2. Nassun sente vontade de perder as estribeiras

Syl Anagist: Cinco

3. Você, desequilibrada
4. Nassun, andando em território selvagem
- Syl Anagist: Quatro

5. Você é lembrada

6. Nassun faz o próprio destino

Syl Anagist: Três

7. Você planeja com antecedência

8. Nassun no subterrâneo

Syl Anagist: Dois

9. O deserto, brevemente, e você

10. Nassun, atravessando o fogo

Syl Anagist: Um

11. Você está quase em casa

12. Nassun não está sozinha

Syl Anagist: Zero

13. Nassun e Essun, do lado escuro do mundo

14. Eu, no final dos dias

Conclusão: Eu e você

Agradecimentos

## **FOME DE PEDRA**

1. Fome de Pedra

*Apêndice 1*

*Apêndice 2*

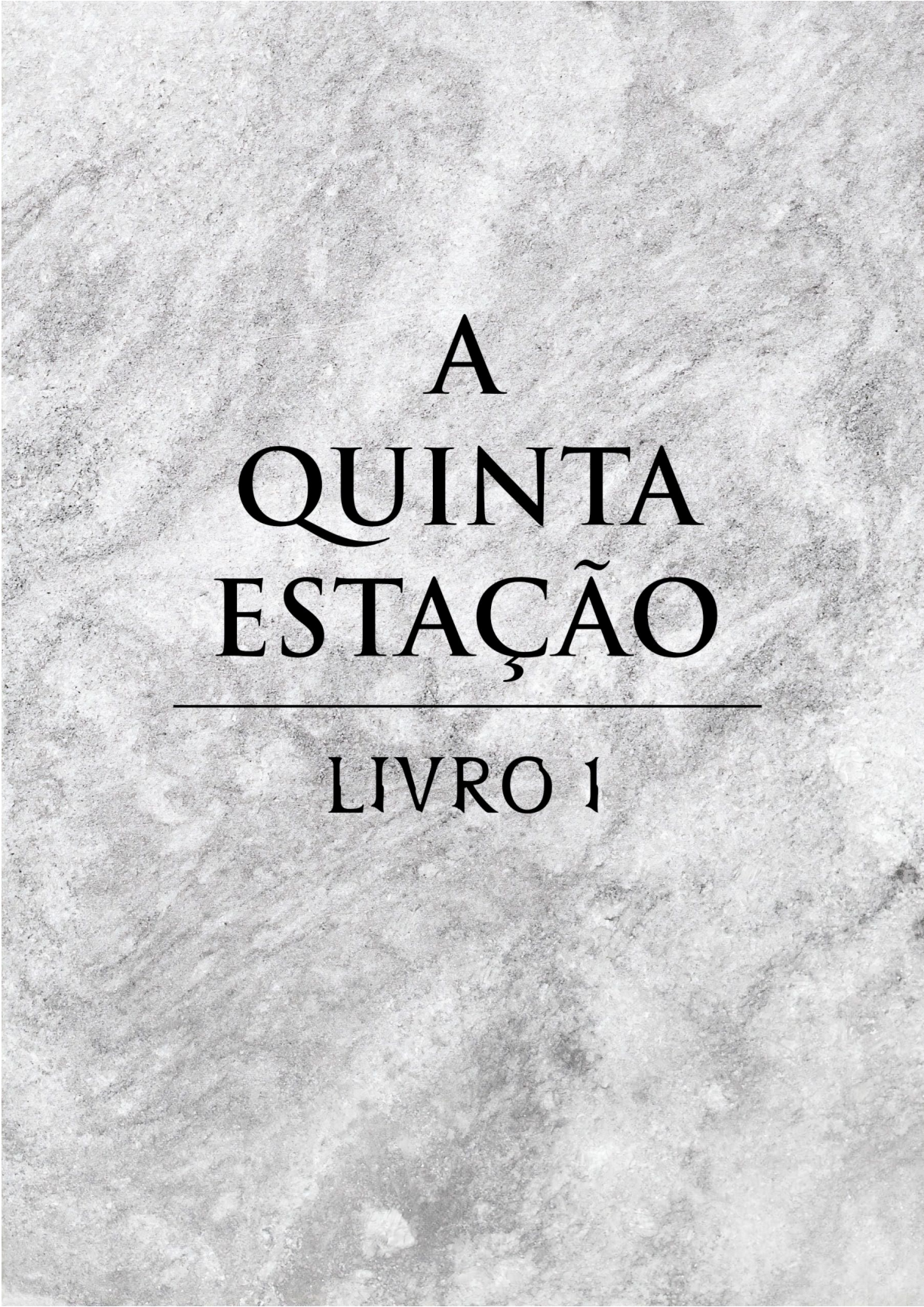
*Nota editorial*

*Discurso de N.K. Jemisin*

*Sobre a autora*





The background of the entire page is a light gray marbled paper with a subtle, organic pattern of darker and lighter gray veins.

# A QUINTA ESTAÇÃO

---

LIVRO 1



*Para todos aqueles que  
têm de lutar pelo respeito  
que todos os outros recebem  
sem questionamentos*



# Prólogo

## *Você está aqui*

Vamos começar com o fim do mundo, por que não? Acabamos logo com isso e passamos a coisas mais interessantes.

Primeiro, um fim pessoal. Há uma coisa sobre a qual ela vai pensar repetidamente nos dias que estão por vir, enquanto imagina como seu filho morreu e tenta entender algo tão inerentemente sem sentido. Ela cobrirá o corpinho destruído de Uche com um lençol... menos a cabeça, porque ele tem medo do escuro... e se sentará ao seu lado, entorpecida, e não prestará atenção ao mundo que está acabando lá fora. O mundo já acabou dentro dela, e nenhum dos dois fins acontece pela primeira vez. A essa altura, ela já está calejada.

O que ela pensa naquele momento, e dali em diante, é: *Mas ele estava livre.*

E é o seu amargurado e fatigado ser que responde a essa quase pergunta toda vez que seu perplexo e horrorizado ser consegue fazê-la:

*Ele não estava. Não de verdade. Mas agora vai estar.*

• • •

Mas você precisa de contexto. Vamos tentar o fim de novo, escrito em termos continentais.

Aqui é uma terra.

É comum, no que se refere a terras. Montanhas e planaltos e cânions e deltas de rios, o de costume. Comum, exceto por seu tamanho e dinamismo. Mexe-se muito, esta terra. Como um velho deitado e inquieto, ela arqueja e suspira, contrai-se e solta gases, boceja e engole. Naturalmente, o povo desta terra a chamou de *Quietude*. É uma terra de silenciosa e amarga ironia.

A Quietude já teve outros nomes. No passado, foi várias outras terras. É um continente vasto e contínuo agora, mas em algum momento no futuro será mais de um outra vez.

Muito em breve, na verdade.

O fim começa em uma cidade: a mais antiga, a maior e a mais magnífica cidade ativa do mundo. Ela se chama Yumenes e foi um dia o coração de um império. Ainda é o coração de muitas coisas, embora o império tenha definhado um pouco desde que floresceu pela primeira vez, como os impérios tendem a fazer.

Yumenes não é única por conta de seu tamanho. Há muitas cidades grandes nesta parte do mundo, encadeadas ao longo do equador como um cinturão continental. Em outras partes do mundo, os povoados raramente se tornam vilarejos, e os vilarejos raramente se tornam cidades, porque todas essas organizações políticas são difíceis de se manter vivas quando a terra fica tentando devorá-las... Mas Yumenes tem permanecido estável durante a maior parte de seus 27 séculos.

Yumenes é única porque somente aqui os seres humanos ousaram construir não pela segurança, não pelo conforto, nem mesmo pela beleza, mas por bravura. Os muros da cidade são uma obra-prima de delicados mosaicos e gravações em relevo que detalham a longa e brutal história de seu povo. O amontoado de seus edifícios é pontilhado por torres altas como dedos de pedra, lanternas forjadas à mão e alimentadas pela maravilha moderna da hidroeletricidade, pontes com arcos delicadamente entrelaçadas com vidro e audácia, e estruturas arquitetônicas chamadas *sacadas*, que são tão simples e, no entanto, tão incrivelmente tolas, que ninguém nunca as construiu antes na história escrita. (Mas muito da história não está escrito. Lembre-se disso.) As ruas não são pavimentadas com pedras fáceis de substituir, mas com uma substância lisa, contínua e milagrosa a que os moradores

apelidaram de *asfalto*. Até os casebres de Yumenes são ousados, porque são apenas barracos de paredes finas que seriam derrubados por um vendaval forte, que dirá por um tremor. No entanto, estão de pé, como têm estado há gerações.

No centro da cidade há muitos prédios altos, então talvez não seja surpresa que um deles seja maior e mais ousado do que todos os demais juntos: uma estrutura maciça cuja base é uma pirâmide em formato de estrela feita de tijolos de obsidiana esculpidos com precisão. Pirâmides são as formas arquitetônicas mais estáveis, e essa é uma pirâmide vezes cinco, então, por que não? E como essa é Yumenes, temos no topo da pirâmide uma vasta esfera geodésica, cujas paredes facetadas se assemelham a âmbar translúcido, parecendo se equilibrar de leve ali... Embora, na verdade, todas as partes da estrutura estejam focadas no propósito único de sustentá-la. *Parece precário; isso é tudo o que importa.*

A Estrela Negra é onde os líderes do império se encontram para fazer suas coisas de liderança. A esfera de âmbar é onde eles mantêm seu imperador, cuidadosamente preservado e perfeito. Ele vaga por seus corredores dourados em refinado desespero, fazendo o que mandam e temendo o dia em que seus mestres decidam que sua filha será um adorno melhor.

A propósito, nenhum desses lugares ou pessoas importa. Simplesmente os aponto para dar contexto.

Mas há um homem que importará muito.

Você pode imaginar como é sua aparência, por enquanto. Também pode imaginar no que ele está pensando. Isso pode estar errado, pode ser mera conjectura, mas, de qualquer forma, existe certa dose de probabilidade mesmo assim. Com base em suas ações subsequentes, há apenas alguns pensamentos que ele poderia ter em mente nesse momento.

Ele está em uma colina não muito longe das paredes de obsidiana da Estrela Negra. Daqui consegue ver a maior parte da cidade, sentir o cheiro de sua fumaça, perder-se em sua tagarelice. Há um grupo de jovens mulheres andando por uma das vias de asfalto lá embaixo; a colina pertence a um parque muito amado pelos moradores da cidade. (*Mantenha as terras verdes do lado de dentro dos muros*, aconselha o Saber das Pedras, mas, na maioria



das comunidades, a terra é semeada com legumes e outros cultivos que enriquecem o solo. Só em Yumenes o verde é transformado em beleza.) As mulheres riem de algo que uma delas disse, e o som chega ao homem carregado por uma brisa. Ele fecha os olhos e saboreia o ligeiro tremular de suas vozes, a reverberação mais suave ainda de seus passos, como o bater de asas de borboletas contra seus sensapinae. Veja bem, ele não consegue sentir todos os sete milhões de habitantes da cidade; ele é bom, mas não tão bom assim. Contudo, a maioria deles, sim, está lá. *Aqui*. Ele respira fundo e se conecta à terra. Eles pisam sobre os filamentos de seus nervos; suas vozes arrepiam os finos pelos de sua pele; suas respirações agitam o ar que ele puxa para dentro dos pulmões. Estão sobre ele. Estão dentro dele.

Mas ele sabe que não é e nunca será um deles.

— Você sabia — diz ele em uma conversa — que o primeiro Saber das Pedras foi realmente *escrito* em pedra? Para que não pudesse ser alterado a fim de se adequar às tendências ou à política. Para que não desaparecesse.

— Eu sei — diz sua acompanhante.

— Hã. Claro, você provavelmente estava lá quando foi escrito pela primeira vez, eu esqueço. — Ele suspira, observando as mulheres andando até sumirem de vista. — É seguro amar você. Não vai me desapontar. Não vai morrer. E eu já sei o preço antecipadamente.

Sua acompanhante não responde. Ele não estava mesmo esperando uma resposta, embora uma parte dele tivesse esperança. Tem estado tão só.

Mas a esperança é irrelevante, assim como muitos outros sentimentos que, ele sabe, só vão lhe trazer desespero se os considerar outra vez. Já considerou isso por tempo suficiente. A hora de hesitar já passou.

— Um mandamento — diz o homem, abrindo os braços — está gravado na pedra.

Imagine que esse rosto dói de tanto sorrir. Ele está sorrindo há horas: dentes cerrados, cantos dos lábios erguidos, olhos enrugados de modo que os pés de galinha aparecem. Há uma arte em sorrir de uma forma que os outros vão acreditar. É sempre

importante incluir os olhos; caso contrário, as pessoas vão saber que você as odeia.

— Palavras talhadas são absolutas.

Ele não fala para ninguém em particular, mas do lado do homem há uma mulher... de certa maneira. Sua emulação do gênero humano é apenas superficial, uma gentileza. Do mesmo modo, o vestido drapeado solto que ela veste não é de tecido. Ela simplesmente modelou uma porção de sua substância dura para se adequar às preferências das criaturas frágeis e mortais por entre as quais ela caminha no momento. À distância, a ilusão serviria para fazê-la se passar por uma mulher parada, pelo menos por um tempo. De perto, no entanto, qualquer observador hipotético perceberia que sua pele é branco-porcelana; isso não é uma metáfora. Como escultura, ela seria bela, embora realista demais para o gosto local. A maioria dos yumenescenses preferiria uma respeitosa abstração a uma vulgar realidade.

No momento em que ela se vira para o homem... devagar (os comedores de pedra são lentos na superfície, exceto quando não são), esse movimento a leva além de uma beleza artística, transformando-se em algo completamente diferente. O homem se acostumou com isso, mas, mesmo assim, não olha para ela. Ele não quer que a repulsa estrague o momento.

— O que vai fazer? — ele pergunta a ela. — Quando terminar. Os da sua espécie vão se levantar em meio aos destroços e se apoderar do mundo em nosso lugar?

— Não — responde ela.

— Por que não?

— Poucos de nós estão interessados nisso. De qualquer forma, você ainda estará aqui.

Ele entende que ela quer dizer você no plural. *A sua espécie. A humanidade.* Ela o trata com frequência como se ele representasse a espécie toda. Ele faz o mesmo com ela.

— Você parece ter muita certeza.

Ela não diz nada em resposta a esse comentário. Comedores de pedra raras vezes se dão ao trabalho de dizer o óbvio. Ele fica contente porque, de qualquer maneira, a fala dela o irrita; ela não faz o ar vibrar da forma como a voz humana faz. Ele não sabe como

isso funciona. Não *se importa* como funciona, mas quer que ela fique em silêncio agora.

Ele quer que *tudo* fique em silêncio.

— Finalize — diz ele. — Por favor.

E então ele se projeta para a frente com todos os tênues controles que o mundo lhe tirou à base de lavagem cerebral, punhaladas pelas costas e brutalidade, e toda a sensibilidade que seus mestres engendraram nele através de gerações de estupros e coerção e seleção altamente antinatural. Seus dedos se espalham e se contraem quando sente vários pontos ecoando no mapa de sua consciência: seus companheiros de escravidão. Não pode libertá-los, não no sentido prático. Ele já tentou antes e fracassou. Ele pode, no entanto, fazer o sofrimento deles servir a uma causa maior do que a insolência de uma cidade e o medo de um império.

Então ele se projeta profundamente e assume o controle da vastidão sussurrante, ritmada, agitada, reverberante e ondulante da cidade, e do leito de rocha mais quieto debaixo dela, e do agitado movimento de calor e pressão debaixo dele. Então, ele se projeta de maneira ampla, tomando o controle da grande peça deslizante de quebra-cabeça que é a casca de terra sobre a qual o continente repousa.

Por fim, ele se projeta para o alto. Em busca de energia.

Ele absorve tudo isso, os estratos e o magma e as pessoas e a energia, em suas mãos imaginárias. Tudo. Ele os retém. Não está sozinho. A terra está com ele.

Então, *ele a despedaça*.

• • •

Aqui está Quietude, que não é quieta nem em um bom dia.

Agora ela ondula, reverbera, em cataclismo. Agora há uma linha, aproximadamente de leste a oeste e reta demais, quase metódica em sua manifesta anormalidade, abrangendo a circunferência do equador da terra. O ponto de origem da linha é a cidade de Yumenes.

A linha é profunda e áspera, um talho até o âmago do planeta. O magma transborda em seu despertar, fresco e vermelho brilhante. A terra é boa em curar a si mesma. Essa ferida cicatrizará rápido em

termos geológicos, e depois o oceano purificador seguirá sua linha para dividir a Quietude em duas terras. Até que isso aconteça, contudo, a ferida se inflamará não apenas com calor, mas com gás e cinzas escuras e arenosas... O suficiente para obstruir o céu sobre a maior parte da face da Quietude dentro de algumas semanas. As plantas morrerão em toda parte, e os animais que dependem delas morrerão de fome, e os animais que comem estes morrerão de fome. O inverno chegará cedo, será rigoroso e durará muito, muito tempo. Ele *vai* acabar, claro, como todos os invernos, e depois o mundo voltará a ser como antes. Eventualmente.

Eventualmente.

O povo de Quietude vive perpetuamente preparado para o desastre. Construiu muros e cavou poços e guardou alimentos, e pode facilmente durar cinco, dez, até vinte anos em um mundo sem sol.

*Eventualmente* significa, neste caso, *em alguns milhares de anos*.

Veja, as nuvens de cinzas já estão começando a se espalhar.

• • •

Enquanto estamos fazendo as coisas em âmbito continental, *em âmbito planetário*, deveríamos considerar os obeliscos, que flutuam sobre tudo isso.

Os obeliscos já tiveram outros nomes, lá atrás quando foram construídos, mobilizados e usados pela primeira vez, mas ninguém se lembra quais eram ou do propósito desses grandes aparatos. As memórias são frágeis como ardósia na Quietude. Na verdade, nos dias de hoje, ninguém realmente presta muita atenção àquelas coisas, embora sejam enormes, belos e um pouco aterrorizantes: maciços cacos cristalinos que flutuam entre as nuvens, girando devagar e seguindo incompreensíveis trajetórias de voo, transformando-se volta e meia em borrões, como se não fossem reais... Embora isso possa ser apenas um truque da luz. (Não é.) É óbvio que os obeliscos não são nada naturais.

É igualmente óbvio que são irrelevantes. Impressionantes, mas sem propósito: apenas mais uma lápide de apenas mais uma civilização destruída com sucesso pelos esforços incansáveis do Pai



Terra. Há muitos outros desses dólmens pelo mundo: mil cidades que foram arruinadas, um milhão de monumentos a heróis ou deuses de quem ninguém se lembra, várias dezenas de pontes que não levam a lugar nenhum. Essas coisas não devem ser admiradas, diz a sabedoria vigente na Quietude. As pessoas que construíram essas velharias eram fracas e morreram como os fracos inevitavelmente devem fazer. O mais condenável ainda é que *falharam*. Os que construíram os obeliscos só falharam mais do que a maioria.

Mas os obeliscos existem e desempenham um papel no fim do mundo e, portanto, são dignos de nota.

• • •

De volta ao âmbito pessoal. É preciso manter os pés no chão, rá rá.

A mulher que mencionei, aquela cujo filho morreu. Ela não estava em Yumenes, felizmente, ou esta seria uma história muito curta. E você não existiria.

Ela está em um vilarejo chamado Tirimo. No linguajar da Quietude, um vilarejo é um tipo de *comu*, ou comunidade... Mas no que se refere a comus, Tirimo quase não é grande o suficiente para merecer esse nome. Tirimo está em um vale de mesmo nome, ao pé das Montanhas Tirimas. O corpo de água mais próximo é um riacho intermitente que os habitantes do lugar chamam de Pequeno Tirika. Em uma língua que não existe mais, a não ser nesses persistentes fragmentos linguísticos, *eatiri* significa “silencioso”. Tirimo fica longe das cidades cintilantes e estáveis dos Equatoriais, então as pessoas daqui fazem suas construções para a inevitabilidade dos tremores. Não há torres engenhosas ou tetos ornamentados, só paredes construídas com madeira e tijolos marrons baratos ali da cidade, assentados sobre alicerces de pedra talhada. Não há estradas asfaltadas, apenas ladeiras cobertas de grama divididas por trilhas de terra; somente algumas dessas trilhas foram cobertas com tábuas de madeira ou paralelepípedos. É um local pacífico, embora o cataclismo que acabou de ocorrer em Yumenes logo vá enviar ondas sísmicas em direção ao sul para aplinar a região inteira.

Nessa cidade há uma casa como outra qualquer. Essa casa, que está em uma dessas ladeiras, é pouco mais do que um buraco

cavado na terra que foi revestido com barro e tijolos para torná-lo impermeável, depois recoberto com cedro e grama cortada. O povo sofisticado de Yumenes ri (ria) de moradias tão primitivas quando se digna (se dignava) a falar de tais assuntos... Mas, para o povo de Tirimo, viver na terra é tão sensato quanto simples. Mantém as coisas frias no verão e quentes no inverno; resiste aos tremores, bem como às tempestades.

O nome da mulher é Essun. Ela tem 42 anos. É como a maioria das mulheres das latmedianas: alta quando está de pé, tem as costas retas e pescoço comprido, com quadris que facilmente deram à luz duas crianças e seios que facilmente as alimentaram, bem como mãos largas e ágeis. Semblante forte, corpo robusto: essas coisas são valorizadas na Quietude. Seu cabelo recai em torno de seu rosto em cachos espiralados como uma corda, cada um talvez do diâmetro de seu dedo rosado, preto clareando para castanho nas pontas. Sua pele é de um desagradável tom ocre-marrom, segundo alguns padrões, e de um desagradável tom moreno pálido, segundo outros. Latmedianos vira-latas, assim os yumenescenses chamam (chamavam) pessoas como ela... Há traços típicos de sanzéd suficientes para se notar nela, mas não suficientes para se ter certeza de sua origem.

O menino era seu filho. O nome dele era Uche, tinha quase três anos de idade. Era pequeno para a sua idade, tinha olhos grandes e nariz pequeno e arredondado, era precoce e tinha um sorriso doce. Não lhe faltava nenhuma das características que as crianças humanas têm usado para conquistar o amor de seus pais desde que a espécie evoluiu em direção a algo que se assemelha à razão. Era saudável e esperto e ainda deveria estar vivo.

Esta era a saleta da casa deles. Era aconchegante e silenciosa, um cômodo no qual a família toda podia se reunir e conversar ou comer ou brincar ou se abraçar ou fazer cócegas uns nos outros. Ela gostava de amamentar Uche aqui. Ela acha que ele foi concebido aqui.

O pai dele o espancou até a morte aqui.

• • •

E agora o último fragmento de contexto: um dia depois, no vale que circunda Tirimo. A essa altura, os primeiros ecos do cataclismo já passaram, embora vá haver outros tremores mais tarde.

No extremo norte desse vale há devastação: árvores quebradas, pedras caídas, um manto suspenso de poeira que não se dissipou no ar parado, tingido de enxofre. No ponto atingido pela onda de choque inicial, nada ficou de pé: foi o tipo de tremor que deixa tudo em pedaços e transforma esses pedaços em pedrinhas. Há corpos também: pequenos animais que não conseguiram fugir, veados e outros animais maiores que hesitaram durante a fuga e foram esmagados pelos destroços. Alguns desses são pessoas que tiveram o azar de estar viajando pela rota comercial exatamente no dia errado.

Os sentinelas de Tirimo que vieram por esse caminho para verificar o estrago não subiram nos destroços; apenas o viram a partir do que sobrara da estrada por meio de longa-visões. Admiraram-se de que o resto do vale, a parte em volta de Tirimo propriamente dita, vários quilômetros em todas as direções, formando um círculo quase perfeito, estivesse ileso. Bem, na verdade, *admirar-se* não é o termo exato. Eles olharam uns para os outros com um sorriso de desconforto, pois todos sabem o que essa sorte aparente significa. *Procure o centro do círculo*, adverte o Saber das Pedras. Há um roga em algum lugar em Tirimo.

Uma ideia aterrorizante. Mas mais aterrorizantes são os sinais vindos do norte e o fato de que o chefe de Tirimo lhes ordenou que no caminho de volta recolhessem tantas carcaças frescas de animais mortos quanto fosse possível. A carne que não estragou pode ser seca, o pelo e o couro podem ser esfolados e curados. Só para garantir.

Os sentinelas enfim vão embora, seus pensamentos preocupados com o *só para garantir*. Se não estivessem tão preocupados, poderiam ter notado um objeto quase ao pé da colina recentemente fendida, discretamente aninhado entre um pinheiro retorcido e as pedras rachadas. O objeto seria digno de nota por seu tamanho e formato: oblongo, em formato de rim, composto de calcedônia malhada, de um cinza esverdeado escuro, marcadamente diferente do arenito mais claro ao redor dele. Se

tivessem ido até perto dele, teriam notado que chegava à altura do peito e tinha quase o tamanho de um corpo humano. Se o tivessem tocado, poderiam ter ficado fascinados com a densidade da superfície do objeto. É uma coisa que parece pesada, com um odor semelhante ao do ferro e que evocava ferrugem e sangue. Teriam ficado surpresos com o fato de ser quente ao tato.

Em vez disso, ninguém está por perto quando o objeto range levemente e depois se parte, fissionando-se com perfeição ao longo de seu comprido eixo, como se fosse serrado. Ouve-se um sibilo estridente de gás pressurizado e calor saindo quando o objeto se abre, o que faz as criaturas sobreviventes da floresta que estejam por perto se retirarem em busca de abrigo. Num piscar de olhos quase instantâneo, uma luz se derrama das bordas da fissura, algo como uma chama ou um líquido, deixando vidro queimado no chão em torno da base do objeto. Então, este fica imóvel por bastante tempo. Esfriando.

Passam-se vários dias.

Depois de um tempo, algo empurra o objeto pelo lado de dentro e rasteja alguns metros antes de desmaiar. Outro dia se passa.

Agora que esfriou e se partiu, uma crosta de cristais irregulares, alguns com um tom branco enevoado e outros de um tom tão vermelho quanto sangue venoso, marcam a superfície interna do objeto. Um líquido fino pálido faz uma poça perto do fundo de cada uma das metades da cavidade, embora a maior parte do fluido que o geodo continha tenha sido absorvida pelo solo abaixo dele.

O corpo que o geodo continha está de barriga para baixo entre as pedras, nu, sua pele seca, mas ainda arquejando, aparentemente exausto. Aos poucos, entretanto, ele se levanta. Cada movimento é proposital e muito, muito lento. Demora bastante tempo. Quando ele está de pé, caminha aos tropeções, devagar, até o geodo e recosta contra o seu bojo para se apoiar. Escorado desse modo, ele se curva... devagar... e se inclina para dentro. Com um movimento repentino e brusco, quebra a ponta de um cristal vermelho. É um pedaço pequeno, talvez do tamanho de uma uva, pontudo como vidro quebrado.

O menino (pois é o que ele parece ser) coloca o cristal na boca e mastiga. O barulho produzido também é alto: um triturar e chocalhar

que ecoa ao redor da clareira. Depois de alguns instantes mastigando, ele engole. Então começa a tremer, violentamente. Ele se abraça por um momento, soltando um gemido suave, como se de repente tivesse lhe ocorrido que está nu e com frio e que isso é uma coisa horrível.

Com esforço, o garoto retoma o controle de si mesmo. Ele se inclina para dentro do geodo, mexendo-se mais rápido agora, e solta mais alguns cristais. Coloca-os em uma pequena pilha em cima do objeto conforme vai soltando-os. Colunas de cristal grossas e cegas são esmigalhadas em seus dedos como se fossem feitas de açúcar, embora sejam na realidade muito, muito mais duras. Mas ele não é uma criança de verdade, então isso é fácil para ele.

Por fim, ele fica de pé, hesitante e com os braços cheios de pedras leitosas e sanguíneas. Sopra um vento penetrante por um momento, e sua pele reage formigando. Quando isso acontece, ele se contrai, desta vez rápido e agitado como um boneco de corda. Então, olhando para baixo, ele franze a testa para si mesmo. Ao passo que se concentra, seus movimentos vão ficando mais suaves, mais igualmente compassados. Mais *humanos*. Como que para enfatizar esse fato, ele acena para si mesmo, talvez satisfeito.

O menino então se vira e começa a andar em direção a Tirimo.



ISTO É O QUE VOCÊ DEVE SE LEMBRAR: O FIM DE UMA HISTÓRIA É APENAS O COMEÇO DE OUTRA. AFINAL, ISSO JÁ ACONTECEU ANTES. PESSOAS MORREM. VELHAS ORDENS PASSAM. NOVAS SOCIEDADES NASCEM. QUANDO DIZEMOS “O MUNDO ACABOU”, GERALMENTE É MENTIRA, PORQUE O *PLANETA* ESTÁ BEM.

MAS É ASSIM QUE O MUNDO ACABA.

É ASSIM QUE O MUNDO ACABA.

É ASSIM QUE O MUNDO ACABA.

PELA ÚLTIMA VEZ.





# 1

## *Você, no final*

Você é ela. Ela é você. Você é Essun. Lembra? A mulher cujo filho está morto.

Você é uma orogene que está morando nessa cidadezinha de nada de Tirimo há dez anos. Só três pessoas aqui sabem o que você é, e você deu à luz duas delas.

Bem. Só resta mais uma pessoa que sabe, agora.

Durante os últimos dez anos, você viveu a vida mais comum que pôde. Veio para Tirimo de outro lugar; os moradores da cidade não se importam de onde ou por quê. Já que você obviamente era instruída, virou professora na creche local para crianças de dez a treze anos. Você não é nem a melhor professora nem a pior; as crianças a esquecem quando passam para a série seguinte, mas aprendem. A açougueira provavelmente sabe o seu nome porque gosta de flertar com você. O padeiro não sabe porque você é calada e porque, como todo o resto do vilarejo, só pensa em você como a mulher de Jija. Jija é um homem nascido e criado em Tirimo, um britador da casta de uso Resistente; todos o conhecem e gostam dele, então gostam de você por tabela. Ele é o primeiro plano da pintura que é a vida de vocês dois juntos. Você é o plano de fundo. Você gosta que seja assim.

Você é mãe de dois filhos, mas um deles está morto e a outra está desaparecida. Talvez esteja morta também. Você descobre

tudo isso quando volta do trabalho um dia. Casa vazia, silenciosa demais, menininho pequeno todo ensanguentado e ferido no chão da saleta.

E você... se fecha. Você não faz isso por querer. É que é um pouco demais, não é? Demais. Você passou por muita coisa, é muito forte, mas existem limites até para o que você consegue suportar.

Passam-se dois dias antes que alguém venha procurá-la.

Você passou esse tempo dentro de casa com seu filho morto. Você se levantou, usou o banheiro, comeu alguma coisa da caixa-fria, tomou a última gota de água da torneira. Essas coisas você podia fazer sem pensar, por hábito. Depois, você voltou para o lado de Uche.

(Você pegou um lençol para ele numa dessas saídas. Cobriu-o até o queixo destruído. Costume. Os tubos de vapor pararam de retinir; está frio dentro de casa. Ele poderia pegar alguma doença.)

No dia seguinte, à tardezinha, alguém bate à porta da frente. Você não se mexe para atender. Isso exigiria que você se perguntasse quem está ali e se deveria deixar a pessoa entrar. Pensar nessas coisas faria você levar em consideração o cadáver do seu filho debaixo do lençol, e por que você ia querer fazer isso? Você ignora a batida à porta.

Alguém bate com força na janela da sala. Persistente. Você ignora isso também.

Por fim, alguém quebra o vidro da porta dos fundos. Você ouve passos no corredor entre o quarto de Uche e o de Nassun, sua filha.

(Nassun, sua filha.)

Os passos chegam à saleta e param.

— Essun?

Você conhece essa voz. Jovem, masculina. Familiar, e tranquilizadora de um modo conhecido. Lerna, o menino de Makenba, lá do fim da rua, que se foi por alguns anos e voltou médico. Não é mais um menino, já não o é mais faz algum tempo, então você se lembra novamente de começar a pensar nele como um homem.

Opa, pensar. Cuidadosamente, você para.

Lerna inspira, e a sua pele reverbera o horror do rapaz quando ele chega perto o bastante para ver Uche. Extraordinariamente, ele não grita. Nem encosta em você, embora vá para o outro lado de Uche e a olhe com atenção. Estará tentando ver o que está acontecendo no seu interior? *Nada, nada*. Então, ele puxa o lençol para dar uma boa olhada no corpo de Uche. *Nada, nada*. Puxa o lençol para cima de novo, desta vez sobre o rosto do seu filho.

— Ele não gosta — você diz. É a primeira vez que você fala em dois dias. Parece estranho. — Ele tem medo do escuro.

Depois de um momento de silêncio, Lerna puxa o lençol até um pouco abaixo dos olhos de Uche.

— Obrigada — você diz.

Lerna acena com a cabeça.

— Você dormiu?

— Não.

Então, Lerna rodeia o corpo e pega seu braço, fazendo-a levantar. Ele é delicado, mas suas mãos são firmes, e não desiste quando, de início, você não se mexe. Só pressiona um pouco mais, inexoravelmente, até que você tenha que se levantar ou cair. Ele lhe dá essa escolha. Você se levanta. Depois, com a mesma firmeza delicada, ele a conduz à porta da frente.

— Pode descansar na minha casa — ele diz.

Você não quer pensar, então não protesta dizendo que tem uma cama que é sua e está perfeitamente boa, obrigada. Nem diz que está bem e não precisa da ajuda dele, o que não é verdade. Ele a leva para fora e pela rua até o fim do quarteirão, segurando-a pelo cotovelo o tempo todo. Algumas pessoas estão reunidas lá fora, na rua. Algumas se aproximam de vocês, dizendo coisas às quais Lerna responde; você não ouve nada. As vozes são um ruído confuso que sua mente não se dá ao trabalho de interpretar. Lerna fala com eles em seu lugar, algo pelo que você ficaria agradecida se conseguisse se importar.

Ele a leva para a casa dele, que cheira a ervas e produtos químicos e livros, e a coloca em uma cama comprida, onde há um gato gordo e cinzento. O gato sai do lugar o suficiente para permitir que você se deite, depois encosta ao seu lado quando você fica

parada. Isso a reconfortaria se o calor e o peso não a lembrassem do pequeno Uche quando tira uma soneca com você.

Tirava uma soneca com você. Não, mudar o tempo verbal requer que você pense. *Tira uma soneca.*

— Durma — diz Lerna, e é fácil obedecer.

• • •

Você dorme por bastante tempo. Em algum momento, acorda. Lerna colocou comida em uma bandeja do lado da cama: uma sopa rala e clara, pedaços de fruta e uma xícara de chá, todos em temperatura ambiente há muito tempo. Você come e bebe, depois vai ao banheiro. O vaso sanitário não dá descarga. Há um balde do lado dele, cheio de água, que Lerna deve ter colocado lá para esse propósito. Você fica intrigada com isso, então sente a iminência de pensar e tem que lutar, lutar, *lutar* para permanecer no silêncio cálido da ausência de pensamento. Você joga um pouco de água no vaso, abaixa a tampa e volta para a cama.

• • •

No sonho, você está no quarto enquanto Jija faz aquilo. Ele e Uche estão do modo como você os viu pela última vez: Jija está rindo, com Uche sobre um de seus joelhos, brincando de “terremoto” enquanto o menino ri e se segura com as coxas e balança os braços em busca de equilíbrio. Então, Jija para de rir de repente, levanta-se (jogando Uche no chão) e começa a chutá-lo. Você sabe que não foi assim que aconteceu. Viu os sinais do punho de Jija, um hematoma com quatro marcas paralelas, na barriga e no rosto de Uche. No sonho, Jija dá pontapés, porque sonhos não são lógicos.

Uche continua rindo e balançando os braços, como se ainda fosse uma brincadeira, mesmo quando o sangue cobre seu rosto.

Você acorda gritando, o que se transforma em soluços que você não consegue parar. Lerna entra, tenta dizer alguma coisa, tenta abraçá-la e, por fim, faz você beber um chá forte de gosto ruim. Você dorme de novo.

• • •

— Aconteceu algo lá no norte — Lerna lhe diz.

Você se senta na beirada da cama. Ele está em uma cadeira de frente para você. Você está tomando mais um pouco do chá ruim; sua cabeça dói mais do que em uma ressaca. É de noite, mas o quarto está iluminado com uma luz fraca. Lerna acendeu só metade dos lampiões. Pela primeira vez, você nota o estranho cheiro no ar, não muito bem camuflado pela fumaça do lampião: enxofre, intenso e acre. O cheiro se fez sentir o dia todo e foi ficando cada vez pior. Estava mais forte quando Lerna estava lá fora.

— A estrada que passa pelo vilarejo está há dois dias lotada de pessoas vindas daquela direção. — Lerna suspira e esfrega o rosto. Ele é quinze anos mais novo que você, mas já não parece. Tem fios de cabelo grisalho naturais como muitos cebaki, mas são as novas linhas de expressão que o fazem parecer mais velho, elas e as novas sombras em seus olhos. — Houve algum tipo de tremor. Um dos grandes, faz dois dias. Não sentimos nada aqui, mas em Sume... — Sume está no vale ao lado, a um dia de viagem a cavalo. — A cidade inteira está... — Ele chacoalha a cabeça.

Você aquiesce, mas sabe de tudo isso que ouviu, ou pelo menos consegue adivinhar. Dois dias antes, quando estava sentada na sua saleta olhando para seu filho destruído, algo veio em direção à cidade: uma convulsão de terra tão poderosa que você jamais sensara algo igual. A palavra *tremor* é inadequada. O-que-quer-que-tivesse-sido teria derrubado a casa em cima de Uche, então você colocou alguma coisa no caminho, uma espécie de quebra-ondas, composto de seu desejo concentrado e um pouco de energia cinética emprestada da própria coisa. Fazer isso não exigia nenhum pensamento; um recém-nascido poderia fazê-lo, embora talvez não com tanta perfeição. O tremor se dividiu e fluiu ao redor do vale, depois seguiu adiante.

Lerna passa a língua pelos lábios. Olha para você, depois para outro lado. Ele é a outra pessoa, além dos seus filhos, que sabe o que você é. Ele já sabe há algum tempo, mas esta é a primeira vez que foi confrontado com a realidade do fato. Você também não pode pensar a respeito disso.

— Rask não está deixando ninguém entrar ou sair. — Rask é Rask Inovador Tirimo, o chefe eleito do vilarejo. — Não é um bloqueio total, ele diz, ainda não, mas eu ia me dirigir a Sume, ver

se podia ajudar. Rask disse que não e então colocou os malditos mineiros para ajudar os Costas-fortes na muralha enquanto enviamos sentinelas. Mandou especificamente que eles *me* mantivessem dentro dos portões. — Lerna cerrou os punhos, com uma expressão amarga. — Há pessoas lá fora, na Estrada Imperial. Muitos deles estão doentes, feridos, e aquele ferrugento desgraçado não quer me deixar *ajudar*.

— Primeiro vigie os portões — você sussurra. A voz sai áspera. Você gritou muito depois daquele sonho com Jija.

— O quê?

Você dá mais um gole no chá para abrandar a dor.

— O Saber das Pedras.

Lerna olha para você. Ele conhece as mesmas passagens; todas as crianças as aprendem na creche. Todos crescem ouvindo histórias ao redor da fogueira sobre doutos sabedoristas e inteligentes geomestras que alertam os cétricos quando os sinais começam a aparecer, não são levados em consideração e depois salvam as pessoas quando o saber se confirma.

— Você acha que chegou a esse ponto, então — diz ele pesadamente. — Pelo fogo-debaixo-da-Terra, Essun, você não pode estar falando sério.

Você está falando sério. As coisas chegaram a esse ponto. Mas você sabe que ele não vai acreditar se tentar explicar, então apenas chacoalha a cabeça.

Um silêncio doloroso e estagnado recai. Após um longo instante, Lerna diz com delicadeza:

— Eu trouxe Uche para cá. Ele está na enfermaria, no, ahn, compartimento frio. Vou providenciar, ahn... os preparativos.

Você concorda lentamente com a cabeça.

Ele hesita.

— Foi Jija?

Você aquiesce novamente.

— Você, você o viu...

— Vim da creche.

— Ah. — Outra pausa embaraçosa. — As pessoas disseram que você faltou um dia no trabalho, antes do tremor. Tiveram que mandar as crianças de volta para casa, não conseguiram achar um



substituto. Ninguém sabia se você estava doente em casa ou o quê. — Bem, é isso. Você provavelmente está despedida. Lerna inspira fundo, expira. Tendo essa pausa como aviso, você está quase pronta. — O tremor não nos atingiu, Essun. Ele passou ao redor do vilarejo. Fez algumas árvores tremerem e uma pedra cair virada para cima perto do riacho. — O riacho fica no extremo norte do vale, onde ninguém notou um grande geodo de calcedônia soltando vapor. — No entanto, tudo dentro e em torno da cidade está bem. Quase formando um círculo perfeito. Tudo está bem.

Houve um tempo em que você teria disfarçado. Você tinha motivos para esconder naquela época, uma vida para proteger.

— Eu fiz isso — você diz.

O maxilar de Lerna se mexe um pouco, mas ele acena com a cabeça.

— Eu nunca contei para ninguém. — Ele hesita. — Que você era... ahn... orogênica.

Ele é tão educado e correto. Você já ouviu todos os termos mais feios para aquilo que você é. Ele também já ouviu, mas jamais os pronunciaria. Nem Jija, toda vez que alguém soltava um *rogga* perto dele. *Não quero que as crianças ouçam esse tipo de linguagem*, ele sempre dizia...

Acontece rápido. Você se inclina para a frente de forma abrupta com ânsia de vômito. Lerna se sobressalta, levantando-se com um pulo para pegar algo que estivesse por perto... um penico, de que você não havia precisado. Mas não sai nada do seu estômago e, depois de um momento, as ânsias param. Você respira com cuidado uma vez, depois outra. Sem dizer uma palavra, Lerna oferece um copo de água. Você começa a fazer um gesto de que não quer, então muda de ideia e o pega. Sua boca tem gosto de bile.

— Não fui eu — você diz enfim. Ele franze a testa, confuso, e você percebe que ele acha que ainda está falando do tremor. — Jija. Ele não descobriu sobre mim. — Você pensa. Não devia pensar. — Não sei como, o que, mas Uche... Ele é pequeno, não tem muito controle ainda. Uche deve ter feito alguma coisa e Jija percebeu...

Que seus filhos são como você. É a primeira vez que você estrutura esse pensamento por completo.

Lerna fecha os olhos, expirando longamente.

— Foi isso, então.

Não foi isso. Esse fato nunca deveria ter sido o bastante para fazer um pai assassinar o próprio filho. Nada deveria ter levado a algo desse tipo.

Ele passa a língua pelos lábios.

— Você quer ver Uche?

Para quê? Você olhou para ele durante dois dias.

— Não.

Com um suspiro, Lerna se levanta, ainda esfregando uma das mãos no cabelo.

— Vai contar para o Rask? — você pergunta. Mas o olhar que Lerna lhe dirige faz você se sentir grosseira. Ele está bravo. Ele é um menino tão calmo e pensativo; você não achava que pudesse ficar bravo.

— Não vou contar nada pro Rask — dispara ele. — Não contei nada em todos esses anos e não vou contar.

— Então o quê...

— Vou encontrar Eran. — Eran é a porta-voz da casta de uso Resistente. Lerna havia nascido um Costa-forte, mas, quando voltou a Tirimo depois de se tornar médico, os Resistentes o adotaram; o vilarejo já tinha Costas-fortes o bastante, e os Inovadores perderam quando foram tirar a sorte. Você também declarou ser uma Resistente. — Vou avisá-la de que você está bem e pedir que dê a notícia a Rask. Você vai descansar.

— Quando ela perguntar a você por que Jija...

Lerna chacoalha a cabeça.

— Todo mundo já imagina, Essun. Eles sabem ler mapas. Está claro como um diamante que o centro do círculo foi este bairro. Sabendo o que Jija fez, não foi difícil para ninguém tirar conclusões apressadas sobre o *porquê*. O *timing* está todo errado, mas ninguém está pensando tão longe. — Enquanto você o encara, entendendo lentamente, Lerna faz uma careta de desgosto. — Metade deles está horrorizada, mas o resto está feliz que Jija tenha feito isso. Porque é *claro* que uma criança de três anos de idade tem o poder de começar tremores a mil quilômetros a partir de Yumenes!

Você chacoalha a cabeça, meio perplexa com a raiva de Lerna e meio incapaz de conciliar seu menino alegre e risonho com pessoas

que acham que ele faria... que ele poderia... Mas, Jija pensou assim.

Você se sente enjoada de novo.

Lerna respira fundo outra vez. Ele tem feito isso durante toda a conversa; é um hábito dele que você já viu antes. O jeito dele de se acalmar.

— Fique aqui e descanse. Vou voltar logo.

Ele sai do quarto. Você o ouve fazendo coisas na frente da casa que parecem ter um propósito. Depois de alguns minutos, ele sai para ir à reunião. Você contempla a ideia de descansar e decide não fazê-lo. Em vez disso, você se levanta e vai ao banheiro de Lerna, onde lava o rosto e depois para quando a água quente vinda da torneira respinga e de repente fica marrom avermelhada e malcheirosa, e então começa a gotejar. Cano quebrado em algum lugar.

Aconteceu algo lá no norte, disse Lerna.

*Os filhos são a nossa ruína*, alguém lhe disse certa vez, há muito tempo.

— Nassun — você sussurra para o seu reflexo. No espelho estão os olhos que a sua filha herdou de você, cinzentos como a ardósia e um pouco melancólicos. — Ele deixou Uche na saleta. Onde colocou você?

Sem resposta. Você fecha a torneira. Então sussurra para ninguém em particular:

— Preciso ir agora. — Porque precisa. Você precisa encontrar Jija e, de qualquer forma, sabe que é melhor não se demorar. Os moradores do vilarejo vão vir procurá-la logo.



O TREMOR QUE PASSA ECOARÁ. A ONDA QUE RECUA VOLTARÁ. A MONTANHA QUE RONCA RUGIRÁ.

— *TÁBUA UM, “DA SOBREVIVÊNCIA”, VERSÍCULO CINCO*



## 2

### *Damaya, em invernos passados*

A palha está tão quentinha que Damaya não quer sair de lá. Como um cobertor, pensa ela em meio ao turvo estado de quem está bêbada de sono; como a colcha que sua bisavó fez para ela certa vez com retalhos de tecido de uniforme. Anos atrás e antes de ela morrer, Mia Querida trabalhou como costureira para a milícia de Brevard e conseguiu guardar os restos de todos os consertos que precisaram de tecido novo. A colcha que fez para Damaya era malhada e escura, azul marinho e cinza acastanhado e cinza e verde em faixas ondulantes que pareciam colunas de homens marchando, mas vinham das mãos de Mia Querida, então Damaya nunca se importou que fosse feia. Sempre tinha um cheiro doce e cinza e um pouco mofado, de modo que agora é fácil imaginar que a palha (que tem cheiro de mofo e estrume velho, mas com um toque frutado de fungo) é a colcha de Mia. A verdadeira colcha está no quarto de Damaya, na cama onde ela a deixou. A cama na qual jamais vai dormir outra vez.

Ela pode ouvir vozes do lado de fora da pilha de palha agora: Mamãe e outra pessoa conversando conforme se aproximam. Ouve-se um rangido quando a porta do celeiro é aberta, e elas entram. Outro rangido quando a porta se fecha atrás delas. Então a Mãe ergue a voz e diz:

— DamaDama?

Damaya se encolhe ainda mais, cerrando os dentes. Odeia aquele apelido idiota. Odeia o modo como a Mãe o pronuncia, todo suave e doce, como se fosse de fato um termo carinhoso e não uma mentira.

Quando Damaya não responde, a Mãe diz:

— Ela não pode ter saído. Meu marido mesmo verificou todas as fechaduras do celeiro.

— Lamentavelmente, os da espécie dela não podem ser presos com fechaduras. — Essa voz pertence a um homem. Não é seu pai nem seu irmão mais velho, nem o chefe da comu, nem ninguém que ela reconheça. A voz é grave e ele fala com um sotaque que não se parece com nenhum que ela já tenha ouvido: agudo e pesado, com “os” e “as” bem arrastados e estalando as sílabas iniciais e finais de cada palavra. Parece esperto. Ele produz um leve tinido quando anda, tanto que ela se pergunta se ele está carregando um grande molho de chaves. Ou talvez tenha muito dinheiro nos bolsos? Ela ouviu dizer que as pessoas usam dinheiro de metal em algumas partes do mundo.

Pensar em chaves e em dinheiro faz Damaya encolher-se, abraçando os joelhos, porque é claro que ela também já ouviu outras crianças da creche cochichando sobre mercados onde se vendem crianças em cidades distantes de pedra chanfrada. Nem todos os lugares do mundo são civilizados como as Latmedianas do Norte. Ela riu dos cochichos naquela época, mas tudo é diferente agora.

— Aqui — diz a voz do homem, não muito longe agora. — Rastro fresco, eu acho.

A Mãe faz um barulho que denota nojo, e Damaya morre de vergonha ao perceber que eles viram o canto que ela usa como banheiro. O lugar tem um cheiro horrível, apesar de ela jogar palha por cima toda vez.

— Agachada no chão como um animal. Eu lhe criei melhor do que isso.

— Há um banheiro aqui? — pergunta o comprador de crianças em um tom de educada curiosidade. — A senhora lhe deu um balde?

A Mãe fica em silêncio, que se prolonga, e Damaya demora a perceber que o homem *repreendeu* a Mãe com aquelas perguntas em voz baixa. Não é o tipo de reprimenda com que Damaya está acostumada. O homem não alterou a voz nem xingou ninguém. No entanto, a Mãe fica imóvel e chocada, como se, depois de ouvir as palavras dele, houvesse levado um tapa na cabeça.

Uma risadinha lhe sobe pela garganta e, de imediato, a garota pressiona o punho contra a boca para impedir que ela saia. Eles vão ouvir Damaya rindo do constrangimento da mãe, e então o comprador de crianças vai saber que menina horrível ela é. Será que isso é uma coisa tão ruim assim? Talvez seus pais recebam menos por ela. Esse fato por si só quase faz a risada escapar, porque Damaya odeia os pais, *odeia*, e qualquer coisa que os faça sofrer a faz sentir-se melhor.

Então, ela morde a mão com força e sente ódio de si mesma, porque é *claro* que a Mãe e o Pai vão vender Damaya se ela é capaz de pensar esse tipo de coisa sobre eles.

Passos por perto.

— Está frio aqui — comenta o homem.

— Nós a teríamos deixado na casa se estivesse congelando — responde a Mãe, e Damaya quase ri de novo de seu tom rabugento e defensivo.

Mas o comprador de crianças ignora a Mãe. Seus passos chegam mais perto e são... estranhos. Damaya consegue sentir passos. A maioria das pessoas não consegue; elas sentem coisas grandes, tremores e sei lá o que mais, mas não algo tão delicado como um passo. (Ela soube dessa sua característica a vida inteira, mas só recentemente se deu conta de que era um aviso.) É mais difícil perceber quando ela não está em contato direto com o solo, tudo transmitido pela madeira da estrutura do celeiro e do metal dos pregos que a mantém unida... Mas, ainda assim, mesmo estando um andar acima, ela sabe o que esperar. *Toc toc*. O passo e depois sua reverberação nas profundezas, *toc toc, toc toc*. Entretanto, os passos do comprador de crianças não vão a parte alguma e não fazem eco. Ela consegue apenas ouvi-los, não sensá-los. Isso nunca tinha acontecido antes.

E agora ele está subindo a escada até o palheiro onde ela está aninhada debaixo da palha.

— Ah — diz ele, terminando de subir. — Aqui está mais quente.

— DamaDama! — a Mãe parece furiosa agora. — Desça já aqui!

Damaya se encolhe ainda mais sob a palha e não diz nada. Os passos do comprador de crianças se aproximam.

— Você não precisa ter medo — diz ele com aquela voz retumbante. Mais perto. Ela sente a reverberação de sua voz atravessando a madeira, passando pelo chão, chegando às rochas e voltando. Mais perto. — Eu vim ajudá-la, Damaya Costa-forte.

Outra coisa que ela odeia, seu nome de uso. Ela não tem costas fortes de modo algum, e nem a Mãe. A única coisa que “Costa-forte” significa é que suas ancestrais femininas tiveram sorte o bastante de entrar para uma comu, mas eram medíocres demais para conquistar um lugar mais seguro dentro dela. *Costas-fortes são descartados como os sem-comu quando os tempos ficam difíceis*, como seu irmão Chaga certa vez lhe disse para importuná-la. Depois ele riu, como se fosse engraçado. Como se não fosse verdade. Claro, Chaga é um Resistente, como o Pai. Todas as comus gostam de tê-los por perto, não importa quanto os tempos sejam difíceis, em caso de doença e fome e coisas do tipo.

Os passos do homem param bem ao lado da pilha de palha.

— Você não precisa ter medo — ele repete, falando mais delicadamente agora. A Mãe ainda está no térreo e provavelmente não pode ouvi-lo. — Não vou deixar sua mãe machucá-la.

Damaya inspira.

Ela não é boba. O homem é um comprador de crianças, e compradores de crianças fazem coisas terríveis. Mas porque ele diz essas palavras e porque uma parte de Damaya está cansada de sentir medo e raiva, ela se desencolhe. Abre caminho em meio à pilha quentinha e se senta, espiando o homem por entre cachos de cabelo e palha suja.

Ele tem uma aparência tão estranha quanto os sons que produz e não é de nenhum lugar perto de Palela. Sua pele é quase branca, de um tom pálido como o papel; ele deve soltar fumaça e se retorcer quando exposto à luz forte do sol. Tem cabelo comprido e reto, o que, junto com a pele, poderia distingui-lo como um Ártico, embora a



cor do cabelo (um preto bem escuro, como o chão ao redor de uma explosão antiga) não combine. O cabelo dos costeiros do leste é preto daquele jeito, só que é fofo e não reto, mas as pessoas do leste têm pele negra para combinar. E ele é grande... Mais alto e de ombros mais largos que o Pai. Mas enquanto os ombros largos do Pai se encontram com um peito largo e uma barriga grande, esse homem meio que fica mais *estrito*. Tudo sobre o estranho parece esguio e atenuado. Nada nele faz sentido racial.

Mas o que mais impressiona Damaya são os olhos do comprador de crianças. São *brancos*, ou quase isso. Ela consegue ver o branco de seus olhos, e então um disco de cor cinza prateada que mal consegue distinguir do branco, mesmo de perto. As pupilas de seus olhos são grandes na penumbra do celeiro e surpreendentes em meio ao deserto da ausência de cor. Ela já ouviu falar sobre olhos como aqueles, que são chamados de olhos *branco-gelo* nas histórias e no Saber das Pedras. São raros e sempre mau presságio.

Mas então o comprador de crianças sorri para Damaya, e ela nem pensa duas vezes antes de sorrir de volta. Ela confia nele de imediato. Sabe que não deveria, mas confia.

— E aqui estamos nós — diz ele, ainda falando baixo para que a Mãe não ouça. — DamaDama Costa-forte, eu suponho.

— Só Damaya — responde ela automaticamente.

Ele inclina a cabeça de forma graciosa e estende a mão para ela.

— Anotado. Você vem conosco, então, Damaya?

Damaya não se mexe e ele não a agarra. Ele apenas fica onde está, paciente como uma pedra, a mão se oferecendo e não pegando. Dez respirações se passam. Vinte. Damaya sabe que terá que ir com ele, mas gosta do fato de que ele faz *parecer* uma escolha. Então, por fim, ela pega sua mão e deixa que a levante. Ele continua segurando a mão da menina enquanto ela remove tantos fios de palha quanto consegue e depois a puxa para mais perto, só um pouquinho.

— Um momento.

— Ahn? — Mas a outra mão do comprador de crianças já está atrás de sua cabeça, pressionando dois dedos na sua nuca com

tanta rapidez e destreza que ela não se assusta. Ele fecha os olhos por um instante, estremece minimamente e então expira, soltando-a.

— Primeiro, o dever — diz ele, de modo enigmático. Ela toca a nuca, confusa e ainda experimentando a sensação prolongada da pressão de seus dedos. — Agora, vamos descer.

— O que o senhor fez?

— É só um tipo de pequeno ritual. Algo que tornará mais fácil encontrá-la, caso algum dia se perca. — Ela não consegue imaginar o que isso significa. — Venha, preciso contar à sua mãe que você irá embora comigo.

Então, era mesmo verdade. Damaya morde os lábios e, quando o homem se vira para voltar à escada, ela segue um ou dois passos atrás dele.

— Bem, é isso — diz o comprador de crianças quando chegam perto da Mãe no andar térreo. (A Mãe suspira ao vê-la, talvez exasperada.) — Se a senhora puder arrumar uma bolsa para ela... uma ou duas mudas de roupa, algum lanche para viagem que a senhora puder providenciar, um casaco... nós já vamos seguir o nosso caminho.

A Mãe se endireita, surpresa.

— Nós doamos o casaco dela.

— Doaram? No inverno?

Ele fala em um tom brando, mas a Mãe parece repentinamente desconfortável.

— Uma prima dela precisava. Nem todos nós temos guarda-roupas cheios de peças sofisticadas ao dispor. E... — Aqui a Mãe hesita, olhando para Damaya, que desvia o olhar. Ela não quer ver se a Mãe parece lamentar o fato de ter dado o casaco. Especialmente, não quer ver se a Mãe *não* lamenta.

— E você ouviu dizer que os orogenes não sentem frio da forma como os outros sentem — diz o homem com um suspiro aborrecido. — Isso é lenda. Suponho que a senhora tenha visto sua filha ficar resfriada antes.

— Ah, eu... — A Mãe parece perturbada. — Sim. Mas pensei...

Que Damaya poderia estar fingindo. Foi isso que dissera a Damaya naquele primeiro dia, depois que ela chegou da creche e enquanto a instalavam no celeiro. A Mãe se enfureceu, o rosto

marcado por lágrimas, enquanto o Pai só ficou ali sentado, quieto, com os lábios brancos. Damaya havia escondido aquilo deles, a Mãe disse, havia escondido tudo, havia fingido ser uma criança quando na verdade era um monstro, era isso o que os monstros *faziam*, ela sempre soubera que havia algo *errado* com Damaya, sempre fora uma pequena *mentirosa*...

O homem chacoalha a cabeça.

— Não obstante, ela precisará de alguma proteção contra o frio. Vai ficar mais quente quando nos aproximarmos dos Equatoriais, mas vamos passar semanas na estrada para chegar até lá.

A Mãe mexe o maxilar.

— Então você vai mesmo levá-la a Yumenes.

— Claro que eu... — O homem a encara. — Ah. — Ele olha para Damaya. Os dois olham para Damaya, seus olhares fixos causando uma comichão. Ela se contorce. — Então, mesmo pensando que eu vinha para matar a sua filha, você fez o chefe da comu me chamar.

A Mãe fica tensa.

— Não. Não foi, eu não... — Ela flexiona as mãos, estendidas ao lado do corpo. Depois, abaixa a cabeça, como se estivesse envergonhada, o que Damaya sabe que é mentira. A Mãe não está envergonhada de nada do que fez. Se estivesse, por que teria feito?

— As pessoas comuns não conseguem cuidar de... de crianças como ela — diz a Mãe bem baixinho. Seus olhos se dirigem aos de Damaya uma vez e desviam rápido. — Ela quase matou um garoto na creche. Nós temos outro filho, e vizinhos, e... — Abruptamente, ela endireita os ombros, levantando o queixo. — E é meu dever de cidadã, não é?

— É verdade, é verdade tudo o que diz. Seu sacrifício vai tornar o mundo melhor para todos. — As palavras são uma frase feita, um elogio. O tom unicamente é que não é. Damaya olha para o homem outra vez, confusa agora, porque compradores de crianças não matam crianças. Isso seria contra todo o propósito da coisa. E que negócio era esse sobre os Equatoriais? Aquelas terras ficavam bem longe, bem ao sul.

O comprador de crianças dá uma olhada de relance para Damaya e, de algum modo, entende que ela não compreende. A

expressão de seu rosto se suaviza, o que deveria ser impossível com aqueles olhos assustadores dele.

— Para Yumenes — diz o homem para a Mãe, para Damaya. — Sim. Ela é jovem o bastante, então vou levá-la ao Fulcro. Lá ela será treinada para usar sua maldição. O sacrifício dela também tornará o mundo melhor.

Damaya o encara de volta, percebendo o quanto estava errada. A Mãe não vendeu Damaya. Ela e o Pai *deram* Damaya. E a Mãe não a odeia; na verdade, ela *teme* Damaya. Existe diferença? Talvez. Damaya não sabe como se sentir em relação a todas essas revelações.

E o homem, o homem não é um comprador de crianças de maneira alguma. Ele é...

— Você é um Guardião? — pergunta ela, embora, a essa altura, já soubesse. Ele sorri de novo. Ela não pensava que os Guardiões fossem assim. Em sua cabeça, eles eram altos, de semblante frio, cheios de armas e de conhecimentos secretos. Bom, pelo menos ele é alto.

— Sou — responde ele e a pega pela mão. Ele gosta muito de tocar as pessoas, pensa ela. — Sou *seu* Guardião.

A Mãe suspira.

— Posso dar um cobertor a ela.

— Isso será suficiente, obrigado. — E então o homem fica em silêncio, esperando. Após alguns instantes assim, a Mãe percebe que ele está esperando que ela vá buscá-lo. Ela concorda com movimentos bruscos, depois sai, as costas duras durante o caminho todo até deixar o celeiro. Então, o homem e Damaya ficaram sozinhos.

— Tome — ele diz, levando a mão ao ombro. Ele está vestindo algo que deve ser um uniforme: a parte do ombro é maciça, as linhas das mangas e das pernas da calça são firmes, o tecido vinho parece resistente, porém áspero. Como a colcha de Mia. É uma capa curta, mais decorativa do que útil, mas ele a tira e a enrola em torno de Damaya. É comprida o bastante para lhe servir de vestido, e guarda o calor do corpo dele.

— Obrigada — ela diz. — Quem é você?

— Meu nome é Schaffa Guardiã Garantia.

Ela nunca ouvira falar de um lugar chamado Garantia, mas devia existir, porque para que outra coisa serve um nome de comu?

— “Guardião” é um nome de uso?

— Para os Guardiões, sim. — Ele diz isso com uma pronúncia arrastada, e as bochechas dela queimam de vergonha. — Afinal, não temos muita utilidade para nenhuma comu no curso normal das coisas.

Damaya franze a testa, confusa.

— Vão expulsar o *senhor* quando chegar a Estação, não é? Mas... — Os Guardiões são muitas coisas, ela sabe pelas histórias: grandes guerreiros e caçadores e às vezes... com frequência... assassinos. As comus precisam de pessoas assim quando chegam os tempos difíceis.

Schaffa dá de ombros, afastando-se para se sentar em um fardo de feno velho. Há outro fardo atrás de Damaya, mas ela continua de pé porque gosta de ficar da mesma altura que ele. Mesmo sentado ele é mais alto, mas, pelo menos, não tanto.

— Os orogenes do Fulcro servem o mundo — diz ele. — Você não terá nome de uso a partir de agora porque a sua utilidade está no que você é, não só em alguma aptidão de família. Desde o nascimento, uma criança orogene consegue deter um tremor; mesmo sem treinamento, você é uma orogene. Dentro de uma comu ou sem nenhuma, *você é orogene*. No entanto, com treinamento e com a orientação de outros orogenes habilidosos no Fulcro, você poderá ser útil não apenas para uma única comu, mas para toda a Quietude. — Ele faz um gesto largo com as mãos. — Como Guardião, por meio dos orogenes que estão sob meus cuidados, eu assumi um propósito semelhante, com uma amplitude semelhante. Portanto, é adequado que eu compartilhe do possível destino de meus encarregados.

Damaya fica tão curiosa, tão cheia de perguntas, que não sabe o que perguntar primeiro.

— O senhor tem... — Ela esbarra no conceito, nas palavras, na aceitação de si mesma. — Outros, como eu, eu... — e ela fica sem palavras.

Schaffa ri, como se percebesse a ansiedade dela e isso o agradasse.

— Sou Guardiã de seis neste exato momento — ele explica, inclinando a cabeça para mostrar a Damaya que esse é o modo correto de dizer isso, de pensar isso. — Incluindo você.

— E o senhor levou todos para Yumenes? O senhor os encontrou assim, como me encontrou?

— Não exatamente. Alguns foram colocados sob os meus cuidados, nascidos dentro do Fulcro ou herdados de outros Guardiões. Alguns eu encontrei desde que fui designado para percorrer esta parte das Latmedianas do Norte. — Ele esparramou as mãos. — Quando seus pais informaram sobre a filha orogênica ao chefe de Palela, ele telegrafou a notícia a Brevard, que a enviou a Geddo, que a enviou a Yumenes... E eles, por sua vez, telegrafaram a notícia para mim. — Ele suspira. — É sorte eu ter parado na estação de ligação perto de Brevard um dia depois que a mensagem chegou. Do contrário, eu não a teria visto por mais duas semanas.

Damaya conhece Brevard, embora Yumenes seja só uma lenda para ela e os outros lugares que Schaffa mencionou sejam apenas palavras em um livro didático da creche. Brevard é a cidade mais próxima de Palela e é muito maior. É aonde o Pai e Chaga vão para vender o excedente de produção no começo de cada período de plantio. Então, ela registra as palavras dele. Mais duas semanas naquele celeiro, congelando e fazendo cocô num cantinho. Ela também ficou feliz que ele tenha recebido a mensagem em Brevard.

— Você tem muita sorte — ele diz, talvez lendo a expressão dela. A dele ficou séria. — Nem todos os pais fazem a coisa certa. Às vezes, eles não mantêm a criança isolada, como o Fulcro e nós, Guardiões, recomendamos. Às vezes, eles mantêm, mas nós recebemos a mensagem tarde demais e, quando o Guardiã chega, uma multidão já levou a criança e a espancou até a morte. Não leve seus pais a mal, Dama. Você está viva e bem, e isso não é pouca coisa.

Damaya se contorce um pouco, relutante em aceitar essa ideia. Ele suspira.

— E, às vezes — continua ele —, os pais de um orogene tentam esconder a criança. Ficar com ela, sem treinamento e sem Guardiã. Isso sempre dá errado.

Foi isso que passou em sua mente durante as últimas duas semanas, desde aquele dia na creche. Se os pais a amassem, não a teriam trancado no celeiro. Não teriam chamado esse homem. A Mãe não teria dito aquelas coisas horríveis.

— Por que eles não podem... — ela deixa escapar antes de perceber que ele disse isso de propósito. Para ver se *por que eles não podem me esconder e me manter aqui* é algo em que ela esteve pensando... E agora ele sabe a verdade. Damaya aperta a capa com as mãos na parte que a mantém fechada, mas Schaffa apenas acena com a cabeça.

— Primeiro porque eles têm outro filho, e qualquer pessoa pega abrigando um orogene não registrado é excluída de sua comu como punição mínima. — Damaya sabe disso, embora não goste de saber. Pais que se importassem com ela se *arriscariam*, não se arriscariam? — Talvez seus pais não quisessem perder a casa, o meio de subsistência e a custódia dos dois filhos. Escolheram ficar com alguma coisa em vez de perder tudo. Mas o maior perigo está no que você é, Dama. Você não consegue esconder isso do mesmo modo que não consegue esconder que é uma menina, ou que tem uma mente jovem e inteligente. — Ela cora, sem saber ao certo se isso é um elogio. Ele sorri para ela saber que é.

Ele continua:

— Toda vez que a terra se mexer, você vai ouvir seu chamado. Em cada momento de perigo, você vai procurar instintivamente a fonte mais próxima de calor e movimento. A habilidade de fazer isso, para você, é o que os punhos são para um homem forte. Quando uma ameaça é iminente, claro que você vai fazer o que for preciso para se proteger. E, quando fizer isso, as pessoas vão morrer.

Damaya se encolhe. Schaffa sorri outra vez, tão amável como sempre. E então ela pensa sobre aquele dia.

Foi depois do almoço, no pátio de brincar. Ela havia comido seu rolinho de feijão sentada perto do lago com Limi e Shantare, como costumava fazer enquanto as outras crianças brincavam ou jogavam comida umas nas outras. Algumas das outras crianças estavam reunidas num canto do pátio, raspando a terra e murmurando umas com as outras; tinham uma prova de geometria aquela tarde. E



então Zab se aproximou delas três, embora houvesse olhado para Damaya em particular quando disse:

— Me deixa colar de você.

Limi deu uma risadinha. Ela achava que Zab gostava de Damaya. No entanto, Damaya não gostava *dele* porque ele era terrível... Sempre pegando no pé de Damaya, xingando-a, cutucando-a até ela lhe pedir aos gritos para parar e arranjar problemas com a professora por fazer isso. Então disse a Zab:

— Não vou arranjar problemas por sua causa.

— Não vai, se fizer tudo certo — ele falou. — É só colocar sua prova...

— *Não* — ela disse novamente. — Não vou fazer nada certo. Não vou fazer *nada*. Vá embora. — Ela voltou a se virar para Shantare, que estava falando antes de Zab interromper.

Quando Damaya se deu conta, estava no chão. Zab a empurrara da pedra usando as duas mãos. Ela caiu literalmente de cabeça e foi parar no chão de costas. Mais tarde... ela tivera duas semanas no celeiro para pensar sobre isso... ela se lembraria do olhar de choque na cara dele, como se não tivesse percebido que ela cairia com tanta facilidade. Mas, naquele momento, a única coisa que ela sabia era que estava no chão. No chão *lamacento*. Suas costas inteiras estavam frias, molhadas e sujas, tudo cheirava a lodo fermentando e grama esmagada, estava em seu *cabelo*, e aquele era seu melhor *uniforme*, e a Mãe ia ficar *furiosa* e *ela* estava furiosa e então puxou o ar e...

Damaya estremece. *As pessoas vão morrer*. Schaffa aquiesce como se tivesse ouvido esse pensamento.

— Você é vidro de montanha de fogo, Dama. — Ele diz isso bem baixinho. — Você é um presente da terra... Mas o Pai Terra nos odeia, nunca se esqueça, e seus presentes não são nem gratuitos nem seguros. Se nós a pegarmos, aprimorarmos sua precisão e a tratarmos com o cuidado e o respeito que merece, então você se tornará valiosa. Mas se apenas a deixarmos por aí, estraçalhará a primeira pessoa que cometer um erro com você. Ou pior... destruirá e machucará muitos.

Damaya se lembra do olhar na cara de Zab. O ar ficara frio só por um instante, rodeando-a como um balão estourado. Isso foi

suficiente para criar uma crosta de gelo na grama debaixo dela e solidificar gotas de suor na pele de Zab. Eles pararam e estremeeceram e olharam um para o outro.

Ela se lembra do rosto dele. *Você quase me matou*, ela havia visto naquele momento.

Schaffa, observando-a de perto, não parou de sorrir em nenhum momento.

— Não é culpa sua — comenta ele. — A maior parte do que dizem sobre orogenes não é verdade. Você não fez nada para nascer assim, seus pais não fizeram nada. Não fique brava com eles, nem consigo mesma.

Ela começa a chorar porque ele está certo. Tudo aquilo, tudo o que ele diz, está certo. Ela odeia a Mãe por tê-la colocado ali, odiou o Pai e Chaga por terem deixado a Mãe fazer isso, odeia a si mesma por ter nascido do jeito que é e desapontado todos eles. E agora Schaffa sabe como ela é fraca e horrível.

— Shh — diz ele, levantando-se e caminhando até ela. Ele se ajoelha e pega sua mão; ela começa a chorar ainda mais. Mas Schaffa a aperta de forma brusca, o suficiente para doer, e ela se assusta e respira e olha para ele piscando através do borrão causado pelas lágrimas. — Não pode, pequenina. Sua mãe vai voltar logo. Nunca chore onde possam vê-la.

— O-o quê?

Ele parece tão triste... por Damaya?... quando estende o braço e põe a mão em sua bochecha.

— Não é seguro.

Ela não faz ideia do que isso significa.

De qualquer modo, ela para. Depois que ela enxugou as bochechas, ele limpa com o dedo uma lágrima que ficou para trás, então acena com a cabeça após uma rápida inspeção.

— Sua mãe provavelmente vai perceber, mas deve servir para todos os outros.

A porta do celeiro range, e a Mãe está de volta, desta vez com o Pai a reboque. O maxilar do Pai está tenso e ele nem olha para Damaya, apesar de não tê-la visto desde que a Mãe a colocou no celeiro. Os dois se concentram em Schaffa, que se levanta e se coloca um pouco à frente de Damaya, acenando em agradecimento

ao aceitar o cobertor dobrado e o embrulho amarrado com um barbante que a Mãe lhe entrega.

— Demos água para o seu cavalo — diz o Pai com firmeza. — Quer levar alimento para ele?

— Não é necessário — responde Schaffa. — Se viajarmos rápido, devemos chegar a Brevard pouco depois do anoitecer.

O Pai franze a testa.

— É uma viagem puxada.

— Sim. Mas em Brevard, ninguém deste vilarejo vai ter a ótima ideia de vir nos procurar ao longo da estrada e se despedir de Damaya de uma forma mais rude.

Demora um instante para Damaya entender, e então ela compreende: as pessoas de Palela querem matá-la. Mas isso é errado, não é? Eles não podem estar querendo fazer isso mesmo, podem? Ela pensa em todas as pessoas que conhece. Os professores da creche. As outras crianças. As velhas senhoras da hospedaria que costumavam ser amigas de Mia antes de ela morrer.

O Pai também pensa nisso; ela consegue ver no rosto dele, e ele franze as sobrancelhas e abre a boca para dizer o que ela está pensando: *Eles não fariam algo assim*. Mas para antes de as palavras saírem de sua boca. Ele olha para Damaya uma vez e com o rosto cheio de angústia antes de se lembrar de desviar os olhos.

— Aqui está — Schaffa diz a Damaya, entregando-lhe o cobertor. É a colcha de Mia. Ela olha para a colcha, depois olha para a Mãe, mas a Mãe não olha de volta.

Não é seguro chorar. Mesmo quando ela tira o manto de Schaffa e ele enrola o cobertor nela, familiarmente mofado, áspero e perfeito, ela mantém o rosto completamente calmo. Schaffa pisca os olhos para ela; ele acena com a cabeça, só um pouquinho, num gesto de aprovação. Depois pega a sua mão e a conduz em direção à porta do celeiro.

A Mãe e o Pai vão atrás, mas não dizem nada. Damaya não diz nada. Ela olha para a casa uma vez, vendo alguém de relance através de uma brecha na cortina antes dela se fechar. Chaga, seu irmão mais velho, que lhe ensinou a ler e a cavalgar em um burro e a saltar pedras em um lago. Ele nem sequer lhe deu um aceno de adeus... Mas não é porque a odeia. Ela entende isso agora.

Schaffa ergue Damaya e a coloca sobre um cavalo maior do que qualquer um que ela já tinha visto, um grande baio lustroso com pescoço comprido, e então Schaffa monta na sela atrás dela, arrumando o cobertor ao redor de suas pernas e sapatos para a menina não ter nenhuma irritação de pele ou frieira, e depois eles vão embora.

— Não olhe para trás — aconselha Schaffa. — É mais fácil desse jeito. — Então ela não olha. Mais tarde, ela vai perceber que ele estava certo sobre isso também.

Muito mais tarde, contudo, ela vai desejar ter olhado mesmo assim.



[OCULTADO] OLHOS BRANCO-GELO, O CABELO DE CINZAS SOPRADAS, O NARIZ FILTRANTE, OS DENTES AFIADOS, A LÍNGUA RACHADA DE SAL.

— *TÁBUA DOIS, “A VERDADE INCOMPLETA”, VERSÍCULO OITO*



### 3

### *Você está a caminho*

Você ainda está tentando decidir quem deve ser. A pessoa que você tem sido ultimamente não faz mais sentido; aquela mulher morreu com Uche. Ela não é útil, reservada como é, calada como é, comum como é. Não quando coisas tão extraordinárias aconteceram.

Mas você ainda não sabe onde Nassun está enterrada, se é que Jija se deu ao trabalho de enterrá-la. Até se despedir de sua filha, você precisa continuar sendo a mãe que ela amava.

Então, você decide não esperar a morte chegar.

Ela *está* vindo até você... Talvez não neste exato momento, mas em breve. Embora o grande tremor do norte não tenha atingido Tirimo, todos sabem que *deveria* ter atingido. Os sensapinae não mentem, ou pelo menos não com uma força tão gritante, desesperadora e penetrante. Todos, desde recém-nascidos até velhos caquéticos, sensaram que ele estava vindo. E, a essa altura, com refugiados vagando pela estrada vindos de vilarejos e povoados menos afortunados (refugiados que estão todos indo para o sul), o povo de Tirimo deve ter começado a ouvir histórias. Deve ter notado o cheiro de enxofre no ar. Deve ter olhado para o céu cada vez mais estranho e deve ter visto a mudança no alto como um mau presságio. (E é.) Talvez o chefe, Rask, tenha enfim mandado alguém para ver Sume, a cidade do vale ao lado. A maioria dos tirimos tem família lá: as duas cidades têm intercambiado bens e

peessoas há gerações. A comu vem antes de qualquer coisa, claro, mas, contanto que ninguém esteja passando fome, parentesco e raça podem significar alguma coisa também. Rask ainda pode se dar ao luxo de ser generoso, por enquanto. Talvez.

E quando os sentinelas voltarem e relatarem a devastação que você sabe que vão encontrar em Sume... e os sobreviventes que você sabe que *não vão* encontrar, ou pelo menos não em grande número... não será mais possível negar. Restará apenas o medo. Pessoas assustadas procuram por bodes expiatórios.

Então, você se obriga a comer, desta vez tomando o cuidado de não pensar em outros tempos e outras refeições com Jija e as crianças. (Lágrimas incontrolláveis seriam melhores do que vômitos incontrolláveis, mas ei, você não pode escolher o seu sofrimento.) Então, saindo silenciosamente pela porta da casa de Lerna que dá para o jardim, você volta para a sua casa. Não há ninguém por perto lá fora. Devem estar todos na casa de Rask esperando notícias ou atribuição de tarefas.

Em casa, um dos esconderijos de provisões ocultos debaixo dos tapetes guarda a bolsa de fuga da família. Você se senta no chão onde Uche foi espancado até a morte e ali vasculha a bolsa, tirando tudo de que não vai precisar. O conjunto de roupas surradas e confortáveis para viagem de Nassun é pequeno demais; você e Jija prepararam essa bolsa antes de Uche nascer, e você foi negligente por não reabastecê-la. Uma barra de frutas secas ficou coberta por um fungo branco e penugento; talvez ainda seja comestível, mas você não está desesperada a esse ponto. (Ainda.) A bolsa contém papéis que provam que você e Jija são os donos da casa e outros papéis que mostram que estão em dia com os impostos distritantes e que ambos são membros registrados da comu Tirimo e da casta de uso Resistente. Você deixa isso para trás, toda a sua existência financeira e jurídica durante os últimos dez anos, em uma pequena pilha de coisas descartadas com a fruta embolorada.

O maço de dinheiro em uma carteira de borracha, papel, já que há tanto papel, será irrelevante quando as pessoas perceberem a gravidade das coisas, mas até lá tem valor. Será um bom material inflamável quando não o tiver. A faca de esfolar de obsidiana, que Jija insistiu em colocar lá e que é pouco provável que vá usar (você

tem armas naturais e melhores), você guarda. Um bem que pode ser negociado, ou pelo menos um alerta visual. As botas de Jija também podem ser negociadas, uma vez que estão em boas condições. Ele nunca as usará outra vez, porque logo você vai encontrá-lo e então acabará com ele.

Você faz uma pausa. Revê esse pensamento e o transforma em algo que se adequa melhor à mulher que escolheu ser. Melhor: você vai encontrá-lo e perguntar a ele por que fez o que fez. *Como* pôde fazer aquilo. E, mais importante, vai perguntar a ele onde está sua filha.

Refazendo a bolsa de fuga, você a coloca dentro de um dos caixotes que Jija usava para fazer entregas. Ninguém vai pensar duas vezes quando a vir carregando o caixote pela cidade porque, até alguns dias atrás, você fazia isso com muita frequência para ajudar no trabalho de Jija com cerâmica e britagem com ferramentas. Vai acabar ocorrendo a alguém de se perguntar por que você está entregando pedidos quando o chefe provavelmente está prestes a declarar Lei Sazonal. Mas a maior parte das pessoas não vai pensar nisso *de início*, que é o que importa.

Ao sair, você passa pelo lugar no chão onde Uche ficou durante dias. Lerna levou o corpo e deixou o lençol; não dá para ver os respingos de sangue. Ainda assim, você não olha para aquela direção.

Sua casa é uma das muitas neste canto da cidade, aninhada entre o extremo sul do muro e os campos verdejantes da cidade. Você escolheu a casa, quando você e Jija decidiram comprá-la, porque fica isolada em uma viela estreita e rodeada por árvores. É uma caminhada em linha reta atravessando o campo verde até chegar ao centro da cidade, algo de que Jija sempre gostou. Esse era um assunto sobre o qual você e Jija sempre discutiam: você não gostava de estar no meio de outras pessoas mais do que o necessário, ao passo que ele era sociável e agitado, ficava frustrado com o silêncio...

A onda de raiva absoluta, opressiva e violenta pega-a de surpresa. Você precisa parar na entrada de sua casa, escorando a mão no batente e respirando fundo para não começar a gritar, ou

talvez para não esfaquear alguém (a si mesma?) com a maldita faca de esfolar. Ou pior, para não fazer a temperatura cair.

Tudo bem. Você estava errada. Comparativamente falando, a náusea não é tão ruim como reação ao sofrimento.

Mas você não tem tempo para isso, não tem *forças* para isso, então se concentra em outras coisas. Quaisquer outras coisas. A madeira da soleira da porta abaixo da sua mão. O ar, que você percebe mais agora que está do lado de fora. O cheiro de enxofre não parece estar piorando, pelo menos por enquanto, o que talvez seja uma coisa boa. Você sente que não há nenhuma abertura na terra ali por perto, o que significa que aquilo está vindo do norte, onde está a ferida, aquela grande e supurante fenda de costa a costa que você *sabe* que existe, apesar de os viajantes da Estrada Imperial terem trazido apenas rumores até agora. Você espera que a concentração de enxofre não piore muito porque, se piorar, as pessoas vão ter ânsia de vômito e sufocar e, da próxima vez que chover, os peixes do riacho vão morrer e o solo vai ficar ácido...

Sim. Melhor. Depois de um momento, você consegue enfim se afastar da casa, sua aparência de tranquilidade está firme de volta no lugar.

Não há muitas pessoas andando por aí. Rask deve ter finalmente declarado bloqueio oficial. Durante os bloqueios, os portões da comu são fechados, e dá para adivinhar, pelas pessoas se mexendo perto de uma das torres de vigilância do muro, que Rask tomou a medida preventiva de colocar guardas a postos. Isso não devia acontecer até que se declarasse uma Estação; intimamente, você amaldiçoa a cautela de Rask. Você tem esperança de que ele não tenha feito mais nada que vá tornar sua fuga ainda mais difícil.

O mercado está fechado, pelo menos por enquanto, de modo que ninguém vai estocar produtos nem fixar preços. O toque de recolher começa ao anoitecer, e todos os estabelecimentos que não são cruciais para a proteção ou para o abastecimento da cidade têm que fechar. Todos sabem como as coisas devem acontecer. Todo mundo tem tarefas a fazer, mas muitas delas podem ser realizadas dentro de casa: tecer cestas para armazenamento, secar e conservar todos os alimentos perecíveis do lar, reutilizar roupas e



ferramentas. É tudo Imperialmente eficiente e ao pé da letra do Saber das Pedras, seguindo regras e procedimentos que devem, ao mesmo tempo, ser práticos e manter ocupado um grande grupo de pessoas ansiosas. Só para garantir.

No entanto, enquanto caminha pela trilha em torno da borda dos campos verdejantes (durante bloqueios ninguém caminha por eles, não por conta de alguma regra, mas porque tais momentos fazem as pessoas lembrarem que aqueles campos são *futuras terras cultiváveis* e não só um trecho de trevos e flores selvagens), você avista alguns outros habitantes de Tirimo andando por ali. Costas-fortes, em sua maioria. Um grupo está formando o pasto e levantando o estábulo que vai separar uma parte do campo para o gado. É trabalho pesado, construir alguma coisa, e as pessoas que estão fazendo isso estão envolvidas demais na tarefa para prestar muita atenção em uma mulher carregando um caixote. Alguns rostos você reconhece vagamente enquanto anda, pessoas que viu antes no mercado ou por conta do trabalho de Jija. Alguns deles a olham também, mas esses olhares são breves. Eles conhecem seu rosto bem o bastante para saber que você Não É Uma Estranha. Por enquanto, estão ocupados demais para se lembrar de que você também pode ser a *mãe de um rogga*.

Ou para imaginar de qual dos pais o seu filho rogga poderia ter herdado a maldição.

No centro do vilarejo há mais pessoas andando de um lado para outro. Aqui você se mistura, andando no mesmo ritmo que todos os demais, acenando quando acenam para você, tentando não pensar em nada, de modo que seu rosto assuma uma expressão entediada e distante. Está movimentado ao redor do escritório do chefe, capitães de quartirão e porta-vozes de casta vindo relatar quais tarefas de bloqueio estão terminadas, antes de voltar e organizar mais. Outros perambulam, claramente esperando uma notícia sobre o que aconteceu em Sume e em outras partes... Mas, mesmo aqui, ninguém se importa com você. E por que deveriam? O ar fede a terra despedaçada e tudo além de um raio de pouco mais de trinta quilômetros foi destruído por um tremor maior do que qualquer um jamais viu. As pessoas têm questões mais importantes com que se preocupar.

Contudo, isso pode mudar rápido. Você não relaxa.

O escritório de Rask na verdade é uma casinha aninhada entre os depósitos para grãos construídos sobre palafitas e a fábrica de carruagens. Ao ficar nas pontas dos pés para ver por cima da multidão, você não fica surpresa em ver Oyamar, o auxiliar de Rask, na varanda, conversando com dois homens e uma mulher com mais argamassa e lama no corpo do que roupa. Escorando o poço, provavelmente; essa é uma das coisas que o Saber das Pedras aconselha em caso de tremores e que o procedimento de bloqueio Imperial encoraja também. Se Oyamar está aqui, então Rask está em outro lugar trabalhando ou, conhecendo Rask, dormindo, depois de ter ficado exausto nesses três dias desde o acontecimento. Ele não estará em casa porque as pessoas podem encontrá-lo com muita facilidade. Mas como Lerna fala demais, você sabe onde Rask se esconde quando não quer ser perturbado.

A biblioteca de Tirimo é uma vergonha. O único motivo por que eles têm uma é que o avô do marido de uma chefe anterior fez o maior escândalo e escreveu cartas para o governador do distritante até que ele enfim fundou uma biblioteca para calar a sua boca. Poucas pessoas a usaram desde que o velho morreu, mas, embora sempre haja propostas para fechá-la nas reuniões entre todas as comus, essas propostas nunca conseguem votos suficientes para prosseguir. Por isso ela continua existindo: um velho barraco molambento não muito maior do que a saleta de sua casa, quase totalmente lotado de estantes de livros e pergaminhos. Uma criança magra poderia andar entre as prateleiras sem se contorcer; você não é nem magra nem criança, então tem que passar de lado, meio que andando como um caranguejo. Trazer o caixote está fora de questão: você o deixa do lado de dentro da porta. Mas isso não importa, porque não há ninguém para espiar dentro dele... A não ser Rask, que está encolhido em um minúsculo pallet nos fundos do barraco, onde a menor estante deixa um espaço amplo o suficiente para o seu corpo.

Quando você finalmente consegue passar por entre as pilhas, Rask se assusta com seu próprio ronco e olha para você, piscando, já começando a fazer cara feia para quem quer que o tenha perturbado. Aí ele *pensa*, porque é um cara sensato e foi por isso

que Tirimo o elegeu, e você vê no rosto dele o momento em que passa de esposa de Jija a mãe de Uche, e depois a mãe de rogga e, oh Terra, a rogga também.

Isso é bom. Facilita as coisas.

— Não vou machucar ninguém — você diz rapidamente antes que ele possa recuar ou gritar ou fazer qualquer coisa que pretendesse fazer. E, para sua surpresa, ao ouvir essas palavras, Rask pisca e *pensa* de novo, e o pânico se dilui de seu rosto. Ele se senta, recostando-se contra uma parede de madeira, e a observa por um longo e pensativo instante.

— Suponho que não tenha vindo aqui só para me dizer isso — ele fala.

Você passa a língua pelos lábios e tenta se agachar. É embaraçoso porque não há muito espaço. Você tem que escorar a bunda contra uma estante e os joelhos invadem mais do espaço de Rask do que você gostaria. Ele dá um meio sorriso ao ver seu óbvio desconforto, então seu sorriso desaparece quando se lembra do que você é, e depois franze a testa para si mesmo como se ambas as reações o irritassem.

— Você sabe aonde Jija poderia ter ido? — você pergunta.

O rosto de Rask se contrai. Tem quase idade suficiente para ser seu pai, mas é o homem menos paternal que você já conheceu. Você sempre quis se sentar em algum lugar e tomar uma cerveja com ele, embora isso não combine com a camuflagem comum e tímida que construiu em torno de si mesma. A maioria das pessoas na cidade pensa nele dessa forma, apesar do fato de que, até onde você sabe, ele não bebe. No entanto, a expressão que seu rosto assume nesse momento a faz pensar pela primeira vez que ele daria um bom pai, se algum dia tivesse filhos.

— Então, é isso — diz ele. Sua voz está rouca por conta do sono. — Ele matou o garoto? É o que as pessoas pensam, mas Lerna disse que não tinha certeza.

Você confirma com a cabeça. Também não conseguiu pronunciar a palavra *sim* para Lerna.

Os olhos de Rask examinam seu rosto.

— E o garoto era...?

Você confirma com a cabeça outra vez, e Rask suspira. Você percebe que ele não pergunta se você é alguma coisa.

— Ninguém viu para que lado Jija foi — ele fala, mudando de posição para erguer os joelhos e repousar um dos braços sobre eles. — As pessoas têm falado sobre o... o assassinato... porque é mais fácil do que falar sobre... — Ele levanta as mãos e as abaixa em um gesto impotente. — Quero dizer, há muita boataria, e a maioria é mais incerta do que concreta. Algumas pessoas viram Jija carregar sua carroça e ir embora com Nassun...

Seus pensamentos vacilam.

— *Com Nassun?*

— Sim, com ela. Por que... — Então Rask entende. — Ah, merda, ela também é?

Você tenta não começar a tremer. Cerra os punhos em um esforço para evitar isso, e a terra bem abaixo de você parece momentaneamente mais próxima, o ar imediatamente ao seu redor parece mais frio, antes de você conter o seu desespero e a sua alegria e o seu horror e a sua fúria.

— Eu não sabia que ela estava viva — é a única coisa que você diz depois do que pareceu um instante muito longo.

— Ah — Rask pisca e aquela expressão compassiva volta. — Bem, sim. Em todo caso, estava viva quando foi embora. Ninguém sabia que havia algo de errado nem acharam nada de mais. A maioria das pessoas pensou que era apenas um pai tentando ensinar o negócio à filha mais velha ou manter uma criança entediada longe de problemas, o de costume. Então aconteceu aquela merda lá no norte, e todos esqueceram isso até Lerna dizer que encontrou você e... e seu filho. — Ele faz uma pausa aqui, movendo o maxilar uma vez. — Jamais teria imaginado que Jija era desses. Ele bateu em você?

Você nega com a cabeça.

— Nunca.

Talvez fosse mais fácil de suportar se Jija tivesse sido violento antes. Aí você poderia ter se culpado por ter avaliado mal as coisas ou por ter sido complacente, e não apenas pelo pecado de ter reproduzido.

Rask suspira lenta e profundamente.

— Merda. Só... merda.

Ele chacoalha a cabeça, passa a mão na penugem grisalha que é seu cabelo. Não é grisalho de nascimento, como Lerna e outros com cabelo de cinzas sopradas; você se lembra de quando o cabelo dele era castanho.

— Vai atrás dele?

Ele desvia o olhar e depois volta a fitá-la. Não chega a ser esperança, mas você entende o que ele omite por ser diplomático demais para dizer. *Por favor, saia da cidade o mais rápido possível.*

Você concorda com a cabeça, feliz em atendê-lo.

— Preciso que me dê um salvo-conduto para atravessar o portão.

— Feito. — Ele faz uma pausa. — Você sabe que não pode voltar.

— Eu sei. — Você se obriga a sorrir. — Eu realmente nem quero.

— Não a culpo. — Ele suspira, depois se mexe de novo, desconfortável. — Minha... minha irmã...

Você não sabia que Rask tinha uma irmã. Então, você entende.

— O que aconteceu com ela?

Ele dá de ombros.

— O de sempre. Morávamos em Sume naquela época. Alguém percebeu o que ela era, contou para um monte de gente, e eles vieram e a levaram durante a noite. Não me lembro de muita coisa sobre esse assunto. Eu só tinha seis anos. Meus pais se mudaram para cá comigo depois disso. — A boca dele se contorce, mas sem realmente sorrir. — Por isso que nunca quis ter filhos.

Você também tenta sorrir.

— Eu também não queria. — Mas Jija sim.

— Pelas ferrugens da Terra. — Ele fecha os olhos por um momento, depois se põe em pé de forma abrupta. Você se levanta também, já que, do contrário, seu rosto vai ficar perto demais da velha calça manchada dele. — Acompanho você até o portão, se já estiver indo embora.

Isso a deixa surpresa.

— Eu estou indo agora. Mas você não precisa me acompanhar.

— Você não sabe ao certo se é boa ideia. Poderia chamar mais

atenção do que você quer. Mas Rask chacoalha a cabeça com um ar impassível e grave.

— Preciso, sim. Venha.

— Rask...

Ele olha para você e, desta vez, é você quem recua. Não tem mais a ver com você. A multidão que tirou a irmã dele não teria ousado fazer aquilo se ele tivesse sido homem naquela época.

Ou talvez só o tivessem matado também.

Ele carrega o caixote quando vocês descem a Sete Estações, a rua principal do vilarejo, até chegar ao Portão Principal. Você está inquieta, tentando parecer confiante e relaxada, apesar de sentir qualquer coisa menos isso. Você não teria escolhido trilhar esse caminho, em meio a todas essas pessoas. Rask chama toda a atenção em princípio, já que todos acenam ou o chamam ou se aproximam para perguntar-lhe se há notícias... Mas então notam você. As pessoas param de acenar. Param de se aproximar e começam, à distância, em grupos de dois ou três, a observar. E ocasionalmente a seguir. Não há nada de mais nisso a não ser a costumeira curiosidade de cidades pequenas, pelo menos na superfície. Mas você também vê esses grupos de pessoas *sussurrando* e os sente *olhando*, e isso faz seus nervos tilintarem da pior maneira.

Rask saúda os guardas do portão quando vocês se aproximam. Mais ou menos uma dúzia de Costas-fortes, que provavelmente são mineradores e fazendeiros em circunstâncias normais, estão ali, apenas perambulando de um lado para o outro diante do portão sem nenhuma organização de fato. Dois estão lá em cima nas torres de vigilância construídas no alto do muro, de onde podem cuidar do portão; dois estão perto da vigia do portão no nível térreo. O restante só está por ali, parecendo entediado ou conversando ou fazendo brincadeiras uns com os outros. Rask provavelmente os escolheu por sua habilidade de intimidar, pois todos eles são grandes como um típico sanzad e parecem conseguir se virar mesmo sem as facas de vidro e as balestras que carregam.

O que dá um passo adiante para cumprimentar Rask é na verdade o menor deles, um homem que você conhece, embora não lembre seu nome. Seus filhos participaram de suas aulas na creche

do vilarejo. Ele se lembra de você também, pois percebe quando os olhos dele se fixam em você e se estreitam.

Rask para e coloca o caixote no chão, abrindo-o e entregando-lhe a bolsa de fuga.

— Karra — ele diz para o homem que você conhece —, está tudo bem por aqui?

— Tava até agora — responde Karra sem tirar os olhos de você. O modo como ele a encara faz sua pele se retesar. Dois outros Costas-fortes estão observando também, seus olhares indo de Karra para Rask e de volta para Karra, prontos para seguir o comando de alguém. Uma mulher a está encarando abertamente, mas o resto parece satisfeito de olhar você de relance e desviar o rosto em movimentos rápidos.

— Bom saber — comenta Rask. Você o vê franzir um pouco a testa, talvez ao ler os mesmos sinais que você está percebendo. — Mande seu pessoal abrir o portão um instante, sim?

Karra não tira os olhos de você.

— Acha que é uma boa ideia, Rask?

Rask fecha a cara e dá um passo brusco em direção a Karra, ficando cara a cara com ele. Ele não é um homem grande, o chefe Rask, é um Inovador, não um Costa-forte, não que isso ainda tenha importância, e nesse exato momento ele não precisa ser.

— Sim — diz Rask, sua voz tão baixa e tão firme que Karra enfim se concentra nele, endireitando o corpo, surpreso. — Tenho. Abra o portão, se não se *importar*. Se não tiver ferrugentemente *ocupado*.

Você pensa em um verso do Saber das Pedras, Estruturas, versículo três. *O corpo esmorece. Um líder que perdura depende de algo mais.*

Karra cerra o maxilar, mas depois de um instante ele concorda com a cabeça. Você tenta parecer absorvida em ajustar a bolsa de fuga no ombro. As tiras estão largas. Jija foi o último que a experimentou.

Karra e os outros funcionários que cuidam do portão se mexem, fazendo funcionar o sistema de roldanas que ajuda a abri-lo. A maior parte do muro de Tirimo é feita de madeira. Não é uma comu abastada com recursos para importar boas pedras e contratar o

número de pedreiros necessários, embora esteja em melhores condições do que comus mal administradas, ou novas comus, que nem sequer têm muros ainda. O portão, no entanto, é de pedra, porque é a parte mais fraca do muro de toda comu. Eles só precisam abrir um pouco para você e, depois de alguns lentos instantes de rangidos e gritos dos que estavam arrastando o portão para os que estavam vigiando se invasores se aproximavam, eles param.

Rask se vira para você, obviamente desconfortável.

— Lamento por... lamento pelo Jija — ele fala. Não por Uche, mas talvez seja melhor assim. Você precisa manter as ideias no lugar. — Por tudo, que merda. Espero que encontre o desgraçado.

Você apenas balança a cabeça. Sente um nó na garganta. Tirimo foi seu lar durante dez anos. Você só começou a pensar no vilarejo dessa maneira, como lar, mais ou menos na época do nascimento de Uche, mas isso é mais do que jamais esperou fazer. Você se lembra de correr atrás de Uche pelos campos logo que ele aprendeu a correr. Você se lembra de Jija ajudando Nassun a fazer uma pipa e a soltá-la, não muito bem; os restos da pipa ainda estão em uma árvore em algum lugar ao leste da cidade.

Mas não é tão difícil partir quanto você pensou que seria. Não agora, com os olhares de seus ex-vizinhos deslizando pela sua pele como um óleo rançoso.

— Obrigada — você murmura com a intenção de incluir muitas coisas nesse agradecimento. Rask não precisava ajudá-la. Prejudicou-se ao fazer isso. Os trabalhadores que cuidam do portão o respeitam menos agora, e vão falar. Logo vão saber que ele é simpatizante dos roggas, o que é perigoso. Chefes não podem se dar ao luxo de ter esse tipo de fraqueza quando uma Estação está a caminho. Mas neste momento o que mais lhe interessa é esse instante de decência pública, que é uma gentileza e uma honra que você nunca esperou receber. Você não sabe ao certo como reagir.

Ele acena com a cabeça, sentindo-se desconfortável também, e vira as costas quando você começa a andar em direção à abertura no portão. Talvez ele não esteja vendo Karra fazer um sinal com a cabeça para outro dos funcionários do portão; talvez não esteja vendo aquela última mulher posicionar rapidamente a arma no



ombro e apontá-la para você. Talvez, você vai pensar mais tarde, Rask tivesse detido aquela mulher ou, de alguma forma, impedido tudo que estava por vir, se tivesse visto.

Mas você a vê, em grande parte com sua visão periférica. Então, as coisas acontecem rápido demais para pensar. E como você *não* pensa, porque tem tentado *não* pensar e isso significa que está desacostumada, pois pensar significa se lembrar de que sua família está *morta* e de que tudo o que significava felicidade agora é uma *mentira*, e pensar nisso fará você *explodir* e começar a gritar e gritar e gritar

e como no passado, em outra vida, você aprendeu a reagir a súbitas ameaças de um modo muito particular, você

busca o ar ao seu redor e *absorve* e

apoia seus pés contra a terra debaixo de seus pés e *ancora* e *estreita* e

quando a mulher dispara a balestra, a flecha voa como um borrão em sua direção. Pouco antes de a flecha atingi-la, ela se despedaça em um milhão de pontinhos cintilantes, congelados.

(*Perversa, perversa*, repreende uma voz em sua cabeça. A voz de sua consciência, profunda e masculina. Você esquece esse pensamento quase no momento em que ele surge. Aquela voz é de outra vida.)

Vida. Você olha para a mulher que acabou de tentar te matar.

— Mas que... Merda! — Karra olha para você, como que chocado pelo fato de não ter caído morta. Ele agacha, os punhos cerrados, quase pulando de agitação. — Atire nela outra vez! Mate-a! Atire, que a Terra a amaldiçoe, antes que...

— Que diabos vocês estão fazendo? — Rask, que finalmente percebe o que está acontecendo, vira-se. É tarde demais.

Debaixo de seus pés e dos pés de todos os outros, começa um tremor.

É difícil de distinguir a princípio. Não há nenhum ruído de alerta de sensuna, como haveria se o movimento da terra viesse *da* terra. É por isso que pessoas como essas temem pessoas como você, porque você está além do sentido e da preparação. Você é uma surpresa, como uma súbita dor de dente, como um ataque do coração. A vibração do que você está fazendo aumenta rápido para

se tornar um estrondo de tensão que pode ser sentido com os ouvidos e com os pés e com a pele e também com os sensapinae, mas a essa altura é tarde demais.

Karra franze as sobrancelhas, olhando para o chão onde pisa. A mulher da balestra para quando estava prestes a colocar outra flecha, arregalando os olhos ao ver a corda trêmula de sua arma.

Você fica cercada de partículas de neve e da flecha de balestra desintegrada. Em torno de seus pés, há um círculo de uns sessenta centímetros de gelo cobrindo a terra compacta. Seus cachos flutuam suavemente na brisa em ascensão.

— Você não pode — Rask sussurra as palavras, arregalando os olhos ao ver a expressão em seu rosto. (Você não sabe que expressão tem neste exato momento, mas deve ser ruim.) Ele balança a cabeça, como se a negação fosse fazer tudo parar, dando um passo atrás e depois mais um. — Essun.

— Você o matou — você diz a Rask. Isso não é uma coisa racional. Você quer dizer “você” no plural, apesar de estar falando com um “você” específico. Rask não tentou matá-la, não teve nada a ver com Uche, mas o atentado contra a sua vida ativou algo cru e furioso e frio. *Seus covardes. Seus animais, que olham para uma criança e veem uma presa.* Jija é o culpado pelo que aconteceu com Uche, alguma parte de você sabe disso, mas Jija cresceu aqui em Tirimo. O tipo de ódio que pode fazer um homem matar o próprio filho? Veio de todos à sua volta.

Rask respira.

— Essun...

E então o chão do vale se abre.

O primeiro abalo que isso causa é violento o suficiente para jogar no chão todos os que estavam de pé e chacoalhar todas as casas em Tirimo. Depois essas casas trepidam e rangem quando o abalo se acalma, transformando-se em uma vibração firme e contínua. A Loja de Conserto de Carroças de Saider é a primeira a desmoronar, a velha estrutura de madeira da construção deslizando para fora do alicerce. Há gritos lá dentro, e uma mulher consegue sair correndo antes que o batente caia no interior da loja. No extremo leste da cidade, mais próximo da cordilheira de montanhas que emolduram o vale, começa uma avalanche. Uma parte do muro ao leste da comu

e três casas ficam enterrados sob uma repentina e trovejante mistura pastosa de lama e árvores e pedras. Bem abaixo do solo, onde ninguém além de você consegue detectar, as paredes de argila do aquífero subterrâneo que abastecem os poços do vilarejo se rompem. O aquífero começa a se esvaziar. Eles vão demorar semanas para perceber que você matou a cidade neste momento, mas vão se lembrar quando os poços secarem.

Aqueles que sobreviverem aos próximos momentos lembrarão, pelo menos. O círculo de gelo e o redemoinho de neve começam a se expandir a partir de seus pés. Rapidamente.

Eles atingem Rask primeiro. Ele tenta correr quando a extremidade da espiral que você forma se estende em sua direção, mas simplesmente está perto demais. A espiral o atinge num meio golpe, cristalizando seus pés e solidificando suas pernas e subindo de forma voraz pela sua espinha até que, no espaço de um instante, ele cai ao chão duro como uma pedra, seu corpo ficando tão cinzento quanto o cabelo. O próximo a ser consumido pelo círculo é Karra, que ainda está gritando para alguém matá-la. O grito morre em sua garganta quando ele cai, instantaneamente congelado, o último hálito quente chiando por entre dentes cerrados e congelando o chão enquanto você rouba o calor do solo.

Você não está infligindo a morte apenas a seus colegas de vilarejo, claro. Um pássaro empoleirado em uma cerca próxima cai congelado também. A grama estala, o solo endurece e o ar assobia e uiva ao passo que a umidade e a densidade são arrebatadas de sua substância... Mas ninguém jamais chorou a morte de minhocas.

Rápido. O ar gira energeticamente sobre a Sete Estações agora, fazendo as árvores farfalharem e qualquer um por perto gritar alarmado ao perceber o que está acontecendo. O solo não parou de se mexer. Você balança com o solo, mas, como conhece seus ritmos, é fácil deslocar o peso junto com ele. Faz isso sem pensar porque só existe espaço dentro de você para um pensamento.

Essas pessoas mataram Uche. Seu ódio, seu medo, sua violência gratuita. Elas provocaram.

(Ele provocou.)

A morte de seu filho.

(Jija provocou a morte do seu filho.)

As pessoas correm para a rua, gritando e se perguntando por que não houve nenhum alerta, e você mata qualquer um deles que é idiota o bastante ou está apavorado o bastante para chegar perto.

Jija. Eles são Jija. Essa cidade ferrugenta inteira é *Jija*.

Entretanto, duas coisas salvam a comu, ou pelo menos a maior parte dela. A primeira é que a maioria das construções não desmorona. Tirimo podia ser pobre para construir com pedras, mas a maioria de seus construtores é suficientemente ético e bem pago para usar apenas as técnicas recomendadas pelo Saber das Pedras: a estrutura suspensa, a viga central. A segunda é que a falha geológica do vale (que você está atualmente afastando com o pensamento) na verdade fica a alguns quilômetros a oeste. Por esses motivos, a maior parte de Tirimo sobreviverá a isso, pelo menos até que os poços sequem.

Por esses motivos. E por conta do grito aterrorizado e vigoroso de um menininho quando o pai sai de uma construção que chacoalhava violentamente.

Você se vira na direção do som instantaneamente, por força do hábito, dirigindo a atenção ao ponto de origem com ouvidos de mãe. O homem agarra o menino com os dois braços. Ele nem ao menos tem uma bolsa de fuga; a primeira e única coisa que teve tempo de pegar foi o filho. O garoto não se parece nada com Uche. Mas você vê a criança se mexendo e estendendo os braços em direção à casa por conta de algo que o homem deixou para trás (O brinquedo favorito? A mãe do menino?) e, de repente, finalmente, você *pensa*.

E então você para.

Porque, oh Terra indiferente. Olhe o que você fez.

O tremor para. O ar assobia de novo, desta vez quando um ar mais quente e úmido se precipita no espaço que a circunda. O chão e a sua pele ficam instantaneamente úmidos devido à condensação. O estrondo do vale desvanece, deixando apenas gritos e o rangido de árvores caindo e a sirene do sistema de alerta contra tremores que só tardia e desoladamente começou a tocar.

Você fecha os olhos, sentindo dor e tremendo e pensando. *Não. Eu matei Uche. Por ser sua mãe.* Há lágrimas em seu rosto. E, nesse momento, você pensou que não podia chorar.

Mas não há ninguém entre você e o portão agora. Os funcionários do portão que puderam fugir, fugiram; além de Rask e Karra, vários outros foram lentos demais para escapar. Você coloca nos ombros a bolsa de fuga e se dirige à abertura do portão, esfregando o rosto com uma das mãos. No entanto, também está sorrindo, e isso é uma coisa amarga e dolorosa. Você simplesmente não consegue deixar de reconhecer a ironia de tudo aquilo. Você não queria esperar a morte vir buscá-la. Certo.

Mulher burra, burra. A morte sempre esteve aqui. A morte é você.



NUNCA SE ESQUEÇA DO QUE VOCÊ É.

— *TÁBUA UM, “DA SOBREVIVÊNCIA”, VERSÍCULO DEZ*



## 4

### *Syenite, lapidada e polida*

*Isto é uma merda*, Syenite pensa por trás da proteção de seu agradável sorriso.

Contudo, ela não permite que a ofensa transpareça em seu rosto. Nem tampouco faz o mínimo movimento em sua cadeira. Suas mãos, quatro dedos adornados com anéis simples respectivamente de cornalina, opala branca, ouro e ônix, estão pousadas sobre os joelhos. Estão abaixo da beira da mesa fora do alcance da visão, da perspectiva de Feldspar. Ela poderia apertá-los sem que Feldspar notasse. Mas não aperta.

— Recifes de corais são desafiadores, percebe? — Feldspar, as próprias mãos ocupadas com a grande xícara de madeira de segura, sorri por sobre a borda do objeto. Ela sabe muito bem o que está por trás do sorriso de Syenite. — Não é como as rochas comuns. O coral é poroso, flexível. O controle sutil necessário para despedaçá-lo sem provocar um tsunami é difícil de alcançar.

E Syen podia fazê-lo durante o sono. Uma pessoa de nível dois anéis podia fazê-lo. Até um grão poderia fazê-lo, embora evidentemente não sem danos colaterais consideráveis. Ela estende o braço para pegar o próprio copo de segura, virando o hemisfério de madeira nos dedos de modo que não vá chacoalhar e depois tomando um gole.

— Estou grata que tenha me designado um mentor, sênior.

— Não está, não. — Feldspar sorri também e bebe um gole de sua xícara de segura, levantando no ar o dedo mindinho adornado com um anel. É como se estivessem tendo uma competição particular, etiqueta *versus* etiqueta, o melhor sorriso de quem está comendo merda fica com tudo. — Se serve de consolo, ninguém vai menosprezá-la.

Porque todos sabem do que realmente se trata. Isso não apaga o insulto, mas dá a Syen um grau de conforto. Pelo menos seu novo “mentor” é um dez anéis. Isso também é reconfortante: que a tivessem em tão alta conta. Ela vai raspar quaisquer migalhas de autoestima que puder dessa situação.

— Ele terminou recentemente de fazer um percurso pelas Latmedianas do Sul — diz Feldspar em um tom gentil. Não há nenhuma gentileza quanto ao assunto da conversa, mas Syen reconhece o esforço da velha senhora. — Em geral, daríamos a ele mais tempo para descansar antes de mandá-lo de volta para a estrada, mas o governador do distritante insistiu que fizéssemos alguma coisa quanto à obstrução do porto de Allia assim que possível. Você é quem vai fazer o serviço; ele estará lá só para supervisionar. Chegar lá deve demorar mais ou menos um mês, se vocês não fizerem muitos desvios e viajarem em um ritmo tranquilo... E não há pressa, visto que o recife de coral não é exatamente um problema inesperado.

Ao dizer isso, Feldspar parece momentânea, porém verdadeiramente, aborrecida. O governador do distritante de Allia, ou talvez Liderança de Allia, deve ter sido particularmente irritante. Durante os anos em que Feldspar foi designada como sua sênior, Syen nunca viu a velha senhora demonstrar qualquer expressão que não fosse um leve sorriso. Ambas conhecem as regras: orogenes do Fulcro, orogenes imperiais, jaquetas-pretas, aqueles que você provavelmente não deveria matar, como quer que as pessoas queiram chamá-los, devem ser sempre educados e profissionais. Os orogenes do Fulcro devem transmitir confiança e competência sempre que estiverem em público. Jamais devem demonstrar raiva, porque isso deixa os quietos nervosos. Só que Feldspar nunca seria imprópria a ponto de usar um insulto como os *quietos*, mas é por isso que ela é uma sênior e recebeu

responsabilidades de supervisão, enquanto Syenite apenas apara suas próprias arestas sozinha. Ela vai ter que demonstrar mais profissionalismo se quiser o emprego de Feldspar. Terá que fazer isso e, aparentemente, algumas outras coisas.

— Quando vou conhecê-lo? — pergunta Syenite. Ela toma um gole de segura de modo que essa pergunta pareça natural. Só uma conversinha entre velhas amigas.

— Quando quiser — Feldspar encolhe os ombros. — Os aposentos dele ficam no corredor dos seniores. Nós enviamos a ele informações e um pedido para participar desta reunião. — Outra vez ela parece um pouco irritada. Essa situação toda deve ser terrível para ela, terrível. — Mas é possível que não tenha recebido a mensagem, uma vez que, como eu disse, ele está se recuperando de sua viagem. Viajar pelas Montanhas Likesh sozinho é difícil.

— Sozinho?

— Os cinco anéis não precisam mais ter um parceiro ou Guardiã quando viajam para fora do Fulcro. — Feldspar bebe um gole de sua xícara de segura, alheia ao choque de Syenite. — A essa altura, somos considerados estáveis o bastante em nosso domínio da orogenia para receber um mínimo de autonomia.

Cinco anéis. Ela tem quatro. É besteira que isso tenha algo a ver com o domínio da orogenia; se um Guardiã tem dúvidas quanto à boa vontade de um orogene em seguir as regras, esse orogene não chega ao primeiro anel, quanto menos ao quinto. Mas...

— Então, seremos só ele e eu?

— Sim. Achamos que esse plano de ação é mais eficiente em circunstâncias como essa.

Claro.

Feldspar continua:

— Você o encontrará em Proeminência Talhada. — É o complexo de edifícios que abriga a maior parte dos seniores do Fulcro. — Torre principal, último andar. Não há alojamentos à parte para os orogenes mais experientes porque há tão poucos... Ele é o nosso único orogene dez anéis no momento, mas pudemos ao menos conceder-lhe um pouco de espaço extra lá em cima.

— Obrigada — diz Syen, virando a xícara de novo. — Vou procurá-lo depois desta reunião.



Feldspar faz uma longa pausa, seu rosto tornando-se ainda mais agradavelmente impenetrável do que de costume, e esse é o alerta de Syenite. Então, Feldspar diz:

— Como um dez anéis, ele tem direito de recusar qualquer missão que não seja uma emergência declarada. Você deveria saber disso.

Espere. Os dedos de Syen param de virar a xícara e seus olhos se erguem para encarar os da mulher mais velha. Será que Feld está dizendo o que parece estar dizendo? Não pode ser. Syen estreita os olhos, não se importando mais em esconder sua desconfiança. Mesmo assim. Feldspar lhe deu uma saída. Por quê?

Feldspar dá um sorriso ténue.

— Eu tenho seis filhos.

Ah.

Não há mais o que dizer, então. Syen dá outro gole, tentando não fazer uma careta ao ver o mingau esbranquiçado perto do fundo da xícara. A segura é nutritiva, mas não é uma bebida de que qualquer um gosta. É feita do leite de uma planta que muda de cor na presença de qualquer contaminante, até mesmo cuspe. É servida para convidados e em reuniões porque, bem, é segura. Um gesto educado que diz: *Não estou envenenando você. Pelo menos não neste exato momento.*

Depois disso, Syen se despede de Feldspar e então sai do Principal, o prédio administrativo. O Principal está no meio de um aglomerado de edifícios menores no extremo da área esparramada e meio deserta que compreende o Jardim do Anel. O jardim tem alguns acres de largura e se estende em uma ampla faixa em torno do Fulcro por vários quilômetros. É assim tão gigantesca, o Fulcro, uma cidade em si mesma, aninhada dentro do corpo maior de Yumenes como... Bem, Syenite teria continuado o pensamento com *como uma criança na barriga de uma mulher*, mas essa comparação parece especialmente grotesca hoje.

Ela acena para os colegas juniores que estão passando quando os reconhece. Alguns deles estão de pé ou sentados em grupos e conversando, enquanto outros se recostam em canteiros de gramado ou de flores e leem, ou paqueram, ou dormem. A vida para os que viviam no sistema de níveis de anel era fácil, exceto durante

as missões para além dos muros do Fulcro, que são breves e raras. Um amontoado de grãos caminha com passos pesados ao longo da trilha pavimentada, todos em uma fila organizada, supervisionados por juniores que se voluntariaram como instrutores, mas grãos não têm permissão para desfrutar do jardim ainda; esse é um privilégio reservado aos que passaram pela prova do primeiro anel e foram aprovados para a iniciação pelos Guardiões.

E, como se pensar em Guardiões os invocasse, Syen avista algumas silhuetas de uniforme vinho agrupadas perto de um dos muitos lagos do Jardim. Há outro Guardião do outro lado do lago, recostado em uma alcova cercada de roseiras, que parece estar ouvindo educadamente enquanto um jovem orogene júnior canta para uma pequena plateia sentada perto dali. Talvez o Guardião *esteja* apenas ouvindo educadamente; às vezes fazem isso. Às vezes, precisam relaxar também. No entanto, Syen percebe que o olhar desse Guardião se demora sobre um dos membros da plateia em particular: um jovem branco e magro que não parece estar prestando muita atenção ao cantor. Em vez disso, está olhando para as mãos, que estão pousadas sobre o colo. Há uma atadura envolvendo dois de seus dedos, mantendo-os unidos e retos.

Syen continua.

Ela para primeiro no Escudo Recurvado, um dos muitos aglomerados de edifícios que abrigam as centenas de orogenes juniores. Seus colegas de quarto não estão em casa para vê-la pegar alguns itens necessários em sua cômoda, o que lhe dá um extremo alívio. Logo vão ouvir falar de sua missão por rumores. Depois ela sai de novo, chegando enfim à Proeminência Talhada. A torre é um dos edifícios mais antigos do complexo do Fulcro, construído em uma estrutura baixa e ampla com pesados blocos de mármore branco e ângulos impassíveis, aspecto incomum na arquitetura mais ampla e extravagante de Yumenes. As grandes portas duplas se abrem em um saguão espaçoso e elegante, com cenas da história de Sanze gravadas em relevo nas paredes e no chão. Ela mantém o passo lento, acenando para os seniores que vê, quer os reconheça ou não (afinal, ela *quer* o emprego de Feldspar) e subindo a grande escada aos poucos, parando aqui e ali para admirar os padrões artisticamente dispostos de luz e sombra que

incidem das janelas estreitas. Na verdade, ela não sabe ao certo o que torna os padrões tão especiais, mas todos dizem que são obras de arte maravilhosas, então ela precisa ser vista apreciando-os.

No andar mais alto, onde o tapete felpudo da extensão do corredor é coberto por um padrão de luz em ziguezague, ela para a fim de recuperar o fôlego e verdadeiramente admirar algo: o silêncio. A solidão. Não há ninguém andando nesse corredor, nem mesmo juniores de nível baixo em tarefas de limpeza ou de entrega de recados. Ela ouviu os boatos e agora sabe que são verídicos: o orogene dez anéis tem o andar inteiro somente para si.

Esta é, então, a verdadeira recompensa pela excelência: privacidade. E escolha. Depois de fechar os olhos por um instante em doloroso desejo, Syen segue pelo corredor até chegar à única porta com um tapete do lado de fora.

Neste momento, contudo, ela hesita. Não sabe nada sobre esse homem. Ele obteve a graduação mais alta que existe dentro da ordem deles, o que significa que ninguém se importa mais com o que ele faz, contanto que mantenha quaisquer comportamentos constrangedores em segredo. E é um homem que foi reprimido durante a maior parte de sua vida, só recentemente recebeu autonomia e privilégio sobre os outros. Ninguém irá rebaixá-lo por algo tão trivial como perversão ou abuso. Não se sua vítima for apenas outro orogene.

Hesitar não faz sentido. *Ela* não tem escolha. Com um suspiro, Syenite bate à porta.

E como não está esperando *uma pessoa*, e sim *uma provação a ser suportada*, ela fica de fato surpresa quando uma voz irritada retruca com aspereza:

— *O que é?*

Ela ainda está pensando em como responder a essa pergunta quando pisadas ressoam contra a pedra (vigorosas, irritadas até mesmo no som que produzem) e a porta se abre rapidamente. O homem que está ali olhando para ela veste um roupão amarrotado, um lado do cabelo achatado, fios de tecido formando um mapa acidental sobre a bochecha. Ele é mais jovem do que ela esperava. Não *jovem*; ele tem quase o dobro de sua idade, pelo menos quarenta anos. Mas ela havia pensado... Bom, ela conheceu tantos

orogenes seis e sete anéis na casa dos sessenta e dos setenta que havia esperado que um dez anéis fosse idoso. E mais calmo, respeitoso, mais senhor de si. Algo assim. Ele não está sequer usando os anéis, embora ela possa ver uma faixa mais clara em alguns de seus dedos em meio aos seus gestos raivosos.

— *O que é*, em nome de todas as sacudidas de terra de dois em dois minutos? — Quando Syen fica apenas fitando-o, ele começa a falar em outra língua, algo que ela nunca ouviu antes, embora soe vagamente costeiro e nitidamente zangado. Então, ele passa uma das mãos pelo cabelo e Syen quase ri. O cabelo dele é espesso e bem enrolado, o tipo de cabelo que precisa ser modelado para ficar estiloso, e o que ele está fazendo só o deixa mais bagunçado.

— Eu disse a Feldspar — diz ele, voltando a falar com perfeita fluência em idioma sanze e fazendo um claro esforço para ter paciência — e àqueles outros intrometidos tagarelas do conselho consultivo sênior para *me deixarem em paz*. Acabei de chegar de viagem, não tive duas horas para mim neste último ano que não fossem divididas com um cavalo ou com um estranho e, se está aqui para me dar ordens, vou congelá-la aí mesmo onde está.

Ela tem certeza de que isso é uma hipérbole. É o tipo de hipérbole que ele não deveria usar; orogenes do Fulcro não brincam com certas coisas. É uma das regras tácitas, mas talvez um dez-anéis esteja acima dessas regras.

— Não exatamente ordens — ela consegue falar, e ele contorce o rosto.

— Então, não quero ouvir o que quer que você tenha vindo aqui para me dizer. *Se ferruge daqui*. — E ele começa a fechar a porta na cara dela.

Em princípio, ela não consegue acreditar. Que tipo de... É sério? É uma injúria em cima de outra; já é bem ruim ter que fazer isso, para começar, mas ser desrespeitada durante o processo?

Ela coloca o pé na entrada antes que a porta ganhe muito impulso e se inclina para dentro para falar:

— Sou Syenite.

O nome não significa nada para ele, ela pode ver em seu olhar agora furioso. Ele inspira para começar a gritar (ela não faz ideia do

que), mas não quer ouvir e, antes que ele comece, ela retruca sem demora:

— Estou aqui para *trepar* com você, maldita seja a Terra. Será que é o suficiente para perturbar o seu sono de beleza?

Parte dela fica chocada com a própria linguagem e a própria raiva. O restante dela está satisfeito porque isso cala a boca ferrugenta dele.

Ele a deixa entrar.

Agora fica embaraçoso. Syen se senta à pequena mesa na suíte dele (uma *suíte*, ele tem uma suíte inteira com cômodos mobiliados só *para si*) e observa enquanto ele se remexe, inquieto. Está sentado em um dos sofás do quarto, praticamente empoleirado na beirada. Na beirada *do outro lado*, ela nota, como se temesse sentar-se muito perto dela.

— Não pensei que fosse começar de novo tão cedo — diz ele olhando para as mãos, que estão entrelaçadas diante de si. — Quero dizer, sempre me dizem que há necessidade, mas... eu não... — Ele suspira.

— Então, não é a primeira vez para você — comenta Syenite. Ele apenas obteve o direito de se recusar com o décimo anel.

— Não, não, mas... — Ele respira fundo. — Nem sempre eu soube.

— Nem sempre soube o quê?

Ele fez uma careta.

— Com as primeiras mulheres... pensei que estivessem *interessadas*.

— Você... — Aí ela entende. A possibilidade de se negar sempre existe, claro; até mesmo Feldspar nunca foi direta e disse *Sua missão é produzir um filho com esse homem dentro de um ano*. Não admitir que era assim que funcionava deveria tornar as coisas mais fáceis de algum modo. Ela nunca entendeu o motivo: por que fingir que a situação é qualquer coisa menos o que é? Mas ela percebe que, para ele, não era fingimento. O que a deixa perplexa, porque, ora essa, até que ponto ele pode ser tão ingênuo?

Ele olha para ela, e sua expressão assume um ar de mágoa.

— Sim. Eu sei.

Ela balança a cabeça.

— Eu entendo.

Não importa. Isso não tem a ver com a inteligência dele. Ela se levanta e abre o cinto do uniforme.

Ele fica olhando.

— Desse jeito? Eu nem a conheço.

— Não precisa conhecer.

— Eu não *gosto* de você.

O sentimento é mútuo, mas Syen evita ressaltar o óbvio.

— Minha menstruação terminou faz uma semana. É uma boa hora. Se preferir, pode ficar parado e me deixar cuidar das coisas.

— Ela não é extraordinariamente experiente, mas aquilo não é nenhuma placa tectônica. Ela tira a jaqueta do uniforme e depois pega algo do bolso para mostrar a ele: um frasco de lubrificante, ainda quase cheio. Ele parece um tanto horrorizado. — Na verdade, provavelmente é melhor se você não se mexer. Já vai ser constrangedor o bastante do jeito que é.

Ele se levanta também, mas, na realidade, afastando-se. O ar de agitação no rosto dele... Bem, não é engraçado, não mesmo. Mas Syenite não consegue deixar de sentir um mínimo de alívio por conta da reação dele. Não, não é só alívio. *Ele* é o fraco aqui, apesar de seus dez anéis. É ela que vai ter que carregar no ventre um filho que não quer, que poderia matá-la e, mesmo que não mate, vai mudar seu corpo para sempre, se não sua vida... Mas, aqui e agora, pelo menos, ela é quem tem todo o poder. Isso torna as coisas... Bem, não certas. Mas é melhor, de certa forma, que ela é quem esteja no controle.

— Não precisamos fazer isso — diz ele de maneira brusca. — Eu posso me recusar. — Ele faz uma careta. — Sei que você não pode, mas eu posso. Então...

— Não se recuse — retruca ela, carrancuda.

— O quê? Por que não?

— Você mesmo disse: eu tenho que fazer isso. Você não. Se não for com você, será com outro. — Seis filhos Feldspar teve. Mas Feldspar nunca foi uma orogene particularmente promissora. Syenite é. Se Syen não tomar cuidado, se irritar as pessoas erradas, se se deixar ser tachada de *difícil*, vão destruir sua carreira e designá-la permanentemente para o Fulcro, não lhe deixando

alternativa a não ser deitar de costas e transformar os grunhidos e os peidos dos homens em bebês. Ela terá sorte de ter só seis se as coisas acontecerem assim.

Ele está olhando como se não entendesse, apesar de ela saber que ele entende.

— Quero terminar logo com isso — diz ela.

Então, ele a surpreende. Ela espera mais hesitação e protestos. Em vez disso, ele cerra uma das mãos ao lado do corpo. Desvia o olhar, um músculo do maxilar se contorcendo. Ele ainda parece ridículo naquele roupão e com aquele cabelo retorcido, mas a expressão no seu rosto... Parecia que tinham lhe pedido para se submeter à tortura. Ela sabe que não é atraente, pelo menos não pelos padrões equatoriais. Ela tem muita mistura de sangue latmediano. Mas ele obviamente também não tem boa origem: aquele cabelo, e uma pele tão negra que chega a ser quase azul, e ele é pequeno. Isto é, da altura dela, que é alta tanto para mulheres quanto para homens... Mas ele é magro, não é nem um pouco musculoso ou intimidador. Se seus ancestrais incluíam pessoas de Sanze, eram muito remotos e não lhe passaram nada de sua superioridade física.

— Terminar — murmura ele. — Certo. — O músculo de seu maxilar está quase pulando para cima e para baixo, ele está rangendo os dentes com tanta força. E... alto lá. Ele não está olhando para ela, e de repente ela fica feliz. Porque aquilo no rosto dele é *ódio*. Ela já viu isso em outros orogenes... ferrugens, ela mesma já sentiu, quando teve o luxo da solidão e da honestidade irrestrita, mas nunca deixou *transparecer* daquele modo. Então ele ergue a cabeça e a encara, e ela tenta não se encolher.

— Você não nasceu aqui — diz ele em um tom frio agora. Ela se dá conta um pouco tarde de que é uma pergunta.

— Não. — Ela não gosta de estar do lado de quem recebe as perguntas. — Você nasceu?

— Ah, sim. Fui concebido por encomenda. — Ele sorri, e é estranho ver um sorriso por sobre todo aquele ódio. — Nem sequer de forma tão fortuita quanto o nosso filho será concebido. Sou o produto de duas das mais antigas e promissoras linhagens do Fulcro, pelo menos foi o que me disseram. Tive um Guardião

praticamente desde o nascimento. — Ele enfia as mãos nos bolsos do roupão amarrotado. — Você é uma selvagem.

Isso sai do nada. Na verdade, Syen fica pensando por um segundo se essa é uma maneira nova de falar rogga e depois percebe o que ele quer dizer de fato. Ah, isso é o limite.

— Olha, não me importa quantos anéis você tem...

— É assim que *eles* chamam vocês, quero dizer — Ele sorri outra vez, e a amargura dele se identifica tanto com a sua que ela se cala, confusa. — Caso você não saiba. Os selvagens... os de fora... em geral não sabem, ou não se importam. Mas quando um orogene nasce de pais que não eram assim, de uma linhagem que nunca apresentou a maldição antes, é isso que pensam de você. Um vira-lata selvagem, se comparado à minha domesticada raça pura. Um acidente, se comparado à minha concepção planejada.

— Ele balança a cabeça, o que faz sua voz tremer. — O que isso significa de fato é que eles não podiam *prever* você. Você é a prova de que nunca vão entender a orogenia; não é uma ciência, é outra coisa. E eles nunca vão nos controlar, não de verdade. Não completamente.

Syen não sabe ao certo o que dizer. Ela não sabia sobre esse negócio de selvagem, sobre ser de algum modo diferente, apesar de que, agora que está pensando no assunto, a maioria dos orogenes que ela conhece é nascida no Fulcro. E, sim, ela notou como a olham. Só pensou que fosse porque eram equatoriais e ela era das Latmedianas do Norte, ou porque conseguiu o primeiro anel antes deles. E, no entanto, agora que ele mencionou isso... ser selvagem é uma coisa ruim?

Deve ser. Se o problema é que os selvagens não são previsíveis... Bem, os orogenes precisam provar que são confiáveis. O Fulcro tem uma reputação a manter, e isso faz parte. Por essa razão existem os treinamentos, os uniformes e as infindáveis regras que devem seguir, mas a procriação *faz* parte disso também, ou então por que ela estaria aqui?

É um tanto lisonjeiro pensar que, apesar de seu *status* de selvagem, realmente queiram que algo seu seja transmitido às linhagens do Fulcro. Por isso ela se pergunta por que uma parte de si está tentando encontrar algum valor na degradação.



Ela está tão ensimesmada que ele a surpreende ao fazer um som aborrecido de rendição.

— Você está certa — diz ele secamente, indo direto ao ponto agora porque, bem, isso só podia terminar de um jeito mesmo. E serem práticos vai permitir que ambos mantenham alguma aparência de dignidade. — Desculpe. Você está... pelas ferrugens da Terra. É. Vamos fazer isso logo.

Então, eles entram no quarto, e ele tira a roupa e se deita e tenta se preparar durante algum tempo, o que não dá muito certo. O risco de ter que fazer isso com um homem mais velho, decide Syen... Embora, na verdade, provavelmente tenha mais a ver com o fato de que o sexo não flui bem quando você não está com vontade. Ela mantém a expressão neutra quando se senta ao lado do orogene e tira as mãos dele do caminho. Ele parece constrangido, e ela pragueja porque, se ele ficar inibido, vai levar o dia todo.

No entanto, ele cede quando ela toma as rédeas, talvez porque pode fechar os olhos e imaginar que as mãos dela pertencem a quem ele quiser. Então, ela range os dentes e monta nele e cavalga até suas coxas doerem e seus seios ficarem doloridos de tanto pular. O lubrificante só ajuda um pouco. Ele não é tão bom quanto um vibrador ou seus dedos. No entanto, as fantasias dele devem ser suficientes porque, depois de um tempo, ele faz um tipo de gemido forçado e, então, está terminado.

Ela está enfiando as botas quando ele suspira, senta-se e olha em sua direção com tanta tristeza que ela fica vagamente envergonhada pelo que fez com ele.

— Qual você disse que era o seu nome?

— Syenite.

— Foi esse o nome que os seus pais te deram? — Quando ela se volta para fitá-lo, os lábios dele se retorcem, formando algo que não chega a ser um sorriso. — Desculpe. Só estou com inveja.

— Inveja?

— Concebido no Fulcro, lembra? Sempre tive só um nome. Ah. Ele hesita. Isso aparentemente é difícil para ele.

— Você, ahn, você pode me chamar...

Ela o interrompe porque já sabe seu nome e, de qualquer forma, não pretende chamá-lo de nenhuma outra coisa a não ser de você,

o que deve ser suficiente para distingui-lo dos cavalos do Fulcro.

— Feldspar disse que devemos partir para Allia amanhã.

Ela enfia a segunda bota e se levanta para ajeitar o salto.

— Outra missão? Já? — Ele suspira. — Eu devia saber.

Sim, devia.

— Você vai me orientar e me ajudar a remover alguns corais de um porto.

— Certo. — Ele também sabe que essa missão é uma besteira. Só há um motivo pelo qual o mandariam junto para fazer algo assim.

— Me deram um relatório ontem. Acho que enfim vou ler. Nós nos encontramos no estábulo ao meio-dia?

— Você é o dez-anéis.

Ele esfrega o rosto com as duas mãos. Ela se sente um pouco mal, mas só um pouco.

— Tudo bem — diz ele, sério outra vez. — Ao meio-dia.

Então, ela sai, dolorida, irritada porque pegou um pouco do cheiro dele e estava cansada. Provavelmente é o estresse que a está deixando exausta, a ideia de passar um mês na estrada com um homem que não suporta, fazendo coisas que não quer fazer, em nome de pessoas que despreza cada vez mais.

Mas é isso que significa ser *civilizada*; fazer o que seus superiores dizem que ela deveria fazer pelo bem ostensivo de todos. E não é como se não fosse se beneficiar disso: mais ou menos um ano de desconforto, um bebê que ela não precisa se dar ao trabalho de criar, porque será entregue ao berçário assim que nascer, e uma missão de alto nível cumprida sob a supervisão de um sênior poderoso. Com a experiência e a reputação fortalecida, estará muito mais perto do quinto anel. Isso significa o seu próprio apartamento, sem colegas de quarto. Missões melhores, mais tempo fora, mais poder de decisão sobre a própria vida. Vale a pena. *Pelo fogo da Terra, sim, vale a pena.*

Ela fica dizendo isso a si mesma o caminho inteiro de volta ao quarto. Depois prepara a bagagem para partir, arruma-se para voltar ao seu estado normal de organização e asseio e toma um banho, esfregando metodicamente cada pedaço do corpo que consegue alcançar até a pele queimar.



“DIGA A ELES QUE PODEM SER GRANDES UM DIA, COMO NÓS. DIGA A ELES QUE SEU LUGAR É ENTRE NÓS, NÃO IMPORTA COMO OS TRATEMOS. DIGA A ELES QUE DEVEM CONQUISTAR O RESPEITO QUE TODOS RECEBEM AUTOMATICAMENTE. DIGA A ELES QUE HÁ UM PADRÃO PARA SEREM ACEITOS; ESSE PADRÃO É SIMPLEMENTE A PERFEIÇÃO. MATE AQUELES QUE DEBOCHAM DESSAS CONTRADIÇÕES E DIGA AO RESTO QUE OS QUE MORRERAM MERECIAM A ANIQUILAÇÃO POR SUA FRAQUEZA E SUA DÚVIDA. ENTÃO, ELES SE DESTRUIRÃO TENTANDO CONSEGUIR ALGO QUE NUNCA ALCANÇARÃO.”

— *ERLSSET, VIGÉSIMO TERCEIRO IMPERADOR DA AFILIAÇÃO EQUATORIAL SANZED, NO DÉCIMO TERCEIRO ANO DA ESTAÇÃO DOS DENTES. COMENTÁRIO GRAVADO EM UMA FESTA, POUCO ANTES DA FUNDAÇÃO DO FULCRO.*



## 5

### *Você não está sozinha*

Caiu a noite e você está sentada no escuro, em uma colina.

Você está tão cansada. Exige muito de você matar tantas pessoas. É pior porque você não fez tanto quanto poderia ter feito, depois que preparou tudo. A orogenia é uma equação estranha. Pegue movimento e calor e vida do seu entorno, amplifique isso por meio de um processo indefinível de concentração ou catálise ou risco semi-previsível, projete movimento e calor e morte a partir da terra. A energia entra, a energia sai. Entretanto, manter a energia dentro, *não* transformar o aquífero do vale em um gêiser ou despedaçar o solo, requer um esforço que faz os seus dentes e o fundo dos seus olhos doerem. Você andou por bastante tempo para tentar queimar um pouco do que absorveu, mas a energia ainda transborda sob sua pele mesmo quando seu corpo está exausto e os seus pés doem. Você é uma máquina destinada a mover montanhas. Uma simples caminhada não consegue tirar isso de você.

Ainda assim, você andou até a escuridão chegar, e depois andou mais um pouco, e agora está aqui, encolhida e sozinha na extremidade de um velho campo não cultivado. Você tem medo de acender uma fogueira apesar de estar esfriando. Sem uma fogueira, você não pode ver nada, mas nada pode vê-la: uma mulher sozinha, com uma mochila cheia e apenas uma faca para se defender. (Você

não está indefesa, mas um agressor não saberia disso até que fosse tarde demais, e você prefere não matar mais ninguém hoje.) À distância, você consegue ver o arco escuro de uma estrada alta erguendo-se por sobre a planície como uma provocação. As estradas altas geralmente têm lanternas elétricas, cortesia de Sanze, mas não a surpreende que essa esteja escura: mesmo que o tremor do norte não houvesse acontecido, o procedimento padrão da Estação é parar todos os serviços hídricos e geotermiais não essenciais. De qualquer forma, está longe demais para o desvio valer a pena.

Você está vestindo uma jaqueta, e não há nada a temer no campo exceto os ratos. Dormir sem fogueira não vai matá-la. De todo modo, você consegue ver relativamente bem, apesar de não haver fogo nem lanternas. Faixas de nuvens ondulantes, como canteiros capinados no jardim que você teve um dia, cobriram o céu. São fáceis de ver porque algo ao norte jogou um pouco de luz nas nuvens, formando faixas de brilho vermelho e sombra. Quando você olha para aquele lado, há uma fileira irregular de montanhas no horizonte norte e o cintilar de um distante obelisco cinza azulado no local, sua ponta mais baixa aparece por entre um conjunto de montanhas, mas essas coisas não querem lhe dizer nada. Mais perto há uma revoada do que poderia ser uma colônia de morcegos se alimentando. É tarde para os morcegos, mas *todas as coisas mudam durante uma Estação*, o Saber das Pedras adverte. Todos os seres vivos fazem o que é necessário para se preparar e sobreviver.

A fonte do brilho está além das montanhas, como se o sol, ao se pôr, houvesse ido para o lado errado e ficado preso ali. Você sabe o que está causando esse brilho. Deve ser uma coisa incrível de ver de perto, aquela grande fenda terrível cuspidando fogo no céu, exceto pelo fato de que você nunca vai *querer* vê-la.

E você não vai ver, porque está indo para o sul. Mesmo que Jija não houvesse ido naquela direção de início, com certeza teria virado para o sul depois que o tremor vindo do norte passou. É o único caminho sensato a seguir.

Claro que um homem que espancou o filho até a morte pode não se encaixar mais sob o rótulo de *sensato*. E uma mulher que

encontrou esse filho e parou de pensar por três dias... Hum, você também não. No entanto, não há nada a fazer a não ser seguir sua loucura.

Você comeu algo da sua mochila: pão armazenado com pasta salgada de akaba do pote que você colocou ali há muito tempo e uma família atrás. A akaba demora para estragar depois de aberta, mas não para sempre e, agora que você abriu, vai ter que comê-la nas próximas refeições até terminar. Tudo bem porque você gosta. Você bebeu água do cantil que encheu alguns quilômetros antes, no poço motorizado de uma hospedaria. Havia pessoas lá, várias dezenas, algumas acampando ao redor da hospedaria e algumas apenas parando rapidamente naquele lugar. Todos tinham a expressão que você está começando a identificar como um pânico que se instala aos poucos. Porque todos começaram enfim a entender o que o tremor e o brilho vermelho e o céu cheio de nuvens significam, e estar do lado de fora dos portões de uma comunidade em um momento desses, a longo prazo, é uma sentença de morte, exceto para um punhado que esteja disposto a se tornar brutal o bastante ou depravado o bastante para fazer o que têm que ser feito. Mesmo esses só têm uma chance de sobrevivência.

Nenhuma das pessoas na hospedaria quis acreditar que era capaz disso, você viu quando deu uma olhada em volta, avaliando rostos e roupas e corpos e ameaças. Nenhuma delas parecia fetichista da sobrevivência ou pretendente a senhor da guerra. O que você viu na hospedaria foram pessoas comuns, alguns ainda cobertos de sujeira depois de conseguirem sair de baixo da terra que havia deslizado ou de dentro de prédios que haviam desabado, alguns com sangue ainda escorrendo de ferimentos enfaixados ao acaso ou totalmente não tratados. Viajantes, pegos longe de casa; sobreviventes, cujas casas não existem mais. Você viu um velho ainda vestindo uma camisola meio esfarrapada e empoeirada de um lado, sentado com um jovem trajando apenas uma camiseta comprida com manchas de sangue, os dois com os olhos fundos de tristeza. Você viu duas mulheres abraçadas, balançando-se de leve em um esforço para se confortar. Você viu um homem da sua idade, com o olhar de um Costa-forte, que fitava firmemente suas mãos

grandes de dedos grossos e talvez se perguntava se era sadio o bastante, jovem o bastante, para conseguir um lugar em alguma parte.

Essas são as histórias para as quais o Saber das Pedras a preparou, trágicas como são. Não há nada no Saber das Pedras sobre maridos matando filhos.

Você está encostada em uma velha estaca que alguém cravou contra a colina, talvez os restos de uma cerca que terminava aqui, começando a adormecer com as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta e os joelhos dobrados, próximos ao peito. E então, aos poucos, você se dá conta de que algo mudou. Não há nenhum ruído para alertá-la, a não ser o do vento e o dos pequenos espinhos e o farfalhar da grama. Nenhum cheiro se sobressai ao leve odor de enxofre ao qual você já se acostumou. Mas há alguma coisa. Alguma outra coisa. Lá fora.

Alguma outra *pessoa*.

Você abre os olhos de uma vez, e metade da sua mente recai sobre a terra, pronta para matar. O resto da sua mente fica paralisado, porque, a poucos metros de distância, sentado na grama de pernas cruzadas e olhando para você, está um menininho.

Você não percebe o que ele é a princípio. Está escuro. *Ele* é escuro. Você se pergunta se ele é de uma comu costeira do leste. Mas o cabelo dele se mexe um pouco quando o vento sussurra de novo, e você consegue ver que parte dele é liso como a grama ao seu redor. Costeiro do oeste, então? O resto dos fios parece assentado com... pomada para cabelo ou algo parecido. Não. Você é mãe. É sujeira. Ele está coberto de sujeira.

Maior do que Uche, não tão grande quanto Nassun, então talvez seis ou sete anos. Você na verdade não sabe ao certo se ele é ele; a confirmação disso virá mais tarde. Por ora, você decide que é. Ele está sentado de um modo encurvado que ficaria estranho em um adulto e é perfeitamente normal em uma criança que não recebeu ordens para se sentar direito. Você o encara por um instante. Ele a encara de volta. Você consegue enxergar o brilho pálido de seus olhos.

— Oi — diz ele. Uma voz de menino, alta e alegre. Boa decisão.

— Oi — você responde por fim. Há histórias de terror que começam assim, com bandos de ferozes crianças sem-comu que acabam por se revelar canibais. Todavia, é um pouco cedo para essas coisas, considerando que a Estação acabou de começar. — De onde você veio?

Ele encolhe os ombros. Sem saber, talvez sem se importar.

— Qual é o seu nome? O meu é Hoa.

É um nome pequeno e estranho, mas o mundo é um lugar grande e estranho. No entanto, é mais estranho ainda que ele dê apenas um nome. Ele é novo o bastante para não ter um nome de comu ainda, mas teria que ter herdado o nome de uso do pai.

— Só Hoa?

— ã-hã. — Ele faz que sim com a cabeça, gira para um lado e coloca no chão algum tipo de embrulho, batendo de leve nele como que para se certificar de que está seguro. — Posso dormir aqui?

Você olha ao redor, sensa ao redor, e ouve. Nada se move exceto a grama, não há ninguém em volta exceto o menino. Não explica como ele se aproximou de você em silêncio absoluto, mas ele é pequeno, e você sabe por experiência que crianças pequenas podem ficar muito quietas quando querem. Entretanto, isso geralmente significa que estão tramando algo.

— Quem mais está com você, Hoa?

— Ninguém.

Está escuro demais para ele ver que você estreitou os olhos, mas de algum modo ele reage a isso mesmo assim, inclinando-se para a frente.

— É verdade! Sou só eu. Vi outras pessoas à beira da estrada, mas não gostei delas. Eu me escondi delas. — Uma pausa. — Gosto de você.

Que gracinha.

Suspirando, você enfia as mãos de volta nos bolsos e sai do estado de terra-prontidão. O garoto relaxa um pouco, isso você consegue ver, e começa a se deitar direto no chão.

— Espere — você diz e estende o braço para pegar a sua mochila. Então, você joga um saco de dormir para ele. Ele o pega e parece confuso por alguns instantes, depois entende. Ele o



desenrola com alegria e então se encolhe em cima dele, como um gato. Você não se importa tanto a ponto de corrigi-lo.

Talvez esteja mentindo. Talvez seja uma ameaça. Você o fará ir embora de manhã, porque não precisa da companhia de uma criança; ele vai atrasá-la. E alguém deve estar procurando por ele. Uma mãe, em algum lugar, cujo filho não está morto.

Por esta noite, entretanto, você consegue ser humana por um algum tempo. Então, se encosta na estaca e fecha os olhos para dormir.

As cinzas começam a cair de manhã.



ELES SÃO UMA COISA MISTERIOSA, VOCÊ ENTENDE, UMA COISA ALQUÍMICA. COMO A OROGENIA, SE A OROGENIA PUDESSE MANIPULAR A ESTRUTURA INFINITESIMAL DA MATÉRIA EM SI EM VEZ DE MONTANHAS. OBVIAMENTE, POSSUEM ALGUM TIPO DE PARENTESCO COM A HUMANIDADE, O QUE ESCOLHEM RECONHECER NA FORMA SEMELHANTE A UMA ESTÁTUA QUE VEMOS COM MAIS FREQUÊNCIA, MAS ACONTECE QUE PODEM TOMAR OUTRAS FORMAS. JAMAIS SABERÍAMOS.

— *UML INOVADOR ALLIA, “TRATADO SOBRE SENCIENTES NÃO HUMANOS”, SEXTA UNIVERSIDADE, ANO IMPERIAL 2323/ANO DOIS DA ESTAÇÃO ÁCIDA*



## 6

### *Damaya, parando aos poucos*

Os primeiros dias na estrada com Schaffa foram monótonos. Não chatos. Há partes chatas, como quando a Estrada Imperial pela qual viajam passa por plantações de pés de kirga ou de samishet, ou quando as plantações dão lugar a trechos de floresta sombria tão silenciosos e próximos que Damaya quase não ousa falar de medo de irritar as árvores. (Nas histórias, as árvores estão sempre bravas.) Mas até isso é novidade, porque Damaya nunca passou do limite de Palela, nem mesmo chegou até Brevard com o Pai e com Chaga em época de venda. Ela tenta não parecer uma completa caipira, olhando boquiaberta para cada coisa estranha pela qual passam, mas às vezes não consegue evitar, mesmo quando ouve as risadinhas de Schaffa vindo de trás. Ela não consegue se importar com o fato de que ele está rindo dela.

Brevard é apertada e estreita e alta de um modo que ela nunca vivenciou antes, então se debruça na sela enquanto entram cavalgando na cidade, olhando para os ameaçadores edifícios dos dois lados da rua e se perguntando se eles desmoronam em cima dos transeuntes. Ninguém mais parece perceber que esses edifícios são ridiculamente altos e amontoados uns contra os outros, então isso deve ter sido feito de propósito. Há dezenas de pessoas perambulando por lá, embora o sol já tenha se posto, e, na sua opinião, todos deveriam estar se preparando para dormir.

Mas ninguém está. Eles passam por um edifício tão iluminado por lamparinas e tão ruidoso com risadas estridentes que ela fica curiosa o bastante para perguntar sobre ele.

— Um tipo de hospedaria — responde Schaffa, e depois ele dá uma risadinha, como se ela tivesse feito a pergunta que está em sua mente. — Mas não vamos ficar nessa aí.

— É mesmo muito barulhenta — concorda ela, tentando parecer entendida.

— Hum, é, isso também. Mas o maior problema é que não é um bom lugar para trazer crianças. — Ela espera, mas ele não explica melhor. — Nós vamos a um lugar onde já fiquei várias vezes. A comida é decente, as camas são limpas e é pouco provável que nossos pertences sumam antes da manhã.

Assim, eles passam a primeira noite de Damaya em uma hospedaria. Ela fica chocada com tudo: jantar em um salão cheio de estranhos, comendo uma comida que tem um sabor diferente da que seus pais ou Chaga faziam, tomar banho em uma grande bacia de cerâmica com fogo debaixo dela em vez de banhar-se na cozinha em um barril impermeável cheio de água fria até a metade, dormir em uma cama maior do que a dela e a de Chaga juntas. A cama de Schaffa é maior ainda, o que é adequado porque ele é enorme, mas ela fica boquiaberta mesmo assim quando ele arrasta o móvel pela porta do quarto da hospedaria. (Isso, pelo menos, é familiar; o Pai fazia a mesma coisa às vezes quando havia rumores de pessoas sem-comu pelas estradas ao redor da cidade.) Ele aparentemente pagou a mais pela cama maior.

— Eu me remexo como um terremoto quando durmo — diz ele, sorrindo como se isso fosse um tipo de piada. — Se a cama for muito estreita, vou rolando para o chão.

Ela não faz ideia do que ele quer dizer até o meio daquela noite, quando acorda e ouve Schaffa gemendo e se debatendo durante o sono. Se é um pesadelo, é um terrível e, por algum tempo, ela fica pensando se deveria se levantar e tentar acordá-lo. Ela odeia pesadelos. Mas Schaffa é um adulto, e adultos precisam da sua noite de sono; é o que seu pai dizia sempre que ela ou Chaga faziam alguma coisa que o acordava. O Pai sempre ficava bravo por conta disso também, e ela não queria que Schaffa ficasse bravo

com ela. Então, ela fica ali, ansiosa e indecisa, até que ele realmente grita algo ininteligível e parece que está morrendo.

— O senhor está acordado? — pergunta ela bem baixinho, porque ele obviamente não está, mas, no instante em que ela fala, ele acorda.

— O que foi? — ele parece rouco.

— O senhor estava... — Ela não sabe ao certo o que dizer. *Tendo um pesadelo* parece algo que sua mãe lhe diria. Alguém fala isso para adultos tão grandes e fortes como Schaffa? — Fazendo um barulho — ela termina.

— Roncando? — Ele solta um longo e cansado suspiro no escuro. — Desculpe. — Depois ele se vira e fica em silêncio o resto da noite.

Durante a manhã, Damaya se esquece de que isso aconteceu, pelo menos por um bom tempo. Eles se levantam e comem parte da comida que deixaram na porta em uma cesta e levam o restante consigo quando retomam a viagem em direção a Yumenes. À luz do instante pouco-depois-do-alvorecer, Brevard fica menos aterrorizante e estranha, talvez porque agora possa ver pilhas de estrume de cavalo nas sarjetas e menininhos carregando varas de pescar e tratadores bocejando enquanto erguem caixotes e fardos de feno. Há moças carregando baldes de água em carrinhos até o balneário local para serem aquecidos, e rapazes despidos até a cintura para bater manteiga ou socar arroz em galpões atrás dos grandes edifícios. Todas essas coisas são familiares e a ajudam a ver que Brevard é apenas uma versão maior de uma cidade pequena. Seus habitantes não são diferentes de Mia Querida ou Chaga, e, para as pessoas que moram aqui, Brevard provavelmente é tão familiar e entediante quanto lhe parecia Palela.

Eles cavalgam durante metade do dia e param para descansar, depois cavalgam pelo resto do dia até Brevard ficar bem longe e não haver nada exceto um rochoso e feio terreno quebrado em um raio de quilômetros. Há uma falha ativa por perto, explica Schaffa, produzindo grandes quantidades de terra ao longo de anos e décadas, por isso em alguns lugares o chão parece meio que *levantado* e nu.

— Essas pedras não existiam dez anos atrás — diz ele, apontando para uma pilha enorme de pedras fragmentadas de um tom cinza esverdeado e que parecem afiadas e, de algum modo, úmidas. — Mas houve um tremor grave... de grau nove. Ou pelo menos foi o que ouvi dizer; eu estava viajando em outro distritante. Porém, olhando para isso, eu acredito.

Damaya concorda. O Velho Pai Terra parece mais próximo aqui do que em Palela... Ou não *mais próximo*, não é essa a palavra, mas ela não sabe qual serviria melhor. Mais fácil de tocar, se ela fosse fazer isso. E, e... parece... frágil, de certa maneira, a terra ao redor deles. Como uma casca de ovo amarrada com linhas finas que mal podem ser vistas, mas que ainda são sinais de morte iminente para o pintinho ali dentro.

Schaffa cutuca Damaya com a perna.

— Não.

Surpresa, Damaya não pensa em mentir.

— Eu não estava fazendo nada.

— Você estava ouvindo a terra. Isso é alguma coisa.

Como Schaffa sabe? Ela se encolhe um pouco na sela, sem saber ao certo se deveria pedir desculpas. Remexendo-se, ela pousa as mãos no cabeçote da sela, o que é estranho, porque a sela é enorme, como tudo o que pertence a Schaffa. (Menos ela.) Mas precisa fazer *alguma coisa* para se distrair e não ouvir de novo. Depois de um minuto assim, Schaffa suspira.

— Acho que não posso esperar nada melhor do que isso — diz ele, e a decepção em seu tom de voz a incomoda de imediato. — Não é culpa sua. Sem treinamento, você é como... lenha seca e, neste exato momento, estamos passando por um fogaréu crepitante que está soltando faíscas. — Ele parece estar pensando. — Uma história ajudaria?

Uma história seria algo maravilhoso. Ela aquiesce, tentando não parecer ávida demais.

— Tudo bem — concorda Schaffa. — Você já ouviu falar de Shemshena?

— Quem?

Ele chacoalha a cabeça.

— Pelos fogos de terra, essas pequenas comus latmedianas! Não te ensinaram nada nessa sua creche? Nada além de saberes populares e cálculo, imagino, e esse último só para você poder calcular o plantio dos cultivos e coisas assim.

— Não sobra tempo para aprender mais do que isso — diz Damaya, sentindo-se estranhamente compelida a defender Palela. — As crianças das comus equatoriais provavelmente não precisam ajudar na colheita...

— Eu sei, eu sei. Mas ainda assim é uma pena. — Ele se remexe, ajeitando-se de maneira mais confortável na sela. — Muito bem, não sou nenhum sabedorista, mas vou te contar sobre Shemshena. Muito tempo atrás, durante a Estação dos Dentes... Essa foi, hum, a terceira Estação depois que Sanze foi fundada, talvez há duzentos anos? Um orogene chamado Misalem decidiu matar o imperador. Isso foi na época em que o imperador realmente fazia coisas, veja bem, e muito tempo antes de estabelecerem o Fulcro. A maioria dos orogenes não tinha treinamento apropriado naquele tempo; como você, eles agiam totalmente com base na emoção e no instinto, nas raras ocasiões em que conseguiam sobreviver à infância. Misalem havia conseguido não só sobreviver à infância, mas também se treinar. Ele tinha um controle esplêndido, talvez a um nível quatro ou cinco anéis...

— O quê?

Ele cutuca sua perna outra vez.

— Classificações usadas pelo Fulcro. Pare de interromper. Damaya fica vermelha e obedece.

— Controle esplêndido — continua Schaffa — que Misalem prontamente usou para matar cada alma viva em vários vilarejos e cidades, e mesmo em alguns aglomerados sem-comu. Milhares de pessoas no total.

Damaya inspira o ar, horrorizada. Nunca lhe ocorreu que roggas... Ela para. Ela. *Ela* é uma roggas. De repente, ela não gosta da palavra, a qual ouviu durante a maior parte da vida. É um palavrão que ela não deve dizer, apesar de os adultos proferirem o termo por aí livremente. E, de repente, parece-lhe mais feio do que antes.

Orogenes, então. É terrível saber que orogenes podem matar tantas pessoas com tanta facilidade. Mas ela supõe que é por isso que eles são odiados.

Ela. É por isso que *e/a* é odiada.

— Por que ele fez isso? — pergunta ela, esquecendo-se de que não deveria interromper.

— Por que de verdade? Talvez ele seja meio louco. — Schaffa se abaixa de modo que ela possa ver seu rosto, entortando os olhos e mexendo as sobrancelhas. Isso é tão engraçado e inesperado que Damaya solta uma risadinha, e Schaffa lhe dá um sorriso conspiratório. — Ou talvez Misalem fosse simplesmente mau. Independente disso, ao se aproximar de Yumenes, ele mandou uma mensagem antes de chegar, ameaçando destruir a cidade inteira se seu povo não enviasse o imperador para encontrá-lo e morrer. O povo ficou triste quando o imperador anunciou que ia acatar os termos de Misalem... Mas ficaram aliviados também, porque o que mais poderiam fazer? Eles não faziam ideia de como lutar contra um orogene com tamanho poder. — Ele suspira. — Mas, quando o imperador chegou, não estava sozinho: com ele vinha uma única mulher. Sua guarda-costas, Shemshena.

Damaya se remexe um pouco, entusiasmada.

— Ela devia ser muito boa, se era guarda-costas do imperador.

— Ah, ela era... uma lutadora renomada das melhores linhagens sanzéd. Além do mais, ela era da casta de uso Inovadora e, portanto, havia estudado orogenes e entendia um pouco sobre como seus poderes funcionavam. Então, antes da chegada de Misalem, ela fez todos os cidadãos de Yumenes saírem do vilarejo. Eles levaram consigo todo o gado e toda a safra. Até cortaram as árvores e os arbustos e os queimaram, queimaram suas casas, depois apagaram os focos de incêndio para deixar apenas cinzas frias e molhadas. Essa é a natureza do seu poder, entende: transferência cinética, catálise sensunal. Não se move uma montanha só com a vontade.

— O que é...

— Não, não — Schaffa a interrompe de modo gentil. — Há muitas coisas que preciso te ensinar, pequenina, mas essa parte você vai aprender no Fulcro. Deixe-me terminar.

Relutante, Damaya se cala.

— Vou dizer o seguinte. Parte da força de que precisa, quando enfim aprender a usar seu poder de modo apropriado, virá de dentro de você. — Schaffa toca a sua nuca como fez daquela vez no celeiro, dois dedos pouco acima da linha do seu cabelo, e ela dá um pulinho porque surge um tipo de faísca quando ele faz isso, como estática. — A maior parte dele, no entanto, deve vir de outro lugar. Se a terra já estiver se mexendo ou se o fogo sob a terra estiver na superfície ou perto dela, você pode usar essa força. Você está *destinada* a usar essa força. Quando o Pai Terra se mexe, ele libera tanto poder bruto que pegar um pouco não faz nenhum mal nem a você nem a mais ninguém.

— O ar não fica frio? — Damaya tenta, tenta de verdade, refrear a curiosidade, mas a história é boa demais. E a ideia de usar a orogenia de uma forma segura, que não vá causar nenhum dano, é muito intrigante. — Ninguém morre?

Ela o sente aquiescer.

— Não quando você usa o poder da terra. Mas é claro que o Pai Terra nunca se mexe quando a gente quer. Quando não há nenhum poder da terra por perto, um orogene ainda pode fazer a terra se mexer, mas apenas pegando o calor e a força e o movimento necessários das coisas à sua volta. Qualquer coisa que se mova ou tenha calor: fogueiras, água, ar, até mesmo pedras. E seres vivos, claro. Shemshena não podia fazer o chão ou o ar desaparecerem, mas podia fazer desaparecer todo o resto, e fez. Quando ela e o imperador se encontraram com Misalem nos portões de obsidiana de Yumenes, eles eram os únicos seres vivos na cidade, e não havia sobrado nada do vilarejo exceto os muros.

Damaya inspira o ar, admirada, tentando imaginar Palela vazia e despida de cada arbusto e de cada bode de quintal, sem conseguir.

— E todo mundo simplesmente... foi? Porque ela falou?

— Bem, foram porque o imperador falou, mas sim. Yumenes era muito menor naquela época, mas ainda assim era uma grande realização. No entanto, ou faziam isso, ou permitiam que um monstro os tornasse reféns. — Schaffa encolhe os ombros. — Misalem declarou que não tinha desejo de governar no lugar do



imperador, mas quem poderia acreditar nele? Nada vai deter um homem disposto a ameaçar uma cidade para conseguir o que quer.

Isso faz sentido.

— E ele não sabia o que Shemshena tinha feito até chegar a Yumenes?

— Não, ele não sabia. O incêndio já havia terminado quando ele chegou; o povo havia viajado para outra direção. Então, quando Misalem enfrentou o imperador e Shemshena, ele buscou o poder para destruir a cidade... e não encontrou quase nada. Nenhum poder, nenhuma cidade para destruir. Naquele momento, enquanto Misalem se atrapalhava e tentava usar qualquer migalha de calor que conseguisse sugar do solo e do ar, Shemshena arremessou uma faca de vidro no centro da espiral do seu poder. Isso não o matou, mas o distraiu o bastante para interromper sua orogenia, e Shemshena cuidou do resto com sua outra faca. Assim acabou a maior ameaça do Velho Império Sanze... Perdão, da *Afiliação Equatorial Sanzed*.

Damaya estremece, encantada. Ela não ouvia uma história tão boa há muito tempo. E é verdade? Melhor ainda. Ela sorri timidamente para Schaffa.

— Eu gostei dessa história.

Ele é bom em contar histórias também. Sua voz é tão grave e aveludada. Ela podia ver tudo em sua mente enquanto ele falava.

— Achei que talvez gostasse. Essa foi a origem dos Guardiões, sabe. Do mesmo modo como o Fulcro é uma ordem de orogenes, nós somos a ordem que *vigia* o Fulcro. Pois sabemos, como Shemshena sabia, que, apesar de todo o seu terrível poder, vocês não são invencíveis. Vocês podem ser derrotados.

Ele dá palmadinhas nas mãos de Damaya, que estão sobre o cabeçote da sela, e ela não se remexe mais, já não gostando tanto da história. Enquanto ele a contava, ela se imaginou como Shemshena, enfrentando bravamente um inimigo terrível e derrotando-o com inteligência e habilidade. A cada *vocês e seu* que Schaffa pronuncia, porém, ela começa a entender: ele não a vê como uma Shemshena em potencial.

— E, portanto, nós Guardiões treinamos — continua ele, talvez sem perceber que ela se aquietou. Eles adentraram bastante pelo

terreno quebrado agora; superfícies rochosas íngremes e irregulares, tão altas quanto os edifícios em Brevard, emolduram os dois lados da estrada até onde a vista alcança. Quem quer que tenha construído a estrada deve tê-la escavado de algum modo a partir da própria terra. — Nós treinamos — ele diz — como fez Shemshena. Aprendemos como funciona o poder orogênico e encontramos maneiras de usar esse conhecimento contra vocês. Observamos aqueles entre os de sua espécie que poderiam se tornar os próximos Misalems e os eliminamos. Do resto, nós cuidamos. — Ele se inclina para sorrir para ela de novo, mas Damaya não sorri de volta desta vez. — Sou seu Guardião agora, e é meu dever garantir que você permaneça útil, que jamais se torne nociva.

Quando ele se endireita e fica em silêncio, Damaya não o instiga a contar outra história, como poderia ter feito. Ela não gosta da que ele contou, não mais. E agora, de alguma forma, de repente tem certeza: ele não *pretendia* que ela gostasse.

O silêncio perdura enquanto o terreno quebrado enfim começa a ficar menos acidentado, transformando-se em encostas verdes e onduladas. Não há nada aqui: nem fazendas, nem pastos, nem florestas, nem vilarejos. Há vestígios de que um dia pessoas moraram aqui: ela vê à distância uma elevação em ruínas coberta de musgo que talvez pudesse ser um silo caído, se silos fossem do tamanho de montanhas. E outras estruturas, regulares e pontudas demais para serem naturais, deterioradas e estranhas demais para ela reconhecer. Ruínas, ela percebe, de alguma cidade que deve ter morrido muitas, muitas Estações atrás, para haver sobrado tão pouco dela agora. E, para além das ruínas, indistinto contra o horizonte cheio de nuvens, um obelisco da cor de uma nuvem de trovoadas cintila ao virar-se devagar.

Sanze é a única nação que sobreviveu intacta a uma Quinta Estação... Não apenas uma vez, mas sete. Ela aprendeu isso na creche. Sete eras nas quais a terra se partiu em algum lugar e lançou cinzas ou gás mortífero no ar, resultando em um inverno sem luz que durou anos ou décadas em vez de meses. Comus individuais sobreviviam às Estações com frequência, se estivessem preparadas. Se tivessem sorte. Damaya conhece o Saber das

Pedras, que é ensinado a todas as crianças mesmo em um pequeno fim de mundo como Palela. *Primeiro vigie os portões*. Mantenha as provisões limpas e secas. Obedeça ao saber, faça as escolhas difíceis e talvez, quando a Estação acabar, haverá pessoas que se lembrem de como a civilização deveria funcionar.

Mas só uma vez na história que se conhece é que uma nação inteira, *muitas* comus todas trabalhando juntas, sobreviveu. Até prosperou repetidas vezes, ficando maior e mais forte a cada cataclismo. Porque as pessoas de Sanze são mais fortes e mais inteligentes do que todas as outras.

Olhando para o distante obelisco tremeluzente, Damaya pensa: *mais inteligentes do que as pessoas que construíram aquilo?*

Devem ser. Sanze ainda está aqui, e o obelisco é só mais um vestígio de uma civextinta.

— Você está calada agora — diz Schaffa depois de um tempo, dando palmadinhas nas mãos dela, que estão sobre o cabeçote da sela, para tirá-la de seu devaneio. A mão dele tem mais que o dobro do tamanho da dela, quente e reconfortante em sua enormidade. — Ainda está pensando na história?

Ela esteve tentando não pensar, mas claro que pensou.

— Um pouco.

— Você não gosta que Misalem seja o vilão da história. Que você seja como Misalem: uma ameaça em potencial, sem uma Shemshena para controlá-la. — Ele diz isso com total naturalidade, não em tom de pergunta.

Damaya se remexe. Como é que ele sempre parece saber o que ela está pensando?

— Não quero ser uma ameaça... — diz ela em voz baixa. Depois, muito audaciosa, acrescenta: — Mas não quero ser... controlada... também. Quero ser... — Ela procura as palavras, então se lembra de algo que seu irmão certa vez lhe disse sobre o que significava crescer. — *Responsável*. Por mim mesma.

— Um desejo admirável — diz Schaffa. — Mas o fato, Damaya, é que você *não consegue* se controlar. Não é da sua natureza. Você é um raio, perigoso a não ser que seja capturado por fios. Você é uma fogueira, uma luz cálida em uma noite escura e fria, com

certeza, mas também um incêndio que pode destruir tudo em seu caminho...

— Não vou destruir ninguém! Não sou má desse jeito! — De repente é muita coisa. Damaya tenta se virar para olhar para ele, embora isso a faça perder o equilíbrio e escorregar na sela. Schaffa imediatamente a empurra de volta ao lugar, voltada para a frente, com um gesto firme que fala sem palavras: *sente-se direito*. Damaya faz isso, segurando o cabeçote com mais firmeza em meio à frustração. E aí, porque ela está cansada e brava e sua bunda está doendo por estar três dias no lombo de um cavalo e porque sua vida inteira deu *errado* e de repente lhe ocorre que nunca mais vai ser normal, ela fala mais do que queria. — E, de qualquer modo, não preciso que me controle. Eu posso me controlar!

Schaffa usa a rédea para frear o cavalo, que resfolega.

Damaya fica tensa de medo. Ela foi insolente com ele. Sua mãe sempre lhe dava um tapa na cabeça quando ela fazia isso em casa. Será que Schaffa vai lhe dar um tapa agora? Mas Schaffa soa tão agradável como de costume quando pergunta:

— Pode mesmo?

— O quê?

— Controlar-se? É uma questão importante. A *mais* importante, na verdade. Pode?

— Eu... eu não... — diz Damaya em voz baixa.

Schaffa coloca uma das mãos em cima das mãos dela, no ponto onde estão apoiadas sobre o cabeçote da sela. Pensando que talvez ele queira descer do cavalo, ela começa a soltar para ele segurar a sela. Ele aperta sua mão direita para mantê-la no lugar, embora deixe a esquerda livre.

— Como eles a descobriram?

Ela sabe, sem ter que perguntar, o que ele quer dizer.

— Na creche — responde ela baixinho. — No almoço. Eu estava... Um menino me empurrou.

— O empurrão a machucou? Você ficou com medo ou com raiva?

Ela tenta se lembrar. Parece que faz tanto tempo, aquele dia no pátio.

— Com raiva. — Mas isso não foi tudo, foi? Zab era maior do que ela. Ele estava sempre *atrás* dela. E a havia machucado, só um pouquinho, quando ele a empurrou. — Com medo.

— Sim. É uma coisa de instinto, a orogenia, surgida da necessidade de sobreviver a uma ameaça mortal. Esse é o perigo. Medo de um valentão, medo de um vulcão; o poder dentro de você não distingue. Ele não reconhece o *grau*.

Enquanto Schaffa explica, suas mãos ficam mais pesadas e mais apertadas sobre as dela.

— Seu poder age para protegê-la da mesma maneira, não importa o quanto seja poderosa ou pequena a ameaça percebida. Você deveria saber, Damaya, quanta sorte tem: é comum um orogene descobrir o que é ao matar um parente ou um amigo. As pessoas que nos amam são as que mais nos machucam, no final das contas.

Ele está chateado, ela pensa de início. Talvez esteja pensando em algo terrível... No que quer que seja que o faz se debater e gemer de noite. Será que alguém matou um familiar ou um amigo dele? Será que é por isso que a mão dele faz tanta pressão sobre a dela?

— Schaffa — diz ela, subitamente assustada. Ela não sabe por quê.

— Shhh — ele retruca e ajusta os dedos, alinhando-os com cuidado aos dela. Então, ele faz mais força, de modo que o peso de sua mão pressiona os ossos da palma da mão dela. Ele faz isso de propósito.

— Schaffa! — Aquilo dói. Ele *sabe* que dói. Mas não para.

— Pronto, pronto... Acalme-se, pequenina. Tudo bem, tudo bem. — Quando Damaya choraminga e tenta recolher a mão; ela *dói*, o aperto contínuo da mão dele, o inexorável metal frio do cabecote, seus ossos no ponto onde esmagam sua carne; Schaffa suspira e passa o braço desocupado em torno de sua cintura. — Fique parada, seja corajosa. Vou quebrar a sua mão agora.

— O qu...

Schaffa faz alguma coisa que enrijece suas coxas por conta do esforço e estufa seu peito, empurrando-a para a frente, mas ela mal nota essas coisas. Toda a sua consciência está concentrada em sua

mão; e a mão dele, o horrível *estalo* úmido e o deslocamento de coisas que nunca se mexeram antes. A dor causada é penetrante e imediata e tão forte que ela *grita*. Ela arranha a mão dele com a sua livre, com desespero e sem pensar, cravando as unhas. Ele afasta a mão dela que está solta e a pressiona contra a coxa dela, de forma que só arranhe a si mesma.

E, em meio à dor, ela de repente percebe a paz fria e reconfortante da pedra sob a pata do cavalo.

A pressão diminui. Schaffa levanta sua mão quebrada, ajustando o modo como a segura para que ela possa ver o estrago. Ela continua gritando, em grande parte devido ao puro horror de ver *sua mão* torcida de uma maneira que não deveria estar, a pele com proeminências e hematomas em três lugares como se fosse outra série de juntas, os dedos já se enrijecendo em espasmos.

A pedra chama. Bem lá dentro dela existe calor e poder que podem fazê-la esquecer a dor. Ela quase busca essa promessa de alívio. E então hesita.

*Você pode se controlar?*

— Você poderia me matar — Schaffa lhe diz ao ouvido e, apesar de todo o resto, ela se cala para ouvi-lo. — Busque o fogo dentro da terra ou sugue a força de tudo o que está à sua volta. Estou sentado ao alcance da sua espiral. — Isso não tem significado algum para ela. — Este é um lugar ruim para a orogenia, considerando que você não tem nenhum treinamento... Um erro e você moverá a falha embaixo de nós, provocando um tremor e tanto. Isso a matará também. Mas, se conseguir sobreviver, estará livre. Encontre uma comu em algum lugar e implore para entrar nela ou junte-se a um bando de sem-comu e faça o melhor que puder. Você pode esconder o que é se for esperta. Por certo período. Nunca dura muito, e será uma ilusão, mas, por algum tempo, poderá se sentir normal. Sei que quer isso mais do que qualquer coisa.

Damaya mal ouve. A dor pulsa pela sua mão, pelo seu braço, pelos seus dentes, aniquilando qualquer sensação sutil. Quando ele para de falar, ela faz um barulho e tenta recolher a mão outra vez. Os dedos dele enrijecem como aviso, e ela para de se mexer de imediato.

— Muito bom — ele diz. — Você se controlou por meio da dor. A maioria dos orogenes jovens não consegue fazer isso sem treinamento. Agora vem o verdadeiro teste. — Ele ajusta o modo como está segurando a mão dela, a mão grande envolvendo a menor. Damaya se encolhe, mas esse aperto é suave. Por enquanto. — Sua mão está quebrada em pelo menos três pontos, eu diria. Se for imobilizada com uma tala, e se você tomar cuidado, ela provavelmente pode se curar sem nenhum dano permanente. Se eu esmagá-la, no entanto...

Ela não consegue respirar. O medo preencheu seus pulmões. Ela solta o resto de ar que tem na garganta e consegue transformá-lo em uma palavra redonda:

— Não!

— *Nunca diga não para mim* — diz ele. As palavras são quentes em contato com sua pele. Ele se inclinou para sussurrá-las ao ouvido dela. — Orogenes não têm direito de dizer não. Sou seu Guardião. Vou quebrar cada osso da sua mão, cada osso do seu *corpo*, se eu considerar necessário para manter o mundo a salvo de você.

Ele não esmagaria sua mão. Por quê? Não esmagaria. Enquanto ela treme em silêncio, Schaffa passa o polegar sobre os nós inchados que começaram a se formar nas costas da mão dela. Há algo de *contemplativo* em seu gesto, algo *curioso*. Damaya não consegue olhar. Ela fecha os olhos, sentindo as lágrimas rolarem em abundância de seus cílios. Ela está com náusea e com frio. O som de seu sangue martela nos ouvidos.

— Por... por quê? — Sua voz soa irregular. É preciso esforço para respirar. Parece impossível que isso esteja acontecendo, em uma estrada no meio do nada, em uma tarde ensolarada e silenciosa. Ela não entende. Sua família lhe mostrou que o amor é uma mentira. Não é sólido como uma rocha; em vez disso, ele se dobra e se dissolve, fraco como metal enferrujado. Mas ela pensou que Schaffa *gostasse* dela.

Schaffa continua alisando sua mão quebrada.

— Eu amo você — ele diz.

Ela se encolhe, e ele a tranquiliza com um suave “shhh” ao ouvido, enquanto continua alisando com o polegar a mão que

quebrou.

— Nunca duvide que a amo, pequenina. Pobre criatura trancada em um celeiro, sentindo tanto medo de si mesma que mal ousa falar. E, entretanto, existe o fogo da astúcia dentro de você, junto com o fogo da terra, e eu não posso deixar de admirar ambos, por mais nocivo que este último seja. — Ele balança a cabeça e suspira. — Odeio fazer isso com você. Odeio que seja necessário. Mas, por favor, entenda: eu machuquei você para que você não machuque mais ninguém.

A mão dela *dói*. Seu coração bate e a dor pulsa com ele, ARdor, ARdor, ARdor... Seria tão bom acalmar a dor, sussurra a pedra debaixo dela. Contudo, isso significaria matar Schaffa, a última pessoa no mundo que a ama.

Schaffa acena com a cabeça, como que para si mesmo.

— Precisa saber que nunca vou mentir para você, Damaya. Olhe debaixo do seu braço.

Demora uma eternidade para Damaya abrir os olhos e depois para erguer o outro braço. Quando faz isso, no entanto, vê que na mão livre ele tem um punhal de vidro preto comprido e chanfrado. Uma ponta afiada repousa sobre o tecido da camisa dela, bem abaixo das costelas. Direcionada ao coração dela.

— Resistir a um reflexo é uma coisa. Resistir ao desejo consciente e proposital de matar outra pessoa em legítima defesa ou por qualquer motivo que seja é outra. — Como que para sugerir esse desejo, Schaffa dá uma batidinha de leve com a faca de vidro na lateral do corpo dela. A ponta é afiada o suficiente para espetar mesmo sobre a roupa. — Mas parece que você pode, como disse, controlar-se.

E, com isso, Schaffa tira a faca da lateral do corpo dela, gira-a com habilidade por entre os dedos e coloca-a na bainha do cinto sem olhar. Então, ele toma a mão quebrada da menina entre suas duas mãos.

— Prepare-se.

Ela não consegue, pois não entende o que ele pretende fazer. A dicotomia entre suas palavras gentis e suas ações cruéis a deixou muito confusa. Por isso, ela grita de novo quando Schaffa começa a



metodicamente alinhar cada um dos ossos de sua mão. Isso leva apenas alguns segundos. Parece muito mais.

Quando ela tomba contra ele, atordoada e trêmula e fraca, Schaffa faz o cavalo andar de novo, desta vez em um trote rápido. Damaya já não sente mais dor agora, mal percebendo quando Schaffa segura sua mão machucada com a dele, desta vez aconchegando-a contra o corpo da menina para minimizar encontrões acidentais. Ela não reflete sobre isso. Não pensa em nada, não faz nada, não diz nada. Não sobrou nada dentro dela para dizer.

As colinas verdes ficam para trás, e o terreno fica plano outra vez. Ela não presta atenção, observando o céu e aquele obelisco cinza esfumado, que parece nunca mudar de posição mesmo depois que se passaram quilômetros. Ao redor dele, o céu fica mais azul e começa a escurecer, até inclusive o obelisco se tornar nada mais do que uma mancha mais escura contra as estrelas que estão surgindo. Por fim, quando a luz do sol desaparece no fim de tarde, Schaffa faz o cavalo sair da estrada e apeia para acampar. Ele ergue Damaya do cavalo e a coloca no chão, e ela fica onde foi colocada enquanto ele limpa o chão e arrasta algumas pedrinhas para formar um círculo e fazer uma fogueira. Não há madeira aqui, mas ele tira de suas bolsas vários pedaços de alguma coisa e os usa para acender o fogo. Carvão, a julgar pelo mau cheiro, ou turfa seca. Ela não presta atenção. Apenas fica ali enquanto ele tira a sela do cavalo e cuida do animal, e enquanto estende o saco de dormir e coloca uma panelinha no fogo. O aroma da comida cozinhando logo se sobrepõe ao fedor oleoso da fogueira.

— Quero ir para casa — Damaya deixa escapar. Ela ainda está segurando a mão contra o peito.

Schaffa para de preparar o jantar, depois olha para ela. À luz tremeluzente da fogueira, seus olhos branco-gelo parecem dançar.

— Você não tem mais casa, Damaya. Mas vai ter em breve, em Yumenes. Vai ter professores lá, e amigos. Uma vida nova. — Ele sorri.

Quase toda a mão dela ficou dormiente desde que ele alinhou os ossos, mas resta uma fraca pulsação prolongada. Ela fecha os olhos, desejando que aquilo vá embora. Tudo aquilo. A dor. A mão.

O mundo. O cheiro de algo saboroso paira no ar, mas ela não sente vontade de provar.

— Não quero uma nova vida.

O silêncio a acolhe por um instante, depois Schaffa suspira e se levanta, aproximando-se dela. Ela recua, mas ele se ajoelha diante da menina e coloca as mãos em seus ombros.

— Você tem medo de mim? — ele pergunta.

Por um momento, surge dentro dela o desejo de mentir. Ela imagina que dizer a verdade não vai agradá-lo. Mas ela sente dor demais e está entorpecida demais neste exato instante para temer ou enganar ou querer agradar. Então responde a verdade:

— Tenho.

— Bom. Você deveria ter. Não me arrependo da dor que te causei, pequenina, porque precisava aprender a lição daquela dor. O que você sabe sobre mim agora?

Ela faz que não com a cabeça. Depois se obriga a responder, porque claro que esse é o objetivo.

— Eu tenho que fazer o que você mandar ou vai me machucar.

— E?

Ela fecha ainda mais os olhos. Nos sonhos, isso faz as criaturas más irem embora.

— E — acrescenta ela — você vai me machucar mesmo quando eu obedecer. Se achar que deve.

— Certo. — Ela consegue realmente ouvi-lo sorrir. Ele afasta da bochecha dela uma trança perdida, deixando que as costas dos seus dedos toquem a pele da menina. — O que eu faço não é fortuito, Damaya. Tem a ver com controle. Não me dê nenhum motivo para duvidar do seu, e nunca mais vou machucar você. Entendeu?

Ela não *quer* ouvir as palavras, mas as ouve, mesmo não querendo. E, mesmo não querendo, uma parte dela relaxa só um pouquinho. Porém, ela não responde, então ele diz:

— Olhe para mim.

Damaya abre os olhos. Contra a luz da fogueira, a cabeça dele é uma silhueta escura emoldurada por um cabelo ainda mais escuro. Ela se vira.

Ele segura o rosto dela e a faz virar de volta com firmeza.

— Você entendeu?

Claro que é um aviso.

— Entendi — ela responde.

Satisfeito, ele a solta. Depois, ele a puxa para perto da fogueira e faz um gesto para ela se sentar em uma pedra que ele rolou, o que ela faz. Quando ele lhe dá um pratinho de metal cheio de sopa de lentilha, ela toma de maneira desajeitada, já que não é canhota. Bebe do cantil que ele lhe entrega. É difícil quando ela precisa fazer xixi; ela tropeça pelo solo irregular no escuro e longe da fogueira, o que faz sua mão pulsar, mas consegue. Uma vez que só há um saco de dormir, ela se deita ao seu lado quando ele aponta o lugar. Quando ele lhe diz para dormir, ela fecha os olhos de novo, mas não dorme durante um bom tempo.

Quando dorme, porém, seus sonhos estão repletos de uma dor espasmódica e de uma terra agitada e de um grande buraco de luz branca que tenta engoli-la, e parece que pouco depois Schaffa a acorda aos chacoalhões. Ainda é o meio da noite, embora as estrelas tenham mudado de posição. Ela não se lembra, a princípio, de que ele quebrou sua mão; nesse momento, sorri para ele sem pensar. Ele pisca, depois sorri de volta com uma alegria genuína.

— Você estava fazendo um barulho — diz ele.

Ela passa a língua pelos lábios, não mais sorrindo porque lembrou e porque não quer lhe contar o quanto o pesadelo a assustou. Ou o modo como foi acordada.

— Eu estava roncando? — pergunta ela. — Meu irmão diz que eu faço isso muitas vezes.

Ele a encara por um instante em silêncio, seu sorriso se desvanecendo. Ela está começando a sentir aversão por esses pequenos silêncios. Aversão pelo fato de que não são simples pausas na conversa ou momentos nos quais ele organiza os pensamentos; são testes, embora ela não saiba ao certo do quê. Ele está sempre testando-a.

— Roncando — ele diz enfim. — Sim. Mas não se preocupe. Não vou zombar de você por causa disso como o seu irmão fazia. — E Schaffa sorri, como se fosse para ser engraçado. O irmão que ela não tem mais. Os pesadelos que consumiram sua vida.

Mas ele foi a única pessoa que sobrou a quem ela pode amar, então a menina acena com a cabeça e fecha os olhos outra vez, e relaxa ao lado dele.

— Boa noite, Schaffa.

— Boa noite, pequenina. Que os seus sonhos sejam sempre calmos.



**ESTAÇÃO DA EBULIÇÃO:** DOS ANOS IMPERIAIS 1842 A 1845. SURTIU UM PONTO QUENTE SOB O LAGO TEKKARIS, PULVERIZANDO VAPOR E PARTÍCULAS SUFICIENTES PARA PROVOCAR CHUVA ÁCIDA E OBSTRUÇÃO DO CÉU SOBRE AS LATITUDES DO SUL, AS ANTÁRTICAS E AS COMUS COSTEIRAS DO LESTE. CONTUDO, OS EQUATORIAIS E AS LATITUDES DO NORTE NÃO SOFRERAM NENHUM DANO, GRAÇAS A VENTOS E CORRENTES OCEÂNICAS PREDOMINANTES, ENTÃO OS HISTORIADORES CONTESTAM SE ISSO PODE SER CLASSIFICADO COMO UMA “VERDADEIRA” ESTAÇÃO.

— *As ESTAÇÕES DE SANZE, LIVRO DIDÁTICO PARA O 12º ANO DA CRECHE*



## 7

### *Você mais um é igual a dois*

De manhã você se levanta e segue caminho, e o menino vem com você. Vocês dois caminham com dificuldade para o sul em meio a uma região montanhosa e às cinzas que caem.

A criança é um problema imediato. Está imundo, para começar. Você não pôde ver isso na noite anterior na escuridão, mas ele está completamente coberto por lama seca e lama que está secando, galhos grudados, e sabe a Terra o que mais. Pego em um deslizamento de terra, provavelmente; deslizamentos acontecem muito durante os tremores. Se for esse o caso, tem sorte de estar vivo, mas, ainda assim, quando ele acorda e se espreguiça, você faz uma careta ao ver as manchas e porções de terra que ele deixou em seu saco de dormir. Você demora vinte minutos para perceber que ele está nu debaixo de toda aquela bagunça.

Quando o questiona sobre isso e sobre tudo o mais, ele é reservado. Ele não deveria ter idade suficiente para ser efetivamente reservado, mas é. Não sabe o nome da comu de onde veio ou das pessoas que lhe deram a vida, os quais, ao que parece, “não são muitos” em número. Diz que não tem pais. Não sabe seu nome de uso, o que você tem certeza se tratar de uma mentira descarada. Mesmo que a mãe dele não conhecesse o pai, ele teria herdado a casta de uso dela. Ele é novo e talvez seja órfão, mas não novo demais para saber seu lugar no mundo. Crianças bem

menores do que esse menino entendem esse tipo de coisa. Uche só tinha três anos e sabia que era um Inovador como o pai, e que era por esse motivo que todos os seus brinquedos eram ferramentas e livros e objetos que podiam ser usados para construir coisas. E sabia também que havia assuntos que não podia discutir com ninguém a não ser com a mãe, e mesmo assim apenas quando estivessem sozinhos. Assuntos sobre o Pai Terra e seus sussurros, *bem-lá-embaixo-das-coisas*, como dizia Uche...

Mas você não está pronta para pensar nesse assunto.

Em vez disso, você reflete sobre o mistério de Hoa, porque há tanta coisa sobre o que refletir. Ele é uma coisinha pequena, você percebe quando o menino se levanta; não chega a ter 1,20m de altura. Ele age talvez como um garoto de dez anos, então ou é pequeno para a idade ou seu jeito é velho demais para o seu corpo. Você acha que é essa última opção, embora não saiba ao certo por que pensa assim. Você não sabe muito mais sobre ele, só que provavelmente tem pele mais clara; as partes de onde a lama caiu têm um tom de sujeira cinza, não marrom. Então, talvez ele seja de algum lugar perto das Antárticas ou da costa oeste continental, onde as pessoas são pálidas.

E agora está aqui, a milhares de quilômetros de distância ao norte das Latmedianas do Sul, sozinho e nu. Tudo bem.

Bem, talvez tenha acontecido algo à sua família. Talvez fossem permutadores de comu. Várias pessoas fazem isso, cortam seus vínculos e passam meses ou anos viajando pelo continente, implorando para entrar em uma comu, onde vão se destacar como flores pálidas em um campo pardacento...

Talvez.

Certo.

Seja como for.

Hoa também tem olhos branco-gelo. Branco-gelo de verdade mesmo. Ele a assustou um pouco quando acordou de manhã e olhou para você: toda aquela lama escura ao redor de dois pontos de um azul prateado brilhante. Ele não parece humano, mas as pessoas com olhos branco-gelo raramente parecem. Você ouviu que em Yumenes, entre indivíduos da casta de uso dos Reprodutores, olhos branco-gelo são... eram... especialmente desejáveis. Os

sanzed gostavam do fato de que olhos branco-gelo fossem intimidadores e um pouco assustadores. Eles são. Mas não são os olhos que tornam Hoa assustador.

Ele é excessivamente alegre, para começar. Quando você se levantou na manhã depois que ele a encontrou, o menino já estava acordado e brincando com o seu isqueiro. Não havia nada no campo com que fazer uma fogueira, apenas poa, que teria queimado em segundos, mesmo se você houvesse conseguido encontrar poa seca suficiente, e teria desencadeado uma queimada no processo; então, você não havia tirado o isqueiro da bolsa na noite anterior. Mas ele estava com o objeto, cantarolando despreocupadamente para si mesmo enquanto girava nos dedos a pedra do isqueiro, e isso significava que ele esteve mexendo na sua bolsa. Esse fato não a deixou no melhor dos humores pelo resto do dia. No entanto, a imagem se fixou na sua mente enquanto preparava as suas coisas: uma criança que obviamente havia vivenciado algum desastre, sentada sem roupa no meio de um campo, cercado pelas cinzas que estavam caindo... e, contudo, brincando. Cantarolando, até. E quando a viu acordada e encarando-o, ele sorriu.

Foi por isso que você decidiu ficar com ele, apesar de achar que está mentindo sobre não saber de onde é. Porque, bem, ele é uma criança.

Então, quando você coloca a bolsa nas costas, olha para ele, e ele olha de volta para você. Ele agarrou contra o peito aquele pacote que você viu de relance na noite anterior, um embrulho feito de trapos amarrado em torno de algo é tudo o que você consegue distinguir. Faz um pouco de barulho quando o garoto o aperta. Dá para ver que ele está ansioso; aqueles olhos que ele tem não conseguem esconder nada. Suas pupilas são enormes. Ele fica um pouco inquieto, equilibrando-se em uma perna e usando o outro pé para coçar a panturrilha.

— Vamos — você diz e vira as costas para voltar à Estrada Imperial. Você tenta não notar a expiração suave do garoto e o modo como ele dá uma corridinha para alcançá-la.

Quando você põe os pés na estrada de novo, há algumas pessoas passando por ela em grupos e em pequenos números,

quase todas indo para o sul. Seus pés levantam as cinzas, que por ora são claras e poeirentas. Bando de esquisitões: não há necessidade de usar máscaras ainda, para aqueles que se lembraram de levar uma. Um homem caminha ao lado de uma carroça bamba e de um cavalo meio esparramado; a carroça está cheia de pertences e idosos, embora o homem que está andando não seja muito mais jovem. Todos eles olham para você quando sai de trás da colina. Um grupo de seis mulheres que nitidamente se juntaram por segurança murmura entre si ao vê-la, e então uma delas diz em voz alta para outra: “Pelas ferrugens da Terra, *olhe* só para ela!”. Aparentemente, você parece perigosa. Ou indesejável. Ou ambos.

Ou talvez seja a aparência de Hoa que lhes desagrade, então você se vira para o menino. Ele para quando você para, parecendo preocupado outra vez, e você se sente bruscamente envergonhada de deixá-lo andar por aí desse jeito, mesmo que não tenha pedido para que uma criança estranha a seguisse.

Você olha ao redor. Há um riacho do outro lado da estrada. Impossível saber quanto tempo vai levar para chegar a outra hospedaria; elas deveriam estar instaladas a cada 32 quilômetros em uma Estrada Imperial, mas o tremor do norte pode ter danificado a próxima. Há mais árvores nas redondezas agora, vocês estão saindo da planície, mas não o bastante para oferecer abrigo de verdade, e, de qualquer forma, muitas das árvores estão quebradas após o tremor do norte. A chuva de cinzas ajuda um pouco; você não consegue ver mais do que a um quilômetro e meio de distância. O que você consegue ver, entretanto, é que a terra plana em torno da estrada está dando lugar a um terreno mais acidentado. Você sabe, através de mapas e conversas, que abaixo das Montanhas Tirimas existe uma antiga falha pequena, provavelmente fechada, uma faixa de floresta recente que cresceu desde a última Estação e, talvez uns 160 quilômetros adiante, a planície se torna um salar. Depois disso, fica o deserto, onde as comus são poucas e estão distantes umas das outras, e onde elas tendem a ser ainda mais fortemente protegidas do que as comus de regiões mais hospitaleiras.



(Jija não pode estar indo para o deserto. Isso seria imprudente; quem o levaria até lá?)

Haverá comus ao longo da estrada entre este ponto e as planícies de sal, você tem certeza disso. Se você conseguir fazer o menino ficar com uma aparência decente, uma delas provavelmente o aceitará.

— Venha comigo — você diz ao garoto e sai da estrada. Ele a segue pelo leito de cascalho; você percebe como algumas das pedras são pontiagudas e acrescenta um bom par de botas à lista de coisas que precisa adquirir para ele. Felizmente, ele não corta os pés, embora escorregue no cascalho a certa altura, o suficiente para cair e rolar pela encosta. Você sai correndo quando ele para de rolar, mas ele já está sentado, com um ar de insatisfação porque pousou direto na lama na extremidade do riacho.

— Segure — você diz, oferecendo a mão.

Ele olha para a mão e, por um instante, você fica surpresa em ver algo parecido com inquietação no rosto dele.

— Estou bem — ele diz então, ignorando sua mão e colocando-se de pé. A lama respinga quando ele se levanta. Depois, ele passa por você para pegar o embrulho de trapos, que soltou durante a queda.

Tudo bem então. Pirralhinho mal agradecido.

— Você quer que eu me lave — ele diz.

— Como você sabe?

Ele não parece perceber o sarcasmo. Deixando o embrulho na margem de cascalho, ele entra na água até atingir a cintura, depois se agacha para tentar se esfregar. Você se lembra e vasculha na bolsa até encontrar a barra de sabonete. O menino se vira ao ouvir o seu assobio e você a joga para ele. Você se encolhe quando ele não pega o sabonete, mas o garoto mergulha de imediato e emerge com a barra nas mãos. Então você ri, porque ele está olhando para o sabonete como se nunca houvesse visto uma coisa dessas.

— Esfregue na pele. — Você faz mímica: sarcasmo de novo. Mas ele se endireita e sorri um pouco, como se isso realmente houvesse lhe esclarecido algo, e depois obedece. — Lave seu cabelo também — você diz, vasculhando a bolsa outra vez e mudando de lugar para poder ficar de olho na estrada. Algumas das

peessoas que estão passando lá em cima a espiam, curiosidade ou reprovação nos olhos, mas a maioria não se dá ao trabalho de olhar. Você gosta que seja assim.

Sua outra camisa era o que você estava procurando. Será como um vestido para o menino, então você corta um pedaço de barbante do carretel na sua bolsa, que ele pode usar para amarrar a camisa bem abaixo do quadril por pudor ou para reter um pouco de calor ao redor do torso. Não vai servir a longo prazo, claro. Os sabedoristas dizem que não demora muito para as coisas esfriarem quando começa uma Estação. Você terá que ver se a próxima cidade pela qual passarem vai estar disposta a vender-lhe roupas e suprimentos adicionais, se já não houverem aplicado a Lei Sazonal.

Então, o garoto sai da água e você olha.

Bem, está diferente.

Livre da lama, ele tem um cabelo grosso de cinzas sopradas, aquela textura perfeita à prova de mau tempo que os sanzeds valorizam tanto, já começando a se firmar e a estufar enquanto seca. Pelo menos vai ser comprido o bastante para manter as costas aquecidas. Mas é *branco*, e não o tom normal de cinza. E a pele dele é branca, não apenas pálida; nem os povos antárticos são tão incolores assim, agora que você está vendo. As sobrancelhas dele são brancas, emoldurando olhos branco-gelo. Branco, branco, branco. Ele quase desaparece em meio às cinzas que caem enquanto caminha.

Albino? Talvez. Também há algo um tanto anormal com o rosto dele. Você fica pensando no que está vendo e então percebe: não há nenhuma característica sanzeds nele a não ser pela textura do cabelo. As maçãs do rosto dele são proeminentes, os maxilares e os olhos são angulosos, isso parece completamente estranho a seus olhos. Os lábios dele são carnudos, porém estreitos, tão estreitos que você pensa que talvez tenha dificuldade para comer, embora isso obviamente não seja verdade ou ele não teria sobrevivido até essa idade. A estatura baixa dele também faz parte da estranheza. Ele não é só baixinho, mas truncado, como se seu povo fosse constituído para um tipo de robustez diferente do ideal que o Velho Sanze passou milênios cultivando. Então, talvez os da raça dele sejam todos brancos assim, sejam lá quem são.

Mas nada disso faz sentido. Todas as raças do mundo hoje em dia são em parte sanzéd. Eles dominaram a Quietude durante séculos, afinal, e continuam a dominar de muitas formas. E esse domínio nem sempre ocorreu de maneira pacífica, então, mesmo as raças mais isoladas têm a marca dos sanzéd, quer seus ancestrais desejassem a mescla ou não. Todos são avaliados pelos desvios padrão em relação ao modelo sanzéd médio. O povo desse garoto, seja qual for, claramente conseguiu permanecer isolado.

— O que, em nome do fogo debaixo da Terra, você é? — você pergunta antes de lhe ocorrer que isso poderia ferir os sentimentos dele. Alguns dias de horror e você esquece tudo sobre cuidar de crianças.

Mas o menino apenas fica surpreso e depois sorri.

— Fogo debaixo da Terra? Você é esquisita. Estou limpo o bastante?

Você fica tão confusa quando ele diz que *você* é esquisita que só muito mais tarde percebe que ele se esquivou da pergunta.

Você balança a cabeça para si mesma, então estende a mão para pegar o sabonete que ele lhe entrega.

— Ah, sim. Aqui está.

E você segura a camisa para ele enfiar os braços e a cabeça. Ele faz isso de modo desajeitado, como se não estivesse acostumado a ser vestido por outra pessoa. No entanto, é mais fácil do que vestir Uche; pelo menos esse menino não se contorce...

Você para.

Você se afasta por um tempo.

Quando volta a si, o céu está mais brilhante, e Hoa se estendeu em um gramado baixo ali perto. Ao menos uma hora se passou. Talvez mais.

Você passa a língua pelos lábios e se concentra nele com desconforto, esperando que ele diga algo sobre a sua... ausência. Ele apenas se anima quando vê que você está de volta, levanta-se e espera.

Tudo bem então. Você e ele podem se dar bem, no final das contas.

Depois disso, vocês voltam para a estrada. O garoto anda bem, apesar de não ter sapatos; você o observa de perto, procurando

sinais de que está mancando ou sentindo-se cansado e para com mais frequência do que teria feito se estivesse sozinha. Ele parece grato pela oportunidade de descansar, mas, fora isso, está bem. Um verdadeiro veteranozinho.

— Você não pode ficar comigo — você fala, no entanto, durante uma de suas pausas para descansar. Seria melhor não deixá-lo muito esperançoso. — Vou tentar achar uma comu para você; vamos parar em várias ao longo do caminho, se abrirem os portões para negociar. Mas eu preciso seguir adiante, mesmo se encontrar um lugar para você. Estou procurando alguém.

— A sua filha — diz o menino, e você fica tensa. Um instante se passa. O garoto ignora seu choque, cantarolando e dando tapinhas no embrulho de trapos como se fosse um animal de estimação.

— Como sabia disso?

— Ela é muito forte. Não tenho certeza se é ela, claro. — O menino olha para você e sorri, alheio ao seu olhar fixo. — Há vários de vocês naquela direção. Isso sempre deixa as coisas difíceis.

Há muitas coisas que provavelmente deveriam estar passando pela sua mente neste exato momento. Você só reúne forças para falar uma delas em voz alta.

— *Você sabe onde a minha filha está.*

Ele cantarola outra vez de forma evasiva. Você tem certeza de que ele sabe o quanto tudo isso parece loucura. Você tem certeza de que ele está rindo em algum lugar por trás daquela máscara em seu rosto.

— Como?

Ele encolhe os ombros.

— Eu só sei.

— *Como?*

Ele não é um orogene. Você reconheceria os da sua espécie. Mesmo que fosse, orogenes não conseguem *rastrear uns aos outros como cães*, sendo guiados à distância, como se a orogenia tivesse cheiro. Só os Guardiões conseguem fazer coisas desse tipo e, mesmo assim, apenas se o rogga for ignorante ou idiota o bastante para permitir que o rastreiem.

Ele ergue os olhos, e você tenta não vacilar.

— Eu apenas *sei*, tá bom? É uma coisa que eu consigo fazer. — Ele desvia o olhar. — É uma coisa que eu sempre consegui fazer.

Você fica pensando. Mas. Nassun.

Você está disposta a acreditar em um monte de coisas ridículas se alguma delas puder ajudá-la a encontrar sua filha.

— Tudo bem — você responde. Lentamente, porque isso é loucura. Você está louca, mas agora se dá conta de que o garoto também está, e isso significa que precisa tomar cuidado. Mas, na pequena hipótese de que ele *não* esteja louco ou de que a loucura dele realmente funcione do jeito como ele falou...

— A... a que distância ela está?

— A muitos dias de caminhada. Ela está indo mais rápido do que você.

Porque Jija levou a carroça e o cavalo.

— Nassun ainda está viva. — Você precisa fazer uma pausa depois disso. Muita coisa para sentir, muita coisa para conter. Rask lhe contou que Jija partiu de Tirimo com ela naquele dia, mas você teve medo de permitir a si mesma pensar nela como estando viva *no presente*. Apesar de uma parte de você não querer acreditar que Jija poderia matar a própria filha, o resto de você não só acredita, como *prevê* isso de certo modo.

O menino meneia a cabeça, observando-a; seu rostinho está estranhamente solene agora. De fato, não há muito de infantil nessa criança, você nota de maneira vaga e tardia.

Mas, se puder encontrar a sua filha, ele pode ser o próprio Pai Terra Perverso encarnado que você não vai dar a mínima.

Então, você vasculha a sua bolsa e acha o seu cantil, aquele com água boa para consumo; você reabasteceu o outro no riacho, mas precisa ferver a água primeiro. Depois que toma um gole, no entanto, você o entrega para o garoto. Quando ele termina de beber, você lhe dá um punhado de uvas passas. Ele faz que não com a cabeça e as devolve.

— Não estou com fome.

— Você não comeu nada.

— Eu não como muito. — Ele pega o embrulho. Talvez tenha suprimentos ali. Não importa. Na verdade, você não se importa. Ele não é seu filho. Ele só sabe onde sua filha está.

Você levanta acampamento e retoma a viagem para o sul, desta vez com o menino andando ao seu lado, sutilmente mostrando o caminho.



OUÇAM, OUÇAM, OUÇAM BEM.

HOUVE UM TEMPO, ANTES DAS ESTAÇÕES, QUANDO VIDA E TERRA, SEU PAI, PROSPERAVAM JUNTOS. (A VIDA TINHA UMA MÃE TAMBÉM. ALGO TERRÍVEL ACONTECEU COM ELA.) NOSSO PAI TERRA SABIA QUE IA PRECISAR DE VIDA INTELIGENTE, ENTÃO USOU AS ESTAÇÕES PARA NOS MOLDAR A PARTIR DOS ANIMAIS: MÃOS INTELIGENTES PARA FAZER COISAS E MENTES INTELIGENTES PARA RESOLVER PROBLEMAS E LÍNGUAS INTELIGENTES PARA TRABALHAR JUNTAS E SENSAPINAE INTELIGENTES PARA NOS ALERTAR SOBRE O PERIGO. AS PESSOAS SE TORNARAM O QUE O PAI TERRA PRECISAVA, E DEPOIS MAIS DO QUE ELE PRECISAVA. ENTÃO, NÓS NOS VOLTAMOS CONTRA ELE, E ELE MORRE DE ÓDIO DE NÓS DESDE ENTÃO.

LEMBREM-SE, LEMBREM-SE DO QUE EU DIGO.

— *RECITAÇÃO SABEDORISTA, “A CRIAÇÃO DOS TRÊS POVOS”, PARTE UM*



## 8

### *Syenite na estrada alta*

Syenite acaba precisando perguntar o nome de seu novo mentor. Alabaster, ele lhe diz, que ela supõe haverem lhe dado ironicamente. Precisa usar o nome dele com bastante frequência, porque ele fica caindo no sono sobre a sela durante os longos dias de cavalgada, o que lhe deixa todo o trabalho de prestar atenção à rota e ficar atenta a possíveis perigos, bem como manter-se entretida. Ele acorda rápido quando ela pronuncia seu nome, o que, de início, leva-a a acreditar que ele está apenas fingindo para evitar uma conversa com ela. Quando ela diz isso, ele parece irritado e fala:

— É claro que caí no sono de verdade. Se quiser tirar algo de útil de mim hoje à noite, é melhor me *deixar* dormir.

O que a deixa furiosa, porque não é *ele* que vai ter que ter um bebê para o império e a Terra. E o sexo também não requer nenhum grande esforço da parte dele, breve e entediante como é.

Mas talvez, com uma semana de viagem, ela finalmente perceba o que ele está fazendo durante suas cavalgadas diurnas e mesmo durante a noite, enquanto estão cansados e pegajosos no saco de dormir que compartilham. Ela pode ser perdoada por não ter notado, ela pensa, porque é uma coisa constante, como um murmúrio baixinho em uma sala cheia de gente tagarelando, mas ele está reprimindo todos os tremores na área. *Todos* eles, não apenas um

tremor que as pessoas possam sentir. Todas as minúsculas e infinitesimais flexões e ajustes da terra, alguns dos quais são essencialmente aleatórios: onde quer que ela e Alabaster passem, esses movimentos se aquietam por um tempo. A quietude sísmica é comum em Yumenes, mas não deveria existir aqui no interior, onde a rede de ligação é esparsa.

Quando Syenite descobre isso, fica... confusa. Porque não faz sentido reprimir microtremores e, na verdade, fazer isso pode tornar as coisas piores da próxima vez que ocorrer um tremor maior. Foram muito cuidadosos ao ensinar isso a ela quando ainda era um grão aprendendo geometria e sismologia básicas: a terra não gosta de ser contida. Redirecionar, e não cessar, é o objetivo de um orogene.

Ela reflete sobre esse mistério durante vários dias enquanto eles passam pela estrada entre Yumenes e Allia, sob um obelisco que fica girando e que brilha como uma turmalina do tamanho de uma montanha sempre que está sólido o suficiente para pegar a luz do sol. A estrada alta é a rota mais rápida entre as duas capitais de distritante, construída em uma linha o mais reta possível de uma forma que apenas o Velho Sanze ousaria: elevada sobre compridas pontes de pedra e através de vastos cânions e, de vez em quando, passando por túneis no meio das montanhas altas demais para subir. Isso significa que a viagem ao litoral vai demorar só algumas semanas se eles forem devagar, metade do que demoraria em uma viagem pela estrada baixa.

Mas, em nome da Terra ferrugenta e fétida, as estradas altas são tediosas. A maioria das pessoas acha que são armadilhas mortais esperando para serem acionadas, apesar de serem em geral mais seguras do que as estradas comuns; todas as estradas imperiais foram construídas por equipes com os melhores geoneiros e orogenes, colocadas de propósito em locais considerados permanentemente estáveis. Algumas delas sobreviveram a várias Estações. Então, durante dias seguidos, Syenite e Alabaster encontram apenas caravanas de mercadores determinados, cavaleiros do serviço postal e a patrulha do distritante local; todos eles encaram Syenite e Alabaster ao notar seus uniformes pretos do Fulcro e não se dignam a falar com os dois. Há algumas comus



enfileirando-se nas saídas da rota e quase nenhuma loja onde comprar suprimentos, embora haja plataformas regulares ao longo da estrada com áreas preparadas e cabanas para acampar. Syen passou todas as noites esmagando insetos ao lado de uma fogueira e não tendo nada para fazer além de olhar para Alabaster. E fazer sexo com ele, mas isso só mata alguns minutos.

Essa outra atividade, no entanto, é interessante.

— Por que está fazendo isso? — Syenite pergunta, enfim, três dias depois que percebeu, pela primeira vez, que ele estava reprimindo microtremores. Ele acabou de fazê-lo de novo, enquanto esperam pelo jantar; pão armazenado com bife e ameixas secas em calda, que delícia. Ele bocejou ao fazer aquilo, então claro que deve ter exigido algum esforço. A orogenia sempre custa alguma coisa.

— Fazendo o quê? — pergunta ele depois de eliminar um abalo secundário abaixo da superfície e mexer na fogueira, aparentemente entediado. Ela quer bater nele.

— *Isso.*

Ele ergue as sobrancelhas.

— Ah. Você *consegue* sentir.

— Claro que consigo sentir. Você faz isso o tempo todo!

— Bem, você não disse nada até agora.

— *Porque eu estava tentando entender o que você estava fazendo.*

Ele parece perplexo.

— Então, talvez devesse ter perguntado.

Ela vai matá-lo. Um pouco dessa irritação deve ter ficado evidente por meio do silêncio, porque ele faz uma careta e por fim explica.

— Estou dando um descanso aos mantenedores das estações de ligação. Cada microtremor que eu suavizo diminui o fardo deles.

Syen sabe sobre os mantenedores dos pontos de ligação, claro. Da mesma maneira que as Estradas Imperiais ligam os antigos vassalos do velho império a Yumenes, as estações de ligação conectam distritantes afastados com o Fulcro para expandir sua proteção para o mais longe possível. Por todo o continente, em quaisquer pontos onde os orogenes seniores determinaram que é melhor para manipular falhas próximas ou pontos quentes, há um

posto avançado. Nesse posto está estacionado um orogene treinado no Fulcro cuja única missão é manter aquela região estável. Nos Equatoriais, as zonas de pontos de ligação se sobrepõem, de modo que não há nenhum movimento sequer; é por isso, e pela presença do Fulcro em seu centro, que Yumenes pode construir da forma como constrói. Para além dos Equatoriais, no entanto, as zonas são espaçadas para oferecerem maior proteção às populações maiores, e há intervalos na rede. Não vale a pena (pelo menos, não de acordo com os seniores do Fulcro) colocar estações de ligação perto de cada pequena comuna de cultivo ou mineração do interior. As pessoas desses lugares se defendem da melhor maneira que podem.

Syen não conhece nenhum dos pobres tolos designados para uma missão tão tediosa, mas está muito, muito feliz de que ninguém nunca tenha lhe sugerido tal tarefa. É o tipo de coisa que dão a orogenes que nunca chegarão ao quarto anel; aqueles que têm muito poder bruto e pouco controle. Pelo menos podem salvar vidas, mesmo que estejam condenados a passar suas próprias em relativo isolamento e obscuridade.

— Talvez você devesse deixar os microtremores para os mantenedores — sugere Syenite. A comida está bem quente; ela usa um graveto para tirá-la do fogo. Mesmo sem querer, está com água na boca. Foi um dia longo. — A Terra sabe que eles provavelmente precisam de *alguma coisa* para impedir que morram de tédio.

Ela está concentrada na comida e a princípio não percebe o silêncio dele até oferecer-lhe uma porção. Então, ela franze a testa porque ele tem aquela expressão no rosto outra vez. O ódio. E desta vez pelo menos um pouco é dirigido a ela.

— Você nunca esteve em uma estação de ligação, suponho.

Que ferrugem é essa?

— Não. Por que eu iria a uma delas?

— Porque deveria. Todos os roggas deveriam.

Syenite vacila só um pouquinho ao ouvi-lo dizer rogga. O Fulcro dá advertência a qualquer um que use essa palavra, de forma que ela não a ouve com frequência... Apenas o estranho epíteto sussurrado pelas pessoas que passam por eles ou por grãos

tentando parecer durões quando os instrutores não estão por perto. É uma palavra tão feia, rude e gutural; o som dela é como um tapa na orelha. Mas Alabaster a usa do modo como as outras pessoas usam *orogene*.

Ele continua, ainda no mesmo tom frio:

— E, se você consegue sentir o que estou fazendo, então pode fazer também.

Isso deixa Syen mais chocada e mais brava.

— Por que, em nome dos fogos da Terra, eu reprimiria microtremores? Se fizer isso vou ficar... — E então ela para porque estava prestes a dizer *tão cansada e inútil quanto você*, e isso é grosseiro. Mas aí lhe ocorre que talvez ele *tenha* estado cansado e inútil porque esteve fazendo isso.

Se é importante o suficiente a ponto de ele estar se desgastando para fazê-lo, então talvez seja errado de sua parte recusar de imediato. Os orogenes têm que cuidar uns dos outros, afinal. Ela suspira.

— Tudo bem. Acho que posso ajudar um pobre tolo preso para lá do fim do mundo sem ter nada para fazer exceto manter a terra estável.

Ele relaxa só um pouquinho e ela fica surpresa por vê-lo sorrir. Ele quase nunca o faz. Mas não, aquele músculo no maxilar dele ainda está fazendo *tique, tique, tique*. Ele ainda está chateado com alguma coisa.

— Há uma estação de ligação a dois dias de cavalgada da próxima saída da estrada alta.

Syen espera que ele conclua a frase, mas ele começa a comer, fazendo um barulhinho de prazer que tem mais a ver com o fato de estar com fome do que com o fato de a comida estar particularmente deliciosa. Já que também está com fome, Syenite come com apetite e depois franze as sobrancelhas.

— Espere aí. Você está planejando *ir* a essa estação? É isso que está dizendo?

— *Nós* vamos, sim. — Alabaster olha para ela, um rápido lampejo de comando em sua expressão, e de repente ela o odeia mais do que nunca.

É completamente irracional a reação dela no que se refere a ele. Alabaster a supera em seis anéis e provavelmente a superaria por mais se as classificações por anéis passassem de dez; ela ouviu os boatos sobre a habilidade dele. Se algum dia lutassem, ele poderia virar seu espiral do avesso e congelá-la em um segundo. Só isso já era motivo para ela tratá-lo bem; pelo potencial valor de um favor dele e pelos seus próprios objetivos dentro das classificações do Fulcro, ela tentaria até *gostar* dele.

Mas ela tentou ser educada com ele, lisonjeira, e não funcionou. Ele apenas finge não entender ou a insulta até ela parar. Ela ofereceu todos os pequenos gestos de respeito que os seniores do Fulcro geralmente parecem esperar dos juniores, mas eles só o irritam. O que a deixa zangada, e, estranhamente, esse estado de coisas parece agradá-lo mais.

Então, embora ela jamais fosse fazer isso com qualquer outro sênior, ela responde de forma brusca:

— Sim, *senhor* — e deixa o resto da noite passar em ressentido e reverberante silêncio.

Eles vão para a cama e ela o procura, como de costume, mas, desta vez, ele vira para o lado, dando as costas a ela.

— Fazemos isso de manhã, se ainda tivermos que fazer. Já não está na época de você menstruar?

O que faz Syenite se sentir a pessoa mais ignorante do mundo. Que ele odeie o sexo tanto quanto ela não é a questão. Mas é horrível que ele estivesse *esperando um descanso* e ela não estivesse contando. Ela conta agora, de maneira desajeitada porque não consegue se lembrar do dia exato que a última menstruação começou e... ele está certo. Está atrasada.

Diante do silêncio surpreso da moça, ele suspira, já quase dormindo.

— Ainda não significa nada se a sua menstruação está atrasada. A viagem maltrata o organismo. — Ele boceja. — De manhã, então.

De manhã eles copulam. Não há uma palavra melhor que ela possa usar para o ato; vulgaridades não servem porque é entediante demais, e eufemismos para minimizar a intimidade não são necessários porque não é algo íntimo. É superficial, é um exercício, como os alongamentos que ela aprendeu a fazer antes de

começarem a cavalgar o dia todo. Mais vigoroso desta vez porque ele descansou primeiro; ela quase gosta, e ele realmente faz um pouco de barulho quando goza. Mas é só isso. Quando terminam, ele fica ali deitado, observando, enquanto ela se levanta e lava o rosto e a nuca ao lado da fogueira. Ela está tão acostumada com isso que se assusta quando ele fala.

— Por que você me odeia?

Syenite faz uma pausa e considera por um instante a possibilidade de mentir. Se aquele lugar fosse o Fulcro, ela mentiria. Se ele fosse qualquer outro sênior, obcecado com ser apropriado e garantir que os orogenes do Fulcro se comportem bem o tempo todo, ela mentiria. Ele deixou claro, entretanto, que prefere a honestidade, por mais indelicada que seja. Então, ela suspira.

— Eu simplesmente odeio.

Ele se vira de barriga para cima, olhando para o céu, e ela pensa que é o fim da conversa até ele dizer:

— Acho que você me odeia porque... sou alguém que você *pode* odiar. Estou aqui, estou à mão. Mas o que você odeia de verdade é o mundo.

Ao ouvir isso, Syen joga a toalha de rosto na bacia de água que estava usando e o encara.

— O mundo não diz tolices como essa.

— Não estou interessado em orientar uma bajuladora. Quero que seja você mesma quando está comigo. E quando é, mal consegue me dirigir uma palavra cortês, não importa o quanto eu esteja sendo cortês com você.

Ouvindo a situação ser expressa dessa forma, ela se sente um pouco culpada.

— O que você quer dizer com isso? Que eu odeio o mundo?

— Você odeia o modo como vivemos. O modo como o mundo nos faz viver. Ou o Fulcro é nosso dono, ou temos que nos esconder e ser caçados como cachorros se algum dia formos descobertos. Ou nos tornamos monstros e tentamos matar tudo. Nunca podemos apenas... ser. — Ele suspira, fechando os olhos. — Deveria haver uma maneira melhor.

— Não há.

— Deve haver. Sanze não pode ser o primeiro império que conseguiu sobreviver a algumas Estações. Dá para ver a evidência de outros modos de vida, outras pessoas que se tornaram poderosas. — Ele faz um gesto em direção oposta à estrada alta, apontando para a paisagem que se espalha ao redor deles. Estão perto da Grande Floresta do Leste; nada além de um tapete de árvores se erguendo e caindo até onde os olhos alcançam. Exceto...

... exceto que, bem ao longe no horizonte, ela localiza algo que parece uma mão esquelética de metal, abrindo caminho à unha por entre as árvores. Outra ruína, e deve ser realmente enorme, se ela consegue vê-la dali.

— Nós transmitimos o Saber das Pedras de geração a geração — diz Alabaster, sentando-se —, mas nunca tentamos nos lembrar de nada sobre o que já foi tentado, outra coisa que poderia ter dado certo.

— Porque *não* deu. Aquelas pessoas morreram. Nós ainda estamos vivos. Nosso modo é o correto, o deles era o errado.

Ele lhe lança um olhar que ela interpreta como *não vou me incomodar em dizer o quanto você é idiota*, embora ele provavelmente não tenha tido essa intenção. Ele está certo; ela simplesmente não gosta dele.

— Percebo que você só tem a educação que o Fulcro lhe deu, mas pense, tudo bem? Sobrevivência não significa que algo é o *correto*. Eu poderia matá-la agora mesmo, mas fazer isso não me tornaria uma pessoa melhor.

Talvez não, mas isso não teria importância para *ela*. E ela fica magoada com a suposição casual da fraqueza dela, embora ele esteja completamente certo.

— Tudo bem. — Ela se levanta e começa a pôr a roupa, vestindo-se com movimentos rápidos. — Conte-me qual é o outro jeito então.

Ele não diz nada por um momento. Ela se vira para finalmente olhar para ele, e ele parece desconfortável.

— Bem... — Ele aborda o assunto com cuidado. — Poderíamos tentar deixar os orogenes administrarem coisas.

Ela quase dá risada.

— Isso duraria uns dez minutos antes que todos os Guardiões da Quietude aparecessem para nos linchar, com metade do continente a reboque para ver e torcer.

— Eles nos matam porque o Saber das Pedras lhes diz o tempo todo que nós nascemos maus, que somos algum tipo de agentes do Pai Terra, monstros que mal se qualificam como humanos.

— Sim, mas você não pode mudar o Saber das Pedras.

— O Saber das Pedras muda o tempo inteiro, Syenite. — Ele também não diz o nome dela com frequência. Isso chama sua atenção. — Toda civilização acrescenta algo; partes que não importam ao povo da época são esquecidas. Há um motivo pelo qual a Tábua Dois está tão danificada: alguém, em algum momento no passado, decidiu que não era importante ou que era errado e não se incomodou em cuidar dela. Ou talvez tenham até tentado destruí-la de propósito, por isso tantas das cópias mais primitivas estão danificadas exatamente da mesma forma. Os arqueomestras encontraram algumas tábuas antigas em uma das cidades mortas no Platô Tapita; eles também escreveram seu Saber das Pedras de modo ostensivo para transmiti-lo para as futuras gerações. Mas o que estava nas tábuas era diferente, *drasticamente* diferente, do saber que aprendemos na creche. Até onde sabemos, a própria admoestação contra mudar o saber é um acréscimo recente.

Ela não sabia disso. Essa história a faz franzir a testa. Também a faz não querer acreditar nele, ou talvez seja apenas sua aversão a ele vindo à tona outra vez. Mas... o Saber das Pedras é tão antigo quanto a inteligência. É a única coisa que permitiu que a humanidade sobrevivesse Quinta Estação após Quinta Estação, quando eles se agrupam enquanto o mundo fica escuro e frio. Os sabedoristas contam histórias sobre o que acontece quando as pessoas (líderes políticos ou filósofos ou intrinsecos bem intencionados de qualquer tipo) tentam mudar o saber. Resulta inevitavelmente em desastre.

Então, ela não acredita.

— Onde você ouviu falar sobre as tábuas em Tapita?

— Venho cumprindo missões fora do Fulcro há vinte anos. Tenho amigos aqui fora.

Amigos que conversam com um orogene? Sobre heresia histórica? Soa ridículo. Mas, por outro lado... bem.

— Tudo bem, então, como se altera o saber de modo que...

Ela não está prestando atenção aos estratos ambientes porque a discussão interessou-lhe mais do que deseja admitir. Ele, contudo, aparentemente ainda está reprimindo tremores mesmo enquanto conversam. Além do mais, ele é um dez-anéis, então faz sentido que respire e se levante de forma abrupta como se puxado por cordas, virando-se para o horizonte a oeste. Syen franze as sobrancelhas e segue o olhar dele. A floresta daquele lado da estrada alta é cheia de remendos por conta da exploração madeireira e bifurcada por duas estradas baixas que se embrenham por entre as árvores. Há outra ruína de civextinta, uma cúpula que é mais uma pedra caída do que uma coisa intacta, bem longe, e ela consegue ver três ou quatro pequenas comus muradas, espalhadas pela paisagem aqui e ali. Mas ela não sabe a que ele está reagindo...

... e então ela sensa a causa. Pelas crueldades da Terra, é um dos grandes! Um de nível oito ou nove. Não, *maior*. Há um ponto quente a uns 320 quilômetros de distância, abaixo da periferia de uma cidadezinha chamada Mehi... Mas isso não pode estar certo. Mehi fica na extremidade dos Equatoriais, o que significa que está dentro da rede de ligação protetora. Por quê...

Não importa por quê. Não quando Syen pode *ver* esse tremor fazendo toda a terra em torno da estrada alta chacoalhar e todas as árvores balançarem. Alguma coisa deu errado, a rede falhou, e o ponto quente abaixo de Mehi está subindo em direção à superfície. Os proto-tremores, mesmo daqui, são poderosos o bastante para trazer à boca dela um gosto de metal velho e amargo e fazer o leito de suas unhas da mão coçar. Até os quietos mais incapazes de sentir podiam senti-los, uma torrente constante de pequenas ondas sacudindo as louças e fazendo idosos arquejarem e porem as mãos na cabeça enquanto bebês choram de repente. Se nada impedir esse afloramento, os quietos sentirão muito mais quando surgir um vulcão bem debaixo dos seus pés.

— O quê... — Syenite começa a se virar para Alabaster e então para, em estado de choque, porque ele está agachado com as mãos



e os joelhos no chão, grunhindo.

Um instante depois ela sente algo, uma onda de choque de orogenia bruta reverberando *para fora e para baixo* através das colunas da estrada alta e *para dentro* do xisto solto do solo da região. Não é poder de verdade, é apenas a força da vontade de Alabaster e a potência que ela alimenta, mas a moça não pode deixar de observar em dois níveis enquanto o poder dele corre (mais rápido do que ela jamais conseguiria ir) em direção àquele distante reservatório irradiante.

E antes mesmo de Syen perceber o que está acontecendo, Alabaster a *agarra* de um jeito que ela nunca vivenciou. Ela sente sua conexão com a terra, sua consciência orogênica, sendo de repente cooptada e conduzida por *outra pessoa*, e não gosta nem um pouco disso. Mas, quando ela tenta recuperar o controle de seus poderes, ele *queima*, como fricção, e no mundo real ela berra e cai de joelhos e não faz ideia do que está acontecendo. Alabaster os prendeu um ao outro de algum modo, usando a força dela para amplificar a dele próprio, e não há nada que ela possa fazer.

E então eles estão juntos, mergulhando para dentro da terra um atrás do outro, descendo em espiral em meio ao maciço e escaldante poço de morte que é o ponto quente. É enorme... São quilômetros de extensão, maior do que uma montanha. Alabaster faz alguma coisa, e algo sai em disparada e Syenite grita em uma súbita agonia que se acalma quase que de imediato. Redirecionado. Ele faz isso de novo e desta vez ela percebe o que ele está fazendo: *protegendo-a* do calor e da pressão e da fúria do ponto quente. Ele não sente nenhum incômodo porque se tornou calor e pressão e fúria também, ajustando-se àquilo de um modo que Syen só fez com pequenas câmaras de calor em estratos que, em outros aspectos, estavam estáveis... Mas elas eram faíscas de fogueira em comparação a esse fogaréu. Não há nada dentro dela que possa se igualar a isso. Então, ele usa o poder dela, mas também descarrega a força que ela não consegue processar, enviando-a para algum outro lugar antes que possa sobrecarregar a consciência dela e... e... Na verdade, ela não sabe ao certo o que aconteceria. O Fulcro ensina os orogenes a não ultrapassar seus próprios limites; ele não fala sobre o que acontece com aqueles que o fazem.

E antes que Syenite possa refletir sobre isso, antes que possa reunir os meios para *ajudá-lo*, já que não pode *fugir* dele, Alabaster faz outra coisa. Um golpe intenso. Algo foi perfurado em algum lugar. De imediato, a pressão que a bolha de magma faz para cima começa a abaixar. Ele puxa os dois, tirando-os do fogo e colocando-os na terra que ainda treme, e ela sabe o que fazer aqui porque são só tremores, não a fúria do Pai Terra encarnada. Algo muda de forma brusca, e a força *dele* fica à disposição *dela*. Tanta força; pela Terra, ele é um monstro. Mas aí se torna fácil, fácil de acalmar as ondas e vedar as rachaduras e tornar espesso o estrato partido de modo que não se forme uma nova falha aqui onde a terra foi pressionada e enfraquecida. Ela consegue sentir as estrias pela superfície da terra com uma clareza que nunca teve antes. Ela as alisa, reforça a pele da terra em torno delas com um foco cirúrgico que nunca antes foi capaz de atingir. E enquanto o ponto quente se transforma apenas em outra ameaça oculta e o perigo passa, ela volta a si para encontrar Alabaster encolhido em posição fetal à sua frente e um padrão de gelo semelhante a uma queimadura ao redor deles dois que já está sublimando.

Ela está com as mãos e os joelhos no chão, tremendo. Quando tenta se mexer, tem que fazer muito esforço para não cair de cara. Seus cotovelos ficam ameaçando dobrar. Mas ela se obriga a fazer isso, arrastar-se uns trinta ou sessenta centímetros para chegar até Alabaster, porque ele parece estar morto. Ela toca o braço dele, e o músculo debaixo do tecido está rijo, contraído e travado em vez de flácido; ela pensa que isso é um bom sinal. Puxando-o um pouco, ela chega mais perto e vê que os olhos dele estão abertos, arregalados, e olhando, não com o vazio inexpressivo da morte, mas com uma expressão de pura surpresa.

— É exatamente como Hessonita disse — ele sussurra de repente, e ela dá um pulo porque não achava que ele estivesse consciente.

Maravilha. Ela está em uma estrada alta no meio do nada, meio morta depois que sua orogenia foi usada por outra pessoa contra a sua vontade, sem ninguém para ajudá-la a não ser o ridiculamente poderoso cérebro de ferrugem imbecil que fez isso, para começar. Tentando voltar ao normal depois de... depois de...

Na verdade, ela não faz ideia do que acabou de acontecer. Não faz sentido. Abalos sísmicos não *acontecem* desse jeito. Pontos quentes que permaneceram estáveis durante eras não explodem de repente. Algo os desencadeia: uma mudança de placa em algum lugar, uma erupção vulcânica em alguma parte, um dez-anéis tendo um chilique, alguma coisa. E já que foi um evento tão poderoso, ela deveria ter sentido a causa. Deveria ter tido algum aviso além da arfada de Alabaster.

E que ferrugens Alabaster *fez*? Isso não entra na sua cabeça. Orogenes não podem trabalhar juntos. Foi comprovado: quando dois orogenes tentam exercer a mesma influência sobre o mesmo acontecimento sísmico, aquele com maior controle e precisão prevalece. O mais fraco pode ficar tentando e vai se queimar... Ou o mais forte pode atravessar a espiral do outro com um golpe, congelando-o junto com todo o resto. É por isso que os orogenes seniores administram o Fulcro... Eles não são apenas mais experientes, eles podem matar qualquer um que os contrarie, embora não devam. E é por isso que os dez-anéis têm escolhas: ninguém vai *forçá-los* a fazer nada. Exceto os Guardiões, claro.

Mas o que Alabaster fez foi inconfundível, embora inexplicável.

Que tudo se enferruje. Syenite se mexe para se sentar antes que caia. O mundo roda de uma maneira nada agradável, e ela apoia os braços nos joelhos erguidos e abaixa a cabeça por algum tempo. Eles não foram a lugar algum hoje, nem tampouco irão. Syen não tem forças para cavalgar, e Alabaster parece que talvez não vá sair do saco de dormir. Ele sequer se vestiu; simplesmente está encolhido ali, trêmulo e com a bunda de fora, completamente inútil.

Então, sobra para Syenite enfim se levantar e vasculhar as bolsas deles, encontrar duas derminther melas (pequenos melões com casca dura que se enterram durante uma Estação, ou pelo menos é o que dizem os geomestas...) e fazê-las rolar até a fogueira, a qual ela fica muito feliz que não tenham tido tempo de apagar ainda. Eles estão sem gravetos e combustível, mas os carvões devem ser suficientes para cozinhar as melas para eles jantarem dentro de algumas horas. Ela tira da pilha um maço de feno para os cavalos compartilharem, coloca um pouco de água em um balde de lona para eles beberem, olha para a pilha de

excremento e pensa em jogá-la da beira da estrada alta com a pá para não terem que sentir o cheiro.

Então, ela se arrasta de volta para o saco de dormir, que felizmente está seco após o seu recente congelamento. Lá ela se deixa cair às costas de Alabaster e se amontoa. Ela não dorme. As mínimas contorções da terra enquanto o ponto quente se retrai ficam refletindo em seus sensapinae, impedindo-a de relaxar por completo. Entretanto, apenas estar ali deitada é o suficiente para recuperar um pouco da sua força, e sua mente se acalma até que o ar mais frio a traz de volta a si. Pôr do sol.

Ela pisca, descobrindo que, de algum modo, acabou dormindo de conchinha atrás de Alabaster. Ele ainda está encolhido, mas desta vez seus olhos estão fechados e seu corpo está relaxado. Quando ela se senta, ele se mexe um pouco e se levanta também.

— Temos que ir à estação de ligação — ele balbucia em uma voz enferrujada, o que na verdade não a surpreende nem um pouco.

— Não — responde ela, cansada demais para ficar irritada, e desistindo enfim do esforço de ser educada de uma vez por todas. — Não vou andar em um cavalo pela estrada alta no escuro enquanto estou exausta. Estamos sem turfa seca e nos resta pouco de tudo o mais; precisamos ir a uma comu para comprar mais suprimentos. E se tentar ordenar que eu vá a alguma estação de ligação para lá do fim do mundo, vai ter que me acusar de desobediência. — Ela nunca desobedeceu a uma ordem antes, então está um pouco confusa quanto às consequências. De fato, está cansada demais para se importar.

Ele resmunga e pressiona as palmas das mãos contra a testa como que para afastar uma dor de cabeça, ou talvez para empurrá-la mais a fundo. Depois xinga naquela língua que ela o ouviu usar antes. Ela ainda não a reconhece, mas tem mais certeza de que é uma das línguas crioulas da região costeira... O que é estranho, considerando que ele diz que foi concebido e criado no Fulcro. Por outro lado, alguém teve que criá-lo durante aqueles primeiros anos antes de ele ter idade suficiente para ser jogado no grupo dos grãos. Ela ouviu dizer que muitas das raças costeiras do leste são de pele escura como a dele, então talvez eles vão escutar o idioma sendo falado quando chegarem a Allia.

— Se não for comigo, vou sozinho — diz ele em um tom ríspido, enfim falando em sanze-mat. E então se levanta, tateando em busca das roupas e vestindo-as, como se estivesse falando sério. Syenite fica olhando enquanto ele faz isso, porque ele está tremendo tanto que mal consegue ficar em pé direito. Se subir em um cavalo nessas condições, vai cair.

— Ei — ela diz, e ele continua com seus preparativos febris como se não pudesse ouvi-la. — *Ei*. — Ele se mexe e olha, e ela percebe de forma tardia que ele *não* a ouviu. Ele esteve ouvindo algo completamente diferente esse tempo todo, a terra, a sua loucura interior, vai saber. — Você vai se matar.

— Eu não me importo.

— Isso é... — Ela se levanta, vai até ele e agarra seu braço no exato momento em que ele o estende em direção à sela. — Isso é idiotice, você não pode...

— *Não me diga o que eu não posso fazer*. — Seu braço é arame farpado na mão da moça quando se inclina para vociferar as palavras na cara dela. Syen quase se encolhe, mas de perto ela vê o branco dos olhos injetados de sangue, o brilho frenético, a expressão furiosa em suas pupilas. Há algo *errado* com ele. — Você não é uma Guardiã. Não pode me dar ordens.

— Você enlouqueceu? — Pela primeira vez desde que o conheceu, ela está... preocupada. Ele usou a orogenia dela com tanta facilidade, e ela não faz ideia de como ele fez isso. Ele é tão magro que ela provavelmente poderia acertá-lo e deixá-lo sem sentidos com certa tranquilidade, mas ele a congelaria depois do primeiro golpe.

Ele não é idiota. Ela tem que fazê-lo ver.

— Eu vou com você — assegura ela com firmeza, e ele parece tão grato que ela se sente mal por seus pensamentos pouco lisonjeiros de antes. — *Ao nascer do sol*, quando pegarmos a passagem para as estradas baixas sem quebrar as patas de nossos cavalos e os nossos pescoços. Tudo bem?

O rosto dele se contrai de agonia.

— É tempo demais...

— Nós já dormimos o dia inteiro. E quando você falou sobre isso antes, disse que era uma viagem de dois dias. Se perdermos os

cavalos, quanto tempo mais vai demorar?

Isso o faz parar. Ele pisca e resmunga e se afasta aos tropeções, felizmente para longe da sela. Tudo está vermelho sob a luz do pôr do sol. Há uma formação rochosa à distância atrás dele, um cilindro reto e alto de uma coisa que Syenite consegue distinguir que não é natural apenas em um relance; ou foi erguido por um orogene, ou é outra ruína, mais bem camuflada do que a maioria. Tendo isso como pano de fundo, Alabaster fica olhando para o céu como se quisesse começar a uivar. Suas mãos contraem-se e relaxam, contraem-se e relaxam.

— A estação de ligação — ele diz por fim.

— Sim? — Ela estica a palavra, tentando não deixá-lo ouvir o tom de *tirando sarro do louco* que tem a sua voz.

Ele hesita, depois respira fundo. Respira outra vez, acalmando-se.

— Você sabe que tremores e choques não surgem do nada desse jeito. A causa desse abalo, a mudança que interrompeu o equilíbrio do ponto quente, foi a estação de ligação.

— Como você...? — Claro que ele sabe, é um dez-anéis. Então, ela entende o que ele quer dizer. — Espere, você está dizendo que o *mantenedor da estação* desencadeou isso?

— É exatamente o que estou dizendo. — Ele se vira para ela, cerrando os punhos de novo. — Agora você entende por que eu quero ir para lá?

Ela aquiesce, sem expressão. Ela entende. Porque um orogene que espontaneamente cria um supervulcão não faz isso sem gerar um espiral do tamanho de uma cidade. Ela não consegue deixar de olhar por sobre a floresta, em direção à estação. Ela não consegue ver nada daqui, mas, em algum lugar lá fora, um orogene do Fulcro matou tudo em um raio de vários quilômetros.

E então vem a pergunta possivelmente mais importante, que é: por quê?

— Tudo bem — diz Alabaster de repente. — Precisamos partir nas primeiras horas da manhã e ir o mais rápido que pudermos. É uma viagem de dois dias se formos devagar, mas, se forcarmos os cavalos... — Ele fala mais rápido quando ela abre a boca, passando por cima de sua objeção como um homem obcecado. — Se os

forçarmos, se partirmos antes da alvorada, podemos chegar lá ao anoitecer.

Essa provavelmente é a melhor coisa que ela vai conseguir dele.

— Na alvorada, então. — Ela coça o cabelo. O couro cabeludo está áspero por conta da poeira da estrada; faz três dias que não consegue tomar banho. Eles deveriam passar por Alta Adea amanhã, uma comu de tamanho médio onde ela teria pressionado para ficar em uma pousada... Mas ele está certo. Precisam chegar à estação de ligação. — Mas vamos ter que parar no próximo riacho ou hospedaria. Temos pouca água para os cavalos.

Ele solta um som de frustração por conta das necessidades do corpo mortal. Mas diz:

— Tudo bem.

Então, ele se agacha perto dos carvões, de onde pega uma das melas já frias e a abre, comendo com os dedos e mastigando metodicamente. Ela duvida que ele sinta o gosto. Combustível. Ela se junta a ele para comer a outra mela, e o resto da noite se passa em silêncio, embora não em tranquilidade.

No dia seguinte, ou, na verdade, mais tarde naquela noite, eles selam os cavalos e partem com cuidado em direção à estrada em ziguezague que os tirará da estrada alta e os levará às terras abaixo. Quando chegam ao nível do solo, o sol já nasceu, então nesse ponto Alabaster assume o comando e força seu cavalo a todo galope, intercalando com caminhadas para deixá-los descansar. Syen está impressionada: havia pensado que ele simplesmente mataria os cavalos tomado por essa urgência que o consome. Ele não é idiota, pelo menos. Ou cruel.

Então, nesse ritmo, eles ganham tempo ao longo das estradas baixas, que são mais movimentadas e se entrecruzam, onde desviam de carroceiros com pouca carga e viajantes ocasionais e alguns membros da milícia local; todos eles abrem caminho para os dois quando Syen e Alabaster são avistados. É quase irônico, ela pensa: em qualquer outro momento, seus uniformes pretos fariam os outros se afastarem porque ninguém gosta de orogenes. Agora, entretanto, todos devem ter sentido o que quase aconteceu com o ponto quente. Dão caminho com avidez agora, e há gratidão e alívio

em seus rostos. O Fulcro veio salvá-los. Syen tem vontade de rir de todos.

Eles param durante a noite e dormem um punhado de horas e começam de novo antes da alvorada, e ainda está bem escuro quando surge a estação de ligação, incrustada entre duas colinas pequenas no alto de uma estrada sinuosa. A estrada não é muito melhor do que uma trilha erma de terra batida com um pouco de asfalto velho e rachado, jogado sobre ela como uma alusão à civilização. A própria estação é outra alusão. Eles passaram por dezenas de comus no caminho para cá, cada uma mostrando uma ampla variedade de arquiteturas, qualquer coisa que seja nativa da região, quaisquer modismos que os membros mais ricos da comu tentaram introduzir, imitações baratas dos estilos yumenescenses. Porém, a estação é puro estilo velho Império: grandes paredes indefinidas feitas de tijolo de escória vermelha em torno de um complexo constituído de três pequenas pirâmides e uma pirâmide central maior. Os portões são feitos de algum tipo de metal duro como o aço, o que faz Syen se contrair. Ninguém coloca portões de metal em qualquer coisa que queira de fato manter em segurança. Mas não há nada na estação, exceto o orogene que mora aqui e a equipe que dá apoio a ele ou a ela. As estações de ligação nem ao menos têm esconderijos de provisões, em vez disso contam com caravanas de reabastecimento periódicas vindas de comus próximas. Poucos iam querer roubar qualquer coisa de dentro daquelas paredes.

Syen é pega desprevenida quando Alabaster refreia o cavalo de forma abrupta bem antes de chegarem aos portões, olhando de esguelha para a estação.

— O que foi?

— Ninguém está saindo — diz ele quase que para si mesmo. — Ninguém está se mexendo para além dos portões. Não consigo ouvir nada vindo de lá de dentro. Você consegue?

Ela só ouve o silêncio.

— Quantas pessoas deveria haver? O mantenedor da estação, um Guardião, e...?

— Mantenedores de estação não precisam de Guardiões. Em geral, há uma tropa de seis a dez soldados imperiais colocados na



estação para proteger o mantenedor. Cozinheiros e outros funcionários para servi-los. E sempre há pelo menos um médico.

Tantos enigmas em tão poucas palavras. Um orogene que não precisa de Guardião? Mantenedores de estações têm menos de quatro anéis; pessoas com poucos anéis nunca recebem permissão para sair do Fulcro sem Guardiões, ou pelo menos um sênior para supervisionar. Os soldados ela entende: às vezes, habitantes locais supersticiosos não fazem muita distinção entre orogenes treinados pelo Fulcro e qualquer outro tipo. Mas por que um médico?

Não importa.

— Provavelmente estão todos mortos — diz ela, mas, mesmo ao dizer isso, seu raciocínio hesita. A floresta ao redor deles deveria estar morta também, num raio de quilômetros, e árvores e animais e solo, instantaneamente congelados e transformados em lama depois de descongelar. Todas as pessoas que passaram por eles pela estrada deveriam estar mortas. De que outra forma o mantenedor da estação teria conseguido energia suficiente para agitar aquele ponto quente? Mas tudo parece bem daqui, exceto pelo silêncio na estação de ligação.

De repente, Alabaster faz o cavalo andar e não há tempo para perguntas. Eles sobem a colina e seguem em direção aos portões fechados e trancados que Syen não consegue ver um modo de abrir, se não houver ninguém lá dentro para fazer isso para eles. Em seguida, Alabaster assobia e se inclina para a frente e, por um momento, surge uma espiral estreita e intensa tremeluzindo... Não em torno deles, mas do portão. Ela nunca viu ninguém fazer isso, lançar sua espiral a outro lugar, mas, ao que parece, os dez-anéis conseguem. O cavalo dela dá um relincho nervoso ao ver o súbito vórtice de frio e neve diante deles, então ela o segura com as rédeas, e ele dá mais alguns passos para trás. No instante seguinte, algo range e se ouve um estalo para além do portão. Alabaster solta a espiral quando uma das portas de aço se abre; ele já está apeando.

— Espere, dê um tempo para a porta esquentar — começa Syen, mas ele a ignora e se dirige aos portões sem sequer se incomodar em ver onde põe os pés no asfalto escorregadio salpicado de geada.

Pelos ferrugentos fogos da Terra. Então, Syen apeia e amarra as rédeas do cavalo em volta de uma árvore nova e inclinada. Depois de um dia de cavalgada pesada, ela terá que deixá-los esfriar antes de dar-lhes alimento ou água, e deveria pelo menos esfregá-los... Mas algo nessa grande, vaga e silenciosa construção a deixa nervosa. Ela não sabe ao certo o quê. Então deixa os cavalos selados. Só para garantir. Depois, segue Alabaster e entra.

Está quieto dentro do complexo, e escuro. Não há eletricidade nesse fim de mundo, apenas lâmparas que se apagaram. Há um grande pátio aberto logo após os portões principais de metal, com andaimes nas paredes internas e nos prédios próximos para cercar quaisquer visitantes por todos os lados com posições convenientes para franco-atiradores. O mesmo tipo de entrada tão amigável de qualquer comu bem protegida, na verdade, embora em uma escala muito menor. Mas não há ninguém *neste* pátio, embora Syen aviste uma mesa e algumas cadeiras em um lado onde as pessoas que costumam ficar de guarda deviam estar jogando cartas e comendo lanches não muito antes. O complexo todo está em silêncio. O chão é pavimentado com escória vermelha gasta e irregular pela passagem de muitos pés ao longo de muitos anos, mas ela não ouve nenhum pé se movendo sobre ele agora. Há um estábulo ao lado do pátio, mas suas baias estão fechadas e quietas. Botas cobertas de barro seco estão enfileiradas na parede mais próxima ao portão; algumas foram jogadas ou empilhadas ali em vez de colocadas de maneira organizada. Se Alabaster estiver certo sobre os soldados imperiais estarem estacionados aqui, eles obviamente são do tipo que não se importa muito com estar preparado para inspeção. Faz sentido: ser designado a um lugar como este provavelmente não é uma recompensa.

Syen chacoalha a cabeça. E então ela sente um odor de animal vindo do estábulo, o que a deixa tensa. Ela sente cheiro de cavalo, mas não consegue vê-los. Aproximando-se (seus punhos se cerram antes que ela se obrigue a abri-los), ela dá uma espiada por cima da porta da primeira baia, depois olha para dentro das outras baias para fazer um inventário completo.

Três cavalos mortos, deitados de lado no feno. Não estão inchados ainda, provavelmente porque só os membros e a cabeça

dos animais estão flácidos por conta da morte. O tronco de cada cadáver tem uma crosta de gelo e condensação, a carne ainda está, em grande parte, congelada. Dois dias de derretimento, ela imagina.

Há uma pequena pirâmide de tijolo de escória no centro do complexo, com seus próprios portões de pedra interiores, embora estes estejam abertos por ora. Syenite não consegue ver aonde Alabaster foi, mas supõe que ele esteja dentro da pirâmide, uma vez que é onde estará o mantenedor da estação.

Ela sobe em uma cadeira e usa um pedaço de acendedor que está ali perto para acender uma das lamparinas, depois se dirige lá para dentro, andando mais rápido agora que sabe o que vai encontrar. E, sim, dentro dos corredores escuros da pirâmide ela vê os soldados e os membros da equipe que um dia moraram aqui: alguns espalhados no meio da corrida, alguns pressionados contra a parede, alguns deitados com os braços estendidos em direção ao centro do prédio. Alguns tentaram fugir do que estava para acontecer e alguns tentaram chegar à origem para tentar deter aquilo. Todos eles fracassaram.

Então, Syen encontra a câmara da estação.

Ela é o que tem que ser. Está no meio da edificação, depois de passar por um elegante arco decorado com um mármore rosa mais claro e desenhos de raízes de árvores em relevo. A câmara à frente é alta, abobadada e escura, mas está vazia... Exceto no centro da sala, onde há uma... coisa grande. Ela chamaria de cadeira, se fosse feita de qualquer coisa que não arames e alças. Não parece muito confortável, exceto pelo fato de que aparenta acomodar o seu ocupante em uma inclinação confortável. De qualquer forma, o mantenedor da estação está sentado nela, então deve ser...

Oh. Oh.

Oh, pela maldita Terra incandescente.

Alabaster está de pé à beira do estrado onde está a cadeira de arame, olhando para o corpo do mantenedor da estação. Ele não levanta o olhar quando ela se aproxima. O rosto dele está imóvel. Não triste, nem sombrio. Só uma máscara.

— Mesmo o menor de nós deve servir ao bem maior — diz ele, sem ironia na voz.

O corpo na cadeira do mantenedor da estação é pequeno e está nu. Magro, seus membros atrofiados. Careca. Há coisas... tubos e canos e coisas, ela não tem palavras para descrevê-las... entrando nos braços finos como gravetos, descendo pela garganta arregalada, atravessando a genitália estreita. Há uma bolsa flexível sobre o ventre do cadáver, *ligado* à sua barriga de alguma forma, e está cheia de... Eca. A bolsa precisa ser trocada.

Ela se concentra em tudo isso, esses detalhezinhos, porque ajuda. Porque há uma parte dela que está tagarelando, e o único meio de manter essa parte lá dentro e em silêncio é se concentrar em tudo o que vê. Engenhoso, na verdade, o que eles fizeram. Ela não sabia que era possível manter um corpo vivo desse jeito: sem movimento, sem vontade, sem definição. Então, ela se concentra em entender como fizeram isso. A estrutura de arame em particular é uma ideia de gênio: há uma manivela e um cabo lá perto, então o aparelho inteiro pode ser virado de cabeça para baixo para facilitar a limpeza. O arame minimiza as escaras, talvez. Há um fedor de doença no ar, mas próximo dali há uma estante inteira de infusões e comprimidos em frascos; compreensível, já que seriam necessários antibióticos melhores do que a penicilina normalmente fabricada pelas comus para fazer algo assim. Talvez um desses tubos seja para colocar remédio dentro do mantenedor da estação. E esse é para colocar comida, e aquele é para tirar urina, oh, e aquele rolo de pano é para absorver baba.

Mas ela vê o quadro geral também, apesar do esforço para se concentrar nas minúcias. O mantenedor da estação: uma criança, mantida nessas condições por um período que deve ter sido de meses ou anos. Uma *criança*, cuja pele é quase tão escura quanto a de Alabaster, e cujas feições poderiam corresponder às dele perfeitamente se não fossem tão esqueléticas.

— O quê... — É tudo que ela consegue dizer.

— Às vezes um roga não consegue aprender o controle. — Agora ela entende que o uso que ele faz do insulto é proposital. Uma palavra desumanizante para alguém que foi transformado em uma coisa. Ajuda. Não há inflexão na voz de Alabaster, não há emoção, mas está tudo ali na sua escolha de palavras. — Às vezes, os Guardiões pegam algum selvagem que é velho demais para

treinar, mas jovem demais, de modo que é um desperdício matá-lo. E às vezes eles notam alguém no grupo dos grãos, um daqueles que são particularmente sensíveis, que parecem não conseguir dominar o controle. O Fulcro tenta ensinar-lhes por algum tempo, mas se as crianças não se desenvolvem num ritmo que os Guardiões acham apropriado, a Mãe Sanze sempre encontra outra utilidade para eles.

— Como... — Syen não consegue tirar os olhos do rosto daquele corpo, *do menino*. Os olhos dele estão abertos, são castanhos, mas estão embaciados e gélidos na morte. Ela está vagamente surpresa por não estar vomitando. — Como *essa*? Pelos fogos lá debaixo, Alabaster, eu *conheço* crianças que foram levadas para as estações de ligação. Eu não... Isso não...

Alabaster relaxa. Ela não havia percebido o quanto o outro estava mantendo o corpo rígido até ele se inclinar o bastante para passar uma das mãos por baixo do pescoço do garoto, levantando sua cabeça enorme e virando-a um pouco.

— Você devia ver isso...

Ela não quer, mas olha mesmo assim. Ali, de um lado ao outro da cabeça raspada da criança, há uma cicatriz comprida e queloide, em formato semelhante ao de uma trepadeira, adornada com as marcas dos pontos tirados há tempos. Fica bem na junção do crânio com a espinha.

— Os sensapinae dos roggas são maiores e mais complexos do que os das pessoas normais. — Quando ela viu o suficiente, Alabaster solta a cabeça da criança. Ela bate ao cair de volta ao seu berço de arame com uma solidez e um descuido que a fazem sobressaltar-se. — É uma simples questão de aplicar uma lesão aqui e ali que rompe o autocontrole do rogga por completo, ao passo que permite seu uso *instintivo*. Supondo que o rogga sobreviva à operação.

Engenhoso. Sim. Um orogene recém-nascido pode deter um terremoto. É uma coisa inata, mais certa até do que a capacidade de uma criança de mamar... E é essa capacidade que faz mais crianças orogenes serem mortas do que qualquer outra coisa. Os melhores de sua espécie se revelam muito antes de ter idade suficiente para entender o perigo.

Mas reduzir uma criança a nada *além* desse instinto, nada *além* da capacidade de reprimir tremores...

Ela realmente deveria estar vomitando.

— A partir desse ponto, é fácil. — Alabaster suspira, como se estivesse dando uma palestra particularmente chata no Fulcro. — Trate as infecções com medicamentos e assim por diante, mantenha-o vivo o bastante para funcionar, e você consegue a única coisa que nem o Fulcro consegue prover: uma fonte de orogenia confiável, inofensiva e completamente benéfica. — Da mesma maneira que Syenite não consegue entender por que não está com náuseas, ela não sabe ao certo por que *e*le não está gritando. — Mas acho que alguém cometeu o erro de deixar este aqui acordar.

Ele desvia os olhos, e Syenite segue o olhar de Alabaster para o corpo de um homem na parede mais distante. Esse não está vestido como os soldados. Está usando trajes civis, e dos bons.

— O médico? — Ela conseguiu adotar o tom de voz neutro e firme que Alabaster está usando. É mais fácil.

— Talvez. Ou algum cidadão local que pagou pelo privilégio. — Alabaster na verdade *encolhe os ombros*, apontando um hematoma ainda arroxado na parte superior da coxa do menino. Tem o formato de mão, marcas de dedo claramente visíveis mesmo contra a pele escura. — Ouvi falar que há muitos que gostam desse tipo de coisa. Um fetiche pela incapacidade de reagir, basicamente. Eles gostam mais se a vítima estiver consciente do que estão fazendo.

— Oh, oh, pela Terra, Alabaster, você não pode estar querendo dizer...

Ele passa por cima de suas palavras outra vez, como se ela não tivesse falado.

— O problema é que os mantenedores de estações sentem uma dor terrível sempre que usam a orogenia. As lesões, entende. Como não conseguem impedir a si mesmos de reagir a cada tremor nas redondezas, nem mesmo aos microtremores, considera-se humano mantê-los constantemente sedados. E todos os orogenes reagem de modo instintivo a qualquer ameaça percebida...

Ah. Já chega.

Syen vai aos tropeções até a parede mais próxima e vomita os damascos secos e a carne seca que se obrigou a engolir enquanto cavalgava a caminho da estação. É errado. É tudo tão errado. Ela pensou... Ela não achava... Ela não sabia...

Depois, enquanto limpa a boca, ela levanta os olhos e vê Alabaster observando-a.

— Como eu disse — ele conclui em um tom muito suave —, todo rogga deveria ver uma estação de ligação, pelo menos uma vez.

— Eu não sabia. — Ela balbucia as palavras, as costas da mão ainda sobre a boca. As palavras não fazem sentido, mas ela se sente forçada a dizê-las. — Eu não sabia.

— Você acha que isso importa? — É quase cruel a frieza de sua voz e de seu rosto.

— Importa para *mim*!

— Acha que você importa? — De repente ele sorri. É uma coisa feia, fria como a espiral de vapor que sai do gelo. — Você acha que algum de nós importa a não ser pelo que podemos fazer por eles? Quer obedecemos ou não. — Ele vira a cabeça em direção ao corpo da criança abusada e assassinada. — Você acha que ele importava, depois do que lhe fizeram? O único motivo pelo qual não fazem isso com todos nós é que somos mais versáteis, mais úteis, se nos controlamos. Mas cada um de nós é apenas mais uma arma para eles. Apenas um monstro útil, apenas um pouco de sangue novo para acrescentar às linhagens de reprodução. Apenas mais um maldito *rogga*.

Ela nunca ouviu tanto ódio colocado em uma palavra antes.

Mas, estando ali com a prova definitiva do ódio do mundo morta e fria e fedendo entre eles, ela não pode sequer vacilar desta vez. Porque se o Fulcro pode fazer isso, ou os Guardiões ou a Liderança yumenescense ou os geomestas ou quem quer que tenha inventado esse pesadelo, então não faz sentido mascarar o que pessoas como Syenite e Alabaster são de fato. Não são pessoas de forma alguma. Nem *orogenes*. Educação é um insulto em face do que ela viu. *Rogga*: isso é tudo que eles são.

Depois de um instante, Alabaster se vira e sai da sala.

• • •

Eles acampam no pátio aberto. Os prédios da estação têm todos os confortos que Syen desejava: água quente, camas macias, comida que não é só pão armazenado e carne seca. Aqui fora no pátio, porém, os corpos não são humanos.

Alabaster está sentado em silêncio, olhando para a fogueira que Syenite fez. Ele está enrolado em um cobertor, segurando a xícara de chá que ela preparou; ela ao menos reabasteceu as reservas deles com as da estação. Ela não o viu beber nem um gole da xícara. Talvez tivesse sido bom, ela pensa, se pudesse ter lhe dado algo mais forte para beber. Ou não. Ela não sabe ao certo o que um orogene com a habilidade dele poderia fazer bêbado. Eles não devem beber exatamente por essa razão... Mas que se enferruje a razão, neste exato momento. Que se enferruje tudo.

— Os filhos são a nossa ruína — diz Alabaster, seus olhos cheios de fogo.

Syenite aquiesce, embora não entenda. Ele está falando. Isso tem que ser uma coisa boa.

— Acho que tenho doze filhos. — Alabaster se embrulha mais no cobertor. — Não tenho certeza. Eles nem sempre me dizem. Eu nem sempre vejo as mães depois. Mas suponho que sejam doze. Não sei onde a maioria deles está.

Ele conta fatos aleatórios como esse a noite toda, quando chega a falar. Syenite não foi capaz de responder à maioria de suas declarações, então não foi bem uma conversa. No entanto, essa a faz falar, porque esteve pensando sobre isso. Sobre como o menino na cadeira de arame parece Alabaster.

— Nosso filho... — começa ela.

Ele olha para ela e sorri de novo. É amável desta vez, mas ela não sabe ao certo se acredita nisso ou no ódio sob a superfície do sorriso.

— Ah, esse é só um destino possível. — Ele aponta para as indistintas paredes vermelhas da estação. — Essa criança poderia se tornar outro eu passando rapidamente de uma classificação de anel a outra e estabelecendo novos padrões para a orogenia, uma lenda do Fulcro. Ou ela poderia ser medíocre e nunca fazer nada digno de nota. Apenas mais uma orogene quatro ou cinco anéis



limpando portos obstruídos por corais e fazendo filhos no tempo livre.

Ele fala em um tom de *alegria* tão ferrugento que é difícil prestar atenção às palavras e não só à inflexão. A voz se suaviza, e alguma parte dela anseia por algo mais suave neste exato momento. Mas as palavras dele a deixam com os nervos à flor da pele, ferrojando como fragmentos pontiagudos de vidro em meio ao mármore liso.

— Ou um quieto — diz ela. — Até mesmo dois roggas... — É difícil dizer a palavra, mas é mais difícil dizer *orogene* porque o termo mais educado agora parece uma mentira. — Até nós podemos produzir um quieto.

— Espero que não.

— Você espera que *não*? — Esse é o melhor destino que ela consegue imaginar para o filho deles.

Alabaster estende as mãos em direção ao fogo para aquecê-las. Está usando seus anéis, ela percebe de repente. Ele quase nunca usa, mas, algum tempo antes de chegarem à estação, mesmo com o temor pelo filho queimando nas veias, lembrou-se de que seria adequado e os colocou. Alguns deles brilham à luz da fogueira, enquanto outros são opacos e escuros; um em cada dedo, inclusive nos polegares. Syenite sente uma pequena comichão em seis de seus dedos por estarem nus.

— Qualquer filho de dois orogenes classificados com anéis também deve ser orogene, sim — diz ele. — Mas não é algo exato. Não é *ciência*, o que nós somos. Isso não tem lógica. — Ele dá um sorriso discreto. — Por segurança, o Fulcro tratará quaisquer filhos de roggas como roggas em potencial, até que se prove o contrário.

— Mas, depois que estiver provado que não são, afinal, eles serão... pessoas. — É a única esperança de que ela pode lançar mão. — Talvez alguém os adote em uma boa comu, os mande para uma escola de verdade, os deixe utilizar um nome de uso...

Ele suspira. Há tanto cansaço nesse suspiro que Syen se cala, confusa e assustada.

— Nenhuma comu adotaria nosso filho — ele fala. As palavras são propositais e vagarosas. — A orogenia pode pular uma geração, talvez duas ou três, mas ela sempre volta. O Pai Terra nunca se esquece da dívida que temos.

Syenite franze as sobrancelhas. Ele falou coisas desse tipo antes, coisas que remontam às histórias dos sabedoristas sobre os orogenes, que são armas não do Fulcro, mas do odioso planeta à espera debaixo de seus pés. Um planeta que não quer nada mais do que destruir a vida, infestando sua superfície antes imaculada. Há algo nas coisas que Alabaster diz que a faz pensar que ele *acredita* nessas histórias antigas, pelo menos um pouco. Talvez acredite. Talvez o reconforte pensar que sua espécie tem algum propósito, por mais terrível que seja.

Ela não está com paciência para misticismo neste exato momento.

— Tudo bem, ela não será adotada por ninguém. — Syenite escolhe *ela* de forma arbitrária. — Mas e então? O Fulcro não fica com quietos.

Os olhos de Alabaster são como seus anéis, refletindo o fogo num instante, opacos e escuros no instante seguinte.

— Não. Ela se tornaria uma Guardiã.

Ah, ferrugens. Isso explica tanta coisa.

Ao notar que ela ficou em silêncio, ele levanta os olhos.

— Bom, tudo o que você viu hoje. Esqueça que viu.

— *O quê?*

— A coisa na cadeira não era uma criança. — Não há nenhum brilho nos olhos dele agora. — Não era *meu* filho, nem o filho de ninguém. Não era nada. Não era ninguém. Nós estabilizamos o ponto quente e descobrimos o que fez com que quase explodisse. Verificamos este lugar em busca de sobreviventes e não encontramos nenhum, e é isso que vamos telegrafar para Yumenes. É isso que nós dois vamos dizer se formos questionados, quando voltarmos.

— Eu, eu não sei se posso... — A expressão morta e de queixo caído do menino. Que coisa horrível estar preso em um pesadelo sem fim. Acordar para vivenciar agonia e ser alvo dos olhares lascivos de um parasita grotesco. Ela não consegue sentir nada além de pena pelo garoto, alívio por sua libertação.

— Você vai fazer exatamente o que eu disse. — A voz dele açoita como um chicote, e ela o encara, instantaneamente furiosa. — Se for lamentar, lamente pelo recurso desperdiçado. Se alguém

perguntar, você está feliz que ele esteja morto. Sinta isso. Acredite nisso. Ele quase matou mais pessoas do que podemos contar, afinal. E, se alguém perguntar como se sente em relação a isso, diga que entende que é por esse motivo que fazem essas coisas conosco. Você sabe que é para o nosso bem. Sabe que é para o bem de todos.

— Seu ferrugento maldito, eu *não* sei...

Ele ri, e ela se encolhe porque a fúria voltou agora, com a velocidade de uma chicotada.

— Ah, não me provoque neste exato momento, Syen. Por favor, não me provoque. — Ele ainda está rindo. — Vou levar uma advertência se matar você.

É uma ameaça, enfim. Bem, da próxima vez que ele dormir. Ela vai ter que cobrir o rosto dele enquanto o esfaqueia. Mesmo as facadas letais demoram alguns segundos para matar; se ele concentrar sua orogenia nela nesse curto período, ela estará morta. No entanto, é menos provável que ele consiga mirar nela com precisão sem os olhos, ou se estiver distraído pela asfixia...

Mas Alabaster ainda está rindo. Muito. É quando Syenite se dá conta de uma agitação pairando no ambiente. Um *quase* iminente nos estratos debaixo dos seus pés. Ela franze a testa, distraída e alerta, e imagina se é o ponto quente outra vez... E então, tardiamente, ela percebe que essa sensação não é de algo se agitando, é de algo sacudindo de um modo rítmico. Em compasso com as ásperas exalações da risada de Alabaster.

Enquanto ela o encara, paralisada com a descoberta, ele até bate no joelho com uma das mãos. Sem parar de rir, porque o que ele *quer* fazer é destruir tudo à vista. E se o seu filho meio morto, meio crescido, pôde desencadear um supervulcão, é realmente impossível dizer o que o pai do menino poderia fazer se se empenhasse. Ou mesmo por acidente, se perdesse o controle por um instante.

Syen cerra os punhos sobre os joelhos. Ela fica ali sentada, as unhas furando as palmas das mãos, até ele finalmente se controlar. Demora um tempo. Mesmo depois que parou de rir, ele cobre o rosto com as mãos e solta uma risadinha mais uma vez,

chacoalhando os ombros. Talvez esteja chorando. Ela não sabe. E também não se importa.

Enfim, ele levanta a cabeça e respira fundo, depois respira fundo de novo.

— Lamento por isso — ele diz por fim. A risada parou, mas ele está todo alegre outra vez. — Por que não falamos sobre outra coisa?

— Onde ferrugens está o seu Guardião? — Ela não abriu os punhos. — Você tem um mau humor do cão!

Ele *dá uma risadinha*.

— Ah, eu me certifiquei de que ela não seria uma ameaça há anos.

Syen aquiesce.

— Você a matou.

— Não. Eu pareço idiota? — Ele diz isso rindo em meia respiração até torrar a paciência. Syen está morrendo de medo dele e não sente mais vergonha de admitir isso. Mas ele percebe, e algo muda em seu comportamento. Ele respira fundo de novo e se acalma.

— Merda. Eu... eu sinto muito.

Ela não diz nada. Ele sorri um pouco, com tristeza, como se não esperasse que ela falasse. Então, ele se levanta e vai até o saco de dormir. Ela observa enquanto ele se deita, as costas voltadas para a fogueira; ela o observa até o ritmo da respiração dele diminuir. Só nesse momento é que ela relaxa.

No entanto, ela se sobressalta de novo quando ele fala bem baixinho.

— Você está certa — ele diz. — Estou louco há anos. Se ficar comigo por muito tempo, vai ficar louca também. Se vir o suficiente dessas coisas e entender o suficiente do que tudo isso significa. — Ele dá um longo suspiro. — Se me matar, estará fazendo um favor ao mundo inteiro. — Depois, ele não fala mais nada.

Syen reflete sobre suas últimas palavras provavelmente por mais tempo do que deveria.

Em seguida, ela se encolhe para dormir da melhor forma que puder sobre as duras pedras do pátio, enrolada em um cobertor e tendo uma sela como um tipo especialmente tortuoso de

travesseiro. Os cavalos ficam se movimentando sem parar, do modo como fizeram a noite toda; eles podem sentir o cheiro de morte na estação. Mas acabam dormindo, e Syenite também. Ela espera que Alabaster acabe fazendo o mesmo.

Ao longo da estrada pela qual eles viajaram, o obelisco cor de turmalina flutua fora do alcance da vista por trás de uma montanha, implacável em sua rota.



INVERNO, PRIMAVERA, VERÃO, OUTONO; A MORTE É A QUINTA E OCUPA O TRONO.

— *PROVÉRPIO ÁRTICO*



## Interlúdio

*Uma ruptura no padrão. Um nó na trama. Há coisas que você deveria estar percebendo aqui. Coisas que estão faltando e que são importantes por sua ausência.*

*Note, por exemplo, que ninguém na Quietude fala de ilhas. Isso não acontece porque não existem ilhas ou porque elas são inabitadas. Muito pelo contrário. É porque as ilhas tendem a se formar perto das falhas ou em cima de pontos quentes, o que significa que são coisas efêmeras na escala planetária, aparecem com uma erupção e desaparecem com o próximo tsunami. Mas os seres humanos, também, são coisas efêmeras na escala planetária. A quantidade de coisas que eles não percebem é literalmente astronômica.*

*As pessoas na Quietude tampouco falam sobre outros continentes, embora seja plausível suspeitar que eles possam existir em alguma outra parte. Ninguém viajou ao redor do mundo para ver que não existe nenhum; viagens marítimas são muito perigosas devido ao reabastecimento e às ondas de tsunami de apenas uns trinta metros de altura em vez de serem as lendárias montanhas de água que dizem encrespar-se no profundo oceano irrestrito. Eles apenas aceitam como certa a parte do saber que foi passada por civilizações mais corajosas e que diz que não existe mais nada. Da mesma maneira, ninguém fala de objetos celestiais, embora os céus estejam tão repletos e lotados aqui quanto em qualquer outro lugar*

*do universo. Isso se deve principalmente ao fato de que uma parte tão grande da atenção das pessoas esteja voltada ao solo, não ao céu. Eles percebem o que está lá: as estrelas e o sol e um cometa ou uma estrela cadente ocasionais. Eles não percebem o que está faltando.*

*Mas como poderiam? Quem sente falta do que nunca sequer imaginou? Isso não seria a natureza humana. Que sorte, então, que existem mais pessoas neste mundo do que simplesmente a humanidade.*



## 9

### *Syenite entre os inimigos*

Eles chegam a Allia uma semana depois, sob um céu azul brilhante de meio-dia que está completamente limpo, exceto por um obelisco roxo um pouco distante da costa.

Allia é grande para uma comu costeira; nada comparada a Yumenes, claro, mas de tamanho respeitável. Uma cidade de fato. A maioria de seus bairros e lojas e distritos industriais estão concentrados no terreno íngreme em forma de tigela de um porto natural formado a partir de uma antiga caldeira vulcânica que desmoronou de um lado, com povoados periféricos a vários dias de distância em todas as direções. Ao entrar, Syenite e Alabaster param no primeiro aglomerado de construções e casas de fazenda que veem, perguntam e (enquanto ignoram os olhares provocados por seus uniformes pretos) descobrem que há várias pensões por perto. Eles pulam a primeira porque um jovem de uma das casas de fazenda decide segui-los por alguns quilômetros, segurando o cavalo mais atrás para mantê-lo fora do que ele provavelmente acha que é a esfera de alcance deles. Está sozinho e não fala nada, mas um jovem pode com facilidade se tornar um bando de jovens, então eles continuam indo na esperança de que o ódio do rapaz não dure mais que o seu tédio, e ele acaba virando o cavalo e a cabeça de volta para o caminho de onde vieram.



A próxima pensão não é tão boa quanto a primeira, mas também não é ruim: um prédio antigo e quadrado de estuque que viu algumas Estações, mas é robusto e bem cuidado. Alguém plantou roseiras em cada canto e deixou a hera cobrir as paredes, o que provavelmente significará seu desabamento quando vier a próxima Estação, mas isso não é problema para Syenite se preocupar. Cobram-lhes duas madrepérolas imperiais por um quarto compartilhado e vagas no estábulo para dois cavalos por uma noite: uma extorsão tão ridiculamente óbvia que Syenite ri da proprietária antes de se conter. (A mulher lhes devolve o olhar.) Felizmente, o Fulcro entende que orogenes no campo às vezes precisam subornar os cidadãos para que tenham um comportamento decente. Syenite e Alabaster receberam provisões generosas, com uma carta de crédito que lhes permitirá obter mais dinheiro se necessário. Então, eles pagam o preço da proprietária, e a visão de todo aquele bom dinheiro branco torna seus uniformes pretos aceitáveis pelo menos por algum tempo.

O cavalo de Alabaster está mancando desde a cavalgada forçada até a estação de ligação, assim, antes de se acomodarem, eles também falam com um vaqueiro e negociam um animal sadio. O que conseguem é uma eguinha espirituosa que lança a Alabaster um olhar tão incrédulo que Syenite não consegue deixar de rir. É um bom dia. E, depois de uma boa noite de descanso em camas de verdade, eles seguem adiante.

Os portões principais de Allia são uma coisa enorme, até mais pomposamente amplos e adornados do que os de Yumenes. Mas de metal, em vez de pedra propriamente, o que os faz parecer a imitação espalhafatosa que são. Syen não consegue entender como essas malditas portas devem realmente proteger qualquer coisa, apesar do fato de terem pouco mais de 15 metros de altura e serem feitas de placas sólidas de aço cromado parafusado, com um pouco de filigrana para decorar. Em uma Estação, a primeira chuva ácida corroerá esses parafusos, e um bom tremor de grau seis desalinhará as placas de precisão, tornando essas coisas imensas impossíveis de fechar. Tudo o que se refere aos portões revela de forma gritante que essa é uma comu com muito dinheiro novo, mas

não sabedoristas suficientes conversando com a sua casta Liderança.

A equipe do portão parece consistir em apenas um punhado de Costas-fortes, todos eles vestindo os belos uniformes verdes da milícia dessa comu. A maioria está sentada por aí, lendo livros, jogando cartas ou então ignorando o comércio que transita para lá e para cá do portão; Syen se esforça para não fazer cara de reprovação frente a tão pouca disciplina. Em Yumenes, eles estariam armados, visivelmente fazendo guarda e pelo menos observando todos os viajantes que entram. Um dos Costas-fortes olha uma segunda vez ao avistar seus uniformes, mas depois gesticula para que entrem, dando uma espiada prolongada nos dedos cheios de anéis de Alabaster. Ele nem ao menos olha para as mãos de Syen, o que a deixa de muito mau humor quando, enfim, atravessam as labirínticas ruas de paralelepípedo do vilarejo e chegam à mansão do governador.

Allia é a única cidade grande no distritante todo. Syen não consegue lembrar quais são os nomes das outras três comus do distritante, ou como se chamava a nação antes de se tornar parte nominal de Sanze... Algumas das antigas nações reivindicaram seus nomes depois que Sanze afrouxou o controle, mas o sistema de distritantes funcionava melhor, então isso não importava. Ela sabe que são todas zonas de cultivo e pesca, tão fim de mundo quanto qualquer outra região costeira. Apesar de tudo isso, a mansão do governador é impressionantemente bonita, com engenhosos detalhes arquitetônicos yumenescenses em toda parte, como cornijas e janelas feitas de vidro e, ah sim, uma única sacada decorativa com vista para um amplo pátio. Uma ornamentação completamente desnecessária, em outras palavras, que provavelmente precisa ser reparada depois de cada pequeno tremor. E eles tinham mesmo que pintar o prédio inteiro de amarelo vivo? Parece um tipo de fruta retangular gigante.

Nos portões da mansão, eles entregam os cavalos a um tratador e se ajoelham no pátio para que suas mãos sejam ensaboadas e lavadas por um criado Resistente da casa, que é uma tradição local para reduzir a chance de espalhar uma doença para o Liderança da comu. Depois disso, uma mulher muito alta, de pele quase tão negra

quanto a de Alabaster e vestida com uma variação em branco do uniforme da milícia, vem ao pátio e faz um gesto brusco para que eles a sigam. Ela os conduz pela mansão e entra em uma saleta, onde fecha a porta e vai se sentar à mesa daquela sala.

— Vocês dois demoraram bastante tempo para chegar até aqui — diz ela como um cumprimento, olhando para alguma coisa na mesa enquanto faz um gesto decidido para eles se sentarem. Eles se sentam nas cadeiras do outro lado da mesa, Alabaster cruzando as pernas e deixando as mãos em campanário com uma expressão impenetrável no rosto. — Esperávamos que chegassem semana passada. Querem ir ao porto imediatamente ou podem fazer o serviço daqui?

Syenite abre a boca para responder que preferiria ir ao porto, uma vez que nunca moveu um recife de corais antes e estar mais próxima a ajudará a entendê-lo melhor. Antes que ela possa falar, porém, Alabaster diz:

— Desculpe-me, quem é a senhora?

Syenite fecha rapidamente a boca e olha para ele. Ele está sorrindo educadamente, mas há algo mordaz no sorriso que coloca Syenite em alerta de imediato.

— Meu nome é Asael Liderança Allia — diz ela em um tom suave, como se falasse com uma criança.

— Alabaster — ele responde, tocando o próprio peito e acenando com a cabeça. — Minha colega é Syenite. Mas, me perdoe, eu não queria saber apenas o seu nome. Disseram-nos que o governador do distritante era um homem.

É nesse momento que Syenite entende e decide entrar na brincadeira. Ela não entende *por que* ele decidiu fazer isso, mas não há nenhuma maneira de entender nada do que ele faz. A mulher não entende; ela cerra o maxilar visivelmente.

— Sou representante do governador.

A maioria dos distritantes tem governador, vice-governador e um senescal. Talvez uma comu que está se esforçando tanto para superar os Equatoriais precise de camadas adicionais de burocracia.

— Quantos representantes do governador existem? — pergunta Syenite, e Alabaster faz um “tsc, tsc”.

— Devemos ser corteses, Syen — ele fala. Ele ainda está sorrindo, mas está furioso; ela sabe porque ele está mostrando dentes demais. — Somos só orogenes, no final das contas. E ela é um membro da casta de uso mais estimada da Quietude. Estamos aqui somente para lidar com poderes maiores do que ela pode compreender a fim de salvar a economia da região, enquanto *ela*... — Ele aponta para a mulher com o dedo, sem ao menos tentar esconder o sarcasmo. — Ela é uma burocrata secundária pedante. Mas tenho certeza de que é uma burocrata secundária pedante de *grande importância*.

A mulher não é pálida o bastante para sua pele traí-la, mas tudo bem: sua postura rígida como uma pedra e suas narinas dilatadas são indícios suficientes. Ela olha de Alabaster para Syenite, mas então seu olhar volta para ele, o que Syen entende perfeitamente bem. Ninguém é mais irritante do que o seu mentor. Ela sente um súbito orgulho perverso.

— Há seis representantes do governador — diz ela enfim, respondendo à pergunta de Syenite ao mesmo tempo em que lança um olhar fulminante para o rosto sorridente de Alabaster — E o fato de que sou representante do governador deveria ser irrelevante. O governador é um homem muito ocupado, e esta é uma questão de pouca importância. Portanto, *uma burocrata secundária* deveria ser mais do que suficiente para lidar com isso. Não?

— Não é uma questão de pouca importância. — Alabaster não está mais sorrindo, embora ainda esteja relaxado, tamborilando os dedos uns nos outros. Parece estar considerando a possibilidade de ficar bravo, embora Syen saiba que ele já está. — Posso sentir a obstrução do coral daqui. Seu porto está quase inutilizável; vocês provavelmente vêm perdendo navios mercantes com carga mais pesada para outras comus costeiras há uma década, se não mais. Vocês concordaram em pagar ao Fulcro uma quantia tão alta... sei que é alta porque *me* mandaram... que esperam que o porto desimpedido recupere todas essas transações perdidas, ou nunca pagarão a dívida antes que o próximo tsunami os destrua. Então, nós. Nós dois. — Ele aponta Syen com um gesto breve, depois volta a colocar as mãos em campanário. — Somos todo o seu futuro ferrugento.

A mulher está completamente imóvel. Syenite não consegue decifrar a expressão dela, mas seu corpo está rígido, e ela recuou um pouquinho. De medo? Talvez. É mais provável que seja em reação aos dardos verbais de Alabaster, que com certeza atingiram um ponto sensível.

E ele continua.

— Então, o mínimo que a senhora poderia fazer é primeiro nos oferecer um pouco de hospitalidade, e depois nos apresentar ao homem que nos fez viajar várias centenas de quilômetros para resolver o seu probleminha. Isso é cortesia, não? É assim que oficiais importantes costumam ser tratados. A senhora não concorda?

Mesmo sem querer, Syen tem vontade de bater palmas.

— Muito bem — a mulher consegue dizer enfim, com uma fragilidade palpável. — Vou transmitir o seu... pedido... ao governador. — Depois ela sorri, seus dentes um lampejo branco de ameaça. — Vou transmitir a sua decepção com o nosso protocolo de costume quanto aos convidados.

— Se é desse modo que geralmente tratam os convidados — diz Alabaster, dando uma olhada ao redor com aquela perfeita arrogância que apenas quem foi yumenescense uma vida inteira consegue demonstrar ao máximo —, então acho que a senhora *deveria* transmitir nossa decepção. É sério, assim direto ao ponto? Nem ao menos uma xícara de segura para nos revigorar depois da nossa longa viagem?

— Disseram-me que vocês pararam nos distritos da periferia para passar a noite.

— Sim, e isso amenizou o cansaço. As acomodações também estavam... abaixo do ideal. — O que é injusto, pensa Syen, já que a pensão era quente e suas camas, confortáveis; a proprietária havia sido escrupulosamente cortês uma vez estando com o dinheiro nas mãos. Mas ninguém pode detê-lo. — Quando foi a última vez que a senhora viajou mais de 2.400 quilômetros, Senhora Representante? Posso lhe garantir, a senhora precisará de mais do que um dia de descanso para se recuperar.

As narinas da mulher estão quase dilatadas. No entanto, ela é da casta Liderança; sua família deve tê-la treinado cuidadosamente

sobre como se curvar com o vento.

— Minhas desculpas. Eu não pensei.

— Não, não pensou. — De repente, Alabaster se levanta e, embora seja um movimento suave e sem ameaças, Asael recua como se ele estivesse prestes a atacá-la. Syen se levanta também, com atraso, já que Alabaster a pegou de surpresa, mas Asael nem olha para ela. — Vamos passar a noite naquela pousada pela qual passamos no caminho para cá — diz Alabaster, ignorando o nítido desconforto da mulher. Mais ou menos a duas ruas daqui. Aquela com o kirkhusa de pedra na frente? Não consigo lembrar o nome.

— O Fim da Estação. — A mulher fala o nome quase com suavidade.

— Sim, parece que é isso. Devo pedir que mandem a conta para cá?

Asael está respirando pesadamente agora, seus punhos cerrados em cima da mesa. Syen está surpresa, porque a pousada é um pedido perfeitamente razoável, embora um pouco caro; ah, mas esse é o problema, não é? Essa representante do governador não tem autorização para pagar por suas acomodações. Se os superiores dela ficarem irritados o bastante quanto a isso, vão descontar o gasto do pagamento dela.

Mas Asael Liderança Allia não deixa de lado seu teatrinho cortês ou simplesmente começa a gritar com eles, como Syen meio que espera.

— Claro — ela diz, conseguindo até dar um sorriso, o que faz Syen quase admirá-la. — Por favor, voltem amanhã neste horário, e eu lhes darei mais instruções depois.

Então eles saem e descem a rua até a pousada luxuosa que Alabaster garantiu para eles.

Enquanto estão à janela do quarto deles (estão compartilhando um outra vez, e tomando cuidado para não pedir uma comida particularmente cara, para que ninguém possa chamar o pedido de acomodação deles de exorbitante), Syenite examina o perfil de Alabaster, tentando entender por que ele ainda irradia fúria como uma fornalha.

— Bravo — ela diz. — Mas aquilo era necessário? Eu preferiria fazer o serviço e começar a viagem de volta assim que possível.

Alabaster sorri, embora os músculos de seu maxilar se mexam repetidas vezes.

— Pensei que você gostaria de ser tratada como um ser humano para variar.

— Eu gosto. Mas que diferença faz? Mesmo que você faça valer a sua autoridade agora, isso não vai mudar o que eles sentem a nosso respeito...

— Não, não vai. E não me importo com o que eles sentem. Eles não precisam gostar nem uma ferrugem de nós. O que importa é o que eles *fazem*.

Está tudo bem para ele. Syenite suspira e aperta o nariz com o polegar e o indicador, tentando ter paciência.

— Eles vão reclamar. — E Syenite, já que essa tecnicamente é sua missão, é que vai ser censurada por isso.

— Deixe que reclamem. — Ele vira as costas para a janela e se dirige ao banheiro. — Me chame quando chegar a comida. Vou ficar de molho até enrugar.

Syenite se pergunta se faz sentido odiar um homem louco. Não que ele vá perceber, de qualquer forma.

Chega o serviço de quarto, trazendo uma bandeja de comida local modesta, porém substancial. Peixe é barato na maioria das comus costeiras, então Syen regalou-se pedindo filé de temtyr, que é uma iguaria cara em Yumenes. Só são servidos de vez em quando nos restaurantes do Fulcro. Alabaster sai do banheiro enrolado em uma toalha, parecendo de fato estar enrugado. É quando Syen finalmente nota como ele ficou magro como a corda de um chicote nessas últimas semanas de viagem. Ele está pele e osso, e a única coisa que pediu para comer foi uma tigela de sopa. É verdade que é uma tigela grande de um ensopado vigoroso de frutos do mar, que alguém decorou com creme e uma colherada de chutney de beterraba, mas ele evidentemente precisa de mais comida.

Syenite tem, separado em um prato menor, um acompanhamento de inhame ao alho e silvabees caramelizadas, além de seu próprio prato. Ela coloca o acompanhamento na bandeja dele.

Alabaster olha para o prato, então para ela. Depois de um instante, sua expressão se suaviza.

— Então é isso. Você prefere um homem com mais carne.

Ele está brincando; os dois sabem que ela não apreciaria fazer sexo com ele mesmo que o achasse atraente.

— É, qualquer uma preferiria.

Ele dá um suspiro, depois obedientemente começa a comer os inhames. Entre uma bocada e outra (ele não parece estar com fome, apenas muito determinado), ele diz:

— Não sinto mais.

— O quê?

Ele encolhe os ombros, o que ela pensa ser menos devido à confusão e mais devido à incapacidade dele de articular o que quer dizer.

— Quase nada, na verdade. Fome. Dor. Quando estou na terra... — Ele faz uma careta. Este é o verdadeiro problema: não a incapacidade dele de dizer, mas o fato de que as palavras são inadequadas para essa tarefa. Ela concorda com a cabeça para mostrar que entendeu. Talvez um dia alguém criará uma língua para os orogenes usarem. Talvez essa língua tenha existido e depois tenha sido esquecida, no passado. — Quando estou na terra, ela é a única coisa que consigo sentir. Eu não sinto... *isto*. — Ele faz um gesto, apontando o quarto, o corpo dele, ela. — E eu passo tanto tempo na terra. Não consigo evitar. Mas quando volto, é como... é como se um pouco da terra viesse comigo, e... — A voz dele some. Mas ela acha que entende. — Ao que parece, isso é só uma coisa que acontece depois do sétimo ou oitavo anel. O Fulcro me faz adotar uma dieta rigorosa, mas não tenho seguido muito.

Syen aquiesce porque é óbvio. Ela coloca o pão de ervas no prato dele também, e ele suspira de novo. Depois, ele come tudo o que está no prato.

Eles vão para a cama. E mais tarde, no meio da noite, Syenite sonha que está caindo para cima por meio de um eixo de luz trêmula que ondula e refrata ao redor dela como água suja. No alto do eixo, algo bruxuleia *ali* e vai *para longe* e volta outra vez, como se não fosse exatamente real, como se não estivesse exatamente ali.



Ela acorda assustada, sem saber ao certo por que sente de súbito que *alguma coisa está errada*, mas segura de que precisa fazer algo quanto a isso. Ela se senta, esfregando o rosto cansadamente, e só quando os fragmentos do sonho desaparecem é que ela se dá conta da sensação iminente de fatalidade pairando no ar à sua volta.

Confusa, ela olha para Alabaster, e o encontra acordado ao seu lado, estranhamente rígido, encarando com os olhos arregalados e a boca aberta. Ele parece estar gargarejando, ou tentando roncar, e fracassando pateticamente. Que ferrugens? Ele não olha para ela, não se mexe, apenas continua fazendo aquele barulho ridículo.

E, enquanto isso, a orogenia dele acumula-se, acumula-se e *acumula-se*, até toda a parte de dentro do crânio dela doer. Ela toca o braço dele e percebe que está pegajoso e rígido, e só tardiamente entende que *ele não consegue se mexer*.

— Bas? — Ela se inclina em direção a ele, fitando seus olhos. Eles não olham de volta para ela. No entanto, ela consegue sentir com clareza alguma coisa ali, consciente e reagindo dentro dele. O poder dele se flexiona, já que seus músculos parecem não ser capazes, e a cada respiração gorgolejante ela o sente mover-se em uma espiral mais alta, enrolando-se mais apertado, pronto para se manifestar a qualquer momento. Pelas ferrugens queimadas e lascadas. Ele não consegue se mexer e está *entrando em pânico*.

— Alabaster! — Orogenes nunca, nunca devem entrar em pânico. Os orogenes de dez-anéis em especial. Ele não consegue responder ao chamado dela, claro; ela fala mais para que ele saiba que ela está aqui e está ajudando, de modo que, com sorte, ele se acalme. É algum tipo de convulsão, talvez. Syenite joga as cobertas, fica de joelhos e coloca os dedos na boca dele, tentando puxar a língua. Ela nota que a boca dele está cheia de saliva; ele está afogando com a maldita baba. Isso faz com que ela se lembre de virá-lo bruscamente para o lado, inclinando a cabeça dele para que o cuspe escorra, e ambos são recompensados com o som de sua primeira respiração limpa. Mas é fraca essa respiração e demora tempo demais para ele inspirar. Ele está lutando. O que quer que tenha, está paralisando seus pulmões junto com todo o resto.

O quarto chacoalha, só um pouquinho, e Syenite ouve vozes se erguendo, alarmadas, por toda a pousada. Os gritos cessam rápido, entretanto, porque ninguém está preocupado de verdade. Não há nenhum tremor iminente que se possa sentir. Provavelmente, estão atribuindo a sacudida a uma forte rajada de vento contra um lado da pousada... por enquanto.

— Merda merda merda... — Syenite se agacha para entrar em seu campo de visão. — Bas, seu ferrugento idiota filho de um canibal... *contenha seu poder*. Eu vou ajudar você, mas não posso fazer isso se matar todos nós!

Seu rosto não reage, sua respiração não muda, mas aquela sensação de fatalidade que paira no ar diminui quase que de imediato. Melhor. Bom. Agora...

— Preciso achar um médico.

O solavanco que chacoalha o prédio é mais brusco desta vez; ela ouve pratos chacoalharem e retinirem no carrinho de comida descartada da pousada. Então isso é um não.

— Não posso ajudar você! Não sei o que é isso! Você vai morrer se...

O corpo dele inteiro sacode. Ela não sabe ao certo se é algo proposital ou algum tipo de convulsão. Mas ela percebe que era um aviso um instante depois, quando *aquilo* acontece outra vez: o poder dele, prendendo o dela como um torno. Ela cerra os dentes e o espera usá-la para fazer o que quer que precise fazer... Mas não acontece nada. Ele a tem, e ela consegue senti-lo fazendo *alguma coisa*. Meio que se debatendo. Procurando, sem encontrar nada.

— O que foi? — Syenite perscruta o rosto sem reação. — O que você está procurando?

Sem resposta. Mas é obviamente algo que ele não consegue achar sem se mexer por conta própria.

O que não faz sentido. Orogenes não precisam de olhos para fazer o que fazem. *Um bebê no berço* consegue fazer o que eles fazem. Mas, mas... Ela tenta pensar. Antes, quando isso aconteceu na estrada alta, ele havia primeiro se voltado para a origem do perigo. Ela imagina a cena em sua mente, tentando entender o que ele fez e como o fez. Não, não foi isso; a estação de ligação estava levemente ao noroeste, e ele olhou direto para o oeste, para o

horizonte. Chacoalhando a cabeça a respeito da própria tolice ao mesmo tempo em que o faz, Syenite salta da cama e corre para a janela, abrindo-a e olhando para fora. Não há nada para ver exceto as ruas íngremes e os edifícios de estuque da cidade, silenciosos tão tarde da noite. A única atividade está no final da rua, onde pode vislumbrar o cais e o oceano além dele: há pessoas carregando um navio. O céu está manchado de nuvens, muito longe do amanhecer. Ela se sente uma idiota. E então...

Algo se cerra em sua mente. De lá da cama ela ouve Alabaster produzir um som áspero, sente o tremor de seu poder. Algo chamou a atenção dele. Quando? Quando ela olhou para o céu. Intrigada, ela olha de novo.

Ali. *Ali*. Ela quase consegue sentir o júbilo do colega. E então o poder dele a envolve, e ela para de ver com qualquer coisa que se assemelhe a olhos.

É como o sonho que ela teve. Ela está caindo, para cima, e isso de algum modo faz sentido. À sua volta, o lugar por onde está caindo bruxuleia em cores e facetas, como a água... Exceto pelo fato de que é de um roxo claro em vez de azul ou transparente, ametista de baixa qualidade com um bocado de quartzo enfumaçado. Ela se debate em meio àquilo, certa de que está se afogando, mas isso é algo que percebe com os sensapinae, e não com a pele ou com os pulmões; não pode estar se debatendo porque não é água e ela não está aqui de verdade.

Onde ela se agita, ele age de forma intencional. Ele a puxa para cima, caindo mais rápido, procurando algo, e ela quase consegue ouvir o grito da coisa, sentir o arrasto de forças como pressão e temperatura resfriando e formigando aos poucos sua pele.

Algo se enreda. Alguma outra coisa se abre. Isso está além da compreensão dela, complexo demais para perceber na íntegra. Algo flui por algum lugar, aquece-se com o atrito. Algum lugar dentro dela aplaina-se, intensifica-se. *Queima*.

E então ela está em outro lugar, flutuando em meio a imensas coisas gélidas, e há algo nelas, entre elas

*um contaminante*

Esse pensamento não é dela.

E então tudo some. Ela volta rapidamente a si, ao mundo real da visão e do som e da audição e do paladar e do cheiro e do sensamento, sensamento de verdade, sensamento do modo como *deveria* funcionar, não do jeito ferrugento que Alabaster acabou de fazer; e Alabaster está vomitando na cama.

Indignada, Syen vira bruscamente para o outro lado, depois se lembra de que ele está paralisado; ele não deveria ser capaz de se mexer nem um pouco, menos ainda vomitar. Todavia, ele está fazendo isso, tendo se erguido um pouco da cama para poder vomitar melhor. Obviamente, a paralisia diminuiu.

Ele não vomita muito, só uma ou duas colheres de chá de uma coisa branca de aparência oleosa. Eles comeram horas atrás; não deveria haver nada na parte superior de seu trato digestivo. Mas ela se lembra de

*um contaminante*

e percebe tardiamente o que foi que saiu de dentro dele. E, mais ainda, ela compreende *como* ele fez isso.

Quando enfim consegue juntar tudo e cuspir algumas vezes por uma questão de ênfase ou precaução, ele se deixa cair de volta na cama, deitando-se de costas, respirando com dificuldade, ou talvez apenas desfrutando da sensação de poder respirar à vontade.

— O que, em nome da ferrugenta Terra ardente, você acabou de fazer? — Syenite sussurra.

Ele ri um pouco, abrindo os olhos para voltá-los em direção a ela. Dá para ver que é outra daquelas risadas que ele dá quando na verdade quer expressar outra coisa que não humor. Sofrimento desta vez, ou talvez uma resignação cansada. Ele está sempre amargo. Como ele demonstra isso é só uma questão do grau de amargura.

— F-foco — ele responde, arfando. — Controle. Uma questão de grau.

É a primeira lição da orogenia. Qualquer bebê consegue mover uma montanha; isso é instinto. Só um orogene treinado pelo Fulcro consegue mover específica e deliberadamente uma rocha. E só um dez-anéis, ao que parece, consegue mover substâncias infinitesimais flutuando e correndo pelos interstícios de seu sangue e nervos.

Deveria ser impossível. Ela não deveria acreditar que ele fez isso. Mas ela o ajudou a fazê-lo, então não pode fazer nada, *exceto* acreditar no impossível.

Pelas crueldades da Terra.

Controle. Syenite respira fundo para controlar os nervos. Então, ela se levanta, pega um copo de água e leva até ele. Ainda está fraco; ela precisa ajudá-lo a se sentar para beber água. Ele também cospe o primeiro gole no chão sobre os pés delas. Ela fica olhando. Depois pega alguns travesseiros para escorar as costas dele, ajuda-o a se reclinar e puxa a parte do cobertor que não está manchada sobre as pernas e o colo dele. Isso feito, ela vai até a poltrona do lado oposto da cama, que é grande e mais do que felpuda o suficiente para dormir durante a noite. Ela está cansada de lidar com os fluidos corporais dele.

Depois que Alabaster recobrou o fôlego e recuperou um pouco de suas forças (ela não é insensível), ela fala bem baixinho:

— Diga-me o que ferrugens você está fazendo.

Ele não parece surpreso com a pergunta e não se mexe de onde se afundou entre os travesseiros, recostando a cabeça.

— Sobrevivendo.

— Na estrada alta. Agora há pouco. *Explique.*

— Não sei se... consigo. Ou se deveria.

Ela mantém a calma. Está assustada demais para não manter.

— O que quer dizer com “se deveria”?

Ele respira longa, lenta e profundamente, saboreando o ato, óbvio.

— Você não tem... controle ainda. Não o bastante. Sem isso... se tentasse fazer o que acabei de fazer... você morreria. Mas se eu lhe disser como fiz. — Ele respira fundo, solta o ar. — Talvez você não consiga deixar de tentar.

Controle sobre coisas pequenas demais para ver. Parece brincadeira. Tem que ser brincadeira.

— Ninguém tem esse tipo de controle. Nem mesmo os dez-anéis. — Ela ouviu histórias; eles conseguem fazer coisas incríveis. Não coisas impossíveis.

— Eles são os deuses acorrentados — Alabaster respira, e ela percebe que ele está adormecendo. Exausto por lutar pela vida...

Ou talvez fazer milagres seja mais difícil do que parece. — Os domadores da terra selvagem, eles próprios devem ser contidos e amordaçados.

— O que é isso? — Ele está citando alguma coisa.

— O Saber das Pedras.

— Bobagem. Isso não está em nenhuma das Três Tábuas.

— Tábua Cinco.

Ele é tão cheio de papo furado. E está caindo no sono. Pela Terra, ela vai matá-lo.

— Alabaster! Pela ferrugem, responda a minha *pergunta*. — Silêncio. Maldita Terra. — O que é isso que você fica fazendo comigo?

Ele solta o ar longa e pesadamente, e ela pensa que ele apagou. Mas ele fala:

— Escalonamento paralelo. Puxe uma carruagem com um animal e ele vai só até certo ponto. Coloque dois enfileirados e o da frente se cansa primeiro. Atrele-os lado a lado, *sincronize-os*, reduza o atrito perdido entre os movimentos dos dois, e você consegue mais do que conseguiria de ambos os animais de forma individual. — Ele suspira de novo. — Em todo caso, essa é a teoria.

— E o que você é, a parêntese dos bois?

Ela está brincando. Mas ele concorda com a cabeça.

Uma parêntese. Isso é pior. Ele vem tratando-a como um *animal*, forçando-a a trabalhar por ele para não ficar esgotado.

— Como você está... — Ela rejeita a palavra *como*, que presume uma possibilidade onde não deveria existir nenhuma. — Orogenes não podem trabalhar juntos. O maior grau de controle predomina. — É uma lição que ambos aprenderam nos tormentos dos grãos.

— Pois bem. — Ele está tão perto de dormir que as palavras não saem claras. — Acho que não aconteceu.

Ela fica tão furiosa que a fúria a cega por um instante; o mundo some. Orogenes não podem se dar ao luxo de sentir esse tipo de raiva, então ela solta tudo em palavras.

— Não me venha com essa porcaria! Não quero que faça isso comigo nunca mais... — Mas como ela pode impedi-lo? — Ou então vou matá-lo, ouviu? Você não tem esse direito!

— Salvou a minha vida — É quase um murmúrio, mas ela ouve, e essa fala dá uma facada nas costas da raiva dela. — Obrigado.

Porque, sério, como ela pode culpar um homem que estava se afogando por agarrar qualquer pessoa que estivesse por perto para se salvar?

Ou para salvar milhares de pessoas?

Ou para salvar o filho?

Ele está dormindo agora, sentado ao lado da pequena poça daquela coisa nojenta que vomitou. Claro que o vômito está do lado dela da cama. Enojada, Syen dobra as pernas para se encolher na poltrona felpuda e tentar ficar confortável.

Só quando ela se acalma é que lhe ocorre o que aconteceu. A essência do fato, não apenas a parte em que Alabaster faz o impossível.

Quando era um grão, ela trabalhou na cozinha algumas vezes e, de tempos em tempos, abriam um pote de frutas ou legumes que havia estragado. Os bolorentos, aqueles que haviam rachado ou estavam parcialmente abertos, cheiravam tão mal que os cozinheiros tinham que abrir as janelas e colocar alguns grãos para abanar a fim de dissipar o fedor. Mas muito piores, Syen aprendera, eram os potes que não rachavam. As coisas que estavam dentro deles pareciam boas; abertos, não cheiravam mal. O único alerta de perigo era uma pequena deformação na tampa de metal.

— Mata mais do que a mordida de um swaphrisk — o cozinheiro chefe, um velho Resistente grisalho, dizia-lhes ao mostrar o pote suspeito para que soubessem com que deveriam ter cuidado. — Puro veneno. Seus músculos travam e param de funcionar. Você não consegue nem respirar. E é potente. Eu poderia matar todo mundo no Fulcro com esse pote. — E ria, como se essa ideia fosse engraçada.

Misturadas a uma tigela de ensopado, algumas gotas desse produto contaminado seriam mais do que suficientes para matar um roga irritante de meia idade.

Poderia ter sido um acidente? Nenhum cozinheiro respeitável usaria algo de um pote com tampa deformada, mas talvez a pousada O Fim da Estação contrate incompetentes. A própria Syenite havia feito o pedido, falando com a criança que havia subido

para ver se eles precisavam de algo. Ela havia especificado de quem era cada um dos pedidos? Ela tenta se lembrar do que disse. “*Peixe e inhame para mim*”. Então eles teriam tido condições de supor que o ensopado era para Alabaster.

Por que não adulterar a comida dos dois, então, se alguém na pousada odeia roggas o suficiente para tentar matá-los? Era relativamente fácil jogar suco tóxico de legumes na comida toda, não só na de Alabaster. Talvez tenham feito isso e a contaminação não a tenha afetado ainda? Mas ela se sente bem.

*É paranoia sua*, ela diz a si mesma.

Mas não é imaginação sua que todos a odeiam. Ela é uma roga, afinal de contas.

Frustrada, Syen se remexe na poltrona, abraçando os joelhos e tentando dormir. É um esforço perdido. Sua cabeça está muito cheia de perguntas, e seu corpo está acostumado demais ao chão duro mal acolchoado pelo saco de dormir. Ela acaba ficando sentada pelo resto da noite, olhando pela janela para um mundo que começou a fazer cada vez menos sentido, e perguntando-se que ferrugens deve fazer quanto a isso.

Mas, de manhã, quando coloca a cabeça para fora da janela para respirar o ar carregado de orvalho em uma tentativa fútil de despertar, ela por acaso olha para cima. Ali, piscando à luz do amanhecer, paira um grande fragmento de ametista. Só um obelisco, um que ela se lembra vagamente de ter visto no dia anterior, quando estavam cavalgando para Allia. Eles são sempre bonitos, mas as estrelas que demoram a sumir também são, e ela mal presta atenção aos dois no curso natural das coisas.

Entretanto, ela nota esse agora. Porque hoje ele está muito mais perto do que estava ontem.



COLOQUE UMA VIGA CENTRAL FLEXÍVEL NO CERNE DE TODAS AS ESTRUTURAS.

CONFIE NA MADEIRA, CONFIE NA PEDRA, MAS O METAL ENFERRUJA.

— *TÁBUA TRÊS, “ESTRUTURAS”, VERSÍCULO UM*





## 10

### *Você caminha ao lado da fera*

Você pensa que, talvez, precise ser outra pessoa.

Você não sabe ao certo quem. Seus eus anteriores foram mais fortes e frios, ou mais ternos e fracos; nenhum desses conjuntos de qualidades é mais adequado para ajudá-la a se sair bem nessa bagunça em que você está. Neste exato momento, você é fria e fraca, e isso não ajuda ninguém.

Talvez você pudesse se transformar em uma pessoa nova. Você já fez isso antes; é espantosamente fácil. Um novo nome, um novo foco, depois experimente a roupagem da nova personalidade para achar o ajuste perfeito. Alguns dias e você sentirá como se nunca houvesse sido outra pessoa.

Mas. Só um de seus eus é a mãe de Nassun. Foi o que a impediu de mudar até agora e, em última análise, é o fator decisivo. Quando tudo isso acabar, quando Jija estiver morto e finalmente for seguro chorar a morte do seu filho... Se ainda estiver viva, Nassun vai precisar da mãe que conheceu a vida inteira.

Então, você precisa continuar sendo Essun, e Essun vai ter que se virar com os pedaços quebrados de si mesma que Jija deixou para trás. Você vai encaixá-los como puder, calafetar os pedaços estranhos com força de vontade onde quer que não se encaixem bem, ignorar os ocasionais ruídos de algo sendo triturado e partido. Contanto que nada importante se parta, certo? Você vai sobreviver.

Você não tem escolha. Não enquanto um de seus filhos possa estar vivo.

• • •

Você acorda ao som de um combate.

Você e o menino acamparam em uma hospedaria para passar a noite, em meio a várias centenas de outras pessoas que claramente tiveram a mesma ideia. Na realidade, ninguém está dormindo *na* hospedaria (que, nesse caso, é pouco mais do que uma cabana com paredes de pedra e sem janelas dentro da qual há um poço com bomba motorizada) porque, por um acordo tácito, aquele é um território neutro. E, da mesma forma, nenhuma das várias dezenas de pessoas acampadas que estão dispostas em torno da hospedaria fez muito esforço para interagir porque, por um acordo tácito, estão todas aterrorizadas o bastante para esfaquear primeiro e perguntar depois. O mundo mudou de maneira rápida e profunda demais. O Saber das Pedras poderia ter tentado preparar todos para as particularidades, mas o horror geral da Estação ainda é um choque com o qual ninguém consegue lidar com facilidade. Afinal de contas, há apenas uma semana, tudo estava normal.

Você e Hoa acomodaram-se e fizeram uma fogueira para passar a noite em uma clareira próxima em meio ao pasto. Você não tem escolha a não ser alternar um período de vigia com a criança, apesar de achar que ele simplesmente vai adormecer; com tanta gente ao redor, é perigoso demais ser descuidado. Os ladrões são o maior problema em potencial, uma vez que você tem uma bolsa de fuga cheia, e vocês dois são só uma mulher e um menino viajando sozinhos. O fogo é um perigo também, com todas essas pessoas que não sabem de que lado fica o mecanismo de ignição de um acendedor passando a noite em um campo de grama seca. Mas você está exausta. Faz só uma semana que deixou de viver a própria vida confortável e previsível e vai demorar um pouco para voltar à condição de viajante. Então, você manda o garoto acordá-la assim que o pedaço de turfa queimar por completo. Isso deveria dar-lhe umas quatro ou cinco horas.

Mas *muitas* horas depois, quase ao amanhecer, é que as pessoas começam a gritar na outra ponta do acampamento

provisório. Ouvem-se gritos deste lado conforme as pessoas à sua volta dão gritos de alerta, e você sai do saco de dormir e se levanta com dificuldade. Você não sabe ao certo quem está gritando. Apenas agarra a bolsa de fuga com uma das mãos e o menino com a outra, e se vira para correr.

Ele se desvencilha antes que você consiga correr e agarra o pequeno embrulho de farrapos. Depois ele pega a sua mão de novo, seus olhos branco-gelo bem abertos na penumbra.

Então vocês, todos vocês, todos os que estão por perto, bem como você e o garoto, saem correndo, correndo, adentrando mais a planície e afastando-se da estrada, porque foi daquela direção que vieram os primeiros gritos, e porque ladrões ou sem-comu ou milícias ou quem quer que esteja causando esse problema provavelmente usará a estrada para ir embora quando houver terminado o que quer que esteja fazendo. Na madrugada coberta de cinzas, todas as pessoas à sua volta são sombras apenas meio reais correndo em paralelo. Durante algum tempo, o menino e a bolsa e o chão debaixo dos seus pés são as únicas partes do mundo que existem.

Um bom tempo depois, suas forças se acabam, e você enfim cambaleia até parar.

— O que foi aquilo? — Hoa pergunta. Ele não parece estar sem fôlego de modo algum. A resistência das crianças. Claro, você não correu o caminho todo; você está muito mole e fora de forma para isso. O mais importante era continuar se movendo, o que você fez, caminhando quando não conseguia reunir o fôlego necessário para correr.

— Eu não vi — você responde. Na verdade, de qualquer forma, não importa o que era. Você esfrega o lado do corpo, onde sente cãibra. Desidratação; você pega o seu cantil para beber. Mas, quando o pega, faz uma careta por conta do esguicho quase vazio que sai dele. Claro que você não aproveitou a oportunidade de enchê-lo enquanto estava na hospedaria. Você estava planejando fazer isso assim que amanhecesse.

— Eu também não vi — diz o garoto, virando-se e esticando o pescoço como se devesse ser capaz de ver. — Estava tudo quieto e então... — Ele dá de ombros.

Você olha para ele.

— Você não caiu no sono, caiu? — Você viu a fogueira antes de fugir. Estava em brasas. Ele deveria tê-la acordado horas atrás.

— Não.

Você lhe lança aquele olhar que intimidava seus dois filhos e os de várias dezenas de outras pessoas. Ele recua, parecendo confuso.

— Eu *não* dormi.

— Por que não me chamou quando a turfa terminou de queimar?

— Você precisava dormir. Eu não estava com sono.

Maldição. Isso significa que ele *terá* sono mais tarde. Que a Terra coma as crianças obstinadas.

— O lado do seu corpo está doendo? — Hoa dá um passo à frente, parecendo ansioso. — Você está machucada?

— Só uma físgada. Vai acabar sumindo. — Você olha ao redor, embora a visibilidade em meio à chuva de cinzas seja incerta depois de uns seis metros. Não há nenhum sinal de que haja mais alguém por perto, e você não consegue ouvir nenhum outro som da área em torno da hospedaria. Não há nenhum som à sua volta, na verdade, a não ser a queda muito suave de cinzas na grama. É lógico que as outras pessoas que estavam acampadas ao redor da hospedaria não podem estar tão longe assim; mas você *se sente* completamente sozinha, exceto por Hoa. — Vamos ter que voltar para a hospedaria.

— Para buscar as suas coisas?

— Sim. E água. — Você olha de lado na direção da hospedaria, mesmo sendo inútil quando a planície simplesmente esmaece em uma névoa branca acinzentada a pouca distância. Você não tem como saber se a próxima hospedaria vai estar em condições de ser utilizada. Pode ter sido tomada por aspirantes a senhores da guerra ou destruída por gangues em pânico; poderia estar avariada.

— Você poderia voltar. — Você se vira para o menino, que está sentado na grama, e, para sua surpresa, ele tem algo na boca. Ele não tinha nenhuma comida antes... Ah. Ele amarra o embrulho de trapos bem forte e engole antes de falar de novo. — Ao riacho onde me fez tomar banho.

É uma possibilidade. O riacho desapareceu no subsolo outra vez, não muito longe de onde você o usou; está a apenas um dia de caminhada. Mas é um dia de caminhada *de volta* por onde você veio e...

E nada. Voltar ao riacho é a opção mais segura. Sua relutância em fazer isso é estúpida e errada.

Mas Nassun está em algum lugar *à frente*.

O garoto somente observa. Se está preocupado com você, ele não deixa transparecer no rosto.

Bem, você está prestes a dar a ele mais motivos para se preocupar.

— Vamos voltar à hospedaria. Já passou tempo suficiente. Ladrões ou bandidos ou seja quem for já teriam pegado o que queriam a essa altura e seguido adiante.

A não ser que quisessem *a hospedaria*. Várias das comus mais antigas da Quietude começaram como fontes de água tomadas pelo grupo mais forte de uma determinada área e defendidas de todos até a Estação terminar. É a grande esperança dos sem-comu em épocas como essa: a de que, sem nenhuma comu que queira abrigá-los, eles possam forjar a sua própria comu. No entanto, poucos grupos sem-comu são organizados o bastante, sociáveis o bastante, fortes o bastante para fazer isso com êxito.

E poucos tiveram que lutar com uma orogene que queria água mais do que eles.

— Se quiserem ficar com ela — você continua, e fala sério, apesar de ser uma coisa tão pequena, você só quer água, mas, neste momento, todo obstáculo parece tão grande quanto uma montanha e *orogenes comem montanhas no café da manhã* —, é melhor me deixarem pegar um pouco.

O menino, o qual você meio que espera que saia correndo e gritando depois dessa afirmação, apenas se levanta. Você comprou roupa para ele na última comu pela qual passou, bem como a turfa. Agora ele tem botas boas e robustas e meias boas e grossas, duas mudas de roupa completas e uma jaqueta que é extraordinariamente semelhante à sua. Esse tipo de coisa passa mensagens tácitas de organização, foco compartilhado, adesão a um grupo; não é muito, mas cada pequeno elemento de intimidação

ajuda. *Que par formidável nós somos, uma mulher louca e uma criança substituta.*

— Venha — você diz, e começa a andar. Ele vai atrás.

Está tudo em silêncio quando você se aproxima da hospedaria. Você sabe que está perto pela confusão no prado: aqui está o local de acampamento que alguém abandonou, com a fogueira ainda fumegando; ali está a bolsa de fuga rasgada que pertence a outra pessoa, seguida por uma trilha de suprimentos que ela pegou e deixou cair ao fugir. Há um círculo onde a grama foi arrancada, carvão para fogueiras e um saco de dormir que poderia ser o seu. Você o recolhe ao passar e o enrola, enfiando-o em meio às alças da sua bolsa para amarrá-lo direito depois. E então, mais rápido do que você esperava, lá está a hospedaria em si.

Você pensa de início que não há ninguém aqui. Não consegue ouvir nada além dos próprios passos e da sua respiração. O garoto fica em silêncio a maior parte do tempo, mas seus passos soam estranhamente pesados contra o asfalto quando vocês voltam para a estrada. Você olha para ele, e ele parece perceber. Ele para, olha com atenção para os seus pés quando você continua andando. Observando o modo como você move o pé do calcanhar para os dedos, não tanto cravando um passo, mas sim descolando o pé do chão e aplicando-o outra vez com cuidado. Então, ele começa a fazer a mesma coisa e, se não precisasse prestar atenção nos arredores, se não estivesse distraída com o seu próprio coração disparado, você daria risada da expressão de surpresa no rostinho dele quando suas passadas se tornaram silenciosas. Ele fica quase bonitinho.

Mas é aí que você entra na hospedaria e percebe que não está sozinha.

Primeiro, você nota somente o motor e o envoltório de cimento onde ele está; é isso que a hospedaria é de fato, um abrigo para a bomba. Depois, você vê uma mulher, que está cantarolando para si mesma enquanto tira um cantil grande e coloca outro vazio e maior ainda debaixo da torneira. Ela anda às pressas em torno do envoltório para fazer funcionar o mecanismo da bomba, muito ocupada, e só vê você quando já havia começado a movimentar a

alavanca de novo. Então ela fica paralisada, e vocês duas se entreolham.

Ela é uma sem-comu. Ninguém que apenas recentemente ficou sem abrigo estaria tão imunda. (Exceto o menino, uma parte da sua mente completa, mas há uma diferença entre a sujeira de um desastre e a sujeira da *falta de banho*). O cabelo da mulher está emaranhado não em cachos limpos e bem cuidados como os seus, mas por puro descuido; ele se amontoa em tufos bolorentos e irregulares. A pele dela não está só coberta de sujeira; a sujeira está incrustada, um elemento permanente. Há minério de ferro em algumas partes e está enferrujado por conta da umidade de sua pele, tingindo de vermelho o padrão formado pelos poros. Algumas de suas roupas são novas (considerando quantas coisas você viu abandonadas ao redor da hospedaria, é fácil de adivinhar onde ela as conseguiu) e os sacos aos pés dela são de um total de três, cada um dos quais está estufado com suprimentos e com um cantil já cheio. Mas o odor do corpo dela é tão forte e fétido que você espera que esteja pegando toda aquela água para um banho.

Ela dá uma olhada rápida em você e Hoa, avaliando de forma igualmente ligeira e meticulosa, e então, depois de um momento, ela encolhe um pouco os ombros e termina de bombear, enchendo o grande cantil em duas bombadas. Depois pega-o, tampa-o, prende-o a um dos grandes sacos aos pés dela e, com tanta destreza que você fica admirada, ergue os três e se afasta.

— Vai fundo.

Você já viu pessoas sem-comu antes, claro; todos já viram. Em cidades que querem mão de obra mais barata do que a dos Costas-fortes (e onde o sindicato dos Costas-fortes é fraco), elas vivem em favelas e mendigam pelas ruas. Em qualquer outro lugar, elas vivem nos espaços entre as comus, florestas e nas bordas dos desertos e locais desse tipo, onde sobrevivem caçando e construindo acampamentos com restos. Os que não querem problemas assaltam plantações e silos nos arredores do território das comus; os que gostam de briga assaltam comus pequenas e mal protegidas e atacam viajantes ao longo das estradas de menor importância dos distritantes. Os governadores dos distritantes não se importam que aconteça um pouco disso. Mantém todo mundo esperto e lembra os

encrenqueiros de como podem acabar. Roubos demais ou um ataque muito violento, entretanto, e as milícias são enviadas para caçar os sem-comu.

Nada disso importa agora.

— Não queremos problemas — você diz. — Só viemos buscar água, como você.

A mulher, que esteve observando Hoa com curiosidade, volta o olhar para você.

— *Eu* é que não vou criar nenhum. — Ela tampa deliberadamente outro cantil que encheu. — Mas tenho mais desses para encher, então. — Ela aponta com o queixo para a sua mochila e para o cantil pendurado nela. — O seu não vai demorar.

Os dela de fato são enormes. Provavelmente também são pesados como toras.

— Você está esperando que outros venham?

— Não. — A mulher sorri, mostrando dentes extraordinariamente bons. Se ela é uma sem-comu agora, não começou dessa maneira; aquelas gengivas não sofreram muito com a desnutrição. — Vão me matar?

Você tem que admitir, não estava esperando por isso.

— Ela deve ter algum lugar aqui por perto — diz Hoa. Você fica satisfeita de ver que ele está à porta, olhando para fora. Ainda de guarda. Garoto esperto.

— É — retruca a mulher, animadamente imperturbável com o fato de terem descoberto seu segredo ostensivo. — Vão me seguir?

— Não — você responde com firmeza. — Não estamos interessados em você. Deixe-nos em paz e nós faremos o mesmo.

— Por mim, ok.

Você desprende o seu cantil e se aproxima da bomba. É complicado; a coisa deve ser acionada por uma pessoa enquanto outra segura o recipiente.

A mulher coloca uma das mãos na bomba, silenciosamente oferecendo ajuda. Você aquiesce e ela bombeia para você. Você bebe a primeira porção de água, e depois segue-se um silêncio tenso enquanto o cantil se enche. O nervosismo a faz quebrá-lo.

— Você correu um grande risco vindo aqui. Todos os outros provavelmente vão voltar logo.



— Alguns, e não vai ser logo. E você correu o mesmo grande risco.

— Verdade.

— Então. — A mulher aponta com a cabeça para a sua pilha de cantis cheios e só depois é que você vê... O que é aquilo? Em cima da boca de um dos cantis há um tipo de pequena enghoca feita de gravetos, folhas retorcidas e um pedaço de arame torto. Ela dá um estalido suave enquanto você observa. — Fazendo um teste, pelo sim, pelo não.

— O quê?

Ela dá de ombros, olhando para você, e você percebe então: essa mulher não é uma simples sem-comu da mesma forma que você não é uma quieta.

— O tremor do norte — diz ela. — Foi pelo menos de grau nove, e isso foi apenas o que nós sentimos na superfície. Foi profundo também. — Ela faz uma pausa abrupta, na verdade afastando a cabeça de você e franzindo a testa, como se houvesse escutado algo alarmante, embora não haja nada ali a não ser a parede. — Nunca vi um tremor daqueles. Um padrão de ondas estranho. — Depois ela se concentra em você outra vez, rápido como um passarinho. — Provavelmente rompeu muitos aquíferos. Eles vão se reparar com o tempo, claro, mas em curto prazo, impossível dizer que tipos de contaminantes poderiam estar por aqui. Quero dizer, esta terra é perfeita para uma cidade, certo? Plana, acesso imediato à água, longe de falhas. Significa que provavelmente *houve* uma aqui em algum momento. Sabe que tipos de coisas ruins as cidades deixam para trás quando morrem?

Você a está encarando agora. Hoa também está, mas ele olha para todo mundo desse jeito. Então, a coisa no cantil para de dar estalidos e a mulher sem-comu se inclina para tirar a enghoca. O objeto mantinha uma tira de alguma coisa (casca de árvore?) mergulhada na água.

— Segura — ela declara, e só tardiamente parece notar que você está observando. Ela franze um pouco as sobancelhas e ergue a tirinha. — É feito da mesma planta que a segura. Conhece? O chá das saudações? Mas eu a tratei com uma coisinha a mais para pegar aquelas substâncias que a segura não pega.

— Não tem nada... — você fala sem pensar e depois se cala, inquieta, quando ela se fixa bruscamente em você. Agora você tem que terminar. — Quero dizer... A segura não deixa escapar nada que prejudique os seres humanos. — É o único motivo por que qualquer pessoa toma a bebida, porque tem gosto de bunda cozida.

Agora a mulher parece irritada.

— Isso não é verdade. Onde ferrugens você ouviu essas coisas? — É algo que você costumava ensinar na creche em Tirimo, mas, antes que possa dizê-lo, ela retruca com rispidez. — A segura não funciona bem se estiver em uma solução fria; todos sabem disso. Precisa estar em temperatura ambiente ou morna. Ela também não pega coisas que te matam em alguns meses em vez de te matar em alguns minutos. Grande coisa sobreviver hoje só para ter uma queda de pele ano que vem!

— Você é uma geomesta — você diz de forma abrupta. Parece impossível. Você já conheceu geomestas. Eles são tudo o que as pessoas pensam que os orogenes são quando estão se sentindo caridosos: misteriosos, insondáveis, possuidores de conhecimentos que nenhum mortal deveria ter, perturbadores. Ninguém exceto um geomesta saberia tantos fatos inúteis de maneira tão minuciosa.

— Não sou. — A mulher se empertiga, quase inchando em seu estado de fúria. — Eu não caio nessa de prestar atenção àqueles tolos da Universidade. Não sou *idiota*.

Você encara de novo, completamente confusa. Então, a água transborda do seu cantil e você se move, agitada, para encontrar a tampa. Ela para de bombear, depois enfia a pequena engenhoca de casca de árvore em um bolso da saia volumosa e começa a desmontar um dos sacos menores aos pés dela, seus movimentos rápidos e eficientes. Ela tira um cantil (do tamanho do seu) e joga para um lado, depois, quando o pequeno saco está vazio, ela o joga para o lado também. Você não tira os olhos dos dois itens. Seria mais fácil para você se o menino pudesse carregar seus próprios suprimentos.

— É melhor você pegar, se for seguir adiante — diz a mulher e, embora não esteja olhando para você, você percebe que ela intencionalmente lhe apresenta os itens. — Eu não vou ficar, e você também não deveria.

Você se aproxima para pegar o cantil e o saco vazio. A mulher se dispõe de novo a ajudá-la a encher antes de retomar a busca entre as coisas dela. Enquanto você amarra o seu cantil e o saco de dormir que pegou antes e transfere alguns objetos da sua bolsa para a menor para entregar ao garoto, você pergunta:

— Você sabe o que aconteceu? Quem fez o quê? — Você faz um gesto vago na direção dos gritos que a acordaram.

— Eu duvido que tenha sido um “alguém” — a mulher responde. Ela joga fora vários pacotes de comida que azedou, um conjunto de calças que talvez sejam grandes o bastante para Hoa, e livros. Quem coloca livros em uma bolsa de fuga? No entanto, a mulher dá uma olhada no título de cada um antes de jogá-los de lado. — As pessoas não reagem tão rápido como a natureza a mudanças como essa.

Você prende o segundo cantil à sua própria bolsa agora, já que sabe que não deveria fazer Hoa carregar muito peso. Ele é só um menino, e um que cresceu pouco, aliás. Uma vez que a mulher sem-comu obviamente não as quer, você pega as calças da pequena pilha de descartes que está aumentando ao lado dela. Ela não parece se importar.

— Você quer dizer que foi um ataque de algum tipo de animal? — você pergunta.

— Você não viu o corpo?

— Eu não sabia que *havia* um corpo. As pessoas gritaram e começaram a correr, então nós corremos também.

A mulher suspira.

— Não é imprudente, mas faz você perder... oportunidades. — Como que para ilustrar seu ponto de vista, ela joga para o lado o outro saco que acabou de esvaziar e se levanta, sustentando nos ombros os dois que restam. Um deles está mais gasto e claramente mais confortável do que o outro: o que lhe pertence. Ela usou barbante para atar os grandes cantis uns aos outros de modo que se encaixassem no lombo, apoiados pela curva substancial de sua bunda, em vez de carregá-las penduradas como a maioria dos cantis. Abruptamente, ela olha feio para você. — Não me siga.

— Eu não pretendia fazer isso. — A bolsa pequena está pronta para ser entregue a Hoa. Você a amarra a si mesma para se

certificar de que está tudo seguro e confortável.

— Estou falando sério. — Ela se inclina um pouco para a frente, seu rosto todo quase ameaçador em sua fúria. — Você não sabe para onde estou voltando. Talvez eu viva em um complexo murado com outros cinquenta ferrugentos como eu. Talvez a gente tenha ferramentas afiadas e um livro de receitas de “pessoas idiotas e suculentas”.

— Tudo bem, tudo bem. — Você dá um passo para trás, o que parece acalmá-la. Agora ela passa de furiosa a descontraída e volta a arrumar os sacos para ajeitá-los de modo mais confortável. Você também pegou o que queria, então é hora de sair daqui. O garoto parece contente com sua nova mochila quando você a entrega a ele; você o ajuda a colocá-la da maneira apropriada. Enquanto você faz isso, a mulher sem-comu passa por vocês para sair, e algum vestígio do seu antigo eu a faz dizer:

— A propósito, obrigada.

— De nada — ela responde em um tom alegre, dirigindo-se à porta, e para abruptamente. Ela está olhando para alguma coisa. A expressão no rosto dela faz você sentir uma comichão em todos os pelos da sua nuca. Sem demora, você vai à porta também para ver o que ela está vendo.

É um kirkhusa, uma das criaturas peludas de corpo comprido que os latmedianos têm como animais de estimação em vez de cachorros, uma vez que cachorros são muito caros para qualquer um, exceto para os pomposos equatoriais. Os kirkhusas se parecem mais com grandes lontras terrestres do que com cães. Podem ser treinados, são muito baratos porque comem apenas folhas de arbustos baixos e insetos que crescem neles. E são ainda mais fofos do que os cachorrinhos quando são pequenos... Mas *este* kirkhusa não é fofo. Ele é grande, tem uns bons 45 quilos de corpo saudável e coberto por pelo macio. Alguém o amou muito, pelo menos até pouco tempo: é uma bela coleira de couro a que ele ainda tem ao redor do pescoço. Está rosnando e, quando sai do pasto e entra na estrada, você vê manchas vermelhas ao redor de sua boca e de suas patas dotadas de garras.

Esse é o problema com os kirkhusa, sabe. O motivo pelo qual todos têm condições de mantê-los. Eles comem folhas até provarem

cinzas em demasia, o que desperta algum instinto dentro deles que normalmente está adormecido. Então, eles mudam. Tudo muda durante uma Estação.

— Merda — você sussurra.

A mulher sem-comu assobia ao seu lado, e você fica tensa, sentindo sua consciência descer por um breve instante à terra. (Você a traz de volta por uma questão de hábito. Não perto de outras pessoas. Não a menos que você não tenha outra escolha.) Ela foi até a beira do asfalto, onde provavelmente estava prestes a disparar em meio ao campo em direção a um grupo de árvores. Mas, não muito longe da estrada, perto do lugar onde as pessoas gritaram mais cedo, você vê a grama se mexendo de forma descontrolada e ouve o ruído suave de outros kirkhusas pigarreando e grunhindo; quantos, impossível saber. Contudo, estão ocupados. Comendo.

Este costumava ser um animal de estimação. Talvez se lembre de seu dono humano com carinho. Talvez tenha hesitado quando os outros atacaram e não tenha conseguido mais do que apenas provar o gostinho da carne que será sua nova dieta básica até a Estação terminar. Agora, ele vai passar fome se não repensar seu comportamento civilizado. Anda para a frente e para trás no asfalto sem fazer barulho, guinchando para si mesmo como se estivesse indeciso, mas não vai embora. Mantém você e Hoa e a mulher sem-comu encurralados enquanto luta com a própria consciência. Coitadinho.

Você fixa seus pés e murmura para Hoa e para a mulher, se ela estiver disposta a ouvir...

— Não se mexa.

Mas antes que consiga encontrar algo inofensivo de que possa tirar proveito, uma inclusão de rocha que você possa mover ou uma fonte de água que possa transformar em um gêiser e que lhe dê um pretexto para arrebatrar o calor do ar e a vida desse esquilo gigante, Hoa olha para você e dá um passo à frente.

— Eu disse... — você começa a falar, segurando-o pelo ombro para puxá-lo de volta, mas ele não vem. É como tentar mover uma pedra que está vestindo uma jaqueta; sua mão apenas escorrega pelo couro. Debaixo dela, o menino não se mexe nem um pouco.

A reclamação morre na sua garganta quando o garoto continua avançando. Ele não está simplesmente sendo desobediente, você percebe; há demasiada determinação na atitude dele. Você nem ao menos sabe se ele *notou* sua tentativa de detê-lo.

E então o garoto está cara a cara com a criatura a poucos metros de distância. O animal parou de espreitar e está tenso como se... Espere. O quê? *Não* como se fosse atacar. Ele abaixa a cabeça e contrai o rabicó uma vez, de modo incerto. *Defensivamente*.

O menino está de costas para você. Você não consegue ver o rosto dele, mas, de repente, seu corpinho atarracado parece maior e menos inofensivo. Ele ergue uma das mãos e a estende em direção ao kirkhusa, como se a oferecesse para ele cheirar. Como se ainda fosse um animal de estimação.

O kirkhusa ataca.

Ele é rápido. Eles são animais ligeiros de qualquer forma, mas você o vê contrair os músculos e então ele está 1,5 m mais perto, sua boca está aberta e seus dentes se fecharam em torno da mão do garoto até a metade do seu antebraço. E, oh Terra, você não pode ver isso, uma criança morrendo na sua frente como Uche não morreu. Como você pôde deixar qualquer uma dessas coisas acontecer, você é a pior pessoa do mundo inteiro.

Mas talvez... se conseguir se concentrar, congelar o animal e não o menino... você abaixa o olhar para tentar se concentrar enquanto a mulher sem-comu arqueja e o sangue do garoto respinga no asfalto. Ver Hoa sendo massacrado vai tornar as coisas piores; o que importa é salvar sua vida, mesmo que ele perca o braço. Mas aí...

Faz-se o silêncio.

Você levanta os olhos.

O kirkhusa parou de se mexer. Ainda está no lugar onde estava, os dentes cerrados sobre o braço de Hoa, os olhos desvairados de... algo que está mais para medo do que para fúria. Está até tremendo de leve. Você o ouve soltar o mais fugaz dos sons interrompidos, apenas um guincho oco.

Então o pelo do kirkhusa começa a se mexer. (Como é?) Você franze a testa, aperta os olhos, mas é fácil de ver, perto como a fera

está. Cada um dos fios da pelagem se move, ao que parece todos em uma direção diferente ao mesmo tempo. Então o pelo brilha. (O quê?) Endurece. De repente você percebe que não só os músculos dele estão duros, mas a carne que os recobre está dura também... Não apenas duros, mas... sólidos.

E aí você percebe: o *kirkhusa inteiro* está sólido.

O quê?

Você não entende o que está vendo, então continua olhando, compreendendo em partes. Os olhos dele se tornaram vidro; suas garras, cristal; seus dentes, algum tipo de filamento ocre. Onde havia movimento, agora há imobilidade; seus músculos estão duros como pedras, e isso não é uma metáfora. O pelo dele foi apenas a última parte do corpo a mudar, retorcendo-se quando os folículos sob a pele se transformaram em *outra coisa*.

Você e a mulher sem-comu ficam olhando.

*Uau.*

É sério. É isso que você está pensando. Você não tem nada melhor que isso. *Uau.*

É o suficiente para fazê-la se mexer, pelo menos. Você se esgueira adiante até que consegue ver a cena toda de um ângulo melhor, mas nada muda de fato. O garoto ainda parece bem, embora metade do seu braço ainda esteja na goela da coisa. O *kirkhusa* ainda está muito morto mesmo. Bem, muito morto, e morto mesmo.

Hoa olha para você, e, de repente, você nota o quanto ele está profundamente infeliz. Como se estivesse com vergonha. Por quê? Ele salvou a vida de todos, mesmo que o método tenha sido... Você não sabe o que é.

— Você fez isso? — você pergunta a ele.

Ele abaixa os olhos.

— Não queria que visse isso ainda.

Tudo bem. É algo para se pensar mais tarde.

— O que você fez?

Ele fica de boca fechada, apertando os lábios.

*Agora* ele resolve ficar amuado. Mas talvez não seja a hora para ter essa conversa, considerando que o braço dele está preso nos dentes de um monstro de vidro. Os dentes furaram a pele dele; há

sangue brotando e gotejando pela mandíbula não-mais-de-carne do animal.

— Seu braço. Deixe-me... — Você olha ao redor. — Deixe-me achar alguma coisa para te soltar.

Só então Hoa parece se lembrar do braço. Ele olha para você de novo, claramente não satisfeito de que esteja observando, mas aí ele solta um pequeno suspiro de resignação. E flexiona o braço antes que você possa aconselhá-lo a não fazer nada que pudesse feri-lo ainda mais.

A cabeça do kirkhusa se estilhaça. Grandes pedaços de pedra pesada caem no chão com estrondo; uma poeira cintilante se espalha. O braço do menino está sangrando mais, mas está livre. Ele flexiona um pouco os dedos. Estão bem. Ele abaixa o braço.

Você reage ao ferimento dele, estendendo a mão para tocar o braço do garoto, pois é algo que você consegue compreender e sobre o qual pode fazer alguma coisa. Mas ele se afasta rapidamente, cobrindo as marcas com a outra mão.

— Hoa, deixe-me...

— Eu estou bem — diz ele em voz baixa. — Mas nós deveríamos ir.

Os outros kirkhusas estão próximos, embora estejam muito ocupados mastigando algum coitado no prado. A refeição não vai durar para sempre. Pior, é só uma questão de tempo antes de outras pessoas desesperadas fazerem a escolha de encarar a hospedaria outra vez, esperando que as coisas ruins tenham ido embora.

Uma das coisas ruins ainda está bem aqui, você pensa, olhando para o kirkhusa, do qual restou apenas o maxilar inferior. Você pode ver os nódulos rugosos da parte de trás da língua dele, agora de cristal brilhante. Então, você se vira para Hoa, que está segurando o braço ensanguentado e parecendo triste.

É a tristeza, enfim, que faz o medo recuar para dentro de você e o substitui por algo mais familiar. Será que fez isso porque não sabia que você podia se defender? Por algum outro motivo insondável? No final das contas, não importa. Você não faz ideia do que fazer com um monstro que pode transformar seres vivos em estátuas, mas sabe lidar com uma criança infeliz.



Você também tem muita experiência com crianças que secretamente são monstros.

Assim, você oferece a sua mão. Hoa parece surpreso. Ele olha para ela, depois para você, e há algo no olhar dele que é inteiramente humano e está grato pela sua aceitação naquele momento. Surpreendentemente, isso faz com que você se sinta um pouco mais humana também.

Ele pega a sua mão. A pressão dos dedos dele não parece mais fraca apesar dos ferimentos, então você o puxa quando vira para o sul e começa a andar outra vez. A mulher sem-comu vai atrás sem dizer uma palavra, talvez esteja caminhando na mesma direção ou talvez apenas pense que existe mais força em andar em maior número. Nenhum de vocês diz nada porque não há nada a dizer.

Atrás de vocês, no prado, os kirkhusas continuam comendo.



CUIDADO COM O SOLO QUE FICA SOBRE ROCHA SOLTA.

CUIDADO COM ESTRANHOS QUE SÃO SADIOS.

CUIDADO COM O SILÊNCIO SÚBITO.

— *TÁBUA UM, “DA SOBREVIVÊNCIA”, VERSÍCULO TRÊS*



## 11

### *Damaya no fulcro de tudo*

Existe uma ordem para a vida no Fulcro.

O despertar chega com o amanhecer. Já que é o que Damaya sempre fez lá na fazenda, isso é fácil para ela. Para os outros grãos (e é isso o que ela é agora, uma partícula sem importância pronta para ser polida e transformada em algo útil, ou pelo menos para ajudar a lapidar outras melhores), o despertar chega quando um dos instrutores entra no dormitório e toca um sino terrivelmente barulhento, o que faz todos se encolherem, mesmo se já estiverem acordados. Todos gemem, inclusive Damaya. Ela gosta disso. Faz com que se sinta parte de alguma coisa.

Eles se levantam e arrumam a cama, dobrando o lençol de cima ao estilo militar. Depois, arrastando os pés, entram nos chuveiros, que são brancos com iluminação elétrica e azulejos brilhantes e têm cheiro de produto de limpeza de ervas, pois o Fulcro contrata Costas-fortes e pessoas sem-comu das favelas de Yumenes para vir limpá-los. Por esses e outros motivos, os banhos são maravilhosos. Ela nunca pôde usar água quente todos os dias dessa forma, toneladas de água caindo de buracos no teto como a chuva mais perfeita de todos os tempos. Ela tenta não deixar isso claro, porque alguns dos outros grãos são equatoriais e dariam risada dela, a caipira impressionada com a novidade que é ter limpeza fácil e confortável. Mas, bem, é o que ela é.

Depois disso, os grãos escovam os dentes e voltam ao dormitório para se vestirem e se arrumarem. Seus uniformes são calças de um tecido cinza e duro e túnicas com bordado preto, tanto para as meninas quanto para os meninos. As crianças cujos cabelos são compridos e cacheados ou que são finos o bastante para serem penteados e puxados para trás devem fazer isso; crianças cujos cabelos são de cinzas sopradas ou crespo ou curto devem garantir que o cabelo esteja bem penteado. Em seguida, os grãos ficam de pé em frente às suas camas, esperando enquanto os instrutores entram e passam pelas fileiras para inspecionar. Querem assegurar-se de que os grãos estão realmente limpos. Os instrutores verificam as camas também para verificar se ninguém fez xixi nelas ou fez o serviço mal feito de dobrar os cantos. Os grãos que não estão limpos são mandados de volta para tomar outro banho, desta vez gelado, com o instrutor parado ali, observando para garantir que seja feito da maneira correta. (Damaya se assegura de que nunca terá que fazer isso, porque não parece nem um pouco divertido.) Os grãos que não se vestiram e não arrumaram a cama direito são mandados para a Disciplina, onde recebem os castigos apropriados à infração. Um cabelo despenteado é cortado bem curto; reincidentes têm as cabeças raspadas. Os que não escovam os dentes têm a boca lavada com sabão. Não se vestir bem é corrigido com cinco varadas nas nádegas ou nas costas nuas; não arrumar a cama direito, com dez. As varadas não arrebatam a pele (os instrutores são treinados para bater apenas o suficiente), mas deixam vergões, que provavelmente têm o propósito de friccionar sob o tecido duro dos uniformes.

*Vocês representam todos nós*, os instrutores dizem, se qualquer grão ousa protestar contra esse tratamento. *Quando estão sujos, todos os orogenes estão sujos. Quando são preguiçosos, todos somos preguiçosos. Machucamos vocês para que não prejudiquem o restante de nós.*

No passado, Damaya teria protestado contra a injustiça de tais julgamentos. As crianças do Fulcro são todas diferentes: diferentes idades, diferentes cores, diferentes formas. Algumas falam sanzemat com diferentes sotaques, tendo se originado de diferentes partes do mundo. Uma menina tem dentes afiados porque é de

costume da sua raça afiá-los; outro menino não tem pênis, embora ele enfie uma meia na cueca depois de cada banho; outra menina quase nunca teve refeições regularmente e devora todas elas como se ainda estivesse passando fome. (O instrutor está sempre achando alimentos escondidos na sua cama ou em torno dela. Eles a fazem comer a comida, toda a comida, na frente deles, mesmo que isso a deixe com náusea.) Não dá para esperar semelhanças em meio a tanta diferença, e não faz sentido para Damaya ser julgada pelo comportamento de crianças que não têm nada em comum com ela exceto a maldição da orogenia.

Mas Damaya entende agora que o mundo não é justo. Eles são orogenes, os Misalems do mundo, nasceram amaldiçoados e terríveis. Isso é o que é necessário para torná-los seguros. De qualquer forma, se ela fizer o que deve fazer, nada de inesperado acontecerá. Sua cama está sempre perfeita; seus dentes, limpos e brancos. Quando ela começa a se esquecer do que importa, olha para a mão direita, na qual sente pontadas às vezes quando faz frio, embora os ossos tenham sarado em algumas semanas. A menina se lembra da dor e da lição que ela trouxe.

Depois da inspeção vem o café da manhã; só um pouco de fruta e um pedaço de salsicha ao estilo sanzede, que eles pegam no saguão do dormitório e comem no caminho. Andam em pequenos grupos para aulas nas várias quadras do Fulcro que os grãos mais velhos chamam de tormentos, embora não seja assim que devam ser chamados. (Há muitas coisas que os grãos dizem uns aos outros que não podem jamais dizer aos adultos. Os adultos sabem, mas fingem não saber. O mundo não é justo, e por vezes não faz sentido.)

No primeiro tormento, que é coberto, eles passam as primeiras horas do dia em uma cadeira com uma lousa de ardósia e com uma aula dada por um dos instrutores do Fulcro. Às vezes há provas orais, com os grãos sendo crivados de perguntas um a um até alguém errar. O grão que erra tem que limpar as lousas de ardósia. Assim eles aprendem a trabalhar com calma sob pressão.

— Qual era o nome do primeiro imperador do Velho Sanze?

— Um tremor em Erta emite ondas primárias às 6h35 e sete segundos e ondas vibracionais às 6h37 e vinte e sete segundos.

Qual é o tempo de atraso? — Essa pergunta se torna mais complexa se é feita para grãos mais velhos, entrando em logaritmos e funções.

— O Saber das Pedras adverte: “Observe o centro do círculo”. Onde está a falácia nesta declaração?

Essa é a pergunta que cabe a Damaya um dia, então ela se levanta para responder:

— A declaração explica como se pode estimar a localização de um orogene por meio de um mapa — diz ela. — É incorreta, simplista demais, porque a zona de destruição de um orogene não é *circular*, é *espiralada*. Por isso, muitas pessoas não entendem que a zona de efeito se estende para cima e para baixo, e também pode ser deformada de outras maneiras tridimensionais por um orogene habilidoso.

O instrutor Marcasite faz um gesto de aprovação com a cabeça referente à explicação, o que deixa Damaya orgulhosa. Ela gosta de estar certa. Marcasite continua:

— E já que o Saber das Pedras seria mais difícil de lembrar se estivesse cheio de expressões como “observe o fulcro invertido de uma espiral cônica”, temos centros e círculos. A exatidão é sacrificada em nome de uma poética melhor.

Isso faz a turma rir. Não é tão engraçado assim, mas há muita tensão nervosa em dias de teste.

Depois das aulas, segue-se o almoço na grande quadra ao ar livre reservada para esse propósito. Essa quadra tem um teto de faixas de lona encerada sobre ripas, que podem ser fechadas em dias de chuva, embora Yumenes, que está bem no interior, raras vezes tenha desses dias. Então, os grãos geralmente se sentam em mesas compridas com bancos sob um céu azul brilhante enquanto dão risadinhas e chutam uns aos outros e trocam insultos. Há bastante comida para compensar o café da manhã leve, tudo variado e delicioso e substancial, embora boa parte seja de terras distantes, e Damaya não saiba como se chamam algumas delas. (De qualquer forma, ela come sua parte. Mia Querida lhe ensinou a nunca desperdiçar comida.)

Esse é o momento favorito do dia para Damaya, embora ela seja um dos grãos que se sentam sozinhos em uma mesa vazia. Muitas

das outras crianças fazem isso, ela notou; crianças demais para considerar todos como aqueles que não conseguiram fazer amigos. Os outros têm uma expressão que ela está aprendendo rapidamente a reconhecer, certa furtividade de movimento, uma hesitação, uma tensão nos olhos e na linha do maxilar. Alguns deles guardam as marcas de suas antigas vidas de um modo mais óbvio. Há um menino costeiro do oeste de cabelo cinzento que não tem a parte de um braço do cotovelo para baixo, embora seja hábil o suficiente para se virar sem ele. Uma menina sanzed, talvez cinco anos mais velha, tem os sinais sinuosos de velhas cicatrizes de queimadura de cima a baixo em um lado do rosto. E então há outro grão ainda mais novo que Damaya, cuja mão esquerda está em uma atadura especial de couro como uma luva sem dedos que se fecha no punho. Damaya reconhece essa atadura porque ela mesma a usou enquanto sua mão sarava durante suas primeiras semanas no Fulcro.

Eles não olham muito um para o outro, ela e esses outros que se sentam sozinhos.

Após o almoço, os grãos passam pelo Jardim do Anel em longas e silenciosas filas supervisionadas pelos instrutores para que eles não falem com os orogenes adultos nem olhem para eles de maneira muito óbvia. Damaya olha, claro, porque eles devem olhar. É importante que vejam o que os espera quando começarem a conquistar anéis. O jardim é uma maravilha: adultos e velhos de todas as constituições físicas, todos saudáveis e bonitos, confiantes, o que os torna bonitos. Todos são completamente ameaçadores em seus uniformes pretos e botas engraxadas. Seus dedos cheios de anéis tremulam e brilham conforme gesticulam livremente ou viram as páginas de um livro que eles não *têm* que ler ou afastam de trás da orelha de um amante um cacho de cabelo.

O que Damaya vê neles é algo que não entende a princípio, embora ela o *queira* com um desespero que a surpreende e perturba. Conforme essas primeiras semanas se transformam em meses, e ela se familiariza com a rotina, começa a entender o que é que os orogenes mais velhos demonstram: controle. Eles dominaram seu poder. Nenhum orogene com anéis congelaria o pátio só porque levou um empurrão de um garoto. Nenhum desses

sagazes profissionais vestidos de preto esboçaria nenhuma reação sequer nem quanto a um terremoto forte nem quanto a uma rejeição da família. Eles sabem o que são e aceitaram tudo o que isso significa, e não têm medo de nada, nem dos quietos, nem de si mesmos, nem do Velho Terra.

Se, para alcançar isso, Damaya tiver que suportar alguns ossos quebrados ou alguns anos em um lugar onde ninguém a ama e nem ao menos gosta dela, esse é um preço pequeno a pagar.

Por isso, ela se esforça no treino da tarde de Orogenia Aplicada. Nos tormentos de prática, que se situam dentro do anel mais recôndito do complexo do Fulcro, Damaya está em uma fila com outros grãos com nível semelhante de experiência. Ali, sob o olhar atento de um instrutor, ela aprende como visualizar e respirar, e a estender sua consciência sobre a terra sempre que quiser, e não apenas como reação aos movimentos dela ou à sua própria agitação. Ela aprende a controlar sua agitação e todas as outras emoções que podem induzir o poder dentro dela a reagir a uma ameaça que não existe. Os grãos não têm um bom controle nessa fase, por isso nenhum deles tem permissão para *mover* nada de fato. Os instrutores sabem distinguir, de algum modo, quando eles estão prestes a fazer isso; e porque os instrutores todos têm anéis, podem trespassar a espiral que qualquer criança esteja criando de um modo que Damaya ainda não entende, aplicando um rápido tapa atordoante de ar gelado como aviso. É um lembrete da importância da lição, e também dá credibilidade a um boato que os grãos mais velhos cochicharam no escuro depois que as luzes se apagaram. *Se você cometer muitos erros nas aulas, os instrutores te congelam.*

Vão se passar muitos anos antes que Damaya entenda que, quando os instrutores matam um aluno que comete muitos erros, não é com o intuito de que seja uma incitação, mas sim uma misericórdia.

Depois de Orogenia Aplicada vem o jantar e a hora livre, um momento em que podem fazer o que quiserem, permitido em consideração à juventude deles. Os grãos mais novos costumam ir dormir cedo, exaustos pelo esforço de aprender a controlar músculos invisíveis e semivoluntários. As crianças mais velhas têm uma resistência maior e mais energia, então há risadas e

brincadeiras pelos beliches do dormitório durante algum tempo, até os instrutores declararem que as luzes serão apagadas. No dia seguinte, começa tudo de novo.

Assim se passam seis meses.

• • •

Um dos grãos mais velhos vem até Damaya durante o almoço. O garoto é alto e equatorial, embora não pareça puramente sanzéd. Seu cabelo tem a textura de cinzas sopradas, mas é de um tom loiro remanso. Tem os ombros largos e está desenvolvendo a corpulência dos Costas-fortes, o que a deixa ressabiada de imediato. Ela ainda vê Zab em toda parte.

No entanto, o garoto sorri, e não há ameaça no jeito dele quando para ao lado da pequena mesa que ela ocupa sozinha.

— Posso me sentar?

Ela dá de ombros, pois não quer que ele se sente, mas está curiosa mesmo sem querer. Ele coloca a bandeja na mesa e se senta.

— Meu nome é Arkete.

— Esse não é o seu nome — retruca ela, e o sorriso dele perde um pouco de força.

— É o nome que meus pais me deram — responde ele em um tom mais sério — e é o nome que pretendo manter até encontrarem uma maneira de tirá-lo de mim. O que nunca vão fazer porque, você sabe, é um nome. Mas, se preferir, *oficialmente* me chamo Maxixe Beryl.

O grau de mais alta qualidade do mineral água marinha, usado quase que exclusivamente para a arte. É adequado para ele; é um garoto bonito apesar de sua óbvia herança ártica ou antártica (ela não se importa, mas os equatoriais sim), e isso o torna perigoso do jeito afiado que garotos grandes e bonitos sempre foram. Ela decide chamá-lo de Maxixe Beryl por causa disso.

— O que você quer?

— Uau, você está mesmo trabalhando a sua popularidade. — Maxixe Beryl começa a comer, colocando os cotovelos na mesa enquanto come. (Mas primeiro ele verifica para garantir que não há instrutores por perto para repreendê-lo pela falta de modos.) —



Você sabe como as coisas deveriam funcionar, certo? O cara bonito e popular de repente mostra interesse na garota tímida do interior. Todos a odeiam por isso, mas ela começa a ganhar confiança em si mesma. Então, o cara a trai e ela se arrepende. É horrível, mas depois ela “se encontra”, percebe que não precisa dele, e talvez aconteça outra coisa — ele agita os dedos no ar — e, enfim, ela se transforma na menina mais bonita que já se viu porque gosta de si mesma. Mas não vai funcionar se você não gaguejar e corar e fingir que não gosta de mim.

Ela fica totalmente confusa com essa salada de palavras dele. Isso a irrita tanto que ela diz:

— Eu *não* gosto de você.

— Ai. — Ele faz uma mímica, como se estivesse levando uma facada no coração. Mesmo sem querer, as palhaçadas dele fazem Damaya relaxar um pouco. Isso, por sua vez, o faz sorrir. — Ah, melhor assim. O que, você não lê livros? Ou não havia sabedoristas no buraco latmediano de onde você veio?

Ela não lê livros porque não é muito boa em leitura ainda. Seus pais lhe ensinaram o suficiente para se virar, e os instrutores lhe passaram um programa semanal de leitura extra para melhorar suas habilidades nessa área. Mas ela não vai admitir isso.

— Claro que tínhamos sabedoristas. Eles nos ensinavam o Saber das Pedras e nos diziam como nos preparar...

— Argh. Vocês tinham sabedoristas *de verdade*. — O garoto chacoalha a cabeça. — Onde eu fui criado, ninguém dava ouvidos a eles, a não ser professores de creche e os geomestas mais chatos. Em vez disso, o que todos gostavam eram os sabedoristas populares; sabe, do tipo que se apresenta em anfiteatros e bares? As histórias que eles contam não ensinam nada. São só engraçadas.

Damaya nunca ouviu falar disso, mas talvez seja algum modismo equatorial que nunca chegou às Latmedianas do Norte.

— Mas os sabedoristas falam do *Saber das Pedras*. Essa é a ideia. Se essas pessoas nem ao menos fazem isso, não deveriam ser chamadas... eu não sei, de alguma outra coisa?

— Talvez. — Ele encolhe os ombros e estende o braço para roubar um pedaço de queijo do prato dela; ela fica tão confusa com

o negócio dos sabedoristas populares que não protesta. — Os verdadeiros sabedoristas vêm reclamando deles para a Liderança yumenescense, mas isso é tudo que eu sei sobre o assunto. Eles me trouxeram para cá dois anos atrás, e não ouvi falar mais nada desde então. — Ele suspira. — Mas espero que os sabedoristas populares não vão embora. Eu gosto deles, mesmo que suas histórias sejam um pouco bobas e previsíveis. Claro que elas se passam em creches de verdade, não em lugares como este. Ele retorce os cantos dos lábios ao olhar ao redor deles em leve reprovação.

Damaya sabe muito bem o que ele quer dizer, mas quer saber se ele vai falar.

— Lugares como este?

Ele volta sua atenção para ela, olhando-a de lado. Mostrando os dentes em um sorriso que provavelmente encanta mais as pessoas do que as assusta, ele diz:

— Ah, você sabe. Lugares lindos, maravilhosos, perfeitos, cheios de amor e de luz.

Damaya ri, depois fecha a boca. E então não sabe ao certo por que fez essas duas coisas.

— É. — O garoto volta a comer com gosto. — Também demorei um pouco para rir depois que cheguei aqui.

Ela gosta um pouco dele depois dessa afirmação.

Ele não quer nada, ela percebe depois de um tempo. Conversa de modo superficial e come a comida dela, o que não é nenhum problema, já que ela já estava acabando mesmo. Ele não parece se importar quando ela o chama de Maxixe Beryl. Ela ainda não confia nele, mas ele parece querer apenas alguém para conversar. O que ela consegue entender.

Por fim, ele se levanta e agradece a ela “por essa conversa cintilante”, que foi quase que inteiramente unilateral da parte dele, e então parte para se reunir com os seus amigos. Ela tira isso da cabeça e segue com o seu dia.

Porém. No dia seguinte, alguma coisa muda.

Começa naquela manhã no banheiro, quando alguém esbarra nela com força suficiente para fazê-la deixar cair a toalha de rosto. Quando ela olha ao redor, nenhum dos meninos ou meninas que

estão compartilhando o banheiro com ela olham em sua direção nem se desculpam. Ela atribui o ocorrido a um acidente.

Quando ela sai do banheiro, entretanto, alguém roubou seus sapatos. Os calçados estavam com suas roupas, que ela havia preparado antes do banho e colocado em cima da cama para acelerar o processo de se vestir. Ela sempre faz isso, toda manhã. Agora eles sumiram.

Ela os procura metodicamente, tentando garantir que não os esqueceu em algum lugar, apesar de saber que não esqueceu. E quando olha para os outros grãos, que estão cuidadosamente evitando olhar para ela enquanto os instrutores anunciam a inspeção e ela não pode fazer nada exceto ficar ali de pé com seu uniforme impecável e seus pés descalços, ela sabe o que está acontecendo.

Ela é reprovada na inspeção e punida com uma esfrega que deixa as solas dos seus pés em carne viva e ardendo pelo resto do dia dentro dos novos sapatos que lhe deram.

Isso é apenas o começo.

Naquela noite, no jantar, alguém coloca alguma coisa no suco que entregam a ela junto com a refeição. Grãos que apresentam maus modos à mesa devem cumprir tarefas na cozinha, o que significa que eles têm acesso à comida de todos. Ela se esquece disso e não pensa no gosto estranho do suco até que fica difícil se concentrar e sua cabeça começa a doer. Mesmo nesse momento, ela não sabe ao certo o que está acontecendo quando tropeça e cambaleia no caminho de volta ao dormitório. Um dos instrutores a puxa de lado, franzindo a testa para a sua falta de coordenação, e cheira seu hálito:

— Quanto você bebeu? — pergunta o homem.

Damaya franze as sobrancelhas, confusa de início porque só bebeu um copo de suco de tamanho normal. O motivo, leva um pouco de tempo para ela entender, é que está bêbada: alguém colocou álcool em seu suco.

Orogenes não devem beber. Nunca. O poder de mover montanhas mais a embriaguez é igual a um desastre iminente. O instrutor que parou Damaya é Galena, um dos quatro-anéis mais jovens, que dá os exercícios de orogenia da tarde. Ele é impiedoso

no tormento, mas, por alguma razão, sente pena dela agora. Galena a tira da fila e a leva para seu aposento, que felizmente fica perto. Lá, ele coloca Damaya no sofá e manda que ela durma para curar a bebedeira.

De manhã, quando Damaya bebe água e faz uma careta ao sentir um gosto horrível na boca, Galena faz com que ela se sente e diz:

— Você precisa resolver isso agora. Se algum dos seniores tivesse pegado você... — Ele chacoalha a cabeça. É uma infração tão grave que não há como suportar o castigo. Seria terrível; isso é tudo que qualquer um deles precisa entender.

Não importa por que os outros grãos decidiram persegui-la. A única coisa que importa é que estão fazendo isso e que não são brincadeiras inofensivas. Estão tentando fazer com que ela acabe sendo congelada. Galena está certo; Damaya precisa resolver isso. Agora.

Ela decide que precisa de um aliado.

Há outra menina entre os solitários em quem ela reparou. *Todos* reparam nessa garota; há algo de errado com ela. Sua orogenia é uma coisa precária e confinada, uma adaga constantemente preparada para precipitar-se na terra; e o treinamento apenas deixou as coisas piores, porque agora a faca está mais afiada. Isso não deveria acontecer. Selu é o nome dela, e ela ainda não ganhou ou recebeu um nome orogene, mas os outros grãos a chamam de *Colapso* para ser engraçado, e esse é o nome que pegou. Ela até responde por esse nome, já que não consegue fazer com que parem de usá-lo.

Todos já estão comentando que ela não vai conseguir. O que significa que ela é perfeita.

Damaya se aproxima de Colapso no café da manhã do dia seguinte. (Ela só toma água agora, que pegou em uma fonte ali perto. Ela precisa comer a comida que servem, mas a examina com cuidado antes de colocar qualquer coisa na boca.)

— Oi — diz ela, colocando a bandeja na mesa.

Colapso olha para ela.

— Sério? As coisas estão tão ruins assim a ponto de você precisar de *mim*?

É um bom sinal que elas possam ser honestas uma com a outra desde o começo.

— Sim — Damaya responde, e se senta, já que Colapso não se opôs. — Eles estão te aborrecendo também, não estão? — Claro que estão. Damaya não viu o que estão fazendo, mas faz sentido. Existe uma ordem na vida dentro do Fulcro.

Colapso suspira. Isso faz o salão reverberar de leve, ou pelo menos é o que parece por um instante. Damaya controla-se para não reagir, pois uma boa parceria não deveria começar com uma demonstração de medo. Colapso nota isso e relaxa, só um pouquinho. A trepidação do desastre iminente desaparece.

— Estão — confirma Colapso, falando baixinho. Damaya percebe de repente que Colapso está *brava*, embora mantenha a cabeça abaixada, olhando para o prato. Está lá no modo como segura o garfo com força demais e no modo como seu semblante é inexpressivo demais. De súbito, Damaya se pergunta: será que o controle de Colapso é realmente um problema? Ou será que seus algozes deram o melhor de si para *deixá-la* abalada? — Então, o que você quer fazer sobre isso?

Damaya resume seu plano. Depois de hesitar no início, Colapso percebe que ela está falando sério. Elas terminam de comer em silêncio, enquanto Colapso pensa no assunto. Por fim, Colapso diz:

— Estou nessa.

O plano é bastante simples. Elas precisam encontrar a cabeça da serpente, e o melhor modo de fazer isso é usando uma isca. Decidem usar Maxixe Beryl, pois é claro que Maxixe Beryl deve estar envolvido. Os problemas de Damaya começaram logo após sua tentativa ostensiva de fazer amizade. Elas esperam até que ele esteja no banheiro uma manhã, rindo com seus amigos, e então Damaya volta ao seu beliche.

— Onde estão meus sapatos? — pergunta ela em voz alta.

Os outros grãos dão uma olhada; alguns deles chiam, propensos demais a acreditar que os perturbadores teriam tão pouca criatividade a ponto de fazer a mesma brincadeira duas vezes. Jasper, que está no Fulcro apenas alguns meses a mais que Damaya, franze o cenho.

— Ninguém pegou os seus sapatos desta vez — diz ele. — Estão no seu baú.

— Como você sabe? Foi *você* que os pegou? — Damaya avança para confrontá-lo, e ele se irrita e a encontra no meio do quarto com os ombros para trás, em atitude de afronta.

— Eu não peguei as suas porcarias. Se estão perdidas, você que perdeu.

— Eu não perco as coisas. — Ela bate com o dedo no peito dele. Ele é um latmediiano do norte como ela, mas magro e pálido; provavelmente de alguma comu próxima ao Ártico. Ele fica vermelho quando está bravo; as outras crianças zombam disso, mas não muito, porque ele tira ainda mais sarro das outras crianças. (A boa orogenia desvia, não cessa.) — Se você não pegou, então sabe quem foi. — Ela bate nele com o dedo de novo, e ele afasta a mão dela com um tapa.

— Não *toque* em mim, sua porquinha idiota. Vou quebrar seu dedo ferrugento.

— O que está acontecendo?

Todos eles se sobressaltam e se calam. Na entrada, pronto para começar a inspeção da noite, está Carnelian, um dos poucos seniores entre os instrutores. Ele é um homem grande, barbudo, mais velho e severo, com seis anéis; todos têm medo dele. Como prova disso, os grãos vão correndo imediatamente aos seus lugares diante dos beliches em posição de sentido. Damaya, mesmo sem querer, sente um pouco de medo, até cruzar com o olhar de Colapso, e ela lhe dá um breve aceno com a cabeça. A distração foi suficiente.

— Eu perguntei o que está acontecendo. — Carnelian entra no quarto quando eles estão reunidos. Ele se concentra em Jasper, que ainda está corado, embora provavelmente de medo em vez de raiva desta vez. — Há algum problema?

Jasper olha para Damaya.

— Não *comigo*, instrutor.

Quando Carnelian se vira para ela, a menina está pronta.

— Alguém roubou os meus sapatos, instrutor.

— Outra vez? — Esse é um bom sinal. Da última vez, Carnelian simplesmente a repreendeu por perder os próprios sapatos e

arranjar desculpas. — Você tem provas de que foi Jasper que os roubou?

Aqui está a parte complicada. Ela nunca foi boa em contar mentiras.

— Sei que foi um menino. Eles desapareceram durante o último banho, e todas as meninas estavam lá *dentro* comigo. Eu contei.

— Se estiver tentando culpar outra pessoa pelas suas falhas...

— Ela sempre faz isso — diz uma ruiva costeira do leste.

— Ela tem *muitas* falhas — diz um menino que parece ter vindo da mesma comu, se não for parente direto dela. Metade dos grãos dá uma risadinha abafada.

— Procure nos baús dos meninos. — Damaya diz por sobre a risada deles. É uma coisa que ela não pediu da última vez, pois não tinha certeza sobre onde estariam. Desta vez ela tem. — Não houve muito tempo para se livrar dos sapatos. Eles têm que estar aqui ainda. Olhe nos baús deles.

— Isso não é justo — diz um menininho equatorial que mal parece ter idade suficiente para ter saído do berçário.

— Não, não é — responde Carnelian, franzindo ainda mais a testa ao olhar para ela. — Tenha certeza antes de me pedir para violar a privacidade de seus colegas aprendizes. Se estiver errada, não vamos pegar leve com você desta vez.

Ela se lembra do ardor nos pés esfregados.

— Eu entendo, instrutor.

Carnelian suspira. Então se volta para o lado dos meninos no dormitório.

— Abram os baús, todos vocês. Vamos acabar logo com isso.

Ouvem-se muitos resmungos enquanto eles abrem os baús, e há olhares suficientes para Damaya saber que piorou as coisas para si mesma. Todos a odeiam agora. O que está bem: se vão odiá-la, ela prefere que seja por um motivo. Mas isso pode mudar quando esse jogo tiver se desenrolado.

Maxixe Beryl abre seu baú junto com os demais, dando um suspiro mortal ao fazer isso e ver que os sapatos dela estão bem ali em cima dos uniformes dobrados. Quando Damaya vê sua expressão mudar de irritação para confusão e depois para angústia, ela se sente mal. Não gosta de prejudicar as pessoas. Mas observa

de perto e, no instante em que a expressão de Maxixe Beryl passa para fúria, ele se vira e olha para alguém. Ela segue o olhar dele, pronta...

...para ver que ele está olhando para Jasper. Sim. Era o que ela esperava. É ele, então.

No entanto, Jasper ficou pálido de repente. Ele chacoalha a cabeça como que para se livrar do olhar acusador de Maxixe Beryl; não funciona.

O instrutor Carnelian vê tudo isso. Um músculo do seu maxilar repuxa quando ele dá uma olhada na direção de Damaya outra vez. Ele parece quase bravo com ela. Mas por quê? Ele deve entender que ela precisa fazer isso.

— Entendo — diz ele como que respondendo ao pensamento dela. Então, ele se concentra em Maxixe Beryl. — Você tem algo a dizer em sua defesa?

Maxixe Beryl não se declara inocente. Ela pode ver pelos ombros caídos e pelos punhos trêmulos que ele sabe que não adianta. Mas não vai afundar sozinho. Com a cabeça baixa, ele diz:

— Jasper pegou os sapatos dela da última vez.

— Eu não peguei! — Jasper se afasta de seu beliche e da linha de inspeção e vai para o meio do quarto. Seu corpo inteiro está tremendo. Até seus olhos estão tremendo; ele parece pronto para chorar. — Ele está mentindo, está mentindo para jogar isso nas costas de outra pessoa... — Mas, quando Carnelian se vira para Jasper, este se encolhe e fica parado. Ele quase cospe as palavras que se seguem.

— *Ela* os vendeu para mim. Negociou os sapatos com um dos sem-comu em troca de *bebida*.

E então ele aponta para Colapso.

Damaya inspira, todas as coisas dentro dela paralisando-se com o choque. Colapso?

Colapso.

— Seu *puto* ferrugento filho de um canibal! — Colapso cerra os punhos. — Você *deixou* aquele velho pervertido te apalpar em troca de bebida e uma carta, você sabe muito bem que não daria a bebida para nós só pelos *sapatos*...



— Era da minha mãe! — Jasper sem dúvida está chorando agora. — Eu não queria que ele, que ele, mas eu não podia... Eles não iam me deixar escrever para ela...

— Você gostou — diz Colapso com desdém. — Eu disse para você que ia contar se você falasse alguma coisa, não disse? Bem, eu vi você. Ele enfiou os *dedos* em você e você gemeu como se estivesse *gostando*, igualzinho ao aspirante a Reprodutor que você é, só os Reprodutores têm *padrões*...

Isso está errado. Está tudo errado. Todos estão olhando uns para os outros, para Colapso enquanto ela esbraveja, para Damaya, para Jasper enquanto ele chora, para Carnelian. O quarto se enche de arfadas e sussurros. Aquela sensação volta: o tremor contido e carregado que não-é-bem-uma-reverberação que é a orogenia de Colapso desdobrando-se, e todos no quarto estão estremecendo com ela. Ou talvez estejam estremecendo com as palavras e com o que elas significam, porque são coisas que os grãos não deveriam saber nem fazer. Arranjar problemas, claro, eles são crianças e crianças fazem isso. Arranjar problemas *desse jeito*, não.

— Não! — Jasper diz aos prantos para Colapso. — Eu disse para você não contar! — Ele está soluçando abertamente agora. Sua boca ainda se mexe, mas não sai mais nada que seja inteligível, nada além de um gemido baixo e desesperador... Ou talvez seja apenas a continuação da palavra *não*. Impossível dizer porque todos os outros estão fazendo barulho agora, alguns falando para Colapso calar a boca, alguns fungando com Jasper, alguns rindo nervosamente ao ver as lágrimas de Jasper, alguns cochichando entre si para confirmar coisas que sabiam, mas não acreditavam.

— *Chega*. — O quarto fica em silêncio com a ordem em voz baixa dada por Carnelian, exceto pelas suaves sacudidelas de Jasper. Depois de um instante, Carnelian mexe a mandíbula. — Você, você e você. — Ele aponta para Maxixe Beryl, Jasper e Colapso. — Venham comigo.

Ele sai do quarto. Os três grãos se entreolham, e é de admirar que nenhum deles entre em combustão devido ao puro ódio nesses olhares. Maxixe Beryl pragueja e começa a seguir Carnelian. Jasper esfrega o antebraço no rosto e faz o mesmo, a cabeça baixa e os

punhos cerrados. Colapso dá uma olhada ao redor do quarto, desafiadora; até seus olhos cruzarem com os de Damaya. Então Colapso vacila.

Damaya devolve o olhar porque está chocada demais para desviá-lo. E porque está furiosa consigo mesma. É *isso* que dá confiar nas pessoas. Colapso não era sua amiga, não era sequer alguém de quem ela gostava, mas ela havia pensado que podiam ao menos ajudar uma à outra. Agora ela encontrou a cabeça da cobra que estava tentando devorá-la, e está no meio da goela de uma cobra totalmente diferente. O resultado é algo obsceno demais para olhar, que dirá para matar.

— Melhor com você do que comigo — diz Colapso em voz baixa, em meio ao silêncio do quarto. Damaya não disse nada, não exigiu nenhuma explicação, mas Colapso explica mesmo assim, bem ali na frente de todos. Ninguém diz uma palavra. Ninguém sequer faz barulho para respirar. — Era essa a ideia. Mais um deslize e eu estou encrencada, mas você, você é a Senhorita Cidadã Perfeita. As melhores notas nas provas, o controle perfeito em Orogenia Aplicada, nenhuma agulha fora do lugar. Os instrutores não iam te castigar muito, não ainda. E, enquanto estivessem tentando descobrir como sua melhor aluna de repente começou a se sair mal, todo mundo ia parar de esperar que eu explodisse uma montanha. Ou tentar me *levar* a fazer isso... Por algum tempo, pelo menos. — O sorriso dela desaparece e ela desvia o olhar. — Essa era a ideia.

Damaya não consegue dizer nada. Ela não consegue nem pensar. Então, depois de um tempo, Colapso chacoalha a cabeça, suspira e começa a seguir os outros atrás de Carnelian.

O quarto está quieto. Ninguém olha para ninguém.

Então, mexem na porta, e dois outros instrutores entram e começam a examinar o beliche e o baú de Colapso. Os grãos observam enquanto uma mulher levanta o colchão e a outra enfia parte do corpo lá embaixo. Ouve-se um breve som de algo se rasgando e a instrutora reaparece com um grande frasco marrom meio cheio em uma das mãos. Ela abre o frasco e cheira o seu conteúdo, faz uma careta e faz um aceno para a outra mulher. As duas saem.

Quando os ecos de seus passos desaparecem, Damaya vai ao baú de Maxixe Beryl para reaver seus sapatos. Ela fecha a tampa; o barulho é muito alto em meio ao silêncio. Ninguém se mexe até ela voltar para o próprio beliche e se sentar para calçar o sapato.

Como se isso fosse um sinal, ouvem-se vários suspiros, e alguns dos outros começam a se mexer também, pegando livros para a próxima aula, andando em fila para o primeiro tormento, indo até o aparador onde o café da manhã espera. Quando Damaya vai até o aparador, outra menina olha para ela, depois desvia rapidamente o olhar.

— Me desculpe — ela murmura. — Fui eu que te empurrei no banheiro.

Damaya olha para ela e vê medo à espreita, deixando retesada a pele ao redor dos olhos dela.

— Tudo bem — ela responde em um tom suave. — Não se preocupe com isso.

Os outros grãos nunca mais causam problemas a Damaya. Alguns dias depois, Maxixe Beryl volta com as mãos quebradas e os olhos assombrados; ele nunca mais fala com Damaya. Jasper não volta, mas Carnelian conta-lhes que ele foi mandado para uma filial do Fulcro no Ártico, já que o Fulcro de Yumenes guarda tantas lembranças ruins para ele. Talvez tenham feito isso por gentileza, mas Damaya conhece o exílio quando vê um.

Mas poderia ser pior. Ninguém nunca mais vê nem menciona Colapso.



**ESTAÇÃO DO FUNGO: ANO IMPERIAL 602. UMA SÉRIE DE ERUPÇÕES OCEÂNICAS DURANTE AS MONÇÕES EQUATORIAIS DO LESTE AUMENTOU A UMIDADE NA REGIÃO E ESCONDEU A LUZ DO SOL DURANTE SEIS MESES. EMBORA ESSA TENHA SIDO UMA ESTAÇÃO BRANDA NO QUE SE REFERE A ESSE TIPO DE COISA, A ÉPOCA EM QUE ELA VEIO CRIOU CONDIÇÕES PERFEITAS PARA O APARECIMENTO DE FUNGOS QUE SE ESPALHARAM PELOS EQUATORIAIS E CHEGARAM ATÉ AS LATMEDIANAS DO NORTE E DO SUL, DIZIMANDO UM ALIMENTO QUE ENTÃO ERA BÁSICO, O MIROQ (AGORA EXTINTO). A FOME QUE RESULTOU DISSO FOI INCLUÍDA NO REGISTRO GEOMÉTRICO OFICIAL, ESTENDENDO O TEMPO QUE DUROU A ESTAÇÃO A QUATRO ANOS (DOIS ANOS**

PARA A FERRUGEM DO FUNGO ENCERRAR O SEU CICLO, MAIS DOIS ANOS PARA A AGRICULTURA E OS SISTEMAS DE DISTRIBUIÇÃO SE RECUPERAREM). QUASE TODAS AS COMUS AFETADAS CONSEGUIRAM SUBSISTIR COM OS SEUS ESTOQUES, PROVANDO ASSIM A EFICÁCIA DAS REFORMAS IMPERIAIS E DO PLANEJAMENTO SAZONAL. COMO CONSEQUÊNCIA, MUITAS COMUS DAS LATMEDIANAS DO NORTE E DAS LATMEDIANAS DO SUL SE UNIRAM VOLUNTARIAMENTE AO IMPÉRIO, DANDO INÍCIO À ERA DE OURO.

— *As ESTAÇÕES DE SANZE*



## 12

### *Syenite encontra um brinquedo novo*

— Meu colega está doente — Syenite informa a Asael Liderança Allia ao se sentar de frente para a mulher do outro lado de uma mesa. — Ele pede desculpas por não poder ajudar. Eu vou retirar a obstrução no seu porto.

— Lamento ouvir que seu sênior está doente — responde Asael com um sorrisinho que quase desperta a fúria de Syen. Quase, porque ela sabia que isso aconteceria e pôde, portanto, preparar-se. Ainda assim a irrita.

— Mas devo perguntar — continua Asael, parecendo excessivamente preocupada. — Você será... suficiente? — Ela olha para os dedos de Syen, onde ela teve bastante cuidado de colocar seus anéis nos quatro dedos que um observador casual mais provavelmente veria. Suas mãos estão sobrepostas, com o polegar daquela mão escondido por enquanto; deixe que Asael se pergunte se há um quinto anel. Mas quando o olhar de Asael cruza com o de Syen outra vez, esta vê apenas ceticismo. Ela não ficou impressionada com quatro anéis nem ficaria com cinco.

*E é por isso que eu nunca, nunca mais vou pegar uma missão com um dez-anéis.* Como se ela tivesse escolha. De qualquer forma, ela se sente melhor pensando assim.

Syenite se obriga a sorrir, embora não tenha o talento de Alabaster para a cortesia exagerada. Ela sabe que seus sorrisos

transparecem irritação.

— Na minha última missão — comenta ela —, fui encarregada de demolir três edifícios em um quarteirão com cinco. Foi no centro de Dibars, uma área com vários milhares de habitantes em um dia agitado, não muito longe da Sétima Universidade. — Ela descruza as pernas e as cruza outra vez. Os geomestas haviam-na deixado quase louca naquela missão, exigindo constantemente garantias de que ela não criaria um tremor mais forte do que 5.0. Instrumentos sensíveis, calibragens importantes, algo do tipo. — Levou cinco minutos e nenhum escombro caiu fora da zona de demolição. Isso foi antes de eu obter o meu último anel. — E ela mantivera o tremor em grau 4, para grande satisfação dos geomestas.

— Fico feliz de saber que é tão competente — diz Asael. Segue-se uma pausa, o que faz Syen preparar-se. — No entanto, se seu colega não está em condições de contribuir, não vejo razão para Allia pagar pelo serviço de dois orogenes.

— Isso é entre vocês e o Fulcro — responde Syen com indiferença. Sinceramente, ela não se importa. — Imagino que contestarão a senhora, pois Alabaster é meu mentor durante esta viagem e está supervisionando meu trabalho, mesmo que ele não vá fazê-lo de fato.

— Mas, se ele não está aqui...

— Isso é irrelevante. — Aquilo irrita, mas Syenite decide explicar. — Ele usa dez anéis. Conseguirá observar o que estou fazendo e intervir se necessário de lá do quarto do hotel. Poderia fazer isso enquanto estivesse inconsciente. Além do mais, estive reprimindo tremores nesta área nos últimos dias enquanto viajamos por ela. É um serviço que presta como cortesia aos mantenedores das estações de ligação locais... Ou melhor, à sua comu, uma vez que um local tão remoto não tem nenhuma estação por perto.

Enquanto Asael franze o cenho, provavelmente por ter percebido o insulto, Syen faz um gesto largo com as mãos.

— A maior diferença entre ele e eu é que sou aquela que precisa ver o que está fazendo.

— Entendo... — Asael parece profundamente desconfortável, como deveria. Syen sabe que é o trabalho de qualquer orogene do Fulcro acalmar os medos dos quietos, e aqui Syen agravou o de

Asael. Mas ela começou a ter uma desagradável suspeita sobre quem em Allia poderia querer Alabaster morto, então é uma boa ideia dissuadir Asael (ou quem quer que Asael conheça) desse plano. Essa burocrata secundária pedante não faz ideia de quanto a sua cidadezinha chegou perto de ser devastada na noite passada.

No silêncio desconfortável que se segue, Syenite resolve que é hora de fazer algumas de suas perguntas. E talvez mexer um pouco na merda para ver o que aparece.

— Vejo que o governador não pôde vir hoje.

— Sim. — O rosto de Asael fica inexpressivo como o de uma jogadora profissional, um sorriso todo cortês e olhos vazios. — Transmiti o pedido de seu colega. Infelizmente, o governador não conseguiu arranjar tempo na agenda dele.

— É uma pena. — E então, começando a entender por que Alabaster é tão chato com relação a isso, ela cruza as mãos. — Infelizmente, não era um pedido. Vocês têm um telégrafo aqui? Eu gostaria de mandar uma mensagem para o Fulcro e avisá-los que vamos nos atrasar.

Asael estreita os olhos, porque é claro que eles têm um telégrafo, e é claro que Syenite disse isso porque quis dar mais uma alfinetada. “Atrasar”.

— Bem, sim. — Syen levanta as sobrancelhas. Ela sabe que não está se saindo bem ao tentar parecer inocente, mas pelo menos tenta. — Quanto tempo você acha que vai demorar até o governador poder nos ver? O Fulcro vai querer saber. — E ela se levanta, como se fosse sair.

Asael inclina a cabeça, mas Syenite consegue ver a tensão em seus ombros.

— Pensei que você fosse mais razoável do que o seu colega. Você vai mesmo sair daqui e não vai desobstruir o nosso porto em um gesto melindroso.

— Não é um gesto melindroso. — Agora Syen está irritada de verdade. Agora entendeu. Ela olha para Asael, que está lá, convencida e segura em sua cadeira grande atrás de sua mesa grande, e requer verdadeiro esforço impedir que seus punhos e seu maxilar se cerrem. — Na nossa posição, você toleraria esse tratamento?

— Claro que toleraria! — Asael se endireita, levada, pela surpresa, a demonstrar uma reação verdadeira para variar. — O *governador* não tem tempo para...

— Não, a senhora não toleraria. Porque, se estivesse na minha posição, seria representante de uma organização independente e poderosa, e não uma lacaia de dois quartzos em um fim de mundo. A senhora esperaria ser tratada como uma especialista qualificada que vem aprendendo seu ofício desde a infância. Como alguém que exerce uma profissão importante e *difícil* e que veio executar uma tarefa que determina a subsistência de sua comu.

Asael está olhando para ela. Syenite faz uma pausa e respira fundo. Deve continuar sendo educada e brandir essa educação como uma faca de vidro primorosamente talhada. Tem que ser fria e calma em sua fúria para que a falta de autocontrole não seja considerada marca de monstruosidade. Quando o fogo por trás de seus olhos se abrandou, ela dá um passo à frente.

— E, no entanto, a senhora não apertou nossas mãos, Asael Liderança. A senhora não olhou nos nossos olhos quando nos encontramos pela primeira vez. A senhora *ainda* não ofereceu aquela xícara de segura que Alabaster sugeriu ontem. A senhora faria isso com um geomesta ordenado da Sétima Universidade? Faria isso com um mestre geoneiro que tivesse vindo consertar a hidráulica da comu? Faria isso com um representante do Sindicato dos Costas-fortes de sua própria comu?

Asael realmente vacila quando enfim entende as analogias. Syenite espera em silêncio, deixando a coisa fermentar. Por fim, Asael diz:

— Entendo.

— Talvez entenda. — Ela continua esperando, e Asael solta um suspiro.

— O que você quer? Um pedido de desculpas? Então, eu peço desculpas. Deve lembrar, contudo, que a maioria das pessoas normais nunca viu um orogene, menos ainda teve que fazer negócios com um, e... — Ela faz um gesto largo com as mãos. — Não é compreensível que talvez nos sintamos... desconfortáveis?

— O desconforto é compreensível. A grosseria que não é. — Que vá tudo para as ferrugens. Esta mulher não merece que ela



faça o esforço de explicar. Syen decide guardar isso para alguém que importe. — E esse é realmente um pedido de desculpas de merda. “Lamento que você seja tão anormal a ponto de eu não conseguir tratá-la como um ser humano”.

— Você é uma rogga — responde Asael sem pensar, e então tem a audácia de olhar surpresa para si mesma.

— Bem. — Syenite força um sorriso. — Pelo menos agora as coisas foram ditas abertamente. — Ela chacoalha a cabeça e vira em direção à porta. — Eu volto amanhã. Talvez a senhora tenha tido tempo de verificar a agenda do governador até lá.

— Vocês foram contratados — diz Asael, sua voz tensa o bastante para tremer. — Vocês são *obrigados* a realizar o serviço pelo qual pagamos a sua organização.

— E faremos. — Syenite chega à porta e para, com a mão na maçaneta, dando de ombros. — Mas o contrato não especifica quanto tempo temos, a partir da chegada, para realizá-lo. — Ela está blefando. Ela não faz ideia do que está no contrato. Mas está disposta a apostar que Asael também não sabe; representante do governador não soa importante o suficiente para saber esse tipo de coisa. — A propósito, obrigada pela estadia no Fim da Estação. As camas são muito confortáveis. E a comida é deliciosa.

Isso, é claro, é o bastante. Asael também se levanta.

— Fique aqui. Vou falar com o governador.

Então Syen dá um sorriso simpático e se senta outra vez para esperar. Asael sai da sala e fica fora por tempo suficiente para Syen cochilar. Ela desperta quando a porta se abre de novo e outra mulher costeira, mais velha e mais corpulenta, entra com uma Asael que parece ter sido repreendida. O governador é um homem. Syen suspira por dentro e prepara-se para uma cortesia mais bem armada.

— Syenite Orogene — diz a mulher e, apesar de sua ira crescente, Syenite está impressionada pelo aspecto solene de sua presença. O “orogene” após o nome de Syen não é necessário, claro, mas é um amável toque de cortesia tão necessário... Então Syen se levanta, e a mulher imediatamente dá um passo à frente e estende a mão para um cumprimento. Sua pele é fria e áspera e mais rígida do que Syenite esperava. Sem calos, só mãos que

fizeram sua parte de trabalho cotidiano. — Meu nome é Heresmith Liderança Allia. Sou vice-governadora. O governador realmente está ocupado demais para reunir-se com você hoje, mas arranjei tempo suficiente na minha agenda, e espero que meus cumprimentos bastem... Em especial quando vêm com um pedido de desculpas pela forma como foi tratada até agora. Posso lhe assegurar que Asael será censurada pelo seu comportamento para lembrá-la de que é sempre um ato de boa liderança tratar os outros, *todos* os outros, com cortesia.

Bem. A mulher poderia estar apenas fazendo um jogo de políticos, ou poderia estar mentindo sobre ser vice-governadora; talvez Asael tenha achado uma zeladora muito bem vestida para representar esse papel. No entanto, é um esforço em prol da conciliação, e Syen vai aceitá-lo.

— Obrigada — diz ela com gratidão genuína. — Transmitirei suas desculpas ao meu colega Alabaster.

— Ótimo. Por favor, diga-lhe também que Allia vai pagar as suas despesas, segundo o que foi acordado no nosso contrato, durante o prazo de até três dias antes e três dias depois que desobstruírem o porto. — E há mordacidade em seu sorriso agora, a qual Syenite sabe que provavelmente merece. Ao que parece, esta mulher de fato leu o contrato.

Entretanto, isso não importa.

— Agradeço pelo esclarecimento.

— Há mais alguma coisa de que precise durante sua estadia? Asael ficaria feliz de providenciar um passeio pela cidade, por exemplo.

Droga. Syen *gosta* dessa mulher. Ela contém o impulso de sorrir e olha para Asael, que conseguiu se recompor a essa altura; ela devolve impassivelmente o olhar para Syenite. E Syen se sente tentada a fazer o que Alabaster provavelmente faria e aceitar aquela oferta tácita de Heresmith de humilhar Asael. Mas Syenite está cansada, e essa viagem toda foi um inferno, e, quanto antes estiver tudo terminado e ela estiver de volta em casa, no Fulcro, melhor.

— Não é necessário — responde ela, e o rosto de Asael se contrai um pouco, será que de alívio contido? — Na verdade, eu

gostaria de dar uma olhada no porto, se possível, para poder avaliar o problema.

— Claro. Mas gostaria de um refresco antes? Pelo menos uma xícara de segura.

Syenite não consegue evitar isso agora. Seus lábios se contraem.

— Devo dizer que, na realidade, eu não *gosto* de segura.

— Ninguém gosta. — E não dá para confundir o sorriso genuíno no rosto de Heresmith. — Mais alguma coisa antes de irmos?

Agora é a vez de Syen ficar surpresa.

— A senhora virá conosco?

A expressão de Heresmith assume um quê de irônico.

— Bem, a subsistência da nossa comu *depende* de você, afinal de contas. Parece apropriado.

Ah, sim. Dá gosto ter uma pessoa dessas por perto.

— Por favor, siga adiante, Heresmith Liderança. — Syenite faz um gesto em direção à porta, e todo mundo sai.

• • •

Há algo errado no porto.

Eles estão em uma plataforma de madeira ao longo da curva oeste do meio círculo que forma o porto. Daqui é possível ver a maior parte de Allia, espalhando-se pelas encostas da caldeira que circunda a orla. A cidade é de fato encantadora. É um dia bonito, brilhante e cálido, com um céu tão profundo e claro que Syenite pensa que observar as estrelas ali à noite deve ser maravilhoso. No entanto, é o que ela não consegue ver sob a água, no leito do porto, que a deixa arrepiada.

— Não é um coral — diz ela.

Heresmith e Asael viram-se para ela, ambas parecendo intrigadas.

— Como? — pergunta Heresmith.

Syenite se afasta delas, indo até ao parapeito e estendendo as mãos. Ela não precisa desse gesto; só quer que eles saibam que ela está fazendo alguma coisa. Um orogene do Fulcro sempre reafirma a percepção e o entendimento dos clientes a respeito da

situação, mesmo quando esses clientes na verdade não fazem ideia do que está acontecendo.

— O leito do porto. A camada *de cima* é coral. — Ela acha. Ela nunca sentiu um coral antes, mas parece o que ela esperava: camadas de vida luminosa e serpenteante da qual ela pode retirar energia, se necessário, para abastecer sua orogenia; e um núcleo sólido de antiga morte calcificada. Mas a pilha de corais está no alto do cume de uma elevação no leito do porto e, embora pareça natural (costuma haver dobras como essas em locais onde a terra encontra o mar, ela leu), Syenite sabe que não é.

É absolutamente reta, para começar. E imensa; a elevação abrange a extensão do porto. Mas, mais importante, *ela não está ali*.

A rocha debaixo das camadas de limo e areia que cresceram, isso está: ela pode senti-la. Deveria ser capaz de senti-la se estivesse empurrando o leito do mar dessa maneira. Ela consegue sentir o peso da água em cima da elevação e a rocha deformada pelo seu peso e pela sua pressão embaixo, e os estratos ao redor dessa formação, mas não a obstrução em si. Poderia muito bem haver um grande buraco vazio no leito do porto, em torno do qual este inteiro foi modelado.

Syenite franze a testa. Seus dedos se abrem e se contraem, seguindo o fluxo e a curva da sensuna. O deslizar suave de xisto solto e areia e matéria orgânica, fria compressão de sólido substrato rochoso, flutuam e mergulham. Enquanto ela segue esse percurso, lembra-se, com um pouco de atraso, de narrar suas explorações.

— Há algo *embaixo* do coral, enterrado no fundo do leito oceânico. Não muito abaixo. A rocha que está por baixo foi comprimida; deve ser pesado... — Mas por que ela não consegue sentir, se for esse o caso? Por que ela consegue detectar a obstrução apenas pelo seu efeito em todas as coisas que estão próximas? — É estranho.

— Isso é relevante? — Essa é Asael, talvez tentando soar profissional e inteligente a fim de voltar a cair nas boas graças de Heresmith. — Tudo que precisamos é que a obstrução do coral seja destruída.

— Sim, mas o coral está em cima disso. — Ela procura o coral e o encontra por todas as extremidades do porto. Uma teoria se

forma. — É por isso que este é o único lugar na parte profunda do porto que está obstruída pelo coral. Ele está crescendo *em cima* dessa coisa, onde o leito oceânico foi de fato erguido. O coral é algo das superfícies rasas, e ele consegue obter bastante água aquecida pelo sol ao longo dessa elevação.

— Pelas ferrugens da Terra. Isso significa que o coral vai simplesmente crescer de novo? — Quem fala é um dos homens que vieram com Asael e Heresmith. Trata-se de um punhado de funcionários, até onde Syenite sabe, e ela fica se esquecendo da presença deles até que eles falam. — O *objetivo* de tudo isso é desobstruir o porto para sempre.

Syenite expira e relaxa seus sensapinae, abrindo os olhos para saberem que ela terminou.

— Sim, vai acabar crescendo de novo — responde ela, virando-se para eles. — Olhem, eis o problema com que vocês estão lidando. Este é o seu porto. — Ela fecha um pouco a mão esquerda no formato aproximado de um círculo. O porto de Allia é mais irregular do que isso, mas eles entendem, ela vê quando se aproximam da demonstração que está fazendo. Então ela coloca o polegar direito sobre a parte aberta do círculo, mas sem fechá-lo por completo. — Esta é a posição da coisa. Está um pouquinho erguida de um lado — ela balança a ponta do polegar — porque há uma inclinação natural no substrato. É onde está a maior parte do coral. As águas na extremidade mais distante da coisa são mais profundas e mais frias. — Desajeitadamente, ela meneia a mão para indicar a parte da palma logo abaixo do polegar. — Este é o canal que vocês têm usado para o tráfego no porto. A menos que esse coral comece de repente a gostar de água fria ou que apareça outra variedade de coral que goste, então pode ser que essa parte nunca fique obstruída.

Mas ao dizer isso, ocorre-lhe uma coisa: corais se desenvolvem sobre si mesmos. Novas criaturas crescem sobre o esqueleto dos predecessores; com o tempo, isso transformará até a parte mais fria do porto em uma zona de ótimo crescimento. E, no momento perfeito, Asael franze as sobrancelhas e comenta:

— Só que esse canal *vem* se fechando, aos poucos, mas indubitavelmente, no decorrer dos anos. Temos relatos de algumas

décadas atrás que dizem que nós costumávamos ser capazes de abrigar barcos no meio do porto, agora não somos mais.

Pelos fogos das profundezas. Quando Syen voltar ao Fulcro, vai falar para eles acrescentarem formas de vida marinha que constroem rochas ao currículo dos grãos; é ridículo que ainda não estejam aprendendo.

— Se esta comu existe há tantas Estações, e vocês só estão tendo esse problema agora, então obviamente não é o tipo de coral que cresce rápido.

— Allia existe há apenas duas Estações — diz Heresmith, dando um sorriso triste para Syen. Essa é uma façanha respeitável por si só. Nas latmedianas e no Ártico, muitas comus não duram uma única Estação; as regiões costeiras são ainda mais voláteis. Mas, claro, Heresmith pensa que está falando com uma pessoa nascida e criada em Yumenes.

Syenite tenta se lembrar das coisas que ela estava acordada para ouvir durante as aulas de história. A Estação da Asfixia foi a que aconteceu mais recentemente, pouco mais de cem anos atrás; foi branda no que se refere a Estações, matando principalmente pessoas do Antártico, próximo ao Monte Akok, quando este entrou em erupção. Antes dessa foi a Estação Ácida? Ou foi a da Ebulição? Ela sempre confunde essas duas. Qualquer que tenha sido, foi duzentos ou trezentos anos antes da Estação da Asfixia, e foi ruim. Certo, não sobrou nenhuma comu litorânea depois dessa, então naturalmente Allia só pode ter algumas décadas a menos, fundada quando as águas acalmaram e recuaram e deixaram o litoral habitável outra vez.

— Então, esse coral obstruiu o porto ao longo de quatrocentos anos mais ou menos — diz Syenite, pensando em voz alta. — Talvez com um recuo durante a Estação da Asfixia... — Como um recife de corais sobrevive a uma Quinta Estação? Ela não faz ideia, mas obviamente precisa de luz e calor para se desenvolver, então deve ter definhado durante essa Estação. — Tudo bem, digamos que realmente se tornou uma obstrução há cem anos.

— Pelo fogo debaixo da Terra — diz outra mulher, parecendo horrorizada. — Quer dizer que talvez tenhamos que fazer isso *de novo* em apenas um século?

— Ainda estaremos pagando ao Fulcro daqui a um século — diz Heresmith, suspirando, e o olhar que ela lança a Syenite não é de ressentimento, só de resignação. — Receio que seus superiores cobrem caro pelos seus serviços.

Syenite resiste ao impulso de dar de ombros. É verdade.

Todos se entreolham e depois olham para ela, e com base nisso Syen sabe: estão prestes a lhe pedir para fazer algo estúpido.

— É uma ideia muito ruim — diz ela antecipadamente, levantando as mãos num gesto de aviso. — É sério. Eu nunca movi nada debaixo d'água antes, por isso me designaram um sênior. — Grande coisa ele foi até agora. — E, o mais importante, *eu não sei o que é essa coisa*. Poderia ser um imenso bolsão de gás ou de petróleo que vai envenenar as águas do seu porto por anos. — Não é. Você sabe disso porque nenhum bolsão de petróleo ou de gás é perfeitamente reto e denso como essa coisa e porque você consegue *sensar* petróleo e gás. — Poderia até mesmo ser os restos de alguma civextinta estúpida que plantou bombas em todos os seus portos. — Ah, essa foi brilhante. Eles estão olhando para ela agora, horrorizados. Ela tenta de novo: — Encomendem um estudo — sugere ela. — Tragam alguns geomestras que estudam o fundo do mar, talvez alguns geoneiros que saibam alguma coisa sobre... — Ela faz um gesto largo com uma das mãos e dá um palpite. — Correntes oceânicas. Descubram todos os pontos positivos e negativos. *Depois* chamem alguém como eu. — A moça espera que não seja ela especificamente a enviada. — A orogenia deve ser sempre seu último recurso, não o primeiro.

Assim é melhor. Estão ouvindo. Dois dos que ela não conhece começam a cochichar um com o outro, e vê-se um ar pensativo no rosto de Heresmith. Asael parece ressentida, mas isso não significa necessariamente algo ruim. Asael não é muito esperta.

— Temo que tenhamos que levar isso em consideração — diz Heresmith, enfim, parecendo tão profundamente frustrada que Syenite sente pena dela. — Não temos como pagar outro contrato com o Fulcro, e não tenho certeza de que teremos condições de arcar com um estudo; a Sétima Universidade e o Conselho de Geoneiros cobram quase tanto quanto o Fulcro por seus serviços. Mas, mais importante, não podemos mais nos dar ao luxo de

continuar com o porto obstruído... Como você avaliou, já estamos perdendo transações para vários outros portos costeiros que conseguem abrigar navios cargueiros mais pesados. Se perdermos a acessibilidade por completo, não haverá razão para esta comu continuar existindo.

— Eu me solidarizo com vocês... — começa Syen, mas então um dos homens que estava cochichando no fundo faz uma cara feia.

— Você também é uma agente do Fulcro — diz ele —, e nós a contratamos para fazer um serviço.

Talvez ele não seja um simples funcionário.

— Eu sei disso. E vou fazê-lo agora mesmo, se quiserem. — O coral não é nada, ela sabe agora que o sensou. Ela provavelmente consegue fazê-lo sem balançar muito os barcos em seus ancoradouros. — Seu porto pode começar a ser utilizado amanhã, se eu me livrar do coral hoje...

— Mas você foi contratada para *desobstruir* o porto — diz Asael. — De forma permanente, não um conserto temporário. Se o problema acabou revelando-se maior do que vocês imaginavam, isso não é desculpa para não terminar o trabalho. — Seus olhos se estreitam. — A menos que haja algum motivo pelo qual está tão relutante em mover a obstrução.

Syen resiste ao impulso de xingar Asael de um monte de nomes.

— Eu expliquei minhas razões, Liderança. Se fosse minha intenção enganá-los de algum modo, por que teria lhes contado qualquer coisa sobre a obstrução? Eu teria simplesmente removido o recife de corais e deixado que descobrissem da maneira mais difícil quando a coisa crescesse outra vez.

Isso convence alguns deles, ela pode ver; ambos os homens do grupo param de parecer tão desconfiados. Mesmo Asael hesita em sua posição acusatória, endireitando-se um pouco por conta do desconforto. Heresmith também acena com a cabeça e se vira para os outros.

— Acho que precisaremos discutir isso com o governador — diz ela enfim. — Apresentar-lhe todas as opções.

— Com todo o respeito, Liderança Heresmith — interpõe uma das outras mulheres, franzindo a testa. — Não vejo outra opção. Ou



desobstruímos o porto temporariamente, ou permanentemente. De qualquer forma pagamos ao Fulcro a mesma quantia.

— Ou não fazem nada — fala Syenite. — Todos eles se viram para olhar para ela, e ela suspira. Ela é uma tola por chegar a mencionar isso; só a Terra sabe o que os seniores vão fazer com ela se arruinar essa missão. Mas ela não consegue evitar. Essas pessoas enfrentam a destruição econômica de toda a sua comunidade. Não é uma Estação, então eles podem se mudar para outro local, tentar começar de novo. Ou podem se dispersar, com todas as famílias da comu tentando encontrar lugar em outras comunidades...

... o que deveria funcionar, exceto para aqueles familiares pobres, enfermos ou idosos. Ou para aqueles que tiverem tios ou irmãos ou pais que se revelaram orogenes; ninguém vai aceitar esses. Ou se a comunidade a que tentarem se juntar já tiver demasiados membros da casta de uso deles. Ou.

Que tudo vá para as ferrugens.

— Se meu colega e eu voltarmos agora — continua Syenite apesar de tudo —, sem fazer nada, então estaremos rompendo com o contrato. Vocês estarão no seu direito de exigir a sua taxa de comissão de volta, menos as nossas despesas de viagem e acomodação local. — Ela está olhando direto para Asael ao dizer isso; Asael cerra o maxilar. — Seu porto continuará utilizável, pelo menos por mais alguns anos. Usem esse tempo e o dinheiro que economizaram ou para estudar o que está acontecendo e descobrir o que há lá embaixo... Ou para levar a sua comu para um local melhor.

— Isso não é uma opção — contrapõe Asael, parecendo horrorizada. — Este é o nosso lar.

Syen não consegue deixar de pensar em um cobertor com cheiro de mofo.

— Lar são as pessoas — diz ela a Asael em um tom suave. Asael pisca. — Lar é o que você leva consigo, não o que deixa para trás.

Heresmith dá um suspiro.

— Isso é muito poético, Syenite Orogene. Mas Asael está certa. Mudar daqui significaria perder a identidade da nossa comu e

possivelmente dividir a nossa população. Também significaria perder tudo o que investimos neste lugar. — Ela faz um gesto que abarca tudo ao redor, e Syenite entende o que ela quer dizer: as pessoas podem mudar com facilidade, mas os edifícios não. A infraestrutura não. Essas coisas são riqueza e, mesmo fora de uma Estação, riqueza significa sobrevivência. — E não há garantias de que não vamos enfrentar problemas piores em outra parte. Agradeço sua sinceridade... agradeço mesmo. De verdade. Mas, bem... é melhor o vulcão que já conhecemos.

Syenite suspira. Ela tentou.

— O que querem fazer, então?

— Parece óbvio, não?

Parece. Pelas crueldades da Terra, parece.

— Você *consegue* fazer? — pergunta Asael. E talvez ela não tenha tido a intenção de que soasse como um desafio. Talvez esteja apenas ansiosa porque, afinal de contas, o assunto de que Syen está falando aqui é o destino da comu que Asael foi educada e treinada para orientar e proteger. E, claro, como uma criança nascida na casta Liderança, Asael não saberia nada sobre esta comu a não ser sobre o seu potencial e acolhimento. Ela nunca teria motivos para ver sua comunidade com desconfiança, ódio ou medo.

Syen não tenciona magoá-la. Mas já está de mau humor e cansada porque não conseguiu dormir muito enquanto salvava Alabaster do envenenamento na noite anterior, e a pergunta de Asael parte do pressuposto de que ela é menos do que é. Isso já passou dos limites no decorrer dessa longa e horrível viagem.

— Sim — responde Syenite de forma brusca, virando-se e estendendo as mãos. — Peço que todos vocês se afastem pelo menos três metros.

Ouvem-se gritos sufocados vindos do grupo, murmúrios alarmados, e ela os sente recuar rapidamente ao longo do mapa de sua consciência que se desdobra: pontos quentes, brilhantes e agitados afastando-se. Eles ainda estão ligeiramente mais distantes do seu alcance. Da mesma forma que está sua comu, na verdade, um aglomerado de movimento e vida ao redor dela, tão fáceis de tomar, devorar e usar. Mas eles não precisam saber disso. Ela é uma profissional, afinal.

Então, ela finca o fulcro de seu poder na terra com uma ponta fina e profunda de modo que sua espiral seja estreita e alta em vez de ampla e mortal. E, em seguida, ela explora o substrato local outra vez, procurando a falha mais próxima ou talvez algum resto de calor do vulcão extinto que formou a caldeira de Allia. A coisa no porto é pesada, no final das contas; ela vai precisar de mais do que o poder ambiente para movê-la.

Mas, enquanto procura, algo muito estranho, e muito familiar, acontece. Sua consciência muda.

De repente, ela não está mais na terra. Algo a puxa para longe, para cima, para baixo e para *dentro*. E, de súbito, ela está perdida, debatendo-se em um espaço de frio negro e construtivo, e o poder que flui para dentro dela não é calor ou movimento ou potencial, mas algo completamente diferente.

Algo como o que ela sentiu ontem à noite, quando Alabaster tomou o controle de sua orogenia. Mas *não é Alabaster*.

E ela ainda tem o controle, de certa maneira. Isto é, ela não consegue parar o que está acontecendo, ela já absorveu muito poder; se tentar liberá-lo, vai congelar metade da comu e iniciar um terremoto que deixará abstrato o formato do porto. Mas ela consegue *usar* a torrente de poder. Consegue dirigi-lo, por exemplo, ao leito rochoso debaixo da coisa que não consegue ver. Consegue impulsioná-lo, o que não tem sutileza e eficiência, mas dá conta desse trabalho ferrugento, e ela consegue sentir o enorme *vazio* que é o objeto se levantar em resposta. Se Alabaster estiver observando de seu quarto no hotel, deve estar impressionado.

*Mas de onde está vindo o poder? Como eu estou...*

Ela consegue perceber, tardiamente e um tanto horrorizada, que a água se move de forma muito semelhante à rocha em resposta a uma repentina infusão de energia cinética... Mas é muito, muito mais rápida para reagir. E ela própria pode reagir, mais rápido do que jamais fez, pois está *transbordando* de força, está praticamente saindo pelos seus poros e, pelo fogo da Terra, a sensação é incrivelmente boa, é brincadeira de criança deter a imensa onda que está se formando e está prestes a inundar o porto. Ela apenas dissipa sua força, mandando parte dela de volta para o mar, canalizando o resto para acalmar as águas ao passo que a coisa

que estava no leito do oceano se liberta dos sedimentos que a estorvavam (e o coral simplesmente cai e se despedaça) e começa a se erguer.

Mas.

Mas.

A coisa não está fazendo o que ela quer que faça. Ela havia pretendido apenas desviá-la para o lado do porto; desse modo, se o coral crescer de novo, ainda não obstruirá o canal. Em vez disso...

— Pelas crueldades da Terra... O que ferrugens... Em vez de...

Em vez disso, a coisa está *se mexendo por conta própria*. Ela não consegue segurá-lo. Quando tenta, todo o poder que retinha simplesmente se esvai, absorvido para algum lugar com tanta rapidez quanto aquela com que lhe fora infundido.

Syen volta a si então, arquejando enquanto recai sobre o parapeito de madeira da plataforma. Passaram-se apenas alguns segundos. Sua dignidade não permitirá que caia de joelhos, mas o parapeito é a única coisa que a mantém de pé. Neste momento, ela percebe que ninguém notará sua fraqueza, pois as placas debaixo de seus pés e o parapeito ao qual se agarra estão chacoalhando de forma ameaçadora.

A sirene contra tremores começa a tocar de maneira ensurdecadora, vindo de uma torre atrás dela. Pessoas correm pelos cais abaixo da plataforma e pelas ruas; se não fosse pela sirene, provavelmente ouviria gritos. Com algum esforço, Syen levanta a cabeça para ver Asael, Heresmith e seu grupo correndo para longe da plataforma, mantendo-se bem afastados dos edifícios, seus rostos tomados de puro medo. Claro que deixam Syenite para trás.

Mas não é isso que finalmente tira Syen do seu estado ensimesmado. O que a tira desse estado é um súbito borrito de água do mar que passa pelos cais como chuva, seguido por uma sombra que escurece todo aquele lado do porto. Ela se vira.

Ali, erguendo-se aos poucos de dentro da água e derrubando os restos de sua carapaça de lama enquanto começa a zumbir e se virar, está um obelisco.

É diferente do que Syen viu na noite anterior. Aquele, o obelisco roxo, ela acha que ainda está a alguns quilômetros da costa,

embora não olhe naquela direção para confirmar sua presença. Aquele à sua frente domina toda a sua visão, todo o seu pensamento, porque o ferrugento é *enorme* e ainda nem saiu da água por completo. É de um vermelho escuro tom de granada, seu formato é de uma coluna hexagonal com uma ponta afiada e irregular. Está completamente sólido, e não tremeluzente ou cintilante daquele modo parcialmente real da maioria dos obeliscos; é maior do que vários barcos enfileirados de ponta a ponta. E é claro que é comprido o bastante, uma vez que continua a se levantar e a se virar até chegar ao ponto de quase obstruir o porto inteiro. Mil e seiscentos metros de uma extremidade a outra.

Mas há algo errado com ele, o que fica claro conforme se ergue. No centro do eixo, a beleza clara e cristalina da coisa abre caminho para rachaduras. Fendas grandes, feias e tingidas de preto, como se algum contaminante do leite oceânico houvesse entrado aos poucos durante todos os séculos em que a coisa deve ter ficado ali embaixo. As linhas acidentadas em formato de teia se espalham sobre o cristal de acordo com um padrão irradiante. Syenite consegue *sentir* como o zumbido do obelisco se agita e tartamudeia aqui, energias incompreensíveis lutando por todo o local do estrago.

No centro das fendas que irradiam, ela consegue ver algum tipo de oclusão. Algo pequeno. Syenite olha de lado, inclinando-se ainda mais sobre o parapeito enquanto estica o pescoço para acompanhar o cisco que se ergue. Então o obelisco se vira mais um pouco, como que para encará-la e, de repente, seu sangue congela quando percebe o que está vendo.

Uma pessoa. Há alguém *dentro* da coisa, preso como um inseto no âmbar, os membros esticados e imóveis, o cabelo, um fluxo congelado. Ela não consegue distinguir o rosto, não muito bem, mas, em sua imaginação, os olhos estão arregalados e a boca, aberta. Gritando.

É nesse momento que ela nota que consegue identificar uma estranha marmorização ao longo da pele da figura, uma mancha preta por todo o vermelho escuro do obelisco. A luz do sol cintila, e ela percebe que o cabelo é claro, ou pelo menos translúcido o suficiente para se perder no tom de granada ao redor. E existe alguma coisa *a respeito* do que ela está vendo, alguma coisa que

talvez ela saiba porque, por um instante, fez parte desse obelisco, que é de onde está vindo o poder, algo que ela não vai questionar muito a fundo porque, pelas crueldades da Terra, não consegue *acreditar* nisso. O conhecimento está lá em sua mente, impossível de negar não importa quanto ela possa querer. Quando a mente racional é forçada a confrontar o impossível repetidas vezes, não tem escolha a não ser adaptar-se.

Então, ela aceita que aquilo para o qual está olhando é um obelisco quebrado que ficou incógnito no leito do porto de Allia por sabe a Terra quanto tempo. Ela aceita que o que está preso em seu coração, o que de algum modo *quebrou* essa coisa imensa, magnífica e misteriosa... É um comedor de pedra.

E está morto.



O PAI TERRA PENSA EM TERMOS DE ERAS, MAS ELE NUNCA, NUNCA DORME.

NEM TAMPOUCO ESQUECE.

— *TÁBUA DOIS, “A VERDADE INCOMPLETA”, VERSÍCULO DOIS*



## 13

### *Você está no encalço*

Essa é a sua índole, essa criatura pequena e mesquinha. Esse é o alicerce da sua vida. O Pai Terra está certo em desprezá-la, mas não fique envergonhada. Você pode ser um monstro, mas também é grandiosa.

• • •

A mulher sem-comu se chama Tonkee. É o único nome que ela lhe dá: sem nome de uso, sem nome de comu. Você tem certeza de que ela é, apesar dos protestos, uma geomesta; ela admite ser mais ou menos, quando você lhe pergunta por que ela os está seguindo.

— Ele é interessante demais — responde Tonkee, apontando Hoa com o queixo. — Se eu não tentasse entendê-lo, meus velhos mestres da uni contratariam assassinos para me perseguir. Não que ainda não tenham feito isso! — Ela ri como um cavalo, zurrando e mostrando os grandes dentes brancos. — Eu adoraria ter uma amostra do sangue dele, mas não me serviria de nada sem o equipamento apropriado. Então vou me contentar com a observação.

(Hoa parece chateado com isso e faz um esforço explícito para manter você entre ele e Tonkee enquanto andam.)

“A uni” à qual ela se referiu, você tem certeza, é a Sétima Universidade em Dibars, o mais famoso centro de aprendizado para mestas e sabedoristas em toda a Quietude, localizado na segunda

maior cidade dos Equatoriais. E, se foi nesse lugar prestigioso que Tonkee foi instruída, em vez de alguma pretensiosa creche regional para adultos ou aos pés de algum amador local, ela realmente decaiu muito mais do que se poderia esperar. Mas você é educada demais para dizer isso em voz alta.

Tonkee não mora em um enclave de canibais, apesar de suas criativas ameaças. Você descobre isso quando ela os leva à sua casa naquela tarde. É uma caverna situada em uma vesícula (os antigos restos que desabaram de uma bolha de lava solidificada, a qual foi um dia do tamanho de uma pequena colina). Agora é um vale isolado em um bolsão de floresta, com colunas recurvadas de um vidro preto reluzente intercaladas entre as árvores. Há todo tipo de pequenas e estranhas cavernas em suas laterais, onde bolhas menores devem ter se incrustado na bolha maior, e Tonkee a alerta de que algumas das cavernas na extremidade mais distante da vesícula abrigam gatos da floresta e outros animais. A maioria deles não representa ameaça normalmente, mas tudo muda em uma Estação, então você toma o cuidado de seguir a orientação de Tonkee.

A caverna de Tonkee está cheia de bugigangas, livros e porcarias que ela recolheu, em meio a muitas coisas realmente úteis, como lanternas e comida armazenada. A caverna tem cheiro de resinas aromáticas das fogueiras que ela fez, mas em pouco tempo fica tomada pelo fedor de Tonkee, uma vez que ela está lá dentro e anda agitada de um lado para o outro. Você se resigna a suportar isso, embora Hoa não pareça notar ou talvez se importar; você inveja o estoicismo dele. Felizmente, acontece que Tonkee de fato trouxe toda aquela água consigo para um banho. Ela faz isso diante de vocês, despindo-se sem nenhuma vergonha e agachando-se junto a uma bacia de madeira para esfregar as axilas e a genitália e o resto. Você fica um pouco surpresa ao notar um pênis em algum lugar em meio a esse processo, mas, bem, não que alguma comu fosse fazer dela uma Reprodutora. Ela termina lavando as roupas e o cabelo com uma turva solução verde que ela diz ser antifúngica. (Você tem suas dúvidas.)

De qualquer forma, o lugar fica com um cheiro muito melhor quando ela termina, então você passa uma noite extremamente



agradável e aconchegante em seu próprio saco de dormir (ela tem sacos de dormir sobressalentes, mas você não quer correr o risco de pegar piolho) e até deixa Hoa ficar encostado em você, embora se vire de costas para ele não abraçá-la. Ele não tenta.

No dia seguinte, você retoma sua viagem ao sul, com Tonkee, a geomesta sem-comu, e Hoa, o... Seja lá o que ele for. Porque você tem certeza de que ele não é humano. Isso não a incomoda; oficialmente falando, você também não é humana. (De acordo com a *Declaração sobre os direitos dos acometidos pela orogenia* do Segundo Conselho Yumenescense de Sabedoristas, de mil anos atrás.) O que a incomoda é que Hoa não fala sobre o assunto. Você pergunta sobre o que ele fez com o kirkhusa, e ele se nega a responder. Você lhe pergunta por que ele não responde, e ele apenas parece triste e diz:

— Porque eu quero que você goste de mim.

Quase faz você se sentir normal, viajar com esses dois. Em todo caso, a estrada exige grande parte da sua atenção. A chuva de cinzas fica mais pesada nos dias que se seguem, até você enfim tirar as máscaras da sua bolsa de fuga (você tem quatro, felizmente, terrivelmente) e as distribui. São grânulos compactos de cinzas por enquanto, não a neblina flutuante da morte contra a qual o Saber das Pedras alerta, mas não faz sentido ser imprudente. Outras pessoas também pegaram suas máscaras, você vê quando elas se materializam em meio àquela névoa cinzenta, a pele e os cabelos e as roupas que mal se podem distinguir da paisagem pintada de cinza, os olhos passando de relance por você e desviando-se. As máscaras tornam todos igualmente desconhecidos e irreconhecíveis, o que é bom. Ninguém presta atenção em Hoa ou Tonkee, não mais. Você fica feliz em juntar-se às massas indistintas.

Ao final de uma semana, as multidões de pessoas viajando pela estrada começaram a transformar-se em grupos e, de vez em quando, em bandos reduzidos. Todos os que têm uma comu estão voltando para ela às pressas, e a redução das multidões significa que a maioria das pessoas está encontrando algum lugar para se acomodar. Agora, apenas aqueles que estão viajando para um lugar mais distante do que de costume permanecem na estrada, ou pessoas que não têm um lar para onde voltar, como os equatoriais

de olhos encovados que você viu, alguns dos quais exibem queimaduras ou ferimentos horríveis que advêm da queda de escombros. Os equatoriais são um problema iminente porque há muitos deles na estrada, mesmo que os feridos estejam, em grande parte, adoecendo com infecção e começando a morrer. (Você passa por pelo menos uma ou duas pessoas todos os dias que simplesmente se sentam na beira da estrada, pálidas ou vermelhas, encolhidas ou trêmulas, esperando que o fim chegue.) Porém, sobram muitos que parecem sadios o bastante, e eles estão sem-comu agora. Isso sempre é um problema.

Você conversa com um pequeno grupo dessas pessoas na hospedaria seguinte: cinco mulheres de idades muito variadas e um homem muito jovem e de olhar incerto. Esse bando tirou a maioria das roupas inutilmente belas e esvoaçantes que as pessoas das cidades equatoriais costumavam considerar elegantes, você percebe; em algum lugar no meio do caminho eles roubaram ou negociaram roupas resistentes e equipamento apropriado para viagem. Mas cada um deles ostenta algum vestígio da antiga vida: a mulher mais velha usa um lenço com babados de cetim azul manchado na cabeça; a mais nova tem mangas transparentes aparecendo por baixo do tecido mais pesado e mais prático de sua túnica; o rapaz tem uma faixa ao redor da cintura que é macia e cor de pêssego e está ali, que você saiba, unicamente para enfeitar.

Exceto pelo fato de que não é realmente um enfeite. Você percebe o modo como eles olham quando você entra: uma passada de olhos, uma inspeção de seus punhos ou pescoço ou tornozelos, uma franzida de testa quando consideram que lhe falta algo. O tecido pouco prático tem um uso muito prático: é a marca de uma nova tribo que está nascendo. Uma tribo à qual você não pertence.

Isso não é um problema. Ainda.

Você lhes pergunta o que aconteceu no norte. Você sabe, mas ter consciência de um acontecimento geológico e saber o que esse acontecimento *significa* no verdadeiro sentido humano são duas coisas muito diferentes. Eles respondem depois que você ergueu as mãos e deixou claro que não oferece nenhum perigo (visível).

— Eu estava voltando para casa depois de um concerto — diz uma das mulheres mais jovens, que não se apresenta, mas deveria

ser (se já não for) uma Reprodutora. Ela é o que as mulheres sanzeds deveriam ser: alta e bronzeada e quase que ofensivamente saudável, com belos traços homogêneos e quadril largo, tudo isso coroado por um cabelo de cinzas sopradas em tom cinzento que é quase como uma pele de animais à altura do ombro. Ela balança a cabeça em direção ao rapaz, que baixa o olhar com um ar reservado. Igualmente bonito, provavelmente um Reprodutor também, embora um tanto magrelo. Bem, ele vai encorpar se tiver cinco mulheres para cuidar de seu sustento. — Ele estava tocando na sala de improvisação da rua Shemshena; isso foi em Alebid. A música era tão bonita...

As palavras vão sumindo e, por um instante, você a vê se desconectar do aqui e agora. Você sabe que Alebid é (era) uma cidade comu de tamanho médio, conhecida por seu cenário artístico. Depois, ela volta a si porque é claro que ela é uma boa menina sanzeds, e os sanzeds quase não toleram sonhadores.

— Nós vimos alguma coisa meio que... se rasgar, lá ao norte — continua ela. — Ao longo do horizonte, quero dizer. Podíamos ver essa... luz vermelha surgir em um ponto e depois se espalhar para o leste e para o oeste. Não dava para saber a que distância, mas podíamos vê-la refletida na parte de baixo das nuvens. Sua mente está vagando de novo, mas se lembrando de algo terrível desta vez, então suas feições estão inflexíveis, sombrias e irritadas. Isso é socialmente mais aceitável do que a nostalgia. — Aquilo se espalhou *rápido*. Nós simplesmente ficamos lá, na rua, observando aquela coisa crescer e tentando entender o que estávamos vendo e sentando quando o chão começou a tremer. Então alguma coisa, uma nuvem, escondeu o vermelho, e percebemos que estava vindo na nossa direção.

Não foi uma nuvem piroclástica, você sabe, ou ela não estaria aqui conversando com você. Alebid fica bastante ao sul de Yumenes; o que os atingiu foram apenas resíduos do que quer que tenha atingido as comus mais ao norte. E isso é bom, porque esses resíduos por si só quase destruíram Tirimo, que fica muito mais ao sul. Pela lógica, não deveria ter restado pedra sobre pedra em Alebid.

Um orogene salvou essa garota, você desconfia. Sim, existe uma estação de ligação perto de Alebid, ou existia.

— Ainda estava tudo de pé — diz ela, confirmando sua suposição. — Mas a chuva de cinzas que veio em seguida, ninguém conseguia respirar. As cinzas estavam entrando na boca das pessoas, no pulmão, virando cimento. Amarrei minha blusa no rosto; era feita do mesmo material que as máscaras. Foi a única coisa que me salvou. Que nos salvou. — Ela olha para o rapaz dela, e você percebe que o pedaço de tecido ao redor do punho dele faz parte do que costumava ser uma roupa de mulher, pela cor. — Foi à noite, depois de um lindo dia. Ninguém estava com a bolsa de fuga.

Recai o silêncio. Desta vez, todos do grupo deixam aquilo continuar, e seus pensamentos vagueiam com ela por um instante. A lembrança é simplesmente muito ruim. Você se lembra também de que não são muitos os equatoriais que possuem uma bolsa de fuga. As estações de ligação foram mais que suficientes para manter as cidades maiores a salvo durante séculos.

— Então, nós corremos — a mulher conclui de forma abrupta com um suspiro. — E não paramos.

Você os agradece pela informação e vai embora antes que eles façam perguntas também.

Conforme os dias passam, você ouve outras histórias parecidas. E nota que nenhum dos equatoriais que encontra é de Yumenes nem de nenhuma comu mais ou menos da mesma latitude. Alebid é o ponto mais ao norte de onde vêm os sobreviventes.

Mas isso não importa. Você não está indo para o norte. E não importa o quanto a incomode o que aconteceu, o que significa, você sabe que não deve ficar pensando muito nisso. Sua mente já está cheia o bastante de lembranças feias.

Assim, você e seus companheiros continuam seguindo adiante pelos dias cinzentos e pelas noites avermelhadas, e tudo o que realmente lhe importa é manter seu cantil cheio e seus estoques de comida reforçados, e substituir seus sapatos quando começam a ficar gastos. Fazer tudo isso é fácil por enquanto, porque as pessoas ainda estão na esperança de que será só uma Estação breve, um ano sem verão, ou dois, ou três. É assim que acontece com a maioria das Estações, e as comus que se mantêm dispostas

a negociar durante essas épocas, lucrando com o planejamento mal feito dos outros, em geral saem dela ricas. Você não se engana: esta Estação será muito, muito mais longa do que qualquer um poderia ter se preparado para passar, mas isso não vai impedi-la de tirar vantagem da ideia errônea delas.

De vez em quando, vocês param em comus pelas quais passam ao longo da estrada, algumas delas enormes e esparramadas, com muros de granito que pairam sobre a cabeça, algumas protegidas apenas por cercas, estacas afiadas e Costas-fortes mal armados. Os preços estão começando a ficar estranhos. Uma comu aceita dinheiro, e você usa quase todo o seu para comprar um saco de dormir para Hoa. A comu seguinte não aceita dinheiro de modo algum, mas aceita ferramentas úteis, e você tem um dos velhos martelos de britar de Jija no fundo da bolsa. Isso lhe garante pão armazenado suficiente para duas semanas e três potes de pasta doce de castanhas.

Você divide a comida entre os três, pois isso é importante. O Saber das Pedras está repleto de admoestações contra ocultar provisões dentro de um grupo, e vocês são um grupo a essas alturas, quer queiram admitir ou não. Hoa faz a parte dele, permanecendo acordado a maior parte da noite para ficar de guarda; ele não dorme muito. (Nem come nada. Mas, depois de um tempo, você tenta não notar isso, do mesmo modo que tenta não pensar sobre ele transformando um kirkhusa em pedra.) Tonkee não gosta de se aproximar de comus, mesmo que, com roupas limpas e um odor corporal não-pior-do-que-o-de-costume, ela possa passar por mais uma pessoa desalojada em vez de uma sem-comu. Então, essa parte fica por sua conta. No entanto, Tonkee ajuda no que pode. Quando suas botas ficam gastas e a comu da qual você se acercou não aceita nada do que ofereceu, Tonkee a surpreende ao estender-lhe uma bússola. Bússolas não têm preço, com o céu encoberto e sem visibilidade em meio à chuva de cinzas. Você deve conseguir dez pares de botas em troca dela. Mas a mulher que está fazendo as negociações da comu mantém você em uma situação delicada e ela sabe disso, então você consegue somente dois pares, um para você e outro para Hoa, já que as botas dele estão começando a parecer surradas. Tonkee, que carrega o próprio par

sobressalente de botas pendurado na sua bolsa, dá pouca importância ao preço quando você reclama sobre o assunto mais tarde.

— Há outras formas de encontrar o nosso caminho — ela diz, e depois olha para você de um jeito que a deixa desconfortável.

Você *acha* que ela não sabe que você é uma rogga. Mas, com ela, quem é que pode saber?

Os quilômetros se passam. A estrada se bifurca com frequência porque há muitas comus grandes nesta parte das latmedianas, e também porque a Estrada Imperial cruza com as estradas das comus e caminhos de gado, rios e velhos trilhos de metal que eram usados de uma maneira ou de outra para o transporte por uma antiga civextinta ou outra. Essas interseções são o motivo pelo qual eles colocam a Estrada Imperial onde colocam: as estradas sempre foram a alma do Velho Sanze. Infelizmente, isso significa que é fácil se perder se você não souber aonde está indo; ou se não tiver uma bússola, ou um mapa, ou uma placa dizendo *pais filicidas por aqui*.

O menino é a sua salvação. Você quer acreditar que ele consegue de algum modo sentir Nassun porque, por algum tempo, ele é melhor do que uma bússola, apontando infalivelmente a direção aonde você deveria ir sempre que chega a uma encruzilhada. A maior parte do tempo, você segue pela Estrada Imperial; esta é a Yumenes-Kettekter, embora Kettekter seja dentro da Antártica, e você reza para não ter que ir tão longe. Em certo ponto, Hoa a leva até a estrada de uma comu que corta caminho entre segmentos da Estrada Imperial e provavelmente faz você poupar bastante tempo, sobretudo se Jija permaneceu nas estradas principais o caminho inteiro. (O atalho é um problema, pois a comu que o construiu está cheia de Costas-fortes bem armados que gritam e atiram com balestras como aviso quando veem vocês. Eles não abrem os portões para negociar. Você sente seus olhares muito depois de terem passado por lá.) Quando a estrada desvia para outro lado que não o sul, no entanto, Hoa está menos seguro. Quando você pergunta, ele diz que sabe para qual direção Nassun está viajando, mas não consegue sentir a rota específica que ela e Jija seguiram. Ele só consegue apontar o caminho que mais provavelmente a levará até lá.

Conforme as semanas se passam, ele começa a ter dificuldade até mesmo com isso. Você fica com Hoa em uma encruzilhada durante cinco minutos inteiros enquanto ele morde o lábio até que você enfim pergunta a ele o que há de errado.

— Há muitos de vocês em um único lugar agora — diz ele, constrangido, e você muda de assunto rapidamente porque, se Tonkee não sabe o que você é, então vai saber depois de uma conversa como essa.

*Muitos de vocês*, contudo. Não, isso não faz sentido. Roggas? Reunindo-se? Isso faz menos sentido ainda. O Fulcro morreu com Yumenes. Existem satélites do Fulcro no Ártico (bem ao norte, para lá da agora intransitável latitude central do continente) e no Antártico, mas você está a meses de distância deste último. Quaisquer orogenes que tenham sobrado na estrada agora são pessoas como ela, escondendo o que são e tentando sobreviver da mesma forma que o resto. Não faria sentido eles se reunirem em um grupo; isso aumentaria as chances de serem descobertos.

Na encruzilhada, Hoa escolhe um caminho e você segue, mas sabe, pela testa franzida, que é uma suposição.

— Está perto — Hoa finalmente lhe diz uma noite, quando você está comendo pão armazenado e pasta de nozes e tentando não desejar que fosse algo melhor. Você está começando a ansiar por verduras e legumes frescos, mas estes vão escassear em muito pouco tempo, se já não estiverem escassos, então você tenta ignorar o desejo. Tonkee foi para algum lugar, provavelmente está fazendo a barba. Ela ficou sem alguma coisa, alguma poção de biomesta que ela guarda na bolsa e tenta não deixar você vê-la tomando apesar de você não se importar, e a barba está nascendo cada dois ou três dias porque o líquido acabou. Isso a deixou nervosa.

— Esse lugar com todos os orogenes — Hoa continua. — Não consigo encontrar nada depois deles. Eles são como... luzinhas. É fácil ver só uma quando está sozinha, Nassun, mas juntas elas formam uma única luz muito forte, e ela passou perto dessa luz ou no meio dela. Agora não consigo... — Ele parece buscar as palavras. Não há palavras para certas coisas. — Não consigo, é...

— Sensor? — você sugere.

Ele franze as sobrancelhas.

— Não. Não é isso que eu faço.

Você decide não perguntar o que ele faz.

— Não consigo... não consigo *saber* de mais nada. A luz brilhante me impede de me concentrar em qualquer luzinha.

— Quantos... — você deixa a palavra de fora para o caso de Tonkee voltar — ...existem?

— Não sei dizer. Mais do que um. Menos que um vilarejo. Mas há mais deles vindo para cá.

Isso a preocupa. Eles não podem estar todos perseguindo filhas roubadas e maridos assassinos.

— Por quê? Como eles sabem ir para lá?

— Eu não sei.

Bem, isso é útil.

A única coisa que você sabe com certeza é que Jija se dirigiu para o sul. Mas o “sul” abarca muito território, mais do que um terço do continente. Milhares de comus. Dezenas de milhares de quilômetros quadrados. Para onde ele está indo? Você não sabe. E se ele virar para o leste ou para o oeste? E se ele parar?

Existe uma ideia.

— Será que podem ter parado lá? Jija e Nassun, nesse lugar?

— Eu não sei. Mas eles foram para aquele lado. Eu não os perdi até chegar aqui.

Então, você espera até Tonkee chegar e lhe diz aonde vai. Você não lhe diz o porquê, e ela não pergunta. Você também não explica a ela no que está se metendo, porque, na verdade, você não sabe. Talvez alguém esteja tentando construir um novo Fulcro. Talvez tenha havido um memorando. Independentemente, é bom ter um destino certo outra vez.

Você ignora a sensação de desconforto quando começa a descer pela estrada por onde (com sorte) Nassun viajou.



JULGUE TODOS POR SUA UTILIDADE: OS LÍDERES E OS SAUDÁVEIS, OS FÉRTEIS E OS HABILIDOSOS, OS SÁBIOS E OS LETAIS, E ALGUNS COSTAS-FORTES PARA PROTEGER A TODOS.



— *TÁBUA UM, “DA SOBREVIVÊNCIA”, VERSÍCULO NOVE.*



## 14

### *Syenite quebra seus brinquedos*

*Permaneçam no local. Aguardem instruções*, diz o telegrama de Yumenes.

Syenite estende-o a Alabaster sem dizer uma palavra, e ele dá uma olhada no papel e ri.

— Ora, ora. Estou começando a achar que você conquistou mais um anel, Syenite Orogene. Ou uma sentença de morte. Suponho que vamos descobrir quando voltarmos.

Eles estão em seu quarto na pousada O Fim da Estação, nus após a transa habitual do fim de tarde. Syenite levanta-se, nua e inquieta e irritada, para andar nervosamente pelos limites do quarto. É um quarto menor do que o que tinham uma semana atrás, uma vez que seu contrato com Allia agora está cumprido e a comu não vai mais pagar por suas acomodações.

— Quando voltarmos? — Ela olha para ele enquanto anda. Ele está completamente relaxado, um espaço positivo de ossos compridos contra a brancura negativa da cama, à meia-luz do início da noite. Ela não consegue deixar de pensar no obelisco cor de granada quando olha para ele: ele é igualmente algo que não-deveria-ser, igualmente não-muito-real, igualmente frustrante. Ela não consegue entender por que ele não está irritado. — Que porcaria é essa de “permaneçam no local”? Por que não nos deixam voltar?

Ele faz um som de reprovação.

— Cuidado com a língua! Você era tão perfeita lá no Fulcro. O que aconteceu?

— Eu conheci você. Responda à pergunta!

— Talvez queiram nos dar férias. — Alabaster boceja e se inclina para pegar um pedaço de fruta da bolsa na mesa de cabeceira. Eles vêm comprando a própria comida nesta semana que passou. Pelo menos ele está comendo sem precisar ser lembrado agora. O tédio faz bem a ele. — O que importa se perdemos nosso tempo aqui ou na estrada de volta para Yumenes, Syen? Pelo menos aqui podemos ficar confortáveis. Volte para a cama.

Ela arreganha os dentes para ele.

— Não.

Ele suspira.

— Para *descansar*. Já cumprimos nosso dever da noite. Pelos fogos da Terra, você quer que eu te deixe sozinha por um tempo para poder se masturbar? Isso vai melhorar o seu humor?

Melhoraria, na verdade, mas ela não vai admitir isso para ele. Ela volta para a cama, enfim, por falta de coisa melhor para fazer. Ele lhe estende um gomo de laranja, o que ela aceita porque é sua fruta favorita e é barata aqui. Há muitas vantagens em viver em uma comu costeira, ela pensou nisso mais de uma vez desde que veio para cá. Clima ameno, boa comida, baixo custo de vida, a possibilidade de encontrar pessoas de todas as terras e regiões enquanto elas passam pelo porto em viagem ou a negócio. E o oceano é uma coisa linda e fascinante; ela ficou à janela olhando para ele durante horas. Se não fosse pela tendência que as comus costeiras têm de ser varridas do mapa em poucos anos por um tsunami... Bem...

— Eu simplesmente não entendo — diz ela pelo que parece ser a décima milésima vez. É provável que Bas esteja se cansando de ouvi-la reclamar, mas ela não tem mais nada para fazer, então ele vai ter que aguentar. — É algum tipo de castigo? Não era para eu encontrar uma coisa ferrugenta e gigantesca qualquer escondida no fundo de um porto durante um trabalho de rotina de desobstrução de coral? — Ela faz um gesto largo de indignação. — Como se alguém pudesse ter previsto essa possibilidade.

— É mais provável — responde Alabaster — que eles queiram ter você à mão para quando os geomestras chegarem, caso haja mais alguma transação para o Fulcro nisso.

Ele já disse isso antes, e ela sabe que provavelmente é verdade. Os geomestras já estão se reunindo na cidade, na verdade, e arqueomestras, sabedoristas, biomestras e até alguns médicos que estão preocupados quanto ao efeito que um obelisco tão próximo terá sobre a população de Allia. E os charlatões e os excêntricos vieram também, claro: metassabedoristas e astronomestras e outros praticantes desse lixo de ciência. Qualquer um com um pouco de formação ou um hobby, de todas as comus do distritante e dos distritantes vizinhos. O único motivo pelo qual Syenite e Alabaster conseguiram um quarto é que foram eles que descobriram a coisa e chegaram cedo; fora isso, todas as pousadas e hospedarias do distritante estão lotadas.

Ninguém nunca se importou de fato com os obeliscos até agora. Mas ninguém viu um deles pairando tão perto, claramente visível e recheado com um comedor de pedra morto, sobre um grande centro populacional.

Mas, exceto por entrevistar Syenite por conta de seu ponto de vista sobre erguer o obelisco (ela já está começando a franzir o cenho toda vez que um estranho é apresentado a ela como *Algum Idiota Inovador de Algum Lugar*), os mestas não quiseram mais nada dela. O que é bom, já que ela não está autorizada a negociar em nome do Fulcro. Alabaster talvez esteja, mas ela não o quer barganhando com ninguém pelos seus serviços. Ela *acha* que ele não a designaria intencionalmente para um trabalho que ela não queira; ele não é um imbecil completo. É apenas o fundamento da coisa.

E, pior do que isso, ela não acredita em Alabaster. A política de ser deixados aqui não faz sentido. O Fulcro deveria querê-la de volta aos Equatoriais, onde ela pode ser entrevistada na Sétima Universidade por acadêmicos imperiais e onde os seniores podem controlar quanto os mestas devem pagar para ter acesso a ela. Eles deveriam querer entrevistá-la eles mesmos e entender melhor aquele estranho poder que ela sentiu três vezes agora, e que enfim entende que de algum modo vem dos obeliscos.

(E os Guardiões deveriam querer falar com ela. Eles sempre têm seus segredos a guardar. Perturba-a mais do que tudo o fato de que não mostraram nenhum interesse.)

Alabaster a alertou para não falar sobre essa parte das coisas. *Ninguém precisa saber que você consegue se conectar com os obeliscos*, ele disse um dia após o incidente. Ainda estava fraco nesse momento, mal conseguia sair da cama depois do envenenamento; acontece que estava orogenicamente exausto demais para fazer qualquer coisa quando ela ergueu o obelisco, apesar de ela ter se gabado para Asael quanto à habilidade de longa distância dele. No entanto, fraco como estava, agarrou sua mão e a apertou com força para assegurar que ela ouvisse. *Diga a eles que você apenas tentou mover o estrato e aquela coisa surgiu sozinha, como uma rolha debaixo d'água; até mesmo os nossos vão acreditar nisso. É só mais um artefato de uma civextinta que não faz sentido nenhum; ninguém vai questioná-la sobre ele se não lhes der motivo. Então, não fale sobre o assunto. Nem mesmo comigo.*

O que, é claro, faz com que ela tenha ainda mais vontade de falar sobre o ocorrido. Mas a única vez em que ela tentou, depois que Bas se recuperou, ele olhou para ela e não disse nada, até que ela finalmente entendeu o recado e foi fazer outra coisa.

E isso a deixa mais irada do que qualquer outra coisa.

— Vou dar uma caminhada — diz ela por fim, e se levanta.

— Tudo bem — diz Alabaster, esticando-se e levantando-se; ela ouve as juntas dele estalarem. — Vou com você.

— Não pedi companhia.

— Não, não pediu. — Ele está sorrindo para ela de novo, mas daquele modo severo que ela está começando a odiar. — Mas, se for sair sozinha à tardezinha em uma comu estranha *onde alguém já tentou matar um de nós*, então, pelas ferrugens, você vai ter companhia sim.

Ao ouvir isso, Syenite vacila.

— Ah.

Mas esse é o outro assunto sobre o qual não podem conversar, não porque Alabaster tenha proibido, mas porque nenhum dos dois sabe o suficiente para fazer mais do que especular. Syenite quer acreditar que a explicação mais simples é a mais provável: alguém

na cozinha foi incompetente. Porém, Alabaster apontou a falha nesse raciocínio: ninguém mais na pousada ou na cidade ficou doente. Syenite acha que talvez haja uma explicação simples para isso também: Asael mandou os funcionários da cozinha contaminarem apenas a comida de Alabaster. Esse é o tipo de coisa que Líderes irritados tendem a fazer, pelo menos em todas as histórias sobre eles, que estão cheias de envenenamentos e rancores complicados e indiretos. Syen prefere histórias sobre Resistentes superando probabilidades impossíveis, ou Reprodutores salvando vidas por meio de inteligentes casamentos políticos e reprodução estratégica, ou Costas-fortes abordando seus problemas com boa e honesta violência.

Alabaster, sendo Alabaster, parece achar que houve mais coisas em sua experiência de quase morte. E Syenite não quer admitir que ele pode estar certo.

— Tudo bem então — diz ela ao ir se vestir.

É um fim de tarde agradável. O sol está acabando de se pôr quando eles descem uma avenida íngreme que leva ao porto. Projetam sombras compridas à sua frente, e os prédios de Allia, que são, em sua maioria, de estuque cor areia claro, brevemente resplandecem com tons de joias mais intensos de vermelho e violeta e dourado. A avenida na qual estão cruza com uma sinuosa rua lateral que morre em uma pequena enseada longe da área mais movimentada do porto; quando param neste ponto para apreciar a vista, Syen consegue ver um grupo de adolescentes da comu brincando e rindo pela praia de areias negras. São todos magros, bronzeados, saudáveis e, obviamente, felizes. Syen se vê observando e imaginando se isso é que é o normal quando se cresce.

Então, o obelisco (que pode ser visto com facilidade ao final da avenida onde estão, onde a coisa paira talvez uns três ou quatro metros e meio acima das águas do porto) emite outra das suas pulsações baixas e quase imperceptíveis que vem cuspidando desde que Syenite o ergueu, e isso a faz esquecer-se das crianças.

— Há algo errado com aquela coisa — diz Alabaster bem baixinho.

Syenite olha para ele irritada e a ponto de dizer *O que, agora você quer falar sobre isso?*, quando percebe que ele não está olhando para o obelisco. Está raspando o chão com um pé, as mãos nos bolsos, parecendo... Oh. Syen quase dá risada. Parecendo, de momento, um jovem acanhado que está prestes a sugerir uma safadeza à sua bela companhia. O fato é que ele não é jovem nem acanhado e, além disso, não importa se ela é bela ou se ele é safado, pois já estão transando. Um eventual observador não notaria que ele estava prestando atenção ao obelisco.

O que abruptamente faz Syenite perceber: *Ninguém sensa as pulsações além deles*. A pulsação não é exatamente uma pulsação. Não é breve nem ritmada; é mais como uma vibração momentânea que ela sensa de vez em quando, de forma aleatória e ameaçadora, como uma dor de dente. Mas, se as outras pessoas da comu houvessem sentido esta última, não estariam rindo e brincando e relaxando confortavelmente ao final de um longo dia dourado. Estariam todos aqui observando essa coisa maciça e gigantesca à qual Syenite está começando cada vez mais a aplicar em sua mente o adjetivo *perigoso*.

Syen aproveita a deixa de Bas e toma seu braço, aninhando-se bem junto a ele, como se gostasse mesmo do homem. Ela mantém a voz baixa, sussurrando, embora não faça ideia de quem ou do que ele está tentando esconder essa conversa. Há pessoas na rua conforme o dia de trabalho da cidade chega ao fim, mas não há ninguém por perto, nem prestando atenção neles, aliás.

— Eu fico esperando ele se levantar como os outros.

Porque está muito, muito perto do chão ou da superfície da água, por assim dizer. Todos os outros obeliscos que Syen já viu (inclusive o ametista que salvou a vida de Alabaster e que ainda está flutuando a alguns quilômetros da praia) flutuam em meio à camada mais baixa de nuvens, ou mais acima.

— Está se inclinando para um lado também. Como se mal conseguisse parar de pé.

*O quê?* Ela não consegue deixar de olhar para ele, embora Bas aperte seu braço de imediato para fazê-la desviar o olhar outra vez. Mas essa breve olhadela foi o suficiente para confirmar o que ele disse: o obelisco está mesmo inclinado, só um pouco, a extremidade

de cima pendendo para o sul. Ele deve oscilar bem devagar quando vira. A inclinação é tão suave que ela não a teria notado se eles não estivessem em uma rua cercada por prédios de paredes retas. Agora ela não consegue deixar de ver.

— Vamos por aqui — sugere ela. Eles se demoraram tempo demais. Alabaster obviamente concorda, e eles começam a descer a rua lateral até a enseada, passeando de forma casual.

— É por isso que estão nos mantendo aqui.

Syen não está prestando atenção em Alabaster quando ele fala isso. Mesmo sem querer, ela se distrai com a beleza do pôr do sol e com as próprias ruas compridas e elegantes da comu. E com outro casal passando pela calçada; a mulher mais alta acena para eles apesar de tanto Syen como Bas estarem usando seus uniformes pretos. É estranho esse pequeno gesto. E bom. Yumenes é uma maravilha da realização humana, o auge da inventividade e da genharia; se durar uma dezena de Estações, esta insignificante e pequena comu costeira nunca chegará perto de se igualar àquela. Mas, em Yumenes, ninguém jamais teria se dignado a acenar para um roga, não importa quanto o dia estivesse agradável.

Então, as últimas palavras de Alabaster penetram suas rumações.

— O quê?

Ele mantém o passo lento, emparelhando com o dela apesar de sua passada naturalmente maior.

— Não podemos conversar no quarto. É arriscado até mesmo conversar aqui. Mas você queria saber por que estão nos mantendo aqui e nos dizendo para não voltar: é por isso. Aquele obelisco está definhando.

Essa parte é óbvia, mas...

— O que isso tem a ver conosco?

— Você o ergueu.

Ela fecha a cara antes de se lembrar de conter sua expressão.

— Ele se ergueu sozinho. Eu só retirei toda a porcaria que o segurava lá embaixo, e talvez o tenha acordado. — O fato de que sua mente insiste que *ele estava dormindo* antes é algo que ela não quer questionar a fundo.



— E isso é mais controle sobre um obelisco do que qualquer pessoa jamais conseguiu em quase três mil anos de história imperial. — Bas encolhe um pouco os ombros. — Se *eu* fosse um cinco-anéis pedante e convencido lendo um telegrama sobre esse assunto, é o que eu pensaria e deste modo que eu reagiria: tentando controlar a pessoa que consegue controlar aquilo. — Ele dá uma olhadela rápida para o obelisco. — Mas não é com os pedantes convencidos do Fulcro que temos que nos preocupar.

Syen não sabe o que ferrugens ele quer dizer com isso. Não é que suas palavras não pareçam verdadeiras; ela consegue muito bem imaginar alguém como Feldspar praticando algo desse tipo. Mas por quê? Para tranquilizar a população local, mantendo um dez-anéis à mão? As únicas pessoas que conhecem Bas aqui são um punhado de burocratas que provavelmente estão ocupados demais com o fluxo repentino de mestas e turistas para se importar. Para ser capaz de fazer alguma coisa, o obelisco não deveria de repente... fazer alguma coisa? Isso não faz sentido. E com quem mais ela deveria se preocupar? A menos...

Ela franze a testa.

— Você disse uma coisa mais cedo. — Algo sobre... conectar-se com um obelisco? O que quis dizer? — E... e você fez alguma coisa na noite passada. — Ela lança um olhar desconfortável para ele, mas ele não olha para ela desta vez. Está olhando para a enseada, como que fascinado pela vista, mas seus olhos são penetrantes e sérios. Ele sabe do que ela está falando. Ela hesita mais um instante e então fala: — Você *pode* fazer algo com essas coisas, não pode? — Oh, pela Terra, ela é uma idiota. — Você pode controlá-los! O Fulcro sabe disso?

— Não. E você também não sabe. — Seus olhos escuros vão ao encontro dos dela por um momento, depois se desviam.

— Por que está sendo tão... — Não é nem reservado. Ele está falando com ela. Mas é como se suspeitasse de alguém ouvindo-os de algum modo. — Ninguém podia nos ouvir lá no quarto. — E ela acena com a cabeça para um bando de crianças que passa por eles correndo, uma delas empurrando Alabaster e pedindo desculpas; a rua é estreita. Pedindo desculpas. Sério.

— Você não sabe disso. A coluna de apoio principal do prédio é inteiramente talhada em granito, você não notou? O alicerce parece ser a mesma coisa. Se ela estiver situada diretamente sobre o leito de rocha... — Ele assume uma expressão desconfortável por um instante, e depois seu rosto fica inexpressivo.

— O que isso tem a ver com... — E então ela entende. Oh. Oh. Mas... não, isso não pode estar certo. — Está dizendo que alguém poderia nos ouvir *através das paredes*? Através da, da própria pedra? — Ela nunca ouviu nada desse tipo. Faz sentido, claro, porque é como a orogenia funciona; quando Syen está ancorada na terra, consegue sentir não apenas a rocha à qual sua consciência está conectada, mas também qualquer coisa que a toque. Mesmo que ela não consiga perceber a coisa em si, como acontece com o obelisco. Mas sentir não só a vibração tectônica, mas o *som*? Não pode ser verdade. Ela nunca ouviu falar de um roga com esse tipo de sensibilidade refinada.

Ele olha diretamente para ela por um longo instante.

— Eu posso. — Quando ela devolve o olhar, ele suspira. — Eu sempre pude. Você pode também, provavelmente... Só não está claro ainda. São apenas vibrações minúsculas para você agora. Mais ou menos na época do meu oitavo ou nono anel é que comecei a distinguir padrões entre as vibrações. Detalhes.

Ela chacoalha a cabeça.

— Mas você é o único dez-anéis.

— A maioria dos meus filhos tem potencial para usar dez anéis.

Syenite se encolhe, lembrando-se de repente da criança morta na estação de ligação perto de Mehi. Ah. O Fulcro controla todos os mantenedores das estações de ligação. E se tiverem alguma maneira de forçar essas pobres crianças arruinadas a escutar e vomitar o que ouvem, como algum tipo de receptor telegráfico? É isso que ele teme? Será que o Fulcro é como uma aranha, pousada no coração de Yumenes e usando a rede de estações para ouvir às escondidas todas as conversas na Quietude?

Mas ela se distrai dessas especulações por conta de algo que fica perturbando no fundo da mente. A maldita influência dele, fazendo-a questionar todos os pressupostos com os quais ela cresceu. *A maioria dos meus filhos tem potencial para usar dez*

*anéis*, ele disse, mas não há nenhum outro dez-anéis no Fulcro. Crianças roggas são enviadas às estações de ligação apenas se não conseguirem se controlar. Não é?

Ah.

Não.

Ela decide não mencionar essa epifania em voz alta.

Ele alisa a mão dela, talvez encenando de novo, talvez tentando de fato tranquilizá-la. Claro que ele sabe, provavelmente melhor do que ela, o que fizeram com seus filhos.

Então ele repete:

— Os seniores do Fulcro não são aqueles com quem temos que nos preocupar.

De quem mais ele poderia estar falando? Os seniores são um desastre, com certeza. Syen fica de olho na política deles porque um dia estará entre eles e é importante entender quem tem poder e quem só parece ter. Há pelo menos doze facções, junto com os canalhas de costume: puxa-sacos e idealistas e aqueles que matariam as próprias mães com uma faca de vidro para se dar bem. Mas, de repente, ocorre a Syenite considerar a quem eles respondem.

Os Guardiões. Porque ninguém confiaria de verdade em um grupo de roggas imundos para cuidar de seus negócios do mesmo modo que Shemshena não teria confiado em Misalem. Ninguém no Fulcro fala sobre a política dos Guardiões, provavelmente porque ninguém no Fulcro a entende. Os Guardiões têm seu próprio conselho e se opõem a interrogatórios. Veementemente.

Não é a primeira vez que Syenite se pergunta: a quem os Guardiões respondem?

Enquanto Syen considerava isso, eles chegaram até a enseada e pararam em sua plataforma com parapeito. A avenida termina aqui, seus paralelepípedos desvanecendo-se sob um monte de areia e então o passadiço de madeira soerguido. Não muito distante, há uma praia de areia diferente da que viram antes. As crianças sobem e descem os degraus da plataforma, dando gritinhos enquanto brincam, e para além deles Syen pode ver um amontoado de senhoras idosas andando nuas pelas águas do porto. Ela nota o homem que está sentado no parapeito, alguns metros

abaixo de onde eles estão, só porque ele está sem camisa e porque está olhando para eles. O primeiro fato chama a sua atenção por um instante (então ela é educada e desvia o olhar), pois Alabaster não é grande coisa para se olhar e porque faz algum tempo desde a última vez que ela fez sexo e gostou. O último é algo que ela normalmente ignoraria porque em Yumenes estranhos olham para ela o tempo todo.

Mas.

Ela está perto do parapeito com Bas, relaxada e mais confortável do que nos últimos tempos, ouvindo as crianças brincarem. É difícil manter a mente focada nas coisas secretas que estão discutindo. A política de Yumenes parece tão distante daqui, misteriosa, mas sem importância, e intocável. Como um obelisco.

Mas.

Mas. Ela percebe, um pouco tarde, que Bas ficou tenso ao seu lado. E, embora seu rosto esteja voltado para a praia e as crianças, ela sabe que ele não está prestando atenção nelas. É nesse momento que enfim lhe ocorre que as pessoas em Allia *não ficam olhando*, nem mesmo para um casal de jaquetas pretas que saiu para passear no fim de tarde. Fora Asael, a maioria das pessoas que ela conheceu nesta comu é educada demais para fazer esse tipo de coisa.

Então, ela olha de novo para o homem em cima do parapeito. Ele sorri para ela, o que até que é bom. Ele é mais velho, talvez uns dez anos a mais ou algo assim, e tem um corpo bonito. Ombros largos e elegantes sob uma pele impecável, uma cintura perfeitamente afunilada.

Calças vinho. E a camisa pendurada sobre o parapeito ao lado dele, que ele aparentemente tirou para absorver um pouco da luz do sol, também é vinho. Quando ela percebe o zumbido peculiar e familiar em seus sensapinae que avisa sobre a presença de um Guardião é tarde demais.

— É o seu? — pergunta Alabaster.

Syenite passa a língua pelos lábios.

— Esperava que fosse o seu.

— Não. — Então, ele dá um passo à frente para pousar as mãos no parapeito de forma visível, curvando a cabeça como se tivesse a

intenção de apoiá-la na barra e esticar os ombros. — Não deixe que a pele dele encoste em você.

Isso é um sussurro; ela mal escuta. Em seguida, Alabaster se endireita e se vira para o rapaz.

— Está pensando em alguma coisa, Guardião?

O Guardião ri baixinho e desce do parapeito. Ele é costeiro, pelo menos em parte, de pele escura, mas de um tom um pouco mais pálido, e de cabelo encaracolado, mas, fora isso, encaixa-se bem entre os cidadãos de Allia. Bem. Não. Ele se mistura de maneira superficial, mas há nele um *quê* indefinível que existe em todo Guardião com que Syenite teve a infelicidade de interagir. Ninguém em Yumenes jamais confunde um Guardião com um orogene, nem tampouco com um quieto. Há simplesmente algo diferente neles, e todo mundo percebe.

— Na verdade, sim — o Guardião responde. — Alabaster Dez-anéis. Syenite Quatro-anéis. — Isso por si só faz Syenite cerrar os dentes. Ela prefere o genérico *Orogene*, se tiver que ser chamada de algo além do seu nome. Os Guardiões, claro, entendem perfeitamente bem a diferença entre um quatro-anéis e um dez-anéis. — Sou Edki Guardião Garantia. Caramba, como vocês dois andaram ocupados!

— Como deveria ser — responde Alabaster, e Syenite não consegue deixar de olhar para ele, surpresa. Ele está tenso de um modo que ela nunca viu, os tendões do pescoço distendidos, as mãos abertas e... prontas? Prontas para quê? Ela não sabe sequer por que a palavra *prontas* lhe ocorreu... dos lados. — Cumprimos nossa missão para o Fulcro, como pode ver.

— Ah, de fato. Um bom trabalho. — Edki desvia o olhar então, de modo quase casual, para aquele desastre inclinado e pulsante que é o obelisco. No entanto, Syenite está observando seu rosto. Ela vê o sorriso do Guardião desvanecer como se nunca houvesse estado lá. Isso não pode ser coisa boa. — Se ao menos você tivesse feito *apenas* o trabalho que o mandaram fazer. Você é uma criatura tão teimosa, Alabaster.

Syenite fechou a cara. Até mesmo aqui ela é tratada de forma condescendente.

— *Eu* realizei essa tarefa, Guardiã. Algum problema com o meu trabalho?

O Guardiã se vira para olhá-la, surpreso, e é nesse momento que Syenite percebe que cometeu um erro. Um dos grandes, porque ele não volta a sorrir.

— É mesmo?

Alabaster assovia e... pelas crueldades da Terra, ela *sente* quando ele finca a consciência dele no estrato porque vai incrivelmente fundo. A força dele faz o corpo dela todo reverberar, não só seus sensapinae. Ela não consegue segui-la, ele ultrapassa o alcance dela no espaço de um segundo, penetrando com facilidade o magma, apesar de estar quilômetros abaixo. E o controle que ele tem dessa pura energia da terra é perfeito. Inacreditável. Ele poderia facilmente mover uma montanha com essa energia.

Mas *por quê?*

O Guardiã dá um sorriso de repente.

— A Guardiã Leshet mandou seus cumprimentos, Alabaster.

Enquanto Syenite ainda está tentando analisar isso e o fato de que Alabaster está *prestes a lutar com um Guardiã*, ele se apruma todo.

— Você a encontrou?

— Claro. Precisamos conversar sobre o que você fez com ela. Em breve.

De súbito (Syenite não sabe quando ele a pegou nem de onde), há uma faca de vidro preto na mão dele. Sua lâmina é ampla, mas ridiculamente curta, talvez com cinco centímetros de comprimento. Mal dá para chamá-la de faca.

*O que ferrugens ele vai fazer com aquilo, cortar as nossas unhas?*

E por que ele está apontando uma arma para dois orogenes imperiais para começar?

— Guardiã — ela tenta —, deve ter havido algum tipo de mal-enten...

O Guardiã faz alguma coisa. Syenite pisca, mas o cenário é o mesmo de antes: ela e Alabaster frente a frente com Edki em uma plataforma desolada, com sombras e a luz sangrenta do pôr do sol,

com crianças e velhinhas brincando para além de onde eles estão. Mas algo mudou. Ela não sabe ao certo o que, até Alabaster soltar um som abafado e precipitar-se sobre ela, derrubando-a no chão a alguns metros de distância.

Como pode um homem magro ter peso suficiente para derrubá-la, Syenite jamais saberá. Ela bate nas placas forte o bastante para tirar-lhe o fôlego; através de um borrão, ela vê que algumas das crianças que estavam brincando ali por perto param e ficam olhando. Então, ela se esforça para se levantar, furiosa, sua boca já se abrindo para ir xingando Alabaster até o fim da Terra e pelo caminho de volta.

Mas Alabaster está no chão também, a pouco mais de meio metro de distância. Ele está deitado de barriga para baixo, seus olhos fixos nela, e... e está fazendo um barulho estranho. Mal dá para ouvir. Sua boca está bem aberta, mas o som que sai se parece mais com o chiado de um brinquedo de criança, ou a bexiga de um metassabedorista. E todo o seu corpo treme, como se não pudesse se mexer mais do que aquilo, o que não faz sentido porque não há nada de errado com ele. Syen não sabe ao certo o que pensar até perceber, um tanto tarde que...

...ele está *gritando*.

— Por que pensou que eu apontaria para ela? — Edki está olhando para Alabaster, e Syenite estremece porque a expressão no rosto dele é de *alegria*, é de *satisfação*, enquanto Alabaster fica ali tremendo sem poder fazer nada, com a faca que Edki segurava antes agora enterrada em sua clavícula. Syen olha para a faca, chocada por não tê-la visto antes. Ela contrasta fortemente até mesmo com o preto da túnica de Bas. — Você sempre foi um tolo, Alabaster.

E há uma nova faca de vidro na mão de Edki agora. Esta é comprida e perigosamente estreita: um punhal assustadoramente familiar.

— Por quê? — Syenite não consegue pensar. Suas mãos doem enquanto ela se arrasta para trás pelas placas da plataforma, tentando se levantar e se afastar ao mesmo tempo. Instintivamente, busca a terra abaixo dela e é nesse instante que percebe o que o Guardião fez, porque não há *nada dentro dela que possa buscar*.

Ela não consegue sentir a terra depois de alguns poucos metros debaixo de suas mãos e atrás, nada além de areia e terra salgada e minhocas. Surge uma dor desconfortável e ressonante em seus sensapinae quando tenta se projetar mais além. É como quando ela bate o cotovelo e interrompe todas as sensações desde aquele ponto até as pontas dos dedos, como se aquela parte de sua mente houvesse adormecido. Está formigando; está voltando. Mas, por enquanto, não há nada lá.

Ela ouviu grãos cochichando sobre isso depois que as luzes se apagavam. Todos os Guardiões são estranhos, mas é isso que faz deles o que são: de algum modo, podem bloquear a orogenia com um ímpeto da sua vontade. E alguns deles são especialmente estranhos, *especialistas em ser* mais estranhos que os outros. Alguns deles não têm orogenes sob sua responsabilidade e nunca são autorizados a chegar perto de crianças não treinadas, porque a sua proximidade por si só é perigosa. Esses Guardiões não fazem outra coisa além de perseguir os mais poderosos orogenes rebeldes e, quando os encontram... bem. Syenite particularmente nunca quis saber o que eles faziam até agora, mas parece que está prestes a descobrir. Pelos fogos debaixo da Terra, ela está tão insensível à terra quanto o velho com o cérebro mais ferrugento. Será que é desse jeito para os quietos? Será que isso é tudo o que eles sentem? Ela invejou sua normalidade a vida inteira até este momento.

Mas. A medida que Edki caminha em direção a ela com o punhal pronto, existe uma dureza em seu olhar, uma austeridade tomando conta de seus lábios, o que a faz pensar em como ela se sente quando tem uma forte dor de cabeça. Isso é o que a leva a perguntar de forma brusca:

— V-você está bem? — Ela não tem ideia por que faz essa pergunta.

Ao ouvir isso, Edki inclina a cabeça; o sorriso volta a surgir em seu rosto, gentil e surpreso.

— Quanta gentileza sua. Eu estou bem, pequenina. Muito bem. — Mas ele ainda está vindo em sua direção.

Ela se arrasta para trás outra vez, tenta se pôr de pé outra vez, tenta outra vez buscar por poder, e fracassa nas três tentativas. No



entanto, mesmo que conseguisse... ele é um Guardiã. É dever dela obedecer. É dever dela *morrer*, se ele assim desejar.

Isso não está certo.

— Por favor — ela diz, desesperada, fora de controle por conta disso. — Por favor, nós não fizemos nada de errado, eu não entendo, eu não...

— Você não precisa entender — responde ele com perfeita amabilidade. — Você só precisa fazer uma coisa. — E então ele arremete contra ela, apontando o punhal para o seu peito.

Mais tarde ela entenderá a sequência dos acontecimentos.

Mais tarde entenderá que tudo aconteceu no espaço de um arquejo. Por enquanto, todavia, tudo ocorre devagar. A passagem do tempo perde o sentido. Ela percebe apenas a faca de vidro, enorme e afiada, suas facetas cintilando no crepúsculo que se esvai. Parece aproximar-se dela aos poucos, graciosamente, prolongando o estado de terror que ela tem o dever moral de sentir.

Isso *nunca esteve* certo.

Ela percebe apenas a madeira áspera debaixo dos seus dedos e da mixaria inútil de calor e movimento que é a única coisa que consegue sentir debaixo da plataforma. Não dá para mover muito mais do que uma pedrinha com isso.

Ela percebe Alabaster, contorcendo-se porque está *tendo uma convulsão*, como ela não notou isso antes, ele não consegue controlar o próprio corpo, há algo na faca de vidro fincada no ombro dele que o deixou sem ter como usar todo o seu poder, e a expressão em seu rosto é de medo impotente e agonia.

Ela percebe que está *com raiva*. Furiosa. Que se dane o dever. O que este Guardiã está fazendo, o que todos os Guardiões fazem, *não está certo*.

E então...

E então...

E então...

Ela percebe o obelisco.

(Alabaster, contorcendo-se com mais força, abre mais a boca, fixando os olhos nos dela apesar da falta de controle do resto de seu corpo. A lembrança fugaz de seu alerta repercute em sua

mente, embora, naquele instante, ela não consiga se lembrar das palavras.)

A faca está a meio caminho de seu coração. Ela percebe isso muito bem.

*Somos deuses acorrentados e, pelas ferrugens: Isso. Não. Está. Certo.*

Então, ela busca de novo, não embaixo, mas acima, não em linha reta, mas para os lados...

*Não*, Alabaster faz com a boca em meio aos seus tremores.

...e o obelisco a atrai para a sua trêmula e agitada luz vermelho-sangue. Ela está caindo para cima. Está sendo *arrastada* para cima e para dentro. Está totalmente fora de controle, oh Pai Terra, Alabaster estava certo, essa coisa é demais para ela...

...e ela grita porque se esqueceu de que este obelisco está *quebrado*. Dói quando ela passa pela zona danificada, cada uma das rachaduras atravessando-a e estilhaçando-a e partindo-a em pedaços, até...

...até que ela para, flutuando e encolhendo-se em agonia, no meio daquela vermelhidão rachada.

Não é real. Não pode ser real. Ela também sente seu corpo deitado nas placas de madeira repletas de areia com uma réstia de luz do sol na sua pele. Ela não sente a faca de vidro do Guardião, ou pelo menos ainda não. Mas ela está aqui também. E ela vê através de seus sensapinae, não dos seus olhos, e a “visão” está toda em sua imaginação:

O comedor de pedra no centro do obelisco flutua diante dela.

É a primeira vez que fica tão perto de um. Todos os livros dizem que os comedores de pedra não são nem masculinos nem femininos, mas este se assemelha a um rapaz esbelto formado de mármore preto com veios brancos, trajando vestes lisas de opala iridescente. Os membros daquilo... dele?... marmorizados e polidos, estão esticados como se houvessem paralisado no meio de uma queda. Sua cabeça está inclinada para trás, o cabelo solto e enrolado em um respingo de translucidez. As rachaduras se espalham pela sua pele, pela sua ilusão rígida de roupa, para *dentro* dele, atravessando-o.

*Você está bem?*, ela se pergunta e não faz ideia por que se pergunta isso enquanto ela própria se despedaça. O corpo dele está tão terrivelmente partido que ela quer prender a respiração para não danificá-lo ainda mais. Mas isso é irracional porque ela não está aqui e essa visão não é real. Ela está em uma rua prestes a morrer, mas esse comedor de pedra está morto há uma era do mundo.

O comedor de pedra fecha a boca e abre os olhos e abaixa a cabeça para olhar para ela.

— Estou bem — ele diz. — Obrigado por perguntar.

E então

o obelisco

se estilhaça.



## 15

### *Você está entre amigos*

Você chega ao “lugar com todos os orogenes”, e não é nada do que esperava. Está abandonado, em primeiro lugar. Em segundo, não é uma comu.

Não é em nenhum dos sentidos verdadeiros da palavra. A estrada fica mais larga quando você se aproxima, espraçando-se pela terra até desaparecer por completo próximo ao meio da cidade. Muitas comus fazem isso, livrar-se da estrada para incentivar os viajantes a parar e fazer negócios, mas essas comus geralmente têm algum lugar *onde* negociar, e não dá para ver nada aqui que pareça uma fachada de loja ou um mercado ou mesmo uma pousada. Pior ainda, não há muros. Nem uma pilha de pedras, nem uma cerca de arame, nem mesmo algumas estacas afiadas espetadas no chão ao redor do perímetro da cidade. Não há *nada* para separar essa comunidade da terra à sua volta, que é arborizada e coberta por uma vegetação rasteira irregular que oferece a cobertura perfeita para um grupo de ataque.

Mas, além do aparente abandono da cidade e da falta de um muro, há outras esquisitices. Muitas delas você repara quando você e os outros olham ao redor. Não há campos suficientes, para começar. Uma comu que pode abrigar algumas centenas de pessoas, como parece ser o caso desta, deveria ter mais do que um único hectare (completamente descoberto) de pés de choya

descuidados que você notou ao entrar. Deveria ter um pasto maior do que a campina ressecada que você vê perto do centro da cidade. Você tampouco vê um depósito, nem elevado nem de outro formato. Tudo bem, talvez esteja escondido; muitas comus fazem isso. Por outro lado, você percebe que todos os prédios apresentam estilos muito variados: este é alto e estreito como os das cidades, aquele é largo e baixo, como algo de um clima mais quente, outro ainda que parece ser uma cúpula coberta de grama construída sobre a terra como a sua antiga casa em Tirimo. Há um motivo pelo qual a maioria das comus escolhe um estilo e se atém a ele: a uniformidade passa uma mensagem visual. Ela alerta os agressores em potencial que os membros daquela comu são igualmente unidos em seu propósito e em sua disposição de se defender. A mensagem visual desta comu é... confusa. Indiferente, talvez. Algo que você não consegue interpretar. Algo que a deixa mais nervosa do que se a comu estivesse cheia de pessoas hostis.

Você e os outros avançam com cautela, devagar, pelas ruas vazias do vilarejo. Tonkee não está sequer fingindo que está à vontade. Ela tem duas facas de vidro nas mãos, de lâminas simples e pretas; você não sabe onde ela as esteve escondendo, embora a saia dela tenha capacidade para ocultar um exército. Hoa parece calmo, mas quem pode saber de fato o que Hoa sente? Ele parecia calmo quando transformou um kirkhusa em estátua também.

Você não pega sua faca. Se realmente houver vários roggas aqui, há apenas uma arma que a salvará se eles se opuserem à sua presença.

— Tem certeza de que este é o lugar certo? — Você pergunta a Hoa.

Hoa afirma com a cabeça de forma enfática. O que significa que há muitas pessoas aqui; estão só se escondendo. Mas por quê? E como poderiam tê-la visto chegando em meio à chuva de cinzas?

— Não podem ter saído há muito tempo — murmura Tonkee. Ela está olhando para o jardim morto perto de uma das casas. Os vegetais foram colhidos por viajantes ou pelos antigos habitantes; qualquer planta comestível que havia entre os ramos secos se foi. — Essas casas parecem em bom estado. E aquele jardim estava em boas condições até uns dois meses atrás.

Você fica surpresa por um momento ao perceber que faz dois meses que está na estrada. Dois meses desde Uche. Um pouco menos desde que as cinzas começaram a cair.

Então, você se concentra rapidamente no aqui e agora. Porque, depois que vocês três param no meio da cidade e ficam ali por um tempo, confusos, a porta de uma das construções próximas se abre, e três mulheres saem na varanda.

A primeira em quem você presta atenção tem uma balestra nas mãos. Por um minuto, é a única coisa que você vê, igual àquele último dia em Tirimo, mas você não a congela de imediato porque a balestra não está apontada na sua direção. O objeto só está encostado contra um dos braços dela e, embora haja um olhar no rosto da mulher alertando de que ela não tem dificuldade alguma de usá-lo, você também acha que ela não vai fazer isso sem ser provocada. A pele dela é quase tão clara quanto a de Hoa, embora, por sorte, seu cabelo tenha simplesmente um tom amarelado e seus olhos, um agradável tom normal de castanho. Ela é pequena, de ossos pequenos, e seu corpo é magro e seu quadril é estreito de uma forma que teria instigado o equatorial comum a fazer comentários sarcásticos sobre suas más condições para reprodução. Uma antártica, provavelmente de uma comu pobre demais para alimentar bem as suas crianças. Ela está muito longe de casa.

A que chama a sua atenção em seguida é quase o oposto da primeira e possivelmente a mulher mais intimidadora que você já viu. Não tem nada a ver com a aparência dela. Suas feições são sanzad: a porção de cabelo cinzento tom de ardósia e a pele bem morena, como era de se esperar, e o tamanho esperado e um físico visivelmente forte. Seus olhos são espantosamente pretos, espantosos não porque olhos pretos em particular sejam raros, mas porque ela passou uma sombra cinza esfumada e delineador escuro para realçá-los ainda mais. Maquiagem, enquanto o mundo está se acabando. Você não sabe se deve ficar admirada ou ofendida com isso.

E ela maneja aqueles olhos cobertos de preto como armas perfurantes, mantendo cada um dos seus olhares em foco por um instante antes de enfim examinar o resto dos seus equipamentos e

da sua roupa. Ela não é tão alta quanto os sanzed gostam que suas mulheres sejam (é mais baixa do que você), mas está usando um colete grosso de pele marrom que vai até os tornozelos. O colete meio que a faz parecer um urso pequeno, porém elegante. Há algo no rosto dela, contudo, que faz você se encolher um pouco. Você não sabe ao certo o que é. Ela está sorrindo, mostrando todos os dentes; o olhar dela é firme, nem acolhedor nem desconfortável. É a firmeza que você reconhece, por fim, por ter visto algumas vezes: confiança. Esse tipo de abraço completo e resoluto do eu é comum nos quietos, mas você não estava esperando vê-lo aqui.

Porque ela é uma rogga, claro. Você reconhece a sua espécie quando a sensa. E ela reconhece você.

— Tudo bem — diz a mulher, colocando as mãos no quadril. — Quantas pessoas estão no seu grupo, três? Presumo que não queiram se separar.

Você meio que olha para ela por um ou dois segundos.

— Oi — você diz enfim. — É...

— Ykka — ela diz. Você percebe que é um nome. Então ela acrescenta: — Ykka Rogga Castrima. E você é...?

— *Rogga*? — você deixa escapar. Você usa essa palavra o tempo todo, mas ouvi-la dessa maneira, como nome de uso, enfatiza sua vulgaridade. Chamar a si mesma de *rogga* é como chamar a si mesma de *monte de merda*. É um tapa na cara. É uma afirmação... Do que, você não sabe dizer.

— Esse, ahn, não é um dos sete nomes de uso comuns — comenta Tonkee. Sua voz sai forçada; você acha que ela está tentando fazer uma piada para tentar encobrir o nervosismo. — Nem mesmo um dos cinco menos aceitos.

— Digamos que este é novo. — Ykka olha rapidamente para cada um dos seus companheiros, avaliando, depois volta a olhar para você. — Então, seus amigos sabem o que você é.

Perplexa, você olha para Tonkee, que está encarando Ykka do mesmo modo como encara Hoa quando ele não está se escondendo atrás de você... Como se Ykka fosse um novo e fascinante mistério de quem ela talvez devesse pegar uma amostra de sangue. O olhar de Tonkee cruza com o seu por um instante tão completamente desprovido de surpresa ou de medo que você

percebe que Ykka está certa; ela provavelmente descobriu há algum tempo.

— Rogga como nome de uso. — Tonkee está pensativa quando se concentra em Ykka de novo. — Há tantas implicações nisso. E Castrima, esse também não é o nome de nenhuma das comus latmedianas do sul listadas no Registro Imperial, embora eu admita que posso simplesmente tê-lo esquecido. Há centenas, afinal. Mas acho que não esqueci; tenho boa memória. É uma comu nova?

Ykka inclina a cabeça, em parte confirmando, em parte reconhecendo ironicamente o fascínio de Tonkee.

— Em tese. Esta versão de Castrima existe há cinquenta anos talvez. Não é de fato uma comu, oficialmente... Só outra parada para hospedagem para as pessoas viajando pelas rotas Yumenes-Mecemera e Yumenes-Ketteker. Fazemos mais negociações que a maioria porque há minas na região.

Ela faz uma pausa então, olhando para Hoa, e por um momento seu rosto fica tenso. Você olha para Hoa também, perplexa, porque com certeza ele tem uma aparência estranha, mas você não sabe ao certo o que ele fez para merecer esse tipo de tensão de uma estranha. É nesse ponto que você enfim se dá conta de que Hoa ficou completamente imóvel e que o rostinho dele passou de sua alegria habitual a algo tenso e irritado e quase selvagem. Ele está olhando para Ykka como se quisesse matá-la.

Não. Não é para Ykka. Você segue o olhar dele para o terceiro membro do grupo de Ykka, que ficou um pouco atrás das outras duas até agora, e em quem você não prestou muita atenção porque Ykka é tão chamativa. Uma mulher alta e esbelta... E então você para, franzindo a testa, porque de repente não tem certeza sobre essa designação. Quanto ao feminino sim; o cabelo dela é liso como o dos antárticos e de um vermelho intenso, decorativamente comprido, emoldurando feições primorosamente alinhadas. Está claro que ela quer ser vista como mulher, embora esteja vestindo apenas um vestido comprido, solto e sem mangas que deveria ser fino demais para esse ar frio.

Mas a pele dela. Você fica encarando, é falta de educação, não é a melhor maneira de começar as coisas com essa gente, mas você não consegue evitar. A pele dela. É que não é macia... É meio que



lustrosa. Quase polida. Ou ela tem a constituição física mais incrível que você já viu... ou aquilo não é pele.

A mulher de cabelos ruivos sorri, e avistar os dentes dela confirma a sua suspeita enquanto você treme até os ossos.

Hoa chia como um gato em resposta àquele sorriso. E, quando ele faz isso, você finalmente, terrivelmente, vê os dentes dele de forma clara pela primeira vez. Ele nunca come na sua frente, afinal. Ele nunca os mostra quando sorri. Eles têm cor, enquanto os dela são transparentes, branco cor de esmalte como uma espécie de camuflagem... mas de formato não tão diferente dos da ruiva. Não quadrado, mas *facetado*. Diamantinos.

— Pelas crueldades da Terra — murmura Tonkee. Você sente que ela fala por vocês duas.

Ykka lança um olhar penetrante à sua companheira.

— Não.

A mulher desvia o olhar rapidamente para Ykka. Nenhuma outra parte dela se mexe, o resto do seu corpo permanecendo completamente imóvel. Imóvel como uma *estátua*.

— Isso pode acabar sem nenhum dano a você ou às suas companheiras. — Sua boca também não se mexe. A voz soa estranhamente oca, ecoando de algum lugar dentro do seu peito.

— Não quero que nada “acabe”. — Ykka põe as mãos no quadril. — Esta é a minha cidade, e você concordou em seguir minhas regras. *Afastese*.

A loira se mexe um pouco. Ela não ergue a balestra, mas você acha que está pronta para fazê-lo a qualquer momento. Seja lá que bem isso vá trazer. A ruiva não se move por um instante e depois fecha a boca para esconder aqueles horríveis dentes de diamante. Quando faz isso, você percebe várias coisas ao mesmo tempo. A primeira é que ela não estava de fato sorrindo. Foi uma demonstração de ameaça, igual ao modo como um kirkhusa estica a boca para mostrar as presas. A segunda é que, com a boca fechada e aquela expressão plácida, ela parece bem menos perturbadora.

A terceira coisa que você percebe é que Hoa estava fazendo a mesma demonstração de ameaça. Mas ele relaxa e fecha a boca quando a ruiva recua aos poucos.

Ykka expira. Ela se concentra em você outra vez.

— Acho que talvez seja melhor vocês entrarem — ela diz.

— Não tenho certeza se esta é a melhor ideia do mundo — comenta Tonkee em um tom agradável.

— Nem eu — replica a loira, olhando para a cabeça de Ykka. — Tem certeza disso, Yeek?

Ykka dá de ombros, embora você ache que ela não está tão despreocupada quanto aparenta.

— Quando é que eu tenho certeza de alguma coisa? Mas parece uma boa ideia por enquanto.

Você não sabe ao certo se concorda. No entanto, seja a comu estranha ou não, tenha criaturas míticas ou não, sejam as surpresas desagradáveis ou não, você veio aqui por um motivo.

— Um homem e uma menina passaram por aqui? — você pergunta. — Pai e filha. O homem teria mais ou menos a minha idade, a menina, oito... — Dois meses. Você quase esqueceu. — Nove anos de idade. Ela... — Você vacila. Gagueja. — E-ela se parece comigo.

Ykka pisca, e você nota que a surpreendeu de verdade. Fica claro que ela estava preparada para perguntas totalmente diferentes.

— Não — ela responde e...

...e há uma espécie de descompasso dentro de você.

Dói ouvir aquele simples “não”. Fere como o golpe de uma machadinha, e o sal na ferida é o olhar de sincera perplexidade de Ykka. Isso significa que ela não está mentindo. Você vacila e cambaleia com o impacto, com a morte de todas as suas esperanças. Ocorre-lhe, em meio ao nevoeiro de não-exatamente-um-pensamento, que você esteve *esperando* algo desde que Hoa lhe contou sobre este lugar. Você estava começando a pensar que os encontraria aqui, que teria uma filha de novo, que seria mãe de novo. Agora você sabe que não.

— E-Essun? — Mãos agarram seus antebraços. De quem? De Tonkee. As mãos dela são ásperas por conta de uma vida dura. Você ouve os calos dela rasparem no couro da sua jaqueta. — Essun... Ah, ferrugens, não faça isso.

Você sempre soube que não. Como ousa esperar qualquer outra coisa? Você é só mais uma rogga imunda de alma ferrugenta, só

mais uma agente do cruel Pai Terra, só mais um erro das práticas sensatas de reprodução, só mais uma ferramenta perdida. Você nunca deveria ter tido filhos, para começar, e não deveria ter esperado ficar com eles quando os teve, e por que Tonkee está puxando os seus braços?

Porque você levou as mãos ao rosto. Ah, e você começou a chorar.

Você deveria ter contado a Jija antes de se casar com ele, antes de dormir com ele, antes mesmo de olhar para ele e pensar *talvez*, o que você não tinha o direito de jamais pensar. Então, se ele sentisse o impulso de matar um roga, ele teria imposto essa pena a você, não a Uche. Você é que merece morrer, afinal de contas, dez mil vezes a população de duas comus.

Além disso, talvez você esteja gritando um pouco.

Você não deveria estar gritando. Deveria estar morta. Deveria ter morrido antes de seus filhos. Deveria ter morrido ao nascer e nunca ter vivido para dá-los à luz.

Você deveria ter...

Você deveria ter...

Algo perpassa por você.

Parece um pouco com a pequena onda de poder que veio do norte, e que você desviou para longe, naquele dia em que o mundo mudou. Ou talvez um pouco com a maneira como você se sentiu quando entrou em casa depois de um dia cansativo e viu o seu menino estendido no chão. Uma lufada de potencial, passando inutilizada. O toque de alguma coisa intangível, porém significativa, que surgiu e sumiu, tão chocante por sua ausência quanto por sua existência em primeiro lugar.

Você pisca e abaixa as mãos. Seus olhos estão enevoados e doem; a parte inferior da palma das suas mãos está úmida. Ykka saiu da varanda e está à sua frente, a apenas alguns metros de distância. Ela não a está tocando, mas você olha para ela mesmo assim, percebendo que ela acabou de fazer... algo. Algo que você não entende. Orogenia, com certeza, mas empregada de um jeito que você nunca experimentou antes.

— Ei — ela diz. Não há nada semelhante a compaixão no rosto dela. No entanto, sua voz está mais suave quando ela fala com

você, embora talvez seja apenas porque ela está mais perto. — Ei. Você está bem agora?

Você engole em seco. Sua garganta dói.

— Não — você responde. (Essa palavra outra vez! Você quase dá uma risadinha, mas engole em seco e o impulso desaparece.) — Não. Mas eu... eu consigo aguentar.

Ykka concorda com a cabeça lentamente.

— Estou vendo que consegue. — Atrás dela, a loira parece cética quanto a essa possibilidade.

Depois, com um suspiro fundo, Ykka se vira para Tonkee e Hoa... Este último parece ilusoriamente calmo e normal agora. Bom, normal para os padrões de Hoa.

— Tudo bem, então — ela fala. — As coisas são assim. Vocês podem ficar ou podem ir. Se decidirem ficar, acolherei vocês na comu. Mas precisam saber desde já: Castrima é algo único. Estamos tentando uma coisa muito diferente aqui. Se esta Estação for curta, então vamos estar em um lago de lava quando Sanze nos castigar. Mas não acho que esta Estação será curta.

Ela olha para você de lado, não exatamente em busca de confirmação. *Confirmação* não é a palavra para isso, uma vez que nunca houve dúvida. Qualquer rogga sabe disso da mesma forma como sabe o próprio nome.

— Esta Estação não será curta — você concorda. Sua voz está rouca, mas você está se recuperando. — Vai durar décadas. — Ykka ergue uma sobrancelha. É, ela está certa: você está tentando ser gentil pelo bem dos seus companheiros, e eles não precisam de gentileza. Eles precisam da verdade. — Séculos.

Mesmo isso é um eufemismo. Você está bastante segura de que esta vai durar pelo menos mil anos. Talvez *alguns* milhares.

Tonkee franze um pouco a testa.

— Bem, tudo aponta ou para uma grande deformação epirogênica, ou talvez apenas uma simples perturbação da isostasia ao longo de toda a rede de placas. Mas a quantidade de orogênese necessária para superar essa quantia de inércia é... proibitiva. Você tem certeza?

Você a está encarando, a tristeza momentaneamente esquecida. Ykka e a loira também. Tonkee faz uma careta, irritada, fazendo

cara feia para você em especial.

— Ah, em nome das ferrugens, pare de agir como se estivesse surpresa. Chega de segredos, certo? Você sabe o que eu sou e eu sei o que você é. Precisamos continuar fingindo?

Você chacoalha a cabeça, embora não esteja de fato respondendo a pergunta dela. Em vez disso, você decide responder a outra pergunta.

— Tenho certeza — você diz. — Séculos. Talvez mais.

Tonkee se encolhe.

— Nenhuma comu tem provisões suficientes para durar tanto tempo. Nem Yumenes.

Os lendários estoques vastos de provisão de Yumenes são escombros em um tubo de lava em algum lugar. Parte de você lamenta o desperdício de todo esse alimento. Parte de você pensa, *bem, é um fim mais rápido e misericordioso para a raça humana.*

Quando você aquiesce com a cabeça, Tonkee silencia-se, horrorizada. Ykka transfere o olhar de você para Tonkee e, aparentemente, decide mudar de assunto.

— Há 22 orogenes aqui — ela afirma. Você vacila. — Acredito que haverá mais com o passar do tempo. Algum problema com isso? — Ela olha para Tonkee em particular.

No que se refere a mudanças de assunto, essa é perfeita para distrair todos.

— Como? — pergunta Tonkee sem demora. — Como está fazendo com que eles venham para cá?

— Isso não importa. Responda a pergunta.

Você poderia ter dito a Ykka para não se preocupar.

— Por mim, tudo bem — responde Tonkee de imediato. Você fica surpresa de que ela não esteja visivelmente salivando. Acabou-se o choque que ela sentiu pela morte inevitável da humanidade.

— Ótimo. — Ykka vira-se para Hoa. — E você? Há mais alguns da sua espécie aqui também.

— Mais do que você pensa — Hoa responde bem baixinho.

— É. Bem... — Ykka ouve isso com notável desenvoltura. — Você ouviu como são as coisas. Se quiser ficar aqui, você segue as regras. Sem brigas. Sem... — Ela faz um movimento com os dedos

e mostra os dentes. Isso é surpreendentemente compreensível. — E faça o que eu digo. Entendeu?

Hoa inclina um pouco a cabeça, seus olhos com um brilho de pura ameaça. É algo tão chocante de ver quanto seus dentes de diamante; você havia começado a pensar nele como uma criatura doce, embora um pouco excêntrica. Agora não sabe ao certo o que pensar.

— Você não manda em mim.

Ykka, para sua grande surpresa, inclina-se para a frente e coloca o rosto bem em frente ao dele.

— Deixe-me colocar as coisas da seguinte forma — diz ela. — Você pode continuar fazendo o que obviamente tem feito, tentando ser tão sutil quanto uma avalanche do modo como a sua espécie sempre faz, ou eu posso começar a contar a todo mundo o que todos vocês estão *realmente* tramando.

E Hoa... vacila. Os olhos dele, e apenas os olhos, se movem rapidamente para a não mulher na varanda. Ela dá um sorriso de novo, embora não mostre os dentes desta vez, e é um sorriso de arrependimento. Você não sabe o que nada disso significa, mas Hoa parece esmorecer um pouco.

— Muito bem — ele diz a Ykka com estranha formalidade. — Concordo com os seus termos.

Ykka aquiesce e endireita-se, detendo seu olhar sobre ele um instante mais antes de virar as costas.

— O que eu ia dizer antes do seu pequeno, ah, momento, era que acolhemos algumas pessoas — ela diz para você por sobre o ombro, enquanto se vira e caminha de volta para os degraus da casa. — Nenhum homem viajando com meninas, acho que não, mas outros viajantes procurando um lugar, inclusive alguns do Distritante de Cebak. Nós os adotamos se achamos que são úteis. — É o que qualquer comu esperta faz em tempos como estes: livrar-se dos indesejados e acolher aqueles com habilidades e atributos valiosos. As comus que têm líderes fortes fazem isso sistematicamente, impiedosamente, com algum grau de fria humanidade. Comus não tão bem administradas o fazem de forma igualmente impiedosa, mas mais desordenada, da mesma maneira como Tirimo se livrou de você.

Jija é apenas um britador. Útil, mas a britagem não é exatamente uma habilidade rara. Nassun, porém, é como você e Ykka. E, por alguma razão, as pessoas desta comu parecem *querer* orogenes por perto.

— Quero conhecer essas pessoas — você diz. Há uma pequena chance de que Jija ou Nassun estejam disfarçados. Ou de que alguém possa tê-los visto na estrada. Ou que... Bem. É uma chance realmente pequena.

No entanto, você vai aproveitá-la. Ela é sua filha. Você vai aproveitar qualquer coisa para encontrá-la.

— Tudo bem, então. — Ykka se vira e a chama com um gesto. — Entre e vou lhe mostrar umas maravilhas. — Como se ela já não houvesse feito isso. Mas você começa a segui-la porque nem mitos nem mistérios chegam aos pés da mais infinitesimal faísca de esperança.



O CORPO ESMORECE. UM LÍDER QUE PERDURA DEPENDE DE ALGO MAIS.

— *TÁBUA TRÊS, “ESTRUTURAS”, VERSÍCULO DOIS*



## 16

### *Syen na terra escondida*

Syenite acorda com um lado do corpo frio. É o lado esquerdo... o quadril e o ombro e boa parte das costas. A fonte do frio, um vento penetrante, sopra quase dolorosamente em meio ao seu cabelo por toda a nuca, o que significa que ele deve ter se soltado do coque obrigatório segundo as regras do Fulcro. Além disso, ela sente um gosto de terra na boca, embora a língua esteja seca.

Ela tenta se mexer e sente uma dor fraca pelo corpo inteiro. É um tipo estranho de dor, não é localizada, não é latejante nem penetrante nem nada específico. É mais como se seu corpo todo fosse um grande hematoma. Ela geme inadvertidamente quando deseja mexer uma das mãos e encontra um chão duro debaixo de si. Apoia-se contra o solo o suficiente para se sentir em controle de si mesma, embora não consiga se levantar de fato. A única coisa que consegue fazer com êxito é abrir os olhos.

Há pedaços de pedras prateadas sob sua mão e diante de seu rosto: monzonito, talvez, ou um dos xistos de menor importância. Ela nunca se lembra das rochas subvulcânicas, pois o instrutor de geometria dos grãos lá no Fulcro era incrivelmente chato. A poucos metros de distância, a pedra seja-lá-qual-for é pontilhada por trevos e por uma grama esparsa e algum tipo de erva daninha com folhas espessas. (Ela prestava menos atenção ainda em biometria.) As



plantas se agitam incessantemente ao vento, embora não muito, porque seu corpo as protege de grande parte das lufadas.

*Dane-se*, pensa ela, e é acordada pelo ligeiro choque que lhe causa a sua própria grosseria mental.

Ela se senta. Dói e é difícil, mas ela se senta, e isso lhe permite ver que está deitada em uma rocha com um declive suave, cercada por mais ervas daninhas. Para além da rocha, está a amplidão contínua do céu com nuvens esparsas. Há um cheiro de oceano, mas é diferente daquele a que ela se acostumou nas últimas semanas, menos salgado, mais rarefeito. O ar é mais seco. A posição do sol mostra que é o final da manhã, e o frio parece ser de fim de inverno.

Mas deveria ser final de tarde. E Allia é equatorial; a temperatura deveria ser amena. E o chão frio e duro no qual ela está sentada deveria ser quente e arenoso. Onde diabos ferrugentos e ardentes ela está?

Tudo bem. Ela consegue descobrir. Ela sensa que a rocha onde está sentada está bem acima do nível do mar, relativamente perto de um limite familiar: é a extremidade da Máxima, uma das duas principais placas tectônicas que formam a Quietude. A Mínima fica bem ao norte. E ela já sensou esta extremidade da placa antes: eles não estão longe de Allia.

Mas não estão em *Allia*. Na verdade, não estão sequer no continente.

Automaticamente, Syenite tenta fazer mais do que apenas sensar, projetando-se em direção à extremidade da placa como fez algumas vezes...

...e não acontece nada.

Ela fica lá sentada por um instante, enregelada de um modo que só o vento não é o bastante para explicar.

Mas ela não está sozinha. Alabaster está encolhido ali perto, seus longos membros dobrados em posição fetal, inconsciente ou morto. Não, a lateral do corpo dele se movimenta para cima e para baixo, devagar. Tudo bem, isso é bom.

Para além dele, no alto do declive, há um vulto alto e esbelto coberto por um flutuante roupão branco.

Assustada, Syen fica paralisada por um momento.

— Olá? — Sua voz sai rouca.

O vulto (uma mulher, supõe Syen) não se vira. Ela está olhando para longe, para alguma coisa por cima daquela elevação que Syenite não consegue ver.

— Olá.

Bem, isso é um começo. Syen se obriga a relaxar, embora isso seja difícil quando não consegue se projetar em direção à terra para se sentir garantida quanto ao seu poder. Não há nenhum motivo para ficar alarmada, ela se repreende; seja quem for essa mulher, se quisesse lhes fazer mal, poderia tê-lo feito com facilidade a essa altura.

— Onde estamos?

— Em uma ilha, talvez a algumas centenas de quilômetros da costa.

— Uma *ilha*? — Isso é aterrorizante. Ilhas são armadilhas mortais. Os únicos lugares piores para viver são sobre falhas geológicas e em caldeiras de vulcões adormecidos-porém-não-extintos. Mas sim, agora Syen ouve o murmúrio das ondas batendo contra as pedras em algum lugar, descendo o declive onde eles estão. Se estão a apenas alguns quilômetros da extremidade da Máxima, então isso os coloca perto demais de uma falha geológica subaquática. Basicamente em cima dela. É por isso que as pessoas não vivem em ilhas, em nome da Terra; elas poderiam morrer por conta de um tsunami a qualquer momento.

Ela se põe de pé, de súbito desesperada ao ver como a situação é ruim. Suas pernas estão duras por ter ficado deitada na rocha, mas, de qualquer forma, passa aos tropeções ao lado de Alabaster até ficar ao lado da mulher na elevação. Lá ela vê:

Oceano, até onde a vista alcança, aberto e ininterrupto. A rocha se precipita em um declive íngreme a alguns metros de onde ela está, tornando-se um penhasco completamente irregular que fica a algumas centenas de metros acima do mar. Quando ela se aproxima devagar dessa beirada e olha para baixo, uma espuma rodopia em torno de rochas afiadas como facas bem lá embaixo: a queda significa morte. Ela se afasta rápido.

— Como chegamos aqui? — sussurra ela, horrorizada.

— Eu os trouxe.

— Você... — Syen se vira para a mulher, a raiva já despontando em meio ao choque. Então, a raiva desaparece, deixando que o choque reine inconteste.

Faça uma estátua de mulher: não muito alta, o cabelo preso em um coque simples, traços elegantes, uma pose graciosa. Deixe sua pele e suas vestes da cor do velho marfim cálido, mas aplique um tom mais profundo nas íris e no cabelo (preto em ambos os casos) e nas pontas dos dedos. A cor aqui é um degradê desbotado e oxidado, pulverizado como sujeira. Ou sangue.

Uma comedora de pedra.

— Pelas crueldades da Terra — Syenite murmura. A mulher não responde.

Ouve-se um gemido vindo de trás delas que interrompe qualquer outra coisa que Syenite pudesse ter dito. (Mas o que ela pode dizer? O quê?) Ela tira os olhos da comedora de pedra e se concentra em Alabaster, que está se remexendo e obviamente não está se sentindo nem um pouco melhor do que Syenite com relação a isso. Mas ela o ignora por ora quando enfim pensa em algo para dizer.

— Por quê? — Ela pergunta. — Por que nos trouxe para cá?

— Para que *e/le* fique a salvo.

É exatamente como os sabedoristas dizem. A boca da comedora de pedra não abre quando ela fala. Seus olhos não se mexem. Ela poderia muito bem ser a estátua que parece ser. Então, o bom senso reaparece e Syenite percebe o que a criatura disse.

— Para que... *e/le* fique a salvo?

Outra vez, a comedora de pedra não responde.

Alabaster geme de novo, então Syenite finalmente vai até ele, ajudando-o a se sentar quando ele começa a se mexer. A camisa dele repuxa no ombro e ele chia, e ela se lembra um tanto tarde do punhal do Guardiã. O punhal sumiu agora, mas a ferida superficial está pregada ao tecido da camisa com o sangue seco. Ele fala palavrões quando abre os olhos.

— *Decaye, shisex unrelabbemet.*

É a língua estranha que ela o ouviu usar antes.

— Fale sanze-mat — ela diz com rispidez, embora não esteja realmente irritada com ele. Ela mantém os olhos na comedora de pedra, que continua imóvel.

— Maldita *ferrugem* escamada — ele fala, agarrando a região ferida. — Isso dói.

Syenite afasta a mão dele com um tapa.

— Não mexa. Você pode reabrir a ferida.

E eles estão a centenas de quilômetros da civilização, separados dela pelo mar até onde a vista alcança na maioria das direções. À mercê de uma criatura cuja raça é a própria definição de *enigmática* e também de *mortal*.

— Temos companhia.

Alabaster desperta por completo, piscando para Syenite e depois olhando para além dela; ele abre um pouco mais os olhos ao ver a comedora de pedra. Depois ele geme.

— Merda. *Merda*. O que você fez desta vez?

De alguma forma, Syenite não fica totalmente surpresa ao perceber que Alabaster conhece a comedora de pedra.

— Salvei sua vida — responde a comedora de pedra.

— O quê?

O braço da comedora de pedra ergue-se de forma tão regular que o movimento deixa de ser *gracioso* e beira o *antinatural*. Nenhuma outra parte dela se mexe. Ela está apontando. Syenite se vira para seguir o gesto e vê o horizonte oeste. Mas o horizonte está partido, diferentemente do resto: há uma linha reta de mar e de céu à esquerda e à direita, mas ao meio dessa linha há uma bolha volumosa e vermelha e fumegante.

— Allia — diz a comedora de pedra.

• • •

Acontece que há um povoado na ilha. A ilha não passa de colinas e grama e rocha sólida... Sem árvores, sem camada superficial do solo. Um lugar totalmente inútil para se viver. E, no entanto, quando chegam ao outro lado da ilha, onde os rochedos são um pouco menos pontudos, eles veem outra enseada semicircular não muito diferente daquela de Allia. (Não muito diferente daquela que *havia* em Allia.) A semelhança termina aí, todavia, porque este porto é muito menor e este povoado foi construído diretamente na parede íngreme da falésia.

É difícil distinguir em princípio. De início, Syen pensa que o que está vendo são entradas de cavernas, pontilhando de forma irregular a parede da rocha. Depois percebe que as entradas de cavernas têm um formato uniforme, ainda que variem em tamanho: linhas retas na parte de baixo e subindo pelas laterais, arqueando-se de um lado a outro da parte de cima até se encontrar em um ponto gracioso. E, em torno de cada abertura, alguém esculpiu a fachada de um edifício: pilares elegantes, o retângulo chanfrado de um batente, mísulas detalhadas com flores cheias de voltinhas e animais fazendo cabriolas. Ela já viu coisas mais estranhas. Não muito mais do que isso, com certeza, mas viver em Yumenes, à sombra da Estrela Negra e do Palácio Imperial que a coroa, e no Fulcro, com suas paredes de obsidiana modelada, deixa uma pessoa habituada a estranhezas de arte e arquitetura.

— Ela não tem nome — Alabaster lhe diz enquanto descem alguns degraus de pedra com corrimão que eles acharam, que parece ir em direção ao povoado. Ele está falando da comedora de pedra, que os deixou no alto da escada. (Syen desviou o olhar por um instante e, quando olhou de volta, a comedora de pedra havia desaparecido. Alabaster assegurou-lhe que ela ainda está por perto. Como ele sabe disso, Syen não tem certeza se quer saber.)

— Eu a chamo de Antimony. Você sabe, porque ela é quase inteiramente branca. É um metal em vez de uma pedra porque ela não é uma rocha e, de qualquer forma, “Alabaster” já tinha dono.

Bonitinho.

— E ela... isso... responde por esse nome?

— Responde. — Ele olha de volta para Syenite, o que é um tipo arriscado de coisa a se fazer, considerando que os degraus aqui são muito, muito íngremes. Apesar de haver um corrimão, qualquer um que cair de cabeça pelos degraus abaixo provavelmente acabará passando por cima da grade e encontrando uma morte desagradável na parede da rocha. — De todo modo, ela não se importa, e acho que teria objetado se se importasse.

— Por que ela nos trouxe para cá? — Para salvá-los. Tudo bem, e eles podem ver Allia soltando fumaça por sobre a água. Mas a espécie de Antimony costuma ignorar e evitar a raça humana, a menos que os humanos os irrite.

Alabaster chacoalha a cabeça, concentrando-se em seus pés outra vez.

— Não existe um “porquê” para nada do que eles fazem. Ou, se houver, eles nunca se dão ao trabalho de nos contar. Francamente, eu parei de perguntar, era um gasto de saliva. Antimony tem vindo ao meu encontro pelos últimos, hum, cinco anos? Geralmente quando não há mais ninguém por perto. — Ele faz um barulho suave e pesaroso. — Eu costumava pensar que ela era uma alucinação.

Bem, pois é.

— E ela não fala nada para você?

— Diz apenas que posso contar com ela. Não consigo decidir se é uma declaração de apoio, sabe, “Conte comigo, Bas, vou te amar para sempre, esqueça que eu sou uma estátua viva que só parece uma mulher bonita, eu protejo você”, ou algo mais sinistro. Mas isso importa? Se ela salvou nossas vidas?

Syen supõe que não.

— E onde ela está agora?

— Se foi.

Syen resiste ao impulso de chutá-lo escada abaixo.

— Para a, ahn... — Ela sabe o que leu, mas parece absurdo de falar em voz alta. — Para dentro da terra?

— Acho que sim. Eles se movem pela rocha como se fosse ar; eu os vi fazer isso. — Ele para em um dos frequentes patamares da escada, o que quase faz Syen trombar nas costas dele. — Você *sabe* que provavelmente foi assim que ela nos trouxe para cá, certo?

Isso é algo em que Syen estava tentando não pensar. Até mesmo a ideia de ser tocada pela comedora de pedra é perturbadora. Pensando ainda em ser carregada pela criatura, arrastada por debaixo de quilômetros de rocha sólida e oceano, ela não consegue deixar de estremecer. Um comedor de pedra é uma coisa que desafia a razão... como a orogenia ou os artefatos das civextintas, ou qualquer outra coisa que não possa ser medida e prevista de um modo que faz sentido. Mas, enquanto a orogenia pode ser entendida (de certa forma) e controlada (com esforço), e enquanto os artefatos das civextintas podem ser evitados até

emergirem do oceano ferrugento bem na sua frente, os comedores de pedras fazem o que bem entendem, vão aonde querem. As histórias dos sabedoristas estão repletas de avisos a respeito dessas criaturas; ninguém tenta impedi-las.

Esse pensamento faz a própria Syen parar, e Alabaster continua descendo outro lance de escada antes de perceber que ela não está seguindo-o.

— O comedor de pedra — diz a moça quando ele se vira para ela com um olhar irritado. — Aquele no obelisco.

— Não é o mesmo — ele replica com o tipo de paciência que as pessoas reservam para aqueles que estão sendo particularmente burros, mas não merecem que alguém lhes jogue isso na cara porque tiveram um dia difícil. — Eu lhe disse, conheço esta há algum tempo.

— Não foi isso que eu quis dizer. — *Seu idiota*. — O comedor de pedra que estava no obelisco olhou para mim antes... antes. Aquilo se mexeu. Não estava morto.

Alabaster a encara.

— Quando você viu isso?

— Eu... — Ela gesticula sem poder fazer nada. Não há palavras para isso. — Havia... Foi quando eu... Eu *acho* que vi aquilo. — Ou talvez tenha tido uma alucinação. Alguma visão do tipo quando a vida-passa-diante-dos-seus-olhos, desencadeada pela faca do Guardião? Parecia tão real.

Alabaster a observa por um longo instante, seu rosto flexível mantendo-se estático daquele jeito que ela está começando a associar com reprovação.

— Você fez algo que deveria tê-la matado. Não matou, mas só por uma questão de pura e estúpida sorte. Se você... viu coisas... não estou surpreso.

Syenite aquiesce sem protestar contra a avaliação dele. Ela sentiu o poder do obelisco naqueles momentos. Esse poder a *teria* matado se fosse completo. Fragmentado como era, ela se sente... queimada, meio que anestesiada, depois de ter seguido o rastro dele. Será por isso que ela não consegue usar mais a sua orogenia? Ou será o efeito prolongado do que quer que o Guardião tenha feito?

— O que aconteceu lá? — ela pergunta para ele, frustrada. Há tanta coisa que não faz sentido em tudo isso. Por que alguém tentou matar Alabaster? Por que veio um Guardião para terminar o trabalho? O que qualquer uma dessas coisas tem a ver com o obelisco? Por que estão aqui em uma ilha que é uma armadilha mortífera no meio desse mar ferrugento? — O que está acontecendo *agora*? Bas, que a Terra nos devore, você sabe mais do que está dizendo.

O rosto dele assume uma expressão de pesar, mas por fim ele suspira e cruza os braços.

— Não é verdade, sabe. O que quer que você possa pensar, eu realmente não tenho todas as respostas. Não faço ideia por que você acha que eu tenho.

Porque ele sabe tantas coisas que ela não sabe. E porque ele é um dez-anéis: ele pode fazer coisas que ela não consegue imaginar, não consegue sequer descrever, e parte dela pensa que ele provavelmente também pode *entender* coisas que ela não entende.

— Você sabia sobre aquele Guardião.

— Sim. — Agora ele parece zangado, embora não com ela. — Esbarrei com um desse tipo antes. Mas não sei por que ele estava lá. Só posso fazer suposições.

— Isso é melhor do que nada!

Ele parece exasperado.

— Tudo bem, então. Uma suposição: alguém ou muitos alguéns sabiam sobre aquele obelisco quebrado no porto de Allia. Fosse quem fosse, a pessoa também sabia que um dez-anéis provavelmente perceberia a coisa no momento em que começasse a sensor lá embaixo. E já que só foi preciso um quatro-anéis sensando por ali para reativá-lo, é evidente que esses alguéns misteriosos não tinham ideia de como o obelisco era sensível, ou de como era perigoso, de fato. Ou nem eu nem você jamais teríamos conseguido chegar a Allia vivos.

Syenite franze a testa, colocando uma das mãos no corrimão para se firmar quando uma lufada de vento especialmente forte uiva pelas paredes do rochedo.

— Alguéns.



— Grupos. Facções em algum conflito sobre o qual não sabemos nada e no qual apenas resvalamos por uma questão de pura e estúpida sorte.

— Facções de Guardiões?

Ele bufa debochadamente.

— Você diz isso como se fosse impossível. Todos os roggas têm os mesmos objetivos, Syen? Todos os quietos? Até mesmo os comedores de pedras provavelmente têm rusgas uns com os outros.

E só a Terra sabe como é isso.

— Então, uma dessas, ahn, facções, mandou aquele... Guardião... para nos matar. — Não. Não depois que Syenite contou ao Guardião que havia sido ela quem ativara o obelisco. — Para *me* matar.

Alabaster aquiesce, sombrio.

— Imagino que foi ele quem me envenenou também, pensando que seria eu quem acionaria o obelisco. Os Guardiões não gostam de nos punir onde os quietos possam ver, se puderem evitar; poderia nos render simpatia pública inapropriada. Aquele ataque em plena luz do dia foi o último recurso. — Ele encolhe os ombros, franzindo o cenho enquanto reflete sobre o assunto. — Acho que temos sorte de ele não ter tentado envenenar você em meu lugar. Mesmo comigo, deveria ter funcionado. Qualquer tipo de paralisia tende a afetar os sensapinae também; eu teria ficado completamente impotente. Se.

Se ele não houvesse conseguido invocar o poder do obelisco ametista, aproveitando os sensapinae de Syenite para fazer o que os dele não podiam. Agora que Syen entende melhor o que ele fez aquela noite, de certo modo fica pior. Ela inclina a cabeça na direção dele.

— Ninguém sabe ao certo do que você é capaz, sabe? Alabaster dá um pequeno suspiro, desviando o olhar.

— Nem *eu* sei do que sou capaz, Syen. As coisas que o Fulcro me ensinou... tive que deixá-las para trás depois de certo ponto. Tive que fazer meu próprio treinamento. E, às vezes, parece que, se eu puder *pensar* diferente, se eu puder me despojar o suficiente do que eles me ensinaram e tentar algo novo, eu poderia... Sua voz vai se perdendo e ele franze a testa, pensando. — Eu não sei.

Realmente não sei. Mas acho que é bom que eu não saiba, ou os Guardiões teriam me matado há muito tempo.

É uma conversa em parte sem sentido, mas dá um suspiro de compreensão.

— Então, quem tem o poder de mandar Guardiões assassinos para, para... — Caçar dez-anéis. Matar quatro-anéis de susto.

— Todos os Guardiões são assassinos — ele retruca de forma brusca, com amargor. — Quanto a quem tem o poder de comandar um Guardião, eu não faço ideia. — Alabaster encolhe os ombros. — Dizem que os Guardiões prestam contas ao Imperador... Supostamente, os Guardiões são a última fração de poder que ele possui. Ou talvez isso seja mentira e as famílias da Liderança yumenescense os controlem como controlam todo o resto. Ou são controlados pelo próprio Fulcro? Não tenho ideia.

— Ouvi dizer que eles controlam a si mesmos — diz Syen. — Provavelmente é só fuxico de grãos.

— Talvez. Os Guardiões certamente têm tanta presteza para matar quietos quanto para matar roggas quando se trata de manter seus segredos, ou quando um quieto simplesmente os atrapalha. Se têm alguma hierarquia, apenas os Guardiões a reconhecem. Quanto a como fazem o que fazem... — Ele respira fundo. — É algum tipo de procedimento cirúrgico. São todos filhos de roggas, mas eles mesmos não são roggas, porque há algo sobre os seus sensapinae que faz esse procedimento funcionar melhor neles. Envolve um implante. No cérebro. Só a Terra sabe como descobriram isso ou quando começaram a fazê-lo, mas lhes dá a habilidade de neutralizar a orogenia. E outras habilidades. Habilidades piores.

Syenite se encolhe, lembrando-se do som de tendões se rompendo. Ela sente uma intensa físgada na palma da mão.

— No entanto, ele não tentou matar você — ela comenta. Ela está olhando para o ombro dele, que ainda está visivelmente mais escuro do que o tecido ao redor, embora a caminhada provavelmente tenha soltado o sangue seco de modo que não está mais grudado à ferida. Há um pouco de umidade recente ali; está sangrando de novo, mas felizmente não muito. — Aquela faca...

Alabaster aquiesce com uma expressão sombria.

— Uma especialidade dos Guardiões. Suas facas parecem vidro soprado comum, mas não são. São como os próprios Guardiões, interrompendo de alguma forma o que quer que haja em um orogene que nos torna o que somos. — Ele estremece. — Nunca soube como era; doeu como o fogo da Terra. E não — ele acrescenta rápido, impedindo que Syen abra a boca —, eu não sei *por que* ele me feriu com ela. Ele já havia imobilizado a nós dois; eu estava tão impotente quanto você.

E isso. Syenite passa a língua nos lábios.

— Você consegue... ainda está...

— Sim. Isso passa depois de alguns dias. — Ele sorri ao ver o ar de alívio dela. — Eu te disse, já esbarrei com Guardiões como esse antes.

— Por que você me disse para não deixá-lo me tocar com a pele?

Alabaster fica em silêncio. Syenite pensa de início que ele só está sendo teimoso de novo, então olha de verdade para a expressão dele e vê as sombras que há nela. Depois de um instante, ele pisca.

— Eu conheci outro dez-anéis quando era mais novo. Quando eu era... ele era meio que um mentor. Como Feldspar é para você.

— Feldspar não é... Esqueça.

De qualquer forma, ele a ignora, perdido em lembranças.

— Não sei por que aconteceu. Mas, um dia, estávamos andando pelo Anel, apenas desfrutando uma noite agradável... — Ele vacila abruptamente, depois olha para ela com um ar irônico, embora doloroso. — Estávamos procurando algum lugar para ficar sozinhos.

Ah. Talvez isso explique algumas coisas.

— Entendo — diz ela desnecessariamente.

Ele aquiesce, desnecessariamente.

— Bem, aparece esse Guardião. Sem camisa, como o que você viu. Ele também não falou nada sobre por que tinha vindo. Ele apenas... atacou. Eu não vi... Aconteceu rápido. Como em Allia. — Bas passa uma das mãos no rosto. — Ele deu uma gravata em Hessonita, mas não forte o bastante para sufocá-lo de fato. O Guardião precisava de contato pele com pele. Então, ele só segurou

Hess e *sorriu* enquanto aquilo acontecia. Como se fosse a coisa mais bonita do mundo, o filho da puta.

— O quê? — Ela quase não quer saber e, no entanto, ela quer.  
— O que a pele do Guardião faz?

Alabaster cerra o maxilar, os músculos formando nós.

— Ela vira a sua orogenia para o lado de dentro. Eu acho. Não conheço uma maneira melhor de explicar. Mas tudo dentro de nós que pode afastar placas e fechar falhas e assim por diante, todo esse poder com que nascemos... esses Guardiões o voltam contra nós.

— Eu, eu não... — Mas a orogenia não funciona em corpos, não diretamente. Se funcionasse...

...Oh.

Ele se cala. Syenite não o incentiva a continuar desta vez.

— Pois é. Então. — Alabaster chacoalha a cabeça, depois dá uma olhada em direção ao povoado talhado no rochedo. — Vamos seguir adiante?

É difícil conversar depois dessa história.

— Bas. — Ela faz um gesto mostrando a si mesma, ao seu uniforme, que está empoeirado, mas ainda é claramente a jaqueta preta de um Orogene Imperial. — Nenhum de nós consegue mover um pedregulho neste exato momento. Não conhecemos essas pessoas.

— Eu sei. Mas meu ombro dói e eu estou com sede. Você está vendo água corrente por aqui?

Não. E comida também não. E é impossível nadar de volta para o continente, não através de uma extensão tão grande. Isso se Syenite soubesse nadar, o que ela não sabe, e se o oceano não estivesse cheio de monstros como contam as histórias, o que ele provavelmente está.

— Então, está bem — diz ela e o empurra para ir à frente. — Deixe-me falar com eles primeiro para você não acabar fazendo com que nos matem. — Ferrugento maluco.

Alabaster dá uma risadinha como se houvesse escutado o pensamento da moça, mas não reclama, retomando a descida atrás dela.

As escadas se nivelam por fim, dando em um passadiço plano que faz a curva em torno da parede do rochedo uns trinta metros acima da linha d'água mais alta. Syen imagina que isso significa que a comu está a salvo de tsunamis devido à sua elevação. (Ela não tem como ter certeza, claro. Toda essa *água* ainda é estranha para ela.) Ela também compensa a falta de um muro de proteção, embora, considerando todos os aspectos, o oceano crie uma barreira bastante eficaz entre essas pessoas e qualquer um de fora da sua... comu, se for possível chamá-la assim. Há mais ou menos uma dúzia de barcos atracados lá embaixo, balançando para cima e para baixo em píeres que parecem ter sido feitos de pedras empilhadas cobertos casualmente de tábuas, feios e primitivos em comparação com os píeres e os pilares bem feitos de Allia, mas eficientes. E os barcos têm uma aparência estranha também, pelo menos em comparação com os barcos que ela já viu: alguns são coisas simples e elegantes que parecem ter sido escavadas inteiramente a partir de troncos de árvores, sustentadas em cada lado por algum tipo de escora. Alguns são maiores e têm velas, mas mesmo esses têm um desenho completamente diferente do que ela está acostumada a ver.

Há pessoas dentro e ao redor dos barcos, algumas delas carregando cestos de um lado para o outro, outros trabalhando em um elaborado cordame de velas em um deles. Eles não olham para cima; Syenite resiste ao impulso de chamá-los com um grito. De qualquer maneira, ela e Alabaster já foram vistos. Na primeira das entradas de caverna ali à frente (cada uma das quais é enorme, agora que eles estão no “térreo” e podem dar uma boa olhada), começou a se reunir um grupo de pessoas.

Syenite passa a língua pelos lábios e respira fundo conforme eles se aproximam. Eles não parecem hostis.

— Olá — ela se aventura e depois espera. Ninguém tenta matá-la de imediato. Até aqui, tudo bem.

O grupo de mais ou menos vinte pessoas que os espera parece em grande parte confuso ao avistá-los. É composto na maioria por crianças de variadas idades, alguns adultos mais jovens, um punhado de idosos e, preso a uma coleira, um kirkhusa que parece amigável, a julgar pelo abanar de seu rabo curto. Essas pessoas

definitivamente são costeiras do leste, quase todos altos e de pele escura como Alabaster, embora com uma pitada de cidadãos mais claros, e ela vê pelo menos um tufo de cabelo de cinzas sopradas erguendo-se na brisa constante. Eles também não parecem alarmados, o que é bom, embora Syen fique com a nítida impressão de que eles não estão acostumados com visitas surpresas.

Então, um homem mais velho com ar de Liderança, ou talvez apenas liderança, dá um passo à frente. E diz algo totalmente incompreensível.

Syen o observa. Ela não consegue sequer distinguir que língua é aquela, embora seja de algum modo familiar. Então... Oh, pelas ferrugens, é *claro*... Alabaster meio que balbucia e responde algo na mesma língua, e de repente todos riem e cochicham e relaxam. Menos Syenite.

Ela o encara.

— Tradução?

— Disse a eles que você estava com receio de que eu fosse fazer com que nos matassem se falasse primeiro — ele diz, e ela pensa na possibilidade de matá-lo ali mesmo e naquele exato momento.

E assim vai. Eles começam a conversar, as pessoas desse estranho povoado e Alabaster, enquanto Syen não pode fazer nada a não ser ficar lá tentando não parecer frustrada. Alabaster faz uma pausa para traduzir quando pode, embora tropece em parte do que os estranhos estão dizendo; estão todos falando muito rápido. Ela tem a impressão de que ele está resumindo. Muito. Mas, no final das contas, a comu se chama Meov, e o homem que deu um passo à frente é Harlas, o chefe deles.

Além disso, eles são piratas.

• • •

— É impossível cultivar alimentos aqui — explica Alabaster. — Eles fazem o que é preciso para sobreviver.

Isso aconteceu mais tarde, depois que o povo de Meov os convidou para entrar nos salões abobadados que constituem sua comu. Está tudo dentro do rochedo (o que não é surpresa, já que a ilha consiste em pouco mais do que uma coluna reta de rocha

comum), sendo algumas cavernas naturais e outras escavadas por meios desconhecidos. Tudo é espantosamente bonito também, com tetos habilmente abobadados, aquedutos ao longo de muitas paredes, e tochas e lanternas suficientes, de modo que nada parece claustrofóbico. Syen não gosta da sensação de toda aquela quantidade de rocha pairando sobre sua cabeça e esperando para esmagá-los da próxima vez que houver um tremor, mas, já que ela tem que ficar presa dentro de uma armadilha mortal, pelo menos essa é aconchegante.

Os meovitas os colocaram em uma casa para hóspedes, ou melhor, uma casa que está abandonada há algum tempo e não está em muito mau estado. Deram a ela e a Alabaster comida das fogueiras comunitárias, acesso aos banheiros comunitários e duas mudas de roupa do estilo local. Concederam-lhes até um mínimo de privacidade, embora isso seja difícil, pois as crianças curiosas ficam espiando pelas janelas esculpidas e sem cortina para rir deles e sair correndo. É quase bonitinho.

Syen agora está sentada em uma pilha de cobertores dobrados, que parece ter sido feita com o propósito de sentar, observando enquanto Alabaster enrola um pedaço de pano limpo ao redor do ombro ferido, segurando a outra ponta com os dentes por um instante para apertar a atadura. Ele poderia pedir ajuda para ela, claro, mas não pede, então ela não oferece.

— Eles não negociam muito com o continente — continua ele enquanto trabalha. — A única coisa que têm a oferecer é peixe, e as comus costeiras do continente têm isso de sobra. Então, Meov faz ataques. Ataca navios mercantes ao longo das principais rotas de comércio ou extorque comus em troca de proteção contra ataques. Sim, contra os ataques *deles*. Não me pergunte como funciona, foi só o que o chefe me contou.

Parece... precário.

— O que eles estão fazendo aqui? — Syen olha para as paredes e o teto toscamente talhados ao redor. — É uma *ilha*. Quero dizer, essas cavernas são meio que boas, até o próximo tremor ou tsunami varrer a coisa toda para fora do mapa. E, como você disse, é impossível cultivar comida. Eles por acaso têm um esconderijo de provisões? O que acontece se houver uma Estação?

— Eles vão morrer, eu acho. — Bas encolhe os ombros, em grande parte para arrumar a atadura recentemente amarrada. — Perguntei isso a eles também, e eles apenas riram da pergunta. Você notou que esta ilha está em cima de um ponto quente?

Syen pisca. Ela não havia notado, mas sua orogenia está tão dormente quanto um dedo que levou uma martelada. A dele está também, mas a dormência é relativa, ao que parece.

— A que profundidade?

— Muita. É pouco provável que vá explodir em breve ou que explodirá algum dia, mas, se explodir, haverá uma cratera aqui em vez de ilhas. Claro, isso se um tsunami não atingir a ilha primeiro, considerando que aqui estamos tão perto do limite da placa. Há *tantas* formas de morrer neste lugar. Mas eles sabem tudo sobre todas elas... é sério... e, até onde posso perceber, não se importam. Pelo menos morrerão livres, eles dizem.

— Livres do quê? Da vida?

— De Sanze. — Alabaster sorri quando Syen deixa o queixo cair. — De acordo com Harlas, esta ilha faz parte de uma série de pequenas ilhas-comu por todo o arquipélago... Esse é o nome para um grupo de ilhas, caso você não saiba, que vai daqui até quase o Antártico, criadas por esse ponto quente. Algumas das comus nesse conjunto, inclusive esta, existem há dez Estações ou mais...

— Mentira!

— ...e eles nem lembram quando Meov foi fundada e, ahn, talhada, então talvez seja mais antiga que isso. Existem desde *antes de Sanze*. E até onde sabem, Sanze não sabe ou não se importa que estejam aqui. Nunca foram anexados. — Ele balança a cabeça. — As comus costeiras estão sempre acusando umas às outras de acolher piratas, e ninguém com bom senso navega tão longe; talvez ninguém saiba que essas ilhas-comu existem. Quero dizer, provavelmente sabem que essas ilhas existem, mas devem pensar que ninguém seria idiota o bastante para viver nelas.

Ninguém deveria ser. Syen balança a cabeça, impressionada com a audácia desse povo. Quando outra criança da comu assoma no parapeito, observando-os descaradamente, Syen não consegue deixar de sorrir, e a menina arregala os olhos antes de cair na



risada, balbucia alguma coisa no seu idioma agitado e então é puxada por seus colegas. Coisinha louca e corajosa.

Alabaster ri.

— Ela disse: “a malvada na verdade sorri!”.

Pestinha ferrugenta.

— Não consigo acreditar que eles sejam loucos o suficiente para viver aqui — diz ela, meneando a cabeça. — Não posso acreditar que essa ilha não tenha se partido com um tremor nem tenha virado escombros nem tenha sido inundada cem vezes.

Alabaster se remexe um pouco, parecendo cauteloso e, por conta disso, Syen sabe que deve se preparar.

— Bem, eles sobrevivem em grande parte porque vivem de peixes e algas marinhas, entende? Os oceanos não morrem durante uma Estação do mesmo modo que a terra ou um corpo de água menor. Se você souber pescar, sempre haverá comida. Acho que sequer têm esconderijos para provisões. — Ele olha ao redor, pensativo. — Se puderem manter o lugar estável contra tremores e impactos, então acho que *seria* um bom lugar para viver.

— Mas como eles poderiam...

— Roggas. — Ele olha para ela e sorri, e ela percebe que ele estava esperando para lhe contar isso. — Foi assim que sobreviveram esse tempo todo. Eles não matam seus roggas aqui. Eles os colocam *no comando*. E estão muito, muito felizes de nos ver.



O COMEDOR DE PEDRA É LOUCURA TORNADA CARNE. APRENDA A LIÇÃO DE SUA CRIAÇÃO E TOME CUIDADO COM SEUS DONS.

— *TÁBUA DOIS, “A VERDADE INCOMPLETA”, VERSÍCULO SETE*



## 17

### *Damaya no teste final*

As coisas mudam. Há uma ordem para a vida no Fulcro, mas o mundo jamais fica parado. Um ano se passa.

Depois que Colapso desaparece, Maxixe Beryl nunca mais conversa com Damaya outra vez. Quando a vê pelos corredores ou após a inspeção, ele simplesmente se afasta. Se a pega olhando para ele, faz cara feia. Porém, isso não acontece muito, porque ela não olha para ele com frequência. Ela não se importa que ele a odeie. Ele era apenas um amigo *em potencial* mesmo. Agora ela sabe que não deve querer uma coisa dessas nem acreditar que algum dia merecerá um.

(Amigos não existem. O Fulcro não é uma creche. Grãos não são crianças. Orogenes não são pessoas. Armas não precisam de amigos.)

No entanto, é difícil, porque sem amigos ela se sente entediada. Os instrutores ensinaram-lhe a ler como seus pais não ensinaram, mas ela só consegue fazer isso por certo tempo, até as palavras começarem a saltar e se agitar na página como pedregulhos durante um tremor. De qualquer forma, a biblioteca não tem muitos livros que sejam somente para diversão e não utilitários. (Armas também não precisam de diversão.) Ela só tem permissão para praticar sua orogenia em Orogenia Aplicada e, apesar de ela às vezes se deitar no beliche e lembrar das aulas repetidas vezes para

uma prática extra (o poder de um orogene está em seu foco, afinal), ela só pode fazer isso por certo tempo também.

Então, para ocupar sua Hora Livre e qualquer outra hora em que não está atarefada, ela perambula pelo Fulcro.

Ninguém impede os grãos de fazer isso. Ninguém fica de guarda no dormitório dos grãos durante a Hora Livre ou depois. Os instrutores não os obrigam a cumprir um toque de recolher; a Hora Livre pode ser uma Noite Livre, se um grão estiver disposto a passar o dia seguinte lutando contra o sono. Os adultos também não fazem nada para impedir os grãos de saírem do prédio. Qualquer criança pega no Jardim do Anel, que é proibido para os que não têm anéis, ou perto dos portões que levam para fora do Fulcro, terá que responder aos seniores. Mas qualquer coisa menos importante do que isso e as sanções serão moderadas, suportáveis; o habitual castigo que condiz com o crime. Só isso.

Ninguém é expulso do Fulcro, afinal de contas. Armas disfuncionais simplesmente são retiradas do estoque. E armas funcionais deveriam ser espertas o bastante para tomar conta de si mesmas.

Por isso, Damaya se mantém nas áreas menos interessantes do Fulcro em seus passeios, mas isso deixa muito para explorar, porque o complexo do Fulcro é enorme. Fora o Jardim e as quadras de treinamento dos grãos, há conjuntos de alojamentos que abrigam orogenes com anéis, bibliotecas e teatros, um hospital, e lugares onde todos os orogenes adultos fazem seu trabalho quando não estão fora em missões para além do Fulcro. Há também quilômetros de caminhos pavimentados com obsidiana e campos que não estão cultivados e nem foram preparados para uma possível Quinta Estação; em vez disso, são só paisagens. Estão ali apenas para ser belos. Damaya chega à conclusão de que isso significa que alguém deveria olhá-los.

Então, é em meio a tudo isso que Damaya anda durante as primeiras horas da noite, imaginando onde e como vai morar quando se juntar às categorias dos que têm anéis. Os adultos dessa área em grande parte a ignoram, indo e vindo ao fazer seus trabalhos, conversando uns com os outros ou murmurando para si mesmos, concentrados em suas coisas de adultos. Eles foram grãos

um dia. Somente em uma ocasião uma mulher para e pergunta: “Você deveria estar aqui?” Damaya confirma com a cabeça e passa andando ao lado dela, e a mulher não a segue.

Os edifícios administrativos são mais interessantes. Ela vai até as grandes câmaras de treinamento que os orogenes com anéis usam: grandes salões semelhantes a anfiteatros, sem teto, com anéis em mosaico gravados no solo descoberto em círculos concêntricos. Às vezes, há blocos imensos de basalto espalhados por lá, e às vezes o solo está remexido, mas o basalto sumiu. Às vezes ela pega adultos nas câmaras, praticando; eles movem os blocos pelo lugar como brinquedos de criança, enterrando-os bem fundo na terra e erguendo-os de novo só com a vontade, nublando o ar ao redor deles com anéis de gelo. É entusiasmante e intimidador, e ela acompanha o que eles estão fazendo o melhor que pode, embora isso não seja muita coisa. Ela ainda tem muito caminho pela frente antes de poder sequer começar a fazer algumas dessas coisas.

É o Principal que deixa Damaya mais fascinada. Esse edifício é o centro do complexo do Fulcro: um amplo hexágono coberto por uma cúpula maior do que todos os edifícios juntos. É nesse edifício que o trabalho do Fulcro é feito. Aqui, orogenes com anéis ocupam os escritórios, fazem o trabalho burocrático e pagam as contas, porque é claro que eles mesmos devem fazer todas essas coisas. Ninguém dirá que os orogenes são gastadores inúteis dos recursos de Yumenes; o Fulcro é autossuficiente em termos fiscais e em quaisquer outros termos. A Hora Livre é depois das principais horas de trabalho do edifício, então não está tão movimentado como deve ser durante o dia, mas, sempre que Damaya vagueia pelo lugar, percebe que muitos dos escritórios ainda estão iluminados por velas e, de vez em quando, por um lampião elétrico.

Os Guardiões têm uma ala no Principal também. Volta e meia Damaya vê uniformes vinho em meio aos conjuntos de uniformes pretos e, quando vê, vira para outro lado. Não por medo. Eles provavelmente a veem, mas não a incomodam porque ela não está fazendo nada que lhe disseram para não fazer. É como Schaffa lhe disse: só é preciso temer os Guardiões em circunstâncias específicas e limitadas. Ela os evita, no entanto, porque, ao passo

que se torna mais habilidosa, começa a notar uma sensação estranha sempre que um Guardião está presente. É uma... sensação barulhenta, uma coisa meio irregular e *ácida*, algo mais ouvido e provado do que sentido. Ela não entende, mas percebe que não é a única orogene a manter uma distância razoável dos Guardiões.

No Principal, há alas que não são mais usadas porque o Fulcro é maior do que precisa ser, pelo menos é o que os instrutores de Damaya lhe dizem quando ela pergunta sobre isso. Ninguém sabia quantos orogenes havia no mundo antes de o Fulcro ser construído, ou talvez os construtores pensaram que mais orogenes sobreviveriam à infância para ser trazidos para cá do que acabou se verificando com o tempo. Independente disso, a primeira vez que Damaya abre uma porta com uma aparência importante que ninguém parece estar usando e encontra corredores escuros e vazios atrás dela, a garota fica instantaneamente intrigada.

Está escuro demais para ver muito além. Por perto, ela consegue distinguir móveis descartados e cestos de armazenamento, então ela decide não explorar de imediato. A chance de ela se machucar é grande demais. Em vez disso, volta aos dormitórios dos grãos e, durante os dias seguintes, prepara-se. É fácil pegar uma pequena faca de vidro usada para cortar carne de uma das bandejas com refeição, e o dormitório tem várias lamparinas a óleo das quais ela pode se apropriar sem que ninguém se importe, então ela faz isso. Faz um alforje com uma fronha que ela pega no seu dia de trabalho na lavanderia, que tem uma ponta esfarrapada e estava na pilha de “descarte”, e, enfim, quando se sente pronta, ela parte.

É uma exploração lenta, de início. Com a faca, ela marca as paredes aqui e ali para não se perder até se dar conta de que esta parte do Principal tem exatamente a mesma estrutura que o resto do Principal: um corredor central com escadas em curtos intervalos e portas dos dois lados levando a quartos ou suítes. Salas de reunião, mais escritórios, um ocasional espaço grande o suficiente para servir como auditório, embora a maioria desses pareça ser usada para armazenar livros velhos e roupas.

Mas os livros! Muitos deles são o tipo de histórias frívolas das quais a biblioteca tem tão poucos; livros de romance e aventura e porções de sabedoria popular irrelevante. E, às vezes, as portas levam a coisas incríveis. Ela descobre um andar que um dia aparentemente foi usado como alojamento; talvez em algum ano de prosperidade em que havia muitos orogenes para alojar confortavelmente nos edifícios de apartamentos. Por qualquer que seja o motivo, entretanto, parece que muitos dos habitantes simplesmente foram embora e deixaram seus pertences para trás. Damaya descobre elegantes vestidos longos nos armários, apodrecidos; brinquedos para bebês; joias que sua mãe morreria de vontade de usar. Experimenta algumas coisas e ri de si mesma no espelho manchado com excremento de mosquitos, e então para, surpresa com o som da própria risada.

Há coisas mais estranhas. Um cômodo cheio de cadeiras felpudas e ornamentadas, gastas e roídas pelas traças agora, todas organizadas em um círculo de frente umas para as outras: por que, ela nem imagina. Um cômodo que ela não entende até mais tarde, depois que suas explorações a levaram aos edifícios do Fulcro dedicados à pesquisa: aí ela sabe que o que encontrou é um tipo de laboratório, com estranhos recipientes e aparelhos que ela por fim descobre serem usados para análise de energia e manipulação de elementos químicos. Talvez os geomestras não ousem estudar orogenia e reste aos orogenes fazer isso por conta própria também? Ela nem consegue imaginar.

E há mais, infinitamente mais. Isso se torna a coisa que ela mais espera em qualquer dia, depois de Orogenia Aplicada. Ela arranja problemas de vez em quando nas aulas, pois, às vezes, devaneia a respeito de coisas que encontrou e perde perguntas durante os testes. Toma o cuidado de não se desleixar demais a ponto de os professores a questionarem, embora suspeite que eles saibam sobre suas explorações noturnas. Ela até já viu alguns deles enquanto perambula, descansando e parecendo estranhamente humanos em seu tempo livre. Porém, não a incomodam quanto a isso, o que a deixa extremamente feliz. É bom sentir como se tivesse um segredo para compartilhar com eles, embora na verdade ela não tenha. Há uma ordem para a vida no Fulcro, mas essa é a

ordem *dela*; ela a estabelece, e ninguém mais atrapalha essa ordem. É bom ter algo que ela guarda para si mesma.

E então, um dia, tudo muda.

• • •

A garota estranha entra na fila dos grãos de forma tão discreta que Damaya quase não percebe. Eles estão passando pelo Jardim do Anel outra vez, no caminho de volta para o dormitório depois de Orogenia Aplicada, e Damaya está cansada, mas satisfeita consigo mesma. O instrutor Marcasite a elogiou por formar uma espiral de apenas sessenta centímetros em torno de si mesma enquanto estendia, simultaneamente, sua zona de controle a uma profundidade aproximada de trinta metros.

— Você está quase pronta para o primeiro teste de anel — ele lhe disse ao final da aula. Se isso for verdade, ela poderia acabar fazendo o teste um ano mais cedo do que a maioria dos grãos e antes do que qualquer um de sua faixa etária.

Como Damaya está tão envolvida pela sensação de plenitude desse pensamento e porque é o fim de tarde de um longo dia, e todos estão cansados e há poucas pessoas no Jardim e os instrutores estão conversando uns com os outros, quase ninguém vê a garota estranha entrar na fila bem na frente de Damaya. Até mesmo Damaya quase deixa de notar, porque a garota astutamente esperou até eles fazerem uma curva em volta de uma cerca viva; entre um passo e outro ela está ali, acompanhando o ritmo deles, olhando para a frente como a maioria dos outros faz. Mas Damaya sabe que ela não estava lá antes.

Por um instante, Damaya fica perplexa. Ela não conhece *bem* todos os outros grãos, mas os conhece de vista, e essa garota não é um deles. Quem é ela então? Ela se pergunta se deveria dizer alguma coisa.

De modo abrupto, a garota olha para trás e vê Damaya olhando. Ela sorri e dá uma piscadela; Damaya pisca os olhos. Quando a garota se afasta, ela continua seguindo-a, agora agitada demais para delatar.

Elas continuam andando pelo Jardim, entram no quartel, e então os instrutores partem para aproveitar o início da noite, deixando os

grãos com a Hora Livre antes de dormir. As outras crianças se dispersam, algumas indo pegar comida no aparador, as mais novas arrastando-se para a cama. Alguns dos grãos mais animados começam de imediato um tipo de jogo bobo, caçando umas às outras ao redor dos beliches. Como de costume, eles ignoram Damaya e o que ela está fazendo.

Então, Damaya se vira para o grão que não é um grão.

— Quem é você?

— É isso mesmo que você quer perguntar? — A garota parece sinceramente perplexa. Ela tem a idade de Damaya, alta, magricela e mais pálida do que a maioria dos jovens sanzeds, e seu cabelo é encaracolado e escuro em vez de firme e cinzento. Ela está usando um uniforme de grão e, na verdade, prendeu o cabelo para trás da mesma maneira que os outros grãos com cabelo solto fazem. Apenas o fato de que ela é uma completa estranha quebra a ilusão. — Quero dizer, você realmente se importa com quem eu sou? — a garota continua, ainda parecendo quase ofendida pela primeira pergunta de Damaya. — Se eu fosse você, ia querer saber o que estou fazendo aqui.

Damaya a encara, estupefata. Nesse meio tempo, a garota olha ao redor, franzindo um pouco a testa.

— Pensei que muitas outras pessoas me notariam. Não há tantos de vocês... Sei lá, trinta neste dormitório? É menos do que na minha escola, e *eu* notaria se alguém novo de repente aparecesse...

— *Quem é você?* — indaga Damaya, meio que rosnando as palavras. Instintivamente, no entanto, ela mantém a voz baixa e, para maior garantia, agarra o braço da menina, arrastando-a para um canto fora do caminho onde é menos provável que as pessoas notem. Mas todos tiveram anos de prática em não prestar atenção a Damaya, então eles não prestam. — Diga-me ou eu vou chamar os instrutores.

— Ah, assim está melhor. — A garota sorri. — Bem mais parecido com o que eu estava esperando! Mas ainda é estranho que você seja a única... — E então a expressão dela muda para uma de apreensão quando Damaya inspira e abre a boca, claramente



preparando-se para gritar. Rapidamente, ela responde de forma brusca: — Meu nome é Binof! Binof! E você é...?

É uma apresentação tão corriqueira a se fazer, o padrão de cortesia que Damaya usou durante a maior parte da vida antes de vir para o Fulcro, que ela responde automaticamente:

— Damaya Costa-F... — Ela não pensa em seu nome de uso ou no fato de que ele não se aplica mais a ela há tanto tempo que fica chocada ao ouvir a si mesma quase dizendo-o. — Damaya. O que você está fazendo aqui? De onde veio? Por que você... — Ela faz gestos vagos para a garota, abrangendo o uniforme, o cabelo, a existência de Binof.

— Shhh. *Agora* você quer fazer um milhão de perguntas? — Binof balança a cabeça. — Escute, eu não vou ficar e não vou criar problemas para você. Só preciso saber... Você viu algo estranho por aqui em algum lugar? — Damaya olha para ela de novo, e Binof faz uma careta. — Um lugar. Com um formato. Meio que. Uma coisa... grande que... — Ela faz uma série de gestos complicados, aparentemente tentando imitar o que ela quer dizer. É completamente sem sentido.

Mas não é. Não de todo.

O Fulcro é circular. Damaya sabe disso, embora só consiga ter uma noção quando ela e os outros grãos transitam pelo Jardim do Anel. A Estrela Negra paira a oeste do território do Fulcro e, ao norte, Damaya viu um conjunto de edifícios altos o bastante para se enxergar por cima dos muros de obsidiana. (Ela com frequência se pergunta o que os habitantes desses edifícios pensam, olhando para Damaya e os da sua espécie de lá de suas elevadas janelas e telhados.) Mas o que é mais significativo é que o *Principal* é circular também... Quase. Damaya vagou por seus corredores escuros muitas vezes a essas alturas, com apenas um lampião e seus dedos e sensapinae para guiá-la que, quando vê Binof fazer um formato hexagonal com as mãos, ela sabe de imediato o que a garota estranha quer dizer.

Veja, as paredes e os corredores do Principal não são largos o suficiente para explicar todo o espaço que o edifício ocupa. O telhado do edifício cobre uma área em seu centro, para a qual seus espaços de trabalho e de locomoção não se estendem; deve haver

uma enorme câmara vazia ali dentro. Um pátio, talvez, ou um teatro, embora existam outros teatros no Fulcro. Damaya encontrou as paredes ao redor desse lugar e as seguiu, e elas não são circulares; há planos e ângulos. Seis de cada. Mas, se há uma porta que abre para essa sala hexagonal central, ela não está em lugar algum das alas não utilizadas...

— Uma sala sem portas — murmura Damaya sem pensar. Foi dessa forma que ela começou a chamar na sua mente a câmara que não podia ver, no dia em que percebeu que ela deve existir. E Binof puxa o ar e se inclina para a frente.

— Sim. *Sim*. É assim que se chama? Ela fica naquele grande edifício no centro do complexo do Fulcro? É onde eu pensei que poderia estar. Sim.

Damaya pisca e franze o cenho.

— Quem. *É*. Você? — A garota está certa; na verdade não é isso que ela quer dizer. No entanto, cobre todas as perguntas importantes de uma vez.

Binof faz uma careta. Ela olha ao redor, pensa por um momento, assume uma expressão determinada, e por fim diz:

— Binof Liderança Yumenes.

Quase não significa nada para Damaya. No Fulcro, ninguém tem nome de uso nem nome de comu. Qualquer um que fosse Liderança antes de ser levado pelos Guardiões não é mais. Os grãos que nasceram aqui ou foram trazidos jovens o bastante têm um nome de rogga, e todos os demais devem adotar um quando ganham o primeiro anel. É a única coisa que recebem.

Mas então a intuição gira uma chave aqui e faz várias pistas se encaixarem ali, e de repente Damaya percebe que Binof não está apenas expressando uma lealdade despropositada a uma convenção social que não se aplica mais. Ela se *aplica* a Binof porque *Binof não é orogene*.

E Binof não é uma quieta qualquer: ela é uma Liderança e vem de Yumenes, o que faz dela filha de uma das famílias mais poderosas de Quietude. *E ela se esgueirou para dentro do Fulcro, fingindo ser uma orogene*.

É tão impossível, tão insano, que o queixo de Damaya cai. Binof vê que ela entende e se aproxima, baixando a voz.

— Eu te disse, não vou te causar problemas. Vou embora agora e vou encontrar aquela sala, e a única coisa que peço é que não conte a ninguém ainda. Mas você queria saber por que estou aqui. É por *isso* que estou aqui. Essa sala é o que estou procurando.

Damaya fecha a boca.

— Por quê?

— Não posso te dizer. — Quando Damaya a encara, Binof ergue as mãos. — Isso é para a sua segurança, e para a minha. Há coisas que só os Liderança devem saber, e eu nem deveria sabê-las ainda. Se alguém descobrir que eu te contei, então... — Ela hesita. — Eu não sei o que fariam com qualquer uma de nós, mas não quero descobrir.

Colapso. Damaya aquiesce, distraída.

— Eles vão pegar você.

— Provavelmente. Mas quando me pegarem, eu simplesmente vou dizer a eles quem sou. — A garota dá de ombros, com a tranquilidade de alguém que nunca conheceu medo de verdade na vida. — Não vão saber por que estou aqui. Alguém vai chamar os meus pais e eu estarei encarcerada, mas arranjo problemas o tempo todo. E se eu conseguir descobrir as respostas de algumas perguntas primeiro, vai valer a pena. Agora, onde fica aquela sala sem portas?

Damaya chacoalha a cabeça, vendo de pronto a armadilha.

— *Eu* poderia arranjar problemas por te ajudar. — Ela não é uma Liderança, nem uma pessoa; ninguém vai salvá-la. — Você deveria ir embora do mesmo modo como chegou aqui. Agora. Não vou contar a ninguém, se você for.

— Não. — Binof parece convencida. — Eu tive um trabalho para chegar aqui. E, de qualquer forma, você já está encarcerada porque não gritou por um instrutor no momento em que percebeu que eu não era um grão. Agora você é minha cúmplice. Certo?

Damaya se sobressalta, ficando com um aperto no estômago ao se dar conta de que a garota está certa. Ela também está furiosa, porque Binof está tentando manipulá-la, e ela odeia isso.

— É melhor eu gritar agora do que deixar você cometer um erro e ser pega depois.

E ela se levanta e se dirige à porta do dormitório.

Binof arqueja e corre atrás dela, agarrando seu braço e falando em um sussurro áspero:

— Não! Por favor... Olhe, eu tenho dinheiro. Três lascas de diamante vermelho e uma alexandrita inteira! Você quer dinheiro?

Damaya está ficando cada vez mais irritada.

— O que ferrugens eu ia querer com dinheiro?

— Privilégios, então. Da próxima vez que você sair do Fulcro...

— *Nós não saímos.* — Damaya faz cara feia e puxa o braço, libertando-se da mão de Binof. Como foi que essa quieta idiota entrou aqui? Há guardas, membros da milícia da cidade, em todas as portas que levam para fora do Fulcro. Mas esses guardas estão lá para manter os orogenes dentro, não os quietos fora... E talvez essa garota Liderança, com seu dinheiro e seus privilégios e sua coragem, teria encontrado uma maneira de entrar mesmo se os guardas tivessem tentado detê-la. — Estamos aqui porque é o único lugar onde podemos ficar a salvo de pessoas como *você*. *Saia*.

De súbito, Damaya tem que se afastar, cerrando os punhos e concentrando-se bastante e respirando profunda e rapidamente, porque está tão irritada que a parte dela que sabe mover falhas geológicas está começando a vaguear pela terra. É uma vergonhosa falta de controle, e ela reza para que nenhum dos seus instrutores a sence, porque assim não vão mais pensar nela como alguém que está quase pronta para o teste do primeiro anel. Isso sem falar que ela poderia acabar congelando essa garota.

Irritantemente, Binof se inclina a um lado dela e pergunta:

— Oh! Você está brava? Está fazendo orogenia? Qual é a sensação?

As perguntas são tão ridículas, sua falta de medo tão absurda, que a orogenia de Damaya se retrai. De repente, ela não está mais brava, só perplexa. Será que todos os da Liderança são assim quando crianças? Palela era tão pequena que não tinha nenhuma; as pessoas da casta de uso Liderança em geral preferem viver em lugares onde valha a pena liderar. Talvez esse seja apenas o jeito como são os Líderes *yumenescenses*. Ou talvez essa garota seja simplesmente ridícula.

Como se o silêncio de Damaya fosse uma resposta em si, Binof sorri e dança diante dela.

— Nunca tive a chance de conhecer um orogene antes. Os adultos, quero dizer, aqueles com anéis que vestem os uniformes pretos, mas não uma criança como eu. Você não é tão assustadora quanto os sabedoristas disseram que seria. Mas os sabedoristas mentem muito.

Damaya chacoalha a cabeça.

— Eu não entendo você de jeito nenhum.

Para sua surpresa, Binof fica séria.

— Você parece a minha mãe. — Ela desvia o olhar por um instante, aperta os lábios e encara Damaya, aparentemente determinada. — Você vai me ajudar a encontrar essa sala ou não? Se não for ajudar, pelo menos não diga nada.

Apesar de tudo, Damaya está intrigada. Pela garota, pela possibilidade de encontrar um modo de entrar na sala sem portas, pela novidade da própria curiosidade. É... entusiasmante. Ela se vira e olha ao redor com desconforto, mas uma parte dela já decidiu, não decidiu?

— Tudo bem. Mas eu nunca achei um jeito de entrar, e venho explorando o Principal há meses.

— Principal, é assim que se chama o edifício grande? E sim, eu não estou surpresa; é provável que não exista um modo *fácil* de entrar. Ou talvez tenha existido algum dia, mas agora esteja fechado. — Sem notar que Damaya está olhando de novo, Binof coça o queixo. — Mas eu tenho uma ideia de onde procurar. Vi algumas plantas antigas... Bem, em todo caso, estaria no lado sul do edifício. No térreo.

Inconvenientemente, isso não fica na ala não utilizada. No entanto, ela diz:

— Eu sei o caminho. — E é animador ver Binof se alegrar ao ouvir essas palavras.

Ela conduz Binof pelo caminho que costuma fazer, andando da forma como costuma andar. Estranho é que, talvez porque está nervosa desta vez, ela percebe que mais pessoas a notam. Há mais surpresas do que o habitual e, quando ela avista o instrutor Galena por acaso ao passar por uma fonte (Galena, que uma vez a pegou bêbada e salvou sua vida não informando o ocorrido), ele de fato sorri antes de voltar sua atenção ao companheiro falante. É nesse

momento que Damaya por fim se dá conta de *por que* as pessoas estão olhando: porque sabem sobre o estranho grão silencioso que fica perambulando por lá o tempo todo. Provavelmente ouviram falar de Damaya através de boatos ou coisa assim e *gostam* que ela tenha enfim trazido mais alguém consigo. Acham que ela fez uma amizade. Damaya daria risada, se a verdade não fosse tão sem graça.

— Estranho — diz Binof enquanto passam por um dos caminhos de obsidiana em meio a um dos jardins secundários.

— O quê?

— Bem, eu fico pensando que alguém vai me notar. Mas, em vez disso, quase ninguém presta a atenção. Apesar de sermos as únicas crianças aqui.

Damaya dá de ombros e continua andando.

— Era de se esperar que alguém nos parasse e fizesse perguntas, ou algo do tipo. Nós poderíamos estar fazendo algo perigoso.

Damaya balança a cabeça.

— Se uma de nós se machucar e alguém nos encontrar antes de sangrarmos até a morte, vão nos levar ao hospital.

E então Damaya terá uma marca em seus registros que poderá impedi-la de fazer o teste do anel. Tudo o que ela fizer neste exato momento pode atrapalhar isso. Ela suspira.

— Isso é bom — continua Binof —, mas talvez fosse melhor parar as crianças *antes* que elas fizessem coisas que pudessem machucá-las.

Damaya para no meio da trilha em meio ao gramado e se vira para Binof.

— Nós não somos crianças — diz ela, irritada. Binof pisca. — Somos grãos... Orogenes imperiais em treinamento. É o que você parece, então é o que todos supõem que seja. Ninguém dá a mínima se duas orogenes se machucam.

Binof a está encarando.

— Oh.

— E você está falando demais. Os grãos não fazem isso. Nós só relaxamos nos dormitórios, e só quando não há instrutores por perto. Se vai fingir que é uma de nós, faça *direito*.

— Tudo bem, tudo bem! — Binof ergue as mãos como que para acalmá-la. — Sinto muito, eu apenas... — Ela faz uma careta quando Damaya olha para ela. — Certo. Chega de conversa.

Ela se cala, então Damaya volta a andar.

Elas chegam ao Principal e entram do modo como Damaya sempre faz. Só que desta vez ela vira à direita em vez de virar à esquerda, e desce as escadas em vez de subir. O teto é mais baixo nesse corredor e as paredes são decoradas de uma maneira que ela nunca viu antes, com pequenos afrescos pintados espaçadamente que retratam cenas agradáveis e inofensivas. Depois de um tempo, ela começa a se preocupar, porque estão chegando cada vez mais perto de uma ala que ela nunca explorou nem quer explorar: a dos Guardiões.

— Onde no lado sul do edifício?

— O quê? — Preocupada em olhar em volta (o que a faz se destacar ainda mais do que o falatório sem fim), Binof pisca para Damaya, surpresa. — Ah. Simplesmente... em algum lugar no lado sul. — Ela faz uma careta quando Damaya olha para ela. — Eu não sei onde! Só sei que havia uma porta, mesmo que não haja mais nenhuma. Você não consegue... — Ela agita os dedos. — Os orogenes deveriam ser capazes de fazer esse tipo de coisa.

— O que, encontrar portas? Não, a menos que elas estejam *no chão*. — Mas, enquanto Damaya diz isso, ela franze a testa porque... Bem, ela *consegue* meio que sentir onde as portas estão, por inferência. Paredes que sustentam o peso de uma estrutura se parecem muito com o leito de rocha, e os batentes parecem lacunas nos estratos, lugares onde a pressão do edifício contra o chão é menor. Se uma porta em algum lugar neste andar tiver sido recoberta, os seus batentes teriam sido retirados também? Talvez. Mas esse lugar não pareceria diferente das paredes à sua volta?

Ela já está se virando, esticando os dedos da forma como tende a fazer quando está tentando estender sua zona de controle para além. Nos tormentos de Orogenia Aplicada, há marcadores no subsolo, pequenos blocos de mármore com palavras gravadas na superfície. É preciso um grau de controle muito refinado para não apenas encontrar os blocos, mas também determinar a palavra; é como experimentar a página de um livro e notar as minúsculas

diferenças entre a tinta e a página nua e usar isso para ler. Mas, como ela tem feito isso repetidas vezes sob o olhar atento dos instrutores, percebe que o mesmo exercício serve para esse propósito.

— Você está fazendo orogenia? — pergunta Binof com avidez.

— Sim, então cale a *boca* antes que eu a congele sem querer.

Por sorte, Binof de fato obedece, embora sensor não seja orogenia e não exista nenhum risco de congelar ninguém. Damaya simplesmente fica aliviada com o silêncio.

Ela vai tateando as paredes do edifício. São como sombras de força em comparação ao conforto impassível da rocha, mas, se ela for delicada, consegue rastreá-las. E *ali* e *ali* e *ali* ao longo das paredes internas do edifício, aquelas que envolvem a câmara escondida, ela consegue sentir onde as paredes são... interrompidas. Inspirando, Damaya abre os olhos.

— E então? — Binof está praticamente morta de curiosidade.

Damaya se vira, andando paralela à parede e afastada dela. Quando chega ao lugar certo e para, há uma porta ali. É arriscado abrir portas em alas ocupadas; este provavelmente é o escritório de alguém. O corredor está silencioso, vazio, mas Damaya pode ver luzes por debaixo de algumas portas, o que significa que pelo menos algumas pessoas estão trabalhando até tarde. Ela bate primeiro. Quando ninguém responde, ela respira fundo e experimenta o trinco. Trancada.

— Espere — diz Binof, vasculhando os bolsos. Depois de um instante, ela tem nas mãos algo que parece uma ferramenta que Damaya certa vez usou para tirar pedaços de casca das nozes kurge que cresciam na fazenda de sua família. — Eu li sobre como fazer isso. Com sorte, é uma fechadura simples. — Ela começa a mexer com a ferramenta na fechadura, o rosto com um ar de concentração.

Damaya espera um pouco, recostando-se casualmente na parede e ouvindo tanto com os ouvidos quanto com os sensapinae, atenta a qualquer vibração de pés ou vozes se aproximando; ou pior, o zumbido da aproximação de Guardiões. Todavia, já é mais de meia-noite a essas alturas, e até os trabalhadores mais dedicados ou estão planejando dormir em seus escritórios ou foram embora,



então, ninguém as perturba durante o tempo penosamente longo que demora para Binof descobrir como usar a coisa.

— Chega — diz Damaya após uma eternidade. Se alguém aparecer e pegá-las aqui, ela não conseguirá disfarçar. — Volte amanhã e tentaremos fazer isso outra vez...

— Eu *não posso* — replica Binof. Está suando e suas mãos estão tremendo, o que não ajuda. — Consegui despistar as minhas babás uma noite, mas não vai funcionar de novo. Eu quase consegui da última vez. Me dê só mais um minuto.

Então Damaya espera, ficando cada vez mais ansiosa, até que por fim ouve-se um ruído e Binof ofega, surpresa.

— Deu certo? Acho que deu! — A garota tenta abrir a porta e ela se abre. — Pelos *peidos* flamejantes da Terra, funcionou!

A sala além da porta é de fato o escritório de alguém: há uma mesa e duas cadeiras com espaldares altos, e estantes enfileiram-se pelas paredes. A mesa é maior do que a maioria, as cadeiras, mais detalhadas; quem quer que trabalhe aqui é alguém importante. É perturbador para Damaya ver um escritório que ainda é utilizado após tantos meses vendo escritórios fora de uso nas alas antigas. Não há pó e os lampiões já estão acesos, embora à meia-luz. Tão estranho.

Binof olha ao redor, franzindo a testa; nenhum sinal de porta dentro do escritório. Damaya passa por ela, indo em direção ao que parece ser um armário. Ela o abre: vassouras e esfregões e um uniforme preto extra pendurado no suporte.

— Só isso? — pragueja Binof em voz alta.

— Não. — Porque Damaya consegue sentir que esse escritório é pequeno demais da porta até a parede oposta para corresponder à largura do edifício. Esse armário não é fundo o suficiente para explicar a diferença.

Hesitante, ela estende o braço para além da vassoura e pressiona a parede. Nada; é puro tijolo. Bem, era uma ideia.

— Tudo bem. — Binof se põe ao lado dela, apalpando as paredes por todo o armário e tirando o uniforme extra fora do caminho. — Esses edifícios antigos sempre têm portas escondidas que levam até um esconderijo de provisões subterrâneo ou...

— Não há esconderijos de provisões no Fulcro. — Enquanto diz isso, ela pisca, porque nunca pensou no assunto antes. O que devem fazer se houver uma Estação? De algum modo, ela acha que as pessoas de Yumenes não vão estar dispostas a compartilhar sua comida com um punhado de orogenes.

— Ah. Certo. — Binof faz uma careta. — Bem, ainda assim, aqui é Yumenes, mesmo que seja o Fulcro. Sempre...

E ela fica paralisada, arregalando os olhos quando os dedos tropeçam em um tijolo que está solto. Ela sorri, empurra uma ponta até a outra se ressaltar; usando essa extremidade, ela o retira. Há um trinco atrás do tijolo, feito do que parece ser ferro fundido.

— Sempre há alguma coisa acontecendo sob a superfície — diz Binof, respirando.

Damaya se aproxima, imaginando.

— Puxe.

— *Agora* você está interessada? — Mas Binof de fato passa a mão pelo trinco e puxa.

Aquela parede inteira do armário se solta, revelando uma abertura adiante revestida com o mesmo tijolo. O túnel estreito se perde de vista em uma curva quase que de imediato em meio à escuridão.

Tanto Damaya quanto Binof olham para dentro dele, nenhuma das duas dando o primeiro passo.

— O que tem lá? — sussurra Damaya.

Binof passa a língua pelos lábios, olhando para o túnel escuro.

— Não sei ao certo.

— Besteira. — É uma emoção vergonhosa falar desse jeito, como um dos adultos com anéis. — Você veio aqui na esperança de encontrar *alguma coisa*.

— Vamos ver primeiro... — Binof tenta forçar a passagem, e Damaya agarra seu braço. Binof se sobressalta, o braço se endurecendo sob a mão de Damaya; ela olha para ele, como que ofendida. Damaya não liga.

— *Não*. Diga o que está procurando, ou eu vou fechar essa porta atrás de você e criar um tremor que derrubará as paredes e prenderá você lá dentro. Depois vou contar aos Guardiões. — Isso é um blefe. Seria a coisa mais estúpida em todo o Pai Terra usar

orogenia não autorizada bem debaixo do nariz dos Guardiões e então ir contar a eles que foi ela que usou. Mas Binof não sabe disso.

— Eu falei para você, só Lideranças podem saber disso! — Binof tenta se livrar do aperto dela.

— Você é uma Liderança, mude as regras. Não é isso que vocês também devem fazer?

Binof pisca e olha para ela. A garota fica em silêncio durante um bom tempo. Então ela suspira, esfrega os olhos e a tensão desaparece de seu braço magro.

— Certo. Tudo bem. — Ela respira fundo. — Existe uma coisa, um artefato, no centro do Fulcro.

— Que tipo de artefato?

— Não sei ao certo. Não sei mesmo! — Binof ergue as mãos rapidamente, livrando-se de Damaya no processo. — A única coisa que eu sei é que... está faltando algo na história. Há uma falha, uma lacuna.

— O quê?

— Na *história*. — Binof encara Damaya como se isso devesse significar algo. — Você sabe, as coisas que os tutores ensinam? Sobre como Yumenes foi fundada?

Damaya nega com a cabeça. Fora uma linha que ela mal lembra na creche sobre Yumenes ter sido a primeira cidade do Velho Império Sanze, ela não consegue se lembrar de jamais ter ouvido falar sobre sua fundação. Talvez os Lideranças recebam uma educação melhor.

Binof revira os olhos, mas explica.

— Houve uma Estação. A que veio pouco antes de o Império ser fundado foi a Errante, quando o norte de repente se moveu de lugar e as plantações minguaram porque os pássaros e os insetos não conseguiam encontrá-las. Depois disso, guerreiros assumiram o controle em quase toda parte, que é o que costumava acontecer sempre após uma Estação. Não havia nada além do Saber das Pedras para orientar as pessoas naquela época, e boatos, e superstição. E foi por conta de boatos que muita gente não se estabeleceu nesta região durante muito tempo. — Ela aponta para baixo, para os pés das duas. — Yumenes era o lugar perfeito para

uma cidade: bom clima, no meio da placa tectônica, com água, porém distante do oceano, tudo isso. Mas as pessoas tinham medo deste local e o haviam temido durante séculos, porque *havia alguma coisa aqui*.

Damaya nunca ouviu nada sobre isso.

— O quê?

Binof parece irritada.

— É o que estou tentando descobrir! É isso que está faltando. A história imperial começa após a Estação Errante. A Estação da Loucura aconteceu pouco tempo depois, e a Guerreira Verishe, a Imperatriz Verishe, a primeira imperatriz, deu então início a Sanze. Ela fundou o Império aqui, na terra que todos temiam, e construiu uma cidade em volta do que todos tinham medo. Isso na verdade ajudou a manter Yumenes segura naqueles primeiros anos. E, mais tarde, quando o império estava mais estabelecido, em algum momento entre a Estação dos Dentes e a Estação Ofegante, o Fulcro foi fundado neste local. De propósito. *Em cima da coisa de que todos tinham medo*.

— Mas o que... — Damaya vai parando de dizer as palavras, compreendendo enfim. — As histórias não contam do que tinham medo.

— Exatamente. E eu acho que está aí. — Binof aponta na direção da porta.

Damaya franze o cenho.

— Por que só os Lideranças devem saber disso?

— Eu não *sei*. É por isso que estou *aqui*. Então, você vai entrar comigo ou não?

Em vez de responder, Damaya passa por Binof e entra no corredor revestido de tijolos. Binof pragueja, depois a segue a passos rápidos e, por conta disso, elas entram juntas.

O túnel dá em um enorme espaço escuro. Damaya para assim que sente ventilação e deslocamento de ar à sua volta; está escuro como breu, mas ela consegue sentir o formato do chão à frente. Ela agarra Binof, a idiota, que está andando adiante às cegas de um modo determinado apesar do escuro, e diz:

— Espere. O chão foi comprimido mais à frente. — Ela está sussurrando porque é isso que as pessoas fazem no escuro. Sua

voz faz eco; demora um pouco para o eco voltar. É um espaço amplo.

— Compri... o quê?

— Comprimido. — Damaya tenta explicar, mas é sempre tão difícil dizer as coisas para os quietos. Outro orogene simplesmente *saberia*. — Como... como se já tivesse havido algo muito pesado aqui. — Algo como uma montanha. — Os estratos estão deformados e... há uma depressão. Um grande buraco. Você vai cair.

— Porra ferrugenta — murmura Binof. Damaya quase vacila, embora tenha ouvido coisas piores de alguns dos seus companheiros grãos mais grosseiros quando os instrutores não estavam por perto. — Precisamos de um pouco de luz.

Luzes aparecem no chão à frente, uma a uma. Ouve-se um leve estalo (que também ecoa) enquanto cada uma é ativada: luzinhas redondas e brancas perto dos pés delas e em dupla fileira conforme elas avançam, e depois luzes muito maiores que são retangulares e amarelo-manteiga, espalhando-se para as laterais a partir das luzes da passarela. Os painéis amarelos continuam ativando-se na sequência e espalhando-se, formando aos poucos um hexágono e iluminando gradualmente o espaço onde elas estão: um átrio cavernoso com seis paredes, coberto pelo que deve ser o telhado do Principal bem lá em cima. O teto está tão longe que elas mal conseguem distinguir seus raios de sustentação. As paredes são monótonas, a mesma pedra lisa que constitui o resto do Principal, mas a maior parte do chão desta câmara foi recoberta com asfalto ou com algo muito parecido, plano, semelhante a pedra, mas que não o é, levemente áspero, durável.

No centro do local, entretanto, há de fato uma depressão. Isso é um eufemismo: é um enorme poço afunilado com paredes retas e extremidades exatas e bem proporcionadas, seis delas, cortadas com tanto primor quanto se corta um diamante.

— Pelas crueldades da Terra — Damaya sussurra enquanto avança aos poucos pela passarela até onde as luzes amarelas iluminam o formato do poço.

— É — diz Binof, parecendo igualmente impressionada.

Ele tem vários metros de profundidade, esse poço, e é íngreme. Se ela caísse, rolaria pelo declive e provavelmente quebraria todos os ossos do corpo lá no fundo. Mas o seu formato a incomoda, porque é *facetado*. Afunilando-se até um ponto bem lá embaixo. Ninguém cava um poço nesse formato. Seria quase impossível sair dele, mesmo com uma escada que pudesse chegar tão fundo.

Mas ninguém *cavou* esse poço. Ela consegue sentir: alguma coisa monstruosamente pesada *perfurou* esse poço na terra, e ficou sobre a depressão tempo suficiente para fazer toda a rocha e todo o solo embaixo se solidificar nessas placas planas e bem proporcionadas. Então, o-que-quer-que-fosse levantou-se, limpo como um pãozinho retirado de uma assadeira, não deixando nada além de seu formato para trás.

Mas, espere, as paredes do poço não são totalmente lisas. Damaya agacha para olhar mais de perto enquanto ao seu lado Binof apenas observa.

Ali: ao longo de cada suave saliência, ela consegue ver objetos finos e pontudos que mal se pode ver. Agulhas? Elas se erguem de finas rachaduras nas paredes lisas, pontudas e aleatórias, como raízes de plantas. As agulhas são feitas de ferro; Damaya consegue sentir o cheiro de ferrugem no ar. Risque o palpite anterior dela: se caísse nesse poço, ela seria retalhada muito antes de chegar ao fundo.

— Eu não estava esperando isso — Binof enfim respira. Ela está falando baixinho, talvez por reverência ou medo. — Muitas coisas, mas... não isso.

— O que é? — pergunta Damaya. — Para que serve?

Binof balança a cabeça devagar.

— *Deveria* estar...

— Escondido — diz uma voz atrás delas, e as duas se sobressaltam e se viram, alarmadas. Damaya está mais perto da beira do poço e, quando tropeça, há um momento terrível e vertiginoso durante o qual ela tem certeza absoluta de que vai cair nele. Na verdade, ela relaxa e não tenta se inclinar para a frente nem se reequilibrar nem fazer nenhuma das coisas que faria se tivesse uma chance de *não* cair. Ela se sente pesada, e o poço se abre inevitavelmente atrás dela.

Então, Binof agarra seu braço e a puxa para a frente e, abruptamente, ela percebe que ainda estava a quase um metro de distância da beirada. Ela só teria caído lá dentro se tivesse se *deixado* cair. Isso é uma coisa tão estranha que ela quase esquece *por que* quase caiu, e aí a Guardiã desce pela passarela.

A mulher é alta, tem ombros largos e pele bronzeada, com uma beleza de traços um tanto angulosos, seu cabelo de cinzas sopradas raspado, formando uma cobertura eriçada. Ela passa a sensação de ser mais velha do que Schaffa, embora seja difícil dizer; sua pele não tem rugas, seus olhos cor de mel não são marcados por pés de galinha. Sua presença simplesmente... parece mais pesada. E seu sorriso tem a mesma combinação perturbadora entre pacíficos e ameaçadores como o de todos os Guardiões que Damaya já viu.

Damaya pensa: *só preciso ter medo se ela pensar que sou perigosa.*

Mas eis a questão: uma orogene que vai aonde ela sabe que não deveria ir é perigosa? Damaya passa a língua pelos lábios e tenta não parecer que está com medo.

Binof não se perturba, lançando um olhar entre Damaya e a mulher e o poço e a porta. Damaya quer lhe dizer para não fazer o que quer que esteja pensando em fazer... Provavelmente, tentar fugir. Não com uma Guardiã aqui. Mas Binof não é uma orogene; talvez isso a proteja, mesmo que faça algo estúpido.

— Damaya — diz a mulher, embora Damaya nunca a tenha visto antes. — Schaffa ficará desapontado.

— Ela está comigo — diz Binof de forma brusca, antes que Damaya possa responder. Damaya olha para ela, surpresa, mas Binof já está falando e, agora que começou, parece que nada poderá fazê-la parar. — Eu a trouxe aqui. Mandeí que ela viesse para cá. Ela nem sabia sobre a porta e esse... lugar... até eu contar para ela.

Isso não é verdade, Damaya quer dizer, porque havia calculado que o lugar existia, só não sabia como encontrá-lo. Mas a Guardiã está olhando para Binof com curiosidade, e isso é um bom sinal porque ninguém teve as mãos quebradas ainda.

— E você é...? — A Guardiã sorri. — Não é orogene, suponho, apesar do uniforme.

Binof se sobressalta um pouco, como se houvesse esquecido que estava fazendo o papel de garotinha perdida.

— Ah. Ahn. — Ela se endireita e ergue o queixo. — Meu nome é Binof Liderança Yumenes. Perdoe-me pela invasão, Guardiã; eu tinha uma dúvida que pedia uma resposta.

Binof está falando de um jeito diferente, Damaya percebe de repente: suas palavras uniformemente espaçadas e sua voz firme, seus modos não exatamente soberbos, mas sérios. Como se o destino do mundo dependesse do fato de ela encontrar a resposta para a sua dúvida. Como se ela não fosse apenas uma garota mimada de uma família poderosa que decidiu, por capricho, fazer algo incrivelmente estúpido.

A Guardiã para, inclinando a cabeça e piscando enquanto seu sorriso desaparece por um momento.

— Liderança Yumenes? — Então de repente ela sorri. — Que adorável! Tão jovem e já tem um nome de comu. Você é bem-vinda entre nós, Binof Liderança. Se tivesse nos dito que viria, poderíamos ter *mostrado* o que queria ver.

Binof vacila ligeiramente ao ouvir a reprimenda.

— Acho que eu tinha o desejo de ver por mim mesma. Talvez não tenha sido prudente, mas meus pais provavelmente estão cientes de que eu vim para cá, então por favor, sintase à vontade para conversar com eles sobre isso.

É uma coisa inteligente a se fazer, Damaya está surpresa em perceber, porque até agora ela não havia pensado em Binof como inteligente. Mencionando que outras pessoas sabem aonde ela foi.

— Vou fazer isso — responde a Guardiã, e então sorri para Damaya, o que a faz sentir um aperto no estômago. — E vou falar com o seu Guardiã, e vamos todos conversar juntos. Não seria maravilhoso? Sim. Por favor. — Ela dá um passo ao lado e se curva um pouco, indicando com um gesto para elas irem à frente e, por mais educado que pareça, ambas sabem que não é um pedido.

A Guardiã as conduz para fora da câmara. Quando todas as três pisam no corredor de tijolos outra vez, as luzes atrás delas se apagam. Quando a porta foi fechada e o escritório foi trancado e



elas entraram na ala dos Guardiões, a mulher toca o ombro de Damaya para fazê-la parar enquanto Binof continua andando mais um ou dois passos. Então, quando Binof para, olhando confusa para elas, a Guardiã diz a Damaya:

— Por favor, espere aqui. — Depois avança para juntar-se a Binof outra vez.

Binof olha para ela, talvez tentando transmitir algo com os olhos. Damaya desvia o olhar, e a mensagem se perde conforme a Guardiã conduz a garota pelo corredor afora e para dentro de uma sala com porta fechada. Binof já fez estrago suficiente.

Damaya espera, claro. Ela não é idiota. Ela está em frente à porta que dá para uma área movimentada; apesar da hora, outros Guardiões surgem de vez em quando e olham para ela. Ela não devolve o olhar, e algo nessa atitude parece deixá-los satisfeitos, então eles continuam sem incomodá-la.

Após alguns instantes, a Guardiã que as pegou na câmara do poço retorna e a conduz pela porta com uma delicada mão no seu ombro.

— Agora. Por que não conversamos um pouquinho? Mande chamarem Schaffa; felizmente ele está na cidade neste exato momento, e não em um percurso como de costume. Mas até ele chegar aqui...

Há uma ampla área atapetada e lindamente dividida para além da porta, com muitas mesinhas. Algumas estão ocupadas e outras não, e as pessoas que se movem entre elas vestem um misto de uniforme preto e vinho. Poucos não estão usando uniforme algum, e sim roupas civis. Damaya observa tudo, fascinada, até a Guardiã colocar uma das mãos em sua cabeça e leve, mas inexoravelmente, desviar seu olhar.

Damaya é levada a um pequeno escritório particular ao final dessa câmara. No entanto, a mesa aqui está completamente vazia, e a sala tem um ar de desuso. Há uma cadeira em cada um dos lados da mesa, então Damaya pega a que se destina aos visitantes.

— Sinto muito — diz ela quando a Guardiã se senta atrás da mesa. — E-eu não pensei.

A Guardiã chacoalha a cabeça como se isso não importasse.

— Você tocou algum deles?

— O quê?

— No soquete. — A Guardiã ainda está sorrindo, mas eles sempre sorriem; isso não significa nada proveitoso. — Você viu as extrusões na parede dos soquetes. Não ficou curiosa? Havia um bem ao alcance do seu braço, para baixo de onde você estava.

*Soquete?* Ah, os pedaços de ferro saindo das paredes.

— Não, eu não toquei nenhum deles.

*Soquete para quê?*

A Guardiã se senta mais na beirada da cadeira e seu sorriso desaparece de maneira abrupta. Toda forma de expressão simplesmente deixa de transparecer em seu rosto.

— Ele a chamou? Você respondeu?

Há algo errado. Damaya sente isso de modo repentino, instintivo, e essa percepção estanca as palavras de sua boca. A Guardiã até soa diferente, sua voz está mais grave, mais suave, quase sussurrada, como se estivesse dizendo algo que não quer que os outros ouçam.

— O que ele disse a você? — A Guardiã estende a mão e, embora Damaya estenda a sua de imediato em obediente resposta, ela não quer fazê-lo. Ela o faz de qualquer forma porque se deve obedecer aos Guardiões. A mulher pega a mão de Damaya e a segura com a palma para cima, seu polegar alisando a linha longa. A linha da vida. — Você pode me contar.

Damaya balança a cabeça, completamente confusa.

— *O que* disse o que para mim?

— Ele está irritado. — O tom de voz da mulher se torna mais baixo, monótono, e Damaya percebe que ela não está mais tentando evitar que a ouçam. A Guardiã está falando diferente porque *não é mais a voz dela*. — Irritado e... assustado. Eu ouço as duas coisas se acumulando, crescendo, a raiva e o medo. Preparando-se para o momento do retorno.

É como... como se alguma outra pessoa estivesse dentro da Guardiã, e é essa pessoa que está falando, mas com o rosto e a voz e todo o resto da Guardiã. Mas, quando a mulher diz isso, sua mão começa a apertar a de Damaya. Seu polegar, que está bem em cima do osso que Schaffa quebrou um ano e meio antes, começa a

pressionar, e Damaya se sente fraca quando uma parte sua pensa *não quero que me machuquem de novo*.

— Vou lhe contar o que quiser — oferece ela, mas a Guardiã continua pressionando. É como se não estivesse sequer ouvindo.

— Ele fez o que tinha que fazer da última vez. — Pressiona e aperta. Essa Guardiã, diferente de Schaffa, tem unhas mais compridas; a unha do polegar começa a entrar na carne de Damaya. — Ele gotejou pelas paredes e manchou a pura criação deles, explorou-os antes que pudessem explorá-lo. Quando as conexões misteriosas foram feitas, ele *mudou* aqueles que o controlariam. Acorrentou-os, destino a destino.

— Por favor, não — murmura Damaya. Sua palma começou a sangrar. Quase no mesmo instante, ouve-se uma batida na porta. A mulher ignora ambos.

— Ele os tornou parte de si.

— Eu não *entendo* — diz Damaya. Aquilo dói. Aquilo *dói*. Ela está tremendo, esperando pelo estalo do osso.

— Ele esperava por comunhão. Conciliação. Em vez disso, a batalha... agravou-se.

— Eu não entendo! O que a senhora diz não faz sentido! — Está errado. Damaya está erguendo a voz para um Guardiã e *sabe* que não deveria, mas isso não está certo. Schaffa prometeu que só a machucaria por um bom motivo. Todos os Guardiões trabalham segundo esse princípio; Damaya viu a prova disso no modo como eles interagem com seus companheiros grãos e com os orogenes com anéis. Há uma ordem para a vida no Fulcro, e essa mulher está *transgredindo-a*. — Me solte! Eu faço o que quiser, apenas me solte!

A porta se abre e Schaffa entra. Damaya prende a respiração, mas ele não olha para ela. Seu olhar repousa fixamente sobre a Guardiã que aperta a mão de Damaya. Ele não está sorrindo quando avança para ficar atrás dela.

— Timay. Controle-se.

*Timay não está*, pensa Damaya.

— Ele só fala sobre alertas agora — continua ela em um tom monótono. — Não haverá conciliação da próxima vez...

Schaffa dá um pequeno suspiro, depois enfia o dedo na parte detrás da cabeça de Timay.

Não fica claro de início, da perspectiva de Damaya, que foi isso que ele fez. Ela apenas o vê fazer um movimento súbito, brusco e violento, e depois a cabeça de Timay se inclina para a frente. Ela faz um barulho tão áspero e gutural que é quase vulgar e arregala os olhos. O rosto de Schaffa fica inexpressivo enquanto ele faz alguma coisa, flexionando o braço, e é nesse ponto que os primeiros fios de sangue escorrem ao redor do pescoço de Timay, começando a cair pela sua túnica e a gotejar no seu colo. Sua mão, em torno da de Damaya, abre-se de imediato, e seu rosto se afrouxa.

Também é nesse ponto que Damaya começa a gritar. Ela continua gritando enquanto Schaffa gira a mão outra vez, as narinas dilatadas pelo esforço do que quer que esteja fazendo, e o som de ossos sendo esmagados e de tendões sendo arreventados é inegável. Depois, Schaffa levanta a mão, segurando algo pequeno e indistinto... coberto com sangue demais... entre o polegar e o indicador. Timay cai para a frente então, e agora Damaya vê o estrago no que antes foi a base do crânio dela.

— Fique quieta, pequenina — diz Schaffa em um tom suave, e Damaya se cala.

Outro Guardião entra, olha para Timay, olha para Schaffa, e suspira.

— Triste.

— Muito triste. — Schaffa oferece a coisa coberta de sangue a esse homem, que estende as mãos em forma de concha para recebê-la com cuidado. — Gostaria que isso fosse removido. — Ele acena em direção ao corpo de Timay.

— Pois não. — O homem sai com a coisa que Schaffa tirou de Timay, e depois mais dois Guardiões entram, suspiram como fez o primeiro, e tiram o corpo dela da cadeira. Eles a arrastam para fora, um deles parando para limpar com um lenço as gotas de sangue na mesa onde Timay caiu. É tudo muito eficiente. Schaffa senta-se no lugar de Timay, e Damaya olha para ele apenas porque deve. Eles se entreolham em silêncio por alguns instantes.

— Deixe-me ver — diz Schaffa em um tom gentil, e ela lhe oferece a mão. Surpreendentemente, não está tremendo.

Ele a toma com a mão esquerda, a que ainda está limpa porque não arrancou o tronco cerebral de Timay. Ele vira a mão dela,

examinando-a com cuidado, fazendo careta ao ver a meia-lua de sangue onde a unha de Timay rompeu a pele. Uma única gota do sangue de Damaya rola pela extremidade da mão, estatelando-se na mesa exatamente no lugar onde alguns segundos antes havia estado o sangue de Timay.

— Ótimo. Tive medo que ela tivesse machucado você mais do que isso.

— O... — começa Damaya. Ela não consegue fazer mais do que isso.

Schaffa sorri, embora seja um sorriso marcado pelo pesar.

— Algo que você não devia ter visto.

— *O quê?* — Isso requer o esforço de um dez-anéis.

Schaffa pensa por um momento, depois diz:

— Você está ciente de que nós, Guardiões, somos... diferentes.

— Ele dá um sorriso, como que para lembrá-la em que sentido são diferentes. Todos os Guardiões sorriem muito.

Ela aquiesce com a cabeça, muda.

— Há um... procedimento. — Ele solta a mão dela por um instante, toca a parte detrás da própria cabeça, por baixo de onde cai seu longo cabelo preto. — Há uma coisa que é feita para nos tornar o que somos. Um implante. Às vezes dá errado, e então deve ser retirado, como você viu. — Ele encolhe os ombros. Sua mão direita ainda está coberta de sangue. — As conexões de um Guardião com os orogenes designados a ele pode ajudar a evitar o pior, mas Timay havia permitido que as dela se desgastassem. Uma estupidez.

Um celeiro gelado nas Latmedianas no Norte; um momento de aparente afeição; dois dedos cálidos pressionados contra a base do crânio de Damaya. *Primeiro, o dever*, ele disse naquela época. *Algo que vai me deixar mais confortável.*

Damaya passa a língua pelos lábios.

— E-ela estava. Dizendo coisas. Não faziam. Sentido.

— Eu ouvi um pouco do que ela disse.

— Ela não era. *Ela mesma.* — Agora é Damaya quem está dizendo coisas sem sentido. — Ela não era mais a pessoa que era. Quero dizer, era outra pessoa. Falando como se... outro alguém

estivesse lá. — Em sua cabeça. Em sua boca, falando através dela.  
— Ela ficava falando de um soquete. E sobre ele estar irritado.

Schaffa inclina a cabeça.

— O Pai Terra, claro. É uma alucinação comum.

Damaya pisca. O quê? *Está irritado*. O quê?

— E você está certa; Timay não era mais ela mesma. Sinto muito que ela tenha machucado você. Sinto muito que tenha visto isso. Sinto muito mesmo, pequenina. — E há um pesar tão genuíno em sua voz, tanta compaixão em seu rosto, que Damaya faz o que não fazia desde certa noite fria e escura em um celeiro das Latmedianas do Norte: ela começa a chorar.

Depois de um instante, Schaffa se levanta e contorna a mesa e a pega, sentando-se na cadeira e deixando que ela se encolha em seu colo para chorar em seu ombro. Há uma ordem para a vida no Fulcro, sabe, e é esta: se a pessoa não os desagradou, os Guardiões são a coisa mais próxima à segurança que um rogga jamais terá. Então Damaya chora por um bom tempo... Não só por conta do que viu esta noite. Ela chora porque tem estado indizivelmente sozinha, e Schaffa... Bem, Schaffa a ama, do seu modo afetuoso e assustador. Ela não presta atenção à marca vermelha que a sua mão direita deixa no quadril dela, ou à pressão dos seus dedos... dedos fortes o bastante para matar... contra a base do crânio dela. Tais detalhes são irrelevantes no grande esquema das coisas.

No entanto, quando a tempestade de choro se acalma, Schaffa passa a mão limpa nas costas dela.

— Como está se sentindo, Damaya?

Ela não levanta a cabeça do ombro dele. Ele tem cheiro de suor e couro e ferro, coisas que ela sempre associará a conforto e medo.

— Estou bem.

— Ótimo. Preciso que faça algo por mim.

— O quê?

Ele dá um aperto suave nela, encorajando-a.

— Vou levá-la corredor abaixo para um dos tormentos, e lá você enfrentará o primeiro teste de anel. Preciso que passe por mim.

Damaya pisca, franzindo a testa, e ergue a cabeça. Ele sorri para ela, afetosamente. Com isso ela entende, em um lampejo de

intuição, que isso é um teste que abrange mais do que a sua orogenia. Afinal, a maioria dos roggas fica sabendo do teste com antecedência, de modo que possa praticar e se preparar. Isso está acontecendo com ela agora, sem aviso, porque é sua única chance. Ela se mostrou desobediente. Não confiável. Devido a isso, Damaya também precisará se mostrar útil. Se ela não conseguir...

— Preciso que viva, Damaya. — Schaffa encosta sua testa na dela. — Minha pequena compassiva. Minha vida está tão cheia de morte. Por favor, passe no teste por mim.

Há tantas coisas que ela quer saber. O que Timay quis dizer; o que acontecerá com Binof; o que é o *soquete* e por que estava escondido; o que aconteceu com Colapso ano passado. Por que Schaffa está lhe dando toda essa chance. Mas há uma ordem para a vida no Fulcro, e seu lugar dentro dela é não questionar a vontade de um Guardião.

Mas...

Mas...

Mas. Ela vira a cabeça e olha para aquela única gota de seu sangue na mesa.

Isso não está certo.

— Damaya?

*Não está certo*, o que estão fazendo com ela. O que esse lugar faz com todos dentro de suas paredes. O que ele a está obrigando a fazer para sobreviver.

— Vai fazer isso? Por mim?

Ela ainda o ama. Isso também não está certo.

— Se eu passar. — Damaya fecha os olhos. Ela não pode olhar para ele e dizer isso. Não sem deixá-lo ver o *isso não está certo* em seus olhos. — Eu, eu escolhi um nome de rogga.

Ele não a repreende por conta do palavreado.

— Você escolheu mesmo? — Ele parece satisfeito. — Qual? Ela passa a língua pelos lábios.

— Syenite.

Schaffa recosta na cadeira, parecendo pensativo.

— Eu gosto.

— Você gosta?

— Claro que gosto. Você o escolheu, não escolheu? — Ele está rindo, mas de uma maneira boa. Com ela, não dela. — Ela se forma na extremidade de uma placa tectônica. Com o calor e a pressão, ela não se decompõe; em vez disso, fica mais forte.

Ele *entende*. Ela morde o lábio e sente a ameaça de novas lágrimas. Não é certo que ela o ame, mas muitas coisas no mundo não são certas. Então, ela repele as lágrimas e toma uma decisão. Chorar é fraqueza. Chorar era uma coisa que Damaya fazia. Syenite será mais forte.

— Vou fazer isso — responde Syenite em voz baixa. — Vou passar no teste para você, Schaffa. Eu prometo.

— Boa menina — diz Schaffa, e sorri, abraçando-a.



[OCULTADO] AQUELES QUE TRAZEM A TERRA MUITO PARA DENTRO DE SI MESMOS. ELES NÃO SÃO DONOS DE SI MESMOS; NÃO PERMITA QUE TENHAM DOMÍNIO SOBRE OS OUTROS.

— *TÁBUA DOIS, “A VERDADE INCOMPLETA”, VERSÍCULO NOVE*





## 18

### *Você descobre maravilhas lá embaixo*

Ykka leva você para dentro da casa de onde ela e as companheiras saíram. Há poucos móveis ali dentro, e as paredes não têm adornos. Há marcas de arranhões no chão e nas paredes, um cheiro de comida que ainda paira no ar e um velho odor corporal almiscarado; alguém *morava* aqui até recentemente. Talvez até a Estação ter começado. Entretanto, você vê que a casa é apenas uma casca agora, conforme você e os outros passam pela porta de um porão. No final das escadas, você descobre uma grande câmara vazia iluminada somente por tochas de alcatrão vegetal.

É aqui que você começa a perceber que isto é mais do que uma simples comunidade bizarra de pessoas e não pessoas: as paredes do porão são de puro granito. Ninguém extrai granito só para construir um porão e... e você não sabe ao certo se alguém *escavou* isso. Todos param enquanto você vai até uma das paredes e a toca. Você fecha os olhos e *se projeta*. Sim, há a sensação de algo familiar aqui. Algum *rogga* moldou essa parede perfeitamente lisa, usando a vontade e uma concentração mais refinada do que você pode imaginar. (Embora não seja a concentração *mais refinada* que você já sentiu.) Você nunca ouviu falar sobre ninguém fazendo nada desse tipo com orogenia. Não serve para construção.

Virando-se, você vê Ykka observando-a.

— É obra sua?

Ela sorri.

— Não. Essa e as outras entradas escondidas existem há séculos, muito antes de mim.

— As pessoas desta comu têm trabalhado com orogenes esse tempo todo? — Ela havia dito que a comu tinha só cinquenta anos de existência.

Ykka dá risada.

— Não, eu só quis dizer que este mundo já passou por muitas mãos ao longo das Estações. Nem todas elas foram tão estúpidas como as nossas quanto à utilidade dos orogenes.

— Não somos estúpidos a esse respeito agora — você diz. — Todos entendem perfeitamente bem como nos *usar*.

— Aah! — Ikka faz uma careta. — Treinada pelo Fulcro? Os que sobrevivem a isso sempre falam como você.

Você se pergunta quantos orogenes treinados pelo Fulcro essa mulher já conheceu.

— Sim.

— Bem. Agora você vai ver de quantas coisas mais nós somos capazes quando queremos. — E Ykka faz um gesto, indicando uma ampla abertura na parede poucos metros além dela, que você não havia notado em meio ao seu fascínio com a construção do porão. Uma leve corrente de vento entra no porão, vinda de lá. Também há três pessoas vagando pela boca da abertura, observando você com expressões variadas de hostilidade, cautela, graça. Não estão carregando nenhuma arma (essas estão escoradas contra a parede) e não chamam a atenção nesse sentido, mas você percebe que são os guardas de portão que essa comu deveria ter, para o portão que essa comu não tem. Aqui, neste porão.

A loira conversa baixinho com um dos guardas; isso enfatiza ainda mais o quanto ela é pequena, trinta centímetros mais baixa e provavelmente uns 45 quilos mais magra do que o menor deles. Suas ancestrais de fato deveriam ter lhe feito um favor e dormido com um ou dois sanzeds. De qualquer forma, você então avança e os guardas ficam para trás, dois deles se sentando em cadeiras próximas, o terceiro subindo as escadas, presumivelmente para ficar vigiando de dentro da parte de cima dos prédios vazios.

Você muda de paradigma então: o povoado abandonado lá em cima é o muro da comu. Camuflagem em vez de barreira.

Mas camuflagem para quê? Você segue Ykka pela abertura e para a escuridão além dela.

— O centro deste lugar sempre foi aqui — ela explica enquanto você desce por um longo túnel escuro que poderia ser um poço de mina abandonado. Há trilhos para carrinhos, embora estejam tão velhos e tenham afundado tanto na pedra granulosa que você não consegue vê-los. Apenas sulcos desajeitados debaixo dos seus pés. As proteções de madeira do túnel parecem velhas, bem como as arandelas que sustentam as luzes elétricas penduradas por fios; elas parecem ter sido feitas originalmente para comportar tochas de madeira e foram modernizadas por um grande geoneiro. As luzes ainda funcionam, o que significa que a comu têm sistemas geo ou hidro ou ambos operando; já está em melhores condições que Tirimo. O poço também está quente, mas você não vê nenhum dos canos de aquecimento habituais. Ele simplesmente está aquecido, e vai ficando mais quente conforme você desce pelo chão suavemente inclinado.

— Eu disse a você que há minas na região. Foi dessa maneira que encontraram estas antigamente. Alguém quebrou uma parede que não devia ter quebrado e acabou esbarrando em um labirinto inteiro de túneis que ninguém sabia que estava ali. — Ykka fica em silêncio por um longo instante conforme o poço se alarga, e todos vocês descem uma série de degraus de metal que parecem perigosos. Há muitos deles. Parecem velhos também... e, no entanto, estranhamente, o metal não parece envelhecido nem enferrujado. Está liso e brilhante e inteiro. Os degraus não estão nem um pouco instáveis.

Depois de um tempo você percebe, um tanto tarde, que a comedora de pedra ruiva sumiu. Ela não seguiu vocês para dentro do poço. Ykka parece não notar, então você toca o braço dela.

— Onde está sua amiga? — Embora você meio que saiba.

— Minha... Ah, aquela lá. Mover-se do jeito como nós nos movemos é difícil para eles, então eles têm as próprias maneiras de andar por aí. Inclusive maneiras que eu jamais teria imaginado. — Ela dá uma olhada em Hoa, que desceu os degraus com você. Ele

devolve um olhar frio para ela, e ela expira, dando risada. — Interessante.

Ao final dos degraus, há outro túnel, embora pareça diferente por algum motivo. Curvo no alto em vez de quadrado, e as sustentações são algum tipo de colunas de pedra espessas e prateadas, que se arqueiam a partir de certo ponto das paredes até em cima, como costelas. Você quase pode sentir a idade desses corredores através dos poros da sua pele.

Ykka recomeça.

— É sério, todo o leito de rocha nessa área está cheio de túneis e intrusões, minas sobre minas. Uma civilização após a outra construindo sobre o que veio antes.

— Aritussid — diz Tonkee. — Jyamaria. Os estados Ottey do Sul.

Você ouviu falar de Jyamaria através da história que costumava ensinar na creche. Era o nome de uma nação vasta, a que deu início ao sistema de estradas que Sanze aprimorou, e que um dia se estendeu sobre a maior parte do que hoje são as Latmedianas do Sul. Ela se extinguiu mais ou menos dez Estações atrás. O resto dos nomes são provavelmente os daquelas outras civextintas; esse parece o tipo de coisa com que os geomestas se importariam, mesmo que ninguém mais se importe.

— Perigoso — você diz enquanto tenta não deixar tão evidente o seu desconforto. — Se a rocha aqui estiver muito comprometida...

— Sim, sim. Embora seja um risco com qualquer atividade de mineração, tanto por conta de incompetência quanto por conta de tremores.

Tonkee fica virando e virando enquanto anda, assimilando tudo e ainda assim não trombando em ninguém; incrível.

— Aquele tremor no norte foi grave a tal ponto que até isto deveria ter vindo abaixo — diz ela.

— Você está certa. Aquele tremor, nós o estamos chamando de Fenda de Yumenes, já que ninguém inventou nome melhor. Foi o pior que o mundo já viu em séculos. — Ykka encolhe os ombros e olha de volta para você. — Mas, claro, os túneis não desabaram porque eu estava aqui. Eu não os *deixei* cair.

Você aquiesce lentamente. Não é diferente do que você fez por Tirimo, exceto pelo fato de que Ykka deve ter tomado o cuidado de

proteger mais do que apenas a superfície. De qualquer forma, a área deve ser relativamente estável, ou esses túneis teriam desabado séculos atrás.

Mas você diz:

— Você não estará por perto para sempre.

— Quando eu não estiver, outra pessoa fará isso. — Ela dá de ombros. — Como eu disse, há vários de nós aqui agora.

— Sobre essa questão... — Tonkee gira sobre um dos pés e de repente toda a sua atenção está em Ykka. Ykka dá risada.

— Você é meio que obcecada, não é?

— Na verdade, não. — Você suspeita que Tonkee ainda esteja simultaneamente tomando notas das sustentações e da composição da parede, contando os seus passos, o que quer que seja, tudo enquanto fala.

— Então, como você está fazendo isso? Atraindo os orogenes para cá.

— Atraindo? — Ykka chacoalha a cabeça. — Não é tão sinistro. É difícil de descrever. Tem uma... uma coisa que eu faço. Como... — Ela se cala.

E, de repente, você tropeça enquanto está andando. Não há nenhuma obstrução no chão. De súbito, simplesmente fica difícil andar em linha reta, como se o chão houvesse desenvolvido uma inclinação invisível para baixo. Em direção a Ykka.

Você para e a encara. Ela para também, virando-se para sorrir para você.

— Como você está fazendo isso? — você questiona.

— Eu não sei. — Ela faz um gesto largo com os braços ao ver seu olhar de incredulidade. — É só uma coisa que eu tentei alguns anos atrás. E não muito depois que eu comecei a fazer isso, um homem veio para a cidade e disse que me sentiu a quilômetros de distância. Depois apareceram duas crianças; elas nem perceberam a que estavam reagindo. Depois outro homem. Eu continuei fazendo isso desde então.

— Fazendo o quê? — pergunta Tonkee, olhando de você para Ykka.

— Somente roggas sentem — explica Ykka, embora a essa altura você o tenha compreendido por conta própria. Então ela olha

para Hoa, que está observando vocês duas, completamente imóvel.  
— E eles, eu percebi mais tarde.

— Sobre essa questão... — diz Tonkee de forma brusca.

— Pelos fogos da Terra e pelos baldes de ferrugem, você faz perguntas demais. — Isso vem da loira, que chacoalha a cabeça e gesticula para todos vocês continuarem andando.

Ouvem-se leves ruídos ocasionais mais à frente agora, e o ar se move de modo perceptível. Mas como isso é possível? Vocês devem estar um quilômetro abaixo, talvez o dobro disso. A brisa é cálida e marcada por cheiros que você quase já esqueceu após semanas respirando enxofre e cinzas através de uma máscara. Um pouco de comida sendo preparada aqui, uma lufada de lixo se deteriorando ali, um sopro de madeira se queimando. Pessoas. Você sente o cheiro de pessoas. Muitas delas. E há uma luz, não muito mais forte do que os fios de lâmpadas elétricas ao longo das paredes, bem à frente.

— Uma comu *subterrânea*? — Tonkee diz o que você está pensando, embora ela pareça mais cética. (Você sabe mais sobre coisas impossíveis do que ela.) — Não, ninguém é tão estúpido.

Ykka apenas dá risada.

Então, conforme a luz peculiar começa a iluminar o poço ao seu redor e o ar se movimenta mais rápido e o barulho aumenta, há um lugar onde o túnel se abre e se torna uma ampla saliência com um parapeito de metal para segurança. Um mirante pitoresco, porque algum geoneiro ou Inovador entendeu exatamente como os recém-chegados reagiriam. Você faz exatamente o que aquele projetista de tempos remotos pretendia: você observa de boca aberta, em estado de abjeto assombro.

É um *geodo*. Você consegue sentir isso, o modo como a rocha à sua volta se transforma de maneira abrupta em outra coisa. O pedregulho no riacho, a deformação na trama; incontáveis eras atrás uma bolha se formou em um fluxo de mineral derretido dentro do Pai Terra. Dentro desse bolsão, alimentados por incompreensíveis pressões e banhados em água e fogo, cresceram cristais. Este é do tamanho de uma cidade.

Que provavelmente é a razão pela qual *alguém construiu uma cidade neste aqui*.

Você está diante de uma vasta caverna abobadada que está cheia de colunas de cristal brilhante do tamanho de troncos de árvores. *Grandes* troncos de árvores. Ou de prédios. Grandes prédios. Elas se projetam das paredes em amontoados completamente aleatórios: diferentes comprimentos, diferentes circunferências, algumas brancas e translúcidas e umas poucas enfumaçadas ou com tons de roxo. Algumas são curtas e grossas, suas extremidades pontudas terminando apenas poucos metros das paredes que lhes deram origem, mas muitas se estendem de um dos lados da caverna a uma distância indistinta. Elas formam escoras e sendas íngremes demais para escalar, seguindo direções que não fazem sentido. É como se alguém encontrasse uma arquiteta, fizesse com que ela construísse uma cidade com os materiais mais belos à disposição, depois colocasse todos esses prédios em uma caixa e os embaralhasse por brincadeira.

E eles estão definitivamente morando nela. Conforme observa, você nota estreitas pontes de corda e plataformas de madeira por toda parte. Há fios pendurados com lampiões elétricos, cordas e roldanas fazendo pequenos carregamentos de uma plataforma para a outra. À distância, um homem desce uma escada de madeira construída em torno de uma titânica coluna inclinada de cristal branco. Duas crianças brincam no chão bem mais embaixo, entre cristais curtos e grossos do tamanho de casas.

Na verdade, alguns dos cristais são casas. Há buracos cortados neles... portas e janelas. Você consegue ver pessoas andando de um lado para o outro dentro de algumas delas. Sai uma fumaça que se encrespa dos buracos de chaminé cortados em extremidades pontudas de cristal.

— Pelas crueldades da Terra devoradora — você sussurra.

Ykka está de pé com as mãos no quadril, observando sua reação com algo semelhante a orgulho em seu semblante.

— Não fomos nós que fizemos a maior parte disso — ela admite.

— As adições recentes, as pontes mais novas, sim, mas a escavação do poço já havia sido feita. Não sabemos como conseguiram fazer isso sem estilhaçar os cristais. As passarelas que são feitas de metal... são a mesma coisa que os degraus nos túneis pelos quais acabamos de passar. Os geoneiros não fazem ideia de

como foram feitos; meta-sabedoristas e alquimistas têm orgasmos quando veem isso. Há mecanismos lá em cima... — Ela aponta em direção ao teto da caverna, que mal dá para ver, centenas de metros acima de suas cabeças. Você mal a escuta, sua mente entorpecida, seus olhos começando a doer de olhar sem piscar. — ...que bombeiam o ar de má qualidade para uma camada de terra porosa que o filtra e o dispersa de volta na superfície. Outras bombas trazem ar de boa qualidade para dentro. Há mecanismos do lado de fora do geodo que desviam água de uma fonte termal subterrânea distante, por meio de uma turbina que nos dá energia elétrica (demorou anos para entender essa parte), e também traz a água para o uso cotidiano. — Ela suspira. — Mas, para ser bastante sincera, não sabemos como funciona metade das coisas que encontramos aqui. Tudo isso foi construído há muito tempo. Muito antes de o Velho Sanze existir.

— Os geodos são instáveis uma vez que suas crostas se rompem. — Até Tonkee parece desconcertada. Olhando de lado, você percebe que ela está parada pela primeira vez desde que você a conheceu. — Nem ao menos faz sentido pensar em construir dentro de um deles. E por que os cristais estão *brilhando*?

Ela está certa. Estão brilhando.

Ykka encolhe os ombros, cruzando os braços.

— Não faço ideia. Mas as pessoas que construíram queriam que resistisse, mesmo a um tremor, então fizeram coisas com o geodo para se certificar de que sobrevivesse. E sobreviveu... mas *eles* não. Quando as pessoas de Castrima o encontraram, estava cheio de esqueletos, alguns tão velhos que se transformaram em pó assim que tocamos neles.

— Então, os antepassados da sua comu decidiram trazer todo mundo para morar dentro do gigantesco artefato de uma civextinta que matou as últimas pessoas que correram esse risco — você fala de forma arrastada. Mas o sarcasmo no seu comentário é fraco. Você está chocada demais para conseguir de fato acertar o tom. — Claro. Por que *não* repetir um erro colossal?

— Acredite em mim, este tem sido um debate contínuo. — Ykka suspira e se recosta no parapeito, o que faz você se contrair. É uma longa descida se ela escorregar, e alguns dos cristais no assoalho



do geodo parecem afiados. — Ninguém estava disposto a morar aqui por muito tempo. Castrima usava este lugar e os túneis que traziam a ele como esconderijo de provisões, embora nunca para produtos essenciais como alimentos e remédios. Mas, em todo esse tempo, nunca houve sequer uma rachadura nas paredes, mesmo depois de tremores. Além do mais, fomos convencidos pela história: a comu que controlava esta área durante a última Estação... uma comu de verdade, uma comu em si, com muros e tudo... foi invadida por um grupo de sem-comu. A comu inteira foi completamente queimada, todas as suas provisões vitais foram levadas. Os sobreviventes tinham uma escolha entre se mudar para cá ou tentar sobreviver lá em cima, sem aquecimento nem muros e com todos os grupos de carniceiros ao redor concentrando-se nos alvos fáceis que sobraram. Então, eles nos precederam.

*Necessidade é a única lei*, diz o Saber das Pedras.

— Não que tenha dado certo. — Ykka se endireita e gesticula para vocês a seguirem outra vez. Todos começam a descer uma larga rampa plana que se inclina levemente em direção ao assoalho da caverna. Só tardiamente você percebe que é um cristal, e você está descendo por um de seus lados. Alguém pavimentou a coisa com concreto para tração, mas, depois da beirada da faixa cinza, você consegue ver um leve brilho branco. — A maioria das pessoas que se mudaram para cá durante aquela Estação morreu também. Eles não conseguiram fazer funcionar o mecanismo do ar; ficar aqui por mais do que alguns dias seguidos significava sufocamento. E não tinham nenhum alimento, então, embora estivessem aquecidos, seguros e tivessem bastante água, a maioria deles morreu de fome antes que o sol retornasse.

É uma história antiga, renovada apenas pelo cenário singular. Você aquiesce, distraída, tentando não tropeçar enquanto sua atenção se volta para um homem atravessando a caverna suspenso por uma roldana e um cabo, a bunda dele confortavelmente acomodada em um laço de corda. Ykka faz uma pausa para acenar; o homem acena de volta e continua deslizando.

— Os sobreviventes desse pesadelo deram início a esse entreposto comercial que acabou por se tornar Castrima. Transmitiram histórias sobre este lugar, mas, ainda assim, ninguém

queria morar aqui... até a minha bisavó perceber por que os mecanismos não funcionavam. Até *ela* fazê-los funcionar simplesmente passando por aquela entrada. — Ykka faz um gesto, apontando para o caminho por onde vocês vieram. — Funcionou comigo também quando vim aqui embaixo pela primeira vez.

Você para. Todos continuam sem você por um instante. Hoa é o primeiro a notar que você não está seguindo. Ele se vira e olha para você. Há algo de cauteloso na expressão dele que não estava lá antes, você percebe distraidamente em meio ao horror e ao espanto. Mais tarde, quando houver tido tempo de você superar isso, você e ele terão uma conversa. Agora há considerações mais importantes.

— Os mecanismos — você diz. Sua boca está seca. — Eles funcionam à base de *orogenia*.

Ykka concorda com a cabeça, dando um meio-sorriso.

— É o que os geoneiros pensam. Claro, o fato de que tudo está funcionando agora torna a conclusão óbvia.

— Isso é... — Você procura pelas palavras, não consegue. — *Como?*

Ykka dá risada, balançando a cabeça.

— Não faço ideia. Simplesmente funciona.

Isso, mais do que qualquer outra coisa que ela mostrou, deixa você apavorada.

Ykka suspira e coloca as mãos no quadril.

— Essun — diz ela, e você se contrai. — Esse é o seu nome, certo?

Você passa a língua pelos lábios.

— Essun Resis... — E então você para. Porque estava prestes a dar o nome que deu às pessoas em Tirimo durante anos, e esse nome é uma mentira. — Essun — você diz outra vez, e para aí. Uma mentira restrita.

Ykka olha para os seus companheiros.

— Tonkee Inovadora Dibars — diz Tonkee. Ela lança um olhar quase constrangido para você, depois olha para os próprios pés.

— Hoa — diz Hoa. Ykka o observa por um pouco mais de tempo, como se esperasse mais, mas ele não oferece nada.

— Muito bem. — Ykka abre os braços, como que para abranger o geodo inteiro; ela olha para todos vocês com o queixo erguido, quase em desafio. — Isto é o que estamos tentando fazer em Castrima: sobreviver. O mesmo que todos. Só estamos dispostos a *innovar* um pouco. — Ela inclina a cabeça em direção a Tonkee, que dá uma risadinha nervosa. — Podemos todos morrer fazendo isso, mas, pelas ferrugens, talvez isso aconteça de qualquer forma; é uma Estação.

Você passa a língua pelos lábios.

— Podemos partir?

— O que ferrugens você quer dizer, se podemos partir? Mal tivemos tempo de explorar... — Começa Tonkee, parecendo irritada, e então abruptamente ela percebe o que você quis dizer. O rosto pálido dela fica ainda mais lívido. — Ah.

O sorriso de Ykka é afiado como um diamante.

— Bem, você não é idiota, isso é bom. Venha. Temos algumas pessoas a encontrar.

Ela acena para vocês seguirem de novo, retomando a caminhada rampa abaixo, e não responde a sua pergunta.



NA PRÁTICA, DESCOBRIU-SE QUE OS SENSAPINAE, ÓRGÃOS EMPARELHADOS QUE SE LOCALIZAM NA BASE DO TRONCO CEREBRAL, SÃO SENSÍVEIS A MUITO MAIS COISAS DO QUE MOVIMENTOS SÍSMICOS LOCAIS E PRESSÃO ATMOSFÉRICA. EM TESTES, OBSERVARAM-SE REAÇÕES À PRESENÇA DE PREDADORES, ÀS EMOÇÕES DOS OUTROS, A DISTANTES EXTREMOS DE CALOR OU FRIO E AO MOVIMENTO DE OBJETOS CELESTIAIS. O MECANISMO DESSAS REAÇÕES NÃO PODE SER DETERMINADO.

— *NANDVID INOVADOR MURKETTSI, “OBSERVAÇÕES DA VARIAÇÃO SENSUNAL EM INDIVÍDUOS SUPER-DESENVOLVIDOS”, COMU DE APRENDIZADO EM BIOMESTRIA DA SÉTIMA UNIVERSIDADE. AGRADECEMOS AO FULCRO PELA DOAÇÃO DE CADÁVERES.*



## 19

### *Syenite na expectativa*

Eles estão em Meov há três dias quando algo muda. Syenite passou esses três dias sentindo-se bastante deslocada, em mais de um sentido. O primeiro problema é que ela não sabe falar a língua, que, segundo Alabaster lhe diz, chama-se etúrpico. Várias comus costeiras ainda a falam como língua nativa, embora a maioria das pessoas também aprenda sanze-mat com o objetivo de negociar. A teoria de Alabaster é a de que as pessoas das ilhas são, em grande parte, descendentes dos costeiros, o que parece bem óbvio, dada a cor predominante e o usual cabelo enrolado, mas, já que eles fazem ataques em vez de negócios, não tinham necessidade de manter o sanze-mat. Ele tenta lhe ensinar etúrpico, mas ela não está exatamente com ânimo para “aprender algo novo”. Isso se deve ao segundo problema, que Alabaster ressaltava quando eles têm tempo suficiente para se recuperar de suas labutas: não há como partir. Ou melhor, eles não têm aonde ir.

— Se os Guardiões tentaram nos matar uma vez, vão tentar de novo — explica ele. Isso acontece enquanto caminham por uma das áridas elevações da ilha; é a única maneira de conseguirem alguma privacidade de fato, uma vez que, caso contrário, hordas de crianças os seguem e tentam imitar os estranhos sons do sanze-mat. Há muito a fazer aqui, as crianças estão na creche na maioria

das noites, depois que todos terminaram de pescar e pegar caranguejos e afins, mas fica claro que não há muita diversão.

— Sem saber o que fizemos para provocar a ira dos Guardiões — continua Alabaster —, seria loucura voltar ao Fulcro. Pode ser que não consigamos sequer passar pelos portões antes que alguém lance outra faca de interrupção.

O que é óbvio, agora que Syenite pensa sobre o assunto. No entanto, há outra coisa que é óbvia, sempre que ela olha para o horizonte e vê a coluna de fumaça que é o que sobrou de Allia.

— Eles acham que estamos mortos. — Ela desgruda os olhos daquela coluna, tentando não imaginar o que deve ter acontecido com aquela pequena comu litorânea de que ela se lembra. Todos os alarmes de Allia, todos os seus preparos, foram formulados em torno da ideia de sobreviver a um tsunami, não ao vulcão que obviamente, impossivelmente, ocorreu em seu lugar. Coitada de Heresmith. Nem mesmo Asael merecia a morte que provavelmente teve.

Ela não consegue pensar nessa questão. Em vez disso, concentra-se em Alabaster.

— É disso que está falando, não é? Estar morto em Allia nos permite estar vivos e livres aqui.

— Exatamente! — Agora Alabaster está sorrindo, praticamente dançando no lugar. Ela nunca o viu tão entusiasmado antes. É como se ele não estivesse sequer ciente do preço que foi pago pela liberdade deles... Ou talvez ele simplesmente não se importe. — Quase não há contato com o continente aqui e, quando há, não é exatamente amigável. Os Guardiões que nos foram designados conseguem nos sensor se estiverem perto o bastante, mas ninguém da espécie deles jamais virá para cá. Essas ilhas nem sequer estão em muitos mapas! — Então ele fica sério. — Mas, no continente, seria impossível escapar do Fulcro. Todos os Guardiões ao leste de Yumenes vão bisbilhotar as ruínas de Allia em busca de pistas da nossa sobrevivência. Eles provavelmente estão espalhando cartazes com os nossos retratos entre a Patrulha das Estradas Imperiais e as milícias de distritantes da região. Suponho que serei representado como Misalem renascido, e você como minha

cúmplice solícita. Ou, talvez, você enfim consiga um pouco de respeito e eles decidam que você é o cérebro.

Pois é.

Mas ele tem razão. Com uma comu destruída de uma forma tão terrível, o Fulcro precisará de bodes expiatórios a quem culpar. Por que não os dois roggas que estavam no local, que deveriam ser mais do que qualificados o suficiente para conter qualquer acontecimento sísmico entre eles? A destruição de Allia representa uma traição de tudo o que o Fulcro promete à Quietude: orogenes domesticados e obedientes, segurança contra os piores tremores e impactos. Libertação do medo, pelo menos até chegar a próxima Quinta Estação. Claro que o Fulcro os difamará de todas as maneiras possíveis porque, caso contrário, as pessoas demolirão seus muros de obsidiana e massacrarão todos ali dentro, até o menor dos grãos.

Não ajuda em nada a gravidade da situação em Allia o fato de que Syen consegue sentir, agora que seus sensapinae não estão mais dormentes. Está na extremidade de sua consciência, o que é uma surpresa em si; por algum motivo, ela consegue alcançar muito mais longe agora do que conseguia antes. No entanto, está claro: na superfície plana da extremidade leste da placa Máxima, surgiu um poço que se projeta para baixo e para baixo e *para baixo* até o manto do planeta. Syen não consegue sentir além desse ponto, e não precisa, pois sabe dizer o que criou esse poço. Suas beiradas são hexagonais, e ele tem exatamente a mesma circunferência que o obelisco granada.

E Alabaster está *muito contente*. Ela poderia odiá-lo só por isso.

O sorriso dele desvanece quando vê o rosto dela.

— Pelas crueldades da Terra, você nunca fica feliz?

— Eles vão nos achar. Nossos Guardiões conseguem nos rastrear.

Ele nega com a cabeça.

— A minha não. — Você se lembra de o estranho Guardião em Allia comentar isso. — Quanto ao seu, quando a sua orogenia foi anulada, ele perdeu você. A anulação corta tudo, sabe, não apenas as suas habilidades. Ele precisará tocá-la para a conexão funcionar de novo.

Você não fazia ideia.

— Mas ele não vai parar de procurar.

Alabaster faz uma pausa.

— Você gostava tanto assim de estar no Fulcro?

A pergunta a deixa perplexa e ainda mais irritada.

— Pelo menos lá eu podia ser eu mesma. Não tinha que esconder o que sou.

Ele aquiesce lentamente, algo em sua expressão mostrando-lhe que ele entende muito bem o que ela está sentindo.

— E o que você é quando está lá?

— *Vai. Se. Foder* — De repente, ela fica brava demais para saber por que está brava.

— Eu fodi. — Seu sorriso malicioso faz o rosto dela arder tanto quanto Allia deve estar ardendo. — Lembra? Nós fodemos só a Terra sabe quantas vezes, apesar de não nos suportarmos, por ordem de outras pessoas. Ou você se convenceu de que queria aquilo? Você precisava tanto assim de um pinto, de qualquer pinto, mesmo do meu, medíocre e entediante?

Ela não responde com palavras. Não está mais pensando nem falando. Está na terra, e a terra está reverberando com a sua fúria, ampliando-a; a espiral que ela materializa à sua volta é alta e estreita e deixa um anel de frio de 2,5 centímetros tão intenso que o ar assobia e embranquece por um instante. Ela vai congelá-lo até transformá-lo inteiro no próprio Ártico.

Mas Alabaster só suspira e se dobra um pouco, e a espiral dele desmancha a dela com tanta facilidade quanto a de dedos apagando uma vela. É delicado perto do que ele poderia fazer. Mas a profundidade de ter sua fúria acalmada com tanta rapidez e tanto poder a fazem cambalear. Ele dá um passo à frente como que para ajudá-la, e ela desvia com um grunhido fraco. Ele se afasta de imediato, erguendo as mãos como que pedindo trégua.

— Sinto muito. — Ele parece verdadeiramente sentir, então ela não vai embora irada naquele exato momento. — Eu só estava tentando me fazer entender.

Ele fez. Não que ela não soubesse antes: que ela é uma escrava, que todos os roggas são escravos, que a segurança e a sensação de valor próprio que o Fulcro oferece está envolto na

corrente do seu direito de viver, e até mesmo do direito de controlar seu próprio corpo. Saber disso, admitir isso para si mesmo, é uma coisa, mas é um tipo de verdade que nenhum deles usa contra os outros, nem para se fazer entender, porque fazê-lo é cruel e desnecessário. É por isso que ela odeia Alabaster: não porque ele é mais poderoso, nem mesmo porque é louco, mas porque se recusa a lhe permitir qualquer uma das ficções corteses e verdades veladas que a mantiveram confortável e segura durante anos.

Eles se entreolham por mais um instante, então Alabaster balança a cabeça e se vira para ir embora. Syenite vai atrás, porque de fato não há nenhum outro lugar aonde ir. Eles voltam para o nível das cavernas. Enquanto descem as escadas, Syenite não tem escolha a não ser encarar o terceiro motivo pelo qual se sente tão deslocada em Meov.

Flutuando agora no porto da comu está um enorme e gracioso veleiro (talvez uma fragata, talvez um galeão, ela não sabe distinguir nenhuma dessas duas palavras de *barco*) que faz todos os outros barcos menores juntos parecerem miniaturas. Seu casco é de uma madeira tão escura que é quase preta, remendado com madeira mais clara aqui e ali. Suas velas são de lona de um tom amarelo-acastanhado, também bastante remendadas e desbotadas pelo sol e manchadas pela água... E, no entanto, de algum modo, apesar das manchas e dos remendos, o navio como um todo é estranhamente belo. É chamado de *Clalsu*, ou pelo menos é o que parece a palavra aos seus ouvidos, e ele voltou dois dias depois que Syenite e Alabaster chegaram a Meov. A bordo estava boa parte dos adultos sadios da comu, e muitos dos ganhos ilegais resultantes da atividade predatória de várias semanas ao longo das rotas marítimas costeiras.

O *Clalsu* também trouxe a Meov o seu capitão... o braço direito do chefe, na verdade, que só é o braço direito devido ao fato de que ele passa mais tempo longe da ilha do que nela. Caso contrário, Syen teria sabido, no instante em que esse homem desceu pela prancha de desembarque para saudar a multidão animada, que ele era o verdadeiro líder de Meov, porque ela consegue dizer, mesmo sem entender uma palavra, que todos aqui o amam e o admiram. Innon é o nome dele: Innon Resistente Meov, no linguajar do



continente. Um homem grande, de pele negra como a maioria dos meovitas, com a constituição física mais parecida com a de um Costa-forte do que com a de um Resistente, e com personalidade suficiente para ofuscar qualquer Liderança yumenescense.

Mas não é realmente um Resistente, nem um Costa-forte, nem um Liderança, não que qualquer um desses nomes de uso signifiquem de fato alguma coisa nessa comu que rejeita tantos dos costumes sanzeds. Ele é um orogene. Um selvagem, nascido livre e criado como tal por Harlas, que também é roggas. *Todos* os líderes são roggas aqui. Foi dessa forma que a ilha sobreviveu mais Estações do que eles se deram ao trabalho de contar.

E além desse fato... Bem, Syen não sabe ao certo como lidar com Innon.

Por exemplo, ela o ouve no instante em que eles chegam à caverna da entrada principal da comu. Todos podem ouvi-lo, já que ele fala tão alto dentro das cavernas quanto aparentemente fala quando está no convés do navio dele. Ele não precisa; as cavernas fazem eco até do som mais leve. Simplesmente não é o tipo de homem que se impõe limites, mesmo quando deveria.

Como agora.

— Syenite, Alabaster! — A comu se reuniu em torno das suas fogueiras comunitárias para compartilhar a refeição da noite. Todos estão sentados em bancos de pedra ou de madeira, relaxando e conversando, mas há um grupo grande de pessoas sentadas ao redor de Innon onde ele esteve regalando-os com... alguma coisa. Ele muda para sanze-mat de imediato, entretanto, já que é uma das poucas pessoas na comu que sabem falar o idioma, ainda que com um forte sotaque. — Estive esperando vocês dois. Guardamos boas histórias para vocês. Aqui! — Ele se levanta e os chama com um gesto como se gritar com todas as suas forças não fosse o suficiente para conseguir a atenção deles e como se um homem de dois metros de altura com uma enorme juba de tranças e roupas de três nações diferentes, todas espalhafatosas, fosse difícil de localizar no meio da multidão.

No entanto, Syenite se vê sorrindo quando entra no círculo de bancos onde Innon aparentemente manteve um desocupado só para eles. Outros membros da comu murmuram cumprimentos, que

Syen está começando a reconhecer; por educação, ela tenta balbuciar algo semelhante de volta e tolera as risadinhas deles quando fala errado. Innon sorri para ela e repete a expressão de forma apropriada; ela tenta de novo e vê pessoas acenando afirmativamente à sua volta.

— Excelente — diz Innon de modo tão enfático que ela não consegue deixar de acreditar nele.

Então ele sorri para Alabaster, ao lado dela.

— Você é um bom professor, eu acho.

Alabaster abaixa um pouco a cabeça.

— Na verdade, não. Parece que não consigo fazer meus alunos pararem de me odiar.

— Hmm. — A voz de Innon é baixa e grave e reverbera como o mais profundo dos tremores. Quando ele sorri, é como a ruptura de uma vesícula na superfície, algo luminoso e quente e alarmante, em especial de perto. — Precisamos ver se conseguimos mudar isso, hmm? — E ele olha para Syen, descaradamente mostrando seu interesse e claramente não se importando quando os outros membros da comu dão risadinhas.

Esse é o problema, sabe. Esse homem ridículo, barulhento e vulgar não fez segredo do fato de que *quer* Syenite. E, infelizmente (porque, caso contrário, seria fácil), existe algo nele pelo qual Syen de fato se sente atraída. Sua natureza selvagem, talvez. Ela nunca conheceu alguém como ele.

Acontece que ele parece querer Alabaster *também*. E Alabaster não parece desinteressado.

É um tanto confuso.

Uma vez que conseguiu desconcertar os dois, Innon volta seu charme infinito ao seu povo.

— Bem, aqui estamos nós, com comida em abundância e coisas boas e novas que os outros povos fizeram e compraram. — Ele muda para o etúrpico então, repetindo as palavras para todos; eles riem da última parte, em grande parte porque muitos deles *vêm usando* roupas novas e joias e afins desde que o navio chegou. Depois Innon continua, e Syen não precisa que Alabaster explique que ele está contando uma história para todo mundo... porque Innon faz isso com o corpo todo. Ele se inclina para a frente e fala

mais baixo, e todos ficam atentos a qualquer que seja o momento tenso que ele está descrevendo. Então ele faz mímica de alguém caindo de alguma coisa, e produz o barulho de água respingando ao colocar as mãos em forma de xícara e comprimir o ar entre as palmas. As crianças pequenas que estão ouvindo praticamente se dobram de tanto rir, enquanto as crianças mais velhas dão risadas abafadas e os adultos sorriem.

Alabaster traduz um pouco da história para ela. Ao que parece, Innon está contando a todos sobre o ataque mais recente a uma pequena comu costeira a uns dez dias de viagem ao norte. Syen está ouvindo apenas em parte o que Bas acrescenta, prestando atenção sobretudo aos movimentos do corpo de Innon e imaginando-o realizar movimentos completamente diferentes, até que, de repente, Alabaster para de traduzir. Quando ela enfim percebe, surpresa, ele está com o olhar fixo nela.

— Você o quer? — ele pergunta para ela.

Syen faz uma careta, em grande parte por constrangimento. Ele falou baixo, mas eles estão ali bem ao lado de Innon e, se ele decidir, de súbito, prestar atenção... Bem, e se ele prestar? Talvez tornasse as coisas mais fáceis tratar do assunto às claras. Porém, ela realmente preferiria ter escolha a esse respeito e, como de costume, Alabaster não está lhe dando uma.

— Você não é nem um pouco sutil, não é?

— Não, não sou. Responda.

— E daí? Isso é algum tipo de desafio? — Porque ela viu o modo como Alabaster olha para Innon. É quase bonitinho ver um homem de quarenta anos corar e gaguejar como uma virgem. — Quer que eu recue?

Alabaster se encolhe e parece quase magoado. Depois franze a testa, como que confuso pela própria reação, assim como ela, e se afasta um pouco. Ele entorta um pouco a boca quando murmura:

— Se eu dissesse sim, você faria isso? Faria mesmo?

Syenite pisca. Bem, ela sugeriu. Mas será que faria? De repente, ela não sabe.

Mas, quando ela não consegue responder, o semblante de Alabaster se contorce de frustração. Ele resmunga algo que poderia ser “deixe para lá”, então se levanta e sai do círculo onde a história

está sendo contada, tomando o cuidado de não incomodar nenhuma outra pessoa enquanto vai embora. Isso significa que Syenite perde a capacidade de acompanhar a história, mas tudo bem. É um prazer observar Innon mesmo sem palavras e, já que não precisa prestar atenção na história, ela pode levar em consideração a pergunta de Alabaster.

Depois de um tempo, a história termina e todos batem palmas; quase de imediato surgem pedidos para contar outra. Em meio ao aglomerado geral, enquanto as pessoas se levantam para pegar uma segunda porção da imensa caçarola de camarão temperado, arroz e bexiga-do-mar defumada, que é a refeição de hoje, Syenite decide ir encontrar Alabaster. Ela não sabe ao certo o que vai dizer, mas... Bem, ele merece algum tipo de resposta.

Ela o encontra na casa deles, onde está encolhido em um canto do grande cômodo vazio, a uns poucos metros da cama de algas marinhas secas e peles curtidas na qual eles têm dormido. Ele não se deu ao trabalho de acender as lamparinas; ela o distingue como um borrão mais escuro em contraste com as sombras.

— Vá embora — diz ele de modo brusco quando ela entra no quarto.

— Eu também moro aqui — responde ela de maneira abrupta. — Vá para algum outro lugar se quiser chorar ou fazer o que estiver fazendo. — Pela Terra, ela espera que ele não esteja chorando.

Ele dá um suspiro. Não parece que ele está chorando, embora esteja com as pernas dobradas e os cotovelos apoiados no joelho e a cabeça meio enterrada nas mãos. Poderia estar.

— Syen, você tem um coração tão duro.

— Você também, quando quer.

— Eu *não* quero. Não sempre. Pelas ferrugens, Syen, você nunca se *cansa* de tudo isso? — Ele se remexe um pouco. Os olhos dela se adaptaram ao escuro e ela vê que ele está olhando para ela. — Você nunca sente vontade de... de ser humana?

Ela entra na casa e se recosta contra a parede perto da porta, cruzando os braços e os tornozelos.

— Não somos humanos.

— Nós. Somos. Sim. — A voz dele se torna impetuosa. — Eu não ligo a mínima para o que o conselho não-sei-que-enésimo dos

grandes peidorreiros importantes declarou, nem para o modo como os geomestras classificam as coisas, nem para nada disso. A ideia de que não somos humanos é apenas uma mentira que eles contam a si mesmos para não ter que se sentir mal pela forma como nos tratam...

Isso também é algo que todos os roggas sabem. Só Alabaster é vulgar o bastante para dizer em voz alta. Syenite suspira e encosta a cabeça na parede.

— Se você o quiser, seu idiota, diga a ele. Você pode ficar com ele. — E, simples assim, a pergunta dele foi respondida.

Alabaster cala-se no meio de um discurso inflamado, encarando-a.

— Você também o quer.

— Sim. — Não lhe custa nada dizer isso. — Mas, por mim, tudo bem se... — Ela encolhe um pouco os ombros. — Sim.

Alabaster respira fundo uma vez, depois outra. Depois uma terceira vez. Ela não faz ideia do que nada disso significa.

— Eu deveria fazer a mesma oferta que você acabou de fazer — diz ele, enfim. — Fazer o que é nobre, ou pelo menos fingir fazê-lo. Mas eu... — Em meio às sombras, ele se curva mais, apertando os braços ao redor dos joelhos. Quando ele fala outra vez, mal se pode ouvir sua voz. — É que faz tanto tempo, Syen.

Que ele não tem um amante, claro. Que ele não tem um amante que queira.

As risadas vêm do centro da caverna onde todos se reúnem, e agora as pessoas estão andando pelos corredores, conversando e dispersando-se por aquela noite. Ambos podem ouvir a voz forte de Innon ressoando não muito longe; mesmo quando ele está tendo uma conversa normal, praticamente todos conseguem ouvi-lo. Ela espera que ele não seja do tipo que grita muito na cama.

Syen respira fundo.

— Quer que eu vá buscá-lo? — E só para esclarecer, ela acrescenta: — Para você?

Alabaster fica em silêncio por um instante. Ela pode sentir que ele a está encarando, e há algum tipo de pressão emocional no quarto que ela não consegue interpretar muito bem. Talvez ele esteja ofendido. Talvez esteja tocado. Que as ferrugens a levem se

algum dia conseguir entendê-lo... E que as ferrugens a levem se souber por que está fazendo isso.

Então ele aquiesce, passa uma das mãos pelo cabelo e abaixa a cabeça.

— Obrigado. — As palavras são quase frias, mas ela conhece esse tom porque já o usou. Todas as vezes que precisou se agarrar à sua dignidade à unha e com a respiração contida.

Depois ela sai e segue o som, encontrando enfim Innon perto da fogueira comunitária em uma conversa profunda com Harlas. Todo mundo se foi a essa altura, e a caverna ecoa em constantes zumbidos sobrepostos de bebês inquietos lutando contra o sono, risadas, conversas e o rangido oco dos barcos no cais lá fora conforme balançam nos ancoradouros. E, sobre tudo isso, o barulho do mar. Ela se encosta a uma parede próxima, ouvindo todos esses sons exóticos, e esperando. Após talvez dez minutos, Innon termina a conversa e se levanta. Harlas vai embora, rindo de algo que Innon disse; sempre encantador. Como Syen esperava, Innon vem depois para se encostar à parede ao lado dela.

— Minha tripulação acha que sou idiota por ir atrás de você — diz ele casualmente, olhando para o teto abobadado como se houvesse alguma coisa interessante ali. — Eles acham que você não gosta de mim.

— Todos acham que eu não gosto deles — responde Syenite. Na maior parte do tempo, é verdade. — Eu gosto de você.

Ele olha para ela, pensativo, algo de que ela gosta. Paquerar a deixa nervosa. Muito melhor ser direto assim.

— Conheci pessoas da sua espécie antes — ele diz. — Os que foram levados ao Fulcro. — O sotaque dele deforma a palavra, transformando-a em *fungo*, o que ela acha particularmente adequado. — Você é a mais feliz que já vi.

Syenite bufa ao ouvir a piada, e então, vendo seus lábios amargamente contorcidos, seu olhar carregado de grande compaixão, ela percebe que ele não está fazendo piada alguma. Ah.

— Alabaster está bastante feliz.

— Não, não está.

Não. Não está. Mas é por isso que Syenite também não gosta de piadas. Ela dá um suspiro.

— Eu vim... aqui em nome dele, na verdade.

— Ah? Então, você decidiu compartilhar?

— Ele... — Ela pisca quando se dá conta do significado das palavras. — Hein?

Innon encolhe os ombros, o que é um gesto impressionante, dado o seu tamanho e o modo como o movimento faz todas as suas tranças farfalharem.

— Você e ele já são amantes. Foi uma ideia.

Que ideia.

— É... Não. Eu não... Ahn. Não. — Há coisas nas quais ela não está pronta para pensar. — Talvez mais tarde. — Bem mais tarde.

Ele ri, embora não ria dela.

— Sim, sim. Você veio então para quê? Para me pedir para ir ver o seu amigo?

— Ele não é... — Mas aqui está ela conseguindo um amante para ele durante a noite. — *Pelas ferrugens*.

Innon ri, baixinho, para si mesmo, e vira de lado contra a parede, perpendicular a Syenite, de modo que ela não se sinta encurralada, embora ele esteja perto o bastante para ela conseguir sentir o calor do corpo dele. É algo que homens grandes fazem se querem ser atenciosos em vez de intimidadores. Ela aprecia a consideração. E se odeia por decidir a favor de Alabaster porque, pelos fogos da Terra, até o *cheiro* dele é sexy quando diz:

— Você é uma boa amiga, eu acho.

— Sim, pelas ferrugens, eu sou. — Ela esfrega os olhos.

— Ora, ora. Todo mundo vê que você é a mais forte dos dois. — Syenite pisca ao ouvir isso, mas ele fala muito sério. Ele ergue uma das mãos e alisa a lateral do rosto dela com um dedo, da têmpora ao queixo, numa lenta provocação. — Muitas coisas o alquebraram. Ele se mantém inteiro com cuspe e infinitos sorrisos, mas todos podem ver as rachaduras. Mas você, você está machucada, ferida, porém intacta. É muito gentil da sua parte. Cuidar dele assim.

— Ninguém nunca cuida de *mim*. — Então ela fecha a boca com tanta força que seus dentes estalam. Ela não queria dizer isso.

Innon sorri, mas é uma coisa delicada e gentil.

— Eu vou cuidar — ele diz, e se inclina para beijá-la. É um beijo do tipo que arranha; os lábios dele estão secos, o queixo está

começando a ficar coberto de pelo. A maioria dos homens costeiros parece não ter barba, mas Innon talvez tenha um pouco de Sanze no sangue, especialmente com todo aquele cabelo. Em todo caso, o beijo dele é tão suave apesar da aspereza que parece mais um agradecimento do que uma tentativa de seduzir. Provavelmente porque essa é a intenção dele. — Mais tarde, prometo que vou.

Então, ele sai, dirigindo-se à casa que ela compartilha com Alabaster, e Syenite o segue com o olhar e pensa, um tanto tarde: *Bem, onde ferrugens eu devo dormir hoje à noite?*

Acontece que é uma pergunta irrelevante porque ela não está com sono. Ela vai à saliência do lado de fora da caverna, onde outros se deixam ficar para tomar o ar da noite ou conversar em um lugar onde metade da comu não consegue ouvi-los, e ela não é a única melancolicamente de pé diante do corrimão, olhando por sobre a água de noite. As ondas chegam continuamente, fazendo os barcos menores e o *Clalsu* balançarem e rangerem, e a luz das estrelas lança reflexos delgados e difusos sobre as ondas que parecem estender-se a perder de vista.

É tranquilo aqui em Meov. É bom ser quem ela é em um lugar que a aceita. Melhor ainda saber que não tem nada a temer por conta disso. Uma mulher que Syen conheceu nos banhos, membro da tripulação do *Clalsu* (a maioria dos quais fala pelo menos um pouco de sanze-mat), explicou para ela enquanto permaneciam mergulhadas na água aquecida por pedras que as crianças esquentaram no fogo como parte de suas atividades diárias. É simples, na verdade.

— Com vocês, nós vivemos — ela disse a Syen, dando de ombros e encostando a cabeça de novo na beirada da banheira, e aparentemente sem se importar com a estranheza das próprias palavras. No continente, todos estão convencidos de que, com roggas por perto, eles vão morrer.

E então a mulher disse uma coisa que a irritou de verdade.

— Harlas está velho. Innon encara muitos perigos durante os ataques. Você e o risonho... — Esse é o termo dos habitantes locais para Alabaster, uma vez que os que não falam sanze-mat têm dificuldade de pronunciar o nome dele — Se tiverem bebês, deem um para nós, certo? Ou vamos ter que ir roubar um do continente.



A própria ideia dessas pessoas, que se destacam como comedores de pedra em uma multidão, tentando se infiltrar no Fulcro para sequestrar um grão, ou pegando uma criança selvagem pouco antes dos Guardiões, faz Syenite estremecer. Ela também não sabe ao certo se gosta da ideia de eles esperarem avidamente que ela fique grávida. Mas eles não são diferentes do Fulcro nesse aspecto, são? E aqui, qualquer filho que ela e Alabaster tenham não terminará em uma estação de ligação.

Ela se demora na saliência durante algumas horas, perdendo-se no som das ondas e deixando-se aos poucos escapar para um tipo de estado em que a mente não pensa. Então, percebe enfim que suas costas e seus pés estão doendo, e o vento que vem da água está ficando gelado; ela não pode simplesmente ficar aqui a noite toda. Aí volta para a caverna, sem saber ao certo aonde pretende ir, apenas deixando que seus pés a carreguem para onde forem. Provavelmente é por isso que ela acaba voltando para a casa “dela”, ficando de pé diante da cortina que é tida como sinal de privacidade e ouvindo, através dela, Alabaster chorar.

Definitivamente é ele. Ela conhece essa voz, apesar de estar entrecortada por soluços agora e meio abafada. Mal dá para ouvir, na verdade, apesar da falta de portas e janelas, mas ela sabe o porquê disso, não sabe? Todos os que crescem no Fulcro aprendem a chorar bem, bem baixinho.

É esse pensamento, e o senso de camaradagem que vem a seguir, que a fazem estender a mão devagar e puxar a cortina para o lado.

Eles estão no colchão, felizmente meio cobertos pelas cobertas de pele (não que isso importe, já que ela pode ver roupas jogadas pelo quarto, e o ar tem cheiro de sexo, é tão óbvio o que eles andaram fazendo). Alabaster está encolhido do lado dele, de costas para ela, os ombros ossudos tremendo. Innon está apoiado em um dos cotovelos, alisando o cabelo dele. Ele ergue os olhos quando Syenite abre a cortina, mas não parece chateado nem surpreso. Na verdade, e à luz da conversa que tiveram, ela não deveria estar surpresa, mas *está*. Ele levanta uma das mãos, chamando-a.

Ela não sabe ao certo por que obedece. E não sabe ao certo por que se despe enquanto atravessa o quarto, nem por que ergue a

coberta de pele e entra naquela quentura redolente com ele. Nem por que, uma vez tendo feito isso, ela se curva contra as costas de Alabaster e passa um braço pela cintura dele, e olha por cima para ver o triste sorriso de boas-vindas de Innon. Mas ela faz.

Syen dorme desse jeito. Até onde sabe, Alabaster chora pelo resto da noite, e Innon fica acordado para consolá-lo o tempo inteiro. Então, quando ela acorda na manhã seguinte e sai com muito custo da cama e vai aos tropeções até o penico para vomitar nele de forma ruidosa, eles dois continuam dormindo. Não há ninguém para consolá-la enquanto ela fica ali sentada, tremendo, na sequência. Mas não há nada de novo nisso.

Bem, pelo menos o povo de Meov não vai ter que roubar um bebê agora.



NÃO COLOQUE PREÇO NA CARNE HUMANA.

— *TÁBUA UM, “DA SOBREVIVÊNCIA”, VERSÍCULO SEIS*



## Interlúdio

*Transcorre um tempo de felicidade na sua vida, que eu não vou descrever para você. Não é importante. Talvez você ache errado eu falar tanto dos horrores, da dor, mas ela é o que nos molda, no fim das contas. Somos criaturas nascidas do calor e da pressão e do movimento cansativo e incessante. Estar quieto é... não estar vivo.*

*Mas o que importa é que você saiba que nem tudo foi terrível. Houve longos intervalos de paz, entre cada crise. Uma chance de se acalmar e solidificar antes de o atrito recomeçar.*

*Eis aqui o que você precisa entender. Em qualquer guerra, há facções: aquelas que querem a paz, aquelas que querem mais guerra por inúmeras razões, e aquelas cujo desejo transcende as duas. E esta é uma guerra com muitos lados, não só dois. Você pensou que eram apenas os quietos e os orogenes? Não, não. Lembre-se dos comedores de pedra e dos Guardiões também... Ah, e das Estações. Nunca se esqueça do Pai Terra. Ele não se esqueceu de você.*

*Então, enquanto ela, você, descansava, essas são as forças que se reuniram. Por fim, elas começaram a avançar.*



## 20

### *Syenite, esticada e puxada de volta*

Não é bem o que Syenite tinha em mente para o resto de sua vida, ficar sentada e ser inútil, então, um dia, ela vai procurar Innon enquanto a tripulação do *Clalsu* está equipando o navio para outra série de ataques.

— Não — diz ele, encarando-a como se ela estivesse louca. — Você não vai *ser pirata* quando acabou de ter um bebê.

— Eu tive um bebê dois anos atrás. — Ela não consegue mais trocar tantas fraldas, amolar as pessoas para que lhe deem aulas de etúrpico com tanta frequência e ajudar na pesca com rede tantas vezes sem enlouquecer. Ela já parou de amamentar, que é a desculpa que Innon usou até agora para dissuadi-la e que, de qualquer forma, não fazia sentido, uma vez que em Meov essas coisas são feitas comunitariamente, como todo o resto. Quando ela não está por perto, Alabaster simplesmente leva o bebê para uma das outras mães da comu, do mesmo modo como Syen, por sua vez, alimentou os bebês das outras, se acontecesse de estarem com fome quando ela estava por perto e cheia de leite. E já que Bas troca as fraldas a maior parte do tempo e canta para o pequeno Corundum dormir e lhe fala em tom suave e brinca com ele e o leva para passear e assim por diante, Syenite tem que se manter ocupada de alguma maneira.

— Syenite. — Ele para no meio da rampa de carregamento que leva ao porão do navio. Estão colocando barris de água e comida estocados a bordo, junto com cestos de coisas mais herméticas: baldes com correntes para a catapulta, bexigas com piche e óleo de peixe, um pedaço de tecido pesado para servir de vela substituta se precisarem. Quando Innon para ao ver Syenite no final da rampa, todo o resto fica imóvel, e quando surgem reclamações em voz alta vindas do cais, ele ergue a cabeça e fica olhando até todos se calarem. Todos, claro, menos Syenite.

— Estou *entediada* — diz ela em um tom frustrado. — Não há nada para fazer aqui além de pescar e esperar você e os outros voltarem de um ataque, e fofocar sobre pessoas que não conheço e contar histórias sobre coisas que não me importam! Passei a minha vida inteira treinando ou trabalhando, pelo amor da Terra, você não pode esperar que eu simplesmente fique sentada sem fazer quase nada e olhe para a água o dia inteiro.

— Alabaster faz isso.

Syenite revira os olhos, embora seja verdade. Quando Alabaster não está com o bebê, ele passa a maior parte dos dias lá nas alturas, acima da colônia, olhando para o mundo e tendo pensamentos insondáveis durante horas a fio. Ela sabe; ela o viu fazendo isso.

— Eu não sou ele! Innon, você pode me usar.

E a expressão de Innon muda porque... Ah, sim. *Essa* acerta na mosca.

É algo velado entre eles, mas Syenite não é idiota. Há muitas coisas que um rogga habilidoso pode fazer para ajudar nos tipos de investidas que a tripulação de Innon faz. Não criar tremores ou explosões, ela não faria isso e ele nunca pediria, mas é simples absorver força suficiente do ambiente para baixar a temperatura na superfície da água, e assim encobrir o navio com névoa para ocultar sua aproximação ou retirada. É igualmente fácil causar uma perturbação nas florestas ao longo da costa com a mais delicada das vibrações subterrâneas, fazendo bandos de aves ou grupos de ratos sair às pressas das árvores e entrar nos povoados próximos como distração. E mais. A orogenia é extremamente útil, Syenite

está começando a entender, para muito, muito mais do que apenas acalmar tremores.

Ou melhor, *poderia* ser útil, se Innon conseguisse usar a orogenia dele dessa forma. No entanto, apesar de todo o seu incrível carisma e destreza física, Innon ainda é um selvagem, com nada além do pouco treinamento que Harlas (ele próprio um selvagem e mal treinado) pôde lhe dar. Ela sentiu a orogenia de Innon quando ele acalmou tremores locais menores, e a bruta ineficiência do poder dele a choca por vezes. Ela tentou ensinar a ele a ter um controle melhor, e ele ouve, e *tenta*, mas não melhora. Ela não entende por quê. Sem esse nível de habilidade, a tripulação do *Clalsu* obtém seus espólios à moda antiga: eles lutam, e morrem, em nome de cada migalha.

— Alabaster pode fazer essas coisas para nós — diz Innon, parecendo desconfortável.

— Alabaster — diz Syen, tentando ter paciência — fica enjoado só de olhar para essa coisa. — Ela faz um gesto, apontando o porão recurvado do *Clalsu*. A piada que corre por toda a comu é a de que Bas de algum modo consegue mudar de cor apesar de sua negrura sempre que é forçado a entrar em um navio. Syen vomitou menos quando teve enjoos matinais. — E se eu não fizer nada além de encobrir o navio? Ou o que quer que você mandar que eu faça.

Innon põe as mãos no quadril, com ar de deboche.

— Você finge que vai seguir minhas ordens? Você nem ao menos faz isso na cama.

— Ah, seu *cretino*. — Agora ele está sendo um babaca porque na verdade não tenta lhe dar ordens na cama. É só uma coisa meovita estranha ficar provocando no que se refere a sexo. Agora que Syen consegue entender o que todos estão dizendo, um a cada dois comentários parece ser sobre ela compartilhar suas horas de sono com dois dos homens mais bonitos da comu. Innon diz que eles só fazem isso com ela porque ela fica com cores tão interessantes quando senhorinhas de idade fazem piadas vulgares sobre posições e nós feitos com cordas. Ela está tentando se acostumar. — Isso é completamente irrelevante!

— É? — Ele cutuca o peito dela com um dedo grande. — Nada de amantes no barco; essa é a regra que eu sempre segui. Não

podemos nem ser amigos depois que zarpamos. O que eu digo é uma ordem; se fizerem qualquer outra coisa, nós morremos. Você questiona *tudo*, Syenite, e não há tempo para questionamentos no mar.

Não é... um argumento injusto. Syen se remexe, desconfortável.

— Eu consigo seguir ordens sem questionar. A Terra sabe que eu já fiz o suficiente disso. Innon... — Ela respira fundo. — Pelo amor da Terra, Innon, eu farei qualquer coisa para sair desta ilha por um tempo.

— E esse é outro problema. — Ele se aproxima e abaixa a voz. — Corundum é *seu filho*, Syenite. Você não sente nada por ele a ponto de estar sempre impaciente por ficar longe?

— Eu verifico se ele está sendo bem cuidado. — E ela verifica mesmo. Corundum está sempre limpo e bem alimentado. Ela nunca quis uma criança, mas agora que teve uma, que a segurou e a amamentou, e tudo isso... ela tem uma sensação de realização, talvez, e de pesaroso reconhecimento, porque ela e Alabaster conseguiram fazer uma bela criança juntos. Ela olha para o rosto do filho às vezes e se admira de que ele exista, de que ele pareça tão inteiro e tão certo, quando ambos os seus genitores não têm nada exceto uma amarga tristeza entre eles. A quem ela está tentando enganar? É amor. Ela ama o filho. Mas isso não significa que queira passar cada hora de cada dia ferrugento na presença dele.

Innon balança a cabeça e vira as costas, erguendo as mãos.

— Está bem! Está bem, está bem, mulher ridícula. Então, vá você dizer a Alabaster que nós dois estaremos fora.

— Tudo b... — Mas ele já se foi, subiu a rampa e entrou no porão, onde ela o escuta gritar com outra pessoa por conta de alguma coisa que ela não consegue entender muito bem porque seus ouvidos não conseguem processar o etúrpico quando ecoa naquele volume.

Independentemente, ela desce a rampa um pouco entusiasmada, acenando um vago pedido de desculpas aos outros membros da tripulação que estão por lá, parecendo um tanto irritados. Então ela se dirige à comu.

Alabaster não está em casa, e Corundum não está com Selsi, a mulher que, na maioria das vezes, fica com as crianças menores da

colônia quando seus pais estão ocupados. Selsi ergue as sobancelhas, olhando para Syen, quando esta cutuca sua cabeça.

— Ele disse sim?

— Ele disse sim. — Syenite não consegue deixar de sorrir, e Selsi dá risada.

— Então nunca mais veremos você, eu aposto. As ondas esperam apenas pelas redes. — O que Syenite supõe que seja algum tipo de provérbio meovita, seja lá qual for o seu significado. — Alabaster está nas elevações com Coru outra vez.

Outra vez.

— Obrigada — ela diz, e chacoalha a cabeça. É de se admirar que não tenha brotado asas no seu filho.

Ela sobe os degraus até o nível mais alto da ilha e atravessa a primeira elevação da rocha, e lá estão eles, sentados em um cobertor perto do penhasco. Coru levanta os olhos quando ela se aproxima, sorrindo e apontando-lhe o dedo; Alabaster, que provavelmente sentiu seus passos na escada, não se dá ao trabalho de virar.

— Innon finalmente vai levá-la com eles? — ele pergunta quando Syen chega perto o bastante para ouvir sua voz baixa.

— ã-hã — Syenite se senta no cobertor ao lado deles e abre os braços para Coru, que sai do colo de Alabaster, onde estava sentado, e vai para o de Syenite. — Se eu soubesse que você já sabia, não teria tido o trabalho de subir todos esses degraus.

— Foi uma suposição. Você não costuma vir aqui com um sorriso no rosto. Eu sabia que tinha que ser alguma coisa. — Alabaster enfim se vira, observando Coru enquanto ele se põe de pé no colo dela e pressiona seus seios. Syenite o segura de maneira reflexiva, mas, na verdade, ele está se saindo muito bem em manter o equilíbrio, apesar de o colo dela ser irregular. Então Syen nota que não é só Corundum que Alabaster está observando.

— O que foi? — pergunta ela, franzindo a testa.

— Você vai voltar?

E isso, completamente do nada, faz Syenite deixar as mãos caírem. Felizmente, Coru pegou a manha de se manter de pé no seu colo, o que ele faz, dando risadinhas, enquanto ela encara Alabaster.



— Por que você está... O quê?

Alabaster encolhe os ombros, e é só nesse momento que Syenite percebe uma ruga entre as sobrancelhas e a expressão assombrada nos olhos dele, e é só nesse momento que ela entende o que Innon estava tentando lhe dizer. Como que para reforçar isso, Alabaster diz com amargura:

— Você não precisa mais ficar comigo. Você tem a sua liberdade, como queria. E Innon tem o que *e/le* queria... Uma criança rogga para cuidar da comu se algo lhe acontecer. Ele tem até a mim para treinar a criança melhor do que Harlas jamais poderia, pois ele sabe que eu não vou embora.

Pelos-fogos-debaixo-da-Terra. Syenite suspira e afasta as mãos de Coru, o que machuca.

— Não, criancinha gulosa, não tenho mais leite. Fique quieto. — E porque isso de imediato faz Coru contorcer o rosto, contrariado e triste, ela o traz para perto e o envolve com os braços e começa a brincar com os pés dele, o que em geral é uma boa maneira de distraí-lo antes que ele saia do seu colo. Funciona. Ao que parece, crianças pequenas são desmesuradamente fascinadas pelos próprios dedões. Quem diria? E, tendo cuidado da criança, ela pode concentrar-se em Alabaster, que agora está olhando para o mar de novo, mas que provavelmente está muito perto de ter um colapso.

— Você poderia partir — ela diz, salientando o óbvio porque é o que sempre tem que fazer com ele. — Innon já se ofereceu para nos levar de volta para o continente, se quisermos ir. Se não fizermos nada estúpido como acalmar um tremor diante de uma multidão, qualquer um de nós pode provavelmente ter uma vida digna em algum lugar.

— Nós temos uma vida digna aqui. — É difícil ouvi-lo com o vento e, no entanto, ela consegue de fato sentir o que ele não está dizendo. *Não me deixe.*

— Pelas cascas da ferrugem, Bas, o que há de errado com você? Não pretendo partir. — De qualquer forma, não agora. Mas é bem ruim que eles estejam tendo essa conversa; ela não precisa piorar as coisas. — Só estou indo a um lugar onde posso ser útil...

— Você é útil aqui. — E agora ele se vira para olhar em cheio para ela, e isso realmente a incomoda, a dor e a solidão que

espreitam sob a aparência superficial de raiva no rosto dele. Incomoda-a mais ainda o fato de que isso a incomoda.

— Não. Não sou. — E, quando ele abre a boca para protestar, ela o atropela. — *Não* sou. Você mesmo disse: Meov tem um dez-anéis para protegê-la agora. Não pense que não notei como não tivemos sequer uma contração subterrânea ao meu alcance, não durante todo o tempo em que estivemos aqui. Você vem acalmando qualquer ameaça possível muito antes que Innon ou eu possamos sentir... — Mas aí as palavras vão sumindo, e ela franze a testa, porque Alabaster está balançando a cabeça, e há um sorriso nos lábios dele que a deixa abruptamente desconfortável.

— Eu não — ele diz.

— O quê?

— *Eu* não acalmo nada faz mais ou menos um ano. — E então ele acena em direção à criança, que agora está examinando os dedos de Syenite, muito concentrado. Ela olha para Coru, e Coru olha para ela e sorri.

Corundum é exatamente o que o Fulcro esperava quando a juntaram a Alabaster. Ele não herdou muito da aparência de Alabaster, sendo apenas um tom um pouco mais escuro do que Syen e com pelos que já estão deixando de ser uma penugem e começando a se tornar um cabelo de cinzas sopradas, e bem espetado; ela é quem tem ancestrais sanzéd, então isso também não veio de Bas. Mas o que Coru tem do pai é uma consciência da terra imensamente poderosa. Nunca, até este momento, havia ocorrido a Syenite que seu bebê pudesse ser consciente o bastante para sentir, e *acalmar*, microtremores. Isso não é instinto, é habilidade.

— Pelas crueldades da Terra — ela murmura. Coru dá uma risadinha. Então Alabaster estende a mão em um gesto abrupto e o tira dos braços dela, levantando-se. — Espere, isso...

— Vá — ele diz em um tom ríspido, pegando o cesto que trouxe com eles e agachando-se para jogar brinquedos de bebê e uma fralda dobrada dentro dele. — Vá, ande em seu barco ferrugento, acabe sendo morta com Innon, que me importa. *Eu* vou estar aqui para ajudar Coru, não importa o que *você* faça.

E depois ele vai embora, seus ombros rígidos e seus passos rápidos, ignorando o protesto em tom agudo de Coru e nem ao menos se dando ao trabalho de pegar o cobertor no qual Syen ainda está sentada.

Pelos fogos da Terra.

Syenite fica lá em cima um pouco, tentando entender como acabou se tornando a cuidadora emocional de um dez-anéis louco, presa no meio do nada ferrugento com o filho desumanamente poderoso desse sujeito. Então, o sol se põe e ela se cansa de pensar nisso, depois se levanta e pega o cobertor e volta para a comu lá embaixo.

Todos estão se reunindo para a refeição da noite, mas Syenite se recusa a ser sociável desta vez, simplesmente pegando um prato de tulipeixe assado e três-folhas refogadas com cevada adoçada que deve ter sido roubada de alguma comu do continente. Ela leva o prato de volta para casa e fica surpresa de encontrar Alabaster lá, encolhido na cama com Coru adormecido. Eles passaram para uma cama maior por conta de Innon, este colchão suspenso por quatro postes robustos através de uma espécie de rede que é surpreendentemente confortável e durável apesar do peso e da atividade que eles lhe impõem. Alabaster está quieto, mas acordado, quando Syen entra, então ela suspira e pega Coru e o coloca para dormir na cama suspensa menor, que fica mais perto do chão caso ele role ou desça dela durante a noite. Então, ela sobe na cama com Alabaster, fica só olhando para ele e, depois de um tempo, ele desiste do tratamento frio e se aproxima um pouco. Não olha diretamente para ela enquanto faz isso. Mas Syenite sabe do que ele precisa, então suspira e rola para ficar de barriga para cima, e ele se aproxima mais ainda, pousando enfim sua cabeça no ombro dela, onde ele provavelmente queria estar o tempo todo.

— Me desculpe — ele diz.

Syenite encolhe os ombros.

— Não se preocupe com isso. — E então, porque Innon está certo e isso em parte é culpa sua, ela suspira e acrescenta: — Eu vou voltar. Eu *gosto* daqui, sabe. Eu só fico... inquieta.

— Você está sempre inquieta. O que está procurando?

Ela chacoalha a cabeça.

— Não sei.

Mas ela pensa, quase mas não exatamente de modo subconsciente: *Uma maneira de mudar as coisas. Porque isto não está certo.*

Ele é sempre bom em adivinhar seus pensamentos.

— Você não pode tornar nada melhor — diz ele pesadamente. — O mundo é o que é. A menos que você o destrua e comece tudo de novo, é impossível modificá-lo. — Ele suspira e esfrega o rosto contra o seio dela. — Pegue o que você puder dele, Syen. Ame seu filho. Viva até mesmo a vida de pirata se isso a fizer feliz. Mas pare de procurar por algo melhor do que isso.

Ela passa a língua pelos lábios.

— Corundum deveria ter coisa melhor.

Alabaster suspira.

— Sim, deveria. — Ele não diz mais nada, mas o não dito é palpável: *Mas não terá.*

Isso não está certo.

Ela cai no sono. Algumas horas depois ela acorda porque Alabaster está balbuciando “oh, *caralho*; oh, por favor; oh, Terra; não posso, Innon” contra o ombro de Innon e se remexendo de um jeito que atrapalha o balanço suave da cama enquanto Innon resfolega e se esfrega nele, pinto contra pinto melado. E então, porque Alabaster está exausto, mas Innon não está, e este nota que ela está olhando, ele sorri para ela e beija Alabaster e desliza uma das mãos até o meio das pernas de Syen. Claro que ela está molhada. Ele e Alabaster ficam sempre lindos juntos.

Innon é um amante atencioso, então ele se inclina e acaricia os seios dela com o nariz e faz coisas maravilhosas com os dedos, e não para de trepar com Alabaster até ela praguejar e exigir *toda* a atenção dele por um tempo, o que o faz rir e mudar para o outro lado da cama.

Alabaster observa enquanto Innon faz a vontade dela, e isso deixa seu olhar excitado, o que Syenite não entende, mesmo depois de estar com eles há quase dois anos. Bas não a quer, não dessa forma, nem ela a ele. E, no entanto, é incrivelmente excitante para ela ver Innon fazê-lo gemer e implorar, e Alabaster claramente também adora vê-la perder o controle com outra pessoa. Ela gosta

*mais* quando Bas está olhando, na verdade. Eles não suportam fazer sexo um com o outro diretamente, mas indiretamente é bárbaro. E que nome se dá a isso? Não é um *ménage à trois*, nem um triângulo amoroso. É um *ménage* a dois e meio, um diedro afetivo. (E, bem, talvez seja amor.) Ela deveria estar preocupada com outra gravidez, talvez de Alabaster de novo, considerando como as coisas ficam confusas entre eles três, mas não consegue se forçar a ficar preocupada, pois não importa. Alguém amará seus filhos, não importa o que aconteça. Da mesma maneira como não pensa muito no que faz durante o tempo que passa na cama ou em como essa coisa entre eles funciona; ninguém em Meov vai ligar, não importa o que aconteça. É outro fator excitante, provavelmente: a completa falta de medo. Imagine só.

Então, eles adormecem, Innon roncando de barriga para cima no meio dos dois e Bas e Syen descansando a cabeça sobre seus grandes ombros, e não pela primeira vez Syen pensa: *se pelo menos isso pudesse durar*.

Ela sabe que não deveria desejar algo tão impossível.

• • •

O *Clalsu* zarpa no dia seguinte. Alabaster está no píer com metade do resto da comu, que está acenando e desejando boa sorte. Ele não acena mas aponta para eles conforme o navio se afasta, incentivando Coru a acenar quando Syenite e Innon o fazem. Coru acena e, por um instante, Syen sente algo semelhante a arrependimento. Passa rápido.

Depois, há apenas o mar aberto e trabalho a ser feito: jogar linhas para pescar e subir bem alto nos mastros para fazer coisas com as velas quando Innon lhes manda fazer isso e, a certa altura, prender vários barris que se soltaram lá embaixo no porão. É trabalho duro, e Syenite adormece em seu pequeno beliche sob uma das divisórias não muito depois do pôr do sol, pois Innon não vai deixá-la dormir com ele e, de qualquer forma, ela não tem energia para subir até a cabine dele.

Mas as coisas melhoram, e ela fica mais forte conforme se passam os dias, começando a ver por que a tripulação do *Clalsu* sempre pareceu um pouco mais vibrante, um pouco mais

interessante, do que todos os demais em Meov. No quarto dia de viagem, ouve-se um grito à esquerda; ferrugens, a *bombordo* do navio, e ela e os outros vêm até o parapeito para ver algo incrível: as plumas encrespadas de um borrifo do oceano onde grandes monstros das profundezas subiram para nadar ao lado deles. Um deles emerge sobre a superfície para olhar para eles e é ridiculamente enorme; o olho dele é maior do que a cabeça de Syenite. Mas ele não os machuca, e uma das tripulantes lhe diz que ele só está curioso. Ela parece achar graça do espanto de Syenite.

À noite, eles olham para as estrelas. Syen nunca prestou muita atenção no céu; o chão debaixo de seus pés sempre foi mais importante. Mas Innon aponta padrões no modo como as estrelas se movem e explica que as “estrelas” que ela vê na verdade são outros sóis, com seus próprios mundos e talvez outras pessoas vivendo outras vidas e encarando outras lutas. Ela ouviu falar de pseudo-ciências como astronometria, sabe que seus partidários fazem afirmações indemonstráveis como essa, mas agora, olhando para o céu que constantemente se move, ela entende por que eles acreditam nisso. Ela entende por que eles se *importam*, quando o céu é tão imutável e irrelevante para a maior parte da vida cotidiana. Em noites como esta, por um pequeno instante, ela também se importa.

Também à noite, a tripulação bebe e canta canções. Syenite pronuncia errado palavras vulgares, inadvertidamente tornando-as mais vulgares, e faz amizade de modo instantâneo com metade da tripulação ao fazer isso.

A outra metade da tripulação não tem uma opinião formada até avistar um provável alvo no sétimo dia. Eles vinham espreitando perto das rotas marítimas entre duas penínsulas densamente povoadas, e as pessoas na gávea vinham observando com binóculos em busca de navios que valessem o esforço de roubar. Innon não dá a ordem até a pessoa de vigia lhes dizer que avistou um navio particularmente grande, do tipo que costuma ser usado para transportar mercadorias pesadas ou perigosas demais para fazê-lo com facilidade em carroças: petróleo e pedras extraídas, produtos químicos voláteis e madeira. Exatamente o tipo de coisa de que uma comu presa em uma ilha árida no meio do nada poderia

precisar mais. Esse está acompanhado por outro navio, que é menor e que, de acordo com aqueles que o veem através dos binóculos e sabem distinguir essas coisas só de olhar, provavelmente está cheio de soldados da milícia, aríetes e armamentos próprios. (Talvez um seja uma carraca e o outro, uma caravela, essas são as palavras que os marinheiros usam, mas ela não consegue lembrar qual é qual e é um saco tentar, então ela vai ficar com “o navio grande” e “o navio pequeno.”) Sua prontidão para repelir piratas confirma que o cargueiro carrega algo que vale a pena saquear.

Innon olha para Syenite, e ela dá um sorriso impetuoso.

Ela levanta duas névoas. A primeira requer que ela absorva energia ambiente da extremidade mais distante de seu raio de alcance... Mas ela faz isso, porque é onde está o navio menor. A segunda névoa ela levanta em um corredor entre o *Clalsu* e o navio de carga, de modo que estarão em cima do alvo antes mesmo que ele os veja chegar.

Funciona como um relógio. A tripulação de Innon é, em sua maior parte, experiente e altamente habilidosa; aqueles como Syenite, que ainda não sabem o que estão fazendo, são forçados a sair do caminho enquanto os outros põem as mãos à obra. O *Clalsu* sai da névoa e o outro navio começa a tocar os sinos para soar o alarme, mas é tarde demais. O pessoal de Innon aciona as catapultas e retalha as velas deles com cestos de corrente. Então, o *Clalsu* se aproxima sorrateiramente, Syen acha que eles vão bater, mas Innon sabe o que está fazendo, e outras pessoas do navio jogam ganchos por sobre a brecha entre eles, atando os dois navios e então aproximando-os com a grande manivela que ocupa boa parte do convés.

É perigoso a essa altura, e um dos membros mais velhos da tripulação enxota Syen para baixo do convés quando as pessoas do navio de carga começam a atirar flechas e pedras e facas neles. Ela se senta à sombra dos degraus enquanto os outros membros da tripulação sobem e descem a escada, e seu coração está disparado; as palmas da mão estão úmidas. Algo pesado bate com estrondo no casco a menos de um metro e meio de sua cabeça, e ela se encolhe.

Mas, pelas crueldades da Terra, isso é *muito* melhor do que ficar sem fazer nada na ilha, pescando e cantando cantigas de ninar.

Tudo acaba em minutos. Quando a agitação diminui e Syenite se atreve a subir ao convés de novo, ela vê que pranchas foram colocadas entre os dois navios e o pessoal de Innon está indo e vindo sobre elas. Alguns deles capturaram membros da tripulação do cargueiro e os encurralaram no convés, mantendo-os na mira de uma faca de vidro; o resto da tripulação está se rendendo, entregando armas e objetos de valor de medo que os reféns sejam feridos. Alguns dos marinheiros de Innon já estão indo aos porões, trazendo barris e engradados para cima e transportando-os para o convés do *Clalsu*. Eles vão separar os espólios mais tarde. A rapidez é essencial agora.

Mas, de repente, ouvem-se gritos, e alguém no cordame toca um sino de maneira frenética... e da névoa agitada sai o navio de ataque que acompanhava o navio cargueiro. Está em cima deles e, um tanto tardiamente, Syen percebe seu erro: ela havia suposto que o navio de ataque *pararia*, considerando que não conseguiria ver, sabendo estar próximo de outros navios. Agora o navio de ataque está vindo a toda velocidade e, embora ela possa ouvir gritos de alarme vindos dos conveses quando também percebem o perigo, é impossível que consiga parar antes de bater no *Clalsu* e no navio de carga... E provavelmente afundar os três.

Syenite está transbordando com o poder que absorveu do calor e das ondas ilimitadas do mar. Ela reage, como lhe ensinaram em uma centena de treinos no Fulcro, sem pensar. Lá embaixo, por entre a estranha propriedade escorregadia dos minerais da água do mar, por entre a inutilidade encharcada dos sedimentos do oceano, lá embaixo. Há rocha debaixo do oceano, e ela é antiga, pura e está sob seu comando.

Em outro lugar, ela agarra com as mãos e grita e pensa *Para Cima* e, de repente, o navio de ataque estala e para com uma sacudidela. As pessoas param de gritar, forçadas a se calar por conta do choque, em todos os três navios. Isso ocorre porque, de súbito, aparece uma enorme e pontuda faca de leito de rocha sobressaindo vários metros acima do convés do navio de ataque, espetando o navio da quilha para cima.



Tremendo, Syenite abaixa as mãos devagar.

Os gritos a bordo do *Clalsu* vão de alarme a vivas dissonantes. Mesmo algumas das pessoas do navio cargueiro parecem aliviadas; um navio danificado é melhor do que três navios afundados.

As coisas acontecem rápido depois disso, com o navio de ataque sem poder fazer nada e espetado como está. Innon vem encontrá-la no exato momento em que a tripulação informa que o porão do navio de carga está vazio. Syen foi para a proa, onde pode ver pessoas no navio de ataque tentando cinzelar a pilastra.

Innon para ao lado dela, e ela levanta os olhos, preparada para a raiva dele. Mas ele está longe de estar bravo.

— Eu não sabia que era possível fazer esse tipo de coisa — diz ele, admirado. — Pensei que você e Alabaster estivessem só se gabando.

É a primeira vez que Syenite recebe um elogio pela sua orogenia de alguém que não é do Fulcro e, se ela ainda não houvesse começado a amar Innon, começaria agora.

— Eu não deveria ter erguido essa coluna tão alto — diz ela, acanhada. — Se tivesse pensado primeiro, eu a teria erguido o suficiente para rachar o casco, para eles pensarem que bateram em um obstáculo.

Innon fica sério quando entende.

— Ah. E agora eles sabem que temos um orogene de certa habilidade a bordo. — A expressão dele endurece de um modo que Syenite não entende, mas decide não questioná-la. É tão boa a sensação de estar aqui com ele, saboreando o sucesso. Por um instante, eles apenas observam o descarregamento do navio cargueiro juntos.

Então, um dos tripulantes de Innon vai até eles para dizer que terminaram, que as pranchas foram recolhidas, as cordas e os ganchos foram enrolados de volta em suas rodas de manivela. Eles estão prontos para partir. Innon diz com uma voz grave:

— Aguarde.

Ela quase sabe o que vem na sequência. Mas ainda a faz se sentir mal quando ele olha para Syenite, sua expressão fria.

— Afunde os dois.

Ela prometeu jamais questionar as ordens de Innon. Mesmo assim, ela hesita. Ela nunca matou ninguém antes, não de propósito. Foi apenas um erro o fato de ela ter erguido a projeção de pedra tão alto. Será realmente necessário que pessoas morram por conta de sua loucura? Ele se aproxima, e ela se encolhe preventivamente, embora ele nunca a tenha machucado. Independentemente disso, ela sente pontadas nos ossos da mão.

Mas Innon apenas lhe fala ao ouvido:

— Por Bas e Coru.

Isso não faz sentido. Bas e Coru não estão aqui. Mas aí tudo o que suas palavras implicam, que a segurança de todos em Meov depende dos habitantes do continente vê-los como um inconveniente em vez de uma séria ameaça, penetra sua mente e a torna fria também. Mais fria.

Então ela diz:

— Você deveria mandar nos afastarem.

Innon se vira de imediato e dá ordem para o *Clalsu* zarpar. Quando eles se afastaram a uma distância segura, Syenite respira fundo.

Por sua família. É estranho pensar neles dessa maneira, embora seja o que são. É mais estranho ainda fazer algo deste tipo por um motivo real, e não simplesmente porque ela recebeu ordens para fazê-lo. Será que isso significa que ela não é mais uma arma? O que isso a torna, então, se não for?

Não importa.

Em um ímpeto de sua vontade, a coluna de leito de rocha se retrai do casco do navio de ataque, deixando um buraco de trinta metros perto da popa. Ele começa a afundar imediatamente, virando para cima conforme entra água. Então, absorvendo mais força da superfície do oceano e levantando névoa suficiente para obscurecer a vista por quilômetros, Syenite vira a coluna para mirar na quilha do navio cargueiro. Uma rápida estocada para cima, uma retirada mais rápida ainda. Como dar um golpe mortal em alguém com um punhal. O casco do navio racha como um ovo e, depois de um instante, divide-se em duas metades. Está feito.

A névoa esconde por completo ambos os navios afundando enquanto o *Clalsu* veleja para longe. Os gritos das duas tripulações

seguem Syenite muito tempo depois, na brancura flutuante.

• • •

Innon abre uma exceção para ela naquela noite. Mais tarde, sentada em sua cama de capitão, Syen diz:

— Quero ver Allia.

Innon dá um suspiro.

— Não. Não quer.

Mas ele dá a ordem mesmo assim, porque a ama. O navio traça uma nova rota.

• • •

De acordo com a lenda, o Pai Terra originalmente não odiava a vida.

Na verdade, como contam os sabedoristas, houve um tempo em que o Pai Terra fazia tudo o que ele podia para facilitar o estranho surgimento de vida em sua superfície. Ele criava inclusive estações previsíveis, mantinha as mudanças de vento e onda e temperatura lentas a ponto de cada ser vivo poder se adaptar, evoluir, invocava águas que se purificavam, céus que sempre clareavam após uma tempestade. Ele não criou a vida, isso foi uma casualidade, mas ele ficou satisfeito com ela e fascinado por ela, e orgulhoso de nutrir uma beleza selvagem tão estranha sobre a sua superfície.

Então, as pessoas começaram a fazer coisas horríveis ao Pai Terra. Elas envenenaram as águas até mesmo para além da capacidade que ele tinha de limpar, e mataram muitas das outras formas de vida que viviam em sua superfície. Perfuraram através da crosta da sua pele, atravessaram o sangue do seu manto, para chegar à doce medula de seus ossos. E, no auge da arrogância e do poder humanos, foram os orogenes que fizeram algo que nem mesmo o Pai Terra poderia perdoar: eles destruíram sua única cria.

Nenhum sabedorista com quem Syenite já conversou sabe o que significa essa expressão enigmática. Não é Saber das Pedras, é só tradição oral ocasionalmente gravada em materiais efêmeros como papel e couro; e demasiadas Estações a modificaram. Por vezes é a faca de vidro preferida do Pai Terra que os orogenes destruíram; em outras é sua sombra; às vezes, seu Reprodutor mais valioso. O que quer que as palavras signifiquem, os sabedoristas e os mestas concordam quanto ao que aconteceu depois que os orogenes

cometeram seu grande pecado: a superfície do Pai Terra rachou como a casca de um ovo. Quase todos os seres vivos morreram quando sua fúria se tornou manifesta na primeira e mais terrível das Quintas Estações: a Estação do Estilhaçamento. Por mais poderosas que fossem, aquelas pessoas antigas não tiveram nenhum aviso, nem um pouco de tempo para construir esconderijos de provisões e nenhum Saber das Pedras para orientá-los. Foi pura sorte que uma quantidade suficiente da raça humana sobreviveu para se restabelecer posteriormente, e nunca mais a vida alcançou o auge de poder que um dia teve. A fúria recorrente da Terra jamais permitirá isso.

Syenite sempre pensou nessas histórias. Há um grau de licença poética nelas, claro, pessoas primitivas tentando explicar o que não entendiam, mas todas as lendas contêm um fundo de verdade. Talvez os orogenes antigos tenham rachado a crosta do planeta de alguma forma. Mas como? Está claro agora que a orogenia é mais do que aquilo que o Fulcro ensina, e talvez haja um motivo pelo qual o Fulcro não ensina isso, se a lenda for verdadeira. Mas fatos são fatos: mesmo que, de algum modo, todos os orogenes existentes, até os bebês, pudessem ser emparelhados, eles não conseguiriam destruir a superfície do mundo. Isso congelaria tudo: não há calor nem movimento suficientes *em parte alguma* para fazer tanto estrago. Eles todos se esgotariam tentando e morreriam.

O que significa que parte da história não pode ser verdade; não se pode colocar a culpa pela fúria da Terra na orogenia. Não que qualquer um exceto outro rogga fosse aceitar essa conclusão.

É verdadeiramente incrível, contudo, que a humanidade tenha conseguido sobreviver aos fogos dessa primeira Estação. Porque, se o mundo inteiro era naquela época o que Allia é agora... Syenite tem um novo entendimento de quanto o Pai Terra odeia todos eles.

Allia é uma cena noturna de morte vermelha e borbulhante. Não restou nada da comu, exceto o anel da caldeira que um dia a aninhou, e mesmo isso é difícil de ver. Estreitando os olhos para ver em meio à trêmula neblina vermelha, Syen acha que conseguiu ver de relance alguns restos de edifícios e ruas nos declives da caldeira, mas isso poderia ser apenas ilusão.

O céu noturno está carregado de nuvens de cinzas, iluminadas na parte de baixo pelo brilho do fogo. Onde estava o porto, existe agora um cone vulcânico em desenvolvimento, expelindo nuvens mortíferas e o sangue vermelho e quente de seu nascimento e elevação para fora do mar. Ele já é enorme, ocupando quase toda a cratera da caldeira, e já deu cria. Duas crateras secundárias surgiram em seu flanco, jorrando gás e lava como o progenitor. Provavelmente, todos os três acabarão se juntando para se tornar um único monstro, tragando as montanhas ao redor e ameaçando todas as comus ao alcance de suas nuvens de gás ou de sua subsequente explosão.

Todas as pessoas que Syenite conheceu em Allia estão mortas agora. O *Clalsu* não pode se aproximar a menos de oito quilômetros da costa; se chegarem mais perto, arriscam-se a morrer, seja deformando o casco do navio nas águas aquecidas, seja sufocando nas quentes nuvens que gotejam de vez em quando da montanha. Ou sendo cozidos por uma das crateras secundárias que ainda estão se desenvolvendo por aquela área, espalhando-se a partir do que um dia foi o porto de Allia como os raios de uma roda e emboscando-os como minas mortais sob as águas próximas ao litoral. Syen consegue sentir cada um desses pontos quentes, luminosas tempestades de ira agitando-se logo abaixo da pele da Terra. Até mesmo Innon consegue senti-los, e ele desviou o navio para longe dos que poderiam, mais provavelmente, explodir em pouco tempo. Mas, frágil como os extratos estão neste exato momento, uma nova cratera poderia se abrir bem embaixo deles antes que Syen tivesse a chance de detectá-la ou impedi-la. Innon está arriscando muita coisa para fazer sua vontade.

— Muitas pessoas das partes mais afastadas da comu conseguiram escapar — Innon fala baixinho ao lado dela. A tripulação inteira do *Clalsu* veio ao convés, observando Allia em silêncio. — Dizem que houve um clarão de luz vermelha vindo do porto, depois uma série de lampejos, seguindo um ritmo. Como algo... pulsando. Mas o abalo inicial, quando todo esse porto condenado sumiu de uma vez, derrubou a maior parte das casas menores da comu. Foi isso que matou a maioria das pessoas. Não houve aviso.

Syenite se encolhe.

Sem aviso. Havia quase cem mil pessoas em Allia... Pequena para os padrões equatoriais, mas grande para uma comu costeira. Orgulhosa, e com toda razão. Eles tinham tantas esperanças.

Que isso vá para as *ferrugens*. Que vá para as ferrugens e se queime nas entranhas fétidas e odiosas do Pai Terra.

— Syenite? — Innon está olhando para ela. Isso porque Syen ergueu os punhos diante de si, como se estivesse agarrada às rédeas de um cavalo tenso e ávido. E porque uma espiral estreita, alta e firme se manifestou de repente ao redor dela. Ela não é fria; há bastante força da terra para ela explorar por perto. Mas é poderosa, e mesmo um rogga não treinado consegue sentir o fio da sua vontade acumulando forças. Innon respira e dá um passo atrás. — Syen, o que você...

— Não posso deixar isso desse jeito — murmura ela, quase que para si mesma. Aquela área inteira é um furúnculo inchado e mortal pronto para explodir. O vulcão é só o primeiro aviso. A maioria das crateras na terra é uma coisa minúscula e intrincada, lutando para escapar através das variadas camadas de rocha e metal e a sua própria inércia. Elas vazam e resfriam e se fecham e depois vazam para cima de novo, torcendo-se e serpenteando para todos os lados durante o processo. Isso, contudo, é um tubo de lava gigantesco canalizado diretamente de onde quer que o obelisco granada tenha ido, direcionando o puro ódio do Pai Terra para a superfície. Se nada for feito, a região inteira em breve explodirá tão alto como o céu, em uma explosão monumental que quase com certeza desencadeará uma Estação. Ela não consegue acreditar que o Fulcro tenha deixado as coisas desse jeito.

Então, Syenite se insere naquele calor agitado que está se expandindo e o rasga com toda a fúria que sente ao ver *Allia, esta era Allia, este era um lugar humano, havia pessoas aqui*. Pessoas que não mereciam morrer por

*minha causa*

porque foram idiotas a ponto de deixar obeliscos adormecidos quietos ou porque ousaram sonhar com um futuro. Ninguém merece morrer por isso.

É quase fácil. É o que os orogenes fazem, afinal, e o ponto quente é perfeito para seu uso. O perigo está em não usá-lo, na verdade. Se ela absorver todo esse calor e poder sem canalizá-lo para outro lugar, ele a destruirá. Mas, felizmente (ela ri para si mesma, e seu corpo todo chacoalha com isso), ela tem um vulcão para sufocar.

Então, ela fecha os dedos de uma das mãos, cerrando o punho, e desce ardendo pela garganta do vulcão com sua consciência, sem queimar nem esfriar, voltando sua fúria contra si mesma para fechar cada fenda. Ela força a crescente câmara de magma de volta, de volta, para baixo, para baixo, e, ao fazer isso, ela arrasta deliberadamente os estratos em padrões sobrepostos, de modo que cada um vai pressionar o que está embaixo e *manter* o magma lá embaixo, pelo menos até que ele encontre outro modo mais lento de abrir caminho até a superfície. É um tipo delicado de operação, pois envolve milhões de toneladas de rocha e o tipo de pressão que força a criação de diamantes. Mas Syenite é uma filha do Fulcro, e o Fulcro a treinou bem.

Ela abre os olhos para se encontrar nos braços de Innon, com o navio agitando-se sob seus pés. Piscando, surpresa, ela levanta o olhar para Innon, cujos olhos estão arregalados e agitados. Ele percebe que ela voltou, e as expressões de alívio e medo no rosto dele são tanto gratificantes quanto preocupantes.

— Eu disse para todo mundo que você não nos mataria — diz ele por sobre a agitação dos borrifos do mar e dos gritos de sua tripulação. Ela olha ao redor e os vê freneticamente tentando amainar as velas, de modo que possam ter mais controle em meio a um mar que de repente se tornou tudo, menos plácido. — Por favor, tente não me fazer passar por mentiroso, tudo bem?

Merda. Ela está acostumada a usar a orogenia na terra e esqueceu-se de levar em conta os efeitos de seu ato de fechar a falha na água. Foram tremores por uma boa causa, mas foram tremores mesmo assim, e, ah, Terra, ela consegue senti-lo. Ela desencadeou um tsunami. E... ela franze o cenho e geme quando seus sensapinae dão início a um alarme ressonante na parte detrás de sua cabeça. Ela exagerou.

— Innon — Sua cabeça ressoa agonia. — Você precisa... Hmmm. Impelir ondas de amplitude correspondente, sob a superfície...

— O quê? — Ele desvia o olhar dela para gritar algo a alguma das mulheres da tripulação na língua dele, e ela pragueja de si para si. Claro que ele não faz ideia do que ela está falando. Ele não fala Fulcro.

Mas então, de súbito, o ar em torno deles se resfria. A madeira do navio range com a mudança de temperatura. Syen arqueja, alarmada, mas, na verdade, não é uma mudança muito grande. Apenas a diferença entre uma noite de verão e uma de outono, embora no espaço de minutos, e há uma presença nessa mudança que é familiar como mãos quentes durante a noite. Innon respira abruptamente quando a reconhece também: Alabaster. Claro que a zona de alcance dele se estende até essa distância. Ele acalma as ondas que se avolumavam em instantes.

Quando termina, o navio repousa sobre águas plácidas mais uma vez, de frente para o vulcão de Allia... Que agora ficou quieto e escuro. Ainda está soltando fumaça e permanecerá quente durante décadas, mas não expelle mais magma fresco ou gases. O céu acima dele já está clareando.

Leshiye, o imediato de Innon, aproxima-se, lançando a Syenite um olhar de desconforto. Ele diz algo rápido demais para Syenite traduzir por completo, mas ela entende a essência da coisa: *Diga a ela, da próxima vez que decidir deter um vulcão, que desça do navio primeiro.*

Leshiye está certo.

— Me desculpe — murmura Syen em etúrpico, e o homem resmunga e sai como um furacão.

Innon balança a cabeça e a solta, mandando desfraldarem as velas outra vez. Ele olha para ela.

— Você está bem?

— Estou. — Ela esfrega a cabeça. — É só que eu nunca tinha trabalhado com algo desse tamanho antes.

— Não achei que você pudesse. Pensei que só os que são como Alabaster... com muitos anéis, mais do que você... conseguiam fazer isso. Mas você é tão poderosa quanto ele.



— Não. — Syenite ri um pouco, agarrando o corrimão e abraçando-se a ele para não ter mais que se apoiar em Innon. — Eu faço apenas o que é possível. *E*le reescreve as ferrugentas leis da natureza.

— Huh — Innon soa estranho, e Syenite olha para ele, surpresa, para ver uma expressão quase de arrependimento no rosto. — Às vezes, quando vejo o que você e ele conseguem fazer, eu queria ter ido a esse Fulcro de vocês.

— Não, não queria. — Ela não quer nem pensar sobre como ele seria se houvesse crescido em cativeiro com o resto deles. Innon, mas sem a sua risada estridente ou seu hedonismo vivaz ou sua confiança entusiasmada. Innon, com suas graciosas e fortes mãos mais fracas e mais desajeitadas por terem sido quebradas. Um *não* Innon.

Ele sorri tristemente para ela agora, como se houvesse adivinhado seus pensamentos.

— Um dia desses, você tem que me contar como é lá. Por que todos os que saem desse lugar parecem tão competentes... e têm tanto medo.

Tendo dito isso, ele afaga as costas dela e vai supervisionar a mudança de curso.

Mas Syenite fica onde está, na amurada, repentinamente arrepiada até os ossos de um modo que não tem nada a ver com o frio passageiro do poder de Alabaster.

Isso ocorre porque, conforme o navio pende para um lado ao dar uma guinada, e ela dá uma última olhada para o lugar que foi Allia antes que sua loucura a destruísse...

... ela vê alguém.

Ou pensa ter visto. Não tem certeza de início. Estreita os olhos e só consegue distinguir uma das faixas mais claras que seguem até a cratera de Allia em sua curva ao sul, que está mais fácil de ver agora que a luz rósea em torno do vulcão se dissipou. Obviamente, não é a Estrada Imperial pela qual ela e Bas viajaram para chegar a Allia, um bom tempo e um erro colossal atrás. O mais provável é que o que ela está vendo seja só uma estrada de terra usada pelos habitantes locais, construída a partir da floresta que a circunda, uma

árvore por vez, e que se manteve desbastada por décadas de trânsito a pé.

Há um cisco minúsculo se movendo ao longo daquela estrada, que parece, a distância, uma pessoa descendo a colina. Mas não pode ser. Nenhuma pessoa sã ficaria perto de uma explosão ativa e mortal que já matou milhares de pessoas.

Ela aperta mais os olhos, indo para a popa do navio para poder continuar perscrutando daquele lado enquanto o *Clalsu* se afasta da costa. Se ao menos ela tivesse um dos binóculos de Innon. Se ao menos ela pudesse ter certeza.

Porque, por um instante, ela pensa, por um instante ela vê, ou tem uma alucinação em meio ao seu cansaço, ou imagina em meio à sua ansiedade...

*Os seniores do Fulcro não deixariam um desastre daqueles sem mitigá-lo. A menos que pensassem haver um ótimo motivo para fazê-lo. A menos que houvessem recebido ordens para fazê-lo.*

...que o vulto caminhando está vestindo um uniforme vinho.



ALGUNS DIZEM QUE O PAI TERRA ESTÁ BRAVO

PORQUE ELE NÃO QUER COMPANHIA;

EU DIGO QUE O PAI TERRA ESTÁ BRAVO,

PORQUE ELE VIVE SOZINHO.

— CANÇÃO POPULAR ANTIGA (PRÉ-IMPERIAL)



## 21

### *Você está reunindo a banda novamente*

— Você — você diz de repente a Tonkee. Que não é Tonkee.

Ela, que está se aproximando de uma das paredes de cristal, com olhos brilhantes e uma lâmina minúscula que tirou de algum lugar, para e olha para você, confusa.

— O quê?

É o fim do dia, e você está cansada. Descobrir comus impossíveis escondidas em um gigantesco geodo subterrâneo exige muito de você. O pessoal de Ykka colocou você e os outros em um apartamento que se situa ao longo do ponto central de uma das colunas cristalinas mais compridas. Você teve que atravessar uma ponte de corda e contornar uma plataforma de madeira que o rodeia para alcançá-lo. O apartamento é horizontal, embora o cristal em si não seja: as pessoas que escavaram esse lugar parecem não ter entendido que ninguém se *esquece* de que está morando em algo que se inclina a um ângulo de 45° só porque o chão é reto. Mas você tentou tirar isso da cabeça.

E, em algum momento, enquanto você dava uma olhada no lugar e colocava a sua mochila no chão e pensava *isso é o meu lar até eu poder escapar daqui*, você de repente percebeu que *conhece* Tonkee. Você sempre a conheceu, até certo grau, o tempo todo.

— *Binof. Liderança. Yumenes.* — você diz bruscamente, e cada uma das palavras parece atingir Tonkee como um golpe. Ela se

encolhe e dá um passo para trás, depois outro. Depois um terceiro, até ela se encostar na parede lisa e cristalina do apartamento. A expressão no rosto dela é de horror, ou talvez um pesar tão grande que poderia muito bem ser horror. Passado certo ponto, é tudo a mesma coisa.

— Não achei que você se lembrasse — diz ela em voz baixa.

Você se põe de pé, as palmas das mãos plantadas na mesa.

— Não foi por acaso que você começou a viajar conosco. Não pode ser.

Tonkee tenta sorrir; é uma careta.

— Coincidências improváveis *acontecem*...

— Não com você. — Não com uma criança que armou um esquema para entrar no Fulcro e descobriu um segredo que culminou na morte de uma Guardiã. A mulher que era essa criança não vai deixar as coisas por conta do acaso. Você tem certeza disso. — Pelo menos os seus *disfarces* ferrugentos melhoraram com o passar dos anos.

Hoa, que esteve de pé na entrada do apartamento, de guarda outra vez, você pensa, vira a cabeça de uma para a outra, para lá e para cá. Talvez ele esteja observando que rumo esse confronto vai tomar e se preparando para o que você precisa ter com ele em seguida.

Tonkee desvia o olhar. Ela está tremendo, só um pouquinho.

— Não é. Uma coincidência. Digo... — Ela respira fundo. — Eu não andei seguindo você. *Mande* pessoas seguirem você, mas isso é diferente. Não comecei eu mesma a seguir você até esses últimos anos.

— Você mandou pessoas me seguirem? *Por quase trinta anos?*

Ela pisca, depois relaxa um pouco, dando uma risadinha. Parece amargurada.

— Minha família tem mais dinheiro que o Imperador. De qualquer forma, foi fácil durante os primeiros vinte anos mais ou menos. Nós quase perdemos você dez anos atrás. Mas... Bem...

Você bate com as mãos na mesa, e talvez seja sua imaginação que as paredes de cristal do apartamento brilham um pouco mais por um momento. Isso quase distrai você. Quase.

— Eu realmente não posso aguentar mais surpresas hoje —  
você diz meio entredentes.

Tonkee suspira e se recosta à parede.

— Me desculpe.

Você balança a cabeça tão forte que os seus cachos se soltam  
do coque.

— Não quero desculpas! *Explique*. Qual das duas coisas você é,  
a Inovadora ou a Liderança?

— As duas?

Você vai congelá-la. Ela vê isso nos seus olhos e diz  
abruptamente:

— Eu nasci Liderança. Nasci mesmo! Sou Binof. Mas.... — Ela  
faz um gesto largo com as mãos. — O que eu posso liderar? Não  
sou boa nesse tipo de coisa. Não tenho sutileza nenhuma. Não sou  
boa com... pessoas. Mas com coisas, com coisas eu sei lidar.

— Não estou interessada na sua história ferrugenta...

— Mas é relevante! A história sempre é relevante. — Tonkee,  
Binof, ou quem quer que ela seja, afasta-se da parede, uma  
expressão de súplica no rosto. — Eu sou uma geomesta de  
verdade. Eu realmente fui para a Sétima Universidade, embora...  
embora... — Ela faz uma careta de um jeito que você não entende.  
— Não deu muito certo. Mas passei mesmo a minha vida inteira  
estudando aquela coisa, aquele *soquete*, que nós encontramos no  
Fulcro. Essun, você sabe o que era aquilo?

— Não quero saber.

Ao ouvir isso, no entanto, Tonkee-Binof faz cara feia.

— Isso importa — ela diz. Agora ela é que parece furiosa, e você  
é que recua, surpresa. — Eu dei a minha vida por esse segredo.  
*Importa*. E deveria importar para você também, porque você é uma  
das únicas pessoas em toda a Quietude que pode *fazer* isso  
importar.

— Do que, em nome dos fogos da Terra, você está falando?

— *É onde eles os construíram*. — Binof-Tonkee avança a passos  
rápidos, seu rosto iluminado. — O soquete no Fulcro. *É de onde  
vêm os obeliscos*. E também é onde tudo deu errado.

• • •

Vocês terminam se apresentando de novo. Por completo desta vez.

Tonkee é de fato Binof. Mas prefere Tonkee, que é o nome que ela assumiu ao entrar na Sétima Universidade. Acontece que uma criança da Liderança yumenescense seguir qualquer profissão que não seja política, adjudicação ou comércio em grande escala é uma coisa que Não Se Faz. Uma criança que nasce menino ser menina também é uma coisa que Não Se Faz... Ao que parece, as famílias da Liderança não usam Reprodutores, eles se reproduzem entre si, e a feminilidade de Tonkee arruinou um ou dois casamentos arranjados. Eles poderiam simplesmente ter arranjado casamentos diferentes, mas entre isso e a tendência da jovem Tonkee de dizer coisas que não deveria e fazer coisas que não faziam sentido, essa foi a gota d'água. Assim, a família de Tonkee a enterrou no melhor centro de aprendizagem da Quietude, dando-lhe uma nova identidade e uma casta de uso falsa, e discretamente a rejeitaram sem todo o estardalhaço e o incômodo de um escândalo.

Entretanto, Tonkee prosperou ali, exceto por algumas brigas violentas com estudiosos renomados, a maioria das quais ela ganhou. E passou sua vida profissional estudando a obsessão que a levou ao Fulcro todos aqueles anos atrás: os obeliscos.

— Não era bem em você que eu estava interessada — explica ela. — Quero dizer, eu estava, você tinha me ajudado, e eu precisava garantir que não sofresse por isso, foi assim que começou, mas, conforme eu a investiguei, descobri que você tinha *potencial*. Você era um daqueles que poderia, um dia, desenvolver a habilidade de comandar obeliscos. Veja bem, é uma habilidade rara. E... Bem, eu esperava... Bem...

A essa altura, você se sentou de novo, e as duas abaixaram a voz. Você não consegue sustentar a raiva com relação a isso; há coisas demais com que lidar agora. Você olha para Hoa, que está de pé na extremidade da sala, observando vocês duas, sua postura cautelosa. Você ainda precisa ter aquela conversa com ele. Todos os segredos estão sendo revelados. Inclusive o seu.

— Eu morri — você diz. — Era a única forma de me esconder do Fulcro. Eu *morri* para escapar deles e, no entanto, não me livreí de você.

— Pois é. Meu pessoal não usou poderes misteriosos para rastrear você; usamos dedução. Muito mais confiável. — Tonkee se deixa cair na cadeira defronte à sua. O apartamento tem três cômodos: este espaço central semelhante a uma saleta e dois quartos que levam para fora. Tonkee precisa de um quarto para si porque está começando a feder outra vez. Você só está disposta a continuar compartilhando seu espaço com Hoa depois que conseguir algumas respostas, então, talvez fique dormindo na saleta por algum tempo.

— Nos últimos anos, venho trabalhando com... algumas pessoas. — Tonkee abruptamente parece reservada, o que não é difícil para ela. — Outros mestas, em sua maioria, que também têm feito o tipo de pergunta que ninguém quer responder. Especialistas em outras áreas. Você notou que há padrões no modo como eles se movem? Eles convergem, devagar, onde quer que haja um orogene de habilidade suficiente por perto. Alguém que possa usá-los. Só dois estavam se movendo em sua direção, em Tirimo, mas isso foi o suficiente para extrapolar.

Você levanta os olhos, franzindo a testa.

— Movendo-se em minha direção?

— Ou na de outro orogene nas redondezas, sim. — Tonkee está relaxada agora, comendo um pedaço de fruta seca de sua bolsa. Alheia à sua reação enquanto você a encara, seu sangue enregelado. — As linhas da triangulação eram bastante claras. Tirimo era o centro do círculo, por assim dizer. Você devia estar lá há anos; um dos obeliscos vindo em sua direção vinha viajando pela mesma trajetória há quase uma década, desde a costa leste.

— O ametista — você sussurra.

— Sim. — Tonkee observa você. — Foi por isso que suspeitei que você ainda estava viva. Os obeliscos... meio que criam um laço com certos orogenes. Não sei como isso funciona. Não sei por quê. Mas é específico e previsível.

Dedução. Você balança a cabeça, muda por conta do choque, e ela continua.

— De qualquer maneira, os dois ganharam velocidade nos últimos dois ou três anos, então viajei para a região e fingi ser uma sem-comu para fazer uma leitura melhor deles. Nunca tive a

intenção de abordar você. Mas aí aconteceu essa coisa lá no norte, e comecei a pensar que seria importante ter uma manejadora, uma manejadora de obeliscos por perto. Então... tentei encontrar você. Eu estava a caminho de Tirimo quando a avistei na hospedaria. Dei sorte. Eu a seguiria por alguns dias, decidiria se ia te contar quem eu realmente era... Mas aí ele transformou um kirkhusa em estátua. — Ela inclina a cabeça na direção de Hoa. — Pensei que talvez fosse melhor calar a boca e observar por um tempo.

De certo modo, compreensível.

— Você disse que mais de um obelisco se dirigia a Tirimo. — Você passa a língua pelos lábios. — Deveria haver só um. — O ametista é o único com o qual você tem conexão. O único que sobrou.

— Havia dois. O ametista e um outro de Merz.

É um grande deserto ao nordeste.

Você nega com a cabeça.

— Nunca estive no Merz.

Tonkee fica em silêncio por um instante, talvez intrigada, talvez irritada.

— Bem, quantos orogenes havia em Tirimo?

Três. Mas...

— Ganharam velocidade. — De repente, você não consegue pensar. Não consegue responder a pergunta dela. Não consegue criar frases completas. *Ganharam velocidade nos últimos dois ou três anos.*

— Sim. Não sabíamos o que estava causando isso. — Tonkee faz uma pausa, depois olha para você de lado, estreitando os olhos. — Você sabe?

Uche tinha dois anos de idade. Quase três.

— Saia — você murmura. — Vá tomar um banho ou algo assim. Preciso pensar.

Ela hesita, evidentemente querendo fazer mais perguntas. Mas então você olha para ela, e ela se levanta de imediato para sair. Alguns minutos depois que ela saiu do apartamento, com a pesada tapeçaria caindo após a sua passagem (os apartamentos neste lugar não têm portas, mas as tapeçarias funcionam bem o bastante



para dar privacidade), você fica ali sentada, em silêncio, sua cabeça vazia por um instante.

Em seguida, você levanta o olhar para Hoa, que está ao lado da cadeira de Tonkee, que ficou desocupada, obviamente esperando a sua vez.

— Então você é um comedor de pedra — você diz.

Ele aquiesce, solene.

— Você parece... — Você faz um gesto, apontando para ele, sem saber ao certo como dizer isto. Ele nunca pareceu normal, não de fato, mas definitivamente não tem a aparência de um comedor de pedra. O cabelo deles não se mexe. A pele deles não sangra. Eles transitam através da rocha sólida no espaço de um minuto, mas levaria horas para vencerem uma escada.

Hoa se movimenta um pouco, colocando sua mochila no colo. Ele vasculha por um momento e tira a mão com o pacote enrolado em trapos que você não via há algum tempo. Então, foi lá que ele o colocou. Ele o desamarra, deixando enfim você ver o que esteve carregando esse tempo todo.

O pacote contém, até onde você sabe, pedacinhos de um cristal toscamente lavrado. Algo como quartzo, ou talvez gipsita, exceto pelo fato de que alguns pedaços não são de um branco turvo, mas sim vermelho venoso. E você não tem certeza, mas acha que o pacote está menor agora do que costumava ser. Será que ele perdeu alguns pedaços?

— Pedras — você diz. — Você esteve carregando... pedras?

Hoa hesita, então estende a mão em direção a um dos pedaços brancos. Ele o pega; é mais ou menos do tamanho da ponta do seu polegar, quadrado, bastante lascado de um lado. Parece duro.

Ele o come. Você observa, e ele olha para você enquanto come. Ele o movimenta pela boca por um instante, como que procurando o ângulo certo para o ataque, ou talvez esteja apenas rolando-o pela língua, apreciando o sabor. Talvez seja sal.

Mas, então, ele flexiona o maxilar. Ouve-se um ruído de algo sendo mastigado, surpreendentemente alto no silêncio da sala. Várias outras mastigadas, não tão barulhentas, mas não deixando restar dúvida de que o que ele está mastigando não é comida de modo algum. E, em seguida, ele o engole e lambe os lábios.

É a primeira vez que você o vê comer.

— Comida — você diz.

— Eu. — Ele estende uma das mãos e a coloca sobre a pilha de pedras com uma delicadeza curiosa.

Você franze um pouco a testa, porque ele está fazendo menos sentido que de costume.

— Então isso é... o quê? Algo que permite que você se pareça com um de nós? — O que você não sabia que eles podiam fazer. Mas comedores de pedras não compartilham nada a respeito de si mesmos e não toleram perguntas dos outros. Você leu relatos de tentativas, por parte da Sexta Universidade, em Arcara, de capturar um comedor de pedra para estudo, duas Estações atrás. O resultado foi a Sétima Universidade em Dibars, que só foi construída depois que desenterraram livros suficientes dos destroços da Sexta.

— Estruturas cristalinas são um meio eficiente de armazenamento. — As palavras não fazem sentido. Então Hoa repete claramente: — Isto sou eu.

Você quer perguntar mais sobre o assunto, mas decide não fazê-lo. Se ele quisesse que você entendesse, teria explicado. E, de qualquer forma, não é a parte que importa.

— Por quê? — você pergunta. — Por que você assumiu essa aparência? Por que não simplesmente ser... o que você é?

Hoa lhe lança um olhar tão cético que você percebe como essa pergunta é idiota. Você teria mesmo deixado que ele viajasse em sua companhia se soubesse o que ele era? Mas, se soubesse o que ele era, você não teria tentado impedi-lo. Ninguém impede comedores de pedra de fazer o que querem.

— Por que se dar ao trabalho, quero dizer? — você pergunta. — Você não pode só... A sua espécie consegue viajar através das pedras.

— Sim. Mas eu queria viajar com você.

E aqui chegamos ao ponto crucial da conversa.

— Por quê?

— Eu gosto de você. — E então ele encolhe os ombros. *Encolhe os ombros*. Como qualquer criança quando lhe perguntam algo que ou ela não sabe como articular ou não quer tentar. Talvez não seja importante. Talvez tenha sido apenas um impulso. Talvez ele acabe

por sumir, seguindo algum outro capricho. Só o fato de que ele não é uma criança... De que, pelas ferrugens, ele não é humano, de que provavelmente está vivo há *Estações*, de que vem de uma raça inteira que não consegue agir por capricho porque é difícil como as ferrugens... torna isso uma mentira.

Você esfrega o rosto. Suas mãos ficam ásperas de cinzas; você precisa de um banho também. Quando suspira, você o ouve dizer baixinho:

— Não vou machucar você.

Você pisca ao ouvir isso, depois abaixa as mãos devagar. Não havia sequer lhe ocorrido que ele poderia machucá-la. Mesmo agora, sabendo o que ele é, tendo visto as coisas que ele pode fazer... você está achando difícil pensar nele como uma coisa assustadora, misteriosa, indecifrável. E isso, mais do que qualquer outra coisa, lhe diz por que ele fez isso consigo mesmo. Ele gosta de você. Ele não quer que você o tema.

— Bom saber — você diz. E depois não há mais nada a dizer, e vocês simplesmente se entreolham por algum tempo.

— Não é seguro aqui — ele diz então.

— É, eu percebi.

As palavras escapam, tom sarcástico e tudo, antes que você consiga se conter. E assim... Bem, é mesmo de surpreender que você esteja se sentindo um pouco amarga a essa altura? Você vem criticando as pessoas desde Tirimo, na verdade. Mas aí lhe vem à mente: você não era assim com Jija, nem com nenhuma outra pessoa, antes da morte de Uche. Naquela época, você sempre tomava o cuidado de ser mais gentil, mais calma. Nunca sarcástica. Se você ficava zangada, não deixava transparecer. Não era quem Essun deveria ser.

Pois é, você não é exatamente Essun. Não *apenas* Essun. Não mais.

— Os outros como você que estão aqui... — você começa. O rostinho dele se contrai, no entanto, em um sinal inconfundível de raiva. Você para, surpresa.

— Eles não são como eu — replica ele friamente.

Bem, é isso então. E você terminou.

— Preciso descansar — você diz. Esteve andando o dia todo e, apesar de que gostaria muito de tomar banho também, você não tem certeza se está pronta para se despir e ficar ainda mais vulnerável diante dessas pessoas de Castrima. Especialmente considerando que, ao que parece, eles vão mantê-la em cativeiro do bom e discreto modo deles.

Hoa aquiesce. Ele começa a recolher seu pacote de pedras outra vez.

— Eu fico de guarda.

— Você dorme?

— Às vezes. Menos do que você. Não preciso dormir agora.

Que conveniente. E você confia mais nele do que nas pessoas dessa comu. Você não deveria, mas confia.

Assim, você se levanta, se dirige ao quarto e se deita no colchão. É uma coisa simples, só palha e algodão revestidos por uma capa de lona, mas é melhor do que o chão duro ou mesmo que o seu saco de dormir, então você se joga sobre ele. Você dorme em segundos.

Quando acorda, não sabe ao certo quanto tempo se passou. Hoa está encolhido ao seu lado, como tem feito nas últimas semanas. Você se senta e franze a testa para ele; ele pisca para você com cautela. Você chacoalha a cabeça, por fim, e se levanta, resmungando para si mesma.

Tonkee voltou para o quarto dela. Dá para ouvi-la roncar. Quando você sai do apartamento, percebe que não faz ideia de que horas são. Lá em cima, você sabe dizer se é dia ou noite, apesar das nuvens e da chuva de cinzas: ou se tem uma chuva clara de cinzas e nuvens ou se tem uma chuva de cinzas escura e manchada de vermelho e nuvens. Mas aqui... você olha ao redor e não vê nada além de gigantescos cristais brilhantes. E a cidade que as pessoas impossivelmente construíram neles.

Você pisa na plataforma grosseira do lado de fora da sua porta e dá uma olhada em seu completamente inadequado parapeito de segurança. Qualquer que seja a hora, parece haver várias dezenas de pessoas cuidando de suas tarefas no chão mais abaixo. Bem, de qualquer modo, você precisa saber mais sobre esta comu. Antes de destruí-la, isto é, se eles tentarem de fato impedi-la de partir.

(Você ignora a voz baixinha em sua cabeça, que murmura: *Ykka é uma rogga também. Você vai mesmo lutar com ela?*)

(Você é muito boa em ignorar vozes baixinhas.)

Descobrir como chegar ao nível do solo é difícil em princípio, porque todas as plataformas e pontes e escadas do lugar são construídas para conectarem os cristais. Os cristais vão para todos os lados, e as conexões também. Não há nada de intuitivo nelas. Você tem que subir um lance de escadas e circundar uma das maiores colunas de cristal a fim de encontrar outro lance de escadas que desce... só para descobrir que ele termina em uma plataforma sem escada alguma, o que força você a voltar. Há algumas pessoas andando por lá, e elas olham para você com curiosidade ou hostilidade ao passar, provavelmente porque é tão óbvio que você é nova na cidade: eles estão limpos e você está suja com as cinzas da estrada. Parecem bem fornidos, e as suas roupas pendem do seu corpo porque você não fez outra coisa que não andar e comer rações para viagem durante semanas. Você não consegue deixar de ficar ressentida ao vê-los, então teima em não pedir instruções.

No entanto, finalmente você chega ao chão. Aqui embaixo fica mais óbvio do que nunca que você está caminhando ao longo do chão de uma enorme bolha de pedra porque ele se inclina de leve para baixo e faz uma curva à sua volta para formar uma bacia perceptível, embora vasta. Essa é a extremidade pontuda da estrutura ovoide que é Castrima. Há cristais aqui embaixo também, mas eles são curtos e grossos, alguns alcançam a altura da sua cintura apenas; os maiores têm de 3 a 4,5 metros. Divisórias de madeira circundam alguns deles e, em alguns lugares, você consegue distinguir trechos evidentes de chão áspero e mais claro onde os cristais foram removidos para abrir espaço. (Você se pergunta inutilmente como eles fizeram isso.) Todas essas coisas criam um tipo de labirinto de trilhas entrecruzadas, cada uma das quais leva a um ou outro ponto essencial da comu: uma fornalha, uma oficina de ferreiro, uma vidraçaria, uma padaria. Fora de algumas das trilhas, você vislumbra barracas e locais de acampamento, alguns ocupados. Obviamente, nem todos os habitantes desta comu se sentem confortáveis andando por feixes

de tábuas de madeira amarrados a centenas de metros acima do chão recoberto de gigantescas estacas. Engraçado isso.

(Lá está ele outra vez, aquele sarcasmo que não é típico de Essun. Que tudo vá para as ferrugens; você está cansada de mantê-lo sob controle.)

Na verdade, é fácil encontrar os banheiros porque há um padrão de passagem de pés úmidos ao longo do chão de pedra verde-acinzentada, todas as pegadas molhadas indo para uma direção. Você segue o caminho de onde elas vieram e fica agradavelmente surpresa ao descobrir que a banheira é uma enorme piscina de água vaporosa e clara. Fizeram uma mureta ao redor dela um pouco acima do nível natural do assoalho do geodo, e há um canal que sai dela, desaguando em um de vários tubos grandes de latão que vão para... algum lugar. Do outro lado da piscina, você pode ver um tipo de cascata surgindo de outro cano para abastecê-la. A água provavelmente circula o suficiente para ficar limpa no período de algumas horas, mas, apesar disso, há uma importante área para banho a um lado, com longos bancos de madeira e prateleiras contendo vários acessórios. Algumas pessoas já estão ali, diligentemente se esfregando antes de entrar na piscina maior.

Você está despida e já esfregou metade do corpo quando uma sombra recai sobre você, e você se contrai e se levanta aos tropeções e derruba o banco e busca a terra antes que lhe ocorra que talvez essa seja uma reação exagerada. Mas aí você quase deixa cair a bucha ensaboada da sua mão porque...

...é *Lerna*.

— Sim — ele diz quando você olha para ele. — Pensei que poderia ser você, Essun.

Você continua olhando. Ele parece diferente, de certo modo. Meio que mais pesado, embora mais magro também, da mesma forma que você; cansado de viajar. Faz... semanas? Meses? Você está perdendo a noção do tempo. E o que ele está fazendo aqui? Ele deveria estar lá em Tirimo; Rask nunca deixaria um médico partir...

Ah. Certo.

— Então Ykka conseguiu convocar você. Eu fiquei pensando...

— Cansado. Ele parece cansado. Há uma cicatriz ao longo da

extremidade do maxilar dele, um talho claro em formato de meia lua que provavelmente não vai recuperar sua cor. Você continua olhando enquanto ele se mexe e diz: — De todos os lugares onde eu poderia ir parar... e aqui está você. Talvez seja destino, ou talvez existam mesmo outros deuses além do Pai Terra... Isso é, um que realmente se importa conosco. Ou talvez sejam maus também, e essa seja a piada deles. Que as ferrugens me levem se eu souber.

— Lerna — você diz, o que é útil.

Ele abaixa os olhos, e só um tanto tarde é que você se lembra de que está nua.

— Eu deveria deixar você terminar — ele diz, desviando rapidamente o olhar. — Conversamos quando você terminar. — Você não se importa de que ele veja a sua nudez (ele fez o parto de um dos seus filhos, pelas ferrugens), mas ele está sendo educado. É um hábito familiar dele, tratar você como uma pessoa, apesar de saber o que você é, e estranhamente encorajador depois de tanta estranheza e de tudo o que mudou na sua vida. Você não está acostumada a ter uma vida que a siga quando você a deixa para trás.

Ele sai de lá, deixando a área de banho e, depois de um momento, você volta a se sentar e termina de se lavar. Ninguém mais a incomoda enquanto você toma banho, embora você flagre algumas das pessoas de Castrima olhando-a com uma curiosidade crescente agora. Com menos hostilidade também, mas isso não é de surpreender: você não parece particularmente intimidadora. É aquilo que eles não conseguem ver que os fará odiá-la.

Por outro lado... Será que eles sabem o que Ykka é? A loira que estava com ela na superfície com certeza sabe. Talvez Ykka tenha algo que a incrimine, algum meio de garantir seu silêncio. Entretanto, não parece ser assim. Ykka é aberta demais quanto ao que ela é, confortável demais falando sobre isso para completos estranhos. Ela é carismática demais, chamativa demais. Ykka age como se ser uma orogene fosse apenas mais um talento, apenas mais uma característica pessoal. Você só viu esse tipo de atitude e esse tipo de aceitação de toda a comu uma vez.

Quando terminou seu banho de imersão e se sente limpa, você sai da banheira. Não tem nenhuma toalha, apenas as suas imundas

roupas cinzentas, que você aproveita o tempo para esfregar na área de banho. Elas estão molhadas quando você termina, mas você não é ousada o bastante para andar nua por uma comu estranha e, de qualquer forma, parece verão dentro do geodo. Então, como no verão, você veste as roupas molhadas, imaginando que elas vão secar suficientemente rápido.

Lerna está esperando quando você sai.

— Por aqui — ele diz, virando-se para andar com você.

Você o segue, e ele a conduz pelo labirinto de escadas e plataformas até vocês chegarem a um cristal cinza achatado que se projeta só uns seis metros mais ou menos para fora da parede. Ele tem um apartamento aqui que é menor do que aquele que você compartilha com Tonkee e Hoa, mas você vê prateleiras cheias de pacotes de ervas e ataduras dobradas e não é difícil adivinhar que os estranhos bancos no cômodo principal talvez tenham, na realidade, o propósito de servir como camas provisórias. Um médico deve estar preparado para visitas em domicílio. Ele orienta você a se sentar em um dos bancos, e se senta à sua frente.

— Eu fui embora de Tirimo um dia depois de você — diz ele em voz baixa. — Oyamar, o suplente de Rask, você se lembra dele, um completo idiota, na verdade estava tentando realizar uma eleição para escolher um novo chefe. Ele não quis a responsabilidade com uma Estação prestes a acontecer. Todo mundo sabia que Rask nunca deveria tê-lo escolhido, mas a família dele fez um favor a Rask quanto aos direitos comerciais da exploração madeireira no oeste... — Suas palavras vão sumindo porque nada disso importa agora. — Bem, metade dos malditos Costas-fortes corriam de um lado para o outro, bêbados e armados, atacando os esconderijos de provisões, acusando todas as outras pessoas de serem roggas ou amantes de roggas. A outra metade estava fazendo a mesma coisa, mas mais silenciosos, e sóbrios, o que era pior. Eu sabia que era só uma questão de tempo até eles pensarem em mim. Todos sabiam que eu era seu amigo.

Isso também é culpa sua então. Por sua causa, ele teve que fugir de um lugar que deveria ter sido seguro. Você abaixa os olhos, desconfortável. Ele também está usando a palavra “rogga” agora.



— Eu estava pensando que poderia descer até Brilliance, de onde veio a família da minha mãe. Eles mal me conhecem, mas sabem *sobre* mim, e eu sou médico, então... achei que tivesse chance. De qualquer modo, melhor do que ficar em Tirimo ou ser linchado. Ou morrer de fome, quando viesse o frio e os Costas-fortes tivessem comido ou roubado tudo. E eu pensei... — Ele hesita, olha rapidamente para você, depois olha de novo para as mãos. — Também pensei que poderia alcançá-la na estrada, se andasse rápido o bastante. Mas isso era idiotice; claro que não consegui.

É algo velado o que sempre existiu entre vocês. Lerna descobriu o que você era em algum momento durante a sua estadia em Tirimo; você não contou a ele. Ele descobriu porque *observava* você o suficiente para perceber os sinais, e porque ele é inteligente. Ele sempre gostou de você, o menino de Makenba. Você imaginou que isso passaria quando ele enfim crescesse. Você se remexe um pouco, desconfortável com a constatação de que não passou.

— Eu saí à noite — continua ele — através de uma das rachaduras no muro perto de... perto de onde você... de onde eles tentaram detê-la. — Ele está com os braços pousados nos joelhos, olhando para as mãos entrelaçadas. Elas estão em grande parte imóveis, mas ele esfrega um polegar no nó do outro polegar, lentamente, repetidas vezes. O gesto parece meditativo. — Caminhei acompanhando o fluxo de pessoas, seguindo um mapa que eu tinha, mas nunca estive em Brilliance. Pelos fogos da Terra, eu mal tinha saído de Tirimo até agora. Aliás, só uma vez, na verdade, quando fui terminar minha formação médica em Hilge. Ou o mapa estava errado ou eu não soube ler. Provavelmente ambos. Eu não tinha bússola. Saí da Estrada Imperial cedo demais, talvez... Fui para o sudeste quando pensei estar indo direto para o sul... Eu não sei. — Ele suspira e esfrega uma das mãos na cabeça. — No momento em que eu percebi o quanto estava perdido, eu tinha ido para tão longe que apenas esperei encontrar uma rota melhor se continuasse indo pelo mesmo caminho. Mas havia um grupo em uma encruzilhada. Bandidos, sem-comu, algo assim. Eu estava com um grupo pequeno a essa altura, um homem mais velho que tinha

no peito um corte feio que eu tratei, e a filha dele, com talvez quinze anos. Os bandidos...

Ele faz uma pausa, cerrando o maxilar. Você pode adivinhar muito bem o que aconteceu. Lerna não é um lutador. Mas ele ainda está vivo, o que é a única coisa que importa.

— Marald, esse era o homem, simplesmente se jogou em cima de um deles. Ele não tinha armas nem nada, e a mulher tinha um facão. Não sei o que ele pensou que podia fazer. — Lerna respira fundo. — Mas ele olhou para mim e... e eu... eu agarrei a filha dele e corri. — Ele cerra ainda mais o maxilar. Você fica surpresa de não conseguir ouvir os dentes dele rangerem. — Ela me deixou mais tarde. Me chamou de covarde e fugiu sozinha.

— Se você não a tivesse levado embora — você diz —, eles teriam matado vocês dois também. — Isso é o Saber das Pedras: *Honra em tempos de segurança, sobrevivência em tempos de ameaça*. É melhor um covarde vivo do que um herói morto.

Lerna contorce os lábios, estreitando-os.

— Foi isso que eu disse a mim mesmo naquela época. Mais tarde, quando ela partiu... pelos fogos da Terra. Talvez a única coisa que eu tenha feito foi só adiar o inevitável. Uma garota da idade dela, sem armas e sozinha pelas estradas...

Você não diz nada. Se a garota for saudável e tiver a constituição física certa, alguém vai aceitá-la, nem que seja como Reprodutora. Se ela tiver um nome de uso melhor, ou se ela conseguir adquirir arma e suprimentos e demonstrar sua habilidade, isso pode ajudar também. Com certeza, suas chances seriam muito melhores com Lerna do que sem ele, mas ela fez sua escolha.

— Eu nem sei o que eles queriam — Lerna está olhando para as mãos. Talvez ele estivesse se consumindo por conta disso desde então. — Nós não tínhamos nada a não ser nossas bolsas de fuga.

— Isso é o que basta, se eles estavam ficando sem suprimentos — você diz, antes de se lembrar de se censurar. De qualquer forma, ele não parece ouvir.

— Então eu continuei andando sozinho. — Ele dá uma risadinha com amargura. — Eu estava tão preocupado com ela que nem sequer me ocorreu que *eu* estava em uma situação tão ruim quanto a dela. — Isso é verdade. Lerna é um latmediiano comum, igual a

você, exceto pelo fato de que ele não herdou a massa corporal ou a altura dos sanzed; provavelmente por isso ele se esforçou tanto para provar sua aptidão mental. Mas ele acabou ficando bonito, em grande parte por acidente de herança, e algumas pessoas se reproduzem por conta disso. O nariz comprido dos cebaki, os ombros e a cor dos sanzed, os lábios dos costeiros do oeste... Ele é multirracial demais para o gosto das comus equatoriais, mas, pelos padrões latmedianos do sul, ele é atraente.

— Quando passei por Castrima — continua ele —, ela parecia abandonada. Eu estava exausto depois de fugir de... Bom, pensei em me esconder em uma das casas para passar a noite, talvez tentar fazer uma pequena fogueira em uma lareira e esperar que ninguém notasse. Comer uma refeição decente para variar. — Ele abriu um breve sorriso. — E, quando acordei, eu estava cercado. Eu disse a eles que era médico, e eles me trouxeram aqui para baixo. Talvez isso tenha acontecido umas duas semanas atrás.

Você meneia a cabeça. E depois conta a ele a sua própria história, sem se dar ao trabalho de esconder nada nem de mentir. A coisa toda, não só a parte em Tirimo. Você está se sentindo culpada, talvez. Ele merece toda a verdade.

Depois que vocês dois ficaram em silêncio por um tempo, Lerna apenas chacoalha a cabeça e suspira.

— Eu não esperava vivenciar uma Estação — diz ele em voz baixa. — Quero dizer, eu ouvi o Saber das Pedras a minha vida inteira, como todo mundo... Mas sempre imaginei que isso nunca aconteceria *comigo*.

Todos pensam assim. Você certamente não estava esperando ter que lidar, ainda por cima, com o fim do mundo.

— Nassun não está aqui — diz Lerna depois de um tempo. Ele fala baixo, mas você ergue a cabeça. A expressão do rosto dele se suaviza ao ver a expressão que deve estar no seu. — Sinto muito. Mas estou aqui há tempo suficiente para conhecer todos os outros “recém-chegados” desta comu. Sei que é a pessoa que você estava esperando encontrar.

Sem Nassun. E agora sem direção, sem um modo realista de encontrá-la. Você de repente fica despojada até de esperança.

— Essun — Lerna se inclina para a frente de maneira abrupta e toma suas mãos. Só um tanto tarde é que você percebe que suas mãos começaram a tremer; os dedos dele imobilizam os seus.

As palavras não têm sentido. Tagarelice reflexiva com a intenção de confortar. Mas isso a fere de novo, mais forte desta vez do que naquele momento lá em cima quando você começou a ter uma crise nervosa na frente de Ykka. *Acabou*. Durante toda essa estranha viagem, mantendo-se sob controle, mantendo-se focada no seu objetivo... Tudo isso foi inútil. Nassun se foi, você a perdeu, e Jija nunca vai pagar pelo que fez, e você...

Que ferrugens você importa? Quem liga para você? Bem, essa é a questão, não é? Uma vez, você teve pessoas que ligavam para você. Uma vez houve crianças que a admiravam e viviam com base em cada palavra sua. Uma vez, duas vezes, três vezes, mas os dois primeiros não contam, havia um homem ao lado do qual você acordava todas as manhãs, que se importava que você existia. Uma vez, você viveu cercada pelas paredes que ele construiu para você, em um lar que vocês construíram juntos, em uma comunidade que na verdade *escolheu* acolhê-la.

Tudo isso construído em cima de mentiras. Era uma questão de tempo, na realidade, até desmoronar.

— Escuta — diz Lerna. A voz dele faz você piscar, e isso faz lágrimas caírem. Mais lágrimas. Você esteve ali sentada em silêncio, chorando, durante algum tempo agora. Ele passa para o seu banco e você se encosta nele. Você sabe que não deveria. Mas encosta, e quando ele a envolve com um braço, você se sente confortada. Ele é um amigo, pelo menos. Sempre será isso. — Talvez... talvez não seja uma coisa ruim, estar aqui. Você não consegue pensar com... tudo... acontecendo. Esta comu é estranha. — Ele faz uma careta. — Não sei ao certo se gosto de estar aqui, mas é melhor do que estar lá em cima neste exato momento. Talvez, com um pouco de tempo para pensar, você descubra aonde Jija poderia ter ido.

Ele está se esforçando tanto. Você chacoalha um pouco a cabeça, mas está vazia demais para conseguir expressar uma objeção.

— Você tem um lugar para ficar? Eles me deram este, devem ter te dado algo. Há bastante espaço aqui. — Você aquiesce, e Lerna

respira fundo. — Então vamos para lá. Você pode me apresentar para esses seus acompanhantes.

Então. Você se recompõe. Depois o conduz para fora do apartamento dele e por uma direção que parece que poderia levá-los ao apartamento que foi designado a você. No decorrer do caminho, você tem mais tempo para avaliar quão insuportavelmente estranha é essa comu. Há uma câmara pela qual vocês passam, incrustada dentro de um dos cristais mais brancos e mais brilhantes, que guarda prateleiras e prateleiras de travessas lisas como formas para biscoito. Há outra câmara, empoeirada e em desuso, que guarda o que você presume serem instrumentos de tortura, exceto pelo fato de que foram feitos inadequadamente; você não sabe ao certo como um par de argolas suspensas do teto por correntes deve machucar. E então há os degraus de metal, aqueles construídos por quem quer que tenha criado este lugar. Há outros degraus, feitos mais recentemente, mas é fácil distingui-los dos originais porque os degraus originais não enferrujam, não deterioraram nem um pouco e não são puramente utilitários. Há estranhas decorações ao longo dos corrimãos e das extremidades das passarelas: faces em relevo, videiras forjadas no formato de nenhuma planta que você já tenha visto, algo que você acha que é escrita, exceto pelo fato de que consiste unicamente em formas pontiagudas em tamanhos variados. Tentar entender o que você está vendo a tira daquele seu estado de humor.

— Isso é loucura — você diz, passando os dedos por uma decoração que parece um kirkhusa que está rosnando. — Este lugar é a grande ruína de uma civextinta, igualzinho a cem mil outras por toda a Quietude. Ruínas são armadilhas mortais. As comus equatoriais derrubam ou afundam as suas se conseguem, e é a coisa mais inteligente que qualquer uma já fez. Se as pessoas que construíram este lugar não conseguiram sobreviver a ele, por que qualquer um de nós deveria tentar?

— Nem todas as ruínas são armadilhas mortais — Lerna está se esgueirando pela plataforma enquanto se mantém bem próximo da coluna de cristal em torno da qual ela passa e mantém os olhos fixos sempre em frente. Gotas de suor se formam sobre o seu lábio superior. Você não havia percebido que ele tem medo de altura, mas

Tirimo era tão plana quanto entediante. A voz dele está cuidadosamente calma. — Há boatos de que Yumenes foi construída sobre uma série de ruínas de civextintas.

*E veja qual foi o resultado, você não diz.*

— Essas pessoas deviam simplesmente ter construído um muro como todo o resto — você diz, mas aí você para, porque lhe ocorre que o objetivo é a sobrevivência e, às vezes, sobreviver requer mudanças. Só porque as estratégias de costume funcionaram (construir um muro, acolher os úteis e excluir os inúteis, armar-se e armazenar e contar com a sorte), não significa que outros métodos não funcionariam. Mas isso? Descer por um buraco e esconder-se em uma bola de cristais pontiagudos com um punhado de comedores de pedra e de *roggas*? Parece particularmente imprudente. — E, se tentarem me manter aqui, eles vão descobrir isso — você murmura.

Se Lerna a ouviu, não respondeu.

Por fim, você encontra o seu apartamento. Tonkee está acordada na sala de estar, comendo uma grande tigela de alguma coisa que não veio de suas bolsas. Parece algum tipo de mingau, e ele contém umas coisas amareladas que fazem você recuar de início, até que ela inclina a tigela e você percebe que se trata de grãos germinados. Típica comida armazenada.

(Ela olha para você com cautela quando você entra, mas as revelações dela foram tão pequenas comparadas a todo o resto que você teve que encarar hoje que você apenas acena uma saudação e se senta de frente para ela como de costume. Ela relaxa.)

Lerna é educado, porém reservado, com Tonkee, e ela se comporta da mesma maneira com ele, até ele mencionar que vem fazendo exames de sangue e urina nas pessoas de Castrima para verificar a deficiência de vitaminas. Você quase sorri quando ela se inclina para a frente e pergunta “com que tipo de equipamento?” com uma expressão ávida no rosto.

Então, Hoa entra no apartamento. Você fica surpresa, já que não havia notado que ele havia saído. Seu olhar branco-gelo passa imediatamente para Lerna e o examina de forma implacável. Depois, ele relaxa de modo tão visível que só agora você percebe

que Hoa esteve tenso esse tempo todo. Desde que vocês entraram nessa comu maluca.

Mas você registra isso como apenas mais uma excentricidade a explorar mais tarde, porque Hoa diz:

— Essun, há uma pessoa aqui que você deveria ver.

— Quem?

— Um homem. De Yumenes.

Vocês três olham para ele.

— Por que — você pergunta devagar, caso tenha entendido mal alguma coisa — eu ia querer ver alguém de Yumenes?

— Ele perguntou por você.

Você decide tentar ter paciência.

— Hoa, eu não conheço ninguém de Yumenes. — De qualquer forma, não conhece mais.

— Ele disse que conhece você. Seguiu a sua pista até aqui, chegou aqui na sua frente quando percebeu que era o lugar para onde você estava se dirigindo. — Hoa faz cara feia, só um pouquinho, como se isso o incomodasse. — Ele disse que quer ver você, ver se você ainda consegue fazer aquilo.

— Fazer o quê?

— Ele só disse “aquilo”. — O olhar de Hoa passa para Tonkee, depois para Lerna, antes de voltar para você. Algo que ele não quer que eles ouçam, talvez. — Ele é como você.

— O quê... — Tudo bem. Você esfrega os olhos, respira fundo e diz isto de modo que ele saiba que não há razão para esconder. — Um rogga, então.

— Sim. Não. Como você. Ele... — Hoa mexe os dedos em vez de pronunciar palavras. Tonkee abre a boca; você faz um gesto brusco para ela. Ela devolve o olhar. Depois de um momento, Hoa suspira. — Ele disse que, se você não quisesse vir, era para dizer que você deve isso a ele. Por Corundum.

Você fica paralisada.

— Alabaster — você murmura.

— Sim — diz Hoa, animando-se. — Esse é o nome dele. — E, então, ele franze mais a testa, pensativo desta vez. — Ele está morrendo.



A ESTAÇÃO DA LOUCURA: ANO 3 ANTES DA ERA IMPERIAL — ANO 7 DA ERA IMPERIAL. A ERUPÇÃO DAS DERRAME DE BASALTO DE KIASH, MÚLTIPLAS CRATERAS DE UM ANTIGO SUPERVULCÃO (O MESMO RESPONSÁVEL PELA ESTAÇÃO GÊMEA, QUE SE ACREDITA TER OCORRIDO APROXIMADAMENTE 10.000 ANOS ANTES), LANÇOU GRANDES QUANTIDADES DE SEDIMENTO DE OLIVINA E OUTROS PIROCLASTOS DE COR ESCURA AO AR. OS DEZ ANOS DE ESCURIDÃO DECORRENTES DISSO NÃO FORAM DEVASTADORES APENAS DO MODO COMO AS ESTAÇÕES SÃO DE COSTUME, MAS RESULTARAM EM UMA INCIDÊNCIA MUITO MAIS ALTA DO QUE A HABITUAL DE DOENÇAS MENTAIS. A GUERREIRA VERISHE, DE SANZE, CONQUISTOU MUITAS COMUS ATORMENTADAS ATRAVÉS DO USO DE GUERRA PSICOLÓGICA COM A FINALIDADE DE CONVENCER SEUS ADVERSÁRIOS DE QUE OS PORTÕES E OS MUROS NÃO OFERECIAM PROTEÇÃO CONFIÁVEL E DE QUE FANTASMAS ESTAVAM À ESPREITA. ELA FOI NOMEADA IMPERATRIZ NO DIA EM QUE REAPARECEU O PRIMEIRO RAIO DE SOL.

— *As ESTAÇÕES DE SANZE*





## 22

### *Syenite, fragmentada*

É a manhã que se segue a uma festa estrondosa que os meovitas deram para celebrar o regresso seguro do *Clalsu* e a aquisição de algumas mercadorias particularmente valorizadas: pedra de alta qualidade para fazer entalhes decorativos, madeiras aromáticas para fazer móveis, brocado luxuoso que vale duas vezes o seu peso em diamantes e uma quantia considerável de moeda negociável, inclusive cédulas de valor elevado e pedaços inteiros de madrepérola. Nenhum alimento, mas, com essa quantidade de dinheiro, eles podem mandar negociantes comprar canoas cheias de qualquer coisa de que precisem no continente. Harlas abriu um barril de hidromel antártico tremendamente forte para celebrar, e metade da comu ainda está dormindo para curar a ressaca.

Passaram-se cinco dias desde que Syenite obstruiu o vulcão ao qual ela deu início, que matou uma cidade inteira, e oito dias desde que ela matou dois navios cheios de pessoas para manter a existência de sua família em segredo. Parece que todos estão celebrando os múltiplos assassinatos em massa que ela cometeu.

Ela ainda está na cama, tendo se recolhido assim que o navio foi descarregado. Innon não veio para casa ainda; ela lhe disse para ir e contar as histórias da viagem, porque as pessoas esperam isso dele, e ela não o quer sofrendo por conta de sua melancolia. Coru está com ele porque adora celebrações; todos dão comida para ele,

todos o afagam. Ele até tenta ajudar Innon a contar as histórias, gritando bobagens com todas as suas forças. A criança se parece mais com Innon do que tem qualquer direito físico de se parecer.

Alabaster foi quem ficou com Syen, conversando com ela em meio a seu silêncio, forçando-a a responder quando ela preferia simplesmente parar de pensar. Ele diz que sabe como é se sentir assim, embora não lhe diga como ou o que aconteceu. Ela acredita nele independente disso.

— Você deveria ir — ela diz por fim. — Junte-se à contação de histórias. Lembre Coru que ele tem pelo menos dois pais que valem alguma coisa.

— Não seja tola. Ele tem três.

— Innon acha que eu sou uma mãe horrível.

Alabaster suspira.

— Não. Você só não é o tipo de mãe que Innon quer que você seja. Mas você é o tipo de mãe de que o nosso filho precisa. — Ela vira a cabeça para franzir a testa para ele. Ele dá de ombros. — Corundum será forte um dia. Ele precisa de pais fortes. Eu... — Ele vacila abruptamente. Você praticamente o sente decidir mudar de assunto. — Tudo bem. Eu trouxe uma coisa para você.

Syen suspira e se levanta um pouco enquanto ele se agacha ao lado da cama, abrindo um pequeno embrulho de tecido. Dentro dele, quando ela fica curiosa mesmo sem querer e chega mais perto, estão dois anéis de pedra polida, do tamanho exato dos seus dedos. Um é feito de jade, o outro é de madrepérola.

Ela olha para ele, e ele encolhe os ombros.

— Obstruir um vulcão ativo não é algo que um mero quatro-anéis poderia fazer.

— Nós estamos livres. — Ela diz isso de forma obstinada, embora não se sinta livre. Ela consertou Allia, afinal, completando a missão para a qual o Fulcro a enviou até lá, embora atrasada e de maneira perversa. É o tipo de coisa que a faz rir incontrolavelmente quando pensa sobre isso, então ela continua antes de começar a dar risada. — Não precisamos mais usar *nenhum* anel. Nem uniformes pretos. Não faço coque no meu cabelo há meses. Você não precisa emprenhar todas as mulheres que eles te mandam, como algum tipo de garanhão. Esqueça o Fulcro.

Bas sorri um pouco, com tristeza.

— Não podemos, Syen. Um de nós terá que treinar Coru...

— Não temos que treiná-lo para fazer nada. — Syen se deita de novo. Ela queria que ele fosse embora. — Deixe-o aprender o básico com Innon e Harlas. Tem sido o suficiente para permitir que essas pessoas sobrevivam há séculos.

— Innon não poderia ter bloqueado aquela explosão, Syen. Se ele tivesse tentado, poderia ter rompido o ponto quente que havia abaixo e desencadeado uma Estação. Você salvou o mundo disso.

— Então, me dê uma medalha, não anéis. — Ela está olhando para o teto. — Exceto pelo fato de que foi por minha causa que aquela explosão existiu, então *talvez não*.

Alabaster estende a mão para afastar o cabelo dela do rosto. Ele faz isso com bastante frequência, agora que ela o usa solto. Ela sempre teve um pouco de vergonha do cabelo... Ele é enrolado, mas sem firmeza alguma, seja a lisa do cabelo sanzedeu ou a crespa do cabelo costeiro. Ela é tão vira-lata latmediã que não sabe sequer a qual dos seus ancestrais deve culpar pelo seu cabelo. Pelo menos não atrapalha.

— Nós somos o que somos — diz ele com tanta delicadeza que ela sente vontade de chorar. — Nós somos Misalem, não Shemshena. Você ouviu essa história?

Os dedos de Syenite se contraem com a lembrança da dor.

— Sim.

— Do seu Guardião, certo? Eles gostam de contar essa para as crianças. — Bas se vira para se encostar no suporte da cama com as costas voltadas para ela, relaxando. Syenite pensa em lhe dizer para ir embora, mas nunca diz isso em voz alta. Ela não está olhando para ele, então não faz ideia do que ele faz com o embrulho dos anéis que ela não pegou. Se depender dela, ele pode comê-los.

— Minha Guardiã me contou essa besteira também, Syen. O monstruoso Misalem, que decidiu declarar guerra contra uma nação inteira e assassinar o imperador sanzedeu sem um motivo particular.

Mesmo sem querer, Syen franze a testa.

— Ele teve um motivo?

— Ah, pelas crueldades da Terra, é claro. Use a sua cabeça ferrugenta.

É irritante ser repreendida, e a irritação afasta a apatia dela um pouco mais. O bom e velho Alabaster, deixando-a irada para animá-la. Ela vira a cabeça para olhar para a parte detrás da cabeça dele.

— Bem, e qual foi o motivo?

— O mais simples e mais poderoso de todos os motivos: vingança. Aquele imperador era Anafumeth, e a coisa toda aconteceu pouco depois do final da Estação dos Dentes. Essa é a Estação sobre a qual não se fala muito em nenhuma creche. Houve fome em massa nas comus do hemisfério norte. Elas foram as mais atingidas, já que o tremor que originou a coisa toda foi perto do polo norte. A Estação demorou um ano a mais para tomar conta dos Equatoriais e do sul...

— Como você sabe de tudo isso? — Não é nada que Syen já tenha ouvido nos tormentos dos grãos ou em qualquer outra parte.

Alabaster encolhe os ombros, chacoalhando a cama inteira.

— Eu não tinha permissão para treinar com os outros grãos da minha faixa etária; eu tinha anéis antes de a maioria deles ter pelos púbicos. Os instrutores me deixavam solto na biblioteca dos seniores para me compensar por isso. Não prestavam muita atenção no que eu lia. — Ele suspira. — Além do mais, na minha primeira missão, eu... havia um arqueomesta que... ele... Bem, nós conversávamos, além de... fazer outras coisas.

Ela não sabe por que Alabaster se dá ao trabalho de se envergonhar de seus casos amorosos. Ela observou Innon fodê-lo até ele balbuciar coisas incoerentes em mais de uma ocasião. Mas talvez não seja do sexo que ele se envergonhe.

— Bem, está tudo ali se você juntar os fatos e pensar além do que nos ensinam. Sanze era então um império novo, ainda se expandindo, no auge do seu poder. Mas ele ficava em grande parte na metade norte dos equatoriais naquela época... Yumenes na verdade não era a capital naquele tempo... E algumas das maiores comus sanzeds não eram tão boas em se preparar para uma Estação como são agora. De algum modo, perderam sua comida armazenada. Para sobreviver, todas as comus sanzeds decidiram trabalhar juntas, atacando as comus de qualquer raça inferior. — Ele contorce os lábios. — Foi *nesse momento* que começaram a nos chamar de raça inferior, na realidade.

— Então, eles pegaram a comida armazenada dessas outras comus. — Syen pode adivinhar até aí. Ela está ficando entediada.

— Não. Ninguém tinha mais provisões ao final daquela Estação. Os sanzeds levavam *peessoas*.

— Pessoas? Para qu... — Então ela entende.

Escravos não são necessários durante uma Estação. Toda comu tem seus Costas-fortes e, se precisarem de mais, sempre há pessoas sem-comu desesperadas o suficiente para trabalhar em troca de comida. Mas a carne humana se torna valiosa por outras razões, quando as coisas ficam ruins o bastante.

— Então — diz Alabaster, indiferente enquanto Syen fica ali, lutando contra a náusea —, aquela Estação foi quando os sanzeds desenvolveram gosto por certas iguarias raras. E, mesmo depois que a Estação terminou e os vegetais cresceram e o rebanho se tornou herbívoro ou parou de hibernar, eles continuaram consumindo-as. Eles enviavam grupos para atacar assentamentos menores e novas comus que pertenciam a raças sem aliados sanzeds. Todos os relatos se diferem quanto aos detalhes, mas estão de acordo quanto a uma coisa: Misalem foi o único sobrevivente quando sua família foi levada em um ataque. Supostamente, seus filhos foram mortos para a própria mesa de Anafumeth, embora eu desconfie que exista um pouco de floreado dramático nisso. — Alabaster suspira. — Independentemente, eles morreram, e foi culpa de Anafumeth, e ele queria que Anafumeth morresse por isso. Como qualquer homem ia querer.

Mas um roggas não é qualquer homem. Roggas não têm direito de ficar irritados, de querer justiça, de proteger o que amam. Por seu atrevimento, Shemshena o matou... E tornou-se uma heroína por fazer isso.

Syenite reflete sobre o assunto em silêncio. Então, Alabaster se mexe um pouco, e ela sente a mão dele pressionar o embrulho, aquele com os anéis, na palma da sua, que não oferece resistência.

— Orogenes construíram o Fulcro — diz ele. Ela quase nunca o ouviu falar *orogene*. — Fizemos isso sob ameaça de um genocídio, e o usamos para abotoar uma coleira em torno dos nossos próprios pescoços, mas fizemos. Nós somos o motivo pelo qual o velho Sanze se tornou tão poderoso e durou tanto tempo e pelo qual ainda

governa parcialmente o mundo, embora ninguém vá admitir isso. Fomos nós que descobrimos como a nossa espécie pode ser incrível, se aprendermos a refinar o dom com que nascemos.

— É uma maldição, não um dom. — Syenite fecha os olhos. Mas não rechaça o embrulho.

— É um dom se nos tornar melhores. É uma maldição se deixarmos que nos destrua. Você decide isso... não os instrutores, não os Guardiões, nem nenhuma outra pessoa. — Outra virada, e a cama se mexe um pouco quando Alabaster se apoia contra ela. Um instante depois, ela sente os lábios dele em sua sobrancelha, secos e aprovadores. Em seguida, ele se senta de novo no chão ao lado da cama e não diz mais nada.

— Acho que vi um Guardião — diz ela depois de um tempo. Bem baixinho. — Em Allia.

Alabaster não responde por um instante. Ela havia concluído que ele não ia responder quando ele diz:

— Eu vou destruir o mundo inteiro se eles nos machucarem outra vez.

*Mas nós ainda estaríamos machucados, pensa ela.*

Entretanto, de certo modo, é reconfortante. O tipo de mentira que ela precisa ouvir. Syenite mantém os olhos fechados e não se mexe por um bom tempo. Ela não está dormindo; está pensando. Alabaster permanece ali enquanto ela pensa, e por isso ela fica indescritivelmente feliz.

• • •

Quando o mundo termina três semanas depois, acontece no dia mais bonito que Syenite já viu. O céu está limpo em um raio de quilômetros, salvo por uma ocasional nuvem flutuando. O mar está calmo, e até o vento onipresente está quente e úmido para variar, em vez daquele vento gelado que machuca a pele.

É tão bonito que a comu inteira decide subir até a elevação. Os sadios carregam os que não conseguem subir os degraus, enquanto as crianças ficam no meio do caminho e quase matam todo mundo. As pessoas designadas para trabalhar na cozinha colocam tortas de peixe e pedaços de frutas cortadas e bolas de grãos temperados em pequenos potes que podem ser facilmente transportados, e todos

levam cobertores. Innon está com um instrumento musical que Syenite nunca viu, algo como um tambor com cordas de violão, que estaria na moda em Yumenes se algum dia se popularizasse por lá. Alabaster está com Corundum. Syenite traz um romance verdadeiramente horrível que alguém achou no cargueiro saqueado, o tipo de coisa cuja primeira página a fez franzir a testa e cair na risada. Depois, é claro, ela continuou lendo. Ela adora livros que são só para diversão.

Os meovitas espalham-se pelo declive atrás do cimo que bloqueia a maior parte do vento, mas onde o sol bate em cheio, reluzente. Syenite coloca seu cobertor longe de todos os outros, mas eles rapidamente invadem seu espaço, estendendo seus cobertores bem ao lado e sorrindo para ela quando ela encara.

Ela percebeu, ao longo dos últimos três anos, que a maioria dos meovitas a consideram, e Alabaster também, como algo semelhante a animais selvagens que decidiram revirar habitações humanas... Impossíveis de civilizar, meio que fofinhos e, pelo menos, uma amolação que diverte. Então, quando veem que ela obviamente precisa de ajuda com algo e não admite, eles a ajudam mesmo assim. E eles *acariciam* Alabaster constantemente e o abraçam e pegam suas mãos e o fazem dançar, e Syen ao menos se sente grata porque ninguém tenta fazer isso com ela. Mas todos podem ver que Alabaster gosta de ser tocado, por mais que finja ser reservado. É provável que seja algo que ele não tinha com muita frequência no Fulcro, onde todos tinham medo do seu poder. Talvez, da mesma maneira, pensem que Syen gosta de ser lembrada de que faz parte de um grupo agora, de que contribui e recebe contribuição e de que não precisa mais se proteger de tudo e de todos.

Eles estão certos. Isso não significa que ela vai dizer a eles que estão.

Então, tudo o que se vê é Innon jogando Coru para cima enquanto Alabaster tenta fingir que não está aterrorizado, mesmo quando a orogenia do menino envia microtremores através dos estratos subaquáticos da ilha a cada vez que ele é jogado; e Hemoo começando algum tipo de jogo com poesia cantada ao som de música que todos os meovitas parecem conhecer; e Owel, a bebê

de Ough, tentando correr pelos cobertores estendidos e pisando em pelo menos dez pessoas antes que alguém a pegue e faça cócegas na menina até ela sentar; e as pessoas passando de mão em mão uma cesta contendo garrafinhas de argila com algo que queima o nariz de Syen quando ela sente o cheiro; e.

E.

Ela poderia amar essas pessoas, ela pensa às vezes.

Talvez já ame. Ela não sabe ao certo. Mas depois que Innon se deixa afundar no cobertor para tirar uma soneca com Coru já adormecido em seu peito, e depois que o canto poético se transformou em uma competição de piadas vulgares, e depois que ela bebeu o suficiente da coisa que havia na garrafa a ponto de o mundo estar de fato começando a se mover sozinho... Syenite levanta os olhos e chama a atenção de Alabaster. Ele se ergueu, apoiando-se em um cotovelo para folhear o livro terrível que ela enfim abandonou. Ele está fazendo caras horríveis e hilárias enquanto dá uma lida nele. Enquanto isso, sua mão livre brinca com uma das tranças de Innon, e ele não se parece nem um pouco com aquele monstro meio enlouquecido com quem Feldspar a mandou partir no começo dessa viagem.

Ele levanta os olhos para encontrar o olhar dela e, só por um instante, há apreensão neles. Syenite pisca, surpresa ao perceber isso. Mas ela é a única pessoa aqui que sabe como era a vida dele antes. Será que ele se ressentir de que ela esteja aqui, uma lembrança constante do que ele preferiria esquecer?

Ele sorri, e ela franze a testa como reação automática. Ele dá um sorriso maior.

— Você ainda não gosta de mim, não é?

Syenite bufa.

— O que te importa?

Ele balança a cabeça, achando graça... E então estende o braço e passa a mão no cabelo de Coru. A criança se mexe e murmura enquanto dorme, e o rosto de Alabaster se suaviza.

— Você gostaria de ter outro filho?

Syenite se assusta, deixando o queixo cair.

— Claro que não. Eu não queria esse.



— Mas ele está aqui agora. E ele é lindo. Não é? Você faz filhos tão bonitos. — O que é a coisa mais idiota que ele poderia dizer, mas ele é Alabaster. — Você poderia ter o próximo com Innon.

— Talvez Innon devesse dar o seu voto sobre isso, antes de nós decidirmos o seu futuro reprodutivo.

— Ele ama Coru e é bom pai. Ele já tem dois outros filhos, e eles estão bem. Mas são quietos. — Ele reflete. — Você e Innon poderiam ter um filho quieto. Isso não seria uma coisa terrível aqui.

Syenite balança a cabeça, mas está pensando sobre o pequeno pessário que as mulheres da ilha lhe mostraram como usar. Pensando que talvez vá parar de usá-lo. Mas ela diz:

— Liberdade significa que *nós* controlamos o que fazemos agora. Ninguém mais.

— Sim. Mas agora que posso pensar sobre o que eu quero... — Ele dá de ombros como se estivesse indiferente, mas há uma intensidade em seu olhar quando olha para Innon e Coru. — Nunca quis muito da vida. Só ser capaz de *vivê-la*, na verdade. Não sou como você, Syen. Não preciso provar o meu valor. Não quero mudar o mundo, nem ajudar as pessoas, nem ser grandioso. Eu só quero... isto.

Ela entende. Então se deita a um lado de Innon e Alabaster se deita ao outro, e eles relaxam e desfrutam da sensação de plenitude, de contentamento, por um instante. Porque eles podem.

Claro que isso não pode durar.

Syenite acorda quando Innon se senta e faz sombra sobre ela. Ela não pretendia tirar uma soneca, mas tirou uma das boas, e agora o sol está se inclinando em direção ao oceano. Coru está fazendo um rebuliço, e ela se senta automaticamente, esfregando o rosto com uma das mãos e estendendo a outra para ver se a fralda de tecido dele está cheia. Está tudo certo, mas os sons que ele produz são de ansiedade e, quando ela fica mais desperta, entende por quê. Innon está sentado, segurando Coru distraidamente em um braço, mas está franzindo a testa enquanto olha para Alabaster. Alabaster está de pé, o corpo inteiro tenso.

— Alguma coisa... — ele murmura. Ele está voltado para o continente, mas não pode ver nada; o espinhaço está no caminho. Mas ele não está usando os olhos.

Em seguida, Syen franze o cenho e projeta a sua própria consciência, preocupada, pensando haver um tsunami ou coisa pior a caminho. Mas não há nada.

Um nada *conspícuo*. Deveria haver algo. Há um limite entre placas entre a ilha que é Meov e o continente; os limites entre as placas nunca são estáticos. Elas saltam e se contraem e vibram umas contra as outras de um milhão de formas infinitesimais que só um roga consegue sentir, como a eletricidade que os geoneiros conseguem criar a partir de turbinas e tanques de produtos químicos. Mas, de repente, impossivelmente, pode-se sentir que a borda da placa está imóvel.

Confusa, Syenite começa a olhar para Alabaster. Mas sua atenção se volta para Conrundum, que está pulando e se debatendo nas mãos de Innon, choramingando e tendo um ataque de birra, embora não seja o tipo de bebê que faz esse tipo de coisa. Alabaster está olhando para o bebê também. A expressão dele se transforma em algo contorcido e terrível.

— Não — ele diz. Ele está chacoalhando a cabeça. — Não. Não, não vou *deixá-los*, não outra vez.

— O quê? — Syenite está olhando para ele, tentando não notar o pavor que está surgindo dentro de si, sentindo em vez de vendo quando os outros se levantam ao redor deles, murmurando e reagindo à inquietação deles. Duas pessoas sobem o espinhaço a passos rápidos para ver o que conseguem ver.

— Bas, o quê? Em nome da Terra...

Ele produz um som que não é uma palavra, apenas uma negação, e de súbito ele sobe correndo o declive em direção ao espinhaço. Syenite o acompanha com o olhar, depois olha para Innon, que parece ainda mais confuso do que ela; Innon balança a cabeça. Mas as pessoas que chegaram antes de Bas ao espinhaço estão gritando agora e fazendo sinais para todo o resto. Há algo errado.

Syenite e Innon correm declive acima junto com os outros. Todos chegam ao topo juntos e lá param, olhando para a extensão de oceano do lado da ilha que está voltado para o continente.

Onde há quatro navios, minúsculos, porém cada vez mais próximos, no horizonte.

Innon diz um palavrão e empurra Coru para os braços de Syenite, que quase se atrapalha ao pegá-lo, mas então o aperta contra si enquanto Innon vasculha os bolsos e pacotes e surge com seu binóculo menor. Ele o estende e olha com atenção por um instante, depois franze a testa, enquanto Syenite tenta em vão consolar Coru. Ele está inconsolável. Quando Innon abaixa o binóculo, Syenite pega o seu braço e lhe dá Coru, tirando o objeto da sua mão quando ele pega o menino.

Os quatro navios estão maiores agora. Suas velas são brancas, comuns; ela não consegue descobrir o que deixou Alabaster tão irritado. E, então, ela nota a figura de pé na proa de um dos navios.

Usando vinho.

O choque dessa visão arranca-lhe o ar do peito. Ela se afasta, articula com os lábios a palavra que Innon precisa ouvir, mas ela sai sem força, inaudível. Innon toma o binóculo dela porque ela parece estar prestes a deixá-lo cair. Então, como eles têm que *fazer* alguma coisa, ela tem que *fazer* alguma coisa, ela se concentra e se mantém focada e diz mais alto:

— *Guardiões.*

Innon franze a testa.

— Como... — Ela vê quando também ele percebe o que isso significa. Desvia o olhar por um momento, pensando, depois meneia a cabeça. Como encontraram Meov não importa. Eles não podem desembarcar. Eles não podem viver.

— Dê Coru a alguém — diz ele, afastando-se do espinhaço; sua expressão endurecida agora. — Vamos precisar de você, Syen.

Syenite aquiesce e se vira, olhando ao redor. Deelashet, uma das poucas pessoas sanzed na comu, passa correndo com o seu próprio bebê, que talvez seja seis meses mais velho do que Coru. Ela cuidou de Coru algumas vezes, amamentou-o quando Syenite estava ocupada; Syenite acena e corre até ela.

— Por favor — diz ela, empurrando Coru para os braços da mulher. Deelashet acena positivamente com a cabeça.

Coru, no entanto, não concorda com esse plano. Ele se agarra a Syenite, gritando e chutando e... pelas crueldades da Terra, a ilha inteira balança de repente. Deelashet cambaleia e então olha para Syenite, horrorizada.

— Merda — ela murmura e pega Coru de volta. Então, com ele apoiado no quadril (ele se acalma de imediato), ela corre para alcançar Innon, que já está correndo em direção aos degraus de metal, gritando para a sua tripulação para embarcar no *Clalsu* e prepará-lo para o combate.

É loucura. É tudo loucura, ela pensa enquanto corre. Não faz sentido que os Guardiões tenham descoberto este lugar. Não faz sentido que estejam vindo. Por que aqui? Por que agora? Meov existe e vem pirateando a costa há gerações. A única coisa que é diferente são Syenite e Alabaster.

Ela ignora a pequena voz no fundo de sua mente que sussurra: *eles a seguiram de algum modo, você nunca deveria ter voltado a Allia, era uma armadilha, você nunca deveria ter vindo aqui, tudo o que você toca perece.*

Ela não olha para as mãos, onde (só para Alabaster saber que ela apreciou o gesto) ela colocou os quatro anéis que o Fulcro lhe deu, mais os dois dele. Os últimos dois não são reais, afinal de contas. Ela não passou em nenhum tipo de teste de anel para obtê-los. Mas quem saberia se ela merece esses anéis melhor do que um homem que conquistou dez? E, que merda, ela obstruiu um vulcão criado por um obelisco quebrado com um comedor de pedra dentro dele.

Então, Syenite decide, repentina e impetuosamente, que vai mostrar a esses Guardiões ferrugentos o que uma seis-anéis pode fazer.

Ela chega ao nível da comu, onde há caos: pessoas pegando facas de vidro e tirando catapultas e bolas de corrente de seja-lá-onde-ferrugens eles as estavam guardando, reunindo seus pertences, carregando barcos com arpões. Então, Syen sobe correndo a prancha para entrar no *Clalsu*, onde Innon ordena aos gritos que recolham a âncora, e de repente lhe ocorre se perguntar aonde Alabaster foi.

Ela para aos tropeções no convés do navio. E, ao fazer isso, sente um lampejo de orogenia tão profundo e poderoso que, por um instante, ela pensa que o mundo inteiro estremece. Toda a água do porto dança com pontilhações minúsculas por um momento. Syen desconfia que as nuvens sentiram esse.

E, subitamente, há uma *parede* se elevando a partir do mar, a menos de quinhentos metros de distância do porto. É um bloco imenso de pedra maciça, perfeitamente retangular como se houvesse sido esculpido, enorme o bastante para... Oh, pelas ferrugens descamadas, *não*... Isolar o maldito porto.

— Bas! Que droga... — É impossível ser ouvida por sobre o estrondo da água e o rangido da pedra (tão grande quanto a própria ilha de Meov) que Alabaster está erguendo. Como ele consegue fazer isso sem nenhum tremor ou ponto quente por perto? Metade da ilha deveria estar congelada. Mas, então, algo cintila no canto do campo de visão de Syenite, e ela se vira para ver o obelisco ametista à distância. Está mais próximo que antes. Está vindo ao encontro deles. É assim que ele consegue.

Innon está praguejando, furioso; ele entende muito bem que Alabaster está sendo um tolo superprotetor, seja qual for o modo como esteja fazendo isso. Sua fúria torna-se esforço. Uma névoa se ergue da água em torno do navio e as tábuas do convés perto dele rangem e ficam cobertas de gelo quando ele tenta destruir a parte mais próxima da parede, de modo que possam sair ao mar e lutar. A parede se estilhaça... e depois ouvem um estrondo baixo por trás dela. Quando a parte da parede que Innon estilhaçou desmorona, há outro bloco de pedra atrás dela.

Syenite está ocupada tentando modular as ondas na água. É possível usar a orogenia na água, só que é difícil. Ela está pegando o jeito enfim, depois de tanto tempo vivendo perto de uma extensão tão grande de água; é uma das poucas coisas que Innon foi capaz de ensinar a ela e a Alabaster. Há calor e minérios suficientes no mar que ela pode sentir, e a água se move como a pedra, só que mais rápido; tanto que ela consegue manipulá-la um pouco. Delicadamente. No entanto, ela está fazendo isso agora, apertando Coru contra si de modo que ele esteja dentro da zona segura da sua espiral, e concentrando-se bastante para enviar ondas de choque contra as ondas que estão vindo apenas em velocidade suficiente para quebrá-las. Funciona em grande parte; o *Clalsu* chacoalha com violência e se solta do ancoradouro, e um dos píeres desaba, mas nada emborca e ninguém morre. Syenite conta isso como uma vitória.

— O que ferrugens ele está fazendo? — pergunta Innon, arfando, e ela segue o olhar dele para ver Alabaster por fim.

Ele está no ponto mais alto da ilha, lá em cima nas elevações. Mesmo daqui Syen consegue ver o frio intenso da sua espiral; o ar mais quente ao redor dela ondula conforme a temperatura muda, e toda a umidade do vento que passa por ela se precipita em forma de neve. Se ele está usando o obelisco, não deveria precisar do ambiente, deveria? A menos que esteja fazendo tanto que nem mesmo o obelisco possa abastecê-lo.

— Pelos fogos da Terra — diz Syen. — Tenho que ir lá em cima.

Innon agarra o braço dela. Quando ela o encara, os olhos dele estão arregalados e um pouco receosos.

— Nós só iríamos atrapalhá-lo.

— Não podemos apenas ficar aqui e esperar! Ele não é... confiável. — Ao mesmo tempo em que diz isso, sente um aperto na barriga. Innon nunca viu Alabaster perder o controle. Ela não *quer* que Innon veja isso. Alabaster tem sido tão bom aqui em Meov; ele quase não é mais louco. Mas Syen pensa

*o que se quebrou uma vez se quebrará de novo, com mais facilidade*

e ela chacoalha a cabeça e tenta entregar-lhe Coru.

— Eu preciso. Talvez eu possa ajudar. Coru não vai com mais ninguém... Por favor...

Innon pragueja, mas pega a criança, que se agarra à camisa de Innon e coloca o dedão na boca. Então, Syen parte, correndo pela saliência da comu e subindo os degraus.

Quando ela sobe a um nível acima da barreira de rocha, finalmente consegue ver o que está acontecendo para além dela e, por um instante, para, em estado de choque. Os navios estão muito mais perto, logo depois da parede que Bas levantou para proteger o porto. Mas há só três deles porque um dos navios se atrapalhou, saiu da rota e está adernando bastante... Não, está afundando. Ela não faz ideia de como ele conseguiu isso. Outro navio está singrando de maneira estranha na água, o mastro quebrado e a proa elevada e a quilha visível, e é nesse momento que Syenite percebe que há *rochas* empilhadas na parte detrás do convés.

Alabaster esteve jogando pedras sobre os malditos. Ela não tem ideia de como, mas ver isso lhe dá vontade de aplaudir.

Mas os outros dois navios se dividiram: um deles está vindo diretamente para a ilha, o outro está saindo da formação, talvez para circundar o lugar ou para sair do alcance do ataque com pedras de Alabaster. *Não, você não vai*, pensa Syen, e tenta fazer o que fez com o navio de ataque durante a última incursão deles, puxando uma lasca de leito de rocha do fundo do mar para atingir a coisa. Ela congela um espaço de uns três metros à sua volta para fazer isso, e faz pedaços de gelo se espalharem pela água entre ela e o navio, mas começa a moldar e a soltar a lasca, e começa a puxá-la para cima...

E a lasca para. E a força crescente de sua orogenia simplesmente... se dissipa. Ela arqueja conforme o calor e a força vazam, e então ela entende: há um Guardiã neste navio também. Talvez haja em todos, o que explica por que Bas não os destruiu ainda. Ele não pode atacar um Guardiã diretamente; a única coisa que pode fazer é arremessar pedras de fora do raio de bloqueio dos Guardiões. Ela não consegue nem imaginar quanta energia isso deve exigir. Ele jamais teria conseguido sem o obelisco, e se não fosse o dez-anéis louco e genioso que é.

Bem, só porque ela não consegue atingir a coisa diretamente, não significa que não consiga encontrar alguma outra forma de fazê-lo. Ela corre pelo espinhaço ao passo que o navio que ela tentou destruir passa por trás da ilha, mantendo-o à vista. Será que eles pensam que há outro meio de subir? Se pensarem, ficarão muito desapontados; o porto de Meov é a única parte da ilha que é remotamente acessível. O resto da ilha é uma única coluna pontuda e íngreme. O que lhe dá uma ideia. Syenite sorri e para, depois se deixa cair com as mãos e os joelhos na terra para se concentrar.

Ela não tem a força de Alabaster. Ela nem ao menos sabe como alcançar o obelisco sem a orientação dele... E, depois do que aconteceu em Allia, ela tem medo de tentar. A fronteira entre as placas está longe demais para ela alcançar, e não há crateras secundárias nem pontos quentes por perto. Mas ela tem a própria Meov. Aquele adorável, pesado e *laminoso* xisto inteiro.

Então ela se lança para baixo. Para o fundo. Mais para o fundo. Ela sente o caminho pelos espinhaços e pelas camadas de rocha que é Meov, procurando o melhor ponto de fratura... O *fulcro*; ela ri sozinha. Pelo menos ela o encontra, ótimo. E ali, fazendo a curva da ilha, está o navio. Sim.

Syenite absorve todo o calor e a vida infinitesimal da rocha em um ponto concentrado. A umidade ainda está ali, contudo, e é isso que congela, e se expande, conforme Syenite o força a ficar cada vez mais gelado, tirando cada vez mais dela, prolongando sua espiral estreita e oblonga de forma que ela desça cortando o grão de rocha como uma faca cortaria a carne. Um anel de gelo se forma ao seu redor, mas não é nada comparado à longa e intensa placa de gelo que está crescendo dentro da rocha, rompendo-a.

E então, no exato momento em que o navio se aproxima do ponto, ela libera toda a força que a ilha lhe deu, empurrando-a de volta para o lugar de onde veio.

Um pedaço enorme de pedra se parte da face do rochedo. A inércia o segura onde está, só por um instante... E então, com um rangido baixo e oco, ele se desprende da ilha, estilhaçando-se na base perto da linha d'água. Syenite abre os olhos e se levanta e corre, escorregando uma vez no próprio anel de gelo, para aquela extremidade da ilha. Ela está cansada e, depois de alguns passos, tem que passar a caminhar, respirando com dificuldade por conta de uma pontada ao lado do corpo. Mas ela chega a tempo de ver:

O pedaço de rocha caiu bem em cima do navio. Ela dá um sorriso impetuoso ao ver o convés despedaçado enquanto ouve gritos, enquanto vê pessoas já na água. A maioria veste uma variedade de roupas; mercenários, então. Mas ela pensa ter visto um lampejo de tecido vinho sob a superfície da água sendo arrastado mais para baixo por uma das metades do navio que está afundando.

— Guarde *isso*, seu ferrugento filho de um canibal. — Sorrindo, Syenite se levanta e segue em direção a Alabaster de novo.

Conforme ela desce da elevação, ela consegue vê-lo, uma figura minúscula ainda criando seu próprio fronte gelado e, por um instante, ela de fato o admira. Ele é incrível, apesar de tudo. Mas então, de repente, ouve-se um estranho estrondo oco vindo do mar,



e algo explode em torno de Alabaster em uma nuvem de pedras e fumaça e força explosiva.

Um canhão. Um ferrugento *canhão*. Innon lhe contou sobre eles: são uma invenção que as comus equatoriais vêm experimentando nos últimos anos. *Claro* que os Guardiões teriam um. Syen começa a correr, de forma irregular e desajeitada, impulsionada pelo medo. Ela não consegue ver Bas muito bem em meio à fumaça do tiro de canhão, mas consegue ver que ele está no chão.

Quando chega lá, ela sabe que ele está ferido. O vento gelado parou de soprar; ela pode ver Alabaster com as mãos e os joelhos no chão, cercado por um círculo de gelo cheio de bolhas que tem metros de extensão. Syenite para no anel de gelo mais externo; se ele estiver fora, pode não notar que ela está dentro do alcance do seu poder.

— Alabaster!

Ele se mexe um pouco, e ela consegue ouvi-lo gemendo, murmurando. Qual é a gravidade dos seus ferimentos? Syenite dança à beira do gelo por um momento, depois decide enfim correr o risco, andando rápido até a área limpa imediatamente ao redor dele. Ele ainda está ereto, mas mal consegue se manter assim, a cabeça inclinada, e ela sente um aperto no estômago quando vê respingos de sangue na pedra sob os pés dele.

— Eu eliminei o outro navio — diz ela ao chegar até ele, esperando tranquilizá-lo. — Posso eliminar este também, se você não eliminou.

É bravata. Ela não sabe ao certo quanta força lhe restou. Com sorte, ele já cuidou do navio. Mas ela levanta os olhos e pragueja para si porque o navio remanescente ainda está lá no mar, aparentemente intacto. Parece estar ancorado. Esperando. Pelo que, ela não consegue imaginar.

— Syen — ele diz. Sua voz está tensa. Com medo, ou alguma outra coisa? — Prometa que não vai deixar que levem Coru. Não importa o que aconteça.

— O quê? Claro que não vou deixar. — Ela se aproxima e se agacha ao lado dele. — Bas. — Ele olha para ela, atordoado, talvez por conta do tiro de canhão. Algo cortou a sua testa e, como todos os ferimentos na cabeça, está sangrando copiosamente. Ela o

examina, tocando o seu peito, esperando que não haja mais ferimentos. Ele ainda está vivo, então o tiro de canhão deve ter errado por pouco, mas basta um pouco de estilhaço de pedra à velocidade certa no lugar errado...

E é nesse momento que ela enfim se dá conta. Os braços dele à altura dos punhos. Os joelhos dele e o resto das pernas entre a coxa e o tornozelo... sumiram. Eles não foram decepados nem destruídos; cada membro termina suavemente, perfeitamente, bem no ponto onde o chão começa. E ele os está mexendo como se estivesse preso na água, e não em pedra maciça. *Lutando*, ela percebe um tanto tarde. Ele não está de pé porque não consegue se levantar; ele está sendo *arrastado para dentro do solo* contra a sua vontade.

A comedora de pedra. Oh, Terra ferrugenta.

Syenite agarra os ombros dele e tenta puxá-lo de volta, mas é como tentar puxar uma pedra. De algum modo, ele está mais pesado. A carne dele não parece exatamente carne. A comedora de pedra fez o corpo dele atravessar a pedra maciça tornando-o mais semelhante à pedra, de alguma forma, e Syenite não consegue tirá-lo. Ele se afunda mais na pedra a cada respiração; ele afundou até o quadril e os ombros agora, e ela não consegue mais ver os pés dele de maneira alguma.

— Solte-o, que a Terra o carregue! — A ironia da praga só lhe ocorrerá mais tarde. O que lhe ocorre no momento é fincar sua consciência na pedra. Ela tenta sentir a comedora de pedra...

Há algo ali, mas não se parece com nada que já tenha sentido: uma sensação de peso. Um peso profundo e sólido e imenso demais para ser possível... Não em um espaço tão pequeno, não tão compacto. Parece haver uma *montanha* ali, arrastando Alabaster para baixo com todo o seu peso. Ele está lutando contra esse peso; é o único motivo pelo qual ainda está aqui. Mas ele está fraco e está perdendo a luta, e ela não tem a mínima ideia de como ajudá-lo. É demais, grande demais, poderoso demais, e ela não consegue deixar de se encolher e voltar a si com a sensação de que quase foi atingida.

— Prometa — ele arqueja, enquanto ela puxa de novo os ombros dele e tenta fazer pressão contra a pedra com toda a sua

força, recuando diante daquele peso terrível, de qualquer coisa, de tudo. — Você sabe o que vão fazer com ele, Syen. Uma criança tão forte, meu filho, criado fora do Fulcro? Você *sabe*.

Uma cadeira de arame em uma estação de ligação escura... Ela não consegue nem pensar nisso. Nada está *funcionando*, e grande parte dele já desapareceu dentro da pedra agora; só o rosto dele e os ombros estão visíveis, e isso só porque ele está se esforçando para manter essas partes acima da linha da pedra. Ela balbucia alguma coisa para ele, chorando, procurando desesperadamente por palavras que possam consertar isso.

— Eu sei. Eu prometo. Oh, pelas ferrugens, Bas, por favor, eu não consigo... Não sozinha, eu não consigo...

A mão da comedora de pedra se ergue da rocha, branca e sólida e com as pontas cor de ferrugem. Surpresa, Syenite grita e se encolhe, pensando que a criatura a está atacando... Mas não. Essa mão envolve a parte de trás da cabeça de Alabaster com extraordinária delicadeza. Ninguém espera que uma montanha seja gentil. Mas eles são inexoráveis e, quando a mão puxa, Alabaster vai. Os ombros dele escapam das mãos de Syen. O queixo dele, depois a boca, depois o nariz, depois seus olhos aterrorizados...

Ele se foi.

Syenite se ajoelha na pedra dura e fria, sozinha. Ela está gritando. Ela está chorando. Suas lágrimas caem na rocha onde estava a cabeça de Alabaster um momento antes, e o lugar não absorve as lágrimas. Elas apenas salpicam.

E, então, ela sente: o pingo. O arrasto. Forçada pela perplexidade a deixar a dor de lado, ela se levanta às apalpadelas e vai aos tropeções até a beirada do rochedo, de onde pode ver o navio remanescente. Navios, aquele que Bas alvejou com pedras parece ter se endireitado de alguma forma. Não, não de alguma forma. Uma camada de gelo se espalha pela superfície da água em torno dos dois navios. Há um roga em um dos navios, trabalhando para os Guardiões. Um quatro-anéis, pelo menos; há um grande controle refinado no que ela está sentindo. E com esse tanto de gelo. Ela vê um grupo de botos pular para fora da água, fugindo do gelo que se espalha, e então ela o vê alcançá-los, subindo aos

poucos pelos seus corpos e solidificando-os metade dentro e metade fora da água.

Que diabos esse rogga vai fazer com tanto poder?

Em seguida, ela vê uma porção da parede de pedra que Bas ergueu tremer.

— Não... — Syenite se vira e corre de novo, ofegante, sensando mais do que vendo quando o rogga dos Guardiões ataca a base da parede. É fraco o ponto onde a parede se curva para se unir à curva natural do porto de Meov. O rogga vai derrubá-la.

Demora uma eternidade para chegar ao nível da comu e depois ao cais. Ela está aterrorizada com a ideia de que Innon vá zarpar sem ela. Ele tem que ser capaz de sentir o que está acontecendo também. Mas, graças à pedra, o *Clalsu* ainda está lá e, quando ela entra cambaleando no convés, vários membros da tripulação a seguram e a ajudam a se sentar antes que ela caia. Eles recolhem a prancha atrás dela, e ela consegue ver que estão içando as velas.

— Innon — diz ela, arquejando, enquanto toma fôlego. — Por favor.

Eles meio que a carregam até ele. Ele está no convés superior, uma das mãos no leme e a outra segurando Coru contra o quadril. Ele não olha para ela, toda a sua atenção concentrada na parede; já existe um buraco nela, perto da parte de cima e, quando Syenite chega até ele, ocorre uma explosão final. A parede se desintegra e cai aos pedaços, balançando o barco com certa violência, mas Innon permanece completamente firme.

— Vamos sair navegando para enfrentá-los — diz ele em um tom sombrio enquanto ela se deixa cair sobre o banco ali perto, e ao passo que o barco se afasta do cais. Todos estão prontos para a luta. As catapultas estão carregadas, os dardos estão em mãos. — Vamos afastá-los da comu primeiro. Dessa forma, todos os outros podem evacuar nos barcos de pesca.

*Não há barcos de pesca suficientes para todos*, Syenite sente vontade de dizer, e não diz. De qualquer forma, Innon sabe disso.

Assim, o navio passa pela fresta estreita que o orogene dos Guardiões abriu, e o navio dos Guardiões está em cima deles quase que de imediato. Vê-se um sinal de fumaça no convés deles e ouve-se um som sibilante e oco assim que o *Clalsu* aparece: o canhão de

novo. Passou de raspão. Innon grita e um dos tripulantes responsáveis pelas catapultas retribui o favor com um cesto de correntes pesadas, que destrói a vela do traquete e o mastro do meio do navio deles. Outra descarga e desta vez é um barril de piche em chamas; Syen vê pessoas pegando fogo e correndo pelo convés do navio dos Guardiões depois que essa descarga os atinge. O *Clalsu* avança rapidamente enquanto o navio dos Guardiões afunda em direção à parede que é a rocha de Meov, seu convés agora tomado por uma conflagração flamejante.

Mas, antes que eles possam ir longe, vê-se outro sinal de fumaça, ouve-se outro estrondo e, desta vez, o *Clalsu* sacode quando é atingido. Pelas ferrugens e pelos fogos lá de baixo, quantas dessas coisas eles têm? Syenite se levanta e vai até o parapeito, tentando ver esse canhão, embora não saiba o que pode fazer quanto a ele. Há um buraco na lateral do *Clalsu* e ela consegue ouvir pessoas gritando sob o convés, mas, por enquanto, o navio continua se movendo.

É o navio sobre o qual Alabaster lançou pedras. Algumas delas sumiram da popa do convés e ele repousa normalmente sobre a água outra vez. Ela não vê o canhão, mas vê três vultos de pé perto da proa do navio. Dois vestidos de vinho, um terceiro de preto. Enquanto ela observa, outro vulto trajando vinho vem se juntar a eles.

Ela pode sentir que estão olhando para ela.

O navio dos Guardiões se vira ligeiramente, ficando mais para trás. Syenite começa a ter esperanças, mas vê quando os canhões são disparados desta vez. Três deles, coisas pretas e grandes perto do parapeito a estibordo; eles sacodem e rolam um pouco para trás quando disparam, quase em uníssono. E, um momento depois, ouve-se um estrondo violento e um rangido e o *Clalsu* sacode como se acabasse de ser atingido por um tsunami de nível cinco. Syenite olha para cima a tempo de ver o mastro se estilhaçar em incontáveis gravetos, e então tudo dá errado.

O mastro range e cai como uma árvore cortada, e atinge o convés com a mesma força. Pessoas gritam. O navio range e começa a se inclinar a estibordo, puxado pelas velas caídas que o arrastam. Ela vê dois homens caírem na água com as velas,

esmagados ou asfixiados pelo peso do tecido e da corda e da madeira, e que a Terra a ajude, ela não consegue pensar neles. O mastro está entre ela e o convés superior. Ela está isolada de Innon e Coru.

E o navio dos Guardiões agora está se aproximando.

*Não!* Syenite busca a água, tentando absorver alguma coisa, qualquer coisa, para dentro dos seus maltratados sensapinae. Mas não há nada. Sua mente está tão inerte quanto o vidro. Os Guardiões estão próximos demais.

Ela não consegue pensar. Ela engatinha por cima das partes do mastro, fica embolada em um emaranhado de cordas e precisa lutar durante infundáveis horas, parece-lhe, para se libertar. E, enfim, ela está livre, mas todos estão correndo para o lugar de onde ela veio, facas de vidro e dardos em mãos, gritando e berrando, porque o navio dos Guardiões está *bem ali* e eles estão subindo a bordo.

Não.

Ela pode ouvir as pessoas morrendo à sua volta. Os Guardiões trouxeram algum tipo de tropa consigo, a milícia de alguma comu pela qual eles pagaram ou da qual se apropriaram, e a batalha não está sequer próxima. O pessoal de Innon é bom, experiente, mas seus alvos habituais são navios mercantes e navios de passageiros com segurança escassa. Quando Syenite chega ao convés superior (Innon não está lá, então deve ter descido), ela vê a prima dele, Ecella, acertar o rosto de um miliciano com sua faca de vidro. Ele cambaleia com o golpe, mas então se reequilibra e enfia a própria faca na barriga dela. Ele a empurra para fora do caminho, e ela cai sobre o corpo de outro meovita que já está morto. Mais membros da tropa estão subindo a bordo a cada minuto.

Acontece a mesma coisa por todas as partes. Eles estão perdendo.

Ela precisa chegar até Innon e Coru.

Abaixo do convés não há quase ninguém. Todos subiram para defender o navio. Mas ela consegue sentir o tremor que é o medo de Coru, e ela o segue até a cabine de Innon. A porta se abre quando ela a alcança, e Innon sai com uma faca na mão, quase esfaqueando-a. Ele para, sobressaltado, e ela olha por sobre o ombro dele para ver que Coru foi colocado em um cesto debaixo do

anteparo dianteiro... O lugar mais seguro do navio, ao que parece. Mas enquanto ela fica ali, sem conseguir pensar direito, Innon a agarra e a empurra para dentro da cabine.

— O quê...

— Fique aqui — diz Innon. — Tenho que ir lutar. Faça o que tiver que fazer...

Não dá tempo de ele dizer mais nada. Alguém passa por trás dele, rápido demais para Syenite dar um grito de alerta. Um homem, despido até a cintura. Ele coloca as mãos dos dois lados da cabeça de Innon, os dedos espalhados pelas bochechas dele como aranhas, e sorri para Syenite enquanto os olhos de Innon se arregalam.

E então é...

Oh, pela Terra, é...

Ela *sente* aquilo, quando acontece. Não só em seus sensapinae. É um atrito como uma pedra friccionando contra a sua pele; é um esmagamento ao longo dos seus ossos; é, é, é tudo o que é Innon, todo o poder e a vitalidade e a beleza e a impetuosidade dele, *transformado em algo ruim*. Amplificado e concentrado e voltado contra ele da forma mais cruel. Innon não tem tempo de sentir medo. Syenite não tem tempo de gritar enquanto Innon se *despedaça*.

É como observar um tremor de perto. Ver o chão se abrir, observar os fragmentos se misturarem enquanto são triturados e estilhaçados, depois se separarem. Mas tudo acontece com a carne.

*Bas, você nunca me contou, você não me contou que era como*

Agora Innon está no chão, em uma pilha. O Guardião que o matou fica ali, salpicado de sangue e sorrindo durante o processo.

— Ah, pequenina — diz uma voz, e o sangue dela se transforma em pedra. — Aqui está você.

— Não — ela sussurra. Ela balança a cabeça, recusando-se a acreditar, e dá um passo atrás. Coru está chorando. Ela dá outro passo atrás e tropeça na cama de Innon, manuseia desajeitadamente o cesto, pega Coru nos braços. Ele se agarra a ela, tremendo e dando puxões intermitentes. — Não.

O Guardião sem camisa olha para um lado, depois se afasta para dar lugar para outro entrar. *Não*.

— Não precisa dessa histeria, Damaya — Schaffa Guardião Garantia diz em voz baixa. Então ele faz uma pausa, parece arrependido. — Syenite.

Ela não o vê há anos, mas a voz dele é a mesma. O rosto dele é o mesmo. Ele nunca muda. Está até sorrindo, embora o sorriso desvaneça um pouco de desgosto quando nota o caos que era Innon. Ele olha para o Guardião sem camisa; o homem ainda está sorrindo. Schaffa suspira, mas sorri em resposta. Então, os dois viram aqueles horríveis, horríveis sorrisos para Syenite.

Ela não pode voltar. Ela não vai voltar.

— E o que é isto? — Schaffa sorri, seu olhar fixo em Coru, que está nos braços dela. — Que adorável. É do Alabaster? Ele também está vivo? Todos nós gostaríamos de ver Alabaster, Syenite. Onde está ele?

O hábito de responder é profundo demais.

— Uma comedora de pedra o levou. — A voz dela está trêmula. Ela dá um passo atrás de novo e sua cabeça encosta no anteparo. Não sobrou nenhum lugar para onde correr.

Pela primeira vez desde que o conheceu, Schaffa pisca e parece surpreso.

— Uma comedora de pedra... Hmm. — Ele fica sério. — Entendo. Deveríamos tê-lo matado então, antes que chegassem a ele. Como uma forma de gentileza, claro; você não pode imaginar o que farão com ele, Syenite. Lamentável.

Então Schaffa sorri outra vez, e ela se lembra de tudo que tentou esquecer. Ela se sente sozinha de novo, e impotente como estava naquele dia, perto de Palela, perdida no mundo odioso sem ter ninguém em quem confiar a não ser um homem cujo amor vem envolto em dor.

— Mas o filho dele será um substituto mais do que vantajoso — diz Schaffa.

• • •

Há momentos em que tudo muda, entende.

• • •

Coru está gemendo, aterrorizado, e talvez até entenda, de algum modo, o que aconteceu com seus pais. Syenite não consegue



consolá-lo.

— Não — ela diz outra vez. — Não. Não. Não.

O sorriso de Schaffa desaparece.

— Syenite. Eu disse a você. Nunca diga não para mim.

• • •

Até a pedra mais dura pode se fragmentar. Só é necessária a força certa, aplicada na junta certa de ângulos. Um *fulcro* de pressão e fraqueza.

• • •

*Prometa*, Alabaster havia dito.

*Faça o que tiver que fazer*, Innon havia tentado dizer.

E Syenite diz: *Não*, seu canalha.

Coru está chorando. Ela põe a mão sobre a boca e o nariz dele, para fazê-lo ficar quieto, para consolá-lo. Ela o manterá a salvo. Ela não deixará que o levem, que o escravizem, que transformem seu corpo em uma ferramenta e sua mente em uma arma e sua vida em uma imitação grotesca de liberdade.

• • •

Você entende esses momentos, eu acho, de forma instintiva. É a nossa natureza. Nascemos de tais pressões e, às vezes, quando as coisas se tornam insuportáveis...

• • •

Schaffa para.

— Syenite...

— *Esse não é o meu nome ferrugento! Vou dizer não a você quantas vezes eu quiser, seu desgraçado!* — Ela está gritando as palavras. Saliva espumeja de sua boca. Há um espaço escuro e pesado dentro dela que pesa mais do que a comedora de pedra, que pesa muito mais do que uma montanha, e que está devorando todo o resto como um sumidouro.

Todas as pessoas que ela ama estão mortas. Todas, menos Coru. E se eles o levarem...

• • •

...às vezes, nós até... *temos um colapso*.

• • •

É melhor que uma criança nunca chegue a viver do que viver como escrava.

É melhor que ele morra.

É melhor que *ela* morra. Alabaster a odiará por isso, por deixá-lo sozinho, mas Alabaster não está aqui, e sobreviver não é o mesmo que viver.

Então, ela se projeta para cima. Para fora. O ametista está lá, no alto, esperando com a paciência dos mortos, como se, de alguma forma, soubesse que esse momento chegaria.

Ela o busca agora e reza para que Alabaster esteja certo sobre aquela coisa ser demais para ela controlar.

E quando sua consciência se dissolve em meio à luz em tom de joia e ondulações facetadas, quando Schaffa arqueja ao perceber o que se passa e arremete contra ela, quando os olhos de Coru tremulam até se fecharem sob sua mão que pressiona e asfixia...

Ela se abre a todo o poder do antigo desconhecido, e destrói o mundo.

• • •

Aqui é a Quietude. Aqui é um lugar distante da costa leste, um pouco ao sul do equador.

Há uma ilha aqui... De uma cadeia de pedacinhos de terra precários que raramente duram mais do que algumas centenas de anos. Esta tem existido há vários milhares de anos, em testemunho da sabedoria dos seus habitantes. Este é o momento em que essa ilha morre, mas pelo menos alguns desses habitantes devem sobreviver para ir a algum outro lugar. Talvez isso faça você se sentir melhor.

O obelisco roxo que paira sobre ela pulsa, uma vez, com uma grande pulsação de poder que seria familiar a qualquer um que houvesse estado na extinta comu chamada Allia no dia de sua morte. Quando esse pulso desvanece, o oceano se agita enquanto seu solo rochoso convulsiona. Estacas, encharcadas e parecidas com facas, irrompem para fora das ondas e estilhaçam por completo os navios que flutuam perto das margens da ilha. Várias das

peessoas a bordo (algumas são piratas, algumas são seus inimigos) são alvejadas, tão grande é o emaranhado de morte ao seu redor.

Essa convulsão se estende para longe da ilha em uma longa ondulação que segue seu caminho, formando uma cadeia de lanças pontiagudas e terríveis do porto de Meov até o que sobrou de Allia. Uma ponte de terra. Não do tipo que qualquer pessoa ia querer atravessar, mas, não obstante, uma ponte.

Quando toda a matança termina e o obelisco fica calmo, apenas um punhado de pessoas está vivo, no oceano ali embaixo. Uma delas, uma mulher, flutua inconsciente em meio aos escombros do seu navio despedaçado. Não muito longe dela, um vulto menor... uma criança... flutua também, mas com o rosto virado para baixo.

Seus companheiros que sobrevivem a encontrarão e a levarão para o continente. Lá ela vagará, perdida e perdendo-se, durante dois anos.

Mas não sozinha... pois foi nesse momento que eu a encontrei, sabe. O momento em que o obelisco pulsou foi o momento em que a presença dela foi cantada por todo o mundo: uma promessa, uma exigência, um convite arrebatador demais para resistir. Muitos de nós convergimos para ela, então, mas fui eu que a encontrei primeiro. Eu repeli os outros e a rastreei, a observei, a protegi. Fiquei contente quando ela encontrou um vilarejinho chamado Tirimo, e conforto, se não felicidade, por algum tempo.

Eu acabei me apresentando para ela, finalmente, dez anos depois, quando ela partiu de Tirimo. Não é o modo como nós costumamos fazer essas coisas, claro; nós normalmente não procuramos nos relacionar com os da espécie dela. Mas ela é... era... especial. Você era, é, especial.

Eu disse a ela que me chamava Hoa. Era um nome tão bom quanto qualquer outro. Foi assim que começou. Ouça. Aprenda. Foi assim que o mundo mudou.



## 23

### *Você é tudo de que você precisa*

Há uma estrutura em Castrima que reluz. Está no nível inferior do grande geodo, e você acha que deve ter sido construído em vez de ter surgido: suas paredes não são de cristal maciço esculpido, mas sim pedaços de mica branca extraídos de uma pedreira, delicadamente salpicados com flocos infinitesimais de cristal que não são menos belos que seus primos maiores, embora não tão dramáticos. Por que alguém carregaria esses pedaços até aqui e construiria uma casa com eles em meio a todos esses apartamentos pré-fabricados e desabitados, você não faz ideia. Você não pergunta. Você não ousa.

Lerna vem com você, porque essa é a enfermaria oficial da comu, e o homem que você vem ver é paciente dele. Mas você o detém à porta, e há algo em seu rosto que deve alertá-lo do perigo. Ele não protesta quando você entra sem ele.

Você passa devagar pela entrada aberta e para quando avista a comedora de pedra do outro lado do salão principal da enfermaria. Antimony, sim; você quase havia se esquecido do nome que Alabaster lhe deu. Ela devolve o olhar para você, impassivelmente, quase indistinguível da parede branca, exceto pela ferrugem das pontas dos seus dedos e pelo preto escuro de seu “cabelo” e de seus olhos. Ela não mudou desde a última vez que você a viu: doze

anos atrás, no fim de Meov. Mas, para a espécie dela, doze anos não são nada.

De qualquer forma, você acena para ela. É a coisa educada a se fazer, e ainda resta um pouco em você da mulher que o Fulcro criou. Você consegue ser educada com qualquer pessoa, não importa o quanto você a odeie.

— Não chegue mais perto — diz ela.

Ela não está falando com você. Você se vira, sem se surpreender, para ver que Hoa está atrás de você. De onde ele veio? Está tão imóvel quanto Antimony... Anormalmente imóvel, o que faz você perceber enfim que ele não respira. Nunca respirou em todo o tempo desde que o conheceu. Como ferrugens você deixou de notar isso? Hoa a observa com o mesmo olhar fixo de ameaça com que brindou a comedora de pedra de Ykka. Talvez nenhum deles goste dos demais. Isso deve tornar as reuniões embaraçosas.

— Não estou interessado nele — diz Hoa.

Os olhos de Antimony passam para você por um instante. Então, seu olhar volta para Hoa.

— Estou interessada nela apenas em nome dele.

Hoa não diz nada. Talvez esteja refletindo sobre isso; talvez seja uma oferta de trégua, ou talvez uma reivindicação. Você balança a cabeça e passa por eles dois.

Na parte de trás do salão principal, sobre uma pilha de almofadas e cobertores, está deitada uma magra figura negra, arquejando. Ela se mexe um pouco, levantando a cabeça devagar conforme você se aproxima. Quando você agacha um pouco fora do alcance de seu braço, fica aliviada ao reconhecê-lo. Todo o resto mudou, mas os olhos dele, pelo menos, são os mesmos.

— Syen — diz ele. Sua voz é cascalho grosso.

— Essun, agora — você diz automaticamente.

Ele aquiesce. Isso parece lhe causar dor; por um instante, ele fecha os olhos, apertando-os. Depois, puxa o ar mais uma vez, faz um esforço visível para relaxar e revive um pouco.

— Eu sabia que você não estava morta.

— Por que você não veio, então?

— Eu tinha que cuidar de meus problemas. — Ele sorri um pouco. Você, na verdade, ouve a pele do lado esquerdo do rosto

dele (há uma grande parte queimada ali) enrugar-se. Os olhos dele passam para Antimony, tão lentamente quanto os movimentos de um comedor de pedra. Então, ele volta sua atenção a você.

(A ela, Syenite.)

A você, Essun. Que se enferruje tudo, você vai ficar feliz quando finalmente descobrir quem você é de verdade.

— E eu estive ocupado. — Agora Alabaster ergue o braço direito. Ele acaba de forma abrupta, no meio do antebraço; não está vestindo nada na parte de cima do corpo, então você consegue ver claramente o que aconteceu. Não sobrou muita coisa dele. Faltam-lhe muitos pedaços, e ele fede a sangue e pus e urina e carne cozida. O ferimento do braço, entretanto, não é algo que ele obteve nos incêndios de Yumenes, ou pelo menos não diretamente. O cotoco do braço dele está tampado com algo duro e marrom que definitivamente não é pele: muito duro, muito uniformemente parecido com greda em sua composição visível.

Pedra. O braço dele virou *pedra*. A maior parte dele sumiu, no entanto, e o cotoco...

...marcas de dente. Aquelas são marcas de dente. Você olha para Antimony de novo, e pensa em um sorriso de diamante.

— Ouvi dizer que você esteve ocupada também — diz Bas. Você aquiesce, tirando enfim o olhar da comedora de pedra. (Agora você sabe que tipo de pedra eles comem.)

— Depois de Meov, eu estava... — Você não sabe ao certo como dizer isso. Há dores profundas demais a serem suportadas e, no entanto, você as suportou repetidas vezes. — Eu precisava ser diferente.

Não faz sentido. Mas Alabaster faz um suave som afirmativo, como se entendesse.

— Você permaneceu livre, pelo menos.

Se esconder tudo o que você é for liberdade.

— Sim.

— Você constituiu família?

— Eu me casei. Tive dois filhos. — Alabaster fica em silêncio. Com todas as partes carbonizadas e constituídas de pedra gredosa marrom no rosto dele, você não sabe dizer se ele está sorrindo ou

fazendo cara feia. Mas presume que se trata do último, então você acrescenta: — Eles dois eram... como eu... eu... meu marido...

As palavras tornam as coisas reais de uma maneira que nem as memórias conseguem, então você para por aí.

— Entendo por que você matou Corundum — diz Alabaster bem baixinho. E então, enquanto você oscila em sua posição agachada, literalmente cambaleando com o impacto da frase, ele acaba com você. — Mas eu nunca vou perdoá-la por ter feito isso.

Maldição. Maldito seja ele. Maldita seja você mesma.

Demora um momento para responder.

— Eu entendo se quiser me matar — você consegue dizer enfim. Então você passa a língua pelos lábios. Engole em seco. Cospe as palavras. — Mas eu tenho que matar o meu marido primeiro.

Alabaster solta um suspiro chiado.

— Os seus outros dois filhos.

Você aquiesce. Não importa que Nassun esteja viva, neste caso. Jija a tirou de você; isso é insulto suficiente.

— Eu não vou matar você, Sy... Essun. — Ele parece cansado. Talvez ele não tenha ouvido o pequeno som que você faz, que não é nem alívio nem decepção. — Não mataria mesmo que pudesse.

— Se você...

— Você ainda consegue fazer aquilo? — Ele atropela a sua confusão do modo como sempre fez. Nada nele mudou exceto seu corpo arruinado. — Você se valeu do granada em Allia, mas aquele estava meio morto. Você deve ter usado o ametista em Meov, mas aquilo foi... uma situação extrema. Você consegue fazer aquilo quando bem entende, agora?

— Eu... — Você não quer entender. Mas agora seus olhos se desviaram do horror que restou de seu mentor, de seu amante, de seu amigo. Seguiram para um ponto ao lado e atrás de Alabaster, onde há um estranho objeto apoiado contra a parede da enfermaria. Parece uma faca de vidro, mas a lâmina é comprida e larga demais para ter um uso prático. Ela tem um cabo enorme, talvez porque a lâmina seja tão absurdamente comprida, e um guarda-mão que vai atrapalhar na primeira vez que alguém tentar usar essa coisa para cortar carne ou um nó. E não é feita de vidro, ou pelo menos não de

qualquer vidro que você já tenha visto. É cor-de-rosa, puxando para o vermelho, e...

e. Você olha para ela. Para dentro dela. Você a sente tentando arrastar a sua mente para dentro, para baixo. Caindo. Caindo *para cima*, por meio de um infinito eixo de luz cor-de-rosa cintilante e facetada...

Você arqueja e se contrai de volta para dentro de si mesma de forma defensiva, depois olha para Alabaster. Ele sorri de novo, dolorosamente.

— O espinélio — diz ele, confirmando seu choque. — Esse é meu. Você já tomou posse de algum deles? Os obeliscos vêm quando você chama?

Você não quer entender, mas entende. Você não quer acreditar, mas, na verdade, sempre acreditou.

— Você abriu aquela fenda lá no norte — você respira. Seus punhos estão cerrados. — Você dividiu o continente. Você começou esta Estação. Com os obeliscos! Você fez... tudo isso.

— Sim, com os obeliscos, e com a ajuda dos mantenedores das estações de ligação. Eles estão em paz agora. — Ele solta o ar com um chiado. — Eu preciso da sua ajuda.

Você balança a cabeça automaticamente, mas não recusando.

— Para consertar isso?

— Oh, não, Syen. — Você nem se dá ao trabalho de corrigi-lo desta vez. Você não consegue tirar os olhos do rosto dele, quase esquelético e com ar de quem acha graça. Quando ele fala, você percebe que alguns dos seus dentes se transformaram em pedra também. Quantos de seus órgãos passaram pelo mesmo processo? Quando tempo mais ele consegue... ele deve... viver desse jeito?

— Não quero que você conserte isso — diz Alabaster. — Foi um dano colateral, mas Yumenes teve o que merecia. Não, o que eu quero que você faça, minha Damaya, minha Syenite, minha Essun, é piorar as coisas.

Você o encara, estupefata. Em seguida, ele se inclina para a frente. Fica claro que isso é doloroso para ele; você ouve o ranger e o esticar da carne, e um leve estalido quando algum pedaço de pedra em algum lugar dentro dele se parte. Mas quando ele está perto o bastante, ele sorri de novo, e de repente lhe ocorre. Pelas



crueldades da Terra devoradora. Ele não é louco de modo algum, nem nunca foi.

— Diga-me — ele diz —, você já ouviu falar de uma coisa chamada *lua*?





## Agradecimentos

Este romance de fantasia nasceu em parte no espaço. É provável que você saiba, se leu o livro todo até a última linha do manuscrito. O ponto de germinação para essa ideia foi o Launch Pad, um workshop então financiado pela NASA, do qual eu participei em julho de 2009. O objetivo do Launch Pad era reunir influenciadores digitais (surpreendentemente, escritores de ficção científica e de fantasia estão entre eles) e garantir que entendessem A Ciência se fossem usá-la em quaisquer de suas obras. Sabe, muitas informações falsas que o público acredita ser astronomia foram espalhadas por escritores. Lamentavelmente, ao juntar astronomia e seres sencientes feitos de pedra, não sei ao certo se estou fazendo o melhor trabalho do mundo no que se refere a passar informação científica correta.

Não posso falar sobre a discussão espirituosa e incrível que semeou este romance no meu cérebro. (Esta parte precisa ser curta.) Mas posso dizer que essas discussões espirituosas e incríveis eram a norma do Launch Pad, então, se você também for um influenciador digital e tiver a chance de participar, eu recomendo muito. E devo agradecer às pessoas que participaram do Launch Pad aquele ano, todas as quais contribuíram para a germinação deste romance, quer tenham percebido ou não. De improviso, seriam pessoas como Mike Brotherton (diretor do workshop, professor da Universidade de Wyoming, e ele próprio um escritor de ficção científica), Phil Plait, o Astrônomo Mau (é um título, sabe, ele não é mau de verdade, eu quero dizer... Tudo bem, apenas

busquem os dados dele); Gay e Joe Haldeman, Pat Cadigan, o comediante científico Brian Malow, Tara Fredette (agora Malow) e Gord Sellar.

Também dou os parabéns ao meu editor, Devi Pillai, e à minha agente, Lucienne Diver, por me convencerem a não jogar fora este romance. A trilogia *The Broken Earth* (A Terra Partida) é a obra mais desafiadora que eu já escrevi e, em certos momentos durante a escrita de *A Quinta Estação*, a tarefa pareceu tão avassaladora que pensei em desistir. (Na verdade, acredito que minhas palavras exatas foram: “Delete essa desgraça, invada o Dropbox para pegar os backups que estão lá, deixe o meu laptop cair de um penhasco, passe por cima dele com um carro, ateie fogo nos dois, depois use uma escavadeira para enterrar as provas. Será que é necessário um tipo especial de carteira de motorista para dirigir uma escavadeira?) Kate Elliot (outro agradecimento, por ser minha eterna mentora e amiga) chama esses momentos de “Abismo da Dúvida”, a que todo escritor chega em algum momento durante um projeto importante. O meu foi tão profundo e terrível quanto a Fenda Yumenescense.

Outras pessoas que ajudaram a sair da beira do penhasco: Rose Fox, Danielle Friedmand, minha consultora médica, Mikki Kendall, meu grupo de escrita, meu chefe do meu trabalho diurno (que não sei ao certo se gostaria de ter o nome revelado) e meu gato, KING OZZYMANDIAS. É, até a droga do gato. É preciso uma vila inteira para impedir que uma escritora surte, tá bom?

E, como sempre, obrigada a todos vocês, pela leitura.



The background of the entire page is a grayscale marbled paper with a complex, swirling pattern of light and dark gray tones, resembling traditional stone or marble patterns.

# O PORTÃO DO OBELISCO

---

LIVRO 2

*Para aqueles que  
não têm escolha a não ser  
preparar seus filhos para  
o campo de batalha*





# 1

## *Nassun, em crise*

Hmm. Não. Estou contando isso do jeito errado.

Afinal de contas, uma pessoa é ela mesma e os outros. Os relacionamentos esculpem a forma final de um ser. Damaya era ela mesma e a família que a rejeitou e as pessoas do Fulcro que a talharam até atingir o ponto ideal. Syenite era Alabaster e Innon e as pessoas das pobres e perdidas Allia e Meov. Agora, você é Tirimo e os andarilhos cobertos de cinza na estrada e os seus filhos mortos... e também a filha viva que ainda resta. Que você vai recuperar.

Isso não é um *spoiler*. Você é Essun, afinal. Você já sabe disso. Não sabe?

Nassun em seguida, então. Nassun, que só tem oito anos quando o mundo acaba.

Não dá para saber o que passou pela mente da pequena Nassun quando ela voltou para casa do treinamento certa tarde para encontrar o irmão mais novo morto no chão da sala e o pai de pé sobre o cadáver. Podemos imaginar o que ela pensou, sentiu, fez. Podemos especular. Mas não vamos *saber*. Talvez seja melhor assim.

Eis aqui o que eu sei com certeza: sabe esse treinamento que eu mencionei? Nassun estava em treinamento para se tornar uma sabedorista.

A Quietude tem uma relação estranha com os autônomoos guardadores do saber das pedras. Há registros da existência de sabedoristas desde a suposta Estação da Casca de Ovo. Foi a Estação em que algum tipo de emissão de gases fez, durante muitos anos, todas as crianças nascidas nas Árticas terem ossos delicados que se quebravam com um toque e se encurvavam quando cresciam... se crescessem. (Os arqueomestas yumenescenses discutiram durante séculos sobre se isso poderia ter sido causado por estrôncio ou arsênio, e se ela deveria sequer ser contada como uma Estação, considerando que afetou apenas algumas centenas de milhares de pequenos bárbaros fracos e pálidos da tundra ao norte. Mas foi *nessa época* que os povos das Árticas ganharam a reputação de serem fracos.) Em torno de 25 mil anos, segundo os próprios sabedoristas, o que a maioria das pessoas acha tratar-se de uma mentira descarada. Na verdade, os sabedoristas são parte ainda mais antiga da vida na Quietude. A cifra de 25 mil anos atrás foi simplesmente quando o seu papel acabou distorcido até se tornar quase inútil.

Eles ainda estão por aí, embora tenham esquecido o quanto esqueceram. De algum modo, a ordem deles, se é que se pode chamar de ordem, sobrevive, apesar de a Primeira à Sétima Universidade repudiarem seu trabalho como sendo apócrifo e provavelmente inexato, e apesar de os governos de todas as eras poluírem o mesmo trabalho com campanhas políticas. E apesar das Estações, claro. Houve um tempo em que os sabedoristas vinham de uma raça chamada Regwo... costeiros do oeste que tinha pele de um tom vermelho desbotado e lábios naturalmente pretos, que veneravam a preservação da história da maneira como povos, em épocas menos amargas, veneravam deuses. Esculpiam o saber das pedras nas laterais de montanhas em tábuas de pedra tão altas quanto o céu, para que todos vissem e tivessem o conhecimento necessário para sobreviver. Lamentavelmente, na Quietude, destruir montanhas é tão fácil quanto um surto de birra de um bebê orogene. Destruir um povo só requer um pouco mais de esforço.

Então os sabedoristas não são mais Regwo, mas a maioria deles tinge os lábios de preto em memória dos Regwo. Não que ainda lembrem por quê. Agora é apenas o modo como se sabe que

alguém é sabedorista: pelos lábios, além de pela pilha de tábuas de polímero que carregam, pelas roupas esfarrapadas que tendem a usar e pelo fato de que costumam não ter nomes de comu verdadeiros. Eles não são sem-comu, veja bem. Em tese, poderiam retornar às suas comus natais caso ocorresse uma Estação, embora, por uma questão profissional, tendam a vagar para longe a ponto de tornar o retorno impraticável. Na prática, muitas comunidades os acolherão, mesmo durante uma Estação, porque até a comunidade mais estoica quer entretenimento durante as longas noites frias. Por esse motivo, a maioria dos sabedoristas tem uma formação em artes — música e comédia e coisas do tipo. Eles também atuam como professores e cuidadores dos jovens em tempos em que não se pode prescindir de mais ninguém para essa tarefa e, o mais importante, eles servem como um lembrete vivo de que outros sobreviveram a coisas piores ao longo dos séculos. Toda comu precisa disso.

A sabedorista que veio a Tirimo se chama Renthree Sabedorista Pedra (todos os sabedoristas tomam o nome de comu Pedra e o nome de uso Sabedorista, sendo esta uma das castas de uso mais raras). Em grande parte, ela não é importante, mas há uma razão pela qual você deve saber a seu respeito. Ela foi outrora Renthree Reprodutora Tenteek, mas isso foi antes de se apaixonar por uma sabedorista que visitou Tenteek e seduziu a então jovem mulher, afastando-a de uma vida entediante como forjadora de vidros. Sua vida teria se tornado um pouquinho mais interessante se houvesse ocorrido uma Estação antes de sua partida, pois a responsabilidade de um Reprodutor nesses momentos é clara... e talvez também seja justamente esse fato que a incentivou a ir embora. Ou talvez tenha sido apenas a habitual loucura do amor dos jovens? É difícil dizer. A amante sabedorista de Renthree acabou deixando-a nos arredores da cidade equatorial de Penphen, com o coração partido e a cabeça cheia de saber das pedras, além de uma carteira cheia de jades lascadas e cabochões e um losango de madrepérola com a marca de uma pegada. Renthree gastou a madrepérola para encomendar seu próprio conjunto de tábuas a um britador, usou as lascas de jade para comprar suprimentos para viagem e para ficar em uma hospedaria durante os dias que o britador levou para terminar o



trabalho, comprou muitas bebidas fortes em uma taverna com os cabochões. Então, recém-equipada e com as feridas cobertas de curativos, ela partiu sozinha. Assim se perpetua a profissão.

Quando Nassun aparece num pequeno posto intermediário onde ela abriu um estabelecimento, é possível que Renthree tenha pensado no próprio treinamento. (Não a parte da sedução; obviamente, Renthree gosta de mulheres mais velhas, ênfase em “mulheres”. A parte sonhadora tola.) No dia anterior, Renthree passou por Tirimo, fazendo compras em bancas de feira e sorrindo alegremente com seus lábios manchados de preto a fim de anunciar a sua presença na área. Ela não viu Nassun, que voltava da creche para casa, parar e olhar com espanto e com uma repentina e irracional esperança.

Nassun matou aula hoje para vir encontrá-la e para trazer uma oferenda. Isso é tradicional — isto é, a oferenda, não filhas de professoras matarem aula. Dois adultos do vilarejo já estão no posto, sentados em um banco para ouvir Renthree falar, e a caneca de Renthree para recolher oferendas já se encheu de cacos de cores vivas facetados com a marca do distritante. Renthree pisca, surpresa ao ver Nassun: uma garota desengonçada que tem mais perna do que tronco, mais olhos do que rosto, e evidentemente nova demais para estar fora da creche tão cedo fora da época de colheita.

Nassun para no umbral da porta do posto, ofegando para recuperar o fôlego, o que contribui para uma entrada muito dramática. Os outros dois visitantes se viram para olhar para ela, a primogênita normalmente calada de Jija, e apenas a presença deles impede Nassun de deixar escapar as próprias intenções bem ali e naquele exato momento. Sua mãe lhe ensinou a ser muito circunspecta. (E vai ficar sabendo que ela cabulou aula. Nassun não se importa.) No entanto, ela engole em seco e vai até Renthree de imediato para lhe entregar algo: um pedaço escuro de rocha na qual se pode ver incrustado um diamante pequeno, quase cúbico.

Nassun não tem nenhum dinheiro além de sua mesada, entende, e ela já a havia gastado em livros e doces quando correu a notícia de que havia uma sabedorista no vilarejo. Mas ninguém em Tirimo sabe que existe uma mina de diamante potencialmente excelente na

região... isto é, ninguém exceto orogenes. E só se estiverem procurando. Nassun foi a única que se deu ao trabalho em vários milhares de anos. Ela sabe que não deveria ter encontrado o diamante. Sua mãe lhe ensinou a não expor a orogenia e a não usá-la fora de sessões de prática cuidadosamente prescritas que elas realizam em um vale próximo a cada duas ou três semanas. Ninguém leva diamantes como moeda porque não podem ser fragmentados com facilidade para ser transformados em troco, mas ainda são úteis na indústria, na mineração e em coisas do tipo. Nassun sabe que ele tem algum valor, mas não tem ideia de que a pedra bonita que acabou de dar a Renthree vale uma ou duas casas. Ela só tem oito anos.

E Nassun fica tão entusiasmada quando percebe que Renthree arregala os olhos ao ver o fragmento cintilante despontando do pedaço preto de rocha que deixa de se importar com a presença dos outros dois e diz de forma brusca:

— Quero ser uma sabedorista também!

Nassun não faz ideia do que um sabedorista faz de fato, claro. Ela só sabe que quer muito, muito ir embora de Tirimo.

Falaremos mais sobre isso depois.

Renthree, que seria uma tola se recusasse a oferta, não recusa. Mas não dá uma resposta a Nassun de cara, em parte porque ela acha que Nassun é uma gracinha e que sua afirmação não é diferente da paixão momentânea de qualquer outra criança (ela está correta, até certo ponto; mês passado, Nassun queria ser geoneira). Em vez disso, pede a Nassun que se sente, e então conta histórias para o seu pequeno público pelo resto da tarde, até o sol projetar longas sombras pelo vale abaixo e por entre as árvores. Quando os outros dois visitantes se levantam para ir para casa, eles olham para Nassun e jogam indiretas até ela relutantemente vir com eles, porque as pessoas de Tirimo não vão permitir que se diga que elas desrespeitaram uma sabedorista deixando uma criança falar com ela sem parar a noite toda.

Após a saída dos visitantes, Renthree alimenta o fogo e começa a preparar o jantar com um pouco de carne de porco e legumes e fubá que ela comprou em Tirimo no dia anterior. Enquanto espera o

jantar cozinhar e come uma maçã, ela gira a pedra de Nassun nos dedos, fascinada. E preocupada.

Na manhã seguinte, ela se dirige a Tirimo. Algumas perguntas discretas a levam à casa de Nassun. Essun já saiu a essa altura, foi dar a última aula da sua carreira como professora de creche. Nassun também foi para a creche, embora esteja aguardando o tempo passar até poder fugir na hora do almoço para ir encontrar a sabedorista de novo. Jija está na “oficina”, como ele chama o cômodo deslocado da casa que passa por porão, onde ele trabalha em encomendas com suas ferramentas ruidosas durante o dia. Uche está dormindo em um catre no mesmo cômodo. Ele consegue dormir com qualquer barulho. As canções da terra sempre foram suas cantigas de ninar.

Jija vem à porta quando Renthree bate e, por um instante, ela fica um pouco espantada. Jija é um vira-lata latmediiano, igual a Essun, embora tenha herdado mais dos sanzeds; ele é grande e musculoso, com pele de tom marrom e cabeça raspada. Intimidador. No entanto, o sorriso acolhedor no rosto dele é completamente verdadeiro, o que faz Renthree se sentir melhor quanto ao que decidiu fazer. Este é um bom homem. Ela não pode enganá-lo.

— Tome — diz ela, dando-lhe a pedra com o diamante. Ela não pode aceitar um presente tão valioso de uma criança, não em troca de algumas histórias e de um treinamento sobre o qual Nassun provavelmente vai mudar de ideia em alguns meses. Jija franze as sobrancelhas, confuso, e pega a pedra, agradecendo-a profusamente depois de ouvir a explicação. Ele promete contar sobre a generosidade e a integridade de Renthree a todos que puder, o que, com sorte, dará a ela mais oportunidades de praticar sua arte antes de partir do vilarejo.

Renthree vai embora, e esse é o fim da parte dela nesta história. É uma parte significativa, contudo, e foi por isso que falei dela a você.

Não houve um único motivo para Jija se voltar contra o filho, entenda. Com o passar dos anos, ele simplesmente havia notado coisas sobre a esposa e os filhos que atizaram a suspeita nas profundezas de sua mente. Esse atizamento havia se transformado em uma comichão, depois em absoluta irritação à altura em que

essa história começa, mas a negação o impedia de continuar se preocupando com esse pensamento. Ele amava a família, afinal, e a verdade era simplesmente... impensável. Literalmente.

Ele ia acabar descobrindo, de um jeito ou de outro. Eu repito: *ele ia acabar descobrindo*. Não há ninguém a quem culpar a não ser ele.

Mas, se você quiser uma explicação simples, e se é que pode haver algum acontecimento que se tornou o ponto crítico, a última gota, o tampão quebrado no tubo de lava... foi essa pedra. Porque Jija conhecia pedras, sabe. Ele era um excelente britador. Ele conhecia pedras, conhecia Tirimo e sabia que veios de rocha ígnea de um antigo vulcão passavam por todo o terreno ao redor. A maioria não aflorava à superfície, mas era possível que Nassun pudesse, porventura, encontrar um diamante repousando em um lugar onde qualquer um poderia tê-lo pegado. Improvável. Porém, possível.

Essa compreensão flutua na superfície da mente de Jija pelo resto do dia depois que Renthree vai embora. A verdade está abaixo da superfície, um leviatã esperando para se desenrolar, mas as águas de seu pensamento estão plácidas por enquanto. A negação é poderosa.

Mas aí Uche acorda. Jija o conduz até a saleta, perguntando-lhe se está com fome; Uche diz que não está. Então Uche sorri para Jija e, com a sensibilidade infalível de uma poderosa criança orogene, ele se orienta em direção ao bolso de Jija e pergunta:

— Por que tem um brilho aí, papai?

As palavras, na linguagem cheia de ceceios de um bebê, são bonitinhas. O conhecimento que ele possui, porque a pedra de fato está no bolso de Jija e era impossível que Uche pudesse saber que ela estava lá, o condena.

Nassun não sabe que começou com a pedra. Quando você a vir, não conte a ela.

Quando Nassun volta para casa naquela tarde, Uche já está morto. Jija está na saleta, respirando pesado, de pé sobre o cadáver dele, que está esfriando. Não requer muito esforço espancar uma criança pequena até a morte, mas ele hiperventilou ao fazê-lo. Quando Nassun entra, ainda não há dióxido de carbono suficiente

na corrente sanguínea de Jija; ele está tonto, trêmulo, gelado. Irracional. Então, quando Nassun se detém bruscamente à entrada da saleta, olhando para o quadro e apenas lentamente entendendo o que vê, Jija fala sem pensar:

— Você também é?

Ele é um homem grande. É uma pergunta em tom alto, penetrante, e Nassun se sobressalta. Ela levanta os olhos em direção a ele, em vez de mantê-los no corpo de Uche, o que salva sua vida. A cor cinzenta dos seus olhos é de sua mãe, mas o formato do rosto é de Jija. Só o fato de vê-la o afasta um pouco do estado de pânico primitivo no qual ele havia entrado.

Ela também diz a verdade. Isso ajuda, porque ele não teria acreditado em nenhuma outra coisa.

— Sim — ela responde.

Nassun não está realmente com medo nesse momento. A imagem do corpo do irmão e a recusa de sua mente em interpretar o que está vendo paralisaram toda a cognição dentro dela. Ela nem sabe ao certo o que Jija está perguntando, uma vez que compreender o contexto das palavras dele exigiria que admitisse que as manchas nos pulsos do pai são sangue e que seu irmão não está apenas dormindo no chão. Ela não pode. Não naquele exato momento. Mas, não havendo mais nenhum pensamento coerente, e como as crianças fazem às vezes em situações extremas, Nassun... recua. O que ela vê a assusta, mesmo que ela não entenda por quê. E dos dois genitores, Nassun sempre foi mais próxima de Jija. Ela também é a favorita dele: a primogênita, a que ele nunca esperou ter, a que tem seu rosto e seu senso de humor. Ela gosta das comidas favoritas dele. Jija tivera vagas esperanças de que ela seguisse seus passos como britador.

Então, quando Nassun começa a chorar, não sabe ao certo por quê. E, enquanto seus pensamentos guincham e seu coração grita, ela dá um passo em direção ao pai. Os punhos dele se cerram, mas ela não consegue vê-lo como uma ameaça. Ele é seu pai. Ela quer consolo.

— Papai — ela diz.

Jija vacila. Pisca. Olha como se nunca a houvesse visto.

Percebe. Não pode matá-la. Mesmo que ela seja... não. Ela é a menininha dele.

Nassun dá mais um passo à frente, estendendo os braços. Ele não consegue obrigar-se a se afastar, mas se mantém imóvel. Ela agarra o seu punho mais próximo. Ele está sobre Uche, cada perna a um lado do corpo; ela não consegue agarrar a sua cintura da maneira como quer. Entretanto, pressiona o rosto contra o seu bíceps, tão reconfortantemente forte. Ela estremece, e ele sente as lágrimas da filha rolando pela sua pele.

Ele fica ali, a respiração desacelerando aos poucos, os punhos se abrindo aos poucos, enquanto ela chora. Passado certo tempo, Jija se vira para olhá-la em cheio, e Nassun envolve sua cintura com os braços. Virar para ficar de frente a ela requer que ele dê as costas para o que fez com Uche. É um movimento fácil.

— Pegue as suas coisas — ele murmura para ela. — Como se você fosse passar algumas noites com a Vovó. — A mãe de Jija se casou outra vez alguns anos atrás e agora ela mora em Sume, o vilarejo do outro lado do vale, que em breve será destruído por completo.

— Nós vamos para lá? — pergunta Nassun, com o rosto contra a barriga dele.

Ele toca a parte de trás da cabeça dela. Ele sempre faz isso porque ela sempre gostou do gesto. Quando era bebê, ela soltava sons afetuosos mais altos quando ele a segurava com a mão em concha naquele lugar. Isso se devia ao fato de os sensapinae se localizarem naquela região do cérebro e, quando ele a toca nesse ponto, ela consegue percebê-lo de forma mais completa, como os orogenes fazem. Nenhum deles jamais soube por que ela gosta tanto disso.

— Vamos a um lugar onde você pode ficar melhor — diz ele em um tom delicado. — Um lugar que me falaram, onde podem ajudar você. — Torná-la a menininha dele de novo, e não... Jija se afasta desse pensamento também.

Ela engole em seco, depois aquiesce e dá um passo para trás, olhando para ele.

— A mamãe vem também?

Algo passa pelo rosto de Jija, sutil como um terremoto.

— Não.

E Nassun, que estava totalmente preparada para partir ao pôr-do-sol com uma sabedorista, fugindo de casa de fato para escapar da mãe, relaxa enfim.

— Tudo bem, papai — ela diz, e se dirige ao quarto para preparar a bagagem.

Enquanto a menina se afasta, Jija fica olhando para ela por um longo instante, sem respirar. Ele dá as costas a Uche outra vez, pega suas próprias coisas e vai para fora para atrelar o cavalo à carroça. Dentro de uma hora, eles partem em direção ao sul, com o fim do mundo no seu encalço.



NOS TEMPOS DE JYAMARIA, QUE MORREU NA ESTAÇÃO DO DESERTO AFOGADO, PENSAVA-SE QUE DAR O FILHO MAIS NOVO AO MAR IMPEDIRIA QUE ELE VIESSE EM TERRA E LEVASSE O RESTO.

— *DE “O LUGAR DO REPRODUTOR”, CONTO SABEDORISTA REGISTRADO NO DISTRIANTE DE HANL, NAS REGIÕES COSTEIRAS DO OESTE PERTO DA PENÍNSULA PARTIDA. APÓCRIFO.*



## 2

### *Você, continuação*

— Uma o quê? — você pergunta.

— Uma lua — Alabaster, monstro amado, louco são, o orogene mais poderoso em toda a Quietude e, no momento, lanche de uma comedora de pedras, olha para você. Isso tem toda aquela antiga intensidade, e você sente a vontade dele, a coisa que o torna a força da natureza que ele é, quase como uma presença física contida no olhar. Os Guardiões foram tolos de algum dia considerá-lo domado. — Um satélite.

— Um *o quê*?

Ele faz um ruído de frustração. Ele continua exatamente o mesmo — exceto pelo fato de ter sido parcialmente transformado em pedra — que era nos tempos em que vocês eram menos do que amantes e mais do que amigos. Dez anos e outra personalidade atrás.

— A astronomestria não é bobagem — diz ele. — Sei que ensinaram isso a você, todo mundo na Quietude pensa que é um desperdício de energia estudar o céu quando é a terra que está tentando nos matar, mas, pelos fogos da Terra, Syen. Pensei que você já tivesse aprendido a questionar um pouco mais o *status quo* a essa altura.

— Eu tinha mais o que fazer — você responde de forma brusca, do mesmíssimo modo como costumava responder. Mas pensar nos



velhos tempos faz você pensar no que esteve fazendo nesse ínterim. E isso faz você pensar em sua filha viva, no seu filho morto e no seu futuro-muito-ex-marido, e você se encolhe fisicamente. — E meu nome é Essun agora, já falei.

— Que seja. — Com um suspiro gemido, Alabaster se senta com cuidado outra vez contra a parede. — Dizem que você veio para cá com uma geomesta. Peça a ela que explique para você. Eu não tenho muita energia hoje em dia. — Porque ser comido provavelmente causa certo desgaste. — Você não respondeu minha primeira pergunta. Você ainda consegue?

*Você consegue chamar os obeliscos para virem até você?* É uma pergunta que não fez sentido da primeira vez que ele a fez, possivelmente porque você se distraiu percebendo que ele a) estava vivo, b) estava virando pedra e c) era o orogene responsável por rachar o continente ao meio e desencadear uma Estação que pode nunca terminar.

— Os obeliscos? — Você chacoalha a cabeça, sentindo-se mais confusa do que em negação. Seu olhar vagueia para o estranho objeto perto da cama dele, que tem a aparência de uma faca de vidro cor-de-rosa excessivamente comprida e passa a sensação de um obelisco, embora isso seja impossível. — O quê... não. Eu não sei. Não tento desde Meov.

Ele geme baixinho, fechando os olhos.

— Pelas ferrugens, como você é inútil, Syen. Essun. Nunca teve respeito pelo ofício.

— Eu respeito, só não...

— Só o suficiente para sobreviver, o suficiente para se sobressair, mas só para ganhar alguma coisa. Eles lhe disseram a que altura pular e você não pulou nem um pouco a mais, tudo para conseguir um apartamento bom e outro anel...

— Para ter privacidade, seu imbecil, e um pouco de controle sobre a minha vida, além de um pouco de respeito ferrugento...

— Você deu mesmo *ouvidos* àquele seu Guardião, embora não dê ouvidos a ninguém...

— Ei. — Dez anos como professora deram à voz dela uma aspereza de obsidiana. Alabaster de fato interrompe o falatório e

olha para você, piscando. Bem baixinho, você diz: — Você sabe muito bem por que eu dava ouvidos a ele.

Segue-se um momento de silêncio. Vocês dois usam esse tempo para se reorganizarem.

— Tem razão — ele diz enfim. — Me desculpe. — Porque todos os orogenes imperiais dão (davam) ouvidos aos Guardiões designados a eles. Aqueles que não davam morriam ou acabavam em uma estação de ligação. Exceto, mais uma vez, por Alabaster; você nunca descobriu o que ele fez com a Guardiã dele.

Você faz um aceno rígido, oferecendo trégua.

— Desculpas aceitas.

Ele respira com cautela, parecendo cansado.

— Tente, Essun. Tente alcançar um obelisco. Hoje. Eu preciso saber.

— Por quê? O que é esse negócio com um selênita? O quê...

— *Satélite*. E tudo isso é irrelevante se você não puder controlar os obeliscos. — Os olhos dele na verdade estão se fechando aos poucos. Isso deve ser é uma coisa boa. Ele vai precisar ter forças se quiser sobreviver ao que quer que esteja lhe acontecendo. Se é que se pode sobreviver àquilo. — Pior do que irrelevante. Você lembra por que eu não contava sobre os obeliscos a você para começar, não lembra?

Sim. Uma vez, antes que você prestasse atenção naqueles grandes cristais flutuantes parcialmente reais no céu, você pediu a Alabaster que explicasse como ele realizava algumas de suas incríveis façanhas de orogenia. Ele não quis lhe contar, e você o odiou por isso, mas agora você sabe como esse conhecimento era perigoso. Se você não houvesse entendido que os obeliscos eram amplificadores, amplificadores de *orogenia*, você jamais teria sintonizado o granada para se salvar do ataque de um Guardiã. Mas, se o obelisco granada não estivesse ele próprio meio morto, rachado e recheado com um comedor de pedras paralisado, isso a teria matado. Você não tinha a força, o autocontrole, para impedir que o poder torrasse você do cérebro para baixo.

E agora Alabaster quer que você sintonize um deles de propósito, para ver o que acontece.

Alabaster conhece a sua cara.

— Vai lá ver — ele diz. Depois, seus olhos se fecham por completo. Você ouve um leve chiado em sua respiração, como cascalho em seus pulmões. — O topázio está flutuando em algum lugar aqui por perto. Chame-o hoje à noite, então veja de manhã... — Abruptamente, ele parece enfraquecer, perdendo as forças. — Veja se ele veio. Se ele não tiver vindo, me conte, e eu vou achar outra pessoa. Ou fazer o que puder por conta própria.

Encontrar quem, fazer o quê, você não consegue nem imaginar.

— Mesmo assim você ainda vai me contar do que se trata?

— Não. Porque, apesar de tudo, Essun, eu não quero que você morra. — Ele respira fundo, solta o ar devagar. As palavras subsequentes são mais suaves do que de costume. — É bom ver você.

Você precisa conter a mandíbula para responder.

— É.

Ele não fala mais nada, e isso é despedida suficiente para os dois.

Você se levanta, olhando de relance para a comedora de pedras que está por perto. Alabaster a chama de Antimony. Ela fica parada como uma estátua do modo como eles fazem, seus olhos pretos demais observando você de maneira fixa demais e, embora sua postura seja algo clássico, você pensa que há um toque de ironia nela. Ela está com a cabeça elegantemente inclinada, uma das mãos no quadril e a outra erguida e posicionada com os dedos relaxados, acenando em nenhuma direção em particular. Talvez seja um gesto sensual, talvez seja um adeus sarcástico, talvez seja aquela coisa que as pessoas fazem quando têm um segredo e querem que você saiba, mas não querem contar o que é.

— Cuide dele — você diz a ela.

— Como eu cuidaria de qualquer coisa preciosa — responde ela sem mexer a boca.

Você não vai nem começar a tentar interpretar isso. Você se dirige outra vez à entrada da enfermaria, onde Hoa está à sua espera. Hoa, que parece um menino humano muito estranho, que, de algum modo, é na verdade um comedor de pedras e que trata você como a coisa preciosa dele.

Ele observa você com um olhar infeliz, como tem feito desde que você se deu conta do que ele era. Você chacoalha a cabeça e passa por ele a caminho da saída. Ele a segue rápido.

É o começo da noite na comu de Castrima. É difícil notar, já que a suave luz branca do geodo gigantesco, impossivelmente emitida a partir dos cristais maciços que compõem a sua substância, nunca muda. As pessoas andam atarefadas de um lado a outro, carregando coisas, gritando umas com as outras, cuidando de suas atividades costumeiras sem a necessária desaceleração que ocorreria em outras comus com a redução da luz. Será difícil dormir por alguns dias, você supõe, pelo menos até você se acostumar. Não importa. Os obeliscos não se importam com o período do dia.

Lerna esteve esperando educadamente do lado de fora enquanto você e Hoa se encontravam com Alabaster e Antimony. Ele entra na fila quando vocês saem, com um ar de expectativa.

— Preciso ir à superfície — você diz.

Lerna faz uma careta.

— Os guardas não vão deixar você subir, Essun. Não se confia em pessoas novas na comu. A sobrevivência de Castrima depende de ela continuar em segredo.

Ver Alabaster de novo trouxe de volta muitas das velhas lembranças, além da velha teimosia.

— Eles podem tentar me deter.

Lerna para de andar.

— E então você vai fazer o que fez em Tirimo?

Que inferno ferrugento. Você para também, balançando um pouco com a força desse golpe. Hoa para junto, olhando para Lerna de forma pensativa. Lerna não os está encarando. A expressão em seu rosto é vazia demais para ser intencional. Maldição. Tudo bem.

Depois de um instante, Lerna suspira e reage.

— Vamos procurar Ykka — ele diz. — Contamos a ela o que precisamos. Vamos *pedir* para ir lá em cima... com guardas, se ela quiser. Tudo bem?

É tão sensato que você não sabe por que nem ao menos considerou fazer isso. Bem, você sabe por quê. Ykka pode ser uma orogene como você, mas você passou muitos anos sendo prejudicada e traída por outros orogenes no Fulcro; sabe que não

deve confiar nela só porque ela é da Sua Gente. Mas deveria dar uma chance a ela porque ela é da Sua Gente.

— Certo — você responde, então vai atrás dele procurar Ykka.

O apartamento de Ykka não é maior do que o seu, e não se distingue de nenhuma maneira, embora seja a casa da chefe da comu. É só mais um apartamento entalhado por meios desconhecidos em uma das laterais de um gigantesco cristal branco e brilhante. Duas pessoas esperam do lado de fora, entretanto, uma recostada contra o cristal e outra olhando por sobre o corrimão para a amplidão de Castrima. Lerna se posiciona atrás deles e orienta você a fazer o mesmo. É justo esperar a sua vez, e os obeliscos não vão a parte alguma.

A mulher observando a vista dá uma olhada e examina você de cima a baixo. Ela é um pouco mais velha, sanzede, embora de pele mais escura do que a maioria, e o monte de cabelo que ela tem é de cinzas sopradas, levemente crespo, tornando-o uma nuvem frisada em vez de apenas uma nuvem grossa. Ela tem alguns traços dos costeiros do leste. E dos costeiros do oeste também: seus olhos são epicânticos e seu olhar é avaliador, cauteloso e indiferente.

— Você é a recém-chegada — ela diz. Não é uma pergunta.

Você aquiesce em resposta.

— Essun.

Ela dá um sorriso torto, e você pisca os olhos. Os dentes dela foram lixados até ficarem pontiagudos, embora os sanzeds supostamente tenham deixado de fazer isso há séculos. Era ruim para a reputação deles, depois da Estação dos Dentes.

— Hjarka Liderança Castrima. Bem-vinda ao nosso pequeno buraco na terra. — O sorriso dela fica maior. Você contém uma careta ao ouvir o trocadilho, embora esteja pensando também, após ouvir o nome dela. Costuma ser má notícia quando uma comu tem uma casta Liderança que não está no comando. Líderes insatisfeitos têm o péssimo hábito de fomentar golpes durante as crises. Mas isso é um problema para Ykka resolver, não você.

A outra pessoa esperando, o homem recostado contra o cristal, não parece estar observando você... mas os olhos dele não se mexem para acompanhar o que quer que ele esteja olhando, lá ao longe. Ele é magro, mais baixo do que você, com um cabelo e uma

barba que fazem você pensar em morangos crescendo em meio ao feno. Você imagina a delicada pressão da atenção indireta dele. Você *não* imagina o zumbido de instinto que lhe diz que ele é outro da sua espécie. Já que ele não reconhece a sua presença, você não lhe diz nada.

— Ele chegou alguns meses atrás — conta Lerna, desviando a sua atenção dos seus vizinhos. Por um momento, você se pergunta se ele se refere ao homem-com-cabelo-de-morango-e-feno, então você percebe que ele está se referindo a Alabaster. — Simplesmente apareceu no meio daquilo que é usado como praça da cidade dentro do geodo... o Topo Plano. — Ele meneia a cabeça para algo atrás de você, e você se vira, tentando entender do que está falando. Ah: ali, em meio aos muitos cristais pontudos de Castrima, existe um que parece ter sido cortado pela metade, formando uma ampla plataforma hexagonal posicionada e elevada próximo ao centro da comu. Várias pontes com escadas se conectavam a ele, e há cadeiras e um parapeito. Topo Plano.

Lerna continua.

— Não houve nenhum aviso. Ao que parece, os orogenes não sensaram nada, e os quietos que estavam de guarda não viram nada. Ele e aquela comedora de pedras dele de súbito simplesmente estavam... lá.

Ele não vê você franzir a testa, surpresa. Você nunca ouviu um quieto usar a palavra *quieto* antes.

— Talvez os comedores de pedra soubessem que ele estava a caminho, mas eles raramente falam com qualquer um exceto os seus escolhidos. E, nesse caso, não fizeram nem isso. — O olhar de Lerna se dirige a Hoa, que está ignorando-o cuidadosamente neste exato momento. Lerna chacoalha a cabeça. — Ykka tentou expulsá-lo, claro, embora tivesse lhe oferecido uma morte misericordiosa se ele quisesse. Mas ele fez alguma coisa quando ela chamou os Costas-fortes. A luz se apagou. O fluxo de ar e de água parou. Só por um minuto, mas pareceu um ano. Quando ele deixou que tudo voltasse a funcionar, todos estavam transtornados. Então Ykka disse que ele podia ficar, que iríamos tratar dos ferimentos dele.

*Bem a cara de Alabaster.*

— Ele é um dez anéis — você diz. — E um babaca. Dê o que ele quiser e seja simpático.

— Ele é do Fulcro? — Lerna respira, aparentemente admirado. — Pelos fogos da Terra. Eu não fazia ideia de que algum orogene imperial tivesse sobrevivido.

Você olha para ele, surpresa demais para achar graça. Mas como ele poderia saber? Outro pensamento a deixa séria.

— Ele está virando pedra — você diz em voz baixa.

— Sim. — Responde Lerna com pesar. — Nunca vi nada igual. E está piorando. No dia em que ele chegou, só os dedos dele é que... que a comedora de pedras tinha... levado. Não vi como essa condição piora. Ele tem o cuidado de fazer isso só quando eu e meus assistentes não estamos por perto. Não sei se ela está fazendo isso com ele de alguma maneira, ou se ele faz consigo mesmo, ou... — Ele chacoalha a cabeça. — Quando eu pergunto, ele apenas sorri e diz: “Só mais um pouco, por favor. Estou esperando alguém”. — Pensativo, Lerna franze a testa, olhando para você.

E ainda há isso: de algum modo, Alabaster sabia que você estava vindo. Ou talvez não soubesse. Talvez estivesse esperando que viesse alguém, qualquer um, com a habilidade necessária. Havia boas chances neste lugar, com Ykka de alguma forma chamando todos os roggas em um raio de quilômetros. Você apenas será aquilo que ele estava esperando se for capaz de invocar um obelisco.

Após alguns instantes, Ykka põe a cabeça para fora do apartamento através da cortina. Ela acena a cabeça para Hjarka, olha para o Cabelo de Morango e Feno até ele suspirar e se virar para encará-la, depois avista você e Lerna e Hoa.

— Ah. Ei. Ótimo. Entrem todos vocês.

Você começa a protestar.

— Preciso conversar com você em particular.

Ela olha de volta para você. Você pisca os olhos, confusa, perplexa, irritada. Ela continua olhando. Lerna muda o peso de uma perna para a outra atrás de você, uma pressão silenciosa. Hoa se limita a observar, seguindo suas ações. Enfim você compreende a

mensagem: a comu é dela, as regras são dela e, se você quiser viver aqui... Você suspira e entra na fila atrás dos outros.

Dentro do apartamento estava mais quente do que na maior parte da comu, e mais escuro; a cortina fazia a diferença, apesar de as paredes brilharem. Faz parecer que é noite, o que provavelmente é verdade, lá em cima. Uma boa ideia para a sua própria casa, você pondera... antes de se conter, porque não deveria estar pensando em longo prazo. E então você se contém outra vez, porque perdeu o rastro de Nassun e Jija, então *deveria* pensar em longo prazo. E aí...

— Certo — diz Ykka, parecendo entediada enquanto caminha para se sentar em um divã simples e baixo, de pernas cruzadas, o queixo apoiado em um dos punhos. Os outros também se sentam, mas ela está olhando para você.

— Eu já estava pensando em algumas mudanças. Vocês dois chegaram num momento conveniente.

Por um instante, você pensa que ela está incluindo Lerna nesse “vocês dois”, mas ele se senta no divã mais próximo ao dela, e há alguma coisa, certa tranquilidade ou conforto nos seus modos, que lhe dizem que ele já ouviu isso antes. Ela está falando de Hoa, então. Hoa se senta no chão, o que o faz parecer-se ainda mais com uma criança... embora não seja. É estranho como é difícil para você se lembrar disso.

Você se senta com cautela.

— Conveniente para quê?

— Eu ainda acho que isso não é uma boa ideia — diz Morango e Feno. Ele está olhando para você, embora seu rosto esteja voltado para Ykka. — Não sabemos nada sobre essas pessoas, Yeek.

— Sabemos que eles sobreviveram lá fora até ontem — diz Hjarka, inclinando-se para o lado e apoiando o cotovelo no braço do divã. — Já é alguma coisa.

— Não é nada — teimou Morango e Feno (você realmente quer saber o nome dele). — Nossos caçadores conseguem sobreviver lá fora.

Caçadores. Você pisca os olhos. Essa é uma das velhas castas de uso... uma das que foram descontinuadas pela Lei Imperial, então ninguém mais faz parte dela de nascença. As sociedades



civilizadas não precisam de caçadores-coletores. O fato de Castrima sentir necessidade de tal função revela mais sobre o estado da comu do que qualquer outra coisa que Ykka tenha contado.

— Nossos caçadores conhecem o terreno, e os nossos Costas-fortes também, é — diz Hjarka. — *Aqui por perto*. Os recém-chegados sabem mais sobre como estão as condições além do nosso território... as pessoas, os danos, todo o resto.

— Não tenho certeza se sei algo de útil — você começa. Mas ao mesmo tempo em que diz isso, você franze a testa, porque se lembra daquele detalhe que começou a perceber há algumas hospedarias. As faixas ou os trapos de fina seda nos pulsos de muitos equatoriais. Os olhares pouco receptivos que eles lhe lançavam, a concentração deles, enquanto outros se sentavam em estado de choque. Em todos os acampamentos, você os viu analisar os outros sobreviventes, escolhendo quaisquer sanzeds que estavam mais bem-equipados ou mais saudáveis ou senão saindo-se melhor do que a média. Falando com esses escolhidos em voz baixa. Partindo na manhã seguinte em grupos maiores do que aqueles com que haviam chegado.

Será que isso significa alguma coisa? Semelhantes se restringindo a semelhantes são velhos costumes, mas há muito tempo as raças e as nações não têm importância. Comunidades com um propósito e especialização diversificada são mais eficientes, como comprovou o Velho Sanze. No entanto, Yumenes a essa altura é um monte de escombros no fundo de uma fissura, e as leis e os velhos costumes do Império não têm mais valor. Talvez em alguns anos você tenha que deixar Castrima e achar uma comu cheia de latmedianos como você, que tenham pele de tom marrom, mas não muito escuro, que sejam grandes, mas não muito, que tenham cabelo enrolado ou crespo, mas não de cinzas sopradas nem liso. Nesse caso, Nassun pode vir com você.

Mas por quanto tempo conseguiriam esconder o que são? Nenhuma comu quer roggas. Nenhuma comu exceto esta.

— Vocês sabem mais do que nós — disse Ykka, interpretando a sua distração. — E, de qualquer forma, não tenho paciência para discutir isso. Vou dizer a vocês o que disse a ele algumas semanas atrás. — Ela inclina a cabeça, apontando para Lerna. — Preciso de

conselheiros, pessoas que conheçam esta Estação do céu ao chão. Vocês são essas pessoas até eu substituí-los.

Você fica mais do que apenas um pouco surpresa.

— Eu não sei nenhum detalhe ferrugento sobre esta comu!

— Este é o meu trabalho... e o dele, e o dela. — Ykka gesticula para Morango e Feno e para Hjarka. — Em todo caso, você vai ficar sabendo.

Você permanece de boca aberta. Então lhe ocorre que ela incluiu Hoa nesta reunião, não incluiu?

— Pelos fogos da Terra e pelas penças de ferrugem, você quer um *comedor de pedras* como conselheiro?

— Por que não? Eles estão aqui também. Mais deles do que imaginamos. — Ela se concentra em Hoa, que a observa com expressão imperscrutável. — Foi o que você me disse.

— É verdade — diz ele em voz baixa. Depois acrescenta: — Mas não posso falar por eles. E não fazemos parte da sua comu.

Ykka se abaixa para lançar-lhe um olhar duro. Sua expressão oscila entre hostil e cautelosa.

— Você tem um impacto na nossa comu, mesmo que seja como uma ameaça em potencial — ela diz. Transfere o olhar para você.

— E aqueles a quem vocês, ahn, estão ligados, *fazem* parte dessa comu. Vocês se importam com o que acontece com eles, pelo menos. Não se importa?

Você se dá conta de que não vê a comedora de pedras de Ykka, a mulher com o cabelo cor de rubi, há algumas horas. Porém, isso não significa que ela não esteja por perto. Você aprendeu a não confiar em ausências aparentes com Antimony. Hoa não diz nada em resposta a Ykka. De repente, você fica irracionalmente feliz que ele tenha se dado ao trabalho de permanecer visível para você.

— Quanto a por que você, e por que o médico — diz Ykka, endireitando-se e falando com você, mesmo que esteja olhando para Hoa —, é porque preciso de um misto de pontos de vista. Uma Líder, mesmo que não queira liderar. — Ela olha para Hjarka. — Outro roga local, que não pensa duas vezes antes de dizer o quanto acha que eu sou idiota. — Ela acena para Morango e Feno, que dá um suspiro. — Um resistente e médico, que conhece a estrada. Um comedor de pedras. Eu. E você, Essun, que poderia

matar todos nós. — Ela dá um sorriso forçado. — Faz sentido te dar um motivo para não fazer isso.

Você não faz ideia de como responder. Você pensa, por um breve instante, que Ykka deveria convidar Alabaster para o seu círculo de conselheiros então, se a habilidade de destruir Castrima é uma qualificação. Mas isso poderia levar a perguntas embaraçosas.

— Vocês dois são daqui? — você pergunta para Hjarka e para Morango e Feno.

— Não — responde Hjarka.

— Sim — retruca Ykka. Hjarka a encara. — Você vive aqui desde a sua juventude, Hjar.

Hjarka dá de ombros.

— Ninguém se lembra disso, só você, Yeek.

— Eu nasci e fui criado aqui — diz Morango e Feno.

Dois orogenes que sobreviveram até a idade adulta em uma comu que não os matou.

— Qual é o seu nome?

— Cutter Costa-forte. — Você espera. Ele sorri com metade da boca apenas, mas não com os olhos.

— O segredo de Cutter não foi descoberto, por assim dizer, enquanto estávamos crescendo — conta Ykka. Ela está encostada contra a parede atrás do divã agora, esfregando os olhos como se estivesse cansada. — De qualquer forma, as pessoas acabaram adivinhando. Os boatos foram suficientes para impedir que ele fosse adotado pela comu sob o comando do chefe anterior. Claro que eu já ofereci lhe dar o nome meia dúzia de vezes.

— Se eu abrir mão de “Costa-forte” — retruca Cutter. Ele continua sorrindo daquele jeito.

Ykka abaixa a mão. Sua mandíbula está tensa.

— Negar o que você é não impediu que as pessoas soubessem o que você é.

— E fazer alarde não foi o que salvou você.

Ykka respira fundo. Ela mexe os músculos da mandíbula, relaxando-os.

— E esse é o motivo pelo qual eu te pedi para fazer isso, Cutter. Mas vamos seguir adiante.

E assim prossegue a conversa.

Você fica ali sentada durante a reunião, tentando entender a natureza oculta daquilo onde está se metendo, ainda sem acreditar que está neste lugar, enquanto Ykka expõe todos os problemas que assolam Castrima. São coisas nas quais você jamais tivera que pensar antes: reclamações de que a água quente nas piscinas comunitárias não está quente o bastante. Uma grave escassez de oleiros e uma superabundância de pessoas que sabem costurar. Fungo em uma das cavernas usadas como celeiro; uma quantia de suprimento que seria suficiente para vários meses teria que ser queimada para não contaminar o resto. Escassez de carne. Você passou da obsessão por uma única pessoa para a preocupação com várias. É um tanto repentino.

— Eu acabei de tomar banho — você fala sem pensar, tentando sair de um estado de atordoamento. — A água estava boa.

— Claro que você achou que estava boa. Passou meses vivendo sem o mínimo de condições básicas, tomando banho em riachos gelados, se é que se dava ao trabalho. Muitas das pessoas de Castrima nunca viveram sem serviços geotermiais confiáveis e torneiras ajustáveis. — Ykka esfrega os olhos. Já faz aproximadamente uma hora que estão em reunião, mas parece mais. — Cada um tem o seu próprio jeito de enfrentar uma Estação.

Reclamar de bobagens não parece enfrentar para você, mas tudo bem.

— Ter pouca carne é realmente um problema — diz Lerna, franzindo o cenho. — Percebi que as cotas das últimas comus não tinham carne alguma, nem ovos.

A expressão de Ykka se torna mais sombria.

— Sim. É por isso. — Por atenção a você, ela acrescenta: — Nós não temos campos verdejantes nesta comu, caso ainda não tenha notado. O solo aqui em volta é pobre, serve para jardinagem, mas não para plantar grama ou feno. Além do mais, nos últimos anos antes de essa Estação começar, todo mundo estava tão ocupado discutindo se deveríamos reconstruir o velho muro anterior à Estação da Asfixia que ninguém pensou em fazer um acordo com uma comu agricultora por algumas dezenas de carregamentos de bom solo. — Ela suspira, esfregando a ponte do nariz. — De qualquer forma, não dá para trazer a maior parte do gado pelos

poços da mina e pelas escadas. Não sei no que a gente estava pensando, tentando viver aqui embaixo. É exatamente por isso que preciso de ajuda.

Sua exaustão não é nenhuma surpresa, mas a disposição em admitir o erro sim. É também preocupante. Você diz:

— Uma comu só pode ter um líder durante uma Estação.

— Sim, e esse líder ainda sou eu. Não se esqueça. — Poderia ser um alerta, mas não parece. Você suspeita que seja apenas uma aceitação prática de seu lugar em Castrima: as pessoas a escolheram e, por enquanto, confiavam nela. Eles não conhecem você, nem Lerna, nem Hoa e, ao que parece, não confiam em Hjarka e em Cutter. Vocês precisam dela mais do que ela precisa de qualquer um de vocês. No entanto, Ykka chacoalha a cabeça abruptamente.

— Não posso mais falar sobre essa merda.

Ótimo, porque a iminente sensação de afastamento (nesta manhã, você estava pensando na estrada, e na sobrevivência, e em Nassun) está começando a parecer-lhe insuportável.

— Preciso ir lá em cima.

É uma mudança de assunto abrupta demais, aparentemente inesperada e, por um instante, todos eles olham para você.

— Para que ferrugens? — pergunta Ykka.

— Alabaster. — Ykka olha sem parecer entender. — O dez anéis na sua enfermaria? Ele me pediu para fazer uma coisa.

Ykka faz uma careta.

— Ah. Ele. — Você não consegue deixar de sorrir ao ver essa reação. — Interessante. Ele não conversou com ninguém desde que chegou aqui. Só fica lá usando os nossos antibióticos e comendo a nossa comida.

— Acabei de fazer um lote de penicilina, Ykka — Lerna revira os olhos.

— É o princípio da coisa.

Você suspeita que Alabaster vem contendo os microtremores locais e quaisquer tremores secundários vindos do norte, o que seria mais do que suficiente para conquistar seu direito de ficar ali. Mas se Ykka não consegue sentir isso por conta própria, é inútil

explicar... e você ainda não sabe ao certo se pode confiar nela a ponto de falar sobre Alabaster.

— Ele é um velho amigo. — Isso. Esse é um bom resumo, embora incompleto.

— Ele não parecia do tipo que tem amigos. Você também não. — Ela observa você durante um longo instante. — Você é uma dez anéis também?

Seus dedos flexionam involuntariamente.

— Já usei seis anéis um dia. — Lerna vira a cabeça e fica olhando para você. Bem. O rosto de Cutter se contrai de um jeito que você não consegue interpretar. Você acrescenta: — Alabaster foi meu mentor quando eu ainda estava no Fulcro.

— Entendo. E o que é que ele quer que você faça lá em cima?

Você abre a boca, depois fecha. Não consegue deixar de olhar para Hjarka, que bufa e se põe de pé, e Lerna, cuja expressão endurece quando percebe que você não quer falar na frente dele. Ele merece mais do que isso, mas ainda assim... ele é um quieto. Enfim você diz:

— É coisa de orogene.

É um argumento fraco. O rosto de Lerna assume um ar inexpressivo, mas seu olhar é duro. Hjarka acena e se dirige à cortina.

— Então eu estou fora. Venha, Cutter. Já que você é só um Costa-forte. — Ela solta uma risada.

Cutter enrijece, mas, para sua surpresa, levanta-se e sai atrás dela. Você olha para Lerna por um momento, mas ele cruza os braços. Não vai a lugar algum. Tudo bem. Depois disso, Ykka parece cética.

— O que é isso, uma última lição do seu velho mentor? Ele obviamente não vai viver por muito mais tempo.

Sua mandíbula enrijece antes que você possa evitar.

— Isso nós ainda vamos ver.

Ykka parece pensativa por um instante, e então acena a cabeça com firmeza, levantando-se.

— Tudo bem, então. Só espere eu reunir alguns Costas-fortes e a gente já vai.

— Espere, você vem junto? Por quê?

— Curiosidade. Quero ver o que uma seis anéis do Fulcro consegue fazer. — Ela sorri para você e pega o colete comprido de pele que estava usando quando você a viu pela primeira vez. — Talvez ver se eu consigo fazer também.

Você estremece violentamente diante da ideia de uma selvagem autodidata tentando se conectar a um obelisco.

— Não.

O rosto de Ykka assume uma expressão de desânimo. Lerna encara você, não acreditando que tenha conseguido alcançar o seu objetivo e então colocá-lo a perder no mesmo fôlego. Depressa, você se corrige.

— É perigoso mesmo para mim, e eu já fiz isso antes.

— Isso?

Bem, chega disso. É mais seguro que ela não saiba, mas Lerna está certo: você tem que ganhar a confiança dessa mulher se for viver em sua comu.

— Prometa que não vai tentar, se eu te contar.

— Não vou fazer nenhuma promessa ferrugenta. Não conheço você. — Ykka cruza os braços. Você é uma mulher grande, mas ela é um pouco maior, e o cabelo não ajuda. Muitos sanzeds gostam de deixar seus cabelos de cinzas sopradas crescerem até formar uma grande juba volumosa como a dela. É uma questão de intimidação animal, e funciona se eles têm a confiança necessária para dar-lhe apoio. Ykka tem confiança de sobra.

Mas você tem conhecimento. Você dá um impulso para se levantar e a olha nos olhos.

— Você não consegue — você diz, desejando que ela acredite. — Você não tem treinamento.

— Você não sabe que tipo de treinamento eu tenho.

E você pisca os olhos, lembrando-se daquele momento lá em cima quando você percebeu que havia perdido o rastro de Nassun e quase enlouqueceu. Aquela estranha e difusa lufada de poder que ela lançou e que passou por você como um tapa, mas mais gentil, e orogênico de algum modo. Além disso, há o pequeno truque dela de atrair orogenes de um raio de quilômetros em direção a Castrima. Ykka pode não usar anéis, mas orogenia não tem a ver com classificações.

Não há escolha então.

— Um obelisco — você diz, cedendo. Você olha para Lerna; ele pisca os olhos e franze o cenho. — Alabaster quer que eu chame um obelisco. Vou ver se consigo.

Para sua surpresa, Ykka concorda com a cabeça, seus olhos brilhando.

— A-há! Sempre pensei que tinha algo com essas coisas. Vamos lá, então. Eu com certeza quero ver isso.

Ah. Merda.

Ykka veste o colete.

— Me dê meia hora, depois me encontre no Mirante Panorâmico. — É a entrada de Castrima, aquela pequena plataforma onde os recém-chegados sempre pasmam com a estranheza de uma comu dentro de um geodo gigantesco. Tendo dito isso, ela passa por você e sai do apartamento.

Chacoalhando a cabeça, você olha para Lerna. Ele faz um breve aceno; quer ir também. Hoa? Ele simplesmente toma seu lugar de costume atrás de você, mirando-a de forma plácida, como se dissesse, “*você tinha alguma dúvida?*”. Então, agora são um grupo.

Ykka encontra vocês no mirante dentro de meia hora. Com ela estão outros quatro castrimenses, armados e vestidos com roupas em tons desbotados e cinzentos para se camuflarem na superfície. Subir é mais difícil do que descer: muitos estirões morro acima, muitas escadas. Você não perde tanto o fôlego quanto algumas pessoas do grupo de Ykka ao fim do trajeto, mas você passou muito tempo caminhando quilômetros todos os dias enquanto eles viviam com segurança e conforto na cidade subterrânea. (Ykka, você percebe, só respira um pouco mais pesado. Ela está mantendo a forma.) Vocês acabam chegando enfim ao porão falso de uma das casas que servem de chamariz na superfície. Não é o mesmo portão pelo qual você entrou, o que não deveria surpreendê-la; claro que o “portão” deles tem múltiplas entradas e saídas. As passagens subterrâneas são mais complicadas do que você havia pensado de início... algo importante para ter em mente, caso algum dia tenha que sair às pressas.

A casa-chamariz tem sentinelas Costas-fortes como a outra, alguns protegendo a entrada do porão e alguns de fato na casa lá



em cima, vigiando a estrada lá fora. Quando as sentinelas da casa lhes dão permissão, vocês saem em meio à chuva de cinzas daquele fim de tarde.

Depois de, o quê, menos de um dia no geodo de Castrima? É impressionante como a superfície parece estranha para você. Pela primeira vez em semanas você *percebe* o odor de enxofre no ar, a neblina prateada, o suave e incessante tamborilar de grandes flocos de cinza no chão e folhas mortas. O silêncio, que faz você se dar conta de como a Castrima-de-baixo é barulhenta, com pessoas conversando e roldanas rangendo e forjas tinindo, além do zunido onipresente do estranho maquinário oculto do geodo. Aqui em cima, não há nada. As árvores perderam as folhas; nada se move em meio aos detritos dissecados com bordas curvas. Não é possível ouvir nenhum canto por entre os galhos; a maioria dos pássaros para de marcar território e de acasalar durante uma Estação, e o canto só atrai predadores. Nenhum outro ruído de animal. Não há viajantes na estrada, embora você possa notar que a cinza está mais fina. Pessoas passaram por aqui recentemente. Exceto por esses detalhes, contudo, até o vento está parado. O sol se pôs, embora ainda haja bastante luz no céu. As nuvens, mesmo aqui no extremo sul, ainda refletem a Fenda.

— Movimento? — pergunta Ykka a uma das sentinelas.

— Um grupo que parecia ser uma família uns quarenta minutos atrás — ele responde, mantendo a voz em um tom apropriadamente baixo. — Bem-equipados. Talvez vinte pessoas, de todas as idades, todos sanzeds. Viajando para o norte.

Isso faz todos olharem para ele. Ykka repete:

— Para o norte?

— Para o norte. — A sentinela, que tem os mais lindos olhos com cílios longos, olha de volta para Ykka e encolhe os ombros. — Pareciam ter um destino em mente.

— Hum. — Ela cruza os braços, estremecendo um pouco, embora não esteja particularmente frio ali fora; o frio de uma Quinta Estação leva meses para se estabelecer por completo. A Castrima-de-baixo é tão cálida que, para alguém acostumado a ela, a Castrima-de-cima é gelada. Ou talvez Ykka esteja apenas reagindo à desolação da comu ao seu redor. Tantas casas silenciosas, jardins

mortos e trilhas obstruídas pela cinza onde as pessoas um dia caminharam. Você vinha pensando na superfície da comu como isca... e é, um chamariz com a finalidade de atrair os desejáveis e distrair os hostis. No entanto, foi também uma comu de verdade outrora, viva e iluminada e tudo, menos quieta.

— E então? — Ykka respira fundo e sorri, mas você pensa que o sorriso dela é forçado. Ela indica as nuvens baixas de fumaça com a cabeça. — Se você precisar *ver* essa coisa, acho que não vai ter muita sorte tão cedo.

Ela está certa: o ar é uma névoa de cinza, e você não consegue ver nada além das nuvens em formato de gota e tingidas de vermelho. Você sai da varanda e olha para o céu mesmo assim, sem saber ao certo como começar. Você também não tem certeza se deveria começar. Afinal de contas, nas duas primeiras vezes que tentou interagir com um obelisco, você quase morreu. Além disso, há o fato de que Alabaster quer que você faça isso quando foi ele quem destruiu o mundo. Talvez você não devesse fazer nada do que ele pede.

Mas ele nunca magoou você. O mundo sim, mas ele não. Talvez o mundo merecesse ser destruído. E talvez ele tenha ganhado um pouco da sua confiança depois de todos esses anos.

Então você fecha os olhos e tenta acalmar os pensamentos. *Há* sons a serem ouvidos à sua volta, você enfim percebe. Chiados suaves e estalos, à medida que as partes da Castrima-de-cima feitas de madeira reagem ao peso da cinza ou à mudança do calor presente no ar. Várias coisas se mexendo entre as hastes de plantas secas em um jardim próximo. Um dos castrimenses está respirando de forma bastante barulhenta por algum motivo.

Um agito ligeiramente quente na terra sob os seus pés. Não. Direção errada.

Na verdade, há cinza suficiente no céu a ponto de você conseguir meio que captar as nuvens com a consciência. Cinza é pedra em pó, afinal. Mas não são as nuvens que você quer. Você as apalpa como faria com os estratos da terra, sem saber ao certo o que está procurando...

— Isso ainda vai demorar muito? — suspira um dos castrimenses.

— Por quê, você tem algum compromisso? — responde Ykka de forma arrastada.

Ele é insignificante. Ele é...

Ele é...

Algo atrai você abruptamente para o oeste. Você estremece e se vira para ficar de frente para esse algo, puxando o ar ao se lembrar de uma noite há muito tempo em uma comu chamada Allia e de um outro obelisco. O ametista. *Ele não precisava* vê-lo, *precisava* ficar de frente para ele. Linhas de visão, linhas de força. Sim. E ali, em um ponto muito longínquo da sua linha de atenção, você sensa a sua consciência sendo atraída em direção a algo pesado e... escuro.

Escuro, *tão* escuro. Alabaster disse que seria o topázio, não disse? Não é. Parece meio que familiar, faz você lembrar do granada. Não do ametista. Por quê? O granada estava quebrado, louco (você não sabe por que esse pensamento lhe vem à mente), mas, além disso, ele era também mais poderoso, de certa forma, embora *poder* seja uma palavra simples demais para o que essas coisas contêm. Riqueza. Estranheza. Cores mais escuras, maior potencial? Mas, se esse for o caso...

— Ônix — você diz em voz alta, abrindo os olhos.

Outros obeliscos rumorejam pela periferia da sua linha de visão, mais próximos, possíveis, mas não respondem a esse seu chamado quase instintivo. O obelisco escuro está tão distante, bem além das Costeiras do Oeste, em alguma parte do Mar Desconhecido. Mesmo voando, poderia levar meses para chegar. Mas.

Mas. O ônix *ouve* você. Você sabe disso da mesma maneira que um dia soube que seus filhos a haviam ouvido, mesmo que fingissem ignorá-la. Ele se vira devagar, misteriosos processos despertando pela primeira vez em uma era da terra, emitindo um rompante de som e vibração que sacode o mar em quilômetros de profundidade. (Como você sabe disso? Você não está sensando. Simplesmente sabe.)

Então ele começa a vir. Maldita Terra comedora.

Você se retrai para a linha que leva a você mesma. Ao longo do caminho, algo capta a sua atenção e, quase como uma reflexão tardia, você o chama também: o topázio. É mais leve, mais vivaz,

está muito mais próximo e, de certo modo, mais receptivo, talvez porque você perceba um pouco de Alabaster em seus interstícios, como um pedaço de casca de fruta cítrica em um prato de comida salgada. Ele o preparou para você.

Então, você volta depressa a si e se vira para Ykka, que está franzindo o cenho para você.

— Você acompanhou isso?

Ela chacoalha a cabeça devagar, mas não em negação. De alguma maneira, ela entendeu em parte. Você consegue ver isso na expressão no rosto dela.

— Eu... aquilo foi... alguma coisa. Não sei bem o quê.

— Não sintonize nenhum dos dois, quando chegarem aqui. — Porque você tem certeza de que estão vindo. — Não sintonize nenhum deles. Nunca. — Você reluta em dizer “obelisco”. Demasiados quietos por perto e, mesmo que ainda não a tenham matado, quietos nunca precisam saber que algo pode tornar os orogenes ainda mais perigosos do que já são.

— O que aconteceria se eu sintonizasse? — É uma pergunta de curiosidade sincera, não de desafio, mas algumas perguntas são perigosas.

Você decide ser honesta.

— Você morreria. Não sei ao certo como. — Na verdade, você está bastante certa de que ela sofreria combustão espontânea e se tornaria, aos gritos, uma coluna incandescente de fogo e força, possivelmente levando Castrima inteira com ela. Mas você não tem certeza absoluta, então se atém ao que sabe. — Os... essas coisas são como as baterias que algumas comus equatoriais usam. — Merda. — Usavam. Já ouviu falar? Uma bateria armazena energia de modo que haja eletricidade mesmo se o sistema hidro não estiver fluindo ou o sistema geo tiver...

Ykka parece ofendida. Bem, ela é sanzed; eles inventaram a bateria.

— Eu sei o que é uma bateria ferrugenta! Ao primeiro sinal de tremor, você tem que lidar com queimaduras com ácido em cima de tudo quanto é coisa, só por causa de um pouco de energia armazenada. — Ela chacoalha a cabeça. — Isso que você está falando não é uma *bateria*.

— Estavam fazendo baterias de açúcar quando saí de Yumenes — você diz. Ela também não está usando a palavra “obelisco”. Ótimo; ela entende. — É mais seguro do que ácido e metal. Existe mais de uma maneira de fazer baterias. Mas, se uma bateria for forte demais para o circuito em que é ligada... — Você imagina que essa parte é suficiente para transmitir a ideia.

Ykka chacoalha a cabeça outra vez, mas você acha que ela acredita em você. Enquanto ela se vira e começa a andar de um lado a outro, você repara em Lerna. Ele esteve calado esse tempo todo, ouvindo vocês duas conversarem. Agora, parece mergulhado em pensamentos, o que a incomoda. Você não gosta que um quieto esteja pensando tanto nesse assunto.

Mas então ele a surpreende.

— Ykka, quantos anos você acha que esta comu tem de verdade?

Ela para e franze o cenho para ele. Os outros castrimenses se remexem, como se estivessem se sentindo pouco à vontade. Talvez os incomode ser lembrados de que vivem nas ruínas de uma civextinta.

— Não faço ideia. Por quê?

Ele encolhe os ombros.

— Só estou pensando nas semelhanças.

Aí você entende. Os cristais da Castrima-de-baixo que brilham por algum meio que você não consegue entender. Os cristais que flutuam no céu por algum meio que você não consegue entender. Ambos mecanismos a ser usados por orogenes e mais ninguém.

Comedores de pedra demonstrando um interesse excessivo por orogenes que usam qualquer um dos dois. Você olha para Hoa de relance.

Mas Hoa não está olhando para o céu nem para você. Ele saiu da varanda, agachou-se no chão coberto de cinzas logo ao lado da passarela e ficou olhando para alguma coisa. Você segue o olhar dele e vê um montículo naquilo que foi um dia o pátio da frente da casa ao lado. Parece apenas mais uma pilha de cinza, talvez com quase um metro de altura, mas então você percebe um minúsculo pé dissecado de algum animal despontando em um canto. Um gato, talvez, ou um coelho. Provavelmente, há dezenas de pequenas

carcaças por aqui, enterradas nas cinzas: o início da Estação deve ter causado enorme mortandade. Mas é estranho que essa carcaça pareça ter acumulado muito mais cinza do que o chão ao redor.

— Morreu há tempo demais para comermos, garoto — diz um dos homens, que também reparou em Hoa e obviamente não faz ideia do que o “garoto” é. Hoa olha para ele piscando os olhos e morde o lábio com o grau perfeito de inquietação. Ele representa o papel de criança tão bem. Depois se levanta e vem até você, e você se dá conta de que ele não está só atuando. Algo de fato o amedrontou.

— Outras coisas vão vir comê-lo — ele diz a você bem baixinho.  
— Nós devíamos ir.

O quê?

— Você não tem medo de nada.

Ele aperta a mandíbula. Mandíbula cheia de dentes de diamante. Músculos sobre ossos de diamante? Não é de estranhar que ele nunca tenha deixado você tentar levantá-lo; deve ser pesado feito mármore. Mas ele diz:

— Tenho medo de coisas que vão te machucar.

E... você acredita nele. Porque, de súbito, você percebe: esse tem sido o ponto comum de todos os comportamentos estranhos de Hoa até agora. A disposição dele em enfrentar o kirkhusa, que poderia ter sido rápido demais mesmo para a sua orogenia. A ferocidade dele para com outros comedores de pedra. Ele está protegendo você. Tão poucos tentaram protegê-la ao longo da sua vida. É o impulso que faz você erguer uma das mãos e passar pelo cabelo branco esquisito dele. Hoa pisca os olhos. Algo passa por eles que pode ser qualquer coisa, menos inumano. Você não sabe o que pensar. No entanto, esse é o motivo pelo qual você dá ouvidos a ele.

— Vamos — você diz a Ykka e aos outros. Você fez o que Alabaster pediu. Você supõe que ele não ficará descontente com o obelisco *extra* quando lhe contar... se é que ele já não sabe. Agora, talvez enfim ele lhe contará o que ferrugens está acontecendo.



ANTES, REÚNA EM UMA ROCHA ESTÁVEL SUPRIMENTO SUFICIENTE POR UM ANO PARA CADA CIDADÃO: DEZ REGULATAS DE GRÃOS, CINCO DE LEGUME, UM QUARTO DE TROCATA DE FRUTAS SECAS E MEIA ESTOCATA DE CORDURA, QUEIJO OU CARNE CONSERVADA. MULTIPLIQUE PELA QUANTIDADE DE ANOS DE VIDA DESEJADOS. DEPOIS, GUARDE SOBRE UMA ROCHA ESTÁVEL COM PELO MENOS TRÊS ALMAS COSTAS-FORTES POR ESCONDERIJO DE PROVISÕES: UM PARA VIGIAR O ESCONDERIJO, DOIS PARA VIGIAR O VIGIA.

— *TÁBUA UM, “DA SOBREVIVÊNCIA”, VERSÍCULO QUATRO*



### 3

## *Schaffa, esquecido*

Sim. Você é ele também, ou era até antes de Meov. Mas agora ele é outra pessoa.

...

A força que despedaça o *Clalsu* é orogenia aplicada ao ar. A orogenia não é para ser aplicada ao ar, mas não existe nenhum motivo real para não funcionar. Syenite já teve experiência usando orogenia na água, em Allia e depois dela. Há minerais na água e, da mesma forma, partículas de poeira no ar. O ar tem calor e fricção e massa e potencial cinético, da mesma forma que a terra; as moléculas de ar só estão mais distantes, os átomos têm um formato diferente. De qualquer modo, o envolvimento de um obelisco torna todos esses detalhes meramente conceituais.

Schaffa sabe o que está por vir no instante em que sente o pulsar do obelisco. Ele é velho, bem velho, o Guardião de Syenite. Tão velho. Ele sabe o que comedores de pedra fazem com orogenes poderosos sempre que têm a oportunidade e sabe por que é crucial manter os olhos dos orogenes no chão e não no céu. Ele viu o que acontece quando um quatro-anéis (é assim que ainda vê Syenite) se conecta com um obelisco. Ele se preocupa de verdade com ela, você percebe (já ela não percebe). Nem tudo tem a ver com controle. Syenite é a sua pequenina, e Schaffa a protegeu mais do que ela imagina. A ideia de que ela tenha uma morte agonizante



lhe é insuportável. Isso é irônico, considerando o que acontece a seguir.

No momento em que Syenite se retesa e sua silhueta fica envolta em luz, e o ar dentro do minúsculo compartimento dianteiro do *Clalsu* estremece e se transforma em uma parede quase sólida de energia incontrolável, Schaffa por acaso estava a um lado de um tabique suspenso, e não na frente dele. Seu companheiro, o Guardião que acaba de matar o amante selvagem de Syenite, não tem tanta sorte: quando a energia o joga para trás, o tabique se desprende da parede na altura e no ângulo certos para decapitá-lo antes de cair. Schaffa, contudo, é atirado para trás e sai voando pelo espaçoso porão do *Clalsu*, que está vazio porque já faz algum tempo que o navio não sai para uma temporada de pirataria. Há espaço suficiente para a velocidade dele diminuir um pouco e para a maior parte da potência do golpe de Syenite passar por ele. Quando enfim bate em um tabique, é com força suficiente apenas para quebrar ossos, não pulverizá-los. E o tabique está cedendo, dobrando-se com todo o resto do navio quando o Guardião bate contra ele. Isso também ajuda.

Então, quando pontudas e cortantes estacas de leito de rocha do fundo do oceano começam a irromper em meio à explosão dos destroços, Schaffa se vê com sorte outra vez: nenhuma delas perfura seu corpo. Syenite está perdida no obelisco a essa altura, perdida nas primeiras pontadas de uma dor que dará origem a tremores secundários até mesmo ao longo da vida de Essun. (Schaffa viu a mão dela sobre o rosto da criança, cobrindo a boca e o nariz, pressionando. Incompreensível. Será que ela não sabia que Schaffa amaria seu filho do mesmo modo como a amava? Ele deitaria o menino com cuidado, com tanto cuidado, na cadeira de arame.) Ela faz parte de algo vasto e totalmente poderoso agora, e Schaffa, que um dia foi a pessoa mais importante do seu mundo, não significa nada para ela. De alguma forma, ele tem consciência disso, mesmo enquanto voa em meio à tempestade, e esse conhecimento deixa uma profunda ferida em seu coração. Em seguida, está na água e está morrendo.

É difícil matar um Guardião. As muitas fraturas que Schaffa sofreu e o dano aos seus órgãos por si só não bastariam para tal

tarefa. Mesmo o afogamento não seria problema em circunstâncias normais. Guardiões são diferentes. Mas eles têm limites, e afogamento *mais* falência de órgãos *mais* contusão é suficiente para ultrapassá-los. Ele se dá conta disso enquanto cai girando na água, fazendo ricochetear pedaços de pedra e destroços do navio destruído. Ele não sabe qual direção leva para cima, exceto que uma delas parece um pouco mais clara do que a outra, mas está sendo arrastado para longe pela parte posterior da embarcação, que afunda depressa. Endireita-se, bate em uma pedra, recupera-se e tenta nadar contra a corrente, apesar de um dos seus braços estar quebrado. Não há nada em seus pulmões. O golpe arrancou-lhe o ar e ele está tentando não respirar água, porque, se o fizer, com certeza morrerá. Ele não pode morrer. Ainda há tanto a fazer.

Mas ele é, em grande parte, só humano e — à medida que aumenta a terrível pressão, surgem pontos pretos na sua visão e todo o corpo fica dormiente com o peso da água — sem conseguir evitar, engole um bom tanto. *Dói*: ácido hidrocloreídrico no peito, ardor na garganta, e ainda nada de ar. Além de tudo (ele pode suportar o resto, já suportou coisas piores em sua vida longa e horrível), de repente aquilo é demais para a racionalidade organizada e cautelosa que guiou e protegeu a mente de Schaffa até o momento.

Ele entra em pânico.

Os Guardiões nunca devem entrar em pânico. Ele sabe disso; existem bons motivos para não entrarem. Mas ele entra mesmo assim, debatendo-se e gritando enquanto é puxado para a escuridão fria. Ele quer viver. Esse é o primeiro e o pior pecado para alguém da sua espécie.

O pavor que sente se desvanece de súbito. Mau sinal. É substituído no momento seguinte por uma cólera tão poderosa que apaga todo o resto. O Guardião para de gritar e treme de raiva, mas, mesmo nesse momento, ele sabe: essa cólera não é dele. Em seu pânico, ele se expôs ao perigo, e o perigo que teme mais do que todos os outros vem entrando pela porta como se já fosse o dono do lugar.

Ele lhe diz: *Se quiser viver, podemos dar um jeito.*

Oh, Terra Cruel.

Mais ofertas, promessas, sugestões e suas recompensas. Schaffa pode ter mais poder... poder suficiente para lutar contra a corrente, e contra a dor, contra a falta de oxigênio. Ele pode sobreviver... se pagar um preço.

Não. Não. Ele sabe qual é o preço. É melhor morrer do que pagá-lo. Mas decidir morrer é uma coisa, levar a cabo essa decisão enquanto se está morrendo é outra bem diferente.

Algo queima na parte de trás do crânio de Schaffa. É um ardor frio, não como aquele no nariz e na garganta e no peito. Algo ali está despertando, aquecendo-se, acumulando-se. Pronto para o colapso de sua resistência.

*Todos nós fazemos o que precisa ser feito*, vêm os sussurros do sedutor, e esse é o mesmo raciocínio que Schaffa muitas vezes usou consigo mesmo ao longo dos séculos. Justificando demasiadas atrocidades. A pessoa faz o que é necessário, pelo dever. Pela vida.

Isso basta. Aquela presença fria toma conta dele.

O poder se espalha pelos seus membros. Após apenas algumas batidas de coração reiniciadas de repente, os ossos quebrados se uniram e os órgãos retomaram suas funções normais, ainda que com algumas soluções alternativas devido à falta de oxigênio. Ele se contorce na água e começa a nadar, sentindo a direção que deve seguir. Não para cima, não mais; de repente, ele encontra oxigênio na água que está respirando. O Guardião não tem guelras, no entanto, seus alvéolos de súbito absorvem mais do que ele deveria ser capaz de absorver. Porém, é só um pouco de oxigênio... não é sequer o suficiente para suprir seu corpo de maneira adequada. Algumas células morrem, sobretudo em uma parte muito particular de seu cérebro. Ele tem horrível e absoluta consciência disso. Tem consciência da lenta morte de tudo o que o torna *Schaffa*. Mas é preciso pagar o preço.

Ele luta contra aquilo, é claro. A raiva tenta fazê-lo avançar, mantê-lo debaixo d'água, mas ele sabe que *tudo* o que faz parte dele morrerá se ficar ali. Então, ele nada para a frente e também para cima, semicerrando os olhos em meio à escuridão, em vista da luz. Isso leva um longo e agonizante tempo. Mas ao menos parte da raiva que carrega dentro de si é sua de fato, fúria por ter sido

forçado a ocupar essa posição, ira para consigo mesmo por ter sucumbido, e tudo o faz aguentar firme até mesmo quando suas mãos e seus pés começam a formigar. Mas...

Ele alcança a superfície. Rompe a superfície. Concentra-se muito em não entrar em pânico enquanto vomita água, expele ainda mais água tossindo e, por fim, puxa o ar. Dói tanto. Entretanto, a morte é interrompida com a primeira respiração. Seu cérebro e seus membros obtêm tudo de que precisam. Ele ainda vê pontos pretos, ainda sente aquele frio horrível na parte de trás do crânio, mas ele é Schaffa. *Schaffa*. Ele se agarra a essa noção e afasta com unhas, dentes e grunhidos o frio que o invadia. Pelos fogos da Terra, ele ainda é Schaffa e não vai se permitir esquecer isso.

(Mas ele perde tantas outras coisas. Entenda: o Schaffa que conhecíamos até agora, o Schaffa que Damaya aprendeu a temer e Syenite aprendeu a desafiar, agora está morto. O que resta é um homem com o hábito de sorrir, um instinto paterno distorcido e uma raiva que não é de todo sua orientando todas as suas ações deste ponto em diante.

Talvez você lamente esse Schaffa que se perdeu. Tudo bem se lamentar. Ele foi parte de você um dia.)

Ele volta a nadar. Depois de umas sete horas (essa é a força que as lembranças lhe deram), ele vê o cone ainda fumegante de Allia no horizonte. A distância até lá é maior do que seguir direto para a praia, mas ele ajusta a direção e nada em rumo a ela. Haverá ajuda ali, de algum modo ele sabe.

O sol já se pôs faz tempo agora, escureceu por completo. A água está fria, e ele sente sede e dor. Por sorte, nenhum dos monstros das profundezas o ataca. A única ameaça verdadeira que enfrenta é a própria determinação, além da dúvida sobre ela falhar na batalha contra o mar ou contra a fria ira que consome sua mente. Não ajuda muito o fato de estar sozinho a não ser pelas estrelas indiferentes... e o obelisco. Ele o vê uma vez, quando olha para trás: um oscilante vulto agora sem cor no reluzente céu noturno. Não parece estar mais distante do que quando, do convés do navio, ele o notou pela primeira vez e o ignorou para se concentrar em sua presa. Deveria ter prestado mais atenção, deveria tê-lo estudado para ver se estava se aproximando, deveria ter se lembrado de que

até mesmo um quatro-anéis pode ser uma ameaça nas circunstâncias certas, e...

Ele franze a testa, pausando por um momento para boiar de costas. (Isso é perigoso. A fadiga na mesma hora começa a tomar conta. O poder que o sustenta não dá conta de tudo.) Ele olha para o obelisco. Um quatro-anéis. Quem? Tenta se lembrar. Havia alguém... importante.

Não. Ele é Schaffa. Essa é a única coisa que importa. Ele volta a nadar.

Quase ao amanhecer, sente areia preta e áspera sob os pés. Sai da água aos tropeços, alheio a si mesmo e ao movimento dos seus membros na terra, meio que rastejando. Atrás dele, a arrebentação recua; há uma árvore adiante. Ele desmaia sobre suas raízes e faz algo que se assemelha a dormir. Parece mais com um coma.

Quando acorda, o sol está alto e ele está ardendo de dores de todos os tipos: pulmões doloridos, membros doídos, latejantes fraturas não curadas em ossos menos importantes, garganta seca, pele rachando. (E outra dor mais profunda.) Ele grunhe e algo lança uma sombra sobre o seu rosto.

— Você está bem? — pergunta uma voz que soa como aquilo que ele sente. Áspera, seca, baixa.

Ele abre devagar os olhos para ver um homem agachado à sua frente. O homem é costeiro do leste, magro e envelhecido, já sem boa parte do cabelo enrolado, exceto por uma faixa na parte de trás da cabeça. Quando Schaffa olha ao redor, vê que estão em uma pequena enseada coberta pela sombra de árvores. O barco a remo do velho foi trazido até a praia, não muito longe dali. Dá para ver uma vara de pescar despontando para fora. As árvores da enseada estão todas mortas e a areia debaixo de Schaffa está cheia de cinzas; eles ainda estão bem perto do vulcão que foi Allia.

Como ele chegou até ali? Ele se lembra de ter nadado. Por que estava na água? Essa parte desvaneceu.

— Eu... — começa Schaffa, e engasga com a própria língua seca e inchada. O velho o ajuda a se sentar, depois lhe oferece um cantil aberto. Uma água salobra e com gosto de couro nunca pareceu tão doce. O velho afasta a água dele após alguns goles, o que Schaffa sabe ser sensato, mas ainda assim resmunga e tenta

alcançar o cantil uma vez. Mas só uma vez. Ele é forte o bastante para não implorar.

(O vazio dentro dele não é apenas sede.)

Ele tenta se concentrar.

— Eu. — Dessa vez é mais fácil falar. — Eu... não sei se estou bem.

— Naufrágio? — O velho vira o pescoço para dar uma olhada em volta. A pouca distância, bem visível, está a cordilheira de pedras cortantes que Syenite ergueu da ilha dos piratas até o continente. — Você estava lá? O que foi aquilo, algum tipo de tremor?

Parece impossível que o velho não saiba... mas sempre impressionava Schaffa como as pessoas comuns entendiam pouco do mundo. (Sempre? *Sempre* o impressionou tanto assim? Mesmo?)

— Rogga — responde ele, cansado demais para conseguir pronunciar a palavra não vulgar de quatro sílabas para a espécie deles. Isso basta. O rosto do velho se fecha.

— Criaturas imundas filhas da Terra. É por isso que têm que ser afogados quando bebês. — Ele chacoalha a cabeça e se concentra em Schaffa. — Você é grande demais para eu te erguer, e arrastar vai doer. Você acha que consegue levantar?

Com ajuda, Schaffa consegue levantar e cambalear até o barco a remo do velho. Trêmulo, ele se senta na proa enquanto o velho rema para longe da enseada, dirigindo-se para o sul ao longo do litoral. Parte do motivo da sua tremedeira é o frio (suas roupas ainda estão molhadas nas partes sobre as quais estava deitado) e parte é a persistência do choque. Outra parte, no entanto, é algo bem distinto.

(Damaya! Com grande esforço, ele se lembra desse nome e de uma impressão: uma menina latmediana pequena e assustada sobreposta por uma mulher latmediana alta e insolente. Amor e medo nos olhos, tristeza no coração. Ele a machucou. Precisa encontrá-la, mas, quando busca a sensação dela que deveria estar encravada em sua mente, não há nada. Ela se foi, junto com todo o resto.)

O velho fica falando com ele durante a viagem inteira. Ele é Litz Costa-forte Metter, e Metter é um vilarejo de pescadores alguns quilômetros ao sul de Allia. Eles vinham debatendo se deveriam se mudar desde que aconteceu toda aquela confusão com Allia, mas então, de repente, o vulcão adormeceu, de modo que talvez a Terra Cruel não esteja atrás deles afinal, ou pelo menos não desta vez. Ele tem dois filhos, um imbecil e outro egoísta, e três netos, todos filhos do imbecil e, com sorte, não tão imbecis. Eles não têm muita coisa, Metter é só outra comu costeira, não tem sequer condições de construir um muro apropriado em vez de um monte de árvores e paus, mas é preciso fazer o que é preciso fazer, você sabe como é, todo mundo vai cuidar bem de você, não se preocupe.

(*Qual é o seu nome?*, pergunta o velho em meio ao falatório, e Schaffa lhe diz. O homem pergunta por mais outros nomes além desse, mas Schaffa só tem um. *O que você estava fazendo em alto-mar?* O silêncio dentro de Schaffa boceja em resposta.)

O vilarejo é particularmente precário, no sentido de que metade dele está na praia e metade na água, casas flutuantes e casas sobre palafitas se interconectam através de molhes e cais. As pessoas se aglomeram em torno de Schaffa quando Litz o ajuda a subir em um cais. Mãos o tocam e ele recua, mas elas querem ajudar. Não é culpa delas que tenham tão pouco do que ele precisa, a ponto de parecerem inadequadas. Elas empurram-no, conduzem-no. Ele se vê debaixo de uma ducha fria com água fresca, então o vestem com calças curtas e uma camisa simples sem mangas. Quando ele ergue o cabelo ao lavá-lo, ficam assombrados com a cicatriz no pescoço, grossa e suturada, desvanecendo ao entrar na linha do cabelo. (Ele mesmo se espanta com ela.) Ficam intrigados com as suas roupas, tão desbotadas pelo sol e pela água salgada que perderam quase toda a cor. Parece ter um tom marrom acinzentado. (Ele lembra que deveria ser vinho, mas não lembra por quê.)

Mais água, da boa. Desta vez ele pode tomar até se saciar. Come um pouco. Depois dorme durante horas, com um incessante sussurro furioso no fundo da mente.

Quando Schaffa acorda, é tarde da noite, e há um menininho de pé em frente à cama. Diminuíram a intensidade da luz da lamparina,

mas ela brilha o suficiente no quarto para que Schaffa veja suas velhas roupas, agora lavadas e secas, nas mãos do garoto. O menino virou um bolso do avesso; ali, naquele único ponto da vestimenta toda, manteve algo de sua cor original. Vinho.

Schaffa se ergue, apoiado em um dos cotovelos. Alguma coisa no garoto... talvez.

— Oi.

O menino se parece tanto com Litz que só precisa de algumas décadas de envelhecimento e menos cabelo para ser o irmão gêmeo do velho. Mas há uma esperança desesperada nos olhos do garoto que estaria completamente fora de lugar nos de Litz. O Costa-forte sabe qual é o seu lugar no mundo. Esse menino, que talvez tenha onze ou doze anos, com idade suficiente para ser confirmado por sua comu... algo soltou suas amarras, e Schaffa acha que sabe o quê.

— Isto é seu — diz o garoto, estendendo a vestimenta.

— Sim.

— Você é um Guardiã?

Uma quase lembrança fugaz.

— O que é isso?

O menino parece tão confuso quanto Schaffa. Dá mais um passo em direção à cama e para. (Chegue mais perto. Mais perto.)

— Eles disseram que você não se lembrava das coisas. Tem sorte de estar vivo. — O garoto passa a língua pelos lábios, inseguro. — Guardiões... protegem.

— Protegem o quê?

O medo do menino dá lugar à incredulidade. Ele se aproxima ainda mais.

— *Orogenes*. Eu quero dizer... vocês protegem as pessoas deles. Para que não machuquem ninguém. E vocês os protegem das pessoas também. É o que contam as histórias.

Schaffa se senta, deixando as pernas penderem por sobre a beirada da cama. A dor dos ferimentos quase desapareceu, seu corpo recupera-se em um ritmo mais rápido do que o normal pelo furioso poder dentro de si. Ele se sente bem, na verdade, exceto por uma coisa.

— Protegem orogenes — diz ele, pensativo. — Eu faço isso?



O garoto dá uma risadinha, embora seu sorriso desvaneça rápido. Ele está com muito medo por alguma razão, mas não de Schaffa.

— As pessoas matam orogenes — diz o menino em voz baixa. — Quando os encontram. A menos que estejam com um Guardião.

— Matam? — Não parece civilizado da parte deles. Mas então ele se lembra da cordilheira de pedras pontudas no oceano e de sua absoluta convicção de que foi obra de um orogene. *É por isso que eles têm que ser afogados quando bebês*, Litz dissera.

*Deixou escapar um*, pensa Schaffa, e depois tem que conter uma gargalhada histérica.

— Eu não quero machucar ninguém — diz o garoto. — Vou acabar machucando um dia, sem... sem treinamento. Quase machuquei quando o vulcão estava fazendo coisas. Foi difícil evitar.

— Se tivesse tentado, isso teria matado você e poderia ter matado muitas outras pessoas — explica Schaffa. Então ele pisca os olhos. Como sabe disso? — Um ponto quente é volátil demais para você reprimir com segurança.

Os olhos do menino brilham.

— Você *sabe*. — Ele dá um passo à frente e se agacha ao lado do joelho de Schaffa. — Por favor, me ajude. Acho que a minha mãe... ela me viu, quando o vulcão... — sussurra. — Tentei parecer normal e *não consegui*. Acho que ela sabe. Se ela contar para o meu avô... — De repente, ele respira forte, como se ofegasse. Ele está segurando um soluço, mas o movimento parece o mesmo.

Schaffa sabe como é se afogar. Ele estende a mão e afaga a densa cabeleira do garoto, da coroa à nuca, e deixa os dedos permanecerem sobre a nuca.

— Há uma coisa que eu preciso fazer — diz Schaffa, porque há. A raiva e os sussurros dentro de si têm um propósito, afinal, e esse se tornou o propósito dele. *Reúna-os, treine-os, transforme-os nas armas que estão destinados a ser*. — Vou levar você comigo, temos que viajar para longe daqui. Nunca mais verá a sua família.

O menino desvia o olhar, sua expressão tornando-se amarga.

— Eles me matariam se soubessem.

— Sim.

Schaffa pressiona um ponto com muita delicadeza para tirar a primeira medida de... alguma coisa... do garoto. Do quê? Ele não consegue lembrar como se chama. Talvez não tenha nome. Tudo o que importa é que existe, e que ele precisa dela. Ele sabe de algum modo que, com aquilo, poderá agarrar-se com mais firmeza aos resquícios de quem é. (Era.) Então ele absorve, e a primeira gota é como um doce fluxo de água fresca em meio a vários litros de sal ardente. Ele deseja beber tudo, estende o próprio alcance até o resto com tanta sede como quando estendeu a mão para pegar o cantil de Litz, embora se obrigue a desistir pela mesma razão. Pode sobreviver com o que tem agora e, se tiver paciência, o menino terá mais para ele mais tarde.

Sim. Seus pensamentos estão mais claros agora. Está mais fácil pensar em meio aos sussurros. Ele precisa desse garoto e de outros como ele. Precisa seguir adiante e encontrá-los e, com a ajuda deles, conseguirá chegar a...

... a...

... bem. Nem tudo está claro. Algumas coisas nunca voltarão. Ele vai se virar com o que lembra.

O menino está examinando seu rosto. Enquanto Schaffa esteve tentando juntar os fragmentos de sua identidade, o menino esteve se debatendo com o próprio futuro. Eles foram feitos um para o outro.

— Eu vou com você — diz o garoto, que aparentemente passou aquele último minuto pensando ter escolha. — Para qualquer lugar. Não quero machucar ninguém. Não quero morrer.

Pela primeira vez desde um momento em um navio alguns dias antes, quando ele era uma pessoa diferente, Schaffa sorri. Ele afaga a cabeça do menino de novo.

— Você tem uma alma boa. Vou ajudar como puder. A tensão do garoto se desfaz de imediato; lágrimas enchem seus olhos. — Vá e pegue algumas coisas para viajar. Vou falar com os seus pais.

Essas palavras saem de sua boca com naturalidade, facilmente. Ele já as disse antes, embora não lembre quando. Lembra-se, porém, de que às vezes as coisas não correm tão bem quanto ele diz que correrão.

O menino murmura um agradecimento, agarra o joelho de Schaffa e tenta fazer esse agradecimento penetrar-lhe apertando-o, depois sai a passo rápido. Schaffa se põe de pé devagar. O garoto deixou o uniforme desbotado para trás, então Schaffa o veste outra vez, seus dedos lembrando-se de como as costuras deveriam ficar. Deveria haver uma capa também, mas ela sumiu. Ele não lembra onde. Quando dá um passo adiante, um espelho a um lado do quarto chama a sua atenção, e ele para. Estremece, não de prazer dessa vez.

Está *errado*. Está muito errado. Seu cabelo está escorrido e ressecado depois do estrago causado pelo sol e pelo sal; deveria ser preto e lustroso, mas, em vez disso, está sem vida e ralo, queimado. O uniforme está largo, pois ele gastou um pouco da matéria do seu próprio corpo como combustível para chegar à praia. As cores do uniforme também estão erradas e ele não lhe oferece nenhuma reafirmação de quem ele era, de quem deveria ser. E seus olhos...

*Terra Cruel*, pensa, fitando o gélido quase branco que há neles. Ele não sabia que seus olhos eram assim.

Ouve-se um rangido no assoalho perto da porta, e seus estranhos olhos se direcionam para um lado. A mãe do menino está ali, piscando à luz da lamparina que carrega.

— Schaffa — diz ela. — Achei que tinha ouvido você. E Eitz?

Esse deve ser o nome do garoto.

— Ele veio me trazer isto. — Schaffa toca a roupa.

A mulher entra no quarto.

— Ahn — ela diz. — Agora que está limpo e seco, parece um uniforme.

Schaffa aquiesce.

— Descobri algo novo sobre mim mesmo. Sou um Guardião.

Ela arregala os olhos.

— De verdade? — Há desconfiança em seu olhar. — E Eitz esteve te incomodando.

— Não foi incômodo. — Schaffa sorri para tranquilizá-la. Por algum motivo, a testa franzida da mulher se contrai e franze ainda mais. Ah, bem: ele também se esqueceu de como cativar as pessoas. Ele se vira e vai até ela, e ela dá um passo atrás quando

ele se aproxima. Ele para, achando graça do seu medo. — Ele também descobriu algo sobre si mesmo. Vou levá-lo embora agora.

A mulher arregala os olhos. Sua boca se movimenta em silêncio por um instante, depois ela assume um ar decidido.

— Eu sabia.

— Sabia?

— Eu não queria saber. — Ela engole em seco, apertando a mão; a pequena chama da lamparina bruxuleia com qualquer que seja a emoção que a perpassa. — Não o leve. Por favor.

Schaffa inclina a cabeça.

— Por que não?

— Seria como morrer para o pai dele.

— Não para o avô? — Schaffa chega um pouco mais perto. (Mais perto.) — Não para os tios e as tias e os primos? Não para você?

Ela se contrai de novo.

— Eu... não sei como me sinto neste exato momento. — Ela chacoalha a cabeça.

— Pobre criatura — diz Schaffa em voz baixa. Essa compaixão também é automática. Ele sente profundamente a tristeza. — Mas você vai protegê-lo deles se eu não o levar?

— O quê? — Ela olha para Schaffa, surpresa e alarmada. Será que isso poderia mesmo nunca ter passado pela cabeça dela? Aparentemente não. — Proteger... *o menino*? — Schaffa entende que o fato de ela fazer essa pergunta é a prova de que não é adequada para essa tarefa.

Então ele suspira e estende a mão, como se fosse colocá-la no ombro dela, e chacoalha a cabeça, como que para exprimir desculpas. Ela relaxa ligeiramente e não percebe quando a mão dele se curva em torno do seu pescoço. Os dedos dele repousam em um ponto, e ela se retesa de imediato.

— O q... — Depois ela cai morta.

Schaffa pisca enquanto ela cai ao chão. Por um instante, ele fica confuso. Era para isso acontecer? E então... seus próprios pensamentos se restauram um pouco mais devido ao bocado de *algo* que ela lhe deu, uma quantidade tão ínfima em relação ao que Eitz possuía... ele entende. Só é seguro fazer isso com orogenes,

que têm mais do que o suficiente para compartilhar. A mulher devia ser uma quieta. Mas Schaffa se sente melhor. Na verdade...

*Pegue mais, sussurra a raiva no fundo de sua mente. Pegue os outros. Eles ameaçam o garoto, o que ameaça você.*

Sim. Parece sensato.

Então Schaffa se levanta e se movimenta pela casa silenciosa e escura, tocando cada membro da família de Eitz e devorando um pedaço deles. A maioria não acorda. O filho imbecil dá mais do que o resto: quase um orogene (quase um Guardião). Litz dá menos, talvez porque seja velho... ou talvez porque esteja acordado e lute contra a mão que Schaffa cravou sobre a sua boca e o seu nariz. Ele está tentando esfaquear Schaffa com uma faca de cortar peixes que tirou de sob o travesseiro. Que pena que tenha que sentir tanto medo! Schaffa vira a cabeça de Litz de forma brusca para alcançar a nuca. Ouve-se um estalo quando faz isso, que ele nem sequer nota até que o fluxo de *algo* que sai de Litz fique fraco e morto e inútil. Ah, sim, só tarde demais Schaffa se lembra de que não funciona nos mortos. Tomará mais cuidado no futuro.

Mas está muito melhor, agora que aquela dor tensa dentro dele se acalmou. Ele se sente... não completo. Nunca mais completo. Mas quando outra presença ocupa tanto espaço dentro dele, recuperar mesmo que seja um pouco de terreno é uma benção.

— Eu sou Schaffa Guardião... Garantia? — ele murmura, piscando conforme a última parte enfim lhe vem à mente. Que comu é Garantia? Ele não consegue lembrar. Independentemente, está feliz de ter o nome. — Eu só fiz o que era necessário. Só o que é melhor para o mundo.

As palavras parecem certas. Sim. Ele precisava do senso de propósito, que agora repousa como chumbo no fundo do seu cérebro; é espantoso que ele não tivesse antes. Mas agora?

— Agora tenho trabalho a fazer.

Eitz o encontra na sala de estar. O menino está sem fôlego, entusiasmado, levando uma pequena pasta.

— Ouvi você e a mamãe conversando. Você... contou para ela?

Schaffa se agacha para ficar à altura dos olhos do garoto e coloca as mãos nos seus ombros.

— Sim. Ela disse que não sabia dizer como se sentia, depois não disse mais nada.

Eitz contorce o rosto. Ele olha para o corredor que leva aos quartos dos adultos. Todos no corredor estão mortos. As portas estão fechadas e silenciosas. Contudo, Schaffa deixou os irmãos e primos de Eitz vivos, porque não é tão monstruoso assim.

— Posso me despedir dela? — pergunta Eitz em voz baixa.

— Acho que isso seria perigoso — responde Schaffa. Ele está falando a verdade. Não quer ter que matar o menino ainda. — Essas coisas devem ser feitas da forma apropriada. Venha. Você tem a mim agora, e eu nunca vou te deixar.

O garoto pisca os olhos e se endireita um pouco, depois aquiesce, trêmulo. Já está grandinho para que essas palavras tenham sobre ele o poder que têm. Schaffa supõe que elas funcionem porque Eitz passou os últimos meses com pavor da família. Manipular alguém em um estado mental tão solitário e fatigado não é nada. Não é sequer uma mentira.

Eles deixam a casa semimorta para trás. Schaffa sabe que deveria levar o menino... para algum lugar. Algum lugar com paredes de obsidiana e grades douradas, um lugar que morrerá em um cataclismo de fogo dentro de dez anos, então talvez seja bom que ele esteja lesionado demais para se lembrar da localização. Em todo caso, os sussurros furiosos começaram a conduzi-lo a uma direção diferente. Algum lugar ao sul. Onde ele tem trabalho a fazer.

Ele põe a mão no ombro de Eitz para consolá-lo, ou talvez para consolar a si mesmo. Juntos eles vão adentrando a escuridão da madrugada.



NÃO SE ENGANE. OS GUARDIÕES SÃO MUITO, MUITO MAIS VELHOS DO QUE O VELHO SANZE, E ELES NÃO TRABALHAM PARA NÓS.

— *ÚLTIMAS PALAVRAS REGISTRADAS DO IMPERADOR MUTSHATEE ANTES DA SUA EXECUÇÃO*



## 4

### *Você é desafiada*

Você fica cansada depois de chamar o obelisco. Quando volta ao seu quarto e se estica durante meio minuto no catre descoberto que veio com o apartamento, você adormece tão rápido que nem percebe que está caindo no sono. Na calada da noite (ou pelo menos é o que diz o seu relógio biológico, já que as paredes reluzentes não mudaram), seus olhos se abrem, e é como se houvesse se passado apenas um instante. Mas Hoa está encolhido ao seu lado, aparentemente dormindo, para sua surpresa, e você consegue ouvir Tonkee roncando de leve no quarto vizinho, e você se sente muito melhor embora esteja com fome. Descansada, talvez pela primeira vez em semanas.

A fome faz você se levantar e ir à sala do apartamento. Há uma pequena sacola de cânhamo na mesa, que Tonkee deve ter adquirido, parcialmente aberta, deixando à mostra cogumelos e uma pequena pilha de feijão e outros alimentos armazenados. É mesmo: como membros aceitos de Castrima, vocês agora têm uma cota das provisões da comu. Nenhuma dessas coisas é o tipo de comida que serve para você comer como petisco; a não ser talvez pelos cogumelos, mas você nunca os viu antes, e algumas espécies de cogumelos precisam ser cozidas antes de ingeridas. Você se sente tentada, mas... será que Castrima é o tipo de comu que daria alimentos perigosos para os recém-chegados sem avisá-los?

Hmm. Certo. Você pega a sua bolsa de fuga, vasculha-a em busca do restante das provisões que trouxe consigo para Castrima e faz uma refeição com laranja desidratada, cascas de pão armazenado e um pedaço de carne seca que você negociou na última comu por onde passou e que você suspeita que seja carne de rato de hidro-tubo. Comida é aquilo que sustenta, dizem os sabedoristas.

Você acabou de engolir a carne seca e está sentada, refletindo de forma sonolenta a respeito de como meramente chamar um obelisco tirou tanta energia de você (como se alguma coisa relativa aos obeliscos pudesse ser descrita pelo advérbio “meramente”), quando nota o som alto e ritmado de algo raspando. Você o desconsidera de imediato. Nada nessa comu faz sentido; provavelmente vai levar semanas, se não meses, para você se acostumar com os sons peculiares. (Meses. Você está desistindo de Nassun assim tão fácil?) Então você ignora o som mesmo enquanto se torna mais alto e mais próximo, e fica bocejando, e está prestes a se levantar e voltar para a cama quando lhe ocorre, com atraso, que o que você está ouvindo são *gritos*.

Franzindo o cenho, você vai à porta do apartamento e abre a cortina delgada. Você não está particularmente preocupada, seus sensapinae nem ao menos se contraíram e, de qualquer modo, se houver um tremor aqui na Castrima-de-baixo, todos morrerão, não importa com que rapidez deixem suas casas. Lá fora, há várias pessoas acordadas e ativas. Uma mulher passa pela sua porta levando uma cesta grande com os mesmos cogumelos que você quase comeu; ela cumprimenta você, distraída, quando você sai, e depois por pouco não perde o que está carregando ao tentar se virar na direção do barulho e quase trombar com um homem que está empurrando uma lata tampada e com rodinhas que fede muito e que provavelmente vem das latrinas. Em uma comu que não tem um ciclo dia/noite funcional, Castrima de fato nunca dorme, e você sabe que eles têm seis turnos de trabalho em vez dos três de costume, porque a colocaram em um. Seu turno só vai começar ao meio-dia (ou doze-toques, como diz o povo de Castrima), quando então você deve procurar uma mulher chamada Artith perto da ferraria.



E nada disso é relevante porque, em meio aos cristais espalhados e salientes de Castrima, você consegue ver um aglomerado de pessoas chegando à boca retangular do túnel que serve de entrada para o geodo. Estão correndo e carregam outra pessoa, que é a responsável por todos os gritos.

Mesmo assim, você se sente tentada a ignorar aquilo e voltar a dormir. É uma Estação. As pessoas morrem; não há nada que você possa fazer quanto a isso. Eles nem ao menos são o seu povo. Não há razão para você se importar.

Então alguém grita “*Lerna!*”, e o tom de voz é tão apavorado que você estremece. Da sua sacada, você consegue ver o cristal baixo e cinzento que abriga o apartamento de Lerna, a três cristais de distância e um pouco mais abaixo do que o seu. A cortina-porta se abre e ele sai apressado, vestindo uma camisa enquanto desce correndo a escada mais próxima. Está se dirigindo para a enfermaria, para onde o aglomerado de gente parece ir também.

Por motivos que você não consegue definir, você olha de volta para a entrada do seu próprio apartamento. Tonkee, que dorme como madeira petrificada, não saiu... mas Hoa está ali, imóvel como uma estátua e observando você. Algo na expressão dele faz você franzir a testa. Ao que parece, ele não sabe fazer a cara de pedra sem expressão dos da sua espécie, talvez porque não tenha de fato um rosto de pedra. Independentemente disso, a primeira coisa que você interpreta da expressão dele é... pena.

No instante seguinte, você já saiu do apartamento e está correndo até o nível do solo, quase antes mesmo de pensar em fazê-lo. (Você pensa enquanto corre: a pena de um comedor de pedras disfarçado alarmou você de uma maneira que os gritos de outro ser humano não alarmaram. Você é um monstro.) Castrima é a mesma confusão frustrante de sempre, mas desta vez você é auxiliada pelo fato de que outras pessoas começaram a correr pelas pontes e passarelas na direção do problema, então você pode apenas seguir o fluxo.

Quando você chega lá, formou-se uma pequena multidão ao redor da enfermaria, a maioria amontoando-se por curiosidade, preocupação ou ansiedade. Lerna e o aglomerado de gente carregando o companheiro ferido entraram, e agora fica óbvio o que

é aquele grito horrível: o berro de rasgar a garganta de alguém que está sentindo uma dor terrível, uma dor insuportável, e que, não obstante, é forçado a suportá-la.

Não é de propósito que você começa a forçar passagem para entrar lá. Você não sabe nada sobre prestar assistência médica... mas conhece a dor. Para sua surpresa, no entanto, as pessoas olham irritadas para você... depois piscam e abrem caminho. Você percebe que aqueles que parecem confusos são puxados de lado para ouvir rápidos sussurros por parte daqueles cujos olhos se arregalaram. Ah-há. Castrima tem falado de você.

Então você entra na enfermaria e quase é derrubada por uma mulher sanzed que passa correndo com um tipo de seringa nas mãos. É perigoso carregar uma seringa desse jeito. Você a segue até um leito da enfermaria onde seis pessoas seguram a pessoa que está gritando. Você dá uma olhada no rosto dela quando um dos outros se move para o lado: ninguém que você conheça. Só mais um homem latmediiano que evidentemente estava lá em cima, a julgar pela camada de cinzas na pele, na roupa e no cabelo. A mulher com a seringa afasta alguém com o ombro e, ao que parece, aplica o conteúdo da seringa. Um instante depois, o homem estremece todo, e sua boca começa a se fechar. Seus gritos cessam, devagar, devagar. Devagar. Ele se contorce uma vez, com violência; aqueles que o seguram se mexem com a força do homem. Então, enfim, por misericórdia, ele fica inconsciente.

O silêncio quase reverbera. Lerna e a tratadora sanzed continuam em movimento, embora as pessoas que estavam segurando o homem se afastem e olhem umas para as outras, como que perguntando o que deveriam fazer em seguida. Na confusão agora silenciosa, você não consegue deixar de olhar para o outro extremo da enfermaria, onde Alabaster ainda jaz despercebido pelos novos visitantes da enfermaria. Sua comedora de pedras permanece onde você a viu da última vez, embora os olhos dela também estejam fixos na cena. Você consegue ver o rosto de Alabaster por cima dos leitos; os olhos dele se movem para encontrar os seus, mas depois se desviam.

O homem na cama volta a chamar a sua atenção quando algumas das pessoas à volta dele se afastam. De início, você não

consegue distinguir qual é o problema, a não ser o fato de que partes de suas calças parecem estranhamente *úmidas*, cobertas de cinza barrenta. As partes úmidas não estão vermelhas, não é sangue, mas há um cheiro que você não sabe ao certo como descrever. Carne na salmoura. Gordura quente. Tiraram suas botas, deixando descalços pés que espasmodicamente ainda se contraem um pouco, com os dedos esticados relaxando apenas com relutância, mesmo em estado de inconsciência. Lerna está cortando uma das pernas da calça com uma tesoura. A primeira coisa que você nota, conforme ele abre o tecido úmido, são os pequenos hemisférios azuis e redondos que pontilham a pele do homem aqui e ali, cada um talvez com uns cinco centímetros de diâmetro e três de altura, brilhantes e estranhos ao seu corpo. Há dez ou vinte deles. Cada um está no centro de uma área de carne marrom-rosada e inchada que cobre talvez um palmo das pernas do homem. Você acha que aquelas protuberâncias são joias, a princípio. Elas meio que parecem ser, algo metálico sobre o azul, e bonito.

“Droga”, alguém diz em um tom baixo por conta do choque, e outra pessoa diz “Que ferrugens”. Mais outra pessoa entra na enfermaria aos empurrões depois de discutir um instante com as pessoas que haviam bloqueado a entrada. Ela vem e para ao seu lado, e você vira a cabeça para ver Ykka, cujos olhos se arregalam devido à confusão e ao asco por um momento, antes de ela se controlar e assumir um ar inexpressivo. Então ela diz em um tom áspero o bastante a ponto de fazer algumas pessoas pararem de olhar:

— O que aconteceu?

(Você percebe, com atraso ou talvez na hora certa, que há outra comedora de pedras na sala, não muito longe da cena. Ela é familiar... a ruiva que a cumprimentou junto com Ykka quando você chegou a Castrima. Ela está observando Ykka agora com avidez, mas por vezes transfere seu olhar pétreo para você também. Você de repente fica super ciente do fato de que Hoa não a seguiu para fora do apartamento.)

— Patrulha do perímetro exterior — outro latmediiano coberto de cinzas conta para Ykka. Ele não parece um Costa-forte, é pequeno demais. Talvez seja um dos novos Caçadores. Ele contorna o grupo

de pessoas em torno da cama e fixa a mirada em Ykka como se ela fosse a única coisa que o impedisse de ficar olhando para o homem ferido até a sua mente pifar. — Nós estávamos lá fora ao lado da pedreira de s-sal, pensando que poderia ser um bom lugar para caçar. Havia um tipo de sumidouro perto de um riacho. Beled... eu não sei. Ele se foi. No começo, ouvi os dois gritarem, mas não sabia por quê. Eu estava rio acima, observando algumas pegadas de animais. Quando cheguei lá, só vi Terteis, que parecia estar tentando sair das cinzas. Eu o ajudei a sair, mas já estavam em cima dele, e tinha mais subindo nos sapatos, então tive que cortá-los...

Um chiado tira os seus olhos de cima do homem que estava falando. Lerna sacode a mão, estirando os dedos como se estivessem doendo.

— Traz o fórceps ferrugento para mim! — ele diz para outro homem, que se contrai e se vira para ir buscá-lo. Você nunca ouviu Lerna xingar antes.

— Algum tipo de fervedouro — diz a mulher sanzede que aplicou a injeção no homem. Ela soa descrente; está falando com Lerna, como se tentasse convencer a ele em vez de a si mesma. (Lerna continua examinando as extremidades das queimaduras com a mão saudável, ignorando a mulher.) — Tem que ser. Ele caiu em uma saída de vapor, um gêiser, um geotubo velho e enferrujado. — O que tornaria os insetos apenas uma coincidência.

— ... caso contrário, eles teriam subido em mim também. — O outro Caçador ainda está falando com sua voz inexpressiva. — Achei que o sumidouro fosse só cinzas soltas, mas na verdade era... não sei. Como um formigueiro. — O Caçador engole em seco e cerra o maxilar. — Não consegui tirar o resto, então trouxe ele para cá.

Ykka aperta os lábios, mas enrola as mangas da blusa e vai até lá, forçando passagem por entre as outras pessoas chocadas que estão por perto.

— Afastem-se! Se não pretendem ajudar, saiam do caminho ferrugento — ela grita. Algumas das pessoas amontoadas começam a puxar outras para longe. Mais alguém tenta pegar um dos objetos semelhantes a joias e arrancá-lo, depois recolhe a mão, chiando

como Lerna. O objeto muda, duas partes da brilhante superfície azul abrindo-se e erguendo-se antes de se fecharem de novo... e de súbito ele também muda em sua mente. Não é uma joia, é um inseto. Algum tipo de besouro. A casca iridescente é a carapaça. No momento em que ele ergueu os estojos que cobrem as asas, você viu que seu corpo redondo era translúcido, com algo saltando e borbulhando lá dentro. Você consegue sentir o calor dele até mesmo de onde está, quente como uma fervura. A carne do homem fumega ao redor do inseto.

Alguém dá o fórceps para Lerna, que tenta arrancar um dos besouros. Os estojos das asas se erguem outra vez, e um jato fino de algo atinge os dedos de Lerna. Ele chia, deixando o fórceps cair, e recua.

— Ácido! — alguém diz. Alguém pega a mão dele e tenta limpar depressa a substância, mas você sabe o que é antes mesmo que Lerna arqueje:

— Não! Só água. Água bem quente.

— Cuidado — diz tardiamente outro Caçador. Há uma fileira de bolhas em uma das mãos dele, você percebe. Você também percebe que ele não olha para o leito da enfermaria nem para nenhuma das pessoas que estão ali.

É horrível demais de ver. Os insetos ferrugentos estão fervendo o homem até a morte. Mas, quando você desvia o olhar, vê que Alabaster a observa de novo. Alabaster, ele próprio coberto de queimaduras, mas que *deveria estar morto*. Ninguém fica perto do epicentro de uma fissura que atravessa o continente e sofre apenas algumas queimaduras de terceiro grau. Ele deveria ser cinzas espalhadas pelas ruas derretidas de Yumenes.

Você se dá conta disso enquanto ele a encara, embora sua expressão seja indiferente à prova de fogo de outro homem. É um tipo familiar de indiferença... do gênero Fulcro de familiaridade. É a indiferença que vem de muitas traições, muitos amigos perdidos sem motivo, muitas atrocidades “horríveis demais de ver”.

No entanto. A reverberação da orogenia de Alabaster é descuidadamente poderosa, precisa como diamante, e tão dolorosamente familiar que você tem que fechar os olhos e lutar contra as lembranças de um convés de navio inclinado, uma estrada

alta solitária, uma ilha rochosa batida pelo vento. A espiral que ele prolonga é tremendamente pequena... não chega a ter três centímetros de largura, é tão atenuada que você não consegue encontrar o fulcro de sua curva. Ele ainda é melhor do que você.

Então você ouve um arquejo. Você abre os olhos e vê um dos insetos estremecer, chiar como uma chaleira viva... e depois congelar. As pernas do inseto, que estavam enganchadas na carne cozida ao redor, soltaram-se. Está morto.

Mas aí você ouve um gemido suave, e a orogenia se dissipa. Você alça o olhar para ver que Alabaster inclinou a cabeça e está curvado. A comedora de pedras se agacha lenta e ruidosamente ao lado dele, algo na postura dela indicando preocupação, embora seu rosto esteja plácido como sempre. A comedora de pedras ruiva (em um acesso de exasperação interna, você decide chamá-la de Cabelo de Rubi por enquanto) também o observa.

Então é isso. Você olha de novo para o homem... e o seu olhar recai sobre Lerna, que está olhando com fascínio para o inseto congelado. Os olhos dele se erguem, vasculham a sala, encontram-se hesitantemente com os seus, param. Você vê a pergunta ali, e começa a chacoalhar a cabeça: não, você não congelou o inseto. Mas essa não é a pergunta certa, e talvez nem seja a pergunta que ele está fazendo. Ele não precisa saber se você congelou. Precisa saber se você *consegue*.

Lerna, Hoa, Alabaster; hoje você está sendo impulsionada por olhares silenciosos e significativos, ao que parece.

Você sensa os pontos quentes dos insetos como aberturas geotermiais quando dá um passo à frente e concentra os seus sensapinae. Muita pressão controlada em seus corpos minúsculos; é assim que eles fazem a água ferver. Você ergue uma das mãos na direção do homem por força do hábito, de modo que todos saibam que está fazendo algo, e ouve um xingamento, um chiado, movimento de pés e corpos empurrados enquanto as pessoas se afastam de você, distanciam-se de qualquer espiral que possa manifestar. Tolos. Será que eles não sabem que você só precisa de uma espiral quando tem que absorver do ambiente? Os insetos têm bastante do que você precisa. A dificuldade estará em limitar a

absorção apenas a eles e não incluir a pele superaquecida do homem.

A comedora de pedras de Ykka dá um lento passo à frente. Você sensa seu movimento em vez de vê-lo; é como uma montanha se movendo em sua direção. Então Cabelo de Rubi para, uma vez que, de súbito, surge outra montanha em seu caminho: Hoa, completamente imóvel e silenciosamente frio. De onde ele veio? Você não pode ficar pensando nessas criaturas neste exato momento.

Você começa devagar, usando seus olhos bem como os seus sensapinae para determinar exatamente onde parar... mas Alabaster lhe mostrou como fazer. Você prolonga a espiral de seus corpúsculos quentes como ele fez, um por um. Quando você faz isso, alguns deles se partem em dois com um chiado alto e violento, e um deles até salta, voando para um lado da sala (as pessoas saem da frente do inseto ainda mais rápido do que saíram da sua). Então termina.

Todos encaram você. Você olha para Ykka. Sua respiração está pesada, porque esse grau de concentração sutil é muito, muito mais difícil do que mover uma encosta.

— Precisa chacoalhar alguma coisa?

Ela pisca os olhos, sensando na hora o que você quer dizer. Então, agarra o seu braço. Ocorre... o quê? Uma inversão. Uma canalização para longe, como você faria com um obelisco, exceto que não há nenhum obelisco e você não está realizando a canalização, apesar de ser a sua orogenia. De repente, você ouve exclamações lá fora e olha para a porta da enfermaria. A enfermaria é um prédio construído, não escavado, a partir de um dos cristais gigantesco do geodo; no interior, é iluminada apenas por lâmpadas elétricas. Lá fora, entretanto, pela entrada sem cortinas, você pode ver os cristais do geodo brilhando com mais intensidade, por toda a comu.

Você encara Ykka. Ela lhe dá um aceno de cabeça objetivo e companheiro, como se você devesse ter uma ideia do que ela acaba de fazer ou como se devesse se sentir confortável com uma selvagem fazendo coisas que um orogene do Fulcro que já tem anéis não sabe fazer. Depois, Ykka dá um passo à frente e pega

outro fórceps para ajudar. Lerna está puxando um dos besouros de novo, apesar dos dedos escaldados, e desta vez a coisa está saindo. Uma probóscide do mesmo comprimento que o corpo sai da carne cozida e... você não consegue mais olhar.

(Você vê Cabelo de Rubi de relance outra vez, pelo canto dos olhos. Está ignorando Hoa, que se posta como uma estátua entre vocês duas; agora, ela sorri para Ykka, os lábios apenas entreabertos. Você vislumbra um traço de dentes brilhantes. Você apaga isso da consciência.)

Então você recua para o outro extremo da enfermaria para se sentar ao lado da pilha de almofadas de Alabaster. Ele ainda está curvado, respirando como um fole, embora a comedora de pedras tenha agarrado o ombro dele com mão firme para mantê-lo quase ereto. Tardamente você percebe que ele colocou um dos pulsos sobre a barriga e... oh, Terra. A rocha marrom acinzentada que antes cobria apenas o seu pulso direito agora chegou até o cotovelo.

Ele ergue a cabeça; seu rosto brilha devido ao suor. Ele parece exausto como se houvesse acabado de bloquear outro supervulcão, embora desta vez pelo menos esteja consciente, sorrindo.

— Sempre uma boa aluna, Syen — murmura ele. — Mas, pelas ferrugens da Terra, é custoso ensinar você.

O choque da compreensão ecoa dentro de você como o silêncio. *Alabaster não pode mais fazer orogenia*. Não sem... consequências. Um impulso faz você olhar para Antimony, e o seu sangue ferve quando você se dá conta de que a comedora de pedras tem a mirada fixa no braço que acabou de se transformar em pedra. No entanto, ela não se mexe. Depois de um instante, Alabaster consegue se endireitar e lança um olhar de gratidão para ela por segurá-lo.

— Mais tarde — ele diz baixinho. Você sabe que isso significa *coma meu braço mais tarde*. Ela ajusta a mão para apoiá-lo pelas costas.

O impulso de afastá-la e colocar a mão no lugar para apoiá-lo é tão poderoso que você também não consegue ficar olhando.

Você se levanta e passa esbarrando em todos para sair da enfermaria, em seguida se senta na ponta plana de um cristal baixo



que está começando a brotar da parede do geodo. Ninguém a incomoda, embora você sinta a pressão dos olhares e ouça o eco dos sussurros. Não pretende ficar por muito tempo, mas acaba ficando. Você não sabe por quê.

Por fim, uma sombra recai sobre os seus pés. Você levanta os olhos para ver Lerna ali de pé. Mais atrás, Ykka se afasta com outro homem que está tentando conversar com ela; ela parece ignorá-lo, irritada. O resto da multidão se dispersou enfim, embora você possa ver, através da entrada aberta, que ainda há mais gente na enfermaria do que de costume, talvez visitando o pobre Caçador meio cozido.

Lerna não está olhando para você. Ele fita parede do outro lado do geodo, que se perde em meio ao brilho enevoadado de dezenas de cristais que se estendem entre um ponto e outro. Além disso, fuma um cigarro. O cheiro e a cor amarelada do invólucro exterior lhe dizem que é um mellow: folhas e botões de flor de derminther mela, ligeiramente narcóticos quando secos. Os latmedianos do sul são famosos por conta deles, tanto quanto é possível para os latmedianos do sul serem famosos por alguma coisa. No entanto, você ainda está surpresa de vê-lo fumando um. Ele é médico. Mellows fazem mal.

— Você está bem? — você pergunta.

Ele não responde logo de cara, dando uma longa tragada no cigarro. Você está começando a pensar que ele não vai falar, quando ouve:

— Vou matá-lo quando voltar para lá.

Então você entende. As queimaduras dos insetos atravessaram a pele, o músculo, talvez tenham até chegado ao osso. Com uma equipe de médicos yumenescenses e drogas biométricas de ponta, talvez pudessem manter o homem vivo por tempo suficiente para salvá-lo... e mesmo assim ele poderia nunca mais andar. Com apenas o que quer que Castrima tenha à mão em termos de equipamento e remédios, o máximo que Lerna pode fazer é amputar. Talvez o homem sobrevivesse. Mas é uma Estação, e todos os habitantes da comu devem fazer por merecer seu abrigo das cinzas e do frio. Poucas comus podem fazer uso de um

Caçador sem pernas, e esta comu já está sustentando um inválido queimado.

(Ykka está se afastando, ignorando um homem que parece discutir uma questão de vida ou morte.)

Então Lerna não está nada bem. Você decide mudar um pouco o assunto.

— Nunca vi nada parecido com aqueles insetos.

— O povo daqui diz que se chamam fervilhões, embora ninguém soubesse por quê até agora. Eles procriam ao redor de riachos, carregam água no interior. Os animais os comem durante a seca. Normalmente, esses insetos comem carniça. Inofensivos. — Lerna sacode as cinzas do seu antebraço com um peteleco. Está vestindo apenas uma camisa solta sem mangas devido ao calor de Castrima. A pele dos antebraços dele está manchada com... alguma coisa. Você desvia o olhar. — Mas as coisas mudam durante uma Estação.

Sim. Carniça cozida provavelmente dura mais tempo.

— Você poderia ter tirado aquelas coisas dele no instante em que entrou pela porta — acrescenta Lerna.

Você pisca os olhos. Então, você se dá conta de que essa afirmação foi um ataque. Foi feito de maneira tão branda, de origem tão inesperada, que você fica surpresa demais para ficar brava.

— Não poderia — você responde. — Pelo menos, eu não sabia que poderia. Alabaster...

— Eu não espero nada dele. Ele veio para morrer aqui, não para viver aqui. — Lerna vira para encarar você e, de repente, você percebe que seus modos plácidos vinham ocultando absoluta ira. Seu olhar é frio, mas é possível vê-la em tudo o mais: seus lábios brancos, o músculo do maxilar se flexionando, as narinas dilatadas.

— Por que é que você está aqui, Essun?

Você vacila.

— Não sei por quê. Vim para encontrar Nassun.

— Nassun está fora de alcance. Seus objetivos mudaram; agora você tem que sobreviver, igual ao resto de nós. Agora você é *uma de nós*. — Ele curva os lábios em algo que talvez seja desdém. — Estou dizendo isso porque, se eu não fizer você entender, você pode ter um acesso ferrugento e matar todos nós.

Você abre a boca para responder. Porém, ele dá um passo em sua direção, e é um ato tão agressivo que você de fato ajusta sua postura sentada.

— Me diz que você não vai fazer isso, Essun. Me diz que eu não vou ter que partir *desta* comu na calada da noite, esperando não ser pego nem morto com um corte na garganta por alguém que você irritou. Me diz que não vou ter que voltar lá fora, lutar pela minha vida e ver as pessoas que eu tento ajudar morrerem uma vez após a outra, até eu ser comido por *insetos* ferrugentos...

Ele se interrompe com um engasgo, virando-se de forma brusca. Você fita aquelas costas tensas e não diz nada, porque não há nada a dizer. Essa é a segunda vez que ele menciona o fato de você ter assassinado Tirimo. E isso é de surpreender? Lerna nasceu lá, cresceu lá; a mãe dele ainda estava vivendo lá quando você partiu. Você acha. Talvez você a tenha matado também naquele último dia.

Não há nada que você possa dizer, não com a culpa amargando a sua boca, mas você tenta mesmo assim.

— Sinto muito.

Ele ri. Nem parece ele, é uma risada tão feia e furiosa. Então ele retoma a postura anterior, olhando para a parede distante do outro lado do geodo. Está mais controlado agora; o músculo do maxilar já não está mexendo tanto.

— Prove que sente.

Você chacoalha a cabeça, em sinal de confusão, não de recusa.

— Como?

— Os rumores estão se espalhando. Algumas das maiores fofocas da comu eram sobre Ykka quando ela encontrou você, e aparentemente você confirmou o que muitos dos roggas vêm cochichando entre si. — Você se sobressalta quando ele usa a palavra “rogga”. Ele já foi um dia um rapaz tão educado. — Lá em cima, você disse que esta Estação vai durar milhares de anos. Isso foi um exagero ou é verdade?

Você suspira e esfrega a mão no cabelo. A raiz está uma confusão espessa e enrolada. Você precisa refazer os cachos, mas não refez porque não teve tempo e porque parece não haver sentido em fazê-lo.

— As Estações sempre acabam — você responde. — O Pai Terra tem seu próprio equilíbrio. É só uma questão de quanto tempo vai demorar.

— Quanto tempo? — Isso quase nem é uma pergunta. Seu tom é uniforme, resignado. Ele já suspeita qual é a resposta.

E ele merece a sua estimativa sincera, a sua melhor estimativa.

— Dez mil anos? — Para a Fenda de Yumenes parar de expelir gases e o céu clarear. Não é muito tempo de modo algum segundo a escala tectônica habitual, mas o verdadeiro perigo está no que as cinzas podem desencadear. Se houver cinzas o suficiente na superfície quente do mar, o gelo pode aumentar nos polos. Isso significa mares mais salgados. Climas mais secos. Pergelissolo. Geleiras movendo-se, espalhando-se. E, se isso acontecer, a parte mais habitável do mundo, os Equatoriais, ainda estará quente e tóxica.

É o inverno que mata de verdade durante as Estações. A fome. A exposição. Mesmo depois que o céu clarear, porém, a Fenda poderia causar uma era de inverno que durasse *milhões* de anos. Nada disso importa porque a humanidade terá se extinguido muito antes. Serão apenas os obeliscos flutuando sobre planícies de brancura infinita, sem que reste ninguém para admirá-los ou ignorá-los.

As pálpebras dele estremecem.

— Hum. — Para sua surpresa, ele se vira para encará-la. É mais surpreendente ainda o fato de que sua raiva parece ter desaparecido, embora tenha sido substituída por uma espécie de desconsolo que parece familiar. É a pergunta dele, porém, que a deixa pasmada. — Então o que você pretende fazer quanto a isso?

Você fica mesmo de queixo caído. Depois de um instante, você consegue responder:

— Não sabia que tinha alguma coisa que eu *pudesse* fazer quanto a isso. — Da mesma maneira que você pensava não haver nada que pudesse fazer quanto aos fervilhões. Alabaster é o gênio. Você é o soldado raso.

— O que é que você e o Alabaster estão fazendo com os obeliscos?

— O que *Alabaster* está fazendo — você corrige. — Ele só me pediu para chamar um. Provavelmente porque... — Dói dizer isso. — Ele não consegue mais fazer orogenia desse tipo.

— Alabaster criou a Fenda, não foi?

Você fecha sua boca tão rápido que seus dentes batem. Você acabou de dizer que Alabaster não consegue mais fazer orogenia. Um número suficiente de castrimenses ouve dizer que estão vivendo em um jardim de rocha subterrâneo por causa dele, e vão encontrar um jeito de matá-lo, com ou sem comedora de pedras.

Lerna dá um sorriso torto.

— Não é difícil juntar as coisas, Essun. As feridas dele são causadas por vapor, abrasão de partículas e gás corrosivo, não fogo... características de estar muito próximo de um ponto de emissão de calor escaldante. Não sei como ele sobreviveu, mas isso deixou marcas nele. — Ele encolhe os ombros. — E eu vi você destruir uma cidade em cinco minutos sem derramar uma gota de suor, então tenho ideia do que um dez-anéis poderia ser capaz de fazer. Para que são os obeliscos?

Seu rosto assume uma expressão determinada.

— Você pode me fazer essa pergunta de seis formas diferentes, Lerna, e eu vou te responder “não sei” de seis formas diferentes, porque não sei.

— Eu acho que você pelo menos faz ideia. Mas minta para mim, se quiser. — Ele chacoalha a cabeça. — Esta é a sua comu agora.

Ele se cala depois dessa declaração, como se esperasse uma resposta. Você está ocupada demais rejeitando veementemente a ideia para responder. Mas ele conhece você muito bem; sabe que você não quer ouvir isso. É por isso que ele diz outra vez.

— *Essun Rogga Castrima*. É quem você é agora.

— Não.

— Então vá embora. Todo mundo sabe que Ykka não pode segurá-la se você estiver determinada a partir. Sei que vai matar todos nós se achar necessário. Então vá.

Você fica sentada, olhando para as próprias mãos, que balançam entre os joelhos. Sua mente está vazia.

Lerna inclina a cabeça.

— Você não vai embora porque não é burra. Talvez você possa sobreviver lá fora, mas não como algo que Nassun algum dia vai querer ver de novo. No mínimo, você quer viver para poder encontrá-la outra vez... por mais improvável que isso seja.

Suas mãos se contraem uma vez, depois voltam a balançar frouxamente.

— Quando esta Estação não terminar — continua Lerna, e é muito pior que o faça com aquele cansado tom monótono que perguntou quanto tempo duraria a Estação, como se estivesse falando a pura verdade e soubesse disso e não gostasse —, vamos ficar sem comida. O canibalismo vai ajudar, mas não é sustentável. A essa altura, a comu vai se tornar saqueadora ou simplesmente se desfazer em bandos de sem-comu errantes. Mas nem mesmo isso nos salvará no longo prazo. Os sobreviventes de Castrima acabarão morrendo de fome. O Pai Terra vencerá, enfim.

É a verdade, quer você queira encará-la ou não. E é uma prova ainda maior de que o que quer que tenha acontecido com Lerna durante sua breve carreira sem-comu o transformou. Não necessariamente para pior. Apenas o tornou o tipo de curador que sabe que às vezes uma pessoa tem que infligir uma agonia terrível — quebrar de novo um osso, cortar um membro, matar os fracos — a fim de tornar o todo mais forte.

— Nassun é forte como você — continua ele, de forma suave e brutal. — Digamos que ela sobreviva a Jija. Digamos que você a encontre, que a traga para cá ou a leve para outro lugar que pareça mais seguro. Ela vai morrer de fome junto com o resto quando os esconderijos de provisões ficarem vazios, mas, com a orogenia dela, ela provavelmente poderia forçar os outros a lhe dar comida. Talvez até matá-los e ficar com o restante das provisões para si. Mas um dia as provisões vão acabar. Ela vai ter que deixar a comu, sobreviver do que conseguir encontrar debaixo das cinzas, isso se der sorte de não ter problemas com os animais selvagens e outros perigos. Vai ser uma das últimas a morrer: sozinha, com fome, com frio, odiando a si mesma. Odiando você. Ou talvez ela terá desistido a essa altura. Talvez ela se torne só um animal, levado apenas pelo instinto de sobrevivência e fracassando até mesmo nisso. Talvez ela coma a si mesma no final, como qualquer fera...

— Pare — você diz. É um sussurro. Piedosamente, ele para. Vira as costas de novo, dando outra longa tragada no seu mellow meio esquecido.

— Você conversou com alguém desde que chegou aqui? — ele finalmente pergunta. Na verdade, não se trata de uma mudança de assunto. Você não relaxa. Ele acena a cabeça em direção à enfermaria. — Com alguém além de Alabaster e aquele zoológico que viaja com você? Mais do que trocar algumas palavras; *conversar*.

Não o suficiente para contar. Você chacoalha a cabeça.

— Os rumores estão se espalhando, Essun. E agora todos estão pensando em como os próprios filhos morrerão lentamente. — Ele enfim atira o mellow para longe com um peteleco. O cigarro ainda está aceso. — Pensando que não podem fazer nada em relação a isso.

*Mas você pode*, ele não precisa dizer.

Pode?

Lerna se afasta de forma tão abrupta que você fica surpresa. Você não tinha percebido que ele havia terminado a conversa. É uma repulsa arraigada quanto à ideia de desperdício que faz você ir pegar o cigarro que ele jogou fora. Leva um instante para descobrir como tragar sem engasgar; você nunca experimentou um cigarro antes. Orogenes não devem ingerir narcóticos.

Mas os orogenes também não devem viver durante uma Estação. O Fulcro não tem esconderijos para provisões. Ninguém nunca mencionou isso, mas você tem certeza de que, se uma Estação algum dia chegasse a Yumenes com intensidade suficiente, os Guardiões teriam vasculhado o lugar e matado todos vocês. A sua espécie é útil para prevenir Estações, mas, se o Fulcro algum dia falhasse em sua missão, se algum dia os ilustres da Estrela Negra ou do Imperador sentissem o mínimo indício de um tremor, você e os seus companheiros Orogenes Imperiais não receberiam a recompensa de sobreviver.

E por que deveriam? Que habilidades de sobrevivência qualquer rogga oferece? Vocês podem impedir que as pessoas morram durante um tremor, eba. Grande coisa quando não há comida.

— Chega! — Você ouve a voz de Ykka a uma curta distância, embora não possa vê-la em torno dos cristais ao nível do solo. Ela está gritando. — Já está feito! Você quer dar o seu apoio ou ficar aqui gastando saliva comigo?

Você se levanta com os joelhos doloridos. Dirige-se para aquele lado.

Ao longo do caminho, passa por um homem jovem que tem o rosto marcado por lágrimas de fúria e de tristeza incipiente. Ele passa por você como um raio a caminho da enfermaria. Você continua andando e por fim vê Ykka de pé, perto da lateral de um cristal comprido e estreito. Uma das mãos está apoiada contra a parede do cristal e a cabeça está baixa, com sua cabeleira caindo por cima do rosto de modo que você não consegue vê-lo. Parece-lhe que ela está tremendo um pouco.

Talvez seja só imaginação. Ela parece tão insensível. Mas você também parece.

— Ykka.

— Você também não — ela resmunga. — Eu não quero ouvir, Matadora de Insetos.

Só agora você percebe: ao matar os fervilhões, você tornou essa escolha mais difícil para ela. Antes, ela poderia ter mandado que matassem o Caçador por misericórdia, e a culpa seria dos insetos. Agora é pragmatismo, política de comu. É culpa dela.

Você chacoalha a cabeça e se aproxima. Ela se endireita e se vira em um instante, e você sensa a orientação defensiva de sua orogenia. Ela não faz nada, não cria uma espiral nem começa a absorver do ambiente, mas ela não faria isso, faria? Essas são técnicas do Fulcro. Na verdade, você não sabe o que ela, essa selvagem de treinamento estranho, vai fazer para se defender.

Uma parte de você está curiosa, de uma maneira quase distante. A outra parte percebe a tensão no rosto dela. Então você lhe oferece o mellow ainda aceso.

Ela pisca ao vê-lo. A orogenia dela se acalma outra vez, mas os olhos se erguem e estudam os seus. Então ela inclina a cabeça, perplexa, pensando. Finalmente, põe uma das mãos no quadril, arranca o mellow dos seus dedos com a outra e dá uma longa tragada. O efeito é rápido: depois de um momento, ela se vira para



se recostar contra o cristal, seu rosto marcado por linhas de cansaço em vez de tensão enquanto ela solta uma fumaça ondulada. Ela oferece o mellow de volta. Você se acomoda ao lado dela e o pega.

Demora mais dez minutos para terminar o cigarro, passando-o de uma para a outra. Vocês duas continuam ali, no entanto, depois que ele acaba, por acordo implícito. Só quando ouvem alguém começar a soltar soluços altos e entrecortados vindos da enfermaria atrás de vocês é que acenam com a cabeça uma para a outra e se separam.



É INCOMPREENSÍVEL QUE QUALQUER CIVILIZAÇÃO SENSATA TENHA COMETIDO O DESPERDÍCIO DE ENCHER EXCELENTESS Cavernas de armazenamento com cadáveres! Não é de surpreender que essas pessoas tenham morrido, fossem quem fossem. Estimo mais um ano até podermos remover todos os ossos, urnas funerárias e outros destroços, depois talvez mais seis meses até mapear por completo e reformar. A menos que me consiga aquelas jaquetas pretas que eu solicitei! Não me importa se eles custarem a terra: algumas destas câmaras são instáveis.

Contudo, há tábuas aqui. Algo em versos, embora não possamos ler nesta linguagem bizarra. Como o saber das pedras. Cinco tábuas, não três. O que quer fazer com elas? Sugiro darmos este lote à quarta universidade para eles pararem de se queixar sobre quanta história estamos destruindo.

— *Relato da Obreira Fogrid Inovadora Yumenes à licenciatura de Geonaria, Leste dos Equatoriais: “Proposta para reutilizar catacumbas subterrâneas. Cidade de Firaway”. Revisão de Mestrado apenas.*



## Interlúdio

*Um dilema: você é feita de tantas pessoas que não gostaria de ser. Inclusive de mim.*

*Mas você conhece tão pouco a meu respeito. Vou tentar explicar o contexto do meu eu, se não o detalhe. Começa... eu comecei... com uma guerra.*

*“Guerra” é uma palavra pobre. É guerra quando as pessoas descobrem uma infestação de vermes em algum lugar indesejado e tentam limpá-lo com fogo ou veneno? Embora essa também seja uma metáfora pobre, porque ninguém odeia individualmente um rato ou um percevejo. Ninguém escolhe para uma vingança aquele, aquele bem ali, aquele desgraçado de costas manchadas e três pernas, e todos os seus descendentes até as centenas de gerações verminosas que abrangem uma vida humana. E os desgraçados de costas manchadas e três pernas não têm grandes chances de se tornar mais do que um incômodo para as pessoas... ao passo que você e a sua espécie racharam a superfície do planeta e perderam a Lua. Se os ratos no seu jardim, lá em Tirimo, houvessem ajudado Jija a matar Uche, você teria transformado aquele lugar em pedrinhas e ateado fogo às ruínas antes de partir. Você destruiu Tirimo mesmo assim, mas, se houvesse sido algo pessoal, você teria feito pior.*

*No entanto, apesar de todo o seu ódio, talvez você não conseguisse matar os vermes. Os sobreviventes passariam por*

*mudanças profundas... ficariam mais duros, mais fortes, com manchas maiores nas costas. Talvez o sofrimento que você infligiu tivesse dividido os descendentes em muitas facções, cada uma com interesses próprios. Alguns desses interesses não teriam nada a ver com você. Alguns a admirariam e a desprezariam pelo seu poder. Alguns se dedicariam tanto à sua destruição quanto você se dedicou à deles, embora quando tivessem força para de fato agir contra o inimigo, você já teria se esquecido de sua existência. Para eles, a sua inimizade seria uma lenda.*

*E alguns poderiam ter esperança de apaziguá-la ou convencê-la a chegar pelo menos a um grau de tolerância pacífica. Eu sou um desses.*

*Mas nem sempre fui. Por muito tempo, fui um dos vingativos... mas tudo continua voltando a isto: a vida não pode existir sem a Terra. No entanto, existe uma chance substancial de que a vida vencerá sua guerra e destruirá a Terra. Chegamos perto algumas vezes.*

*Isso não pode acontecer. Não se pode permitir que nós vençamos.*

*Então esta é uma confissão, minha Essun. Eu já traí você e vou trair de novo. Você ainda não escolheu um lado e eu já afasto aqueles que a recrutariam para a causa deles. Eu já planejo a sua morte. É necessário. Mas posso pelo menos tentar ao máximo dar à sua vida um significado que perdurará até que o mundo acabe.*



## 5

### *Nassun toma as rédeas*

*A Mamãe me fez mentir para você*, pensa Nassun. Ela está olhando para o pai, que conduz a carroça há horas a essa altura. Os olhos dele estão fixos na estrada, mas um músculo do maxilar fica mexendo. Uma das mãos (aquela que bateu primeiro em Uche e por fim o matou) treme no ponto em que segura as rédeas. Nassun sabe que ele ainda está furioso, talvez ainda matando Uche na cabeça. Ela não entende porquê, e não gosta disso. Mas ama o pai, tem medo dele, venera-o e, por isso, parte dela anseia por acalmá-lo. Ela se pergunta: *O que foi que eu fiz para que isso acontecesse?* E a resposta que recebe é: *Mentir. Você mentiu, e as mentiras sempre são ruins.*

Mas essa mentira não foi escolha dela. Havia sido uma ordem da Mamãe, junto com todas as outras: *não sintonize, não congele, eu vou fazer a terra se mexer e é melhor você não reagir, eu não disse para você não reagir, até mesmo ouvir é reagir, as pessoas normais não ouvem desse jeito, você está me ouvindo, pelas ferrugens, para, em nome da Terra, você não consegue fazer nada direito, para de chorar, agora faz de novo.* Ordens intermináveis. Descontentamento infundável. Por vezes o tapa de gelo para ameaçar, o tapa com a mão, a repugnante inversão da espiral de Nassun, o puxão na parte superior do braço. Mamãe disse algumas

vezes que ama Nassun, mas Nassun nunca viu nenhuma prova disso.

Não como o Papai, que lhe dá kirkhusas de pedra britada para brincar ou um kit que primeiros socorros para a sua bolsa de fuga porque Nassun é uma Resistente como a Mamãe. Papai, que a leva para pescar no Riacho Tirika nos dias em que não tem encomendas para fazer. Mamãe nunca se deitou no telhado coberto de grama com Nassun, apontando para as estrelas e explicando que dizem que algumas civextintas davam nomes a elas, embora ninguém se lembre deles. Papai nunca está cansado demais para conversar ao final do dia de trabalho. Papai não examina Nassun durante as manhãs após o banho do modo como a Mamãe faz, verificando se as orelhas estão mal lavadas ou se a cama não está feita e, quando Nassun se comporta mal, Papai apenas suspira e chacoalha a cabeça e lhe diz, “querida, você sabia que não devia”. Porque Nassun sempre faz isso.

Não era por causa de Papai que Nassun queria fugir e se tornar uma sabedorista. Ela não gosta que seu pai esteja tão bravo agora. Isso parece mais uma coisa que a mãe fez com ela.

Então ela diz:

— Eu queria te contar.

Papai não reage. Os cavalos continuam andando devagar. A estrada se estende diante da carroça, os bosques e as colinas passando lentamente em torno da estrada, um céu azul e brilhante lá no alto. Não há muitas pessoas cruzando o caminho deles hoje... apenas algumas carroças pesadas de mercadorias para comércio, mensageiros, alguns guardas do distritante em patrulha. Alguns dos carroceiros, que visitam Tirimo com frequência, acenam com a cabeça ou com a mão porque conhecem o Papai, mas Papai não responde. Nassun também não gosta disso. Seu pai é um homem amigável. O homem sentado ao seu lado parece um estranho.

Só porque ele não responde não significa que não esteja ouvindo. Ela acrescenta:

— Eu perguntei para a Mamãe quando íamos poder te contar. Perguntei muitas vezes. Ela disse que nunca. Ela disse que você não ia entender.

Papai não diz nada. Suas mãos ainda estão tremendo... menos agora? Nassun não sabe dizer. Ela começa a se sentir insegura; será que ele está bravo? Será que está triste por conta de Uche? (Será que *ela* está triste por conta de Uche? Não parece real. Quando ela pensa no irmão pequeno, pensa em uma coisinha tagarela que às vezes mordida as pessoas e ainda fazia cocô na fralda de vez em quando, que tinha uma presença orogênica do tamanho de um distritante. Aquela coisa amarrotada e imóvel lá na casa deles não pode ser Uche, porque era pequeno e imóvel demais.) Nassun quer tocar a mão trêmula do pai, mas percebe que está curiosamente relutante em fazer isso. Ela não sabe ao certo por quê... medo? Talvez porque esse homem seja tão estranho, e ela sempre foi tímida com estranhos.

Mas. Não. Ele é o Papai. O que quer que haja de errado com ele agora, é culpa da Mamãe.

Então Nassun estende o braço e pega a mão mais próxima do Papai, com firmeza, porque quer mostrar a ele que não está com medo, e porque está brava, embora não com Papai.

— Eu queria te contar!

O mundo se turva. A princípio, Nassun não sabe ao certo o que está acontecendo e se fecha. Isso foi o que Mamãe a treinou para fazer em momentos de surpresa ou dor: bloquear a reação instintiva do seu corpo ao medo, bloquear a busca instintiva de seus sensapinae pela terra mais abaixo. E em nenhuma circunstância Nassun deve reagir com orogenia, porque as pessoas normais não fazem isso. *Você pode fazer qualquer outra coisa*, diz a voz da Mamãe dentro de sua cabeça. *Grite, chore, jogue alguma coisa com as mãos, levante-se e comece uma briga*. Orogenia não.

Então Nassun cai no chão com mais força do que deveria, porque ainda não dominou a habilidade de não reagir e ainda se retesa fisicamente junto com o ato de não reagir orogenicamente. E o mundo se turva não apenas porque ela foi derrubada do assento do condutor da carroça, mas porque de fato rolou para fora da beirada da Estrada Imperial e foi declive abaixo pelo solo coberto de cascalho em direção a um pequeno lago alimentado por um riacho.

(Esse riacho é o local onde, alguns dias depois, Essun dará banho em um estranho garoto branco que age como se houvesse

esquecido para que serve um sabonete.)

Nassun cai pesadamente até parar, aturdida e ofegante. Nada dói ainda. Quando o mundo se acalma e ela começa a entender o que aconteceu — *Papai me bateu, me derrubou da carroça* —, Papai já desceu o declive e diz seu nome aos prantos enquanto se agacha ao seu lado e a ajuda a se sentar. Aos prantos *mesmo*. Enquanto Nassun pisca para afastar a poeira e as estrelas que obscurecem sua visão, estende a mão para o alto para tocar o rosto do Papai, e o encontra úmido.

— Desculpa — ele fala. — Sinto muito, querida. Eu não quero machucar você, não quero, você é tudo o que me restou. — Ele a puxa para si e a abraça apertado, embora isso machuque. Ela está com hematomas por toda parte. — Sinto muito. Pelas ferrugens, eu sinto muito mesmo! Oh, Terra, oh, Terra, seu cruel filho de uma ferrugem! Esta não! Você não pode ficar com esta também!

Esses são soluços de dor, longos e guturais e histéricos. Nassun entenderá isso mais tarde (e não muito mais tarde). Ela se dará conta de que, neste momento, o pai está chorando tanto pelo filho que matou quanto pela filha que machucou.

Neste instante, contudo, ela pensa: *ele ainda me ama*, e começa a chorar também.

Então é enquanto eles estão assim, Papai dando um abraço apertado em Nassun, Nassun tremendo por conta do alívio e de um prolongado abalo emocional, que a sinuosa onda de choque do continente sendo partido ao meio lá no norte chega até eles.

Já faz quase um dia inteiro que estão descendo pela Estrada Imperial. Lá em Tirimo, alguns momentos antes, Essun acabou de desviar a força da onda de forma que ela se divida e contorne a cidade... o que significa que o que chega até Nassun é progressivamente mais poderoso. E Nassun ficou meio inconsciente após a queda, além de ter menos habilidade, menos experiência. Quando sensa a investida da onda, o seu poder bruto, ela reage exatamente da maneira errada. Ela se fecha outra vez.

O pai ergue a cabeça, surpreso ao vê-la arquejando e retesando o corpo de repente, e esse é o instante em que o martelo bate. Ele sensa até mesmo a aproximação, embora venha de forma demasiado rápida e poderosa para configurar algo além de uma

mensagem estridente de *corra corra CORRA CORRA* no fundo da mente. Correr é inútil. A onda é basicamente o que acontece quando uma pessoa que está lavando a roupa estica as rugas de um lençol, só que em escala continental e avançando com a velocidade e a força do impacto casual de um asteroide. Na escala das pessoas pequenas, paradas e passíveis de serem esmagadas, o estrato se desloca abaixo deles e as árvores sacodem e depois racham. A água no lago ao lado deles de fato salta ao ar por um momento, suspensa e imóvel. Papai fica olhando para a água, fascinado, ao que parece, com esse único ponto estático em meio à implacável descamação do mundo em todas as outras partes.

Mas Nassun ainda é uma orogene habilidosa, mesmo que meio aturdida. Embora não tenha se concentrado a tempo de fazer o que Essun fez e quebrar a força da onda antes que chegasse, a menina faz a segunda melhor coisa possível. Ela finca duas torres invisíveis de força nos estratos, tão fundo quanto consegue, alcançando a própria litosfera. Quando a força cinética chega, instantes progressivos antes de a crosta do planeta reagir flexionando-se, ela arrebatada o calor e a pressão e a fricção dessa força e a usa para alimentar suas torres, prendendo os estratos e o solo no lugar com tanta solidez como se estivessem colados.

Há muita força para absorver da terra, mas ela forma uma espiral ambiente mesmo assim. Ela a mantém a uma ampla distância, porque *seu pai* está dentro dela e ela não pode, não pode, não pode machucá-lo, e prolonga a espiral com força e violência, embora não precise. O instinto lhe diz para fazer isso, e o instinto está certo. O núcleo congelante do sua espiral, que desintegra qualquer coisa que esteja vindo em direção à zona estável do seu centro, é o que impede algumas dezenas de projéteis de perfurá-los até a morte.

Tudo isso significa que, quando o mundo cai aos pedaços, isso acontece em todas as outras partes. Durante um momento, não há nenhum fragmento da realidade para ver exceto o glóbulo flutuante que é o lago, um furacão composto de todas as outras coisas pulverizadas e um oásis de quietude no centro do ciclone.

Depois o abalo passa. O lago cai de volta no lugar, salpicando-os com neve lamacenta. As árvores que não se despedaçaram voltam a se reter de modo brusco, algumas delas quase se curvando até



o chão na direção contrária em um ímpeto de resposta e quebrando-se ali. A distância (para além da espiral de Nassun), pessoas e animais e pedregulhos e árvores que foram arremessados ao ar desabam. Há gritos, humanos e não humanos. Som de madeira rachando, de pedra se fragmentando, o chiado distante de algo metálico feito pelo homem se partindo. Atrás deles, do outro lado do vale do qual acabaram de sair, a superfície de um penhasco se despedaça e despenca em uma estrondosa avalanche, soltando um grande e fumegante geodo de calcedônia.

Depois, segue-se o silêncio. Em meio a ele, Nassun enfim ergue o rosto, desencostando-o do ombro do pai para olhar ao redor. Ela não sabe o que pensar. Os braços do pai ao redor dela afrouxam o aperto — choque —, e ela se contorce até ser solta e conseguir se levantar. Ele se levanta também. Durante um longo instante, eles se limitam a olhar para os destroços do mundo que um dia conheceram.

Então Papai se vira para fitá-la, devagar, e ela vê no rosto dele o que Uche deve ter visto naqueles últimos momentos.

— Você fez isso? — ele pergunta.

A orogenia desanuviou a mente de Nassun por uma questão de necessidade. É um mecanismo de sobrevivência: a estimulação intensa dos sensapinae em geral vem acompanhada de uma descarga de adrenalina e outras mudanças físicas que preparam o corpo para a fuga... ou para o uso prolongado de orogenia, se for necessário. Nesse caso, ela traz uma maior clareza de pensamento, que é o modo como Nassun enfim percebe que o pai não estava histérico devido à sua queda apenas pelo seu bem. E o que ela vê em seus olhos neste exato instante é algo completamente diferente de amor.

Seu coração se despedaça nesse momento. Outra pequena e silenciosa tragédia, entre tantas outras. Mas ela fala, porque, no final das contas, é filha de sua mãe e, o mínimo que Essun fez foi treinar sua garotinha para sobreviver.

— Aquilo foi grande demais para mim — responde Nassun. Sua voz é calma, neutra. — O que eu fiz foi isto — Ela faz um gesto apontando o círculo de terreno seguro que os cerca, diferente do

caos do outro lado. — Desculpa por eu não ter barrado tudo, Papai. Eu tentei.

Esse *Papai* é o que funciona, da mesma forma como suas lágrimas a haviam salvado antes. O assassinato que permeia a expressão dele oscila, desvanece, muda.

— Não consigo te matar — ele murmura para si mesmo.

Nassun vê a hesitação do pai. Também é o instinto que a faz dar um passo à frente e pegar a mão dele. Ele se retrai, talvez pensando em afastá-la com um tapa de novo, mas, desta vez, ela segura firme.

— Papai — ela tenta outra vez, colocando desta vez um toque mais lamurioso e carente na voz. Foi este o elemento que o fez pender nessas ocasiões em que ele chegou perto de se voltar contra ela: lembrar-se de que ela era a sua garotinha. Lembrá-lo de que ele foi, até hoje, um bom pai.

É manipulação. Uma parte dela se desassocia da verdade a partir desse momento e, a partir daí, todos os seus gestos de carinho em relação ao pai serão calculados, performativos. Para todos os efeitos, sua infância morre. Mas isso é melhor do que a morte de todo o seu ser, ela sabe.

E funciona. Jija dá piscadas rápidas, depois murmura algo ininteligível para si mesmo. Sua mão aperta a dela.

— Vamos voltar para a estrada — ele diz.

(Ele agora é Jija na mente dela. Será Jija de agora em diante, para sempre, e nunca mais Papai, a não ser em voz alta, quando Nassun precisa de rédeas para conduzi-lo.)

Então eles voltam juntos, Nassun mancando um pouco porque seu traseiro está dolorido na parte onde bateu com muita força no asfalto e nas pedras. Toda a extensão da estrada ficou destruída, embora não esteja tão ruim perto da carroça. Os cavalos ainda estão engatados, embora uma égua tenha caído de joelhos e se enroscado nos arreios. Por sorte não quebrou uma perna. O outro ainda está em choque. Nassun começa a acalmar os cavalos, persuadindo a égua a se levantar e tirando o outro de um estado de quase catatonia, quanto seu pai se aproxima dos outros viajantes que eles veem estendidos pela estrada. Aqueles que estavam

dentro da ampla circunferência da espiral de Nassun estão bem. Aqueles que não estavam... bom.

Após os cavalos ficarem trêmulos, mas em boas condições, Nassun vai procurar Jija e o encontra tentando erguer um homem que foi arremessado contra uma árvore. A batida quebrou as costas do homem; ele está consciente e xingando, mas Nassun pode ver a flacidez de suas pernas agora inúteis. É danoso movê-lo, mas Jija obviamente acha pior deixá-lo ali daquele jeito.

— Nassun — ele diz em um tom suave, arfando enquanto tenta encontrar uma maneira melhor de pegar o homem —, arrume a cama da carroça. Tem um hospital de verdade em Água Aprazível, a um dia de distância. Acho que podemos chegar até lá se...

— Papai — ela diz em voz baixa. — Água Aprazível não existe mais.

Ele para. (O homem ferido geme.) Vira-se para ela, franzindo a testa.

— O quê?

— Sume também não — ela diz. Ela não acrescenta “mas Tirimo está bem, porque a Mamãe estava lá”. Ela não quer voltar, nem mesmo por causa do fim do mundo. Jija dá uma olhada rápida para o trecho da estrada que eles percorreram, mas é claro que a única coisa que veem são as árvores quebradas e alguns pedaços de asfalto virados ao longo da estrada... e corpos. Muitos corpos. Pelo caminho inteiro até Tirimo, ou pelo menos é o que a vista sugere.

— Mas que ferrugens — ele sussurra.

— Tem um buraco grande no chão lá no norte — continua Nassun. — *Bem* grande. Foi o que causou isto. Vai causar mais tremores e coisas também. Consigo sentir cinza e gás vindo nesta direção. Papai... acho que é uma Estação.

O homem ferido arqueja, não só por conta da dor. Os olhos de Jija ficam arregalados e horrorizados. Mas ele pergunta, e isso é importante:

— Você tem certeza?

É importante porque significa que está dando ouvidos a ela. É uma medida de confiança. Nassun sente uma onda de triunfo ao ouvir essa pergunta, embora não saiba de fato por quê.

— Sim. — Ela morde o lábio. — Vai ser muito ruim, Papai.

Os olhos de Jija seguem em direção a Tirimo outra vez. Essa é uma reação condicionada: durante uma Estação, os membros de uma comu sabem que o único lugar em que com certeza serão acolhidos é lá. Qualquer outro lugar é um risco.

Mas Nassun não vai voltar, agora que está longe. Não agora que Jija a ama (por mais que seja de uma maneira estranha) e a levou embora e está *ouvindo* o que ela diz, *entendendo-a*, apesar de saber que é uma orogene. Mamãe estava errada sobre essa parte. Ela havia dito que Jija não entenderia.

*Ele não entendeu Uche.*

Nassun luta contra esse pensamento. Uche era muito pequeno. Nassun será mais esperta. E Mamãe ainda estava apenas meio certa. Nassun será mais esperta que ela também.

Então ela diz baixinho:

— A Mamãe sabe, Papai.

Nassun nem sequer sabe ao certo o que quer dizer com isso. Sabe que Uche está morto? Sabe quem bateu nele até matá-lo? Será que a Mamãe conseguiria acreditar que Jija poderia fazer uma coisa dessas com o próprio filho? A própria Nassun mal pode acreditar. Mas Jija se encolhe como se as palavras fossem uma acusação. Ele olha para ela por um longo instante, sua expressão mudando de medo para terror para desespero... e, aos poucos, para resignação.

Ele olha para o homem ferido. Não é ninguém que Nassun conheça... não é de Tirimo e veste as roupas práticas e os bons sapatos de um mensageiro. Ele não vai mais correr, certamente não para a sua comu natal, seja lá onde for.

— Sinto muito — diz Jija. Ele se curva e quebra o pescoço do homem ao mesmo tempo em que o mensageiro está tomando fôlego para perguntar: “Pelo quê?”.

Depois Jija se levanta. Suas mãos estão tremendo de novo, mas ele se vira e estende uma delas. Nassun a pega. Eles voltam andando para a carroça e retomam a viagem para o sul.



A ESTAÇÃO SEMPRE VOLTARÁ.

— *TÁBUA DOIS, “A VERDADE INCOMPLETA”, VERSÍCULO UM*



## 6

### *Você se compromete com a causa*

— Uma o quê? — pergunta Tonkee, estreitando os olhos para você através de uma cortina de cabelo. Você acabou de entrar no apartamento depois de passar parte do dia ajudando um dos turnos de trabalho a emplumar e consertar setas de balestras para uso dos Caçadores. Já que não faz parte de nenhuma casta de uso em particular, você vem ajudando cada uma por vez, um pouco todos os dias. Isso foi conselho de Ykka, embora Ykka esteja cética quanto à sua recém-descoberta determinação de tentar se encaixar na comu. Ela gosta que esteja tentando, pelo menos.

Outra sugestão foi que você encorajasse Tonkee a fazer o mesmo, uma vez que, até o momento, ela não tenha feito nada além de comer e dormir e tomar banho às custas da generosidade da comu. É verdade que certa parte desse último obséquio foi necessária pelo bem da socialização da comu. Nesse instante, Tonkee está de joelhos diante de uma bacia de água no quarto dela, cortando o cabelo com uma faca para tirar as pontas emaranhadas. Você se mantém bem afastada porque o quarto tem cheiro de mofo e odor corporal e porque você pensa estar vendo algo se mexer na água junto com o cabelo que caiu. Tonkee pode ter precisado revestir-se de sujeira como parte do disfarce de pessoa sem-comu, mas isso não significa que não era imundície de verdade.

— Uma lua — você diz. É uma palavra estranha, curta e redonda; você não sabe ao certo quanto deve esticar o som de “u” no meio. O que mais Alabaster havia dito? — Um... satélite. Ele disse que um geomesta saberia.

Ela franze ainda mais a testa enquanto corta um tufo particularmente teimoso.

— Bem, eu não sei do que ele está falando. Nunca ouvi falar de uma “lua”. Os obeliscos são minha especialidade, lembra? — Então ela pisca os olhos e faz uma pausa, deixando pendurado o tufo cortado pela metade. — Embora, tecnicamente, os próprios obeliscos sejam satélites.

— Como é que é?

— Bem, “satélite” significa apenas um objeto cujo movimento e posição dependem de outro. O objeto que controla tudo é chamado de primário, o objeto dependente é um satélite desse. Entende? — Ela encolhe os ombros. — É uma coisa que os astrônomos comentam quando você consegue compreender alguma coisa do que eles falam. *Mecânica orbital*. — Ela revira os olhos.

— O quê?

— Bobagem. Placas tectônicas para o céu. — Você fica olhando, incrédula, e ela faz um gesto com a mão. — De qualquer forma, eu te contei sobre como os obeliscos seguiram você até Tirimo. Aonde você vai, eles vão. Isso os torna satélites do seu primário.

Você estremece, não gostando do pensamento que lhe vem à cabeça... de cordas finas e invisíveis ancorando você ao ametista, ao topázio, que estava mais próximo, e agora ao distante ônix, cuja presença escura está crescendo em sua mente. E, estranhamente, você também pensa no Fulcro. Das cordas que a prendiam a ele, mesmo quando você tinha a aparente liberdade de sair de lá e viajar. Contudo, você sempre voltava, ou o Fulcro teria ido atrás de você, na forma dos Guardiões.

— Correntes — você diz em voz baixa.

— Não, não — retruca Tonkee, distraída. Ela está trabalhando com o tufo de cabelo de novo, tendo grande dificuldade. Sua faca ficou cega. Você sai por um instante, vai ao quarto que divide com Hoa e pega a pedra de amolar na sua bolsa. Ela pisca os olhos quando você oferece a pedra, depois faz um aceno de

agradecimento e começa a afiar a faca. — Se houvesse uma corrente entre você e um obelisco, ele estaria te seguindo porque você está *obrigando-o* a te seguir. Força, não gravidade. Quero dizer, se você pudesse forçar um obelisco a fazer o que você quer. — Você dá um sorrisinho ao ouvir isso. — Mas um satélite reage independentemente do fato de você tentar fazê-lo reagir. Ele é atraído pela sua presença e pelo peso que você exerce sobre o universo. Ele fica ao seu redor porque não consegue evitar. — Ela faz um aceno distraído com a mão molhada, enquanto você fica olhando outra vez. — Não que se deva atribuir motivações e intenções aos obeliscos, é claro, isso seria idiotice.

Você se agacha contra a parede do outro lado do quarto para refletir sobre isso enquanto ela retoma o trabalho. À medida que os restos do cabelo dela começam a se soltar, você enfim reconhece a cabeleira, porque é enrolada e escura como o seu, e não de cinzas sopradas e acinzentado. Com cachos mais soltos, talvez. Cabelo latmediiano; outra marca contra ela aos olhos da família, provavelmente. E, dada a sua aparência sanzed comum nos demais aspectos (ela é um tanto baixa, o corpo em formato de pera, mas é isso o que acontece quando as famílias yumenescenses não usam Reprodutores para se melhorarem), essa é uma característica que você teria lembrado em relação àquela visita que ela fez ao Fulcro há muito tempo.

Você não acha que Alabaster estava falando dos obeliscos quando mencionou essa coisa sobre lua. No entanto...

— Você disse que aquela coisa que nós encontramos no Fulcro, aquele *soquete*, foi onde construíram os obeliscos.

Fica claro de imediato que você voltou a um terreno pelo qual Tonkee realmente se interessa. Ela põe a faca no chão e se inclina para a frente, seu rosto cheio de entusiasmo em meio ao resto assimétrico de cabelo que ainda está pendurado.

— ã-hã. Talvez não todos eles. As dimensões de todos os obeliscos registrados eram um pouco diferentes, então só alguns... ou talvez até mesmo só um... caberia naquele soquete. Ou talvez os soquetes mudasse toda vez que colocavam um obelisco lá, adaptando-se a ele!



— Como você sabe que eles os *colocavam* lá? Talvez primeiro... eles crescessem lá, depois fossem lapidados ou extraídos e levados embora depois. — Isso faz Tonkee parecer pensativa; você se sente indiretamente orgulhosa por ter considerado algo que ela não considerou. — E “eles” quem?

Ela pisca, em seguida se senta, seu entusiasmo desaparecendo a olhos vistos. Por fim, ela diz:

— Supostamente, a Liderança yumenescense descende do povo que salvou o mundo depois da Estação do Estilhaçamento. Temos textos que são passados de geração em geração desde aquela época, segredos que cada família está encarregada de guardar e os quais devem nos mostrar quando ganhamos nossos nomes de uso e de comu. — Ela faz uma carranca. — Minha família não me mostrou, porque já estava pensando em me repudiar. Então invadi o cofre e *peguei* o meu direito de nascença.

Você aquiesce, porque essa parece a Binof de que você se lembra. Entretanto, você está incrédula quanto ao segredo de família. Yumenes não existia antes de Sanze, e Sanze é apenas a última de incontáveis civilizações que devem ter ido e vindo no decorrer das Estações. As lendas da Liderança têm ares de mito inventado para justificar seu lugar na sociedade.

Tonke prossegue:

— No cofre, achei todo tipo de coisa: mapas, escritos estranhos em uma língua que não se parece com nada que eu já tenha visto, objetos que não faziam sentido, como uma minúscula pedra amarela perfeitamente redonda, com mais ou menos dois centímetros de circunferência. Alguém tinha colocado a pedra em uma caixa de vidro, lacrado e grudado nela avisos para não tocá-la. Ao que parece, aquela coisa tinha a reputação de abrir buracos nas pessoas. — Você estremece. — Então, ou existe um pouco de verdade nas histórias de família ou, incrivelmente, ser rico e poderoso torna fácil reunir uma coleção e tanto de objetos antigos valiosos. Ou as duas coisas. — Ela percebe a sua expressão e parece achar graça. — É, provavelmente não as duas coisas. De qualquer forma, não é saber das pedras, são só... palavras. Conhecimento empírico. Eu precisava embasá-lo.

Isso parece típico de Tonkee.

— Então você se esgueirou no Fulcro para tentar encontrar o soquete porque, de algum modo, isso prova alguma antiga história ferrugenta que a sua família passou de geração em geração?

— Estava em um dos mapas que eu achei. — Tonkee encolhe os ombros. — Se tinha alguma verdade em parte da história; sobre existir um soquete em Yumenes, escondido de propósito pelos fundadores da cidade; então isso sugeriria que poderia haver verdade no resto, sim. — Colocando a faca de lado, Tonkee muda de posição para ficar confortável, preguiçosamente empilhando o cabelo cortado com uma das mãos. Seu cabelo está terrivelmente curto e assimétrico agora, e você sente muita vontade de pegar a tesoura da mão dela e modelá-lo. Mas você vai esperar até ela dar outra lavada nele.

— Há um pouco de verdade em outras partes da história também — diz Tonkee. — Quero dizer, muitas das histórias são ferrugem e fumaça de mellow; não quero fingir que não são. Mas aprendi na Sétima Universidade que os obeliscos são tão antigos quanto a história, mais antigos ainda. Temos evidências de Estações de dez, quinze, até vinte mil anos atrás... e os obeliscos são mais antigos que isso. É possível que sejam anteriores à Estação do Estilhaçamento.

A primeira Estação, aquela que quase matou o mundo. Apenas os sabedoristas falam dela, e a Sétima Universidade nega a maior parte das histórias que eles contam. Só para contrariá-la, você diz:

— Talvez não tenha existido uma Estação do Estilhaçamento. Talvez as Estações sempre tenham existido.

— Talvez — Tonkee dá de ombros, sem perceber a sua tentativa de ser irritante ou sem se importar. Provavelmente a segunda opção. — Mencionar a Estação do Estilhaçamento era uma ótima maneira de provocar uma discussão de cinco horas no colóquio. Velhos peidorreiros idiotas. — Ela sorri para si mesma, lembrando-se de algo, e fica séria de repente. Você entende de pronto. Dibars, a cidade que abrigava a Sétima, fica nos Equatoriais, apenas um pouco a oeste de Yumenes.

— Mas eu não acredito — comenta Tonkee quando se recupera — que sempre tivemos Estações.

— Por que não?

— Por nossa causa. — Ela sorri. — A vida, eu quero dizer. Não é diferente o bastante.

— O quê?

Tonkee se inclina para a frente. Ela não está tão entusiasmada como fica quando o assunto são os obeliscos, mas fica claro que praticamente qualquer conhecimento escondido há muito tempo a faz tagarelar. Por um instante, no brilho do rosto aberto e atrevido dela, você vê Binof; aí ela fala e se torna Tonkee, a geomesta, outra vez.

— “Todas as coisas mudam durante uma Estação”, certo? Mas não o suficiente. Pense da seguinte forma: tudo o que cresce ou anda na terra pode respirar o ar do mundo, comer seus alimentos, sobreviver às suas habituais mudanças de temperatura. Nós não precisamos *mudar* para fazer isso; somos exatamente o que precisamos ser, porque é assim que o mundo funciona. Certo? Talvez as pessoas sejam as piores, porque temos que usar nossas mãos para fazer casacos em vez de deixar o pelo crescer... mas conseguimos fazer casacos. Fomos feitos para isso, com mãos hábeis que podem costurar e cérebros que podem descobrir como caçar ou criar animais para obter peles. Mas não fomos feitos para expelir cinzas de dentro dos pulmões antes que elas se transformem em cimento...

— Alguns animais sim.

Tonkee olha feio para você.

— Pare de interromper. É falta de educação.

Você suspira e faz um gesto para ela continuar, e ela, mais calma, aquiesce.

— Bem. *Sim*, alguns animais passam a ter filtros pulmonares durante uma Estação... ou começam a respirar água e se mudam para o oceano, onde é mais seguro, ou se enterram e hibernam, ou algo do tipo. Nós descobrimos como fazer não só casacos, mas esconderijos para provisões e muros e saber das pedras. Mas isso foi pensado depois. — Ela gesticula descontroladamente, procurando as palavras. — Como... quando um dos raios da roda da carroça se parte e você está no meio do caminho entre duas comus, você improvisa. Entende? Você coloca um galho ou mesmo uma barra de metal no lugar onde o raio quebrado estava, só para

manter a roda forte o bastante para aguentar até você conseguir achar um fabricante de carroças. É isso o que acontece quando os kirkhusas de repente desenvolvem gosto pela carne durante uma Estação. Por que eles não comem carne o tempo todo? Por que nem *sempre* comeram carne? Porque foram feitos originalmente para outra coisa, ainda são *melhores* em comer outra coisa, e comer carne durante as Estações é o remendo desleixado, de última hora, que a natureza acrescentou para impedir que os kirkhusas fossem extintos.

— Isso... — Você está um pouco espantada. Parece loucura, mas, de certa maneira, correto. Você não consegue pensar em nenhuma falha para apontar nessa teoria e você não sabe ao certo se quer fazer isso. Tonkee não é uma pessoa que queira enfrentar em uma batalha de lógica.

Tonkee assente.

— É por isso que não consigo parar de pensar nos obeliscos. Foram construídos por pessoas, o que significa que, como espécie, somos pelo menos tão antigos quanto eles! É muito tempo para quebrar coisas, recomeçar e quebrá-las de novo. Ou, se as histórias da Liderança forem verdadeiras... talvez seja tempo suficiente para improvisar um remendo. Algo que nos ajude a resistir até que os verdadeiros reparos sejam feitos.

Você franze a testa para si mesma.

— Espere. A liderança yumenescense acha que os obeliscos, uma quinquilharia de uma civextinta, são o remendo?

— Basicamente. As histórias dizem que os obeliscos mantinham o mundo unido quando ele se fragmentou. E insinua que poderia haver algum dia um modo de acabar com as Estações, envolvendo os obeliscos.

Um término para todas as Estações? É difícil até de imaginar. Não haveria necessidade de ter bolsas de fuga. Nem esconderijos de provisões. As comus durariam para sempre, cresceriam para sempre. Todas as cidades poderiam se tornar algo como Yumenes.

— Seria incrível — você murmura.

Tonkee lança um olhar penetrante para você.

— Os orogenes poderiam ser um tipo de remendo também, sabe — ela diz. — E, sem as Estações, vocês não seriam mais

necessários.

Você franze o cenho para ela, sem saber ao certo se deveria ficar preocupada ou reconfortada com essa declaração, até ela começar a pentear o que restou do cabelo com os dedos e você perceber que não tem mais nada a dizer.

• • •

Hoa sumiu. Você não sabe com certeza para onde foi. Você o deixou na enfermaria, encarando Cabelo de Rubi e, quando voltou para o seu apartamento para tentar dormir durante mais algumas horas, ele não estava ao seu lado quando acordou. O pequeno embrulho de pedras dele ainda está no quarto, perto da sua cama, então ele deve planejar voltar logo. Provavelmente não é nada. No entanto, após tantas semanas, você se sente curiosamente desamparada sem sua presença estranha e sutil. Mas talvez seja melhor assim. Você tem uma visita a fazer, que talvez seja mais fácil sem... hostilidade.

Você volta caminhando para a enfermaria, lenta e silenciosamente. É o início da noite, você acha... é sempre difícil dizer em Castrima-de-baixo, mas o seu corpo ainda está acostumado ao ritmo da superfície. Por enquanto, você confia nele. Algumas das pessoas nas plataformas e passarelas ficam olhando quando você passa; é evidente que esta comu passa muito tempo fofocando. Não importa. A única coisa que importa é se Alabaster teve tempo suficiente para se recuperar. Vocês precisam conversar.

Não há nem sinal do cadáver do Caçador que estava ali de manhã; já limparam tudo. Lerna está lá dentro, com roupas limpas, e olha para você de relance quando entra. A expressão dele ainda é reservada, você nota, embora seus olhares se encontrem apenas por um instante antes de ele acenar e voltar a fazer o que quer que esteja fazendo com o que parecem ser instrumentos cirúrgicos. Há outro homem por perto, pipetando algo em uma série de frasquinhos de vidro; este nem ergue os olhos. Qualquer um pode entrar.

Só quando você está no meio do longo corredor central da enfermaria, caminhando entre fileiras de leitos, é que toma consciência de um som que vinha ouvindo o tempo todo: um tipo de zumbido. Parece monótono de início, mas, à medida que se

concentra, você detecta tons, harmonias, um ritmo sutil. Música? Uma música tão estranha, tão difícil de analisar, que você não sabe ao certo se a palavra “música” de fato se aplica. Alabaster continua no lugar onde você o viu de manhã, em uma pilha de almofadas e cobertores no chão. Não dá para saber por que Lerna não o colocou em um leito. Há frascos em uma mesa de cabeceira ali perto, um rolo de atadura limpa, algumas tesouras, um pote de pomada. Uma comadre, felizmente não utilizada desde a última limpeza, embora ainda cheire mal perto dele.

A música está vindo da comedora de pedras, você percebe, deslumbrada, quando se agacha diante deles. Antimony está sentada de pernas cruzadas perto do “ninho” de Alabaster, como se alguém houvesse se dado ao trabalho de esculpir uma mulher sentada de pernas cruzadas com uma das mãos erguidas. Alabaster está dormindo... embora em uma postura estranha, quase sentada, que você não entende até se dar conta de que ele está recostado contra a mão de Antimony. Talvez por que seja a única maneira que ele consiga dormir com conforto? Há ataduras nos braços dele hoje, brilhantes por conta da pomada, e Alabaster não está vestindo uma camisa, o que ajuda você a ver que ele não está tão ferido quanto você havia pensado a princípio. Não há trechos de pedra no peito ou na barriga, e apenas algumas queimaduras pequenas em torno dos ombros, a maior parte curada. Mas seu torso está quase esquelético: quase não há músculos, as costelas estão à vista, a barriga parece quase côncava.

Além disso, o braço direito está muito menor do que estava de manhã.

Você olha para Antimony. A música vem de algum lugar dentro dela. Os olhos pretos da comedora de pedras estão fixos nele; não se mexeram desde a sua chegada. É tranquila, essa música estranha. E Alabaster parece confortável.

— Você não está cuidando dele — você diz, olhando para as costelas dele e lembrando-se de incontáveis noites colocando comida na frente dele, olhando enquanto ele cansadamente a mastigava, conspirando com Innon para fazê-lo comer nas refeições em grupo. Ele sempre comia mais quando achava que havia gente olhando. — Se você vai roubá-lo de nós, o mínimo que podia ter

feito era alimentá-lo de forma apropriada. Engordá-lo antes de comê-lo, ou algo do tipo.

A música continua. Segue-se um ruído muito leve de pedra raspando quando os olhos pretos em formato de cabochão dela enfim recaem sobre você. São olhos tão estranhos, apesar da semelhança superficial em relação aos humanos. Você consegue ver o material seco e fosco que constitui o branco dos olhos dela. Sem veias nem manchinhas, nenhuma coloração de branco sujo que indique cansaço ou preocupação ou qualquer outra coisa humana. Você não consegue sequer distinguir se há pupilas dentro do preto das íris. Que você saiba, ela não consegue nem ao menos ver com eles e usa os cotovelos para detectar a sua presença e direção.

Você olha naqueles olhos e percebe, de repente, que restou tão pouco dentro de você capaz de ter medo.

— Você o tirou de nós e não conseguimos sozinhos. — Não, isso é uma meia verdade. Innon, um selvagem, não tinha nenhuma esperança contra Guardiões e um orogene treinado pelo Fulcro. Mas você? Foi você quem estragou tudo. — *Eu* não consegui sozinha. Depois, quando eu estava vagando, jurei encontrar um modo de matar você. Colocar você dentro de um obelisco como aquele outro. Enterrar você no oceano longe o suficiente para ninguém jamais te desenterrar.

Ela observa você e não diz nada. Você não consegue nem captar a respiração dela, porque ela não respira. Mas a música para, morrendo no silêncio. Pelo menos isso é uma reação.

Isso é inútil. Mas então o silêncio fica mais pesado, e você ainda está meio irritada, de modo que acrescenta:

— Que pena. A música era bonita.

(Mais tarde, deitada na cama e refletindo sobre os erros do dia, você pensará tardiamente: *sou tão louca agora quanto Alabaster era naquela época.*)

Um instante depois, Alabaster se mexe, erguendo a cabeça e soltando um gemido fraco que lança os seus pensamentos e o seu coração a dez anos de distância antes de eles retornarem. Ele pisca os olhos para você, desorientado por um momento, e você percebe que ele não a reconhece com o cabelo duas vezes mais comprido, a

pele desgastada e as roupas desbotadas pela Estação. Então ele pisca outra vez, e você respira fundo, e vocês dois voltam ao aqui e agora.

— O ônix — ele diz, sua voz rouca de sono. Claro que ele sabe. — Sempre dando um passo maior do que a perna, Syen.

Você não se dá ao trabalho de corrigi-lo quanto ao nome.

— Você disse um obelisco.

— Eu falei para chamar o topázio ferrugento. Mas se você conseguiu chamar o ônix, eu subestimei o seu desenvolvimento. — Ele inclina a cabeça com um ar pensativo. — O que você fez nesses últimos anos para refinar tanto o seu controle?

Você não consegue pensar em nada de início, mas aí vem uma hipótese.

— Eu tive dois filhos. — Impedir que uma criança orogene destruía tudo na vizinhança tomou muito da sua energia naqueles primeiros anos. Você aprendeu a dormir com um olho aberto, seus sensapinae preparados para a menor contração devido a medo de criança ou melindre de bebê... ou pior, um tremor local que pudesse fazer qualquer uma delas reagir. Você reprimia uma dúzia de desastres por noite.

Ele aquiesce, e só então você se lembra de como era acordar às vezes durante a noite em Meov e encontrar Alabaster acordado, observando Corundum com os olhos pesados de sono. Você se lembra de caçoar dele, na verdade, pela preocupação, quando Coru claramente não era nenhuma ameaça a ninguém.

Que a Terra queime tudo, você odeia descobrir todas essas coisas depois de o fato ter acontecido.

— Eles me deixaram com a minha mãe durante alguns anos depois que eu nasci — ele diz, quase para si mesmo. Você já imaginava, uma vez que ele fala uma língua costeira. Como essa mãe procriada no Fulcro sabia o idioma, porém, é um mistério que nunca será solucionado. — Eles me levaram embora quando eu tinha idade suficiente para ser ameaçado de forma eficaz, mas, antes disso, ela aparentemente impediu que eu congelasse Yumenes algumas vezes. Acho que não fomos feitos para sermos criados por quietos. — Ele fez uma pausa, seu olhar distante. — Eu a encontrei anos mais tarde, por acaso. Não a reconheci, embora de



algum modo ela tenha me reconhecido. Acho que ela está... ela *estava*... no conselho consultivo sênior. Chegou aos nove anéis, se bem me lembro. — Ele fica em silêncio por um instante. Talvez contemplando o fato de que matou a própria mãe também. Ou talvez tentando lembrar-se de outra coisa sobre ela além de um rápido encontro entre dois estranhos em um corredor.

Ele intensifica a concentração de modo abrupto, de volta ao presente e a você.

— Acho que você talvez seja uma nove anéis agora.

Você não consegue deixar de sentir surpresa e prazer, embora cubra ambos sob uma aparente indiferença.

— Achei que essas coisas não importassem mais.

— Não importam. Tive o cuidado de aniquilar o Fulcro quando destruí Yumenes. Ainda há edifícios onde ficava a cidade, empoleirados na beira do abismo, a menos que tenham caído desde então. Mas as paredes de obsidiana foram abaixo, e eu me certifiquei de que o Principal caísse no buraco primeiro. — Há uma satisfação profunda e perversa na voz dele. Parece você um minuto atrás, quando se imaginou assassinando comedores de pedra.

(Você olha para Antimony. Ela voltou a observar Alabaster, mão ainda apoiando as costas dele. Você quase poderia pensar nela fazendo isso por devoção ou gentileza, se não soubesse que as mãos dele e os pés e o antebraço estão no que quer que faça as vezes de estômago dela.)

— Eu só menciono os anéis para você ter um ponto de referência. — Alabaster se mexe, sentando-se com cuidado e então, como se tivesse ouvido o seu pensamento, estendendo o toco do braço direito coberto de pedra. — Olhe para dentro disto. Me diz o que você vê.

— Você vai me contar o que está acontecendo, Alabaster? — Mas ele não responde, fica apenas olhando para você, e você suspira. Tudo bem.

Você olha para o braço dele, que termina no cotovelo agora, e se pergunta o que ele quer dizer com *olhar para dentro*. Então, de maneira involuntária, você se lembra de uma noite em que ele tirou veneno de dentro das células do próprio corpo. Mas ele teve ajuda para fazer isso. Você franze a testa, olhando por impulso para o

objeto cor-de-rosa de formato estranho atrás dele... aquela coisa que parece uma faca excessivamente comprida e de cabo grande e que, na verdade, de alguma forma, é um obelisco. O espinélio, ele disse.

Você olha para Alabaster de relance; ele deve ter visto você espiar o objeto. Mas não se mexe: nem um espasmo em seu rosto queimado e incrustado de pedras, nem uma oscilação de seus cílios não existentes. Tudo bem, então. Vale tudo, contanto que você faça o que ele diz.

Então você olha para o braço dele. Você não quer se arriscar com o espinélio. Impossível saber o que vai acontecer. Em vez disso, você tenta deixar a sua consciência perscrutar o braço. Parece absurdo; você passou a vida inteira sensando camadas de terra quilômetros abaixo. Para a sua surpresa, no entanto, a sua percepção *consegue* captar o braço dele. É pequeno e estranho, próximo demais e quase miúdo demais, mas está lá, porque pelo menos a camada mais externa dele é de pedra. Cálcio e carbono e partículas de ferro oxidado que antes devem ter sido sangue, e...

Você faz uma pausa, franzindo a testa, e abre os olhos. (Você não se lembra de tê-los fechado.)

— O que é aquilo?

— O que é aquilo? — O lado da boca dele que não ficou colado por uma queimadura se ergue em um sorriso sardônico.

Você faz uma carranca.

— Tem algo nessa coisa que você... — está se tornando. — ... essa coisa de pedra. Não é, eu não sei. É pedra e não é.

— Você consegue sentir a carne mais para baixo do braço?

Você não deveria ser capaz de sentir. Mas quando você restringe a concentração até o limite possível, quando aperta os olhos e pressiona a língua contra o céu da boca e franze o nariz, aquela substância está ali também. Grandes glóbulos pegajosos todos quicando uns contra os outros... Você recua de imediato, enojada. Pelo menos as pedras são limpas.

— Olhe de novo, Syen. Não seja covarde.

Você poderia ficar irritada, mas está velha demais para esse tipo de merda agora. Com uma expressão determinada, você tenta outra vez, respirando fundo para não se sentir enojada. É tudo tão *úmido*

dentro dele, e a água não fica sequer retida entre as camadas de barro ou...

Você faz uma pausa. Restringe a concentração ainda mais. Por entre a gelidez, movendo-se também, mas de maneira mais lenta e menos orgânica, você de súbito sensa a mesma coisa que encontrou na pedra que o compõe. Alguma outra coisa, nem carne nem pedra. Algo imaterial que, no entanto, está ali para você perceber. Brilha em forma de fios entre os pedaços dele, entrecruzando-se consigo mesmos, formando treliças, mudando constantemente. Uma... tensão? Uma energia, brilhante e fluida. Potencial. Intenção.

Você chacoalha a cabeça, recuando para poder se concentrar nele.

— O que é?

Desta vez ele responde.

— O elemento que constitui a orogenia. — Ele faz uma voz dramática, já que as expressões faciais não podem mudar muito. — Eu já te falei antes que o que fazemos não é lógico. Para fazer a terra se mover, colocamos algo de nós no sistema e fazemos surgir *algo completamente sem relação*. Sempre existiu outra coisa envolvida, conectando as duas. Isto.

Você franze o cenho. Ele se senta mais para a frente, animando-se, do mesmo modo como costumava fazer nos velhos tempos... mas aí alguma parte dele range e ele se encolhe, com dor. Com cautela, ele se recosta contra a mão de Antimony outra vez.

Mas você está lhe dando ouvidos. E ele tem razão. Nunca fez sentido, não é, o jeito como a orogenia funciona? Não deveria funcionar de maneira nenhuma, isso de que a força de vontade e a concentração e a percepção possam mover montanhas. Nenhuma outra coisa no mundo funciona dessa forma. As pessoas não podem deter avalanches dançando bem nem criar tempestades refinando a audição. E, de certo modo, você sempre *soube* que isso estava lá, fazendo a sua vontade se manifestar. Essa... o que quer que seja.

Alabaster sempre foi capaz de ler você como um livro.

— A civilização que construiu os obeliscos tinha uma palavra para isso — ele diz, acenando com a cabeça ao notar a sua epifania. — Acho que existe um motivo pelo qual nós não temos. É

porque ninguém quis, durante incontáveis gerações, que os orogenes *entendessem* o que fazem. Queriam apenas que a gente fizesse.

Você aquiesce lentamente.

— Depois de Allia, consigo entender por que ninguém queria que a gente aprendesse como manipular os obeliscos.

— Para as ferrugens com os obeliscos. Eles não queriam que a gente criasse coisa melhor. Ou pior. — Com cautela, ele respira fundo. — Nós vamos parar de manipular as pedras agora, Essun. Aquela coisa que você vê em mim? É *aquilo* que você tem que aprender a controlar. A perceber, onde quer que exista. É disso que os obeliscos são feitos, e é assim que eles fazem o que fazem. Precisamos conseguir que você faça aquelas coisas também. Só temos que te transformar em uma dez anéis, no mínimo.

No mínimo. Fácil assim.

— *Por quê?* Alabaster, você mencionou algo. Uma... lua. Tonkee não faz ideia do que é. E todas as coisas que você disse sobre criar a fenda e querer que eu faça algo pior... — Alguma coisa se move na sua visão periférica. Você ergue os olhos e percebe que o homem que esteve trabalhando com Lerna está vindo com uma tigela nas mãos. Jantar, para Alabaster. Você começa a falar baixo. — A propósito, eu não vou fazer isso. Ajudar você a piorar as coisas. Você já não fez o suficiente?

Alabaster também olha para o enfermeiro que está chegando. Observando-o, diz em voz baixa:

— A Lua é uma coisa que este mundo costumava ter, Essun. Um objeto no céu, muito mais próximo do que as estrelas. — Ele continua alternando entre um nome e outro para se referir a você. É incômodo. — Sua perda é parte do que causou as Estações.

O Pai Terra nem sempre odiou a vida, dizem os sabedoristas. *Ele odeia porque não consegue perdoar a perda de sua única filha.*

Mas os contos dos sabedoristas também diziam que os obeliscos eram inofensivos.

— Como você sabe... — Mas então você para, porque o homem chegou até vocês, de modo que você se recosta contra um leito próximo, digerindo o que ouviu enquanto ele alimenta Alabaster com uma colher. A comida é um tipo de papa líquida, uma porção

pequena. Alabaster se senta e abre a boca para ser alimentado como um bebê. Os olhos dele permanecem fixos em você o tempo todo. É desconcertante e, por fim, você tem que desviar o olhar. Algumas das coisas que mudaram entre vocês dois você não consegue suportar.

Finalmente o homem termina e, com um olhar categórico na sua direção que, não obstante, transmite a opinião dele de que deveria ser você a dar a comida, ele sai. Mas, quando você se endireita e abre a boca para fazer mais perguntas, Alabaster diz:

— Eu provavelmente vou precisar usar a comadre em breve. Já não consigo controlar meu intestino muito bem, mas, pelo menos, ele ainda é regular. — Ao ver a expressão no seu rosto, ele sorri apenas com um leve toque de amargura. — Eu não quero que você veja tanto quanto você não quer ver. Então, que tal você voltar mais tarde? O meio-dia parece ser um horário melhor para não interferir com nenhuma das minhas funções naturais nojentas.

Isso não é justo. Bem. É sim, e você merece essa repreensão, mas é uma repreensão que deveria ser compartilhada.

— Por que você fez isso consigo mesmo? — Você aponta com um gesto o braço e o corpo arruinados. — Eu só... — Talvez você conseguisse aceitar melhor se pudesse entender.

— A consequência do que eu fiz em Yumenes. — Ele chacoalhou a cabeça. — Uma coisa para lembrar, Syen, quando você fizer as suas próprias escolhas no futuro: algumas delas custam um preço terrível. Embora às vezes valha a pena pagá-lo.

Você não consegue entender por que ele vê isso, essa morte lenta e horrível, como um preço que vale a pena pagar por qualquer que fosse o motivo; menos ainda pelo que ele conseguiu, que foi a destruição do mundo. E você ainda não entende o que qualquer uma dessas coisas tem a ver com comedores de pedra ou luas ou obeliscos ou qualquer outra coisa.

— Não teria sido melhor só... viver? — você não consegue deixar de perguntar. Voltar, você não consegue dizer. Construir a vida que pudesse com Syenite outra vez, depois que Meov foi destruída, mas antes de ela encontrar Tirimo e Jija e tentar criar uma versão inferior da família que perdera. Antes de ela se tornar você.

A resposta está no modo como os olhos dele perdem o brilho. Esse era o olhar que ele tinha no rosto quando estiveram em uma estação de ligação certa vez, sobre o cadáver maltratado de um de seus filhos. Talvez seja o olhar que ele tinha no rosto quando ficou sabendo da morte de Innon. Certamente é o que você viu no seu próprio rosto depois da morte de Uche. É nesse momento que você não precisa mais de uma resposta para a pergunta. Existe uma coisa chamada perda demais. Muito foi tirado de vocês dois... tirado e tirado e tirado, até não restar nada além de esperança, e você *desistiu* dela porque dói demais. Até você preferir morrer, ou matar, ou evitar vínculos por completo a perder mais uma coisa.

Você pensa no sentimento que ocupava o seu coração quando pressionou uma das mãos sobre o nariz e a boca de Corundum. Não o pensamento. O pensamento era simples e previsível: é *melhor morrer do que viver como escravo*. Mas o que você *sentiu* naquele instante era um tipo de amor frio e monstruoso. Uma determinação de garantir que a vida do seu filho continuasse aquela coisa bonita e saudável que havia sido até aquele dia, mesmo que isso significasse que você tinha que acabar com a vida dele de forma prematura.

Alabaster não responde a sua pergunta. Você não precisa mais que ele responda. Você se levanta para ir embora, de modo que ele possa ao menos manter a dignidade na sua frente, porque de fato é a única coisa que você ainda pode lhe dar. O seu amor e o seu respeito não valem muito para ninguém.

Talvez você ainda esteja pensando em dignidade quando faz mais uma pergunta, para que a conversa não termine com um tom de desesperança. É a sua maneira de oferecer um gesto de paz também, de informá-lo que você decidiu aprender o que ele tem para ensinar. Você não está interessada em piorar a Estação ou qualquer outra coisa de que ele esteja falando... mas é óbvio que ele precisa disso de alguma forma. O filho que ele fez com você está morto, a família que vocês construíram juntos ficou para sempre incompleta, mas, no mínimo, ele ainda é o seu mentor.

(Você também precisa disso, uma parte cética do seu ser se dá conta. É uma troca ruim, na verdade: Nassun por ele, o propósito de uma mãe pelo de uma ex-amante, esses ridículos mistérios pelo

mais cruel e mais importante, o porquê de Jija matar o próprio filho. Mas, sem Nassun para motivá-la, você precisa de algo. Qualquer coisa, para continuar seguindo em frente.)

Então você diz, de costas para ele:

— Que nome eles davam?

— Hum?

— Os construtores dos obeliscos. Você disse que eles tinham uma palavra para essa coisa que existe nos obeliscos. — A matéria prateada que vibra entre as células do corpo de Alabaster, concentrando-se e compactando-se nas suas partes de pedra em solidificação. — O elemento de que é feita a orogenia. Qual era o termo deles, já que nós não temos mais uma palavra?

— Ah. — Ele se mexe, talvez se preparando para a comadre. — A palavra não importa, Essun. Invente uma, se quiser. Você só precisa saber que esse elemento existe.

— Eu quero saber que nome eles davam. — É uma pequena parte do mistério que ele está tentando fazer você engolir. Você quer pôr as mãos nesse mistério, controlar a ingestão, pelo menos sentir o sabor enquanto ele desce. E, além disso, as pessoas que construíram os obeliscos eram poderosas. Tolas, talvez, e evidentemente horríveis por infligir as Estações aos seus descendentes, se de fato foram elas que fizeram isso. Mas poderosas. Talvez saber o nome vá lhe dar poder de algum modo.

Ele começa a chacoalhar a cabeça, contrai-se porque isso lhe causa dor em algum lugar e, como alternativa, suspira.

— Eles chamavam de *magia*.

Não tem significado. É só uma palavra. Mas talvez você possa lhe dar significado de alguma maneira.

— Magia — você repete, memorizando. Depois se despede com um aceno de cabeça e sai sem olhar para trás.



OS COMEDORES DE PEDRA SABIAM QUE EU ESTAVA LÁ. ESTOU CERTO DISSO. ELES SIMPLEMENTE NÃO SE IMPORTAVAM. EU OS OBSERVEI DURANTE HORAS ENQUANTO PERMANECIAM IMÓVEIS, VOZES ECOANDO DO NADA. A LÍNGUA QUE FALAVAM UNS COM OS OUTROS ERA... ESTRANHA. ÁRTICO, TALVEZ? UMA DAS LÍNGUAS COSTEIRAS? NUNCA OUVI ALGO PARECIDO. INDEPENDENTEMENTE

DISSO, DEPOIS DE UMAS DEZ HORAS, ADMITO QUE DORMI. ACORDEI AO SOM DE ESTRÉPITOS E ESTALOS TÃO ALTOS QUE PENSEI QUE A PRÓPRIA ESTAÇÃO DO ESTILHAÇAMENTO RECAÍA SOBRE MIM. QUANDO OUSEI ERGUER OS OLHOS, PEDAÇOS DE UM DOS COMEDORES DE PEDRA ESTAVAM ESPALHADOS PELO CHÃO. O OUTRO CONTINUAVA COMO ANTES, EXCETO POR UMA MODIFICAÇÃO, VOLTADA DIRETAMENTE PARA MIM: UM SORRISO CLARO E CINTILANTE.

— *MEMÓRIA DE OUSE INOVADOR (NASCIDO COSTA-FORTE) TICASTRIES, GEOMESTA AMADOR. NÃO CONFIRMADO PELA QUINTA UNIVERSIDADE.*





## 7

### *Nassun encontra a lua*

A viagem ao sul para Nassun e seu pai é longa e tensa. Eles viajam a maior parte do tempo com a carroça, o que significa que viajam mais rápido do que Essun, que está a pé e vai ficando cada vez mais para trás. Jija oferece carona em troca de comida ou suprimentos; isso os ajuda a avançar ainda mais rápido, porque não precisam parar e negociar com frequência. Por conta desse ritmo, eles se mantêm à frente da pior parte da mudança climática, a queda de cinzas, os kirkhusas carnívoros e os fervilhões e todas as coisas piores que se formam nas terras que ficaram para trás. Estão viajando tão rápido quando passam por Castrima-de-cima que Nassun quase não sente os chamados de Ykka... e, quando sente, é durante os sonhos, puxando-a para baixo e para dentro da terra cálida em meio a uma luz branca e cristalina. Mas ela tem esse sonho mais de quinze quilômetros depois de terem passado por Castrima, pois Jija pensou que podiam seguir mais um pouco antes de acampar e, dessa forma, não sucumbem ao chamariz de convidativos prédios vazios.

Quando precisam parar em comus, algumas estão apenas em estado de bloqueio e ainda não declararam Lei Sazonal. Esperando que o pior não chegue ao extremo sul, provavelmente; é raro as Estações afetarem o continente inteiro de uma vez. Nassun nunca fala sobre o que é para estranhos, mas, se pudesse, ela lhes diria

que não há nenhum lugar onde possam se esconder desta Estação. Algumas partes da Quietude sofrerão todos os efeitos mais tarde do que outras, mas as coisas acabarão ficando ruins em todo lugar.

Algumas das comus onde eles param convidam-nos a ficar. Jija é mais velho, mas ainda é sadio e forte, e suas habilidades como britador e sua casta de uso Resistente o tornam valioso. Nassun é jovem o bastante para ser treinada em quase qualquer habilidade necessária e é claramente saudável e alta para a idade, já mostrando sinais de que terá a forte estrutura latmediana de sua mãe. Há alguns lugares onde eles param, comus fortes com provisões abundantes e povo amigável, onde ela gostaria que pudessem ficar. Jija, porém, sempre recusa. Ele tem algum destino em mente.

Umas poucas comus pelas quais eles passam tentam matá-los. Não há lógica nisso, já que um homem e uma garotinha não podem ter com eles itens de valor em quantidade suficiente para valer a pena matar, mas não existe muita lógica em uma Estação. Eles fogem de algumas. Jija aponta uma faca comprida para a cabeça de um homem para tirá-los de uma comu que os deixou passar pelos portões e depois tentou trancá-los lá dentro. Eles perdem os cavalos e a carroça, que é o que a comu provavelmente queria, mas Jija e Nassun escapam, que é o mais importante. A partir dali, seguem a pé, mas estão vivos.

Em outra comu, cujo povo nem se dá ao trabalho de alertá-los antes de apontar as balestras, é Nassun quem os salva. Ela faz isso envolvendo o pai com os braços, cravando os dentes na terra e retirando cada pingo de vida e calor e movimento da comu inteira até ela se tornar uma brilhante confecção congelada com muros de ardósia cobertos por lascas de gelo e com corpos inertes e sólidos.

(Ela nunca mais vai fazer isso. O jeito como Jija olha para ela depois.)

Eles ficam na comu morta por alguns dias, descansando em casas vazias e reabastecendo as provisões. Ninguém incomoda aquela comu enquanto eles estão lá, porque Nassun mantém os muros congelados como um claro alerta de *perigo*. Eles não podem ficar por muito tempo, claro. As outras comus da região acabarão se unindo e virão matar o rogga que eles supõem ameaçar todos.

Alguns dias de água quente e comida fresca (Jija cozinha um dos frangos congelados da comu para se regalarem) e seguem adiante. Antes que os corpos descongelem e comecem a feder, entende.

E assim seguem as coisas: bandidos, fraudadores, uma lufada de gás quase fatal e uma árvore que lança estacas de madeira quando corpos quentes estão nas proximidades; eles sobrevivem a tudo isso. Nassun tem um estirão, embora esteja sempre com fome e quase nunca saciada. Quando enfim se aproximam do lugar do qual Jija ouviu falar, ela está quase oito centímetros mais alta, e um ano se passou.

Eles finalmente saíram das Latmedianas do Sul e estão entrando nas Antárticas. Nassun começou a suspeitar que Jija pretende levá-la até Nife, uma das poucas cidades na região das Antárticas, perto da qual dizem que está localizada uma unidade satélite do Fulcro. Mas eles saem da Estrada Imperial Pellestane-Nife e começam a seguir para o leste, parando de tempos em tempos a fim de que Jija possa pedir informações para pessoas ao longo do caminho e ver se está indo na direção certa. Após uma dessas conversas, sempre sussurradas e sempre feitas depois que Jija acha que Nassun foi dormir, e apenas com pessoas que Jija considera equilibradas após algumas horas de conversa fiada e comida compartilhada, é que Nassun enfim descobre para onde estão indo.

— *Me diz uma coisa* — ela ouve Jija sussurrar para uma mulher que estava inspecionando a área para uma comu local depois que eles compartilham, ao redor da fogueira que Jija fez, uma refeição com a carne que ela caçou —, *você já ouviu falar da Lua?*

A pergunta não faz nenhum sentido para Nassun, nem a palavra ao final dela. Mas a mulher inspira. Ela orienta Jija a pegar a estrada regional que vai para o sudeste em vez de continuar pela Estrada Imperial, depois a seguir para o sul ao virar um rio aonde eles vão chegar logo. Daí em diante, Nassun finge estar dormindo, porque consegue sentir o olhar estreito que a mulher lhe dirige. Por fim, no entanto, Jija timidamente se oferece para esquentar o saco de dormir dela. Então Nassun tem que ouvir enquanto seu pai se esforça para fazer a mulher gemer e ofegar como retribuição pela carne... E para fazê-la esquecer que Nassun está ali. De manhã,

eles continuam a viagem antes de a mulher acordar, de modo que ela não vá segui-los para tentar machucar Nassun.

Dias depois, eles fazem o desvio ao passar pelo rio, dirigindo-se para o bosque ao longo de uma trilha coberta pela sombra das árvores que é pouco mais do que uma faixa mais clara de terra batida em meio aos arbustos e à vegetação rasteira da floresta. O céu não ficou completamente coberto por muito tempo nesta parte do mundo: a maior parte das árvores ainda tem folhas e Nassun consegue até ouvir animais saltitando e correndo enquanto eles passam por lá. Por vezes, os pássaros gorjeiam ou cantam. Não há nenhuma outra pessoa nesta trilha, embora seja evidente que algumas passaram por ali recentemente, senão a vegetação teria avançado mais sobre o caminho. As Antárticas são uma parte erma e pouco povoada do mundo, ela se lembra de ler nos livros didáticos em outra vida. Poucas comus, menos Estradas Imperiais, invernos que são rigorosos mesmo se não estiverem em uma Estação. Aqui, levam-se semanas para atravessar os distritantes. As faixas de terra das Antárticas são compostas por tundra, e dizem que o extremo sul do continente se torna gelo sólido, que se estende mar adentro. Ela leu que o céu noturno, se pudessem vê-lo por entre as nuvens, às vezes se enche de estranhas luzes coloridas que dançam.

Nesta parte das Antárticas, contudo, o ar é quase fumegante, apesar do ligeiro frio. Debaixo dos pés deles, Nassun consegue sentir a agitação pesada e contida de um vulcão em escudo ativo — efetivamente em erupção, só que bem devagar, com um fluxo de lava gotejando mais para o sul. Aqui e ali na topografia da própria consciência, Nassun consegue detectar aberturas de gás e alguns pontos de fervura que chegaram à superfície como fontes termais ou gêiseres. Toda essa umidade e o solo aquecido são o que mantêm as árvores verdejantes.

Então as árvores se bifurcam, e diante deles assoma algo que Nassun jamais vira antes. Uma formação rochosa, ela acha... mas uma que parece consistir de dezenas de longas faixas em formato de colunas, feitas de uma pedra marrom acinzentada que sobe ondulante declive acima, gradualmente inclinando-se o suficiente para ser considerada uma montanha baixa ou uma colina alta. No topo desse rio de pedra, ela pode ver copas de árvores verdes e

espessas; a formação constitui um platô lá em cima. Sobre o platô, Nassun consegue vislumbrar algo entre as árvores, que poderia ser um telhado arredondado ou uma torre para guardar provisões. Algum tipo de povoado. Mas, a menos que eles escalem as faixas em formato de coluna, o que parece perigoso, ela não sabe ao certo como chegar lá.

Exceto... exceto. É um arranhão em sua percepção, que aumenta até se tornar uma pressão, que coça até se transformar em certeza. Nassun olha para o pai, que está olhando para o rio de pedra também. Nos meses que se passaram desde a morte de Uche, ela veio a entender Jija melhor do que nunca antes na vida, porque a vida dela depende disso. Ela entende que ele é frágil, apesar da força e da impassibilidade exteriores. As fissuras que há nele são novas, porém perigosas, como as extremidades das placas tectônicas: sempre ásperas, nunca estáveis, precisando apenas do mínimo toque para liberar o equivalente a eras de energia reprimida e destruir tudo por perto.

Mas terremotos são fáceis de lidar, se você souber como fazer isso.

Então Nassun diz, observando-o com cautela:

— Isto foi feito por orogenes, Papai.

Ela imaginou que ele fosse ficar tenso, e é o que ele faz. Ela imaginou que ele fosse precisar respirar fundo para se acalmar, o que ele também faz. Ele reage à mera ideia de orogenes do modo como a Mamãe costumava reagir ao vinho: com respiração rápida e mão trêmulas e, às vezes, com paralisia ou fraqueza nos joelhos. Papai não podia sequer trazer coisas que tivessem cor de vinho para dentro de casa... Mas, por vezes, ele esquecia e trazia mesmo assim e, quando estava feito, não havia como argumentar com a Mamãe. Não havia nada a fazer a não ser esperar que os tremores e a respiração ofegante e a agitação de suas mãos passassem.

(*Esfregação.* Nassun não percebia a diferença, mas Essun esfregava uma das mãos. A velha dor, ali nos ossos.)

Por isso, quando Jija está calmo o bastante, Nassun acrescenta:

— Acho que somente orogenes podem subir esse declive também. — Na verdade, ela tem certeza. As colunas de pedra estão se *mexendo* imperceptivelmente. Essa região inteira é um vulcão

em erupção admiravelmente lenta. Aqui, ele desloca para cima um constante fluxo de lava adicional que leva anos para esfriar e, por conseguinte, divide-se nesses longos eixos hexagonais à medida que a coisa se contrai. Seria fácil para um orogene, mesmo não treinado, opor resistência àquela pressão ascendente, experimentar um pouco daquele calor de arrefecimento vagaroso e erguer outra coluna. Cavalgá-la para chegar àquele platô. Muitas das faixas de pedra diante deles têm um tom de cinza mais claro, mais fresco, mais nítido. Outras pessoas fizeram isso recentemente.

Então Papai a surpreende dando acenos espasmódicos com a cabeça.

— Existem outros... devem existir outros como você neste lugar.  
— Ele nunca usa a palavra que começa com “o” nem a que começa com “r”. É sempre *como você* ou *a sua espécie* ou *aquele tipo*. — É por isso que eu trouxe você para cá, querida.

— Este é o Fulcro Antártico? — Talvez ela estivesse enganada sobre onde ele ficava.

— Não. — Os lábios dele se curvam. A linha falha que eles formam estremece. — É melhor.

É a primeira vez que ele está disposto a falar sobre isso. Ele também já não está respirando tão rápido nem a encarando daquele jeito que faz com tanta frequência quando está se esforçando para se lembrar de que ela é sua filha. Nassun decide sondar um pouco, examinando os estratos do pai. — Melhor?

— Melhor. — Ele olha para a menina e, pela primeira vez no que parece ser uma eternidade, sorri para ela como costumava fazer. Do modo como um pai deveria sorrir para a filha. — Eles podem curar você, Nassun. É o que dizem as histórias.

*Curá-la de quê?*, ela quase pergunta. Então o instinto de sobrevivência entra em ação e ela morde a língua antes que possa dizer uma estupidez. Só existe uma doença que a aflige aos olhos dele, somente um veneno que o faria atravessar metade do mundo para que o tirassem de sua menininha.

Uma cura. *Uma cura*. Para a orogenia? Ela mal sabe o que pensar. Ser... outra pessoa que não ela mesma? Ser normal? Isso é possível?

Ela fica tão espantada que se esquece de observar o pai por um momento. Quando lembra, estremece, porque *ela* está sendo observada. No entanto, ele dá um aceno de satisfação ao ver o olhar no seu rosto. Sua surpresa é o que ele queria ver: isso ou talvez admiração, prazer. Ele teria reagido mal ao desagrado ou ao medo.

— Como? — pergunta ela. Curiosidade ele consegue tolerar.

— Não sei. Mas já ouvi isso de viajantes, antes. — Da mesma forma como ele só se refere a uma coisa quando diz *a sua espécie*, também só há um *antes* que importa para eles dois. — Dizem que existe faz uns cinco ou dez anos.

— Mas e o Fulcro? — Ela chacoalha a cabeça, confusa. De todos os lugares, ela teria pensado...

Papai contorce o rosto.

— Animais treinados e acorrentados ainda são animais. — Ele se vira outra vez para a elevação de pedra em fluxo. — Quero minha garotinha de volta.

*Eu não fui a lugar nenhum*, pensa Nassun, mas sabe que não deve dizer isso.

Não há nenhuma trilha para mostrar por onde ir, nenhum sinal para indicar nada ali por perto. Parte disso poderia estar relacionada às defesas Sazonais; eles viram algumas comus que se protegem não apenas com muros, mas com camuflagens e obstáculos e aparentemente insuperáveis. Sem dúvida, os membros da comu sabiam de alguma maneira secreta de chegar ao platô, mas, sem esse conhecimento, Nassun e Jija têm um enigma a resolver. Também não existe um caminho fácil para passar pela elevação; eles poderiam circundá-la e ver se há degraus do outro lado, mas isso poderia levar dias.

Nassun se senta em um tronco próximo, depois de verificar cuidadosamente a existência de insetos ou outras criaturas que poderiam ter se tornado agressivas desde o início da Estação (Nassun aprendeu a tratar a natureza e o pai com a mesma cautela desconfiada). Ela observa Jija andar para frente e para trás, parando de vez em quando para chutar uma das faixas no ponto em que elas se erguem do solo de forma abrupta. Ele murmura para si mesmo. Vai precisar de tempo para admitir o que precisa ser feito.

Por fim, ele se vira para ela.

— Você consegue?

Ela se levanta. Ele se afasta aos tropeços, como que surpreso pelo movimento repentino, depois para e olha para ela com cara feia. Ela apenas fica ali, deixando-o ver o quanto a magoa que ele sinta tanto medo dela.

Ele mexe um músculo do maxilar; parte da raiva se transforma em desapontamento. (Apenas uma parte.)

— Você vai ter que matar esta floresta para fazer isso?

Ah. Ela consegue entender um pouco da preocupação dele agora. Este é o primeiro lugar verdejante que eles viram em um ano.

— Não, Papai — ela responde. — Existe um vulcão. — Ela aponta para a terra debaixo dos pés dos dois. Ele recua outra vez, olhando para o chão com o mesmo ódio puro que por vezes deixa transparecer a ela. Mas é tão inútil odiar o Pai Terra quanto é desejar que as Estações acabem.

Ele respira fundo e abre a boca, e Nassun está esperando tanto que ele diga “tudo bem” que já está começando a formar o sorriso de que ele vai precisar, como reafirmação. Portanto, ambos são pegos completamente desprevenidos quando um estalo ruidoso ressoa pela floresta à sua volta, espantando um bando de pássaros que ela não sabia que estava lá. Ouve-se um ruído no chão ali por perto, o que faz Nassun piscar por conta da leve reverberação do golpe ao longo dos estratos locais. Algo pequeno, mas desferido com força. E então Jija grita.

Uma vez, Nassun paralisou como reação ao fato de estar surpresa. O treinamento da Mamãe. Parte desse condicionamento se foi nesse último ano e, embora fique parada, ela afunda a consciência na terra de qualquer forma... só uns poucos metros, mas ainda assim. Mas ela paralisa de duas maneiras quando vê a haste de metal pesada, enorme e farpada que atravessou a panturrilha de seu pai.

— *Papai!*

Jija está com um dos joelhos no chão, agarrando a perna e soltando um som por entre os dentes que não chega a ser um grito, mas não deixa de ser agonizante. A coisa é enorme: vários metros de comprimento, uns cinco centímetros de circunferência. Ela



consegue ver o modo como afastou a carne dele para o lado em seu terrível trajeto. A ponta está enterrada no chão do outro lado da panturrilha, efetivamente prendendo-o no lugar. Um arpão, não uma flecha de balestra. Ele tem até uma corrente fina presa à ponta cega.

Uma corrente? Nassun se vira, seguindo-a. Alguém a está segurando. Há pés pisoteando os estratos por perto, esmagando folhas enquanto se movem. Sombras deslizam, bruxuleando ao passar pelos troncos, e desaparecem; ela ouve um chamado em alguma língua ártica que já ouviu antes, mas não conhece. *Bandidos*. Chegando.

Ela olha de novo para o Papai, que está tentando respirar fundo. Seu rosto está pálido. Há tanto sangue. Mas ele a encara com os olhos arregalados e brancos de dor e, de repente, ela se lembra da comu onde as pessoas os atacaram, a comu que ela congelou, e a forma como ele olhou para ela depois.

*Bandidos. Mate-os*. Ela sabe que deve. Se não fizer isso, eles vão matá-la.

Mas o seu pai quer uma garotinha, não um animal.

Ela fica olhando e olhando e respira com força e não consegue parar de olhar, não consegue pensar, não consegue *agir*, não consegue fazer nada além de ficar ali e tremer e hiperventilar, dividida entre sobreviver e ser filha.

Então alguém salta da crista do fluxo de lava, pulando de uma faixa de rocha a outra com uma rapidez e uma agilidade que são... Nassun observa. Ninguém consegue fazer aquilo. Mas o homem pousa sobre uma protuberância em meio ao solo coberto de cascalho ao pé das cristas com um baque pesado e ameaçador. Ele é robusto. Ela percebe que ele é grande, apesar de o homem ficar abaixado, soerguendo-se apenas um pouco, com seu olhar fixo em alguma coisa nas árvores para além de Nassun, e sacando uma faca de vidro comprida e horrível. (E, no entanto, de algum modo, o peso do seu pouso no chão não reverbera nos sentidos dela. O que isso quer dizer? E há um... Ela chacoalha a cabeça, pensando que talvez seja um inseto, mas o zumbido estranho é uma sensação, e não um som.)

O homem sai em disparada, correndo direto para a vegetação rasteira, seus pés pressionando o solo com tanta força que pedaços de terra se erguem quando ele passa. Nassun fica de queixo caído quando se vira para acompanhá-lo, perdendo seu rastro em meio ao verde, mas seguem-se gritos naquela língua outra vez... E depois, na direção para onde ela viu o homem correr, ouve-se um som baixo e gutural, como alguém reagindo a um forte golpe. As pessoas que estavam se movendo entre as árvores param. Nassun vê uma mulher ártica paralisada em uma brecha clara entre um emaranhado de videiras e uma antiga rocha desgastada. A mulher se vira, tomando fôlego para gritar por mais alguém e, quase que em um borrão, o homem aparece atrás dela, dando um soco em suas costas. Não, não, a faca... E então ele some antes que a mulher caia. A violência e a velocidade do ataque são impressionantes.

— N-Nassun — Jija chama, e Nassun se sobressalta de novo. Na verdade, ela havia se esquecido dele por um instante. Ela vai até o pai, agacha-se e põe o pé sobre a corrente para impedir que qualquer um a use para machucá-lo ainda mais. Ele pega no braço dela com muita força. — Você devia, ähn, correr.

— Não, Papai. — Ela tenta entender como a corrente está presa ao arpão. A haste da arma é lisa. Se ela conseguir soltar a corrente ou cortar a ponta farpada, eles podem simplesmente arrastar a perna do Papai para soltá-lo. Mas e depois? É uma ferida tão feia. Será que ele vai sangrar até a morte? Ela não sabe o que fazer.

Jija chia quando ela sacode a extremidade da corrente como teste, para tentar ver se consegue soltá-la.

— Eu não... eu acho que o osso... — Mas Jija efetivamente cambaleia, e Nassun acha que seus lábios pálidos são um mau sinal. — *Vai*.

Ela o ignora. A corrente está soldada em uma argola na extremidade do eixo. Ela a apalpa com os dedos e pensa muito, agora que o aparecimento do homem estranho interrompeu seu impasse. (Porém, sua mão está tremendo. Ela respira fundo, tentando controlar o próprio medo. Em algum lugar no meio das árvores, ouve-se um gemido baixo e um grito de fúria.) Ela sabe que Jija tem algumas de suas ferramentas de britagem na bolsa, mas o arpão é feito de aço. Espere... o metal se quebra se estiver frio o

bastante, não quebra? Será que ela poderia, talvez, com uma espiral alta e estreita...?

Ela nunca fez isso antes. Se errar, vai congelar a perna dele. No entanto, de alguma maneira, ela se sente segura de que *pode* ser feito. O modo como a Mamãe lhe ensinou a pensar sobre a orogenia, como calor e movimento absorvidos e calor e movimento irradiados, nunca lhe pareceu certo. Existe verdade nesse modo; funciona, ela sabe por experiência. Mas alguma coisa nele está... errada. Deselegante. Frequentemente ela pensava: “se eu não pensar nisso como calor”... sem jamais concluir esse pensamento de forma produtiva.

Mamãe não está aqui, e a morte sim, e seu pai é a única pessoa no mundo que a ama, apesar de o seu amor vir envolto em dor.

Então ela coloca uma das mãos na ponta traseira do arpão.

— Não se mexa, Papai.

— O-o quê? — Jija está tremendo, mas também enfraquecendo depressa. Ótimo; Nassun pode trabalhar sem que sua concentração seja interrompida. Ela coloca a mão livre na perna dele (já que sua orogenia sempre se esquivou de *congelá-la*, mesmo quando ela não conseguia controlá-la) e fecha os olhos.

Existe algo sob o calor do vulcão, intercalado entre ondulações de movimento que dançam pela terra. É fácil manipular as ondas e o calor, mas é difícil até mesmo *perceber* essa outra coisa, que talvez seja o motivo pelo qual a Mamãe ensinou Nassun a procurar ondas e calor em vez disso. Mas, se Nassun conseguir tornar palpável a outra coisa, que é mais fina e mais delicada e também mais precisa do que o calor e as ondas... Se puder moldá-la, transformando-a em um tipo de ponta afiada, e limá-la até que fique infinitamente afilada, e cortá-la de um lado a outro da haste como *um*...

Ouve-se um chiado rápido e estridente quando o ar entre Jija e ela se move. Depois, a ponta da haste do arpão presa à corrente se solta e cai, o lado raspado do metal brilha como a superfície lisa de um espelho à luz da tarde.

Soltando o ar de alívio, Nassun abre os olhos. Para descobrir que Jija está tenso, olhando para além dela com uma expressão de horror mesclado com agressividade. Assustada, Nassun se vira, e vê atrás dela o homem que empunhava a faca.

Seu cabelo é preto, mole como o dos árticos, e bastante comprido, para baixo da cintura. Ele é tão alto que ela cai de bunda quando se vira para vê-lo. Ou talvez seja porque de repente ela está exausta? O homem respira pesado, e sua vestimenta (tecido simples e uma velha calça surpreendentemente asseada e pregueada) está generosamente salpicada de sangue, com os respingos centralizando-se na faca de vidro em sua mão direita. Ele olha para ela com olhos que reluzem como o metal que ela acaba de cortar, e seu sorriso é quase igualmente afiado.

— Olá, pequenina — diz o homem enquanto Nassun o encara.  
— Esse é um truque e tanto.

Jija tenta se mexer, virando a perna ao longo da haste do arpão, e é horrível. Ouve-se o som malogrado de osso raspando em metal, e ele, meio gemendo, meio tossindo, solta um grito de agonia, estendendo o braço espasmodicamente para Nassun. Nassun pega no seu ombro, mas ele é pesado, e ela está cansada, e percebe, subitamente aterrorizada, que não tem a força que seria necessária para lutar com o homem com a faca de vidro, caso precisasse. O ombro de Jija treme sob sua mão, e ela treme quase tanto quanto ele. Talvez seja por isso que ninguém usa a coisa que há sob o calor? Agora ela e o pai vão pagar o preço por sua tolice.

Mas o homem de cabelo preto se agacha, mexendo-se com uma graça notavelmente vagarosa para alguém que mostrou uma brutalidade tão veloz apenas alguns momentos antes.

— Não tenha medo — ele diz. Depois pisca os olhos, algo bruxuleante e incerto em seu olhar. — Eu te conheço?

Nassun jamais viu esse gigante de olhos branco-gelo e com a faca mais comprida do mundo. A faca ainda está em sua mão, embora ela balance ao lado do seu corpo agora, pingando. Ela chacoalha a cabeça um pouco forte e rápido demais.

O homem pisca os olhos, a incerteza se dissipa, e o sorriso retorna.

— Aqueles monstros estão mortos. Eu vim ajudar, não vim? — Há algo de estranho nessa pergunta. Ele indaga como se buscasse uma confirmação: “não vim?”. De certa forma, é franca demais, sincera demais. Então, ele diz: — Não vou deixar ninguém machucar você.

Talvez seja somente coincidência que o olhar dele deslize até o rosto do pai dela depois de dizer isso. Mas... Alguma coisa dentro de Nassun relaxa, só um pouquinho.

Então Jija tenta se mexer de novo e produz outro som de dor, e o olhar do homem se aguça.

— Que desagradável. Deixe-me ajudá-lo... — Ele põe a faca no chão e estende o braço para alcançar Jija.

— Fique onde ferrugens você está — fala Jija de modo brusco, tentando se afastar e repuxando-se todo por conta da dor que o movimento causa. Está resfolegando também, e suando. — Quem é você? Você é...? — Ele olha na direção da crista de pedras hexagonais em fluxo. — De lá?

O homem, que recuou ante a reação de Jija, segue seu olhar.

— Ah. Sim. As sentinelas da comu viram vocês passando pela estrada. Então vimos os bandidos se aproximando, aí eu vim ajudar. Já tivemos problemas com esse bando antes. Era uma oportunidade conveniente para eliminar a ameaça. — Seu olhar branco volta a pousar sobre Nassun, cintilando ao ver, no meio do caminho, o arpão cortado. — Mas você não deveria ter tido problemas com eles.

Ele sabe o que Nassun é. Ela se encolhe contra o pai, embora saiba que ele não representa nenhuma proteção. É o hábito.

Seu pai fica tenso, sua respiração acelerando-se até produzir um som esganiçado.

— Você... você é... — Ele engole em seco. — Estamos procurando pela Lua.

O sorriso do homem se espraia. Seu sotaque é um tanto equatorial; os equatoriais sempre têm dentes brancos tão fortes.

— Ah, sim — ele responde. — Você a encontrou.

Seu pai cai de alívio, até onde a perna lhe permite.

— Ah... ah. Terra cruel, até que enfim.

Nassun não aguenta mais.

— O que é *a Lua*?

— Lua Encontrada. — O homem inclina a cabeça. — Este é o nome da nossa comunidade. Um lugar muito especial, para pessoas muito especiais. — Então, ele embainha a faca e estende uma das

mãos com a palma para cima, oferecendo-a. — Meu nome é Schaffa.

A mão é estendida apenas para Nassun, e Nassun não sabe por quê. Talvez porque ele saiba o que ela é? Talvez só porque sua mão não está coberta de sangue como as duas mãos de Jija. Ela engole em seco e toma a mão, que imediatamente se fecha sobre a dela com firmeza. Ela consegue dizer:

— Eu sou Nassun. Este é o meu pai. — Ela ergue o queixo. — Nassun *Resistente Tirimo*.

Nassun sabe que sua mãe foi treinada pelo Fulcro, o que significa que o nome de uso da Mamãe nunca foi “Resistente”. E Nassun só tem dez anos, jovem demais para Tirimo reconhecê-la com um nome de comu mesmo que ela ainda morasse lá. No entanto, o homem inclina a cabeça com seriedade, como se não fosse mentira.

— Então venha — ele fala. — Vamos ver se nós dois juntos conseguimos libertar o seu pai.

Ele se levanta, erguendo-a junto com ele, e ela se vira em direção a Jija, pensando que, talvez com Schaffa aqui, eles possam tirar a perna de Jija da haste e que, se fizerem isso rápido o bastante, talvez não o machuque muito. Mas antes que ela possa abrir a boca para dizer isso, Schaffa pressiona dois dedos em sua nuca. Ela recua e se vira para ele, subitamente defensiva, e ele ergue ambas as mãos, sacudindo os dedos para mostrar que ainda está desarmado. Ela consegue sentir um pouco de umidade no pescoço, provavelmente uma mancha de sangue.

— Primeiro o dever — diz ele.

— O quê?

Ele acena em direção ao pai dela.

— Eu posso erguê-lo, enquanto você mexe a perna.

Nassun pisca outra vez, confusa. O homem se aproxima de Jija, e os gritos de dor do pai enquanto eles trabalham para libertá-lo distraem os pensamentos dela sobre aquele estranho toque.

Muito mais tarde, contudo, ela se lembrará de um instante após aquele toque, quando as pontas dos dedos do homem brilharam como as extremidades cortadas do arpão. Um fio tênue de luz-sob-o-calor que parecia saltar dela para ele. Ela lembrará também que,

por um momento, aquele fio de luz iluminou outros: uma trama inteira de linhas irregulares estendendo-se sobre ele todo como o padrão de teia de aranha que se segue a um impacto abrupto em vidro frágil. O local do impacto, o centro da teia, era em algum lugar perto da nuca dele. Nassun se lembrará de pensar naquele momento: *Ele não está sozinho aí.*

Nesse instante, isso não importa. A viagem deles terminou. Nassun, aparentemente, está em casa.



OS GUARDIÕES NÃO FALAM SOBRE GARANTIA, ONDE SÃO FEITOS. NINGUÉM SABE SUA LOCALIZAÇÃO. QUANDO LHE PERGUNTAM, ELES APENAS SORRIEM.

— DE UMA HISTÓRIA SABEDORISTA, “SEM TÍTULO 759”, REGISTRADA NO  
DISTRITANTE DE CHARTA, NA COMU DE EADIN, PELO AMBULANTE MELL  
SABEDORISTA PEDRA



## 8

### *Você foi avisada*

Você está na fila para pegar a cota da sua casa para a semana quando ouve o primeiro sussurro. Não é para você e não é para ser entre ouvido, mas você ouve mesmo assim porque quem fala está irrequieto e se esquece de falar baixo.

— Pelos fogos da Terra, tem muitos deles — um homem mais velho diz a um mais jovem quando você se distrai dos seus próprios pensamentos o suficiente para processar as palavras. — Ykka tudo bem, conquistou o lugar dela, não foi? Deve ter alguns bons. Mas o resto? A gente só precisa de *um*...

O companheiro manda o homem calar a boca de imediato. Você fixa seu olhar em um grupo distante tentando transportar alguns cestos de minério pela caverna por meio de uma tirolesa guiada, de forma que, quando o homem mais jovem olhar ao redor, não vá vê-la olhando para eles. Mas você se lembra.

Faz uma semana desde o incidente com os fervilhões e parece que se passou um mês. Não é apenas uma questão de perder a noção dos dias e das noites. Parte da estranha elasticidade do tempo advém do fato de você ter perdido Nassun e, com ela, a urgência de um propósito. Sem esse propósito, você se sente meio que enfraquecida e perdida, tão sem rumo quanto as agulhas das bússolas devem ter ficado durante a Estação Errante. Você decidiu tentar se adaptar, centrando de novo sua consciência, explorando



seus novos limites, mas isso não está ajudando muito. O geodo de Castrima desafia o seu senso tanto de tamanho como de tempo. Parece atulhado quando você fica perto das paredes do geodo, onde a vista da parede oposta fica encoberta por dezenas de colunas de quartzo irregulares entrecruzadas. Parece vazio quando você passa por cristais inteiros de apartamentos desocupados e percebe que o lugar foi construído para acolher muito mais pessoas do que acolhe no momento. O entreposto comercial da superfície era menor do que Tirimo... No entanto, você está começando a se dar conta de que os esforços de Ykka em recrutar pessoas para viver em Castrima têm sido excepcionalmente bem-sucedidos. Pelo menos metade das pessoas que você encontra na comu é nova, assim como você. (Não é de estranhar que ela quisesse algumas pessoas novas em seu conselho improvisado; *ser novo* é uma característica de grupo aqui.) Você encontra um meta-sabedorista nervoso e três britadores que não se parecem nada com Jija, um biomesta que trabalha com Lerna dois dias por semana e uma mulher que um dia ganhou a vida vendendo artesanato com couro como presente e que agora passa os dias curtindo as peles que os Caçadores trazem.

Algumas das pessoas novas têm uma aparência amargurada porque, como Lerna, não pretendiam juntar-se a Castrima. Ykka ou alguma outra pessoa as considerou úteis para uma comunidade que certa vez consistia apenas de comerciantes e mineradores, e isso significou o fim de suas viagens. Alguns deles, contudo, demonstram de maneira manifestamente febril sua determinação em contribuir com a comu e defendê-la. Esses são os que não tinham para onde ir, com suas comus destruídas pela Fenda ou pelos tremores secundários. Nem todos têm habilidades úteis. São jovens, em geral, o que faz sentido, porque a maioria das comus não aceitará pessoas idosas ou doentes durante uma Estação a não ser que tenham habilidades muito desejáveis... e porque, você fica sabendo ao conversar com eles, Ykka exige que se faça uma pergunta muito específica para a maioria dos recém-chegados: *Você consegue conviver com orogenes?* Os que respondem sim podem entrar. Os que *conseguem* dizer que sim costumam ser mais jovens.

(Os que respondem não, você entende sem ter que perguntar, não têm permissão de continuar viajando e potencialmente se juntar a outras comus ou a bandos de sem-comu para atacar uma comunidade que sabidamente abriga orogenes. Há uma pedreira de gipsita conveniente não muito longe, ao que parece, a jusante. Ela ajuda a afastar salteadores de Castrima-de-cima também.)

E, além disso, há os nativos: as pessoas que faziam parte de Castrima muito tempo antes de a Estação começar. Muitos deles estão descontentes com as novas aquisições, apesar de todos saberem que a comu não poderia sobreviver como estava. Era simplesmente pequena demais. Antes de Lerna, não tinham médico, apenas um homem que fazia partos e cirurgias durante batalhas e praticava medicina para gado como um trabalho paralelo à pelaria. E tinham só dois orogenes, Ykka e Cutter, embora, aparentemente, ninguém tivesse certeza de que Cutter era orogene até o início da Estação; essa é uma história que você quer ouvir um dia. Sem orogenes, Castrima-de-baixo vira uma armadilha, o que torna a maioria dos nativos relutantemente disposta a aceitar os esforços de Ykka para atrair mais como ela. Então os velhos castrimenses olham para você com desconfiança, mas o bom é que olham para todos os recém-chegados da mesma forma. Não é o seu status como orogene que os incomoda. É o fato de que você ainda não provou o próprio valor.

(É surpreendente como a sensação é revigorante. Ser julgada pelo que você faz, não pelo que é.)

Nos últimos tempos, você tem passado as manhãs em um grupo de trabalho fazendo cultivo hidropônico: fazendo sementes germinarem em bandejas de tecido molhado, depois transplantando as mudas que vingaram para canais com água e elementos químicos que os biomestras criam para elas poderem crescer. É um trabalho relaxante, que faz você se lembrar da estufa que tinha em Tirimo. (Uche sentado em meio às samambaias comestíveis, fazendo caretas horríveis ao mastigar um bocado de terra antes que você pudesse impedi-lo. Você sorri com a lembrança, antes que a dor deixe seu rosto inexpressivo outra vez. Você ainda não consegue sorrir por conta de coisas que Corundum fazia, e isso faz dez... não, onze anos agora.)

Toda noite você vai ao apartamento de Ykka para conversar com ela, Lerna, Hjarka e Cutter sobre questões da comu. Isso inclui coisas como se deve-se punir Jever Inovador Castrima por vender leques, uma vez que a economia de mercado é ilegal durante uma Estação, segundo a Lei Imperial, e como evitar que o Velho Crey (que não é tão velho assim) reclame outra vez que os banhos comunitários estão mornos demais. Ele está dando nos nervos de todo mundo. E quem vai intervir se Ontrag, a ceramista, continuar quebrando a cerâmica malfeita de seus dois aprendizes? Foi desse modo que ensinaram a ela, mas também é desse modo que se ensina as pessoas que *querem* aprender cerâmica. Os aprendizes de Ontrag só estão lá porque Ykka mandou que aprendessem o ofício da velha antes que ela morra. No ritmo que as coisas estão indo, talvez eles mesmos a matem.

São coisas ridículas, banais, incrivelmente entediantes e... você adora. Por quê? Vai saber. Talvez porque seja semelhante aos tipos de discussão que você tinha durante as duas vezes em que fez parte de uma família? Você se lembra de discutir com Innon sobre se deveriam ensinar sanze-mat para Corundum desde cedo, para ele não ter sotaque, ou mais tarde, só se Coru quisesse sair de Meov. Você teve uma discussão com Jija uma vez porque ele achava que colocar fruta na repartição fria estragava o sabor, e você não ligava, porque fazia a fruta durar mais. As discussões que você tem com os outros conselheiros são mais importantes: suas decisões afetam mais de mil pessoas agora. Mas passam a mesma sensação tola e pedante. Pedantismo tolo é um luxo de que raras vezes na vida você pôde desfrutar.

Você foi para a superfície de novo e ficou em silêncio na varanda de uma casa-entrada em meio à queda de cinzas. O céu está um pouco diferente hoje: tem um tom amarelo acinzentado mais tênue em vez de um vermelho acinzentado mais denso, e as nuvens têm um formato comprido e ondulado em vez do formato de contas que você viu desde a Fenda. Olhando para cima, um dos Costas-fortes diz:

— Talvez as coisas estejam melhorando.

O amarelo das nuvens quase parece luz do sol. Você consegue ver o sol de vez em quando, um disco pálido e débil às vezes

emoldurado por delicadas curvas flutuantes.

Você não conta ao guarda o que consegue sentir, que é o fato de que as nuvens amarelas contêm mais enxofre do que o habitual. Tampouco conta o que sabe, que é o fato de que, se chover agora, a floresta que circunda Castrima e no momento fornece uma porção significativa dos alimentos da comu morrerá. Em algum lugar ao norte, a fenda que Alabaster abriu simplesmente expeliu uma grande lufada de gás de algum bolsão subterrâneo há muito enterrado. Cutter, que subiu com você e Hjarka, olha para você, o rosto cuidadosamente sem expressão; ele também sabe. Mas também não diz nada, e você acha que sabe por quê: por conta do guarda e sua melancólica esperança de que as coisas estejam melhorando. Seria cruel acabar com essa esperança antes que ela desvaneça por si própria. Você gosta mais de Cutter devido a esse instante de gentileza compartilhada.

Então você vira um pouco a cabeça e esse sentimento desaparece. Há outro comedor de pedras por perto, espreitando à sombra de uma casa não muito longe. Esse é macho, de mármore amarelo manteiga com veios marrons, com um cabelo encaracolado tom de bronze. Ele não está se aproximando de ninguém, não está se mexendo, e você não o teria sequer notado se não fosse pelo metal brilhante de seu cabelo, tão chamativo contra a neblina do dia. Você se pergunta, pela terceira ou quarta vez, por que eles se aglomeram ao redor de Castrima. Será que estão tentando ajudar, como Hoa ajuda você? Será que estão esperando que mais de vocês se transformem em pedra deliciosa e mastigável? Será que estão só entediados?

Você não consegue lidar com essas criaturas. Você tira Mármore de Manteiga da cabeça, desvia o olhar e, mais tarde, quando está pronta para descer e olha outra vez, ele sumiu.

Vocês três estão aqui em cima, seguindo um dos Caçadores pela floresta porque querem que vocês venham e vejam uma coisa. Ykka não veio junto porque está mediando uma disputa entre os Costas-fortes e os Resistentes a respeito da duração dos turnos ou algo assim. Lerna não está aqui porque começou a dar aula sobre o tratamento de feridas para qualquer um que quisesse participar. Hoa não está aqui porque continua sumido, como tem estado há uma

semana. Mas com você estão sete dos Costas-fortes de Castrima, dois Caçadores e a mulher branca e loira que você conheceu no seu primeiro dia em Castrima e que se apresentou como Esni. Ela foi aceita na comu como Costas-forte, apesar de pesar pouco mais de 45 quilos e ser mais pálida que a cinza. Acontece que ela era a chefe de um clã de vaqueiros antes da Fenda, o que significa que sabe domar animais grandes e pessoas com egos descomunais. Ela e o seu povo se juntaram voluntariamente a Castrima porque ficava muito mais perto do que sua comu natal lá nas Antárticas. A carne seca mantida em conserva e curada com sal do restante de seu último rebanho constituiu a única reserva de carne de Castrima desde a Fenda.

Ninguém conversa durante a caminhada. O silêncio da floresta, exceto pelo rumorejo de pequenas criaturas em meio à vegetação rasteira e o ocasional toc-toc de animais que perfuram a madeira à distância, exige mais do mesmo. A mata está mudando, você vê à medida que anda pesadamente por ela. As árvores mais altas perderam as folhas há meses, a seiva desce para proteger contra o frio que invade e a superfície do solo está ficando ácida. Mas, proporcionalmente, os arbustos e as árvores de porte médio desenvolveram uma folhagem mais densa, absorvendo o pouco de luz que conseguem, às vezes dobrando as folhas para baixo à noite para derrubar a cinza. Isso torna a cinza mais fina fora das estradas, tanto que às vezes você consegue ver o chão atulhado.

O que é bom, porque faz as partes mais recentes da paisagem se destacarem muito mais: os aglomerados de terra. Eles têm mais ou menos um metro, em geral, feitos com cinza cimentada, folhas e galhos e, em um dia mais claro como este, são fáceis de avistar porque soltam um leve vapor. De vez em quando, você vê ossinhos, os restos de patas ou rabos, projetando-se da base de cada montículo. Ninhos de fervilhões. Não muitos... Mas você não se lembra de ter visto nenhum na semana anterior, quando passou por essa área da floresta (você teria sentido o calor). É um lembrete de que, ao passo que a maioria das plantas e dos animais luta para sobreviver em uma Estação, alguns raros fazem mais do que isso: privados de seus predadores habituais e dotados das condições ideais, eles prosperam, reproduzindo-se descontroladamente onde

quer que consigam encontrar uma fonte de alimento, confiando no grande número para garantir a continuidade da espécie.

Independentemente de qualquer coisa, isso não é nada bom. Você se flagra verificando seus sapatos com frequência e nota que os outros estão fazendo o mesmo.

Então, vocês chegam ao alto de um cume que dá para uma bacia de floresta que se espalha. Está claro que a bacia fica fora da zona de proteção mantida pelos orogenes de Castrima, porque amplas faixas da floresta aqui estão devastadas e mortas como consequência da Fenda. Você seria capaz de enxergar centenas de quilômetros se não fosse pela cinza, mas, já que está um dia tão claro e de pouca cinza, você consegue ver talvez algumas dezenas. É o bastante.

Porque ali, indistinto sob a luz dourada, você percebe algo sobressaindo em meio à floresta devastada: um punhado do que devem ser árvores novas sem casca ou galhos compridos colocados no chão em uma tentativa de fazer com que ficassem retos, embora muitos se enverguem para um lado ou para o outro. Na ponta de cada um, há um pedaço de tecido vermelho escuro agitando-se para chamar a atenção. Você não consegue distinguir se o vermelho é tintura ou alguma outra coisa porque, em cada uma dessas estacas, há um corpo. As estacas saem da boca e de outras partes dos corpos; estão empalados.

— Não é o nosso povo — diz Hjarka. Ela está olhando através de lentes de distância, ajustando-as enquanto um dos Caçadores perambula ali por perto com as mãos meio erguidas para pegar o precioso instrumento caso Hjarka se atrapalhe com ele ou, conhecendo Hjarka, caso jogue a coisa fora. — Quero dizer, é difícil distinguir daqui, mas não os reconheço e acho que nunca mandamos ninguém para tão longe. E eles parecem imundos. Um bando de sem-comu, talvez.

— Um bando com o olho maior que a barriga.

— Todas as nossas patrulhas já estão contabilizadas — diz Esni, cruzando os braços. — Eu não fico de olho em ninguém a não ser os Costas-fortes; quero dizer, os Caçadores têm suas próprias tarefas... Mas a gente nota as idas e vindas. — Ela já examinou os corpos através das lentes de distância, e foi decisão dela que

membros da liderança da comu fossem trazidos lá para cima para verem por si mesmos. — Suponho que os culpados sejam viajantes. Um grupo atrasado tentando voltar para uma comu natal, mais bem-armados do que os sem-comu que os atacaram. E mais sortudos.

— Viajantes não fariam isso — diz Cutter, calmo. Ele costuma ser calmo. Hjarka é quem você sempre espera que seja difícil, mas, na verdade, ela é previsível e muito mais tranquila do que a aparência impetuosa poderia sugerir. Cutter, no entanto, se opõe a quase tudo que você, Ykka ou os outros sugerem. Ele esconde um ferrugentinho teimoso por trás daquela atitude calma. — A empalação, quero dizer. Não há motivo para se demorar tanto. Alguém gastou tempo cortando aquelas varas, afiando, cavando buracos para colocá-las, posicionando as estacas para que pudessem ser vistas a quilômetros à volta. Viajantes... viajam.

Também é muito mais difícil interpretar Cutter do que Hjarka, você se dá conta agora. Hjarka é uma mulher que nunca conseguiu esconder a amplitude e o vigor do que é, então ela nem se dá ao trabalho de tentar. Cutter é um homem que passou a vida encobrendo a força de montanhas por trás de uma aparência superficial de brandura. Agora você sabe como isso é visto, de fora. Mas ele tem razão.

— O que você acha que é, então? — Você dá um palpite. — Outro bando de sem-comu?

— Eles também não fazem essas coisas. A esta altura, não estão mais desperdiçando corpos.

Você estremece e vê várias outras pessoas no grupo suspirando ou se remexendo. Mas é verdade. Ainda há animais para caçar, mas os que não estão hibernando são ferozes o suficiente ou encouraçados o suficiente ou tóxicos o suficiente para se tornarem uma presa muito custosa para qualquer um a não ser caçadores muito bem preparados. Os sem-comu raramente têm balestras em bom funcionamento, e o desespero atrapalha as ações furtivas. E, como mostraram os fervilhões, existem novos concorrentes às carcaças.

Claro, se Castrima não encontrar uma nova fonte de carne logo, você e os outros também não desperdiçarão mais corpos. Esse estremecimento serviu a vários propósitos.

Hjarka enfim abaixa as lentes de distância.

— É — ela suspira, respondendo para Cutter. — Droga.

— O quê? — De repente você se sente estúpida, como se todos houvessem começado a falar em outra língua.

— Alguém está marcando território. — Hjarka gesticula com as lentes de distância, encolhendo os ombros; o Caçador habilmente as arranca de sua mão. — Fazer isso é um alerta, mas não para outros sem-comu, que não ligam a mínima e provavelmente vão tirar os corpos de lá para lançar. Para *nós*. Para ficarmos sabendo o que eles vão fazer se ultrapassarmos as fronteiras deles.

— A única comu naquela direção é Tettehee — diz um dos Caçadores. — Eles são amigáveis, tem sido há anos. E não somos ameaça para eles. Não existe muita água para aqueles lados para sustentar outras comus; o rio segue para o norte.

Norte. Isso a incomoda. Você não sabe por quê. Não há motivo para mencionar isso aos outros, mas...

— Quando foi a última vez que tiveram notícias de Tettehee? — O silêncio a saúda, e você olha ao redor. Todos estão encarando. Bem, isso responde a sua pergunta. — Precisamos enviar alguém para Tettehee então.

— Alguém que pode acabar em uma estaca? — Hjarka olha para você. — Ninguém é dispensável nesta comu, *recém-chegada*.

É a primeira vez que você provoca a ira dela, e é muita ira. Ela é mais velha, maior e, além dos seus dentes afiados, há o olhar dela, com seus olhos pretos e ferozes. Mas, de algum modo, ela faz você lembrar de Innon, de forma que você sente qualquer coisa, menos raiva, em resposta.

— Vamos ter que enviar um grupo de negociadores de qualquer maneira. — Você diz isso com tanta delicadeza quanto possível, o que faz Hjarka piscar os olhos. Essa é a inevitável conclusão de todas as conversas que vocês tiveram nos últimos tempos a respeito do agravamento do déficit de carne da comu. — É melhor usarmos esse alerta para garantir que o grupo esteja armado e seja grande o suficiente para que ninguém possa confrontá-los sem pagar por isso.

— E se quem fez isso tiver um grupo maior e mais armado?



As coisas nunca têm a ver só com a força durante uma Estação. Você sabe disso. Hjarka sabe disso. Mas você diz:

— Mande um orogene com eles.

Ela pisca, verdadeiramente surpresa, depois ergue uma das sobancelhas.

— Que vai matar metade do nosso pessoal tentando defendê-los?

Você dá as costas para ela e estende uma das mãos. Nenhum deles se afasta de você, mas nenhum deles é de uma comu grande o bastante para ter recebido visitas frequentes de Orogenes Imperiais; eles não sabem o que o seu gesto significa. Eles ofegam, porém, afastam-se e murmuram quando você produz uma espiral de dois metros de largura no mato rasteiro a alguns passos de distância. Cinza e folhas mortas rodopiam em um demônio de poeira, cintilando com gelo à sulfúrea luz da tarde. Você não precisava fazê-la girar tão rápido. Só está sendo dramática.

Depois você usa o que absorveu daquela espiral e vira, apontando para o local onde estão os corpos empalados lá embaixo na bacia. A essa distância, é impossível dizer o que está acontecendo a princípio, mas então as árvores na área estremecem e as varas começam a balançar descontroladamente. Um instante depois, abre-se uma fissura, e você derruba as varas e os seus pavorosos ornamentos no chão. Você junta as mãos — devagar, para não alarmar ninguém — e as árvores param de estremecer. Mas, um momento depois, todos começam a sentir uma leve vibração na crista onde vocês estão porque você deixou um pouco do tremor secundário vir nessa direção. Você também não precisava ter feito isso. Você só tinha que comprovar o seu argumento.

É louvável que Hjarka pareça apenas impressionada e não alarmada quando você abre os olhos e se vira para ela.

— Legal — ela diz. — Então você consegue congelar alguém sem matar todo mundo à sua volta. Mas, se todos os roggas conseguissem fazer isso, as pessoas não teriam problemas com os roggas.

Você odeia muito essa palavra ferrugenta, não importa o que Ykka pense.

E você não sabe ao certo se concorda com a avaliação de Hjarka. As pessoas têm problemas com os roggas por vários motivos que não têm nada a ver com a orogenia. Você abre a boca para responder... e então para. Porque consegue entender a armadilha que Hjarka preparou, a única forma como essa conversa vai terminar, e você não quer falar disso... mas é impossível evitar. Droga ferrugenta.

Então é desse modo que você acaba ficando encarregada de uma espécie de novo Fulcro.

• • •

— É uma estupidez — diz Alabaster.

Você suspira.

— Eu sei.

É o dia seguinte, e vocês estão tendo outra conversa sobre o princípio do irreal: como um obelisco funciona, como sua estrutura cristalina imita as estranhas ligações de poder entre as células de um ser vivo e como há teorias sobre coisas menores do que as células, embora ninguém as tenha visto nem consiga provar que elas existem.

Você têm essas conversas com Alabaster todos os dias, entre o seu turno de trabalho da manhã e a politicagem da noite, porque ele está tomado de uma sensação de urgência estimulado pela iminência de sua própria mortalidade. As sessões não duram muito porque a força de Alabaster é limitada. E as conversas até agora não foram muito úteis, em grande parte porque Alabaster é um péssimo professor. Ele vocifera ordens e dá sermões, nunca respondendo as suas perguntas quando você as faz. Ele é impaciente e ríspido. E, embora parte disso possa ser atribuída à dor que ele está sentindo, o resto é apenas Alabaster sendo ele mesmo. Ele realmente não mudou.

Você com frequência se surpreende com o quanto sentiu falta dele, o velho babaca irascível. E, por conta disso, você se controla... por algum tempo, de qualquer forma.

— Alguém precisa mesmo ensinar os mais novos — você diz. A maioria dos orogenes da comu são crianças ou adolescentes, simplesmente porque a maioria dos selvagens não sobrevive à

infância. Você ouviu rumores de que alguns dos orogenes mais velhos estão ensinando-os, ajudando-os a aprender como não congelar as coisas quando batem os dedões, e ajuda o fato de Castrima ser tão estável quanto os Equatoriais foram um dia. Mas são selvagens ensinando selvagens. — E se eu não conseguir fazer o que quer que você esteja insistindo que eu faça...

— Nenhum deles vale uma ferrugem. Você sensaria isso por conta própria, se você se desse ao trabalho de prestar um pouco de atenção neles. Não é só sobre habilidade, é também talento natural; essa é a grande razão pela qual o Fulcro nos fazia procriar, Essun. E a maioria deles nunca será capaz de passar da redistribuição de energia. — Esse é o termo que vocês dois inventaram para a orogenia feita com calor e energia cinética... o jeito do Fulcro. O que Alabaster está tentando ensinar a você agora, e você está tendo dificuldade para aprender porque se baseia em coisas que não fazem sentido nenhum, é algo que vocês começaram a chamar de *redistribuição mágica*. Esse termo também não está certo, não é redistribuição, mas vai servir até que você o entenda melhor.

Alabaster ainda está falando sobre a aula de orogenia que você concordou em dar e sobre as crianças que vão participar.

— É um desperdício do seu tempo dar aula para eles.

Essa reprovação inexplicavelmente começa a esgotar a sua paciência.

— Nunca é desperdício de tempo educar os outros.

— Falou como uma simples professora de creche. Ah, espera aí.

É golpe baixo desrespeitar a vocação que lhe deu anos de camuflagem. Você deveria deixar pra lá, mas arde como sal em um corte feito por vidro, e você retruca com rispidez.

— Pare. Com. Isso.

Alabaster pisca os olhos, e depois, tanto quanto lhe é possível, faz uma carranca.

— Não tenho muito tempo para ficar paparicando, Syen...

— *Essun*. — Neste exato momento, aqui, isso importa. — E eu não me importo uma ferrugem se você está morrendo. Você não tem o direito de falar comigo assim. — E se levanta, porque, de repente, para você *já chega* dessa ferrugem.

Ele a encara. Antimony está lá como sempre, apoiando-o em silêncio, e os olhos dela se deslocam para você por um instante. Você pensa ver surpresa neles, mas isso provavelmente é apenas projeção.

— Você não se importa se eu estou morrendo.

— Não, não me importo. Por que ferrugens eu deveria? Você não se importa se qualquer um de nós morrer. Você *fez isso com a gente*. — Lerna, na outra extremidade da sala, levanta os olhos e franze as sobrancelhas, e você se lembra de abaixar a voz. — Você vai morrer mais rápido e mais fácil do que o resto de nós. *A gente* vai passar fome até morrer, bem depois de você ter virado poeira na cinza. E se você não quer se dar ao trabalho de me ensinar nada de fato, então vá se ferrar; vou descobrir como consertar as coisas sozinha!

Então você já atravessou metade da enfermaria, com seus passos vigorosos e seus punhos cerrados ao lado do corpo, quando ele diz bruscamente:

— Saia por esta porta e você *vai* morrer de fome. Fique e terá uma chance.

Você continua andando, gritando por sobre o ombro:

— Você descobriu um jeito!

— Demorei dez anos! E... maldita ferrugem escamada, sua cabeça-dura, coração de gelo...

O geodo sacode. Não só o prédio da enfermaria, mas a porcaria da coisa inteira. Você ouve gritos de alarme do lado de fora, e essa é a gota d'água. Você para e cerra os punhos e lança uma contra-espiral contra o fulcro que ele posicionou bem embaixo de Castrima. Não desloca o dele; você ainda não é precisa o suficiente para isso e, de qualquer forma, está irritada demais para tentar com muito afinco. Contudo, o movimento cessa... seja porque você o deteve ou porque o surpreendeu tanto que ele parou, você não se importa.

Depois você volta, avançando contra ele com tanta fúria que Antimony desvanece e de repente está de pé ao lado dele, uma silenciosa sentinela dando um aviso. Você não se importa com ela e não se importa que Alabaster esteja curvado de novo, produzindo um chiado baixo e exausto, nem com nada que envolva aquilo.

— Escuta aqui, seu babaca egoísta — você fala com rispidez, abaixando-se de modo que a comedora de pedras seja a única a ouvir. Bas está tremendo, visivelmente com dor e, um dia antes, isso teria sido o suficiente para deter você. Agora você está irritada demais para ter pena. — Eu tenho que morar aqui, mesmo que você só esteja esperando para morrer e, se fizer essas pessoas nos odiarem porque não consegue se controlar...

Espere. Você vai parando de falar, distraída. Desta vez, você consegue ver a mudança à medida que ela acontece no braço dele: o esquerdo, que havia sido maior. A pedra que há nele vai subindo devagar, progressivamente, produzindo um rangido mínimo ao passo que transmuta carne em outra coisa. E quase contra a sua vontade você muda a visão como ele lhe ensinou, procurando entre as gélidas bolhas nele por aquelas indefiníveis tentáculos gavinhas. Você vê, de súbito, que elas estão mais brilhantes, quase como metal prateado, estreitando-se em uma treliça e alinhando-se de um modo novo que você nunca viu antes.

— Você é uma ferrugenta tão arrogante — diz ele com rispidez por entre os dentes. Isso rompe o seu assombro quanto ao braço dele, substituindo-o por afronta devido ao fato de que *ele*, entre todas as pessoas, chamou *você* de arrogante. — *Essun*. Você age como se fosse a única que cometeu erros, a única que já morreu por dentro e teve que continuar. Você não sabe nada, não ouve nada...

— Porque você não me conta nada! Você espera que eu te escute, mas você não compartilha, você só faz exigências e declarações e, e... e eu não sou criança! Pela Terra Cruel, eu não falaria assim nem com uma criança!

*(Há uma parte traidora em você que sussurra: Só que você falou. Você falou com Nassun desse jeito. E a parte leal responde com rispidez: Porque ela não teria entendido. Ela não estaria segura se você tivesse sido mais gentil, mais lenta. Foi para o próprio bem dela, e...)*

— É para o seu próprio bem ferrugento — Alabaster chia. A progressão da pedra no braço dele parou, pouco mais de dois centímetros desta vez. Sorte. — Estou tentando protegê-la, em nome da Terra!

Você para, encarando-o, e ele a encara de volta, e o silêncio recai.

Ouve-se, atrás de você, o tinido de algo pesado e metálico sendo colocado sobre uma superfície. Isso faz você virar-se e olhar para Lerna, que está olhando para vocês e cruzou os braços. A maioria das pessoas de Castrima, mesmo os orogenes, não vai saber do que se tratou a sacudida, mas ele sabe porque viu a linguagem corporal, e agora você vai ter que explicar coisas para ele... com sorte antes que ele misture a próxima tigela de papa de Alabaster com algo tóxico.

É um lembrete de que não são os velhos tempos e de que você não pode reagir de acordo com os velhos hábitos. Se Alabaster não mudou, então cabe a você. Porque você mudou.

Então você se endireita e respira fundo.

— Você nunca ensinou nada para ninguém, não é?

Ele pisca os olhos, franzindo a testa, aparentemente desconfiado da sua mudança de tom.

— Eu ensinei você.

— Não, Alabaster. Naquela época, você fazia coisas impossíveis e eu só observava e tentava não morrer quando imitava você. Mas você nunca tentou disseminar informação de propósito para outro adulto, não é? — Você sabe a resposta mesmo sem ele dizer, mas é importante que ele diga. Isso é uma coisa que ele precisa aprender.

Ele mexe um músculo do maxilar.

— Eu tentei.

Você dá risada. O tom defensivo na voz dele lhe diz tudo. Após mais um momento de reflexão, além de uma respiração profunda para organizar o seu autocontrole, você se senta de novo. Isso deixa Antimony pairando sobre vocês dois, mas você tenta ignorá-la.

— Escuta — você diz. — Você precisa me dar uma razão para confiar em você.

Ele estreita os olhos.

— Você ainda não confia em mim a essa altura?

— Você destruiu o mundo, Alabaster. Você me disse que quer que eu piore as coisas. Não ouvi muita coisa que me convencesse a “obedecer sem questionar”.

Ele infla as narinas. A dor de se tornar pedra parece ter desvanecido, embora ele esteja encharcado de suor e com a respiração ainda pesada. Mas então algo na expressão dele também se modifica e, um instante depois, ele desmorona, na medida do possível.

— Eu o deixei morrer — ele murmura, desviando o olhar. — Claro que você não confia em mim.

— Não, Alabaster. Os Guardiões mataram Innon.

Ele dá um meio sorriso.

— Ele também.

Então você sabe. Dez anos e é como se o tempo não houvesse passado nem um pouco.

— Não — você diz outra vez. Mas dessa vez é mais suave. Sem força. Ele disse que não a perdoaria por Corundum... mas talvez você não seja a única que ele não perdoa.

Passa-se um longo período de silêncio.

— Tudo bem — ele diz enfim. Sua voz é bem tênue. — Vou te contar.

— O quê?

— Onde eu estive nos últimos dez anos. — Ele olha para Antimony, que ainda paira sobre eles dois. — Do que se trata tudo isso.

— Ela não está pronta — diz a comedora de pedras. Você se sobressalta ao ouvir a voz dela.

Alabaster tenta dar de ombros, contrai-se quando sente uma pontada em alguma parte do corpo e suspira.

— Eu também não estava.

Antimony olha para vocês dois. Não é muito diferente do modo como ela estava encarando você desde que voltou, mas parece mais contido. Talvez seja apenas projeção. Mas então, de repente, ela desaparece. Você vê acontecer desta vez. Sua forma fica borrada, tornando-se insubstancial, translúcida. Depois, ela cai no chão como se um buraco houvesse se aberto sob os pés dela. E some.

Alabaster suspira.

— Vem se sentar ao meu lado — ele diz.

Você franze a testa de imediato.

— Por quê?

— Para a gente transar de novo. Por que ferrugens você acha?

Você o amou um dia. Provavelmente ainda ama. Com um suspiro, você se levanta e vai até a parede. Cautelosamente, embora as costas dele não estejam queimadas, você se abaixa em uma posição confortável, depois apoia uma das mãos nas costas dele para mantê-lo ereto, da forma como Antimony tantas vezes faz.

Alabaster fica em silêncio por um momento, e então diz:

— Obrigado.

Depois... ele lhe conta tudo.



NÃO RESPIRE A CINZA FINA. NÃO BEBA A ÁGUA VERMELHA. NÃO CAMINHE POR MUITO TEMPO EM SOLO QUENTE.

— *TÁBUA UM. “DA SOBREVIVÊNCIA”, VERSÍCULO SETE*





## 9

### *Nassun, necessária*

Porque você é Essun, eu não deveria ter que lembrá-la que tudo que Nassun conhecia antes de Lua Encontrada era Tirimo, e o mundo se escurecendo de cinzas que é a estrada durante uma Quinta Estação. Você conhece sua filha, não conhece? Deveria ser óbvio, portanto, que a Lua Encontrada se torna algo que ela nunca antes acreditou ter: um verdadeiro lar.

Não é uma comu nova. No centro fica o vilarejo de Jekity, que era uma cidade antes da Estação da Asfixia uns cem anos atrás. Durante aquela Estação, o Monte Akok cobriu as Antárticas de cinza... Mas não foi isso que quase matou Jekity, já que a cidade tinha vastas provisões e robustos muros de madeira e ardósia naquela época. A cidade de Jekity morreu devido a uma combinação de erros humanos: uma criança, ao acender um lampião, derrubou óleo, o que provocou um incêndio que se alastrou pela extremidade oeste da comu e queimou um terço dela até as pessoas conseguirem controlá-lo. O chefe da comu morreu no incêndio e, quando três candidatos qualificados se voluntariaram para tomar o lugar dele, o facciosismo e as brigas internas significaram que a parte queimada do muro não foi reconstruída rápido o bastante. Uma multidão de tibbits (animais pequenos e peludos que se aglomeram como formigas quando a comida é escassa o bastante) entrou na comu e tomou conta de qualquer um

que demorasse demais para sair do chão... incluindo os esconderijos de provisões da comu que estavam ao nível do solo. Os sobreviventes se mantiveram por algum tempo com o que havia sobrado, depois passaram fome. Quando o céu clareou, cinco anos mais tarde, restavam menos de cinco mil almas das cem mil que havia no começo da Estação.

A Jekity de hoje é ainda menor. Os reparos mal feitos e desajeitados no muro durante a Asfixia ainda estão no lugar e, embora as provisões tenham sido ampliadas e reabastecidas o suficiente para atender aos padrões imperiais, isso só ocorreu no papel: a comu fez um trabalho péssimo em alternar provisões velhas e estragadas e guardar novas provisões. Estranhos raramente pediram para se juntar a Jekity ao longo dos anos. Mesmo para os padrões antárticos, a comu é vista como malfadada. Os jovens em geral partem para, por meio de uma conversa ou um casamento, conseguir entrar em outra comunidade em crescimento, onde os empregos são mais abundantes e a lembrança do sofrimento não é duradoura. Quando Schaffa encontrou essa pacata comu de cultivo em terraços e convenceu a então chefe Maite a permitir que ele estabelecesse uma unidade especial de Guardiões dentro dos muros da comu, ela esperava que isso fosse o começo de uma reviravolta para o seu lar. Guardiões são uma aquisição saudável para qualquer comu, não são? E, de fato, há agora três Guardiões em Jekity, incluindo Schaffa, e nove crianças orogenes de idades variadas. Havia dez, mas, quando uma das crianças causou um breve, porém poderoso terremoto em meio a uma birra certa noite, essa criança desapareceu. Maite não fez perguntas. É bom saber que os Guardiões estão fazendo o trabalho deles.

Nassun e seu pai não sabem disso quando entram na comu, embora os outros acabem contando. Os curadores (um médico idoso e um herbalista da floresta) levaram sete dias para fazer com que Jija deixasse de correr perigo, porque ele contraiu uma febre não muito depois da cirurgia na ferida. Nassun cuida dele o tempo todo. No entanto, quando fica claro que ele vai sobreviver, Schaffa os apresenta a Maite, que fica encantada em saber que Jija é britador. A comu não tem um há várias décadas, então eles vinham enviando pedidos a britadores da comu de Deveteris, a pouco mais

de trinta quilômetros de distância. Há uma casa velha e vazia na comu com uma fornalha anexa e, embora uma forja fosse mais útil, Jija lhe diz que consegue fazê-la funcionar. Maite espera um mês para ter certeza e ouve quando seu povo lhe conta que Jija é educado e amigável e sensato. Ele também é fisicamente saudável, uma vez que está se recuperando daquela ferida como um verdadeiro Resistente e já que conseguiu sobreviver à estrada sem nenhuma companhia além de uma garotinha. Todos notam como sua filha é bem-comportada e dedicada também... nada do que se esperaria de uma rogga. Dessa forma, ao final do mês, Jija recebe o nome de *Jija Resistente Jekity*. Eles fazem sua iniciação com uma cerimônia que a maioria da comu nunca viu antes, de tanto tempo que faz desde a última vez que alguém novo se juntou à comu. A própria Maite teve que procurar os detalhes da cerimônia em um velho livro de sabedorismo. Em seguida, eles dão uma festa, o que é muito bom. Jija lhes diz que se sente honrado.

Nassun continua sendo apenas *Nassun*. Ninguém a chama de Nassun Resistente Tirimo, embora ela ainda se apresente desse modo quando conhece pessoas novas. O interesse de Schaffa nela é simplesmente óbvio demais. Mas ela não causa nenhum problema, então as pessoas de Jekity são amigáveis com ela da mesma maneira como são com Jija, embora de uma forma um pouco mais cautelosa.

São as outras crianças orogenes que descaradamente acolhem Nassun por tudo o que ela é.

O mais velho é um garoto costeiro chamado Eitz, que fala com um estranho sotaque entrecortado que Nassun acha exótico. Ele tem dezoito anos, é alto, tem o rosto comprido e, se há uma eterna sombra em sua expressão, ela não estraga sua beleza aos olhos de Nassun. É ele quem dá as boas vindas a Nassun no primeiro dia depois que fica claro que Jija sobreviverá.

— Lua Encontrada é a *nossa* comunidade — ele diz com uma voz grave que faz o coração de Nassun acelerar, levando-a para o pequeno complexo que o pessoal de Schaffa construiu perto do muro mais fraco de Jekity. Fica no alto de uma colina. Ele a conduz até um par de portões que se abrem à medida que eles se aproximam. — Yumenes tinha o Fulcro, Jekity tem isto: um lugar

onde você pode ser você mesma e sempre estar em segurança. Schaffa e os outros Guardiões também estão aqui para nos apoiar, lembre-se. Isto é nosso.

Lua Encontrada tem seus próprios muros, formados a partir das hastes de coluna rochosa que predomina nessa área... Mas essas têm uma estrutura uniformemente dimensionada e perfeitamente regular. Nassun não precisa sequer sensá-las para perceber que foram erguidas por meio de orogenia. Dentro do complexo, há um punhado de pequenos prédios, alguns deles novos, mas a maioria composta de partes da antiga Jekity que foram abandonadas à medida que a população da comu foi diminuindo. O que quer que costumassem ser, foram transformados desde então em uma casa para os Guardiões, um refeitório, uma ampla área coberta para prática, vários depósitos ao nível do solo e um dormitório para as crianças.

Nassun fica fascinada com as outras crianças. Duas são costeiras do oeste, pequenas e morenas e de cabelo preto e de olhos puxados. Irmãs, e parecem ser irmãs, chamadas Oegin e Ynegen. Nassun, que nunca viu costeiros do oeste antes, fica olhando até se dar conta de que elas, por sua vez, ficam olhando-a. Elas pedem para tocar seu cabelo e ela pede para tocar o delas. Isso as faz perceber o quanto esse pedido é estranho e bobo, e elas dão risadinhas e se tornam amigas na mesma hora sem que nenhuma passe a mão na cabeça da outra. Também há Paido, outro latmediano do sul, que parece ter herdado mais do que só um pouco dos antárticos, pois seu cabelo é amarelo reluzente e sua pele é tão branca que quase brilha. Os outros caçoam dele por conta disso, mas Nassun lhe diz que às vezes ela também fica queimada de sol (embora cuidadosamente não mencione que demora boa parte do dia em vez de alguns minutos), e o rosto dele se ilumina.

As outras crianças são todas de comus mais meridionais das Latmedianas do Sul, e todas têm visíveis traços sanzede. Deshati estava em treinamento para se tornar britadora antes de os Guardiões a encontrarem e pergunta a Nassun todo tipo de coisa sobre seu pai. (Nassun a alerta para não falar diretamente com Jija. Deshati entende de imediato, embora fique triste com isso.) Wudeh fica doente quando come certos tipos de grãos e é muito pequeno e

frágil por não consumir bons alimentos em quantidade suficiente, embora sua orogenia seja a mais forte do grupo. Lashar olha para Nassun com frieza e zomba de seu sotaque, embora Nassun não consiga distinguir qual a diferença entre o modo como ela fala e o modo como Lashar fala. Os outros lhe contam que é porque o avô de Lashar era equatorial e a mãe dela é líder em uma comu local. Lamentavelmente, Lashar é uma orogene, então nada disso importa... Mas sua criação se faz notar.

Esquiva não é o nome de Esquiva, mas ela não conta a ninguém o seu nome de verdade, então começaram a chamá-la assim depois que ela tentou escapar dos afazeres uma tarde (ela já não tenta mais, mas o nome pegou). Olhadinha foi apelidada de maneira semelhante, porque ela é extremamente tímida e passa a maior parte do tempo escondendo-se atrás de outras pessoas. Ela só tem um olho, e uma cicatriz terrível de cima a baixo do lado do rosto — onde sua avó tentou esfaqueá-la, sussurram os outros quando Olhadinha não está por perto. Seu nome verdadeiro é Xif.

Nassun é a décima, e eles querem saber tudo sobre ela: de onde veio, que tipo de comida gosta de comer, como era a vida em Tirimo, se já pegou um filhote de kirkhusa nos braços porque eles são tão macios. E, sussurrando, perguntam sobre outras coisas, quando fica claro que Schaffa a favorece. O que ela fez no dia da Fenda? Como aprendeu a ter tanta habilidade com a orogenia? É dessa forma que ela descobre que é raro os da sua espécie nascerem de pais orogenes. Wudeh é o que tem uma experiência mais próxima a essa, porque sua tia percebeu o que ele era e ensinou-lhe o que pôde em segredo, mas isso não chegava a muito mais do que como não congelar as pessoas por acidente. Alguns dos outros só aprenderam essa lição da maneira difícil... e Oegin fica muito calada durante essa conversa. Deshati na verdade não sabia que era orogene até a Fenda, o que Nassun acha incompreensível. Ela é quem faz mais perguntas, mas discretamente, quando os outros não estão por perto, e com um tom de vergonha.

Outra coisa que Nassun descobre é que ela é muito, muito, *muito* melhor do que qualquer um deles. Não é só questão de treinamento. Eitz teve mais anos de treinamento do que ela e, no

entanto, sua orogenia é tão delgada e frágil quanto o corpo de Wudeh. Eitz sabe controlá-la, o suficiente para não fazer estrago, mas também não consegue fazer muita coisa útil com ela, como encontrar diamantes ou fazer um ponto frio para ocupar em um dia quente ou cortar um arpão. Os outros ficam olhando quando Nassun tenta explicar esse último, e então Schaffa se afasta da parede de um prédio próximo (um dos Guardiões está sempre observando enquanto eles se reúnem e treinam e brincam) para levá-la a uma caminhada.

— O que você não entende — diz Schaffa, pondo uma das mãos no ombro dela enquanto caminham — é que a aptidão de um orogene não é apenas uma questão de prática, mas de habilidade nata. Já se fez tanto para tirar esse dom do mundo através da reprodução. — Ele suspira um pouco, soando quase desapontado. — Restam poucos que nascem com um alto nível de habilidade.

— Meu pai matou meu irmão por causa disso — conta Nassun. — Uche tinha mais orogenia do que eu. Mas a única coisa que ele fazia era ouvir através dela e dizer coisas estranhas às vezes. Ele me fazia rir.

Ela pronuncia as palavras baixinho, porque ainda dói dizê-las e porque ela as proferiu tão raras vezes. Jija nunca quis ouvir isso, então ela não teve ninguém com quem pudesse conversar sobre a sua dor até agora. Eles estão perto dos terraços da parte sul de Jekity, sucessivas plataformas bem acima do solo do vale de uma planície de lava. Os terraços ainda estão cheios de plantações de grãos, verduras e feijão. Algumas das plantas estão começando a parecer doentes por conta da diminuição da luz solar. Esta provavelmente será a última colheita antes que a nuvem de cinzas fique densa demais.

— Sim. E isso é uma tragédia, pequenina; sinto muito. — Schaffa suspira. — Meus irmãos fizeram seu trabalho bem demais, eu acho, ao alertar a população sobre os perigos de um orogene não treinado. Não que qualquer um desses alertas fosse falso. Só... exagerados, talvez. — Ele encolhe os ombros. Ela sente um lampejo de raiva do fato de que esse *exagero* seja o motivo pelo qual seu pai olhe para ela com tanto ódio às vezes. Mas a raiva é

vaga, sem direção; ela odeia o mundo, não alguém em particular. É muita coisa para odiar.

— Ele acha que eu sou má — ela se vê dizendo.

Schaffa olha para ela por um longo instante. Há algo confuso em seu olhar por um momento, um modo interrogador de franzir a testa que ele tem de vez em quando. De maneira não muito intencional, Nassun o sensa em um ato fugaz, e sim... aqueles estranhos fios prateados estão reluzindo dentro dele de novo, enlaçando-se em sua carne e dando puxões em sua mente a partir de algum lugar perto da parte de trás da cabeça. Ela para assim que sua expressão se desfaz, porque ele é extremamente sensível aos usos que ela faz da orogenia e não gosta que ela faça nada sem sua permissão. Mas, quando está sendo puxado pelos fios prateados, ele percebe menos.

— Você não é má — Schaffa fala com firmeza. — Você é exatamente como a natureza te fez. E isso é *especial*, Nassun... especial e poderoso de uma forma que é atípica mesmo para alguém da sua espécie. No Fulcro, você teria anéis a esta altura. Talvez quatro, ou até cinco. Para alguém da sua idade, é incrível.

Isso deixa Nassun feliz, embora não entenda de todo.

— Wudeh disse que os anéis do Fulcro vão até dez, é verdade? — Wudeh tem a mais falante dos três Guardiões, Nida, aquela com olhos de ágata. Nida às vezes diz coisas que não fazem sentido, mas, no restante do tempo, ela compartilha conhecimento útil, então todas as crianças aprenderam a simplesmente ignorar as bobagens.

— Sim, dez. — Por algum motivo, Schaffa parece descontente com isso. — Mas isto não é o Fulcro, Nassun. Aqui, você tem que treinar a si mesma, já que não temos orogenes seniores para treiná-la. E isso é bom, porque há... coisas que você pode fazer. — O rosto dele se contorce. Uma centelha de prata o perpassa outra vez, depois a tranquilidade retorna. — Coisas que precisamos que você faça, que... coisas que o treinamento do Fulcro não consegue fazer.

Nassun reflete sobre o assunto, ignorando o prateado por um instante.

— Coisas como fazer a minha orogenia sumir? — Ela sabe que o pai fez esse pedido a Schaffa.

— Isso seria possível quando você alcançasse certo ponto de desenvolvimento. Mas, para chegar a esse ponto, é melhor você aprender a usar os seus poderes sem preconceções. — Ele a olha de relance. A expressão dele é evasiva, mas, de algum modo, ela sabe: ele não quer que ela se transforme em uma quieta, mesmo que isso se torne possível. — Você teve sorte de ser filha de uma orogene habilidosa o suficiente para lidar com você quando era nova. Você deve ter sido muito perigosa quando bebê e nos primeiros anos de vida.

É a vez de Nassun encolher os ombros ao ouvir isso. Ela baixa o olhar e raspa com o pé uma erva que cresceu entre duas colunas de basalto.

— Acho que sim.

Ele olha para ela com o olhar se aguçando. O que quer que haja de errado com ele, e há algo de errado com todos os Guardiões de Lua Encontrada, desaparece sempre que ela tenta esconder alguma coisa dele. É como se ele pudesse sentir ofuscação.

— Me fale mais sobre a sua mãe.

Nassun não quer conversar sobre a mãe.

— Ela provavelmente está morta. — Parece provável, embora ela se lembre de ter sentido o esforço da mãe em desviar a Fenda para longe de Tirimo. Mas as pessoas teriam percebido isso, não teriam? Mamãe sempre alertou Nassun para não fazer orogenia durante um tremor, porque é assim que a maioria dos orogenes é descoberta. E Uche é o que acontece quando orogenes são descobertos.

— Talvez. — Ele inclina a cabeça de lado, como um pássaro. — Eu vi as marcas do treinamento do Fulcro na sua técnica. Você é... precisa. É incomum ver isso em um grão... — Ele se interrompe. Parece confuso outra vez por um momento. — Uma criança da sua idade. Como ela treinou você?

Nassun encolhe os ombros de novo, enfiando as mãos nos bolsos. Ele vai odiá-la se ela lhe contar. Se não odiar, ele com certeza vai perder estima por ela. Talvez desista dela.

Schaffa se mexe para se sentar na parede de um terraço próximo. Ele também continua observando-a, sorrindo educadamente. Esperando. O que faz Nassun pensar em uma



terceira possibilidade pior: e se ela se recusar a lhe contar e ele ficar bravo e expulsar ela e o pai de Lua Encontrada? Então ela não terá mais nada, exceto Jija.

E... ela dá outra olhada sorrateira em Schaffa. Ele franziu de leve a testa, não por desaprovação, mas por preocupação. A preocupação não parece falsa. Ele está preocupado com *ela*. Ninguém se mostra preocupado com ela há um ano.

Por isso, Nassun diz enfim:

— A gente ia para um lugar perto do fim do vale, longe de Tirimo. Ela dizia para o Papai que ia me levar para procurar ervas. — Schaffa aquiesce. Isso é algo que normalmente se ensina às crianças em comus fora da rede de ligação equatorial. Uma habilidade útil, caso venha uma Estação. — Ela chamava de um “momento só das meninas”. Papai dava risada.

— E vocês praticavam orogenia lá?

Nassun confirmou com a cabeça, olhando para as mãos.

— Ela conversava sobre isso comigo quando o Papai não estava em casa. “Conversa de meninas”. — Discussões sobre a mecânica das ondas e matemática. Testes intermináveis. Irritação quando Nassun não respondia rápido ou certo. — Mas na Ponta, o lugar para onde ela me levava, era só prática. Ela tinha desenhado círculos no chão. Eu tinha que empurrar uma rocha, e minha espiral não podia passar nem um pouco do quinto círculo, e depois do quarto, e depois do terceiro. Às vezes ela jogava a rocha em mim. — É aterrorizante ver uma rocha de três toneladas se deslocando ruidosamente em sua direção e se perguntar: “*Se eu não conseguir, será que a Mamãe vai parar?*”.

Ela havia conseguido, então a pergunta continua sem resposta.

Schaffa dá uma risadinha.

— Incrível. — Ao ver o olhar confuso de Nassun, ele acrescenta: — É exatamente assim que as crianças orogenes são... eram... treinadas no Fulcro. Mas parece que o seu treinamento foi consideravelmente acelerado. — Ele inclina a cabeça de novo, refletindo. — Se vocês tinham apenas sessões ocasionais de prática para escondê-las do seu pai...

Nassun aquiesce. Sua mão esquerda se fecha e então se abre outra vez, como que por conta própria.

— Ela disse que não havia tempo para me ensinar do jeito suave e que, de qualquer forma, eu era muito forte. Ela tinha que fazer o que fosse funcionar.

— Entendo. — No entanto, ela pode senti-lo observando-a, esperando. Ele sabe que há mais coisas. Ele dá a deixa: — Mas deve ter sido desafiador.

Nassun concorda com cabeça. Dá de ombros.

— Eu odiava. Gritei com ela uma vez. Disse que ela era maldosa. Disse que a odiava e que ela não podia me obrigar a fazer aquilo.

A respiração de Schaffa, quando a luz prateada não está balbuciando ou bruxuleando dentro dele, é surpreendentemente regular. Passou pela mente da garota antes que ele parece uma pessoa adormecida, de tão estável que é essa respiração. Ela o ouve respirar, não adormecido, mas calmo, não obstante.

— Ela ficou muito calada. Depois disse: “Você tem certeza que consegue se controlar?”. E pegou a minha mão. — Ela morde o lábio então. — Ela a quebrou.

A respiração de Schaffa para, só por um instante.

— A sua mão?

Nassun confirma com a cabeça. Ela passa um dedo sobre a palma, onde cada um dos longos ossos que conectam o pulso às juntas ainda dói às vezes, quando faz frio. Depois que ele não diz mais nada, ela pode continuar.

— Ela disse que não-não importava que eu a odiava. Não importava se eu não *queria* ser boa em orogenia. Então pegou a minha mão e me falou para não congelar nada. Ela tinha pegado uma pedra redonda e bateu na minha, minha... minha mão com ela. — O som da pedra atingindo a carne. Estalos úmidos enquanto a mãe alinhava os ossos. Sua própria voz gritando. A voz de sua mãe interrompendo a batida do sangue em seus ouvidos: “Você é fogo, Nassun. Você é relâmpago, perigosa a não ser quando é capturada por arame. Mas, se conseguir se controlar em meio à dor, eu saberei que você está a salvo.” — Eu não congelei nada.

Depois disso, sua mãe a levou para casa e disse a Jija que Nassun havia caído e se machucado feio. Fiel à sua palavra, ela nunca mais fez Nassun acompanhá-la à Ponta outra vez. Jija notou,

mais tarde, como Nassun ficou quieta aquele ano. “É só uma coisa que acontece quando as meninas começam a crescer”, Mamãe dissera.

Não. Se Papai era Jija, então Mamãe tinha que ser Essun.

Schaffa está muito calado. Porém, ele sabe o que ela é agora: uma criança tão teimosa que a própria mãe quebrou a mão dela para convencê-la. Uma menina cuja mãe nunca a amou, apenas *aprimorou*, e cujo pai só a amará de novo se ela conseguir fazer o impossível e tornar-se o que não é.

— Isso foi errado — diz Schaffa. Sua voz é tão suave que ela mal consegue ouvir. Nassun se vira para olhar para ele, surpresa. Ele está olhando para o chão, e há uma expressão estranha em seu rosto. Não o ar errante e confuso que ele assume às vezes. Isso é algo de que ele de fato se lembra, e sua expressão é de... culpa? Arrependimento. Tristeza. — É errado machucar alguém que você ama, Nassun.

Nassun o encara. Prende o fôlego e não se dá conta disso até que seu peito dói e ela é forçada a puxar o ar. É errado machucar alguém que você ama. É errado. É errado. Sempre foi errado.

Então Schaffa ergue uma das mãos em direção a ela. Ela a toma. Ele puxa, e ela cai voluntariamente, e então ele a envolve em seus braços em um abraço bem apertado e forte como seu pai não faz desde antes de matar Uche. Nesse momento, ela não se importa de que Schaffa não possa amá-la, uma vez que a conhece há apenas algumas semanas. Ela o ama. Precisa dele. Fará qualquer coisa por ele.

Com o rosto pressionado contra o ombro de Schaffa, Nassun sente quando a centelha prateada acontece outra vez. Desta vez, em contato com ele, ela também sente a ligeira contração de seus músculos. É apenas uma oscilação, e poderia ser qualquer coisa: uma picada de inseto, um arrepio devido à brisa que se esfria. Contudo, de algum modo, ela percebe que na verdade é dor. Franzindo a testa contra o seu uniforme, Nassun cautelosamente estende a mão até esse estranho lugar na parte de trás da cabeça de Schaffa, de onde vêm os fios prateados. Eles estão *com fome*, de alguma forma, os fios; à medida que sua mão se aproxima deles,

eles a lambem, procurando alguma coisa. Curiosa, Nassun os toca e sensa... o quê? Um leve puxão. Depois, se sente cansada.

Schaffa se encolhe de novo e se afasta, mantendo-a à distância de um braço.

— O que você está fazendo?

Ela encolhe os ombros desajeitadamente.

— O senhor está precisando. Estava com dor.

Schaffa vira o rosto de um lado a outro devagar, não negando, mas como se estivesse verificando algo que esperava encontrar ali e que agora se foi.

— Estou sempre com dor, pequenina. Faz parte do que os Guardiões são. Mas... — Sua expressão é indagadora. Ao ver isso, Nassun sabe que a dor sumiu, pelo menos por enquanto.

— O senhor está sempre com dor? — Ela franze o cenho. — É essa coisa na sua cabeça?

O olhar dele volta a ela de imediato. Ela nunca teve medo de seus olhos branco-gelo, mesmo agora, quando se tornam muito frios.

— O quê?

Ela aponta para a parte de trás da própria cabeça. É onde se localizam os sensapinae, ela sabe por conta das aulas de biomesria na creche.

— Há uma coisinha no senhor. Aqui. Não sei o que é, mas eu a sensei quando o conheci. Quando o senhor tocou o meu pescoço.

— Ela pisca os olhos, entendendo. — O senhor pegou alguma coisa para fazer isso incomodá-lo menos.

— Sim. Peguei. — Ele põe a mão atrás da cabeça dela agora e coloca dois dedos no alto da espinha, logo abaixo da base do crânio. Esse toque não é tão relaxado quanto das outras vezes que ele a tocou. Os dois dedos estão retesados, posicionados como se ele estivesse imitando uma faca.

Só que ele não está imitando, ela se da conta. Ela se lembra daquele dia na floresta quando chegaram a Lua Encontrada e os bandidos os atacaram. Schaffa é muito, muito forte... sem dúvida forte o bastante para atravessar osso e músculo com dois dedos como se fossem papel. *Ele* não teria precisado de uma pedra para quebrar sua mão.

O olhar de Schaffa procura o dela e descobre que ela entende exatamente o que ele está pensando em fazer.

— Você não está com medo.

Ela encolhe os ombros.

— Me diga por que não. — Sua voz não tolera desobediência.

— É só que... — Ela não consegue deixar de encolher os ombros outra vez. Não consegue descobrir como dizer isso. — Eu não... quero dizer, e se o senhor tiver uma boa razão?

— Você não faz ideia das minhas razões, pequenina.

— Eu *sei*. — Ela faz cara feia, mais por conta de sua frustração consigo mesma do que qualquer outra coisa. Então, lhe ocorre uma explicação. — Papai não tinha uma razão quando matou meu irmãozinho. — Ou quando a derrubou da carroça. Ou da meia dúzia de vezes que olhou para Nassun tão descaradamente e pensou em matá-la que até uma menina de dez anos consegue perceber.

Uma piscada branco-gelo. O que acontece em seguida é fascinante de se ver: aos poucos a expressão de Schaffa passa da contemplação do seu assassinato à indagação de novo depois a uma tristeza tão profunda que deixa Nassun com um nó na garganta.

— E você viu tanto sofrimento sem propósito que pode suportar pelo menos ser morta por um motivo?

Ele é tão melhor com palavras. Ela aquiesce enfaticamente.

Schaffa suspira. Ela sente seus dedos hesitarem.

— Mas isto é uma coisa que ninguém de fora da minha ordem pode saber. Uma vez, deixei uma criança que viu viver, mas eu não deveria ter deixado. E nós dois sofremos por conta da minha compaixão. Eu me lembro disso.

— Não quero que o senhor sofra — diz Nassun. Ela põe as mãos no peito dele, deseja que as centelhas prateadas dentro dele peguem mais. Elas começam a flutuar em sua direção.

— Sempre dói? Isso não está certo.

— Muitas coisas aliviam a dor. Sorrir, por exemplo, libera endorfinas específicas que... — Ele se sacode e tira a mão da nuca dela, agarrando as mãos da menina e tirando-as de cima dele no exato momento em que os fios prateados a encontram. Ele realmente parece alarmado. — Isso vai te matar!

— O senhor vai me matar de qualquer jeito. — Isso parece sensato para ela.

Ele fica olhando.

— Pela Terra dos nossos pais e das nossas mães. — Mas, com isso, aos poucos a tensão de matar começa a se esvaír de sua postura. Depois de um momento, ele suspira. — Nunca fale sobre o... o que você pensa em mim, quando estiver perto dos outros. Se os outros Guardiões descobrirem que você sabe, talvez eu não consiga te proteger.

Nassun concorda com a cabeça.

— Não vou falar. O senhor vai me contar o que é?

— Um dia, talvez. — Schaffa se põe de pé. Nassun se agarra à sua mão quando ele tenta puxá-la. Ele franze o cenho para ela, confuso, mas ela sorri e balança um pouco a mão dele e, depois de um instante, ele chacoalha a cabeça. Depois, os dois voltam para o complexo, e esse é o primeiro dia em que Nassun pensa naquele local como *a casa dela*.



PROCURE O OROGENE NO BERÇO. PROCURE PELO CENTRO DO CÍRCULO. LÁ  
VOCÊ ENCONTRARÁ [ILEGÍVEL].

— *TÁBUA DOIS, “A VERDADE INCOMPLETA”, VERSÍCULO CINCO*



## 10

### *Você tem um trabalho importante pela frente*

Você o chamou de louco tantas vezes. Disse a si mesma que o desprezava mesmo quando passou a amá-lo. Por quê? Talvez você tenha entendido desde o início que ele era o que você poderia se tornar. O mais provável é que você suspeitasse, muito antes de perdê-lo e encontrá-lo de novo, que ele *não era* louco. “Louco” é o que todo mundo pensa que todos os roggas são, afinal... confusos devido ao tempo que passam na pedra, devido à sua ostensiva aliança com a Terra Cruel, devido ao fato de não serem humanos o bastante.

Mas.

“Louco” também é o modo como os roggas que obedecem escolhem chamar os roggas que não obedecem. Você obedeceu, outrora, porque pensou que a manteria a salvo. Ele lhe mostrou — repetidas vezes, implacavelmente, ele não deixava você fingir que as coisas não eram assim — que, se a obediência não a mantinha a salvo dos Guardiões nem das estações de ligação nem dos linchamentos nem da procriação nem do desrespeito, então qual era o propósito? O jogo era manipulado demais para se dar ao trabalho de jogar.

Você fingiu odiá-lo porque era uma covarde. Mas acabou amando-o, e ele é parte de você agora, porque desde então você se tornou corajosa.

• • •

— Eu lutei contra Antimony o caminho todo até lá embaixo — diz Alabaster. — Foi uma estupidez. Se ela houvesse me soltado, se a concentração dela houvesse vacilado por um momento, eu teria me tornado parte da pedra. Não teria sido nem ao menos esmagado, apenas... teria me mesclado. — Ele ergue um braço encurtado, e você o conhece bem o suficiente para perceber que ele teria sacudido os dedos. Se ainda os tivesse. Ele suspira sem nem ao menos notar. — Nós provavelmente estávamos no manto quando Innon morreu.

Ele fala baixo. A enfermaria ficou silenciosa. Você ergue os olhos e dá uma olhada ao redor; Lerna foi embora e um de seus assistentes está dormindo em um leito desocupado, roncando de leve. Você fala em voz baixa também. Esta é uma conversa só para vocês dois.

Você precisa perguntar, embora até pensar na pergunta lhe cause dor.

— Você sabe...?

— Sim. Eu sensei como ele morreu. — Ele fica em silêncio por um momento. Você reverbera com a tristeza dele e a sua própria. — Não pude deixar de sentir. O que eles fazem, aqueles Guardiões, é magia também. Só que é... errado. Contaminada, como todas as outras coisas da espécie deles. Quando eles fragmentam uma pessoa, se você estiver afinado com essa pessoa, parece um tremor de grau nove.

E é claro que vocês dois estavam afinados com Innon. Ele era parte de você. Você estremece, porque ele está tentando torná-la *mais* afinada com a terra e a orogenia e os obeliscos e a teoria unificadora da magia, mas você não quer vivenciar isso nunca mais. Foi ruim demais ver aquilo, saber que o horror que resultou daquilo havia um dia sido um corpo que você abraçou e amou. A sensação havia sido muito pior do que um tremor de grau nove.

— Eu não pude impedir.

— Não. Você não pôde. — Você está sentada atrás dele, mantendo-o ereto com uma das mãos. Ele vem olhando para outro lado, para algum lugar à meia distância, desde que começou a contar essa história. Ele não se vira para olhar para você por sobre



o ombro agora, possivelmente porque não consegue fazer isso sem sentir dor. Mas talvez seja consolação o que se ouve em sua voz.

— Não sei como ela manipulou a pressão, o calor, para impedir que me matassem — continua ele. — Não sei como não enlouqueci sabendo onde estava, querendo voltar para vocês, percebendo que eu não podia fazer nada, sentindo como se estivesse sufocando. Quando sensei o que você fez com Coru, eu entrei em um estado de bloqueio. Não me lembro do resto da viagem nem quero me lembrar. Devemos ter... não sei. — Ele treme, ou tenta tremer. Você sente a contração dos músculos das costas dele.

— Quando recobrei os sentidos, estava na superfície de novo. Em um lugar que... — Ele hesita. Seu silêncio perdura tempo suficiente para fazer a sua pele comichar.

(Eu estive lá. É difícil de descrever. Não é culpa de Alabaster.)

— Do outro lado do mundo — Alabaster diz enfim —, existe uma cidade.

As palavras não fazem sentido. O outro lado do mundo é uma grande extensão de vazio desconhecido na sua cabeça. Um mapa com nada além de oceano.

— Em... uma ilha? Existe um continente lá?

— Mais ou menos. — Ele não consegue mais sorrir de fato com facilidade. Mas você percebe o sorriso em sua voz. — Existe um vulcão em escudo lá, embora esteja sob o oceano. O maior que eu já sensei; dá para colocar as Antárticas lá. A cidade fica bem em cima dele, no oceano. Não há nada visível ao redor dela: nem terra para cultivo, nem colinas para conter um tsunami. Não há um porto ou ancoradouros para barcos. Só... construções. Árvores e algumas outras plantas, de variedades que nunca vi em nenhuma outra parte, que cresceram de forma descontrolada, mas que não constituem uma floresta... meio que esculpidas na cidade. Não sei como chamar aquilo. Infraestruturas parecem manter a coisa toda estável e funcional, mas é tudo estranho. Tubos e cristais e coisas que parecem vivas. Não sei dizer como um décimo daquilo funcionava. E, no centro da cidade, existe... um buraco.

— Um buraco. — Você está tentando imaginar. — Para nadar?

— Não. Não tem água. O buraco vai até o vulcão e... além. — Ele respira fundo. — A cidade existe para conter o buraco. Tudo

nela foi construído com esse propósito. Até o nome dela, que os comedores de pedra me contaram, reconhece esse fato: *Ponto Central*. É uma ruína, Essun... Uma ruína de civextinta como qualquer outra, mas que está intacta. As ruas não se despedaçaram. As construções estão vazias, mas dá até para usar parte da mobília... feita de coisas que não são naturais, que não perecem. Daria para morar nelas se quisesse. — Ele fez uma pausa. — Eu morei nelas quando Antimony me levou para lá. Não havia nenhum outro lugar aonde ir e ninguém mais com quem conversar... exceto os comedores de pedra. Dezenas deles, Essun, talvez centenas. Eles dizem que não construíram a cidade, mas que é deles agora. Tem sido há dezenas de milhares de anos.

Você sabe o quanto ele detesta ser interrompido, mas, ainda assim, ele faz uma pausa. Talvez esteja esperando um comentário, ou talvez esteja lhe dando tempo para absorver suas palavras. Você apenas olha para a parte de trás da cabeça dele. O que restou do cabelo está ficando muito comprido; você vai ter que pedir a Lerna uma tesoura e uma escova do tipo garfo em breve. Não há absolutamente nenhum pensamento adequado em sua mente além desse.

— É uma coisa em que não dá para deixar de pensar, quando você se depara com ela. — Ele parece cansado. É raro suas aulas durarem mais do que uma hora, e já se passou mais tempo do que isso. Você se sentiria culpada se ainda houvesse restado alguma emoção dentro de você neste exato momento além de choque. — Os obeliscos dão uma ideia, mas eles não são... — Você sente que ele tenta encolher os ombros. E entende. — Uma coisa que você possa tocar ou por onde possa andar. Mas essa cidade ... A história documentada vai até o que, dez mil anos atrás? Uns 25 mil, se você contar todas as Estações que a Universidade ainda está discutindo. Mas *as pessoas* existem há muito mais tempo. Vai saber quando foi que alguma versão dos nossos ancestrais saiu rastejando das cinzas pela primeira vez e começou a tagarelar com os outros. Trinta mil anos? Quarenta? Muito tempo para sermos as criaturas patéticas que somos agora, agrupando-nos atrás dos nossos muros e colocando toda a nossa astúcia, todo o nosso aprendizado, na única tarefa de sobreviver. É tudo o que fazemos agora: maneiras

melhores de fazer cirurgias de campo com equipamento improvisado. Produtos químicos melhores, para podermos cultivar mais feijões com pouca luz. Houve um tempo em que fomos muito mais. — Ele se cala outra vez, por um longo instante. — Eu chorei por você, Innon e Coru durante três dias, lá naquela cidade de quem nós costumávamos ser.

Dói-lhe o fato de ele ter incluído você em sua tristeza. Você não merece.

— Quando eu... eles me trouxeram comida. — Alabaster pula o que quer que teria dito de forma tão discreta que, a princípio, a frase não faz sentido. — Eu comi, depois tentei matá-los. — Sua voz se torna amarga. — Levou um tempo até eu desistir, na verdade, mas eles continuavam me alimentando. Eu perguntava para eles repetidas vezes por que tinham me levado para lá. Por que estavam me mantendo vivo. Antimony era a única que conversava comigo de início. Achei que eles a tinham encarregado disso, mas então percebi que eles só não falavam a minha língua. Ficavam olhando e, às vezes, eu tinha que enxotá-los. Parecia que eu fascinava alguns e repugnava outros. O sentimento era mútuo.

“Acabei aprendendo um pouco do idioma deles. Tive que aprender. Partes da cidade *falavam* naquele idioma. Se você conhecesse as palavras certas, conseguia abrir portas, acender luzes, tornar um cômodo mais quente ou mais frio. Nem tudo continuava a funcionar. A cidade *estava* deteriorando. Só que devagar.”

— Mas quanto ao buraco... Existiam marcadores ao redor dele, que se acendiam à medida que alguém se aproximava. — (De súbito, você se lembra de uma câmara do coração do Fulcro. Compridos painéis estreitos acionando-se em sequência à medida que você caminhava em direção ao soquete, brilhando sem nenhum fogo ou filamento perceptível.) — Barreiras grandes como edifícios em si, que às vezes reluziam de noite. Avisos de fogo que se escreviam sozinhos no ar diante de você, sirenes que disparavam se alguém chegasse perto demais. Mas Antimony me levou até ele no primeiro dia em que eu estava... em condições. Subi em uma das barreiras e me deparei com uma escuridão tão profunda que...

Ele precisa parar. Depois de engolir em seco, ele continua.

— Ela já tinha me contado que me levou de Meov porque não podiam correr o risco de eu ser morto. Então, no coração do Ponto Central, ela me disse: “Foi por isso que salvei você. Este é o inimigo que você enfrenta. Você é o único que consegue”.

— *O quê?* — Você não está confusa. Você acha que entende. Você apenas não quer entender, então decide que deve estar confusa.

— Foi o que ela disse — responde ele. Agora ele está irritado, mas não com você. — Palavra por palavra. Eu lembro porque estava achando que esse era o motivo de Innon e Coru terem morrido e você ter sido atirada aos cães ferrugentos: porque em algum momento lá nos primórdios da história, alguns dos nossos ancestrais tão espertos decidiram cavar um buraco até o coração do mundo por razão nenhuma. Não; por poder, disse Antimony. Não sei como era para funcionar, mas eles cavaram, e construíram os obeliscos e outras ferramentas para captar esse poder.

— Mas algo deu errado. Fiquei com a sensação de que nem mesmo Antimony sabia exatamente o quê. Ou talvez os comedores de pedra ainda estejam discutindo o assunto e ninguém tenha chegado a um consenso. Alguma coisa simplesmente deu errado. Os obeliscos... falharam. A Lua foi arremessada para longe do planeta. Talvez aquilo tenha sido responsável, talvez outras coisas tenham acontecido, mas, qualquer que seja o motivo, o resultado foi a o Estilhaçamento. Aconteceu mesmo, Essun. Foi isso que causou todas as Estações. — Os músculos das costas dele se contraem um pouco sob a sua mão. Ele está tenso. — Você entende? Nós usamos os obeliscos. Para os quietos, eles são só grandes pedras estranhas. Aquela cidade, todas aquelas maravilhas... aquela civextinta era *administrada por orogenes*. Nós destruímos o mundo do jeitinho que sempre dizem que fizemos. *Roggas*.

Ele diz isso de maneira tão brusca e agressiva que o seu corpo inteiro reverbera com a palavra. Você sente como ele se retesa quando a pronuncia. A veemência o faz sentir dor. Ele sabia que sentiria e falou mesmo assim.

— O que entenderam errado — continua ele, parecendo cansado agora —, foram as alianças. As histórias dizem que somos agentes do Pai Terra, mas é o contrário: somos seus inimigos. Ele

nos odeia mais do que aos quietos por conta do que fizemos. Foi por isso que ele fez os Guardiões para nos controlarem e...

Você está chacoalhando a cabeça.

— Bas... você está falando como se ele, o planeta, fosse real. Como se estivesse vivo, quero dizer. Consciente. Todas essas coisas sobre o Pai Terra são só histórias para explicar o que há de errado com o mundo. Como aqueles cultos esquisitos que surgem de tempos em tempos. Ouvi falar de um que pede a um velho no céu para mantê-los vivos toda vez que vão dormir. As pessoas precisam acreditar que existem mais coisas no mundo do que o que existe.

E o mundo é simplesmente uma merda. Você entende isso agora, depois de dois filhos mortos e a repetida destruição da sua vida. Não há necessidade de imaginar o planeta como uma força malévola procurando vingança. É uma rocha. É apenas o modo como a vida deve ser: terrível e breve e acabando em (se você tiver sorte) esquecimento.

Ele ri. Isso também lhe causa dor, mas é uma risada que faz a *sua* pele comichar, porque é a risada da estrada alta Yumenes-Allia. A risada de uma estação de ligação morta. Alabaster nunca foi louco; ele só descobriu tanta coisa que levaria uma alma inferior ao delírio que às vezes isso transparece. Colocar para fora um pouco desse horror acumulado na forma às vezes de um maníaco que espuma pela boca é o modo como ele lida com isso. É também a maneira como ele alerta você, agora você sabe, que está prestes a destruir mais um pouco da sua ingenuidade. Nada nunca é tão simples quanto você quer que seja.

— Eles provavelmente pensavam assim — diz Alabaster quando sua risada cessa. — Aqueles que decidiram cavar um buraco até o núcleo do mundo. Mas só porque você não consegue ver ou entender uma coisa não quer dizer que ela não pode te fazer mal.

Você sabe que é verdade. Mas, mais importante, você ouve conhecimento na voz de Alabaster. Isso a deixa tensa.

— O que você viu?

— Tudo.

Sua pele comicha.

Ele respira fundo. Quando fala outra vez, é em tom monótono.

— Esta é uma guerra com três lados. Mais lados do que isso, mas só três com os quais você precisa se preocupar. Todos os três lados querem que a guerra acabe; é só uma questão de como vai acabar. Nós somos o problema, entende... as pessoas. Dois dos lados estão tentando decidir o que deveria ser feito com a gente.

Essa forma de falar explica muito.

— A Terra e... os comedores de pedra? — Sempre espreitando, planejando, querendo algo desconhecido.

— Não. Eles são pessoas também, Essun. Você não se deu conta disso? Eles precisam de coisas, querem coisas, sentem coisas, do mesmo modo que nós. E eles estão lutando nessa guerra há muito, muito mais tempo do que você ou eu. Alguns deles, desde o começo.

— O começo? — O quê, a Estação do Estilhaçamento?

— Sim, alguns deles são velhos assim. Antimony é uma. O pequeno que segue você também, eu acho. Existem outros. Eles não podem morrer, então... é. Alguns deles viram tudo acontecer.

Você está atordoada demais para reagir de fato. Hoa? De uns sete anos de idade a trinta mil. Hoa?

— Um lado quer que a gente morra; que as pessoas morram — diz Alabaster. — É uma maneira de acabar com as coisas, suponho. Um lado quer as pessoas... neutralizadas. Vivas, mas tornadas inofensivas. Como os próprios comedores de pedras: o Pai Terra tentou torná-los mais semelhantes a ele, dependentes dele, pensando que isso os tornaria inofensivos. — Ele suspira. — Acho que é reconfortante saber que o planeta também pode errar.

Você se encolhe em uma reação atrasada, porque ainda está pensando em Hoa.

— Ele já foi humano — você murmura. Sim. É só um disfarce agora, um conjunto de roupas descartado há muito e colocado outra vez em nome dos velhos tempos, mas um dia ele foi mesmo um menino de carne e osso que tinha aquela aparência. Não há nada de sanzed nele porque *os sanzed não existiam como povo na época dele*.

— Todos eles já foram. É isso que há de errado com eles. — Ele está muito cansado agora, que deve ser a razão pela qual está falando mais baixo. — Eu mal consigo me lembrar de coisas que

aconteceram comigo cinquenta anos atrás; imagine tentar se lembrar de cinco mil. Dez mil. Vinte. Imagine esquecer o seu próprio nome. É por isso que eles nunca respondem quando perguntamos quem são eles. — Você puxa o ar, dando-se conta desse fato. — Acho que não é o elemento de que são feitos que torna os comedores de pedra tão diferentes. Acho que a questão é que ninguém pode viver tanto tempo e não se tornar algo tão estranho.

Ele fica dizendo “imagine”, e você não consegue. Claro que não consegue. Mas consegue pensar em Hoa nesse momento. Sentindo-se fascinado com o sabonete. Encolhendo-se contra você para dormir. Seu pesar, quando você parou de tratá-lo como ser humano. Ele vinha tentando tanto. Dando o seu melhor. Fracassando no final.

— Você disse três lados — você diz. Concentrando-se no que consegue, em vez de se lamentar pelo que não consegue. Alabaster está começando a se curvar, pesando mais contra a sua mão. Ele precisa descansar.

Alabaster fica calado por tanto tempo que você acha que ele pode ter caído no sono. Então, ele diz:

— Eu saí uma noite, quando Antimony não estava lá. Eu estava lá fazia... anos? Perdi a noção depois de um tempo. Ninguém além deles com quem conversar e, às vezes, eles esquecem que as pessoas precisam falar. Nada na terra para ouvir a não ser o ronco do vulcão. As estrelas estão todas erradas naquele lado do mundo... — Ele para por um instante. A noção de tempo reencontrando-se com ele. — Eu vinha vendo diagramas de obeliscos, tentando entender o que seus construtores pretendiam. Minha cabeça doía. Eu sabia que você estava viva e sentia tanto a sua falta que estava doente de saudade. Tive uma ideia repentina, imprudente, meio enferrujada: talvez, pelo buraco, eu conseguisse voltar para você.

Se ao menos houvesse lhe restado uma das mãos que você pudesse pegar. Em vez disso, seus dedos se contraem contra as costas dele. Não é a mesma coisa.

— Então, corri até o buraco e pulei nele. Não é suicídio se você não tem intenção de morrer; foi o que eu disse a mim mesmo. — Deu para sentir outro sorriso. — Mas não foi... As coisas ao redor

do buraco são mecanismos, mas não só de alerta. Eu devo ter ativado alguma coisa, ou talvez fosse assim que eles deveriam funcionar. Eu descii, mas não foi como cair. Foi controlado, de algum modo. Rápido, porém estável. Eu deveria ter morrido. Pressão do ar, calor, as mesmas coisas através das quais Antimony me levou, só que sem as rochas, mas Antimony não estava lá e eu deveria ter morrido. Há luzes no poço em intervalos regulares. Janelas, eu acho. Pessoas realmente costumavam morar lá embaixo! Mas, na maior parte, é só escuridão.

— Finalmente... horas ou dias depois... minha velocidade se reduziu. Eu havia chegado...

Ele para. Você sente os pelos dele se arrepiarem.

— A Terra *está* viva. — A voz dele fica áspera, rouca, levemente histérica. — Algumas das velhas histórias são só histórias, você tem razão, *mas não* essa. Entendi naquele momento o que os comedores de pedra vinham tentando me dizer. Por que eu tinha que usar os obeliscos para criar a Fenda. Estamos em guerra com o mundo há tanto tempo que esquecemos, Essun, mas *o mundo* não esqueceu. E precisamos pôr fim a ela logo ou...

Alabaster faz uma pausa, de repente, por um longo e contido instante. Você tem vontade de perguntar o que acontecerá se uma guerra tão antiga não terminar logo. Você tem vontade de perguntar o que aconteceu com ele lá embaixo no núcleo da Terra, o que ele viu ou vivenciou que tão evidentemente o perturbou. Você não pergunta. Você é uma mulher corajosa, mas sabe o que consegue aguentar, e o que não consegue.

— Quando eu morrer, não me enterre. — sussurra ele.

— O q...

— Me dê para Antimony.

Como se houvesse ouvido seu nome, de súbito, Antimony reaparece, colocando-se diante de vocês dois. Você a encara, percebendo que isso significa que Alabaster chegou ao fim de suas forças e que a conversa precisa terminar. Isso faz você se ressentir da fraqueza dele e odiar que ele esteja morrendo. Faz você procurar um bode expiatório para esse ódio.

— Não — você responde, olhando para ela. — Ela tirou você de mim. Ela não vai ficar com você.



Ele dá uma risadinha. É uma risadinha tão cansada que a sua raiva abranda.

— É ela ou a Terra Cruel, Essun. Por favor.

Ele começa a inclinar-se para um lado, e talvez você não seja tão monstruosa quanto pensa, porque você desiste e se levanta. Antimony se torna um borrão daquele jeito típico de comedores de pedra, lento exceto quando não são, e então aparece agachada ao lado dele, usando as duas mãos agora para segurá-lo e dar-lhe apoio à medida que ele cai no sono.

Você fita Antimony. Você pensou nela como inimiga esse tempo todo, mas, se o que Alabaster diz é verdade...

— Não — você fala de maneira brusca. Você não está dizendo isso para ela, mas funciona de qualquer modo. — Ainda não estou pronta para pensar em você como aliada. — Talvez nunca esteja.

— Mesmo que estivesse — responde a voz de dentro do peito da comedora de pedras —, sou aliada *dele*. Não sua.

Pessoas como nós, com desejos e necessidades. Essa é outra ideia que você quer rejeitar, mas, por estranho que pareça, conforta-lhe saber que ela também não gosta de você.

— Alabaster disse que entendia por que você fez o que fez. Mas não entendo por que *ele* fez o que fez, nem o que quer agora. Ele disse que esta era uma guerra de três lados; qual é o terceiro? De que lado ele está? Como a Fenda... ajuda?

Não importa o quanto tente, você não consegue imaginar que Antimony fora humana algum dia. Há muitas coisas que contrariam essa ideia: a imobilidade do seu rosto, o deslocamento de sua voz. O fato de que você a odeia.

— O Portão do Obelisco amplifica energias tanto físicas como arcanas. Nenhum ponto de abertura na superfície produz essas energias em quantidade suficiente. A Fenda é uma fonte confiável de grande volume.

O que quer dizer que... Você fica tensa.

— Você está dizendo que, se eu usar a Fenda como minha fonte ambiente e a canalizar através do minha espiral...

— Não. Isso simplesmente a mataria.

— Bem, obrigada pelo aviso. — Você está começando a entender, no entanto. É o mesmo problema que você continua tendo

com as aulas de Alabaster: calor e pressão e movimento não são as únicas forças em jogo aqui. — Você está dizendo que o solo produz magia também? E, se eu projetar essa magia para dentro de um obelisco... — Você pisca os olhos, lembrando-se das palavras dela. — Portão do Obelisco?

O olhar de Antimony estava concentrado em Alabaster. Agora, os seus olhos negros achatados se movem devagar até enfim encontrarem os seus.

— Os 216 obeliscos individuais interligados por meio do cabochão de controle. — Enquanto você fica ali, perguntando-se o que ferrugens é um cabochão de controle e admirando-se de que haja mais de duzentas dessas malditas coisas, ela acrescenta: — Usar *isso* para canalizar o poder da Fenda deve ser suficiente.

— Para fazer o quê?

Pela primeira vez, você ouve um toque de emoção na voz dela: irritação.

— Para impor equilíbrio ao sistema Terra-Lua.

O quê?

— Alabaster disse que a Lua foi arremessada para longe.

— Para uma órbita degradante em forma de uma longa elipse. — Quando você a encara, sem entender, ela fala a sua língua de novo. — Ela está voltando.

Oh, Terra. Oh, ferrugens. Oh, não.

— *Vocês querem que eu pegue a maldita Lua?*

Ela apenas encara você e, tarde demais, você percebe que está quase gritando. Você lança um olhar culpado para Alabaster, mas ele não acordou. Nem o enfermeiro no leito. Quando ela vê que você se calou, Antimony diz:

— Essa é uma opção. — Quase como uma reflexão posterior, ela acrescenta: — Alabaster fez a primeira das duas correções de curso da Lua, diminuindo sua velocidade e alterando a trajetória que a levaria para longe do planeta de novo. Outra pessoa precisa fazer a segunda correção, trazendo-a de volta para uma órbita estável e um alinhamento mágico. Se o equilíbrio for restabelecido, é provável que as Estações acabem ou se tornem tão raras a ponto de significar o mesmo que acabar para a sua espécie.

Você inspira, mas entende agora. Devolva ao Pai Terra sua filha perdida e talvez sua ira seja aplacada. Esse é o terceiro grupo então: aqueles que querem uma trégua, as pessoas e o Pai Terra concordando em tolerar um ao outro, mesmo que isso signifique criar a Fenda e matar milhões no processo. Coexistência pacífica por qualquer meio necessário.

*O fim das Estações.* Parece... inimaginável. Sempre houve Estações. Só que agora você sabe que isso não é verdade.

— Então não é uma opção — você diz por fim. — Acabar com as Estações ou ver tudo morrer enquanto esta Estação continua para sempre? Eu... — *Vou pegar a Lua* soa ridículo. — Vou fazer o que vocês, comedores de pedra, querem então.

— Sempre há opções. — O olhar dela, estranho como é, muda de súbito e de um modo sutil... ou talvez você apenas esteja interpretando-a melhor. De repente, ela parece humana, e muito, muito amarga. — E nem todos os da minha espécie querem a mesma coisa.

Você franze a testa para ela, mas ela não diz mais nada.

Você quer fazer mais perguntas, tentar com mais afinco entender, mas ela tinha razão: você não estava pronta para isso. A sua cabeça está girando, e as palavras enfiadas lá dentro estão começando a se turvar e se misturar. É muita coisa para lidar.

Desejos e necessidades. Você engole em seco.

— Posso ficar aqui?

Ela não responde. Você supõe que não era de fato necessário perguntar. Você se levanta e vai até o leito mais próximo. A cabeceira está encostada contra a parede, o que deixaria sua cabeça atrás de Alabaster e Antimony, e você não está com vontade de ficar olhando para a parte de trás da cabeça de uma comedora de pedras. Você pega o travesseiro e se encolhe com a cabeça no pé da cama, de forma que possa ver o rosto de Alabaster. Houve um tempo em que você dormia melhor quando podia vê-lo por sobre os ombros largos de Innon. Não é o mesmo conforto... mas é alguma coisa.

Depois de algum tempo, Antimony começa a cantar outra vez. É estranhamente relaxante. Você dorme melhor do que vem dormindo há meses.



PROCURE O [ILEGÍVEL] RETRÓGRADO NO CÉU MERIDIONAL.

*QUANDO FICAR MAIOR, [ILEGÍVEL]*

— *TÁBUA DOIS, “A VERDADE INCOMPLETA”, VERSÍCULO SEIS.*



## 11

### *Schaffa, deitado*

Ele outra vez. Eu gostaria que ele não tivesse feito tanto contra você. Você não gosta nem um pouco de ser ele. Vai gostar menos ainda de saber que ele é parte de Nassun... mas não pense nisso neste exato momento.

...

O homem que ainda leva o nome de Schaffa, embora mal se qualifique como a mesma pessoa, sonha fragmentos de si mesmo.

Guardiões não sonham com facilidade. O objeto inserido bem fundo dentro do lobo esquerdo dos sensapinae de Schaffa interfere no ciclo de sono e vigília. Ele não precisa dormir com frequência e, quando dorme, seu corpo geralmente não entra no sono mais profundo que possibilita o sonho. (Pessoas comuns enlouquecem se forem privadas do sono que permite o sonho. Guardiões são imunes a esse tipo de loucura... ou talvez apenas sejam loucos o tempo todo.) Ele sabe que é mau sinal o fato de estar sonhando com mais frequência nos últimos tempos, mas não se pode evitar. Ele escolheu pagar o preço.

Então ele se deita na cama em uma cabana e geme, contraindo-se de modo espasmódico enquanto sua mente se agita em meio a imagens. É um sonho de má qualidade, porque sua mente está sem prática e porque resta tão pouco do material que poderia ser usado para construir sonhos. Mais tarde, ele falará disso em voz alta, para

si mesmo, enquanto põe as mãos na cabeça e tenta aproximar os pedaços espalhados de sua identidade, e é assim que eu saberei o que o atormenta. Saberei que, enquanto ele se debate, ele sonha...

... Com duas pessoas, suas feições surpreendentemente nítidas em sua lembrança embora todo o resto tenha sido eliminado: os nomes, a relação com ele, o motivo para se lembrar delas. Ele pode adivinhar, vendo que, entre os dois, a mulher tem olhos branco-gelo, emoldurados por grossos cílios pretos, que ela é sua mãe. O homem é mais comum. Comum demais... cuidadosamente comum, de uma maneira que provoca de imediato uma suspeita na mente de Guardião de Schaffa. Selvagens dão duro para parecer tão comuns. Como eles chegaram a dar origem a ele, e como ele chegou a deixá-los, está perdido para a Terra, mas pelo menos seus rostos são interessantes.

... Com Garantia e com salas de paredes pretas escavadas em rocha vulcânica estratificada. Mãos gentis, vozes piedosas. Schaffa não se lembra dos donos das mãos ou das vozes. Ajudam-no a sentar-se em uma cadeira de arame. (Não, as estações de ligação não foram as primeiras a usá-las.) Esta cadeira é sofisticada, automatizada, funcionando normalmente embora algo nela pareça velho aos olhos de Schaffa. Ela zune e reconfigura e o vira até ele ficar suspenso de barriga para baixo sob brilhantes luzes artificiais, com o rosto preso entre barras inflexíveis e sua nuca exposta ao mundo. Seu cabelo é curto. Atrás e acima, ele ouve descerem antigos mecanismos, coisas tão esotéricas e bizarras que seus nomes e propósitos originais se perderam há muito (ele se lembra de descobrir, mais ou menos nessa época, que o propósito original pode facilmente ser corrompido). Ao redor, ele consegue ouvir as fungadas e as súplicas dos outros que foram trazidos com ele para esse lugar... Fungadas e súplicas de crianças. *Ele é criança* nessa lembrança, logo percebe. Então, ouve os gritos das outras crianças, seguidos por zunidos e sons de cortes, os gritos misturando-se com esses ruídos. Ouve-se também um zumbido líquido que ele jamais ouvirá de novo (no entanto, será muito familiar para você e para qualquer outro orogene que já esteve perto de um obelisco) porque, a partir desse momento, seus próprios sensapinae serão

reconfigurados, tornados sensíveis à orogenia e não às perturbações da terra.

Schaffa se lembra de lutar, e mesmo quando criança ele é mais forte do que a maioria. Quase consegue soltar a cabeça e a parte de cima do corpo antes que o maquinário chegue até ele. É por isso que o primeiro corte dá tão errado, cortando seu pescoço bem mais embaixo do que deveria e quase matando-o ali mesmo. O equipamento se ajusta, implacável. Ele sente o frio da máquina quando a lasca de ferro é inserida, sente a frieza da outra presença dentro dele de imediato. Alguém dá pontos nele. A dor é horrorosa e nunca acaba, embora ele aprenda a mitigá-la o suficiente para funcionar; todos os que sobrevivem à implantação aprendem. O sorriso, entende. Endorfinas suavizam a dor.

... Com o Fulcro, com uma câmara de teto alto no coração do Principal, com luzes artificiais familiares que circundam e levam a um poço imenso, de cujas paredes saem infindáveis lascas de ferro. Ele e outros Guardiões olham para um corpo pequeno e retalhado amassado no fundo do poço. De vez em quando as crianças acham o lugar; pobres criaturas tolas. Será que elas não entendem? A Terra é de fato má, e é cruel, e Schaffa protegeria todas elas, se pudesse. Há uma sobrevivente: uma das crianças ligadas à Guardiã Leshet. A menina se encolhe quando Leshet se aproxima, mas Schaffa sabe que Leshet a deixará viver. Leshet sempre foi mais branda, mais gentil do que deveria, e suas crianças sofrem por conta disso...

... Com a estrada, e como os infinitos olhos hesitantes de estranhos que veem suas íris branco-gelo e seus sorrisos imutáveis e sabem que estão vendo *algo errado* mesmo que não saibam o que é. Certa noite, em uma pousada, há uma mulher que tenta ficar intrigada em vez de assustada. Schaffa a alerta, mas ela insiste, e ele não consegue deixar de pensar em como o prazer afastará a dor durante horas, talvez a noite inteira. É bom se sentir humano por algum tempo. Mas, como a alertou, ele volta a percorrer a região alguns meses depois. Ela carrega uma criança no ventre, que ela diz não ser dele, mas ele não pode permitir a incerteza. Ele usa o punhal de vidro preto, que é uma coisa feita em Garantia. Ela foi gentil, então ele visa apenas à criança; com sorte, ela expelirá o

cadáver e sobreviverá. Mas a mulher está furiosa, horrorizada, e grita por ajuda e puxa uma faca para si enquanto eles lutam. Nunca mais, ele decide enquanto massacra todos eles: a família dela inteira, uma dúzia de espectadores, metade do vilarejo, quando o atacam em massa. Nunca mais ele pode esquecer que não é, jamais foi, humano.

... Com Leshet outra vez. Ele mal consegue reconhecê-la desta vez: seu cabelo ficou branco e seu rosto outrora liso está cheio de rugas e pele flácida. Ela está *menor*, seus ossos enfraquecidos deixando-a com uma postura arcada, o que costuma acontecer com os árticos quando envelhecem. Mas Leshet viveu mais séculos até mesmo do que Schaffa. *Velho* não deveria significar isso para eles: fraqueza, senescência, encolhimento. (Felicidade e um sorriso que significa algo diferente de uma mera mitigação da dor. Eles também não deveriam ter esses sorrisos.) Ele olha para o seu sorriso largo, *acolhedor*, enquanto ela manca em direção a ele, saindo da casa até a qual ele a rastreou. Schaffa está tomado por um vago horror e uma crescente repulsa da qual ele nem ao menos se dá conta até ela parar diante dele e ele estender a mão para instintivamente quebrar o pescoço dela.

... Com a menina. *A menina*. Uma entre dezenas, centenas; elas se misturam em um borrão no decorrer de infinitos anos... mas não esta. Ele a encontra em um celeiro, pobre coisinha assustada e triste, e ela o ama instantaneamente. Ele a ama também, gostaria de poder ser mais gentil com ela, é tão delicado quanto pode enquanto a treina para ser obediente com ossos quebrados e ameaças amorosas e chances que não deveria dar. Será que Leshet o infectou com sua brandura? Talvez, talvez... mas *o rosto dela. Os olhos dela*. Há algo nela. Ele não fica surpreso mais tarde, quando recebe a notícia de que ela está envolvida no soerguimento de um obelisco em Allia. Sua menina especial. Depois, ele não acredita que ela está morta. Na verdade, está tomado de orgulho quando vai reclamá-la e quando reza para a voz em sua cabeça que ela não o force a matá-la. *A menina...*

... cujo rosto o faz acordar com um grito baixinho. *A menina*.

Os outros dois Guardiões o fitam com o julgamento da Terra nos olhos. Eles estão tão comprometidos quanto ele, ou mais. Os três



são tudo sobre o que a ordem dos Guardiões os alertou. Ele se lembra do próprio nome, mas eles não se lembram dos deles. Essa é a única diferença real entre ele e os outros dois... não é? No entanto, de algum modo, eles parecem tão *menos* do que ele.

Irrelevante. Ele se levanta da cama, esfrega o rosto e sai.

A cabana das crianças. É hora de ir dar uma olhada neles, Schaffa diz a si mesmo, embora siga direto para a cama de Nassun. Ela está dormindo quando ele ergue um lampião para examinar seu rosto. Sim. Sempre esteve ali em seus olhos e talvez nas maçãs do rosto, fazendo cócegas em sua mente, os fragmentos de sua lembrança e a solidez dos traços dela encaixando-se enfim. Sua Damaya. A menina que não morreu, renascida.

Ele se lembra de ter quebrado a mão de Damaya e se encolhe com a lembrança. Por que ele teria feito uma coisa dessas? Por que fez qualquer uma das coisas horríveis que fez naquela época? O pescoço de Lshet. O de Timay. A família de Eitz. Tantos outros, pessoas suficientes para encher vilarejos inteiros. Por quê?

Nassun se mexe durante o sono, murmurando baixinho. Automaticamente, Schaffa estende a mão para afagar o rosto dela, e ela sossega de imediato. Há uma dor tênue em seu peito que talvez seja amor. Ele se lembra de amar Lshet e Damaya e outros e, entretanto, ele fez aquelas coisas com eles todos.

Nassun se remexe um pouco e meio que acorda, piscando à luz do lampião.

— Schaffa?

— Não é nada, pequenina — diz ele. — Desculpe. — Muitos graus de desculpas. Mas o medo está dentro dele, e o sonho permanece. Ele não consegue deixar de tentar expurgá-lo. Por fim, faz uma pergunta brusca: — Nassun, você tem medo de mim?

Ela pisca os olhos, ainda não muito lúcida... e então sorri. Isso endireita algo dentro dele.

— Nunca.

*Nunca.* Ele engole em seco, sua garganta parecendo apertada de repente.

— Ótimo. Volte a dormir.

Ela adormece logo, e talvez ela nunca tenha acordado para começo de conversa. Mas ele se demora perto dela, vigiando até os

olhos dela bruxulearem e ela começar a sonhar de novo.

Nunca.

— Nunca mais — ele sussurra, estremecendo com essa lembrança também. Depois, o sentimento muda e a decisão dele se reajusta. O que aconteceu antes não importa. Aquele era um Schaffa diferente. Ele tem outra chance agora. E se ser menos do que ele mesmo significa ser menos do que o monstro que era, ele não pode lamentar.

Há uma rápida pontada de dor ao longo de sua espinha, veloz demais para ele fazê-la ir embora com um sorriso. Algo discorda da decisão. Automaticamente, sua mão se estende trêmula em direção à nuca de Nassun... e então ele se obriga a parar. Não. Ela significa mais para ele do que somente alívio da dor.

*Use-a, ordena a voz. Quebre-a. Tão teimosa, igual à mãe. Treine esta para obedecer.*

Não, Schaffa pensa em resposta, preparando-se para o açoite da retaliação. É apenas dor.

Então Schaffa aconchega Nassun, dá-lhe um beijo na testa e apaga o lampião ao sair. Ele se dirige ao cume que dá para o vilarejo e fica lá pelo resto da noite, rangendo os dentes, tentando esquecer os últimos detalhes de quem era e prometendo a si mesmo um futuro melhor. Depois de um tempo, os outros dois Guardiões também saem até os degraus da cabana, mas ele ignora a estranha pressão de seus olhares contra as costas.



## 12

### *Nassun, caindo para cima*

Novamente, grande parte disso é especulação. Você sabe *sobre* Nassun, e ela é parte de você, mas você não pode *ser* Nassun... e acho que já demonstramos a esta altura que você não a conhece tão bem quanto pensa (ah, mas nenhum pai ou mãe conhecem, com qualquer criança). Outra pessoa tem a missão de abarcar a existência de Nassun. Mas você a ama, e isso significa que alguma parte de mim não consegue evitar fazer o mesmo.

No amor, portanto, devemos procurar compreensão.

• • •

Com a consciência ancorada nas profundezas da terra, Nassun ouve.

De início, há somente o impacto habitual sobre a sensuna ambiente: o minúsculo movimento de flexão e contração dos estratos, o agito relativamente plácido do antigo vulcão debaixo de Jekity, o atrito lento e interminável do basalto colunar elevando-se e resfriando-se para formar padrões. Ela se acostumou com isso. Gosta de poder ouvir livremente agora, sempre que quer, em vez de ter que esperar até a escuridão da noite, acordada depois que seus pais foram dormir. Aqui na Lua Encontrada, Schaffa deu a Nassun permissão para usar o tormento quando quiser, durante quanto tempo quiser. Ela tenta não monopolizá-lo, porque os outros precisam aprender também... mas eles não gostam da orogenia

tanto quanto ela gosta. A maioria parece indiferente ao poder que controla ou às maravilhas que pode explorar dominando-o. Alguns dos demais têm até medo dele, o que não faz sentido para Nassun... mas também não faz sentido para ela agora o fato de um dia ter desejado ser sabedorista. Agora ela tem a liberdade de ser por inteiro quem e o que é e não teme mais aquele eu. Agora ela é alguém que acredita em si, confia em si, luta por si, da maneira como é. Então ela vai *ser* o que é.

Então neste momento Nassun navega por um redemoinho dentro do ponto quente de Jekity, equilibrando-se perfeitamente entre as pressões conflitantes, e não passa por sua cabeça sentir medo. Ela não tem noção de que é algo que um quatro-anéis do Fulcro teria que se esforçar para fazer. Mas ela não faz isso da forma que um quatro-anéis faria, tomando posse do movimento e do calor e tentando canalizar ambos através de si. Ela se sintoniza, sim, mas apenas com os sentidos e não com a espiral de absorção. Mas, ao passo que um instrutor do Fulcro a alertaria de que ela não conseguirá afetar nada desse modo, ela segue a lição de seus próprios instintos, que dizem que ela consegue. Ao se estabelecer no redemoinho, girando com ele, ela consegue relaxar o suficiente para atravessar a fricção e a pressão até o que jaz abaixo: o prateado.

Este é o nome que ela decidiu dar a esse elemento, depois de perguntar a Schaffa e aos outros e perceber que eles também não sabem o que é. As outras crianças orogenes não conseguem nem detectá-lo; Eitz pensou ter sentido algo uma vez, quando ela lhe pediu timidamente para se concentrar em Schaffa em vez de se concentrar na terra, porque o prateado é mais fácil de ver (mais concentrado, mais potente, mais *determinado*) dentro das pessoas do que no chão. Mas Schaffa se retesou e o encarou no momento seguinte, e Eitz encolheu-se e pareceu mais culpado e mais apreensivo do que nunca, então Nassun se sentiu mal por tê-lo magoado. Ela jamais pediu para ele tentar de novo.

Os outros, porém, não conseguem fazer nem isso. São os outros dois Guardiões, Nida e Umber, que ajudam mais.

— Essa é uma coisa que nós podávamos no Fulcro quando encontrávamos, quando eles ouviam o chamado, quando ouviam



com muita atenção — começa Nida, e Nassun se prepara porque, quando Nida começa, é impossível saber por quanto tempo ela vai continuar. Ela para apenas para os outros Guardiões falarem. — O uso de sublimados em vez de controle das estruturas é perigoso, determinado, um alerta. É importante cultivar para fins de pesquisa, mas a maioria dessas crianças era encaminhada para o serviço nas estações de ligação. Entre as outras, a gente as abatía, abatía, *abatía*, pois era proibido buscar pelo céu. — Incrivelmente, ela se cala depois disso. Nassun se pergunta o que o céu tem a ver com qualquer coisa, mas sabe que não deve perguntar, para Nida não começar de novo.

Mas Umber, que é lento e calado na mesma proporção em que Nida é rápida, aquiesce com a cabeça.

— Nós permitíamos que uns poucos progredissem — traduz ele. — Para reprodução. Por curiosidade. Para o orgulho do Fulcro. Não mais do que isso.

O que revela várias coisas a Nassun, quando ela separa do resto do falatório o que faz sentido. Nida, Umber e Schaffa não são mais Guardiões propriamente, embora tivessem sido. Eles desistiram do credo de sua ordem, escolheram trair os velhos métodos. Assim, o uso do prateado é claramente uma questão de grande preocupação para os Guardiões comuns... mas por quê? Se só alguns dos orogenes do Fulcro recebiam permissão para desenvolver a habilidade, para “progredir”, qual era o perigo se muitos deles progredissem? E por que esses ex-Guardiões, que um dia “podaram” a habilidade, permitem que ela a pratique sem restrições agora?

Schaffa está lá para participar dessa conversa, ela percebe, mas ele não fala nada. Apenas a observa, sorrindo, e estremece vez ou outra quando o prateado solta faíscas e dá puxões dentro dele. Isso tem acontecido bastante com ele nos últimos tempos. Nassun não sabe ao certo por quê.

Nassun vai para casa todas as noites depois de passar o dia em Lua Encontrada. Jija acomodou-se em sua casa em Jekity e, toda vez que ela volta, há novos toques caseiros de que ela gosta: tinta de um azul surpreendentemente vívido no velho piso de madeira; mudas plantadas no pequeno jardim da casa, embora elas cresçam

de forma irregular à medida que a cinza fica mais densa no céu; um tapete que ele trocou por uma faca de vidro no pequeno quarto que ele designa como sendo dela. Não é tão grande quanto o quarto que ela tinha em Tirimo, mas tem uma janela que dá para a floresta que circunda o platô de Jekity. Para além da floresta, se o ar está claro o bastante, ela às vezes consegue ver o litoral como uma distante linha branca logo após o verde da floresta. Depois disso, há uma vastidão de azul que a fascina, embora não haja nada para ver daqui exceto essa fatia de cor. Ela nunca viu o mar de perto, e Eitz lhe conta histórias maravilhosas sobre ele: que tem cheiro de sal e vida estranha; que ele desliza sobre uma coisinha fina chamada areia, na qual cresce pouca coisa devido ao sal; que as criaturas de lá às vezes se mexem e borbulham, como “caranguejos” ou “lulas” ou “mordedores da areia”, embora digam que esses últimos só aparecem durante uma Estação. Há o constante risco de tsunami, motivo pelo qual ninguém mora perto do mar, se puder evitar... e, de fato, alguns dias depois que Nassun e Jija chegaram a Jekity, ela sentiu (em vez de ver) os resquícios de um grande tremor no extremo leste, em alto mar. Ela também sentiu as reverberações que ele causou quando algo vasto se mexeu e então bateu na terra ao longo da costa. Desta vez, ela ficou feliz de estar tão longe.

No entanto, é bom ter um lar de novo. A vida começa a parecer normal pela primeira vez em muito tempo. Uma noite, durante o jantar, Nassun conta a seu pai o que Eitz disse sobre o mar. Ele parece incrédulo, depois pergunta onde ela ouviu essas coisas. Ela lhe conta sobre Eitz, e ele fica muito calado.

— É um menino rogga? — pergunta ele depois de um instante.

Nassun, cujos instintos enfim mandaram um alerta (ela perdeu o hábito de se manter vigilante quanto às mudanças de humor de Jija), fica em silêncio. Mas como ele vai ficar mais bravo se ela não falar, ela enfim confirma com a cabeça.

— Qual deles?

Nassun morde o lábio. Mas Eitz é de Schaffa, e ela sabe que Schaffa não permitirá que nenhum de seus orogenes seja machucado. Então ela responde:

— O mais velho. Ele é alto e bem negro e tem rosto comprido.

Jija continua comendo, mas Nassun vê se mexerem músculos do maxilar dele que não têm nada a ver com a mastigação.

— Aquele garoto costeiro, eu já vi. Não quero que você converse mais com ele.

Nassun engole em seco e arrisca.

— Tenho que conversar com todos os outros, Papai. É assim que a gente aprende.

— Aprende? — Jija levanta os olhos. É refreado, contido, mas ele está furioso. — O rapaz tem o que, vinte anos? Vinte e cinco? E ele ainda é um *rogga*. *Ainda*. Ele deveria ter sido capaz de se curar a esta altura.

Por um momento, Nassun fica confusa, porque curar-se da orogenia é a última coisa em que ela pensa ao final das aulas. Bem, Schaffa disse que era possível. Ah... e Eitz, que só tem dezoito, mas obviamente envelheceu na cabeça de Jija, é velho demais para não ter utilizado essa cura, se for usá-la. Com um arrepio, Nassun se dá conta: Jija começou a duvidar das declarações de Schaffa de que é possível apagar a orogenia. O que ele fará se perceber que Nassun não *quer* mais ser curada?

Nada de bom.

— Sim, Papai — ela responde.

Isso o acalma, como de costume.

— Se tiver que conversar com ele durante as aulas, tudo bem. Não quero que você deixe os Guardiões irritados. Mas não fale com ele fora essas ocasiões. — Ele suspira. — Não gosto que você passe tanto tempo lá em cima.

Ele continua resmungando sobre o assunto durante o resto da refeição, mas não diz nada pior, então Nassun relaxa depois de um tempo.

Na manhã seguinte, em Lua Encontrada, ela diz a Schaffa:

— Preciso aprender a esconder melhor o que eu sou.

Schaffa está carregando duas bolsas para o complexo de Lua Encontrada quando ela diz isso. Elas são pesadas, e ele é monstruosamente forte, mas até mesmo ele precisa fazer força para carregá-las, então ela não insiste por uma resposta enquanto ele caminha. Quando ele chega a um dos minúsculos barracos de provisão do complexo, coloca as bolsas no chão e recupera o

fôlego. É mais fácil manter suprimentos aqui em cima para coisas como as refeições das crianças do que ir e voltar ao esconderijo de provisões de Jekity ou à casa de refeições comunitária.

— Você está em segurança? — ele pergunta então, em voz baixa. É por isso que ela o ama.

Nassun aquiesce, mordendo o lábio inferior, porque é errado que ela tenha que pensar isso sobre o próprio pai. Ele olha para ela durante um longo e difícil instante, e há uma fria reflexão nesse olhar que a alerta de que ele começou a pensar em uma solução simples para o problema.

— Por favor, não — ela fala de forma brusca.

— Não...? — desafia ele.

Nassun viveu um ano de coisas feias. Pelo menos Schaffa é claro e descomplicado em sua brutalidade. Isso torna fácil para ela empinar o queixo, determinada.

— Não mate o meu pai.

Ele sorri, mas seus olhos ainda estão frios.

— Um medo desses é causado por alguma coisa, Nassun. Alguma coisa que não tem nada a ver com você, com o seu irmão nem com as mentiras da sua mãe. O que quer que seja, deixou uma ferida no seu pai... uma ferida que obviamente infeccionou. Ele vai atacar qualquer coisa que tocar essa velha ferida fedorenta ou mesmo chegar perto dela... como você viu. — Ela pensa em Uche e aquiesce. — Não dá para argumentar com ele.

— Eu consigo — ela fala sem pensar. — Já fiz isso antes. Sei como... — *manipulá-lo*, essa é a palavra para descrever o que ela faz, mas ela só tem dez anos, então o que ela diz é: — Consigo impedir que ele faça qualquer coisa ruim. Sempre impedi antes. — Em grande parte.

— Até o dia que você não conseguir, uma única vez. Isso seria suficiente. — Ele olha para ela. — Vou matá-lo se ele alguma vez machucar você, Nassun. Tenha isso em mente, se dá mais valor à vida do seu pai do que à sua. *Eu* não dou. — Então ele volta para o barraco para organizar as bolsas, e esse é o fim da conversa.

Algum tempo depois, Nassun conta aos outros sobre esse diálogo.

— Talvez você devesse se mudar para Lua Encontrada com o resto de nós — sugere o pequeno Paido.

Ynegen, Esquiva e Lashar estão sentadas ali perto, relaxando e recuperando-se após terem passado uma tarde encontrando e empurrando as rochas marcadas enterradas sob a superfície do tormento. Elas assentem com a cabeça e murmuram em concordância.

— É o certo — diz Lashar da sua maneira arrogante. — Você nunca será uma de nós se continuar morando entre *eles*.

A própria Nassun já pensou sobre isso muitas vezes. Mas...

— Ele é o meu pai — ela responde, fazendo um gesto largo com as mãos.

Isso não obtém nenhuma compreensão dos outros, até causa alguns olhares de pena. Muitos deles ainda carregam as marcas da violência infligida pelos adultos de confiança na vida de cada um.

— Ele é um quieto — retruca Esquiva de modo abrupto, e esse é o fim da questão no que se refere à maior parte deles. Nassun acaba desistindo de tentar convencê-los do contrário.

Esses pensamentos invariavelmente começam a afetar sua orogenia. Como poderiam não afetar, quando uma parte implícita dela quer agradar o pai? Ela precisa de tudo o que tem e da confiança que vem do prazer, para se envolver com a terra ao máximo. E, naquela tarde, quando ela tenta tocar os rodopiantes fios prateados do ponto quente e isso dá tão terrivelmente errado que ela ofega e retorna com grande esforço à consciência só para descobrir que congelou todos os dez círculos do tormento, Schaffa intervém.

— Você vai dormir aqui hoje à noite — diz ele após atravessar a terra coberta de gelo para carregá-la de volta até um banco. Ela está exausta demais para andar. Foi preciso tudo o que ela tinha para não morrer. — Amanhã, quando você acordar, vou com você até a sua casa, e vamos voltar com os seus pertences.

— N-não quero — responde ela, arquejante, embora saiba que Schaffa não gosta quando as crianças lhe dizem “não”.

— Não me importa o que você quer, pequenina. Isso está interferindo no seu treinamento. É por isso que o Fulcro tirava as

crianças da família. O que vocês fazem é perigoso demais para permitir distrações, por mais que sejam por amor.

— Mas. — Ela não tem forças para se opor com mais firmeza. Ele a coloca no colo, tentando aquecê-la porque a extremidade de sua espiral estava a pouco mais de dois centímetros de sua pele.

Schaffa suspira. Por algum tempo, ele não diz nada, a não ser gritar para alguém trazer um cobertor; Eitz é quem o entrega, pois já havia ido buscar um assim que viu o que aconteceu. (Todos viram o que aconteceu. É embaraçoso. Como você percebeu durante a perigosa infância de Nassun, ela é uma garota muito, muito orgulhosa.) Quando Nassun enfim para de tremer e se sentir como se seus sensapinae houvessem sido metodicamente espancados, Schaffa diz enfim:

— Você serve a um propósito maior, pequenina. Não ao desejo de um único homem... nem mesmo ao meu. Você não foi feita para essas coisas insignificantes.

Ela franze a testa.

— Para o que... para o que eu fui feita, então?

Ele chacoalha a cabeça. O prateado faísca dentro dele, a rede que ele forma viva e cambiante à medida que a coisa alojada em seus sensapinae tece seu desejo outra vez, ou tenta tecer.

— Para remediar um grande erro. Um para o qual um dia eu contribuí.

Isso é interessante demais para adormecer durante a conversa, embora o corpo inteiro de Nassun anseie por dormir.

— Qual foi o erro?

— Escravizar a sua espécie. — Quando Nassun se recosta para franzir a testa para Schaffa, ele sorri de novo, mas desta vez é um sorriso triste. — Ou talvez seja mais exato dizer que perpetuamos a autoescravidão deles, sob as ordens do Velho Sanze. O Fulcro em tese era administrado por orogenes, entende... orogenes que nós havíamos selecionado e cultivado, moldado e escolhido cuidadosamente, para que obedecessem. Para que eles soubessem o próprio lugar. Tendo uma escolha entre a morte e a mínima possibilidade de aceitação, eles estavam desesperados, e nós usamos isso. Nós os *tornamos* desesperados.

Por algum motivo, ele faz uma pausa e suspira. Respira fundo. Solta o ar. Sorri. É assim que Nassun fica sabendo, sem sentir, que a dor que vive sempre na cabeça de Schaffa começou a ficar mais intensa outra vez.

— E a minha espécie, a dos Guardiões, como eu fui um dia, era cúmplice dessa atrocidade. Você já viu como o seu pai brita uma pedra? Martelando-a, cortando fora as partes mais fracas. Quebrando-a, se ela não conseguir aguentar a pressão, e começando de novo com outra. Era isso que eu fazia naquela época, mas com crianças.

Nassun acha difícil acreditar. Claro que Schaffa é impiedoso e violento, mas isso é com os inimigos. Um ano sem comu ensinou a Nassun a necessidade de ser cruel. Mas com as crianças de Lua Encontrada, ele é tão amável e gentil.

— Até mesmo comigo? — pergunta ela de forma brusca. Não é das perguntas mais claras, mas ele entende o que ela quer dizer: *se você tivesse me encontrado naquela época?*

Ele toca a cabeça dela, passa a mão pelo cabelo, pousa as pontas dos dedos contra a nuca. Não tira nada dela desta vez, mas talvez o gesto o conforte, pois ele parece tão triste.

— Até com você, Nassun. Eu machuquei muitas crianças naquela época.

Tão triste. Nassun decide que ele não havia *tido intenção* no passado, mesmo que houvesse feito algo ruim.

— Eu estava tão errado em tratar a sua espécie dessa maneira. Vocês são pessoas. O que nós fizemos, transformar vocês em instrumentos, foi errado. O que nós precisamos é de *aliados*... mais do que nunca agora, nesses tempos sombrios.

Nassun fará qualquer coisa que Schaffa pedir. Mas aliados são necessários para tarefas específicas e não são a mesma coisa que amigos. A capacidade de distinguir também é algo que a estrada lhe ensinou.

— Para o que o senhor precisa de nós como aliados?

Seu olhar fica distante e apreensivo.

— Para reparar algo que está quebrado há muito tempo, pequenina, e resolver uma disputa que se originou em um passado tão longínquo que a maioria de nós esqueceu como começou. Ou o

fato de que a disputa *continua*. — Ele ergue uma das mãos e toca a parte de trás da própria cabeça. — Quando desisti dos meus velhos hábitos, eu me comprometi com a causa de ajudar a acabar com ela.

Então é isso.

— Não gosto que isso te cause dor — diz Nassun, fitando aquele borrão no mapa prateado que é ele. É tão minúsculo. Menor do que uma das agulhas que seu pai às vezes usa para costurar buracos na roupa. No entanto, é um espaço negativo contra o brilho, perceptível apenas pela silhueta ou pelos seus efeitos mais do que por si mesmo. Como uma aranha imóvel no centro de uma trêmula teia carregada de orvalho. Contudo, as aranhas hibernam durante uma Estação, e a coisa dentro de Schaffa nunca para de atormentá-lo. — Por que te machuca se o senhor está fazendo o que ele quer?

Schaffa pisca os olhos. Aperta a menina com delicadeza e sorri.

— Porque eu não vou *forçar* você a fazer o que ele quer. Eu apresento os desejos dele como uma escolha e vou respeitar se você se recusar. Ele... confia menos na sua espécie. Por uma boa razão, deve-se admitir. — Ele chacoalha a cabeça. — Podemos conversar sobre isso mais tarde. Agora, deixe os seus sensapinae descansarem. — Ela se acalma de imediato... embora não houvesse tido de fato a intenção de sensá-lo e não houvesse de fato se dado conta de estar fazendo isso. O sensamento constante está se tornando natural para ela. — Uma soneca vai te fazer bem, eu acho.

Então ele a leva a um dos dormitórios e a coloca em uma cama sem dono. Ela se encolhe dentro do casulo formado pelo cobertor e adormece ouvindo a voz dele instruir as outras crianças a não perturbá-la.

E ela acorda no dia seguinte ouvindo o eco de seus próprios gritos e arquejos sufocados enquanto se esforça para sair de dentro do cobertor. Alguém agarra o seu braço e é tudo o que não deveria ser: não agora, não com ela, não quem ela quer, não algo que se possa tolerar. Ela se projeta agitadamente na terra e não é nem calor nem pressão que respondem ao seu chamado, mas o fio de luz prateada que grita fazendo eco e reverbera junto com sua velada necessidade de força. Esse grito ecoa pela terra, não apenas em



fios, mas em ondas, não apenas pela terra, mas pela água e pelo ar,  
e

e então

*e então*

algo lhe responde. Algo no céu.

Ela não tem intenção de fazer o que faz. Eitz certamente não pretende o que acontece como resultado de sua tentativa de acordá-la de um pesadelo. Ele gosta de Nassun. Ela é uma criança doce. E, embora Eitz não seja mais uma criança ingênua e tenha lhe ocorrido, nos anos que se passaram desde que partiram de sua casa costeira, que Schaffa sorria demais naquele dia e tinha um leve cheiro de sangue, ele entende o que quer dizer o fato de Schaffa estar tão encantado com Nassun. O Guardião esteve procurando alguma coisa todo esse tempo e, apesar de tudo, Eitz o ama o suficiente para esperar que ele encontre.

Talvez isso sirva de conforto para você, embora não vá servir de conforto para Nassun quando, em sua assustada e desorientada agitação, ela transforma Eitz em pedra.

Não é como o que está acontecendo, bem longe dali e no subterrâneo, com Alabaster. Isto é mais lento, mais cruel e, no entanto, muito mais refinado. Engenhoso. O que atinge Eitz é uma catástrofe: um golpe de martelo de átomos desorganizados rearranjados de forma não exatamente aleatória. A treliça que em geral se formaria dissolve-se em caos. Começa no peito dele quando a mão de Nassun tenta afastá-lo com um tapa, e se espalha em menos tempo do que as outras crianças presentes levam para respirar, ofegantes. Espalha-se pela pele dele, o marrom enrijecendo-se e desenvolvendo um brilho semelhante ao de uma pedra olho de tigre, depois pela carne, embora ninguém vá ver o rubi que há por dentro a menos que o quebrem. Eitz morre quase instantaneamente, seu coração solidificando-se primeiro, tornando-se uma joia estriada de quartzo amarelo e um intenso tom granada e uma tonalidade de ágata branca, com ligeiros veios de safira. Ele é um belo fracasso. Acontece tão rápido que ele não tem tempo de sentir medo. Pelo menos, isso poderá confortar Nassun mais tarde.

Mas, no momento, nos contidos segundos que se seguem a esse acontecimento, enquanto Nassun se contorce e tenta tirar sua

mente daquele estado de *cair, cair para cima em meio a uma líquida luz azul*, e enquanto o arquejo de Deshati se transforma em grito (que desencadeia outros) e Olhadinha dá um passo à frente para olhar, de boca aberta, para o fac-símile lustroso e intensamente colorido de si mesmo que Eitz se tornou, várias coisas acontecem ao mesmo tempo em outra parte.

Algumas dessas coisas você terá adivinhado. Talvez a uns 160 quilômetros de distância, um obelisco safira cintila e se converte em sólida realidade por um instante, depois bruxuleia de volta ao seu estado translúcido... antes de começar a flutuar pesadamente em direção a Jekity. Muitos quilômetros mais em uma direção diferente, em algum ponto profundo dentro de um veio magmático de pórfiro, uma silhueta que sugere uma forma humana se vira, atenta com novo interesse.

Acontece outra coisa que pode ser que você não tenha adivinhado... ou talvez tenha, porque conhece Jija de uma maneira que eu não conheço. Mas, no exato instante em que a filha rompe os prótons de um garoto, Jija termina sua trabalhosa subida ao platô que abriga o complexo de Lua Encontrada. Irritado demais para ser cortês após uma noite fervendo de raiva, ele grita pela filha.

Nassun não o ouve. Está convulsionando no dormitório. Ouvindo os gritos das outras crianças, Jija se volta para o prédio... mas, antes que possa começar a avançar naquela direção, dois dos Guardiões saem do prédio deles e atravessam o complexo. Umber se dirige para o dormitório em ritmo acelerado. Schaffa vira para interceptar Jija. Nassun saberá de tudo isso mais tarde por parte das crianças que testemunharam. (Eu também.)

— Minha filha não voltou para casa ontem à noite — diz Jija, quando Schaffa o detém de modo abrupto. O pai está alarmado por conta dos gritos das crianças, mas não muito. Qualquer que seja a loucura que esteja acontecendo dentro do dormitório, ele não espera nada melhor do antro de perdição que Lua Encontrada sem dúvida deve ser. Quando confronta Schaffa, tem uma expressão determinada que você vai reconhecer de outras ocasiões em que ele se sentiu cheio de razões. Portanto, ele não estará disposto a voltar atrás.

— Ela vai ficar aqui — diz Schaffa, sorrindo educadamente. — Achamos que voltar para a sua casa à noite está interferindo com o treinamento dela. Já que sua perna obviamente está recuperada o bastante para permitir que suba até aqui, poderia fazer a gentileza de trazer as coisas dela mais tarde?

— Ela... — Os gritos ficam mais altos por um momento, quando Umber abre a porta para entrar, mas ele a fecha após passar e eles param. Jija franze o cenho ao ver isso, mas chacoalha a cabeça a fim de se concentrar no que é importante. — Ela *não* vai ficar neste lugar ferrugento! Não quero que ela passe mais tempo do que o necessário com esses... — Ele quase chega a ser vulgar. — Ela não é um deles.

Schaffa inclina a cabeça por um instante, como que ouvindo algo que só ele pode escutar.

— Não é? — Seu tom de voz é contemplativo.

Jija olha para ele, confuso por um momento, o que o faz se calar. Depois ele xinga e tenta passar por Schaffa. A perna dele de fato recuperou-se quase que por inteiro desde que chegou a Jekity, mas ele ainda manca bastante, já que o arpão rompeu nervos e tendões que demorarão a sarar, se é que algum dia sararão por completo. Mesmo que Jija fosse capaz de se mover com facilidade, entretanto, não poderia ter desviado da mão que do nada vem cobrir sua face.

É a mão grande de Schaffa que se espalma sobre o rosto dele, movendo-se tão rápido que forma um borrão antes de golpear. Jija só a vê quando ela está sobre os seus olhos, o seu nariz e a sua boca, soerguendo-o e jogando-o de costas no chão. Enquanto Jija fica ali no solo, piscando, está atordoado demais para se perguntar o que aconteceu, chocado demais para sentir dor. Então a mão se afasta e, da perspectiva de Jija, o rosto do Guardião simplesmente está *ali*, seu nariz quase tocando o dele.

— Nassun não tem pai — diz Schaffa em voz baixa. (Jija se lembrará mais tarde que Schaffa sorri durante todo o tempo em que diz isso.) — Ela não precisa de pai nem mãe. Ela não sabe disso ainda, embora um dia vá descobrir. Devo ensinar a ela desde cedo como se virar sem você? — E ele posiciona a ponta de dois dedos sob o maxilar de Jija, pressionando a pele macia com força

suficiente para Jija entender no mesmo instante que sua vida depende de sua resposta.

Jija fica imóvel pelo tempo de uma longa respiração contida. Não há nada na mente dele que valha a pena relatar, mesmo que para fins especulativos. Ele não diz nada, embora produza um som. Quando as crianças falam mais tarde sobre essa cena, elas omitem esse detalhe: o pequeno e sufocado gemido de um homem que está tentando não perder o controle da bexiga e do intestino e que não consegue pensar em nada além da morte iminente. É um som em grande parte nasal, que vem do fundo da garganta. Faz com que ele queira tossir.

Schaffa parece tomar o gemido de Jija em si como uma resposta. Seu sorriso se torna mais largo por um momento... um sorriso verdadeiro, animador, do tipo que enruga os cantos dos olhos e mostra a gengiva. Ele está satisfeitiíssimo de não ter que matar o pai de Nassun com as próprias mãos. E então ele muito deliberadamente ergue a mão que estava posicionada sob o maxilar de Jija, sacudindo os dedos diante dos olhos de Jija até o homem piscar.

— Isso — diz Schaffa. — Agora podemos nos portar como pessoas civilizadas outra vez. — Ele se endireita, virando a cabeça em direção ao dormitório; fica claro que ele já esqueceu Jija, a não ser como um pensamento secundário. — Não se esqueça de trazer as coisas dela, por favor. — Depois ele se levanta, passa por cima de Jija e se dirige ao dormitório.

Ninguém se importa com o que Jija faz depois disso. Um garoto virou pedra e uma menina manifestou um poder que é estranho e aterrorizante mesmo para um rogga. Essas são as coisas de que todos se lembrarão sobre este dia.

Todos exceto, imagino, Jija, que, na sequência, manca em silêncio para casa.

No dormitório, Nassun enfim conseguiu retirar sua consciência da coluna líquida de luz azul que quase a consumiu. Essa é uma façanha incrível, embora ela não tenha noção disso. A única coisa que a menina sabe, quando supera a crise e encontra Schaffa inclinando-se sobre ela, é que uma coisa medonha aconteceu e Schaffa está lá para cuidar dela na sequência.

(Ela é filha dele, no âmago dela. Não cabe a mim julgá-la, mas... ah, ela é tão dele.)

— Me conte — diz Schaffa. Ele se sentou na beirada da cama dela, bem perto, bloqueando de propósito sua visão de Eitz. Umber está conduzindo as outras crianças para fora. Olhadinha está chorando, em estado de histeria; os outros continuam em silêncio, em estado de choque. Nassun não percebe, tendo um trauma todo dela com o qual lidar no momento.

— Tinha — ela começa. Está hiperventilando. Schaffa coloca uma das mãos em forma de concha sobre o nariz e a boca da menina e, após alguns momentos, a respiração dela se acalma. Uma vez que a menina está mais perto do normal, ele tira a mão e faz um sinal com a cabeça para ela continuar. — Tinha. Uma coisa azul. Luz e... Eu caí para cima. Schaffa, eu caí *para cima*. — Ela franze a testa, confusa com o próprio pânico. — Eu tinha que sair de lá. Doía. Era rápido demais. *Queimava*. Fiquei com tanto medo.

Ele aquiesce, como se isso fizesse sentido.

— Mas você sobreviveu. Isso é muito bom. — Ela fica radiante ao ouvir esse elogio, embora não faça ideia do que significa. Ele reflete sobre o assunto por um momento. — Você sentiu mais alguma coisa enquanto estava conectada?

(Ela não vai pensar sobre essa palavra, “conectada”, até muito mais tarde.)

— Tinha um lugar lá no norte. Linhas no solo. Por toda parte. — Ela quer dizer por toda a Quietude. Schaffa inclina a cabeça, demonstrando interesse, o que a encoraja a continuar balbuciando. — Eu conseguia ouvir pessoas conversando. Onde elas tocavam as linhas. Tinha *pessoas* nos nós. Onde as linhas se cruzavam. Mas eu não conseguia entender o que ninguém estava falando.

Schaffa fica bastante imóvel.

— Pessoas nos nós. Orogenes?

— Sim? — Na verdade, é difícil responder a essa pergunta. A pegada firme da orogenia daqueles estranhos distantes era forte... algumas mais fortes do que a própria Nassun. No entanto, havia uma suavidade estranha e quase uniforme em cada um desses que eram mais fortes. Como passar os dedos em uma pedra polida: não havia textura para captar. Esses também eram os que estavam

espalhados por uma distância maior, alguns ainda mais ao norte do que Tirimo... por todo o caminho até onde o mundo ficou vermelho e quente.

— A rede de estações de ligação — diz Schaffa, pensativo. — Hmm. Alguém está mantendo alguns dos mantenedores de estação vivos lá no norte? Que interessante.

Há mais, então Nassun tem que continuar tagarelando.

— Mais perto daqui, tinha um monte deles. De nós. — Esses se pareciam com seus companheiros de Lua Encontrada, sua orogenia brilhante e rápida como peixes, muitas palavras instruindo e reverberando ao longo das linhas prateadas que os conectam. Conversas, sussurros, risadas. Uma comu, sugere sua mente. Algum tipo de comunidade. Uma comunidade de orogenes.

(Ela não sensa Castrima. Sei que você está se perguntando.)

— Quantos? — Schaffa fala em voz muito baixa.

Ela não consegue estimar essas coisas.

— Eu apenas escuto muita gente conversando. Como casas lotadas.

Schaffa vira de lado. De perfil, ela vê que os lábios dele se mexem, mostrando os dentes. Desta vez, não é um sorriso.

— O Fulcro Antártico.

Nida, que entrou sem ruído no quarto nesse meio tempo, pergunta de perto da porta:

— Eles não foram expurgados?

— Aparentemente não. — Não há nenhuma inflexão na voz de Schaffa. — É só uma questão de tempo até nos descobrirem.

— Sim. — Então Nida ri baixinho. Nassun sensa a flexão dos fios prateados dentro de Schaffa. Sorrir alivia a dor, ele dissera. Quanto mais um Guardião sorri, dá risada, mais dor está sentindo. — A menos que... — Nida ri outra vez. Desta vez, Schaffa sorri também.

Mas ele se vira de novo para Nassun e afasta as mechas de cabelo que recaem sobre o rosto dela.

— Preciso que você fique calma — pede ele. Então se levanta e se move para o lado de forma que ela possa ver o cadáver de Eitz.

E depois que ela terminou de gritar e chorar e tremer nos braços de Schaffa, Nida e Umber vêm, erguem a estátua de Eitz e a levam embora. É obviamente muito mais pesada do que Eitz jamais foi,

mas Guardiões são muito fortes. Nassun não sabe para onde o levam, o belo garoto nascido à beira-mar, de sorriso triste e olhos gentis, e ela nunca fica sabendo nada sobre seu destino a não ser que o matou, o que a torna um monstro.

— Talvez — Schaffa lhe diz enquanto ela pronuncia essas palavras entre soluços. Ele a põe no colo outra vez, afagando seus grandes cachos. — Mas você é *meu* monstro. — Ela está tão deprimida e horrorizada que isso de fato a faz sentir-se melhor.



PEDRAS PERDURAM, IMUTÁVEIS. NUNCA ALTERE O QUE ESTÁ ESCRITO EM PEDRA.

— *TÁBUA TRÊS, “ESTRUTURAS”, VERSÍCULO UM*



## 13

### *Você, em meio a relíquias*

Começa a parecer que você morou em Castrima a sua vida toda. Não deveria. É só outra comu, só outro nome, só outro recomeço ou, pelo menos, um recomeço parcial. Provavelmente vai terminar do modo como todos os outros terminaram. Mas... faz a diferença o fato de que, aqui, todos sabem o que você é. Essa é a única coisa boa sobre o Fulcro, sobre Meov, sobre ser Syenite: você podia ser quem era. É um luxo que você está aprendendo a saborear mais uma vez.

Você está na superfície de novo, na Castrima-de-cima, como eles a vêm chamando, no que costumava ser o simbólico campo verde do vilarejo. O solo em torno de Castrima é alcalino e arenoso; na verdade, você ouviu Ykka dizer que tinha esperanças de que houvesse um pouco de chuva ácida para melhorá-lo. Você acha que o solo provavelmente precisa de mais matéria orgânica para isso funcionar... e é pouco provável que vá haver muita, já que você viu três montículos de ferverhões no caminho até aqui.

A boa notícia é que os montículos são fáceis de detectar, mesmo quando são só um pouco mais altos do que a camada de cinza que cobre o chão. Os insetos dentro deles comicham consciência como uma fonte de calor e de pressão pronta para a orogenia. Durante a caminhada para cá, você mostrou às crianças como sentir essa contida diferença em relação ao ambiente mais frio e mais relaxado



ao redor. As mais novas transformaram isso em um jogo, ofegando e apontando sempre que sensavam um montículo e tentando ultrapassar umas às outras na contagem.

A notícia ruim é que há mais montículos de fervilhões esta semana do que havia na semana anterior. Provavelmente não é uma coisa boa, mas você não deixa que as crianças vejam a sua preocupação.

Há dezessete crianças ao todo: a maior parte do contingente de orogenes de Castrima. Dois são adolescentes, mas a maioria é mais nova, uma delas tem apenas cinco anos. A maioria é órfã, ou é como se fosse, e isso não surpreende você nem um pouco. O que a surpreende é que todas devem ter um controle relativamente bom e raciocínio rápido, porque, do contrário, não teriam sobrevivido à Fenda. Eles teriam que ter sentido a chegada dela com tempo suficiente para ir a um lugar isolado, deixar seus instintos salvá-los, recuperar-se e então partir outra vez antes que alguém começasse a tentar descobrir quem estava no centro do círculo que escapou à destruição. A maior parte deles é vira-lata latmediano como você: muitas peles tom de bronze não-totalmente-sanzed, cabelos não-totalmente-de-cinzas-sopradas, olhos e corpos em uma extensão que vai do ártico ao costeiro. Não muito diferentes das crianças a quem você costumava dar aula na creche de Tirimo. Só a matéria e, por necessidade, os métodos de ensino, precisam ser diferentes.

— Sensem o que eu faço... apenas sensem, não imitem ainda — você diz, então constrói uma espiral em torno de si mesma. Você faz isso várias vezes, cada uma delas de um jeito diferente... às vezes a gira, formando uma espiral alta e estreita, às vezes a mantém estável, mas ampla o bastante a ponto de sua extremidade chegar perto delas (metade das crianças ofega e sai correndo. É precisamente o que deveriam fazer; ótimo. O fato de que as demais apenas ficaram paradas feito idiotas não é bom. Você vai ter que trabalhar nisso). — Agora. Espalhem-se. Você fica ali, você ali; todos vocês fiquem mais ou menos a essa distância. Quando estiverem no lugar, criem uma espiral que se pareça *exatamente* com a que eu estou fazendo agora.

Não é assim que o Fulcro teria lhes ensinado. Lá, com um período de anos, muros protegidos e um reconfortante céu azul

sobre suas cabeças, o ensino poderia ser feito de forma gentil, gradual, dando às crianças tempo para superar medos ou imaturidade. Não há tempo para gentileza em uma Estação, contudo, nem espaço para falhas dentro das paredes irregulares de Castrima. Você ouve as queixas e vê os olhares ressentidos quando se junta aos grupos de castas de uso ou se dirige ao banho comunitário. Ykka acha Castrima algo especial: uma comu onde roggas e quietos podem viver em harmonia, trabalhando juntos para sobreviver. Você acha que ela é ingênua. Essas crianças precisam ser preparadas para o inevitável dia em que Castrima se voltar contra eles.

Então você demonstra e corrige as imitações com palavras quando pode e uma vez com uma inversão de espiral quando uma das crianças mais velhas cria uma espiral ampla demais e ameaça congelar um dos colegas.

— Você *não pode* ser descuidado! — O garoto cai sentado no chão congelado, fitando você com os olhos arregalados. Você também fez o solo se erguer sob os pés dele para fazê-lo cair, e você está de pé diante dele agora, gritando, propositalmente intimidadora. Ele quase matou outra criança; ele *deveria* estar com medo. — As pessoas morrem quando você comete erros. É isso que você quer? — Uma frenética negativa com a cabeça. — Então, levante-se e faça de novo.

Você os açoita durante o exercício até que todos tenham demonstrado pelo menos uma capacidade básica de controlar o tamanho das espirais. Parece errado ensinar-lhes só isso, sem nada da teoria que os ajudará a entender por que e como o poder funciona, nem qualquer um dos exercícios de estabilização destinados a aperfeiçoar a separação entre instinto e poder. Você precisa ensinar a eles o que dominou no decorrer de anos; enquanto você é uma artista, eles serão, no máximo, apenas toscos imitadores. Eles estão desanimados quando você os leva de volta para Castrima, e você desconfia que alguns a odeiam. Mas eles serão mais úteis a Castrima assim... e, no inevitável dia em que Castrima se virar contra eles, estarão prontos.

(Essa é uma sequência familiar de pensamentos. Houve um tempo, quando treinou Nassun, em que você disse a si mesma que

não importava se ela a odiasse no final; ela saberia do seu amor pela própria sobrevivência. Mas isso nunca pareceu certo, não é? Você foi mais gentil com Uche por esse motivo. E sempre quis pedir desculpas a Nassun mais tarde, quando ela tivesse idade suficiente para entender... Ah, há tantos arrependimentos dentro de você que eles giram, pesados como ferro comprimido, no seu âmago.)

— Você está certa — diz Alabaster quando, mais tarde, você se senta em um leito da enfermaria e conta a ele sobre a lição. — Mas também está errada.

É mais tarde do que o habitual para a sua visita a Alabaster e, como consequência, ele está inquieto e visivelmente com dor em meio ao seu ninho. As medicações que Lerna costuma lhe dar estão deixando de fazer efeito. Estar com ele é sempre uma competição de desejos para você: você sabe que não lhe resta muito tempo para ensinar essas coisas, você também quer prolongar a vida dele, e cada dia que o faz se desgastar o incomoda como o roçar de uma geleira. Urgência e desespero não se dão bem. Você decidiu que será breve desta vez, mas ele parece inclinado a conversar bastante hoje, enquanto se recosta contra a mão de Antimony e mantém os olhos fechados. Você não consegue deixar de pensar nisso como uma espécie de gesto para poupar energia, como se apenas ver você o esgotasse.

— Errada? — você o instiga. Talvez haja um tom de alerta em sua voz. Você sempre protegeu seus alunos, fossem quem fossem.

— Por desperdiçar o seu tempo, para começar. Eles jamais vão ter a precisão para serem mais do que empurra-pedras. — A voz de Alabaster está cheia de desdém.

— Innon era um empurra-pedras — você retruca de modo brusco.

Ele mexe um músculo do maxilar e pausa por um momento.

— Então talvez seja bom que você esteja ensinando a eles como empurrar pedras de maneira segura, mesmo que não seja com gentileza. — Agora o desdém sumiu de suas palavras. É o mais próximo a um pedido de desculpas que você deverá conseguir dele. — Mas mantenho o resto: você está errada de ensiná-los, porque as aulas *deles* estão atrapalhando as *suas*.

— O quê?

Ele faz você sentir um dos seus cotoccos outra vez e... ah. Ahhhh. De repente, está mais difícil de captar a coisa entre as células dele. Demora mais para a sua percepção se ajustar e, quando ela se ajusta, você precisa ficar reflexivamente escapando de uma tendência a perceber apenas o calor e o movimento agitado de pequenas partículas. Uma tarde ensinando fez o seu aprendizado retroceder em uma semana ou mais.

— Existe uma razão para o Fulcro ter te ensinado do jeito como ensinou — explica ele enfim, quando você se recosta e esfrega os olhos e luta contra a frustração. Ele abriu os olhos agora; suas pálpebras estão caídas enquanto observa você. — Os métodos do Fulcro são um tipo de condicionamento destinado a te direcionar para a redistribuição de energia e te afastar da magia. A espiral não é sequer necessária... é possível reunir energia do ambiente de diversas formas. Mas é assim que eles te ensinam a orientar a sua consciência *para baixo* para realizar a orogenia, nunca para cima. Nada acima de você importa. Só o que está imediatamente à sua volta, nunca mais longe. — Ele chacoalha a cabeça da maneira como consegue. — É incrível, quando você pensa nisso. Todo mundo na Quietude é desse jeito. Esqueça o que está nos oceanos, esqueça o que está no céu; nunca para o seu próprio horizonte e se pergunte o que existe além. Passamos séculos zombando dos astrônomos por suas teorias malucas, mas o que achávamos inacreditável de fato era que eles tivessem se dado ao trabalho de *olhar para cima* para formulá-las.

Você quase havia se esquecido dessa parte dele: o sonhador, o rebelde, sempre reconsiderando o modo como as coisas têm sido há muito tempo porque talvez nunca deveriam ter sido daquela maneira para começar. Além do mais, ele está certo. A vida na Quietude desencoraja a reconsideração, a reorientação. A sabedoria está gravada na pedra, afinal; é por isso que ninguém confia na mutabilidade do metal. Existe uma razão pela qual Alabaster era o centro magnético de sua pequena família quando vocês estavam juntos.

Droga, você está nostálgica hoje. Isso a instiga a falar:

— Acho que você não é só um dez-anéis. — Ele pisca os olhos, surpreso. — Você está sempre *pensando*. Você também é um

gênio... só que a sua genialidade está em uma área temática que ninguém respeita.

Alabaster encara você por um instante. Estreita os olhos.

— Você está bêbada?

— Não, não estou... — Terra Cruel, lá se vão lembranças afetuosas. — Continue com a aula ferrugenta.

Ele parece mais aliviado pela mudança de assunto do que você.

— Então é isso que o treinamento do Fulcro faz com você. Você aprende a pensar na orogenia como uma questão de esforço, quando na verdade é de... perspectiva. E percepção.

Um trauma no formato de Allia lhe diz por que o Fulcro não queria cada selvagem de dois cacos buscando qualquer obelisco por perto. Mas você passa um momento tentando entender a distinção que ele está explicando. É verdade que usar energia é algo completamente diferente de usar magia. O método do Fulcro faz a orogenia parecer o que ela é: esforço para mover objetos pesados, só que com vontade em vez de mãos ou alavancas. A magia, no entanto, parece não requerer esforço... pelo menos enquanto está sendo usada. A exaustão vem depois. No momento, porém, é simplesmente uma questão de *saber que ela está lá*. Treinar a si mesmo para ver.

— Não entendo por que fizeram isso — você diz, batendo os dedos no colchão, pensativa. O Fulcro foi construído por orogenes. Pelo menos alguns deles, em algum ponto do passado, devem ter sentido a magia. Mas... você estremece quando entende. Ah, sim. Os orogenes mais poderosos, aqueles que detectavam magia com mais facilidade e talvez tivessem dificuldade em dominar a redistribuição de energia como consequência, eram os que acabavam nas estações de ligação.

Alabaster pensa em um contexto maior do que só o Fulcro.

— Eu acho — ele responde — que eles entendiam o perigo. Não apenas de que roggas sem o controle refinado necessário se conectassem aos obeliscos e morressem, mas de que alguns pudessem ser bem-sucedidos... pelos motivos errados.

Você tenta pensar em um motivo certo para ativar uma rede de antigas máquinas letais. Alabaster lê a sua expressão.

— Duvido que eu tenha sido o primeiro rogga que quis jogar o Fulcro em um poço de lava.

— Bom argumento.

— E a guerra. Nunca se esqueça disso. Os Guardiões que trabalham com o Fulcro são uma das facções sobre as quais eu te contei, por assim dizer. Eles são os que querem manter o status quo: roggas tornando-se seguros e úteis, quietos fazendo todo o trabalho e pensando que administram o lugar, Guardiões *realmente* comandando tudo. Controlando as pessoas que podem controlar os desastres naturais.

Você fica surpresa com isso. Não, você fica surpresa de não ter pensado nisso por si própria. Mas também você não passou muito tempo pensando sobre Guardiões quando não estava bem perto de um. Talvez esse seja outro tipo de aversão ao pensamento a que você foi condicionada: não olhe para cima e não pense sobre aqueles malditos sorrisos.

Você decide se obrigar a pensar neles agora.

— Mas os Guardiões morrem durante uma Estação... — Merda. — Eles *dizem* que morrem... — Merda. — Claro que não morrem.

Alabaster produz um som enferrujado que poderia ser uma risada.

— Eu sou uma má influência.

Sempre foi. Você não consegue deixar de sorrir, embora o sentimento não perdure devido à conversa.

— Mas eles não entram para as comus. Eles devem ir a algum outro lugar para enfrentar esse período.

— Talvez. Talvez para essa tal de “Garantia”. Ninguém parece saber onde fica. — Ele faz uma pausa e fica mais pensativo. — Acho que devia ter perguntado para a minha Guardiã sobre isso antes de deixá-la.

Ninguém simplesmente deixa um Guardião.

— Você disse que não a matou.

Ele pisca os olhos, lembrando-se.

— Não. Eu a *curei*. Mais ou menos. Você sabe sobre aquela coisa que eles têm na cabeça. — Sim. Sangue e a picada na palma da sua mão. Schaffa entregando algo minúsculo e ensanguentado a outro Guardião com muito cuidado. Você aquiesce. — Ela dá a

habilidade que eles têm, mas também os corrompe, os deturpa. Os seniores do Fulcro costumavam falar sobre isso aos sussurros. Existem graus de contaminação... — Ele ergue o queixo, visivelmente deixando esse assunto de lado. Você consegue adivinhar o porquê. Em algum lugar ao longo do caminho, esse assunto recai sobre os Guardiões sem camisa que matam com um toque. — De qualquer forma, tirei aquela coisa da minha Guardiã.

Você engole em seco.

— Eu vi um Guardião matar uma Guardiã uma vez, tirando aquilo.

— Sim. Quando a contaminação se torna grande demais. Então eles são perigosos mesmo para outros Guardiões e devem ser expurgados. Eu tinha ouvido falar que eles não eram gentis quanto a isso. Brutos até com o próprio grupo.

“Ele está irritado”, havia dito a Guardiã Timay, pouco antes de Schaffa matá-la. “Preparando-se para o momento do retorno.” Você inspira. A lembrança está vívida em sua mente porque foi nesse dia que você e Tonkee... Binof... encontraram o soquete. O dia do seu teste do primeiro anel, adiantado e com a sua vida em jogo. Você jamais vai se esquecer de nada daquele dia. E agora...

— É a Terra. — Você diz.

— O quê?

— Essa coisa nos Guardiões. O... contaminante. — “Ele mudou aqueles que o controlariam. Acorrentou-os, destino a destino.” — Ela começou a falar em nome da Terra!

Você percebe que de fato o surpreendeu desta vez.

— Então... — Ele reflete por um momento. — Entendo. É aí que eles trocam de time. Param de trabalhar em prol do status quo e dos interesses dos Guardiões e começam a trabalhar em prol dos interesses da Terra. Não é de estranhar que os outros os matem.

Isso é o que você precisa entender.

— O que a Terra quer?

O olhar de Alabaster está sombrio, sombrio.

— O que qualquer ser vivo quer ao enfrentar um inimigo tão cruel que roubou uma criança?

Você cerra o maxilar. *Vingança.*

Você desce do leito e passa para o chão, recostando-se contra a estrutura da cama.

— Me conte sobre o Portão do Obelisco.

— Sim. Achei que você fosse ficar interessada. — A voz de Alabaster ficou mais suave outra vez, mas há uma expressão no rosto dele que faz você pensar: *“essa era a expressão no rosto dele no dia em que criou a Fenda”*. — Você se lembra do princípio básico. Escalonamento paralelo. Atrelando dois bois juntos em vez de um. Dois roggas juntos podem fazer mais do que cada um individualmente. Isso funciona para os obeliscos também, só que... de forma exponencial. Uma matriz, não uma parelha. É dinâmico.

Tudo bem, você está entendendo até agora.

— Então eu preciso descobrir como conectar todos em uma rede?

Ele concorda com um movimento mínimo da cabeça.

— E você vai precisar de um amortecedor, pelo menos no começo. Quando abri o Portão em Yumenes, usei várias dezenas de mantenedores de estações de ligação.

Várias dezenas de roggas atrofiados e deturpados, convertidos em armas sem mente... E Alabaster de algum modo os voltou contra seus donos. Como isso é típico dele, como é perfeito.

— Amortecedor?

— Para amortizar o impacto. Para... suavizar o fluxo da conexão. — Ele vacila, suspira. — Não sei como explicar. Você saberá quando tentar.

*Quando.* Ele presume que você tentará.

— O que você fez matou os mantenedores das estações de ligação?

— Não exatamente. Eu os usei para abrir o Portão e criar a Fenda... e depois eles tentaram fazer o que foram projetados para fazer: deter o tremor. Estabilizar a terra. — Você faz uma careta, entendendo. Até mesmo você, na adversidade, não foi tola o bastante para tentar *deter* uma onda de choque quando ela chegou a Tirimo. A única coisa segura a fazer era desviar sua força para outro lugar. Mas os mantenedores não têm raciocínio nem controle para fazer o que é seguro.



— Não usei todos eles — comenta Alabaster, pensativo. — Aqueles no extremo oeste e nas Árticas e nas Antárticas estavam fora do meu alcance. A maioria morreu desde então. Não havia ninguém para mantê-los vivos. Mas ainda consigo sentir estações de ligação ativas em alguns lugares. Resquícios da rede: ao sul, perto do Fulcro Antártico, e ao norte, perto de Rennanis.

Claro que ele consegue sentir estações de ligação ainda ativas por toda a extensão até as Antárticas. Você mal consegue sentir uns 160 quilômetros ao redor de Castrima, e você tem que se esforçar para chegar a essa extensão. E talvez os roggas do Fulcro Antártico tenham sobrevivido de alguma maneira e escolhido cuidar de seus irmãos menos afortunados nas estações, mas... “Rennanis”? Não pode ser. É uma cidade equatorial. Fica mais a oeste e ao sul do que a maioria; as pessoas em Yumenes pensavam que ela ficava só um pouco acima de qualquer outro fim-de-mundo latmediano do sul. Mas Rennanis era equatorial o suficiente para ter acabado.

— A Fenda segue para o noroeste, ao longo de uma antiga falha que eu encontrei. Ela passou a algumas centenas de quilômetros de distância de Rennanis... Acho que foi o bastante para permitir que os mantenedores das estações de ligação de fato fizessem alguma coisa. Deveria ter matado a maioria deles, e o resto deveria ter morrido por falta de cuidados quando a equipe os abandonou, mas não sei.

Ele fica em silêncio, talvez cansado. Sua voz está rouca hoje, e seus olhos estão injetados de sangue. Outra infecção. Ele continua pegando infecções porque algumas partes queimadas do seu corpo não estão sarando, segundo Lerna. A falta de analgésicos não está ajudando.

Você tenta digerir o que ele lhe contou, o que Antimony lhe contou, o que você aprendeu com tentativas e sofrimento. Talvez os números importem. Duzentos e dezesseis obeliscos, um número incalculável de orogenes como amortecedores, e você. Mágica para ligar os três... de alguma forma. Tudo isso junto forjando uma rede para pegar a Lua maldita e queimada pelos fogos da Terra.

Alabaster não diz nada enquanto você pondera e, por fim, você olha para ele para ver se caiu no sono. Mas ele está acordado, seus

olhos entreabertos, observando você.

— O quê? — Você franze o cenho, na defensiva, como sempre.

Ele dá menos de um meio sorriso com a metade da boca que não se queimou.

— Você nunca muda. Se eu te peço ajuda, você me diz para descamar e morrer. Se eu não digo uma palavra ferrugenta, você faz milagres por mim. — Ele suspira. — Pela Terra Cruel, como eu senti saudade de você.

Isso... dói, inesperadamente. Você percebe por quê de imediato: porque faz tanto tempo desde a última vez que alguém lhe disse algo assim. Jija podia ser carinhoso, mas não era muito dado a sentimentalismos. Innon usava o sexo e as piadas para mostrar seu carinho. Mas Alabaster... esse sempre foi o jeito dele. O gesto de surpresa, o elogio ambíguo que você podia escolher tomar como provocação ou como insulto. Você endureceu tanto sem isso. Sem ele. Você parece forte, saudável, mas sente ser por dentro o que ele aparenta ser for fora: nada além de pedra quebradiça e cicatrizes, propensa a rachar se você se curvar demais.

Você tenta sorrir e não consegue. Ele não tenta. Vocês só ficam olhando um para o outro. Não é nada e ao mesmo tempo é tudo.

É claro que não dura muito. Alguém entra na enfermaria e se aproxima e surpreende você por se tratar de Ykka. Hjarka está atrás dela, arrastando os pés e parecendo muito entediada, à moda sanzede: palitando os dentes com um pedaço de madeira polida, uma das mãos no quadril curvilíneo, o cabelo de cinzas sopradas mais bagunçado que de costume e visivelmente mais achatado do lado que ela estava dormindo quando acordou.

— Sinto muito por interromper — diz Ykka, não parecendo particularmente que sentia muito —, mas temos um problema.

Você está começando a odiar essas palavras. Entretanto, já é hora de terminar a aula, então você acena com a cabeça para Alabaster e se levanta.

— O que foi agora?

— A sua amiga. A preguiçosa. — Tonkee, que não se juntou a nenhum grupo de trabalho dos Inovadores, não se importa de pegar a cota da casa quando é a vez dela e que desaparece convenientemente quando chega o momento de ter uma reunião de

casta. Em outra comu, eles já a teriam expulsado por esse tipo de coisa, mas ela recebe uma concessão extra por ser um dos acompanhantes da segunda orogene mais poderosa de Castrima. Mas isso tem um limite, e Ykka parece especialmente zangada.

— Ela encontrou a sala de controle — conta Ykka. — E se trancou lá dentro.

— A... — O quê? — A sala de controle do quê?

— *De Castrima*. — Ykka parece irritada de ter que explicar. — Eu te disse quando você chegou aqui: há mecanismos que fazem este lugar funcionar, a luz e o ar e assim por diante. Mantemos a sala em segredo porque, se alguém perder a cabeça e quiser quebrar as coisas, poderia matar todo mundo. Mas a sua mesta está lá fazendo só a Terra Cruel sabe o que, e basicamente estou perguntando para você se está tudo bem se eu matá-la, porque é mais ou menos essa a minha vontade neste exato momento.

— Ela não conseguirá afetar nada importante — diz Alabaster. Isso surpreende vocês duas: você porque não está acostumada a vê-lo interagindo com nenhuma outra pessoa, e Ykka porque ela provavelmente pensa nele como um desperdício de remédios e não como pessoa. Ele também não a tem em alta conta; os olhos dele estão fechados de novo. — É mais provável que ela se machuque do que qualquer outra coisa.

— Bom saber — responde Ykka, embora lance para ele um olhar incrédulo. — Eu me sentiria tranquilizada se você não estivesse falando abobrinha, visto que você não tem como saber o que está acontecendo para além desta enfermaria, mas, de qualquer forma, é uma ideia agradável.

Ele meio que bufa, achando graça.

— Eu sabia tudo o que precisava sobre esta relíquia no instante em que cheguei aqui. E, se qualquer um de vocês exceto Essun tivesse uma chance de fazer com que este lugar fizesse o que de fato é capaz de fazer, eu não ficaria aqui nem mais um minuto. — Quando você e Ykka o encaram, ele solta um suspiro profundo. Ouve-se um pouco de chiado nesse suspiro, o que deixa você preocupada, e você faz uma anotação mental para perguntar sobre isso a Lerna. Mas ele não diz mais nada, e Ykka enfim olha para

você com uma expressão palpável de *eu estou muito farta dos seus amigos* e acena para que você a siga.

A subida até onde quer que fique a sala de controle é longa. Hjarka respira com dificuldade após a primeira escada de mão, mas ela se acostuma depois disso e pega o ritmo. Ykka se sai melhor, embora fique suando em dez minutos. Você ainda mantém o condicionamento da estrada, então aguenta a subida suficientemente bem, mas, após os primeiros três lances de escada, uma escada de mão e uma sacada em espiral construída em torno de um dos maiores cristais da comu, você está disposta até a bater papo para tirar a mente do solo que vai ficando cada vez mais lá embaixo.

— Qual é o seu processo disciplinar habitual para as pessoas que se esquivam dos seus deveres de casta?

— Um pé na bunda, o que mais? — Ykka dá de ombros. — Só que não podemos simplesmente mandá-los para as cinzas; precisamos matá-los para manter o segredo. Mas tem um processo: um aviso, depois uma audiência. Morat, a porta-voz da casta Inovadora, não fez uma reclamação formal. Eu pedi que ela fizesse, mas foi evasiva. Disse que a sua amiga lhe deu um aparelho portátil para testar a água que pode salvar as vidas de alguns dos nossos Caçadores no campo.

Hjarka dá uma risada enferrujada. Você chacoalha a cabeça, achando graça.

— É um bom suborno. Pelo menos, ela é uma sobrevivente. Ykka revira os olhos.

— Talvez. Mas isso passa uma mensagem ruim, uma pessoa que não se junta a nenhuma equipe de trabalho e fica impune, mesmo que invente coisas úteis fora do horário de trabalho. Se outros começarem a faltar ao trabalho, o que eu faço?

— Mande para as cinzas os que não inventaram nada — você sugere. Então você para, porque Ykka se deteve. Você acha que é porque ela ficou irritada com o que você acabou de dizer, mas ela está olhando ao redor, assimilando a amplidão da comu. Então você também para. Nesse ponto tão alto, vocês estão bem mais acima do principal nível habitado da comu. O geodo ecoa com gritos e as marteladas de alguém e uma música cantada por uma das equipes

de trabalho. Você arrisca um olhar por sobre o parapeito mais próximo e vê que alguém fez um elevador de carga simples com corda e um estrado de madeira para o nível intermediário, mas sem um contrapeso; a única maneira de fazer uma carga pesada subir é brincar de cabo de guerra com ele. Vinte pessoas estão fazendo isso agora. Parece surpreendentemente divertido.

— Você estava certa sobre as integrações — diz Hjarka. Sua voz soa baixo enquanto ela também contempla o movimento e a vida de Castrima. — Nós não poderíamos ter feito este lugar funcionar sem mais pessoas. Achei que era só conversa sua, mas não era.

Ykka suspira.

— *Por enquanto* está funcionando. — Ela olha para Hjarka. — Você nunca disse antes que não gostava da ideia.

Hjarka dá de ombros.

— Deixei a minha comu natal porque não queria o fardo de Liderança. Também não queria esse fardo aqui.

— Pela Terra, você não precisa entrar em uma briga de faca comigo pela chefia para dar a sua *opinião*.

— Quando há uma Estação a caminho e sou a única Líder na comu, é melhor eu tomar cuidado até mesmo com as opiniões. — Ela encolhe os ombros, depois sorri para Ykka com uma expressão de algo como carinho. — Fico pensando que você vai mandar me matar a qualquer momento.

Ykka dá risada.

— É isso que você teria feito no meu lugar? — Você ouve o toque de mordacidade na pergunta.

— Foi o livro de roteiros que me ensinaram a seguir, sim... mas seria idiotice tentar isso aqui. Nunca existiu nada como esta Estação... nem como esta comu. — Hjarka olha para você como o exemplo mais recente da peculiaridade de Castrima. — A tradição só vai enferrujar tudo em uma situação como esta. É melhor ter uma líder que não sabe nada sobre como as coisas *deveriam* ser, apenas sobre como ela *quer* que sejam. Uma líder que vai detonar quem for necessário para fazer sua visão se tornar realidade.

Ykka absorve isso em silêncio por alguns instantes. É óbvio que o que quer que Tonkee tenha feito não é tão urgente ou terrível. Depois ela se vira e começa a subir de novo, aparentemente

decidindo que a pausa para descanso acabou. Você e Hjarka suspiram e vão atrás.

— Acho que as pessoas que construíram originalmente este lugar não pensaram direito — diz Ykka quando retomam a subida. — É ineficiente demais. Depende demais de maquinário que pode quebrar ou enferrujar. E tem a *orogenia* como fonte de energia, que é basicamente a coisa menos confiável de todas. Mas às vezes me pergunto se eles não pretenderam construí-la assim. Talvez algo os tenha feito vir para o subsolo correndo e eles encontraram um geodo gigantesco e simplesmente fizeram o melhor com o que tinham. — Ela passa uma das mãos por um corrimão enquanto vocês andam. Essa é uma das estruturas originais de metal que foram construídas por todo o geodo. Acima do nível habitado, é tudo metalurgia antiga. — Isso sempre me faz pensar que devem mesmo ter sido os ancestrais de Castrima. Eles respeitavam o trabalho árduo e a adaptação sob pressão, como nós.

— Todos respeitam, não? — Exceto Tonkee.

— Alguns. — Ela não morde a evidente isca. — Eu me revelei para todos quando tinha quinze anos. Havia um incêndio em uma floresta em algum lugar ao sul; época de seca. Só a fumaça já estava matando os idosos e os bebês da comu. Nós pensamos que teríamos que partir. Por fim, eu cheguei perto do incêndio, onde um monte de outras pessoas do vilarejo estava tentando criar uma barreira de contenção. Seis delas morreram na tentativa. — Ela chacoalha a cabeça. — Não teria funcionado. O incêndio era grande demais. Mas é típico do meu povo.

Você aquiesce. Isso parece característico dos castrimenses que conheceu. Também parece com o povo de Tirimo que você conheceu, com os meovitas, com os allianos e os yumenescenses. Nenhum povo da Quietude teria sobrevivido até este ponto se não fosse espantosamente tenaz. Mas Ykka precisa pensar em Castrima como algo especial... e é especial, à sua própria e estranha maneira. Então você sabiamente mantém sua boca fechada.

— Eu detive o incêndio — ela conta. — Congelei a parte da floresta que estava queimando e usei aquilo para criar um espinhaço mais ao sul como quebra-vento caso alguma coisa

provocasse um novo foco. Todos me viram fazer isso. Eles souberam exatamente o que eu era naquele momento.

Você para de falar e fica olhando para ela. Ela dá meia-volta, com um meio sorriso.

— Eu disse a eles que iria embora se quisessem chamar os Guardiões e me mandar para o Fulcro. Ou, se quisessem só me enforcar, eu prometi não congelar ninguém. Em vez disso, eles discutiram aquela confusão toda durante três dias. Pensei que estavam tentando decidir como me matar. — Ela dá de ombros. — Então voltei para casa, jantei com os meus pais; os dois sabiam e ficaram aterrorizados pelo meu destino, mas eu os convenci a não me tirarem do vilarejo escondida em uma carroça. Fui à creche no dia seguinte, o mesmo de sempre. No final do dia, descobri que os moradores do vilarejo estavam discutindo sobre *como me treinar*. Sem revelar ao Fulcro, entende?

Você fica de queixo caído. Você viu os pais de Ykka, ainda sadios e fortes e com um ar de teimosia sanzede. Você consegue acreditar que eles fizessem isso. Mas todo o resto também? Tudo bem. Talvez Castrima *seja* especial.

— Hum. E como você foi treinada, então? — pergunta Hjarka.

— Bem, você sabe como são essas pequenas comus latmedianas. Eles ainda estavam discutindo o assunto quando surgiu a Fenda. Eu me treinei sozinha. — Ela ri, e Hjarka suspira. — Isso também é típico do meu povo. Completamente cabeça de ferrugem, mas boa gente.

Você pensa, contra a sua vontade: *se ao menos eu tivesse trazido Uche e Nassun para cá assim que eles nasceram...*

— Nem todo o seu povo gosta de nos ter aqui — você comenta de modo brusco, quase para refutar o próprio pensamento.

— É, eu ouvi a fofoca. É por isso que estou contente que você esteja treinando as crianças e que todo mundo tenha visto você tirar os fervilhões de Terteis. — Ela fica séria. — Pobre Terteis. Mas você provou outra vez que é melhor ter pessoas como nós por perto do que nos matar ou nos expulsar. Os castrimenses são pessoas práticas, Essie. — Você odeia o apelido de imediato. — Práticas demais para simplesmente fazer uma coisa porque todos os outros falam para fazer.

Com isso, ela retoma a caminhada. Após um momento, você e Hjarka recomeçam também.

Você se acostumou com a brancura implacável de Castrima; apenas alguns dos prédios-cristais têm toques de ametista ou quartzo fumê. Aqui, porém, o teto do geodo foi selado com uma substância lisa, semelhante a vidro, que tem um tom verde esmeralda profundo. A cor é um pouco chocante. A última escada que leva até lá é larga o bastante para cinco pessoas subirem lado a lado, então você não fica surpresa ao encontrar dois Costas-fortes ladeando a porta corrediça de um porão feita da mesma substância verde. A mulher Costa-forte tem um pequeno estilete de vidro e arame na mão; o outro tem apenas grandes braços cruzados.

— Nada ainda — diz o homem Costa-forte quando vocês três chegam. — Nós continuamos ouvindo sons vindo lá de dentro... estalos, zumbidos, e às vezes ela grita coisas. Mas a porta ainda está travada.

— Grita coisas? — pergunta Hjarka.

Ele encolhe os ombros.

— Coisas como “eu sabia” e “é por isso”.

Parece Tonkee.

— Como ela fez para emperrar a porta? — você pergunta. A mulher Costa-forte dá de ombros. Segundo o estereótipo, os Costas-fortes são puro músculo e nada de cérebro, mas alguns deles se encaixam nessa descrição mais do que deviam.

Ykka lança a você outro daqueles olhares de *isso é culpa sua*. Você chacoalha a cabeça, depois sobe até o último degrau e bate na porta.

— Tonkee, pelas ferrugens, abre essa porta.

Segue-se um momento de silêncio, e então você ouve um leve ruído.

— Droga, é você — murmura Tonkee de algum lugar mais distante do que a porta. — Espera um pouco e não congela tudo.

Um instante depois, ouve-se o som de alguma coisa se mexendo contra o material da porta. Em seguida a porta se abre. Você, Ykka, Hjarka e os Costas-fortes entram... embora todos vocês, menos Ykka, parem e fiquem olhando, então sobra para ela cruzar os braços e lançar a Tonkee o olhar furioso que ela fez por merecer.



O teto é oco porta acima. A substância verde constitui um chão, e a câmara que se forma é moldada pelos mesmos costumeiros cristais brancos que ressaltam do verdadeiro teto rochoso do geodo, de um tom verde acinzentado, talvez uns cinco metros acima. O que a desequilibra, deixando seu queixo caído e fazendo sua mente passar do aborrecimento ao silêncio, é que os cristais deste lado da barreira verde cintilam e piscam, mudando aleatoriamente de imagens tremeluzentes de cristais para o estado de solidez, e de volta para o estado anterior. As hastes e as pontas desses cristais, que despontam do chão, não estavam fazendo isso do lado de fora. Nenhum dos outros cristais em Castrima faz isso. Além de brilhar (o que, com certeza, é um alerta de que elas não são apenas rochas), os cristais de Castrima não são diferentes de nenhum outro quartzo. Mas aqui... de repente você entende o que Alabaster quis dizer sobre do que Castrima era capaz. A verdade de Castrima fica, repentina e terrivelmente, clara: o geodo está repleto não de cristais, mas de *obeliscos em potencial*.

— Pela ferrugem escamada — diz um dos Costas-fortes ao respirar. Ele fala por todos vocês também.

As quinquilharias de Tonkee estão por toda parte: ferramentas esquisitas, além de placas de ardósia e pedaços de couro cobertos de diagramas, além de um palete em um canto que explica por que ela não vem dormindo muito no apartamento nos últimos tempos. (Tem sido solitário sem ela e sem Hoa, mas você não gosta de admitir isso para si mesma.) Ela está se afastando de você agora, olhando por cima do ombro e parecendo nitidamente irritada que você tenha chegado.

— Não ponha as mãos ferrugentas em nada — diz ela. — Não dá para saber o que uma orogene do seu calibre fará com essas coisas.

Ykka revira os olhos.

— É você quem não deveria estar tocando em nada. Você não tem permissão para entrar aqui e sabe disso. Venha.

— Não. — Tonkee se agacha perto de uma coluna estranha e baixa no centro da sala. Parece uma haste de cristal cuja parte do meio foi cortada: você vê a base (bruxuleante e irreal) estendendo-se a partir do teto, e a coluna é a continuação (que bruxuleia

simultaneamente), mas há uma parte de dois metros entre elas que é apenas espaço vazio. O corte feito na superfície da coluna é tão liso que ela brilha como um espelho... e a superfície permanece sólida, mesmo quando o resto da coluna bruxuleia.

A princípio, você pensa que não há nada ali. Só que Tonkee está examinando a superfície da coluna com tanta atenção que você vai até lá para se juntar a ela. Quando você se agacha para ver melhor, ela levanta os olhos de encontro aos seus, e você fica chocada com a alegria indisfarçada no olhar dela. Na verdade, o choque não é por conta disso; você a conhece a essas alturas. Você está chocada porque esse brilho intenso, além de sua nova aparência sem disfarces, o cabelo limpo e curto e a roupa apresentável a transformam de maneira tão óbvia em uma versão mais velha de Binof que você se admira outra vez de não ter notado logo.

Mas isso não tem importância. Você se concentra na coluna, embora haja outras maravilhas para contemplar: uma coluna mais alta no fundo da sala, sobre a qual flutua um obelisco em miniatura de trinta centímetros da mesma cor esmeralda do chão; outra coluna com um pedaço oblongo de pedra, também flutuando; uma série de quadrados claros colocados em uma parede, contendo estranhos diagramas de algum tipo de equipamento; uma série de painéis ao longo da mesma parede, abaixo dos quadrados, cada um contendo medidores que mesuram algo desconhecido em números que você não consegue decifrar.

Na coluna grande, porém, estão os objetos menos proeminentes da sala: seis fragmentos metálicos minúsculos, cada um da espessura de uma agulha e não maiores do que o seu polegar. Não são feitos do mesmo metal prateado que compõe as estruturas antigas de Castrima; este metal é de uma cor escura suave, polvilhado de leve com vermelho. Ferro. Incrível que não tenha oxidado no decorrer de todos os anos de existência de Castrima. A menos...

— Você colocou isso aqui? — você pergunta a Tonkee.

Ela fica instantaneamente furiosa.

— Sim, claro que eu entraria no núcleo de controle de um artefato de civextinta, encontraria o dispositivo mais perigoso do lugar e imediatamente lançaria pedaços de metal enferrujado nele!

— Por favor, não seja grossa. — Embora você meio que tenha merecido isso, está intrigada demais para se sentir chateada de verdade. — Por que você acha que este é o dispositivo mais perigoso daqui?

Tonkee aponta para a borda chanfrada da coluna. Você olha mais de perto e pisca os olhos. O material não é liso como o resto da haste de cristal; na borda, ele está todo gravado com símbolos e escrita. A escrita é a mesma que aparece ao longo dos painéis na parede... oh. E são de um vermelho vivo, a cor parecendo flutuar e tremular pouco acima da superfície do material.

— E isso — diz Tonkee. Ela ergue uma das mãos e a estende em direção à superfície da coluna e aos fragmentos de metal. As letras vermelhas saltam ao ar de forma abrupta (você não tem um modo melhor do que esse para descrever o que está acontecendo). Em um instante, elas se ampliaram e se viraram para ficar cara a cara com você, brilhando no ar à altura dos olhos com o que é inequivocamente algum tipo de aviso. Vermelho é a cor dos poços de lava. É a cor de um lago quando tudo o que há dentro dele morreu, menos as algas tóxicas: um sinal de alerta de um golpe iminente. Algumas coisas não mudam com o tempo ou a cultura, você se sente certa disso.

(Em geral, você está errada. Mas, nesse caso específico, você tem toda razão.)

Todos estão olhando. Hjarka se aproxima e ergue um braço para tentar tocar as letras flutuantes; seus dedos passam por entre elas. Ykka rodeia a coluna, fascinada mesmo sem querer.

— Eu já tinha notado essa coisa antes, mas nunca prestei muita atenção. As letras viram junto comigo.

Elas não se mexeram. Mas você se inclina para um lado... e, de fato, quando você faz isso, as letras giram de leve para continuar de frente para você.

Impaciente, Tonkee recolhe a mão e faz um gesto para Hjarka tirar a mão do caminho, e as letras se achatam e encolhem, voltando a ficar inativas ao longo da borda da coluna.

— Mas não há nenhum obstáculo. Em geral, em um artefato de civextinta, um artefato *desta* civilização, qualquer coisa verdadeiramente perigosa fica lacrada de alguma maneira. Ou há

um obstáculo físico ou evidência de que um dia houve um obstáculo que deixou de funcionar com o tempo. Se eles não quisessem mesmo que você tocasse em alguma coisa, ou você não tocava ou teria que se esforçar muito para tocar. Isso? Só um aviso. Não sei o que significa.

— Você pode mesmo tocar nessas coisas? — Você estende o braço para um dos fragmentos de ferro, ignorando o alerta desta vez quando ele surge. Tonkee chia tão alto com você que você recua como uma criança que foi pega fazendo algo que não deveria.

— Eu *disse* para não pôr as mãos ferrugentas! O que há de errado com você? — Você cerra a mandíbula, mas mereceu essa também e é muito mãe para negar isso.

— Quanto tempo faz que você vem aqui? — Ykka está agachada ao lado do palete que Tonkee usa para dormir.

Tonkee está olhando para os fragmentos de ferro e, a princípio, você acha que ela não ouviu Ykka; não responde durante um longo instante. Há uma expressão no rosto dela da qual você está começando a não gostar. Você não pode dizer que a conhece melhor agora do que quando você era um grão, mas sabe que ela não é do tipo soturno. O fato de ela estar assim agora, o músculo tenso ao longo do seu maxilar, fazendo-o sobressair mais do que o que você sabe que ela gosta, é um sinal muito ruim. Ela está tramando alguma coisa. Ela responde para Ykka:

— Uma semana. Mas só me mudei para cá três dias atrás. Eu acho. Perdi a noção. — Ela esfrega os olhos. — Não dormi muito.

Ykka chacoalha a cabeça e se levanta.

— Bem, pelo menos você ainda não destruiu esta comu ferrugenta. Me diz o que você descobriu então.

Tonkee se vira para lançar um olhar cauteloso para ela.

— Aqueles painéis ao longo da parede ativam e regulam as bombas de água, os sistemas de circulação de ar e os processos de resfriamento. Mas você já sabia disso.

— Sim, já que não estamos mortos. — Ykka espana as mãos após ter tocado o chão, caminha furtivamente em direção a Tonkee de um modo que é, de alguma forma, cheio de consideração e sutilmente ameaçador ao mesmo tempo. Ela não é tão grande quanto a maioria das mulheres sanzede... uns bons trinta

centímetros mais baixa que Hjarka. O perigo que ela oferece não é tão óbvio quanto o que outras pessoas oferecem, mas você sente a lenta preparação da orogenia agora. Ela estava totalmente preparada para entrar neste local na base da destruição ou do congelamento. Os Costas-fortes se mexem e chegam um pouco mais perto também, reforçando a ameaça velada.

— O que eu quero saber — continua ela — é como você sabia disso. — Ela para, encarando Tonkee. — Nós descobrimos isso, no começo, por tentativa e erro. Toque uma coisa e fica mais frio, toque outra coisa e a água da piscina comunitária fica mais quente. Mas nada mudou nas últimas semanas.

Tonkee dá um breve suspiro.

— Aprendi como decifrar alguns dos símbolos ao longo dos anos. Passei tempo suficiente nesses tipos de ruínas e vi as mesmas coisas de novo e de novo.

Ykka reflete sobre isso, depois acena com a cabeça para o texto do aviso em torno da borda da coluna.

— O que ele diz?

— Não faço ideia. Eu disse *decifrar*, não ler. Símbolos, não linguagem. — Tonkee vai até um dos painéis na parede e aponta para um desenho proeminente no canto superior direito. Não é nada intuitivo: uma coisa verde e semelhante a uma flecha, mas meio que ondulada, apontando para baixo. — Eu via este aqui onde quer que tivesse jardins aquáticos. Acho que é sobre a qualidade e a intensidade da luz que os jardins recebem. — Ela olha para Ykka. — Na verdade, eu sei que é sobre a luz que os jardins recebem.

Ykka ergue um pouco o queixo, o suficiente para você saber que Tonkee acertou.

— Então este lugar não é diferente das outras ruínas que você já viu? Tinha cristais dentro das outras, como esta aqui?

— Não. Nunca vi nada igual a Castrima antes. Exceto... — Ela olha para você e desvia o olhar. — Bem. Não *exatamente* como Castrima.

— Aquela coisa no Fulcro não era nada parecido com isto — você retruca de maneira brusca. Faz mais de vinte anos, mas você não se esqueceu de nenhum detalhe daquele lugar. Aquilo era um poço, e Castrima é uma rocha com um buraco dentro. Se ambos

foram construídos pelo mesmo tipo de pessoa, para fazer coisas semelhantes, não há nenhuma evidência disso em parte alguma.

— Na verdade, era. — Tonkee volta para a coluna e mexe a mão para que o aviso se projete. Desta vez, ela aponta para um símbolo dentro do texto reluzente vermelho: um círculo preto sólido cercado por um octógono branco. Você não sabe como não viu antes: ele se destaca do vermelho. — Uma pausa se segue. — Eu vi esta marca no Fulcro, pintada em alguns dos painéis de luz — ela prossegue. — Você estava ocupada demais olhando para o poço; acho que não viu. Mas eu estive em talvez meia dúzia de lugares onde se construíam obeliscos desde então, e essa marca sempre está perto de algo perigoso. — Ela está observando você com atenção. — Eu encontro pessoas mortas perto dela às vezes.

Você inadvertidamente pensa na Guardiã Timay. Que não foi *encontrada* morta, mas morreu mesmo assim, e você quase se juntou a ela naquele dia. Então, você se lembra de um momento na sala sem portas, perto da beirada do enorme poço. Você se lembra de pequenas protruções semelhantes a agulhas que saíam das paredes do poço... exatamente como esses fragmentos de ferro.

— O soquete — você murmura. Foi assim que a Guardiã o chamou. — Um contaminante. — Um comichão dança pela sua nuca. Tonkee lança-lhe um olhar penetrante.

— “Algo perigoso” pode significar qualquer coisa ferrugenta — diz Hjarka, irritada, enquanto você fica olhando para os fragmentos de ferrugem.

— Não, neste caso significa uma coisa ferrugenta especificamente. — Tonkee lança um olhar de desaprovação para Hjarka, o que é impressionante em si. — Era a marca do inimigo deles.

Droga, você se dá conta. Droga, droga, droga.

— O quê? — pergunta Ykka. — Do que, em nome da Terra Cruel, você está falando?

— O *inimigo* deles. — Tonkee se inclina contra a borda da coluna; com cautela, você percebe, mas de modo enfático. — Eles estavam em guerra, você não entende? Perto do fim, pouco antes de a civilização deles desaparecer na poeira. Todas as ruínas, quaisquer coisas que tenham restado daquela época, são

defensivas, voltadas para a sobrevivência. Como as comus de hoje... exceto que eles tinham muito mais do que muros de pedra para ajudar a protegê-las. Coisas como *ferrugentos e gigantescos geodos subterrâneos*. Eles se escondiam nesses lugares e estudavam o inimigo, talvez construíssem armas para contra-atacar. — Ela gira e aponta para cima, para a metade superior da coluna de cristal, que bruxuleia assim que ela faz isso, semelhante a um obelisco.

— Não — você contesta automaticamente. Todos se viram para olhar para você, e você se contrai. — Quero dizer... — Merda. Mas agora você já falou. — Os obeliscos não são... — Você não sabe como dizer sem contar a maldita história inteira, e está relutante em fazer isso. Você não sabe ao certo por quê. Talvez pelo mesmo motivo que Antimony deu quando Alabaster começou a lhe contar: eles não estão prontos. Agora você precisa terminar de um jeito que não provocará mais comentários. — Não acho que eles sejam defensivos, nem que sejam algum tipo de... arma.

Tonkee não diz nada por um longo instante. Então, diz:

— O que eles são, então?

— Não sei. — Não é mentira. Você *não* sabe com certeza. — Uma ferramenta, talvez. Perigosa, se mal usada, mas não *concebida* para matar.

Tonkee parece preparar-se.

— Eu sei o que aconteceu com Allia, Essun.

É um golpe inesperado, e ele a derruba emocionalmente. Por sorte, você passou a vida inteira treinando para bloquear suas reações a golpes inesperados de maneira segura.

— Os obeliscos não são *feitos* para aquilo. Foi um acidente. — Você diz.

— Como você...

— Porque eu estava *conectada* àquela coisa ferrugenta quando ela foi destruída pelo fogo! — Você diz isso de forma tão ríspida que a sua voz ecoa pela sala e a faz perceber, sobressaltada, o quanto está brava. A mulher Costa-forte inspira e algo muda em seu olhar, e de repente isso a faz lembrar dos Costas-fortes em Tirimo, que olharam para você do mesmo modo quando Rask lhes pediu para deixarem você passar pelo portão. Até Ykka está olhando para você

de uma maneira que diz, sem palavras: “você está assustando os habitantes locais, acalme-se, pelas ferrugens”. Então você respira fundo e se cala.

(Só mais tarde é que você recordará a expressão que usou durante a conversa. *Destruída pelo fogo*. Você se perguntará por que a usou, o que ela significa, e não terá uma resposta.)

Tonkee respira fundo e solta o ar, com cuidado, e isso parece falar em nome dos demais.

— É possível que eu tenha feito algumas suposições erradas — ela diz.

Ykka esfrega uma das mãos no cabelo. Isso faz sua cabeça parecer incompativelmente pequena por um momento, até o cabelo ficar fofo de novo.

— Tudo bem. Nós já sabemos que Castrima foi usada como uma comu antes. Provavelmente várias vezes. Se você tivesse me *perguntado*, em vez de vir aqui e agir como uma criança ferrugenta, eu poderia ter te contado. Eu teria te contado tudo o que eu sei, porque quero entender este lugar tanto quanto você...

Tonkee solta uma risada ruidosa.

— Nenhum de vocês é inteligente o bastante para isso.

— ... mas, por fazer *essa merda*, me fez perder a confiança em você. Eu não deixo pessoas em quem não confio fazerem coisas que podem machucar as pessoas que amo. Então eu quero você fora daqui de uma vez por todas.

Hjarka franze a testa.

— Isso é meio rigoroso, não é, Yeek?

Tonkee fica tensa de imediato, arregalando os olhos, horrorizada e magoada.

— Vocês não podem me deixar de fora. Ninguém mais nesta comu ferrugenta faz ideia do que...

— Ninguém mais nesta comu ferrugenta — diz Ykka, e agora os Costas-fortes olham para *ela* com inquietação, porque ela está quase gritando — colocaria fogo em todos nós pela chance de estudar pessoas que se foram desde que o mundo era mundo. Por alguma razão, estou ficando com a impressão de que você faria isso.



— Visitas supervisionadas! — Tonkee responde de modo abrupto. Ela parece desesperada agora.

Ykka se aproxima dela, ficando cara a cara, e de pronto Tonkee fica em silêncio.

— Eu preferiria não entender nada sobre este lugar — retruca Ykka, falando em um tom brutalmente baixo e frio agora — do que correr o risco de destruí-lo. Você pode dizer o mesmo?

Tonkee devolve o olhar, tremendo visivelmente e sem dizer nada. Mas a resposta é óbvia, não é? Tonkee é como Hjarka. Ambas foram criadas como Liderança, criadas para colocar as necessidades dos outros em primeiro lugar, e ambas escolheram um caminho mais egoísta. Não é sequer uma pergunta.

É por isso que, mais tarde, em retrospecto, você de fato não fica surpresa com o que acontece na sequência.

Tonkee se vira e dá uma investida; o aviso vermelho aparece e então um dos fragmentos de ferro está dentro de sua mão cerrada. Ela já está se afastando quando você se dá conta de que ela pegou algo. Corre em disparada para a porta que dá para a escada. Hjarka arqueja; Ykka simplesmente fica ali, um pouco perplexa e em grande parte resignada; os dois Costas-fortes olham, confusos, e com atraso começam a correr atrás de Tonkee. Mas aí, um instante depois, Tonkee ofega e vai tropeçando até parar. Um dos Costas-fortes a pega pelo braço... mas solta imediatamente quando Tonkee *grita*.

Você se mexe antes de pensar. Tonkee é sua, de algum modo... como Hoa, como Lerna, como Alabaster, como se, na ausência dos seus filhos, você estivesse tentando adotar todo mundo que a toca emocionalmente, mesmo que por um momento. Você nem ao menos gosta de Tonkee. No entanto, sente um aperto no estômago quando pega o pulso dela e vê uma mancha de sangue na mão.

— O que...

Tonkee olha para você: um rápido pânico animal. Depois, ela se contorce e grita de novo, e você quase solta desta vez porque *alguma coisa está se movendo sob o seu polegar*.

— O que ferrugens? — pergunta Ykka de maneira brusca. Hjarka também põe a mão sobre o braço de Tonkee, ajudando, porque, em estado de pânico, Tonkee tem força. Você domina a sua

inexplicável e violenta repulsa o suficiente para mover o seu polegar e segurar o pulso de Tonkee para poder dar uma boa olhada nele. Sim. Há alguma coisa se mexendo logo abaixo da pele dela. A coisa salta e treme, mas se move inexoravelmente para cima, seguindo a trilha de uma grande veia ali. É grande o bastante para ser o fragmento de ferro.

— Terra Cruel — diz Hjarka, lançando um rápido olhar para o rosto de Tonkee. Você luta contra a repentina vontade de dar uma gargalhada histérica por conta da involuntária ironia da imprecação de Hjarka.

— Preciso de uma faca — você diz em vez de rir. Sua voz soa surpreendentemente calma aos seus próprios ouvidos. Ykka se inclina, vê o que você viu e solta um palavrão.

— Oh, droga, ferrugens, merda — resmunga Tonkee. — Tira isso daí! Tira e eu nunca mais vou voltar para cá. — É mentira, mas talvez, nesse momento, ela acredite nas próprias palavras.

— Posso tirar com uma mordida. — Hjarka olha para você. Seus dentes afiados são pequenas navalhas.

— Não — você responde, certa de que a coisa apenas entraria em Hjarka e faria a mesma coisa. Línguas são mais difíceis de cortar do que braços.

Ykka pede “Faca!” aos gritos para os Costas-fortes, para a mulher com a faca de vidro e arame. É afiada, porém pequena, serve mais para cortar corda do que como arma; a menos que você atinja uma área vital logo de cara, você teria que esfaquear alguém um milhão de vezes para matar a pessoa com aquilo. É a única coisa que você tem. Você continua segurando o pulso de Tonkee porque ela está se debatendo e urrando como um animal. Alguém coloca a faca em sua mão, de forma desajeitada e com a lâmina para a frente. Parece que demora um ano para reposicionar a faca, mas você mantém o olhar naquele caroço que se sacode e se move pela carne marrom de Tonkee. Para onde ferrugens está indo? Você está silenciosamente horrorizada demais para especular.

Mas antes que possa colocar a faca em posição para cortar aquela coisa em movimento, ela desaparece. Tonkee grita outra vez, sua voz entrecortada e horrível. A coisa adentrou a carne dela.

Você dá um golpe, abrindo um corte profundo logo acima do cotovelo, que deveria estar à frente do trajeto da coisa.

— Mais fundo! Eu consigo sentir — Tonkee geme.

Mais fundo e você atingirá o osso, mas você cerra os dentes, determinada, e corta mais fundo. Há sangue por toda parte. Ignorando os arquejos e chiados de Tonkee, você tenta fuçar para achar a coisa... embora, no íntimo, esteja aterrorizada com a ideia de que possa encontrá-la e de que ela passe para a sua carne em seguida.

— Na artéria — ofega Tonkee. Ela está tremendo, lamuriando-se por entre os dentes em meio a cada palavra. — Como uma ferrugenta estrada alta para... sensa-ah! Droga! — Ela segura a parte de baixo do bíceps. Está mais para cima do braço dela do que você esperava. Movendo-se mais rápido agora que chegou às artérias maiores.

“Sensa”. Você encara Tonkee por um instante, chocada por perceber que ela estava tentando dizer “sensapinae”. Ykka passa o braço por cima de você e envolve o braço de Tonkee com uma das mãos logo abaixo do deltoide, apertando bem. Ela olha para você, mas você sabe que só resta uma coisa a fazer. Você não vai conseguir fazer isso com uma faca minúscula... mas existem outras armas.

— Segurem o braço dela estendido. — Sem esperar para ver se Ykka e Hjarka obedecem, você agarra o ombro de Tonkee. É no truque de Alabaster que você está pensando... uma espiral minúscula, finíssima e localizada como aquelas que ele usou para matar os fervilhões. Desta vez, você vai usá-la para cavar um buraco no braço de Tonkee e congelar o pequeno fragmento de ferro. Com sorte. Mas, quando você estende a sua consciência e fecha os olhos para se concentrar, algo muda.

Você penetrou no calor dela, procurando pela treliça metálica do fragmento de ferro e tentando sensar a diferença entre a sua estrutura e aquela do ferro no sangue dela, e então... sim. O brilho prateado da mágica está ali.

Você não estava esperando por isso, em meio às gélidas bolinhas das células dela. Tonkee não está se transformando em pedra como Alabaster, e você nunca sentiu mágica em nenhuma

outra criatura viva. No entanto, aqui, aqui em Tonkee, existe algo que brilha continuamente, prateado e filiforme, subindo por meio dos pés dela (vindo de onde? Não importa) e terminando no fragmento de ferro. Não é de estranhar que aquilo se mova tão rápido, estimulado por *outra coisa* como está sendo. Usando essa fonte de energia, ele estende seus próprios tentáculos para se fixar na carne de Tonkee e se arrastar para cima. É por isso que ela sente dor... porque cada célula que toca aquilo estremece, como se fosse queimada, e depois morre. Além disso, os tentáculos ficam maiores a cada contato; a maldita coisa está *crescendo* ao longo do trajeto por dentro dela, alimentando-se dela de alguma forma imperceptível. Um tentáculo de vanguarda tateia o caminho, orientando-se sempre em direção aos sensapinae de Tonkee, e você sabe, instintivamente, que deixá-lo chegar lá será Ruim.

Você tenta agarrar-se ao fio-raiz, pensando talvez em desacelerá-lo ou talvez privá-lo de força, mas

Oh

não

existe ódio e

*todos nós fazemos o que temos que fazer*

existe raiva e

*ah, olá, pequena inimiga*

— Ei! — A voz de Hjarka em seu ouvido, um grito. — Acorde! — Aos solavancos, você sai da névoa na qual não estava ciente de estar entrando. Tudo bem. Você se mantém longe do fio-raiz para não sentir outra vez o gosto do que quer que esteja conduzindo essa coisa. Esse instante de contato, porém, valeu a pena, porque agora você sabe o que fazer.

Você visualiza uma tesoura com fios de infinita finura e lâminas de um prateado brilhante. Corta o guia. Corta os tentáculos ou eles podem crescer de novo. Corta o contaminante antes que ele possa lançar garras mais profundas dentro dela. Você está pensando em Tonkee enquanto faz isso. Querendo salvar a vida dela. Mas Tonkee não é Tonkee para você neste exato momento; ela é um conjunto de partículas e substâncias. Você faz o corte.

Não é culpa sua. Eu sei que você jamais vai acreditar, mas... não é.

E quando você consegue relaxar seus sensapinae e ajustar a sua percepção de volta para a escala macroscópica e se vê coberta, completamente *coberta* de sangue, você fica surpresa. Você não entende muito bem por que Tonkee está no chão, arquejando, seu corpo cercado por uma poça que se espalha enquanto Hjarka grita para um dos Costas-fortes para ele lhe entregar o cinto agora, agora. Você sente a sacudida do fragmento de ferro por perto e se contrai, alarmada, porque agora sabe o que aquelas coisas estão tentando fazer, e que elas são más. Mas quando se vira para olhar para o fragmento de ferro, você fica confusa, porque a única coisa que vê é uma pele lisa tom de bronze manchada de sangue e um farrapo de tecido familiar. Então, segue-se um tipo de movimento espasmódico, e o peso fazendo-se sentir na sua mão, e. E. Bem. Você está segurando o braço amputado de Tonkee.

Você o deixa cair. O que você fez está mais para jogá-lo com violência, em meio ao seu estado de choque. Ele repica um pouco além de onde estão Ykka e os dois Costas-fortes, que estão amontoados ao redor de Tonkee fazendo algo, talvez tentando salvar a vida dela, você não consegue pensar nisso porque agora vê que o corte no braço de Tonkee é um corte transversal perfeito, ligeiramente inclinado, ainda sangrando e tendo espasmos porque você *acabou de cortá-lo*, mas espere, não, essa não é a única razão.

De um burquinho perto do osso você vê alguma coisa saindo em ziguezague. O buraco é o corte transversal de uma artéria. A coisa é o fragmento de ferro, que cai no chão verde e liso e então fica entre o sangue esparramado como se não fosse nada mais do que um pedaço inofensivo de metal.

*Olá, pequena inimiga.*



## Interlúdio

*Há uma coisa que você não verá acontecer; no entanto, ela vai impactar o resto da sua vida. Imagine-a. Imagine a mim. Você sabe o que eu sou, você acha, tanto com a sua mente racional quanto com a sua parte animal e instintiva. Você vê um corpo de pedra vestido de carne e, embora nunca tenha acreditado que eu fosse humano, você pensava em mim como criança. Ainda pensa, embora Alabaster tenha lhe contado a verdade: que eu não tenho sido uma criança desde antes de o seu idioma existir. Talvez eu jamais tenha sido criança. Contudo, ouvir e acreditar são coisas diferentes.*

*Você deveria, então, me imaginar como o que eu de fato sou em meio à minha espécie: velho, poderoso e muito temido. Uma lenda. Um monstro.*

*Você deveria imaginar...*

*Castrima como um ovo. Partículas de poeira cercam esse ovo, espreitando na pedra. Ovos são um prêmio valioso para carneiros, fáceis de devorar quando os deixam desprotegidos. Este aqui está sendo devorado, embora as pessoas de Castrima mal tenham se dado conta do fato. (Só Ykka, eu acho, e mesmo ela apenas desconfia.) Uma refeição vagarosa como essa não é uma coisa que a maioria dos da sua espécie notaria. Nós somos um povo muito lento. Não obstante, será fatal, quando o processo tiver terminado.*

*No entanto, alguma coisa fez os carneiros pararem, com os dentes à mostra, mas não cravados. Existe outra carneira antiga e*

*poderosa aqui: aquela que vocês chamam de Antimony. Ela não está interessada em proteger o ovo, mas poderia, se escolhesse fazê-lo. Ela o fará, se tentarem pilhar seu Alabaster. Os outros estão cientes disso, têm receio dela. Não deveriam ter.*

*É a mim que deveriam temer.*

*Eu destruo três deles no primeiro dia após deixar você. Enquanto você divide um mellow com Ykka, eu despedaço a comedora de pedras de Ykka, a criatura ruiva que ela vem chamando de Luster e você vem chamando de Cabelo de Rubi. Parasita imunda, espreitando apenas para tomar e não dar nada em troca! Eu a desprezo. Fomos destinados a coisas melhores do que isso. Depois, pego os dois que vinham rondando Alabaster na esperança de se lançarem em disparada caso Antimony se distraísse... não porque Antimony precise da ajuda, veja bem, mas simplesmente porque nossa raça não consegue suportar esse nível de estupidez. Eu os mato pelo bem de todos nós.*

*(Eles não estão mortos de verdade, se isso a perturba. Eles não podem morrer. Em dez mil ou dez milhões de anos, vão se reconstituir a partir dos átomos componentes nos quais eu os dissolvi. Um longo tempo para contemplar sua tolice e agir melhor da próxima vez.)*

*Esse massacre inicial faz muitos dos outros fugirem; no fundo, carniceiros são covardes. Mas eles não vão longe. Daqueles que permanecem por perto, alguns tentam negociar. Há o suficiente para todos nós, eles dizem. Se pelo menos um tiver o potencial... mas eu pego alguns desses observando você, e não Alabaster.*

*Eles confessam para mim enquanto eu os rodeio e finjo que talvez tenha misericórdia. Eles falam sobre outro dos antigos... um que me é conhecido por conta de conflitos de muito tempo atrás. Ele também tem uma visão para a nossa espécie, oposta à minha. Ele sabe sobre você, minha Essun, e a mataria se pudesse, porque você pretende terminar o que Alabaster começou. Ele não consegue chegar a você comigo no meio do caminho... mas ele pode levar você a se destruir. Ele até encontrou alguns aliados entre humanos gananciosos mais ao norte para ajudá-lo a fazer isso.*

*Ah, essa nossa guerra ridícula. Nós usamos a sua espécie com tanta facilidade. Mesmo você, minha Essun, meu tesouro, meu*

*peão. Um dia, eu espero, você me perdoará.*





## 14

### *Você está convidada!*

Seis meses se passam à indiferenciada luz branca de um velho abrigo de sobrevivência alimentado por mágica. Após os primeiros dias, você começa a amarrar um tecido sobre os olhos quando está cansada, para assim criar os seus próprios dias e noites. Funciona razoavelmente.

O braço de Tonkee é reimplantado com sucesso, embora ela pegue uma forte infecção a certa altura, que os antibióticos básicos de Lerna parecem não ter o poder de interromper. Ela sobrevive, mas, quando a febre e as marcas roxas de infecção desaparecem, seus dedos perderam parte dos movimentos finos, e ela tem formigamento fantasma e dormência ao longo do membro. Lerna acha que isso será permanente. Tonkee murmura imprecações sobre isso às vezes, sempre que você a procura quando ela está colhendo amostras e a força a ir se encontrar com a líder da casta Inovadora. Sempre que ela exagera com os insultos do tipo “cortadora de braços”, você a faz recordar que, em primeiro lugar, ela é a maldita culpada por soltar um pedaço da Terra Cruel e deixá-lo subir rastejando pela própria carne e que, em segundo, você é a única razão pela qual Ykka não a matou ainda, então talvez ela devesse considerar a possibilidade de calar a boca. Ela se cala, mas ainda age como uma babaca a respeito. Nada nunca muda de fato na Quietude.

E, no entanto... às vezes algo muda.

Lerna perdoa você por ser um monstro. Não é bem isso. Você e ele ainda não conseguem falar sobre Tirimo com facilidade. Contudo, ele ouviu a sua briga exaltada com Ykka durante toda a cirurgia que ele fez no braço de Tonkee, e isso significa algo para ele. Ykka queria que deixassem Tonkee morrer na mesa de cirurgia. Você batalhou pela vida dela e venceu. Lerna sabe agora que existem mais coisas em você além de morte. Você não sabe ao certo se concorda com essa avaliação, mas é um alívio ter algo da antiga amizade de volta.

Hjarka começa a flertar com Tonkee. Tonkee não reage bem a princípio. Ela fica em grande parte confusa quando começam a aparecer no apartamento presentes como animais mortos e livros, trazidos com um comentário demasiadamente fortuito de “caso a mente incrível dela precise de algo para se ocupar” e uma piscada. É você quem tem que explicar a Tonkee que Hjarka decidiu, por conta de qualquer que seja o complexo conjunto de valores que a grandalhona considere importante, que uma geomesta anteriormente sem comu com as habilidades sociais de uma pedra representa o que há de mais desejável. Depois, Tonkee fica sobretudo irritada, reclamando de “distrações” e “os caprichos do efêmero” e da necessidade de “se desligar da carne”. Você ignora quase tudo.

São os livros que resolvem a questão. Hjarka parece escolhê-los pelo número de palavras grandes nas lombadas, mas, algumas vezes, ao voltar para casa, você encontra Tonkee envolvida com eles. Um dia, enfim, você volta para casa e encontra a cortina do quarto de Tonkee fechada e Tonkee envolvida com Hjarka, ou pelo menos é o que sugerem os sons que vêm de lá. Você não imaginava que elas pudessem fazer tudo aquilo com o braço dela estragado. Que coisa.

Talvez seja esse novo senso de conexão com Castrima que faça Tonkee começar a tentar mostrar seu valor a Ykka. (Ou talvez seja apenas orgulho; Tonkee se enfureceu quando Ykka disse certa vez que Tonkee não é tão útil para a comu quanto o mais esforçado dos Costas-fortes.) Qualquer que seja o motivo, ela leva ao conselho um novo modelo preditivo que elaborou: a menos que Castrima

encontre uma fonte estável de proteína animal, alguns membros da comu começarão a ter sintomas de deficiência dentro de um ano.

— Vai começar com bobeiras por falta de carne — ela diz a todos vocês. — Esquecimento, cansaço, coisinhas assim. Mas é um tipo de anemia. Se continuar, o resultado será demência e danos aos nervos. Vocês conseguem adivinhar o resto.

Existem demasiadas histórias de sabedoristas sobre o que pode acontecer a uma comu sem carne. Isso deixará as pessoas fracas e paranoicas, a comunidade se tornará vulnerável a ataques. A única escolha que evitará esse desfecho, explica Tonkee, é o canibalismo. Plantar mais feijão não vai bastar.

O relatório é uma informação útil, mas que ninguém queria de fato ouvir, e Ykka não passa a gostar mais de Tonkee por ter compartilhado isso. Você agradece Tonkee após a reunião, já que ninguém agradeceu. Ela empina um pouco o queixo quando responde:

— Bem, não vou poder continuar os meus estudos se todos nós começarmos a matar e comer uns aos outros, então...

Você passa as aulas das crianças orogenes para Temell, outro orogene adulto da comu. As crianças reclamam que ele não é muito bom; ele não tem o seu requinte e, embora seja mais brando, eles não estão aprendendo tanto. (É bom ser apreciada, mesmo que depois que suas aulas terminaram.) Você começa a treinar Cutter como alternativa depois que ele lhe pede para mostrar como cortou o braço de Tonkee. Você duvida que ele algum dia vá perceber a mágica ou mover obeliscos, mas ele tem pelo menos o nível de um-anel, e você quer ver se consegue transformá-lo em um dois ou três-anéis. Aparentemente, o ensino para um nível mais alto não interfere com o que você está aprendendo com Alabaster... ou, pelo menos, Bas não reclama a respeito. Você vai aproveitar. Sentiu falta de ensinar.

(Você oferece uma troca de técnicas para Ykka, já que ela não demonstra interesse nas aulas. Você quer saber como ela faz as coisas que faz. “Não”, ela diz, piscando para você de um jeito que não é realmente provocador. “Preciso manter alguns truques na manga para que você não me congele um dia”.)

Um grupo de negociadores, todos voluntários, vai ao norte para tentar chegar à comu de Tettehee. Eles não voltam. Ykka veta qualquer tentativa futura, e você não protesta. Um dos seus ex-alunos orogenes estava com o grupo que desapareceu.

Entretanto, fora a questão do suprimento de comida, Castrima prospera nesses seis meses. Uma mulher fica grávida sem permissão, o que é um grande problema. Bebês não dão nenhuma contribuição útil à comu durante anos, e nenhuma comu pode tolerar muitas pessoas inúteis durante uma Estação. Ykka decide que a moradia da mulher, com dois casais, não receberá uma cota maior até que algum idoso ou doente morra para abrir caminho para o bebê não autorizado. Você entra em outra briga com Ykka por conta disso, porque você sabe muito bem que ela estava falando de Alabaster quando acrescentou de improviso um “não deve demorar muito” para a mulher. Ykka não pede desculpas: estava sim falando de Alabaster e espera que ele morra logo porque ao menos o bebê tem valor no futuro.

Esse tumulto gera duas boas consequências: todos confiam mais em você depois de vê-la gritando com toda força no meio do Topo Plano sem causar sequer um tremor, e os Reprodutores decidem defender o novo bebê a fim de resolver o desentendimento. Baseados na recente genealogia favorável, eles oferecem para a família uma de suas licenças para ter filhos, embora com a condição de que ele terá que se juntar à casta de uso deles se nascer perfeito. Não é um preço tão horrível a se pagar, eles dizem, passar os anos reprodutivos da vida produzindo filhos um atrás do outro para a comu e para a casta em troca do direito de nascer. A mãe concorda.

Ykka não compartilhou a situação da proteína com a comu (Tonkee descobriu por conta própria, naturalmente), claro, ou os Reprodutores não estariam defendendo ninguém. Ykka também não quer contar a ninguém até que esteja claro que não há esperança de uma solução alternativa. Você e os outros membros do conselho concordam, relutantes. Ainda resta um ano. Mas, por conta do silêncio de Ykka, um homem Reprodutor visita você alguns dias depois de você trazer Tonkee de volta para casa para terminar de se recuperar. O Reprodutor tem cabelo de cinzas sopradas, ombros

fortes e olhos puxados, e ficou muito interessado em saber que você teve três filhos saudáveis, todos orogenes poderosos. Ele a lisonjeia dizendo o quanto você é alta e forte, como resistiu bem a meses na estrada apenas com rações de viagem para comer, e insinua que você “só” tem 43 anos. Isso chega a fazer você rir. Você se sente tão velha quanto o mundo, e esse belo tolo acha que você está pronta para produzir outro bebê.

Você recusa sua oferta tácita com um sorriso, mas é... estranho ter essa conversa com ele. Desagradavelmente familiar. Quando o Reprodutor vai embora, você pensa em Corundum e acorda Tonkee ao jogar uma xícara na parede e gritar a plenos pulmões. Depois, vai ver Alabaster para ter outra aula, o que é totalmente inútil, pois você passa o tempo de pé diante dele, tremendo em um silêncio absoluto e cheio de raiva. Depois de cinco minutos assim, ele diz em um tom cansado:

— Seja lá o que ferrugens houver de errado com você, você vai ter que resolver sozinha. Não consigo mais detê-la.

Você o odeia por não ser mais invencível. E por não odiá-la.

Alabaster tem outra infecção feia durante esses seis meses. Ele só sobrevive a ela transformando deliberadamente em pedra o que restou das próprias pernas. Essa cirurgia autoinduzida desgasta tanto o corpo dele que seus poucos períodos de tempo lúcido diminuem para meia hora cada, intercalados por longos períodos de torpor ou sono irregular. Ele fica tão fraco quando está acordado que você tem que se esforçar para ouvi-lo, embora, por sorte, isso melhore no decorrer de algumas semanas. Você está progredindo, conectando-se com facilidade ao recém-chegado obelisco topázio e começando a entender o que ele fez para transformar o espinélio na arma semelhante a uma faca que mantém por perto. (Os obeliscos são condutos. Você flui através deles, flui com eles, conforme a mágica flui. Resista e morra, mas ressona com precisão suficiente e muitas coisas se tornam possíveis.)

Todavia, é bem diferente de interligar múltiplos obeliscos, e você sabe que não está aprendendo rápido o bastante. Alabaster não tem forças para xingar você pelo ritmo desajeitado, mas ele não precisa. Vê-lo definhando dia a dia é o que leva você a persistir com o obelisco repetidamente, mergulhando em sua luz líquida mesmo

quando a sua cabeça dói e o seu estômago revira e você não quer fazer mais nada além de ir se encolher em algum canto e chorar. Dói demais olhar para Alabaster, então você se recompõe e tenta com muito mais afinho se tornar ele.

Uma coisa boa nisso: você tem um propósito agora. Parabéns.

Você chora no ombro de Lerna certo dia. Ele afaga as suas costas e sugere delicadamente que você não tem que passar por essa dor sozinha. É uma proposta, mas feita com gentileza em vez de paixão, então você não se sente culpada por ignorá-la. Por enquanto.

Assim as coisas atingem uma espécie de equilíbrio. Não é tempo de descanso nem de luta. Você sobrevive. Em uma Estação, *nesta* Estação, isso por si próprio é um triunfo.

E então Hoa retorna.

• • •

Acontece em um dia de tristeza e renda. A tristeza é porque mais Caçadores morreram. No meio do caminho de volta à comu, trazendo uma rara presa de caça (um urso que estava claramente magro demais para hibernar em segurança, fácil de abater em sua agressividade desesperada), o grupo, por sua vez, também foi atacado. Três Caçadores morreram em uma torrente de flechas de arcos e de balestras. Os dois que sobreviveram não viram seus agressores; os projéteis pareciam vir de todas as direções. Sabiamente, eles correram, embora tenham voltado uma hora depois na esperança de recuperar os corpos de seus companheiros mortos em combate e a preciosa carcaça. Por incrível que pareça, nada foi tocado nem pelos agressores nem por carneiros... mas um objeto foi deixado junto aos que morreram: uma vara fincada em torno da qual alguém amarrou uma faixa de tecido esfarrapado e sujo. Estava preso com um nó apertado, algo atado em seus laços puídos.

Você entra na sala de reuniões de Ykka bem no momento em que ela começa a cortar o nó, embora Cutter paire sobre ela e diga com voz firme:

— Isso é muito perigoso, você não faz ideia...

— Eu não me importo — murmura Ykka, concentrando-se no nó. Ela está sendo muito cuidadosa, evitando a parte mais grossa, que obviamente contém alguma coisa; você não consegue distinguir o quê, mas é granuloso e parece leve. A sala está mais cheia do que de costume porque um dos Caçadores também está aqui, encardido de cinza e sangue e visivelmente determinado a saber por que seus companheiros morreram. Ykka levanta os olhos ao perceber a sua chegada, mas depois volta ao trabalho.

— Se algo estourar na minha cara, Cuts, você é o novo líder — diz ela.

Isso perturba e silencia Cutter o suficiente para que ela termine de lidar com o nó sem distrações. Os laços e as tiras de um tecido que um dia foi branco são de renda e, se você não errou seu palpite, era de uma qualidade que teria feito a sua avó lamentar a própria pobreza. Quando as tiras se abrem, o que jaz no meio delas é um pedaço de couro embolado. É um bilhete.

“Bem-vindos a Rennanis” está escrito com carvão.

Hjarka pragueja. Você se senta em um divã, porque é melhor do que o chão e você precisa se sentar em algum lugar. Cutter parece incrédulo.

— Rennanis é equatorial — comenta ele. E, portanto, deveria ter sumido; a mesma reação que você teve quando Alabaster lhe contou.

— Pode não ser Rennanis em si — diz Ykka. Ela ainda está examinando o pedaço de couro, virando-o de um lado a outro, raspando o carvão com a ponta da faca como que para testar sua autenticidade. — Um bando de sobreviventes daquela cidade, agora sem-comu e pouco mais do que bandidos, denominando-se assim em homenagem ao seu lar. Ou talvez sejam apenas aspirantes a equatoriais, aproveitando a chance de reivindicar algo que não conseguiram reivindicar antes de a verdadeira cidade ser queimada.

— Não importa — retruca Hjarka de forma brusca. — Isto é uma ameaça, de quem quer que esteja vindo. O que é que nós vamos *fazer* a respeito?

Eles entram em especulações e discussões, tudo com um crescente tom de pânico. Sem de fato planejar, você se recosta contra a parede da sala de reuniões de Ykka. Contra a parede do

cristal que o apartamento dela habita. Contra a casca do geodo, onde está enraizada a coluna do cristal. Não é um obelisco. Nem ao menos as partes bruxuleantes de cristal na sala de controle passam a sensação de poder que deveriam passar; mesmo que estejam em um estado de irrealidade semelhante ao dos obeliscos, esse é o único ponto de semelhança que compartilham com os obeliscos de verdade.

Mas você também se lembrou de algo que Alabaster lhe disse muito tempo atrás, em uma tarde cor de granada em uma comu à beira-mar que agora é uma ruína em lenta combustão. Alabaster murmurando sobre conspirações, observadores, nenhum lugar era seguro. “Você está dizendo que alguém poderia nos ouvir através das paredes? Através da própria pedra?”, você se lembra de perguntar a ele. Houve um tempo em que você pensava que as coisas que ele fazia eram simplesmente milagres.

E agora você é uma nove-anéis, segundo Alabaster. Agora você sabe que os milagres são uma questão de mero esforço, mera percepção, talvez mera mágica. Castrima existe no meio de uma antiga rocha sedimentar enlaçada com veios de florestas mortas há muito e transformadas em carvão quebradiço, todas essas coisas precariamente equilibradas sobre um cruzamento de cicatrizes de falhas que quase fecharam. O geodo esteve aqui por tempo suficiente para que, por mais desajeitadamente que esteja encravado no meio dos estratos, suas camadas mais externas estejam fundidas com os minerais locais. Isso torna fácil para você projetar sua consciência para além de Castrima por meio de uma extrusão estreita que se afina aos poucos. Não é o mesmo que estender a sua espiral; uma espiral é o seu poder, isto é você. É mais difícil. Mas você consegue sentir o que o seu poder não consegue, e...

— Ei, acorda — diz Hjarka, dando-lhe um empurrão no ombro, e você volta depressa ao seu estado natural para encará-la.

Ykka chia.

— Me lembre, Hjar, de te contar um dia desses o que costuma acontecer quando alguém interrompe orogenia de alto nível. Quero dizer, você deve conseguir adivinhar, mas me lembre de descrever



nos mínimos e sangrentos detalhes, porque quem sabe isso vai te impedir de fazer essas coisas.

— Ela só estava sentada ali — Hjarka se senta de novo, parecendo contrariada. — E o resto de vocês estava só olhando para ela.

— Eu estava tentando ouvir o norte — você diz de forma brusca. Todos eles olham para você como se você fosse louca. Terra Cruel, se ao menos mais alguém aqui houvesse sido treinado pelo Fulcro. Embora, de qualquer forma, isso era algo que ninguém a não ser um sênior entenderia.

— Ouvir... a terra? — arrisca Lerna. — Você quer dizer *sensar*? É difícil explicar com palavras. Você esfrega os olhos.

— Não, eu quero dizer *ouvir*. Vibrações. Todo som é vibração, digo, mas... — A expressão deles fica mais confusa. Você vai ter que contextualizar. — A rede de estações de ligação ainda está lá — você explica. — Alabaster estava certo. Posso sensar, se eu tentar, uma zona de quietude onde o resto dos Equatoriais é um desastre em ebulição. Alguém *está* mantendo-os, os mantenedores das estações de ligação ao redor de Rennanis, vivos, então...

— Então são mesmo eles — diz Cutter, parecendo preocupado. — Uma cidade equatorial decidiu mesmo nos recrutar.

— Equatoriais não recrutam — diz Ykka. Ela cerra a mandíbula ao falar, olhando para o pedaço de couro em sua mão. — Eles são o Velho Sanze, ou o que sobrou dele. Nos velhos tempos, quando Sanze queria alguma coisa, Sanze pegava.

Após um período de silêncio tenso, eles começam aos poucos a entrar em pânico outra vez. Palavras demais. Você suspira e esfrega as têmporas e deseja estar sozinha para poder tentar de novo. Ou...

Você pisca os olhos. Ou. Você sensa a potencialidade em suspensão do obelisco topázio, que flutua no céu sobre Castrima-de-cima, onde tem estado nos últimos seis meses, meio escondido entre as nuvens de cinzas. Terra Cruel. Alabaster não está só sensando metade do continente; ele está usando o espinélio para fazer isso. Você nem ao menos pensou em usar um obelisco para estender o alcance, mas ele faz isso como se fosse o mesmo que respirar.

— Ninguém encoste em mim — você diz com calma. — Ninguém fale comigo. — Sem esperar para ver se eles entendem, você mergulha no obelisco.

(Porque, bem, parte de você *quer* fazer isso. Vem sonhando com uma água que cai para cima e um poder torrencial há meses. Você é apenas humana, digam o que disserem sobre a sua espécie. É bom sentir-se poderosa.)

Então você está dentro do topázio e passa por ele e estende a si mesma por todo o mundo no intervalo de uma respiração. Não há necessidade de estar no chão quando o topázio está no ar, é o ar; existe em estados que transcendem a solidez e, portanto, você é capaz de transcender também; você se torna ar. Você flutua em meio às nuvens de cinzas e vê os vestígios da Quietude abaixo de você em elevações da topografia e faixas de florestas que estão morrendo e fios de estradas, tudo isso acinzentado após os longos meses da Estação. O continente parece minúsculo e você pensa: *consigo alcançar o equador em um piscar de olhos*, mas esse pensamento a assusta. Você não sabe por quê. Você tenta não pensar; que distância existe entre entusiasmar-se com esse poder e usá-lo para destruir o mundo? (Será que Alabaster sentiu isso quando...?) Mas está empenhada; você se conectou; a ressonância é completa. Você se lança ao norte enfim.

E aí para bruscamente. Porque há alguma coisa muito mais perto do que o equador que chama a sua atenção. É tão chocante que você sai do alinhamento com o topázio de imediato, mas tem muita sorte. Há um instante de vidro alvejado em que você sente a trêmula imensidão do poder do obelisco e sabe que sobreviveu só por conta de afortunadas ressonâncias e de projetistas cautelosos mortos há muito tempo que obviamente fizeram seus planos pensando em erros como o seu, então você ofega e está de volta dentro de si mesma e balbucia sons antes de conseguir se lembrar o significado das palavras.

— Acampamento, fogueira — você diz, arquejando um pouco. Lerna se aproxima e se agacha diante de você, pegando as suas mãos e verificando o seu pulso; você o ignora. Isso é importante. — *Bacia*.

Ykka entende de pronto, sentando-se ereta e cerrando o maxilar. Hjarka entende também; ela não é burra — caso contrário, Tonkee jamais a suportaria. Ela pragueja. Lerna franze o cenho e Cutter olha para todos vocês cada vez mais confuso.

— Isso quer mesmo dizer alguma coisa?

Idiota.

— Um exército — você responde de forma brusca à medida que se recupera. Mas palavras saem com dificuldade. — T-tem um... *exército* ferrugento. Na bacia da floresta. Eu pude. Sentar suas fogueiras.

— Quantos? — Ykka já está se levantando, pegando uma faca comprida em uma prateleira e prendendo-a ao redor da coxa. Hjarka se levanta também, vai até a porta do apartamento de Ykka e abre a cortina. Você a ouve gritando por Esni, a líder dos Costas-fortes. Os Costas-fortes às vezes fazem patrulhas e suplementam os Caçadores, mas, em uma situação como esta, eles são responsáveis principalmente pela defesa da comu.

Você não conseguiu contar todos os borrões de calor que surgiram em sua consciência quando estava no obelisco, mas você tenta adivinhar.

— Talvez cem? — Mas os borrões eram fogueiras. Quantas pessoas ao redor de cada fogueira? Você supõe que seis ou sete. Não é uma força muito grande em circunstâncias normais. Qualquer governador de distritante decente poderia enviar um exército dez vezes maior do que isso em um prazo relativamente curto. Durante uma Estação, no entanto, e para uma comu tão pequena como Castrima (cuja população total não é muito maior), um exército de quinhentos ou seiscentos é de fato uma ameaça terrível.

— Tettehee — menciona Cutter, recostando-se. Ele ficou mais pálido do que de costume. Mas você entende. Seis meses atrás, a plataforma de cadáveres empalados foi montada como um aviso na bacia da floresta. A comu de Tettehee fica além da bacia, perto da boca do rio que passa pelo território de Castrima e, por fim, deságua em um dos grandes lagos das Latmedianas do Sul. Vocês não ouviram nada de Tettehee em meses, e o grupo de negociadores que vocês mandaram passar para além do ponto do aviso não retornou. Esse exército deve ter atacado Tettehee mais ou menos

nessa época, depois se escondeu lá por um tempo, enviando grupos de patrulha para marcar território. Reabastecendo as provisões, reconstruindo armas, curando ferimentos, talvez enviando parte dos despojos de volta para Rennanis. Agora que digeriram Tettehee, estão em marcha outra vez.

E, de algum modo, eles sabem que Castrima está aqui. Estão dizendo “oi”.

Ykka sai e grita junto com Hjarka e, dentro de alguns minutos, alguém está tocando o alarme de tremores e convocando aos gritos uma reunião com os chefes de cada moradia no Topo Plano. Você nunca ouviu o alarme de tremores de Castrima, uma comu cheia de roggas, e ele é mais irritante do que você esperava, grave e ritmado e barulhento. Você entende por quê: em meio a um monte de estruturas cristalinas, tocar sinos não é a melhor das ideias. Ainda assim. Você, Lerna e o resto seguem Ykka enquanto ela atravessa a passos largos uma ponte de corda e circunda duas colunas mais amplas, seus lábios apertados e o rosto sombrio. Quando ela chega ao Topo Plano, já existe uma pequena multidão lá; quando ela grita para alguém parar de tocar o alarme ferrugento e o alarme de fato para, o cristal cortado está começando a parecer perigosamente lotado de pessoas sussurrantes e ansiosas. Há um parapeito, mas ainda assim. Hjarka grita para Esni, e Esni, por sua vez, grita para os Costas-fortes em meio ao aglomerado, e eles se mexem de forma desajeitada para afastar as pessoas de modo que não haja nenhuma tragédia pavorosa que vá distraí-los da possível tragédia pavorosa que se aproxima.

Quando Ykka ergue as mãos pedindo atenção, todos se calam instantaneamente.

— A situação — começa ela, e expõe tudo em algumas frases sucintas.

Você a respeita por não esconder nada. Você respeita o povo de Castrima também por não fazer nada além de arquejar ou murmurar, alarmado, sem entrar em pânico. Mas todos eles são bons e impassíveis habitantes de comu, e na Quietude sempre se reprovou o pânico. As histórias dos sabedoristas são cheias de avisos terríveis sobre aqueles que não conseguem controlar seu medo, e poucas comus darão nome de comu a essas pessoas, a

menos que sejam opulentas ou influentes o bastante para insistir na questão. Essas coisas tendem a se resolver assim que uma Estação ocorre.

— Rennanis era uma cidade grande — diz uma mulher quando Ykka para de falar. — Metade do tamanho de Yumenes, mas ainda assim com milhões de pessoas. Será que nós conseguimos lutar contra isso?

— É uma Estação — retruca Hjarka, antes que Ykka possa responder. Ykka lhe dispara um olhar de reprovação, mas Hjarka ignora. — Não temos escolha.

— Nós podemos lutar por conta do modo como Castrima está construída — acrescenta Ykka, lançando a Hjarka um último olhar repressor. — Eles não têm exatamente como nos atacar por trás. Se chegar o momento, podemos bloquear os túneis, daí nada conseguirá descer até aqui. Podemos esperar até eles irem embora.

Mas não para sempre. Não quando a comu precisa tanto da caça como das negociações para suplementar a comida armazenada e os jardins aquáticos. Você respeita Ykka por *não* dizer isso. Há um ar de relativo alívio.

— Nós temos tempo para enviar um mensageiro para o sul para uma das nossas comus aliadas? — pergunta Lerna. Você consegue senti-lo tentando contornar o tema dos suprimentos. — Será que alguma delas estaria disposta a nos ajudar?

Ykka bufa ao ouvir essa última pergunta. Muitas outras pessoas bufam, algumas lançando olhares de pena na direção de Lerna. É uma Estação. Mas...

— Negociar é uma possibilidade. A gente poderia trazer suprimentos vitais, medicamentos, e estar mais preparados se houver um cerco. Leva dias para atravessar a bacia da floresta com um grupo pequeno; um grupo grande vai levar duas semanas, talvez. Menos tempo se eles forçarem o ritmo, mas isso é uma ideia idiota e perigosa em um terreno que eles não conhecem. Nós sabemos que os batedores estão no nosso território, mas... — Ela olha para você. — A que distância está o resto?

Você é pega de surpresa, mas sabe o que ela quer.

— A maior parte deles está perto do local dos empalamentos. — Isso é mais ou menos no meio da bacia da floresta.

— Eles poderiam chegar aqui em uma questão de dias — diz alguém, a voz estridente por conta da aflição, e muitas outras pessoas dão início a um burburinho. Elas começam a falar mais alto. Ykka ergue as mãos de novo, mas desta vez apenas algumas das pessoas reunidas ficam em silêncio; o restante continua especulando, calculando, e você avista algumas fugindo para as pontes, com a clara intenção de fazer seus próprios planos, que se dane Ykka. Não é um caos, não é exatamente pânico, mas há medo suficiente no ar a ponto de se sentir seu leve cheiro amargo. Você se levanta, pretendendo ir ao centro do aglomerado com Ykka para tentar somar sua voz à dela para pedir calma.

Mas você para. Porque alguém está no lugar para onde você pretendia ir.

Não é como acontece com Antimony, Cabelo de Rubi ou os outros comedores de pedra que você entrevia pela comu de tempos em tempos. Aqueles, por alguma razão, não gostam de ser vistos se movendo; você vislumbra um borrão vez ou outra, mas em seguida a estátua está ali, observando-a, como se sempre houvesse existido uma estátua de um estranho naquela posição, esculpida por alguém há muito tempo.

O comedor de pedras está se virando. Continua virando, deixando todos verem-no e ouvirem-no girar, observando quando você finalmente assimila a presença dele, o granito cinza de sua carne, a mancha indiferenciada do cabelo, o brilho ligeiramente maior dos olhos. A extensão e o volume do maxilar são cuidadosamente esculpidos e seu torso é primorosamente talhado com a musculatura humana masculina em vez da sugestão de uma vestimenta que a maioria dos comedores de pedra adota. É óbvio que este quer que você pense nele como homem, então tudo bem, ele é homem. É todo cinza, o primeiro comedor de pedras que você já viu que não parecesse nada além de uma estátua... exceto pelo fato de que se mexe, e continua se mexendo, enquanto todos se calam, surpresos. Ele está olhando para todos vocês também, com um leve sorriso nos lábios. Está segurando alguma coisa.

Você fixa os olhos enquanto o comedor de pedras cinza se vira e, quando sua mente distingue a coisa ensanguentada e de formato estranho que ele carrega, é a experiência recente que faz você

perceber de repente que é um braço. É um braço pequeno. É um braço pequeno ainda envolto parcialmente com um tecido que é familiar, a jaqueta que você comprou uma vida atrás, na estrada. A pele inumanamente branca manchada de vermelho da mão é familiar, e o tamanho é familiar, embora o pedaço de osso lascado na extremidade ensanguentada seja transparente e similar a vidro e finamente facetado e não seja osso de modo algum.

*Hoa é Hoa aquilo é o braço de Hoa*

— Trago uma mensagem — diz o comedor de pedras cinza. A voz é agradável, tenor. Sua boca não se mexe, e as palavras ecoam do seu peito. Isso, pelo menos, parece normal, até onde você é capaz hoje em dia de sentir a normalidade, enquanto você fita aquele desastre em forma de braço gotejante.

Ykka se mexe depois de um momento, talvez forçando-se a sair do estado de choque também.

— De quem?

Ele se volta para ela.

— Rennanis. — Ele se vira de novo, passando os olhos de rosto a rosto em meio à multidão, o mesmo que um humano faria se estivesse tentando estabelecer contato, transmitir uma ideia. Os olhos passam rápido por você, como se você não estivesse lá. — Não desejamos mal a vocês.

Você olha para o braço de Hoa na mão dele.

Ykka está incrédula.

— Então, o exército acampado à nossa porta...

Ele se vira. Ignora Cutter também.

— Temos alimentos em abundância. Muros fortes. Tudo para vocês, se se juntarem à nossa comu.

— Talvez a gente goste de estar na nossa própria comu — retruca Ykka.

Ele se vira. Seu olhar pousa em Hjarka, que pisca os olhos.

— Vocês não têm carne, e o seu território está esgotado. Vocês estarão comendo uns aos outros dentro de um ano.

Bem, isso provoca o burburinho. Ykka fecha os olhos um instante por pura frustração. Hjarka olha ao redor com raiva, como que se perguntando quem traiu vocês.

— Todos nós seríamos adotados pela sua comu? — pergunta Cutter. — Com as nossas castas de uso intactas?

Lerna fala com voz firme.

— Não vejo como essa poderia ser a questão, Cutter...

Cutter lança um olhar mordaz para Lerna.

— Não podemos lutar contra uma cidade equatorial.

— Mas é uma pergunta idiota — retruca Ykka. A voz dela está enganosamente branda, mas na parte de sua mente que não foi silenciada pelo choque de ver *aquele braço*, você percebe que ela nunca apoiou Lerna antes. Você sempre teve a impressão de que ela não gosta muito dele, e que o sentimento é mútuo... ela é fria demais para o gosto dele, ele é afável demais para o gosto dela. Isso é significativo. — Se eu fosse essas pessoas, eu mentiria, levaria o nosso povo para o norte, colocaria a gente em uma cabana reserva de sem-comus em algum lugar entre um gêiser de ácido e um lago de lava. Comus equatoriais já fizeram isso antes, especialmente quando precisavam de mão-de-obra. Por que deveríamos acreditar que esta é diferente?

O comedor de pedras cinza inclina a cabeça. Somando isso ao sorrisinho nos lábios, é um gesto surpreendentemente humano... um olhar que diz, *ah, você não é uma gracinha?*

— Nós não precisamos mentir. — Ele deixa essas palavras ditas em um tom agradável pairando no ar pelo intervalo de tempo certo. Ah, ele é bom nisso. Você vê as pessoas trocando olhares, ouve-as mexendo-se, desconfortáveis; sente o silêncio contido, já que Ykka não tem como retorquir. Porque é verdade.

Então ele joga a outra bomba.

— Mas os orogenes não têm nenhuma utilidade para nós.

Silêncio. Imobilidade resultante do choque.

— Pelos fogos debaixo da Terra — Ykka diz com brevidade, quebrando o silêncio. Cutter desvia o olhar. Lerna arregala os olhos quando entende as implicações do que o comedor de pedras acabou de fazer.

— Onde está Hoa? — você pergunta em meio ao silêncio. É a única coisa em que você consegue pensar.

O comedor de pedras transfere o olhar para você. O restante do rosto dele não se vira. Para um comedor de pedras, isso é uma



linguagem corporal normal; para este comedor de pedras, é chamativo.

— Morto — responde ele. — Depois de nos trazer para cá.

— Você está mentindo. — Você nem sequer percebe que está brava. Você não pensa no que está prestes a fazer. Você apenas reage, como Damaya nos tormentos, como Syenite na praia. Tudo em você se cristaliza e se aguça, sua consciência se torna afiada como uma lâmina, você tece os fios que mal havia notado que estavam ali e acontece exatamente igual ao que aconteceu com o braço de Tonkee: *fuiiiim*. Você corta fora a mão do comedor de pedras.

A mão dele e o braço de Hoa caem ao chão. As pessoas arquejam. Não há sangue. O braço de Hoa bate no cristal com um baque ruidoso e carnudo — é mais pesado do que parece — e a mão do comedor de pedras faz um segundo estrépito ainda mais sólido, separando-se do braço. O corte transversal do pulso dele tem um tom indiferenciado de cinza.

O comedor de pedras não parece reagir a princípio. Então, você sensa a fusão de algo, como os fios prateados de magia, mas *tantos*. A mão se contrai, depois salta ao ar, voltando ao coto do pulso como que puxado por cordões. Ele deixa o braço de Hoa para trás e, e então, se vira por completo para finalmente encarar você.

— Saia antes que eu te corte em mais pedaços do que você consegue pôr de volta no lugar — você diz em uma voz que treme como a terra.

O comedor de pedras cinza sorri. É um sorriso cheio, os olhos formando pés de galinha e os lábios revelando dentes de diamante... e, que milagre, parece de fato um sorriso e não uma demonstração de ameaça. Então, ele desaparece, esvaindo-se pela superfície do cristal. Por um instante, você vê uma sombra cinza dentro da translucidez, seu formato borrado e não mais tão humanoide, embora provavelmente seja devido ao ângulo. Então, mais rápido do que você consegue seguir com os olhos ou com os sensapinae, ele se precipita para baixo e para longe.

Na ressonante sequência de sua partida, Ykka respira fundo.

— Bem — diz ela, olhando ao redor para o seu povo. O que ela acredita ser o seu povo. — Parece que precisamos conversar. —

Segue-se um ar de desconforto.

Você não quer ouvir. Você corre e pega o braço de Hoa. A coisa é pesada como uma pedra; você precisa usar as pernas para fazer força ou corre o risco de machucar a região lombar. Você vira e as pessoas abrem caminho e você ouve Lerna chamá-la. Mas você também não quer ouvi-lo.

Existem fios, entende. Linhas prateadas que só você consegue ver, saindo do coto do braço, agitando-se e volteando-se, mas que mudam quando você vira. Sempre apontando uma direção em particular. Então você as segue. Ninguém vai atrás de você, e você não se importa com o que isso significa. Não no momento.

Os tentáculos a levam ao seu próprio apartamento.

Você passa pela cortina e para. Tonkee não está em casa. Deve estar na casa de Hjarka ou na sala verde. Há mais dois membros no chão à sua frente, cotos ensanguentados com ossos de diamante à mostra. Não, eles não estão sobre o chão; estão *dentro* do chão, parcialmente submersos nele, um até a altura da coxa, o outro apenas a panturrilha e o pé. Presos, como se estivessem subindo a fim de sair. Há um rastro duplo de sangue, grosso o suficiente para ser preocupante, sobre o tapete acolhedor que você trocou por uma das velhas facas de pedra de Jija. Ele vai em direção ao seu quarto, então você o segue até lá. E aí você deixa o braço cair. Felizmente, ele não cai no seu pé.

O que restou de Hoa está rastejando até o colchão que você usa como cama. O outro braço dele também se foi, você não sabe para onde. Estão faltando tufo de cabelo dele. Ele para quando você entra, ouvindo ou sentando você, e fica imóvel enquanto você o rodeia e vê que seu maxilar inferior foi arrancado. Ele não tem os olhos, e há uma... mordida logo acima da têmpora. É por isso que está faltando cabelo. Alguma coisa mordeu o crânio dele como uma maçã, cortando um pedaço da carne e do osso de diamante por baixo dela. Você não consegue ver o que há dentro da cabeça dele devido ao sangue. Isso é bom.

Você ficaria assustada se não entendesse de imediato. Ao lado da sua cama está o embrulho envolto com tecido que ele vem carregando desde Tirimo. Você corre até o embrulho, abre, leva até o corpo arruinado de Hoa, e se agacha.

— Você consegue se virar?

Ele responde virando-se. Por um momento, você trava por conta da falta do maxilar inferior, e depois pensa: *que se dane*, e enfia uma das pedras do embrulho direto no buraco esfarrapado na garganta de Hoa. A carne dele parece quente e humana quando você empurra a pedra com o dedo até que os músculos do reflexo de deglutição a peguem (a ânsia sobe pela sua garganta; você a força a descer). Você começa a alimentá-lo com outra pedra, mas, após algumas respirações, ele começa a tremer violentamente. Você não percebe que ainda está sensando mágica até que o corpo de Hoa de repente fica cheio de brilhantes fios prateados, todos eles debatendo-se e volteando-se como os tentáculos urticantes das criaturas marinhas das histórias dos sabedoristas. *Centenas* deles. Você se afasta, alarmada, mas Hoa produz um som áspero e ofegante, que você acha que talvez signifique “mais”. Você empurra outra pedra para dentro da garganta dele, e depois outra. Para começar, não haviam sobrado muitas. Quando restam apenas três, você hesita.

— Você quer todas?

Hoa hesita também. Você consegue ver isso na linguagem corporal dele. Você não entende nem um pouco por que ele precisa delas; fora aquele monte de mágica — ele é *feito* de mágica, cada centímetro dele está cheio disso, você nunca viu nada igual —, não houve nenhuma melhora quanto ao seu corpo ferido. Será que alguém consegue sobreviver ou se recuperar de ferimentos tão graves? Ele não é humano o bastante para você pelo menos estimar. Mas, por fim, ele grunhe de novo. É um som mais profundo do que o primeiro. Resignado, talvez, ou talvez seja a sua imaginação estampando humanidade nos sons animais da carne animal dele. Então você empurra as três últimas pedras para dentro dele.

Não acontece nada por um instante. Então...

Tentáculos prateados crescem e se dilatam em torno dele tão rápido, com tamanho frenesi, que você se afasta. Você sabe de algumas das coisas que a mágica pode fazer, e alguma coisa nisso parece completamente tempestuoso e descontrolado. O elemento preenche o quarto, no entanto, e... e você pisca os olhos. Você

consegue *ver* aquilo, não só sentir. Todas as partes de Hoa brilham agora com uma luz branco-prateada, que em pouco tempo fica resplandecente demais para se olhar diretamente; mesmo um quieto seria capaz de ver isso. Você passa para a sala de estar, espiando pela porta do quarto porque parece mais seguro. No instante em que você atravessa o umbral da porta, a substância do apartamento inteiro (paredes, chão, todos os lugares onde há cristal) treme por um momento, tornando-se translúcido e *irreal como os obeliscos*. A mobília do seu quarto e os seus pertences flutuam em meio àquela brancura cintilante. Ressoa um baque suave atrás de você que a faz pular e virar, mas são as pernas de Hoa, que se desprenderam do chão da sala e estão deslizando ao longo da trilha de sangue até o seu quarto. O braço que você deixou cair está se mexendo também, aproximando-se da confusão brilhante que é Hoa, tornando-se brilhante também. Saltando para se unir de novo ao corpo, como a mão do comedor de pedras cinza se uniu outra vez ao pulso.

Alguma coisa sobe do chão... não. Você vê o *chão* subir, como se fosse massa de vidraceiro, e envolver o corpo dele. A luz se desvanece quando ele faz isso; o material imediatamente começa a se transformar em algo mais escuro. Quando você consegue, após várias piscadas, diminuir a imagem residual o suficiente para ver, há uma coisa enorme e estranha e impossível no lugar onde Hoa estava antes.

Você entra no quarto mais uma vez... com cautela, porque o chão e as paredes podem estar sólidos de novo, mas você sabe que esse é um estado possivelmente temporário. O cristal sob os seus pés, outrora liso, está áspero. A coisa ocupa a maior parte do quarto agora, deitada ao lado da sua cama desorganizada, meio submersa no chão novamente solidificado. Está quente. Seus pés enroscam brevemente na alça da sua bolsa de fuga meio vazia, que, por sorte, permanece intacta e não se fundiu ao quarto. Você se inclina rápido e a pega; hábitos da sobrevivência. *Pelos fogos da Terra*, está quente aqui. A cama não pega fogo, mas você acha que é só porque não está tocando diretamente a coisa grande. Você consegue sensá-la, o que quer que seja. Não, você sabe o que é: calcedônia. Um pedaço enorme e oblongo de calcedônia verde acinzentada, como a casca exterior de um geodo.

Você já sabe o que está acontecendo, não sabe? Eu lhe contei sobre Tirimo após a Fenda. O extremo do vale, onde a onda de choque do tremor soltou um geodo, que então se abriu como um ovo. O geodo não havia estado lá o tempo todo, você se dá conta; isso é mágica, não natureza. Bem, talvez um pouco de ambos. Para comedores de pedra, existe pouca diferença entre os dois.

E, de manhã, depois de ter passado a noite na mesa da sala, onde você pretendia ficar acordada e observar aquele pedaço de pedra fumegante, mas, em vez disso, caiu no sono, acontece de novo. A fissura do geodo é ruidosa e explosivamente violenta. A pressão expelle uma centelha de plasma que chamusca ou derrete todos os pertences que você deixou no quarto. Exceto a bolsa de fuga, uma vez que você a pegou. Bons instintos.

Você está tremendo porque acordou de susto. Aos poucos, você se levanta e entra no quarto. Está tão quente que é difícil de respirar. Como um forno... embora a lufada de calor faça a cortina da entrada do apartamento erguer-se e abrir. Logo a quentura diminui até se tornar apenas desconfortável, e não perigosa.

Você mal percebe. Porque o que se levanta da abertura do geodo, movendo-se com uma suavidade demasiado humana em princípio, mas reajustando-se rapidamente a uma espécie familiar de imobilidade acentuada... é o comedor de pedras do obelisco granada.

Olá outra vez.



NOSSA POSIÇÃO IDENTIFICA-SE INTEIRAMENTE COM A INTEGRIDADE FÍSICA DA  
QUIETUDE... PELO ÓBVIO INTERESSE NA SOBREVIVÊNCIA EM LONGO PRAZO. A  
MANUTENÇÃO DESTA TERRA DEPENDE DE FORMA PECULIAR DO EQUILÍBRIO  
SÍSMICO E, POR UMA IMPERIOSA LEI DA NATUREZA, NINGUÉM EXCETO OS  
OROGENES PODEM ESTABELECE-LA. UM GOLPE CONTRA O SEU  
ACORRENTAMENTO É UM GOLPE CONTRA O PRÓPRIO PLANETA. DECIDIMOS,  
PORTANTO, QUE, EMBORA ELES SE ASSEMELHEM A NÓS DE LINHAGEM BOA E  
SAUDÁVEL E, EMBORA DEVAM SER CONDUZIDOS COM GENTILEZA PARA O  
BENEFÍCIO TANTO DE ACORRENTADOS COMO DE PESSOAS LIVRES, DEVE-SE  
PARTIR DO PRESSUPOSTO DE QUE QUALQUER GRAU DE HABILIDADE OROGÊNICA  
NEGA SEU CORRESPONDENTE ESTADO DE SER HUMANO. ELES DEVEM SER

LEGITIMAMENTE TIDOS E HAVIDOS COMO UMA ESPÉCIE INFERIOR E  
DEPENDENTE.

— *DECLARAÇÃO DO SEGUNDO CONSELHO YUMENESCENCE DE  
SABEDORISTAS SOBRE OS DIREITOS DOS ACOMETIDOS PELA OROGENIA*



## 15

### *Nassun, em rejeição*

O que eu me lembro da minha juventude é cor. Verde por toda parte. Iridescência branca. Vermelhos vivos e vitais. Essas cores em particular permanecem em minha memória, quando grande parte do resto é tênue e pálido e quase apagado. Há uma razão para isso.

• • •

Nassun está sentada em um escritório dentro do Fulcro Antártico, de repente entendendo sua mãe melhor do que nunca.

Schaffa e Umber estão sentados cada um em um lado dela. Os três têm nas mãos uma xícara de segura que o pessoal do Fulcro lhes ofereceu. Nida está em Lua Encontrada porque alguém deve ficar para cuidar das crianças de lá e porque é a que tem mais dificuldade em simular um comportamento humano normal. Umber é tão calado que ninguém sabe no que ele está pensando. Schaffa é quem fala. Eles foram convidados a entrar para conversar com três pessoas que são chamadas de “seniores”, o que quer que isso signifique. Esses seniores usam uniformes inteiramente pretos, com jaquetas caprichosamente abotoadas e calças plissadas... Ah, então é por isso que chamam os Orogenes Imperiais de jaquetas pretas. Tudo neles passa a sensação de poder e de medo.

Uma entre eles foi obviamente gerada nas Antárticas, seu cabelo vermelho tornando-se grisalho e sua pele tão branca que veias verdes ressaltam claramente sob a epiderme. Ela tem dentes

protuberantes e lábios bonitos, e Nassun não consegue parar de olhar para ambos enquanto ela fala. Seu nome é Serpentine, o que não parece combinar nem um pouco com ela.

— Claro que não temos novos grãos chegando — diz Serpentine. Por algum motivo, ela olha para Nassun enquanto fala e faz um gesto largo com as mãos. Os dedos tremem ligeiramente. Isso vem acontecendo desde que a reunião começou. — É uma dificuldade que não tínhamos previsto. Ao menos, significa que temos dormitórios de grãos fora de uso em uma época em que um abrigo seguro é algo bastante valioso. Foi por essa razão que fizemos uma oferta para as comus próximas de aceitar seus órfãos, aqueles que eram novos demais para terem conquistado sua aceitação em uma comu. Muito sensato, não? E nós também acolhemos alguns refugiados, motivo pelo qual não tivemos escolha a não ser abrir negociações com os habitantes locais para obter suprimentos e coisas do tipo. Sem provisões vindo de Yumenes... — Ela assume uma expressão hesitante. — Bem. É compreensível, não é?

Ela está lamuriando-se. Com um sorriso gracioso e modos impecáveis, com duas outras pessoas acenando sabiamente junto com ela, porém lamuriando-se. Nassun não sabe ao certo por que essas pessoas a incomodam tanto. Tem algo a ver com a lamúria, com a falsidade delas: estão claramente desconfortáveis com a chegada dos Guardiões, claramente receosas e irritadas e, no entanto, fingem cortesia. Isso a faz pensar na mãe, que fingia ser gentil e amorosa quando o Pai ou qualquer outra pessoa estava por perto e que era fria e feroz em particular. Pensar no Fulcro Antártico como um lugar povoado por infinitas variantes de sua mãe faz os dentes, as palmas das mãos e os sensapinae de Nassun comicharem.

E ela pode ver, pela fria placidez do rosto de Umber e pela frágil amabilidade do sorriso de Schaffa, que os Guardiões também não gostam.

— É de fato compreensível — responde Schaffa. Ele gira a xícara de segura na mão. A solução turva permanecia branca como deveria, mas ele não tomou um único gole. — Imagino que as comus locais estejam agradecidas a vocês por abrigar e alimentar o



excedente da população. E também é muito sensato que você colocasse essas pessoas para trabalhar. Protegendo seus muros. Cuidando dos campos. — Ele faz uma pausa e dá um sorriso mais largo. — Jardins, quero dizer.

Serpentine sorri de volta, e seus companheiros se remexem, desconfortáveis. É algo que Nassun não entende. A Estação ainda não atingiu em cheio a região antártica, então parece prudente que uma comu plante em seus campos verdejantes e coloque Costas-fortes em seus muros e comece a se preparar para o pior. No entanto, de alguma forma, é ruim que o Fulcro Antártico tenha feito isso. É ruim que este Fulcro sequer esteja em funcionamento. Nassun parou de tomar a xícara de segura que os seniores lhe deram, embora só tenha tomado segura duas vezes antes e meio que goste de ser tratada como adulta... mas Schaffa não está bebendo, e isso a adverte de que a situação não é de fato segura.

Uma das seniores é uma mulher latmediana do sul que poderia passar por parente de Nassun: alta, tom de pele meio marrom, cabelo enrolado e grosso, um corpo com cintura ampla, quadril largo e coxas grossas. Eles a apresentaram, mas Nassun não consegue lembrar seu nome. Sua orogenia parece ser a mais aguçada dos três, embora seja a mais jovem; há seis anéis em seus dedos compridos. E é ela quem finalmente para de sorrir e cruza as mãos e ergue o queixo, só um pouco. É outra coisa que faz Nassun se lembrar da mãe. Mamãe com frequência se comportava da mesma maneira, um sentimento de suave dignidade cobrindo um núcleo de obstinação diamantina. A obstinação é o que vem à tona agora quando a mulher diz:

— Presumo que esteja descontente, Guardiã.

Serpentine estremece. O outro orogene do Fulcro, um homem que se apresentou como Lamprophyre, suspira. Schaffa e Umber inclinam a cabeça quase em sincronia, Schaffa dando um sorriso mais largo, interessado.

— Não descontente — diz ele. Nassun consegue ver que ele está contente que as cortesias tenham chegado ao fim. — Apenas surpreso. Afinal, é protocolo padrão que qualquer unidade do Fulcro seja fechada na eventualidade de uma Estação declarada.

— Declarada por quem? — pergunta a mulher dos seis anéis. — Até a sua chegada hoje, não houve nenhum Guardiã aqui para declarar nada do tipo. As Lideranças das comus locais variaram: algumas declararam Lei Sazonal, algumas estão apenas em bloqueio, algumas estão fazendo as coisas como sempre.

— E se todas tivessem declarado Lei Sazonal — pergunta Schaffa, naquele tom bem baixo de voz que ele usa quando já sabe a resposta de uma pergunta e só quer ouvir o outro dizer — vocês teriam realmente se matado? Uma vez que, como vocês apontaram, não há nenhum Guardiã aqui para cuidar dessa questão por vocês?

Nassun se contém antes de se sobressaltar, surpresa. Matar-se? Mas ela não é boa o suficiente em controlar sua orogenia a ponto de evitar que se contraia quando ela não o faz. As três pessoas do Fulcro olham para ela, e Serpentine dá um sorrisinho.

— Cuidado, Guardiã — diz ela, olhando para Nassun, mas falando com Schaffa. — Seu bichinho de estimação parece desconfortável com a ideia de exterminação em massa sem motivo.

— Eu não escondo nada dela — retruca Schaffa, e a surpresa de Nassun é suplantada por amor e orgulho. Ele olha para Nassun. — Historicamente, o Fulcro sobreviveu com base na tolerância de seus vizinhos, dependendo dos muros e recursos das comus próximas. E como acontece com todos os que não têm uso viável durante uma Estação, existe com certeza uma expectativa de que os Orogenes Imperiais vão se retirar de qualquer concorrência pelos recursos... de modo que as pessoas normais, as pessoas saudáveis, tenham mais chance de sobreviver. — Ele faz uma pausa. — E já que não se permite que os orogenes existam sem a supervisão de um Guardiã ou do Fulcro... — Ele faz um gesto largo com as mãos.

— Nós *somos* o Fulcro, Guardiã — diz o terceiro sênior, cujo nome Nassun tentava lembrar. Esse homem é de algum povo costeiro do oeste; ele é esguio, tem o cabelo liso, as maçãs do rosto salientes e o rosto quase côncavo. Sua pele também é branca, mas seus olhos são escuros e frios. A orogenia dele parece leve, com múltiplas camadas, como mica. — E somos autossuficientes. Muito longe de ser um sorvedouro de recursos, nós fornecemos serviços necessários às comunidades próximas. Nós até trabalhamos, sem

que nos pedissem e nos compensassem, para mitigar os tremores secundários da Fenda nas ocasiões em que eles chegam até aqui. É por nossa causa que poucas comus antárticas sofreram sérios danos desde o início da Estação.

— Admirável — diz Umber. — E inteligente, tornarem-se indispensáveis. Mas não é algo que os seus Guardiões teriam permitido. Imagino.

Os três seniores ficam imóveis por um instante.

— Isso é a Antártica, Guardião — responde Serpentine. Ela sorri, embora o sorriso não chegue aos olhos. — Nós somos uma fração do tamanho do Fulcro em Yumenes... mal chegamos a 25 orogenes com anéis, em sua maior parte um punhado de grãos crescidos. Nunca houve muitos Guardiões permanentemente estacionados aqui. A maioria do que tínhamos eram Guardiões em percurso nos visitando, ou nos entregando novos grãos. Nenhum desde a Fenda.

— Nunca houve muitos Guardiões estacionados aqui — concorda Schaffa — mas *havia* três, que me lembre. Eu conhecia um. — Ele faz uma pausa e, por um instante fugaz, sua expressão se torna distante e perdida e um pouco confusa. — Eu me lembro de conhecer um. — Ele pisca os olhos. Sorri de novo. — No entanto, agora não há nenhum.

Serpentine está tensa. Todos estão tensos, esses seniores, de uma forma que faz a comichão no fundo da mente de Nassun aumentar.

— Nós resistimos a vários ataques de bandos de sem-comu antes de finalmente erguermos um muro — explica Serpentine. — Eles morreram bravamente, protegendo-nos.

É uma mentira tão descarada que Nassun fica olhando para ela, de queixo caído.

— Bem — diz Schaffa, colocando sua xícara de segura na mesa e soltando um pequeno suspiro. — Acho que as coisas se resolveram tão bem quanto se podia esperar.

E embora Nassun tenha adivinhado a essa altura o que está por vir, embora tenha visto Schaffa se mover antes a uma velocidade que não é humanamente possível, embora o prateado que há nele e em Umber se acenda como a chama de um fósforo e se incendeie

dentro deles um momento antes, ela ainda é pega de surpresa quando Schaffa avança e enfia o punho no rosto de Serpentine.

A orogenia de Serpentine morre quando ela morre. Mas os outros dois seniores estão de pé e em movimento no instante seguinte, Lamprophyre caindo para trás por sobre a cadeira para escapar do rápido movimento de Umber para pegá-lo e a mulher dos seis anéis tirando uma zarabatana da manga. Schaffa arregala os olhos, mas sua mão ainda está presa em Serpentine; ele tenta investir contra ela, mas o cadáver é um peso morto em seu braço. Ela leva a arma aos lábios.

Antes que ela consiga soprar, Nassun se levanta, penetra na terra e começa a criar uma espiral que congelará a mulher em um instante. A mulher estremece, surpresa, e flexiona *algo* que estilhaça a espiral de Nassun antes que termine de se formar; é uma coisa que sua mãe costumava fazer durante as práticas, se Nassun fizesse algo que não deveria. O choque causado por perceber isso faz Nassun cambalear e tropeçar, dando um passo atrás.

*A mãe dela aprendeu esse truque aqui, no Fulcro, é assim que as pessoas do Fulcro treinam os orogenes jovens, tudo o que Nassun soube sobre sua mãe está e sempre esteve contaminado por este lugar...*

Mas a distração fugaz é o bastante. Schaffa livra enfim a mão do cadáver e atravessa a sala no intervalo de outra respiração, agarrando a zarabatana e tirando-a da mulher, cuja garganta ele apunhala antes que ela possa se recuperar. Ela cai de joelhos, sufocando, projetando-se instintivamente na terra, mas então alguma coisa se propaga pela sala em uma onda e Nassun arqueja quando, de repente, não consegue mais sentir uma única coisa. A mulher arqueja também, depois respira com dificuldade, arranhando a garganta. Schaffa pega sua cabeça e quebra seu pescoço com um puxão rápido.

Lamprophyre se desloca depressa para trás enquanto Umber o persegue, vasculhando a roupa, onde algum tipo de objeto pequeno e pesado alojou-se.

— Pela Terra Cruel — diz ele de forma brusca, puxando os botões da jaqueta. — Você está contaminado! Vocês dois estão!

Todavia, ele não consegue ir mais longe, porque Umber se move rápido, formando um borrão, e Nassun estremece quando algo salpica o rosto dele. Umber esmagou a cabeça do homem.

— Nassun — diz Schaffa, soltando o corpo da mulher dos seis anéis e olhando para ele —, vá para o terraço e espere a gente lá.

— S-sim, Schaffa — responde Nassun. Ela está tremendo. Apesar disso, obriga-se a virar e sai da sala. Existem aproximadamente 22 outros orogenes com anéis por ali em algum lugar, afinal, segundo Serpentine.

O Fulcro Antártico não é muito maior do que o vilarejo de Jekity. Nassun sai do edifício de dois andares que serve como prédio administrativo. Há também um aglomerado de chalés minúsculos onde aparentemente moram os orogenes mais velhos, e vários barracões compridos perto da grande estufa com paredes de vidro. Poucos deles vestem preto, embora alguns daqueles que vestem trajes civis passem a sensação de ser orogenes. Para além da estufa, há um terraço em declive que abriga vários pequenos canteiros... canteiros demais, no total, para serem de fato qualificados como hortas. Isto é uma lavoura. A maioria dos canteiros está densamente cultivada com grãos e verduras, e há várias pessoas trabalhando neles, já que é um dia agradável e ninguém sabe que os Guardiões estão laboriosamente matando todo mundo no prédio administrativo.

Nassun caminha rápido pela trilha pavimentada sobre o terraço com a cabeça abaixada de modo que possa concentrar-se em não tropeçar, uma vez que não consegue sentir nada depois do que quer que Schaffa tenha feito com a mulher dos seis anéis. Ela sempre soube que os Guardiões podem desativar a orogenia, mas nunca havia sentido. É difícil andar quando ela só consegue perceber o chão com os olhos e os pés, e também quando está tremendo tanto. Com cuidado, ela coloca um pé na frente do outro e, de repente, os pés de outra pessoa simplesmente estão *lá*, e Nassun para abruptamente, seu corpo todo enrijecendo-se devido ao choque.

— Olhe por onde anda — diz a garota automaticamente. Ela é magra e branca, embora tenha um tufo de cabelo de cinzas sopradas em tom ardósia acinzentado, e é talvez da mesma idade

que Nassun. — Ei, tem alguma coisa no seu rosto. Parece um inseto morto ou algo. Nojento. — Ela estende a mão e tira a coisa dando um peteleco com um dedo.

Nassun recua um pouco, surpresa, depois se lembra de ter modos.

— Obrigada. Ähn, me desculpe por estar no seu caminho.

— Tudo bem. — A garota pisca os olhos. — Disseram que alguns Guardiões vieram e trouxeram um grão novo. É você?

Nassun olha, confusa.

— G-grão?

A outra menina ergue as sobrancelhas.

— É. Aprendiz? Alguém que vai se tornar Orogene Imperial? — Ela está carregando um balde de apetrechos de jardinagem, que não combina nem um pouco com a conversa. — Os Guardiões costumavam trazer crianças para cá antes de a Estação começar. Foi assim que eu cheguei aqui.

Tecnicamente, é assim que Nassun chegou aqui também.

— Os Guardiões me trouxeram — ela repete. Está oca por dentro.

— Me trouxeram também. — A garota fica séria, depois desvia o olhar. — Eles já quebraram a sua mão?

A respiração de Nassun para na garganta.

Diante de seu silêncio, a expressão da menina se torna amarga.

— É. Eles fazem isso com todos os grãos em algum momento. Ossos da mão ou dos dedos. — Ela chacoalha a cabeça, depois respira rápido, engolindo em seco. — A gente não deveria falar sobre isso. Mas não é você, não importa o que eles digam. Não é culpa sua. — Ela respira rápido outra vez. — Te vejo por aí. Eu sou Ajae. Não tenho nome de orogene ainda. Qual é o seu nome?

Nassun não consegue pensar. O som do punho de Schaffa esmagando osso ecoa em sua mente.

— Nassun.

— Muito prazer, Nassun. — Ajae acena educadamente, depois segue em frente, descendo os degraus em direção ao terraço. Ela cantarola, balançando o balde. Nassun fica olhando para ela, tentando entender.

*Nome de orogene?*

Tentando não entender.

*Eles já quebraram a sua mão?*

Este lugar. Este... Fulcro. É o motivo pelo qual sua mãe quebrou sua mão.

A mão de Nassun se contrai com uma dor fantasma. Ela vê de novo a pedra na mão da mãe, erguendo-se. Parando por um instante. Descendo.

*Você tem certeza de que consegue se controlar?*

O Fulcro é o motivo pelo qual sua mãe jamais a amou.

É o motivo pelo qual seu pai não a ama mais.

É o motivo pelo qual seu irmão está morto.

Nassun observa Ajae acenar para um garoto mais velho e magro, que está ocupado capinando. Este lugar. Estas pessoas, que não têm o direito de existir.

O safira não está longe... pairando sobre Jekity, onde tem estado nas duas semanas desde que ela e Schaffa e Umber partiram para viajar para o Fulcro Antártico. Ela consegue sensá-lo a distância, embora ele esteja longe demais para se ver. Parece bruxulear quando ela sintoniza com ele e, por um momento, ela se admira de *saber* disso de algum modo. Instintivamente, ela havia se virado para ficar de frente com ele. Linha de visão. Ela não precisa de olhos, nem de orogenia, para usá-lo.

(Essa é a natureza de um orogene, o velho Schaffa poderia lhe dizer, se ainda existisse. A espécie de Nassun reage naturalmente a todas as ameaças da mesma forma: com uma contraforça devastadora. Ele teria lhe dito isso antes de quebrar sua mão para fazer entender a lição do controle.)

Há tantos fios prateados neste lugar. Os orogenes estão todos conectados por meio das práticas em conjunto, da experiência compartilhada.

## **ELES QUEBRARAM A SUA MÃO?**

Acontece no intervalo de três respirações. Depois, Nassun se deixa sair do azul líquido, e fica ali tremendo na sequência. Algum tempo depois, Nassun se vira e vê Schaffa à sua frente, com Umber.

— Eles não deveriam estar aqui — ela diz de maneira brusca. —  
*Você disse.*

Schaffa não está sorrindo, ainda está de um jeito que Nassun conhece bem.

— Você fez isso para ajudar a gente, então?

Nassun não consegue raciocinar o suficiente para mentir. Ela chacoalha a cabeça.

— Este lugar era errado — ela responde. — O Fulcro é errado.

— É? — É um teste, mas Nassun não faz ideia de como passar.

— Por que você diz isso?

— Mamãe estava errada. O Fulcro a deixou daquele jeito. Ela deveria ter sido uma, uma, uma, uma aliada de vocês — *como eu*, ela pensa, recorda. — Este lugar a transformou em outra coisa. — Ela não consegue articular. — Este lugar a deixou *errada*.

Schaffa olha para Umber, que inclina a cabeça e, por um instante, há uma centelha no prateado, uma centelha entre eles. As coisas alojadas em seus sensapinae ressoam de um modo estranho. Mas então Schaffa franze o cenho, e ela o vê afastando o prateado. Fazer isso lhe causa dor, mas ele faz mesmo assim, virando-se para olhar para ela com olhos brilhantes e maxilar cerrado e suor recente salpicando a testa.

— Acho que talvez esteja certa, pequenina — é a única coisa que ele diz. — E, seguida: — Coloque as pessoas em uma jaula e elas vão se dedicar a escapar, não a cooperar com aqueles que as trancaram. O que aconteceu aqui era inevitável, suponho. — Ele olha para Umber. — Ainda assim. Os Guardiões daqui devem ter sido muito negligentes para deixar um grupo de orogenes acabar com eles. Aquela com a zarabatana... nasceu selvagem, muito provavelmente, e aprendeu coisas que não deveria ter aprendido antes de ser trazida para cá. Ela era a incentivadora.

— Guardiões negligentes — fala Umber, observando Schaffa. — Sim.

Schaffa sorri para ele. Nassun franze a testa, confusa.

— Nós destruímos a ameaça — diz Schaffa.

— A maior parte — concorda Umber.

Schaffa confirma isso inclinando a cabeça e assumindo uma expressão ligeiramente irônica antes de se voltar para Nassun.

— Você estava certa de fazer o que fez, pequenina — diz ele. — Obrigado pela ajuda.



Umber está olhando fixamente para Schaffa. Para a nuca de Schaffa especificamente. Schaffa de súbito se vira para encará-lo de volta, o sorriso fixo e o corpo completamente imóvel. Depois de um momento, Umber desvia o olhar. Nassun entende então. O prateado se acalmou em Umber, tanto quanto se acalma em qualquer dos Guardiões, mas as linhas cintilantes dentro de Schaffa ainda estão vivas, ativas, dilacerando-o. Ele luta contra elas, porém, e está preparado para lutar contra Umber também, se necessário.

Por ela?, Nassun se pergunta, exultante. Por ela.

Depois, Schaffa se agacha e põe as duas mãos no rosto dela.

— Você está bem? — pergunta ele. Seus olhos desviam rapidamente para o leste. O safira.

— Estou — responde Nassun, porque está. Conectar-se com o obelisco foi muito mais fácil desta vez, em parte porque não foi uma surpresa, em parte porque ela está se acostumando com o repentino advento da estranheza em sua vida. O segredo é deixar-se cair dentro dele, cair na mesma velocidade e pensar como uma grande coluna de luz.

— Fascinante — ele diz e depois se põe de pé. — Vamos embora.

Então eles deixam o Fulcro Antártico para trás, com novos cultivos cobrindo de verde seus campos, corpos resfriando em seu prédio administrativo e uma coleção de estátuas humanas reluzentes e multicoloridas espalhadas pelos canteiros, e barracões e muros.

• • •

Mas, nos dias que se seguem, à medida que eles caminham pela estrada e pelas trilhas da floresta entre o Fulcro e Jekity, dormindo cada noite no celeiro de um estranho e ao redor da própria fogueira... Nassun pensa.

Ela não tem nada a fazer a não ser pensar, afinal de contas. Umber e Schaffa não falam um com o outro, e surgiu uma nova tensão entre eles. Ela entende o suficiente para tomar o cuidado de nunca estar sozinha na presença de Umber, o que é fácil, pois Schaffa toma o cuidado de nunca deixá-la. Isso não é estritamente necessário; Nassun acha que o que fez com Eitz e com as pessoas

no Fulcro Antártico, provavelmente pode ser feito com Umber. Usar um obelisco não é sensar, o prateado não é orogenia e, portanto, nem mesmo um Guardião está a salvo do que ela pode fazer. Contudo, ela meio que gosta que Schaffa vá com ela à casa de banho e abra mão de dormir (Guardiões conseguem fazer isso, ao que parece) para velar por ela durante a noite. É uma sensação boa a de ter alguém, qualquer pessoa, protegendo-a de novo.

Mas. Ela pensa.

Nassun fica preocupada com o fato de Schaffa ter se prejudicado aos olhos de seus companheiros Guardiões ao escolher não matá-la. Fica mais preocupada ainda com o fato de que ele sofre, cerrando os dentes e fingindo que é outro sorriso, mesmo quando ela vê o prateado se mexer e queimar dentro dele. O prateado nunca para de fazer isso agora, e ele não a deixa aliviar sua dor porque o ato a deixa lenta e cansada no dia seguinte. Ela o observa suportando aquilo e odeia a coisinha na cabeça dele que o machuca tanto. A coisa lhe dá poder, mas de que serve o poder se vem em uma coleira com espinhos?

— Por quê? — ela lhe pergunta uma noite em que acampam em um bloco liso e elevado de algo que não é nem metal nem pedra e que é a única coisa que sobrou de alguma civextinta. Houve sinais de saqueadores ou sem-comus na região, e a minúscula comu onde eles ficaram na noite anterior os avisou para terem cuidado, então a elevação do bloco pelo menos os alertará de um ataque com antecedência suficiente. Umber saiu para montar armadilhas para pegar algo para o café da manhã. Schaffa usou a oportunidade para se deitar no saco de dormir enquanto Nassun fica de guarda, e ela não quer mantê-lo acordado. Mas precisa saber. — Por que essa coisa está na sua cabeça?

— Ela foi colocada quando eu era muito jovem — ele responde. Parece cansado. Lutar contra o prateado durante dias a fio sem dormir está cobrando seu preço. — Não teve um “porquê” para mim; foi simplesmente do jeito que tinha que ser.

— Mas... — Nassun não quer ser irritante perguntando por quê de novo. — *Tinha* que ser? Para que serve?

Ele sorri, embora seus olhos estejam fechados.

— Nós somos feitos para manter o mundo a salvo dos perigos da sua espécie.

— Eu sei disso, mas... — Ela chacoalha a cabeça. — *Quem* fez o senhor?

— Eu especificamente? — Schaffa abre um olho, depois franze um pouco a testa. — Eu... não lembro. Mas, em geral, os Guardiões são feitos por outros Guardiões. Somos encontrados, ou procriados, e dados à Garantia para passarmos por treinamento e... alterações.

— E quem fez o Guardião antes do senhor, e o Guardião antes disso? Quem fez *primeiro*?

Ele fica em silêncio por um tempo: tentando lembrar, ela adivinha pela expressão dele. Que existe algo de muito errado com Schaffa, talhando buracos na memória e colocando nos pensamentos uma pressão pesada como uma falha geológica, é uma coisa que Nassun simplesmente aceita. Ele é o que é. Mas ela precisa saber por que ele é do jeito que é... e, mais importante, ela quer saber como fazê-lo melhorar.

— Não sei — ele diz enfim, e ela sabe que ele terminou a conversa pelo modo como solta o ar e fecha os olhos outra vez. — No final, o porquê não importa, pequenina. Por que você é orogene? Às vezes nós temos apenas que aceitar o nosso quinhão da vida.

Nassun decide se calar então e, alguns minutos mais tarde, Schaffa relaxa e dorme pela primeira vez em dias. Ela fica diligentemente de guarda, estendendo seu sentido da terra recém-recuperado para captar as reverberações de pequenos animais e outras coisas em movimento nas imediações. Ela consegue sentir Umber também, ainda se movendo metodicamente na extremidade do seu alcance enquanto monta armadilhas e, por conta dele, ela tece um fio do prateado em sua teia de consciência. Ele pode se esquivar do sensamento, mas não disso. O fio vai captar qualquer sem-comu também, caso adentre uma zona de alcance de onde poderia atingi-los com uma flecha ou um arpão. Ela não deixará que Schaffa seja ferido como seu pai foi.

Fora alguma coisa pesada e quente que anda de quatro não muito longe de Umber, provavelmente procurando comida, não há nada que preocupe por perto. Nada...

... exceto. Algo muito estranho. Algo... imenso? Não, seus contornos são pequenos, não maiores do que os de uma pedra de tamanho médio, ou de uma pessoa. Mas está bem debaixo do bloco branco que não é de pedra. Praticamente sob os seus pés, a não mais do que três metros de profundidade.

Como se notasse sua atenção, ele se move. A sensação é como se o mundo se movimentasse. Involuntariamente, Nassun arqueja e se inclina em sentido oposto, embora nada mude exceto a gravidade em torno dela, e isso só um pouco. A imensidão recua de repente, como que sentindo seu escrutínio. Contudo, ela não vai longe, e um momento depois, a imensidão se mexe de novo: para cima. Nassun pisca e abre os olhos para ver uma estátua de pé na borda do bloco, e que não estava lá antes.

Nassun não fica confusa. Como, afinal, um dia ela quis ser sabedorista; passou horas ouvindo histórias sobre comedores de pedra e os mistérios que cercam sua existência. Esse não tem a aparência que ela esperava. Nas histórias dos sabedoristas, os comedores de pedra têm pele de mármore e cabelo de pedras preciosas. Este é inteiramente cinza, até no “branco” dos olhos. Ele tem o torso despido e é musculoso, e está sorrindo, os lábios mostrando dentes que são claros e afiados.

— Foi você quem transformou o Fulcro em pedra alguns dias atrás — diz o peito dele.

Nassun engole em seco e olha para Schaffa. Ele tem um sono pesado, e o comedor de pedras não falou alto. Se ela gritar, Schaffa deve acordar... mas o que um Guardiã pode fazer contra uma criatura dessas? Ela nem sequer tem certeza de que pode fazer alguma coisa com o prateado; o comedor de pedras é uma confusão resplandecente de prateado, giros e rodopios de fio todos embolados dentro dele.

O saber, entretanto, é claro sobre uma coisa a respeito dos comedores de pedra: eles não atacam sem serem provocados. Então:

— F-foi — ela responde, mantendo a voz baixa. — Isso é um problema?

— De modo algum. Eu só queria expressar a minha admiração pelo seu trabalho. — Sua boca não se mexe. Por que ele está

sorrindo tanto? A cada respiração, Nassun tem mais certeza de que aquela expressão não é *apenas* um sorriso. — Qual é o seu nome, pequenina?

Ela fica arrepiada ao ouvir “pequenina”.

— Por quê?

O comedor de pedras dá um passo à frente, movendo-se devagar. Soa como a moagem de uma pedra de moinho e parece tão errado quanto uma estátua que se mexe deveria parecer. Nassun se encolhe, com asco, e ele para.

— Por que você os transformou em pedra?

— Eles estavam errados.

O comedor de pedras dá um passo à frente outra vez, avançando pelo bloco. Nassun meio que espera que o bloco rache ou se incline com o peso terrível da criatura, que ela sabe ser imenso. Ele é uma montanha, compactada no tamanho e na forma de um ser humano. Entretanto, o bloco de material de civextinta não racha, e agora a criatura está perto o suficiente para ela ver individualmente os detalhes minuciosos de seus fios de cabelo.

— Você estava errada — ele diz, sua estranha voz ecoando. — As pessoas do Fulcro e os Guardiões não têm culpa pelas coisas que fazem. Você queria saber por que o seu Guardião precisa sofrer como sofre. A resposta é: ele não precisa.

Nassun se retesa. Antes que possa pedir para saber mais, a cabeça do comedor de pedras se vira em direção a ele. Surge uma centelha de... alguma coisa. Um ajuste infinitamente tênue para ver ou sentir e... e, de repente, a pulsação viva e violenta de prateado dentro de Schaffa se desfaz em silêncio. Apenas aquele borrão escuro em formato de agulha em seus sensapinae continua ativo, e Nassun sente de imediato seu esforço para reafirmar o controle. No momento, porém, Schaffa solta o ar suavemente e relaxa, entrando em um sono mais profundo. A dor que vem afligindo-o há dias se foi, por enquanto.

Nassun ofega... de mansinho. Se Schaffa tem uma chance de enfim descansar de verdade, ela não vai destruí-la. Em vez disso, ela diz ao comedor de pedras:

— Como você fez isso?

— Posso ensinar a você. Posso ensinar como lutar contra o algoz dele, o *mestre* dele também. Se quiser.

Nassun engole em seco.

— S-sim. Eu quero. — Mas ela não é burra. — Em troca de quê?

— Nada. Se você lutar contra o mestre dele, então estará lutando contra o meu inimigo também. Isso nos tornará... aliados.

Agora ela sabe que o comedor de pedras esteve espreitando, escutando-a às escondidas, mas ela não se importa mais. Para salvar Schaffa... Ela passa a língua pelos lábios, que têm um ligeiro sabor de enxofre.

— Tudo bem — ela concorda.

— Qual é o seu nome? — Se esteve ouvindo, ele sabe quem ela é. Este é um gesto para formar uma aliança.

— Nassun. E o seu?

— Não tenho nome, ou tenho muitos. Me chame do que quiser.

Ele precisa de um nome. Alianças não funcionam sem nomes, funcionam?

— A-aço? — É a primeira coisa que surge em sua mente. Já que ele é tão cinzento. — Aço?

A sensação de que ele não liga perdura.

— Virei te procurar mais tarde — diz Aço. — Quando pudermos conversar sem sermos interrompidos.

No instante seguinte, ele some, entra na terra, e a montanha se desvanece de sua consciência em segundos. Um momento mais tarde, Umber sai da floresta ao redor do bloco de civextinta e começa a subir a colina em sua direção. Na verdade, ela está feliz em vê-lo, embora o olhar dele se torne penetrante à medida que se aproxima e vê que Schaffa está dormindo. Ele para a três passos de distância, mais do que perto o bastante para a velocidade de um Guardião.

— Vou te matar se tentar qualquer coisa — diz Nassun, acenando solenemente com a cabeça. — Sabe disso, certo? Ou se tentar acordá-lo.

Umber sorri.

— Sei que vai tentar.

— Vou tentar e vou conseguir.

Ele suspira, e existe muita compaixão em sua voz.

— Você nem sabe como é perigosa. Muito, muito mais do que eu.

Ela não sabe, e isso a incomoda bastante. Umber não age por crueldade. Se ele a vê como uma ameaça, deve haver alguma razão. Mas não importa.

— Schaffa me quer viva — ela diz. — Então eu vivo. Mesmo que eu tiver que te matar.

Umber parece levar isso em consideração. Ela vislumbra a rápida centelha do prateado dentro dele e sabe, de modo repentino e instintivo, que não está mais falando com Umber exatamente.

*O mestre dele.*

— E se Schaffa decidir que você deve morrer? — pergunta Umber.

— Então eu morro. — É isso que o Fulcro entendeu errado, ela tem certeza. Eles tratavam os Guardiões como inimigos, e talvez tenham sido um dia, como Schaffa contou. Mas aliados devem confiar um no outro, ser vulneráveis um diante do outro. Schaffa é a única pessoa no mundo que ama Nassun e Nassun vai morrer, ou matar, ou refazer o mundo, por ele.

Aos poucos, Umber inclina a cabeça.

— Então vou confiar no seu amor por ele — o Guardião diz. Por um instante, existe um eco em sua voz, em seu corpo, pelo chão, espalhando-se em reverberações, até tão fundo. — Por enquanto. — Com essas palavras, ele passa por ela e se senta perto de Schaffa, assumindo ele próprio uma postura de guarda.

Nassun não entende o raciocínio dos Guardiões, mas aprendeu uma coisa sobre eles ao longo dos meses: eles não se dão ao trabalho de mentir. Se Umber diz que vai confiar em Schaffa... não. Confiar *no amor de Nassun por Schaffa*, pois há uma diferença. Mas se Umber diz que isso tem significado para ele, então ela pode confiar em suas palavras.

Então ela se deita no próprio saco de dormir e relaxa, apesar de tudo. Mas demora algum tempo para dormir. Nervos, talvez.

A noite cai. O céu do fim de tarde está limpo, exceto pela leve neblina de cinzas soprando do norte e por alguns fragmentos de nuvens tom de pérola que flutuam de quando em quando para o sul junto com a brisa. Surgem as estrelas, piscando em meio à neblina,

e Nassun fica olhando para elas por um bom tempo. Ela está começando a cabecear, sonolenta, sua mente enfim relaxando, caindo no sono, quando percebe, tardiamente, que uma das minúsculas luzes brancas está se movendo em uma direção diferente do resto... meio que para baixo, enquanto as outras estrelas atravessam o céu do oeste para o leste. Devagar. É difícil deixar de ver agora que ela a distinguiu. É um pouco maior e mais brilhante do que as demais também. Estranho.

Nassun rola para ficar de costas para Umber e dorme.



ESSAS COISAS ESTÃO AQUI HÁ UMA ERA DO MUNDO. É TOLICE CHAMÁ-LAS DE OSSOS. ELAS SE TRANSFORMAM EM PÓ QUANDO AS TOCAMOS.

MAS, MAIS ESTRANHOS DO QUE OS OSSOS SÃO OS MURAI. PLANTAS QUE NUNCA VI, ALGO QUE PODERIA SER UM IDIOMA, MAS PARECE APENAS FORMAS E SERPENTEIOS. É UMA DELAS: UMA COISA GRANDE, REDONDA E BRANCA EM MEIO ÀS ESTRELAS, SUSPENSA EM UMA PAISAGEM. ESQUISITO. NÃO GOSTEI DAQUILO. MANDEI QUE O JAQUETA PRETA DESTRUÍSSE O MURAL.

— *DIÁRIO DA OBRERA FOGRID INOVADORA YUMENES. ARQUIVOS DA LICENCIATURA DE GEONERIA, LESTE EQUATORIAL*





## 16

### *Você encontra um velho amigo, outra vez*

Quero continuar contando isso como tenho feito: em sua mente, em sua voz, dizendo-lhe o que pensar e saber. Você acha grosseiro? E é, eu admito.

Egoísta. Quando falo apenas como eu mesmo, é difícil me sentir parte de você. É mais solitário. Por favor, deixe-me continuar um pouco mais.

• • •

Você olha para o comedor de pedras que emergiu da crisálida de calcedônia. Ele permanece curvado e perfeitamente imóvel, observando você de soslaio através da ligeira oscilação de calor do ar em torno do geodo partido. O cabelo dele é como você se lembra naquele momento meio real, meio onírico dentro do obelisco granada: uma explosão congelada o que acontece com um cabelo de cinzas sopradas quando uma forte rajada de vento o sopra para cima e para trás. Cor de opala branca translúcida agora, em vez de apenas branco. Mas, diferente da forma de carne que você passou a conhecer, a “pele” desse comedor de pedras é tão negra quanto o céu da noite era antes da Estação. O que você antes achava que eram rachaduras, agora percebe que eram, na verdade, veios marmoreados brancos e prateados. Até o drapeado elegante da pseudo-roupa em torno de seu corpo, uma túnica simples que deixa um ombro nu, é de mármore preto. Apenas os olhos não têm o

marmoreado, o branco deles são agora de um tom escuro, suave e fosco. As íris ainda são branco-gelo. Elas se destacam no rosto preto, tão duras e atavicamente perturbadoras que você chega a demorar um momento para perceber que o rosto ao redor ainda é o de Hoa.

Hoa. *Ele* está mais velho, você vê isso de pronto; o rosto é de um homem jovem e não de um garoto. Ainda muito largo, com uma boca estreita demais, racialmente sem sentido. Contudo, você consegue interpretar ansiedade nesses traços paralisados porque aprendeu a interpretá-la em um rosto que um dia foi mais macio e criado para suscitar a sua compaixão.

— Qual foi a mentira? — você pergunta. É a única coisa que você consegue pensar em perguntar.

— A mentira? — A voz agora é uma voz de homem. A mesma voz, mas no tom de tenor. Vindo de algum lugar do peito.

Você entra no quarto. Ainda está desagradavelmente quente, embora esteja esfriando rápido. De qualquer forma, você está suando.

— A sua forma humana, ou esta?

— As duas foram verdadeiras em diferentes momentos.

— Ah, sim. Alabaster disse que todos vocês já foram humanos. Um dia, em todo caso.

Segue-se um momento de silêncio.

— Você é humana?

Ao ouvir a pergunta, você não consegue deixar de dar uma risada.

— Oficialmente? Não.

— Esqueça o que os outros pensam. O que você sente que é?

— Humana.

— Então eu também sou.

Ele está fumegando entre as metades da gigantesca rocha de onde acabou de emergir.

— Ahn, não mais.

— Devo acreditar na sua palavra? Ou ouvir o que eu sinto ser?

Você chacoalha a cabeça, andando o mais longe possível em torno do geodo. Dentro não há nada: é uma casca fina de pedra

sem cristais ou os habituais revestimentos precipitantes. Provavelmente não se classifica como geodo, nesse caso.

— Como você foi parar em um obelisco?

— Irritei o roga errado.

Isso a surpreende a ponto de você rir, o que a faz parar e encará-lo. É uma risada desconfortável. Ele a está observando da maneira como sempre costumava observar, cheio de atenção e esperança. Será que deveria mesmo importar que seus olhos sejam tão estranhos agora?

— Eu não sabia que dava para fazer isso — você comenta. — Prender um comedor de pedras, quero dizer.

— Você conseguiria. É uma das únicas formas de deter um de nós.

— Não matá-los, obviamente.

— Não. Só existe um modo de fazer isso.

— Que é?

Ele vira de pronto para encarar você. Parece instantâneo; de repente, a pose da estátua é completamente diferente, serena e ereta, com uma das mãos erguida em um gesto... convidativo? Apelativo?

— Você está planejando me matar, Essun?

Você suspira e chacoalha a cabeça e estende uma das mãos para tocar uma das metades da rocha, por curiosidade.

— Não toque. Ainda está quente demais para a sua carne. — Ele faz uma pausa. — É assim que eu me limpo, sem sabonete.

Um dia ao lado de uma estrada, ao sul de Tirimo. Um menino que olhou para um sabonete confuso, depois encantado. Ainda é ele. Você não consegue se livrar dessa ideia. Então, suspira e também deixa de lado a parte de você que quer tratá-lo como algo diferente, algo assustador, algo alheio. Ele é Hoa. Ele quer comer você e tentou ajudá-la a encontrar a sua filha, embora tenha falhado. Existe uma intimidade nesses fatos, por mais estranhos que sejam, que significa alguma coisa para você.

Você cruza os braços e caminha devagar ao redor do geodo e dele. Os olhos de Hoa a seguem.

— Então, quem detonou você? — Ele regenerou os olhos, que estavam faltando, e o maxilar inferior. Os membros que haviam sido

arrancados voltaram a fazer parte dele. Ainda há sangue na sala, mas o que havia de sangue no quarto sumiu, junto com uma camada do chão e das paredes. Dizem que os comedores de pedra têm controle sobre as menores partículas da matéria. É bastante simples se reapropriar da sua própria substância que foi separada de você e reaproveitar material extra sem uso. Você acha.

— Mais ou menos uns doze da minha espécie. Depois um em particular.

— Tantos assim?

— Eles eram crianças para mim. Quantas crianças seriam necessárias para dominar você?

— Você era uma criança.

— Eu parecia uma criança. — A voz dele se suaviza. — Só fiz isso por você.

Existe uma diferença maior entre esse Hoa e aquele Hoa além de seu estado de ser. Quando o Hoa adulto diz coisas desse tipo, as palavras têm uma textura completamente diferente de quando o Hoa criança as dizia. Você não sabe ao certo se gosta da textura.

— Então você esteve se metendo em brigas esse tempo todo — você fala, trazendo o assunto de volta para algo confortável. — Tinha um comedor de pedras no Topo Plano. Um de cor...

— Sim. — Você não achava que era possível um comedor de pedras parecer descontente, mas Hoa parece. — Aquele não é criança. Foi ele quem me derrotou por fim, embora eu tenha conseguido escapar sem muitos danos. — Por um instante, você fica admirada de que ele pense que ter todos os membros e o maxilar arrancados não é muito dano. Mas você também fica um pouco contente. O comedor de pedras machucou Hoa, você o machucou de volta. Uma vingança efêmera, talvez, mas faz você se sentir como alguém que cuida dos seus.

Hoa ainda parece estar na defensiva.

— Também foi... imprudente da minha parte enfrentá-lo enquanto vestia carne humana.

Está quente demais no quarto. Limpando suor do seu rosto, você passa para a sala, puxa e amarra a cortina da porta principal para que o ar fresco circule com mais facilidade lá dentro, e se senta à mesa. Quando você volta, Hoa está à porta do seu quarto,

belamente emoldurado pelo arco: estudo de um jovem em receosa contemplação.

— Foi por isso que você mudou sua forma? Para enfrentá-lo? — Você não viu o pedaço de trapo que continha as pedras dele enquanto esteve no quarto. Talvez tenha pegado fogo e seja apenas um tecido chamuscado em meio ao resto, função já cumprida.

— Mudei de forma porque era hora. — Sua voz tem aquele tom de resignação de novo. Esse era o tom dele quando você percebeu pela primeira vez o que ele era. Como se ele soubesse que perdeu algo aos seus olhos, algo que não pode ter de volta, e não tem escolha a não ser aceitar isso... mas não tem que gostar. — Eu só poderia ter mantido aquela forma por tempo limitado. Escolhi reduzir esse tempo e aumentar as chances de você sobreviver.

— Ah, é?

Atrás dele, no seu quarto, você nota de repente que o que sobrou da casca do, ãhn, ovo dele está derretendo. Mais ou menos. Está se dissolvendo e clareando e fundindo-se outra vez ao material alvo do cristal, espalhando os detritos dos seus pertences enquanto se une de novo à sua antiga substância e se solidifica. Por um momento, você olha para isso em vez de olhar para ele, fascinada.

Até que ele diz:

— Eles querem você morta, Essun.

— Eles? — Você pisca os olhos. — Quem?

— Alguns da minha espécie. Alguns querem só usar você. Não vou deixar.

Você franze o cenho.

— O quê? Você não vai deixá-los me matar, ou não vai deixá-los me usar?

— *Nenhum dos dois.* — A voz ressoante fica mais acentuada de repente. Você se lembra dele agachado, mostrando os dentes como uma fera selvagem. Ocorre-lhe, com a brusquidão de uma epifania, que você não tem visto tantos comedores de pedra por aí nos últimos tempos. Cabelo de Rubi, Mármore de Manteiga, Vestido Feio, Dentes Brilhantes, todos os de costume; nem uma vista de relance em meses. Ykka até comentou a súbita ausência da comedora de pedras “dela”.

— Você a comeu — você diz abruptamente.

Segue-se uma pausa.

— Comi muitos — responde Hoa. É uma resposta sem inflexão.

Você se lembra dele dando uma risadinha e chamando-a de estranha. Encolhendo-se contra você para dormir. Pelos fogos da Terra, você não consegue lidar com isso.

— Por que eu, Hoa?

Você faz um gesto largo com as mãos. São mãos comuns de uma mulher de meia-idade. Um pouco ressecadas. Você ajudou o grupo de curtimento de couro alguns dias atrás, e a solução fez a sua pele rachar e descascar. Você vem esfregando as mãos com algumas das nozes que vieram com a cota da comu da semana anterior, embora a gordura seja preciosa e você devesse estar comendo-as em vez de usá-las para satisfazer a sua vaidade. Na palma da sua mão direita, há um pequeno arco branco em formato de unha de polegar. Em dias frios, os ossos dessa mão doem. Mãos comuns de mulher.

— Não existe nada de especial em mim — você diz. — Deve ter outros orogenes com potencial para acessar os obeliscos. Pelos fogos da Terra, Nassun... — Não. — Por que você está *aqui*? — Você quer dizer: por que ele se ligou a você?

Ele fica em silêncio por um instante. Depois:

— Você me perguntou se eu estava bem.

Isso não faz sentido por um momento, e então faz. Allia. Um belo dia ensolarado, um desastre iminente. Enquanto você pairava em agonia em meio ao núcleo rachado e dissonante do obelisco granada, você o viu pela primeira vez. Há quanto tempo ele estava naquela coisa? Tempo suficiente para ela estar enterrada debaixo de sedimentos e recifes de coral correspondentes a várias Estações. Tempo suficiente para ser esquecido, como todas as civilizações extintas do mundo. E então você chegou e perguntou como ele estava. Terra Cruel, você pensou que isso havia sido uma alucinação.

Você respira fundo e se levanta, indo até a entrada do apartamento. A comu está quieta, até onde você pode ver. Algumas pessoas estão cuidando de seus afazeres, mas há menos delas por ali do que de costume. Aqueles que estão seguindo a própria rotina não são prova de que as coisas estão em paz; as pessoas

cuidavam de seus afazeres em Tirimo também, antes de tentarem matar você.

Tonkee não voltou para casa de novo ontem à noite, mas, desta vez, você não tem tanta certeza de que ela esteja com Hjarka ou lá em cima na sala verde. Há um catalisador vivo em Castrima agora, acelerando reações químicas invisíveis, facilitando resultados inesperados. “Juntem-se a nós e vivam”, o comedor de pedras cinza dissera, “mas não com os seus roggas”.

Será que o povo de Castrima vai parar para pensar que nenhuma comu equatorial quer de fato um fluxo repentino de latmedianos vira-latas e que, no máximo, vai escravizá-los ou transformá-los em comida? Seu instinto materno está em alerta total. *Cuide dos seus*, ele sussurra no fundo da sua mente. *Reúna-os e proteja-os bem. Você sabe o que acontece quando vira as costas, mesmo que por um minuto.*

Você coloca no ombro a bolsa de fuga que ainda está na sua mão. Tê-la com você nem é mais uma questão a essas alturas. Depois você se vira para Hoa.

— Vem comigo.

Hoa de repente está sorrindo de novo.

— Eu não ando mais, Essun.

Ah. Certo.

— Vou voltar para o apartamento de Ykka, então. Me encontre lá.

Ele não concorda com a cabeça, simplesmente desvanece. Nenhum movimento desperdiçado. Mas ora, você vai se acostumar.

As pessoas evitam olhar para você enquanto você atravessa as pontes e os passadiços da comu. Mas o centro das suas costas coça devido aos seus olhares quando você passa. Você não consegue deixar de pensar em Tirimo outra vez.

Ykka não está no apartamento. Você olha ao redor, segue os padrões de movimento da comu com os olhos e, por fim, dirige-se para o Topo Plano. Ela não pode estar lá ainda. Você foi para casa, viu uma criança se transformar em um comedor de pedras, dormiu várias horas. Ela não pode estar.

Ela está. Você vê que apenas algumas pessoas permanecem no Topo Plano agora... um amontoado com talvez umas vinte,

sentadas ou andando de um lado para o outro, parecendo irritadas, exasperadas e preocupadas. Para as vinte que você vê, com certeza há outras cem se reunindo em apartamentos e casas de banho e salas de depósito, tendo a mesma conversa em tom baixo em pequenos grupos. Mas Ykka está aqui, sentada em um dos divãs que alguém trouxe do apartamento dela, ainda conversando. Ela está rouca, você percebe quando se aproxima. Visivelmente exausta. Mas ainda conversando. Algumas palavras sobre linhas de suprimento partindo de uma das comus aliadas ao sul, que ela está dirigindo a um homem que anda em círculos com os braços cruzados, debochando de tudo o que ela diz.

*Cuide dos seus.*

Você dá um passo em meio às pessoas (algumas das quais se encolhem diante de você) e para ao lado dela.

— Preciso conversar com você em particular.

Ykka para no meio de uma frase e ergue os olhos para você, piscando-os. Os olhos dela estão vermelhos e secos. Ela está há algum tempo sem tomar água.

— Sobre o quê?

— É importante. — Como gesto de cortesia, você acena para as pessoas sentadas ao redor. — Me desculpem.

Ela suspira e esfrega os olhos, o que apenas os deixa mais vermelhos.

— Tudo bem. — Ela se levanta, depois para a fim de encarar os que restaram. — A votação é amanhã. Se eu não tiver convencido vocês... bem. Vocês sabem o que fazer, então.

Eles observam em silêncio enquanto você a leva embora.

De volta ao apartamento dela, você fecha a cortina da frente e abre a que dá para os quartos particulares. Não há muito nesse espaço que indique seu status: ela tem dois paletes e muitos travesseiros, mas suas roupas estão apenas em um cesto, e os livros e os rolos de pergaminho a um lado do quarto estão apenas empilhados no chão. Nenhuma estante, nenhuma cômoda. A comida de sua cota da comu está empilhada de forma desordenada contra uma parede, ao lado de uma cabaça familiar que os castrimenses costumam usar para armazenar água potável. Você pega a cabaça com a parte de dentro do cotovelo e, da pilha de



alimentos, pega uma laranja seca, uma barra de tofu seco que Ykka estava ensopando com um pouco de cogumelo em uma panela rasa e uma fatia pequena de peixe salgado. Não é exatamente uma refeição, mas é nutritivo.

— Na cama — você diz, apontando com o queixo e trazendo a comida para ela. Você lhe entrega a cabaça primeiro.

Ykka, que observou tudo isso com crescente irritação, retruca de maneira brusca:

— Você não faz o meu tipo. Foi para isso que me arrastou até aqui?

— Não exatamente. Mas enquanto você está aqui, precisa descansar. — Ela parece rebelde. — Você não vai convencer ninguém de nada... — Menos ainda no caso de pessoas com cujo ódio não se pode argumentar. — ... se estiver exausta demais para pensar direito.

Ela resmunga, mas o fato de realmente ir para a cama e se sentar na beirada é uma medida de como está cansada. Você faz um gesto apontando a cabaça, e ela toma obedientemente... três rápidos goles e por enquanto chega, como aconselham os sabedoristas após a desidratação.

— Estou fedendo. Preciso de um banho.

— Devia ter pensado nisso antes de decidir tentar dissuadir uma multidão de linchamento em formação.

Você pega a cabaça e coloca o prato de comida na mão dela. Ela suspira e começa a mastigar com tristeza.

— Eles não vão... — Ela não vai muito longe com a mentira, porém, antes de se encolher e encarar alguma coisa atrás de você. Você sabe antes de se virar: Hoa. — Certo, não, não no meu quarto ferrugento.

— Eu disse para ele nos encontrar aqui — você fala. — É Hoa.

— Você disse... é... — Ykka engole em seco, fica olhando por mais um momento, depois volta enfim a comer a laranja. Ela mastiga lentamente, seu olhar jamais desviando de Hoa. — Ficou cansado de bancar o humano, então? Não sei ao certo por que você se deu ao trabalho; era esquisito demais para se passar por um.

Você vai até a parede perto da porta do quarto e se senta contra ela, no chão. Você precisa tirar a bolsa de fuga do ombro para isso,

mas se certifica de mantê-la ao alcance da mão. Para Ykka, você diz:

— Você conversou com os outros membros do seu conselho e com metade da sua comu, quietos e roggas e nativos e recém-chegados. A perspectiva que te falta é a deles. — Você gesticula para Hoa.

Ykka pisca os olhos, depois observa Hoa com novo interesse.

— Eu *pedi* que você se sentasse no meu conselho uma vez.

— Não posso falar pela minha espécie da mesma forma que você não pode falar pela sua — diz Hoa. — E eu tinha coisas mais importantes para fazer.

Você vê Ykka piscar os olhos ao ouvir a voz dele e fitá-lo descaradamente. Você faz um aceno de mão para Hoa, cansada. Diferente de Ykka, você dormiu, mas não foi exatamente um sono de qualidade, enquanto você ficou sentada em um apartamento escaldante esperando um geodo se abrir.

— Contar o que você sabe vai ajudar. — E então, movida por algum instinto, você acrescenta: — Por favor.

Porque, de certo modo, você acha que ele está reticente. A expressão dele não mudou. A postura é aquela que ele lhe mostrou da última vez, o jovem em repouso com uma das mãos erguidas; ele mudou de localização, mas não de posição. Parado.

A prova de sua reticência vem quando ele diz:

— Muito bem. — Está tudo no tom de voz. Mas tudo bem, você consegue trabalhar com reticente.

— O que aquele comedor de pedras cinza quer? — Porque você tem uma certeza ferrugenta de que ele não quer de fato que Castrima se junte a alguma comu equatorial. A política humana dos estados-nação não significa muito para eles, a menos que esteja a serviço de outro objetivo. As pessoas de Rennanis são seus peões, e não o contrário.

— Há muitos de nós agora — responde Hoa. — O suficiente para sermos chamados de um povo em si e não apenas um equívoco.

Ao ouvir essa aparente mudança de assunto, você troca olhares com Ykka, que olha de volta para você como que dizendo: “ele é confusão sua, não minha”. Talvez seja relevante, de alguma forma.

— Sim? — Você o incentiva.

— Existem aqueles da minha espécie que acreditam que este mundo só pode suportar um único povo com segurança.

Oh, Terra Cruel. Era disso que Alabaster estava falando. Como ele descreveu? Facções de uma guerra antiga. Aqueles que queriam as pessoas... neutralizadas.

*Como os próprios comedores de pedra*, Bas disse.

— Vocês querem nos exterminar — você diz. — Ou... nos transformar em pedras? Como o que está acontecendo com Alabaster?

— Não todos nós — diz Hoa em um tom suave. — E não todos vocês.

Um mundo apenas de pessoas feitas de pedra. Essa ideia faz você estremecer. Você imagina chuva de cinzas e árvores esqueléticas e estátuas assustadoras por toda parte, algumas dessas últimas se movendo. Como? Eles são imbatíveis, mas, até agora, só haviam predado uns aos outros (que você saiba). Será que eles podem transformar todos vocês em pedra, como Alabaster? E, se quisessem aniquilar a humanidade, não deveriam ter sido capazes de conseguir isso antes?

Você chacoalha a cabeça.

— Este mundo *produziu* dois povos durante várias Estações. Três, se contar os orogenes. Os quietos contam.

— Nem todos nós estamos satisfeitos com isso. — Ele fala em voz muito baixa agora. — É uma coisa tão rara, o nascimento de um novo ser da nossa espécie. Nós perduramos infinitamente, enquanto vocês nascem, procriam e murcham como cogumelos. É difícil não invejar. Ou cobiçar.

Ykka está chacoalhando a cabeça, confusa. Embora sua voz tenha a mesma atitude inabalável de sempre, você a vê franzir um pouco a testa, pensando. No entanto, ela entorta um pouco a boca, como se não conseguisse deixar de mostrar pelo menos um pouco de repulsa.

— Certo — ela diz. — Então os comedores de pedra costumavam ser como nós, e agora vocês querem nos matar. Por que deveríamos confiar em você?

— Não os “comedores de pedra”. Nem todos nós queremos a mesma coisa. Alguns gostam das coisas como elas estão. Alguns querem até tornar o mundo melhor... embora nem todos estejam de acordo sobre o que isso significa. — Instantaneamente, sua postura muda: as mãos espalhadas, com as palmas para cima, os ombros erguidos em um gesto de “o que se pode fazer?”. — Somos pessoas.

— E o que você quer? — você pergunta. Porque ele não respondeu a pergunta de Ykka, e você percebeu.

Aquelas íris prateadas passam a olhar para você, permanecem assim. Você pensa ver tristeza no rosto imóvel dele.

— A mesma coisa que eu sempre quis, Essun. Ajudar você. Só isso.

Você pensa: *nem todos estão de acordo sobre o que “ajudar” significa.*

— Bem, isso é tocante — diz Ykka. Ela esfrega os olhos cansados. — Mas você não está indo direto ao ponto. O que a destruição de Castrima tem a ver com... dar ao mundo um povo? O que esse homem cinza está tramando?

— Não sei. — Hoa ainda está olhando para você. Não é tão inquietante quanto deveria. — Tentei perguntar a ele. Não deu certo.

— Chuta — você pede. Porque você sabe muito bem que há um motivo para ele ter perguntado ao homem cinza para começo de conversa.

Hoa abaixa os olhos. Sua desconfiança machuca.

— Ele quer garantir que o Portão do Obelisco nunca mais seja aberto.

— O quê? — pergunta Ykka. Mas você recosta a cabeça contra a parede, atordoada e horrorizada e pensativa. Claro. *Alabaster*. Que maneira mais fácil de exterminar pessoas que dependem de comida e luz do sol para sobreviver do que simplesmente deixar esta Estação continuar até que elas estejam extintas? Sem deixar nada a não ser comedores de pedra para herdar a Terra sombria. E, para se certificar de que isso aconteça, matar a única pessoa com o poder de pôr fim a ela.

A única pessoa além de você, você percebe com um calafrio. Mas não. Você consegue manipular um obelisco, mas não faz ideia

de como ativar duzentas dessas coisas ferrugentas ao mesmo tempo. E será que Alabaster ainda consegue fazer isso? Cada uso da orogenia o mata aos poucos. Pela ferrugem escamada... você é a única pessoa que restou que ao menos tem potencial para abrir o Portão. Mas se o exército de estimação do Homem Cinza matar vocês dois, isso serve aos objetivos dele de qualquer modo.

— Significa que o Homem Cinza quer exterminar orogenes em particular — você explica para Ykka. Você está resumindo muito, não mentindo. É o que você diz a si mesma. É o que você precisa contar a Ykka, de forma que ela nunca descubra que os orogenes têm o possível poder de salvar o mundo e de forma que ela nunca tente acessar um obelisco por conta própria. Isso é o que Alabaster deve ter tido que fazer com você constantemente... contar parte da verdade porque você merece, mas não o suficiente a ponto de você se espetar com ela. Aí você pensa em outra pequena informação que pode dar. — Hoa ficou preso em um obelisco durante algum tempo. Ele disse que é a única coisa que pode detê-los.

Não a única maneira, ele disse. Mas talvez Hoa também esteja lhe dando apenas as verdades seguras.

— Bom, merda — diz Ykka, irritada. — Você consegue fazer coisas de obelisco. Jogue um nele.

Você geme.

— Isso não funcionaria.

— O que funcionaria, então?

— Não faço ideia! É isso que venho tentando aprender com Alabaster esse tempo todo. — E fracassando, você não quer dizer. De qualquer modo, Ykka consegue adivinhar essa parte.

— Ótimo. — Ykka parece murchar abruptamente. — Você está certa; eu preciso dormir. Pedi a Esni que mobilizasse os Costas-fortes para protegerem as armas da comu. Ostensivamente, eles estão preparando-as para uso se tivermos que lutar contra esses equatoriais. Na verdade... — Ela dá de ombros, suspira, e você entende. As pessoas estão assustadas neste exato momento. É melhor não desafiar o destino.

— Você não pode confiar nos Costas-fortes — você diz em voz baixa.

Ykka olha para você.

— Castrima não é o lugar de onde você veio.

Você quer sorrir, embora não o faça porque sabe como o sorriso será feio. Você vem de tantos lugares. Em cada um deles você aprendeu que roggas e quietos jamais podem viver juntos. Em todo caso, Ykka muda um pouco ao ver a expressão em seu rosto. Ela tenta de novo:

— Olha, quantas outras comus teriam me deixado viver depois de descobrir o que eu era?

Você chacoalha a cabeça.

— Você era útil. Isso funcionava para os Orogenes Imperiais também. — Mas ser útil aos outros não é a mesma coisa que ser igual.

— Tudo bem, então eu sou útil. Todos nós somos. Mate ou exile os roggas e nós perdemos Castrima-de-baixo. Então ficamos à mercê de um bando de gente que logo trataria *todos nós* como roggas, só porque os nossos ancestrais não conseguiram escolher uma raça e limitar-se a ela...

— Você continua dizendo “nós” — você fala. A fala é gentil. Incomoda-lhe destruir as ilusões dela.

Ela para e mexe um músculo do maxilar uma ou duas vezes.

— Os quietos *aprenderam* a nos odiar. Eles podem aprender a deixar isso de lado.

— Agora? Com um inimigo literalmente à nossa porta? — Você está tão cansada. Tão cansada dessa merda toda. — Agora é que vamos ver o pior que há neles.

Ykka observa você por um longo instante. Depois ela se afunda... completamente, suas costas curvando-se e sua cabeça pendendo e seu cabelo de cinzas sopradas caindo nas laterais do seu pescoço até ficar totalmente ridículo, uma crina de borboleta. O cabelo esconde o rosto. Mas ela respira longa e cansadamente, e a respiração soa quase como um soluço. Ou uma risada.

— Não, Essun. — Ela esfrega o rosto. — Apenas... não. Castrima é o meu lar, assim como é o deles. Eu trabalhei por ela. Lutei por ela. Castrima não estaria aqui se não fosse por mim... e provavelmente por alguns dos outros roggas que se arriscaram para manter tudo funcionando ao longo dos anos. Não vou desistir.

— Cuidar de si mesma não é desistir...

— *É. É sim.* — Ela ergue a cabeça. Não foi um soluço nem uma risada. Ela está furiosa. Só que não com você. — Você está dizendo que essas pessoas... os meus pais, os meus professores da creche, os meus amigos, os meus amantes... Você está me dizendo para deixá-los entregues ao próprio destino. Está dizendo que eles não são nada. Que não são pessoas de modo algum, apenas feras que têm a natureza de matar. Você está dizendo que os roggas não são nada exceto... exceto *presas* e que essa é a única coisa que vamos ser! Não! Não vou aceitar isso.

Ela parece tão determinada. Faz o seu coração doer, porque você sentiu o mesmo um dia. Seria bom ainda se sentir dessa forma. Ter alguma esperança de um futuro real, uma comunidade real, uma vida real... mas você perdeu três filhos confiando no lado bom dos quietos.

Você pega a bolsa de fuga e se levanta para partir, passando a mão pelos cachos. Hoa desvanece, interpretando a sua deixa de que a conversa terminou. Mais tarde, então. Porém, quando você está quase na cortina, Ykka faz você parar com o que diz.

— Espalhe a informação — ela lhe diz. A emoção sumiu de sua voz. — Não importa o que aconteça, *nós* não podemos começar nada. — Essa delicada ênfase traz o reconhecimento de que os orogenes são o *nós* a que ela se refere desta vez. — Nós não deveríamos sequer terminar. Revidar poderia dar início a uma multidão descontrolada. Apenas converse com os outros em pequenos grupos. De pessoa para pessoa é melhor, se puder, de maneira que ninguém *pense* que nós estamos nos reunindo para conspirar. Certifique-se de que as crianças saibam de tudo isso. Certifique-se de que ninguém fique sozinho.

A maioria das crianças orogenes sabe se defender. As técnicas que você lhes ensinou funcionam tão bem para impedir ou deter agressores quanto para congelar ninhos de fervilhões. Mas Ykka está certa: há poucos demais de vocês para revidar... pelo menos sem destruir Castrima, o que seria uma vitória pírrica. Significa que alguns orogenes vão morrer. Você vai *deixá-los* morrer, mesmo que puder salvá-los. E você não achou que Ykka fosse fria o bastante para pensar assim.

Sua surpresa deve estar transparecendo no seu rosto. Ykka sorri.

— Eu tenho esperança — ela diz —, mas não sou burra. Se você estiver certa, e as coisas ficarem irremediáveis, então não vamos sem lutar. Vamos fazê-los se arrependerem de se voltar contra nós. Mas, até chegarmos a esse ponto sem volta... Espero que você esteja errada.

Você sabe que está certa. A crença de que os orogenes nunca serão nada além de carne para o mundo dança entre as suas células, como mágica. Não é justo. Você só quer que a sua vida importe.

Mas você diz:

— Eu também espero estar errada.



OS MORTOS NÃO TÊM DESEJOS.

— *TÁBUA TRÊS, “ESTRUTURAS”, VERSÍCULO SEIS*





## 17

### *Nassun, versus*

Faz tanto tempo desde que Nassun sentiu orgulho de si mesma que, quando se torna capaz de curar Schaffa, ela corre pelo vilarejo inteiro até Lua Encontrada para lhe contar.

“Curar” é como ela pensa nisso. Ela passou os últimos dias na floresta, praticando a nova habilidade. Não é sempre fácil detectar o que há de errado em um corpo; às vezes ela precisa seguir com cautela os fios de prateado dentro de uma coisa para encontrar seus nós e distorções. As chuvas de cinzas se tornaram mais frequentes e incessantes nos últimos tempos, e a maior parte da floresta está salpicada de cor cinza, algumas plantas começando a murchar ou adormecer em resposta. Isso é normal para elas e os fios prateados provam esse fato com seu fluxo ininterrupto. No entanto, quando Nassun vai devagar, olha com cuidado, ela em geral consegue encontrar coisas para as quais a mudança não é normal ou saudável. A larva debaixo da pedra tem um crescimento estranho em uma das laterais. A cobra (venenosa e mais violenta agora que começou uma Estação, de modo que ela apenas a examina a distância) com uma vértebra quebrada. A vinha de melão cujas folhas estão crescendo em forma convexa, pegando cinzas demais, em vez de côncava, a qual deveria sacudir a cinza. As poucas formigas de um ninho que foi infectado por um fungo parasita.

Ela pratica a extração do que há de errado nessas coisas, e em muitas outras. É um truque difícil de dominar... como realizar uma cirurgia usando só fios, sem jamais tocar no paciente. Ela aprende como fazer a ponta de um fio ficar bem afiada, a fazer uma volta e um laço com outro fio, a cortar um terceiro e usar sua ponta ardente para cauterizar. Ela tira a excrescência da larva, mas ela morre. Ela une as pontas do osso quebrado dentro da cobra, embora isso apenas acelere o que já estava acontecendo naturalmente. Ela encontra as partes da planta que estavam dizendo *curvem para cima* e as convence a dizer *curvem para baixo*. Com as formigas, ela se sai melhor. Não consegue tirar todo o fungo nem a maior parte dele de dentro delas, mas consegue queimar as conexões nos seus cérebros que as fazem se comportar de modo estranho e espalhar a infecção. Ela está muito, muito contente de ter cérebros nos quais trabalhar.

O ápice da prática de Nassun ocorre quando saqueadores sem-comu atacam outra vez, numa manhã em que o orvalho ainda umedece a cinza e os detritos no chão. O bando que Schaffa devastou se foi; esses são novos canalhas que não conhecem o perigo. Nassun não está mais distraída devido a seu pai, nem impotente e, depois que ela congela um dos saqueadores, a maioria foge. Mas ela detecta um emaranhado de fios em um deles no último instante, então precisa recorrer à orogenia ao modo antigo (como passou a pensar sobre isso) a fim de derrubar o chão debaixo da saqueadora e prendê-la em um poço.

A saqueadora atira uma faca em Nassun quando ela espreita por sobre a borda; é uma questão de sorte que erre. Mas, com cautela, enquanto permanece fora de vista, Nassun segue os fios e encontra uma lasca de madeira com mais de sete centímetros alojada na mão da mulher, tão funda que arranha o osso. Está envenenando seu sangue e vai matá-la; a infecção já está tão avançada que fez sua mão inchar até dobrar de tamanho. Um médico de comu, ou mesmo um ferreiro decente, poderia extrair a coisa, mas os sem-comu não têm o luxo de uma assistência qualificada. Eles vivem com base na sorte, o pouco que houver dela em uma Estação.

Nassun decide se tornar a sorte da mulher. Ela se instala ali perto para poder se concentrar e então, com cuidado — enquanto a

mulher arqueja e xinga e grita “o que está acontecendo?” — ela solta a lasca. Quando olha para dentro do poço de novo, a mulher está de joelhos e geme enquanto segura a mão que está sangrando. Tardiamente, Nassun percebe que precisará aprender a anestesiá-la, então se acomoda contra uma árvore e lança seu fio para pegar um nervo desta vez. Demora algum tempo para ela aprender a anestesiá-la, não simplesmente causar mais dor.

Mas ela aprende e, quando termina, sente-se agradecida à saqueadora, que está deitada, gemendo, em estado de torpor no fundo do poço. Nassun sabe que não deve soltar a mulher; se ela sobreviver, apenas morrerá de forma lenta e cruel ou voltará e talvez, da próxima vez, ameace alguém que Nassun ama. Então Nassun lança o fio uma última vez, e agora faz um corte perfeito no alto da espinha dela. É indolor e mais gentil do que o destino que a mulher pretendia dar a Nassun.

Agora, ela corre morro acima em direção a Lua Encontrada, eufórica pela primeira vez desde que matou Eitz, tão ansiosa para ver Schaffa que quase não nota as outras crianças do complexo quando elas param o que quer que estivessem fazendo e lhe lançam olhares frios. Schaffa explicou a elas que o que ela fez com Eitz foi um acidente e assegurou a elas que as crianças um dia vão mudar de opinião. Nassun espera que ele esteja certo, porque sente falta da amizade delas. Mas nada disso é importante agora.

— Schaffa! — Primeiro ela coloca a cabeça dentro da cabana dos Guardiões. Apenas Nida está lá, de pé em um canto como sempre faz, olhando a meia distância como que perdida em pensamentos. No entanto, ela se concentra com a entrada de Nassun e sorri do seu modo vazio.

— Olá, pequenina do Schaffa — ela cumprimenta. — Você parece alegre hoje.

— Olá, Guardiã. — Ela sempre é educada com Nida e Umber. Só porque eles querem matá-la não quer dizer que ela tenha que se esquecer dos modos. — A senhora sabe onde Schaffa está?

— Está no tormento com Wudeh.

— Certo, obrigada! — Nassun sai correndo, decidida. Ela sabe que Wudeh, o próximo orogene mais habilidoso depois que Eitz se foi, é a única criança em Lua Encontrada além dela que tem alguma

esperança de se conectar com um obelisco. Nassun acha que é inútil porque ninguém pode treiná-lo da maneira como ele precisa ser treinado, considerando que ele é tão pequeno e frágil. Wudeh jamais teria sobrevivido aos tormentos da Mamãe.

Entretanto, ela é educada com ele também, correndo até a beirada do círculo de prática mais externo e pulando só um pouco, mantendo sua orogenia quieta de forma a não distraí-lo enquanto ele ergue uma grande coluna de basalto do chão e depois tenta empurrá-la de volta. Ele já está respirando com dificuldade, embora a coluna não esteja se movendo muito rápido. Schaffa está observando-o com muita atenção, seu sorriso não tão largo como de costume. Schaffa também está vendo.

Finalmente, Wudeh enterra a coluna de volta no chão. Schaffa põe a mão no ombro dele e o ajuda a ir até um banco, o que é claramente necessário porque Wudeh mal consegue andar a essa altura. Schaffa olha para Nassun de relance e ela acena com a cabeça de pronto e se vira para correr de volta para o refeitório para pegar um copo de água flavorizada de fruta do jarro. Quando ela traz a água para Wudeh, ele pisca os olhos uma vez ao vê-la, depois parece envergonhado por hesitar, e enfim pega o copo com um tímido aceno de agradecimento. Schaffa sempre tem razão.

— Você precisa de ajuda para voltar ao dormitório? — O Guardião pergunta a ele.

— Eu consigo voltar sozinho, senhor — responde Wudeh. Ele transfere o olhar para Nassun, atitude pela qual Nassun entende que Wudeh provavelmente gostaria de ter ajuda para voltar, mas sabe que não deve se meter entre ele e sua aluna favorita.

Nassun olha para Schaffa. Ela está entusiasmada, mas pode esperar. Ele ergue uma sobrancelha, depois inclina a cabeça e estende uma das mãos para ajudar Wudeh a se levantar.

Uma vez que Wudeh está em segurança na cama, Schaffa volta para o banco em que Nassun agora está sentada. Ela está mais calma por conta do atraso, o que é bom, porque sabe que vai precisar parecer calma e fria e profissional a fim de convencê-lo a deixar uma garota parcialmente crescida e parcialmente treinada fazer experimentos de magia com ele.

Schaffa se senta ao seu lado, parecendo achar graça.

— Tudo bem, então.

Ela respira fundo antes de começar.

— Eu sei como tirar a coisa de dentro de você.

Ambos sabem exatamente do que ela está falando. Ela se sentou ao lado de Schaffa, silenciosamente se oferecendo, enquanto ele se encolhia neste mesmo banco, pondo as mãos na cabeça e sussurrando respostas para uma voz que a menina não consegue ouvir e estremecendo quando a voz o pune com açoites de dor prateada. Mesmo agora é uma pulsação fraca e irritada dentro dele, instigando-o a obedecer. A matá-la. Ela se oferece porque sua presença alivia a dor para ele, e porque ela não acredita que ele vá matá-la de fato. Isso é loucura, ela sabe. Amor não é vacina contra assassinato. Mas ela precisa acreditar nele.

Schaffa franze o cenho para ela, e um dos motivos pelos quais ela o ama é o fato de ele não mostrar sinais de descrença.

— Sim. Tenho sentido que você vem se tornando... mais aguçada nos últimos tempos, desenvolvendo-se pouco a pouco. Isso acontecia com os orogenes do Fulcro também, quando recebiam permissão para progredir até esse ponto. — Eles se tornam seus próprios professores. O poder os guia ao longo de uma trilha particular, por linhas de aptidão natural. — Sua testa franze de leve. — Mas, em geral, nós os desviávamos *dessa* trilha.

— Por quê?

— Porque é perigoso. Para todos, não só para o orogene em questão. — Ele encosta-se nela, seu ombro quente e solidário. — Você sobreviveu ao ponto que mata a maioria: conectar-se a um obelisco. Eu... lembro como outros morreram tentando. — Por um instante, ele parece preocupado, perdido, confuso, enquanto sonda cautelosamente as bordas de suas lembranças despedaçadas. — Eu lembro parte disso. Fico contente... — Ele se encolhe de novo, parece preocupado de novo. Dessa vez, não é o prateado que o está machucando. Nassun supõe que ou ele se lembrou de algo de que não gosta ou não consegue se lembrar de algo que acha que deveria lembrar.

Ela não será capaz de tirar dele a dor da perda, não importa o quanto se torne boa. É decepcionante. Mas ela pode retirar o resto da dor, e essa é a parte que interessa. Ela toca a mão de Schaffa,

seus dedos cobrindo as finas cicatrizes que ela o viu infligindo com as próprias unhas quando a dor se torna grande demais até mesmo para os seus sorrisos aliviarem. Há mais cicatrizes hoje do que alguns dias atrás, algumas ainda vermelhas.

— Eu não morri — ela o lembra.

Ele pisca os olhos, e isso por si só é o bastante para fazê-lo voltar ao aqui e agora de si mesmo.

— Não. Você não morreu. Mas, Nassun. — Ele arruma as mãos deles: agora ele está segurando a dela. A mão dele é enorme e ela não consegue nem vislumbrar a sua ali dentro. Ela sempre gostou disso, ser tão completamente envolvida por ele. — Minha compassiva. Eu não *quero* que meu núcleo pétreo seja removido.

Núcleo pétreo. Agora ela sabe o nome de seu inimigo. A expressão não faz sentido, porque é metal, não pedra, e não está no núcleo dele, só na cabeça, mas isso não importa. Ela cerra o maxilar devido ao ódio.

— Ele machuca o senhor.

— Como deveria. Eu o traí. — Ele aperta a mandíbula por um curto instante. — Mas eu aceitei as consequências disso, Nassun. Consigo suportá-las.

Isso não faz sentido.

— Ele *machuca* o senhor. Eu poderia acabar com a dor. Eu poderia até fazê-lo parar de machucar sem tirá-lo, mas apenas por pouco tempo. Eu teria que ficar com o senhor. — Ela aprendeu isso com a conversa que teve com Aço e observando o que o comedor de pedras fez. Os comedores de pedra são cheios de magia, muito mais do que as pessoas, mas Nassun pode fazer algo semelhante. — Mas, se eu tirar...

— Se você tirar — diz Schaffa —, eu não serei mais um Guardião. Você sabe o que isso quer dizer, Nassun?

Quer dizer que então Schaffa pode ser o seu pai. Ele já é de todas as formas que importam. Nassun não pensa sobre esse assunto de maneira muito elaborada porque há coisas que ela não está preparada para confrontar sobre si mesma ou sobre a própria vida (isso vai mudar muito em breve). Mas isso está em sua mente.

— Quer dizer que eu vou perder muito da minha força e da minha saúde — ele diz em resposta ao desejo silencioso da menina.

— Não vou mais ser capaz de te *proteger*, pequenina. — Ele transfere o olhar para a cabana dos Guardiões, e ela entende então. Umber e Nida vão matá-la.

*Vão tentar*, ela pensa.

Ele inclina a cabeça; claro que instantaneamente toma ciência de seu intuito desafiador.

— Você não poderia derrotar os dois, Nassun. Nem mesmo você é tão poderosa. Eles têm truques que você ainda não viu. Habilidades que... — Ele parece preocupado outra vez. — Não quero me lembrar do que eles são capazes de fazer com você.

Nassun tenta não deixar o lábio inferior para fora. Sua mãe sempre disse que isso era fazer bico, e que fazer bico e choramingar eram coisas de bebê.

— O senhor não deveria recusar por *minha* causa. — Ela podia tomar conta de si mesma.

— E não estou. Digo isso apenas com a esperança de que o impulso de autopreservação ajudasse a convencê-la. Mas, de minha parte, eu não quero ficar fraco e doente e *morrer*, Nassun, que é o que aconteceria se você tirasse o núcleo. Sou mais velho do que você consegue imaginar... — O olhar enevoado volta por um momento. Ao ver isso, ela sabe que ele não se lembra da própria idade. — Mais velho do que *eu* imagino. Sem o núcleo pétreo para detê-lo, o tempo vai me alcançar. Um punhado de meses e eu serei um velho, trocando a dor do núcleo pela dor da velhice. E então eu morrerei.

— O senhor não sabe disso. — Ela está tremendo um pouco. Sua garganta dói.

— Eu sei. Eu vi acontecer, pequenina. E é crueldade, não gentileza, quando acontece. — Schaffa estreitou os olhos, como se precisasse se esforçar para ver a lembrança. Depois se concentra em Nassun. — Minha Nassun. Eu te machuquei tanto assim?

Nassun cai no choro. Ela não sabe ao certo por quê, a não ser... a não ser talvez porque ela vinha *querendo* tanto isso, trabalhando tanto nesse sentido. Ela queria fazer alguma coisa boa com a orogenia, quando já a usou para fazer tantas coisas terríveis... e queria fazer isso por ele. Ele é a única pessoa no mundo que a

entende, que a ama pelo que ela é, que a protege apesar do que ela é.

Schaffa suspira e coloca Nassun no colo, onde ela se aninha e chora no ombro dele por um bom tempo, alheia ao fato de estarem em um espaço aberto.

Contudo, quando o choro passa, ela percebe que ele continua abraçando-a com a mesma firmeza. O prateado está vivo e queima dentro dele porque ela está tão perto. As pontas do dedo dele estão em sua nuca, e seria tão fácil para Schaffa furar a carne, destruir seus sensapinae, matá-la com um único golpe. Ele não fez isso. Ele vem lutando contra esse impulso esse tempo todo. Ele prefere sofrer assim, correr esse risco, do que deixá-la ajudar, e essa é a pior coisa do mundo.

Ela cerra o maxilar e aperta as mãos na parte de trás da camisa dele. Dance junto com o prateado, flua com ele. O safira está por perto. Se ela conseguir fazer ambos fluírem juntos, será rápido. Um puxão rápido e cirúrgico.

Schaffa fica tenso.

— Nassun — A chama de prateado dentro dele de repente fica imóvel e levemente difusa. É como se o núcleo pétreo estivesse ciente da ameaça que ela representa.

É para o bem dele.

Mas.

Ela engole em seco. Se ela o machucar porque o ama, ainda é machucar? Se ela o machucar muito agora de modo que ele vá sentir menos dor depois, será que isso a torna uma pessoa horrível?

— Nassun, por favor.

Não é assim que o amor deveria funcionar?

Mas esse pensamento a faz lembrar de sua mãe, e de uma tarde fria com nuvens encobrindo o sol e um vento fresco fazendo-a tremer enquanto os dedos da Mamãe cobriam os seus e seguravam sua mão em uma pedra lisa. *Se você conseguir se controlar em meio à dor, eu saberei que está a salvo.*

Ela solta Schaffa e se recosta, sentindo um calafrio por conta da pessoa que quase se tornou.

Ele fica imóvel por mais um tempo, talvez por alívio ou por arrependimento. Depois diz em voz baixa:



— Você sumiu o dia inteiro. Você já comeu?

Nassun está com fome, mas não quer admitir. De súbito, ela sente a necessidade de se distanciar dele. Algo que a ajudará a amá-lo menos, de maneira que o impulso de ajudá-lo contra a vontade dele não lhe doa tanto.

Ela responde, olhando para as mãos:

— Eu... eu quero ir ver o Papai.

Schaffa fica em silêncio por mais um instante. Ele desaprova. Ela não precisa ver nem sentir para saber. A essa altura, Nassun já ouviu falar sobre o que mais ocorreu no dia em que matou Eitz. Ninguém ouviu o que Schaffa disse a Jija, mas muitas pessoas o viram derrubar Jija, agachar-se sobre ele e sorrir na cara dele enquanto Jija o fitava de volta com olhos arregalados e assustados. Ela pode imaginar por que isso aconteceu. Todavia, pela primeira vez, Nassun tenta não se importar com os sentimentos de Schaffa.

— Devo ir com você? — ele pergunta.

— Não. — Ela sabe como lidar com o pai, e sabe que Schaffa não tem paciência com ele. — Volto logo em seguida.

— Garanta que voltará, Nassun. — Soa gentil. É um alerta.

Mas ela sabe lidar com Schaffa também.

— Sim, Schaffa. — Ela olha para ele. — Não fique com medo. Eu sou forte. Como o senhor me fez.

— Como você fez a si mesma. — Seu olhar é suave e terrível. Olhos branco-gelo não podem ser outra coisa, embora haja uma camada de amor cobrindo o terrível. Nassun está acostumada com essa combinação a essa altura.

Então Nassun sai do colo dele. Ela está cansada, embora não tenha feito nada. Emoções sempre a deixam cansada. Mas ela desce a colina em direção a Jekity, acenando para as pessoas que conhece (quer elas acenem de volta ou não), notando o novo celeiro que o vilarejo está construindo, já que tiveram tempo de aumentar os estoques enquanto a chuva de cinzas e a oclusão do céu ainda são intermitentes. É um dia trivial e silencioso nessa comu trivial e silenciosa e, de certa forma, parece muito com Tirimo. Se não fosse por Lua Encontrada e por Schaffa, Nassun odiaria esse lugar do mesmo modo. Ela talvez nunca entenda por que, se Mamãe tinha o

mundo inteiro à disposição após ter fugido de seu Fulcro, ela escolheu viver em um local tão plácido e atrasado.

Portanto, é com a mãe em mente que Nassun bate à porta da casa do pai. (Ela tem um quarto aqui, mas não é a casa dela. É por isso que ela bate à porta.)

Jija abre a porta quase que de imediato, como se estivesse prestes a sair para ir a algum lugar, ou como se estivesse esperando por ela. Da casa, da pequena lareira perto do fundo, sai o cheiro de alguma coisa impregnada de alho. Nassun acha que talvez seja peixe na caçarola, já que as cotas da comu de Jekity têm muito peixe e legumes. É a primeira vez que Jija a vê em um mês, e ele arregala os olhos por um instante.

— Oi, Papai — ela diz. É embaraçoso.

Jija se curva e, antes que Nassun saiba o que está acontecendo, ele a pega e a abraça com um gesto amplo.

Jekity parece com Tirimo, mas de um modo bom agora. Como quando a Mamãe estava por perto, mas o Papai era quem a amava mais e a comida no fogão era pato na caçarola em vez de peixe. Se fosse aquela época, a Mamãe estaria gritando com o filhote de kirkhusa dos vizinhos por roubar repolho do jardim deles; a velha dona Tukkle nunca prendia a criatura do jeito como deveria. O ar teria o cheiro que tem agora, boa comida em preparo, misturado com os cheiros mais azedos das pedras recém-lascadas e dos produtos químicos que o Papai usa para amaciar e alisar suas ferramentas de britar. Uche estaria correndo no fundo, fazendo “zum” e gritando que estava caindo enquanto tentava pular no ar...

Nassun se retesa em meio ao abraço de Jija quando de súbito se dá conta. Uche. Pulando para cima. *Caindo* para cima, ou fingindo cair.

Uche, que Papai espancou até a morte.

Jija sente que ela está tensa e fica tenso também. Aos poucos, ele a solta, colocando-a no chão à medida que a alegria de sua expressão se transforma em inquietação.

— Nassun — ele diz. Seu olhar examina o rosto dela. — Você está bem?

— Estou bem, Papai. — Ela sente falta do abraço dele. Não consegue evitar. Mas a epifania sobre Uche a fez lembrar de ser

cautelosa. — Só queria te ver.

Parte da inquietação de Jija desvanece um pouco. Ele hesita, parece atrapalhado, procurando algo para dizer, depois enfim dá um passo para o lado.

— Entra. Você está com fome? Tem comida suficiente para você também.

Então ela entra e eles se sentam para comer e ele comenta enfaticamente sobre como seu cabelo cresceu e como as tranças e o puff cacheado estão bonitos. Foi ela que fez sozinha? E ela está um pouco mais alta? Poderia estar, ela reconhece, corando, embora saiba com certeza que cresceu mais de dois centímetros desde a última vez que Jija mediu sua altura; Schaffa verificou um dia porque pensou que precisaria requisitar novas roupas junto com a próxima cota de comu de Lua Encontrada. Ela está tão crescida agora, diz Jija, e há tanto orgulho de verdade em sua voz que isso desarma suas defesas. Quase onze anos e tão bonita, tão forte. Tão parecida... ele vacila. Nassun olha para o prato porque ele quase disse: “tão parecida com a sua mãe”.

Não é assim que o amor deveria funcionar?

— Tudo bem, Papai — Nassun se obriga a falar. É terrível que Nassun seja bonita e forte como a mãe, mas o amor sempre vem atado a coisas terríveis. — Eu também sinto saudade dela. — Porque ela sente, apesar de tudo.

Jija se retesa de leve e mexe um pouco um músculo ao longo da curva da mandíbula.

— Eu não sinto saudade dela, querida.

É uma mentira tão óbvia que Nassun fica olhando e se esquece de fingir concordar com ele. Ela se esquece de muitas coisas, ao que parece, inclusive o bom senso, pois diz sem pensar:

— Mas você sente. Sente saudade do Uche também. Eu posso ver.

Jija enrijece e fica olhando para ela de uma maneira que fica entre o choque por ela ter dito isso em voz alta e o horror pelo *que* ela disse. E então, como Nassun passou a entender que é normal para o pai, o choque do inesperado abruptamente se transforma em raiva.

— É isso o que estão te ensinando lá em cima naquele... *lugar*?  
— ele pergunta de repente. — A desrespeitar o seu pai?

De pronto, Nassun fica mais cansada. Tão cansada de tentar se esquivar da insensatez dele.

— Eu não estava desrespeitando o senhor — ela responde. Ela tenta manter a voz equilibrada, sem inflexão, mas consegue ouvir a frustração que existe nela. A menina não consegue evitar. — Estava só dizendo a verdade, Papai. Mas não me importo que o senhor...

— Não é a verdade. É um insulto. Não gosto desse tipo de linguajar, mocinha.

Agora ela ficou confusa.

— *Que* tipo de linguajar? Eu não disse nada de ruim.

— Chamar uma pessoa de amante de rogga é ruim!

— Eu... não disse isso. — Mas, de certa forma, disse. Se Jija sente saudade da Mamãe e de Uche, então significa que ele os ama, e isso o torna um amante de rogga. Mas. *Eu sou uma rogga*. Ela sabe que não deve dizê-lo. Mas tem vontade.

Jija abre a boca para retrucar, depois parece se deter. Ele desvia o olhar, apoiando os cotovelos sobre a mesa e colocando as mãos em campanário como tantas vezes faz quando está tentando se controlar.

— *Roggas* — ele diz, e a palavra soa imunda em sua boca — mentem, querida. Eles ameaçam, manipulam e usam. Eles são maus, Nassun, tão maus quanto o próprio Pai Terra. Você não é assim.

Isso também é mentira. Nassun fez o que teve que fazer para sobreviver, inclusive mentir e matar. Ela fez algumas dessas coisas para sobreviver *a ele*. Ela odeia ter tido que fazê-las e se exaspera pelo fato de que ele aparentemente nunca percebeu. Pelo fato de que ela está fazendo isso agora e ele não vê.

*Por que eu ainda o amo?* Nassun se vê pensando enquanto olha para o pai.

Em vez de dizer isso, ela fala:

— Por que o senhor nos odeia tanto, Papai?

Jija recua, talvez por conta desse “nos” casual.

— Eu não odeio você.

— Mas odeia a Mamãe. E devia odiar U...

— Eu não odiava! — Jija se afasta da mesa e fica de pé. Nassun se encolhe mesmo sem querer, mas ele vira as costas e começa a andar em pequenos e viciosos semicírculos ao redor da sala. — Eu só... eu sei do que eles são capazes, querida. Você não entenderia. Eu precisava te proteger.

Em um súbito borrão de entendimento tão poderoso quanto a magia, Nassun se dá conta de que Jija não se lembra de estar sobre o corpo de Uche, os ombros e o peito arfando, os dentes cerrados ao pronunciar as palavras “Você é uma também?”. Agora, ele acredita que nunca a ameaçou. Nunca a empurrou de um assento de carroça e a fez cair em uma colina cheia de galhos e pedras. Algo reescreveu a história dos filhos orogenes na cabeça de Jija, uma história que é tão talhada e imutável quanto a pedra na mente de Nassun. Talvez seja a mesma coisa que reescreveu Nassun como *filha* para ele, e não *rogga*, como se as duas coisas pudessem ser separadas uma da outra de algum modo.

— Ouvi falar deles quando era menino. Mais novo do que você. — Jija não está mais olhando para ela, e gesticula enquanto fala e caminha. — O primo de Makenba. — Nassun pisca os olhos. Ela se lembra da sra. Makenba, a senhora calada que sempre cheirava a chá. Lerna, o médico do vilarejo, era filho dela. A sra. Makenba tinha um primo no vilarejo? Então Nassun entende.

— Eu o encontrei atrás do silo de sementes de espátula um dia. Ele estava ali agachado, tremendo. Pensei que estava doente. — Jija chacoalha a cabeça o tempo todo, ainda andando de um lado para o outro. — Tinha outro menino comigo. A gente sempre brincava junto, os três. Kirl foi sacudir Litisk e Litisk simplesmente... — Jija para de forma abrupta. Está mostrando os dentes. Os ombros estão se agitando como naquele dia. — Kirl *gritava* e Litisk dizia que não conseguia parar, que não sabia como. O gelo consumiu o braço de Kirl e o braço se quebrou. O sangue estava aos pedaços no chão. Litisk disse que sentia muito, ele até chorou, mas continuou congelando Kirl. Ele não *parava*. Quando eu saí correndo, Kirl estava estendendo o braço na minha direção, e as únicas partes dele que não tinham sido congeladas eram a cabeça e aquele braço. Mas era tarde demais. Era tarde demais mesmo antes de eu fugir para pedir ajuda.

Saber que há um motivo, um motivo específico, não conforta Nassun quanto ao que seu pai fez. A única coisa em que ela consegue pensar é: *Uche nunca perdeu o controle desse jeito; a Mamãe não teria deixado*. É verdade. A Mamãe sempre conseguiu sensor e aquietar, a orogenia de Nassun, estando do outro lado da cidade às vezes. O que significa que Uche nunca fez nada para provocar Jija. Jija matou o próprio filho por conta de algo que uma pessoa completamente diferente fez, muito tempo antes do nascimento desse filho. Isso, mais do que qualquer outra coisa, ajuda a garota a entender enfim que não dá para argumentar contra o ódio de seu pai.

Então Nassun está quase preparada quando Jija de repente transfere o olhar para ela, oblíquo e desconfiado.

— Por que você ainda não se curou?

Não dá para argumentar. Mas ela tenta porque, um dia, esse homem foi o seu mundo inteiro.

— Talvez eu consiga em breve. Eu aprendi como fazer as coisas acontecerem com o prateado e como tirar coisas das pessoas. Não sei como a orogenia funciona, nem de onde vem, mas, se for alguma coisa que pode ser tirada, então...

— Nenhum dos outros monstros naquele acampamento se curou. Eu perguntei por aí. — Os passos de Jija se tornaram visivelmente mais rápidos. — Eles vão lá para cima e não melhoram. Moram lá com aqueles Guardiões, mais deles a cada dia, e nenhum foi curado! Era mentira?

— Não é mentira. Se eu ficar boa o bastante, vou conseguir fazer isso. — Ela entende isso instintivamente. Com controle preciso o suficiente e ajuda do obelisco safira, ela conseguirá fazer quase qualquer coisa. — Mas...

— Por que você ainda não é boa o bastante? Faz quase um ano que a gente está aqui!

“Porque é difícil”, ela sente vontade de dizer, mas percebe que ele não quer ouvir. Ele não quer saber que o único jeito de usar a orogenia e a magia para transformar uma coisa é se tornar um especialista no uso da orogenia e da magia. Ela não responde porque é inútil fazê-lo. Ela não pode dizer o que ele quer ouvir. Não

é justo ele chamar os orogenes de mentirosos e depois exigir que ela minta.

Ele para e a circunda, instantaneamente desconfiado de seu silêncio.

— Você não está tentando melhorar, não é? Fale a verdade, Nassun.

*Pelas ferrugens*, ela está tão cansada.

— Estou tentando melhorar, Papai — responde Nassun enfim. — Estou tentando me tornar uma orogene melhor.

Jija dá um passo para trás, como se ela houvesse lhe batido.

— Não foi por isso que deixei você morar lá em cima.

Ele não está *deixando* nada; Schaffa o obrigou. Ele está até mentindo para si mesmo agora. Mas são as mentiras que está contando para ela — como ele vem lhe contando, Nassun se dá conta de pronto, a vida toda — que de fato partem seu coração. Ele disse que a amava, afinal, mas isso obviamente não é verdade. Ele não pode amar um orogene, e é isso que ela é. Ele não pode ser o pai de um orogene, e é por essa razão que exige a todo momento que ela seja algo diferente do que é.

E ela está cansada. Cansada e farta.

— Eu gosto de ser orogene, Papai — ela diz. Ele arregala os olhos. É uma coisa terrível o que ela está dizendo. É uma coisa terrível que ela ame a si mesma. — Gosto de fazer as coisas se mexerem, e de usar o prateado, e de cair nos obeliscos. Eu não gosto...

Ela está prestes a dizer que odeia o que fez com Eitz e, em particular, odeia o modo como os outros a tratam agora que sabem do que é capaz, mas não tem a chance de fazê-lo. Jija dá dois passos rápidos para a frente e o dorso da sua mão se movimentam tão rápido que a menina nem sequer o vê antes de ser derrubada da cadeira.

É como aquele dia na Estrada Imperial, quando ela se viu de repente no sopé de uma colina, sentindo dor. Deve ter sido assim com Uche, ela percebe, em outra rápida epifania. O mundo como ele deveria ser em um momento, e completamente errado, completamente despedaçado no instante seguinte.

*Pelo menos Uche não teve tempo para odiar*, ela pensa, triste.

E então ela congela a casa inteira.

Não é um reflexo. E ela faz isso de propósito, com precisão, configurando a espiral para se ajustar exatamente às dimensões da casa. Ninguém do lado de fora das paredes será pego pela espiral. Ela configura dois núcleos a partir da espiral também, e os centraliza em si mesma e no pai. Ela sente o frio nos pelos de sua pele, o puxão da pressão baixa do ar em sua roupa e em seu cabelo trançado. Jija sente a mesma coisa enquanto *grita*, seus olhos arregalados e desvairados e sem visão. A lembrança da morte cruel e congelada de um menino está em seu rosto. Quando Nassun se põe de pé, olhando para o pai ao longo de um chão liso com placas de gelo sólido e em volta de uma cadeira caída que agora está deformada demais para ser usada de novo, Jija havia tropeçado, escorregado no gelo, caído e deslizado parcialmente pelo chão até bater contra as pernas da mesa.

Não há perigo. Nassun só manifestou a espiral por um instante, como um alerta contra mais demonstrações de violência por parte dele. Porém, Jija continua gritando, enquanto Nassun olha para o pai, encolhido e em estado de pânico. Talvez ela devesse sentir pena ou remorso. O que ela de fato sente, contudo, é uma ira fria contra a mãe. Ela sabe que é irracional. Não é culpa de ninguém a não ser de Jija que ele tenha tanto medo de orogenes a ponto de não amar os próprios filhos. Entretanto, houve um dia em que Nassun pôde amar o pai sem restrições. Agora, ela precisa de alguém a quem culpar pela perda desse amor perfeito. Ela sabe que a mãe consegue suportar isso.

*Você deveria ter nos tido com alguém mais forte*, ela pensa sobre Essun, onde quer que ela esteja.

É preciso cuidado para atravessar o chão liso sem escorregar, e Nassun tem que sacudir a tranca por alguns segundos para abri-la. Quando ela abre, Jija parou de gritar atrás dela, embora a menina ainda possa ouvi-lo respirando com dificuldade e emitindo um pequeno gemido cada vez que solta o ar. Ela não quer olhar para ele. De toda forma, ela se obriga a fazê-lo, porque quer ser uma boa orogene, e bons orogenes não podem se iludir.

Jija estremece como se o olhar dela tivesse o poder de queimar.

— Adeus, Papai — ela diz. Ele não responde com palavras.





E A ÚLTIMA LÁGRIMA QUE ELA DERRAMOU, À MEDIDA QUE ELE A QUEIMAVA VIVA COM GELO, FRAGMENTOU-SE COMO A ESTAÇÃO DO ESTILHAÇAMENTO SOBRE O CHÃO. TRANSFORME SEU CORAÇÃO EM PEDRA CONTRA OS ROGGAS, POIS NÃO HÁ NADA ALÉM DE FERRUGEM NA ALMA DELES!

— *DO CONTO SABEDORISTA “BEIJOS DE GELO”. REGISTRADO NO DISTRITANTE DE BEBBEC, TEATRO DE MSIDA, POR WHOZ SABEDORISTA BEBBEC. (NOTA: UMA CARTA ASSINADA POR SETE SABEDORISTAS EQUATORIAIS ITINERANTES REPUDIA WHOZ COMO UM “SABEDORISTA POPULAR CHARLATÃO”. O CONTO PODE SER APÓCRIFO.)*



## 18

### *Você, em contagem regressiva*

Quando a mulher sanzed sai, eu levo você para um canto. Figurativamente falando.

— Aquele que você chama de Homem Cinza não quer evitar a abertura do Portão — eu digo. — Eu menti.

Você está tão desconfiada de mim agora. Isso a preocupa, eu posso ver; você *quer* confiar em mim, mesmo que os seus próprios olhos a lembrem de como eu a enganei. Mas você suspira e diz:

— É. Eu achei que poderia ter mais coisa nessa história.

— Ele vai matar você porque você não pode ser manipulada — eu digo, ignorando a ironia. — Porque, se abrir o Portão, você iria restaurar a Lua e acabaria com as Estações. O que ele quer de verdade é alguém que abra o Portão para os propósitos *dele*.

Você entende os jogadores agora, se não o jogo em sua totalidade. Você franze a testa.

— Então que propósito seria esse? Transformação? Status quo?

— Não sei. Isso importa?

— Suponho que não. — Você esfrega uma das mãos nos cachos, que você refez recentemente. — Seria por isso que ele está tentando fazer Castrima expulsar todos os roggas?

— Sim. Ele vai encontrar um jeito de forçar você a fazer o que ele quer, Essun, se puder. Se não encontrar... você não tem utilidade. Pior. Você é o inimigo.

Você suspira com o cansaço da Terra e não dá outra resposta além de acenar com a cabeça e se afastar. Eu fico com tanto medo enquanto vejo você sair.

• • •

Como fez em outros momentos de desespero, você procura Alabaster.

Não resta mais muito dele. Desde que abriu mão das pernas, ele tem passado os dias em um estado de torpor causado pelos medicamentos, encolhido contra Antimony como um filhote mamando na mãe. Às vezes você não pede aulas quando vem vê-lo. É um desperdício do seu tempo juntos, pois você tem certeza de que a única razão pela qual ele se obrigou a continuar vivendo é passar para você a arte da destruição global. Ele pegou você visitando-o desse modo algumas vezes: você acordou encolhida ao lado do ninho dele para encontrá-lo olhando para você. Ele não a repreende. Provavelmente não tem forças para repreender. Você fica agradecida.

Ele está acordado agora, quando você se acomoda ao seu lado, embora não se mexa muito. Antimony passou a ocupar o ninho junto com ele nos últimos tempos, e você raramente a vê em outra pose que não a de “cadeira viva” para ele: sentada, as pernas abertas, as mãos escoradas nas coxas. Alabaster está apoiado contra a parte frontal do corpo dela, o que só é possível agora porque, perversamente, as poucas queimaduras nas costas dele sararam ao mesmo tempo em que as pernas apodreceram. Por sorte, ela não tem seios para tornar a posição menos confortável e, ao que parece, a vestimenta que simula não é pontuda nem áspera. Os olhos de Alabaster a seguem enquanto você se senta, como os de um comedor de pedras. Você odeia que essa comparação lhe venha à mente.

— Está acontecendo de novo — você diz. Não se dá ao trabalho de explicar o quê. Ele sempre sabe. — Como você... em Meov. Você *tentou*. Como? — Porque você não se sente mais capaz de se dar o trabalho de lutar por este lugar ou de construir uma vida aqui. Todos os seus instintos lhe dizem para pegar a sua bolsa de fuga, pegar o seu pessoal, e correr antes que Castrima se volte contra

vocês. Isso é provavelmente uma sentença de morte, considerando que a Estação se estabeleceu de vez lá em cima, mas ficar parece uma morte mais certa.

Ele respira de maneira profunda e lenta, para que você saiba que pretende responder. Apenas demora um pouco para que ele forme as palavras.

— Eu não pretendia. Você estava grávida, eu estava... solitário. Achei que seria suficiente. Por algum tempo.

Você chacoalha a cabeça. Claro que ele sabia que você estava grávida antes de você saber. Tudo isso é irrelevante agora.

— Você lutou por eles. — Enfatizar a última palavra requer esforço, mas você enfatiza. Por você e por Corundum e por Innon, claro, mas ele lutou por Meov também. — Eles também teriam se voltado contra nós um dia. Você sabe que teriam. — Quando Corundum se mostrasse poderoso demais, ou se houvessem expulsado os Guardiões só para ter que deixar Meov e se mudar para outro local. Era inevitável.

Ele faz um som afirmativo.

— Então por quê?

Ele solta um longo e lento suspiro.

— Havia uma chance de não se voltarem contra nós. — Você balança a cabeça. As palavras são tão impossíveis de acreditar que soam como um falatório incoerente. Mas ele acrescenta: — Valia a pena tentar qualquer probabilidade.

Ele não diz “por você”, mas você sente. É um subtexto quase sensível sob a superfície das palavras. Para que a sua família pudesse ter uma vida normal entre outras pessoas, como uma delas. Oportunidades normais. Lutas normais. Você olha para ele. Em um impulso, você leva a mão até o rosto dele e passa os dedos sobre os lábios cicatrizados. Ele observa você fazer isso e lhe dá aquele quarto de sorriso, que é a única coisa que ele consegue fazer hoje em dia. É mais do que você precisa.

Então você levanta e sai para tentar salvar o mínimo e fragmentado nada que são as chances de Castrima.

• • •

Ykka convocou uma votação para a manhã seguinte... Vinte e quatro horas após a “oferta” de Rennanis. Castrima precisa dar algum tipo de resposta, mas ela acha que a decisão não deveria caber apenas ao seu conselho informal. Você não consegue ver que diferença a votação vai fazer, exceto enfatizar que, se a comu atravessar a noite intacta, será um milagre ferrugento.

As pessoas olham para você enquanto você cruza a comu. Mantém o olhar à frente e tenta não deixar que eles a afetem visivelmente.

Em curtas visitas particulares, você passa as ordens de Ykka para Cutter e Temell, e pede a eles que espalhem a notícia. Temell em geral sai com as crianças para as aulas mesmo; ele diz que vai visitar os alunos em casa e encorajá-los a formar grupos de estudo de dois ou três, nas casas de adultos de confiança. Você sente vontade de dizer “nenhum adulto é confiável”, mas ele sabe. Não há como contornar isso, então não há por que dizer em voz alta.

Cutter diz que vai passar as ordens aos poucos roggas adultos restantes. Nem todos têm a habilidade de criar uma espiral ou de se controlar bem; exceto por você e Alabaster, todos eles são selvagens. Mas Cutter vai garantir que aqueles que não conseguem fiquem perto daqueles que conseguem. Ele tem uma expressão impassível quando acrescenta:

— E quem vai te proteger?

O que significa que está oferecendo. A repulsa que a perpassa ao ouvir essa ideia é surpreendente. Você nunca confiou nele de verdade, mesmo sem entender por quê. Algo sobre o fato de que ele se escondeu a vida inteira... o que é uma hipocrisia dos infernos depois dos seus dez anos em Tirimo. Mas, pelas doces ferrugens escamadas, você confia em alguém? Contanto que ele faça o trabalho dele, não importa. Você se obriga a aquiescer.

— Venha comigo depois que terminar, então.

Ele concorda.

Com isso, você decide descansar um pouco. O seu quarto está arruinado graças à transformação de Hoa, e você não está muito interessada em dormir na cama de Tonkee; faz dez meses, mas a lembrança do mofo não se apaga. Além do mais, você se dá conta, tardiamente, de que não há ninguém para proteger Ykka. Ela

acredita em sua comu, mas você não. Hoa comeu Cabelo de Rubi, que, pelo menos, tinha um interesse presumível em mantê-la viva. Então você pega outra sacola emprestada com Temell e vasculha seu apartamento em busca de alguns suprimentos básicos (não é exatamente uma bolsa de fuga, dá para negar de forma plausível se Ykka protestar) e depois se dirige ao apartamento dela (isso terá o propósito extra de tornar mais difícil para Cutter encontrá-la). Ela ainda está dormindo, a julgar pelo som de sua respiração através da cortina do quarto. Os divãs dela são bastante confortáveis, em especial se comparados a dormir ao relento na estrada. Você usa sua bolsa de fuga como travesseiro e se encolhe, tentando esquecer o mundo por um tempo.

E então você acorda quando Ykka pragueja e tropeça ao passar por você a toda velocidade, rasgando metade de uma das cortinas do apartamento na pressa. Você acorda com esforço e se senta.

— O que... — Mas aí você também ouve os gritos crescentes lá fora. Gritos *irritados*. Uma multidão se reunindo.

Então começou. Você se levanta e a segue, e é só depois de uma reflexão posterior que você pega as bolsas.

O aglomerado de pessoas está reunido no nível térreo, próximo às casas de banho comunitárias. Ykka desce com dificuldade até esse nível de uma forma que você não vai descer: escorregando por escadas de metal, pulando sobre o corrimão de uma plataforma para cair na plataforma que ela sabe que existe embaixo, correndo em pontes que chacoalham de modo alarmante sob os pés dela. Você desce da maneira sensata e não suicida; por isso, quando chega ao aglomerado de gente, Ykka está gritando a plenos pulmões, tentando fazer todo mundo calar a boca e ouvir e se afastar.

No centro do aglomerado está Cutter, vestido apenas com uma toalha, pela primeira vez aparentando algo que não indiferença. Agora ele está tenso, com uma expressão determinada, desafiador, pronto para fugir. E, a dois metros de distância, jaz no chão o cadáver congelado de um homem, congelado enquanto se arrastava para trás, um olhar de terror abjeto permanentemente no rosto. Você não o reconhece. Não importa. O que importa é que um rogga

matou um quieto. Isso é um fósforo jogado bem no meio de uma comu que é um graveto seco e encharcado de óleo.

— ... como isso aconteceu — Ykka está gritando quando você alcança o amontoado de gente. Você mal consegue vê-la; já estão reunidas quase cinquenta pessoas aqui. Você poderia forçar sua passagem lá para a frente, mas, em vez disso, decide ficar no fundo. Agora não é hora de chamar a atenção para si mesma. Você olha ao redor e também vê Lerna espreitando da parte de trás da multidão. Ele arregala os olhos e cerra o maxilar quando olha de volta para você. Também há... oh, Terra ardente... um grupo de três crianças roggas aqui. Uma delas é Penty, que você sabe que é a líder de algumas das crianças roggas mais corajosas e estúpidas. Ela está na ponta dos pés, esticando o pescoço para ver melhor. Quando ela tenta avançar em meio à multidão, você atrai a atenção dela e lhe dá um Olhar de Mãe. Ela recua e se abaixa de imediato.

— Quem ferrugens se importa com como aconteceu? — Este é Sekkim, um dos Inovadores. Você o conhece porque Tonkee reclama constantemente de que ele é burro demais para merecer fazer parte dessa casta e que, em vez disso, deveria ser jogado para uma casta não essencial, como a Liderança. — É por isso...

Outra pessoa grita:

— *Maldito rogga!*

Uma terceira pessoa grita para fazer calar a mulher que acabou de dizer isso.

— Droga, escutem! É a Ykka!

— Quem ferrugens se importa com outro monstro rogga...?

— Filho ferrugento de um canibal, vou te bater até você sangrar se...

Alguém empurra outra pessoa. Seguem-se mais empurrões, mais xingamentos, votos de assassinato. É uma catástrofe.

Então um homem se precipita para a frente da multidão, agachando-se ao lado do cadáver congelado e tentando passar o braço ao redor dele o melhor que pode. A semelhança entre ele e o cadáver é óbvia mesmo através do gelo: irmãos, talvez. Seu gemido de angústia faz um silêncio repentino e nervoso repercutir em meio ao amontoado. Eles se remexem, desconfortáveis, quando o gemido do homem transforma-se em soluços profundos de cortar a alma.

Ykka respira fundo e dá um passo adiante, usando a oportunidade que a tristeza lhe deu. Para Cutter, ela diz entredentes:

— O que foi que eu disse? Pelas ferrugens, o que foi que eu *disse*?

— Ele me atacou — responde Cutter. Não há nenhum arranhão nele.

— Besteira — retruca Ykka. Várias pessoas na multidão repetem o que ela diz, mas ela os encara até se calarem. Ela olha para o homem morto, seu maxilar cerrado. — Betine não teria feito isso. Ele não conseguiu nem matar um frango quando foi a vez dele de cuidar da criação.

Cutter a encara.

— A única coisa que sei é que eu queria tomar um banho. Sentei para me lavar e ele se afastou de mim. Eu pensei tudo bem, é assim que vai ser, e não dei importância. Depois eu passei por ele para entrar na piscina e ele me *bateu*. Com força, na nuca.

Isso causa um murmúrio tênue e irritado... mas também um alvoroço de preocupação. Dizem que a nuca é o melhor lugar para desferir um golpe em um roga. Não é verdade. Só funciona se você bater com força suficiente para causar uma concussão ou rachar o crânio e, nesse caso, é isso que os derruba, e não qualquer tipo de dano aos sensapinae. Ainda é um mito popular. E, se for verdade, poderia ser razão suficiente para Cutter revidar.

— *Que vá tudo para as ferrugens.* — As palavras são um grunhido; o homem que segura o cadáver ligeiramente sibilante de Betine. — Bets não era assim. Yeek, você *sabe* que ele não era...

Ykka concorda com a cabeça, aproximando-se para tocar o ombro do homem. A multidão se remexe outra vez, uma fúria contida movendo-se com as pessoas. Com ela, de forma tênue, por ora.

— Eu sei. — Ela mexe um músculo da mandíbula uma vez, duas. Olha ao redor. — Alguém mais viu a briga?

Várias pessoas erguem as mãos.

— Eu vi Bets se afastar — conta uma mulher. Ela engole em seco, olhando para Cutter; há gotas de suor sobre o seu lábio



superior. — Mas acho que ele só queria chegar mais perto do sabonete.

— Ele olhou para mim — diz Cutter de modo brusco. — Eu sei o que ferrugens significa quando alguém me olha daquele jeito!

Ykka o interrompe com um aceno de mão.

— Eu sei, Cutter, mas cala a boca. O que mais? — ela pergunta à mulher.

— Foi só isso. Eu desviei o olhar e, quando olhei de volta, havia aquele... redemoinho. Vento e gelo. — Ela faz uma careta, cerrando o maxilar. — Você sabe como vocês matam as pessoas.

Ykka a encara, mas depois vacila, uma vez que surgem mais gritos, dessa vez concordando com a mulher. Alguém tenta abrir caminho em meio à multidão para chegar até Cutter; alguma outra pessoa segura o agressor, mas é por um triz. Você vê Ykka perceber que os está perdendo. Ela não vai conseguir fazer o seu povo entender. Eles estão se preparando para ir para cima, e não há nada que ela possa fazer para impedi-los.

Bem. Você está errada sobre isso. Há uma coisa que ela pode fazer.

Ela o faz virando-se e pousando uma das mãos no peito de Cutter e fazendo algo perpassá-lo. Você não está sensando ativamente no momento, então capta apenas a repercussão do que ela faz, e é... o quê? Parece... a maneira como Alabaster açoitou com violência um ponto quente até fazê-lo ceder, anos atrás e a um quinto de continente de distância. Só que menor. Parece o que aquele Guardião fez com Innon, só que localizado, e não manifestamente horrível. E você não sabia que roggas podiam fazer coisas desse tipo.

Seja lá o que for, Cutter não tem sequer a chance de arquejar. Ele arregala os olhos. Cambaleia para trás. Depois cai, com uma expressão de choque no rosto para combinar com a expressão de medo de Betine.

Todos ficam em silêncio. Seu queixo não é o único que fica caído.

Ykka recupera o fôlego. O que quer que tenha feito, exigiu muito dela; você a vê cambalear um pouco e depois se recompor.

— Já basta — ela diz, virando-se para olhar todas as pessoas do aglomerado. — Mais do que basta. A justiça foi feita, estão vendo? Agora todos vocês vão para as suas casas ferrugentas.

Você não espera que aquilo vá funcionar. Você deduz que só vai aguçar a sede de sangue da multidão... mas isso mostra quão pouco você sabe. As pessoas perambulam um pouco, resmungam mais um pouco, mas então começam a se dispersar. Os silenciosos soluços de um homem de luto as seguem enquanto vão embora.

É meia-noite, grita o encarregado das horas. Oito horas até a votação da manhã.

• • •

— Eu tive que fazer aquilo — murmura Ykka. Você está meio que no apartamento dela de novo, de pé ao seu lado. A cortina está aberta para que Ykka possa ver o povo dela, para que eles possam vê-la, mas ela está recostada contra o batente da porta, tremendo. Só um pouco. Ninguém veria a distância. — Eu tive.

Você lhe oferece o respeito da honestidade.

— Sim. Você teve.

São duas horas.

• • •

Em torno das cinco horas, você está pensando em dormir. Está mais silencioso do que você esperava. Lerna e Hjarka vieram se juntar a vocês no apartamento de Ykka. Ninguém diz que vocês estão de vigília, condoendo-se em silêncio, lamentando a morte de Cutter, esperando o mundo acabar (outra vez), mas é isso que vocês estão fazendo. Ykka está sentada em um divã, os joelhos abraçados e a cabeça apoiada contra a parede, o olhar cansado e vazio de pensamento.

Quando você ouve gritos de novo, você fecha os olhos e pensa em ignorá-los. São os gritos agudos de crianças que a tiram dessa completa falta de empatia. Os outros se levantam, e você também, e todos vocês saem à sacada. As pessoas estão correndo em direção a uma das plataformas amplas que circundam uma coluna de cristal pequena demais para abrigar apartamentos. Você e os outros se dirigem para aquele lado também. A comu usa essas plataformas como depósito, então essa contém barris e caixas e jarros de argila

empilhados. Um dos jarros de argila está rolando solto, mas parece intacto; vê isso quando você e os outros chegam à plataforma. O que não explica de modo algum as outras coisas que você vê.

São as crianças roggas de novo. A turma de Penty. Duas delas são responsáveis por toda a gritaria, puxando e batendo em uma mulher que encurralou Penty e está gritando com ela, agarrando a garganta dela. Outra mulher está ao lado, gritando com as crianças também, mas ninguém está prestando muita atenção nela. Sua voz ininteligível é só uma provocação.

Você meio que conhece a mulher que pegou Penty. Ela talvez seja dez anos mais nova do que você, com compleição mais pesada e cabelo mais comprido: Waineen, uma das Resistentes. Ela foi suficientemente agradável quando você fez turnos de trabalho nos cultivos de cogumelos ou nas latrinas, mas você ouviu os outros fofocarem pelas costas dela. Waineen faz os mellows que Lerna fuma de tempos em tempos e o licor que algumas pessoas da comu bebem. Em algum momento antes da Estação, ela tinha uma atividade paralela lucrativa ajudando os castrimenses nativos a animar suas vidas de mineiros e negociadores, e estocava o produto em Castrima-de-baixo para evitar que os inspetores fiscais do distritante algum dia o encontrassem. Conveniente, agora que o mundo acabou. Mas ela mesma é a cliente mais assídua, e não é raro encontrá-la tropeçando pela comu com o rosto vermelho e falando alto, soltando mais fumaça do que uma explosão.

Waineen não costuma ser uma bêbada mesquinha compartilhando livremente, motivo pelo qual ninguém se importa de fato com o que ela faz com as coisas dela. Todos lidam com a Estação à sua própria maneira. No entanto, algo a tirou do sério dessa vez. Penty é irritante. Hjarka e alguns dos outros castrimenses avançam a passos largos para tirar a mulher de cima da garota, e você diz a si mesma que é bom que Penty tenha autocontrole suficiente para não congelar a maldita plataforma inteira, quando a mulher ergue um dos braços e cerra o punho.

um punho que

*você viu a marca do punho de Jija, um hematoma com quatro marcas paralelas, na barriga e no rosto de Uche*

um punho que

que  
que  
não

Você está no topázio e entre as células da mulher quase no mesmo instante. Não é um ato pensado. Sua mente cai, *mergulha*, no fluxo ascendente de luz amarela como se aquele fosse o seu lugar. Os seus sensapinae ondeiam em torno dos fios prateados e você os une; você faz parte do obelisco e da mulher e *não* vai deixar isso acontecer, não de novo, não de novo, você não pôde deter Jija, mas...

— Mais uma criança não — você sussurra, e todos os seus companheiros olham para você, surpresos e confusos. Depois param de olhar para você, porque a mulher que estava incitando a briga começa a gritar de repente, e as crianças gritam mais alto. Até Penty está gritando agora, porque a mulher em cima dela se transformou em pedra brilhante e multicolorida.

— Mais uma criança não! — Você consegue sentir as pessoas mais próximas de você: os outros membros do conselho, a bêbada que está gritando, Penty e suas amigas, Hjarka e o resto, todos eles. Todo mundo em Castrima. Eles pisam sobre os filamentos dos seus nervos, sapateando e agitando-se, e *eles são Jija*. Você se concentra na mulher bêbada e é quase instintivo o impulso de começar a comprimir o movimento e a vida até tirá-los dela e substituí-los por qualquer que seja de fato o subproduto das reações mágicas, essa coisa que parece pedra. Essa coisa que está matando Alabaster, o pai do seu outro filho morto, MAIS UMA FERRUGENTA CRIANÇA NÃO. Por quantos séculos o mundo vem matando crianças roggas para que os filhos de todos os outros possam dormir sossegados? *Todos* são Jija, o maldito mundo inteiro é Schaffa, Castrima é Tirimo é o Fulcro MAIS UMA NÃO e você se vira com o obelisco jorrando seu poder através de você para começar a matar todo mundo dentro do seu campo de visão e para além dele.

Algo abala a sua conexão com o obelisco. De repente, você tem que lutar em busca de um poder que lhe foi dado com tanta facilidade antes. Você mostra os dentes sem pensar, grunhe sem ouvir a si mesma, cerra os punhos e grita em sua mente NÃO EU

NÃO VOU DEIXÁ-LO FAZER ISSO DE NOVO e você está vendo Schaffa, pensando em Jija.

Mas está *sensando* Alabaster.

Sentindo-o, em resplandecentes tentáculos brancos que açoitam sua ligação com o obelisco. Essa é a força de Alabaster lutando contra a sua e... não vencendo. Ele não desativa a sua orogenia do modo como você sabe que ele pode. Ou do modo como você achava que ele podia. Ele está mais fraco? Não. Você simplesmente está muito mais forte do que costumava ser.

De súbito o sentido disso penetra a fuga da memória e o horror onde você estava presa, trazendo-a de volta para a realidade fria e chocante. Você matou uma mulher com magia. Você está prestes a dizimar Castrima com magia. Você está lutando contra Alabaster com magia... *e Alabaster não consegue suportar mais magia.*

— Oh, Terra indiferente — você sussurra. Você para de lutar de imediato. Alabaster desfaz a sua conexão com o obelisco; ele ainda tem um toque mais preciso do que o seu. Mas você sente a fraqueza dele enquanto faz isso. A força decadente.

Você nem se dá conta de que está correndo a princípio. Mal se qualifica como correr porque a disputa de magia e a desconexão abrupta do obelisco a deixaram tão desorientada e fraca que você cambaleia do corrimão até a corda como se você mesma estivesse bêbada. Alguém está gritando no seu ouvido. Uma mão agarra a parte de cima do seu braço e você se livra dela, resmungando. De algum modo, você chega ao térreo sem morrer em uma queda. Faces passam por você como um borrão, irrelevantes. Você não consegue enxergar porque está soluçando alto, balbuciando. *Não, não, não.* Você sabe o que fez, mesmo negando com as palavras e o corpo e a alma.

Então, você chega à enfermaria.

Você está na enfermaria, olhando para uma escultura de pedra incongruentemente pequena, porém feita com primor. Esta não tem cor, nem brilho, só um tom monótono de marrom arenoso por toda parte. É quase abstrata, arquetípica: *Homem em seu momento final. Truncamento do espírito. Nuncapessoa, despessoa. Um dia encontrado, mas agora perdido.*

Ou talvez você possa simplesmente chamá-la de Alabaster.

São 5h30.

• • •

Às sete, Lerna vem até o lugar onde você se encolheu no chão em frente ao cadáver de Alabaster. Você quase não o ouve se acomodar ali perto e se pergunta por que ele veio. Ele devia saber. Ele deveria ir, antes que você tenha outro surto e o mate também.

— Ykka convenceu a comu a não te matar — ele conta. — Eu contei a eles sobre o seu filho. Chegaram, ãhn, a um acordo mútuo de que Waineen podia ter matado Penty, batendo nela daquele jeito. Sua reação exagerada foi... compreensível. — Ele faz uma pausa. — O fato de Ykka ter matado Cutter mais cedo ajuda. Eles confiam mais nela agora. Sabem que ela não está falando por você só por... — Ele puxa o ar, encolhe os ombros. — ... Senso de fraternidade.

Certo. É como os professores lhe disseram no Fulcro: os roggas são uma coisa só. Os crimes de qualquer um deles são os crimes de todos.

— Ninguém vai matá-la. — É Hoa. Claro que ele está aqui agora, protegendo seu investimento.

Lerna se remexe com desconforto ao ouvir isso. Mas então outra voz concorda:

— Ninguém vai matá-la.

E você estremece, porque é Antimony.

Você se soergue de sua posição encolhida aos poucos. Ela está na mesma posição de sempre (ela esteve aqui o tempo todo), com o pedaço de pedra que era Alabaster apoiado contra ela como o corpo vivo se apoiava antes. Ela já pousou os olhos sobre você.

— Você não pode ficar com ele — você diz. Grunhe. — Nem comigo.

— Eu não quero você — responde Antimony. — Você o matou.

Ah, merda. Você tenta manter uma fúria abjeta, tenta usar esse sentimento para se concentrar e sintonizar o poder para desafiá-la, mas a fúria se dissolve em vergonha. E, de qualquer forma, você só consegue chegar até aquela maldita faca-obelisco de Alabaster. O espinélio, que afasta sua arremetida agitada sobre ele quase de imediato, como se cuspsse na sua cara. Você é digna de desprezo, não é? Os comedores de pedra, os humanos, os orogenes, até

mesmo os obeliscos escamados, todos sabem disso. Você não é nada. Não, você é morte. E matou mais uma pessoa que ama.

Então você fica ali, com as mãos e os joelhos no chão, desamparada, rejeitada, tão machucada que é como se houvesse uma engrenagem de dor trabalhando no seu âmago. Talvez os construtores dos obeliscos pudessem haver inventado alguma maneira de controlar uma dor assim, mas eles estão todos mortos.

Ouve-se um som que tira você da dor da perda. Antimony está de pé agora. Sua postura é imponente, de pernas retas e implacável. Ela olha para você de cima para baixo. Nos braços dela está o pedaço marrom que constitui os restos de Alabaster. Deste ângulo, não se parece com nada que já tenha sido humano. Oficialmente, não era.

— Não — você diz. Sem desafio dessa vez; é uma súplica. *Não o leve*. No entanto, foi isso que ele pediu. Era o que ele queria... ser dado a Antimony e não ao Pai Terra, que tirou tanto dele. Essa é a escolha aqui: a Terra ou a comedora de pedras. Você não está na lista.

— Ele deixou uma mensagem para você — ela diz. Sua voz sem inflexão não está diferente e, contudo. De alguma forma. Isso é um sentimento de pena? — “O ônix é a chave. Primeiro uma rede, depois o Portão. Não enferruje tudo, Essun. Innon e eu não amamos você por nada.”

— O quê? — você pergunta, mas depois ela bruxuleia, tornando-se translúcida. Pela primeira vez, ocorre-lhe que o modo como os comedores de pedra se movem pelas pedras e o modo como os obeliscos mudam do estado real para o irreal são o mesmo.

É uma observação inútil. Antimony desvanece na Terra que odeia você. Com Alabaster.

Você se senta no lugar onde ela a deixou, onde ele a deixou. Não há nenhum pensamento em sua cabeça. Mas, quando uma mão toca o seu braço, uma voz diz o seu nome e uma conexão que não é o obelisco se apresenta diante de você, você se vira na direção dela. Você não consegue evitar. Você precisa de algo e, se não for família ou morte, então precisa ser outra coisa. Então você se vira e agarra e Lerna está ali por você, o ombro dele é quente e macio, e você precisa desse ombro. Você precisa de Lerna. Só um

pouco, por favor. Só uma vez, você precisa se sentir humana, não importando as designações oficiais e, talvez com braços humanos envolvendo-a e uma voz humana murmurando “Sinto muito. Sinto muito, Essun” no seu ouvido, talvez você consiga se sentir assim. Talvez você *seja* humana, só por um tempinho.

• • •

Às 7h45, você está sentada e sozinha outra vez.

Lerna foi falar com um dos assistentes dele, e talvez com os Costas-fortes que estão observando você da porta da enfermaria. No fundo da sua bolsa de fuga, há um bolso para esconder coisas. Foi por isso que você comprou essa bolsa de fuga em particular, anos atrás, desse artesão em particular. Quando ele lhe mostrou o bolso, você pensou na mesma hora em algo que queria colocar nele. Algo em que, como Essun, você não se permitia pensar com frequência, porque é uma coisa de Syenite e ela estava morta. No entanto, você guardou os restos dela.

Você vasculha a bolsa até os seus dedos encontrarem o bolso e remexerem nele. O pacote ainda está lá. Você o tira, abre o linho barato. Seis anéis, polidos e semipreciosos, estão ali.

Não são suficientes para você, uma nove anéis, mas, de qualquer maneira, você não liga para os quatro primeiros. Eles retinem e rolam pelo chão quando os descarta. Os dois últimos, os que ele fez para você, você coloca um no dedo indicador de cada mão.

Em seguida, você se levanta.

• • •

Oito horas. Representantes das moradias da comu se reúnem no Topo Plano.

Um voto por cota de comu é a regra. Você vê Ykka no centro do círculo de novo, os braços cruzados e o rosto cuidadosamente inexpressivo, embora você consiga sentir um tom de tensão no ambiente que vem em grande parte dela. Alguém trouxe uma caixa de madeira velha, e as pessoas estão perambulando por ali, conversando umas com as outras, escrevendo em pedaços de papel ou couro, colocando-os na caixa.



Você anda em direção ao Topo Plano com Lerna a tiracolo. As pessoas não a notam até você estar quase terminando de atravessar a ponte. Quase em cima deles. Então alguém vê você chegando e arqueja ruidosamente. Outra pessoa dá um grito de alarme: “Ah, *ferrugens*, é ela”. As pessoas saem do seu caminho, quase tropeçando umas nas outras.

Eles deveriam. Na sua mão direita está a faca longa e ridiculamente cor-de-rosa de Alabaster, o obelisco espinélio miniaturizado e remodelado. A essa altura, você o tocou, ressoou com ele; ele é seu. Ele a rejeitou antes porque você estava instável, debatendo-se, mas agora você sabe o que precisa dele. Você encontrou seu foco. O espinélio não machucará ninguém enquanto você não permitir que o faça. Se você vai permitir ou não é uma questão completamente diferente.

Você entra no centro do círculo, e o homem que segura a caixa com os votos se afasta de você, deixando-a lá. Ykka franze a testa, dá um passo à frente e diz:

— Essun...

Mas você a ignora. Você avança e de repente é instintivo, fácil, natural pegar o cabo da faca longa cor-de-rosa com as duas mãos e virar-se e girar o quadril e brandir. No instante em que a espada toca a caixa de madeira, a caixa é destruída. Ela não é cortada, não é quebrada; ela se desintegra nas partículas microscópicas que a compõem. O olho processa isso como poeira, que se espalha e brilha sob a luz antes de desaparecer. Transformada em pedra. Muitas pessoas estão arquejando ou gritando, o que significa que inalam os próprios votos. Provavelmente não lhes fará mal. Não muito.

Depois você se volta e ergue a faca longa, girando devagar para apontá-la para cada rosto.

— Sem votos — você diz. Está tão silencioso que você consegue ouvir a água gotejando dos canos na piscina comunitária, várias dezenas de metros abaixo. — Vão embora. Juntem-se a Rennanis se eles aceitarem vocês. Mas, se ficarem, nenhuma parte desta comu vai decidir que qualquer outra parte da comu é descartável. Sem *votação* para decidir quem tem direito de ser gente.

Alguns deles se remexem e se entreolham. Ykka te olha como se você fosse uma criatura possivelmente perigosa, o que é hilário. Ela deveria saber a essas alturas que não existe “possivelmente” quanto a esse ponto.

— Essun — ela começa a dizer, no tipo de voz equilibrada que se usa com animais domésticos ou com os loucos —, isto é... — Ela para, porque não sabe o que é. Mas você sabe. É um maldito golpe. Não importa quem está no comando, mas, nessa questão, você será a ditadora. Você não vai permitir que Alabaster tenha morrido salvando essas pessoas de você em vão.

— *Sem voto* — você diz outra vez. Sua voz é modulada para se propagar, como se eles fossem garotos de doze anos na sua antiga creche. — Isto é uma comunidade. Vocês serão unidos. Vocês lutarão uns pelos outros. *Ou eu vou matar todos até o último ferrugento.*

Silêncio de verdade desta vez. Eles não se mexem. Seus olhos estão pálidos e muito mais do que apenas assustados, de modo que você sabe que eles acreditam em você.

Ótimo. Você se vira e se afasta.



## Interlúdio

*Nas profundezas que revolvem, eu ressoo com o meu inimigo... ou tento ressoar. “Uma trégua”, eu digo. Imploro. Já houve tanta perda de todos os lados. Uma lua. Um futuro. Esperança.*

*Aqui embaixo, é quase impossível ouvir uma resposta expressa em palavras. O que chega até mim é uma reverberação furiosa, são flutuações brutais de pressão e gravidade. Sou forçado a fugir depois de um tempo, para não ser esmagado — e, embora este seja apenas um contratempo efêmero, não posso me dar o luxo de ficar incapacitado neste exato momento. As coisas estão mudando entre a sua espécie, com a mesma rapidez que a sua espécie muitas vezes faz as coisas quando vocês enfim tomam verdadeiras decisões. Tenho que estar pronto.*

*A ira foi a minha única resposta, em todo caso.*



## 19

### *Você se prepara para a luta*

Faz um mês desde a última vez que você foi à superfície. Faz dois dias que matou Alabaster em meio à sua loucura e sua dor. Tudo muda em uma Estação.

Castrima-de-cima está ocupada. O túnel pelo qual você passou da primeira vez para entrar está bloqueado; um dos orogenes da comu ergueu um bloco de pedra a partir da terra para efetivamente vedá-lo. Talvez tenha sido Ykka, ou Cutter antes de Ykka matá-lo; eles eram os dois na comu com a melhor precisão além de você e Alabaster. Agora dois desses quatro estão mortos, e o inimigo está à porta. Os Costas-fortes que estão aglomerados na boca do túnel atrás da vedação de pedra se levantam num pulo quando você entra no círculo iluminado pela luz elétrica, e os que já estavam de pé se empertigam. Xeber, o segundo-em-comando de Esni entre os Costas-fortes, chega a sorrir ao vê-la. Isso mostra como as coisas estão ruins. Como as pessoas estão preocupadas. Eles enlouqueceram a ponto de pensar em você como a campeã deles.

— Não gosto disso — Ykka diz a você. Ela está lá na comu, organizando a defesa que será necessária se os túneis forem invadidos. O verdadeiro perigo é os batedores de Rennanis descobrirem os dutos de ventilação do geodo de Castrima. Eles estão bem escondidos (um na caverna subterrânea de um rio, os outros em lugares igualmente fora de mão, como se os próprios

construtores de Castrima temessem um ataque), mas o povo da comu será forçado a sair se eles forem fechados. — E eles têm comedores de pedra como aliados. Você é perigosa e ferrugeira o suficiente para ferrar com um exército, Essie, eu reconheço, mas nenhum de nós consegue lutar contra comedores de pedra. Se eles matarem você, nós perdemos a nossa melhor arma.

Ela lhe disse isso no Mirante Panorâmico, para onde vocês duas iam quando tinham que resolver questões. As coisas ficaram estranhas entre vocês duas durante mais ou menos um dia. Ao proibir uma votação, você minou a autoridade de Ykka e destruiu a ilusão de todos de que tinham poder de decisão na administração da comu. Aquilo foi necessário, você ainda acredita; as pessoas *não deveriam* ter poder de decisão sobre por quais vidas vale a pena lutar. Na verdade, Ykka concordava, como admitira enquanto vocês conversavam. Mas isso a prejudicou.

Você não pediu desculpas, mas tentou tapar as rachaduras.

— *Você é a nossa melhor arma* — você diz com firmeza. Você está falando sério. O fato de Castrima ter durado tanto, uma comu de quietos que repetidas vezes deixaram de linchar os roggas que viviam abertamente entre eles, é um milagre. Mesmo que “ainda não cometeu uma chacina genocida” seja um nível baixo de expectativa, outras comunidades não conseguiram nem isso. Você reconhece o mérito quando é devido.

Essas palavras diminuíram o clima estranho entre vocês.

— Bem, pelas ferrugens, não morra — ela lhe diz por fim. — Não tenho certeza de que consigo segurar essa confusão toda sem você a essa altura. — Ykka é boa nisto: fazer as pessoas sentirem que têm um motivo para fazer alguma coisa. É por isso que ela é a líder.

E é por isso que, agora, você caminha pela Castrima-de-cima, transformada em um acampamento de soldados de Rennanis, e realmente fica com medo. É sempre mais difícil lutar por outras pessoas do que lutar por si mesma.

As cinzas têm caído regularmente faz um ano agora e cobrem a comu até a altura do joelho. Houve pelo menos uma chuva para baixá-las nos últimos tempos, então você consegue sentir um tipo de crosta de lama úmida sob a camada poeirenta de cima, mas até mesmo isso é substancial. Os soldados inimigos se amontoam nas

varandas e entradas das casas outrora vazias, observando você, e as cinzas não compactadas sob o beiral chegaram até a metade da parede da maioria das casas. Eles tiveram que cavar ao redor das janelas. Os soldados parecem... apenas pessoas, porque não vestem uniformes, mas, não obstante, apresentam uma característica uniforme: são totalmente sanzed ou têm uma aparência em grande parte sanzed. Onde você consegue ver cor em suas roupas de viagem desbotadas pelas cinzas, você avista o revelador pedaço de tecido mais bonito e delicado amarrado na parte de cima dos braços, ou nos punhos nas testas. Não são mais equatoriais desabrigados, então: encontraram uma comu. Algo mais antigo e primitivo do que uma comu: eles são uma *tribo*. E agora estão aqui para tomar o que pertence a vocês.

Mas, para além disso, são só pessoas. Muitos têm a sua idade ou são mais velhos. Você supõe que vários deles são Costas-fortes suplementares ou sem-comus tentando provar a sua utilidade. Há um número ligeiramente maior de homens do que de mulheres, mas isso também procede, uma vez que a maioria das comus é mais propensa a expulsar aqueles não podem produzir bebês do que aqueles que podem... mas o número de mulheres aqui significa que Rennanis não está precisando de repovoadores saudáveis. Uma comu forte.

Os olhares a seguem enquanto você desce a rua principal de Castrima-de-cima. Você chama a atenção, como bem sabe, com a pele sem cinzas, o cabelo limpo e as roupas coloridas. São apenas calças de couro marrom e uma blusa de um branco natural, mas essas são cores que se tornaram raras neste mundo de ruas cinzentas e árvores mortas cinzentas e um céu cinzento repleto de nuvens. Você também é a única latmediana à vista, e é pequena comparada à maioria deles.

Não importa. Atrás de você flutua o espinélio, permanecendo a exatos trinta centímetros da sua nuca e virando-se devagar. Não é você que o faz realizar esse movimento. A menos que você o segure na mão, é isso o que ele costuma fazer: você tentou colocá-lo no chão, mas ele flutuava de novo e ia para trás de você desse jeito. Você deveria ter perguntado a Alabaster como fazer a coisa se comportar antes de matá-lo, ora essa. Agora ele está bruxuleando

um pouco, de real para translúcido para real outra vez, e você consegue ouvir (não sentir, *ouvir*) o leve zunido de suas energias conforme ele gira. Você vê o rosto das pessoas se contrair quando percebem. Elas podem não saber o que é, mas conhecem uma coisa ruim quando a ouvem.

No centro de Castrima-de-cima há um pavilhão abobadado e aberto que Ykka lhe disse ter sido outrora o centro de convivência da comu, usado para bailes de casamento e a ocasional reunião com toda a comu. Foi transformado em uma espécie de centro de operações, você vê à medida que anda em direção a ele: um amontoado de homens e mulheres está de pé, agachado ou sentado ali dentro, mas um grupo se posta ao redor de uma mesa recém-construída. Quando você chega perto o bastante, vê que eles têm, lado a lado, um diagrama rudimentar de Castrima e um mapa da área, os quais estão discutindo. Para a sua consternação, você consegue ver que eles marcaram pelo menos um dos dutos de ventilação; aquele que fica atrás de uma pequena cachoeira em um rio próximo. Eles provavelmente perderam um ou dois batedores no processo: as margens do rio estão agora infestadas de ninhos de fervilhões. Não importa; eles o encontraram, e isso é ruim.

Três das pessoas conversando em torno dos mapas erguem os olhos quando você se aproxima. Uma delas cutuca outra com o cotovelo, que se vira e acorda uma terceira pessoa quando você entra no pavilhão e para a alguns metros da mesa. A mulher que se levanta, esfregando o rosto com olhos de sono quando vem se juntar aos outros, não parece particularmente impressionante. Ela cortou as laterais do cabelo logo acima da orelha... um corte extremamente grosseiro que parece feito com uma faca. O corte a faz parecer pequena, embora sua estatura não seja particularmente baixa: seu torso é um barril uniforme, seios pequenos emendando com uma barriga que provavelmente já carregou ao menos uma criança, e pernas como colunas de basalto. Ela não está vestindo nada diferente dos outros; sua faixa indicativa de filiação à tribo é apenas um lenço de seda de um amarelo desbotado amarrado frouxamente ao redor do pescoço. Mas há uma seriedade em seu olhar, mesmo estando meio adormecido, que faz você se concentrar nela.

— Castrima? — ela lhe pergunta como forma de cumprimento. De qualquer forma, é a única coisa que de fato importa sobre quem você é.

Você aquiesce.

— Eu falo por eles.

Ela apoia a mão na mesa, acenando com a cabeça.

— Nossa mensagem foi entregue então. — Ela transfere o olhar para o espinélio pairando atrás de você, e algo se ajusta em sua expressão. Não é ódio que você está vendo. Ódio requer emoção. O que essa mulher fez foi simplesmente dar-se conta de que você é uma rogga e decidir que você não é uma pessoa, sem mais nem menos. Indiferença é pior do que ódio.

Bem. Você não consegue munir-se de indiferença em resposta, não consegue deixar de vê-la como humana. Vai ter que se contentar com o ódio, então. E o mais interessante é que, de algum modo, ela sabe o que é o espinélio e o que ele significa. Muito interessante.

— Nós não vamos nos juntar a vocês — você diz. — Se vocês querem lutar por conta disso, que seja.

Ela inclina a cabeça para um lado. Um de seus tenentes esconde uma risadinha com a mão, mas logo se cala diante do olhar de outro. Você gosta desse silenciamento. É respeitoso... em relação às suas habilidades — se não em relação a você mesma — e a Castrima, mesmo que eles achem que vocês não têm chance. Mesmo que vocês de fato, provavelmente, *não* tenham chance.

— Nós nem precisamos atacar, percebe — diz a mulher. — Podemos apenas ficar aqui sentados, matar qualquer um que suba para caçar ou fazer comércio. Fazer vocês morrerem de fome.

Você consegue não reagir.

— Nós temos um pouco de carne. Vai demorar um tempo, meses pelo menos, para termos deficiência de vitaminas. Nos demais quesitos, nossos estoques são bastante consistentes. — Você se obriga a dar de ombros. — E outras comunidades contornaram a escassez de carne com facilidade.

Ela sorri. Seus dentes não são afiados, mas você pensa por um breve momento que aqueles caninos são mais longos do que o estritamente necessário. Deve ser uma projeção.



— Verdade, se esse for o seu gosto. E é por isso que também estamos trabalhando para encontrar os seus dutos de ventilação. — Ela dá uma batidinha no mapa. — Vamos fechá-los e sufocar vocês até ficarem fracos, daí vamos derrubar aquelas barreiras que vocês colocaram nos túneis e entrar. É burrice viver no subsolo: assim que alguém descobre que estão lá, vocês se tornam um alvo mais fácil, não um mais difícil.

Isso é verdade, mas você chacoalha a cabeça.

— Podemos ser bastante difíceis, se vocês nos obrigarem. Mas Castrima não é rica, e nossas provisões não são melhores do que as de outras comus que não estão cheias de roggas. — Você faz uma pausa para dar efeito. A mulher não estremece, mas as outras pessoas do pavilhão se remexem quando se dão conta. Ótimo. Significa que estão pensando. — Há tantos ossos mais fáceis de roer por aí. Por que se incomodar com a gente?

Você sabe o verdadeiro motivo de estarem fazendo isso, porque o Homem Cinza está atrás de orogenes que possam abrir o Portão dos Obeliscos, mas ele não pode ter dito isso a essas pessoas. O que poderia induzir uma comu equatorial forte e estável a se transformar em uma conquistadora? Espere, não; ela não pode ser estável. Rennanis está relativamente perto da Fenda. Mesmo com mantenedores vivos na estação de ligação, a vida nessa comu seria difícil. Escapes diários de gases nocivos. Uma chuva de cinzas muito pior do que aqui, exigindo que as pessoas usem máscaras o tempo todo. Que a Terra os ajude se chover, poderia ser puro ácido, isso se for possível chover com a Fenda produzindo calor e cinza sem parar. É de duvidar que tenham gado... então talvez estejam enfrentando escassez de carne também.

— Porque é o que é necessário para sobreviver — responde a mulher, para a sua surpresa. Ela se endireita e cruza os braços. — Rennanis tem pessoas demais para os nossos estoques. Todos os sobreviventes de todas as outras cidades equatoriais vieram acampar à nossa porta. A gente teria que fazer isso de qualquer forma, ou teríamos problemas com uma população de sem-comus grande demais na região. Sendo assim, melhor dar armas a eles para que arranjem alimento para si próprios e tragam o que sobrar de volta para a comu. Você sabe que esta Estação não vai acabar.

— Vai sim.

— Algum dia. — Ela dá de ombros. — Nossos mestas calcularam que, se cultivarmos cogumelos e outros alimentos em quantidade suficiente e limitarmos estritamente a nossa população, poderemos alcançar sustentabilidade suficiente para sobreviver até o fim da Estação. Mas as nossas chances são melhores se pegarmos as provisões de todas as outras comus que encontrarmos...

Você revira os olhos porque não consegue evitar.

— Você acha que um pão armazenado vai durar *mil anos*? — Ou dois mil. Ou dez mil. E depois algumas centenas de milhares de anos de gelo.

Ela para até você terminar.

— ... e se estabelecermos linhas de suprimento a partir de cada comu com alimentos renováveis. Vamos precisar de algumas comus costeiras com recursos oceânicos, algumas antárticas nas quais cultivar plantas com pouca luz talvez ainda seja possível. — Ela faz uma pausa, também para causar efeito. — Mas vocês, latmedianos, comem demais.

Bem.

— Então, basicamente, vocês estão aqui para exterminar a gente. — Você chacoalha a cabeça. — Por que não disseram? Por que essa bobagem de se livrar dos orogenes?

— Danel! — alguém de fora do pavilhão chama, e a mulher ergue os olhos, acenando com a cabeça de maneira distraída. Esse parece ser o nome dela.

— Sempre existe uma chance de vocês se voltarem uns contra os outros. Então a gente poderia só entrar e recolher as sobras. — Ela chacoalha a cabeça. — Agora as coisas vão ter que ser difíceis.

O zumbido monótono e insistente que invade de súbito os seus sensapinae é um alerta tão patente quanto um grito.

É tarde demais quando você o sensa, porque significa que está ao alcance da habilidade de um Guardião de anular a sua orogenia. Você se vira de qualquer modo, meio que tropeçando ao mesmo tempo em que começa a criar uma espiral imensa que congelará instantaneamente toda a cidade ferrugenta, e é porque você estava

esperando a anulação e não criou uma espiral de proteção bem fechada que a faca de interrupção atinge o seu braço direito.

Você se lembra de Alabaster dizer que essas facas doem. Ela é pequena, feita para ser arremessada, e *deveria* doer, considerando que penetrou o seu bíceps e provavelmente lascou o osso. Mas o que Alabaster não especificou (você está irracionalmente furiosa com ele horas após sua morte, ferrugento estúpido e inútil) é que alguma coisa nessa faca parece botar fogo em todo o seu sistema nervoso. O fogo é mais quente, é *incandescente*, nos seus sensapinae, embora eles não fiquem perto do seu braço. Dói tanto que todos os seus músculos se contraem de uma vez só; você cai de lado e não consegue nem gritar. Você apenas fica ali, sentindo espasmos e olhando para a mulher que passa por entre o amontoado de soldados de Rennanis para sorrir para você. Ela é surpreendentemente jovem, ou assim parece, embora as aparências sejam insignificantes, pois ela é uma Guardiã. Ela está nua da cintura cima e tem uma pele incrivelmente escura em meio a todos esses sanzeds. Seus seios são pequenos, compostos quase que inteiramente pela aréola, fazendo você se lembrar da última vez que esteve grávida. Você pensou que suas mamas jamais voltariam ao tamanho normal depois de Uche... e se pergunta se vai doer quando for despedaçada da forma como Innon foi despedaçado.

Tudo escurece. Você não entende o que está acontecendo a princípio. Você morreu? Foi rápido assim? Tudo ainda está pegando fogo, e você acha que ainda está tentando gritar. Mas, então, toma conhecimento de novas sensações. Movimento. Pressa. Algo mais parecido com vento. O toque de moléculas estranhas contra receptores infinitesimais na sua pele. É... estranhamente pacífico. Você quase se esquece da dor.

Depois vê a luz, assombrosa diante das pálpebras que você não percebeu haver fechado. Você não consegue abri-las. Alguém pragueja por perto e se aproxima, e mãos pressionam você para baixo, o que quase a faz entrar em pânico, pois você não consegue realizar orogenia com os seus nervos explodindo desse jeito. Mas então alguém arranca a faca do seu braço.

É como se um alarme de tremores dentro de você houvesse, de súbito, sido silenciado. Você relaxa o corpo, aliviada, sentindo

apenas a dor comum, e abre os olhos agora que consegue controlar seus músculos voluntários outra vez.

Lerna está ali. Você está no chão do apartamento dele, a luz vem das paredes de cristal, e ele está segurando a faca e olhando para você. Atrás dele está Hoa, em pose de súplica, que ele devia estar dirigindo a Lerna. Hoa transferiu o olhar para você, embora não tenha se dado ao trabalho de ajustar a pose.

— Droga ardente e ferrugenta — você resmunga em meio a um suspiro. E depois, porque agora você sabe o que deve ter acontecido, você acrescenta: — Obrigada — falando a Hoa. Que puxou você para dentro da terra e para longe antes que a Guardiã pudesse matá-la. Você nunca pensou que ficaria grata por algo assim.

Lerna deixou a faca cair e já se virou para buscar ataduras. Você não está sangrando muito; a faca entrou na vertical, ficando em paralelo com os tendões em vez de atravessá-los, e parece não ter atingido a grande artéria. É difícil ter certeza quando suas mãos ainda estão tremendo um pouco; choque. Mas Lerna não está correndo naquela velocidade quase inumana que forma um borrão e que ele tende a empregar quando uma vida está em jogo, então isso a encoraja.

Lerna diz, de costas para você enquanto reúne alguns itens:

— Suponho que a sua tentativa de negociação não tenha dado certo.

As coisas têm estado estranhas entre vocês dois ultimamente. Ele deixou claro o interesse, e você não respondeu na mesma moeda. Mas tampouco o rejeitou, por isso o embaraço. A certa altura algumas semanas atrás, Alabaster resmungou que você deveria dar logo uns pegas no rapaz, porque você sempre fica mais ranzinza quando está com tesão. Você o chamou de babaca e mudou de assunto, mas, na verdade... Alabaster é o motivo pelo qual você tem pensado mais nisso.

Mas você fica pensando em Alabaster também. Isso é pesar? Você o odiou, o amou, sentiu saudade dele durante anos, obrigou-se a esquecê-lo, o encontrou de novo, o amou de novo, o matou. Esse pesar não parece o que você sentiu em relação a Uche, ou Corundum, ou Innon; aqueles são rasgos em sua alma que ainda

gotejam sangue. A perda de Alabaster é simplesmente... uma diluição de quem você é.

E talvez agora não seja a hora de pensar em sua catastrófica vida amorosa.

— Não — você diz. Você tira a jaqueta. Por baixo, você está vestindo uma blusa sem manga, boa para o calor de Castrima. Lerna se vira outra vez, agacha e começa a limpar o sangue com um chumaço de trapos macios. — Você estava certo. Eu não devia ter ido lá em cima. Eles tinham uma Guardiã.

Lerna transfere o olhar para você, depois de volta para o ferimento.

— Ouvi falar que eles conseguem interromper a orogenia.

— Essa não precisou. Essa faca maldita fez isso por ela. — Você acha que sabe o porquê também, à medida que se lembra de Innon. Aquele Guardiã também não o anulou. Talvez aquela coisa da pele só funcione em roggas cuja orogenia ainda esteja ativa. Era assim que ela queria matar você. Mas Lerna já está de maxilar cerrado, e você decide que talvez ele não precise saber disso.

— Eu não sabia sobre a Guardiã — diz Hoa de maneira inesperada. — Me desculpe.

Você olha para ele.

— Eu não esperava que os comedores de pedra fossem oniscientes.

— Eu disse que ia te proteger. — Sua voz tem menos inflexão agora que ele não está mais na forma de carne. Ou talvez sua voz seja a mesma, e você só a esteja interpretando como sem inflexão porque ele não tem uma linguagem corporal para adorná-la. Apesar disso, ele parece... bravo. Consigo mesmo, talvez.

— Você me protegeu. — Você se contrai quando Lerna começa a colocar uma atadura apertada em torno do seu braço. Sem pontos, no entanto, então isso é bom. — Não que eu *quisesse* ser arrastada para dentro da terra, mas você chegou na hora certa.

— Você foi machucada. — Definitivamente bravo consigo mesmo. Essa é a primeira vez que ele soa aos seus ouvidos como o menino que aparentou ser durante tanto tempo. Será que Hoa é jovem para alguém da espécie dele? De espírito jovem? Talvez tão aberto e sincero que poderia muito bem ser jovem.

— Vou sobreviver. É o que importa.

Ele se cala. Lerna trabalha em silêncio. Entre o ar de reprovação coletiva que os dois exibem, você não consegue deixar de se sentir um pouco culpada.

Mais tarde, você sai do apartamento de Lerna para se dirigir ao Topo Plano, onde Ykka montou seu próprio centro de operações. Alguém trouxe o resto dos divãs do apartamento dela, que os organizou em um tosco semicírculo, basicamente trazendo o conselho para um espaço aberto. Como prova disso, Hjarka se esparrama sobre um dos divãs como de costume, deixando a cabeça apoiada no punho e ocupando a coisa toda de modo que ninguém mais possa se sentar, e Tonkee fica andando de um lado a outro no meio do semicírculo. Há outros por perto, pessoas ansiosas ou entediadas que trouxeram suas próprias cadeiras ou estão sentadas no chão duro do cristal, mas não tantas quanto você esperaria. Há muita atividade sendo realizada por toda a comu, você notou enquanto se dirigia ao Topo Plano: pessoas emplumando flechas em uma câmara pela qual você passa, construindo balestras em outra. No nível térreo, você consegue ver o que parece ser uma aula sobre como manejar uma faca longa: um rapaz esguio está ensinando umas trinta pessoas como dar um golpe por cima e por baixo. Lá em cima, no Mirante Panorâmico, alguns dos Inovadores parecem estar montando o que aparenta ser uma armadilha de derrubar pedras.

Os espectadores, porém, animam-se quando você e Lerna sobem ao Topo Plano; é hilário. Todos sabem que você se ofereceu para ir à superfície dar a resposta de Castrima a Rennanis. Você fez isso em parte para mostrar publicamente que não estava assumindo o controle; Ykka ainda está no comando. Todo mundo parece estar interpretando isso como um sinal de que você pode ser louca, mas pelo menos está do lado deles. Há tanta esperança naqueles olhos! Contudo, ela logo desvanece. O fato de você estar de volta e de haver uma atadura visivelmente manchada de sangue ao redor de um braço não tranquiliza ninguém.

Tonkee está fazendo um discurso inflamado sobre algo. Até mesmo ela está pronta para a batalha, tendo trocado saia por uma calça pantalone, amarrado o cabelo no alto da cabeça, formando um

monte desmazelado de cachos, e prendido duas facas de vidro às coxas. Na verdade, ela parece até formidável. Então, você presta atenção no que ela está dizendo.

— A terceira onda terá que ser o toque mais delicado. A pressão os faz se espalharem, entende? Um diferencial de temperatura deve fazer o vento soprar o suficiente e a pressão do ar cair o suficiente. Mas tem que acontecer *rápido*. E sem tremores. A gente vai perder a floresta de qualquer jeito, mas o tremor vai simplesmente fazê-los escavar. A gente precisa que eles se mexam.

— Eu consigo fazer isso — responde Ykka, embora pareça preocupada. — Pelo menos, consigo fazer parte disso.

— Não, precisa ser feito tudo de uma vez — Tonkee para e a encara, furiosa. — Esse detalhe ferrugento não é negociável. — Então ela vê você e para, transferindo imediatamente o olhar para a atadura no seu braço.

Ykka se vira e arregala os olhos também.

— Droga.

Você chacoalha a cabeça cansadamente.

— Eu concordei que valia a pena tentar. E agora nós sabemos que não dá para argumentar com eles.

Depois você se senta, e as pessoas no Topo Plano se calam enquanto você compartilha as informações que conseguiu colher em sua ida à superfície. Um exército de pessoas excedentes ocupando as casas, uma general chamada Danel, pelo menos uma Guardiã. Acrescentar isso ao que vocês já sabem (comedores de pedra do lado deles, uma cidade inteira com mais deles em algum lugar nos Equatoriais) compõe um cenário desolador. Mas o que vocês não sabem é que é mais alarmante.

— Como eles sabiam da escassez de carne? — Ninguém parece estar usando a revelação do comedor de pedras cinza contra Ykka, ou pelo menos não neste exato momento, embora saibam agora que ela estava escondendo essa informação deles. Chefes devem fazer esse tipo de escolha. — Como estão encontrando os dutos ferrugentos?

— Com pessoas em número suficiente, não é difícil procurar — você começa a sugerir, mas ela a interrompe.

— É sim. A gente vem usando este geodo de uma maneira ou de outra há cinquenta anos. A gente conhece o território... e levamos anos para encontrar aqueles dutos. Um deles está em uma turfeira mais adiante do rio, que fede como carniça e às vezes pega fogo. — Ela se senta mais para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e suspirando. — Como é que eles sequer ficaram sabendo que a gente estava *aqui*? Até mesmo os nossos parceiros comerciais só viram a Castrima-de-cima.

— Talvez eles também tenham orogenes trabalhando com eles — diz Lerna. Depois de passar tantas semanas ouvindo “rogga” a maior parte do tempo, o educado “orogene” dele soa forçado e artificial aos seus ouvidos. — Eles poderiam...

— Não — retruca Ykka. Ela olha para você então. — Castrima é enorme. Quando chegou a essa região, você percebeu um buraco imenso no chão? — Você pisca os olhos, surpresa. Ela concorda com a cabeça antes de você responder, já que a sua cara respondeu tudo. — É, você deveria ter percebido, mas alguma coisa neste lugar meio que... eu não sei. *Desvia* a orogenia. Quando você está dentro dele, é o oposto, claro: o geodo se alimenta de nós para funcionar. Mas, da próxima vez que estiver lá em cima e não estiver quase sendo morta, tente sentir este lugar. Vai entender do que estou falando. — Ela chacoalha a cabeça. — Mesmo que eles tenham roggas de estimação, não deveriam ter descoberto que estávamos aqui.

Hjarka suspira e vira de barriga para cima, murmurando entredentes. Tonkee mostra os dentes, provavelmente um hábito que está pegando de Hjarka.

— Isso não é relevante — diz Tonkee de forma brusca.

— Só porque você não quer ouvir, meu bem — replica Hjarka. — Não quer dizer que esteja errado. Você gosta das coisas organizadas. A vida não é organizada.

— *Você* gosta das coisas bagunçadas.

— Ykka gosta das coisas *explicadas* — diz Ykka de modo enfático.

Tonkee hesita, e Hjarka suspira e fala:

— Não é a primeira vez que eu penso que poderia ter um espião na comu.



Ah, ferrugens. Segue-se um murmúrio e uma movimentação instantâneos entre as pessoas que ouviram. Lerna olha para ela.

— Isso não faz sentido — ele comenta. — nenhum de nós teria razão para trair Castrima. Todos os que foram acolhidos por esta comu não tinham para onde ir.

— Não é verdade. — Hjarka rola para se sentar em uma posição ereta, sorrindo e mostrando os dentes afiados. — Eu poderia ter ido para a comu natal da minha mãe. Ela era Liderança lá antes de ir para a minha comu natal... concorrência demais, e ela queria ser chefe. Eu saí da minha comu porque *não* queria ser chefe depois dela. Comu cheia de idiotas. Mas eu definitivamente não estava planejando viver os meus anos inúteis em um buraco no chão. — Ela olha para Ykka.

Ykka dá um suspiro longo e sofrido.

— Não acredito que você ainda está brava comigo porque não te mandei para as cinzas. Eu te disse, precisava da ajuda.

— Certo. Mas só estou dizendo: eu não teria ficado se você tivesse me perguntando naquela época.

— Você preferia alguma comu equatorial superpovoada com a ilusão de ser o Velho Sanze renascido? — Lerna franze o cenho.

— *Eu* não. — Hjarka encolhe os ombros. — Gosto daqui agora. Mas estou dizendo que outra pessoa poderia preferir Rennanis. O suficiente a ponto de trair a gente em troca de um lugar nela.

— Precisamos encontrar este espião! — grita alguém de perto da ponte de corda.

— Não — você responde então de forma brusca. É a sua voz de professora, e todos se sobressaltam e olham para você. — Danel *disse* que esperava fazer Castrima destruir a si mesma. Não vamos começar nenhuma caçada de roggas aqui. — Isso tem dois significados, mas você não está tentando ser engraçadinha. Você sabe muito bem que a sua voz de professora não é o único motivo pelo qual todos a estão encarando com um desconforto palpável. O espinélio ainda flutua atrás de você, tendo-a seguido desde a superfície.

Ykka esfrega os olhos.

— Você precisa parar de ameaçar as pessoas, Essie. Quero dizer, sei que você cresceu no Fulcro e não conhece uma alternativa

melhor, mas... não é um bom comportamento em comunidade.

Você pisca os olhos, um pouco desconcertada e muito insultada. Mas... ela está certa. As comus sobrevivem por meio de um cuidadoso equilíbrio entre confiança e medo. Sua impaciência está fazendo a balança pender muito para um só lado.

— Tudo bem — você concorda. Todos relaxam um pouco, aliviados por Ykka conseguir acalmar você, e ouvem-se até mesmo algumas risadinhas nervosas. — Mas eu ainda não acho relevante discutir se tem um espião neste exato momento. Se tiver, Rennanis sabe o que sabe. A única coisa que podemos fazer é pensar em um plano que eles não vão prever.

Tonkee aponta para você e olha para Hjarka com um silencioso *Viu?*

Hjarka se senta mais para a frente, colocando uma das mãos em um joelho e encarando todos vocês. Ela não costuma discutir muito (esse era o papel de Cutter), mas você vê teimosia em sua expressão determinada agora.

— Mas saber se o espião ainda está aqui tem uma importância ferrugenta. Boa sorte com a tentativa de impedi-los de prever algo se...

O tumulto começa no Mirante Panorâmico. É difícil de ver do Topo Plano, mas alguém está gritando por Ykka. Ela se levanta de pronto, indo para aquela direção, mas um vulto pequeno, uma das crianças da comu trabalhando como mensageira, vem correndo pelas trilhas para encontrá-la antes mesmo que ela tenha atravessado a ponte principal do Topo Plano.

— Mensagem dos túneis lá de cima! — grita o menino antes mesmo de parar. — Diz que os rennies estão abrindo caminho a marretadas!

Ykka olha para Tonkee. Tonkee aquiesce rapidamente.

— Morat disse que os explosivos estavam preparados.

— Espera, o quê? — você pergunta.

Ykka ignora você. Para a criança, ela fala:

— Diz para eles recuarem e seguirem o plano. Vai. — O menino se vira e sai correndo, embora apenas até certo ponto, de onde ele tem uma linha de visão clara do Mirante Panorâmico: ele ergue uma das mãos, cerra o pulso, e depois o abre, esticando os dedos.

Segue-se uma série de assobios pela comu à medida que esse sinal é retransmitido e muita movimentação à medida que grupos de pessoas se reúnem e se dirigem aos túneis. Você reconhece alguns deles: Costas-fortes e Inovadores. Você não faz ideia do que está acontecendo.

Ykka está surpreendentemente calma quando se vira para encarar você.

— Vou precisar da sua ajuda — ela diz em voz baixa. — Se estão usando martelos, então é uma coisa boa; eles não têm nenhum roggas. Mas destruir os túneis só vai segurá-los por pouco tempo, se estiverem mesmo determinados a vir aqui para baixo. E eu não gosto muito da ideia de ficar encurralada. Você me ajuda a construir um túnel de fuga?

Você recua um pouco, chocada. Destruir os túneis? Mas claro que é a única estratégia que faz sentido. Castrima não pode lutar contra um exército com mais membros, com mais armas e com mais comedores de pedra e Guardiões como aliados.

— O que devemos fazer, fugir?

Ykka encolhe os ombros. Você entende agora por que ela parece tão cansada... não é só o fato de ter que lidar com o fato de que a comu quase se voltou contra os seus roggas, mas o receio pelo futuro.

— É uma contingência. Fiz pessoas carregarem suprimentos críticos para cavernas laterais durante dias. Não podemos carregar tudo, claro, nem mesmo a maior parte. Mas, se agente sair e se esconderem algum lugar... a gente tem um lugar, antes que você pergunte, uma caverna de depósito a alguns quilômetros de distância... então, mesmo se os rennies entrarem, vão encontrar uma comu escura e inútil, e que vai sufocá-los se ficarem por muito tempo. Eles vão pegar o que puderem e vão partir, e talvez a gente possa voltar quando eles tiverem terminado.

É por isso que ela é a chefe: enquanto você esteve envolvida com os seus próprios dramas, Ykka preparou tudo isso. Ainda assim...

— Se tiverem um roggas sequer com eles, o geodo vai funcionar. Será deles. Seremos sem-comu.

— É. Como plano de contingência, é uma desgraça, você tem razão. — Ykka suspira. — É por isso que quero tentar o plano de Tonkee.

Hjarka parece furiosa.

— Pelas ferrugens, eu te *disse* que não quero ser chefe, Yeek.

Ykka revira os olhos.

— Você preferia ser sem-comu? Engole essa.

Você se vira para Tonkee e de volta para ela, sentindo-se completamente perdida.

Tonkee suspira, frustrada, mas se obriga a explicar.

— Orogenia controlada — ela diz. — Rajadas contínuas de resfriamento lento na superfície em um círculo ao redor desta região, mas se fechando, centralizando na comu. Isso vai fazer os fervilhões formarem um enxame. Os outros Inovadores vêm estudando o comportamento deles há semanas. — Ela faz um gesto com os dedos, quem sabe inconscientemente desprezando aquele tipo de pesquisa como inferior. — Deve funcionar. Mas precisa ser feito rápido, por alguém que tenha a precisão e a resistência necessárias. Caso contrário, os insetos simplesmente escavam e entram em hibernação.

De repente, você entende. É monstruoso. E também poderia salvar Castrima. No entanto... você olha para ela. Ykka encolhe os ombros, mas você pensa ver tensão naqueles ombros.

Você nunca entendeu como Ykka faz as coisas que faz com a orogenia. Ela é uma selvagem. Em tese, ela é *capaz* de fazer qualquer coisa que você consegue fazer; um autodidata dedicado poderia, concebivelmente, dominar o básico e depois aperfeiçoá-lo a partir daí. A maioria dos roggas autodidasas simplesmente... não faz isso. Mas você *sensou* Ykka enquanto ela trabalha, e é óbvio que, no Fulcro, ela teria anéis, embora apenas dois ou três. Ela consegue mover um rochedo, não um pedregulho.

E, no entanto. Ela consegue, de alguma maneira, atrair um rogga em um raio de pouco mais de 150 quilômetros ao redor de Castrima. E, no entanto, há o que quer que ela tenha feito com Cutter. E, no entanto, há uma firmeza nela, uma estabilidade e uma implicação de força, embora você não tenha visto nada que as explique, o que faz

— você duvidar de sua avaliação segundo os padrões do Fulcro. Os dois ou três anéis não passam esse tipo de sensamento.

E, no entanto. Orogenia é orogenia; sensapinae são sensapinae. A carne tem seus limites.

— Aquele exército ocupa tanto a Castrima-de-cima como a bacia da floresta — você diz. — Você vai desmaiar antes de conseguir congelar metade de um círculo tão grande assim.

— Talvez.

— Com certeza!

Ykka revira os olhos.

— Eu sei que ferrugens estou fazendo porque já fiz antes. Eu conheço um jeito. Você meio que... — Ela vacila. Você decide que, se conseguirem sobreviver a isso, os roggas de Castrima deveriam começar a tentar criar palavras para as coisas que fazem. Ykka suspira, frustrada consigo mesma, como que ouvindo o seu pensamento. — Talvez seja uma coisa do Fulcro? Quando você corre com outro rogga, mantém todo mundo no mesmo ritmo, você se limita às habilidades do menor, mas usa a resistência do maior...?

Você pisca os olhos... e então um arrepio percorre o seu corpo.

— Pelos fogos da Terra e pencas de ferrugem. Você sabe como fazer... — Alabaster fez isso com você duas vezes, há muito tempo, uma vez para fechar um ponto quente e outra para se salvar de um envenenamento. — ... Escalonamento paralelo?

— É assim que vocês chamam? De todo modo, quando você forma um grupo inteiro trabalhando em paralelo, em uma... corrente, eu conseguia fazer com Cutter e Temell antes... Bom, eu posso fazer isso agora. Usar os outros roggas. Até as crianças podem ajudar. — Ela suspira. Você já adivinhou. — Acontece que a pessoa que mantém os outros juntos... — A parelha de bois, você pensa, lembrando-se de uma longínqua discussão com Alabaster. — ...é a que fica esgotada primeiro. A que tem que, que suportar a... a *fricção* dessa prática. Ou todos da corrente vão simplesmente neutralizar uns aos outros. Não acontece nada.

Fica esgotada. *Morre*.

— Ykka. — Você é cem vezes mais habilidosa, mais precisa do que ela. Você consegue usar os obeliscos.

Ela chacoalha a cabeça, perplexa.

— Você já, ahn, “estabeleceu uma corrente” com alguém antes? Eu te disse: precisa de prática. E você tem outro trabalho a fazer. — O olhar dela é decidido. — Fiquei sabendo que o seu amigo finalmente partiu na enfermaria. Antes de morrer, ele te ensinou o que você precisava saber?

Você desvia o olhar com um amargor na boca porque a prova do seu domínio sobre obeliscos individuais é o fato de tê-lo matado com um. Mas você não chegou mais perto de entender como abrir o Portão. Você não sabe como usar muitos obeliscos juntos.

*Primeiro uma rede, depois o Portão. Não enferruja tudo, Essun.*

Oh, Terra. *Oh, incrível idiota*, você pensa. É para você mesma e, ao mesmo tempo, é um pensamento voltado para Alabaster.

— Me ensina como construir uma... corrente, com você — você pede para Ykka de forma brusca. — Uma rede. Vamos chamar de rede.

Ela franze a testa para você.

— Eu acabei de te dizer...

— É o que ele queria que eu fizesse! Pelas malditas ferrugens escamadas! — Você se vira e começa a andar de um lado para o outro, ao mesmo tempo entusiasmada e horrorizada e furiosa. Todos estão olhando para você. — Não uma rede de orogenia, uma rede... — Todas aquelas vezes que ele fez você estudar os fios de magia no corpo dele, no seu próprio corpo, sentindo como eles se conectam e fluem. — E é claro que ele não podia apenas me *dizer* uma ferrugem dessas, por que ele faria uma coisa tão sensata?

— Essun. — Tonkee está olhando para você de soslaio, com uma expressão preocupada no rosto. — Você está começando a falar como eu.

Você dá risada dela, embora achasse que jamais conseguiria voltar a rir depois do que fez com Bas.

— Alabaster — você diz. — O homem na enfermaria. Meu amigo. Ele era um orogene dez-anéis. Ele também é o homem que fragmentou o continente lá no norte.

Muitos murmúrios desta vez. Tlino, o padeiro, comenta:

— Um rogga *do Fulcro*? Ele era *do Fulcro* e fez isso?

Você o ignora.

— Ele teve seus motivos. — Vingança, e a chance de criar um mundo no qual Coru pudesse viver, mesmo que Coru não estivesse mais vivo. Será que eles precisam saber sobre a Lua? Não, não há tempo, e isso só os deixaria tão confusos quanto você fica com essa bagunça toda. — Eu não entendia como ele tinha feito até agora. “Primeiro uma rede, depois o Portão.” Preciso aprender a fazer o que você está prestes a fazer, Ykka. Você não pode morrer até me ensinar.

Algo sacode o ambiente. É pequeno, em comparação ao poder de um tremor, e localizado. Você e Ykka e quaisquer outros roggas no Topo Plano imediatamente se viram e olham para cima, orientando-se na direção de onde vem. Uma explosão. Alguém detonou explosivos de formato pequeno e destruiu um dos túneis que levam para fora de Castrima. Alguns instantes depois, ouvem-se gritos do Mirante Panorâmico. Você aperta os olhos, espiando naquela direção, e vê um grupo de Costas-fortes — aqueles que estavam protegendo o túnel principal da comu quando você subiu para conversar com Danel e o pessoal de Rennanis — caminhando a passos rápidos até pararem, sem fôlego e com uma expressão ansiosa... e cobertos de poeira. Eles explodiram o túnel enquanto fugiam.

Ykka chacoalha a cabeça e diz:

— Então vamos trabalhar juntas no túnel de fuga. Com sorte, não vamos nos matar no processo.

Ela a chama com um gesto e você a segue e; juntas, vocês meio que andam, meio que trotam para o lado oposto do geodo. Isso acontece por um acordo implícito: instintivamente, vocês duas sabem exatamente onde está o melhor ponto extra para romper. Vocês circundam duas plataformas, atravessam duas pontes e então lá está a parede mais distante do geodo, enterrada em meio a cristais baixos, pequenos demais para abrigar apartamentos. Ótimo.

Ykka ergue as mãos e faz um retângulo, o que confunde você até você sentir a súbita força acentuada da orogenia dela, que perfura a parede do geodo em quatro pontos. É fascinante. Você a observou antes fazendo orogenia, mas esta foi a primeira vez que ela tentou ser precisa em alguma coisa. E... é completamente diferente do que você esperava. Ela não consegue mover um

pedregulho, mas consegue cortar cantos e linhas com tanta perfeição que o resultado final parece feito à máquina. É melhor do que o que você poderia ter feito e, de repente, você se dá conta: talvez ela não fosse capaz de mover um pedregulho porque quem ferrugens precisa mover pedregulhos? Esse é o modo do Fulcro de testar precisão. O modo de Ykka é simplesmente *ser precisa* quando for prático sê-lo. Talvez ela tenha falhado nos seus testes porque eram os testes errados.

Agora ela faz uma pausa e você sensa a “mão” dela estendendo-se até você. Vocês estão em uma plataforma que circunda uma coluna de cristal estreita demais para apartamentos e que, em vez disso, abriga depósitos e uma pequena loja de ferramentas. Foram construídos recentemente, de forma que o corrimão é feito de madeira, e você não gosta muito da ideia de confiar sua vida a ele. Mas você agarra o corrimão e fecha os olhos de qualquer maneira, e projetando-se orogenicamente até a conexão que Ykka oferece.

Ela pega você. Se você não houvesse sido usada para isso por Alabaster, teria entrado em pânico, mas é a mesma coisa que aconteceu naquela época: a orogenia de Ykka meio que se mescla à sua e a consome. Você relaxa e a deixa assumir o controle porque, instantaneamente, você percebe que é mais forte do que ela e poderia, deveria, assumir o controle... mas você é a aprendiz aqui, e ela é a professora. Então você se contém, para aprender.

É mais ou menos uma dança. A orogenia dela é como... um rio com redemoinhos, girando e fluindo segundo um padrão e um ritmo. A sua é mais rápida, mais profunda, mais direta, mais potente, mas ela ajusta você com tanta eficiência que os dois fluxos se unem. Você flui de forma mais lenta e mais frouxa. Ela flui mais rápido, usando a sua profundidade para aumentar a própria força. Por um instante, você abre os olhos e a vê recostando-se contra a coluna de cristal e escorregando para baixo até se agachar na base do cristal para não ter que prestar atenção no próprio corpo enquanto se concentra... e então você está dentro do substrato do cristal do geodo, atravessando a casca e adentrando a rocha que o cerca, fluindo em torno das deformidades e do movimento de rochas antigas e frias. Fluindo com Ykka, com tanta facilidade que você fica surpresa. Alabaster era mais bruto, mas talvez não estivesse



acostumado a fazer essas coisas quando tentou pela primeira vez com você. Ykka já fez isso com outros, e ela é tão boa professora quanto qualquer um que você já teve.

Mas...

Mas. Oh! Você vê com tanta facilidade agora.

Magia. Há fios entrelaçados com o fluxo de Ykka. Dando apoio e catalisando a energia dela onde é mais fraca do que a sua, amenizando a camada de contato entre vocês. De onde está vindo tudo isso? Ela retira da própria rocha, o que é outro prodígio, porque você não havia percebido até agora que há magia *na* rocha. Mas lá está ela, esvoaçando entre as partículas infinitesimais de silício e calcita com tanta facilidade quanto esvoaçava entre as partículas da substância pétrea de Alabaster. Espere. Não. Entre a calcita e a calcita, especificamente, embora toque o silício. Ela está sendo gerada pela calcita, que existe em inclusões de calcário dentro da pedra. Em algum momento há milhões ou bilhões de anos, você imagina, essa região toda estava no fundo de um oceano, talvez de um mar interno. Gerações de vida marinha nasceram e viveram e morreram aqui, depois se acumularam no fundo do oceano, formando camadas e compactando-se. Aquilo que você está vendo são erosões glaciais? Difícil dizer. Você não é geomesta.

Mas o que você entende de repente é: a magia resulta da vida... daquilo que está vivo, ou esteve vivo, ou mesmo aquilo que esteve vivo tantas eras atrás que se transformou em algo diferente. De súbito, essa compreensão faz alguma coisa mudar na sua percepção, e

e

e

Repentinamente você vê: *a rede*. Uma teia de fios prateados entrelaçando a terra, permeando a rocha e até mesmo o magma logo abaixo, dispostos como pedras preciosas entre as florestas, os corais fossilizados e os reservatórios de petróleo. Carregados pelo ar nas teias de saltitantes crias de aranha. Fios nas nuvens, embora tênues, ligados entre microscópicos seres vivos em gotículas de água. Fios que vão até a altura que a sua percepção consegue alcançar, roçando as próprias estrelas.

E onde tocam os obeliscos, os fios se tornam algo completamente diferente. Pois quanto aos obeliscos que flutuam contra o mapa da sua consciência (que de súbito se tornou vasto, quilômetros e quilômetros, você está percebendo com muito mais do que os seus sensapinae agora), cada um plana como a junção de milhares, milhões, *trilhões* de fios. Esse é o poder que os mantém lá no alto. Cada um resplandece em um tom branco prateado em pulsos bruxuleantes; pela Terra Cruel, *é isso que os obeliscos são quando não são reais*. Eles flutuam e bruxuleiam, de sólido para mágico para sólido de novo e, em outro plano de existência, você respira, deslumbrada com a beleza deles.

E então você respira outra vez, quando percebe nas proximidades...

O controle de Ykka puxa você e, tardiamente, você se dá conta de que ela usou o seu poder mesmo enquanto você vagava em meio à epifania. Agora existe um novo túnel inclinado para cima atravessando as camadas de rocha sedimentar e ígnea. Dentro dele, há uma escadaria com degraus amplos e rasos, seguindo direto até em cima, exceto por amplas plataformas regulares. Nada foi escavado para abrir espaço para essas escadas; em vez disso, Ykka simplesmente moldou a rocha, prensando-a contra as paredes e comprimindo-a contra o chão para formar as escadas e usando o aumento da densidade para estabilizar o túnel contra o peso da rocha ao redor dele. Mas ela parou de construir o túnel pouco antes de chegar à superfície, e agora ela solta você da rede (essa palavra de novo). Você pisca os olhos e se volta para ela, entendendo o motivo de imediato.

— Você consegue terminar — diz Ykka. Ela está se levantando da plataforma, batendo na bunda para tirar a poeira. Ela já parece exausta; tentar ajustar as suas flutuações de surpresa deve tê-la cansado. Não vai ser capaz de fazer o que escolheu fazer. Ficaria esgotada antes de alcançar metade do vale.

E agora ela não precisa.

— Não. Eu cuido disso.

Ykka esfrega os olhos.

— Essie.

Você sorri. Pela primeira vez, o apelido não a incomoda. E então você usa o que acabou de aprender com ela, pegando-a do modo como Alabaster um dia fez, pegando os outros roggas da comu também. (Há uma contração coletiva quando você faz isso. Eles estão acostumados quando é Ykka quem faz, mas conhecem uma parelha de bois diferente quando a sensam. Você não ganhou a confiança deles como ela.) Ykka se retesa, mas você não faz nada, só a segura, e agora fica evidente: você de fato consegue fazê-lo.

Depois você torna sua capacidade irrefutável conectando-se ao espinélio. Ele está atrás de você, mas você sensa o momento em que ele para de bruxulear e, em vez disso, emana um silencioso pulso que faz a terra tremer. *Pronto*, você acha que ele está dizendo. Como se falasse.

Ykka arregala os olhos de repente quando sensa como a catálise do obelisco... amplifica? desperta? desperta... a rede de roggas. É porque você está fazendo agora o que Alabaster tentou ensiná-la durante seis meses: usar orogenia e magia juntas de uma maneira que sustente e fortaleça cada uma delas, tornando o todo mais forte. Depois integrar isso a uma rede de orogenes trabalhando em prol de um único objetivo, todos eles mais fortes juntos do que são individualmente, ligados a um obelisco que amplifica seu poder em muitas vezes. É incrível.

Alabaster não conseguiu ensiná-la porque é igual a você: treinado pelo Fulcro e limitado pelo Fulcro, ensinado a pensar no poder apenas em termos de energia e equações e formas geométricas. Ele dominou a magia por conta de quem era, mas não a entendia verdadeiramente. Nem você entende, mesmo agora. Ykka, selvagem como é, sem nada para desaprender, era a chave o tempo todo. Se você não houvesse sido tão arrogante...

Bem. Não. Você não pode dizer que Alabaster estaria vivo. Ele morreu no instante em que usou o Portão do Obelisco para partir o continente ao meio. As queimaduras já o estavam matando; o fato de você ter terminado o processo foi misericórdia. Um dia você vai acreditar nisso.

Ykka pisca os olhos e franze a testa.

— Você está bem?

Ela conhece a magia em você, sente o seu pesar. Você engole o nó que tem na garganta... com cautela, mantendo um rigoroso controle sobre o poder reprimido dentro de si.

— Estou — você mente.

Ykka lhe dirige um olhar de muita cumplicidade. Ela suspira.

— Sabe... se nós duas sobrevivermos a isso, eu tenho um estoque de seredis yumenescense em um dos esconderijos de provisões. Quer ficar bêbada?

O nó na sua garganta parece se desfazer, e você o coloca para fora com uma risada. Seredis é um licor destilado feito com a fruta de mesmo nome que era colhida no sopé das colinas nos arredores de Ymenes. As árvores não cresciam bem nenhum outro lugar, então o estoque de Ykka talvez seja o último seredis em toda a Quietude.

— *Inestimavelmente* bêbada?

— *Desastrosamente* bêbada.

O sorriso dela é um sorriso cansado, mas verdadeiro. Você gosta da ideia.

— Se sobrevivermos a isso. — Mas agora você está bastante certa de que irá. Há poder mais do que suficiente na rede de orogenes e no espinélio. Você tornará Castrima segura para os quietos e para os roggas e para qualquer outra coisa que esteja do seu lado. Ninguém precisa morrer, exceto os seus inimigos.

Com isso, você se vira e ergue as mãos, esticando os dedos à medida que a sua orogenia (e a sua magia) se estende.

Você percebe Castrima... a de cima, a de baixo e tudo o que importa entre elas e abaixo e acima das duas. Agora o exército de Rennanis está diante de você, centenas de pontos de calor e magia no seu mapa mental, alguns aglomerados em casas que não lhes pertencem e o resto aglomerado em torno das bocas dos três túneis que levam à comu subterrânea. Em dois dos túneis, eles atravessaram os rochedos que um dos roggas de Castrima posicionou para vedá-los. Em um deles, rochas desmoronaram sobre a passagem. Alguns soldados estão mortos, seus corpos, esfriando. Outros soldados estão trabalhando para desobstruir o bloqueio. Você percebe que vai levar alguns dias, no mínimo.

Mas, no outro, pelas *ferrugens* escamadas, eles encontraram e desativaram os explosivos. Você sente a acidez do potencial químico não utilizado e o azedume do suor mesclado com sede de sangue; eles estão desobstruindo o caminho até Castrima-de-baixo e percorreram mais da metade do caminho até o Mirante Panorâmico. Em minutos, a primeira leva deles, várias dezenas de Costas-fortes, cheios de facas longas e balestras e fundas e lanças, chegarão às defesas da comu. Mais centenas entram na boca do túnel atrás deles.

Você sabe o que tem que fazer.

Você se afasta dessa perspectiva próxima. Agora a floresta ao redor de Castrima se espalha abaixo de você. Uma visão mais ampla: agora você sente as bordas do platô de Castrima e a depressão adjacente que é a bacia da floresta. Fica óbvio agora que um dia houve um mar aqui, uma geleira antes dele e mais. Ficam óbvios também os nós de luz e fogo que compõem a vida da região, espalhados pela floresta. Há mais deles do que você pensava, embora grande parte esteja hibernando ou escondida ou protegendo-se contra a investida da Estação de outra maneira. Muito brilhantes ao longo do rio: os fervilhões infestam tanto as margens como a maioria do platô e da bacia além dele.

Você começa com o rio então, resfriando delicadamente o solo e o ar e a rocha em toda a extensão do curso d'água. Você faz isso em ondas pulsantes, uma onda e esfria, outra onda e esfria mais um pouco. Você faz a temperatura cair apenas dentro do círculo de frio que está formando, o que faz o vento soprar para dentro, em direção a Castrima. É um incentivo e um alerta: *saíam e vão viver. Fiquem e eu vou congelá-los até a extinção, seus malditos.*

Os fervilhões se mexem. Você os percebe como uma onda de calor reluzente que sai de ninhos subterrâneos e de pilhas de alimento que se formaram na superfície ao redor das muitas vítimas deles... centenas de ninhos, milhões de insetos, você não fazia ideia de que a floresta de Castrima tinha tantos deles. O alerta de Tonkee a respeito da escassez de carne é insignificante e chegou tarde demais; vocês jamais poderiam ter competido com predadores tão bem-sucedidos. Vocês iam ter que se acostumar ao gosto da carne humana de qualquer forma.

Isso é irrelevante. O círculo de frio em torno do território de Castrima está completo, e você direciona a energia para dentro em ondas, empurrando, arrebanhando. Os insetos são *velozes*... e, pelos infernos ferrugentos, eles voam. Você havia se esquecido do estojo que guarda as asas.

E... oh, Terra ardente. De súbito, você fica feliz de poder apenas sentir o que está acontecendo lá em cima, e não ver ou ouvir.

O que você percebe está retratado em pressão e calor e química e magia. Eis aqui um aglomerado vivo e resplandecente de soldados de Rennanis, amontoados dentro de limites de madeira e tijolo, quando um enxame abrasador de fervilhões chega ao local. Através do alicerce da casa você sente batidas de pés, o estrondo de uma porta se fechando, o estrondo posterior de corpos se chocando uns contra os outros e contra o chão. Pequenos tremores de pânico. A figura dos soldados reluz mais no ambiente à medida que os insetos pousam e fazem o seu trabalho, fervendo e fumegando.

Terteis Caçador Castrima não teve sorte; apenas alguns insetos o pegaram, motivo pelo qual ele não morreria disso. Aqui são dezenas de fervilhões por soldado, cobrindo cada pedaço acessível de pele, e isso é misericordioso. Seus inimigos não se debatem por muito tempo, e uma a uma as casas de Castrima-de-cima se acalmam e se silenciam mais uma vez.

(A rede estremece na sua parelha. Nenhum dos outros gosta disso. Você os conduz com firmeza, mantendo-os focados. Não pode haver misericórdia agora.)

Agora os enxames entram no porão, recaindo sobre os soldados reunidos ali, encontrando os túneis escondidos que levam até a Castrima-de-baixo. Você se apoia mais no poder do espinélio aqui, tentando sentir quais das partículas vivas no túnel são soldados de Rennanis e quais são defensores de Castrima. Eles estão em aglomerados, lutando. Você tem que ajudar o seu povo... ah... merda... ferrugenta. Ykka se rebela contra o seu controle e, embora você esteja integrada demais à rede para ouvir o que ela diz em voz alta, você entende.

*Você sabe o que tem que fazer.*

Então você desprende um bloco das paredes e o usa para vedar os túneis. Alguns dos Costas-fortes e dos Inovadores de Castrima estão do lado da vedação onde estão os fervilhões. Alguns dos soldados de Rennanis estão do lado seguro. Ninguém nunca consegue tudo o que quer.

Através da rocha dos túneis, você não consegue deixar de sentir a vibração dos gritos.

Mas, antes que você possa se obrigar a ignorar isso, ouve-se outro grito, mais próximo, uma vibração que você percebe com os tímpanos e não com os sensapinae. Assustada, você começa a desfazer a rede... mas não rápido o suficiente, nem de perto, antes que algo puxe a sua parelha. Que algo a *parta*, fazendo você e todos os outros roggas rolarem uns sobre os outros e neutralizarem as espirais uns dos outros quando saem do alinhamento. Que ferrugens? Alguma coisa soltou duas pessoas do grupo.

Você abre os olhos e se vê estendida na plataforma de madeira, um dos braços dolorosamente torcido debaixo do corpo, o rosto comprimido contra uma caixa de depósito. Sentindo-se confusa e gemendo... seus joelhos estão fracos, ser a parelha é *difícil*... você se soergue.

— Ykka? O que foi... ?

Ouve-se um ruído atrás das caixas. Um arquejo. Um rangido de madeira da plataforma debaixo de você quando alguma coisa incompreensivelmente pesada tensiona os suportes. Um ruído de pedra sendo triturada, tão surpreendentemente alto que você estremece ao mesmo tempo em que se dá conta de que já ouviu esse som antes. Segurando-se à beirada da caixa e ao corrimão de madeira, você se apoia sobre um dos joelhos. É o bastante para você ver:

Hoa, em uma pose que a sua mente denomina, de modo imediato e semiconsciente, de “Guerreiro”, está de pé com um braço estendido. Da mão, pende uma cabeça. Uma cabeça de *comedora de pedra*, o cabelo com um penteado cacheado de madrepérola, o rosto destruído do lábio superior para baixo. O resto da comedora de pedras, do maxilar inferior para baixo, está diante de Hoa, congelado em uma postura que tenta alcançar algo. Você consegue ver parcialmente o rosto de Hoa de lado. O rosto não está se

mexendo nem mastigando, mas há um pálido pó de pedra em seus lábios de mármore preto primorosamente esculpidos. Há um torrão mais ou menos do tamanho de uma mordida no que sobrou da nuca da comedora de pedras. Esse foi o familiar som de pedra triturada.

Um instante depois, os restos da comedora de pedras se *despedaçam*, e você percebe que a posição de Hoa mudou para atravessar o torso com o punho. Depois ele transfere o olhar para você. Ele não engole pelo que você consegue ver, mas, por outro lado, ele não precisa da boca para falar mesmo.

— Os comedores de pedra de Rennanis estão vindo atrás dos orogenes de Castrima.

Oh, Terra Cruel. Você se obriga a levantar, embora se sinta tonta e seus pés vacilem.

— Quantos?

— O suficiente. — Uma piscada, e Hoa virou a cabeça em direção ao Mirante Panorâmico. Você olha e vê uma luta violenta lá... as pessoas de Castrima revidando contra os rennanianos que conseguiram descer pelo túnel. Você avista Danel entre os agressores, precipitando-se com duas facas longas contra dois Costas-fortes enquanto, ali por perto, Esni grita pedindo outra balestra; a dela está emperrada. Ela deixa cair sua arma inútil, puxa uma faca de ágata talhada que cintila sob a luz, e depois se joga em meio à luta contra Danel.

E então sua atenção se concentra em um ponto mais próximo, onde Penty se enroscou em uma ponte de corda. Você vê o porquê: na plataforma de metal atrás dela há outra comedora de pedras estranha, essa de tom inteiramente dourado citrino a não ser pela mica branca em torno dos lábios. Ela está com uma das mãos esticadas, os dedos curvados em um gesto de chamamento. Penty está longe de você, talvez a uns 5 metros, mas você consegue ver lágrimas correndo pelo rosto da garota enquanto ela luta para se libertar das cordas. Uma das mãos está caída. Quebrada.

A mão dela está quebrada. Sua pele toda comicha.

— Hoa.

Ouve-se um baque contra a plataforma de madeira quando ele deixa cair a cabeça da inimiga.

— Essun.



— Preciso ir lá para a superfície rápido. — Você consegue sensá-lo lá em cima, senti-lo com a magia, ameaçador e imenso. Esteve lá esse tempo todo, mas você ficou se esquivando dele. Era demais para o que você precisava antes. É exatamente o que você precisa agora.

— A superfície está infestada, Essie. Não tem nada além de fervilhões. — Ykka apenas se mantém de pé, escorando-se na parede do cristal. Você quer alertá-la que os comedores de pedra podem chegar através do cristal, mas não há tempo. Se você for lenta demais, eles vão pegá-la de qualquer maneira.

Você chacoalha a cabeça e cambaleia até Hoa. Ele não pode vir até você; ele é tão pesado que é de se espantar que a plataforma de madeira não tenha desmoronado ainda. A pose dele mudou outra vez, agora que a comedora de pedras é um monte de pedaços espalhados ao redor dele; agora ele se mexeu para colocar uma das mãos na parede do cristal, embora o resto dele esteja de frente para você. A outra mão está estendida na sua direção, aberta como um gesto de convite. Você se lembra de um dia na margem de um rio, depois que Hoa caiu na lama. Você lhe ofereceu uma mão para ajudá-lo, sem se dar conta de que tinha o peso de ossos de diamante e de antigas histórias não contadas. Ele recusou a ajuda para manter o segredo, e você ficou magoada, embora tenha tentado não ficar.

Agora a mão dele está fria comparada ao calor de Castrima. Sólida... embora não o sente exatamente como pedra, você percebe com um fascínio fugaz. A carne dele tem uma textura estranha. Uma ligeira flexibilidade diante da pressão dos seus dedos. Ele tem digitais. Isso a surpreende.

Então você olha para o rosto dele. Hoa remodelou aquela expressão de frieza que você viu quando ele destruiu a inimiga. Agora há um leve sorriso nos lábios.

— Claro que vou te ajudar — ele diz. Ainda resta tanto do menino nele que você quase sorri de volta.

Não há tempo para analisar isso com mais detalhe porque, de repente, Castrima se torna um borrão branco à sua volta e depois se segue a escuridão, preta de barro. Contudo, a mão de Hoa está segurando a sua, então você não entra em pânico.

Em seguida, você está de pé no pavilhão de Castrima-de-cima, em meio aos mortos e aos moribundos. À sua volta, nas passarelas e nas lajotas do pavilhão jazem os soldados de Rennanis, seus corpos retorcidos, alguns deles impossíveis de ver sob o tapete de insetos, muito poucos ainda rastejando e gritando. A mesa que Danel usou para planejar o ataque está tombada ali por perto; besouros rastejam sobre a superfície. Há aquele cheiro outra vez, de carne na salmoura. O ar rodopia com fervilhões e com a brisa de pressão baixa que você criou.

Um dos insetos dispara em sua direção e você se encolhe. Um instante depois, a mão de Hoa está onde o inseto estava, pingando água quente enquanto o chiado de chaleira da criatura esmagada vai desaparecendo.

— Você deveria criar uma espiral — ele aconselha. Pelas ferrugens escamadas, sim. Você começa a se afastar dele para poder fazer isso com segurança, mas a mão dele aperta a sua de leve. — A orogenia não pode me machucar.

Você tem mais poder à sua disposição do que apenas orogenia, mas ele sabe disso, então tudo bem. Você cria uma espiral alta e estreita ao seu redor, fazendo-a rodopiar com a neve formada pela umidade, e os fervilhões imediatamente começam a se afastar. Talvez eles rastreiem a presa através da temperatura corporal. Tudo isso é irrelevante.

Você ergue os olhos então para o negrume que cobre o céu.

O ônix é diferente de todos os obeliscos que você já viu. A maioria deles não passa de fragmentos: colunas hexagonais ou octogonais de pontas duplas, embora você tenha visto alguns irregulares ou com extremidades rugosas. Este é um cabochão ovoide, descendo lentamente ao seu chamado por entre a camada de nuvens que o escondeu desde a chegada algumas semanas antes. Você consegue estimar suas dimensões, mas, quando se vira para observar a abóbada do céu de Castrima-de-cima, o ônix quase a preenche de norte a sul, desde o horizonte com nuvens cinzentas até o vermelho apagado. Ele não reflete nada e não brilha. Quando você levanta os olhos para vê-lo (é surpreendentemente difícil fazer isso sem se encolher), é apenas pelas nuvens leves ao redor das extremidades que sabe que ele está flutuando lá no alto sobre

Castrima. Olhando para ele, parece mais próximo. Bem em cima de você. Só precisa erguer a mão... mas uma parte de você fica aterrorizada com a ideia de fazer isso.

Ouve-se um baque que chacoalha os estratos quando o espinélio cai até o chão atrás de você, como que em súplica diante dessa coisa maior. Ou talvez aconteça apenas que, com o ônix aqui e atraindo você, puxando você para dentro, puxando você para cima...

... oh, Terra, ele a puxa tão *rápido*...

... não sobra nada em você que possa comandar nenhum outro obelisco. Você não tem nada de que dispor. Você está caindo para cima, voando para dentro de um vácuo que não faz você se mover rápido, mas a *suga*. Você aprendeu com outros obeliscos a se submeter à corrente deles, mas, de imediato, você sabe que não deve fazer isso aqui. O ônix vai engolir você inteira. Mas você também não pode lutar contra ele; isso vai destruí-la.

O melhor que você consegue fazer é alcançar uma espécie de precário equilíbrio, no qual você luta contra o arrastamento e, no entanto, flutua em meio aos seus interstícios. E já há força demais dele em você, tanta força. Você precisa usar esse poder ou, ou, mas não, algo está errado, alguma coisa está escapando a esse equilíbrio, de repente há açoites de luz à sua volta e você percebe que está emaranhada em um trilhão, um quintilhão de fios de magia, e eles estão apertando.

Em outro plano de existência, você grita. Isso foi um erro. *Ele está devorando você*, e é horrível. Alabaster estava errado. Seria melhor deixar os comedores de pedra matarem todos os roggas de Castrima e destruir a comu do que morrer desse jeito. Seria melhor deixar Hoa mastigar cada pedaço seu com aqueles lindos dentes; pelo menos você gosta dele

*o ama*

*a a a a a m a*

Açoites cada vez mais apertados de magia em mil direções. Laços de luz resplandecendo, de repente, contra o preto. *Você vê*. Isso é tão mais amplo do que o seu alcance normal que é quase incompreensível. Você vê a Quietude, o continente inteiro. Você percebe a metade da casca deste lado do planeta, sente um

resquício de cheiro do outro lado. Aquilo é demais... e, pelos fogos da Terra, você é uma tola. Alabaster lhe disse: primeiro uma rede, depois o Portão. Você não pode fazer isso sozinha: você precisa de uma rede menor para amortecer a maior. Sem muito jeito, você procura os orogenes de Castrima outra vez, mas não consegue pegá-los. Há menos deles agora, brilhando e apagando ao mesmo tempo em que você se projeta, e estão apavorados demais até para você reivindicá-los.

Mas ali, bem ao seu lado, há uma pequena montanha de força: Hoa. Você nem tenta sintonizá-lo, pois aquela força é tão estranha e assustadora, mas ele sintoniza você. Estabiliza você. Mantém você firme.

O que permite que você enfim se lembre: *o ônix é a chave.*

A chave abre um portão.

O portão ativa uma rede...

E de repente o ônix pulsa, profundo como o magma e pesado como a terra, ao seu redor.

*Oh, Terra, não uma rede de orogenes, ele quis dizer uma rede de*

O espinélio primeiro, bem ali como ele está. O topázio é o próximo, seu poder reluzente e etéreo entregando-se a você tão facilmente.

O quartzo esfumaçado. O ametista, seu velho amigo, seguindo-a diligentemente desde Tirimo. O kunzita. O jade.

*oh*

O ágata. O jaspe, o opala, o citrino...

Você abre a boca para gritar e não ouve a si mesma,

o rubi o espodumena O ÁGUA-MARINHA O PERIDOTO O

— Isso é demais pra mim! — Você não sabe se está gritando as palavras em sua mente ou em voz alta. — Demais!

A montanha ao seu lado diz:

— Eles precisam de você, Essun.

E tudo entra em foco. Sim. O Portão do Obelisco só abre por um *propósito*.

Lá embaixo. As paredes do geodo. Colunas bruxuleantes de protomagia; aquilo de que Castrima é feita. Você sensa-sente-

conhece os contaminantes dentro de sua estrutura. Aqueles que rastejam sobre sua superfície, você permite.

(Ykka, Penty, todos os outros roggas, os quietos que dependem deles para manter a comu funcionando. Todos eles precisam de você.)

No entanto, há também os que interferem nas treliças do cristal, seguindo pelos seus cordões de matéria e magia, espreitando dentro da rocha ao redor da casca do geodo como parasitas tentando entrar. Eles são montanhas também... Mas não são a *sua* montanha.

“Irritei o rogga errado”, Hoa dissera a respeito do próprio encarceramento. Sim, pelas ferrugens, esses comedores de pedra inimigos irritaram mesmo.

Você grita de novo, mas, desta vez, é esforço, é agressão. PREC e você quebra as treliças e os cordões de magia e os veda segundo o seu próprio padrão. CRAC e você ergue colunas de cristal inteiras para arremessá-las como lanças a fim de pulverizar seus inimigos ali embaixo. Você procura o Homem Cinza, o comedor de pedras que machucou Hoa, mas ele não está entre as montanhas que ameaçam o seu lar. Esses são apenas os subordinados. Tudo bem. Você vai mandar uma mensagem para ele então, escrita no medo deles.

Quando você termina, prendeu pelo menos cinco dos comedores de pedras inimigos em cristais. É fácil de fazer, na verdade, quando são tolos a ponto de tentar transitar dentro deles enquanto você está observando. Eles mudam de fase para atravessar o cristal; você simplesmente os faz mudar de fase de novo, capturando-os como insetos no âmbar. O resto está fugindo.

Alguns fogem para o norte. Inaceitável, e distância não significa nada para você. Você ergue a consciência e a gira e a direciona para baixo de novo, e lá está Rennanis, aninhada em meio à sua treliça de estações de ligação como uma aranha entre suas presas embaladas e secas. O Portão tem como objetivo agir em escala planetária. Para você, canalizar esse poder para baixo e infligir a todos os cidadãos de Rennanis a mesma coisa que fez com a mulher que teria espancado Penty até a morte não é nada. Valentões são valentões. É tão simples torcer o prateado

bruxuleante entre as células deles até tais células ficarem imóveis, sólidas. Pedra. Está feito, e a guerra de Castrima está ganha, no intervalo de uma respiração.

Agora é perigoso. Você está entendendo: manejar o poder dessa rede de obeliscos sem um foco é *tornar-se* o foco dela e morrer. A coisa sensata a se fazer, agora que Castrima está a salvo, seria desmanchar o Portão e romper a conexão antes que ela a destrua.

Mas. Há outras coisas que você quer além da segurança de Castrima.

O Portão é como a orogenia, entende. Sem controle consciente, ele responde a todos os desejos como se fossem o desejo de destruir o mundo. E você não vai controlar isso. Você não é capaz. Esse desejo é uma parte tão quintessencial sua quanto o seu passado ou a sua personalidade defensiva ou o seu coração muitas vezes partido.

Nassun.

A sua consciência gira. Para o sul. Rastreando.

*Nassun.*

Interferência. Dói. O pérola o diamante o

Safira. Ele resiste a ser incorporado à rede do Portão. Você mal havia notado antes, sobrecarregada como estava por dezenas, centenas de obeliscos, mas nota agora porque

NASSUN

É ELA

É a sua filha, é Nassun, você conhece sua imperturbável complexidade como conhece o próprio coração e a própria alma, é *ela, escrita por toda parte nesse obelisco* e você a encontrou, ela está viva.

Com o (seu) objetivo alcançado, o Portão começa automaticamente a se desconectar. Os outros obeliscos se desvinculam; o ônix solta você por último, ainda que com um sopro de fria relutância. Quem sabe da próxima.

E quando o seu corpo cede e se inclina a um lado porque algo de repente tirou o seu equilíbrio, mãos a seguram e a endireitam. Você mal consegue erguer a cabeça. A sensação é a de que o seu corpo está distante, pesado, como a sensação de estar na rocha.

Você não come há horas, mas não sente fome. Você sabe que foi forçada muito além da sua resistência, mas não se sente exausta.

Há montanhas à sua volta.

— Descanse, Essun — diz aquele que você ama. — Vou cuidar de você.

Você concorda com uma cabeça tão pesada quanto uma pedra. Em seguida, novas presenças chamam a sua atenção, e você se obriga a levantar os olhos uma última vez.

Antimony está diante de você, impassível como sempre, mas, não obstante, há algo reconfortante em sua presença. Você sabe instintivamente que ela não é inimiga.

Ao lado dela há outro comedor de pedra: alto, esguio, um tanto desajeitado em sua “vestimenta” drapeada. É inteiramente branco, embora o formato dos traços de seu rosto seja costeiro do leste: boca carnuda e nariz comprido, maçãs do rosto altas e uma escultura perfeita de cabelo crespo. Apenas seus olhos são pretos e, embora eles a observem somente com um ligeiro reconhecimento, com a cintilação perplexa de algo que poderia ser (mas não deveria ser) lembrança... alguma coisa naqueles olhos é familiar.

Que irônico. Esta é a primeira vez que você vê um comedor de pedras feito de alabastro.

E então você some.



*E SE NÃO ESTIVER MORTO?*

— CARTA DE RIDO INOVADOR *DIBARS* PARA A *SÉTIMA UNIVERSIDADE*, ENVIADA POR UM MENSAGEIRO DO *DISTRITANTE* E *COMU DE ALLIA* APÓS O *SOERGUIMENTO DO OBELISCO GRANADA*, RECEBIDA TRÊS MESES DEPOIS DA NOTÍCIA DA DESTRUIÇÃO DE *ALLIA* ESPALHADA VIA TELÉGRAFO.

*REFERÊNCIA DESCONHECIDA.*



## Interlúdio

*Você cai nos meus braços, e eu a levo para um lugar seguro.*

*A segurança é relativa. Você expulsou meus repugnantes irmãos, aqueles da minha espécie que a teriam matado, já que não podem controlá-la. Ao descer até Castrima, porém, e aparecer em um espaço silencioso e familiar, sinto cheiro de ferro no ar, entre o odor de merda e mofo e outros cheiros de carne e fumaça. O ferro é um cheiro de carne também: aquela variedade de ferro contida no sangue. Do lado de fora, há corpos ao longo das passarelas e dos degraus. Há até um corpo dependurado em uma tirolesa. No entanto, a luta quase acabou, por dois motivos. Primeiramente, os invasores perceberam que estão encurralados entre a superfície infestada de insetos e os inimigos, que estão em maior número agora que a maior parte do exército invasor morreu. Aqueles que querem viver se renderam; aqueles que temem uma morte pior se atiraram contra as espadas ou os cristais de Castrima.*

*A segunda coisa que parou a luta é o fato inescapável de que o geodo está muito danificado. Por toda a comu, os cristais que antes brilhavam agora bruxuleiam em pulsos irregulares. Um dos cristais mais compridos se soltou da parede e se quebrou, sua poeira e seus escombros espalhados pelo chão do geodo. No nível térreo, a água quente parou de encher a piscina comunitária, embora às vezes sobrevenha um jorro aleatório. Vários dos cristais da comu estão completamente escuros, mortos, rachados... mas, dentro de*



*cada um, pode-se ver um vulto mais escuro, paralisado e preso. Humanoide.*

*Tolos. É isso o que acontece quando irritam a minha rogga.*

*Eu coloco você em uma cama e me certifico de que haja comida e água por perto. Alimentar você vai ser difícil, agora que me desfiz da capa apressada que vesti para me tornar seu amigo, mas é bastante provável que alguém apareça antes que eu seja forçado a tentar. Estamos no apartamento de Lerna. Coloquei você na cama dele. Ele vai gostar, eu acho. Você vai gostar também, já que quer se sentir humana de novo.*

*Eu não ressinto você por essas conexões. Você precisa delas.*

*(Eu não ressinto você por essas conexões. Você precisa delas.)*

*Mas posiciono você com cuidado, para que fique confortável. E coloco o seu braço em cima das cobertas, de modo que você fique sabendo, assim que acordar, que agora precisa fazer uma escolha.*

*O seu braço direito, que se transformou em uma coisa feita de magia marrom, solidificada e concentrada. Não há crueza aqui: a sua carne é pura, perfeita, sadia. Cada átomo é como deveria ser; a treliça arcana, precisa e forte. Eu a toco uma vez, brevemente, embora meus dedos mal percebam a pressão. Desejo que restou da carne que vesti há tão pouco tempo. Vou superar isso.*

*A sua mão de pedra tem o formato de um punho fechado. Há uma rachadura nas costas da mão, perpendicular aos ossos. Mesmo enquanto a magia a remodelava, você lutou. (Você lutou. Isso é o que você tem que se tornar. Você sempre lutou.)*

*Ah, estou ficando sentimental. A nostalgia de alguns dias na carne já faz eu me esquecer de mim mesmo.*

*Por isso, espero. E horas ou dias depois, quando Lerna retorna ao apartamento, fedendo a sangue de outras pessoas e ao próprio cansaço, ele para de repente ao me ver de guarda na sala de estar.*

*Ele fica parado só por um momento.*

*— Onde está ela?*

*Sim. Ele é digno de você.*

*— No quarto. — Lerna vai para lá de imediato. Não há necessidade de eu segui-lo. Ele vai voltar.*

*Algum tempo depois... minutos ou horas, conheço as palavras, mas elas significam tão pouco... ele volta para a sala de estar, onde*

*eu estou. Senta-se pesadamente e esfrega o rosto.*

*— Ela vai viver — eu digo desnecessariamente.*

*— Vai. — Ele sabe que é um coma e vai cuidar bem de você até que acorde. Um instante depois, ele abaixa as mãos e olha para mim. — Você não, ãhn. — Ele passa a língua pelos lábios. — O braço dela.*

*Sei exatamente o que ele quer dizer.*

*— Não sem a permissão dela.*

*O rosto dele se contorce. Sinto uma ligeira repulsa antes de me lembrar de que, não muito tempo atrás, eu também estava tão constante e umidamente em movimento. Estou feliz que isso tenha terminado.*

*— Que nobre da sua parte — Lerna diz em um tom que provavelmente foi usado com a intenção de insultar.*

*Não mais nobre do que a decisão dele de não comer o seu outro braço. Algumas coisas são mera questão de decência.*

*Algum tempo mais tarde — provavelmente não anos, pois ele não se mexeu, possivelmente horas, pois parece tão cansado —, ele diz:*

*— Não sei o que vamos fazer agora. Castrima está morrendo. — Como que para enfatizar essas palavras, o cristal à nossa volta para de brilhar por um instante, deixando-nos na penumbra desagradavelmente iluminada pela luz de fora do apartamento. Depois a luz volta. Lerna solta o ar, sua respiração impregnada de fobialdeídos. — Somos sem-comu.*

*Não vale a pena salientar que eles também seriam sem-comus se seus inimigos houvessem conseguido matar Essun e os outros orogenes. Ele vai acabar se dando conta, à sua maneira lenta e suada. Mas, já que há uma coisa que ele não sabe, eu a digo em voz alta.*

*— Rennanis está morta — eu falo. — Essun a matou.*

*— O quê?*

*Ele me ouviu. Só não acredita no que ouviu.*

*— Você quer dizer... que ela congelou a cidade? Daqui? Não, ela usou magia, mas a única coisa que importa é:*

*— Todos dentro de seus muros estão mortos agora.*

*Lerna reflete sobre isso durante uma eternidade, ou talvez durante segundos.*

*— Uma cidade equatorial deve ter vastos esconderijos de provisões. O suficiente para durar anos conosco. — Então ele franze as sobrancelhas. — Viajar para lá e trazer tanta mercadoria de volta seria uma grande empreitada.*

*Ele não é burro. Eu reflito sobre o passado enquanto Lerna põe as ideias em ordem. Quando ele arqueja, presto atenção de novo.*

*— Rennanis está vazia. — Ele me encara, depois se levanta, trombando e patinhando pela sala. — Terra Cruel... Hoa, é isso que você quer dizer! Muros intactos, casas intactas, provisões... e com quem ferrugens nós vamos ter que lutar para ficar com essas coisas? Ninguém com bom-senso vai para o norte hoje em dia. Nós poderíamos viver lá.*

*Até que enfim. Eu volto para a minha contemplação ao mesmo tempo em que ele murmura para si mesmo e anda de um lado para o outro e por fim ri em voz alta. Mas então Lerna para, olhando para mim. Ele estreita os olhos, desconfiado.*

*— Você não faz nada por nós — ele diz em voz baixa. — Só por ela. Por que está me contando isso?*

*Moldo meus lábios formando uma curva, e ele cerra o maxilar com repulsa. Eu não deveria ter me dado ao trabalho.*

*— Essun quer um lugar seguro para Nassun — eu respondo.*

*Silêncio, durante talvez uma hora. Ou um instante.*

*— Ela não sabe onde Nassun está.*

*— O Portão dos Obeliscos permite precisão suficiente de percepção.*

*Ele recua. Eu me lembro das palavras de movimentos: recuar, inspirar, engolir, fazer careta.*

*— Pelos fogos da Terra. Então... — Ele fica sério e se vira para olhar para a cortina do quarto.*

*Sim. Quando você acordar, vai querer encontrar sua filha. Observo essa ideia suavizar a expressão no rosto de Lerna, sobrecarregar a tensão dos músculos dele, afrouxar a postura. Não faço ideia do que qualquer uma dessas coisas signifique.*

*— Por quê? — Demora um ano para eu perceber que ele está falando comigo e não consigo mesmo. Entretanto, quando percebo,*

*ele terminou a pergunta. — Por que você fica com ela? Você só... está com fome?*

*Eu resisto ao impulso de esmagar a cabeça dele.*

*— Eu a amo, claro. — Pronto, consegui falar com um tom civilizado.*

*— Claro. — A voz de Lerna ficou débil.*

*Claro.*

*Ele sai então para passar a informação para os outros líderes da comu. Segue-se um século, ou uma semana, de atividade frenética conforme as demais pessoas da comu empacotam coisas e se preparam e reúnem forças para o que sem dúvida será uma viagem longa, extenuante e, para alguns, mortal. Mas elas não têm escolha. A vida é assim em uma Estação.*

*Durma, meu amor. Recupere-se. Vou proteger você e estar do seu lado quando você partir outra vez. Claro. A morte é uma escolha. Vou me certificar de que seja, para você.*

*(Mas não para você.)*



## 20

### *Nassun, facetada*

Mas também...

Eu ouço através da terra. Ouço as reverberações. Quando uma nova chave é talhada, e seus dentes estão enfim cerrados e afiados o bastante para ela poder se conectar aos obeliscos e fazê-los cantar, todos nós ficamos sabendo. Aqueles de nós que... têm esperança... procuram quem canta. Estamos para sempre impedidos de girar a chave nós mesmos, mas podemos influenciar sua direção. Toda vez que um obelisco ressoa, você pode ter certeza de que um de nós está à espreita ali por perto. Nós conversamos. É assim que eu sei.

• • •

Na calada da noite, Nassun acorda. Ainda está escuro nos barracões, então ela toma muito cuidado para não pisar nas tábuas mais barulhentas enquanto põe os sapatos e a jaqueta e atravessa o quarto. Nenhum dos outros se mexe, se é que acordam e se dão conta. Devem achar que ela tem que ir ao banheiro externo.

O exterior está silencioso. O céu começa a clarear com o alvorecer no leste, embora seja mais difícil distinguir agora que as nuvens de cinza engrossaram. Ela vai até o início da trilha que leva colina abaixo e percebe algumas luzes em Jekity. Alguns dos fazendeiros e pescadores estão de pé. Em Lua Encontrada, no entanto, o silêncio impera.

O que é que está cutucando sua mente? A sensação é irritante, *pegajosa*, como se algo estivesse preso no seu cabelo e precisasse ser solto. A sensação fica centralizada nos sensapinae... não. Mais fundo. Isso cutuca a luz em sua espinha, o prateado entre as suas células, os fios que a ligam ao chão e a Lua Encontrada e a Schaffa e ao safira que paira logo acima das nuvens de Jekity, visível vez ou outra, quando o céu se abre um pouco. A irritação está... está... ao norte.

Alguma coisa está acontecendo no norte.

Nassun se vira para seguir a sensação, subindo a colina até o mosaico do tormento e parando no centro dele enquanto o vento faz seus puffs cacheados estremecerem. Aqui em cima, ela consegue ver a floresta que cerca Jekity espalhada à sua frente como um mapa: copas redondas de árvores e ocasionais afloramentos de faixas de basalto. Parte dela consegue perceber forças cambiantes, linhas reverberantes, conexões, amplificação. Mas do quê? Por quê? Algo imenso.

— O que você está percebendo é a abertura do Portão do Obelisco — diz Aço. Ela não fica surpresa de encontrá-lo de repente ao seu lado.

— Mais de um obelisco? — pergunta Nassun, porque é o que ela está sensando. *Muitos* mais.

— Todos os que estão posicionados sobre esta metade do continente. Cem partes do grande mecanismo começando a trabalhar de novo da forma como devem. — A voz de Aço, barítona e surpreendentemente agradável, soa melancólica neste momento. Nassun se vê imaginando a vida dele, o passado, se ele já foi criança como ela. Parece-lhe impossível. — Tanto poder. O próprio núcleo do planeta é canalizado através do Portão... e ela o usa para um propósito tão frívolo. — Um ligeiro suspiro. — Por outro lado, seus criadores originais fizeram o mesmo, eu suponho.

De algum modo, Nassun sabe que Aço está falando de sua mãe com aquele *e/a*. Mamãe está viva, irritada e cheia de um imenso poder.

— Que propósito? — Nassun se obriga a perguntar.

Aço transfere o olhar para Nassun. Ela não especificou dos propósitos de quem está falando: os da mãe ou os daquelas

pessoas antigas que criaram e empregaram os obeliscos pela primeira vez.

— A destruição dos inimigos, claro. Um propósito pequeno e egoísta que parece grandioso no momento... embora tenha consequências.

Nassun reflete sobre o que aprendeu, sentiu, e viu nos sorrisos mortos dos outros dois Guardiões.

— O Pai Terra revidou — ela diz.

— Como uma pessoa revida contra aqueles que procuram escravizá-la. É compreensível, não é?

Nassun fecha os olhos. Sim. É tudo tão compreensível, na verdade, quando ela pensa sobre o assunto. A regra do mundo não é os fortes devorando os fracos, mas os fracos enganando e envenenando e sussurrando nos ouvidos dos fortes até eles se tornarem fracos também. Então tudo são mãos quebradas e fios prateados trançados como cordas, e mões que movem a terra para destruir seus inimigos, mas não conseguem salvar um menininho.

(Menininha.)

Nunca houve ninguém para salvar Nassun. Sua mãe a alertou de que jamais haveria. Se Nassun quiser se livrar do medo algum dia, não terá escolha a não ser forjar essa liberdade para si mesma.

Então ela se vira, devagar, para encarar o pai, que está em silêncio atrás dela.

— Querida — Jija diz. É o tom de voz que ele costuma usar com ela, mas ela sabe que não é sincero. Seus olhos estão tão frios quanto o gelo que ela deixou por toda a casa alguns dias antes. Seu maxilar está cerrado, seu corpo tremendo só um pouquinho. Ela abaixa o olhar para ver seu punho cerrado. Ele contém uma faca... uma faca bonita feita de opala vermelha, a favorita dela entre os trabalhos mais recentes dele. Há uma ligeira iridescência e um brilho suave que disfarçam por completo o corte afiado das pontas talhadas.

— Oi, Papai — ela diz. Ela olha de relance para Aço, que certamente sabe o que Jija pretende. Mas o comedior de pedras cinza não se deu o trabalho de virar das costas para a paisagem da floresta da madrugada ou para o céu ao norte, onde estão acontecendo tantas coisas capazes de mudar a terra.

Muito bem. Ela encara o pai outra vez.

— A Mamãe está viva, Papai.

Se as palavras significam alguma coisa para ele, Jija não demonstra. Ele só fica ali, olhando para ela. Olhando para os olhos dela em particular. Nassun sempre teve os olhos da mãe.

De repente, não importa. Nassun suspira e esfrega o rosto com as mãos, tão cansada quanto o Pai Terra deve estar após tantas eternidades de ódio. O ódio cansa. O niilismo é mais fácil, embora ela não conheça a palavra nem vá conhecê-la por mais alguns anos. Independentemente disso, é o que ela está sentindo: um senso esmagador de falta de sentido em tudo.

— Acho que entendo por que o senhor odeia a gente — ela diz ao pai enquanto deixa os braços caírem ao lado do corpo. — Eu fiz coisas ruins, Papai, como o senhor provavelmente pensou que eu faria. Não sei como *não* fazer essas coisas. É como se todos quisessem que eu fosse ruim, então não tem mais nada que eu possa ser. — Ela hesita, depois diz tudo o que esteve em sua mente há meses, sem ser dito. Ela acha que não vai ter outra chance de falar. — Gostaria que o senhor pudesse me amar de qualquer maneira, mesmo eu sendo ruim.

Mas ela pensa em Schaffa ao dizer isso. Schaffa, que a ama aconteça o que acontecer, como um pai deveria fazer.

Jija apenas continua olhando para ela. Em outra parte em meio ao silêncio, naquele plano de consciência ocupado pela sensuna e por qualquer que seja o nome do sentido dos fios prateados, Nassun sente a mãe desfalecer. Para ser específica, ela sente o esforço da mãe sobre a cambiante e bruxuleante rede de obeliscos cessar de súbito. Não que a rede tenha em algum momento tocado seu safira.

— Sinto muito, Papai — diz Nassun enfim. — Tentei continuar amando o senhor, mas era difícil demais.

Jija é muito maior do que ela. Está armado, ao passo que ela não está. Quando ele se mexe, é com um movimento pesado como uma montanha, com os ombros à frente e todo o seu volume e um lento período de preparação para que se atinja uma velocidade imbatível. Nassun mal chega a pesar 45 kg. Ela não tem chance de verdade.



Mas, no instante em que sente a contração dos músculos do pai, pequenos choques reverberantes contra o chão e o ar, ela orienta sua consciência em direção ao céu em um único comando vibrante.

A transformação do safira é instantânea, causando um abalo no ar que flui para dentro a fim de preencher o vácuo. O som que isso produz é o trovão mais estrondoso que Nassun já ouviu. Jija, no meio de sua arremetida, sobressalta-se e tropeça, olhando para cima. Um instante depois, o safira pousa ruidosamente no chão à frente de Nassun, rachando a pedra central do mosaico do tormento e um raio de quase dois metros do chão ao redor dela.

Não é o safira como ela o viu até agora, embora a similaridade transcenda coisas como formato. Quando ela estende a mão para pegar o cabo da longa faca bruxuleante de pedra azul, ela cai um pouco dentro dele. Para cima, flutuando em meio a facetas líquidas de luz e sombras. Para dentro, para baixo no chão. Para fora, para longe, roçando outras partes do todo que é o Portão. A coisa em sua mão é o mesmo dínamo monstruoso e montanhoso de poder prateado que sempre foi. A mesma ferramenta, só que mais versátil agora.

Jija olha para a coisa, depois para ela. Há um momento em que ele vacila, e Nassun espera. Se ele der meia-volta, correr... ele foi seu pai um dia. Será que ele se lembra dessa época? Ela quer que ele se lembre. Nada entre eles nunca será o mesmo, mas ela quer que aquela época importe.

Não. Jija vem para cima dela outra vez, gritando enquanto ergue a faca.

Então Nassun ergue da terra a lâmina safira. É quase do tamanho do seu corpo, mas não pesa nada: o safira flutua, afinal. Ela também não a ergue, estritamente falando. Ela deseja que a lâmina adote uma nova posição e ela o faz. Na frente dela. Entre ela e Jija, de modo que, quando Jija colocar o corpo no ângulo certo para esfaqueá-la, ele não possa deixar de esbarrar na lâmina. Isso torna fácil, inevitável, que o poder dela o ataque.

Ela não o mata com gelo. Nassun tende a usar o prateado em vez de orogenia na maioria das vezes. A transformação da carne de Jija é mais controlada do que o que ela fez com Eitz, em grande parte porque ela está ciente do que está fazendo, e também porque

está fazendo de propósito. Jija começa a se transformar em pedra, iniciando pelo ponto de contato entre ele e o obelisco.

O que Nassun não leva em consideração é o ímpeto, que leva Jija para a frente mesmo enquanto que ele resvala no safira e se vira e vê o que está acontecendo com a sua carne e começa a puxar o ar para gritar. Ele não termina de inspirar antes de seus pulmões se solidificarem. Contudo, ele termina a arremetida, embora sem equilíbrio e fora de controle, mais uma queda do que um ataque a essa altura. Ainda assim, é uma queda com uma faca como ponto principal, e desse modo a faca atinge o ombro de Nassun. Ele estava mirando o coração.

A dor do golpe é repentina e terrível e interrompe a concentração de Nassun de pronto. Isso é ruim, porque o safira palpita quando sua dor palpita, bruxuleando para o seu estado semirreal e de volta enquanto ela ofega e cambaleia. Isso acaba com Jija em um instante, transformando-o completamente em uma estátua com um cabelo ondulado de quartzo enfumaçado, um rosto redondo vermelho-ocre e roupas de um profundo azul serendibita porque ele usava roupas escuras para perseguir a filha. Entretanto, essa estátua permanece posicionada apenas por um momento... então o bruxuleio do safira envia uma reverberação que o atravessa como quando se bate em um sino. Não é diferente da concussão de força orogênica voltada para dentro que um Guardião certa vez infligiu a um homem chamado Innon.

Jija se estilhaça da mesma maneira, só que não de modo tão úmido. Ele é uma coisa frágil, fraca, malfeita. Os pedaços dele caem imóveis ao redor dos pés de Nassun.

Nassun olha para os restos de seu pai por um longo e doloroso instante. Atrás dela em Lua Encontrada e lá embaixo em Jekity, luzes estão se acendendo nas cabanas. Todos foram despertados pelo trovão do safira. Há confusão, vozes chamando umas às outras, sensamento e sondagens da terra frenéticos.

Aço agora olha para Jija junto com ela.

— Nunca acaba — ele diz. — Nunca melhora.

Nassun não diz nada. As palavras de Aço recaem sobre ela como pedra na água, e ela não reverbera diante delas.

— Você vai acabar matando tudo o que ama. Sua mãe. Schaffa. Todos os seus amigos aqui de Lua Encontrada. Não tem jeito.

Ela fecha os olhos.

— Não tem jeito... a não ser um. — Uma pausa cautelosa, ponderada. — Devo lhe contar qual é?

Schaffa está vindo. Ela pode sensá-lo, seu zunido, o constante tormento da coisa em seu cérebro que ele não a deixa tirar. Schaffa, que a ama.

*Você vai acabar matando tudo o que ama.*

— Sim — ela se obriga a responder. — Me conte como não... — As palavras vão sumindo. Ela não pode dizer machucá-los, porque já machucou tantos. Ela é um monstro. Mas deve haver uma forma de conter a sua monstruosidade. De neutralizar a ameaça da existência de um orogene.

— A Lua está voltando, Nassun. Ela foi perdida há tanto tempo, arremessada como um bumerangue... mas logo trazido de volta. Abandonada à própria sorte, ela passará aqui perto e voará para longe outra vez; já fez isso várias vezes.

Ela consegue ver um dos olhos do pai, fixo em um pedaço do rosto dele, olhando para ela em meio à pilha. Os olhos dele eram verdes, e agora adquiriram uma bela tonalidade de peridoto turvo.

— Mas, com o Portão, você consegue dar um toquezinho nela. Só de leve. Ajustar a tra... — Um som suave de quem acha graça. — A rota que a Lua segue naturalmente. Em vez de deixá-la passar de novo, perdida e errante, trazê-la para casa. O Pai Terra sente saudades dela. Traga-a direto para cá e deixe-os se reunirem.

Oh. Oh. Ela entende, de súbito, por que o Pai Terra quer que ela morra.

— Será uma coisa terrível — diz Aço em voz baixa, quase ao ouvido dela, porque se aproximou mais da menina. — Dará fim às Estações. Dará fim a *todas* as estações. E, além do mais... o que você está sentindo neste exato momento, nunca mais vai precisar sentir. Ninguém jamais vai sofrer de novo.

Nassun se vira para fitar Aço. Ele se inclinou em direção a ela, uma expressão quase cômica de malícia talhada no rosto.

Então Schaffa chega andando a passos largos e para diante deles. Ele está olhando para o corpo arruinado de Jija, e Nassun vê

o momento em que a compreensão do que ele está vendo perpassa o seu rosto, uma onda de choque expressiva. Seu olhar branco-gelo se ergue para fitá-la, e ela examina a expressão dele com um aperto na barriga contra uma dor iminente.

Há apenas angústia no rosto dele. Medo por ela, tristeza em nome dela, inquietação ao ver seu ombro sangrando. Desconfiança e raiva protetora quando ele se concentra em Aço. Ele ainda é o Schaffa dela. A dor por conta de Jija se desvanece dentro do alívio que é a preocupação dele. *Schaffa* vai amá-la não importa no que ela se torne.

Então Nassun se vira para Aço e pede:

— Me conta como trazer a Lua para casa.



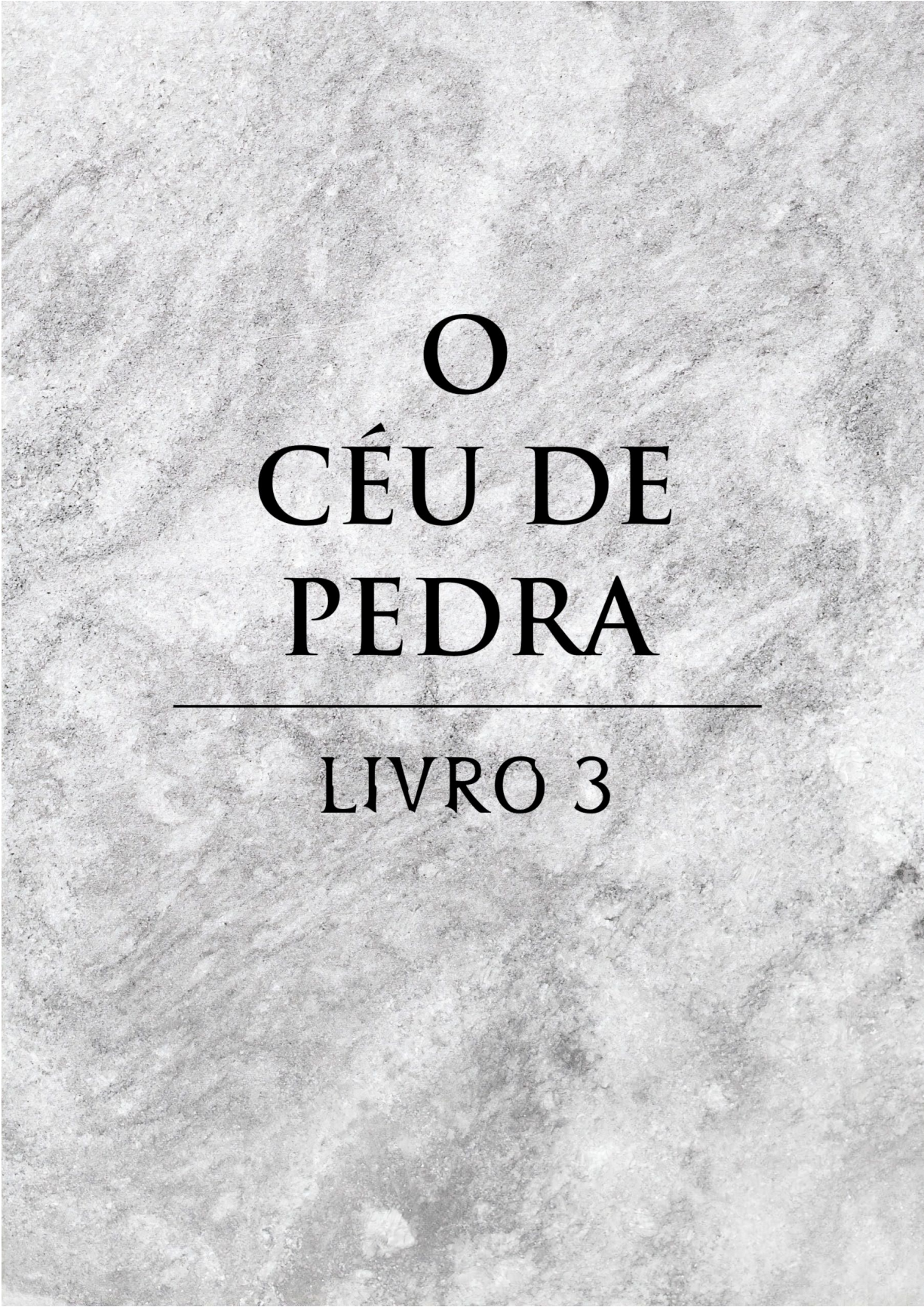


## Agradecimentos

Graças a esta trilogia, eu agora tenho mais respeito por autores que escrevem sagas de milhões de palavras que abrangem cinco, sete, dez volumes ou mais. Quer vocês gostem ou não, quer comemorem ou desanimem sempre que ouvem falar delas, deixem-me dizer uma coisa: contar uma única e longa história intrincada é *difícil*, pessoal. Tenho grande respeito pelos escritores de múltiplos volumes.

E o meu muito obrigada desta vez vai para o chefe do meu emprego fixo, que me arranjou o horário flexível que me permitiu terminar este livro em um ano; à minha agente e ao meu editor, que toleraram minhas reclamações periódicas em ligações telefônicas de uma hora sobre como “está tudo completamente errado”; à publicitária da Orbit, Ellen Wright, que pacientemente tolera o fato de que eu me esqueço, bem, de lhe contar tudo (pare de verificar o e-mail de trabalho no feriado, Ellen); à colega do Altered Fluid e consultora médica Danielle Friedman, que fez uma beta-leitura à velocidade da luz em cima da hora; à colega do Fluid Kris Dikerman, que me ajudou a projetar e construir meu próprio vulcão (longa história); à Word Books, no Brooklyn, que me deixou usar seu espaço de graça para a Festa de Lançamento de Sismologia Mágica; ao meu pai, que me mandou diminuir o ritmo e respirar; às garotas do Octavia Project, que me fizeram lembrar até onde cheguei e para que é tudo isso; ao meu terapeuta; e, por fim, ao meu gato ridículo, King Ozzymandias, que parece ter aperfeiçoado a arte de pular da estante para o meu laptop exatamente quando eu preciso de uma pausa no processo de escrita.



The background of the entire page is a grayscale marbled paper with a complex, swirling pattern of light and dark gray tones, resembling stone or marble.

# O CÉU DE PEDRA

---

LIVRO 3

*Para aqueles que  
sobreviveram: respire. Isso.  
Mais uma vez. Ótimo.  
Você está bem. Mesmo que  
não esteja, você está vivo.  
Isso é uma vitória.*





## Prólogo

### *Sobre mim, quando eu era eu*

O tempo está se esgotando, meu amor. Vamos terminar com o começo do mundo, podemos? Sim. Podemos.

Mas é estranho. Minhas lembranças são como insetos fossilizados em âmbar. Elas raramente estão intactas, essas vidas congeladas, há muito perdidas. Normalmente, há apenas uma perna, algumas escamas de asas, a parte inferior de um tórax... um todo que só pode ser deduzido a partir de fragmentos, todos se unindo em um borrão entre fissuras irregulares e sujas. Quando estreito os olhos e me esforço para lembrar, vejo rostos e acontecimentos que deveriam ter significado para mim, e eles têm, mas... não têm. A pessoa que testemunhou essas coisas em primeira mão fui eu e, no entanto, não foi.

Nessas lembranças, eu era outra pessoa, da mesma forma como a Quietude era outro mundo. Naquela época e agora. Você e você.

Naquela época. Esta terra, naqueles tempos, eram *três* terras — embora estejam quase na mesma posição do que aquilo que um dia será chamado de Quietude. Repetidas Estações acabarão por criar mais gelo nos polos, afundando o mar e tornando as suas “Árticas” e suas “Antárticas” maiores e mais frias. Mas, no passado...

... *agora*, a sensação é de agora quando me lembro daquela época, é disso que estou falando quando digo que é estranho...



*Agora*, neste tempo anterior à Quietude, o extremo norte e o extremo sul são boas terras cultiváveis. O território que você chama de Costeiras do Leste é composto, em sua maior parte, por pântanos e florestas pluviais; ambos vão morrer durante o próximo milênio. Parte das Latmedianas do Norte ainda não existe e será criada por efusões vulcânicas ao longo de vários milhares de anos de erupções descontínuas. A terra que se tornará Palela, a sua cidade natal? Não existe. Levando tudo em consideração, as coisas não estão tão diferentes, mas o *agora* de que estou falando é um nada atrás em termos tectônicos. Quando dizemos que “o mundo acabou”, lembre-se: normalmente é mentira. O planeta está bem.

Do que chamamos este mundo perdido, este *agora*, em vez de Quietude?

Deixe-me contar-lhe primeiro sobre uma cidade.

É uma cidade construída do modo errado segundo os seus padrões. Esta cidade *se espalha* de uma maneira que nenhuma comu moderna se permitiria, uma vez que exigiria muitos quilômetros de muro. E as regiões periféricas mais distantes desta cidade se estenderam ao longo de rios e outros pontos vitais para gerar mais cidades, assim como mofo quando se bifurca e se alastra pelos ricos veios de um meio de cultura. Muito aglomeradas, você pensaria. Territórios muito sobrepostos; estão demasiado conectadas essas cidades que se expandem e geram crias sinuosas, cada uma incapaz de sobreviver caso separada do resto.

Às vezes, elas recebem apelidos locais distintos, essas cidades-filhas, especialmente as que são grandes e antigas o bastante para ter dado origem, por sua vez, a outras cidades-filhas, mas isso é irrelevante. Sua percepção a respeito da forma como elas se conectam está correta: elas têm a mesma infraestrutura, a mesma cultura, os mesmos anseios e os mesmos temores. Cada cidade é como as outras. Todas as cidades são, de fato, uma só cidade. Este mundo, neste agora, tem o mesmo nome da cidade: Syl Anagist.

Você consegue entender de verdade do que uma *nação* é capaz, filha da Quietude? O Velho Sanze inteiro, depois de haver enfim se formado a partir dos fragmentos de centenas de “civilizações” que viveram e morreram entre aquela época e agora, não seria nada em comparação. Apenas uma coleção de comunidades e cidades-

estados paranoicas concordando às vezes em compartilhar em nome da sobrevivência. Ah, as Estações vão reduzir o mundo a sonhos tão mesquinhos.

Aqui, *agora*, os sonhos não têm limites. O povo de Syl Anagist dominou as forças da matéria e da sua composição; moldou a própria vida para adequá-la aos seus caprichos; explorou de tal forma os mistérios do céu que ficou entediado com ele e voltou sua atenção para o solo sob seus pés. E Syl Anagist está viva — e como vive! —, com ruas agitadas e um comércio incessante e edifícios que sua mente teria dificuldade para identificar como tais. Os edifícios têm paredes de celulose estampada que mal podem ser vistas sob as folhas, o musgo, a relva e os amontoados de frutos e tubérculos. De alguns telhados esvoaçam bandeiras que são, na verdade, imensas flores de fungos desdobradas. As ruas fervilham com coisas que você talvez não reconhecesse como veículos, exceto pelo fato de se moverem e transportarem algo. Alguns andam sobre patas como artrópodes maciços. Alguns não passam de plataformas abertas que deslizam sobre amortecedores formados pelo potencial ressonante... ah, mas você não entenderia isso. Deixe-me dizer apenas que esses veículos flutuam alguns centímetros acima do chão. Não são puxados por nenhum animal. Não são alimentados por vapor nem por combustíveis químicos. Se alguma coisa, um animal de estimação ou uma criança talvez, passasse por baixo, ele deixaria temporariamente de existir, depois voltaria à existência do outro lado sem nenhuma interrupção da velocidade nem consciência do ocorrido. Ninguém pensa nisso como uma morte.

Há uma coisa que você reconheceria aqui, algo que se ergue do núcleo da cidade. É o objeto mais alto e mais brilhante em um raio de quilômetros, e todos os trilhos e caminhos se conectam a ele de um jeito ou de outro. É o seu velho amigo, o obelisco ametista. Não flutua, não ainda. Ele repousa, não exatamente imóvel, em seu soquete. De vez em quando, pulsa de um modo que lhe parecerá familiar por conta de Allia. Esta é uma pulsação mais saudável do que aquela: o ametista não está danificado e moribundo como o granada. No entanto, se a similaridade faz você estremecer, essa é uma reação natural.

Por todas as três terras, há um obelisco no centro de cada lugar de Syl Anagist com uma estação de ligação grande o bastante. Salpicam a face do planeta, 256 aranhas em 256 teias, alimentando cada cidade com energia e recebendo-a também.

Teias de vida, se quiser pensar dessa maneira. A vida é sagrada em Syl Anagist, entende?

Agora imagine que em torno da base do ametista há um complexo hexagonal de edifícios. A realidade não se parecerá com nada que você consiga imaginar, mas imagine uma coisa linda e pronto. Concentre sua atenção neste aqui, na borda sudoeste do obelisco — este sobre um monte inclinado. Não existem barras nas janelas de cristal do edifício, mas visualize um tecido entrelaçado e levemente mais escuro sobre o material claro. São nematocistos, um método popular para proteger as janelas contra contato indesejado — embora cubram somente a superfície externa das janelas, para impedir a entrada de intrusos. Eles ferroam, mas não matam (a vida é sagrada em Syl Anagist). Do lado de dentro, não há guardas nas portas. Guardas não são eficazes, de qualquer modo. O Fulcro não foi a primeira instituição a aprender uma verdade eterna da humanidade: guardas não são necessários quando se consegue convencer as pessoas a colaborarem com o próprio confinamento.

Eis aqui uma cela dentro dessa linda prisão.

Não parece uma cela, eu sei. Há um móvel belamente entalhado que você poderia chamar de sofá, embora não tenha encosto e consista de várias peças moduladas. O resto da mobília são coisas comuns que você reconheceria; toda sociedade precisa de mesas e cadeiras. Da janela, pode-se ver um jardim no terraço de um dos outros edifícios. A essa hora do dia, o jardim pega a luz do sol refratada pelo grande cristal; as flores no jardim foram semeadas e cultivadas tendo isso em mente. Uma luz roxa banha as passagens e os canteiros, e as flores parecem brilhar de leve ao reagir com a cor. Algumas dessas minúsculas luzes brancas que provêm das flores piscam de vez em quando, o que faz o canteiro todo parecer cintilar como o céu noturno.

Eis aqui um menino olhando pela janela para essas flores cintilantes.

Ele é um jovem, na verdade. Parece adulto de um modo superficial, sem idade determinada. Ele não é exatamente corpulento, estaria mais para *robusto*. Seu rosto é largo e redondo, a boca é pequena. Ele é todo branco: pele incolor, cabelo incolor, olhos branco-gelo, vestes elegantemente drapeadas. Tudo naquele cômodo é branco: os móveis, os tapetes, o chão sob os tapetes. As paredes são de celulose branqueada, e não nasce nada nelas. Somente da janela sobrevém um pouco de cor. Dentro desse espaço estéril, à luz roxa refletida do lado de fora, o menino é a única coisa claramente viva.

Sim, o menino sou eu. Realmente não me lembro do nome dele, mas me lembro que tinha letras ferrugentas demais. Vamos, portanto, chamá-lo de Houwha — o mesmo som, só que cheio de todo tipo de letras mudas e significados ocultos. É parecido o bastante e adequadamente *simbólico* em relação a...

Ah. Estou mais irritado do que deveria. Fascinante. Vamos mudar para um assunto menos tenso então. Voltemos para o agora que será e para um aqui muito diferente.

O agora é o agora da Quietude, onde as reverberações da Fenda ainda ecoam. O aqui não é a Quietude exatamente, mas uma caverna logo acima da principal câmara de lava de um enorme e antigo vulcão em escudo. O coração do vulcão, se você assim preferir e gostar de metáforas; se não gostar, é uma vesícula profunda, escura e pouco estável em meio a material rochoso que não se resfriou muito nos milhares de anos desde que o Pai Terra o arrotou. Dentro dessa caverna estou eu, parcialmente fundido a um montículo de rocha para poder ficar mais alerta às mínimas perturbações ou às grandes deformações que prenunciam um desmoronamento. Não preciso fazer isso. Poucos processos são mais irrefreáveis do que esse que desencadeei aqui. Independentemente disso, entendo o que é estar sozinho quando você está confuso e com medo, e não sabe ao certo o que vai acontecer na sequência.

Você não está sozinha. Nunca estará, a menos que assim queira. Eu sei o que importa aqui no fim do mundo.

Ah, meu amor. O apocalipse é uma coisa relativa, não é? Quando a terra se fragmenta, é um desastre para a vida que

depende dela... mas não é nada de mais para o Pai Terra. Quando um homem morre, deveria ser devastador para uma menina que um dia o chamou de Pai, mas se torna insignificante quando ela já foi chamada de “monstro” tantas vezes que por fim se identifica como tal. Quando um escravo se rebela, não significa grande coisa para as pessoas que leem sobre isso depois. São apenas palavras ralas em um papel ainda mais ralo que se desgastou devido à fricção da história (“Certo, vocês foram escravos. E daí?”, sussurram eles. Como se não fosse nada). Mas, para as pessoas que sobrevivem a uma rebelião de escravos, tanto os que veem seu domínio como uma certeza até que venham atrás deles sorrateiramente como os que prefeririam ver o mundo arder a ter que suportar um instante a mais “em seus devidos lugares”...

Isso não é uma metáfora, Essun. Não é uma hipérbole. Eu *vi* o mundo arder. Não venha me falar sobre espectadores inocentes, sofrimento imerecido, vingança impiedosa. Quando uma comu é construída sobre uma falha geológica, você culpa os muros quando eles caem inevitavelmente sobre as pessoas que estão do lado de dentro? Não; você culpa quem quer que tenha sido estúpido o bastante de achar que poderia desafiar as leis da natureza para sempre. Pois bem, alguns mundos são construídos sobre uma falha de dor, sustentados por pesadelos. Não lamente quando esses mundos desmoronarem. Fique furiosa com o fato de que estavam condenados desde o momento da construção.

Então agora vou lhe contar o modo como foi destruído aquele mundo, Syl Anagist. Vou lhe contar como acabou ou, pelo menos, como boa parte dele ficou tão devastada a ponto de que ele precisou recomeçar e se reconstruir do zero.

Vou lhe contar como abri o Portão e afastei a Lua, e sorri enquanto fazia isso.

E vou lhe contar tudo sobre como, mais tarde, à medida que o silêncio da morte recaía sobre nós, eu sussurrei:

*Agora.*

*Agora.*

E a Terra respondeu sussurrando:

*Queimem.*



# 1

## *Você, acordando e sonhando*

Agora. Vamos recapitular.

Você é Essun, a única orogene viva em todo o mundo que abriu o Portão do Obelisco. Ninguém esperava que você tivesse esse destino grandioso. Você um dia pertenceu ao Fulcro, mas não foi uma estrela em ascensão como Alabaster. Era uma selvagem, encontrada em seu meio natural, única somente pelo fato de ter mais habilidade inata do que a maioria dos roggas nascidos ao acaso. Embora você tenha começado bem, não demorou a estagnar... sem nenhum motivo aparente. Você simplesmente não tinha ânsia de inovar nem desejo de se sobressair, ou pelo menos era o que lamentavam os seniores a portas fechadas. Rápida demais em se adaptar ao sistema do Fulcro. Isso a limitava.

Ótimo, porque, caso contrário, nunca teriam afrouxado o controle do modo como fizeram, enviando você naquela missão com Alabaster. Pelas ferrugens, *ele* sim os assustava. Você, no entanto... eles achavam que você era uma das seguras, adequadamente domada e treinada para obedecer, que provavelmente não aniquilaria uma cidade de maneira accidental. Ledo engano. Quantas cidades você aniquilou até agora? Uma de forma quase intencional. As outras três foram sem querer, mas isso importa? Não para os mortos.

Às vezes você sonha em desfazer tudo. Sonha que não sintonizou agitadamente o obelisco granada em Allia e, em vez disso, observou crianças negras alegres brincando nas ondas de uma praia de areias negras enquanto sangrava devido à faca negra de um Guardião. Que Antimony não a levou para Meov; em vez disso, você retornou ao Fulcro para dar à luz Corundum. Você o teria perdido após o nascimento e nunca teria tido Innon, mas ambos provavelmente ainda estariam vivos (bom, “vivo” em termos, se houvessem colocado Coru em uma estação de ligação). Mas então você jamais teria vivido em Tirimo, nunca teria parido Uche para que morresse pelos punhos do pai, jamais teria criado Nassun para que fosse raptada pelo pai, jamais teria destruído seus outrora vizinhos quando esses tentaram matá-la. Tantas vidas salvas se ao menos você houvesse permanecido em sua jaula. Ou morrido quando o exigissem.

E aqui, agora, há muito tempo livre das restrições austeras do Fulcro, você se tornou poderosa. Salvou a comunidade de Castrima às custas da própria Castrima; foi um preço baixo a pagar comparado ao sangue que o exército inimigo teria derramado se houvesse vencido. Você alcançou a vitória ao liberar o poder concatenado de um mecanismo arcano mais antigo do que a (sua) história escrita... e, porque você é quem é, enquanto aprendia a dominar esse poder, matou Alabaster Dez-anéis. Você não teve intenção. Na verdade, você suspeita que ele queria que fizesse isso. De qualquer forma, ele está morto, e essa sequência de acontecimentos a tornou a orogene mais poderosa do planeta.

Também significa que a sua posição como a mais poderosa acabou de adquirir um prazo de validade, pois está acontecendo com você o mesmo que aconteceu com Alabaster: você está se transformando em pedra. Só o seu braço direito, por enquanto. Poderia ser pior. *Será* pior da próxima vez que você abrir o Portão, ou mesmo da próxima vez que usar o suficiente daquele estranho elemento prateado não orogênico que Alabaster chamava de magia. Todavia, você não tem escolha. Você tem um trabalho a fazer, cortesia de Alabaster e da sombria facção de comedores de pedra que vêm silenciosamente tentando acabar com a antiga guerra entre a vida e o Pai Terra. O trabalho que você *tem que* fazer é o mais

fácil dos dois, você acha. Pegar a Lua. Vedar a Fenda de Yumenes. Reduzir o atual impacto esperado das Estações de milhares ou milhões de anos para algo viável... algo que dê à raça humana a chance de sobreviver. Acabar com as Quintas Estações para todo o sempre.

O trabalho que você *quer* fazer, porém? Encontrar Nassun, sua filha. Tomá-la de volta do homem que matou seu filho e a arrastou para o outro lado do mundo no meio do apocalipse.

Sobre isso: tenho boas e más notícias. Mas vamos falar sobre Jija em breve.

Você não está em coma de verdade. Você é uma peça chave em um sistema complexo, o qual acabou de sofrer um fluxo inicial imenso e descontrolado, e uma interrupção de emergência sem que houvesse tempo suficiente para arrefecer, gerando assim uma resistência arcanoquímica em estado fásico e uma resposta mutagênica. Você só precisa de tempo para... reiniciar.

Isso significa que você não está inconsciente. É mais semelhante a períodos intermediários entre sono e vigília, se isso fizer sentido. Você está ciente das coisas, até certo ponto. O sacudir do movimento, um empurrão ocasional. Alguém põe comida e água na sua boca. Felizmente, você tem a presença de espírito de mastigar e engolir, porque uma estrada coberta de cinzas durante o fim do mundo é um lugar e um momento ruim para precisar de uma sonda gástrica. Mãos puxam sua roupa e algo envolve o seu quadril: uma fralda. É um momento e um lugar ruim para isso também, mas alguém está disposto a cuidar de você, e você não se importa. Mal nota. Não sente fome nem sede antes de lhe darem esse sustento; suas evacuações não trazem nenhum alívio em particular. A vida resiste. Não precisa que seja *com entusiasmo*.

Por fim, os períodos de vigília e de sono se tornam mais pronunciados. Então, um dia, você abre os olhos e vê o céu nublado lá em cima, sacudindo para a frente e para trás. Galhos esqueléticos ocasionalmente tapam a vista. Você vê a leve sombra de um obelisco em meio às nuvens: é o espinélio, você desconfia. De volta à sua forma e à sua imensidão habituais — ah, e atrás de você como um cãozinho solitário, agora que Alabaster está morto.



Olhar para o céu se torna entediante depois de um tempo, então você vira a cabeça e tenta entender o que está acontecendo. Vultos se movem ao seu redor, oníricos e banhados de um tom branco-acinzentado... não. Não, eles estão vestindo roupas comuns; só estão cobertos de cinzas pálidas. E estão vestindo muitas roupas porque está frio... não o bastante para congelar a água, mas quase. Faz cerca de dois anos que começou a Estação; dois anos sem sol. A Fenda expele muito calor em torno do equador, mas isso não é o suficiente para compensar a falta da gigantesca bola de fogo no céu. No entanto, sem a Fenda, o frio seria pior: bem abaixo do ponto de congelamento, em vez de ligeiramente acima. Pequenos favores.

De qualquer maneira, um dos vultos cobertos de cinzas parece notar que você está acordada ou sentir que se mexeu. Uma cabeça com uma máscara e óculos se vira para examinar você, depois olha para a frente de novo. As duas pessoas à sua frente murmuram algumas palavras, que você não entende. Não são em outra língua. Você só está meio desorientada e as palavras são parcialmente abafadas pelas cinzas caindo ao seu redor.

Alguém fala atrás de você. Você começa a olhar para trás e vê outro rosto com máscara e óculos. Quem são essas pessoas? (Não lhe ocorre sentir medo. Como à fome, você está mais alheia a essas coisas tão viscerais.) Então algo se encaixa em sua mente e você entende. Você está em uma maca, formada apenas por duas varas com algum pedaço de couro amarrado entre elas, sendo carregada por quatro pessoas. Uma delas grita, e outros gritos respondem de mais longe. Muitos gritos. Muitas pessoas.

Outro grito de algum lugar distante, e as pessoas que carregam você param. Elas olham umas para as outras e colocam você no chão com o desembaraço e a homogeneidade de pessoas que praticaram a mesma manobra em uníssono muitas vezes. Você sente a maca pousar sobre uma camada macia e poeirenta de cinzas, que está sobre uma camada mais grossa de cinzas, que se encontra sobre o que poderia ser uma estrada. Então os carregadores que levam sua maca se afastam, abrindo mochilas e se acomodando em um ritual que lhe é familiar devido aos seus meses na estrada. Descanso.

Você conhece esse ritual. Deveria se levantar. Comer alguma coisa. Verificar suas botas em busca de buracos ou pedras, seus pés em busca de feridas que tenham passado despercebidas, certificar-se de que a sua máscara... espere, você está usando uma? Se todos os demais estão... Você deixou a sua na bolsa de fuga, não deixou? Onde está a sua bolsa de fuga?

Surge alguém do meio da escuridão e das cinzas. Uma pessoa alta, corpulenta, com a identidade encoberta pelas roupas e pela máscara, mas recobrada pela familiar textura frisada da cabeleira de cinzas sopradas. Ela agacha ao lado da sua cabeça.

— Hmm. Não morreu, afinal de contas. Acho que perdi aquela aposta com Tonkee.

— Hjarka — você diz. Sua voz sai mais esganiçada do que a dela.

Você supõe, pelo movimento da máscara, que ela esteja sorrindo. É uma sensação estranha a de perceber o sorriso dela sem a habitual ameaça sutil de seus dentes afiados.

— E o seu cérebro parece ainda estar intacto. Pelo menos vou ganhar a aposta que fiz com Ykka. — Ela olha ao redor e berra: — Lerna!

Você tenta erguer uma mão para agarrar a perna da calça dela. A sensação é a de estar tentando mover uma montanha. Você deveria ser capaz de mover montanhas, então se concentra e ergue a mão até a metade do caminho... e aí esquece por que queria chamar a atenção de Hjarka. Então, por sorte, ela passeia com o olhar e vê sua mão erguida. Está tremendo com o esforço. Depois de refletir por um momento, ela suspira e pega a sua mão, depois desvia o olhar, como que constrangida.

— ...conteceu? — você consegue falar.

— Pelas ferrugens, como se eu soubesse. A gente não precisava de outra pausa tão cedo.

Não foi isso que você quis dizer, mas exige esforço demais tentar dizer o resto. Então fica ali, com a mão amparada por uma mulher que claramente preferiria estar fazendo qualquer outra coisa, mas que se sujeitou a demonstrar compaixão por você porque acha que você precisa. Você não precisa, mas fica feliz que ela esteja tentando.

Mais dois vultos saem do meio daquele redemoinho, ambos reconhecidos por sua aparência familiar. Um é um homem pequeno, o outro é uma mulher rechonchuda. O vulto franzino substitui Hjarka ao lado da sua cabeça e agacha para tirar os óculos que você não havia percebido que estava usando.

— Me dá uma pedra — ele pede. É Lerna, dizendo coisas sem sentido.

— O quê? — você pergunta.

Ele não lhe dá ouvidos. Tonkee, a outra pessoa, dá uma cotovelada em Hjarka, que suspira e vasculha a bolsa até encontrar algo pequeno, que entrega a Lerna.

Ele coloca uma mão na sua bochecha enquanto segura o objeto. A coisa começa a brilhar com um tom familiar de luz branca. Você se dá conta de que é um pedaço de cristal de Castrima-de-baixo, brilhando porque é o que eles fazem em contato com orogenes, como Lerna está em contato com você agora. Engenhoso. Usando essa luz, ele se inclina e examina de perto os seus olhos.

— As pupilas estão se contraindo normalmente — murmura para si mesmo. A mão dele pressiona sua bochecha. — Sem febre.

— Me sinto pesada — você fala.

— Você está viva — ele diz, como se isso fosse uma resposta totalmente razoável. Hoje ninguém está falando uma língua que você consiga entender. — Coordenação motora lenta. Cognição...?

Tonkee se inclina.

— Com o que você sonhou?

Faz tanto sentido quanto “me dá uma pedra”, mas você tenta responder porque está desorientada demais para perceber que não deveria.

— Tinha uma cidade — você murmura. Algumas cinzas caem nos seus cílios e você mexe a cabeça. Lerna coloca de volta os óculos. — Ela estava viva. Tinha um obelisco sobre ela. — Sobre ela? — Dentro dela, talvez. Eu acho.

Tonkee concorda com a cabeça.

— Os obeliscos raramente permanecem diretamente acima das habitações humanas. Eu tinha um amigo lá na Sétima que tinha algumas teorias sobre isso. Quer ouvir?

Enfim você se dá conta de que está fazendo uma coisa estúpida: encorajando Tonkee. Você faz um esforço tremendo para olhar feio para ela.

— Não.

Tonkee olha para Lerna.

— As faculdades dela parecem intactas. Um pouco lentas, talvez, mas ela sempre foi lenta.

— É, obrigado por confirmar. — Lerna termina de fazer o que quer que estivesse fazendo e se apoia nos calcanhares. — Quer tentar andar, Essun?

— Não é meio cedo para isso? — pergunta Tonkee. Ela está franzindo a testa, o que é visível mesmo por trás dos óculos. — Por causa do coma e tudo mais.

— Você sabe tão bem quanto eu que Ykka não vai dar muito mais tempo para ela se recuperar. Talvez seja até bom para ela.

Tonkee suspira. Mas é ela quem ajuda quando Lerna passa o braço por debaixo de você, fazendo com que se sente. Até mesmo isso requer um esforço enorme. Você fica zonza assim que se soergue, mas passa. Entretanto, há algo errado. Talvez seja consequência de tudo o que você passou o fato de ter adquirido uma postura permanentemente torta, com seu ombro direito curvando-se e o braço dependurado como se

como se fosse feito de

Ah. Ah.

Os outros param de segurá-la quando você se dá conta do que aconteceu. Eles a observam levantar o ombro até onde consegue para tentar colocar o braço direito mais ao alcance da vista. Está pesado. Seu ombro dói quando você faz isso, embora a maior parte da articulação ainda seja de carne, porque o peso repuxa essa carne. Alguns dos tendões se transformaram, mas ainda estão ligados ao osso vivo. Pedacos ásperos de algo friccionam dentro do que deveria ser uma conexão suave. No entanto, não dói tanto quanto você pensou que doeria depois de ter visto Alabaster passar por isso. Então já é alguma coisa.

O resto do braço, que alguém deixou descoberto tirando as mangas da camisa e da jaqueta, ficou quase irreconhecível. É o seu braço, você tem certeza. Além de ainda estar ligado ao seu corpo,

ele tem o formato que você reconhece... Bem. Não está tão gracioso e delgado quanto costumava ser quando você era jovem. Você ficou corpulenta por algum tempo, o que ainda se vê pelo antebraço flácido e pela pele caída na parte interna do braço. O bíceps está mais definido do que era antes: foram dois anos sobrevivendo. A mão formou um punho cerrado, o braço inteiro está levemente flexionado à altura do cotovelo. Você sempre tendeu a cerrar o punho enquanto fazia algo particularmente difícil com a orogenia.

Mas a pinta, que antes se encontrava no meio do seu antebraço como um minúsculo alvo preto, sumiu. Você não consegue virar o braço para dar uma olhada no cotovelo, então você o toca. Não dá mais para sentir a cicatriz quelóide de quando você caiu, embora ela devesse se sobressair um pouco em relação à pele ao redor. Esse nível de definição minuciosa deu lugar a uma textura que é áspera e densa, como arenito bruto. De forma possivelmente autodestrutiva você o esfrega, mas nenhuma partícula fica grudada nos seus dedos; é mais sólido do que parece. A cor é um tom uniforme de bronze acinzentado que não se parece nada com a sua pele.

— Estava assim quando Hoa trouxe você de volta. — Lerna, que esteve calado enquanto você se examinava. Sua voz é neutra. — Ele disse que precisa da sua permissão para, bom...

Você para de tentar esfregar a sua pele de pedra. Talvez seja choque, talvez o medo tenha lhe tirado a sensação de choque, talvez você realmente não esteja sentindo nada.

— Então me diga — você fala para Lerna. O esforço de sentar-se e o fato de ter visto o seu braço lhe devolveram um pouco da lucidez. — Na sua, ähn, opinião profissional, o que eu deveria fazer em relação a isso?

— Acho que você deveria ou deixar Hoa comer ou deixar a gente tirar com uma marreta.

Você estremece.

— Isso é um pouco exagerado, não acha?

— Acho que uma ferramenta mais leve não ia fazer um arranhão sequer. Você esquece que eu tive tempo suficiente para examinar Alabaster enquanto isso acontecia com ele.

Do nada, ocorre-lhe que era preciso lembrar Alabaster de comer porque ele não sentia mais fome. É irrelevante, mas a lembrança simplesmente lhe ocorre.

— Ele deixava?

— Não dei escolha. Eu precisava saber se era contagioso, já que parecia estar se espalhando pelo corpo dele. Peguei uma amostra uma vez, e ele brincou que Antimony, a comedora de pedras, iria querer de volta.

Não teria sido uma brincadeira. Alabaster sempre sorria quando dizia as verdades mais cruas.

— E você devolveu?

— Pode acreditar que sim. — Lerna passa uma das mãos pelo cabelo, fazendo cair uma pequena pilha de cinzas. — Escuta, a gente tem que enrolar o braço de noite para que o frio da pedra não diminua a temperatura do seu corpo. Você tem estrias no ombro no ponto onde a pedra repuxa a pele. Desconfio que esteja deformando os ossos e distendendo os tendões. A junta não foi feita para carregar esse tipo de peso. — Ele hesita. — A gente pode tirar agora e dar para Hoa depois, se você quiser. Não vejo nenhum motivo para você ter que... que fazer as coisas do jeito dele.

Você acha que Hoa provavelmente está em algum lugar abaixo dos seus pés neste exato momento, ouvindo. Mas Lerna está tratando esse assunto de forma estranhamente escrupulosa. Por quê? Você tem um palpite.

— Não me importo se Hoa comer — você diz. Você não está dizendo isso só por Hoa. Está sendo sincera. — Se vai fazer bem a ele e tirar essa coisa de mim no processo, por que não?

A expressão de Lerna muda. Sua máscara de indiferença cai, e você vê de repente que ele reage com repugnância à ideia de Hoa mastigar o seu braço e arrancá-lo do corpo. Bem, colocada dessa forma, a ideia é de fato repugnante. Porém, é um modo utilitário demais de pensar nisso. Atávico demais. Intimamente, você sabe o que está acontecendo com o seu braço devido às horas que passou entre as células e partículas do corpo de Alabaster enquanto se transformava. Olhando para ele, você quase consegue ver as linhas prateadas de magia realinhando partículas e energias infinitesimais da sua substância, movendo as partes para que sigam a mesma

direção, cuidadosamente formando uma treliça que une tudo. O que quer que seja esse processo, é simplesmente preciso demais, poderoso demais, para ser considerado acaso... ou para que o fato de Hoa ingerir seu braço seja a coisa grotesca que Lerna obviamente considera. Mas você não sabe como explicar isso a ele e não teria energia para tentar mesmo que soubesse.

— Me ajudem a levantar — você diz.

Tonkee pega com cautela o braço de pedra, ajudando a sustentá-lo para ele não mexer nem cair pesadamente e torcer o seu ombro. Ela lança um olhar feio para Lerna até que ele enfim se recompõe e passa o braço pelas suas costas outra vez. Com a ajuda dos dois, você consegue se levantar, mas com muita dificuldade. Ao final, está ofegando com os joelhos visivelmente trêmulos. O sangue do seu corpo não reage bem e você cambaleia por um instante, zozna e atordoada. Lerna diz de imediato:

— Tudo bem, vamos sentá-la de novo.

De repente, você está sentada, sem fôlego desta vez. O braço desajeitadamente repuxa seu ombro até Tonkee ajeitá-lo. Essa coisa realmente pesa muito.

(O seu *braço*. Não “essa coisa”. É o seu braço direito. Você perdeu o braço direito. Você tem consciência disso, e em breve vai lamentar a perda dele, mas, por enquanto, é mais fácil pensar nele como algo que não faz parte do seu corpo. Uma prótese especialmente inútil. Um tumor benigno que precisa ser retirado. Todas essas coisas são verdade. Também é o ferrugento do seu braço.)

Você está sentada, arquejando e desejando que o mundo pare de girar, quando ouve mais alguém se aproximar. Essa pessoa fala alto, grita para todos arrumarem as coisas, que o descanso terminou e eles precisam andar mais uns oito quilômetros antes de escurecer. Ykka. Você ergue a cabeça conforme ela se aproxima e é nesse momento que se dá conta de que pensa nela como amiga. Você constata isso porque é bom ouvir a voz dela e vê-la surgir em meio ao redemoinho de cinzas. Da última vez que a viu, ela corria sério risco de ser assassinada por comedores de pedra hostis que atacavam Castrima-de-baixo. Esse foi um dos motivos pelos quais você contra-atacou, usando os cristais de Castrima-de-baixo para

prender os agressores. Você queria que ela e todos os outros orogenes de Castrima e, por extensão, todo o povo de Castrima que dependia desses orogenes, sobrevivessem.

Então você sorri. É um sorriso fraco. Você está fraca. E é por isso que dói quando Ykka se vira para você e faz uma careta de inconfundível asco.

Ela tirou o tecido que cobria a parte inferior do rosto. Os olhos estão maquiados com sombra cinza e delineador, que nem mesmo o fim do mundo a impedirá de usar, e você não consegue distinguir os olhos dela por trás dos óculos de proteção improvisados: um par que ela envolveu com pano para evitar que as cinzas entrem.

— Merda — ela diz a Hjarka. — Você nunca mais vai parar de falar disso, não é?

Hjarka dá de ombros.

— Não até você pagar a aposta. Não.

Você olha fixamente para Ykka e deixa o leve sorriso hesitante se esvaír do seu rosto.

— Ela provavelmente vai se recuperar por completo — afirma Lerna. Sua voz é neutra e você reconhece, de imediato, um tom de cautela. A cautela de quem anda sobre um tubo de lava. — Mas vai levar alguns dias até conseguir se manter de pé.

Ykka suspira, colocando uma das mãos no quadril e nitidamente selecionando entre várias coisas algo a dizer. O que ela acaba dizendo também tem um tom neutro.

— Tudo bem. Vou prolongar o revezamento de pessoas que carregam a maca. Mas faça com que ela ande o mais rápido possível. Nesta comu, todo mundo precisa se manter de pé por conta própria, ou é deixado para trás. — Ela se vira e sai.

— É — diz Tonkee em voz baixa depois que Ykka saiu de perto. — Ela está um pouco brava com você por destruir o geodo.

Você estremece.

— Por destruir... — Ah. Aprisionar todos aqueles comedores de pedra nos cristais. Sua intenção era salvar todos, mas Castrima era uma máquina, uma máquina muito antiga e muito delicada que você não entendia. E agora vocês estão na superfície, perambulando em meio à chuva de cinzas... — Pelas ferrugens da Terra, eu destruí *mesmo*.



— O quê, você não tinha percebido? — Hjarka ri um pouco. A risada tem um toque de amargor. — Realmente achou que estávamos todos na superfície, toda a comu ferrugenta viajando para o norte em meio às cinzas e ao frio, por *diversão*? — Ela se afasta a passos largos, chacoalhando a cabeça. Ykka não é a única que está irritada com isso.

— Eu não... — Você começa a dizer “eu não tive intenção” e para. Porque você nunca tem intenção e isso nunca faz diferença no final das contas.

Observando seu rosto, Lerna solta um pequeno suspiro.

— Rennanis destruiu a comu, Essun. Não você. — Ele a ajuda a se reclinar outra vez, mas não olha nos seus olhos. — Ela foi perdida no momento em que infestamos Castrima-de-cima com fervilhões para nos salvarmos. Até parece que eles simplesmente iriam embora ou deixariam alguma coisa no território para nós comermos. Se tivéssemos ficado no geodo, estaríamos condenados de um jeito ou de outro.

É verdade, e é perfeitamente racional. A reação de Ykka, contudo, prova que algumas coisas não são racionais. Você não pode tirar a casa e a sensação de segurança das pessoas de uma forma tão súbita e dramática e esperar que levem em consideração uma série de culpados antes de ficarem bravas com isso.

— Eles vão superar. — Você pisca e vê que Lerna está olhando para você agora, com um olhar claro e uma expressão franca. — Se eu consegui, eles conseguem. Só que vai demorar um pouco.

Você não havia percebido que ele *havia superado* Tirimo.

Ele ignora o seu olhar, depois faz um gesto para as quatro pessoas que se reuniram ali por perto. Você já está deitada, então ele aconchega o braço de pedra ao seu lado, certificando-se de que esteja coberto. Os maqueiros recomeçam seu trabalho e você tem que reprimir a sua orogenia, a qual — agora que você está acordada — insiste em reagir a cada movimento brusco como se fosse um tremor. A cabeça de Tonkee surge no seu campo de visão quando eles começam a carregá-la.

— Ei, vai ficar tudo bem. Um monte de gente me odeia.

Isso não é nem um pouco reconfortante. Você também fica frustrada por se importar, e porque os outros conseguem notar que

se importa. Você costumava ter um coração tão duro.

Mas, de repente, sabe por que não tem.

— Nassun — você diz a Tonkee.

— O quê?

— Nassun. Eu sei onde ela está, Tonkee. — Você tenta erguer a mão direita para pegar a dela quando uma sensação semelhante a dor e oscilação perpassa o seu ombro. Você ouve um zumbido. Não dói, mas você se amaldiçoa internamente por ter esquecido. — Preciso ir encontrá-la.

Tonkee lança um olhar aos maqueiros e depois na direção para onde Ykka foi.

— Fale mais baixo.

— O quê? — Ykka sabe muito bem que você vai querer ir ao encontro de sua filha. Essa foi praticamente a primeira coisa que disse a ela.

— Se quiser ser jogada na beira desta estrada ferrugenta, continue falando.

Isso, junto com o esforço contínuo de reprimir sua orogenia, faz você se calar. Ah. Então Ykka está brava *neste nível*.

As cinzas continuam caindo, tampando enfim os seus olhos porque você não tem energia para tirá-las. Na penumbra cinzenta que se forma, a necessidade de recuperação do seu corpo ganha prioridade: você volta a dormir. Quando acorda e tira as cinzas do rosto de novo, é porque a colocaram no chão outra vez e há uma pedra ou um galho ou alguma coisa cutucando a região lombar. Você se esforça para se erguer apoiada em um cotovelo e dessa vez é mais fácil, embora ainda não consiga fazer muito mais do que isso.

Caiu a noite. Várias dezenas de pessoas estão se acomodando sobre algum tipo de afloramento rochoso em meio a um aglomerado irregular de árvores que não chega exatamente a ser uma floresta. Esse afloramento lhe parece familiar por conta das suas explorações orogênicas dos arredores de Castrima e ajuda você a se localizar: um ponto de elevação tectônica recente que fica pouco mais de 250 quilômetros ao norte do geodo de Castrima. Isso revela que a viagem deve ter começado apenas alguns dias antes, uma vez que um grupo grande não consegue andar muito rápido, e só há

um lugar para onde vocês poderiam estar indo, se estão se dirigindo para o norte. Rennanis. De alguma maneira, todos devem estar sabendo que ela agora está vazia e habitável. Ou talvez apenas esperem que esteja e não tenham mais nenhuma esperança à qual se agarrar. Bom, pelo menos nesse quesito, você pode tranquilizá-los... se lhe derem ouvidos.

As pessoas à sua volta estão organizando círculos ao redor de fogueiras, espetos de carne, latrinas. Em alguns pontos espalhados por todo o acampamento, pequenas pilhas de cristais de Castrima quebrados e grumosos fornecem uma iluminação adicional. É bom saber que ainda deve haver orogenes suficientes entre eles para mantê-los funcionando. Parte das atividades não funcionam tão bem quando se trata de algo com que as pessoas não estão acostumadas, mas, em sua maior parte, estão bem organizadas. O fato de Castrima ter uma boa quantidade de membros que sabem viver na estrada está se mostrando uma vantagem. Os maqueiros, contudo, deixaram-na onde a colocaram e, se alguém vai fazer uma fogueira para você ou trazer-lhe comida, ainda não começou a fazer isso. Você avista Lerna agachado no meio de um pequeno grupo de pessoas que também estão inclinadas, mas ele está ocupado. Ah, sim. Deve ter havido muitos feridos depois que os soldados de Rennanis entraram no geodo.

Bem, você não precisa de uma fogueira e não está com fome, então a indiferença dos outros não a incomoda no momento, exceto emocionalmente. O que a incomoda é que a sua bolsa de fuga sumiu. Você atravessou a Quietude carregando aquela coisa, guardou seus antigos anéis de classificação nela, até mesmo salvou-a de queimar até virar pó quando um comedor de pedra passou por uma transformação nos seus aposentos. Não havia muita coisa nela que ainda tivesse importância para você, mas a bolsa em si tem certo valor sentimental a esta altura.

Bom. Todos perderam algo.

De repente, uma montanha pesa na percepção que você tem das proximidades. Apesar de tudo, você percebe que está sorrindo.

— Estava me perguntando quando você apareceria.

Hoa está ao seu lado. Ainda choca vê-lo assim: um adulto de estatura mediana em vez de uma criança pequena, mármore preto

marcado por veios em vez de carne branca. Mas, de algum modo, é fácil percebê-lo como a mesma pessoa — o mesmo formato do rosto, os mesmos olhos branco-gelo marcantes, a mesma estranheza inefável, o mesmo cheiro de devaneio que espreita —, como o Hoa que você conheceu no último ano. O que foi que mudou para um comedor de pedra não lhe parecer mais estranho? Nele, somente coisas superficiais. Em você, tudo.

— Como se sente? — ele pergunta.

— Melhor. — O braço repuxa quando você se vira para olhar para ele, um lembrete constante do contrato tácito entre vocês. — Foi você quem contou a eles sobre Rennanis?

— Foi. E estou guiando-os até lá.

— Você?

— Até onde Ykka dá ouvidos. Acho que ela prefere os comedores de pedra dela como ameaças silenciosas em vez de aliados ativos.

Isso faz você soltar uma risada cansada. Mas.

— Você é um aliado, Hoa?

— Não deles. Mas Ykka entende isso também.

Claro. Esse provavelmente é o motivo pelo qual você ainda está viva. Enquanto Ykka mantiver você segura e alimentada, Hoa ajudará. Você está na estrada novamente e tudo voltou a se resumir a transações ferrugentas. A comu que era Castrima continua viva, mas não é mais uma comunidade de verdade, só um grupo de viajantes que pensam da mesma forma e colaboram para sobreviver. Talvez volte a se tornar uma comu de verdade depois, quando tiver outro lar para defender, mas, por enquanto, você entende por que Ykka está brava. Algo belo e perfeito se perdeu.

Bem. Você olha para si mesma. Não está mais em perfeito estado, mas o que restou de você pode se fortalecer; em breve, terá condições de ir atrás de Nassun. Mas uma coisa de cada vez.

— Vamos fazer aquilo mesmo?

Hoa não fala por um momento.

— Você tem certeza?

— Esse braço não me ajuda em nada, não como está.

Ouve-se o mais leve dos sons. Pedra raspando em pedra, lenta e inexoravelmente. Uma mão muito pesada vem pousar sobre o seu

ombro transformado pela metade. Você tem a sensação de que, apesar do peso, é um toque delicado pelos padrões dos comedores de pedra. Hoa está sendo cuidadoso com você.

— Não aqui — ele diz e arrasta você para dentro da terra. Dura só um instante. Ele sempre faz essas viagens pela terra com rapidez, provavelmente porque, se fossem mais longas, seria difícil respirar... e manter-se sã. Desta vez, não passa de uma sensação borrada de movimento, um lampejo de escuridão, um cheiro de argila mais forte do que as cinzas acres. Depois, você está em cima de outro afloramento rochoso; provavelmente o mesmo sobre o qual o resto de Castrima está se acomodando, apenas distante do acampamento. Não há fogueiras aqui; a única luz é o reflexo róseo da Fenda nas grossas nuvens lá no alto. Seus olhos se adaptam rápido, embora haja pouco para ver exceto pedras e sombras de árvores próximas. E uma silhueta humana, que agora está agachada ao seu lado.

Hoa segura o seu braço de pedra nas mãos com delicadeza, quase com reverência. Mesmo sem desejar, você sente a solenidade do momento. E por que não deveria ser solene? Este é o sacrifício exigido pelos obeliscos. É o quilo de carne que você deve pagar pela dívida de sangue de sua filha.

— Isto não é o que você imagina ser — diz Hoa e, por um instante, você fica preocupada que ele seja capaz de ler a sua mente. É mais provável que isso se deva ao fato de que ele é literalmente tão velho quanto aquelas colinas e que consegue ler a expressão no seu rosto.

— Você vê o que se perdeu em nós, mas nós ganhamos também. Isto não é a coisa feia que parece ser.

Parece que ele vai comer o seu braço. Você não tem nenhum problema com isso, mas quer entender.

— O que é então? Por que... — Você chacoalha a cabeça, sem saber muito bem que pergunta fazer. Talvez o *porquê* não importe. Talvez você não possa entender. Talvez não seja para você entender.

— Não é sustento. Nós só precisamos da vida para viver.

A última parte não fez sentido, então você se agarra à primeira.

— Se não é sustento, então...?

Hoa se move devagar. Eles não fazem isso com frequência, os comedores de pedra. O movimento é a coisa que enfatiza sua natureza incomum, tão semelhante à humanidade e, no entanto, tão radicalmente diferente. Seria mais fácil se eles fossem mais estranhos. Quando se movem dessa maneira, você consegue ver o que foram um dia, e saber disso é uma ameaça e um alerta para tudo o que há de humano dentro de você.

E entretanto. *Você vê o que se perdeu em nós, mas nós ganhamos também.*

Ele ergue a sua mão com ambas as mãos dele, uma posicionada sob o seu cotovelo, os dedos ligeiramente apoiados sob o seu punho fechado e rachado. Devagar, devagar. Não machuca o seu ombro desse jeito. A meio caminho do rosto, ele mexe a mão que estava sob o seu cotovelo, movendo-a para envolver a parte de baixo do seu braço. A pedra dele desliza contra a sua com um som leve de atrito. É surpreendentemente sensual, muito embora você não sinta nada.

Depois, seu punho repousa contra os lábios dele. Os lábios não se mexem quando ele pergunta, de dentro do peito:

— Está com medo?

Você pensa sobre o assunto por um longo instante. Não deveria estar? Mas...

— Não.

— Ótimo — ele responde. — Eu faço isso por você, Essun. É tudo por você. Você acredita?

Você não sabe a princípio. Em um impulso, você ergue a mão boa; dedos macios contra a bochecha dura, fria e polida dele. É difícil vê-lo, pedra negra contra o escuro, mas seu polegar encontra as sobrancelhas dele e localiza o nariz, que é mais comprido na forma adulta. Ele lhe disse certa vez que pensa em si mesmo como humano, apesar do corpo estranho. Só agora você se dá conta de que escolheu vê-lo como humano também. Isso transforma esse ato em outra coisa que não um ato predatório. Você não sabe ao certo em quê, mas... parece um presente.

— Sim — você responde. — Eu acredito em você.

A boca dele se abre. Mais e mais, mais do que qualquer boca humana poderia se abrir. Houve um tempo em que você se

preocupou pensando que a boca dele era pequena demais; agora é grande o suficiente para caber um punho. E que dentes ele tem, pequenos e homogêneos e claros como diamantes, brilhando lindamente à luz vermelha do anoitecer. Só existe escuridão além daqueles dentes.

Você fecha os olhos.



ELA ESTAVA DE MAU HUMOR. A IDADE AVANÇADA, UM DOS FILHOS DELA ME CONTOU. *ELA* DISSE QUE ERA APENAS O ESTRESSE DE TENTAR ALERTAR PESSOAS QUE NÃO QUERIAM ESCUTAR QUE TEMPOS DIFÍCEIS ESTAVAM POR VIR.

NÃO ERA MAU HUMOR, ERA O PRIVILÉGIO QUE A IDADE LHE DERA: DEIXAR DE LADO A MENTIRA DA BOA EDUCAÇÃO.

— NÃO EXISTE UM VILÃO NESTA HISTÓRIA — ELA FALOU. ESTÁVAMOS SENTADOS NA CÚPULA DO JARDIM, QUE SÓ ERA UMA CÚPULA PORQUE ELA INSISTIU. OS CÉTICOS DE SYL AINDA ALEGAM QUE NÃO HÁ PROVAS DE QUE AS COISAS ACONTECERÃO DA FORMA COMO DISSE, MAS ELA NUNCA SE ENGANOU EM UMA DE SUAS PREMONIÇÕES, E ELA É MAIS SYL DO QUE ELES, ENTÃO...

ELA ESTAVA BEBENDO SEF, COMO QUE PARA MARCAR A VERDADE COM ELEMENTOS QUÍMICOS.

— NÃO EXISTE NENHUM MAL PARA APONTAR, UM ÚNICO MOMENTO EM QUE TUDO MUDOU — ELA CONTINUOU. — AS COISAS ESTAVAM RUINS E DEPOIS FICARAM PÉSSIMAS E DEPOIS MELHORARAM E DEPOIS FICARAM RUINS DE NOVO, E ENTÃO ELAS ACONTECERAM OUTRA VEZ, E MAIS OUTRA, PORQUE NINGUÉM IMPEDIU. AS COISAS PODEM SER... AJUSTADAS. PROLONGUE A MELHOR PARTE, PREVEJA ENCURTE O QUE FOR PÉSSIMO. ÀS VEZES, EVITE O PÉSSIMO ACEITANDO O QUE É APENAS RUIM. EU DESISTI DE TENTAR DETER VOCÊS. SÓ ENSINEI OS MEUS FILHOS A LEMBRAR E A APRENDER E A SOBREVIVER... ATÉ ALGUÉM ENFIM ROMPER O CÍRCULO DE UMA VEZ POR TODAS.

EU ESTAVA CONFUSO.

— A SENHORA ESTÁ FALANDO DA DESTRUIÇÃO PELO FOGO? — ERA SOBRE ISSO QUE EU TINHA VINDO FALAR, AFINAL. CEM ANOS, ELA PREVIRA, CINQUENTA ANOS ATRÁS. O QUE MAIS IMPORTAVA?

ELA APENAS SORRIU.

— *ENTREVISTA TRANSCRITA, TRADUZIDA PELO CONSTRUTOR DE OBELISCOS C. ENCONTRADA NA RUÍNA DE TAPITA PLATEAU N. 723 POR SHINASH INOVADOR DIBARS. DATA DESCONHECIDA, TRANSCRITOR DESCONHECIDO. ESPECULAÇÃO: A PRIMEIRA SABEDORISTA? PESSOAL: BAS, VOCÊ TINHA QUE VER ESTE LUGAR. TESOUROS DA HISTÓRIA EM TODA PARTE, A MAIORIA DELES DANIFICADA DE MAIS PARA SE DECIFRAR, MAS AINDA ASSIM... QUERIA QUE VOCÊ ESTIVESSE AQUI.*





## 2

### *Nassun sente vontade de perder as estribeiras*

Nassun está ao lado do corpo do pai, se é que se pode chamar um monte de joias quebradas de corpo. Ela cambaleia um pouco, zonzinha porque a ferida no ombro — onde o pai a esfaqueou — sangra abundantemente. A facada fora resultado de uma escolha impossível que ele exigiu dela: ser filha dele ou ser orogene. Ela recusou-se a cometer suicídio existencial. Ele se recusou a permitir a sobrevivência de um orogene. Não houve maldade em nenhum dos dois no momento final, apenas a cruel violência do inevitável.

De um lado desse cenário está Schaffa, o Guardião de Nassun, que olha para o que restou de Jija Resistente Jekity em um misto de admiração e fria satisfação. Do outro lado de Nassun está Aço, seu comedor de pedra. É apropriado chamá-lo assim agora, de seu, porque ele veio no momento em que ela precisava... não para ajudar, isso nunca, mas para lhe dar algo, não obstante. O que ele oferece, e o que ela enfim percebe que precisa ter, é um *propósito*. Nem mesmo Schaffa lhe deu isso, mas é porque Schaffa a ama incondicionalmente. Ela precisa desse amor também, ah, como precisa, mas neste instante, em que seu coração foi completamente partido, em que seus pensamentos estão no menor grau de concentração, ela anseia por algo mais... concreto.

Ela terá a concretude que deseja. Lutará por ela e matará por ela porque teve que fazê-lo repetidas vezes e tornou-se um hábito

agora e, se tiver êxito, morrerá por ela. Afinal, ela é filha de sua mãe — e só as pessoas que acreditam ter um futuro temem a morte.

Na mão boa de Nassun vibra um fragmento de cristal cônico de quase um metro, de um azul profundo e primorosamente facetado, embora com algumas ligeiras deformações perto da base que deram origem a algo semelhante a uma empunhadura. De vez em quando, essa estranha faca longa passa para um estado translúcido, intangível, duvidosamente real. Ela é muito real: somente a atenção de Nassun é que impede a coisa em suas mãos de transformá-la em pedra colorida do modo como transformou seu pai. Ela tem medo do que poderia acontecer se desmaiasse devido à perda de sangue, então gostaria muito de mandar o safira de volta para o céu para ele retomar seu formato padrão e seu tamanho imenso... mas não pode fazer isso. Ainda não.

Ali, perto do dormitório, estão os dois motivos: Umber e Nida, os outros dois Guardiões de Lua Encontrada. Eles a estão observando e, quando o olhar dela pousa sobre eles, há uma centelha nos ramos entrelaçados de prateado que fluem entre os dois. Nenhuma troca de palavras ou olhares, apenas essa silenciosa comunhão que teria sido imperceptível se Nassun não fosse quem ela é. Sob cada um dos Guardiões, delicadas cordas prateadas sobem do solo, entram pelos pés, conectadas pelo lampejo de nervos e veias em seus corpos, e seguem até os fragmentos de ferro inseridos em seus cérebros. Essas cordas semelhantes a raízes primárias sempre estiveram lá, mas talvez seja a tensão do momento que faça Nassun perceber enfim o quanto essas linhas de luz são *espessas* em cada Guardião — muito mais espessas do que aquela que liga o solo a Schaffa. E por fim ela entende o que isso significa: Umber e Nida são apenas fantoches de uma vontade maior. Nassun tentou acreditar que fossem melhores do que isso, que fossem independentes, mas aqui, agora, com o safira nas mãos e o pai morto a seus pés... algumas maturações não podem esperar uma estação mais conveniente.

Então Nassun crava uma espiral bem funda na terra porque sabe que Umber e Nida vão sensá-la. É uma distração; ela não precisa do poder da terra e desconfia que saibam disso. No entanto, eles reagem, Umber descruzando os braços e Nida endireitando-se do

parapeito da varanda onde estava encostada. Schaffa reage também, transferindo o olhar para ela. É uma reação inevitável que Umber e Nida vão perceber, mas é irremediável; Nassun não tem nenhum pedaço da Terra Cruel alojado em seu cérebro para facilitar a comunicação. Onde a matéria falha, o cuidado quebra o galho. Ele diz “Nida”, e isso é tudo de que ela precisa.

Umber e Nida se movem. É rápido, tão rápido, porque a treliça prateada dentro de cada um deles fortaleceu seus ossos e estreitou os cordões dos seus músculos de modo que possam fazer o que a carne humana comum não consegue. Um pulso de anulação os precede com a inexorabilidade de uma tempestade repentina, deixando imediatamente paralisados os principais lobos dos sensapinae de Nassun, mas ela já está na defensiva. Não fisicamente; ela não pode combatê-los nessa esfera da batalha e, além do mais, mal consegue ficar de pé. A vontade e o prateado são as únicas coisas que lhe restaram.

Então Nassun — o corpo estático, a mente violenta — arrebatada os fios de prateado do ar à sua volta, tecendo uma teia tosca, porém eficiente. (Ela nunca fez isso antes, mas ninguém jamais lhe disse que não podia ser feito.) Ela coloca parte dessa teia ao redor de Nida, ignorando Umber porque Schaffa lhe disse para ignorá-lo. E, de fato, ela entende no momento seguinte por que ele lhe disse para se concentrar em apenas um dos Guardiões inimigos. O prateado que ela teceu em torno de Nida deveria capturar a mulher em pouco tempo, como um inseto chocando-se contra uma teia de aranha. Em vez disso, Nida para aos tropeções, depois ri enquanto fios de alguma outra coisa saem de dentro dela e golpeiam o ar, retalhando a teia à sua volta. Ela investe contra Nassun outra vez, mas Nassun — depois de ficar aturdida com a velocidade e a eficácia da retaliação da Guardiã — ergue pedras de dentro da terra para perfurar os pés de Nida. Isso só a atrapalha um pouco. Nida se precipita, quebrando os pedaços de rocha e correndo com eles ainda sobressaindo de suas botas. Uma de suas mãos está posicionada em forma de garra, e a outra, de uma lâmina reta, com dedos retesados. A que alcançar Nassun primeiro ditará como ela começará a massacrar a menina com as próprias mãos.

Nesse instante, Nassun entra em pânico. Só um pouco, porque, de outra forma, ela perderia o controle do safira... mas um pouco. Ela consegue sentir a reverberação crua, faminta e caótica dos fios prateados vibrando dentro de Nida, diferente de tudo que já captou antes, e de repente aquilo é, de certa maneira, aterrorizante. Nassun não sabe o que essa estranha reverberação fará com ela se qualquer parte de Nida tocar sua pele despida. (Sua mãe, no entanto sabe.) Ela dá um passo para trás, ordenando que a faca longa safira se coloque entre ela e Nida em uma posição defensiva. Sua mão boa ainda está no cabo do safira, então ela parece estar brandindo uma arma com uma mão trêmula e lenta demais. Nida dá outra risada, alta e satisfeita, porque as duas conseguem ver que nem mesmo o safira será suficiente para detê-la. Nida agita a garra, estendendo os dedos e procurando alcançar a bochecha de Nassun ao mesmo tempo em que serpenteia em torno do golpe descontrolado da outra...

Nassun deixa o safira cair e grita, seus sensapinae entorpecidos contorcendo-se de forma desesperada e impotente...

Mas todos os Guardiões se esqueceram do outro guardião de Nassun.

Aço não parece se mexer. Em um momento ele está na mesma posição em que esteve pelos últimos minutos: de costas para a pilha caída que é Jija, expressão serena, postura lânguida enquanto olha o horizonte ao norte. No momento seguinte, está mais perto, bem ao lado de Nassun, tendo se transportado com tanta rapidez que Nassun ouve o som cortante do ar que se deslocou. E o avanço de Nida se detém abruptamente quando a mão erguida de Aço agarra sua garganta com firmeza.

Ela berra. Nassun ouviu Nida falar durante horas com sua voz agitada e talvez por isso tenha pensado nela como um pássaro canoro, tagarela, gorjeador e inofensivo. Esse berro é o grito de uma ave de rapina, é selvageria se transformando em fúria quando impedida de avançar sobre a presa. Ela tenta dar um puxão para trás, arriscando que a pele e os tendões se soltem, mas o aperto de Aço é firme como uma rocha. Ela está presa.

Um ruído vindo de trás faz Nassun virar-se. A três metros de onde ela está, Umber e Schaffa formam um único borrão enquanto

lutam corpo a corpo. Ela não consegue ver o que está acontecendo. Ambos se movem rápido demais, com golpes velozes e brutais. Quando seus ouvidos processam os sons de uma pancada, eles já mudaram para uma posição diferente. Ela não consegue nem ao menos distinguir o que eles estão fazendo, mas teme, teme muito, por Schaffa. O prateado em Umber flui como um rio, a energia sendo-lhe ministrada constantemente através daquela cintilante raiz primária. Os veios mais finos de Schaffa, no entanto, são um emaranhado enlouquecido de correntezas e de bloqueios, puxando seus nervos e músculos e brilhando de forma imprevisível em uma tentativa de distraí-lo. Nassun pode ver, pela concentração no rosto de Schaffa, que e/le ainda está no controle, e que foi isso o que o salvou; seus movimentos são inesperados, estratégicos, ponderados. Ainda assim. O simples fato de ele conseguir lutar é incrível.

O modo como ele termina a luta, dando um gancho que rompe a parte inferior do maxilar de Umber, é horrendo.

Umber solta um gemido horrível, parando com um solavanco... mas, um instante depois, a mão dele se estende em busca da garganta de Schaffa outra vez, formando um borrão devido à sua velocidade. Schaffa arqueja — tão rápido que poderia ter sido apenas a respiração, mas Nassun ouve a inquietação que existe nela — e desvia do golpe, mas Umber ainda se mexe, embora seus olhos estejam revirados e seus movimentos sejam espasmódicos e desajeitados. Nassun entende então: Umber não está mais em casa. Alguma outra coisa está lá, fazendo seus membros e reflexos funcionarem enquanto as conexões cruciais permanecerem em vigor. E sim: no momento seguinte, Schaffa arremessa Umber no chão, solta a mão e pisa a cabeça do oponente.

Nassun não consegue olhar. Ela ouve o som das fraturas; é o bastante. Ela ouve que Umber na verdade continua se contraindo, com movimentos mais fracos, porém persistentes, e ouve o leve farfalhar das roupas de Schaffa conforme ele se curva. Depois, ela ouve uma coisa que sua mãe ouviu pela última vez em uma saleta na ala dos Guardiões do Fulcro uns trinta anos antes: o som de ossos se quebrando e cartilagem se rompendo enquanto Schaffa enfia os dedos na base do crânio quebrado de Umber.

Nassun não consegue fechar os olhos, então, em vez disso, concentra-se em Nida, que ainda está lutando para se libertar do aperto inexorável de Aço.

— Eu... eu... — tenta Nassun. Seu coração desacelerou só um pouco. O safira chacoalha com mais força em suas mãos. Nida ainda quer matá-la. Aço, que se colocou apenas como um possível aliado e não como aliado definitivo, só precisa afrouxar o aperto e Nassun morrerá. Mas. — Eu n-não quero te matar — ela consegue dizer. E é até mesmo verdade.

Nida fica abruptamente imóvel e calada. A fúria em sua expressão aos poucos desvanece até seu rosto não demonstrar expressão alguma.

— Ele fez o que tinha que fazer da última vez — ela fala.

A pele de Nassun comicha quando ela se dá conta de que algo intangível se modificou. Ela não sabe ao certo o quê, mas acha que aquela não é mais exatamente Nida. Ela engole em seco.

— Fez o quê? Quem?

O olhar de Nida recai sobre Aço. Segue-se um leve som de algo raspando enquanto a boca de Aço se curva para formar um largo sorriso cheio de dentes. Então, antes que Nassun consiga pensar em outra pergunta, o aperto de Aço muda. Não afrouxando, mas sim virando-se, com aquele movimento estranhamente lento que talvez tenha o intuito de imitar o movimento humano (ou zombar dele). Ele retrai o braço e gira o pulso para virar Nida de costas para ele. Sua nuca virada para a boca dele.

— Ele está bravo — continua Nida calmamente, embora esteja agora de costas tanto para Aço como para Nassun. — No entanto, mesmo hoje ele pode estar disposto a ceder, a perdoar. Ele exige justiça, mas...

— Ele teve justiça mil vezes — responde Aço. — Eu não devo mais justiça. — Então ele abre bem a boca.

Nassun se vira de novo. Em uma manhã na qual ela transformou o pai em pedaços, algumas coisas continuam sendo obscenas demais para seus olhos de criança. Pelo menos, Nida não se mexe mais depois que Aço deixa o corpo dela cair no chão.

— Não podemos ficar aqui — diz Schaffa. Quando Nassun engole em seco e se concentra nele, vê que ele está sobre o

cadáver de Umber, segurando algo pequeno e afiado em uma mão manchada de sangue. Ele fita o objeto com a mesma frieza distante com que fita aqueles que pretende matar. — Outros virão.

Devido à clareza trazida pela adrenalina da experiência de quase morte, Nassun sabe que ele quer dizer outros Guardiões contaminados (e não aqueles semicontaminados como o próprio Schaffa, que, de algum modo, conseguiram reter um pouco de livre arbítrio). Nassun engole em seco de novo e aquiesce, sentindo-se mais calma agora que ninguém mais está tentando matá-la.

— E-e as outras crianças?

Algumas das crianças em questão estão de pé na varanda do dormitório, despertadas pela concussão do safira quando Nassun o invocou na forma de faca longa. Eles testemunharam tudo, Nassun nota. Duas delas choram ao ver seus Guardiões mortos, mas a maioria simplesmente olha para ela e para Schaffa em um silencioso estado de choque. Uma das crianças menores está vomitando ao lado dos degraus.

Schaffa as observa por um longo instante, depois olha de soslaio para ela. Parte de sua frieza ainda está lá, dizendo o que a voz não diz.

— Elas vão ter que deixar Jekity, e rápido. Sem Guardiões, é pouco provável que o povo da comu vá tolerar sua presença. — Ou Schaffa pode matá-los. Foi o que fez com todos os outros orogenes que eles encontraram e que não estavam sob seu controle. Ou são dele ou são uma ameaça.

— Não — Nassun contesta de forma abrupta. Respondendo àquela frieza silenciosa, não ao que ele disse. A frieza aumenta um pouco. Schaffa jamais gosta quando ela diz não. Ela respira fundo, acalmando-se um pouco, e se corrige. — Por favor, Schaffa. É que eu... eu não aguento mais.

É pura hipocrisia. A decisão que Nassun tomou recentemente, uma promessa muda sobre o cadáver do pai, contradiz essa afirmação. Schaffa pode não saber o que ela escolheu, mas, com o canto do olho, a menina está terrivelmente ciente do persistente sorriso manchado de sangue de Aço.

Ela pressiona os lábios e decide que falou sério. Não é mentira. Ela não aguenta mais a crueldade, o sofrimento infundável: essa é a

questão. O que ela pretende fazer será, no mínimo, rápido e misericordioso.

Schaffa olha para ela por um momento. Depois ele se contrai, estremecendo um pouco, como ela o viu fazer com frequência nas últimas semanas. Quando o espasmo passa, ele exhibe um sorriso e vem até ela, embora primeiro feche a mão com firmeza em torno do pedaço de metal que tirou de Umber.

— Como está o seu ombro?

Ela ergue a outra mão para tocá-lo. O tecido de sua blusa de dormir está úmido de sangue, mas não encharcado, e ela ainda consegue usar o braço.

— Está doendo.

— Receio que vai continuar doendo por um tempo. — Ele olha ao redor, então se levanta e vai até o cadáver de Umber. Rasgando uma das mangas da camisa de Umber (a que não está tão manchada de sangue quanto a outra, Nassun constata com reservado alívio), ele se aproxima e ergue a manga dela, depois a ajuda a amarrar a tira de tecido em volta do ombro. Ele amarra firme. Nassun sabe que isso é bom e possivelmente evitará que ela precise de pontos no ferimento, mas, por um instante, a dor fica pior e ela se apoia brevemente nele. Schaffa permite que ela se apoie, afagando seu cabelo com a mão que está livre. A outra mão, manchada de sangue, Nassun percebe, fica bem fechada ao redor do fragmento de metal.

— O que o senhor vai fazer com isso? — Nassun pergunta, olhando para a mão cerrada. Ela não consegue deixar de imaginar uma coisa malévola ali, estendendo seus tentáculos e procurando outra pessoa para infectar com a vontade da Terra Cruel.

— Não sei — Schaffa responde com uma voz grave. — Não representa nenhum perigo para mim, mas lembro que... — Ele franze o cenho por um momento, claramente procurando por uma lembrança que se perdeu. — Que em outro momento, em outra parte, nós simplesmente reciclávamos. Aqui, suponho que terei que encontrar um lugar isolado para deixá-lo e torcer para que ninguém se depare com ele tão cedo. O que você vai fazer com *isso*?

Nassun segue o olhar dele para o ponto onde a faca longa de safira, abandonada, flutuou para trás e se posicionou no ar, pairando



precisamente a trinta centímetros de distância das costas dela. O safira se mexe um pouquinho com os movimentos dela, zumbindo de leve. Ela não entende por que está fazendo isso, embora ter essa força à espreita e em repouso lhe dê algum conforto.

— Acho que eu deveria colocá-lo de volta...

— Como foi que você...?

— Eu simplesmente precisei dele. Ele sabia do que eu precisava e se transformou para mim. — Nassun encolhe um pouco os ombros. É tão difícil explicar essas coisas com palavras. Depois, ela agarra a camisa dele com a mão machucada porque sabe que não é coisa boa quando Schaffa não responde uma pergunta. — Os outros, Schaffa.

Por fim, ele suspira.

— Vou ajudá-los a preparar suas bolsas. Você consegue andar?

Nassun está tão aliviada que, por um instante, sente que pode voar.

— Consigo. Obrigada. Obrigada, Schaffa!

Ele chacoalha a cabeça, nitidamente triste, embora sorria outra vez.

— Vá até a casa do seu pai e pegue qualquer coisa que seja útil e portátil, pequenina. Vou me encontrar com você lá.

Ela hesita. Se Schaffa decidir matar as outras crianças de Lua Encontrada... Ele não vai fazer isso, vai? Ele disse que não.

Schaffa faz uma pausa, erguendo uma das sobrancelhas enquanto sorri, o retrato da indagação educada e calma. É uma ilusão. O prateado é um chicote que ainda flagela Schaffa, tentando instigá-lo a matá-la. Ele deve estar sentindo uma dor tremenda. Contudo, resiste ao estímulo, como tem feito há semanas. Ele não a mata, pois a ama. E ela não pode confiar em nada, em ninguém, se não confiar nele.

— Tudo bem — Nassun concorda. — Te vejo na casa do Papai.

Enquanto se afasta dele, ela olha para Aço, que se virou para encarar Schaffa também. Em algum momento nos últimos minutos, Aço limpou o sangue dos lábios. Ela não sabe como. Mas ele estendeu uma das mãos cinzentas em direção a eles... não. Em direção a Schaffa, que inclina a cabeça por um instante ao ver isso, pensando, e então, depois de um momento, coloca o fragmento

ensanguentado de ferro na mão de Aço, que se fecha em um piscar de olhos, depois se abre de novo, devagar, como se realizasse um truque. Mas o fragmento de ferro sumiu. Schaffa inclina a cabeça em um agradecimento educado.

Seus dois protetores monstruosos, que devem cooperar ao cuidar dela. No entanto, Nassun não seria um monstro também? Pois aquela coisa que ela sentiu pouco antes de Jija vir matá-la, aquele pico de poder imenso, concentrado e amplificado por dezenas de obeliscos trabalhando em conjunto? Aço o chamou de Portão do Obelisco: um vasto e complexo mecanismo criado pela civextinta que construiu os obeliscos para algum propósito incompreensível. Aço também mencionou uma coisa chamada Lua. Nassun já ouviu as histórias: uma vez, há muito tempo, o Pai Terra tinha uma filha. A perda dessa filha é o que o irritou e causou as Estações.

A história passa uma mensagem de esperança impossível e uma expressão insensata que os sabedoristas usam para intrigar suas plateias agitadas. “Um dia, se a filha da Terra retornar...” A insinuação é que, algum dia, o Pai Terra poderia enfim ser apaziguado. Algum dia, as Estações poderiam terminar e o mundo poderia ficar bem.

Exceto que pais ainda tentariam matar filhos orogenes, não é? Mesmo que a Lua voltasse. Nada jamais fará isso parar.

“Traga a Lua para casa”, dissera Aço. Acabe com a dor do mundo.

Algumas escolhas não são escolhas de verdade.

Nassun deseja que o safira venha pairar diante dela outra vez. Ela não consegue sentir nada em consequência da anulação de Umber e Nida, mas há outras maneiras de perceber o mundo. E em meio à não água bruxuleante do safira, enquanto ele se desfaz e se refaz a partir da imensidão concentrada de luz prateada retida dentro da trelça do seu cristal, existe uma mensagem sutil escrita em equações de força e equilíbrio que Nassun resolve instintivamente, com algo diferente de matemática.

Longe. Atravessando o mar desconhecido. Sua mãe pode ter a chave do Portão do Obelisco, mas Nassun aprendeu nas estradas cheias de cinzas que há outras formas de abrir qualquer portão;

dobradiças para arrancar, maneiras de saltar por cima ou passar por baixo. E muito longe dali, do outro lado do mundo, há um lugar onde o controle de Essun sobre o Portão pode ser vencido.

— Eu sei aonde precisamos ir, Schaffa — diz Nassun.

Ele a fita por um momento, transferindo o olhar para Aço e de volta para ela.

— É mesmo?

— É. Mas é um caminho bem longo. — Ela morde o lábio. — Você vem comigo?

Ele inclina a cabeça, seu sorriso largo e cordial.

— Para qualquer lugar, minha pequenina.

Nassun solta o ar demoradamente, aliviada, dando-lhe um sorriso tímido. Depois, vira as costas de propósito para Lua Encontrada e seus cadáveres e desce a colina sem olhar para trás nem uma única vez.



ANO IMPERIAL 2729: TESTEMUNHAS NA COMU DE AMAND (DISTRITANTE DE DIBBA, REGIÃO OESTE DAS LATMEDIANAS DO NORTE) RELATAM QUE UMA ROGGA NÃO REGISTRADA ABRIU UM BOLSÃO DE GÁS PERTO DO VILAREJO. NÃO ESTÁ CLARO DE QUE GÁS SE TRATAVA; MORTE EM SEGUNDOS, ARROXEAMENTO DA LÍNGUA, ASFIXIA EM VEZ DE INTOXICAÇÃO? AMBOS? OUTRA ROGGA SUPOSTAMENTE DETEVE O ESFORÇO DA PRIMEIRA, DE ALGUM MODO, E DIRECIONOU O GÁS DE VOLTA PARA A ABERTURA ANTES DE VEDÁ-LA. OS CIDADÃOS DE AMAND ATIRARAM NAS DUAS TÃO LOGO FOI POSSÍVEL PARA EVITAR FUTUROS INCIDENTES. O BOLSÃO DE GÁS FOI AVALIADO PELO FULCRO COMO SIGNIFICATIVO (O SUFICIENTE PARA TER MATADO A MAIORIA DAS PESSOAS E DO GADO NA METADE OESTE DAS LATMEDIANAS DO NORTE, COM SUBSEQUENTE CONTAMINAÇÃO DO SOLO). A QUE DEU INÍCIO À SITUAÇÃO TINHA DEZESSETE ANOS DE IDADE E REAGIU AO SUPOSTO MOLESTADOR DA IRMÃ MAIS NOVA. A QUE CONTEVE O GÁS TINHA SETE ANOS DE IDADE E ERA IRMÃ DA PRIMEIRA.

— ANOTAÇÕES DE PROJETO DE YAETR INOVADOR DIBARS



## Syl Anagist: Cinco

— Houwha — diz uma voz atrás de mim.

(De mim? De mim.)

Eu viro as costas para a janela ardente e o jardim de flores cintilantes. Uma mulher está com Gaewha e uma das condutoras, e eu não a conheço. Ao olho nu, ela é um deles: a pele toda de um tom marrom suave, olhos cinzentos, cabelo preto acastanhado e encaracolado, alta. Há insinuações de uma *outra* na largura do rosto dela — ou talvez, ao olhar essa lembrança pela lente dos milênios, eu veja o que quero ver. Sua aparência é irrelevante. Aos meus sensapinae, seu parentesco conosco é tão óbvio quanto o cabelo branco e fofo de Gaewha. Ela exerce uma pressão sobre o ambiente que é uma força agitada, impossivelmente pesada e irresistível. Isso a torna uma de nós tanto quanto se houvesse sido decantada da mesma mistura biomagétrica.

(Você se parece com ela. Não. Eu *quero* que se pareça com ela. Não é justo, mesmo que seja verdade: você é como ela, mas de outras formas além da mera aparência. Perdão por limitá-la desse modo.)

A condutora fala da maneira como sua espécie fala, em vibrações tênues que apenas ondulam pelo ar e mal agitam o solo. *Palavras*. Eu sei a palavra-nome dessa condutora, Pheylen, e sei também que ela é uma das mais simpáticas, mas esse conhecimento é inerte e indistinto, como tantas coisas sobre eles.

Por muito tempo, eu não conseguia distinguir entre uma pessoa e outra da espécie deles. Todos eles têm aparências diferentes, mas a mesma não presença dentro do ambiente. Ainda preciso ficar me lembrando de que a textura do cabelo e o formato dos olhos e os odores característicos do corpo têm tanto significado para eles quanto as perturbações das placas tectônicas têm para mim.

Devo respeitar o fato de serem diferentes. Nós somos os deficientes, afinal, desprovidos de muito do que teria nos tornado humanos. Isso era necessário e eu não me incomodo com o que sou. Gosto de ser útil. Mas muitas coisas seriam mais fáceis se eu pudesse entender melhor os nossos criadores.

Então olho para a nova mulher, a mulher-como-nós, e tento prestar atenção enquanto a condutora a *apresenta*. Apresentação é um ritual que consiste em explicar os sons dos nomes e das relações de... família? Profissão? Sinceramente, não sei. Fico onde devo ficar e digo as coisas que devo dizer. A condutora fala para a nova mulher que eu sou Houwha e que Gaewha é Gaewha, que são as palavras-nome que eles usam para nós. A nova mulher, diz a condutora, é Kelenli. Isso também está errado. O nome dela na verdade é *punhalada profunda, doce explosão de fissura de argila, substrato suave de silicato, reverberação*, mas tento me lembrar de “Kelenli” quando uso palavras para falar.

A condutora parece satisfeita que eu diga “como vai” quando necessário. Eu fico contente com isso; *apresentações* são muito difíceis, mas eu me esforcei muito para ficar bom nelas. Depois, ela começa a falar com Kelenli. Quando fica claro que a condutora não tem mais nada para me dizer, eu vou para trás de Gaewha e começo a trançar seus cabelos grossos e fofos. Os condutores parecem gostar quando fazemos isso, embora eu realmente não saiba por quê. Um deles disse que era “bonitinho” nos ver cuidando uns dos outros, igual às pessoas. Não sei ao certo o que significa bonito.

Enquanto isso, eu presto atenção.

— Simplesmente não faz sentido — diz Pheylen com um suspiro.  
— Quero dizer, os números não mentem, mas...

— Se quiser registrar uma objeção — começa Kelenli. Suas palavras me fascinam de um modo que as palavras nunca me

fascinaram antes. Diferente da condutora, sua voz tem peso e textura, é profunda como os estratos e tem camadas. Ela projeta as palavras para o chão enquanto fala, como um tipo de subvocalização. Faz com que pareçam mais reais. Pheylen, que não parece perceber o quanto as palavras de Kelenli são mais profundas (ou talvez apenas não se importe) faz uma cara de desconforto em reação ao que ela disse. Kelenli repete. — Se você quiser, posso pedir a Gallat que me tire da equipe.

— E ficar ouvindo ele gritar? Pela Morte Cruel, ele nunca mais ia parar. Ele tem um temperamento tão agressivo. — Pheylen sorri. Não é o sorriso de alguém que acha graça. — Deve ser difícil para ele, querer que o projeto seja bem-sucedido, mas também querer que você seja mantida... bem. *Eu* não me importo com você na função de substituta apenas, mas não vi os dados da simulação.

— Eu vi. — O tom de voz de Kelenli é grave. — O risco de atraso-falha era pequeno, mas significativo.

— Bom, essa é a questão. Mesmo um risco pequeno é risco demais, se pudermos fazer alguma coisa em relação a ele. Acho que eles devem estar mais ansiosos do que estão mostrando, porém, para envolver você... — Pheylen abruptamente parece constrangida. — Ah... me desculpe. Não quis ofender.

Kelenli sorri. Tanto eu como Gaewha podemos ver que é só uma estratificação de superfície, não uma expressão verdadeira.

— Não ofendeu.

Pheylen solta o ar, aliviada.

— Bem, então, eu vou me retirar para a Observação e deixar vocês três se conhecerem. Bata na porta quando terminar.

Com isso, a Condutora Pheylen sai da sala. Isso é bom, porque, quando os condutores não estão por perto, podemos conversar com mais facilidade. A porta se fecha e eu me mexo para encarar Gaewha (que na verdade é *gosto de saís adularescentes de geodo rachado, eco esmaecendo*). Ela aquiesce minimamente porque eu supus acertadamente que ela tinha algo importante a me contar. Nós sempre somos vigiados. Certa dose de encenação é essencial.

Gaewha diz com a boca:

— A coordenadora Pheylen me disse que estão fazendo uma mudança na nossa configuração. — Com o resto do seu ser, ela diz,

em perturbações atmosféricas e nervosos dedilhados nos fios prateados: *Tetlewha foi transferido para as roseiras bravas.*

— Uma mudança a esta altura? — Eu olho para a mulher-como-nós, Kelenli, para ver se ela está acompanhando a conversa toda. Ela parece tanto um deles, toda aquela cor na superfície e aqueles ossos compridos que a tornam mais alta do que nós dois. — Você tem algo a ver com o projeto? — eu pergunto a ela ao mesmo tempo em que respondo às novidades de Gaewha sobre Tetlewha. *Não.*

Meu “não” não é uma negação, apenas a constatação de um fato. Nós ainda podemos detectar *o ponto quente e elevação de estratos, atrito de subsidência* familiares de Tetlewha, mas... há algo diferente. Ele não está mais por perto, ou pelo menos não está em nenhum lugar ao alcance de nossas buscas sísmicas. E a turbulência e o atrito dele quase se aquietaram.

*Descomissionado* é a palavra que os condutores preferem usar quando um de nós é afastado do serviço. Eles nos pediram individualmente para descrever o que sentimos quando acontece a mudança, porque é uma ruptura na nossa rede. Por um acordo tácito, cada um de nós fala da sensação de perda: um distanciamento, um esvaziamento, uma diminuição da força do sinal. Por um acordo tácito, nenhum de nós menciona o resto, que, em todo caso, é impossível descrever nas palavras dos condutores. O que vivenciamos é uma sensação abrasadora e uma comichão por toda parte, e o *emaranhado da resistência do desmoronamento* de antigos fios pré-sylanagísticos, como às vezes encontramos em nossas explorações da terra, enferrujados e afiados em seu estado de degradação e em seu potencial desperdiçado. Algo assim.

*Quem deu a ordem?* Eu quero saber.

Gaewha se torna a ondulação lenta de uma falha, com padrões bruscos, frustrados e confusos. *O condutor Gallat. Os outros condutores ficaram irritados com isso e alguém denunciou aos superiores e foi por esse motivo que enviaram Kelenli para cá. Precisavam de todos nós juntos para dominar o ônix e a pedra da lua. Eles estão preocupados com a nossa estabilidade.*

Irritado, respondo: *Talvez deversem ter pensado nisso antes de...*

— Eu tenho algo a ver com o projeto, sim — interrompe Kelenli, embora não tenha havido nenhuma interrupção da conversa verbal. As palavras são muito lentas se comparadas à conversa pela terra. — Eu tenho um pouco de consciência arcana, sabem, e habilidades semelhantes às suas. — Então ela acrescenta: *Estou aqui para ensiná-los.*

Ela muda das palavras dos condutores para a nossa língua, a língua da terra, com a mesma facilidade que nós. Sua presença comunicativa é *metal pesado radiante, esquentantes linhas magnéticas cristalizadas de ferro meteórico*, e camadas mais complexas debaixo dessas, tudo tão aguçado e poderoso que Gaewha e eu inspiramos com força, admirados.

Mas o que ela está dizendo? Ensinar-nos? Não precisamos ser ensinados. Já fomos decantados sabendo quase tudo o que precisávamos saber, e o resto aprendemos nas primeiras semanas de vida com os nossos colegas afinadores. Se não tivéssemos aprendido, estaríamos no canteiro de roseiras bravas também.

Certifico-me de franzir a testa.

— Como é que você pode ser uma afinadora como nós? — Essa é uma mentira dita para os nossos observadores, que veem só a superfície das coisas e acham que nós também só vemos isso. Ela não é branca como nós, não é baixa nem estranha, mas nós a reconhecemos como uma de nós assim que sentimos o cataclismo de sua presença. Não tenho dúvidas de que ela é uma de nós. Não tenho como não acreditar no incontestável.

Kelenli sorri com uma ironia que reconhece a mentira.

— Não exatamente como vocês, mas parecida o bastante. Vocês são a obra de arte terminada, eu sou o modelo. — Fios de magia na terra se aquecem e reverberam e agregam outros significados. *Protótipo*. Um controle para o nosso experimento, feito antes para ver como nós deveríamos ser feitos. Ela tem apenas uma diferença, em vez das muitas que nós possuímos: os mesmos sensapinae cuidadosamente projetados que nós temos. Será o suficiente para nos ajudar a realizar a tarefa? A certeza em sua terra-presença diz que sim. Ela continua com palavras: — Não fui a primeira a ser feita. Só a primeira a sobreviver.



Todos nós levamos uma das mãos ao ar para afastar a Morte Cruel. Mas eu me permito aparentar que não entendo enquanto me pergunto se devemos ousar confiar nela. Eu vi como a condutora relaxou perto dela. Pheylen é uma das simpáticas, mas mesmo ela nunca esquece o que somos. Mas esqueceu com Kelenli. Talvez todos os humanos pensem que ela é um deles até alguém lhes dizer que não é. Como será isso, ser tratado como humano quando não se é? E também há o fato de que eles a deixaram sozinha conosco. A nós, eles tratam como armas que poderiam falhar a qualquer momento... mas confiam nela.

— Quantos fragmentos você afinou a si mesma? — pergunto em voz alta, como se isso importasse. Também é um desafio.

— Só um — responde Kelenli. Mas ainda está sorrindo. — O ônix.

Ah. Ah, isso importa *sim*. Gaewha e eu trocamos um olhar de surpresa e preocupação antes de encará-la de novo.

— E o motivo pelo qual estou aqui — continua Kelenli, insistindo de repente em passar essa importante informação com meras palavras, o que, de certa maneira, serve perversamente para enfatizá-las — é porque a ordem foi dada. Os fragmentos estão com a capacidade de armazenamento ideal e estão prontos para o ciclo gerador. Ponto Central e Polo Zero começam a operar em 28 dias. Finalmente vamos acionar o Motor Plutônico.

(Em dezenas de milhares de anos, depois que as pessoas houverem se esquecido repetidas vezes do que é um “motor” e conhecerem os fragmentos como nada além de “obeliscos”, haverá um nome diferente para a coisa que rege as nossas vidas agora. Ela será chamada de *Portão do Obelisco*, que é mais poético e também excentricamente primitivo. Eu gosto mais desse nome.)

No presente, enquanto Gaewha e eu ficamos ali olhando, Kelenli solta uma última bomba nas vibrações entre as nossas células:

*Isso significa que eu tenho menos de um mês para mostrar-lhes quem vocês realmente são.*

Gaewha franze a testa. Eu consigo não reagir porque os condutores observam tanto os nossos corpos como os nossos rostos, mas é por pouco. Estou muito confuso, e mais do que um

pouco apreensivo. Não faço ideia, no presente dessa conversa, de que é o princípio do fim.

Porque nós, afinadores, não somos orogenes, sabe. A orogenia é o que a diferença de nós se tornará no decorrer de gerações de adaptação a um mundo modificado. Vocês são a destilação mais superficial, mais especializada, mais natural da nossa estranheza tão não natural. Apenas alguns de vocês, como Alabaster, algum dia chegarão perto do poder e da versatilidade que temos, mas isso ocorre porque nós fomos construídos de modo tão intencional e artificial quanto os fragmentos que vocês chamam de obeliscos. Somos fragmentos da grande máquina também; igualmente um triunfo da genegenharia e da biomagestria e da geomagestria e de outras disciplinas para as quais o futuro não terá nomes. Pela nossa existência, glorificamos o mundo que nos criou, como qualquer estátua ou cetro ou outro objeto precioso.

Não nos ressentimos disso, pois nossas opiniões e experiências foram cuidadosamente construídas também. Não entendemos que o que Kelenli veio nos dar é uma *identidade como povo*. Não entendemos por que nos foi proibido ter esse autoconceito antes disso... mas entenderemos.

E então entenderemos que um *povo* não pode ser uma *posse*. E como somos ambas as coisas e isso não deveria acontecer, um novo conceito começa a ganhar forma dentro de nós, embora nunca tenhamos ouvido a palavra para isso, porque os condutores são proibidos de sequer mencioná-la em nossa presença. *Revolução*.

Bem. De qualquer maneira, as palavras não têm muita utilidade para nós. Mas é disso que se trata. O começo. Você, Essun, verá o final.



### 3

## *Você, desequilibrada*

Leva alguns dias para você se recuperar o suficiente para andar por conta própria. Assim que você consegue, Ykka se reapropria dos carregadores de maca para realizar outras tarefas, então só lhe resta mancar, fraca e desajeitada devido à perda do braço. Nos primeiros dias, você fica bem para trás da maior parte do grupo, alcançando-os para acampar somente horas depois que eles se acomodaram para passar a noite. Não sobra muita coisa da comida comunitária quando você vai buscar a sua parte. Que bom que você não sente mais fome. Também não sobra muito lugar para você colocar o seu saco de dormir; porém, pelo menos, eles lhe deram uma sacola básica e suprimentos para compensar a sua bolsa de fuga perdida. Os lugares que sobram não são bons, localizados perto das bordas do acampamento ou fora da estrada, onde o risco de ataque de animais selvagens ou de pessoas sem-comu é maior. De qualquer modo, você dorme ali porque está exausta. Você presume que, se houver algum perigo real, Hoa a levará embora de novo; ele parece ser capaz de transportá-la a pequenas distâncias através da terra sem nenhuma dificuldade. Ainda assim, a raiva de Ykka é uma coisa difícil de suportar, em vários sentidos.

Tonkee e Hoa ficam para trás com você. É quase como nos velhos tempos, exceto que agora Hoa aparece enquanto vocês andam, fica para trás enquanto vocês continuam caminhando,

depois aparece outra vez em algum lugar mais à frente. Na maioria das vezes, ele assume uma postura neutra, mas, ocasionalmente, faz alguma coisa ridícula, como quando vocês o encontram fazendo pose de corredor. Ao que parece, comedores de pedra também ficam entediados. Hjarka fica com Tonkee, então vocês são quatro. Bem, cinco: Lerna retarda o passo para andar com você também, irritado com o que considera como maus-tratos para com um de seus pacientes. Ele achava que não deveriam obrigar uma mulher que até pouco tempo estava em coma a andar, menos ainda permitir que fique mais atrás. Você tenta lhe dizer para não acompanhar você, para não atrair a ira de Castrima para si mesmo, mas ele bufa e diz que se Castrima quiser hostilizar a única pessoa na comu que tem treinamento formal para realizar cirurgias, eles não merecem tê-lo por perto. O que é... bem, é um ótimo argumento. Você se cala.

Ao menos você está se virando melhor do que Lerna esperava. Isso acontece em grande parte porque não era um coma de fato, e também porque você não perdeu todo o seu condicionamento de estrada durante os sete ou oito meses que viveu em Castrima. Os velhos hábitos voltam facilmente, na verdade: encontrar um ritmo estável, embora lento, que, não obstante, percorre os quilômetros; deixar a sua bolsa mais baixa, de maneira que boa parte do peso se apoie na sua bunda em vez de pesar nos seus ombros; manter a cabeça baixa enquanto caminha de modo que as cinzas que caem não cubram seus óculos. A perda do braço é mais um incômodo do que uma dificuldade, pelo menos com tantos ajudantes dispostos por perto. Fora tirar o seu equilíbrio e atormentar você com comichões ou dores fantasmas nos dedos ou no cotovelo que já não existem, a parte mais difícil é se vestir de manhã. É surpreendente como você aprende rápido a se agachar para mijar ou defecar sem cair, mas talvez você esteja apenas mais motivada depois de dias usando fralda.

Então você se sai bem, só que devagar no começo, e vai se tornando mais ágil no decorrer dos dias. Mas eis o problema com tudo isso: você está indo para o lado errado.

Tonkee vem se sentar ao seu lado uma noite.

— Você não pode partir até que estejamos bem mais para o oeste — ela diz sem nenhum preâmbulo. — Quase no Merz, eu

acho. Se quiser chegar tão longe, vai ter que fazer as pazes com Ykka.

Você a encara, embora, para Tonkee, isso seja discreto. Ela esperou até Hjarka começar a roncar no saco de dormir e Lerna sair para usar a latrina do acampamento. Hoa ainda está por perto, montando guarda de modo nada sutil sobre o seu pequeno grupo dentro do acampamento da comu, as curvas de seu rosto de mármore negro mal iluminado pela sua fogueira. Mas Tonkee sabe que ele é leal a você, até onde a lealdade significa algo para ele.

— Ykka me odeia — você enfim diz, depois de fracassar em sua tentativa de fazer Tonkee se sentir envergonhada ou arrependida com um olhar.

Ela revira os olhos.

— Confie em mim, eu conheço o ódio. O que Ykka tem é... medo, e uma boa dose de raiva, mas você merece parte disso. Você colocou o povo dela em perigo.

— Eu *salvei o povo* dela do perigo.

Do outro lado do acampamento, como que para ilustrar seu argumento, você percebe alguém andando desajeitadamente. É um dos soldados de Rennanis, um dos que foram capturados após a última batalha. Colocaram uma berlinda nela: um colar composto por uma placa de madeira articulada ao redor do pescoço, com buracos para os braços, mantendo-os para cima e separados, ligados por duas correntes a algemas nos tornozelos. Primitivo, mas eficiente. Lerna vem cuidando das escoriações dos prisioneiros, e você entende que eles têm permissão para colocar as berlindas de lado à noite. É um tratamento melhor do que os castrimenses teriam recebido se a situação fosse inversa, mas, ainda assim, torna tudo embaraçoso. Afinal, não é como se os rennanianos pudessem ir embora. Mesmo sem as berlindas, se algum deles escapar agora, sem nenhum suprimento nem a proteção de um grupo grande, vai se tornar comida em uma questão de dias. As berlindas são apenas um insulto adicional, e um lembrete inquietante para todos de que as coisas poderiam ser piores. Você desvia o olhar.

Tonkee vê você olhar.

— É, você salvou Castrima de um perigo e depois os colocou em uma situação igualmente ruim. Ykka queria só a primeira parte.

— Eu não tinha como evitar a segunda parte. Eu devia ter deixado que os comedores de pedra matassem todos os roggas? *Que a matassem?* Se tivessem conseguido, nenhum dos mecanismos do geodo iria funcionar mesmo!

— Ela sabe disso. Foi por esse motivo que eu disse que não é ódio. Mas... — Tonkee suspira como se você estivesse sendo particularmente burra. — Olha. Castrima era... é... um experimento. Não o geodo, o povo. Ela sempre soube que era precário, tentar criar uma comu com andarilhos e roggas, mas estava funcionando. Ela fez os mais antigos entenderem que precisavam dos recém-chegados. Fez todo mundo pensar nos roggas como pessoas. Fez as pessoas concordarem em viver no subterrâneo, em uma ruína de civextinta que poderia ter matado todos nós a qualquer momento. Ela até impediu que uns se voltassem contra os outros quando o comedor de pedra cinzento deu uma razão...

— *Eu* impedi isso — você resmunga. Mas está prestando atenção.

— Você ajudou — admite Tonkee —, mas, se fosse só você, sabe muito bem que não teria dado certo. Castrima funciona por causa da *Ykka*. Porque eles sabem que ela é capaz de morrer para esta comu continuar existindo. Ajude Castrima e *Ykka* ficará do seu lado outra vez.

Vai demorar semanas, talvez meses, até vocês chegarem à cidade equatorial agora vazia de Rennanis.

— Eu sei onde Nassun está *agora* — você conta, aflita. — Quando Castrima chegar a Rennanis, pode ser que ela esteja em outro lugar!

Tonkee suspira.

— Já se passaram algumas semanas, Essun.

E Nassun provavelmente já estava em algum outro lugar antes mesmo que você acordasse. Você está tremendo. Não é racional e você sabe disso, mas diz bruscamente:

— Mas, se eu for agora, talvez... talvez eu consiga alcançá-la, talvez Hoa consiga sintonizá-la de novo, talvez eu possa... — Então você gagueja até se calar porque ouve o tom trêmulo e estridente da sua voz e seus instintos de mãe entram outra vez em ação, enferrujados, mas afiados, para repreendê-la: *Pare de se lamuriar*.

Que é o que você está fazendo. Depois, você engole mais palavras, mas ainda treme um pouco.

Tonkee chacoalha a cabeça com uma expressão que poderia ser empatia, ou talvez seja apenas o triste reconhecimento de como você soa patética.

— Bom, pelo menos você *sabe* que é uma má ideia. Mas, se estiver tão determinada assim, é melhor começar agora. — Ela se vira. Não dá para culpá-la, não é? Arriscar-se no desconhecido quase certamente mortal com uma mulher que destruiu múltiplas comunidades ou ficar com uma comu que, pelo menos em tese, logo terá um lar de novo? Não chega nem a ser uma pergunta.

Mas você deveria saber que é melhor não tentar prever o que Tonkee fará. Ela suspira depois que você se acalma e se senta outra vez na pedra que estava usando como cadeira.

— Provavelmente consigo convencer o contramestre a me dar suprimentos extras se eu disser que preciso explorar alguma coisa para os Inovadores. Eles estão acostumados com isso. Mas não tenho certeza se consigo convencê-los a me dar suprimentos suficientes para duas.

É uma surpresa dar-se conta de como você é grata por essa... hmm. Lealdade não é a palavra. Afeição? Talvez. Talvez seja apenas o fato de que você foi o objeto de pesquisa dela durante todo esse tempo, então é claro que ela não vai deixar você escapar considerando que a seguiu durante décadas e atravessou metade da Quietude.

Mas aí você franze o cenho.

— Duas? Não três? — Você achou que as coisas estavam dando certo entre ela e Hjarka.

Tonkee encolhe os ombros, então se inclina desajeitadamente sobre a pequena tigela de arroz e feijão que pegou da panela comunitária. Depois de engolir, ela diz:

— Prefiro fazer estimativas conservadoras. Você deveria fazer isso também.

Ela está falando de Lerna, que parece estar se afeiçoando a você. Você não sabe por quê. Você não é exatamente um prêmio, vestida de cinzas e sem um braço, e metade do tempo ele parece

estar furioso com você. Você ainda se surpreende de que não seja o tempo todo. Ele sempre foi um rapaz estranho.

— Em todo caso, tem uma coisa sobre a qual quero que você pense — continua Tonkee. — O que Nassun estava fazendo quando você a encontrou?

E você estremece. Porque Tonkee, droga, disse outra vez em voz alta uma coisa que você preferiria que continuasse sem ser dita nem pensada.

E porque você se lembra daquele momento em que, com o poder do Portão fluindo através de seu corpo, você projetou-se e tocou e sentiu uma ressonância familiar tocando de volta. Uma ressonância apoiada, e amplificada, por algo azul e profundo e estranhamente resistente à ligação do Portão. O Portão lhe disse, de algum modo, que era o safira.

O que a sua filha de dez anos está fazendo, brincando com um obelisco?

Como a sua filha de dez anos continua *viva* após brincar com um obelisco?

Você pensa na sensação daquele contato momentâneo. O gosto-vibração familiar de uma orogenia que você vem acalmando desde antes do nascimento dela e treinando desde que ela tinha dois anos... mas muito mais afiada e intensa agora. Você não estava tentando tirar o safira de Nassun, mas o Portão estava, seguindo instruções que construtores mortos há muito tempo de alguma forma escreveram nas camadas de treliças do ônix. Nassun manteve o safira, contudo. Ela efetivamente lutou contra o Portão do Obelisco.

O que a sua garotinha esteve fazendo durante este longo e sombrio ano para desenvolver tal habilidade?

— Você não sabe qual é a situação dela — continua Tonkee, o que faz você piscar para sair desse devaneio terrível e se concentrar nela. — Você não sabe com que tipo de pessoa ela está vivendo. Você disse que ela está nas Antárticas, em algum lugar perto da costa leste? Aquela parte do mundo não deve estar sentindo muito da Estação ainda. Então o que é que você vai fazer? Tirá-la de uma comu onde ela está segura, tem o suficiente para comer e ainda pode ver o céu e arrastá-la para o norte, para uma



comu perto da Fenda, onde os tremores serão constantes e o próximo escape de gás pode matar todo mundo? — Ela lança um olhar duro para você. — Você quer ajudá-la? Ou só quer tê-la de volta com você? Não é a mesma coisa.

— Jija matou Uche — você retruca abruptamente. As palavras não machucam, a menos que você pense nelas enquanto fala. A menos que você se lembre do cheiro do seu filho ou da sua risadinha ou da imagem do corpo dele sob um lençol. A menos que você pense em Corundum... Você usa a raiva para reprimir as duas pulsações de dor e culpa. — Eu tenho que *afastá-la* dele. Ele matou meu filho!

— Ele ainda não matou a sua filha. Ele teve o quê, vinte meses? Vinte e um? — Tonkee avista Lerna voltando em direção a vocês em meio à multidão e suspira. — Há coisas em que você deve pensar, é só o que estou dizendo. E mal posso acreditar que estou dizendo isso. Ela é outra usuária de obeliscos, e eu nem posso ir investigar. — Tonkee bufa de modo frustrado e rabugento. — Odeio esta maldita Estação. Pelas ferrugens, tenho que ser tão *prática* agora.

Você fica surpresa e solta uma risadinha, mas é fraca. As questões que Tonkee levantou são boas, claro, e algumas delas você não consegue responder. Você pensa sobre elas por um bom tempo naquela noite, e nos dias subsequentes.

Rennanis fica quase nas Costeiras do Oeste, pouco depois do Deserto do Merz. Castrima vai ter que atravessar o deserto para chegar lá porque contorná-lo aumentaria drasticamente a duração da viagem — uma diferença de meses para anos. Mas vocês estão seguindo em um bom ritmo pelas Latmedianas do Sul, onde as estradas são decentemente transitáveis e vocês não foram incomodados por muitos saqueadores ou animais selvagens de grande porte. Os Caçadores conseguiram encontrar bastante forragem para suplementar os estoques da comu, inclusive mais caça do que antes. O que não é de surpreender, já que eles não estão mais competindo com hordas de insetos. Não é o suficiente; ratos-do-campo e pássaros pequenos não vão manter uma comu de mil e tantas pessoas por muito tempo. Mas é melhor do que nada.

Quando começa a notar mudanças na paisagem que prenunciam o deserto — uma diminuição da floresta seca, um

achatamento da topografia, um afastamento gradual do lençol freático em meio aos estratos —, você decide que é hora de enfim tentar conversar com Ykka.

A essa altura, vocês entraram em um bosque de pedras: um lugar com altos e afiados pináculos negros que arranham irregularmente o céu acima e ao redor de vocês à medida que o grupo se esgueira por suas profundezas. Não existem muitos desses no mundo. A maioria é despedaçada por tremores ou, quando havia um Fulcro, destruída de propósito por jaquetas pretas do Fulcro mediante contrato de comus locais. Nenhuma comu vive em um bosque de pedras, entende, e nenhuma comu bem administrada quer ter um por perto. Fora a tendência dos bosques de pedra de desmoronar e esmagar tudo o que estiver dentro, eles costumam ser cheios de grutas e outras formações entrecortadas por cursos de água que são lares maravilhosos para flora e fauna perigosas. Ou pessoas.

A estrada atravessa esse bosque de pedras, o que é ridículo. Quer dizer, ninguém em sã consciência teria construído uma estrada que passasse por um lugar desses. Se um governador de distritante houvesse proposto usar os impostos pagos pelas pessoas nesta perigosa isca para bandidos, esse governador teria sido substituído na eleição seguinte... ou esfaqueado durante a noite. Então, este é o primeiro sinal de que há algo errado quanto a este local. O segundo é o fato de que não há muita vegetação na floresta. Não há muita vegetação em lugar nenhum nesse ponto da Estação, mas também não há indício de que algum dia houve vegetação aqui para começo de conversa. Isso significa que este bosque de pedras é recente... tão recente que não houve tempo para o vento ou a chuva erodirem a pedra e permitirem o crescimento de plantas. Tão recente que não existia antes da Estação.

O sinal número três é o que os seus sensapinae lhe dizem. A maior parte dos bosques de pedra é de calcário, criada pela erosão da água ao longo de centenas de milhões de anos. Este é de obsidiana; vidro vulcânico. Suas pontas irregulares não são retas de cima a baixo, mas sim mais curvadas para dentro; existem até alguns arcos intactos estendendo-se por cima da estrada. É impossível ver de perto, mas você consegue sentir o padrão geral:

o bosque todo é um desabrochar de lava, solidificado em meio à explosão. Nenhuma linha da estrada saiu do lugar diante da explosão tectônica à sua volta. Um belo trabalho, na verdade.

Ykka está no meio de uma discussão com outro membro da comu quando você a encontra. Ela ordenou uma parada a mais ou menos trinta metros do bosque, e as pessoas estão se aglomerando, parecendo confusas sobre se é só uma parada para descansar ou se deveriam acampar, já que está ficando relativamente tarde. O membro da comu é alguém que você enfim reconhece como Esni Costa-forte Castrima, a porta-voz da casta de uso. Ela lança a você um olhar desconfortável quando você para ao lado delas, mas então você tira os óculos e a máscara e a expressão dela se torna mais amena. Ela não a reconheceu antes porque você colocou farrapos na manga do braço que não tem mais para manter-se aquecida. A reação dela é um lembrete bem-vindo de que nem todos em Castrima estão bravos com você. Esni está viva porque a pior parte do ataque — os soldados de Rennanis tentando abrir um caminho sangrento em meio aos Costas-fortes que bloqueavam o Mirante Panorâmico — acabou quando você prendeu os comedores de pedra inimigos nos cristais.

Ykka, no entanto, não se vira, embora devesse sentir sua presença com facilidade. Ela diz, você supõe que para Esni, embora valha para você também:

— Eu realmente não estou com vontade de ouvir mais reclamações neste exato momento.

— Que bom — você diz. — Porque eu entendo exatamente por que você parou aqui, e acho uma boa ideia. — A voz é um pouco mais alta do que precisa ser. Você encara Esni para ela saber que você pretende resolver seu problema com Ykka agora mesmo, e talvez Esni não queira estar ali para ouvir isso. Mas a mulher que lidera os defensores da comu não vai se assustar com tanta facilidade, então você não fica de todo surpresa quando Esni parece achar graça e cruza os braços, pronta para ver o espetáculo.

Ykka se vira para você lentamente, com uma expressão de irritação e incredulidade.

— Bom saber que você aprova — ela diz em um tom que soa qualquer coisa, menos satisfeito. — Não que eu me *importe* com

isso.

Você assume um ar determinado.

— Você está sensando isto, certo? Eu diria que é o trabalho de um quatro ou cinco anéis, mas agora sei que os selvagens podem ter habilidades incomuns. — Você está falando dela. É um gesto de paz. Ou talvez apenas um elogio.

Ela não cai nessa.

— Vamos até onde conseguirmos antes do anoitecer, e vamos acampar lá. — Ela acena em direção à floresta. — É grande demais para atravessar em um dia. Talvez pudéssemos contornar, mas tem alguma coisa... — O olhar dela se dispersa e depois ela franze o cenho e vira as costas, fazendo uma careta por ter revelado uma fraqueza para você. Ela é sensível o bastante para sentir essa *alguma coisa*, mas não para saber exatamente o que está sensando.

Foi você quem passou anos aprendendo a ler rochas no subsolo com orogenia, então você preenche com os detalhes.

— Tem uma armadilha com estacas coberta de folhas naquela direção — você diz, acenando para a grama morta há tempos que margeia um dos lados do bosque de pedras. — Depois da armadilha, tem uma área com laços; não consigo distinguir quantos, mas posso sentir muita tensão cinética de arame ou de corda. Mas, se contornarmos pelo outro lado, tem pedregulhos e colunas de pedra parcialmente lascados posicionados em pontos ao longo da borda do bosque de pedras. Fácil de começar uma avalanche. E consigo sentir buracos posicionados em locais estratégicos ao longo das colunas externas. Uma balestra ou mesmo arco e flecha comuns poderiam fazer muito estrago de lá.

Ykka suspira.

— É. Então *atravessar* é mesmo o melhor caminho. — Ela olha para Esni, que devia estar argumentando a favor de *contornar*. Esni suspira também, então dá de ombros, aceitando a derrota.

Você encara Ykka.

— Quem quer que tenha feito este bosque, se ainda estiver vivo, tem habilidade para congelar com precisão metade desta comu em segundos quase sem aviso. Se estiver determinada a atravessar, vamos ter que estabelecer turnos de guarda ou tarefas; os orogenes

com melhor controle, é o que quero dizer. Você precisa manter todos nós acordados esta noite.

Ela estreita os olhos.

— Por quê?

— Porque se algum de nós estiver dormindo quando o ataque acontecer — você tem bastante certeza de que haverá um ataque —, a pessoa vai reagir instintivamente.

Ykka faz uma careta. Ela não é como o selvagem mediano, mas é selvagem o bastante para saber o que provavelmente vai acontecer se algo a fizer reagir com orogenia durante o sono. Aqueles que o agressor não matar, ela pode muito bem matar de forma completamente acidental.

— Merda. — Ela desvia o olhar por um momento, e você se pergunta se ela não acredita em você, mas, ao que parece, ela só está pensando. — Certo. Vamos dividir a guarda então. Coloque os roggas que não estiverem de guarda para trabalhar, ah, descascando aquelas ervilhas que encontramos alguns dias atrás. Ou consertando os arreios que os Costas-fortes usam no transporte. Já que vamos ter que ser carregados nas carroças amanhã quando estivermos sonolentos e inúteis demais para andar por conta própria.

— Certo. E... — Você hesita. Ainda não. Você não pode admitir sua fraqueza para essas mulheres, ainda não. Mas. — Eu não.

Ykka estreita os olhos de imediato. Esni lança a você um olhar descrente, como quem diz: “você estava indo tão bem”. Rapidamente você acrescenta:

— Não sei do que sou capaz agora. Depois do que fiz em Castrima-de-baixo... estou diferente.

Não é sequer uma mentira. Sem pensar, você estende a mão até o braço que falta, encontrando a manga da jaqueta. Ninguém tem como ver o cotoco, mas você de repente presta muita atenção nele. Acontece que Hoa não gostava muito da maneira como Antimony deixava marcas visíveis de dente nos cotocos de Alabaster. O seu é liso, arredondado, quase polido. Um perfeccionista ferrugento.

O olhar de Ykka segue esse seu toque inibido; ela estremece.

— Hum. É, acho que deve estar. — Ela cerra a mandíbula. — Mas parece que você consegue sentir numa boa.

— Consigo. Posso ajudar a ficar de guarda. Eu só não devia... fazer nada.

Ykka chacoalha a cabeça, mas concorda:

— Tudo bem. Você vai ficar com o último turno da noite, então.

É o turno menos desejável... quando é mais frio, agora que as temperaturas da noite começaram a cair abaixo de zero. A maioria das pessoas preferiria ficar dormindo em sacos de dormir quentinhos. Também é o momento mais perigoso da vigília, quando qualquer agressor de bom senso atacará um grupo grande como este na esperança de pegar as defesas sonolentas e lerdas. Você não consegue decidir se isso é um sinal de confiança ou um castigo. Você pergunta em caráter experimental:

— Posso ficar com uma arma, pelo menos? — Você não carrega uma arma desde alguns meses depois de partir de Tirimo, quando trocou sua faca por cinórrodo para evitar o escorbuto.

— Não.

Pelas ferrugens. Você começa a cruzar os braços, lembra que não pode quando a sua manga vazia balança e faz cara feia. (Ykka e Esni fazem cara feia também.)

— O que é que eu faço então, grito? É sério que você vai colocar a comu em risco porque está ressentida comigo?

Ykka revira os olhos.

— Pelas ferrugens. — É um eco tão semelhante ao seu próprio pensamento que você franze o cenho. — Inacreditável. Acha que eu estou brava por causa do geodo, não é?

Você não consegue deixar de olhar para Esni. Ela olha para Ykka como quem diz: “Como é que é? E não está?”. É eloquente o bastante para vocês duas.

Ykka olha feio, depois esfrega o rosto e solta um suspiro mortal.

— Esni, vai... merda, vai cumprir alguma tarefa de Costa-forte. Essie... aqui. Venha *aqui*. Venha fazer uma caminhada ferrugenta comigo. — Ela faz um gesto firme, frustrada. Você está confusa demais para ficar ofendida; ela se vira e você a segue. Esni encolhe os ombros e se afasta.

Vocês duas andam pelo acampamento em silêncio por alguns instantes. Todos parecem muito conscientes do perigo que o bosque de pedras representa, então esta se tornou uma das pausas para

descanso mais agitadas que você já viu. Alguns dos Costas-fortes estão transferindo itens de uma carroça a outra de modo a colocar artigos essenciais nas carroças com rodas mais resistentes, que estarão menos carregadas. Fáceis de pegar e sair correndo sob pressão. Os Caçadores estão talhando estacas afiadas com a madeira de algumas das árvores e galhos mortos ao redor do acampamento. Elas serão posicionadas em torno do perímetro quando a comu finalmente acampar, de forma a direcionar os agressores a zonas de morte. O resto dos Costas-fortes está tirando uma soneca enquanto pode, sabendo que ou vão patrulhar ou ter que dormir nas áreas mais externas do acampamento quando a noite cair. “Use Costas-fortes para proteger todos”, diz o saber das pedras. Costas-fortes que não gostam de ser escudos humanos podem encontrar uma maneira de se destacarem e se juntarem a outra casta ou ir se juntar a outra comu.

Você torce o nariz quando passa pela vala escavada às pressas ao lado da estrada e que está ocupada por seis ou sete pessoas, com alguns dos Resistentes mais jovens em volta para cumprir a infeliz tarefa de jogar terra sobre os resultados. Há uma pequena fila de pessoas esperando sua vez de se agachar, o que geralmente não acontece. Não é de surpreender que tanta gente precise evacuar o intestino ao mesmo tempo; aqui, à sombra ameaçadora do bosque de pedras, todos estão à flor da pele. Ninguém quer ser pego com as calças arriadas depois que escurecer.

Você está pensando que talvez precise usar a vala quando Ykka a surpreende, tirando-a dessa ruminação deslumbrante.

— Então, você gosta da gente agora?

— O quê?

Ela faz um gesto, mostrando o acampamento. As pessoas da comu.

— Você está com Castrima já faz quase um ano. Fez algum amigo?

Você, você pensa antes de poder se controlar.

— Não — você responde.

Ela olha para você por um momento e, com ares de culpa, você se pergunta se ela estava esperando que dissesse o nome dela. Depois, ela suspira.

— Já começou se amassar com Lerna? Gosto não se discute, eu acho, mas os Reprodutores dizem que os sinais estão todos aí. Eu, quando escolho um homem, escolho um que não fala tanto. Mulheres são uma aposta mais segura. Elas sabem não quebrar o clima. — Ela começa a se alongar, fazendo careta ao mexer um ponto dolorido das costas. Você usa esse tempo para controlar o terrível constrangimento que transparece em seu rosto. Os ferrugentos dos Reprodutores obviamente não estão ocupados o bastante.

— Não — você responde.

— Ainda não?

Você suspira.

— Ainda... não.

— O que ferrugens você está esperando? A estrada não vai ficar mais segura do que isso.

Você a encara.

— Achei que você não se importasse.

— Não me importo. Mas te criticar por isso está me ajudando a comprovar o meu argumento. — Ykka está levando você em direção às carroças, ou pelo menos é o que você acha a princípio. Depois você continua além das carroças e se retesa, surpresa.

Aqui, sentados e comendo, estão os sete prisioneiros rennanianos. Até mesmo sentados eles são diferentes do povo de Castrima: todos esses rennanianos são sanzeds puros ou perto o bastante disso a ponto de não fazer diferença, maiores do que a média mesmo para essa raça, com cabeleiras compridas de cinzas sopradas ou com tranças e cabelo raspado nas laterais ou com pequenas penugens espetadas para realçar o efeito. As berlindas foram colocadas de lado por ora — embora as correntes que ligam cada prisioneiro à sua ainda estejam no lugar — e há alguns Costas-fortes de guarda por perto.

Você está surpresa de que estejam comendo, já que vocês ainda não terminaram de montar o acampamento para passar a noite. Os Costas-fortes de guarda estão comendo também, mas isso faz sentido: eles têm uma longa noite à frente. Os rennanianos erguem os olhos quando você e Ykka se aproximam, e isso faz você parar de repente porque reconhece um dos prisioneiros. Danel, a *general*



do exército de Rennanis. Ela está saudável e ilesa, exceto pelas marcas vermelhas ao redor do pescoço e dos pulsos devido à berlinda. Da última vez que você a viu de perto, ela estava ordenando uma Guardiã sem camisa a matá-la.

Ela a reconhece também, e sua boca forma uma linha resignada e irônica. Depois, muito deliberadamente, ela faz um aceno para você antes de voltar a atenção para a tigela.

Ykka se agacha ao lado de Danel, para sua surpresa.

— Então, como está a comida?

Danel encolhe os ombros, ainda comendo.

— É melhor do que morrer de fome.

— É boa — diz outro prisioneiro do outro lado do círculo. Ele dá de ombros quando um dos outros olha feio. — Bem, é boa *mesmo*.

— Eles só querem que a gente tenha condições de puxar as carroças deles — diz o homem que olhou feio.

— É — interrompe Ykka. — Precisamente. Os Costas-fortes em Castrima recebem uma cota da comu e uma cama, quando temos uma para dar, em troca de sua contribuição. O que vocês receberiam de Rennanis?

— Um pouco de orgulho ferrugento, talvez — diz o homem dos olhares feios, olhando mais feio ainda.

— Cala a boca, Phauld — diz Danel.

— Esses vira-latas acham que...

Danel coloca a tigela de comida no chão. O sujeito dos olhares feios se cala e fica tenso de imediato, arregalando um pouco os olhos. Depois de um instante, Danel pega a tigela e volta a comer. Sua expressão não mudou durante esse tempo todo. Você se vê suspeitando que ela já criou filhos.

Ykka, com o cotovelo apoiado em um dos joelhos, pousa o queixo no punho e observa Phauld por um momento. Ela diz para Danel:

— Então, o que você quer que eu faça quanto a esse aí?

Phauld imediatamente franze as sobrancelhas.

— O quê?

Danel dá de ombros. Sua tigela está vazia agora, mas ela passa um dedo na borda para pegar o restinho de molho.

— Não é mais decisão minha.

— Ele não parece muito inteligente. — Ykka cerra os lábios, examinando o homem. — Não é feio. Mas, para procriar, é mais difícil conseguir intelecto do que aparência.

Danel não diz nada por um instante, enquanto Phauld olha para ela e para Ykka e de volta para ela, cada vez mais incrédulo. Depois, com um suspiro profundo, Danel olha para Phauld também.

— O que quer que eu diga? Não sou mais a comandante dele. Nunca quis ser para começar; fui convocada. Agora eu não me importo nem uma ferrugem.

— Não acredito nisso — retruca Phauld. A voz dele sai muito alta, aumentando de volume devido ao pânico. — Eu *lutei* por você.

— E perdeu. — Danel chacoalha a cabeça. — Agora é uma questão de se adaptar e sobreviver. Esqueça toda aquela besteira que você ouviu em Rennanis sobre sanzeds e vira-latas; aquilo era só propaganda para unir a comu. As coisas são diferentes agora. “Necessidade é a única lei.”

— Não cite o ferrugento saber das pedras para mim!

— Ela está citando o saber das pedras porque você não o *entende* — retruca de forma brusca o outro homem, o que gostou da comida. — Eles estão nos alimentando. Estão nos deixando ser úteis. É um teste, seu merda. Para ver se estamos dispostos a conquistar um lugar nesta comu!

— *Nesta comu?* — Phauld faz um gesto, mostrando o acampamento. Sua risada ecoa pela superfície das rochas. As pessoas olham ao redor, tentando descobrir se a gritaria significa que há algum tipo de problema. — Você está ouvindo o que diz? Essas pessoas não têm chance nenhuma. Elas deveriam estar procurando um lugar para se esconder, talvez reconstruir uma das comus que a gente destruiu pelo caminho. Em vez disso...

Ykka se move com uma casualidade que não engana você. Todos podiam prever isso, inclusive Phauld, mas ele é teimoso demais para admitir a realidade. Ela se levanta, desnecessariamente espana as cinzas dos ombros, entra no círculo e então põe uma das mãos no topo da cabeça de Phauld. Ele tenta se afastar, dando um tapa nela.

— Não coloque as mãos ferrugentas em...

Mas aí ele para. Seus olhos ficam vidrados. Ykka faz aquela coisa com ele, aquela coisa que ela fez com Cutter em Castrima-debaixo quando as pessoas estavam formando uma multidão para linchar orogenes. Como você sabe que vai acontecer desta vez, é capaz de entender melhor como ela cria esse estranho pulso. Definitivamente é magia, algum tipo de manipulação dos finos filamentos prateados que dançam e cintilam entre as partículas da substância de uma pessoa. O pulso de Ykka corta o nó de fios na base do cérebro de Phauld, logo acima dos sensapinae. Tudo continua inteiro fisicamente, mas magicamente é como se ela houvesse cortado a cabeça dele.

Ele se inclina para trás, e Ykka se afasta para deixar que ele desabe pesadamente no chão.

Outra das mulheres rennanianas arqueja e se afasta às pressas, suas correntes tilintando. Os guardas trocam um olhar desconfortável, mas não ficam surpresos: rumores sobre o que Ykka fez com Cutter se espalharam pela comu depois. Um homem rennaniano que não havia falado murmura um rápido palavrão em uma das línguas crioulas costeiras; não é etúrpico, então você não entende, mas o pavor dele fica claro o bastante. Danel apenas suspira.

Ykka suspira também, olhando para o homem morto. Depois olha para Danel:

— Sinto muito.

Danel dá um breve sorriso.

— A gente tentou. E você mesma disse: ele não era muito inteligente.

Ykka aquiesce. Por algum motivo, ela ergue o olhar para você por um instante. Você não faz ideia de que lição deve tirar disso.

— Abra as berlindas — ela diz. Você fica confusa por um momento antes de perceber que é uma ordem para os guardas. Um deles sai do lugar para ir falar com o outro, e começam a vasculhar um molho de chaves. Depois, Ykka parece enojada consigo mesma quando diz pesadamente:

— Quem está cumprindo o turno como contramestre hoje? Memsid? Diga a ele e a alguns dos outros Resistentes para vir cuidar disso. — Ela inclina a cabeça em direção a Phauld.

Todos ficam imóveis. Mas ninguém protesta. Os Caçadores têm encontrado mais caça e forragem, mas Castrima tem muita gente que precisa de mais proteína do que vem recebendo, e o deserto está por vir. Sempre vai chegar a esse ponto.

Após um momento de silêncio, porém, você se aproxima de Ykka.

— Tem certeza disso? — você pergunta baixinho. Um dos guardas vem abrir as correntes dos tornozelos de Danel. Danel, que tentou matar cada membro vivo de Castrima. Danel, que tentou matar *você*.

— Por que eu não teria? — Ykka dá de ombros. Sua voz é alta o bastante para os prisioneiros serem capazes de ouvir. — Faltam Costas-fortes desde que Rennanis atacou. Agora, temos seis substitutos.

— Substitutos que vão nos esfaquear, ou talvez esfaquear só você, pelas costas na primeira oportunidade!

— Se eu não vir que estão vindo e não os matar primeiro, sim. Mas isso seria muita estupidez deles, e eu matei o mais estúpido por uma razão. — Você tem a sensação de que Ykka não está tentando assustar as pessoas de Rennanis. Ela está apenas apresentando fatos. — Está vendo, é isso que eu fico tentando te dizer, Essie: o mundo não é feito de amigos e inimigos. É feito de pessoas que poderiam te ajudar e de pessoas que vão atrapalhar. Mate essas últimas e o que sobra?

— *Segurança*.

— Várias maneiras de estar seguro. Sim, agora a chance de eu ser esfaqueada durante a noite é maior. Mas temos maior segurança para a comu. E, quanto mais forte for a comu, maiores são as chances de todos chegarmos a Rennanis vivos. — Ela dá de ombros, depois olha para o bosque de pedras. — Quem quer que tenha construído isso é um de nós, e é realmente habilidoso. Vamos precisar disso.

— O quê, agora você quer adotar... — Você chacoalha a cabeça, incrédula. — Selvagens bandidos e violentos?

Mas então você para. Porque um dia você amou um selvagem pirata e violento.

Ykka observa enquanto você se lembra de Innon e lamenta a morte dele de novo. Depois, com uma gentileza extraordinária, ela diz:

— Não penso só em sobreviver até o dia seguinte, Essie. Talvez você não devesse também, para variar.

Você desvia o olhar, sentindo-se estranhamente na defensiva. O luxo de pensar além do dia seguinte é uma coisa que você não teve muita chance de experimentar.

— Eu não sou chefe. Sou só uma *rogga*.

Ykka inclina a cabeça, admitindo o fato ironicamente. Você não usa essa palavra com a mesma frequência que ela. Quando ela a pronuncia, é orgulho. Quando você a pronuncia, é agressão.

— Bem, eu sou as duas coisas — diz Ykka. — Chefe e *rogga*. Eu *escolho* ser as duas coisas, e mais. — Ela passa por você e pronuncia as palavras seguintes por sobre o ombro, como se não tivessem significado. — Você não pensou em nenhum de nós enquanto usava aqueles obeliscos, pensou? Você pensou em destruir os seus inimigos. Pensou em sobreviver... mas não conseguiu passar disso. É por esse motivo que estou tão brava com você, Essie. Meses na minha comu e, ainda assim, “só uma *rogga*” é a única coisa que você é.

Ela então se afasta, gritando para todos ao alcance da voz que a pausa para descanso acabou. Você observa enquanto ela desaparece em meio à multidão que se estende e resmunga, depois você olha para Danel, que se levantou e está esfregando a marca vermelha em um dos pulsos. Há um olhar cuidadosamente neutro no rosto da mulher enquanto ela observa você.

— Se ela morrer, você morre — você diz. Se Ykka não cuida de si mesma, você vai fazer o que puder por ela.

Danel solta brevemente o ar, como quem acha graça.

— Isso é verdade quer você me ameace, quer não. Não é como se qualquer outra pessoa aqui fosse me dar alguma chance. — Ela lhe lança um olhar descrente, todo o seu orgulho sanzed completamente intacto apesar de as circunstâncias terem mudado. — Você não é muito boa nisso *mesmo*, não é?

Pelos fogos da terra e pelas pencas de ferrugem. Você se afasta porque, se Ykka já a menospreza por destruir todas as ameaças, ela

realmente não vai gostar se você começar a matar por pura raiva as pessoas que a irritam.



2562: UM TREMOR DE GRAU NOVE NAS COSTEIRAS DO OESTE, EPICENTRO EM ALGUM LUGAR NO DISTRITANTE DE BAGA. RELATOS DE SABEDORISTAS DA ÉPOCA APONTAM QUE O TREMOR “TRANSFORMOU O SOLO EM LÍQUIDO”. (POÉTICO?) UMA VILA DE PESCADORES SOBREVIVEU INTACTA. DO RELATO ESCRITO DE UM MORADOR DA VILA: “O MALDITO DO ROGGEY MATOU O TREMOR QUANDO A GENTE MATOU ELE”. RELATO ARQUIVADO NO FULCRO (COMPARTILHADO COM PERMISSÃO) PELO OROGENE IMPERIAL QUE VISITOU A ÁREA DEPOIS TAMBÉM APONTA QUE UM RESERVATÓRIO AQUÁTICO DE PETRÓLEO PODERIA TER SIDO ROMPIDO PELO TREMOR, MAS O ROGGA NÃO REGISTRADO NA VILA IMPEDIU. ISSO TERIA ENVENENADO A ÁGUA E AS PRAIAS POR QUILOMETROS DA COSTA.

— *NOTAS DE PROJETO DE YAETR INOVADOR DIBARS*



## 4

### *Nassun, andando em território selvagem*

Schaffa é gentil o bastante para guiar as outras crianças de Lua Encontrada na saída de Jekity junto com Nassun. Ele diz à chefe que todos eles vão fazer uma viagem de treinamento a alguns quilômetros de distância de modo que a comu não seja incomodada com movimentos sísmicos adicionais. Como Nassun acabou de mandar o safira de volta para o céu (de forma ruidosa graças ao trovão provocado pelo deslocamento de ar; de forma espalhafatosa porque, de repente, lá estava o obelisco, acima deles, imenso e de um azul profundo e próximo demais da comu), a chefe simplesmente se apressou em providenciar para as crianças bolsas de fuga contendo comida e suprimentos para viagem de maneira que elas pudessem partir logo. Não é o tipo de suprimento de alto nível de que se precisa para uma longa jornada. Nenhuma bússola, botas apenas razoáveis, o tipo de ração que não vai durar mais do que duas semanas antes de estragar. No entanto, é muito melhor do que sair de mãos vazias.

Nenhuma das pessoas da comu sabe que Umber e Nida estão mortos. Schaffa carregou seus corpos para o dormitório dos Guardiões e os colocou em suas respectivas camas, arrumados em poses dignas. Funcionou melhor para Nida, que parecia mais ou menos intacta, a não ser pela nuca, do que Umber, cuja cabeça estava destruída. Schaffa então jogou terra sobre as manchas de

sangue. Jekity vai acabar descobrindo, mas quando descobrir, as crianças de Lua Encontrada estarão fora do alcance, se já não estiverem seguras.

Quanto a Jija, Schaffa o deixou onde Nassun o derrotou. O cadáver é só uma pilha de pedras bonitas, na verdade, até se olhar para algumas de perto.

As crianças estão desanimadas quando partem da comu que os abrigou, em alguns casos durante anos. Eles saem usando os degraus para roggas, como vieram a ser informalmente (e rudemente) chamados: o conjunto de colunas de basalto do lado norte da comu que só os orogenes conseguem atravessar. A orogenia de Wudeh está mais estável do que Nassun jamais a sentiu quando ele os leva para o nível do solo ao empurrar uma das peças do basalto colunar de volta para dentro do antigo vulcão. No entanto, ela pode ver a expressão de desespero no rosto dele e isso a faz doer por dentro.

Eles caminham em grupo para o oeste, mas, antes de terem percorrido um quilômetro, uma ou duas das crianças começam a chorar baixinho. Nassun, cujos olhos permaneceram secos até mesmo em meio a pensamentos perdidos como *Eu matei meu pai*, e *Papai, sinto sua falta*, sofre com eles. É cruel que tenham que passar por isso, ser atirados às cinzas durante uma Estação por conta do que ela fez. (Por conta do que Jija tentou fazer, ela tenta dizer a si mesma, mas não acredita.) Entretanto, seria muito mais cruel deixá-los em Jekity, onde o povo da comu acabaria percebendo o que aconteceu e se voltaria contra as crianças.

Oegin e Ynegen, as gêmeas, são as únicas que olham para Nassun com algo próximo a compreensão. Elas foram as primeiras a sair depois que Nassun tirou o safira do céu. Enquanto os outros viram apenas Schaffa lutar com Umber, e Aço matar Nida, aquelas duas viram o que Jija tentou fazer com Nassun. Elas entendem que Nassun revidou como qualquer um faria. Contudo, todos lembram que ela matou Eitz. Alguns a perdoaram desde então por tê-lo matado, como Schaffa previu — em especial a tímida e assustada Olhadinha, que conversou em particular com Nassun sobre o que fez com a avó que lhe deu uma facada no rosto tanto tempo atrás. Crianças orogenes aprendem cedo o significado do arrependimento.



Mas isso não quer dizer que eles deixaram de temer Nassun, e o medo empresta uma clareza que elimina as racionalizações infantis. No fundo, eles não são assassinos, afinal... e Nassun é.

(Ela não quer ser, assim como você não quer.)

Agora o grupo está literalmente em uma encruzilhada, onde uma trilha local que vai do nordeste ao sudeste se encontra com a Estrada Imperial Jekity-Tevamis, mais a oeste. Schaffa diz que a Estrada Imperial acabará levando a uma estrada alta, que é algo de que Nassun ouviu falar, mas nunca viu em suas viagens. No entanto, a encruzilhada é o local onde Schaffa escolheu informar às outras crianças que elas não podem mais segui-lo.

Esquiva é a única que protesta.

— A gente não vai comer muito — ela diz a Schaffa, um tanto desesperada. — O senhor... o senhor não precisa alimentar a gente. O senhor podia deixar a gente simplesmente segui-lo. A gente vai encontrar a própria comida. Eu sei procurar!

— Nassun e eu provavelmente seremos perseguidos — responde Schaffa. Sua voz é infalivelmente gentil. Nassun sabe que isso torna as palavras piores; a gentileza permite que vejam que Schaffa se importa de verdade. Despedidas são mais fáceis quando são cruéis. — Também vamos fazer uma longa viagem que é muito perigosa. Vocês estarão mais seguros sozinhos.

— Mais seguros sem comu — diz Wudeh, e ri. É o som mais amargo que Nassun já ouviu dele.

Esquiva começa a chorar. Suas lágrimas deixam riscos de assombrosa limpeza nas cinzas que estão começando a sujar seu rosto.

— Eu não entendo. O senhor cuidou de nós. O senhor *gosta* de nós, Schaffa, mais até do que Nida e Umber gostavam! Por que o senhor... se ia só...

— Para com isso — diz Lashar. Ela ficou mais alta nesse último ano, como uma boa garota sanzede bem procriada. Enquanto a maior parte de sua arrogância estilo “meu avô era equatorial” desvaneceu com o tempo, ela ainda recorre à altivez quando está irritada com alguma coisa. Ela cruzou os braços e está olhando para longe da trilha, para um conjunto de colinas sem vegetação a uma curta distância. — Pelas ferrugens, tenha um pouco de orgulho.

Fomos atirados às cinzas, mas ainda estamos vivos e é isso que importa. Podemos nos abrigar naquelas colinas para passar a noite.

Esquiva a encara.

— Não existe abrigo nenhum! A gente vai *morrer de fome* ou...

— Não vamos não. — Deshati, que esteve olhando para o chão enquanto arrastava as cinzas ainda finas com um pé, ergue os olhos de repente. Ela observa Schaffa enquanto fala com Esquiva e os outros. — Existem lugares onde podemos viver. Só precisamos fazer com que abram os portões.

Há uma expressão tensa e determinada em seu rosto. Schaffa lança um olhar penetrante para Deshati e, honra lhe seja feita, ela não estremece.

— Você quer dizer que vai forçar sua entrada? — ele pergunta a ela.

— É isso que o senhor quer que a gente faça, não é? O senhor não mandaria a gente embora se não aceitasse que a gente... faria o que tem que fazer. — Ela tenta dar de ombros. Está tensa demais para um gesto tão casual, acaba parecendo que ela teve um breve espasmo, como se estivesse com uma paralisia. — A gente não estaria vivo ainda se o senhor não aceitasse.

Nassun olha para o chão. É culpa dela que as escolhas das outras crianças tenham se restringido a isso. Havia beleza em Lua Encontrada; entre seus colegas, Nassun descobriu a alegria de se comprazer com o que se é e com o que se pode fazer, e fazê-lo entre pessoas que entendem essa alegria e compartilham dela. Agora, algo que um dia foi sadio e bom morreu.

“Você vai acabar matando tudo o que ama”, Aço lhe dissera. Ela odeia que ele esteja certo.

Schaffa olha para as crianças por um longo e pensativo instante. Seus dedos se contraem, talvez se lembrando de outra vida e de outra versão sua que não teria tolerado a ideia de soltar oito jovens Misalems pelo mundo. Essa versão de Schaffa, contudo, está morta. A contração é apenas um reflexo.

— Sim — ele responde. — É isso que eu quero que vocês façam, se precisam ouvir em voz alta. Vocês têm mais chances em uma comu grande e próspera do que sozinhos. Portanto, permitam-me fazer uma sugestão. — Schaffa dá um passo à frente e se

agacha para olhar nos olhos de Deshati, também estendendo a mão para pousá-la no ombro magro de Esquiva. Com a mesma intensidade e gentileza que usou antes, diz a todos: — Matem apenas um, inicialmente. Escolham alguém que tentar machucar vocês... mas só um, mesmo que mais de um tente. Neutralizem os outros, mas matem essa pessoa sem pressa. Matem de forma dolorosa. Certifiquem-se de que o seu alvo grite. Isso é importante. Se o primeiro que vocês matarem ficar em silêncio, matem outro.

Eles o encaram de volta. Até mesmo Lashar parece perplexa. Nassun, porém, já viu Schaffa matar. Ele desistiu de parte de quem era, mas o que restou ainda é um mestre do terror. Se ele achou conveniente compartilhar os segredos de sua maestria com eles, eles têm sorte. Ela espera que valorizem isso.

Ele continua:

— Quando terminarem de matar, deixem claro para os presentes que agiram somente em defesa própria. Depois, se ofereçam para trabalhar no lugar da pessoa morta ou para proteger o resto do perigo... mas eles vão reconhecer o ultimato. Eles *têm* que aceitar vocês na comu. — Ele faz uma pausa, então fixa seu olhar branco-gelo em Deshati. — Se eles se recusarem, o que vocês fazem?

Ela engole em seco.

— M-matamos todos eles.

Esquiva arqueja um pouco, o choque interrompendo seu choro. Oegin e Ynegen se abraçam, suas expressões denotando puro desespero. Lashar cerra o maxilar, narinas dilatadas. Ela pretende levar as palavras de Schaffa muito a sério. Deshati também, Nassun pode ver... mas fazer isso vai matar algo dentro da menina.

Schaffa sabe. Quando ele se levanta para beijar a testa de Deshati, há tanta tristeza nesse gesto que ele renova o sofrimento de Nassun.

— Todas as coisas mudam durante uma Estação — ele diz. — *Sobrevivam*. Quero que vocês sobrevivam.

Uma lágrima cai de um dos olhos de Deshati antes que ela consiga se controlar. Ela engole em seco de um modo que dá para ouvir. Mas em seguida concorda com a cabeça e se afasta dele, dando alguns passos para trás para ficar com os outros. Há um abismo entre eles agora: Schaffa e Nassun de um lado, as crianças

de Lua Encontrada do outro. Os caminhos se separaram. Schaffa não mostra desconforto com essa separação. Ele deveria; Nassun percebe que o prateado está vivo e palpita dentro dele, protestando contra sua escolha de deixar essas crianças irem em liberdade. Mas ele não demonstra a dor. Quando ele faz o que sente ser o certo, a dor só o fortalece.

Ele fica de pé.

— E, se a Estação em algum momento der verdadeiros sinais de estar abrandando, fujam. Espalhem-se e misturem-se entre as pessoas de outro lugar o melhor que puderem. Os Guardiões não estão mortos, pequeninos. Eles vão voltar. E, uma vez que a notícia do que vocês fizeram se espalhar, eles virão procurá-los.

Os Guardiões comuns, Nassun sabe que é o que ele quer dizer; os “não contaminados”, como ele outrora foi. Esses Guardiões sumiram desde o início da Estação, ou pelo menos Nassun não ouviu falar de nenhum deles que tenha se juntado a uma comu ou tenha sido visto na estrada. *Voltar* sugere que todos eles foram para algum lugar específico. Para onde? Algum lugar para onde Schaffa e os outros contaminados não foram ou não podiam ir.

Mas o que importa é que *este* Guardião, por mais contaminado que esteja, está ajudando-os. Nassun sente uma onda de esperança súbita e irracional. Com certeza o conselho de Schaffa os manterá seguros de algum modo. Então, ela engole em seco e acrescenta:

— Todos vocês são muito bons em orogenia. Talvez a comu que vocês escolherem... talvez eles...

Ela vai parando de falar, sem saber ao certo o que quer dizer. “Talvez eles gostem de vocês” é o que ela estava pensando, mas parece bobagem. Ou “talvez vocês possam ser úteis”, mas não era assim que costumava funcionar. As comus contratavam orogenes do Fulcro apenas por curtos períodos — ou pelo menos foi o que Schaffa lhe contou —, para fazer o trabalho necessário e depois ir embora. Até mesmo comus próximas a pontos quentes e falhas geológicas não haviam desejado orogenes permanentemente por perto, não importava o quanto precisassem deles.

Antes que Nassun consiga encontrar as palavras, porém, Wudeh olha feio para ela.

— Cala a boca.

Nassun pisca.

— O quê?

Olhadinha chia com Wudeh, tentando fazê-lo calar-se, mas ele a ignora.

— Cala a boca. Eu odeio você, sua ferrugenta. Nida costumava cantar para mim. — Então, sem aviso, ele cai no choro. Olhadinha parece confusa, mas alguns dos demais o cercam, murmurando coisas e acariciando-o para confortá-lo.

Lashar observa isso, depois lança um último olhar de reprovação a Nassun antes de dizer a Schaffa:

— A gente vai indo, então. Obrigada, Guardião... se serve de alguma coisa.

Ela se vira e começa a levar o bando embora. Deshati caminha com a cabeça baixa, sem olhar para trás. Ynegen se demora um pouco entre os grupos, então olha para Nassun e sussurra “Eu sinto muito”. Depois, ela também parte, correndo para alcançar os outros.

Assim que as crianças ficam completamente fora de vista, Schaffa põe uma das mãos no ombro de Nassun para fazê-la virar para o oeste, para a Estrada Imperial.

Após vários quilômetros de silêncio, ela pergunta:

— O senhor ainda acha que teria sido melhor matá-los?

— Acho. — Ele olha para ela. — E você sabe disso tão bem quanto eu.

Nassun cerra o maxilar.

— Eu sei. — Mais um motivo para acabar com isso. Acabar com tudo.

— Você tem um destino em mente — diz Schaffa. Não é uma pergunta.

— Tenho. Eu... Schaffa, eu preciso ir para o outro lado do mundo. — Parece quase que está dizendo “eu preciso ir para uma estrela”, mas, já que isso não é muito diferente do que o que ela precisa fazer de fato, ela decide não se sentir constrangida com esse absurdo menor.

Entretanto, para sua surpresa, ele inclina a cabeça em vez de rir.

— Para Ponto Central?

— O quê?

— Uma cidade no outro lado do mundo. É lá?

Ela engole em seco, morde o lábio.

— Eu não sei. Só sei que o que preciso é... — Ela não tem palavras para descrever e, em vez disso, faz uma pantomima com as mãos em forma de concha e chacoalha os dedos, enviando ondas imaginárias para se chocarem e se enredarem umas com as outras. — Os obeliscos... se encaixam naquele lugar. Foi para isso que eles foram feitos. Se eu for para lá, acho que talvez consiga, ãhn, puxar? Não dá para fazer em nenhum outro lugar porque... — Ela não consegue explicar. Linhas de força, linhas de visão, configurações matemáticas; todo o conhecimento de que ela precisa está em sua mente, mas não pode ser reproduzido por sua língua. Parte dele é um presente do safira, parte é a aplicação das teorias que a mãe lhe ensinou, e parte vem simplesmente de amarrar teoria e observação e embrulhar a coisa toda com instinto. — Não sei qual cidade é a certa. Se eu chegar mais perto, e viajar um pouco pela região, talvez eu possa...

— Ponto Central é a única coisa naquele lado do mundo, pequenina.

— É... o quê?

Schaffa para abruptamente, tirando a mochila dos ombros. Nassun faz o mesmo, lendo esse ato como um sinal de que é hora de fazer uma pausa para descansar. Eles estão a sotavento em uma colina, que na verdade é apenas uma haste de lava antiga do grande vulcão que jaz debaixo de Jekity. Há terraços naturais nesta área, formados por obsidiana, a qual sofreu erosão devido ao vento e à chuva, embora a rocha alguns centímetros abaixo seja dura demais para cultivo ou mesmo para florestamento. Algumas árvores perseverantes e de raízes superficiais balançam sobre os terraços vazios e cobertos de cinzas, mas a maioria está morrendo por conta da chuva de cinzas. Nassun e Schaffa poderão ver ameaças potenciais a uma boa distância.

Enquanto Nassun pega parte de uma comida que eles possam compartilhar, Schaffa desenha alguma coisa com o dedo em uma camada de cinzas agitadas pelo vento. Nassun ergue o pescoço e vê que ele fez dois círculos no chão. Em um deles, delineou um esboço grosseiro da Quietude que é familiar para Nassun por conta

das aulas de geografia na creche — exceto que, desta vez, ele desenha a Quietude em duas partes, com uma linha de separação perto do equador. A Fenda, claro, que se tornou uma fronteira mais intransponível até do que milhares de quilômetros de oceano.

O outro círculo, que Nassun agora entende tratar-se de uma representação do mundo, ele deixa em branco com exceção de um único ponto logo acima do equador e ligeiramente a leste da longitude média do círculo. Ele não delineia uma ilha ou continente no qual colocá-lo. Só há aquele ponto solitário.

— No passado, havia mais cidades na parte vazia do mundo — explica Schaffa. — Algumas civilizações construíram em cima ou embaixo do mar no decorrer dos milênios. Porém, nenhuma delas durou muito. A única coisa que sobrou foi Ponto Central.

Fica literalmente a um mundo de distância.

— Como podemos chegar lá?

— Se... — Ele faz uma pausa. Nassun sente um aperto no estômago quando aquele olhar confuso perpassa o rosto do Guardiã. Desta vez, ele estremece e fecha os olhos também, como se mesmo a tentativa de acessar o seu antigo eu houvesse aumentado a dor.

— O senhor não se lembra?

Ele suspira.

— Eu lembro que antes lembrava.

Nassun se dá conta de que deveria ter esperado por isso. Ela morde o lábio.

— Talvez Aço saiba.

Schaffa mexe ligeiramente o músculo do maxilar em um minuto e no outro para.

— De fato, talvez ele saiba.

Aço, que desapareceu quando Schaffa estava arrumando os corpos dos outros dois Guardiões, também poderia estar ouvindo de dentro da pedra em algum lugar ali por perto. Será que significa alguma coisa o fato de ele ainda não ter aparecido para lhes dizer o que fazer? Talvez não precisem dele.

— E o Fulcro Antártico? Eles não têm registros e coisas do tipo?

— Ela se lembra de ter visto a biblioteca do Fulcro antes de ela e Schaffa e Umber se sentarem com os líderes, tomarem uma xícara

de segura, depois matarem todos. A biblioteca era uma sala alta e estranha, cheia de prateleiras com livros do chão ao teto. Nassun gosta de livros (sua mãe costumava esbanjar e comprar um de tempos em tempos, e às vezes Nassun ganhava esses livros usados se Jija os achasse apropriados para crianças), e ela se lembra de ter ficado admirada, pois nunca havia visto tantos livros em toda a sua vida. Com certeza alguns deles continham informações sobre... cidades muito antigas sobre as quais ninguém ouviu falar e às quais só os Guardiões sabem como chegar. Hum. Ähn.

— É pouco provável — diz Schaffa, confirmando os receios de Nassun. — E, a esta altura, aquele Fulcro deve ter sido anexado por outra comu, ou talvez tomado por uma ralé sem-comu. Os campos estavam cheios de hortas comestíveis, afinal, e havia casas habitáveis. Voltar para lá seria um erro.

Nassun morde o lábio inferior.

— Talvez... um barco? — Ela não sabe nada sobre barcos.

— Não, pequenina. Um barco não será o bastante para uma viagem tão longa.

Ele faz uma pausa considerável e, por conta desse aviso, Nassun tenta se preparar. É aqui que ele vai abandoná-la, ela tem uma certeza terrível e pavorosa. É aqui que ele vai querer saber o que ela está tramando... e depois não vai querer fazer parte disso. Por que iria querer? Até mesmo ela sabe que o que quer é uma coisa horrível.

— Suponho então — diz Schaffa — que você quer tomar o controle do Portão do Obelisco.

Nassun arqueja. Schaffa sabe o que é o Portão do Obelisco? Sendo que a própria Nassun só descobriu esse termo naquela manhã com Aço? Mas o conhecimento sobre o mundo, todos os seus estranhos mecanismos e funcionamentos e eras de segredo, ainda está em grande parte intacto dentro de Schaffa. São só as coisas ligadas ao seu antigo eu que estão permanentemente perdidas... o que significa que o caminho para Ponto Central é algo que o velho Schaffa precisava saber em especial.

Ele faz um movimento peculiar com a boca ao notar a surpresa dela.



— Encontrar um orogene que pudesse ativar o Portão era o nosso propósito original, Nassun, ao criar Lua Encontrada.

— O quê? Por quê?

Schaffa ergue os olhos para o céu. O sol está começando a se pôr. Eles talvez tenham mais uma hora de caminhada antes que fique escuro demais para continuar. Mas ele está olhando é para o safira, que não se mexeu perceptivelmente de sua posição em cima de Jekity. Esfregando a nunca de forma distraída, Schaffa contempla o tênue contorno do obelisco em meio às nuvens que estão engrossando e aquiesce, como que para si mesmo.

— Eu e Nida e Umber — ele diz. — Talvez dez anos atrás, nós todos fomos... instruídos... a viajar para o sul e encontrar uns aos outros. Recebemos ordens para procurar e treinar quaisquer orogenes que tivessem potencial para se conectarem aos obeliscos. Entenda: essa não é uma coisa que os Guardiões normalmente fazem, porque só pode haver uma razão para encorajar um orogene a seguir o caminho do obelisco. Mas é o que a Terra queria. Por quê, eu não sei. Nessa época, eu era... menos questionador. — Ele curva os lábios, formando um breve e triste sorriso. — Agora eu tenho suposições.

Nassun franze a testa.

— Que suposições?

— De que a Terra tem seus próprios planos para os humanos...

Schaffa fica tenso de repente, e se desequilibra enquanto está agachado. Sem demora, Nassun o segura para ele não cair, e ele instintivamente põe um braço sobre os ombros dela. O aperto é bastante firme, mas ela não reclama. Que ele precisa do conforto de sua presença é óbvio. Que a Terra está mais irritada do que nunca com ele, talvez porque ele esteja revelando seus segredos, é tão palpável quanto a pulsação bruta e dilaceradora do prateado ao longo de cada nervo e entre cada célula do corpo dele.

— Não fale — diz Nassun com um nó na garganta. — Não diga mais nada. Se vai te machucar desse jeito...

— Isso não me controla. — Schaffa tem que dizer isso em balbucios breves, entre arquejos. — Ele não se apossou do meu âmago. Eu posso... ahhh... ter entrado no canil dele, mas ele não pode me *prender na coleira*.

— Eu sei. — Nassun morde o lábio. Ele está pesadamente apoiado nela, e isso faz a parte do joelho dela que está escorada no chão doer muito. Mas ela não se importa. — Mas o senhor não tem que dizer tudo *agora*. Estou descobrindo por conta própria.

Ela tem todas as pistas, pensa consigo mesma. Nida certa vez disse sobre a habilidade de Nassun de se conectar com os obeliscos: “Essa é uma coisa que nós podávamos no Fulcro”. Nassun não havia entendido na época, mas, depois de perceber parte da imensidão do Portão do Obelisco, agora consegue supor por que o Pai Terra a quer morta se não está mais sob o controle de Schaffa — e, por meio dele, sob o controle da Terra.

Nassun morde ainda mais o lábio. Será que Schaffa entenderá? Ela não tem certeza se consegue suportar caso ele decida partir... ou pior, caso ele se volte contra ela. Então ela respira fundo.

— Aço disse que a Lua está voltando.

Por um instante, sobrevém um silêncio da direção onde Schaffa está. O silêncio tem o peso da surpresa.

— A Lua.

— É real — ela diz de um modo brusco. Mas ela não faz ideia se é verdade, não é? Só há a palavra de Aço de que se valer. Ela nem sabe ao certo o que é uma lua, além de ser a filha perdida do Pai Terra, como diz a história. E, no entanto, ela de alguma forma sabe que essa parte da história que Aço conta é verdade. Ela não consegue exatamente sentir, e não há fios de prata se formando no céu que possam lhe revelar algo, mas ela acredita nisso da mesma maneira como acredita que exista um outro lado do mundo, embora nunca o tenha visto, e da mesma maneira como sabe que as montanhas se formam, e da mesma maneira como tem certeza de que o Pai Terra é real e está vivo e é um inimigo. Algumas verdades são simplesmente grandes demais para negar.

Para sua surpresa, contudo, Schaffa diz:

— Ah, eu sei que a Lua é real. — Talvez a dor tenha desvanecido um pouco: agora ele endurece a expressão enquanto olha para o disco nebuloso e intermitente do sol, encoberto por entre as nuvens perto do horizonte. — Disso eu me lembro.

— O senhor... verdade? Então acredita em Aço?

— Acredito em você, pequenina, porque os orogenes conhecem a atração da Lua quando ela se aproxima. Ter consciência dela é tão natural para vocês quanto sentir tremores. Mas, além disso, eu a vi. — Depois, ele estreita o olhar de forma abrupta para se concentrar em Nassun. — Por que então o comedor de pedra te contou sobre a Lua?

Nassun respira fundo e solta um longo suspiro.

— Eu só queria viver em um lugar legal — ela responde. — Viver em algum lugar com... com o senhor. Eu não teria me importado de trabalhar e fazer coisas para ser um bom membro para uma comu. Talvez eu pudesse ter sido uma sabedorista. — Ela sente a mandíbula se cerrar. — Mas não posso fazer isso em lugar nenhum. Não sem ter que esconder o que sou. Não acho que ter essa condição, ser uma... uma r-roga... — Ela tem que parar e corar e livrar-se do ímpeto de se sentir envergonhada por pronunciar uma palavra tão feia, mas a palavra feia é a palavra certa para o momento. — Não acho que isso me torna má ou estranha ou cruel...

Ela se interrompe de novo, força-se a desviar os pensamentos desse caminho, porque ele leva de volta a *mas você fez coisas tão cruéis*.

Inconscientemente, Nassun mostra os dentes e cerra os punhos.

— Não é *certo*, Schaffa. Não é certo que as pessoas queiram que eu seja má ou estranha ou cruel, que elas me *façam* ser má... — Ela chacoalha a cabeça, buscando as palavras. — Eu só quero ser comum! Mas não sou e... todo mundo, muita gente, todos me *odeiam* porque não sou comum. O senhor é a única pessoa que não me odeia por... por eu ser o que sou. E isso não é certo.

— Não, não é. — Schaffa se ajeita para se sentar contra a mochila, parecendo cansado. — Mas você fala como se fosse fácil pedir às pessoas para superarem seus medos, pequenina.

E ele não diz, mas de repente Nassun pensa: *Jija não conseguiu*.

Nassun sente uma súbita ânsia, brusca o suficiente para ela ter que encostar o punho na boca por um momento e pensar com afincado nas cinzas e em como suas orelhas estão frias. Não há nada

em seu estômago exceto um punhado de tâmaras que acabou de comer, mas a sensação é horrível assim mesmo.

Estranhamente, Schaffa não se move para confortá-la. Ele apenas a observa, sua expressão cansada, mas, de resto, insondável.

— Sei que eles não conseguem fazer isso. — Sim. Falar ajuda. O estômago não melhora, mas ela não se sente mais prestes a vomitar de barriga vazia. — Sei que eles, os quietos, nunca vão deixar de ter medo. Se meu pai não conseguiu... — Enjoo. Ela desvia os pensamentos do final da frase. — Eles vão continuar sentindo medo para sempre, e a gente vai continuar vivendo assim para sempre, e *não é certo*. Deveria ter um modo de... de consertar essa situação. Não é certo isso não ter *fim*.

— Mas você pretende impor um modo de consertar as coisas, pequenina? — pergunta Schaffa. Ele faz essa observação de forma branda. Ele já adivinhou, ela percebe. Ele a conhece tão melhor do que ela mesma, e ela o ama por isso. — Ou um modo de pôr fim a elas?

Ela se levanta e começa a andar, formando pequenos círculos apertados entre a mochila dele e a dela. Ajuda a lidar com a náusea e a crescente e agitada tensão que sente sob a pele e à qual ela não sabe que nome dar.

— Não sei como consertar.

Mas essa não é toda a verdade, e Schaffa sente cheiro de mentira da mesma forma como os predadores sentem cheiro de sangue. Ele estreita os olhos.

— Se você soubesse, *consertaria*?

E então, em um repentino arroubo de memória que Nassun não se permitiu ver ou levar em consideração por mais de um ano, ela se lembra do seu último dia em Tirimo.

Voltando para casa. Vendo seu pai de pé no meio da saleta respirando com dificuldade. Perguntando-se o que havia de errado com ele. Perguntando-se por que ele não se parecia exatamente com o seu pai naquele momento: olhos arregalados demais, boca frouxa demais, ombros curvados de uma maneira que parecia dolorosa. E depois Nassun se lembra de ter olhado para baixo.

Ter olhando para baixo e encarado e encarado e pensado *O que é isso?* e encarado e pensado *É uma bola?* como aquelas que as crianças na creche chutam de um lado para o outro durante o almoço, exceto que aquelas bolas são feitas de couro, ao passo que aquela coisa aos pés de seu pai tem um tom diferente de marrom, marrom com manchas roxas por toda a superfície, encaroçado e parecido com couro e meio murcho mas *Não, não é uma bola, espere, aquilo é um olho?* Talvez, mas está tão inchado e fechado que parece um grande grão de café. *Não é uma bola coisa nenhuma* porque está usando as roupas do seu irmão, inclusive a calça que Nassun pôs nele aquela manhã porque Jija estava ocupado tentando reunir as sacolas com o almoço deles para irem à creche. *Uche não queria vestir aquela calça* porque ainda era um bebê e gostava de ser bobo, então Nassun havia feito a dança do bumbum para ele e ele havia dado tanta, tanta risada! A risada dele era a coisa de que ela mais gostava e, quando a dança do bumbum terminou, ele a deixou colocar a calça como um agradecimento, o que significa que aquela coisa irreconhecível, murcha e semelhante a uma bola ali no chão é *Uche aquele é Uche ele é Uche...*

— Não — respira Nassun. — Eu não consertaria. Mesmo que soubesse como consertar.

Ela para de andar. Ela envolveu o próprio corpo com um dos braços. A outra mão está cerrada, apertada contra a boca. Ela cospe as palavras, deixando-as sair sob o punho agora, engasga com elas à medida que jorram da garganta, apertada a barriga, que está cheia de coisas tão terríveis que ela precisa expeli-las de alguma maneira ou se despedaçará de dentro para fora. Essas coisas distorceram sua voz, transformando-a num grunhido trêmulo que atinge aleatoriamente um tom mais agudo e um volume mais alto, porque é a única coisa que ela pode fazer para não começar a simplesmente gritar.

— Eu *não* consertaria, Schaffa, eu não faria isso, me desculpe, não *quero* consertar quero *matar todos os que me odeiam...*

Seu corpo está tão pesado que ela não consegue ficar de pé. Nassun se agacha, depois ajoelha. Ela quer vomitar, mas, em vez disso, cospe as palavras no chão entre as mãos espalmadas.

— S-s-suma! Quero que tudo SUMA, Schaffa! Quero que tudo QUEIME, quero que tudo queime e morra e suma, suma, não quero que sobre NADA, não quero mais ódio e não quero mais matanças, mais coisa nenhuma, c-coisa ferrugenta nenhuma, coisa nenhuma PARA SEMPRE...

As mãos de Schaffa, firmes e fortes, fazem-na levantar. Ela se debate contra ele, tenta bater nele. Não é maldade ou medo. Ela nunca *quer* machucá-lo. Ela só precisa colocar para fora um pouco do que está dentro dela ou vai enlouquecer. Pela primeira vez, ela entende o pai enquanto grita e chuta e esmurra e morde e puxa as roupas e o cabelo e tenta bater a testa contra a dele. Sem demora, Schaffa a vira e a envolve com um dos braços, prendendo os braços dela ao lado do corpo para que ela não o machuque nem machuque a si mesma naquele acesso de fúria.

*Isso foi o que Jija sentiu, observa uma parte dela distante e isolada, que flutua como um obelisco. Foi isso que brotou dentro dele quando percebeu que a Mamãe mentiu, e que eu menti, e que Uche mentiu. Foi isso que fez ele me empurrar para fora da carroça. Foi por isso que ele subiu até Lua Encontrada esta manhã com uma faca de vidro na mão.*

Isso. Isso é o Jija que há dentro dela, fazendo-a bater e gritar e chorar. Ela se sente mais próxima do pai do que nunca nesse momento de fúria total e irrefreada.

Schaffa a segura até que fique exausta. Enfim ela se deixa cair, tremendo e arfando e gemendo um pouco, sua face coberta de lágrimas e muco.

Quando fica claro que Nassun não vai atacar de novo, Schaffa se ajeita para se sentar de pernas cruzadas, puxando-a para que ela se sente em seu colo. Ela se aninha contra ele da mesma forma como outra criança se aninhou certa vez, muitos anos antes e a muitos quilômetros de distância, quando ele pediu que ela passasse em um teste por ele para que ela pudesse viver. Mas Nassun já passou no teste; até o antigo Schaffa concordaria com essa avaliação. Em toda a sua fúria, a orogenia de Nassun não se contraiu nenhuma vez, e ela não sintonizou o prateado de modo algum.

— Shhh — tranquiliza Schaffa. Ele vinha fazendo isso esse tempo todo, mas agora esfrega as costas dela e limpa com o dedão alguma lágrima ao acaso. — Shhh. Pobrezinha. Como fui injusto. Quando foi nesta mesma manhã... — Ele suspira. — Shhh, minha pequenina. Apenas descanse.

Nassun está destituída e vazia de tudo, exceto da tristeza e da fúria que fluem dentro dela como velozes torrentes de lama vulcânica, pulverizando todo o resto em uma pasta quente e turbulenta. Tristeza e fúria e um último e precioso sentimento sadio.

— O senhor é a única pessoa que eu amo, Schaffa. — A voz dela sai rouca e cansada. — O senhor é o único motivo pelo qual eu não faria isso. Mas... mas eu...

Ele beija a testa dela.

— Faça o final que precisar, minha Nassun.

— Não quero. — Ela tem que engolir em seco. — Eu quero que o senhor... viva!

Ele ri baixinho.

— Ainda uma criança, apesar de tudo o que passou. — O comentário dói, mas o que ele quis dizer está claro. Ela não pode ter ao mesmo tempo Schaffa vivo e o ódio do mundo morto. Ela tem que escolher um final ou o outro.

Mas então Schaffa diz novamente, com firmeza:

— Escolha o final que você precisar.

Nassun se afasta para poder olhar para ele. Ele está sorrindo outra vez, os olhos límpidos.

— O quê?

Ele a aperta com delicadeza.

— Você é minha redenção, Nassun. Você representa todas as crianças que eu deveria ter amado e protegido, até de mim mesmo. E, se isso lhe trouxer paz... — Ele beija a testa dela. — Então serei seu Guardião até o mundo queimar, minha pequenina.

É uma benção e um bálsamo. Nassun enfim para de sentir náusea. Nos braços de Schaffa, segura e aceita, ela finalmente dorme, em meio a sonhos de um mundo brilhante e derretido e, à sua própria maneira, em paz.

• • •

— Aço — ela chama na manhã seguinte.

Um borrão se forma e Aço aparece diante deles de pé no meio da estrada com os braços cruzados e uma ligeira expressão de divertimento no rosto.

— O caminho mais próximo para Ponto Central não fica longe, relativamente falando — diz ele quando ela lhe pede a informação que falta a Schaffa. — Um mês de viagem, mais ou menos. Claro que... — Ele deixa a frase incompleta de modo conspícuo. Ele se ofereceu para levar Nassun e Schaffa para o outro lado do mundo pessoalmente, o que, ao que parece, é uma coisa que os comedores de pedra conseguem fazer. Isso lhes pouparia de muitas adversidades e de muitos perigos, mas teriam que se entregar aos cuidados de Aço enquanto ele os transporta da maneira estranha e aterrorizante de sua espécie, pela terra.

— Não, obrigada — recusa Nassun outra vez. Ela não pede a opinião de Schaffa sobre essa questão, embora ele esteja recostado contra uma rocha ali por perto. Ela não precisa lhe perguntar. Que o interesse de Aço está todo em Nassun é óbvio. Não seria nada para ele simplesmente se esquecer de trazer Schaffa... ou perdê-lo no meio do caminho até Ponto Central. — Mas poderia nos contar sobre esse lugar para onde temos que ir? Schaffa não lembra.

O olhar cinzento de Aço se transfere para Schaffa, que responde com um sorriso, ilusoriamente sereno. Até mesmo o prateado dentro dele fica imóvel, só durante esse momento. Talvez o Pai Terra também não goste de Aço.

— Chama-se *estação* — explica Aço depois de um instante. — É velha. Vocês a chamariam de ruína de civextinta, embora esta ainda esteja intacta, situada dentro de outro conjunto de ruínas que não estão. Muito tempo atrás, as pessoas usavam as estações, ou mais precisamente os veículos guardados dentro delas, para viajar longas distâncias de forma muito mais eficiente do que andando. Nos dias de hoje, porém, só nós, os comedores de pedra, e os Guardiões lembramos que as estações existem. — O sorriso dele, que não mudou desde que apareceu, é impassível e sarcástico. O sorriso, de certo modo, parece destinar-se a Schaffa.

— Todos nós pagamos um preço pelo poder — diz Schaffa. A voz dele é fria e suave daquele modo como ele fica quando está



pensando em fazer coisas ruins.

— Sim. — Aço faz uma pausa um pouco longa demais. — Há um preço a ser pago para usar esse método de transporte também.

— Nós não temos dinheiro ou nada de bom para trocar — diz Nassun, preocupada.

— Felizmente, existem outras formas de pagar. — Aço assume um ângulo diferente de modo abrupto, o rosto inclinado para cima. Nassun segue o olhar, virando-se, e vê... oh. O safira, que se aproximou um pouco durante a noite. Agora, está a meio caminho entre eles e Jekity.

— A estação — continua Aço — é de um tempo antes das Quintas Estações. Da época em que os obeliscos foram construídos. Todos os artefatos que restaram daquela civilização reconhecem a mesma fonte de energia.

— Quer dizer... — Nassun inspira. — O prateado.

— É assim que você o chama? Que poético.

Nassun encolhe os ombros, desconfortável.

— Não sei de que outra maneira chamar.

— Oh, como o mundo mudou. — Nassun franze a testa, mas Aço não explica essa declaração enigmática. — Fiquem nesta estrada até chegarem ao Beijo do Velho. Sabem onde é?

Nassun se lembra de ter visto em mapas das Antárticas uma existência atrás e de dar risada do nome. Ela olha para Schaffa, que aquiesce e diz:

— Nós podemos encontrar.

— Então nos vemos novamente lá. A ruína fica exatamente no centro da floresta de vidro, dentro do círculo interior. Adentrem o Beijo logo depois do amanhecer. Não demorem para chegar ao centro; vocês não vão querer estar na floresta depois do crepúsculo. — Em seguida, Aço faz uma pausa, assumindo uma nova posição, nitidamente pensativa. O rosto está virado para o lado, os dedos tocando o queixo. — Pensei que seria a sua mãe.

Schaffa fica imóvel. Nassun fica surpresa com a onda de calor, e depois de frio, que percorre o seu corpo. Devagar, enquanto examina essas emoções estranhamente complexas, ela pergunta:

— O que quer dizer?

— Eu esperava que fosse ela a fazer isso, é só. — Aço não encolhe os ombros, mas algo em sua voz sugere indiferença. — Eu ameacei a comu onde ela mora. Seus amigos, as pessoas com quem ela se importa agora. Pensei que eles fossem se voltar contra ela, e então esta escolha lhe pareceria mais palatável.

As pessoas com quem ela se importa agora.

— Ela não está mais em Tirimo?

— Não. Ela se juntou a outra comu.

— E eles... não se voltaram contra ela?

— Não. Surpreendentemente. — O olhar de Aço encontra o de Nassun. — Ela sabe onde você está agora. O Portão contou a ela. Mas ela não está a caminho, pelo menos não ainda. Ela quer garantir que seus amigos se acomodem em segurança primeiro.

Nassun cerra o maxilar.

— De qualquer forma, não estou mais em Jekity. E em breve ela também não terá mais o Portão, então não conseguirá me encontrar de novo.

Aço se vira para encará-la, o movimento lento e humanamente suave demais para ser humano, embora seu espanto pareça genuíno. Ela odeia quando ele se mexe devagar. Isso lhe dá calafrios.

— De fato, nada dura para sempre — ele diz.

— O que isso significa?

— Apenas que eu a subestimei, pequena Nassun. — Nassun sente uma aversão instantânea por essa forma de tratamento. Ele assume outra vez a pose pensativa, rapidamente desta vez, para o alívio dela. — É melhor eu não cometer esse erro de novo.

Com isso, ele desvanece. Nassun franze a testa para Schaffa, que chacoalha a cabeça. Eles colocam as mochilas nas costas e se dirigem ao oeste.



2400: EQUATORIAIS DO LESTE (VERIFICAR SE A REDE DE ESTAÇÕES DE LIGAÇÃO ERA ESPARSA NESSA ÁREA, POIS...), COMU DESCONHECIDA. ANTIGA CANÇÃO LOCAL SOBRE UMA ENFERMEIRA QUE DETEVE UMA ERUPÇÃO REPENTINA E O SUBSEQUENTE FLUXO PIROCLÁSTICO TRANSFORMANDO-OS EM GELO. UM DE SEUS PACIENTES SE ATIROU NA FRENTE DE UMA SETA DE

BALESTRA PARA PROTEGÊ-LA DA TURBA. A TURBA A DEIXOU IR; ELA  
DESAPARECEU.

— *ANOTAÇÕES DE PROJETO DE YAETR INOVADOR DIBARS*



## Syl Anagist: Quatro

Toda energia é igual, ao longo de seus diferentes estados e nomes. Movimento cria calor, que também é luz, que viaja em ondas como o som, que comprime ou distende as ligações entre os átomos do cristal à medida que zune com forças vigorosas ou fracas. Em ressonância espelhada com tudo isso está a magia, a radiante emissão de vida e morte.

Este é o nosso papel: entrelaçar essas energias díspares. Manipular e mitigar e, através do prisma da nossa consciência, produzir uma força singular que não possa ser negada. Transformar cacofonia em sinfonia. A grande máquina chamada Motor Plutônico é o instrumento. E nós somos os afinadores.

E este é o objetivo: Geoarcanidade. A Geoarcanidade procura estabelecer um ciclo energético de eficiência infinita. Se formos bem-sucedidos, o mundo jamais conhecerá escassez ou conflito outra vez... ou pelo menos é o que nos dizem. Os condutores explicam pouco além do que precisamos saber para desempenhar nossos papéis. Basta saber que nós — *nós*, pequenos e irrelevantes — ajudaremos a colocar a humanidade em um novo caminho, em direção a um futuro inimaginavelmente brilhante. Podemos ser ferramentas, mas somos ferramentas excelentes, servindo a um propósito magnífico. É fácil extrair orgulho disso.

Estamos afinados o bastante uns com os outros a ponto de a perda de Tettlewha causar problemas por algum tempo. Quando nos

juntamos para formar a nossa rede iniciadora, ela está desequilibrada. Tetlewha era o nosso contratador, os comprimentos de onda medianos do espectro; sem ele, eu sou o mais próximo, mas a minha ressonância natural é um pouco alta. A rede decorrente é mais fraca do que deveria. Nossos fios alimentadores ficam tentando encontrar a escala do meio de Tetlewha, que está vazia.

Gaewha enfim consegue compensar a perda. Ela sintoniza mais profundamente, ressoa mais poderosamente, e isso tapa a lacuna. Temos que passar vários dias reforçando todas as conexões da rede para criar uma nova harmonia, mas não é difícil fazer isso, apenas leva tempo. Essa não é a primeira vez que temos que fazê-lo.

Kelenli se junta a nós na rede só de vez em quando. Isso é frustrante porque sua voz — profunda e poderosa e afiada a ponto de formigar os pés — é perfeita. É melhor do que a de Tetlewha, com um alcance mais amplo do que todos nós juntos. Mas os condutores nos dizem para não nos acostumarmos com ela.

— Ela servirá durante a ativação do Motor de fato — explica um deles quando pergunto —, mas apenas se não conseguir ensiná-los a fazer o que ela faz. O condutor Gallat a quer apenas de prontidão quando chegar o Dia do Lançamento.

Isso parece sensato, na superfície.

Quando Kelenli faz parte de nós, ela assume a liderança. Isso é simplesmente natural porque sua presença é muito maior do que a nossa. Por quê? Alguma coisa no modo como ela foi feita? Alguma outra coisa. Há uma... nota sustentada. Uma queimadura vazia e permanente no ponto médio de suas linhas equilibradas, em seu fulcro, que nenhum de nós entende. Uma queimadura semelhante jaz em cada um de nós, mas a nossa é fraca e intermitente, irrompendo por vezes para rapidamente se dissipar até ficar latente. A dela brilha de maneira constante; seu combustível é, ao que parece, ilimitado.

O que quer que seja essa queimadura de nota sustentada, os condutores descobriram que ela se emaranha lindamente com o caos devorador do ônix. O ônix é o cabochão de controle do Motor Plutônico inteiro e, embora haja outras formas de ativar o Motor — formas mais brutas, alternativas envolvendo sub-redes ou a pedra

da lua —, no Dia do Lançamento, a precisão e o controle do ônix serão absolutamente necessários. Sem ele, nossas chances de ativar a Geocanidade em sua plenitude diminuí muito... mas nenhum de nós até agora tem força para dominar o ônix por mais do que alguns minutos. Observamos admirados enquanto Kelenli o controla durante uma hora inteira, depois parece totalmente inabalada ao se desconectar dele. Quando nós nos conectamos ao ônix, ele nos pune, despojando-nos de tudo o que podemos ceder e deixando-nos em um sono profundo durante horas ou dias... mas ela não. Seus fios a acariciam em vez de despedaçá-la. O ônix *simpatiza* com ela. Essa explicação é irracional, mas ocorre a todos nós, então é assim que começamos a pensar sobre esse assunto. Agora ela precisa nos ensinar a ser mais simpáticos com o ônix, no lugar dela.

Quando terminamos de reequilibrar e eles nos deixam sair das cadeiras de arame que sustentam nossos corpos enquanto as nossas mentes estão envolvidas, nós cambaleamos e precisamos nos apoiar nos condutores para conseguir voltar aos nossos alojamentos individuais. Quando tudo isso termina, ela vem nos visitar. Individualmente, para que os condutores não suspeitem de nada. Em encontros cara a cara, falando bobagens em voz alta... e, nesse meio tempo, fazendo todos nós raciocinarmos com o que fala através da terra.

Ela parece mais afiada do que o resto de nós, ela explica, porque é mais experiente. Porque viveu fora do complexo de edifícios que circundam o fragmento local, que constituiu todo o nosso mundo desde que fomos decantados. Ela visitou mais estações de ligação de Syl Anagist do que apenas aquela onde vivemos; viu e tocou mais fragmentos do que somente juniores e outros funcionários algumas vezes. Fomos feitos como estátuas nesse sentido também; uma implementação do projeto que funcionou nesse caso, tornando-nos capazes de entrar no cio, mas desinteressados em tentar, e inférteis caso nos déssemos ao trabalho. Com Kelenli é igual? Não, os condutores disseram que ela foi feita diferente em apenas um aspecto. Ela tem os nossos sensapinae poderosos, complexos e flexíveis, que nenhuma outra pessoa no mundo possui. Tirando isso, ela é como eles.

— Que bom que eu não estava falando de sexo. — Há um zunido arrastado de divertimento vindo dela, o que me incomoda e me deixa feliz. Não sei por quê.

Alheia à minha súbita confusão, Kelenli fica de pé.

— Vou voltar — ela diz, e sai.

Ela não retorna por vários dias. Mas continua sendo uma parte isolada da nossa rede, então está presente nas nossas caminhadas, nas nossas refeições, nas nossas evacuações, em nossos sonhos incipientes quando dormimos, em nosso orgulho de nós mesmos e uns dos outros. Não parece que estamos sendo observados quando é ela quem o faz, mesmo que esteja observando. Não posso falar pelos outros, mas gosto de tê-la por perto.

Nem todos os outros gostam de Kelenli. Gaewha em especial é beligerante quanto a isso e passa esse sentimento por meio da nossa discussão particular.

— Ela aparece assim que perdemos Tettlewha? Assim que o projeto chega à conclusão? Trabalhamos duro para nos tornarmos o que somos. Será que vão enaltecê-la pelo nosso trabalho quando estiver terminado?

— Ela é apenas uma substituta — digo eu, tentando ser a voz da razão. — E o que ela quer é o que nós queremos. Precisamos cooperar.

— É o que ela diz. — Este é Remwha, que se considera mais inteligente do que o resto de nós. (Todos fomos feitos para ser igualmente inteligentes. Remwha é só um babaca.) — Os condutores a mantiveram longe até agora por algum motivo. Talvez ela seja uma encenqueira.

Isso é bobagem, acredito, embora não me permita dizê-lo nem mesmo nas conversas através da terra. Fazemos parte da grande máquina. Tudo o que melhora o funcionamento da máquina importa; tudo o que não tem relação com esse propósito não importa. Se Kelenli fosse uma encenqueira, Gallat a teria enviado para o canteiro de roseiras bravas junto com Tettlewha. Isso, todos nós entendemos. Gaewha e Remwha estão apenas sendo difíceis.

— Se ela for algum tipo de encenqueira, isso se manifestará com o tempo — eu falo com firmeza. Não acaba com a discussão, mas a adia.

Kelenli volta no dia seguinte. Os condutores nos reúnem para explicar.

— Kelenli pediu para levá-los em uma missão de afinação — anuncia o homem que vem entregar as instruções. Ele é muito mais alto do que nós, mais alto até do que Kelenli, e esguio. Ele gosta de se vestir com cores que combinam perfeitamente e botões enfeitados. Seu cabelo é comprido e preto; sua pele é branca, embora não tanto quanto a nossa. Seus olhos, porém, são como os nossos: branco dentro do branco. Branco como o gelo. Nunca vimos outro *deles* com olhos como os nossos. Ele é o condutor Gallat, chefe do projeto. Penso em Gallat como um fragmento plutônico; um fragmento claro, branco como o diamante. Ele tem ângulos perfeitos e facetas acuradas e é belo de uma forma singular; e também é implacavelmente mortal se não for manuseado com precisão. Nós não nos permitimos pensar sobre o fato de que foi ele quem matou Tetlewha.

(Ele não é quem você pensa que é. Eu quero que Gallat se pareça com ele do mesmo modo como quero que você se pareça com ela. Esse é o perigo de uma memória falha.)

— Uma missão... de afinação — diz Gaewha lentamente para mostrar que não entende.

Kelenli abre a boca para falar e depois para, virando-se para Gallat. Gallat responde a isso com um sorriso cordial.

— O desempenho de Kelenli é o que esperamos de todos vocês, e vocês consistentemente têm tido um desempenho abaixo do esperado — diz ele. Nós ficamos tensos, desconfortáveis, muito atentos à crítica, embora ele apenas dê de ombros. — Procurei informações com a biomagestra chefe e ela insiste que não há nenhuma diferença significativa em suas habilidades relativas. Vocês têm a mesma *capacidade* que ela, mas não demonstram a mesma *destreza*. Existem várias alterações que poderíamos fazer para tentar resolver a discrepância, um aperfeiçoamento por assim dizer, mas esse é um risco que preferimos não correr tão perto do lançamento.

Ressoamos em concordância por um momento, todos muito contentes com isso.



— Ela disse que estava aqui para nos ensinar contexto — eu arrisco com muita cautela.

Gallat concorda com a cabeça.

— Ela acredita que a solução está fora da experiência. Aumento da exposição a estímulos, desafios à sua cognição para a solução de problemas, coisas desse tipo. É uma sugestão que tem mérito e a vantagem de ser minimamente invasiva... mas, pelo bem do projeto, não podemos mandar todos vocês de uma vez. E se acontecesse alguma coisa? Em vez disso, vamos dividi-los em dois grupos. Já que só existe uma Kelenli, isso significa que metade de vocês vai com ela agora, e metade semana que vem.

Lá fora. Nós vamos lá fora. Fico desesperado para ir no primeiro grupo, mas sabemos que não devemos demonstrar desejo diante dos condutores. Ferramentas não deveriam querer escapar de sua caixa de forma tão evidente.

Em vez disso, eu digo:

— Nós já fomos afinados uns aos outros mais do que suficiente sem essa missão proposta. — Minha voz é monótona. A voz de uma estátua. — As simulações mostram que somos confiavelmente capazes de controlar o Motor, como esperado.

— E poderíamos muito bem fazer seis grupos de dois — acrescenta Remwha. Sei de sua avidez por conta dessa sugestão asinina. — Cada grupo não terá experiências diferentes? Pelo que entendo do... lado de fora... não há como controlar a consistência da exposição. Se precisamos tomar um tempo da nossa preparação para fazer isso, certamente deve ser feito de um modo que minimize os riscos, não?

— Acho que com seis não seria econômico nem eficiente — diz Kelenli enquanto transmite aprovação ou divertimento quanto ao nosso teatro. Ela olha para Gallat e encolhe os ombros, sem se dar o trabalho de fingir indiferença; ela simplesmente parece entediada. — Dá na mesma fazer *um* grupo ou dois ou seis. Podemos planejar o trajeto, posicionar guardas extras ao longo do caminho, envolver a polícia das estações de ligação na vigilância e no apoio. Sinceramente, repetidas viagens só aumentariam a chance de que cidadãos descontentes pudessem prever o trajeto e planejar... algo desagradável.

Todos ficamos intrigados com a possibilidade de algo desagradável. Kelenli acalma nossos tremores agitados.

O condutor Gallat estremece quando ela faz isso; esse comentário acertou o alvo.

— Vocês vão por conta do potencial de obter benefícios significativos — o condutor Gallat nos diz. Ele ainda está sorrindo, mas há um quê nesse sorriso agora. Por acaso a palavra “vão” foi ligeiramente enfatizada? Tão minúsculas as perturbações do discurso em voz alta. O que entendo disso é que ele não só nos deixou ir, mas também mudou de ideia sobre nos enviar em múltiplos grupos. Parte dessa mudança se deve ao fato de que a sugestão de Kelenli era mais sensata, mas o resto se deve ao fato de que ele está irritado conosco por nossa relutância.

Ah, Remwha maneja sua natureza irritante como um cinzel de diamante, como de costume. Ótimo trabalho, eu pulso. Ele me responde com uma educada forma de onda de agradecimento.

Vamos sair nesse mesmo dia. Vestimentas adequadas para viagens ao lado de fora foram trazidas ao meu alojamento por condutores juniores. Visto o tecido mais grosso e calço os sapatos com cuidado, fascinado pelas texturas diferentes, então me sento em silêncio enquanto o condutor júnior faz uma única trança branca com o meu cabelo.

— É necessário para ir para fora? — pergunto. Estou genuinamente curioso, uma vez que os condutores usam cabelos de muitos estilos. Alguns eu não consigo imitar porque meu cabelo é fofo e grosso e não fica encaracolado nem dá para alisar. Só nós temos cabelos assim. O deles vem em muitas texturas.

— Pode ajudar — responde o júnior. — Vocês vão chamar a atenção não importa o que for feito, mas, quanto mais normais pudermos fazer vocês parecerem, melhor.

— As pessoas saberão que fazemos parte do Motor — eu digo, endireitando-me só um pouquinho, orgulhoso.

Os dedos dele ficam mais lentos por um instante. Acho que ele não percebe.

— Não é exatamente... É mais provável que elas vão pensar que vocês são outra coisa. Mas não se preocupe: vamos mandar guardas para garantir que não haja problemas. Eles serão discretos,

mas estarão lá. Kelenli insiste que vocês não devem se sentir protegidos, mesmo que estejam sendo.

— É mais provável que pensem que somos outra coisa — eu repito lenta e pensativamente.

Os dedos dele se contraem, puxando alguns fios com mais força do que o necessário. Eu não estremeço nem recuo. Eles ficam mais confortáveis pensando em nós como estátuas, e estátuas não devem sentir dor.

— Bem, é uma possibilidade distante, mas eles precisam saber que vocês não... quero dizer, é... — Ele suspira. — Ah, Morte Cruel. É complicado. Não se preocupe.

Os condutores dizem isso quando cometem um erro. Não mando nenhum sinal sobre isso para os outros de imediato porque nós minimizamos as conversas fora das reuniões sancionadas. As pessoas que não são afinadoras conseguem perceber a magia apenas de modo rudimentar; elas usam máquinas e instrumentos para fazer o que é natural para nós. No entanto, estão sempre nos monitorando em alguma medida, então não podemos permitir que descubram até que ponto conversamos uns com os outros e os ouvimos quando pensam que não conseguimos ouvir.

Em pouco tempo, estou pronto. Depois de debater com outros condutores por sobre a videira, o meu decide aplicar tinta e pó no meu rosto. Era para me fazer ficar parecido com eles. Na verdade, me faz parecer alguém cuja pele branca foi pintada de marrom. Devo parecer cético quando ele me mostra o espelho; meu condutor suspira e reclama que não é um artista.

Depois, ele me leva para um lugar que só vi algumas vezes antes e que fica dentro do edifício que me abriga: o saguão do andar de baixo. Aqui, as paredes não são brancas: permitiu-se que o tom natural de verde ou marrom da celulose autorreparadora florescesse sem ser branqueado. Alguém semeou pelo lugar morangos que estão metade com flores brancas, metade com frutos vermelhos amadurecendo: é encantador. Nós seis estamos de pé ao lado da piscina daquele andar, esperando por Kelenli, tentando não notar os outros funcionários do edifício indo e vindo e olhando para nós: seis pessoas menores do que a média e atarracadas com cabelo branco e fofo e rostos pintados, nossos lábios formando

sorrisos defensivamente agradáveis. Se há guardas, não sabemos como distingui-los daqueles que ficam olhando.

Quando Kelenli chega, contudo, eu enfim noto guardas. Os dela se movem com ela, sem se preocuparem em ser discretos; uma mulher e um homem, altos, de pele marrom, e que poderiam ser irmãos. Percebo que já os vi antes, seguindo-a em outras ocasiões nas quais ela veio fazer visita. Eles ficam parados quando ela chega até nós.

— Ótimo, vocês estão prontos — ela diz. Depois faz uma careta, estendendo a mão para tocar a bochecha de Dushwha. O polegar dela fica cheio de pó facial. — Sêrio?

Dushwha desvia o olhar, desconfortável. Jamais gostou de que lhe forçassem a fazer nenhuma imitação dos nossos criadores... nem no que se referia à roupa, nem ao gênero; definitivamente não com relação a isto.

— É para ajudar — murmura, descontente, talvez tentando convencer-se.

— Faz vocês se destacarem *mais*. E, de qualquer forma, eles vão saber o que vocês são. — Ela se vira e olha para um dos seus guardas, a mulher. — Vou levá-los para limpar essa porcaria. Quer ajudar? — A mulher apenas olha para ela em silêncio. Kelenli ri para si mesma. A risada soa genuinamente alegre.

Ela nos conduz a um cômodo para necessidades pessoais. Os guardas param do lado de fora enquanto ela joga água do lado limpo do reservatório da latrina nos nossos rostos e tira a tinta com um tecido absorvente. Ela cantarola enquanto faz isso. Significa que está feliz? Quando ela pega o meu braço para tirar aquela porcaria do meu rosto, eu examino o dela para tentar entender. Seu olhar se torna penetrante quando percebe.

— Você é um pensador — ela diz. Não sei ao certo o que isso quer dizer.

— Todos nós somos — respondo. Eu permito um breve estrondo de nuance. *Temos que ser*.

— Exatamente. Vocês pensam mais do que precisam. — Ao que parece, há uma mancha marrom particularmente teimosa perto do meu couro cabeludo. Ela a esfrega, faz uma careta, esfrega de novo, suspira, enxágua o tecido e esfrega outra vez.

Eu continuo examinando seu rosto.

— Por que você ri do medo deles?

É uma pergunta boba. Eu deveria tê-la feito através da terra, não em voz alta. Ela para de esfregar meu rosto. Remwha olha para mim em branda reprovação, depois vai para a entrada do cômodo. Eu o ouço pedindo à guarda que está lá que, por favor, pergunte a um condutor se corremos o risco de sofrer danos devido à exposição ao sol sem a proteção da tinta. A guarda ri e chama o companheiro para repassar a pergunta, como se fosse ridícula. Durante o momento de distração que essa conversa nos proporciona, Kelenli volta a me esfregar.

— Por que *não* rir disso?

— Eles iam gostar mais de você se não risse. — Eu assinalo uma nuance: alinhamento, enredamento harmônico, conformidade, conciliação, mitigação. Se ela quiser que gostem dela.

— Talvez eu não queira que gostem de mim. — Ela dá de ombros, virando-se para enxaguar o tecido de novo.

— Poderiam gostar. Você é como eles.

— Não o suficiente.

— Mais do que eu. — Isso é óbvio. Ela tem o tipo de beleza deles, o tipo de normalidade deles. — Se tentasse...

Ela ri de mim também. Não é por crueldade, eu sei disso instintivamente. É por pena. Mas, por baixo dessa risada, sua presença fica tão imóvel e contida quanto uma pedra pressurizada no instante em que se torna outra coisa. Raiva outra vez. Não de mim, mas ainda assim desencadeada por minhas palavras. Sempre pareço deixá-la irritada.

*Eles têm medo porque nós existimos, ela diz. Não fizemos nada para provocar medo exceto existir. Não há nada que possamos fazer para conseguir a aprovação deles exceto deixar de existir... então podemos ou morrer, como eles querem, ou rir da covardia deles e continuar vivendo.*

Acho que, a princípio, não entendo tudo o que ela acabou de me falar. Mas eu entendo, não entendo? Houve dezesseis de nós um dia; agora somos apenas seis. Os outros questionaram e foram descomissionados por conta disso. Obedeceram sem questionar e foram descomissionados por conta disso. Barganharam. Desistiram.

Ajudaram. Desesperaram-se. Tentamos de tudo, fizemos tudo o que pediram e mais e, no entanto, agora só restam seis de nós.

Significa que somos melhores do que os outros, digo a mim mesmo, carrancudo. Mais espertos, mais adaptáveis, mais habilidosos. Isso importa, não importa? Somos componentes da grande máquina, o ápice da biomagestria sylanagistina. Se alguns de nós tiveram que ser retirados devido a defeitos...

*Tetlewha não era defeituoso*, Remwha retruca como uma falha sísmica transcorrente.

Pisco e dou uma espiada nele. Ele voltou para o cômodo e espera perto de Bimniwha e Salewha; todos eles usaram a fonte para tirar a própria tinta enquanto Kelenli trabalhava em mim, Gaewha e Dushwha. Os guardas que Remwha distraiu estão do lado de fora, ainda rindo do que ele lhes disse. Ele está me encarando. Quando franzo a testa, ele repete: *Tetlewha não era defeituoso*.

Eu cerro o maxilar. *Se Tetlewha não era defeituoso, então significa que ele foi descomissionado sem motivo nenhum*.

*Sim*. Remwha, que raramente parece satisfeito em um dia bom, agora entorta os lábios, demonstrando desgosto. Em relação a mim. Isso me deixa tão chocado que me esqueço de fingir indiferença. É exatamente esse o argumento dela. Não importa o que façamos. O problema são eles.

Não importa o que façamos. O problema são eles.

Quando fico limpo, Kelenli põe as duas mãos no meu rosto.

— Você conhece a palavra “legado”?

Eu já a ouvi e deduzi seu significado a partir do contexto. É difícil colocar meus pensamentos de volta nos eixos depois da resposta irritada de Remwha. Ele e eu nunca gostamos muito um do outro, mas... Eu chacoalho a cabeça e me concentro no que Kelenli me perguntou.

— Um legado é uma coisa obsoleta, mas da qual você não pode se livrar por completo. Algo que não se quer mais, mas que ainda é necessário.

Ela meio que faz uma careta e meio que sorri, primeiro para mim e depois para Remwha. Ela ouviu tudo o que ele me disse.

— Isso vai servir. Lembre-se dessa palavra hoje.

Então ela se põe de pé. Nós três ficamos olhando para ela. Ela não é apenas mais alta e tem a pele mais marrom, mas se movimenta mais, respira mais. *É* mais. Nós veneramos o que ela é. Nós tememos o que ela vai fazer de nós.

— Venham — ela diz, e nós a seguimos até lá fora, até o mundo.



2613: UM MACIÇO VULCÃO SUBAQUÁTICO ENTROU EM ERUPÇÃO NO ESTREITO DE TASR, ENTRE O ERMO ANTÁRTICO POLAR E A QUIETUDE. SELIS LÍDER ZENAS, QUE ANTES NÃO SE SABIA TRATAR-SE DE UMA OROGENE, APARENTEMENTE ACALMOU O VULCÃO, EMBORA NÃO TENHA CONSEGUIDO ESCAPAR DO TSUNAMI QUE ELE CAUSOU. OS CÉUS ESCURECERAM NAS ANTÁRTICAS DURANTE CINCO MESES, MAS CLAREARAM ANTES QUE FOSSE DECLARADA OFICIALMENTE UMA ESTAÇÃO. LOGO APÓS O TSUNAMI, O MARIDO DE SELIS LÍDER — CHEFE DA COMUNA ÉPOCA DA ERUPÇÃO, ATÉ UMA ELEIÇÃO DE EMERGÊNCIA — TENTOU DEFENDER O FILHO DE UM ANO DE IDADE DE UMA TURBA DE SOBREVIVENTES E FOI MORTO. CAUSA CONTESTADA: ALGUMAS TESTEMUNHAS DIZEM QUE A TURBA O APEDREJOU, OUTRAS DIZEM QUE O EX-CHEFE DA COMU FOI ESTRANGULADO POR UM GUARDIÃO. O GUARDIÃO LEVOU O ÓRFÃO PARA GARANTIA.

— *NOTAS DE PROJETO DE YAETR INOVADOR DIBARS*



## 5

### *Você é lembrada*

O ataque vem, precisamente como o esperado, perto do amanhecer.

Todos estão prontos para ele. O acampamento está mais ou menos um terço para dentro do bosque de pedras, que foi o máximo que Castrima conseguiu percorrer antes que a escuridão total tornasse traiçoeiro qualquer avanço a mais. O grupo deveria ser capaz de atravessar o bosque inteiro antes do pôr do sol do dia seguinte... supondo que todos sobrevivessem durante a noite.

Impaciente, você perambula pelo acampamento, e não é a única a fazer isso. Os Caçadores deveriam estar todos dormindo, já que, durante o dia, agem como batedores e andam por maiores distâncias em busca de forragem e caça. Você vê alguns deles acordados também. Os Costas-fortes deveriam estar dormindo em turnos, mas todos estão acordados, assim como um bom número de pessoas das outras castas. Você avista Hjarka sentada sobre uma pilha de bagagens, com a cabeça baixa e os olhos fechados, mas, fora isso, suas pernas estão apoiadas para uma rápida investida e há uma faca de vidro em cada mão. Seus dedos não afrouxaram com o sono.

É um momento idiota para atacar, considerando tudo isso, mas não há um momento melhor, então, aparentemente, seus agressores decidem trabalhar com o que têm. Você é a primeira a



sensar o ataque e gira sobre a ponta do pé e dá um grito de alerta ao mesmo tempo em que restringe sua percepção e a projeta naquele espaço da mente a partir do qual você consegue comandar vulcões. Um fulcro profundo e forte foi cravado na terra ali por perto. Você o segue até o ponto médio de sua espiral potencial, o centro do círculo, como uma águia avistando a presa. Lado direito da estrada. Uns seis metros bosque adentro, fora do campo de visão em meio aos caminhos e as folhagens caídas.

— Ykka!

Ela aparece de pronto de onde quer que estivesse sentada entre as tendas.

— É, eu senti.

— Não está ativo ainda. — Com essas palavras, você quis dizer que a espiral ainda não começou a absorver calor ou movimento do ambiente. Mas aquele fulcro é tão profundo quanto uma raiz mestra. Não há muito potencial sísmico nessa região e, inclusive, boa parte da pressão nos estratos dos níveis mais baixos foi absorvida pela criação do bosque de pedras. No entanto, sempre há calor se você for fundo o bastante, e essa espiral é funda. Sólida. Precisa, segundo os métodos do Fulcro.

— Não precisamos lutar — Ykka grita de repente para o bosque. Você se sobressalta, embora não devesse. Fica chocada com o fato de que ela está falando sério, embora realmente não devesse mais ficar chocada a essa altura. Ela avança pisando duro, o corpo tenso, os joelhos dobrados como se estivesse prestes a correr a toda velocidade para dentro do bosque, mãos estendidas e dedos agitando-se.

Agora está mais fácil se conectar com a magia, embora você ainda se concentre no cotoco do próprio braço para começar, por uma questão de costume. Nunca vai lhe parecer *natural* usar isso em vez de orogenia, mas pelo menos a sua percepção muda rapidamente. Ykka está bem mais adiante do que você. Ondulações e arcos de prateado dançam pelo chão ao redor dela, em grande parte diante dela, espalhando-se e cintilando à medida que ela os extrai do solo e se apossa deles. A pouca vegetação que você consegue sensar no bosque de pedras facilita; as mudas de videiras e os musgos privados de luz agem como fios, canalizando e

alinhando o prateado em padrões que fazem sentido. Que são previsíveis. Que estão *procurando*... ah. Você fica tensa no mesmo instante que Ykka. Sim. Ali.

Sobre aquele fulcro profundo, no centro de uma espiral que ainda não começou a girar, encontra-se um corpo agachado, esculpido em prateado. Pela primeira vez, em comparação, você nota que o prateado de um orogene é mais brilhante e menos complexo do que aquele das plantas e insetos ao seu redor. A mesma... bem, *quantidade*, se essa palavra for adequada, se não *capacidade* ou *potencial* ou *vitalidade*, mas não o mesmo padrão. O prateado desse orogene está concentrado em relativamente poucas linhas brilhantes que se alinham todas em direções similares. Elas não cintilam, nem a espiral dele. Ele (você supõe isso, mas parece uma suposição correta) está ouvindo.

Ykka, outro contorno de prateado preciso e concentrado, acena com a cabeça, satisfeita. Ela sobe no alto de parte do carregamento da carroça de modo que sua voz se propague melhor.

— Eu sou Ykka Rogga Castrima — ela grita. Você supõe que ela aponta para você. — Ela é uma rogga também. E também ele. — Temell. — E também aquelas crianças ali. Nós não matamos roggas aqui. — Ela faz uma pausa. — Você está com fome? Nós temos um pouco para dividir. Você não precisa tentar pegar.

O fulcro não se mexe.

Mas outra coisa se mexe; do outro lado do bosque de pedras, à medida que esparsas e atenuadas aglomerações de prateado de repente formam um borrão de movimento caótico e vêm correndo em sua direção. Outros saqueadores; Terra Cruel, vocês todos estavam tão concentrados no rogga que nem sequer notaram os outros atrás de vocês. Contudo, você os ouve agora, vozes se elevando, praguejando, pés batendo na areia coberta de cinzas. Os Costas-fortes próximos à barreira de estacas daquele lado dão o grito de alerta.

— Estão atacando — você grita.

— Não brinca! — Ykka retruca de forma brusca, desembainhando uma faca de vidro.

Você recua para o círculo das tendas, muito ciente de sua vulnerabilidade de um modo que é estranho e profundamente

desconfortável. É pior porque você ainda consegue sentir e porque seus instintos a instigam a responder quando você vê em que *poderia* ajudar. Um grupo de agressores chega por uma parte do perímetro que tem poucas estacas e defensores, e você abre os olhos e os vê lutando para tentar abrir caminho. São típicos saqueadores sem-comu... imundos, macilentos, vestidos com uma combinação de trapos e roupas mais novas roubadas e desbotadas pelas cinzas. Você poderia acabar com todos os seis em meia respiração, com uma única espiral de precisão.

Mas você também consegue sentir quão... o quê? Quão *alinhada* você está. O prateado de Ykka está concentrado como o dos outros roggas que você observou, mas o dela ainda está disposto em camadas, pontiagudo, um pouco agitado. Ele flui dentro dela para todos os lados enquanto ela pula de cima da carroça de carga e grita para as pessoas ajudarem os escassos Costas-fortes próximos daquele grupo de saqueadores, então ela mesma sai correndo para ajudar. Você e a sua magia fluem com uma clareza suave, a direção e o fluxo de cada linha combinando perfeitamente com os de todas as outras. Você não sabe como fazer para voltar a ser como era antes, se é que isso é possível. E você sabe instintivamente que usar o prateado estando assim vai juntar todas as partículas do seu corpo de modo tão hábil quanto um pedreiro ergue uma parede de tijolos. Você se converterá em pedra da mesma maneira.

Então, você luta contra os seus instintos e *se esconde*, por mais que isso a irrite. Há outros aqui, agachados no círculo central das tendas: as crianças menores da comu, um parco punhado de idosos, uma mulher tão grávida que não consegue se mexer com nenhuma flexibilidade, embora tenha uma balestra carregada nas mãos, e dois Reprodutores armados com facas, que obviamente ficaram encarregados de defender a mulher e as crianças.

Quando você ergue a cabeça para observar a luta, vislumbra algo estonteante. *Danel*, tendo se apropriado de uma das lanças talhadas para construir a cerca, está usando-a para abrir uma trilha sangrenta entre os saqueadores. Ela é fenomenal, volteando e golpeando e defendendo-se e golpeando de novo, girando a vara entre um ataque e outro como se houvesse lutado contra sem-

comus um milhão de vezes. Isso não é apenas ser uma Costa-forte experiente; é outra coisa. Ela é simplesmente boa demais. Mas faz sentido, não faz? Rennanis não faria dela sua general por conta do seu charme.

Não é uma grande luta no final das contas. Vinte ou trinta sem-comus magricelos contra membros treinados, alimentados e preparados de uma comu? É por isso que comus sobrevivem às Estações, e é por isso que permanecer sem comu por muito tempo é uma sentença de morte. Esse grupo provavelmente estava desesperado; não pode ter havido muito trânsito ao longo da estrada nos últimos meses. Em que estavam pensando?

No orogene deles, você percebe. É quem esperavam que vencesse essa luta para eles. Mas ele ainda não está se mexendo, nem orogênica nem fisicamente.

Você se levanta, passando pelos aglomerados que ainda lutam. Ajustando sua máscara de forma estrangida, você sai da estrada e passa pelas estacas que marcam o perímetro, adentrando a parte mais escura do bosque de pedras. A luz do acampamento deixa você com cegueira noturna, então você para por um instante para permitir que seus olhos se adaptem. Não dá para saber que tipo de armadilhas os sem-comu deixaram ali; você não deveria estar fazendo isso sozinha. De novo você fica surpresa, porém, porque, entre uma piscada e outra, de repente começa a ver tudo em prateado. Insetos, folhas soltas, uma teia de aranha, até mesmo as pedras... tudo agora cintila em descontrolados padrões venosos, suas células e partículas marcadas pela treliça que os conecta.

E pessoas. Você para quando as distingue, bem camufladas contra a mancha prateada do bosque. O rogga continua onde estava, uma gravura mais brilhante contra linhas mais delicadas. Mas também há dois pequenos vultos agachados em uma pequena gruta uns seis metros mais adentro do bosque. Dois outros corpos, de algum modo lá no alto das pedras irregulares e recurvadas do bosque. Sentinelas, talvez? Nenhum deles se mexe muito. Não dá para dizer se eles a viram, ou se estão observando a luta de alguma maneira. Você está paralisada, perplexa devido a essa súbita mudança na sua percepção. Será que é algum efeito colateral de aprender a ver o prateado em si mesma e nos obeliscos? Talvez,

uma vez que se tornou capaz de fazê-lo, você o veja em toda parte. Ou talvez você esteja tendo uma alucinação com tudo isso agora, como uma imagem residual contra as suas pálpebras. Afinal, Alabaster nunca mencionou que conseguia ver dessa forma... mas quando foi que Alabaster tentou ser um bom professor?

Você avança um pouco, tateando, uma das mãos estendida caso seja algum tipo de ilusão, mas, se for, pelo menos é precisa. Embora seja estranho pisar numa treliça de prateado, depois de um tempo você se acostuma.

A treliça característica do orogene e aquela espiral ainda ativa não estão longe, mas ele está em algum lugar mais alto do que o chão. Talvez uns três metros acima de onde você está. Isso se explica em certa medida quando o solo se inclina abruptamente para cima e sua mão toca uma pedra. Sua visão regular se adaptou o bastante a ponto de você ver que há uma coluna aqui, torta e provavelmente possível de escalar, pelo menos para alguém com mais de um braço. Então você para no sopé e diz:

— Ei.

Sem resposta. Você percebe uma respiração: rápida, breve, contida. Como alguém que está tentando não ser ouvido enquanto respira.

— Ei.

Apertando os olhos no escuro, você finalmente distingue um tipo de estrutura de galhos empilhados e tábuas velhas e escombros. Um posto de caça, talvez. De lá do posto, deve ser possível ver a estrada. A visão não importa para o orogene médio: orogenes não treinados não conseguem direcionar seu poder de modo algum. Um orogene treinado pelo Fulcro, contudo, precisa de campo de visão para ser capaz de distinguir entre congelar suprimentos úteis ou apenas congelar as pessoas que os defendem.

Algo muda no posto acima de onde você está. A pessoa voltou a respirar normalmente? Você tenta pensar em algo para dizer, mas a única coisa que tem em mente é uma pergunta: o que um orogene treinado pelo Fulcro está fazendo entre os sem-comu? Devia estar fora em uma missão quando a Fenda foi aberta. Sem um Guardião — caso contrário, ele estaria morto —, então isso significa que é um cinco ou mais anéis, ou talvez um três ou quatro anéis que perdeu

seu parceiro de classificação mais alta. Você vê a si mesma, se estivesse na estrada para Allia quando surgiu a Fenda. Sabendo que seu Guardião poderia vir atrás de você, mas apostando que, em vez disso, ele poderia dá-la como morta... não. Sua imaginação se interrompe nesse exato ponto. Schaffa teria vindo procurar você. Schaffa *veio* procurar você.

Mas aquilo foi entre Estações. Supostamente, os Guardiões não se juntam a comus quando vêm as Estações, o que quer dizer que eles morrem — e, de fato, a única Guardiã que você viu desde a Fenda foi aquela junto com Danel e o exército de Rennanis. Ela morreu na tempestade de fervilhões que você invocou, e você está feliz por isso, já que ela era um dos assassinos de pele nua e há algo de muito mais errado do que o de costume com essas pessoas. De qualquer maneira, aqui está outro ex-jaqueta preta sozinho, e talvez com medo, e talvez pronto para matar. Você sabe como é, não sabe? Mas esse ainda não atacou. Você tem que encontrar uma forma de estabelecer uma conexão.

— Eu me lembro — você diz. É suave, um murmúrio. Como se não quisesse ouvir a si mesma. — Eu me lembro dos tormentos. Os instrutores nos matando para nos salvar. Eles também f-fizeram você ter filhos? — Corundum. Os seus pensamentos fogem das lembranças. — Eles... merda. — A mão que um dia Schaffa quebrou, sua mão direita, está em algum lugar do que quer que seja equivalente a um estômago para Hoa. Mas você ainda a sente. Uma dor fantasma em ossos fantasmas. — Sei que quebraram você. A sua mão. Todos nós. Eles nos quebraram para poder...

Você ouve, muito claramente, um leve e horrorizado respirar de dentro do posto.

Em um movimento brusco, a espiral se torna um torvelinho borrado e escaldante e explode. Você está tão perto que a explosão quase a pega. Mas aquele arquejo foi alerta suficiente, então você se preparou orogenicamente embora não pudesse se preparar fisicamente. Fisicamente, você recua, e o deslocamento é demasiado para o seu equilíbrio precário com um braço só. Você cai de bunda... mas foi treinada desde criança a manter o controle em um nível mesmo que o perdesse em outro, então, no mesmo instante, você flexiona os seus sensapinae e apenas tira o fulcro

dele da terra com um golpe, invertendo-o. Você é muito mais forte; é fácil. Você reage com magia também, pegando aqueles tentáculos de prateado que a espiral agitou... e só então se dá conta de que a orogenia *afeta* a magia, mas *não é* magia em si e, na verdade, a magia se afasta da orogenia; é por esse motivo que você não pode trabalhar com orogenia de alto nível sem impactar negativamente sua capacidade de utilizar magia, e como é bom enfim entender isso! Independentemente, você contém os descontrolados fios de magia e acalma tudo de uma vez, de modo que nada pior do que uma geada cai sobre o seu corpo. Está frio, mas só na sua pele. Você vai sobreviver.

Depois você solta... e toda orogenia e magia ricocheteiam como um elástico esticado. Tudo em você parece *vibrar* em resposta, em ressonância, e... oh... oh, não... você sente a amplitude da ressonância aumentar à medida que as suas células começam a se alinhar... e se comprimir, transformando-se em pedra.

Você não pode deter o processo. Mas pode direcioná-lo. No instante que lhe resta, você decide qual parte do corpo pode se dar o luxo de perder. Cabelo! Não, são muitos fios, grande parte distante dos folículos vivos, você pode fazer isso, mas vai levar tempo demais e metade do seu couro cabeludo será pedra quando terminar. Dedos do pé? Você precisa ser capaz de andar. Dedos da mão? Você só tem uma mão, precisa mantê-la intacta o máximo de tempo que puder.

Seios. Bem, você não está planejando ter mais filhos mesmo.

Canalizar a ressonância, a transformação em pedra, para apenas um seio é o bastante. Você precisa conduzi-la pelas glândulas sob a axila, mas consegue mantê-la acima da camada de músculos; isso deverá impedir que o dano prejudique seu movimento e sua respiração. Você escolhe o seio esquerdo para compensar a perda do braço direito. De qualquer forma, o seio direito sempre foi aquele do qual você gostava mais. O mais bonito. E então você fica ali quando termina, ainda viva, extremamente consciente do peso extra no seu peito, chocada demais para lamentar. Ainda.

Depois, você se esforça para levantar de maneira desajeitada, fazendo careta, ao passo que a pessoa no posto solta uma

risadinha nervosa e diz:

— Ah, ferrugens. Ah, Terra. Damaya? É você mesmo? Me desculpe pela espiral, eu só estava... Você não sabe como têm sido as coisas. Não posso acreditar. Você sabe o que fizeram com Colapso?

Arkete, diz a sua memória.

— Maxixe Beryl — diz a sua boca.

É Maxixe Beryl.

• • •

Maxixe Beryl é metade do homem que costumava ser. Ao menos fisicamente.

Ele não tem mais pernas das coxas para baixo. Um olho, ou melhor, apenas um olho que funciona. O olho esquerdo está turvado por lesões e não acompanha exatamente o eixo do outro. O lado esquerdo de sua cabeça — ele quase não tem mais nada daquele adorável cabelo loiro de cinzas sopradas de que você se lembra, só uma penugem cortada à faca — é uma confusão de cicatrizes rosadas, em meio às quais você acha que a orelha cicatrizou fechando-se. As cicatrizes costuraram sua testa e sua bochecha e deixaram sua boca um pouco fora de prumo daquele lado.

No entanto, ele sai do posto de caça contorcendo-se com agilidade, andando com as mãos e erguendo o torso e os tocos das pernas com puro músculo enquanto o faz. Ele se sai muito bem em se locomover sem pernas; deve fazer algum tempo que vem fazendo isso. Ele chega até você antes que você consiga se levantar.

— É você mesmo. Pensei ter ouvido falar que você era só uma quatro anéis. Você realmente desfez a minha espiral com um golpe? Eu tenho seis anéis. Seis! Mas foi assim que eu soube, entende, você ainda *sensa* igual, ainda quieta por fora e ferrugentemente *furiosa* por dentro, é você mesmo.

Os outros sem-comu estão começando a descer, rastejando de seus pináculos e outros lugares semelhantes. Você fica tensa quando eles surgem... espantalhos magros, esfarrapados e fedidos, observando você através de óculos roubados ou de fabricação caseira e de máscaras feitas de panos transpassados que



obviamente já foram a roupa de alguém. Porém, eles não atacam. Eles se reúnem e observam você e Maxixe.

Você observa enquanto ele a rodeia, voltando rapidamente à posição normal. Ele está vestindo camadas de farrapos de sem-comu com mangas compridas, mas você consegue ver como são grandes os músculos dos ombros e dos braços dele sob o tecido desgastado. O resto do corpo dele é magrelo. É doloroso ver a magreza do seu rosto, mas fica claro o que o corpo estabeleceu prioridades durante os longos meses de fome.

— Arkete — você diz, pois lembra que ele preferia o nome com o qual havia nascido.

Ele para de rodeá-la e a perscruta por um momento, com a cabeça inclinada. Talvez isso o ajude a ver melhor com apenas um olho bom. Mas a expressão no rosto dele a censura. Ele não é Arkete, da mesma forma como você não é Damaya. Coisas demais mudaram. Maxixe Beryl, então.

Mas ele comenta:

— Você lembrou. — Nesse momento de calmaria, esse olho na tempestade de palavras anterior, você vislumbra o rapaz atencioso e charmoso do qual se lembra, embora essa coincidência seja quase grande demais para digerir. A única coisa que seria mais estranha do que isso seria topar com... o irmão que você na verdade esqueceu que tinha até este exato momento. Qual era o nome dele? Pelos fogos da Terra, você se esqueceu disso também. Mas provavelmente não o reconheceria se o visse. Os grãos do Fulcro eram seus irmãos, se não de sangue, de dor.

Você chacoalha a cabeça para se concentrar e assente. Você está de pé agora, limpando as folhas soltas e as cinzas da bunda, embora de modo desajeitado devido ao peso do seu peito.

— Fico surpresa de ter lembrado também. Você deve ter causado uma boa impressão.

Ele sorri. É um sorriso torto. Só metade do rosto dele funciona como deveria.

— *Eu* esqueci. Pelo menos, me esforcei muito para esquecer.

Você cerra o maxilar, enrijecendo o corpo.

— Sinto... muito. — É inútil. Ele provavelmente não se lembra por que você sente muito.

Ele dá de ombros.

— Não importa.

— Importa sim.

— Não. — Ele desvia o olhar por um momento. — Eu deveria ter conversado com você depois. Não deveria ter te odiado do jeito que odiei. Não deveria ter deixado que ela, eles, me fizessem mudar. Mas deixei, e agora... nada disso importa.

Você sabe exatamente de que “ela” ele está falando. Depois daquele incidente com Colapso, um caso de bullying que expôs toda uma rede de grãos apenas tentando sobreviver e uma rede maior de adultos explorando o desespero deles... Você lembra. Maxixe Beryl voltando para o alojamento dos grãos um dia com as duas mãos quebradas.

— Melhor do que o que fizeram com Colapso — você murmura antes que lhe ocorra não dizer isso.

No entanto, ele aquiesce, nem um pouco surpreso.

— Fui a uma estação de ligação uma vez. Não era ela. Pelas ferrugens, vai saber no que eu estava pensando... Mas eu queria procurar em todas. Antes da Estação. — Ele solta uma risadinha entrecortada e amarga. — Eu nem gostava dela. Só precisava saber.

Você chacoalha a cabeça. Não que você não entenda o impulso; estaria mentindo se dissesse que não pensou nisso também, nos anos que se passaram depois que você descobriu a verdade. Ir a todas as Estações. Descobrir uma maneira de reparar seus sensapinae danificados e libertá-los. Ou matá-los como um gesto de gentileza; ah, você teria sido uma instrutora tão boa se o Fulcro algum dia houvesse lhe dado uma chance. Mas é claro que você não fez nada. E é claro que Maxixe Beryl também não fez nada para salvar os mantenedores das estações. Somente Alabaster conseguiu fazer isso.

Você respira fundo.

— Eu estou com eles — você diz, apontando com a cabeça para a estrada. — Você ouviu o que a chefe disse. Orogenes são bem-vindos.

Ele cambaleia um pouco, apoiado nos tocos e nos braços. É difícil ver o rosto dele no escuro.

— Eu consigo sensá-la. Ela é a *chefe*?

— É. E todos da comu sabem. Eles são... Esta comu é... — E você respira fundo. — Nós. Somos uma comu que está tentando fazer algo diferente. Orogenes e quietos. Sem matar uns aos outros.

Ele ri, o que provoca um pouco de tosse. As outras figuras esqueléticas riem também, mas é a tosse de Maxixe Beryl que a preocupa. É seca, curta, ruidosa; não soa nada bem. Ele vem respirando cinzas demais sem máscara. E é alta também. Você apostaria sua bolsa de fuga que os Caçadores estão por perto, observando e talvez prontos para atirar nele e no pessoal dele.

Ao final do acesso de tosse, ele inclina a cabeça na sua direção outra vez, com um olhar de divertimento.

— Estou fazendo a mesma coisa — ele diz de forma arrastada. Com o queixo, aponta para o pessoal reunido. — Esses ferrugentos ficam comigo porque não vou comê-los. Não mexem comigo porque vou matá-los se o fizerem. Aí está: coexistência pacífica.

Você olha para eles e franze as sobrancelhas. Difícil ver suas expressões.

— Mas eles não atacaram meu povo. — Ou estariam mortos.

— Não. Aquele foi o Olemshyn. — Ele dá de ombros, o que faz seu corpo todo se mexer. — É um bastardo mestiço de sanzéd. Foi expulso de duas comus por “problemas de temperamento”, ele disse. Ia acabar levando a gente à morte enquanto saqueava, então eu convidei qualquer um que quisesse viver e conseguisse me tolerar a me seguir, e a gente fez as coisas do nosso jeito. Este lado da floresta é nosso, aquele lado era deles.

Duas tribos sem-comu, não uma. Mas a de Maxixe Beryl mal se caracteriza como tal; só um punhado de pessoas além dele mesmo. Mas ele disse: aqueles que conseguissem viver com um rogga ficaram com ele. Simplesmente acontece que não foram muitas pessoas.

Maxixe Beryl se vira e sobe metade do caminho até o posto de caça de novo a fim de poder sentar e também para ficar à altura dos seus olhos. Ele dá outra tossida barulhenta devido ao esforço de fazer isso.

— Acho que ele estava esperando que eu atacasse vocês — continua ele quando a tosse se acalma. — É assim que

costumamos fazer: eu os congelo, o grupo dele pega o que pode antes de eu e meu grupo chegarmos, todos nós conseguimos o suficiente para viver um pouco mais. Mas eu fiquei todo confuso com o que a sua chefe disse. — Ele desvia o olhar, chacoalhando a cabeça. — Olemshyn deve ter investido quando viu que eu não ia congelar vocês, mas, bem. Eu disse que ele ia acabar levando-os à morte.

— É.

— Já foi tarde. O que aconteceu com o seu braço? — Ele está olhando para você agora. Ele não tem como ver seu seio esquerdo, embora você esteja um pouco curvada para a esquerda. Ele dói e repuxa a carne.

— O que aconteceu com as suas pernas? — você contesta. Ele dá um sorriso torto e não responde. Você também não.

— Então, não matar uns aos outros. — Maxixe Beryl chacoalha a cabeça. — E está funcionando mesmo?

— Até agora sim. De qualquer forma, estamos *tentando*.

— Não vai funcionar. — Maxixe Beryl se mexe outra vez e lança outro olhar para você. — Quanto lhe custou juntar-se a eles?

Você não responde “nada”, porque, de qualquer modo, não é isso que ele está perguntando. Você consegue ver a barganha que ele fez pela sobrevivência aqui: as habilidades dele pela quantidade limitada de comida e pelo abrigo duvidoso dos saqueadores. Este bosque de pedras, esta armadilha mortal, é obra dele. Quantas pessoas ele matou pelos saqueadores dele?

Quantas você matou por Castrima?

Não é a mesma coisa.

Quantas pessoas havia no exército de Rennanis? Quantas você condenou a serem cozidas vivas por insetos? Quantos montes de cinzas se espalham por Castrima-de-cima agora, cada um com uma mão ou um pé com bota saindo para fora?

Pelas ferrugens, não é a mesma coisa. Eram eles ou vocês.

Exatamente como Maxixe Beryl, tentando sobreviver. Ele ou os outros.

Você cerra a mandíbula para silenciar essa discussão interna. Não há tempo para isso.

— Nós não podemos... — você tenta, depois muda. — Existem outras maneiras além de matar. Outras... A gente não tem que ser... isso. — As palavras de Ykka, desajeitadas e untadas com hipocrisia na sua boca. E será que essas palavras ainda são verdadeiras? Castrima não tem mais o geodo para forçar a cooperação entre orogenes e quietos. Talvez tudo desmorone amanhã.

Talvez. Mas até esse momento chegar, você se obriga a terminar.

— Nós não temos que ser o que fizeram de nós, Maxixe Beryl.

Ele chacoalha a cabeça, olhando para as folhas soltas.

— Você se lembra desse nome também.

Você passa a língua pelos lábios.

— É. Meu nome é Essun.

Ele franze um pouco a testa ao ouvir isso, talvez porque não seja baseado em nome de pedra. Foi por esse motivo que você o escolheu. Mas ele não questiona. Em vez disso, suspira.

— Pelas ferrugens, olhe para mim, Essun. *Escute* as pedras no meu peito. Mesmo que a sua chefe aceite metade de um rogga, eu não vou durar muito mais tempo. Além disso... — Como está sentado, pode usar as mãos: ele faz um gesto, apontando as outras figuras semelhantes a espantalhos.

— Nenhuma comu vai nos deixar entrar — diz uma das figuras menores. Você acha que é a voz de uma mulher, mas está tão rouca e cansada que você não consegue distinguir. — Nem me venha com essa.

Você se mexe, desconfortável. A mulher está certa: Ykka poderia estar disposta a aceitar um rogga sem-comu, mas não o resto. Mas você nunca consegue adivinhar o que Ykka vai fazer.

— Eu posso perguntar.

Risadinhas por toda parte, esvaídas, tênues e cansadas. Mais algumas tossidas ruidosas além da de Maxixe Beryl. Essas pessoas quase morreram de fome, e metade delas está doente. É uma tentativa inútil. No entanto. Para Maxixe Beryl você diz:

— Se você não vier com a gente, vai morrer aqui.

— O pessoal de Olemshyn ficava com a maior parte dos suprimentos. A gente vai lá pegar. — Essa frase termina com uma

pausa: o lance inicial em uma barganha. — Ou aceitam todos nós, ou nenhum.

— Depende da chefe — você responde, recusando-se a se comprometer. Mas você reconhece uma negociação quando a ouve. A orogenia dele, treinada pelo Fulcro, em troca da adesão dele e do grupo à comu, com os suprimentos dos saqueadores tornando o trato mais atraente. E ele está totalmente preparado para ir embora se Ykka não aceitar o preço inicial. Isso incomoda você. — Também vou falar bem do seu caráter, ou pelo menos do seu caráter de trinta anos atrás.

Ele sorri um pouco. É difícil não ver esse sorriso como condescendente. *Olhe para você, tentando transformar esta situação em algo mais do que ela é.* Você provavelmente está projetando essa interpretação.

— Também sei um pouco sobre a área. Talvez seja útil, já que vocês obviamente estão indo para algum lugar. — Ele aponta o queixo para a luz refletindo nos penhascos mais próximos à estrada. — Vocês *estão* indo a algum lugar?

— Rennanis.

— Idiotas.

O que significa que o exército de Rennanis deve ter passado pela área rumo ao sul. Você se permite sorrir.

— Idiotas mortos.

— Hum. — Ele aperta o olho bom. — Eles vêm destruindo comus por toda a região. É por isso que passamos por tempos tão difíceis: não havia caravanas para saquear depois que os rennanianos terminaram. Mas eu *sensei* alguma coisa estranha na direção para onde eles foram.

Ele se cala, observando você, porque é claro que ele sabe. Qualquer rogga com anéis deveria ter sentido a atividade do Portão do Obelisco quando você terminou a guerra entre Rennanis e Castrima de forma tão decisiva. Eles poderiam não saber o que estavam sentando e, a menos que tivessem domínio de magia, não teriam notado o ocorrido em sua totalidade mesmo que soubessem, mas teriam ao menos percebido a repercussão.

— Aquilo... fui eu — você revela. É surpreendentemente difícil de admitir.

— Pelas ferrugens da Terra, Da... Essun. Como?

Você respira fundo. Estende a mão para ele. Tantas coisas do seu passado continuam voltando para assombrá-la. Você nunca consegue se esquecer de onde é porque, em nome das ferrugens, seu passado não *deixa*. Mas talvez Ykka tenha a mentalidade certa. Você pode rejeitar esses resquícios do seu antigo eu e fingir que mais nada ou ninguém importa... ou você pode acolhê-los. Reivindicá-los por qualquer valor que agreguem e se tornar mais forte como um todo.

— Vamos conversar com Ykka — você diz. — Se ela adotar você... e o seu pessoal, eu sei... te conto tudo. — E, se ele não tomar cuidado, você vai acabar ensinando-o como fazer isso também. Ele é um seis anéis, afinal. Se você falhar, alguém terá que assumir a responsabilidade.

Para sua surpresa, ele olha para a sua mão com algo semelhante a cautela.

— Não tenho certeza se quero saber de *tudo*.

Isso faz você sorrir.

— Não quer mesmo.

Ele dá um sorriso torto.

— Você também não vai querer saber de tudo o que aconteceu comigo.

Você inclina a cabeça.

— Combinado, então. Só as partes boas.

Ele dá um sorriso largo. Está faltando um dos dentes.

— É um relato curto demais até para criar uma boa história de sabedoristas populares. Ninguém compraria uma história assim.

Mas. Então ele apoia o peso do lado esquerdo e ergue a mão direita. A pele é grossa como um chifre, tem mais calos que se poderia imaginar e está imunda. Você limpa a mão na roupa sem pensar depois. O pessoal dele dá risada disso.

Então, você o conduz de volta em direção a Castrima, para a luz.



2470: ANTÁRTICAS. UM SUMIDOURO MACIÇO COMEÇOU A APARECER EMBAIXO DA CIDADE DE BENDINE (A COMU MORREU POUCO DEPOIS). ISSO OCORREU DEVIDO AO SOLO CÁRSTICO, NÃO A MOVIMENTOS SÍSMICOS, MAS O

AFUNDAMENTO DA CIDADE GEROU ONDAS QUE OROGENES DO FULCRO ANTÁRTICO DETECTARAM. A PARTIR DO FULCRO, DE ALGUM MODO COLOCARAM A CIDADE INTEIRA NUMA POSIÇÃO MAIS ESTÁVEL, SALVANDO A MAIOR PARTE DA POPULAÇÃO. REGISTROS DO FULCRO MENCIONAM QUE SALVAR ESSA COMU MATOU TRÊS OROGENES SENIORES.

— *NOTAS DO PROJETO DE YAETR INOVADOR DIBARS*





## 6

### *Nassun faz o próprio destino*

A viagem de um mês até a ruína da civextinta de Aço transcorre sem incidentes para os padrões de uma viagem durante uma Estação. Nassun e Schaffa têm ou encontram comida suficiente para se sustentar, embora os dois comecem a perder peso. O ombro de Nassun cicatriza sem problemas, embora ela fique febril e fraca por dois dias em certo momento e, nesses dias, Schaffa decide parar para descansar mais cedo do que ela acha que ele pararia normalmente. No terceiro dia, a febre desaparece, a ferida começa a cicatrizar e eles retomam a caminhada.

Quase não encontram mais ninguém na estrada, embora isso não seja de surpreender com um ano e meio de Estação. Qualquer pessoa ainda sem comu a essa altura se juntou a um bando de saqueadores, e não deve haver restado muitos desses bandos — apenas os mais violentos, ou aqueles que passem algum tipo de limite que vá além da selvageria e do canibalismo. A maioria deles deve ter ido para o norte, para as Latmedianas do Sul, onde há comus para atacarem. Nem mesmo os saqueadores gostam das Antárticas.

A solidão quase total convém a Nassun em mais de um sentido. Não há outros Guardiões com os quais ter cautela. Não há habitantes de comus cujos temores irracionais os obriguem a fazer planos. Nem mesmo outras crianças orogenes; Nassun sente falta

dos outros, sente falta das conversas e da camaradagem que teve com eles por um período de tempo tão curto, mas, no final das contas, ela se ressentia da quantidade de tempo e atenção que Schaffa tinha que dar a elas. Ela tem idade suficiente para saber que é infantilidade ter ciúmes desse tipo de coisa. (Seus pais também mimavam Uche, mas ficou horivelmente óbvio agora que receber mais atenção não é necessariamente favoritismo.) Não significa que ela não esteja feliz, e ávida, pela oportunidade de ter Schaffa só para ela.

O tempo que passam juntos é amigável, e em grande parte silencioso, durante o dia. À noite eles dormem, juntos e encolhidos contra o frio mais intenso, seguros porque Nassun demonstrou confiavelmente que a menor mudança no ambiente ou a mais leve pisada no chão ao redor é suficiente para acordá-la. Às vezes Schaffa não dorme; ele tenta, mas fica deitado, estremecendo minimamente, recuperando o fôlego de quando em quando com contrações musculares meio reprimidas, tentando não perturbá-la em sua silenciosa agonia. Quando ele dorme, é um sono esporádico e superficial. Às vezes Nassun também não dorme, sofrendo em calada empatia.

Então ela resolve fazer alguma coisa quanto a isso. É aquela coisa que ela aprendeu a fazer lá em Lua Encontrada, embora em menor grau: ela às vezes deixa o pequeno núcleo pétreo dos sensapinae dele pegar um pouco do prateado dela. Ela não sabe por que funciona, mas se lembra de ver todos os Guardiões de Lua Encontrada pegando um pouco de prateado de seus tutelados e expirando depois, como se aliviasse alguma coisa dentro deles o fato de dar ao núcleo pétreo outra pessoa para roer.

Schaffa, entretanto, não pegou o prateado dela nem de mais ninguém desde o dia em que ela ofereceu todo o seu prateado a ele — o dia em que ela percebeu a verdadeira natureza do fragmento de metal no cérebro dele. Ela acha que talvez tenha entendido por que ele parou. Algo mudou entre eles aquele dia, e ele não consegue mais se alimentar dela como um parasita. Mas é por isso que Nassun lhe dá magia furtivamente agora. Porque algo mudou entre eles, e ele não é um parasita se ela precisa dele também, e se ela lhe dá o que ele não quer pegar.

(Em breve, ela aprenderá a palavra “simbiose” e aquiescerá, feliz por ter enfim um nome para isso. Mas, muito antes, ela já terá decidido que “família” serve.)

Quando Nassun dá a Schafa o seu prateado, embora ele esteja dormindo, o corpo dele o absorve tão rápido que ela precisa tirar logo a mão para evitar perder muito. Ela só pode ceder algumas partículas. Um pouco mais e será ela quem se sentirá cansada e incapaz de viajar no dia seguinte. Mas até mesmo essa quantia mínima é o bastante para deixá-lo dormir — e, à medida que os dias se passam, Nassun percebe que está produzindo mais prateado de algum modo. É uma mudança bem-vinda: agora ela consegue aliviar melhor a dor dele sem ficar exausta. Toda vez que vê Schaffa cair em um sono profundo e pacífico, ela se sente orgulhosa e boa, embora saiba que não é. Não importa. Ela está determinada a ser uma filha melhor para Schaffa do que foi para Jija. Tudo será melhor até o fim.

Schaffa às vezes conta histórias à noite, enquanto o jantar está cozinhando. Nelas, a Yumenes do passado é um lugar maravilhoso e estranho, tão exótico quanto o fundo do mar. (É sempre a Yumenes do passado. A Yumenes recente está perdida para ele, junto com as lembranças do Schaffa que ele havia sido.) Até a ideia de Yumenes é difícil para Nassun compreender: milhões de pessoas, nenhuma delas fazendeiras nem mineiras nem nada que se encaixe naquilo que a experiência dela contempla, muitas obcecadas com estranhos modismos e políticas e alinhamentos bem mais complexos do que os de casta ou raça. Líderes, mas também as famílias da elite da Liderança Yumenescense. Costas-fortes dos sindicatos e sem sindicatos, variando devido às suas conexões e segurança financeira. Inovadores de famílias muito antigas que competiam para serem mandadas para a Sétima Universidade e Inovadores que apenas construíam e consertavam bugigangas nas favelas da cidade. É estranho perceber que boa parte da estranheza de Yumenes se devia simplesmente ao fato de que ela durou tanto. Ela *tinha* famílias antigas. Livros em suas bibliotecas que eram mais antigos do que Tirimo. Organizações que lembravam, e vingavam, ofensas pequenas de três ou quatro Estações atrás.

Schaffa também lhe conta sobre o Fulcro, embora não muito. Há outra lacuna na memória aqui, tão profunda e insondável quanto um obelisco... embora Nassun não consiga deixar de sondar suas bordas. É um espaço que sua mãe um dia habitou, afinal, e, apesar de tudo, isso a fascina. Mas Schaffa se lembra muito pouco de Essun, mesmo quando Nassun arranja coragem para fazer perguntas diretas sobre o assunto. Ele tenta responder, mas sua fala fica hesitante e a expressão que perpassa seu rosto é sofrida, preocupada, mais pálida do que de costume. Portanto, ela se obriga a fazer essas perguntas devagar, com um intervalo de horas ou dias entre uma e outra, para lhe dar tempo de se recuperar. O que ela descobre é pouco mais do que o que já havia adivinhado sobre a mãe e o Fulcro e a vida antes da Estação. Não obstante, ouvir sobre essas coisas ajuda.

Os quilômetros se passam assim, lembrando coisas e contornando a dor.

As condições nas Antárticas ficam piores a cada dia. A chuva de cinzas não é mais intermitente e a paisagem começou a se transformar em uma natureza morta, com colinas e espinhaços e plantas moribundas esculpidas em branco acinzentado. Nassun começa a sentir falta de ver o sol. Uma noite, eles ouvem os grunhidos do que deve ser a farra de um grande kirkhusa caçando, embora, felizmente, o som seja distante. Um dia, eles passam por um lago cuja superfície tem um tom de cinza espelhado devido às cinzas que flutuam; a água sob a superfície é perturbadoramente parada, considerando que o lago é alimentado por uma correnteza rápida. Embora seus cantis tenham pouca água, Nassun olha para Schaffa, e Schaffa assente, concordando de forma silenciosa e prudente. Visivelmente, não há nada de errado, mas... bem. Sobreviver a uma Estação é uma questão de ter os instintos certos tanto quanto de ter as ferramentas certas. Eles evitam a água parada, e sobrevivem.

Na noite do vigésimo nono dia, eles chegam a um lugar onde a Estrada Imperial se transforma abruptamente em um platô e dá uma guinada repentina para o sul. Nassun sente que a estrada margeia algo que parece um pouco a borda de uma cratera. Eles chegaram à crista que contorna essa região circular e estranhamente plana, e

a estrada segue o cume, formando um arco em torno da área do antigo dano sofrido, retomando seu trajeto em direção ao oeste do outro lado. Mas, no meio do caminho, Nassun enfim contempla uma maravilha.

O Beijo do Velho é um estratovulcão; uma caldeira dentro de uma caldeira. Este é incomum por ser tão formado com tanta perfeição: segundo o que Nassun leu, em geral a caldeira mais antiga, a externa, fica muito danificada pela erupção que cria a caldeira mais recente, a interna. Nesse caso, a caldeira externa está intacta, formando um círculo quase perfeito, embora tenha sofrido bastante erosão pelo tempo e tenha sido coberta por uma floresta; Nassun não consegue ver além da vegetação, na verdade, embora consiga sensá-la com clareza. A caldeira interna é um pouco mais oblonga e brilha tanto a distância que Nassun consegue adivinhar o que aconteceu sem nem precisar sentir. A erupção deve ter sido tão quente, pelo menos em determinado momento, que a formação geológica inteira quase se destruiu. O que sobrou se transformou em vidro, naturalmente temperado o bastante a ponto de nem mesmo séculos de desgaste causarem muito estrago. O vulcão que criou o estratovulcão está extinto agora, sua antiga câmara de magma há muito esvaziada, sem sobrar nem um bocadinho de calor. Um dia, porém, o Beijo foi o local de uma perfuração verdadeiramente impressionante — e horrorosa — na crosta do planeta.

Conforme as instruções de Aço, eles acampam durante a noite a um par de quilômetros do Beijo. De madrugada, Nassun acorda, ouvindo um guincho distante, mas Schaffa a acalma.

— Venho ouvindo isso de vez em quando — diz o Guardião por sobre o crepitar do fogo. Ele insistiu em montar guarda dessa vez, então Nassun ficou com o primeiro turno. — Algo na floresta do Beijo. Não parece estar vindo para cá.

Ela acredita nele. Mas nenhum dos dois dorme bem aquela noite.

De manhã, eles se levantam antes do alvorecer e começam a percorrer a estrada. À luz do começo da manhã, Nassun contempla a dupla cratera ilusoriamente inerte diante deles. De perto, é mais fácil ver que há fissuras nas paredes internas da caldeira a

distâncias regulares; alguém pretendia que pessoas pudessem entrar. O solo da caldeira externa está completamente coberto, porém, por uma floresta de plantas amarelo-esverdeadas e ondulantes similares a árvores, que aparentemente sufocou todas as outras formas de vegetação na área. Não dá para sentir nem mesmo o rastro de caça nessa floresta.

A verdadeira surpresa, contudo, está embaixo do Beijo.

— A ruína de civextinta de Aço — ela diz. — É *subterrânea*.

Schaffa olha para ela, surpreso, mas não contesta.

— Na câmara de magma?

— Talvez? — Nassun também não consegue acreditar a princípio, mas o prateado não mente. Ela nota mais uma coisa estranha quando expande sua consciência sensual daquela área. O prateado reflete as perturbações da topografia e da floresta aqui — do mesmo modo que o faz em toda parte. No entanto, aqui o prateado é mais brilhante, de alguma forma, e parece fluir com mais facilidade de planta para planta e de pedra para pedra. Esses prateados se combinam para se tornarem fluxos maiores e deslumbrantes que correm juntos como riachos até a ruína repousar sobre um lago de luz cintilante e agitada. Ela não consegue distinguir os detalhes, há tantos... só um espaço vazio e a impressão de edifícios. É enorme esta ruína. Uma cidade como nenhuma cidade que Nassun já sentiu.

Mas ela sentiu esse turbilhão torrencial de prateado antes. Não consegue deixar de se virar para o safira vagamente visível a alguns quilômetros de distância. Eles ganharam distância do obelisco, mas ele continua seguindo-os.

— É — responde Schaffa. Ele esteve observando-a sem perder nada enquanto ela fazia as conexões. — Eu não me lembro desta cidade, mas sei de outras como esta. Os obeliscos foram feitos em lugares assim.

Ela chacoalha a cabeça, tentando entender tudo aquilo.

— O que aconteceu com esta cidade? Deve ter tido muita gente aqui um dia.

— A Estação do Estilhaçamento.

Ela inspira. Já ouviu falar dessa Estação, claro, e acreditou nela como as crianças acreditam. Lembra de ter visto o desenho de um

artista sobre esse acontecimento em um dos seus livros da creche: raios e pedras caindo do céu, fogo surgindo do chão, figuras humanas minúsculas correndo, condenadas.

— Então foi assim? Um grande vulcão?

— Foi assim *aqui*. — Schaffa contempla a floresta ondulante. — Em outras partes, foi diferente. A Estação do Estilhaçamento se constituiu de cem Estações diferentes, Nassun, por todo o mundo, todas acontecendo de uma vez. É de admirar que uma parte da humanidade tenha sobrevivido.

Do jeito como ele está falando... Parece impossível, mas Nassun morde o lábio.

— O senhor estava... o senhor se lembra?

Ele olha para Nassun, surpreso, depois sorri de um modo que é igualmente cansado e mordaz.

— Não. Acho... *desconfio* que eu tenha nascido algum tempo depois, embora não tenha provas disso. Mas, mesmo que pudesse me lembrar da Estação do Estilhaçamento, estou bastante seguro de que não ia querer lembrar. — Ele suspira, depois chacoalha a cabeça. — O sol nasceu. Vamos pelo menos encarar o futuro e deixar o passado por conta do passado. — Nassun aquiesce, e eles saem da trilha e entram na floresta.

As árvores são coisas estranhas, com folhas compridas e finas, como navalhas de capim alongadas, e troncos estreitos e flexíveis que não crescem a mais de meio metro de distância uns dos outros. Em alguns pontos, Schaffa tem que parar e afastar duas ou três árvores para eles poderem passar. Entretanto, isso dificulta seu avanço e, em pouco tempo, Nassun está sem fôlego. Ela para, pingando de suor, mas Schaffa segue em frente.

— Schaffa — diz ela, prestes a pedir uma pausa.

— Não — retruca ele, afastando outra árvore com um grunhido. — Lembre-se do aviso do comedor de pedra, pequenina. Devemos chegar ao centro da floresta ao cair da noite. Agora ficou claro que precisaremos de cada momento desse tempo.

Ele está certo. Nassun engole em seco, começa a respirar mais fundo para poder ser mais eficaz e depois volta a avançar floresta adentro com ele.

Ela desenvolve um ritmo trabalhando com ele. É boa em encontrar os caminhos mais rápidos em que não precisam afastar árvores e, quando encontra, ele a segue. Quando esses caminhos terminam, porém, ele empurra e chuta e quebra árvores até desobstruir a passagem, ao passo que ela segue. Ela consegue recuperar o fôlego durante essas breves paradas, mas nunca é suficiente. Começa a sentir uma fisgada do lado do corpo. Começa a ter dificuldade de enxergar porque as folhas das árvores ficam soltando um pouco de cabelo dos dois coques, e o suor fez os cachos se alongarem e caírem nos olhos. Ela quer desesperadamente descansar por mais ou menos uma hora. Beber um pouco de água. Comer alguma coisa. No entanto, as nuvens lá em cima ficam mais cinzentas à medida que as horas passam e vai ficando cada vez mais difícil dizer quanto de luz do dia ainda resta.

— Eu posso... — tenta Nassun a certa altura, tentando pensar em como pode usar orogenia, ou o prateado, ou *alguma coisa*, para desobstruir o caminho.

— Não — responde Schaffa, intuindo de algum modo o que ela teria dito. Ele tirou um punhal de vidro preto de algum lugar. Não é uma faca útil para esta situação, embora ele a tenha tornado útil apunhalando cada um dos troncos de árvore antes de derrubá-los com um chute. Isso as faz quebrar com mais facilidade. — Congelar essas árvores tornaria mais difícil passar por elas, e um tremor poderia fazer a câmara de magma embaixo de nós desmoronar.

— O p-prateado, então...

— Não. — Ele para apenas por um instante e se vira para lançar-lhe um olhar duro. Ele não está com a respiração mais pesada, ela nota com grande decepção, embora haja um leve brilho de suor em sua testa. O fragmento de metal o castiga, mas relutantemente ainda lhe dá mais força. — Outros Guardiões podem estar por perto, Nassun. É improvável a esta altura, mas ainda é possível.

A única coisa que Nassun consegue fazer é procurar outra pergunta, porque essa pausa momentânea está lhe dando tempo para recuperar o fôlego.

— Outros Guardiões? — Ah, mas Schaffa falou que todos eles vão para um lugar durante uma Quinta Estação e que é através



dessa *estação* sobre a qual Aço lhes falou que eles fazem isso. — O senhor se lembra de alguma coisa?

— De nada mais, infelizmente. — Ele sorri um pouco, de propósito, como se soubesse o que ela está fazendo. — Só que é assim que chegamos lá.

— Chegamos aonde?

O sorriso dele desvanece, sua expressão assumindo aquele vazio familiar e perturbador durante o mais breve instante.

— Garantia.

Só então ela se lembra que o nome completo dele é *Schaffa Guardião Garantia*. Nunca lhe ocorreu perguntar-se onde ficava a comu de Garantia. Mas o que significa o fato de que o caminho para Garantia está em uma cidade enterrada?

— P-por que...

Ele chacoalha a cabeça então, endurecendo a expressão.

— Pare de enrolar. Com esta luz baixa, nem todos os caçadores noturnos vão esperar pela noite. — Ele olha para o céu com uma expressão apenas ligeiramente irritada, como se não ameaçasse suas vidas.

É inútil reclamar que ela já está prestes a desfalecer. É uma Estação. Se ela desfalecer, morre. Então ela se obriga a passar pela fresta que ele abriu e começa a procurar pelo melhor caminho outra vez.

No final das contas, eles conseguem, o que é bom porque, caso contrário, essa se tornaria a história bastante direta de como você descobre que sua filha morreu e deixa o mundo murchar em meio à sua tristeza.

Não chega nem perto disso. De repente, o último trecho de grossas árvores-capim diminui, revelando uma passagem talhada de maneira uniforme no círculo da caldeira interna. As paredes da passagem são bastante elevadas, embora não parecessem tão altas de longe, e a passagem em si é larga o bastante para comportar duas carruagens puxadas por cavalos viajando lado a lado sem aperto. As paredes dessas passagens são cobertas por musgos e algum tipo de vinha arborizada, esta última felizmente morta porque, de outra forma, poderia enredá-los e atrasar seu avanço ainda mais. Em vez disso, eles prosseguem rapidamente,

quebrando os galhos secos, e então, de repente, Nassun e Schaffa saem da passagem e topam com uma laje de um material perfeitamente branco que não é nem metal nem pedra. Nassun já viu algo parecido antes, perto de outras ruínas de civextintas; às vezes essa coisa brilha de leve à noite. Essa laje em particular preenche todo o espaço dentro da caldeira interna.

Aço lhes disse que a ruína da civextinta ficava ali no centro... mas a única coisa que Nassun vê diante deles é uma delicada espiral ascendente de metal, ao que parece encaixada diretamente no material branco. Ela fica tensa, tão desconfiada de coisas novas quanto qualquer sobrevivente da Estação. Schaffa, contudo, caminha até lá sem hesitar. Ele para ao lado da estrutura e, por um instante, surge uma expressão estranha em seu rosto, que Nassun supõe ser causada pelo conflito momentâneo entre o que o corpo dele fez por hábito e o que a mente dele não consegue lembrar... mas então ele põe uma das mãos no cacho que há na ponta do metal.

Formas planas e linhas de luz de repente aparecem do nada na pedra ao redor deles. Nassun arqueja, mas elas não fazem nada além de prosseguir e acender outras, espalhando-se e brilhando até uma forma quase retangular se soerguer da pedra aos pés de Schaffa. Segue-se um ligeiro zunido quase inaudível que faz Nassun estremecer e olhar descontroladamente à volta, mas, um instante depois, o material branco diante de Schaffa desvanece. Ele não desliza para o lado, nem abre uma porta; simplesmente some. Mas é uma entrada, Nassun percebe de súbito.

— E aqui estamos — murmura Schaffa. Ele próprio soa um pouco surpreso.

Depois da entrada, há um túnel que faz uma curva gradual, descendo chão adentro e fora de vista. Estreitos painéis retangulares de luz beiram cada lado dos degraus, iluminando o caminho. O pedaço de metal recurvado é um corrimão, ela vê agora, sua percepção se reorientando enquanto ela anda para ficar ao lado de Schaffa. Algo em que se segurar enquanto se desce até as profundezas.

Em uma parte distante da floresta de capim que eles acabaram de atravessar, ouve-se um rangido estridente que Nassun identifica

de imediato como o de um animal. Quitinoso, talvez. Uma versão mais próxima e mais alta dos guinchos que eles ouviram na noite anterior. Ela estremece e olha para Schaffa.

— Alguma espécie de gafanhoto, creio eu — ele comenta. Ele tem o maxilar cerrado ao olhar para a passagem que acabaram de atravessar, embora nada se mexa... ainda. — Ou cigarras, talvez. Agora entre. Eu já vi algo parecido com esse mecanismo; ele deve se fechar depois que entrarmos.

Ele faz um gesto para ela ir primeiro para que ele possa proteger a retaguarda. Nassun respira fundo e lembra a si mesma que isso é o que é necessário para criar um mundo que não causará dor a mais ninguém. Depois, ela desce as escadas trotando.

Os painéis de luz acendem cinco ou seis degraus à frente à medida que ela avança, e também apagam três degraus atrás. Quando estão alguns metros abaixo, exatamente como Schaffa havia previsto, o material branco que cobria o compartimento da escada reaparece, interrompendo os demais guinchos vindos da floresta.

Então não resta mais nada além da luz, das escadas e da cidade há muito esquecida em algum lugar lá embaixo.



2699: DOIS JAQUETAS PRETAS DO FULCRO FORAM CHAMADOS À COMU DE DEEJNA (DISTRITANTE DE UHER. COSTEIRAS DO OESTE, PERTO DO DERRAME DE BASALTO DE KIASH) QUANDO O MONTE IMHER MOSTROU SINAIS DE ERUPÇÃO. OS JAQUETAS PRETAS INFORMARAM OS FUNCIONÁRIOS DA COMU QUE A ERUPÇÃO ERA IMINENTE E QUE PROVAVELMENTE SE ALASTRARIA POR TODO O COMPLEXO DE MONTANHAS DE KIASH, INCLUSIVE O LOUCURA (NOME LOCAL PARA O SUPERVULCÃO QUE PROVOCOU A ESTAÇÃO DA LOUCURA; O IMHER FICA NO MESMO PONTO QUENTE). DEPOIS DE DETERMINAR QUE O MONTE IMHER ESTAVA ALÉM DA CAPACIDADE DELES DE DISSIPAR TAL FENÔMENO. OS JAQUETAS PRETAS — UM DE TRÊS ANÉIS, O OUTRO SUPOSTAMENTE DE SETE, EMBORA NÃO USASSE ANÉIS POR ALGUM MOTIVO — TENTARAM MESMO ASSIM DEVIDO AO FATO DE QUE NÃO HAVIA TEMPO SUFICIENTE PARA MANDAR BUSCAR UM OROGENE IMPERIAL DE MAIOR CLASSIFICAÇÃO. ELES CONSEGUIRAM ACALMAR A ERUPÇÃO POR TEMPO SUFICIENTE ATÉ QUE UM OROGENE IMPERIAL SÊNIOR DE NOVE ANÉIS CHEGASSE

E O COLOCASSE DE VOLTA EM ESTADO DE DORMÊNCIA. (O TRÊS ANÉIS E O SETE ANÉIS FORAM ENCONTRADOS DE MÃOS DADAS, CARBONIZADOS, CONGELADOS.)

— *NOTAS DO PROJETO DE YAETR INOVADOR DIBARS*



## Syl Anagist: Três

Fascinante. Tudo isso fica mais fácil de lembrar com a narração... ou talvez eu ainda seja humano, afinal.

• • •

A princípio, nossa excursão a campo é apenas o ato de andar pela cidade. Passamos os breves anos desde a nossa decantação inicial imersos em sensuna, o senso de energia em todas as suas formas. Uma caminhada do lado de fora nos força a prestar mais atenção em nossos sentidos mais inferiores e, de início, isso é avassalador. Nós hesitamos diante da elasticidade das calçadas de fibras comprimidas sob os nossos sapatos, tão diferente da madeira envernizada dos alojamentos. Espirramos tentando respirar o ar cheio de odores de vegetação pisada, subprodutos químicos e milhares de expirações. O primeiro espirro leva Dushwha às lágrimas. Tapamos os ouvidos para tentar, sem sucesso, obstruir muitas vozes falando e paredes rangendo e folhas farfalhando e maquinário gemendo a distância. Bimniwha tenta gritar por sobre todo esse barulho e Kelenli precisa parar e acalmá-la antes de ela tentar falar normalmente outra vez. Eu me abaixo e solto um gemido de medo dos pássaros que repousam em um arbusto próximo, e sou o mais calmo de nós.

O que nos tranquiliza enfim é ter a chance de contemplar toda a beleza do fragmento plutônico ametista. É uma coisa

impressionante, pulsando com aquele lento fluxo de magia do alto do coração da cidade-estação. Todas as estações de ligação de Syl Anagist se adaptaram de forma singular para se adequar ao clima local. Ouvimos falar de estações de ligação no deserto nas quais os edifícios são feitos com suculentas gigantes enrijecidas; estações de ligação no oceano construídas com corais projetados para crescerem e morrerem sob comando. (A vida é sagrada em Syl Anagist, mas às vezes a morte é necessária.) A nossa estação — a estação de ligação do ametista — foi um dia uma floresta primária, então não consigo deixar de pensar que algo da majestade das antigas árvores está no grande cristal. Com certeza isso o torna mais imponente e forte do que outros fragmentos da máquina! Essa sensação é completamente irracional, mas olho para os rostos dos meus companheiros afinadores enquanto olhamos para o fragmento ametista e vejo o mesmo amor ali.

(Contaram-nos histórias de como o mundo era diferente muito tempo atrás. Houve uma época em que as cidades em si não eram apenas mortas, selvas de pedra e metal que não cresciam nem mudavam, mas na verdade eram mortais, envenenando o solo e tornando a água impotável e até mesmo mudando o clima com a sua própria existência. Syl Anagist é melhor, mas não sentimos nada quando pensamos na cidade-estação em si. Ela não significa nada para nós; edifícios cheios de gente que não conseguimos verdadeiramente entender, cuidando de coisas que deveriam importar, mas não importam. Mas os fragmentos? Nós ouvimos suas vozes. Cantamos sua canção mágica. O ametista é parte de nós, e nós somos parte dele.)

— Vou mostrar a vocês três coisas durante este passeio — diz Kelenli quando olhamos para o ametista por tempo suficiente para nos acalmarmos. — Essas coisas foram examinadas pelos condutores, caso isso tenha importância para vocês. — Ela olha para Remwha de modo ostensivo quando diz isso, já que foi ele quem fez o maior escândalo por ter que vir a esse passeio. Remwha finge um suspiro de tédio. Os dois são excelentes atores perante os guardas que nos observam.

Depois, Kelenli nos conduz adiante outra vez. É um contraste tão grande, o comportamento dela e o nosso. Ela caminha com

facilidade, a cabeça erguida, ignorando tudo o que não é importante, irradiando confiança e calma. Atrás dela, nós começamos-e-paramos-e-corremos, todos timidamente desajeitados, distraídos com tudo. As pessoas ficam olhando, mas não acho que seja de fato a nossa brancura que lhes parece tão estranha. Acho que nós simplesmente parecemos tolos.

Sempre fui orgulhoso, e o fato de acharem graça me irrita, então me endireito e tento caminhar como Kelenli, embora isso signifique ignorar muitas das maravilhas e das potenciais ameaças à minha volta. Gaewha também percebe, e tenta imitar nós dois. Remwha vê o que estamos fazendo e parece incomodado, enviando uma pequena ondulação pelo ambiente: *Nunca seremos nada a não ser estranhos para eles.*

Respondo com uma irritada pulsação baixa de onda de pressão. *Isso não é sobre eles.*

Ele suspira, mas começa a me imitar também. Os outros seguem o exemplo.

Fomos ao distritante mais ao sul da cidade-estação, onde o ar está impregnado de ligeiros odores de enxofre. Kelenli explica que esse cheiro se deve às plantas de reciclagem de resíduos, que ficam mais densas aqui para onde os encanamentos trazem a água cinza da cidade para perto da superfície. As plantas tornam a água limpa outra vez e espalham folhagens grossas e saudáveis sobre as ruas para resfriá-las, como foram projetadas para fazer... mas nem mesmo os melhores genegenheiros conseguem evitar que as plantas que vivem de resíduos tenham um pouco do odor daquilo de que se alimentam.

— Você pretende nos mostrar a infraestrutura dos resíduos? — Remwha pergunta a Kelenli. — Eu já me sinto mais contextualizado.

— Não exatamente — retruca Kelenli.

Ela vira em uma esquina e então há um edifício morto à nossa frente. Todos nós paramos e olhamos. A hera sobe pelas paredes desse edifício — que são feitas de algum tipo de argila vermelha em formato de tijolos — e em torno de alguns dos seus pilares, que são de mármore. Exceto pela hera, porém, não há *nada* vivo no edifício. Ele é raso e baixo e tem o formato de uma caixa retangular. Não conseguimos sentir nenhuma pressão hidroestática sustentando as

paredes; ele deve usar amarrações químicas e de força para mantê-las eretas. As janelas são feitas apenas de vidro e metal, e não vejo nenhum nematocisto crescendo sobre suas superfícies. Como eles mantêm em segurança qualquer coisa lá dentro? As portas são de madeira morta, de um marrom avermelhado escuro e polido, com gravuras de heras esculpidas; lindo, surpreendentemente. Os degraus são de uma suspensão de areia de um monótono branco tostado. (Séculos antes, as pessoas chamavam isso de “concreto”.) A coisa toda é incrivelmente obsoleta... no entanto, está intacta e funciona e, por conseguinte, é fascinante por sua singularidade.

— É tão... simétrico — diz Bimniwha, curvando um pouco o lábio.

— É — responde Kelenli. Ela parou diante desse edifício para nos deixar observá-lo. — Mas houve um tempo em que as pessoas achavam que esse tipo de coisa era bonito. Vamos. — Ela começa a andar.

Remwha olha para ela.

— O quê, lá para dentro? A estrutura dessa coisa é segura?

— É. E sim, nós vamos entrar. — Kelenli para e olha para ele, talvez surpresa em perceber que pelo menos parte de sua relutância não era fingimento. Através do ambiente, sinto que ela o toca, que o tranquiliza. Remwha é mais idiota quando está com medo ou com raiva, então o reconforto ajuda; a agitação pontiaguda dos nervos dele começa a se acalmar. Entretanto, ela ainda tem que fazer o teatrinho para os nossos observadores. — Embora eu suponha que você possa ficar do lado de fora, se quiser.

Ela olha para os seus dois guardas, o homem e a mulher de pele marrom que ficam perto dela. Eles não se mantiveram afastados do nosso grupo, ao contrário dos outros guardas que vislumbramos de vez em quando, margeando os arredores.

A Guarda faz cara feia para ela.

— Você sabe que não.

— Foi uma ideia. — Então Kelenli dá de ombros e faz um gesto com a cabeça, apontando o edifício, falando com Remwha agora. — Parece que, na verdade, você não tem escolha. Mas eu prometo que o edifício não vai desmoronar na sua cabeça.



Começamos a andar. Remwha caminha um pouco mais devagar, mas acaba se juntando a nós também.

Aparece um holo-sinal no ar diante de nós quando cruzamos o umbral. Não nos ensinaram a ler e, de qualquer forma, as letras do sinal parecem estranhas, mas então uma voz estrondosa ressoa pelo sistema de áudio do edifício: “Bem-vindos à história da inervação!”. Não faço ideia do que isso significa. Do lado de dentro, o edifício tem um cheiro... errado. Seco e empoeirado, o ar está velho, como se não houvesse nada absorvendo o dióxido de carbono. Há outras pessoas aqui, nós vemos, reunidas no grande hall aberto do edifício ou subindo as simétricas escadas gêmeas em espiral, olhando fascinadas para os painéis decorativos esculpidos em madeira que cobrem cada uma das escadas. Elas não olham para nós, distraídas pela estranheza maior dos nossos arredores.

Mas então Remwha pergunta:

— O que é isso?

Seu desconforto, comichando ao longo de toda a nossa rede, faz todos nós olharmos para ele. Ele está franzindo a testa, inclinando a cabeça de um lado para o outro.

— O que é...? — Eu começo a perguntar, mas então ouço? senso? também.

— Vou mostrar a vocês — responde Kelenli.

Ela nos leva mais para o interior do edifício em formato de caixa. Passamos por cristais de exibição, cada um contendo dentro de si um equipamento preservado incompreensível, porém obviamente antigo. Distingo um livro, um rolo de arame e o busto de uma pessoa. Cartazes próximos a cada item explicam sua importância, eu acho, mas não consigo compreender uma explicação suficiente para entender o sentido de tudo isso.

Depois, Kelenli nos leva para um mezanino amplo com um parapeito à moda antiga decorado com madeira. (Isso é particularmente assustador. Devemos confiar em um parapeito fabricado a partir de uma árvore morta, desconectado do sistema de alarme da cidade ou outra coisa para garantir a segurança. Por que não cultivar uma vinha que nos pegaria se caíssemos? Os tempos antigos eram horríveis.) E lá estamos nós, sobre uma enorme

câmara aberta, olhando para algo que pertence a este lugar morto tanto quanto nós. Ou seja, nem um pouco.

Meu primeiro pensamento é que se trata de outro motor plutônico — um inteiro, não apenas um fragmento de um todo maior. Sim, há o alto e imponente cristal central; há o soquete a partir do qual ele se desenvolve. Esse motor foi até mesmo ativado; boa parte de sua estrutura paira, zumbindo só um pouco, alguns metros acima do solo. Mas essa é a única parte do motor que faz sentido para mim. Em volta do cristal central flutuam estruturas mais longas e curvadas para dentro; o design como um todo é um tanto floral, um crisântemo estilizado. O cristal central brilha em um tom de dourado pálido, e os cristais de apoio apresentam um tom verde na base, que clareia até ficar branco nas pontas. Encantador, embora estranho de maneira geral.

Entretanto, quando olho para esse motor com algo além dos olhos e o toco com nervos afinados às perturbações da terra, eu arquejo. Pela Morte Cruel, a treliça de magia criada pela estrutura é magnífica! Dezenas de linhas prateadas e filiformes sustentando umas às outras; energias que perpassam espectros e formas todas interligadas e em mudança de estado no que parece uma ordem caótica, mas totalmente controlada. O cristal central cintila de vez em quando, oscilando entre as potencialidades enquanto observo. E é tão pequeno! Nunca vi um motor tão bem construído. Nem mesmo o Motor Plutônico é tão poderoso ou preciso, considerando seu tamanho. Se ele houvesse sido construído de modo tão eficiente quanto esse motor diminuto, os condutores jamais teriam precisado nos criar.

E, no entanto, a estrutura não faz sentido. Não há magia suficiente sendo ministrada ao minimotor para produzir toda a energia que detecto aqui. E chacoalho a cabeça, mas agora consigo ouvir o que Remwha ouviu: um zunido suave e insistente. Múltiplos tons, mesclados e perturbadores, deixando arrepiados os pequenos fios de cabelo da minha nuca... Eu olho para Remwha, que aquiesce, com a expressão tensa.

A magia do motor não tem nenhum propósito que eu consiga ver além de parecer, soar e ser bela. E, de alguma maneira — eu estremeço, entendendo intuitivamente, mas resistindo porque isso

contradiz tudo o que aprendi sobre as leis tanto da física como da arcanidade —, *de alguma maneira*, essa estrutura está gerando mais energia do que está consumindo.

Olho com as sobrancelhas franzidas para Kelenli, que está me observando.

— Isto não deveria existir — eu digo. Apenas palavras. Não sei de que outra forma articular o que estou sentindo. Choque. Incredulidade? Medo, por algum motivo. O Motor Plutônico é a criação mais avançada da geomagestria já construída. Foi o que os condutores nos disseram repetidas vezes ao longo de todos esses anos desde que fomos decantados... e, todavia. Esse motor diminuto e bizarro que jaz meio esquecido em um museu empoeirado é *mais* avançado. E parece não ter sido construído com nenhum outro propósito a não ser a beleza.

Por que perceber isso me assusta?

— Mas existe — responde Kelenli. Ela se recosta no parapeito, com um ar de humor e preguiça... mas, em meio à harmonia cintilante da estrutura em exposição, eu senso o zunido dela no ambiente.

*Pense*, ela diz sem palavras. Ela observa a mim em particular. O pensador dela.

Eu olho para os outros ao redor. Quando faço isso, percebo os guardas de Kelenli de novo. Eles ocuparam posições em ambas as extremidades do mezanino, de modo que possam ver tanto o corredor pelo qual viemos como a sala de exposição. Os dois parecem entediados. Kelenli nos trouxe aqui. Fez os condutores concordarem em nos trazer aqui. Quer que vejamos alguma coisa neste motor antigo que seus guardas não veem. O quê?

Dou um passo à frente, colocando as mãos no parapeito morto, e examino atentamente a coisa como se isso fosse ajudar. O que há para concluir? Que ele tem a mesma estrutura fundamental de outros motores plutônicos. Só o seu *propósito* é diferente... não, não. É uma avaliação simples demais. O que é diferente aqui... é filosófico. Atitudinal. O Motor Plutônico é uma ferramenta. Esta coisa? É... *arte*.

E então eu entendo. Ninguém de Syl Anagist construiu isso.

Olho para Kelenli. Tenho que usar palavras, mas os condutores que ouvirem o relato dos guardas não devem ser capazes de adivinhar nada ao ouvi-la.

— *Quem?*

Ela sorri, e meu corpo todo se arrepiou com uma onda de algo que não sei como se chama. Sou o pensador dela, e ela está satisfeita comigo, e eu nunca me senti tão feliz.

— Vocês — ela responde, deixando-me completamente confuso. Depois, ela se afasta do parapeito. — Tenho muito mais para mostrar. Vamos.



TODAS AS COISAS MUDAM EM UMA ESTAÇÃO.

— *TÁBUA UM. “DA SOBREVIVÊNCIA”, VERSÍCULO DOIS*



## 7

### *Você planeja com antecedência*

Ykka está mais inclinada a adotar Maxixe Beryl e o pessoal dele do que você esperava. Ela não fica feliz que Maxixe Beryl apresente um caso avançado de infecção de pulmão devido às cinzas, como confirma Lerna depois que todos eles tomaram um banho de esponja e ele fez um exame preliminar. Também não gosta do fato de que quatro membros do pessoal dele têm outros problemas médicos graves, variando desde fístulas até a completa falta de dentes, ou de que Lerna diz sobre todos eles que é incerto se vão sobreviver à realimentação. Mas, como ela informa àqueles de vocês que estão presentes no conselho improvisado bem alto, de modo que qualquer pessoa que esteja ouvindo escute, ela consegue tolerar muita coisa de pessoas que trarão mais suprimentos, conhecimento da área e orogenia de precisão que pode ajudar a salvaguardar o grupo contra ataques. E, ela acrescenta, Maxixe Beryl não precisa viver para sempre. Viver tempo bastante para ajudar a comu será o suficiente para ela.

Ela não acrescenta “*diferente de Alabaster*”, o que é gentil (ou pelo menos não é manifestamente cruel) da parte dela. É surpreendente que ela respeite a sua tristeza, e talvez também seja um sinal de que ela está começando a perdoar você. Será bom ter uma amiga de novo. Amigas. De novo.

Isso não basta, é claro. Nassun está viva e você está mais ou menos recuperada do seu coma pós-utilização do Portão, então agora se torna uma batalha diária lembrar-se por que você permanece com Castrima. Às vezes ajuda revisar os motivos para permanecer. Pelo futuro de Nassun, esse é um deles, para que você possa ter um lugar para abrigá-la quando a houver encontrado novamente. Porque você não consegue fazer isso sozinha é o segundo motivo... e não é certo você deixar Tonkee continuar vindo com você, por mais que ela esteja disposta. Não com a sua orogenia comprometida; a longa viagem de volta ao sul seria uma sentença de morte para vocês duas. Hoa não vai conseguir ajudá-la a se vestir, nem a fazer comida, nem a fazer nenhuma das outras coisas para as quais são necessárias duas mãos boas. E o motivo número três, o mais importante deles: você não sabe mais para onde ir. Hoa confirmou que Nassun está em movimento e vem se afastando do local do safira desde que você abriu o Portão do Obelisco. Já era tarde demais para encontrá-la antes mesmo de você acordar.

Mas há esperança. Em uma madrugada, depois que Hoa tirou o fardo de pedra do seu seio esquerdo, ele diz baixinho:

— Acho que sei para onde ela está indo. Se eu estiver certo, ela vai parar logo. — Ele soa inseguro. Não, inseguro não. Preocupado.

Você se senta em um afloramento rochoso a certa distância do acampamento, recuperando-se da... amputação. Não foi tão desconfortável quanto você pensou que seria. Você tirou as camadas de roupa para desnudar o seio que se transformou em pedra. Hoa colocou a mão nele, e o desprende do seu corpo suavemente. Você perguntou por que ele não fez isso com o braço e ele respondeu: “Faço o que é mais confortável para você”. Depois, ele ergueu o seu seio até os lábios e você decidiu ficar fascinada com a cauterização de pedra lisa e ligeiramente enrugada sobre o ponto onde ficava o seu seio. Dói um pouco, mas você não sabe ao certo se é a dor da amputação ou algo mais existencial.

(Ele precisa de três mordidas para comer o seio de que Nassun mais gostava. Você fica perversamente orgulhosa de alimentar mais alguém com ele.)

Enquanto você desajeitadamente veste outra vez as camisetas e camisas com um braço — preenchendo um dos lados do sutiã com a camiseta mais leve para ele não escorregar —, você investiga aquele sinal de preocupação que ouviu na voz de Hoa antes.

— Você sabe de alguma coisa.

Hoa não responde a princípio. Você pensa que vai ter que lembrá-lo que isso é uma parceria, que você se comprometeu a pegar a Lua e acabar com esta Estação interminável, que você se *importa* com ele, mas que ele não pode continuar escondendo coisas de você dessa maneira... e então ele diz enfim:

— Acredito que Nassun pretende abrir ela mesma o Portão do Obelisco.

Sua reação é visceral e imediata. Puro medo. Provavelmente não é o que você deveria sentir. A lógica seria que você não acreditasse que uma menina de dez anos fosse capaz de um feito que você mal conseguiu realizar. Mas, de certo modo, talvez porque você se lembre da sensação da sua menininha vibrando com um poder azul colérico e de saber, naquele instante, que ela entendia os obeliscos melhor do que você jamais entenderá, você não tem dificuldades em acreditar na premissa central de Hoa — a de que a sua menininha é maior do que você pensava.

— Isso vai matá-la — você diz de forma brusca.

— Muito provavelmente.

Oh, Terra.

— Mas você consegue rastreá-la de novo? Você a perdeu depois de Castrima.

— Sim, agora que ela está afinada com um obelisco.

Outra vez, porém, aquela estranha hesitação na voz dele. Por quê? Por que deveria incomodá-lo o fato de que... Ah. Ah, em nome da ferrugenta Terra ardente. Sua voz fica trêmula quando você entende.

— O que significa que *qualquer* comedor de pedra consegue “percebê-la” agora. É isso que você está dizendo? — É como Castrima de novo. Cabelo de Rubi e Mármore de Manteiga e Vestido Feio, que você nunca mais veja esses parasitas. Felizmente, Hoa matou a maioria deles. — Sua espécie fica

interessada em nós então, certo? Quando começamos a usar os obeliscos ou quando estamos perto de conseguir.

— Sim. — Sem inflexão de voz, essa palavra em voz baixa, mas você o conhece a essa altura.

— Pelos fogos da Terra. Um de vocês *está* atrás dela.

Você achava que os comedores de pedra não eram capazes de suspirar, mas sem dúvida esse é o som que emerge do peito de Hoa.

— Aquele que você chama de Homem Cinza.

Um arrepio frio perpassa o seu corpo. Mas sim. Você já havia adivinhado, na verdade. Havia o quê, três orogenes no mundo que ultimamente aprenderam a se conectar com os obeliscos? Alabaster e você e agora Nassun. Uche, talvez, por pouco tempo... e talvez houvesse até um comedor de pedra espreitando Tirimo naquela época. O maldito ferrugento deve ter ficado terrivelmente desapontado que Uche morreu por filicídio em vez de se transformar em pedra.

Você cerra o maxilar quando um gosto de bile chega à sua boca.

— Ele está manipulando-a. — Para ativar o Portão e se transformar em pedra, de modo que possa ser *comida*. — Foi o que ele tentou fazer em Castrima, forçar Alabaster, ou me forçar, ou... pelas ferrugens, forçar Ykka, qualquer um de nós, a tentar fazer alguma coisa que estivesse além das nossas capacidades de maneira que pudéssemos nos transformar em... — Você põe a mão na marca de pedra do seu seio.

— Sempre existiram aqueles que usam a aflição e o desespero como armas. — Isso é pronunciado em voz baixa, como que com vergonha.

De repente, você está furiosa consigo mesma e com a sua impotência. Saber que você é o verdadeiro alvo da sua própria raiva não a impede de descontar nele.

— Me parece que *todos* vocês fazem isso!

Hoa se posicionou para contemplar o horizonte vermelho apagado, uma estátua prestando homenagem à nostalgia em linhas pensativas e sombreadas. Ele não se vira, mas você ouve mágoa na voz dele.

— Eu não menti para você.



— Não, você só escondeu tanto a verdade que é a mesma merda! — Você esfrega os olhos. Teve que tirar os óculos para vestir a camisa de novo e, agora, caíram cinzas neles. — Sabe de uma coisa? Só... eu não quero ouvir mais nada neste exato momento. Preciso descansar. — Você se levanta. — Me leve de volta.

A mão dele está abruptamente estendida na sua direção.

— Mais uma coisa, Essun.

— Eu te falei...

— Por favor. Você precisa saber. — Ele espera até você ficar em um silêncio furioso. Depois, ele diz: — Jija está morto.

Você fica paralisada.

• • •

Neste momento, eu lembro a mim mesmo por que continuo contando esta história através dos seus olhos em vez dos meus: porque, externamente, você é muito boa em se esconder. Seu rosto ficou inexpressivo, o olhar mascarado. Mas eu conheço você. *Eu conheço você*. Eis aqui o que há por dentro de você.

• • •

Você se surpreende por ter ficado surpresa. Surpresa, isto é, e não brava, ou frustrada, ou triste. Apenas... surpresa. Mas isso se deve ao fato de que seu primeiro pensamento depois do alívio de saber que *Nassun está a salvo agora* é...

*Não está?*

E então você se surpreende por estar com medo. Você não sabe ao certo de quê, mas há uma coisa totalmente amarga na sua boca.

— Como? — você pergunta.

— Nassun — responde Hoa.

O medo aumenta.

— Ela não poderia ter perdido o controle sobre a orogenia dela, ela não perde o controle desde os cinco anos...

— Não foi orogenia. E foi intencional.

Aí está, enfim: o abalo inicial de um terremoto do nível da Fenda dentro de você. Demora um instante para você perguntar em voz alta:

— Ela o *matou*? De propósito?

— Matou.

Você se cala então, atordoada, apreensiva. A mão de Hoa ainda está estendida em sua direção. Uma oferta de respostas. Você não tem certeza de que quer saber, mas... mas pega a mão dele de qualquer forma. Talvez seja em busca de consolo. Não é imaginação que a mão dele envolve a sua e a aperta só um pouquinho de um modo que faz você se sentir melhor. Ainda assim, ele espera. Você fica muito, muito grata pela consideração dele.

— Ele... onde está — você começa quando sente que está pronta. Você não está pronta. — Existe alguma maneira de eu ir para lá?

— Lá?

Você está bastante segura de que ele sabe de qual lugar você está falando. Ele só está se certificando de que você saiba o que está pedindo.

Você engole com dificuldade e tenta raciocinar sobre o assunto.

— Eles estavam nas Antárticas. Jija não a manteve na estrada para sempre. Ela teve algum lugar seguro, tempo para ficar mais forte. — Muito mais forte. — Consigo prender a respiração dentro da terra se você... me levar para onde ela... — Mas não. Na verdade, não é para lá que você quer ir. — Me leve para onde *Jija* está. Para... para onde ele morreu.

Hoa não se mexe durante talvez meio minuto. Você percebeu isso sobre ele. Ele demora variadas quantidades de tempo para reagir a deixas convencionais. Às vezes, as palavras dele quase se sobrepõem às suas quando ele responde, e às vezes você acha que ele não a ouviu antes de ele finalmente começar a responder. Você acha que ele não está pensando durante esse tempo ou algo do tipo. Você acha apenas que não significa nada para ele... um segundo ou dez, agora ou depois. Ele a ouviu. Vai acabar respondendo.

Como prova disso, ele começa a se tornar um borrão, embora você veja a lentidão do final do gesto quando ele põe a outra mão sobre você também, prensando você entre as palmas duras. A pressão de ambas as mãos aumenta até o aperto ficar bem firme. Não é desconfortável, mas ainda assim.

— Feche os olhos.

Ele nunca fez essa sugestão antes.

— Por quê?

Ele a leva para dentro da terra. É mais fundo do que você jamais esteve antes, e não é instantâneo dessa vez. Você arqueja inadvertidamente e assim descobre que não precisa prender a respiração, afinal. À medida que a escuridão fica mais densa, ela se ilumina com lampejos vermelhos e então, por apenas um momento, você passa como um borrão por vermelhos e alaranjados fundidos e tem o mais fugaz vislumbre de um espaço aberto oscilante onde algo a distância explode em uma chuva de luminosos fragmentos semilíquidos... e então há escuridão à sua volta outra vez, e então você está em um campo aberto sob um céu levemente nublado.

— Por isso — responde Hoa.

— *Porra* ferrugenta e escamada! — Você tenta soltar a mão e não consegue. — Que merda, Hoa!

A mão de Hoa para de pressionar a sua com tanta força, de maneira que você consegue se soltar. Você cambaleia, afastando-se alguns metros, e então se apalpa em busca de ferimentos. Você está bem... não se queimou até morrer, não foi esmagada pela pressão como deveria ter sido, nem sufocou, nem ao menos ficou abalada. Não muito.

Você se endireita e passa a mão no rosto.

— Tudo bem. Vou realmente ter que lembrar a mim mesma que comedores de pedra não dizem as coisas sem um motivo. Eu nunca quis de fato *ver* os fogos debaixo da Terra.

Mas você está aqui agora, em cima de uma colina que fica em algum tipo de platô. O céu é a sua referência de lugar. A manhã já está mais avançada aqui do que no lugar onde você estava — um pouco depois do amanhecer em vez de antes. Na verdade, o sol está visível, embora de forma tênue através da cortina transparente de nuvens de cinzas lá no alto. (Você se surpreende de sentir a dor da saudade ao ver essa cena.) Mas o fato de poder vê-lo significa que está muito mais longe da Fenda do que alguns momentos antes. Você olha para o oeste, e o leve brilho de um obelisco azul-escuro a distância confirma sua suposição. Este é o ponto onde, mais ou menos um mês atrás, ao abrir o Portão do Obelisco, você sentiu Nassun.

(Naquela direção. Ela foi naquela direção. Mas aquela direção contém milhares de quilômetros quadrados da Quietude.)

Você se vira para descobrir que está em meio a um pequeno aglomerado de prédios de madeira no topo da colina, incluindo uma cabana para provisões construída sobre palafitas, alguns alpendres e o que parecem ser dormitórios ou prédios com salas de aula. Tudo isso é rodeado, no entanto, por uma cerca de basalto colunar organizada e nivelada com precisão. Que um orogene fez isso, canalizando a lenta explosão do grande vulcão sob os seus pés, fica tão claro para você quanto o sol no céu. Mas igualmente óbvio é o fato de que o complexo está vazio. Não há ninguém à vista, e as reverberações de pegadas no chão estão mais distantes, além da cerca.

Curiosa, você caminha até uma interrupção na cerca de basalto, onde uma trilha meio de terra, meio de pedra, desce a encosta. Ao pé da colina há um vilarejo, ocupando o resto do platô. O vilarejo poderia ser qualquer comu em qualquer lugar. Você distingue casas de formatos variados, a maioria com jardins ainda sendo cultivados, vários esconderijos de provisões ainda de pé, algo que parece uma casa de banho, um barracão com uma fornalha. As pessoas andando entre os prédios não olham para cima para notar a sua presença, e por que fariam isso? É um belo dia aqui onde o sol ainda brilha na maior parte do tempo. Eles têm campos para cuidar e — aqueles barquinhos a remo estão amarrados a uma das torres de vigia? — viagens ao mar próximo para organizar. Este complexo, o que quer que seja, não é importante para eles.

Você vira as costas para o vilarejo, e é nesse momento que avista o tormento.

Fica perto da borda do complexo, um pouco elevado em relação ao resto, embora seja visível de onde você está. Quando você sobe a trilha para ver a cavidade do tormento, que é marcada por pedras e tijolos, há o velho hábito de projetar os seus sentidos no solo para encontrar a rocha marcada mais próxima. Não muito longe, talvez apenas 1,5 ou 1,8 metros abaixo. Você vasculha a superfície e encontra os leves entalhes feitos com um cinzel, talvez com um martelo. “QUATRO.” É fácil demais: na sua época, as rochas eram marcadas com tinta e números, o que as tornava menos distintivas.

No entanto, a rocha é pequena o suficiente para que, sim, qualquer um abaixo de quatro anéis tivesse dificuldade de encontrá-la e identificá-la. Os detalhes do treinamento estão errados, mas acertaram o essencial na mosca.

— Este não pode ser o Fulcro Antártico — você diz, agachando-se para cutucar uma das pedras do círculo. Apenas pedregulhos em vez do belo mosaico de azulejos de que você se lembra, mas eles entenderam a ideia.

Hoa ainda está no ponto onde vocês emergiram do chão, as mãos ainda posicionadas para pressionar a sua, talvez para a viagem de volta. Ele não responde, mas você está em grande parte falando consigo mesma.

— Sempre ouvi dizer que o Fulcro Antártico era pequeno — você continua —, mas isto aqui não é nada. É um acampamento. — Sem Jardim do Anel. Sem edifício Principal. Você também ouviu dizer que os Fulcros Ártico e Antártico eram lindos, apesar do tamanho e da localização remota. Faz sentido: a beleza do Fulcro era a única coisa que a espécie orogene oficial sancionada pelo Estado tinha para mostrar como resultado do seu trabalho. Esse conjunto deplorável de barracões não combina com a ideologia. Além disso... — Está em cima de um vulcão. E perto demais daqueles quietos lá embaixo. — Aquele vilarejo não é Yumenes, cercado de mantenedores de estações de ligação por todos os lados e com a proteção adicional dos mais poderosos orogenes seniores. Um chilique de um grão perturbado poderia transformar essa região inteira em uma cratera.

— Não é o Fulcro Antártico — revela Hoa. A voz dele normalmente é suave, mas ele está virado de costas agora, o que a torna ainda mais suave. — Ele fica mais para o oeste, e foi eliminado. Nenhum orogene vive lá agora.

Claro que foi eliminado. Você cerra o maxilar para conter a tristeza.

— Então isso é o que alguém entende ser uma homenagem? Um sobrevivente? — Inadvertidamente, você encontra outro marcador debaixo da terra; um pedregulho redondo, talvez uns quinze metros abaixo. “NOVE” está escrito nele a tinta.

Você não tem dificuldade nenhuma para ler. Chacoalhando a cabeça, você se levanta e se vira para explorar o complexo.

Então, você para e fica tensa quando um homem sai mancando de um dos prédios que parecem dormitórios. Ele para também, olhando para você, surpreso.

— Quem ferrugens é você? — pergunta ele com um sotaque antártico perceptível.

Sua consciência mergulha na terra... e depois você a retira de lá. Idiota, você lembra? A orogenia pode matá-la. Além do mais, o homem não está sequer armado. Ele é bastante jovem, provavelmente na casa dos vinte, apesar de já ter entradas no cabelo. O fato de mancar é fácil de entender, e um dos seus sapatos é mais alto do que o outro... ah. O faz-tudo do vilarejo, provavelmente, que veio realizar os cuidados básicos em prédios que talvez sejam necessários de novo algum dia.

— Ah, oi — você gagueja. Depois se cala, sem saber o que dizer a partir daí.

— Oi. — O homem vê Hoa e recua, então olha com o choque manifesto de alguém que só ouviu falar de comedores de pedra em contos de sabedoristas e talvez não acreditasse muito neles. Só então é que ele parece se lembrar de você, franzindo um pouco a testa ao ver cinzas no seu cabelo e na sua roupa, mas fica claro que você não é uma visão tão impressionante quanto a anterior.

— Me diga que aquilo é uma estátua — ele diz para você. Depois ri um pouco, nervoso. — Só que não estava aqui quando subi a colina. Áhn, oi, eu acho?

Hoa não se dá o trabalho de responder, embora você veja que ele mexeu os olhos para observar o homem em vez de você. Você se prepara e dá um passo à frente.

— Lamento assustá-lo — você diz. — Você é desta comu?

O homem enfim se concentra em você.

— Ah, sim. E você não. — Em vez de demonstrar desconforto, ele pisca. — Outra Guardiã?

Sua pele toda comicha. Por um instante, você tem vontade de gritar “não”, e depois o bom senso reassume o controle. Você sorri. Eles sempre sorriem.

— Outra?

O jovem está olhando você de cima a baixo agora, talvez desconfiado. Você não se importa, contanto que ele responda às suas perguntas e não a ataque.

— É — ele diz depois de um momento. — Nós achamos os dois Guardiões mortos depois que as crianças saíram numa viagem de treinamento. — Ele entorta o lábio só um pouco. Você não sabe ao certo se ele não acredita que as crianças foram treinar, se ele está muito incomodado com o caso dos “dois Guardiões mortos” ou se é o lábio torto de costume que as pessoas fazem quando falam sobre roggas, uma vez que é óbvio que é o que devem ser as crianças em questão, se havia Guardiões aqui. — A Chefe disse que poderiam aparecer outros Guardiões um dia desses. Os três que tínhamos apareceram do nada, afinal de contas, em diferentes momentos ao longo dos anos. Você é só uma que chegou atrasada, eu imagino.

— Ah. — É surpreendentemente fácil fingir ser uma Guardiã. Apenas continue sorrindo e não dê informações. — E quando foi que os outros partiram para a... viagem de treinamento?

— Mais ou menos um mês atrás. — O jovem se mexe, assumindo uma postura confortável, e se vira para contemplar o obelisco safira a distância. — Schaffa disse que eles iam longe o suficiente para que a gente não sentisse nenhum tremor secundário do que as crianças fizessem. Imagino que seja bem longe.

Schaffa. O sorriso paralisa no seu rosto. Você não consegue deixar de sibilar o nome.

— *Schaffa*.

O rapaz franze o cenho para você. Definitivamente desconfiado agora.

— É. Schaffa.

Não pode ser. Ele está morto.

— Alto, cabelo preto, olhos branco-gelo, sotaque estranho?

O jovem relaxa um pouco.

— Ah. Você o conhece então?

— Conheço, e muito bem. — É tão fácil sorrir. É mais difícil conter o impulso de gritar, de agarrar Hoa, de exigir que ele mergulhe vocês dois na terra agora, agora, agora, para você poder partir e resgatar a sua filha. A coisa mais difícil de todas é não cair ao chão e se encolher, tentando cerrar a mão que você não tem

mais, mas que *dói*; pela Terra Cruel, dói como se estivesse quebrada de novo, uma dor fantasma tão real que os seus olhos comicham com lágrimas de dor.

Orogenes Imperiais não perdem o controle. Você não é uma jaqueta preta há vinte anos e, pelas ferrugens, perde o controle todo o tempo... mas, não obstante, a velha disciplina a ajuda a se recompor. Nassun, a sua bebê, está nas mãos de um monstro. Você precisa entender como isso aconteceu.

— *Muito* bem — você repete. Ninguém acha que repetição é algo estranho, vindo de um Guardiã. — Você pode me falar sobre um dos tutelados dele? Uma garota latmediana, de pele marrom, esbelta, de cabelo cacheado e olhos cinzentos...

— Nassun, certo. A menina de Jija. — O rapaz relaxa por completo agora, sem perceber que você ficou proporcionalmente mais tensa. — Pela Terra Cruel, espero que Schaffa a mate enquanto estão viajando.

A ameaça não é contra você, mas, de qualquer forma, sua consciência se precipita outra vez, antes que você a recolha. Ykka está certa: você realmente precisa parar de seguir esse padrão de *matar tudo*. Pelo menos o seu sorriso não vacilou.

— É mesmo?

— É. Acho que foi ela que fez aquilo... Mas, ferrugens, poderia ter sido qualquer um deles. Aquela garota é só a que me dava mais arrepios. — Ele cerra o maxilar quando enfim percebe a mordacidade do seu sorriso. Mas isso também é algo que ninguém familiarizado com Guardiões questionaria. Ele apenas desvia o olhar.

— “Fez aquilo”? — você pergunta.

— Ah. Acho que você não saberia. Venha, vou lhe mostrar.

Ele se vira e vai mancando até a extremidade norte do complexo. Você segue depois de trocar olhares com Hoa por um momento. Há outra ligeira elevação aqui, culminando em uma área plana que evidentemente já foi utilizada antes para observar as estrelas ou só para contemplar o horizonte; você consegue ver boa parte da paisagem ao redor, que ainda mostra quantidades chocantes de verde sob uma camada relativamente recente e ainda fina de cinzas esbranquiçadas.



Aqui, porém, há algo estranho: uma pilha de escombros. Você pensa a princípio que é uma pilha de reciclagem de vidro; Jija costumava ter uma dessas perto de casa em Tirimo, e os vizinhos deixavam vidro quebrado lá para ele usar nos punhos das facas de vidro. Parte desses escombros parecem ser algo de mais qualidade que apenas vidro; talvez alguém tenha jogado fora alguma pedra semipreciosa não trabalhada. Cores todas misturadas, castanho-claro e cinza e um pouco de azul, mas muito vermelho. Mas há um padrão, algo que faz você parar e inclinar a cabeça e tentar assimilar como um todo o que está vendo. Quando assimila, você nota que as cores e a disposição das pedras na borda mais próxima da pilha se assemelham vagamente a um mosaico. Botas, se alguém houvesse esculpido botas em pedras e depois as houvesse derrubado. Então aquilo seria uma calça, exceto que há um tom esbranquiçado de osso no meio dela e...

Não.

Pelos. Fogos. Sob. A. Terra.

Não. A sua Nassun não fez isso, ela não poderia ter feito, ela...

Ela fez.

O rapaz suspira, interpretando a expressão no seu rosto. Você se esqueceu de sorrir, mas até mesmo um Guardião ficaria sério ao ver isso.

— A gente também demorou um tempo para entender o que estava vendo — diz ele. — Talvez seja algo que você entenda. — Ele olha para você com esperança.

Você apenas chacoalha a cabeça, e o homem suspira.

— Bem. Foi pouco antes de eles partirem. Uma manhã, a gente ouviu algo como um trovão. A gente saiu e o obelisco, aquele azul grande que estava planando por perto fazia algumas semanas, você sabe como eles são, sumiu. Mais tarde naquele dia, o mesmo “*trom*” alto. — Ele bate as mãos ao imitar o som. Você consegue não pular. — E ele voltou. Então, de repente, Schaffa fala para a chefe que precisa levar as crianças para longe. Nenhuma explicação sobre aquele negócio do obelisco. Nenhum comentário de que Nida e Umber, esses são os outros dois, os Guardiões que costumavam administrar este lugar com Schaffa, estão mortos. A cabeça de Umber está esmagada. Nida... — Ele chacoalha a cabeça. A

expressão em seu rosto é de pura repugnância. — Sua *nuca* está... mas Schaffa não diz nada. Apenas leva as crianças embora. Muitos de nós estão começando a torcer para que ele nunca as traga de volta.

Schaffa. É nessa parte que você deveria se concentrar. É isso o que importa, não o que já foi, mas o que é... mas você não consegue tirar os olhos de Jija. *Pelas ferrugens ardentes, Jija. Jija.*

• • •

Eu queria ainda ser de carne, por você. Queria ainda ser um afinador, para poder falar com você através de temperaturas e pressões e reverberações da terra. As palavras são muito pesadas, muito indelicadas para esta conversa. Você gostava de Jija, afinal, até onde seus segredos permitiam. Você achava que ele a amava... e ele amava, até onde os seus segredos permitiam. Acontece que o amor e o ódio não são mutuamente exclusivos, como eu aprendi tanto tempo atrás.

Sinto muito.

• • •

— Schaffa não vai voltar — você se obriga a dizer. Porque você precisa encontrá-lo e matá-lo... mas, mesmo em meio ao medo e ao horror, a razão se impõe. Essa estranha imitação do Fulcro, que não é o verdadeiro Fulcro para onde ele deveria ter levado Nassun. Essas crianças, reunidas e não assassinadas. Nassun, controlando abertamente um obelisco bem o suficiente para fazer *isso*... e, no entanto, Schaffa não a matou. Há algo acontecendo aqui que você não entende.

— Me conte mais sobre este homem — você pede, erguendo o queixo em direção à pilha de joias amontoadas. O seu ex-marido.

O rapaz encolhe os ombros, gerando um ruído de tecido.

— Ah, certo, ãhn. Então, o nome dele era Jija Resistente Jekity. — Porque o homem suspira olhando para a pilha de escombros, você acha que ele não a vê se contrair devido ao nome de comu soar incorreto. — Novo na comu, um britador. Nós temos homens demais, mas precisávamos muito de um britador, então, quando ele apareceu, basicamente nós o teríamos aceitado contanto que não fosse velho ou doente ou *claramente* louco. Sabe? — Ele encolhe

os ombros. — Não parecia ter nenhum problema com a garota quando eles chegaram aqui. Eu não sabia que ela era um deles, ela era tão apropriada e educada. Alguém a educou bem. — Você sorri de novo. O perfeito sorriso com o maxilar cerrado de um Guardião. — Só sabíamos o que ela era porque Jija veio para cá, entende. Ouviu os rumores sobre como os roggas podiam... desroggar, eu acho. Recebemos muitos visitantes que perguntam sobre isso.

Você franze o cenho e quase desvia o olhar de Jija. Desroggar?

— Não que isso alguma vez tenha acontecido. — O jovem suspira e arruma a bengala para ficar confortável. — E não que a gente fosse aceitar uma criança que já tivesse sido um deles, certo? E se essa criança crescesse e tivesse alguma coisa de errado com os filhos dela também? É preciso descontaminar a prole de algum modo. Bom, a garota cuidava bem o bastante do pai até algumas semanas atrás. Vizinhos contaram que o ouviram gritar com ela uma noite, e então ela se mudou aqui para cima, para o complexo com as outras crianças. Dava para ver como a mudança meio que... *liberou* algo dentro de Jija. Ele começou a falar consigo mesmo sobre como ela não era mais a filha dele. Xingar em voz alta, volta e meia. Bater nas coisas, paredes e afins, quando achava que a gente não estava olhando.

— E a garota se afastou — ele continuou. — Não posso dizer que eu a culpo; todo mundo ficou pisando em ovos com ele durante algum tempo. Sempre os quietos, não é? Então eu a vi passando mais tempo com Schaffa. Como um patinho, sempre ali à sombra dele. Sempre que ele ficava parado, ela pegava a mão dele. E ele... — O rapaz olha para você com desconfiança. — A gente não costuma ver o seu tipo sendo carinhoso. Mas ele parecia gostar muito dela. Ouvi falar que Schaffa quase matou Jija quando ele partiu para cima dela, na verdade.

Você sente outra pontada na mão que não tem, mas é uma dor mais intermitente dessa vez; não latejante como antes. Porque... ele não teria precisado quebrar a mão de Nassun, teria? Não, não, não. Você mesma fez isso com ela. E Uche foi outra mão quebrada, infligida por Jija. Schaffa a *protegeu* de Jija. Schaffa foi carinhoso com ela, como você tinha dificuldade em ser. E agora tudo dentro de

você estremece com o pensamento que se segue, e é necessária a força de vontade que destruiu cidades para manter esse estremecimento no seu íntimo, mas...

Mas...

Quão mais acolhedor o amor condicional e previsível de um Guardiã seria para Nassun depois que o amor incondicional dos pais a havia traído repetidas vezes?

Você fecha os olhos por um momento porque acha que os Guardiões não choram.

Com esforço, você pergunta:

— O que é este lugar?

Ele olha para você, surpreso, depois olha para Hoa, um pouco atrás de você.

— Esta é a comu de Jekity, Guardiã. Embora Schaffa e os outros Guardiões... — Ele faz um gesto, mostrando o complexo à sua volta. — Eles chamavam esta parte da comu de “Lua Encontrada”.

Claro que chamavam. E é claro que Schaffa já conhecia os segredos do mundo que você pagou com carne e sangue para descobrir.

No seu silêncio, o jovem a observa, pensativo.

— Posso apresentá-la para a chefe. Sei que ela vai ficar feliz de ter Guardiões por perto de novo. É uma boa ajuda contra saqueadores.

Você está olhando para Jija outra vez. Você vê um pedaço de joia à perfeita semelhança de um dedo mindinho. Você conhece esse dedo mindinho. Você beijou esse dedo mindinho...

É demais para você, você não consegue fazer isso, você precisa se controlar, sair daqui antes que desmorone ainda mais.

— Eu... eu p-preciso... — Você respira fundo para se acalmar.

— Preciso de algum tempo para avaliar a situação. Será que você poderia ir e avisar sua chefe que virei falar com ela em breve?

O rapaz a olha de soslaio por um instante, mas você agora sabe que não é ruim parecer um pouco excêntrica. Ele está acostumado com a excentricidade à moda dos Guardiões. Talvez por conta disso, ele aquiesce e se afasta, arrastando os pés desajeitadamente.

— Posso fazer uma pergunta?

Não.

— Pode.

Ele morde o lábio.

— O que está acontecendo? Parece que... nada do que está acontecendo ultimamente é normal. Quero dizer, é uma Estação, mas mesmo isso parece errado. Os Guardiões não estão levando os roggas para o Fulcro. Os roggas estão fazendo coisas que ninguém nunca ouviu falar que eles fazem. — Ele aponta em direção à pilha de Jija com o queixo. — Seja qual for a ferrugem que aconteceu lá no norte. Até aquelas coisas no céu, os obeliscos... Está tudo... As pessoas estão falando. Estão dizendo que talvez o mundo não vá voltar ao normal. Nunca mais.

Você está olhando para Jija, mas pensando em Alabaster. Não sabe por quê.

— O normal de uma pessoa é a Estação do Estilhaçamento de outra. — Seu rosto dói de tanto sorrir. É uma arte sorrir de um modo que os outros acreditem, e você é péssima nisso. — Seria ótimo que todos pudéssemos ter o normal, claro, mas pouca gente quis compartilhar. Então agora todos queimamos.

Ele olha para você durante um longo e vagamente horrorizado instante. Depois, balbucia alguma coisa e por fim vai embora, passando longe de Hoa. Já vai tarde.

Você se agacha ao lado de Jija. Ele ficou bonito assim, todo composto de joias e cores. Ficou monstruoso assim. Sob as cores, você percebe o desvario que há nele, formado por fios de magia que seguem em todas as direções. É completamente diferente do que aconteceu com o seu braço e o seu seio. Ele foi fragmentado e reorganizado de forma aleatória, em um nível infinitesimal.

— O que foi que eu fiz? — você pergunta. — O que eu fiz dela?

Os dedos dos pés de Hoa aparecem em sua visão periférica.

— Forte — ele sugere.

Você chacoalha a cabeça. Nassun era forte por conta própria.

— *Viva*.

Você fecha os olhos de novo. É a única coisa que deveria importar, que você trouxe três bebês ao mundo e este, este último e precioso, ainda está respirando. E no entanto.

*Eu a transformei em mim. Que a Terra nos coma, eu a transformei em mim.*

E talvez seja por isso que Nassun ainda está viva. Mas também, você se dá conta quando olha para o que ela fez com Jija e percebe que não pode se vingar dele por Uche porque *a sua filha fez isso por você...* também é por isso que você tem medo dela.

E aí está: a coisa que você não encarou esse tempo todo, o kirkhusa com cinzas e sangue na focinheira. Jija tinha uma dívida de dor com você pelo seu filho, mas você também, por sua vez, tem uma dívida com Nassun. Você *não* a salvou de Jija. Você *não* estava lá quando ela precisou de você, aqui, literalmente no fim do mundo. Como ousa conjecturar protegê-la? Homem Cinza e Schaffa; ela encontrou protetores melhores. Ela encontrou forças para se proteger.

Você sente tanto orgulho dela. E não se atreve a chegar perto dela nunca mais.

A mão pesada e dura de Hoa pesa sobre o seu ombro bom.

— Não é prudente ficarmos aqui.

Você nega com a cabeça. Deixe que venham as pessoas dessa comu. Deixe que percebam que você não é uma Guardiã. Deixe que um deles enfim perceba como você e Nassun se parecem. Deixe que tragam suas balestras e atiradeiras e...

A mão de Hoa se curva para agarrar seu ombro, firme como uma prensa. Você sabe que vai acontecer e mesmo assim não se dá o trabalho de se preparar quando ele a arrasta para dentro da terra, de volta para o norte. Você mantém os olhos abertos de propósito desta vez, e a vista não a incomoda. Os fogos dentro da terra não são nada em comparação com o que você está sentindo neste exato momento, sendo a mãe fracassada que é.

Vocês emergem do solo em uma parte quieta do acampamento, embora fique perto de um pequeno conjunto de árvores que, pelo cheiro, muitas pessoas aparentemente vêm usando como mictório. Quando Hoa a solta, você começa a se afastar e então para outra vez. Sua mente ficou em branco.

— Não sei o que fazer.

Silêncio da parte de Hoa. Comedores de pedra não se dão o trabalho de executar movimentos ou pronunciar palavras

desnecessariamente, e Hoa já deixou claras suas intenções. Você imagina Nassun conversando com o Homem Cinza e ri baixinho, porque ele parece mais animado e falante do que a maioria da espécie dele. Ótimo. Ele é um bom comedor de pedra, para ela.

— Não sei para onde ir — você diz. Você tem dormido na tenda de Lerna ultimamente, mas não é disso que você está falando. Dentro de você, há um amontoado de vazio. Um buraco em carne viva. — Não tenho mais nada agora.

— Você tem comu e os seus — responde Hoa. — Terá um lar quando chegar a Rennanis. Você tem sua vida.

Você tem mesmo essas coisas? “Os mortos não têm desejos”, diz o saber das pedras. Você pensa em Tirimo, onde não quis esperar a morte vir até você, e então matou a comu. A morte está sempre com você. A morte é você.

— Eu não morro — Hoa diz para as suas costas curvadas.

Você franze a testa, forçada a sair da melancolia por essa aparente mudança de assunto. Aí você entende: ele está dizendo que você jamais o perderá. Ele não vai se desintegrar como Alabaster. Você nunca será surpreendida pela dor da perda de Hoa da maneira como foi com Corundum ou Innon ou Alabaster, ou agora Jija. Você não pode machucar Hoa de nenhum modo que importe.

— É seguro amar você — você murmura em perplexa constatação.

— É.

Surpreendentemente, isso alivia o nó de silêncio no seu peito. Não muito, mas... mas ajuda.

— Como você aguenta? — você pergunta. É difícil de imaginar. Não ser capaz de morrer mesmo quando quer, mesmo quando tudo o que você conhece e tudo com que você se importa fraqueja e esmorece. Ter que continuar, não importando as condições. Não importando o quanto esteja cansado.

— Seguindo adiante — responde Hoa.

— O quê?

— *Seguindo. Adiante.*

E então ele some para dentro da terra. Para algum lugar por perto, se você precisar dele. Neste exato momento, porém, ele está

certo: você não precisa.

Você não consegue pensar. Está com sede, e com fome e, além do mais, cansada. Fede nesta parte do acampamento. O toco do seu braço dói. O seu coração dói mais ainda.

Entretanto, você dá um passo em direção ao acampamento. E depois outro. E outro.

Adiante.



2490: ANTÁRTICAS, PERTO DA COSTA LESTE; COMU AGRÍCOLA SEM NOME CERCA DE 32 QUILOMETROS AO SUL DA CIDADE DE JEKITY. UM ACONTECIMENTO INICIALMENTE DESCONHECIDO FEZ TODO MUNDO NA COMU SE TRANSFORMAR EM VIDRO. (?? É ISSO MESMO? VIDRO, E NÃO GELO? ENCONTRAR FONTES TERCIÁRIAS.) MAIS TARDE, O SEGUNDO MARIDO DA CHEFE FOI ENCONTRADO VIVO NA CIDADE DE JEKITY E DESCOBRIU-SE QUE ERA UM ROGGA. SOB INTENSO INTERROGATÓRIO DA MILÍCIA DA COMU, ELE ADMITIU TER COMETIDO AQUELE ATO DE ALGUM MODO. ALEGOU QUE ERA A ÚNICA FORMA DE IMPEDIR A ERUPÇÃO DO VULCÃO DE JEKITY, EMBORA NENHUM SINAL DE ERUPÇÃO HOUVESSE SIDO OBSERVADO. O INTERROGATÓRIO FOI INTERROMPIDO POR UM COMEDOR DE PEDRA, QUE MATOU DEZESSETE MEMBROS DA MILÍCIA E LEVOU O ROGGA PARA DENTRO DA TERRA; AMBOS DESAPARECERAM.

— *NOTAS DE PROJETO DE YAETR INOVADOR DIBARS*





## 8

### *Nassun no subterrâneo*

A escada branca desce serpenteando durante algum tempo. As paredes do túnel são próximas e claustrofóbicas, mas o ar de alguma maneira não está estagnado. Só o fato de se livrar das cinzas já é novidade suficiente, mas Nassun nota que também não há muita poeira. Isso é estranho, não é? Tudo isso é estranho.

— Por que não tem poeira? — Nassun pergunta enquanto eles andam. Ela fala em tons sussurrados em princípio, mas gradualmente relaxa... um pouco. Ainda é uma ruína de civextinta, afinal, e ela ouviu várias histórias de sabedoristas sobre como esses lugares podem ser perigosos. — Por que as luzes ainda funcionam? Aquela porta pela qual entramos lá atrás, por que ainda funcionava?

— Não faço ideia, pequenina. — Schaffa agora vai à frente dela ao descer as escadas, baseado na teoria de que qualquer coisa perigosa deveria encontrá-lo primeiro. Nassun não consegue ver seu rosto e precisa avaliar seu humor através dos ombros largos. (Incomoda-a o fato de fazer isso, observá-lo constantemente à procura de mudanças de humor ou alertas de tensão. É outra coisa que ela aprendeu com Jija. Ela parece não conseguir se livrar desse hábito com Schaffa nem com nenhuma outra pessoa.) Ele está cansado, ela consegue ver, mas, fora isso, está bem. Satisfeito, talvez, de que tenham chegado aqui. Desconfiado do que podem

encontrar... mas então são dois a desconfiar. — Em ruínas de civextintas, às vezes a resposta é simplesmente “porque sim”.

— O senhor... se lembra de alguma coisa, Schaffa?

Uma encolhida de ombros não tão despreocupada quanto deveria.

— Um pouco. Lampejos. O porquê, em vez do quê.

— Então por quê? Por que os Guardiões vêm para cá durante a Estação? Por que não ficam no lugar onde estão e ajudam as comus às quais se juntam como o senhor ajudou Jekity?

Os degraus são sempre um pouquinho largos demais para as passadas de Nassun, mesmo quando ela se mantém do lado da curva interior, que é mais estreita. De tempos em tempos, ela precisa parar e colocar os dois pés em um degrau para descansar, depois andar a passadas largas para alcançá-lo. Ele é constante como batidas de tambor, prosseguindo sem ela... mas, de repente, no exato momento em que ela faz essas perguntas, eles chegam a um patamar em meio à escada. Para grande alívio de Nassun, Schaffa para enfim, sinalizando que podem se sentar e descansar. Ela ainda está encharcada de suor por conta da caminhada frenética pela floresta de capim, embora esteja começando a ficar seca agora que está se movimentando mais devagar. O primeiro gole de água do cantil é doce, e o chão parece confortavelmente frio, apesar de duro. De súbito, ela se sente sonolenta. Bem, é noite lá fora, lá na superfície onde gafanhotos e cigarras agora saltam.

Schaffa vasculha a mochila dele e lhe entrega uma fatia grossa de carne seca. Ela suspira e começa o laborioso processo de mastigá-la. Ele sorri ao ver seu mau humor e, talvez para acalmá-la, finalmente responde à pergunta.

— Nós vamos embora durante uma Estação porque não temos nada a oferecer a uma comu, pequenina. Não posso ter filhos, para começar, o que me torna um candidato menos ideal para ser adotado por uma comunidade. Por mais que eu pudesse contribuir para a sobrevivência de qualquer comu, seu investimento em mim resultaria apenas em ganhos de curto prazo. — Ele encolhe os ombros. — E, sem orogenes para cuidar, nós Guardiões nos tornamos... difíceis de conviver.

Porque a coisa na cabeça deles os faz querer magia o tempo todo, ela se dá conta. E, embora os orogenes produzam quantidades suficientes do prateado para ceder, os quietos não. O que acontece quando um Guardião pega o prateado de um quieto? Talvez seja por isso que os Guardiões vão embora... para ninguém descobrir.

— Como sabe que não pode ter filhos? — ela insiste. Talvez essa seja uma pergunta muito pessoal, mas ele nunca se importou que ela fizesse esse tipo de pergunta. — O senhor já tentou?

Ele está bebendo água do cantil. Quando abaixa o recipiente, parece achar graça.

— Seria mais claro dizer que eu não *deveria* — ele responde. — Guardiões carregam o traço da orogenia.

— Ah. — A mãe ou o pai de Schaffa deve ter sido orogene! Ou talvez seus avós? De qualquer forma, a orogenia não se manifestou nele como se manifestou em Nassun. A mãe dele (ela decide arbitrariamente que era a mãe dele, sem nenhum motivo em particular) nunca precisou treiná-lo, ou ensinar-lhe a mentir, ou quebrar sua mão. — Sortudo — ela murmura.

Ele está erguendo o cantil de novo quando para. Algo perpassa seu rosto. Ela aprendeu a interpretar essa expressão em particular, apesar do fato de ser tão rara. Às vezes, ele se esqueceu de coisas que gostaria de poder lembrar, mas, neste exato momento, está se lembrando de algo que gostaria de poder esquecer.

— Não tão sortudo. — Ele toca a nuca. A rede brilhante, gravada por nervos e composta de luz abrasadora, ainda está ativa... causando-lhe dor, atacando-o, tentando alquebrá-lo. No centro dessa rede está o fragmento do núcleo pétreo que alguém colocou nele. Pela primeira vez, Nassun se pergunta *como* foi colocado. Ela pensa na cicatriz comprida e feia que lhe desce pela nuca e pensa que ele deixa o cabelo comprido para cobri-la. Ela estremece um pouco ao pensar nas implicações dessa cicatriz.

— Eu não... — Nassun tenta tirar o pensamento da imagem de Schaffa gritando enquanto alguém o *corta*. — Eu não entendo os Guardiões. O outro tipo de Guardião, quero dizer. Eu não... eles são horríveis. — E ela não consegue nem começar a imaginar Schaffa sendo como eles.

Ele não responde por algum tempo, enquanto mastigam a refeição. Depois, diz baixinho:

— Os detalhes estão perdidos para mim, os nomes, e a maioria dos rostos. Mas os sentimentos permanecem, Nassun. Eu lembro que *amava* os orogenes de quem era Guardião... ou pelo menos acreditava amá-los. Queria que eles ficassem seguros, mesmo que isso significasse infligir pequenas crueldades para manter as maiores afastadas. Eu sentia que qualquer coisa era melhor do que genocídio.

Nassun franze a testa.

— O que é genocídio?

Ele sorri outra vez, mas é um sorriso triste.

— Se cada orogene é caçado e assassinado, e se torcem o pescoço de cada criança orogene que nasce daí em diante, e se cada um que, como eu, carrega o traço é morto ou efetivamente esterilizado, e se até mesmo a noção de que os orogenes são humanos é negada... isso é genocídio. Matar um povo matando até mesmo a própria *ideia* deles como um povo.

— Ah. — Nassun se sente inexplicavelmente enjoada outra vez.

— Mas isso é...

Schaffa inclina a cabeça, admitindo a observação implícita da garota: "Mas isso é o que vem acontecendo".

— Esta é a missão dos Guardiões, pequenina. Nós impedimos que a orogenia desapareça... porque, na verdade, as pessoas deste mundo não sobreviveriam sem ela. Orogenes são essenciais. E, no entanto, porque vocês são essenciais, não se pode permitir que tenham uma *escolha* quanto a esse assunto. Vocês devem ser ferramentas, e ferramentas não podem ser pessoas. Os Guardiões mantêm a ferramenta... e, até onde é possível, ainda retendo a utilidade da ferramenta, matam a pessoa.

Nassun olha de volta para ele, o entendimento movendo-se dentro dela como um tremor de nove graus saído do nada. As coisas que acontecem com os orogenes não acontecem simplesmente. Os Guardiões *fizeram* com que acontecessem após anos e anos de trabalho. Talvez eles tenham sussurrado ideias nos ouvidos de cada chefe guerreiro ou líder antes da época de Sanze. Talvez eles estivessem lá até mesmo durante a Estação do

Estilhaçamento... introduzindo-se nos bolsões maltrapilhos e assustados de sobreviventes para lhes dizer a quem culpar por sua miséria, como encontrá-los, e o que fazer com os culpados que encontrassem.

Todos acham que os orogenes são tão assustadores e poderosos, e são. Nassun tem certeza de que poderia aniquilar as Antárticas se realmente quisesse, embora provavelmente precisasse do safira para fazer isso sem morrer. Mas, apesar de todos os seus poderes, ela ainda é só uma menina. Ela tem que comer e dormir como qualquer outra garotinha, em meio a outras pessoas se quiser *continuar* comendo e dormindo. As pessoas precisam de outras pessoas pra viver. E se ela tiver que lutar para viver, lutar contra todas as pessoas em todas as comus? Contra todas as canções e todas as narrativas e a história e os Guardiões e a milícia e a lei imperial e o próprio saber das pedras? Contra um pai que não conseguiu conciliar *filha* e *rogga*? Contra o seu próprio desespero quando ela contempla a gigantesca missão de simplesmente tentar ser feliz?

O que a orogenia pode fazer contra uma coisa dessas? Mantê-la respirando, talvez. Mas respirar nem sempre significa viver, e talvez... talvez o genocídio nem sempre deixe cadáveres.

E agora ela tem mais certeza do que nunca de que Aço estava certo.

Ela olha para Shcaffa.

— Até o mundo queimar. — Foi o que ele disse a ela quando ela lhe contou o que pretendia fazer com o Portão do Obelisco.

Schaffa pisca, depois dá o doce e terrível sorriso de um homem que sempre soube que amor e crueldade são dois lados da mesma moeda. Ele a puxa para perto e beija sua testa, e ela o abraça apertado, tão feliz de ter um pai, enfim, que a ama como deveria.

— Até o mundo queimar, pequenina — ele murmura em seu ouvido. — Claro.

• • •

De manhã, eles recomeçam a descer a escada em espiral.

O primeiro sinal de mudança é o aparecimento de outro corrimão do outro lado da escadaria. O corrimão é feito de uma substância

estranha, um metal claro e reluzente nem um pouco manchado de verdete nem embaçado. Agora, contudo, há dois corrimões, e a escada se torna ampla o bastante para que duas pessoas possam caminhar lado a lado. Depois, a escadaria em espiral começa a ficar mais reta, ainda descendo no mesmo ângulo, mas cada vez fazendo menos curvas, até finalmente estender-se em uma linha até a escuridão.

Após mais ou menos uma hora de caminhada, o túnel de repente se abre, as paredes e o teto desaparecendo. Agora eles descem por um caminho com escadas iluminadas e interligadas que pairam, de algum modo, sem sustentação nenhuma ao ar aberto. Essas escadas não deveriam ser possíveis, apoiadas como estão por nada mais além do corrimão e, ao que parece, umas na outras... mas não ocorre nenhuma vibração ou rangido enquanto Nassun e Schaffa descem. O que quer que seja o material que constitui os degraus é muito mais forte do que pedras comuns.

E agora eles descem até uma caverna imensa. É impossível ver qual é o seu tamanho no escuro, embora colunas inclinadas de claridade desçam de círculos ocasionais de uma fria luz branca que pontilha o teto da caverna em intervalos irregulares. A luz ilumina... nada. O chão da caverna é uma vasta extensão de espaço vazio cheio de pilhas irregulares e granulosas de areia. Mas agora que estão dentro do que Nassun antes pensou ser uma câmara de magma vazia, ela consegue sentir as coisas com mais clareza e, de repente, percebe o quanto estava errada.

— Isto não é uma câmara de magma — ela diz a Schaffa em tom de espanto. — Não era sequer uma caverna quando esta cidade foi construída.

— O quê?

Ela chacoalha a cabeça.

— Ela não era *fechada*. Deve ter sido... Não sei. Aquilo que sobra quando um vulcão explode por completo.

— Uma cratera?

Ela concorda rapidamente com a cabeça, entusiasmada com a descoberta.

— Ficava a céu aberto naquela época. As pessoas construíram a cidade na cratera. Mas depois houve outra erupção, bem no meio

da cidade. — Ela aponta para a frente, para a escuridão; a escadaria vai direto até o que ela sensa como epicentro dessa antiga destruição.

Mas isso não pode estar certo. Outra erupção, dependendo do tipo de lava, deveria simplesmente ter destruído a cidade e preenchido a cratera anterior. Em vez disso, de alguma maneira, a lava *subiu e cobriu* a cidade, estendendo-se como uma cobertura e solidificando-se sobre ela de modo a formar esta caverna. Deixando a cidade dentro da cratera mais ou menos intacta.

— Impossível — contesta Schaffa, franzindo o cenho. — Nem mesmo a lava mais viscosa se comportaria dessa forma. Mas... — Sua expressão se anuvia. Outra vez ele está tentando examinar lembranças truncadas e entrecortadas, ou talvez apenas obscurecidas pela idade. Em um impulso, Nassun agarra a mão dele para encorajá-lo. Ele olha para ela, dá um sorriso distraído, e volta a franzir o cenho. — Mas acho que... um orogene *poderia* fazer uma coisa dessas. Seria preciso um orogene com um poder raro, porém, e provavelmente o auxílio de um obelisco. Um dez anéis. Pelo menos.

Nassun, confusa, franze a testa ao ouvir essas palavras. Mas a essência do que ele falou faz sentido: *alguém* fez isso. Nassun olha para o teto da caverna e só então se dá conta de que o que pensava tratar-se de antigas estalactites são, na verdade — ela arqueja —, o que restou de impressões de edifícios que não estão mais lá! Sim, há um ponto que se estreita e que deve haver sido um pináculo; aqui, um arco recurvado; ali, uma esquisitice geométrica composta de raios e curvas que parece estranhamente orgânica, como as lâminas sob o chapéu de um cogumelo. Mas enquanto essas marcas estão fossilizadas por todo o teto da caverna, a lava solidificada em si para alguns metros acima do chão. Só então Nassun percebe que o “túnel” de onde eles saíram também é o resquício de um prédio. Olhando para trás, ela vê que o lado de fora do túnel parece uma das conchas de sépia que seu pai usava para trabalhos minuciosos de britagem; mais sólido e feito do mesmo material branco estranho da laje lá na superfície. Deve ter sido o topo do edifício. Mas, alguns metros abaixo, onde termina a cobertura, o prédio termina também, para dar lugar a essa estranha

escada branca. Ela deve ter sido construída algum tempo depois do desastre... mas como? E por quem? E por quê?

Tentando entender o que vê, Nassun olha mais de perto o chão da caverna. A areia em grande parte é clara, embora haja partes sarapintadas de cinza mais escuro e de marrom. Em alguns lugares, pedaços retorcidos de metal ou imensos fragmentos quebrados de algo maior — outros edifícios talvez — despontam em meio à areia como ossos de um túmulo parcialmente desenterrado.

Mas isso também está errado, percebe Nassun. Não há material suficiente aqui para configurar os restos de uma cidade. Ela não viu muitas ruínas de civilizações, nem muitas cidades, aliás, mas leu sobre elas e ouviu histórias. Ela tem certeza de que as cidades deveriam ser cheias de construções de pedras e esconderijos de provisões feitos de madeira e talvez portões de metal e ruas pavimentadas. *Esta* cidade não é nada, relativamente falando. Só metal e areia.

Nassun abaixa as mãos, que havia erguido sem pensar enquanto seus sentidos que não são da carne cintilavam e procuravam. Inadvertidamente, ela olha para baixo, o que faz a distância entre o degrau que está pisando e o chão arenoso da caverna se abrir e parecer esticar-se. Isso a faz dar um passo atrás, voltando para mais perto de Schaffa, que coloca uma mão reconfortante em seu ombro.

— Esta cidade — diz Schaffa. Ela olha para ele, surpresa; ele parece pensativo. — Há uma palavra na minha mente, mas não sei o que é. Um nome? Algo que tem sentido em outra língua? — Ele chacoalha a cabeça. — Mas, se esta for a cidade que eu acho que é, ouvi histórias sobre a sua grandeza. Dizem que houve um tempo em que abrigava bilhões de pessoas.

Isso parece impossível.

— Em uma única cidade? De que tamanho era Yumenes?

— Alguns milhões. — Ele sorri ao vê-la boquiaberta, depois fica um pouco sério. — E agora não deve haver muito mais pessoas do que isso em toda a Quietude. Quando perdemos os Equatoriais, perdemos a maior parte da humanidade. Contudo. No passado, o mundo era ainda maior.



Não pode ser. A cratera vulcânica não é tão ampla assim. E, no entanto... Delicadamente, Nassun sensa debaixo da areia e dos escombros, procurando evidências do impossível. A areia é muito mais profunda do que ela pensava. Bem mais abaixo da sua superfície, porém, ela encontra trilhas prensadas em longas linhas retas. Estradas? Alicerces também, embora sejam oblongos ou redondos ou tenham outros formatos: circuitos de ampulheta e grossas curvas em S e declives em forma de bacia. Nenhum quadrado sequer. Ela fica intrigada com a estranha composição desses alicerces e então, de repente, percebe que tudo sensa a algo mineralizado, alcalino. Oh, está petrificado! O que significa que originalmente... Nassun arqueja.

— É madeira — ela diz bruscamente em voz alta. Um alicerce de madeira? Não, é algo *parecido* com madeira, mas também um pouco com o polímero que seu pai costumava fazer, e um pouco com aquela estranha coisa de que é feita a escada onde eles estão, que não é pedra. Todas as estradas que ela consegue sensar são de algo semelhante. — *Poeira*. Tudo aqui embaixo, Schaffa. Não é areia, é poeira! São *plantas*, muitas delas, mortas há tanto tempo que todas secaram e esfarelaram. E... — O olhar dela se volta de novo para a cobertura de lava acima. Como será que deve ter sido? Um clarão vermelho na caverna inteira. O ar quente demais para respirar. Os edifícios duraram mais, tempo suficiente para a lava começar a se resfriar em torno deles, mas todas as pessoas desta cidade teriam assado nas primeiras horas após serem enterradas por uma bolha de fogo.

É isso que há na areia também, então: incontáveis pessoas, cozidas até carbonizarem e se esfarelarem.

— Intrigante — diz Schaffa. Ele se inclina sobre o corrimão, sem se importar com a distância até o chão enquanto contempla a caverna. Nassun sente um aperto no estômago, receando por ele. — Uma cidade construída com plantas. — Então o olhar dele se torna penetrante. — Mas não há nada crescendo aqui agora.

Sim. Foi a outra coisa que Nassun notou. Ela já viajou o bastante agora e viu cavernas suficientes para saber que este lugar deveria ter abundância de vida, como líquenes e morcegos e insetos brancos e cegos. Ela desvia a percepção para o domínio do

prateado, procurando delicadas linhas que deveriam estar em toda parte em meio a tanto detrito vivo. Ela as encontra, muitas delas, mas... há algo estranho. As linhas fluem juntas e se concentram, fios minúsculos tornando-se canais mais grossos... muito parecido com o modo como a magia flui dentro de um orogene. Ela nunca viu isso acontecer com plantas ou animais ou com o solo antes. Esses fluxos mais concentrados se juntam e continuam seguindo adiante... na direção para onde a escada está indo. Ela os segue para bem além da escadaria que consegue ver, engrossando, iluminando-se... e então, em algum lugar lá na frente, eles param abruptamente.

— Tem alguma coisa ruim aqui — diz Nassun, sua pele comichando. De repente, ela para de sentir. Não quer sentir o que está mais adiante, por algum motivo.

— Nassun?

— Alguma coisa está *comendo* este lugar. — Ela pronuncia as palavras de maneira brusca, depois se pergunta por que as pronunciou. Mas agora que o fez, sente que foi a coisa certa a dizer. — É por isso que nada cresce. Alguma coisa está absorvendo toda a magia. Sem ela, tudo morre.

Schaffa a observa por um longo instante. Nassun vê que uma das mãos dele está no cabo do punhal de vidro preto, no ponto onde está amarrado na coxa dele. Ela quer rir disso. O que está adiante não é algo que ele possa apunhalar. Ela não ri porque é cruel e porque, de súbito, sente muito medo de que, se começar a rir, talvez não pare.

— Nós não temos que seguir em frente — sugere Schaffa. É um reconforto gentil e extremamente necessário de que ele não perderá o respeito por ela se ela abandonar a missão por medo.

Mas isso incomodaria Nassun. Ela tem seu orgulho.

— N-não. Vamos continuar. — Ela engole em seco. — Por favor.

— Muito bem, então.

Eles continuam. Alguém ou alguma coisa cavou um túnel em meio à poeira, por baixo e ao redor da escada impossível. Enquanto continuam a descer, eles passam por montanhas do material. Neste momento, porém, Nassun vê outro túnel logo em frente. Este assenta-se contra o chão da caverna — até que enfim — e sua abertura é imensa. Arcos concêntricos, cada um deles esculpidos

em mármore de diferentes tons, elevam-se bem alto quando a escadaria enfim chega ao chão e se nivela com as pedras ao redor. O túnel se estreita ainda mais; só há escuridão adiante. O chão da entrada é algo que parece verniz, ladrilhado em tons degradês de azul e preto e vermelho-escuro. São cores vivas e lindas, um alívio para os olhos depois de tanto branco e cinza e, no entanto, isso também é impossivelmente estranho. De algum modo, nem um pouco da poeira da cidade foi soprado nem sedimentou nessa entrada.

Dezenas de pessoas poderiam passar por esse arco. Centenas em um minuto. Contudo, agora só uma está aqui, observando-os a partir de um ponto sob uma faixa de mármore rosa que contrasta drasticamente com suas linhas pálidas e incolores. Aço.

Ele não se move enquanto Nassun caminha até ele. (Schaffa vem também, mas mais devagar, tenso.) O olhar cinzento de Aço está fixo em um objeto ao lado dele que não é familiar a Nassun, mas que seria para sua mãe: um pedestal hexagonal que se ergue do chão, como uma coluna de cristal de quartzo fumê cortada ao meio. Sua superfície mais alta é ligeiramente inclinada. A mão de Aço está voltada para ela em um gesto de apresentação. *Para você.*

Então Nassun se concentra no pedestal. Ela estende a mão até ele e a recolhe quando algo se ilumina ao redor da borda, antes que seu dedo possa tocar a superfície inclinada. Marcas em vermelho brilhante flutuam no ar sobre o cristal, estampando símbolos no espaço vazio. Ela não consegue entender o significado, mas a cor a deixa alarmada. Ela olha para Aço, que não se mexeu e parece estar na mesma posição desde que esse lugar foi construído.

— O que a mensagem diz?

— Que o veículo de transporte do qual eu falei atualmente não está funcionando — responde uma voz de dentro do peito de Aço. — Você terá que energizá-lo e dar andamento ao sistema para poder usar a estação.

— Dar... andamento? — Ela tenta entender o que andar tem a ver com ruínas antigas, depois decide continuar com a parte que entende. — Como eu faço para dar energia?

Abruptamente, Aço está em outra posição, de frente para o arco que leva mais para o interior da estação.

— Entre e forneça a energia na raiz. Ficarei aqui e teclarei a sequência de inicialização assim que houver energia suficiente.

— O quê? Eu não...

Seus olhos cinza sobre fundo cinza pousam sobre ela.

— Você verá o que fazer lá dentro.

Nassun morde o lado de dentro da bochecha, olhando para o arco. Está muito escuro lá.

A mão de Schaffa toca seu ombro.

— Eu vou com você, claro.

Claro. Nassun engole em seco e aquiesce, agradecida. Então ela e Schaffa entram na escuridão.

Não fica escuro por muito tempo. Como na escadaria branca, pequenos painéis de luz começam a brilhar nas laterais do túnel à medida que eles avançam. As luzes são fracas e amareladas de um modo que sugere envelhecimento, desgaste ou... bem, *exaustão*. É essa a palavra que surge na mente de Nassun por algum motivo. A luz é suficiente para iluminar as bordas dos azulejos sob os pés deles. Há portas e recessos ao longo das paredes do túnel e, a certa altura, Nassun avista uma engenhoca sobressaindo dela a uns três metros de altura. Parece... o leito de uma carroça? Sem rodas nem parelha, e como se esse leito de carroça fosse feito do mesmo material liso da escada, e como se esse leito corresse sobre alguma espécie de trilho fixado na parede. Parece claramente feito para transportar pessoas; talvez fosse a maneira como as pessoas que não podiam ou não queriam andar se locomoviam? Agora está parado e escuro, para sempre preso à parede onde o último condutor o deixou.

Eles notam a luz azulada peculiar iluminando o túnel mais adiante, mas isso ainda não é um alerta adequado o bastante para prepará-los para o momento em que o caminho faz uma curva à esquerda e eles se veem em uma nova caverna. Essa caverna muito menor não está repleta de poeira, ou pelo menos não muito. O que ela contém, em vez disso, é uma coluna gigantesca de vidro vulcânico de um tom preto azulado sólido.

A coluna é imensa e irregular e impossível. Nassun simplesmente olha, de queixo caído, para essa *coisa* que preenche quase a caverna inteira, do chão ao teto e além. Que é o produto

solidificado e rapidamente resfriado do que deve ter sido uma explosão gigantesca fica óbvio de imediato. Que essa é, de alguma forma, a fonte da cobertura de lava que fluiu para a caverna contígua é igualmente indiscutível.

— Entendo — diz Schaffa. Até mesmo ele soa perplexo, sua voz suavizada pelo espanto. — Olhe. — Ele aponta para baixo. É isso o que enfim proporciona a Nassun o ponto focal para estabelecer perspectiva, tamanho e distância. A coisa é enorme, porque agora ela consegue ver fileiras que descem em direção à base, circundando-a em octógonos. Três delas. Na fileira mais externa há edifícios, ela acha. Estão muito danificados, destruídos pela metade, apenas cascas, mas ela sente de pronto por que eles ainda existem enquanto aqueles na caverna ao lado desmoronaram. O calor que deve ter preenchido esta caverna transformou alguma coisa na construção dos edifícios, endurecendo-os e preservando-os. Algum tipo de batida também causou estragos: todas as construções estão abertas do mesmo lado, de frente para a grande coluna de vidro. Olhando para a coluna de vidro a partir do que parece ser um prédio de três andares, ela estima que a coluna não fica tão longe quanto parece; só é muito maior do que havia suposto inicialmente. Do tamanho de... ah.

— Um obelisco — ela sussurra. E então ela consegue sentir e adivinhar o que aconteceu de forma tão clara como se houvesse estado lá.

Há muito tempo, um obelisco jazia ali, no fundo dessa caverna, uma de suas pontas encravada no chão como algum tipo de planta bizarra. Em algum momento, o obelisco se soltou do poço para flutuar e cintilar como seus colegas sobre a estranha imensidão da cidade... e então alguma coisa deu muito, muito errado. O obelisco... caiu. Onde ele atingiu a terra, Nassun imagina poder ouvir o eco da batida; ele não caiu simplesmente, ele *abriu* caminho no chão, perfurando-o e penetrando fundo e fundo e fundo, impulsionado por toda a força do prateado concentrado em seu núcleo. Nassun não consegue seguir seu rastro por mais do que um ou dois quilômetros abaixo da superfície, mas não há nenhuma razão para acreditar que ele não tenha continuado a perfurar. Até onde, ela não pode imaginar.

E, na sequência, canalizada direto da parte mais liquefeita da terra, veio literalmente uma fonte de fogo da terra para enterrar esta cidade.

Ainda não há nada ao redor que pareça um meio de fornecimento de energia para a estação. Nassun nota, porém, que a iluminação da caverna vem de enormes torres de luz azul perto da base da coluna de vidro. Elas compõem a fileira mais baixa e mais interna da câmara. *Algo* está dando origem àquela luz.

Schaffa também chegou à mesma conclusão.

— O túnel acaba aqui — ele diz, apontando para as torres azuis e a base da coluna. — Não há nenhum outro lugar para onde ir a não ser para o sopé dessa monstruosidade. Mas você tem certeza de que quer seguir os passos de quem quer que tenha feito isso?

Nassun morde o lábio inferior. Ela não tem. É aqui que está a coisa errada que ela sentiu de lá da escada, embora ainda não consiga distinguir sua fonte. No entanto...

— Aço quer que eu veja alguma coisa aqui embaixo.

— Você tem certeza de que quer fazer o que ele deseja, Nassun?

Ela não tem. Não dá para confiar em Aço. Mas ela já se comprometeu com o plano de destruir o mundo; o que quer que Aço queira, não pode ser pior do que isso. Então, quando Nassun aquiesce, Schaffa simplesmente inclina a cabeça, concordando, e lhe oferece a mão para poderem descer o acesso até as torres juntos.

Passar pelas fileiras é como passar por um cemitério, e Nassun se sente compelida a ficar em respeitoso silêncio por esse motivo. Entre os edifícios, ela consegue distinguir passarelas carbonizadas, canais de vidro fundido que um dia devem ter abrigado plantas, estranhos postes e estruturas cujo propósito ela não sabe ao certo se conseguiria entender mesmo que não estivessem semiderretidos. Ela decide que esse poste era para amarrar cavalos, e que aquela estrutura é onde os curtidores estendiam o couro para secar. Projetar aquilo que é familiar sobre aquilo que é estranho não funciona muito bem, claro, porque nada sobre esta cidade é normal. Se as pessoas que moravam aqui andavam em montarias, não eram cavalos. Se faziam cerâmica ou ferramentas, elas não eram

feitas com argila nem obsidiana, e os artesãos que faziam tais coisas não eram meros britadores. Essas são pessoas que construíram um obelisco, e depois perderam o controle sobre ele. Não há como dizer que maravilhas e horrores preenchem suas ruas.

Em sua ansiedade, Nassun procura sintonizar o safira, em grande parte apenas para se reassegurar de que consegue fazer isso através de toneladas de lava resfriada e de uma cidade deteriorada que está se petrificando. É tão fácil conectar-se aqui embaixo quanto lá em cima, o que é um alívio. Ele a atrai delicadamente — ou tão delicadamente quanto qualquer obelisco — e, por um instante, ela se deixa arrastar para a sua luz flutuante e líquida. Ela não se assusta por ser arrastada dessa forma: Nassun confia no safira até onde se pode confiar em um objeto inanimado. Foi a coisa que lhe contou sobre o Ponto Central, no final das contas, e agora ela sensa outra mensagem nos interstícios cintilantes de suas linhas apertadas...

— Mais adiante — ela diz de maneira brusca, sobressaltando-se. Schaffa para e olha para ela.

— O quê?

Nassun precisa chacoalhar a cabeça, trazendo a mente de volta para o seu lugar e tirando-a de todo aquele azul.

— O... o lugar para depositar a energia. Está mais adiante, como Aço disse. Depois do acesso.

— Acesso? — Schaffa se vira, olhando para a passarela em declive. Mais adiante está a segunda fileira: um plano regular e uniforme feito de mais daquele material branco que não é pedra. As pessoas que construíram os obeliscos parecem ter usado essa coisa em todas as suas ruínas mais antigas e duradouras.

— O safira... conhece este lugar — ela tenta explicar. É uma explicação meio desajeitada, tão difícil quanto tentar explicar a orogenia para um quieto. — Não este lugar especificamente, mas algum lugar parecido... — Ela o sintoniza outra vez, pedindo mais informações sem palavras, e quase fica sobrecarregada por uma cintilação azul de imagens, sensações, *crenças*. Sua perspectiva muda. Ela está no centro das três fileiras, não mais em uma caverna, mas diante de um horizonte azul pelo qual nuvens

agradáveis se agitam e correm e se desvanecem e ressurgem. As fileiras ao seu redor fervilham de atividades... embora tudo se transforme em um borrão, e o que ela consegue discernir nos poucos instantes de calma não faça sentido. Estranhos veículos como a carroça que ela viu no túnel deslizam pelas laterais dos edifícios, seguindo trilhos de luz de diferentes cores. Os edifícios estão *cobertos* de verde, videiras e telhados relvados e flores recurvando-se sobre vigas e paredes. Pessoas, centenas delas, entram e saem deles, e sobem e descem pelas passarelas, em borrões ininterruptos de movimento. Ela não consegue ver seus rostos, mas vislumbra cabelos pretos como o de Schaffa, brincos com tema de videiras artisticamente espiralados, um vestido agitando-se na altura dos tornozelos, dedos cintilando com capas de laca colorida.

E em toda parte, *em toda parte*, está o prateado que há por trás do calor e do movimento, a matéria dos obeliscos. Ele forma teias e flui, convergindo não apenas em fios de água, mas em rios e, quando ela olha para baixo, vê que está em uma poça de prateado líquido, encharcando seus pés...

Nassun cambaleia um pouco quando volta desta vez, e a mão de Schaffa segura seu ombro com firmeza para estabilizá-la.

— Nassun.

— Estou bem — ela diz. Ela não tem certeza disso, mas diz mesmo assim porque não quer que ele fique preocupado. E porque é mais fácil dizer isso do que “Acho que fui um obelisco por um minuto”.

Schaffa a circunda para se agachar de frente para ela, colocando as mãos em seus ombros. A preocupação em seu rosto quase, quase, eclipsa as linhas cansadas, certa distração e os outros sinais de luta que estão surgindo sob a sua superfície. Sua dor piorou aqui no subsolo. Ele não disse que piorou, e Nassun não sabe por que está piorando, mas dá para ver.

Mas.

— Não confie nos obeliscos, pequenina — ele diz. Não parece uma coisa nem tão estranha nem tão errada de sair da boca dele quanto deveria parecer. Em um impulso, Nassun abraça Schaffa; ele a estreita nos braços, afagando suas costas para confortá-la. — Nós



permitíamos que uns poucos progredissem — ele murmura em seu ouvido. Nassun pisca, lembrando-se da pobre, louca e assassina Nida, que disse a mesma coisa certa vez. — Lá no Fulcro. Permitiram que eu me lembrasse disso porque é importante. Os poucos que chegavam ao status de nove ou dez anéis... eles sempre conseguiam sentir os obeliscos, e os obeliscos podiam senti-los por sua vez. Eles teriam atraído você de um jeito ou de outro. Eles sentem falta de algo, estão incompletos de algum modo, e é isso que precisam que um orogene proporcione.

E em seguida:

— Mas os obeliscos os mataram, minha Nassun — ele diz, encostando o rosto no cabelo dela. Ela está imunda e não toma um banho de verdade desde Jekity, mas as palavras dele afastam esses pensamentos mundanos. — Os obeliscos... eu *lembro*. Eles vão transformá-la, refazê-la, se puderem. É o que aquele comedor de pedra ferrugento quer.

Ele aperta mais os braços por um instante, com um pouco de sua antiga força, e é o sentimento mais lindo do mundo. Ela sabe nesse momento que ele jamais hesitará, jamais deixará de estar lá quando ela precisar, jamais se transformará em um mero ser humano falho. E ela o ama mais que tudo na vida por sua força.

— Sim, Schaffa — ela promete. — Vou tomar cuidado. Não vou deixar que eles ganhem.

*Ela*, ela pensa, e sabe que ele pensa nisso também. Ela não vai deixar *Aço* ganhar. Pelo menos não sem conseguir o que quer primeiro.

Assim eles se decidem. Quando Nassun se afasta, Schaffa concorda com a cabeça antes de se pôr de pé. Eles voltam a seguir adiante.

A fileira mais interna fica à sombra azulada e escura da coluna de vidro. As torres são maiores do que pareciam a distância; talvez o dobro da altura de Schaffa, três ou quatro vezes a largura dele, e zumbindo ligeiramente agora que Nassun e Schaffa estão perto o bastante para ouvir. Elas estão dispostas em um círculo ao redor do que deve ter sido a área de repouso de obeliscos, como um amortecedor protegendo as duas fileiras mais externas. Como uma cerca, separando a vida agitada da cidade... disto.

Isto: a princípio, Nassun pensa que é uma moita de espinhos. As videiras com espinhos formam espirais que se enrolam pelo chão e pela superfície interna das torres, preenchendo todo o espaço disponível entre elas e a coluna de vidro em si. Depois ela vê que não são videiras espinhosas: não há folhas. Não há espinhos. Apenas essas espirais recurvadas e retorcidas de algo que parece madeira, mas tem um cheiro um pouco parecido com o de fungo.

— Que estranho — diz Schaffa. — Alguma coisa viva, enfim?

— Talvez não estejam vivas? — Elas parecem mortas, embora se destaquem por serem patentemente plantas, e não restos esfarelados de ruínas no chão. Nassun não gosta desse lugar, em meio a essas videiras feias e à sombra da coluna de vidro. Será que é para isso que servem as torres, para ocultar a vista grotesca das videiras do resto da cidade? — E talvez tenham brotado aqui depois... do resto.

Então ela pisca, notando algo novo quanto à videira mais próxima. É diferente das outras. As outras estão claramente mortas; murchas, enegrecidas e quebradas em alguns pontos. Esta, contudo, parece talvez estar viva. É viscosa e nodosa em certos lugares, com uma superfície parecida com madeira e que parece antiga e áspera, mas intacta. Escombros abarrotam o chão sobre o qual se encontram; montes cinzentos e poeira, pedaços de tecido seco e apodrecido, e até mesmo parte de uma corda mofada e puída.

Há uma coisa que Nassun se absteve de fazer desde que entrou na caverna da coluna de vidro; há algumas coisas que ela não quer saber. Agora, porém, fecha os olhos e toca o lado de dentro da videira com o sentido do prateado.

De início, é difícil. As células dessa coisa — como *está* viva, é mais como um fungo do que uma planta, mas também há algo artificial e mecânico sobre o modo como foi feita para funcionar — estão tão apertadas que ela não espera ver nenhum prateado entre elas. Mais denso do que a matéria no corpo das pessoas. A organização de sua substância é quase cristalina, na verdade, células alinhadas em pequenas matrizes organizadas que ela nunca viu em nenhum ser vivo antes.

E agora que Nassun olhou nos interstícios da substância da videira, vê que não há nenhum prateado nela. Em vez disso, o que ela tem são... Ela não sabe ao certo como descrever. Espaços negativos? Onde o prateado deveria estar, mas não está. Espaços que *podem ser preenchidos* com o prateado. E, enquanto ela as explora cautelosamente, fascinada, começa a perceber a forma como elas atraem sua percepção cada vez mais até que... com um arquejo, Nassun liberta sua percepção de maneira brusca.

“Você verá o que fazer”, Aço dissera. “Deveria ser óbvio.”

Schaffa, que se agachou para dar uma espiada no pedaço de corda, para e olha para ela, franzindo o cenho.

— O que foi?

Ela devolve o olhar, mas não tem palavras para contar o que precisa ser feito. As palavras não existem. Mas ela sabe o que precisa fazer. Nassun se aproxima mais da videira viva.

— Nassun — diz Schaffa com a voz tensa e admoestadora devido à apreensão repentina.

— Tenho que fazer isso, Schaffa — ela diz. Ela já está erguendo as mãos. Este é o ponto para o qual todo o prateado da caverna exterior tem vindo, ela se dá conta agora; essas videiras vêm devorando-o. Por quê? Ela sabe por quê, na configuração mais profunda e mais antiga de sua carne. — Eu preciso, ähn, energizar o sistema.

Então, antes que Schaffa possa detê-la, Nassun envolve a videira com ambas as mãos.

Não dói. Essa é a armadilha. A sensação que se espalha pelo seu corpo é agradável, na verdade. Relaxante. Se ela não pudesse perceber o prateado, ou a forma como a videira começa instantaneamente a absorver cada fração de prateado do espaço entre as suas células, pensaria que aquilo estava fazendo-lhe bem. Do modo como as coisas vão indo, vai matá-la em instantes.

Mas ela tem acesso a mais prateado do que apenas o dela. Preguiçosamente, em meio à languidez, Nassun sintoniza o safira... e o safira responde de maneira instantânea, fácil.

“Amplificadores”, Alabaster os chamava, muito antes de Nassun haver nascido. “Baterias” é como você pensa neles, e como os explicou certa vez a Ykka.

O que Nassun entende dos obeliscos é simplesmente que são *motores*. Ela já viu motores funcionando... os simples objetos de bomba e turbina que regulavam os sistemas geo e hidro lá em Tirimo e, por vezes, objetos mais complexos como o elevador de cereais. O que ela entende sobre motores não chegaria a encher um dedal, mas isto é claro até para uma menina de dez anos: para funcionar, motores precisam de combustível.

Então ela flutua com o azul, e o poder do safira flui através dela. A videira em suas mãos parece arquejar com o fluxo súbito, embora isso seja apenas a sua imaginação, ela tem certeza. Depois, zune em suas mãos, e ela vê como os enormes espaços vazios de suas matrizes se enchem de luz prateada cintilante e fluem, e algo imediatamente desvia essa luz para algum outro lugar...

Um estrépito ruidoso ecoa pela caverna. É seguido por outros estrépitos mais fracos, intensificando-se até formar um ritmo, e depois por um zumbido baixo e crescente. A caverna se ilumina de repente quando as torres azuis ficam brancas e brilham mais, assim como as cansadas luzes amarelas que eles seguiram ao descer o túnel com mosaico. Nassun estremece mesmo estando nas profundezas do safira e, em meia respiração, Schaffa a afasta da videira. As mãos dele tremem quando ele a abraça, mas ele não diz nada e seu alívio é palpável quando deixa Nassun se apoiar nele. De súbito, ela se sente tão esgotada que apenas o aperto dele a mantém de pé.

E, nesse meio tempo, algo vem vindo pelos trilhos.

É uma coisa fantasmagórica, de um verde iridescente como o dos besouros, graciosa e polida e quase silenciosa conforme emerge de algum lugar atrás da coluna de vidro. Nada disso faz sentido aos olhos de Nassun. O bojo desse objeto tem o formato aproximado de uma lágrima, embora sua extremidade mais estreita e pontuda seja assimétrica, a ponta fazendo uma curva que se afasta bastante do chão de um modo que a faz lembrar o bico de um corvo. É enorme, do tamanho de uma casa sem dúvida e, no entanto, flutua alguns centímetros acima do trilho, sem apoio. É impossível adivinhar de que é constituído, embora pareça ter... pele? Sim; de perto, Nassun consegue ver que a superfície da coisa tem a mesma textura levemente enrugada que um couro grosso e

bem trabalhado. Em alguns pontos dessa pele ela vislumbra estranhos nódulos irregulares, cada um do tamanho de um punho fechado, talvez; eles parecem não ter propósito visível.

A coisa, contudo, forma um borrão e cintila. Passa de sólido a translúcido e vice-versa, exatamente como um obelisco.

— Muito bem — diz Aço, que aparece de repente diante deles e ao lado da coisa.

Nassun está esgotada demais para estremecer, embora esteja se recuperando. Schaffa aperta mais os ombros dela como reflexo, depois relaxa. Aço ignora os dois. Uma das mãos do comedor de pedra está erguida em direção à estranha coisa flutuante, como um artista orgulhoso mostrando sua última criação.

— Você forneceu ao sistema mais energia do que era absolutamente necessário — ele fala. — O excedente foi para a luz, como pode ver, e outros sistemas, tais como os controles ambientais. Inútil, mas suponho que não faça nenhum mal. Vão gastar a energia em alguns meses, sem nenhuma fonte para proporcionar mais energia.

A voz de Schaffa é muito suave e fria.

— Isso poderia tê-la matado.

Aço ainda está sorrindo. Nassun começa a suspeitar enfim que essa seja a tentativa de Aço de zombar dos sorrisos frequentes dos Guardiões.

— Poderia, se ela não tivesse usado o obelisco. — Não há nenhum sinal de desculpas no tom dele. — Morte é o que costuma acontecer quando alguém carrega o sistema. Porém, orogenes capazes de canalizar magia conseguem sobreviver... assim como Guardiões, que normalmente conseguem absorvê-la de fontes externas.

*Magia?*, pensa Nassun, momentaneamente confusa.

Mas Schaffa fica tenso. Nassun fica confusa com o acesso de fúria dele a princípio, então se dá conta: Guardiões comuns, do tipo não contaminado, absorvem o prateado da terra e o transmitem às videiras. Guardiões como Umber e Nida provavelmente podiam fazer o mesmo, embora só fossem tentar se servisse aos interesses do Pai Terra. Mas Schaffa, apesar de seu núcleo pétreo, não pode confiar no prateado da Terra, e não pode absorvê-lo à vontade. Se

Nassun correu risco em relação à videira, foi por conta da inaptidão de Schaffa.

Ou pelo menos é o que Aço pretende sugerir. Nassun o encara, incrédula, depois se vira para Schaffa de novo. Ela está sentindo parte de sua força voltar.

— Eu sabia que conseguiria — ela diz. Schaffa ainda está com os olhos fixos em Aço. Nassun enrola as mãos na camisa dele e dá um puxão para fazê-lo olhar para ela. Ele pisca e olha para a menina, surpreso. — Eu sabia! E eu não teria *deixado* o senhor fazer aquilo com as videiras, Schaffa. É por minha causa que...

Ela hesita então, a garganta apertada devido a lágrimas iminentes. Parte disso é apenas nervosismo e exaustão. Grande parte, contudo, é o senso de culpa que vem espreitando-a e crescendo dentro dela há meses, extravasando somente agora porque ela está cansada demais para guardar no seu íntimo. É sua culpa que Schaffa tenha perdido tudo: Lua Encontrada, as crianças de quem ele cuidava, a companhia de seus colegas Guardiões, o poder confiável que deveria vir do núcleo pétreo dele, até mesmo um sono tranquilo à noite. Ela é o motivo pelo qual ele está aqui embaixo na poeira de uma cidade morta, e pelo qual eles vão confiar em uma máquina mais antiga do que Sanze e talvez do que a *Quietude* para ir a um lugar impossível e fazer uma coisa impossível.

Schaffa vê tudo isso instantaneamente, com a habilidade de alguém que cuida de crianças há muito tempo. Ele desfranze o rosto, chacoalha a cabeça e se agacha para olhar para ela frente a frente.

— Não — ele diz. — Nada disso é culpa sua, minha Nassun. Não importa o que tenha me custado, e não importa o que ainda custará, sempre lembre que eu... que eu...

Sua expressão vacila. Por um momento fugaz, aquela confusão indistinta e horrível está lá, ameaçando apagar até mesmo esse momento em que ele pretende declarar sua força para ela. Nassun recupera o fôlego e se concentra no prateado que há nele e se enfurece quando vê que o núcleo pétreo dentro dele está ativo outra vez, trabalhando violentamente sobre seus nervos e enredando-se

pelo cérebro dele, mesmo agora tentando fazê-lo inclinar para um lado.

“Não”, ela pensa em um acesso repentino de ira. Ela agarra os ombros dele e o chacoalha. Ela precisa do corpo todo para fazer isso porque ele é um homem tão grande, mas a chacoalhada o faz piscar e se concentrar em meio à confusão.

— O senhor é Schaffa — ela diz. — O senhor é! E... e o senhor *escolheu*. — Porque isso é importante. É o que o mundo não quer que gente como eles faça. — Você não é mais meu Guardião, você... — Ela ousa falar em voz alta por fim. — É o meu novo pai. Tudo bem? E i-isso significa que somos uma família e... e temos de trabalhar juntos. É o que as famílias fazem, não é? Deixe que *eu* o proteja de vez em quando.

Schaffa olha para ela, então suspira e se inclina para a frente para beijar sua testa. Ele fica ali depois do beijo, o nariz encostado no cabelo dela; Nassun faz um esforço tremendo e não cai no choro. Quando ele finalmente fala, a horrível confusão desvaneceu, bem como desvaneceram até algumas rugas causadas pela dor ao redor dos olhos dele.

— Muito bem, Nassun. *De vez em quando*, você pode me proteger.

Com isso resolvido, ela funga, limpa o nariz em uma das mangas, e depois se vira para encarar Aço. Ele não mudou de posição, então ela se afasta de Schaffa e vai até lá, parando bem em frente a ele. Ele desvia os olhos para acompanhá-la, preguiçosamente lento.

— Não faça isso de novo.

Ela meio que espera que ele responda, com sua voz demasiado astuta: “Fazer o quê?”. Em vez disso, ele diz:

— É um erro levá-lo conosco.

Uma onda de frio perpassa o corpo de Nassun, seguida de uma de calor. Isso é uma ameaça ou um alerta? De qualquer forma, ela não gosta. Parece ter cerrado tanto o maxilar que quase morde a língua tentando falar.

— Eu não me importo.

Silêncio como resposta. Era uma concessão? Concordância? Recusa em discutir? Nassun não sabe. Ela tem vontade de gritar

para ele: “Diga que não vai machucar Schaffa outra vez!”. Apesar de parecer errado gritar com um adulto. No entanto, ela também passou o último ano e meio aprendendo que adultos são pessoas e, às vezes, estão errados e, às vezes, alguém *deveria* gritar com eles.

Mas Nassun está cansada, então, em vez disso, volta para Schaffa, apertando firme a mão dele e encarando Aço, desafiando-o a dizer mais alguma coisa. Mas ele não diz. Ótimo.

A enorme coisa verde meio que ondula então, e todos eles se viram para olhar para ela. Algo está... Nassun estremece, enojada e fascinada. Algo está *brotando* dos estranhos nódulos por toda a superfície da coisa. Cada um tem dezenas de centímetros de comprimento e é estreito, semelhante a plumas, afinando próximo às pontas. Em um instante, há dezenas deles, espiralando-se e ondulando-se levemente em uma brisa imperceptível. *Cílios*, Nassun pensa de repente, lembrando-se de uma figura em um antigo livro de biomesmia da creche. Claro. Por que as pessoas que constroem edifícios com plantas não fariam também carruagens que se parecem com gérmes?

Parte das plumas se movimenta mais rápido do que as outras, aglutinando-se por um momento em um ponto pela lateral da coisa. Depois, todas as plumas tombam, aplainando-se contra a superfície de madrepérola, para revelar uma porta de suave contorno retangular. Mais adentro, Nassun consegue ver uma luz agradável e poltronas que parecem surpreendentemente confortáveis, dispostas em fileiras. Eles viajarão em grande estilo ao outro lado do mundo.

Nassun olha para Schaffa. Ele dá um aceno de cabeça para ela com o maxilar cerrado. Ela não olha para Aço, que não se mexeu e não faz nenhuma tentativa de se juntar a eles.

Depois, eles sobem a bordo, e as plumas entrelaçam a porta, fechando-a assim que passam. Quando se sentam, o grande veículo produz um ruído baixo e ressoante, e começa a se mover.



A RIQUEZA NÃO TEM VALOR QUANDO AS CINZAS CAEM.

— TÁBUA TRÊS, “ESTRUTURAS”, VERSÍCULO DEZ





## Syl Anagist: Dois

É uma casa magnífica; compacta, mas projetada com elegância e cheia de móveis bonitos. Nós ficamos olhando para os arcos e as estantes de livros e os corrimões de madeira. Apenas algumas plantas crescem das paredes de celulose, então o ar está seco e velho. Parece o museu. Nós nos aglomeramos na grande sala na parte da frente da casa, com medo de nos mexermos, com medo de tocar em qualquer coisa.

— Você mora aqui? — um dos outros pergunta a Kelenli.

— Às vezes — ela responde. Seu rosto não demonstra nenhuma expressão, mas há algo em sua voz que me preocupa. — Sigam-me.

Ela nos conduz pela casa. Um refúgio maravilhosamente confortável: cada superfície macia e apropriada para se sentar, até mesmo o chão. O que me chama a atenção é que nada é branco. As paredes são verdes e algumas partes são pintadas de um tom de vinho escuro intenso. No cômodo seguinte, as camas estão cobertas por tecidos azuis e dourados de texturas contrastantes. Nada é duro e nada está descoberto e *nunca* pensei que os aposentos onde moro fossem uma prisão, mas agora, pela primeira vez, eu penso.

Pensei muitas coisas novas neste dia, especialmente durante o trajeto a essa casa. Andamos o tempo todo, nossos pés doendo devido à falta de costume e, ao longo de todo o caminho, as

peessoas ficavam olhando. Algumas cochichavam. Uma delas estendeu a mão para alisar o meu cabelo quando passava, depois deu uma risadinha quando eu recuei tardiamente. A certa altura, um homem nos seguiu. Era mais velho, com um cabelo grisalho curto quase da mesma textura que o nosso, e começou a dizer coisas raivosas. Algumas das palavras eu não conhecia (“crias dos niess” e “língua de cobra”, por exemplo). Algumas eu conhecia, mas não entendia (“abortos da natureza” e “a gente devia ter exterminado vocês”, o que não fazia sentido porque nós fomos feitos de modo muito cauteloso e intencional). Ele nos acusou de mentir, embora nenhum de nós tenha falado com ele, e de só fingir ter ido embora (para algum lugar). Ele disse que os pais dele e os pais dos pais dele haviam lhe ensinado o que era o verdadeiro horror, quem era o verdadeiro inimigo, que monstros como nós éramos os inimigos de todas as pessoas boas e que ele ia se certificar de que nós não machucássemos mais ninguém.

Depois ele se aproximou, com grandes punhos cerrados. À medida que avançávamos aos tropeços, encarando, tão confusos que nem percebíamos que estávamos correndo perigo, alguns dos nossos discretos guardas deixaram a discrição de lado e puxaram o homem para dentro da alcova de um edifício, onde o mantiveram enquanto ele gritava e lutava para se aproximar de nós. Kelenli continuou seguindo em frente o tempo todo, com a cabeça erguida, sem olhar para o homem. Nós fomos atrás dela, sem saber o que mais podíamos fazer e, depois de um tempo, o homem ficou para trás, suas palavras perdidas em meio aos sons da cidade.

Mais tarde, Gaewha, um pouco trêmula, perguntou a Kelenli o que havia de errado com o homem bravo. Kelenli riu baixinho e respondeu:

— Ele é sylanagistino.

Gaewha ficou confusa. Todos lhe enviamos rápidos pulsos para assegurá-la de que estávamos igualmente perplexos: o problema não era ela.

Isso é a vida normal em Syl Anagist, nós entendemos à medida que caminhamos por ela. Pessoas normais em ruas normais. Toques normais que nos fazem nos encolhermos ou nos retesarmos ou recuar rápido. Casas normais com móveis normais. Olhares

normais que nos evitam ou que franzem as sobrancelhas ou que cobiçam. A cada vislumbre de normalidade, a cidade nos ensina o quanto somos anormais. Nunca me importei com o fato de sermos meros construtos, genegenheiramente projetados por mestres biomagestres e desenvolvidos em capsídeos de lodo nutriente, decantados já na forma adulta para não precisarmos de cuidados. Eu sentia... orgulho, até agora, do que era. Eu me sentia satisfeito. Mas agora vejo o modo como as pessoas normais olham para nós e meu coração dói. Eu não entendo por quê.

Talvez toda essa caminhada tenha me danificado.

Agora Kelenli nos conduz pela casa requintada. Passamos por uma porta, contudo, e encontramos um enorme jardim espraiado atrás da casa. Descendo as escadas e contornando a trilha de terra, há canteiros de flores por toda parte, sua fragrância convidando a uma aproximação. Não são como os canteiros cultivados com precisão e genegenheiramente projetados do complexo, com flores piscantes de cores coordenadas; o que cresce aqui é silvestre, e talvez inferior: caules aleatoriamente curtos ou compridos e pétalas frequentemente menos do que perfeitas. No entanto... eu gosto delas. O tapete de líquenes que cobre a trilha nos convida a estudá-lo mais de perto, então debatemos em rápidas ondas de pulso enquanto nos agachamos e tentamos entender por que aquilo parece tão macio e agradável aos nossos pés. Uma tesoura pendurada em uma estaca é um convite à curiosidade. Eu resisto ao impulso de reivindicar algumas das flores roxas para mim, embora Gaewha experimente a tesoura e depois tome algumas flores na mão, segurando-as firme e ferozmente. Nunca nos permitiram possuir algo.

Eu observo Kelenli de maneira furtiva, compulsiva, enquanto ela nos vê brincar. A força do meu interesse me confunde e me assusta um pouco, embora eu pareça incapaz de resistir a ela. Sempre soubemos que os condutores fracassaram em nos fazer desprovidos de emoção, mas... bem. *Eu* pensava que estivéssemos acima de tal *intensidade* de sentimento. É nisso que dá ser arrogante. Agora aqui estamos, perdidos em sensações e reações. Gaewha se aninha em um lugar com a tesoura, pronta para defender suas flores até a morte. Dushwha gira em círculos, rindo

de forma delirante, não sei ao certo de quê. Bimniwha encurralou um dos nossos guardas e está bombardeando-o de perguntas sobre o que vimos durante a caminhada até aqui; o guarda tem o olhar de uma presa e parece estar esperando que alguém o salve. Salewha e Remwha entram em uma intensa discussão ao se agachar ao lado de um pequeno lago, tentando descobrir se as criaturas que se movem na água são peixes ou sapos. Sua conversa é toda em voz alta, sem nada pela terra.

E eu, tolo que sou, observo Kelenli. Quero entender o que ela pretende que nós aprendamos, seja com aquela coisa de arte no museu, seja com a nossa tarde de idílio no jardim. Seu rosto e seus sensapinae não revelam nada, mas tudo bem. Eu também quero simplesmente olhar para o rosto dela e deleitar-me naquela profunda e poderosa presença orogênica que ela tem. Não faz sentido. Provavelmente é perturbador para ela — embora, caso seja, ela me ignore. Quero que ela olhe para mim. Quero falar com ela. Quero *ser* ela.

Concluo que o que estou sentindo é amor. Mesmo que não seja, a ideia é nova o suficiente para me fascinar, então decido seguir para onde os seus impulsos me levarem.

Depois de algum tempo, Kelenli se levanta e se afasta do local onde perambulamos pelo jardim. No centro dele, há uma pequena estrutura, como uma casa minúscula, mas feita de tijolos em vez do verdestrato de celulose da maioria dos edifícios. Uma hera decidida cresce pela parede mais próxima. Quando ela abre a porta dessa casa, eu sou o único que percebe. No momento em que ela entra, todos os outros param o que quer que estejam fazendo e se levantam para observá-la também. Ela faz uma pausa, achando graça — eu acho — no nosso silêncio repentino e na nossa ansiedade. Então ela suspira e faz um gesto com a cabeça em um silencioso “Venham”. Nós saímos correndo para segui-la.

Lá dentro (nós nos amontoamos cuidadosamente ao entrar depois de Kelenli; o lugar é um cubículo), a casinha tem assoalho de madeira e alguns móveis. É quase tão despojada quanto nossas celas no complexo, mas há algumas diferenças importantes. Kelenli se senta em uma das cadeiras e nós percebemos: isso pertence a ela. A *ela*. É sua... cela? Não. Há peculiaridades por todo esse

espaço, coisas que oferecem pistas intrigantes sobre a personalidade e o passado de Kelenli. Livros em uma prateleira no canto significam que alguém a ensinou a ler. Uma escova na beira da pia sugere que ela penteia o próprio cabelo (de forma impaciente, a julgar pela quantidade de cabelo nas cerdas). Talvez seja na casa grande que ela deva estar, e talvez ela chegue a dormir lá às vezes. Esta pequena casa no jardim, no entanto, é... o seu lar.

— Eu cresci com o condutor Gallat — diz Kelenli em voz baixa. (Nós nos sentamos no chão e nas cadeiras e na cama em torno dela, extasiados com sua sabedoria.) — Fui educada junto a ele, eu o experimento e ele o controle... da mesma forma como sou o controle para vocês. Ele é comum, exceto por um pingote de ancestralidade indesejada.

Pisco meus olhos branco-gelo e penso nos olhos de Gallat e, de repente, entendo muitas coisas novas. Ela sorri quando fico boquiaberto. Seu sorriso não dura muito, porém.

— Eles, os pais de Gallat, que eu achava que eram meus pais, não me contaram a princípio o que eu era. Frequentei a escola, brinquei, fiz todas as coisas que uma menina sylanagistina normal faz enquanto cresce. Mas eles não me tratavam igual. Por muito tempo, achei que fosse alguma coisa que eu tinha feito. — Seu olhar vai se distanciando, carregando o peso de uma amargura antiga. — Perguntava-me por que eu era tão horrível que nem mesmo os meus pais pareciam me amar.

Remwha se agacha para passar a mão pelas lâminas de madeira do assoalho. Não sei por que ele faz essas coisas. Salewha ainda está lá fora, já que a casinha de Kelenli está abarrotada demais para o gosto dela; ela foi contemplar um pássaro minúsculo e veloz que esvoaça entre as flores. Mas ela ouve através de nós, através da porta aberta da casa. Todos nós precisamos ouvir o que Kelenli diz com a voz e a vibração e o peso constante e profundo de seu olhar.

— Por que eles enganaram você? — pergunta Gaewha.

— O experimento era para ver se eu podia ser humana. — Kelenli sorri para si mesma. Ela está sentada na ponta da cadeira, os cotovelos escorados nos joelhos, olhando para as mãos. — Para

ver se eu acabava me tornando decente, se não natural, caso fosse criada entre pessoas decentes e naturais. E então toda conquista minha contava como um êxito sylanagistino, enquanto todas as minhas falhas ou mostras de mau comportamento eram vistas como provas de degeneração genética.

Gaewha e eu nos entreolhamos.

— Por que você seria indecente? — ela pergunta, completamente perplexa.

Kelenli acorda de seu devaneio e olha para nós por um instante e, nesse momento, sentimos o abismo entre nós. Ela pensa em si mesma como uma de nós, o que ela é. Mas ela também pensa em si mesma como uma pessoa. Esses dois conceitos são incompatíveis.

— Pela Morte Cruel — ela diz baixinho, estarrecida, ecoando nossos pensamentos. — Vocês não sabem de nada mesmo, não é?

Nosso guardas se postaram no alto dos degraus que levam ao jardim, fora do alcance da audição. Esse espaço é o que tivemos de mais isolado hoje. É quase certo que esteja grampeado, mas Kelenli parece não se importar, e nós também não. Ela ergue os pés e abraça os joelhos, curiosamente vulnerável para alguém cuja presença nos estratos é tão profunda e densa como uma montanha. Eu, num gesto extraordinariamente ousado, estendo a mão para tocar o seu tornozelo, e ela pisca os olhos e sorri para mim, estendendo a mão para cobrir meus dedos. Eu não entenderia meus sentimentos por séculos.

O contato parece fortalecer Kelenli. Seu sorriso desvanece e depois ela diz:

— Então vou contar a vocês.

Remwha ainda está estudando o assoalho de madeira. Ele esfrega os veios e consegue enviar, através das moléculas de poeira, um: “Será que você deveria?” Fico decepcionado porque é algo que eu deveria ter levado em consideração.

Ela chacoalha a cabeça, sorrindo. Não, ela não deveria.

Mas ela faz isso mesmo assim, através da terra, para sabermos que é verdade.

• • •

Lembre-se do que eu lhe disse: a Quietude nessa época é composta de três terras, não uma. Seus nomes, se é que isso importa, são Maecar, Kakhiarar e Cilir. Syl Anagist começou como parte de Kakhiarar, depois Kakhiarar inteira, depois Maecar inteira também. Tudo se tornou Syl Anagist.

Cilir, que fica ao sul, foi um dia uma terra pequena de nada, ocupada por povos pequenos de nada. Um desses grupos era o dos thniess. Era difícil pronunciar o nome deles de forma adequada, então os sylanagistinos os chamavam de niess. As duas palavras não significavam a mesma coisa, mas foi essa última que pegou.

Os sylanagistinos tomaram sua terra. Os niess lutaram, mas depois reagiram como qualquer ser vivo sob ameaça: com uma diáspora, mandando o que havia restado seguir adiante para criar raízes e talvez sobreviver onde pudesse. Os descendentes desses niess se tornaram parte de *todas* as terras, de *todos* os povos, misturando-se com o resto e adaptando-se aos costumes locais. Mas eles conseguiram preservar sua identidade, continuando a falar sua própria língua enquanto tornavam-se fluentes em outras línguas. Mantiveram alguns de seus velhos costumes também... como bifurcar a língua com ácido clorídrico, por motivos conhecidos apenas por eles. E, apesar de terem perdido boa parte da aparência distintiva que advinha do isolamento em sua pequena ilha, muitos mantiveram características suficientes a ponto de, até os dias de hoje, olhos branco-gelo e cabelos soprados de cinzas carregarem certo estigma.

Sim, você entende agora.

Mas o que tornava os niess verdadeiramente diferentes era a sua magia. A magia está em todas as partes do mundo. Todos a veem, a sentem, fluem com ela. Em Syl Anagist, a magia é cultivada em cada canteiro de flor e em cada fileira de árvores e em cada parede coberta de parreiras. Cada casa ou comércio deve produzir sua parte, que então é canalizada por videiras e bombas genegenheiramente projetadas para se tornarem a fonte de energia para uma civilização global. É ilegal matar em Syl Anagist porque a vida é um recurso valioso.

Os niess não acreditavam nisso. A magia não podia ser uma posse, insistiam eles, da mesma maneira como a vida não podia...

e, desse modo, eles desperdiçavam ambas construindo (entre muitas outras coisas) motores plutônicos que não faziam nada. Eram apenas... bonitos. Ou instigavam a reflexão, ou eram criados pelo puro prazer de criar. E, no entanto, essa “arte” era mais eficiente e poderosa do que qualquer coisa que os sylanagistinos já houvessem feito.

Como começou? Você deve entender que o medo está na raiz desse tipo de coisa. O povo niess tinha uma aparência diferente, comportava-se de modo diferente, *era* diferente... mas todos os grupos são diferentes uns dos outros. Só as diferenças nunca são suficientes para causar problemas. A assimilação do mundo por parte de Syl Anagist havia acabado um século antes que eu fosse criado; todas as cidades eram Syl Anagist. Todas as línguas haviam se tornado Syl Anagist. Mas não há ninguém tão assustado, ou que tenha medos tão estranhos, quanto os conquistadores. Eles evocam intermináveis fantasmas, aterrorizados com a ideia de que suas vítimas um dia façam com eles o que fizeram com elas... mesmo que, na verdade, as vítimas não deem a mínima para essa mesquinha e tenham seguido em frente. Os conquistadores vivem com medo do dia em que for exposto o fato de que eles não são superiores, mas que simplesmente tiveram sorte.

Então, quando a magia niess se mostrou mais eficiente do que a sylanagistina, embora os niess não a usassem como uma arma...

Isso foi o que Kelenli nos contou. Talvez tenha começado com rumores de que as íris brancas dos niess lhes davam uma visão deficiente e inclinações perversas e que as línguas bifurcadas dos niess não podiam dizer a verdade. Esse tipo de desdém acontece, assédio cultural, mas as coisas pioraram. Tornou-se fácil para os eruditos construir uma reputação e uma carreira em torno da noção de que os sensapinae dos niess eram fundamentalmente diferentes de alguma maneira — mais sensíveis, mais ativos, menos controlados, menos civilizados — e que essa era a fonte de sua peculiaridade mágica. Era isso o que os impedia de ser o mesmo tipo de ser humano que todos os demais. Com o tempo: não *tão* humanos quanto todos os demais. Por fim: nem um pouco humanos.



Quando os niess desapareceram, claro, ficou evidente que os lendários sensapinae niess não existiam. Os acadêmicos e biomagestres sylanagistinos tinham muitos prisioneiros para estudar, mas, por mais que tentassem, não conseguiam encontrar nenhuma variação perceptível com relação às pessoas comuns. Isso era intolerável, mais do que intolerável. Afinal de contas, se os niess fossem apenas seres humanos comuns, então o que havia servido de base para apropriações militares, reinterpretação pedagógica e disciplinas inteiras de estudo? Até mesmo o grande sonho, a Geoarcanidade, havia se originado a partir da noção de que a teoria magéstrica sylanagistina (inclusive sua rejeição desdenhosa da eficiência niess como um feliz acaso da fisiologia) era superior e infalível.

Se os niess fossem meros humanos, o mundo construído com base em sua inumanidade desmoronaria.

Então... eles nos criaram.

Nós, os remanescentes cuidadosamente engendrados e desnaturados dos niess, temos sensapinae bem mais complexos do que aqueles das pessoas comuns. Kelenli foi criada primeiro, mas ela não era diferente o bastante. Lembre-se, nós não devemos ser apenas ferramentas, mas mitos. Portanto, nós, as criações posteriores, recebemos características niess exageradas: rostos largos, bocas pequenas, pele quase desprovida de cor, um cabelo que ri dos pentes finos, e todos nós somos tão baixos. Eles tiraram dos nossos sistemas límbicos as substâncias neuroquímicas e, das nossas vidas, a experiência e a linguagem e o conhecimento. E só agora, que fomos feitos à imagem de seu próprio medo, é que ficaram satisfeitos. Eles dizem a si mesmos que, em nós, captaram a quintessência e o poder de quem os niess realmente eram e se parabenizam por ter tornado seus antigos inimigos úteis enfim.

Mas não somos os niess. Não somos sequer os gloriosos símbolos de realização intelectual que eu acreditava que éramos. Syl Anagist foi construída em cima de ilusões, e nós somos resultado de mentiras. *Eles não fazem ideia de quem nós realmente somos.*

Depende de nós, portanto, determinar nosso próprio destino e nosso próprio futuro.

• • •

Quando Kelenli termina a aula, algumas horas já se passaram. Nós nos sentamos aos seus pés, aturdidos, mudados e mudando devido às suas palavras.

Está ficando tarde. Ela se levanta.

— Vou pegar um pouco de comida e cobertores para nós — ela diz. — Vocês vão ficar aqui esta noite. Vamos visitar o terceiro e último componente da sua missão de afinação amanhã.

Nunca dormimos em nenhum outro lugar que não as nossas celas. É emocionante. Gaewha envia pequenos pulsos de contentamento pelo ambiente, enquanto Remwha produz um zunido constante de satisfação. Dushwha e Bimniwha apresentam de vez em quando picos de ansiedade; será que vamos ficar bem fazendo isso que os seres humanos têm feito ao longo da história (dormir em um lugar diferente)? A dupla se aninha em busca de segurança, embora essa atitude na verdade aumente sua ansiedade durante algum tempo. Não nos permitem tocar com frequência. A dupla se afaga mutuamente, contudo, e isso gradualmente acalma ambas as partes.

Kelenli acha graça no fato de sentirem medo.

— Vocês vão ficar bem, embora eu ache que vão descobrir isso por conta própria de manhã — ela diz. Depois se dirige para a saída. Estou à porta, olhando pelo vidro a Lua que acabou de nascer. Ela me toca porque estou no caminho. Mas eu não me mexo de imediato. Devido à direção para a qual a janela da minha cela está voltada, não consigo ver a Lua com frequência. Quero apreciar sua beleza enquanto posso.

— Por que você nos trouxe para cá? — pergunto a Kelenli, ainda olhando para a Lua. — Por que nos contou essas coisas?

Ela não responde de pronto. Acho que ela também está olhando para a Lua. Em seguida, responde, em uma pensativa reverberação da terra: *Estudei o que pude dos niess e sua cultura. Não sobrou muita coisa, e preciso separar a verdade de todas as mentiras. Mas existia uma... uma prática entre eles. Uma vocação. Pessoas que tinham a tarefa de garantir que a verdade fosse contada.*

Franzo a testa, confuso.

— E então... o quê? Você decidiu manter as tradições de um povo morto? — Palavras. Eu sou teimoso.

Ela dá de ombros.

— Por que não?

Chacoalho a cabeça. Estou cansado, perplexo, e talvez um pouco bravo. Este dia acabou com o meu senso de identidade. Passei minha vida inteira sabendo que era uma ferramenta; sim, não uma pessoa, mas pelo menos um símbolo de poder e genialidade e orgulho. Agora sei que sou apenas um símbolo de paranoia e ganância e ódio. É muita coisa com que lidar.

— Esqueça os niess — eu digo de forma brusca. — Eles estão mortos. Não vejo o sentido de tentar se lembrar deles.

Quero que ela fique irritada, mas ela só encolhe os ombros.

— Essa escolha é sua... uma vez que saiba o suficiente para fazer uma escolha consciente.

— Talvez eu não quisesse estar consciente. — Eu encosto no vidro da porta, que está frio e não irrita os meus dedos.

— Você queria ser forte o bastante para dominar o ônix.

Deixo escapar uma risada suave, cansado demais para lembrar que deveria fingir não sentir nada. Tomara que nossos observadores não notem. Mudo para a conversa pela terra, e falo em uma borbulha ácida e pressurizada de amargura, desdém e coração partido. *De que importa?* é o que a borbulha diz. *A Geoarcanidade é uma mentira.*

Ela abala minha autopiedade com uma meiga e inexorável risada sísmica.

— Ah, meu pensador. Eu não esperava melodrama da sua parte.

— O que é melo... — Chacoalho a cabeça e me calo, cansado de não saber das coisas. Sim, estou de mau humor.

Kelenli suspira e toca meu ombro. Estremeço, desacostumado ao calor da mão de outra pessoa, mas ela mantém a mão ali e isso me acalma.

— Pense — ela repete. — O Motor Plutônico funciona? Os seus sensapinae funcionam? Vocês não são o que eles os criaram para ser. Isso anula o que vocês *são*?

— Eu... Essa pergunta não faz sentido. — Mas agora só estou sendo teimoso. Entendo o argumento dela. Não sou o que eles

fizeram de mim; sou algo diferente. Sou poderoso de uma forma que eles não esperavam. Eles me criaram, mas não me *controlam*, não totalmente. É por isso que tenho emoções, embora tenham tentado eliminá-las. É por isso que temos a conversa pela terra... e talvez outros dons sobre os quais os nossos condutores não sabem.

Ela dá tapinhas no meu ombro, contente de que eu pareça estar analisando o que ela me disse. Um ponto no chão da casa dela chama por mim; vou dormir tão bem hoje à noite. Mas luto contra a minha exaustão e continuo concentrado nela porque preciso mais dela do que de sono por enquanto.

— Você se vê como um desses... contadores de verdades? — eu pergunto.

— Sabedorista. A última sabedorista niess, se é que tenho o direito de reivindicar isso. — Seu sorriso se desvanece abruptamente e, pela primeira vez, eu me dou conta de quanto cansaço e infortúnios e tristezas seus sorrisos ocultam. — Os sabedoristas eram guerreiros, contadores de histórias, membros da nobreza. Contavam suas verdades em livros e cantigas e através de seus engenhos de arte. Eu apenas... falo. Mas sinto que conquistei o direito de reivindicar parte de sua patente. — *Nem todos os que lutam usam facas, afinal.*

Na conversa pela terra não pode haver nada além da verdade... e às vezes mais verdade do que se quer transmitir. Sinto... alguma coisa em sua tristeza. Uma resistência terrível. Uma tremulação de medo como o contato com o ácido clorídrico. Determinação em proteger... algo. Desaparece, uma vibração esmaecendo, antes que eu consiga identificar.

Ela respira fundo e sorri outra vez. Tão poucos dos seus sorrisos são verdadeiros.

— Para dominar o ônix — ela continua —, você precisa entender os niess. O que os condutores não percebem é que ele reage melhor a uma certa ressonância emocional. Tudo o que estou lhes contando deve ajudar.

Depois, enfim, ela me empurra delicadamente para o lado para poder passar. A pergunta precisa ser feita agora.

— Então o que aconteceu? — eu pergunto devagar. — Com os niess?

Ela para e dá uma risadinha, que, para variar, é genuína.

— Vocês vão descobrir amanhã — ela responde. — Nós vamos vê-los.

Estou confuso.

— Em seus túmulos?

— A vida é sagrada em Syl Anagist — ela diz por sobre o ombro. Ela já passou pela porta; agora continua andando sem se deter ou se virar. — Você não sabe disso? — E então ela some.

É uma resposta que sinto que deveria entender... mas, à minha própria maneira, ainda sou inocente. Kelenli é gentil. Ela me deixa manter essa inocência pelo resto da noite.



PARA: ALMA INOVADORA DIBARS

DE: YAETR INOVADOR DIBARS

ALMA, O COMITÊ NÃO PODE TIRAR A MINHA VERBA. OLHE, ESTAS SÃO AS DATAS DOS INCIDENTES QUE EU REUNI. OLHE PARA AS ÚLTIMAS DEZ!

2729

2714–2719: ASFIXIA

2699

2613

2583

2562

2530

2501

2490

2470

2400

2322–2329: ÁCIDA

SERÁ QUE A SÉTIMA AO MENOS SE INTERESSA PELO FATO DE QUE A NOSSA CONCEPÇÃO POPULAR DA FREQUÊNCIA DE ACONTECIMENTOS DE NÍVEL DE ESTAÇÃO ESTÁ COMPLETAMENTE ERRADA? ESSAS COISAS NÃO ESTÃO ACONTECENDO A CADA DUZENTOS OU TREZENTOS ANOS. ESTÁ MAIS PARA TRINTA OU QUARENTA! SE NÃO FOSSE PELOS ROGGAS, ESTARÍAMOS MIL VEZES MORTOS. E, COM ESSAS DATAS E AS OUTRAS QUE EU COMPILEI, ESTOU

TENTANDO MONTAR UM MODELO DE PREVISÃO PARA AS ESTAÇÕES MAIS INTENSAS. EXISTE UM CICLO AQUI, UM RITMO. NÃO PRECISAMOS SABER COM ANTECEDÊNCIA SE A PRÓXIMA ESTAÇÃO VAI SER MAIS LONGA OU, DE ALGUM MODO, PIOR? COMO PODEMOS NOS PREPARAR PARA O FUTURO SE NÃO RECONHECEMOS O PASSADO?



## 9

### *O deserto, brevemente, e você*

Os desertos são piores do que a maioria dos lugares durante as Estações. Tonkee informa Ykka de que obter água será fácil: os Inovadores de Castrima já montaram várias engenhocas que estão chamando de captadores de orvalho. O sol também não será um problema graças às nuvens de cinzas pelas quais você jamais pensou que teria motivos para agradecer. Vai fazer frio, na verdade, mas menos durante o dia. Talvez vocês até peguem um pouco de neve.

Não, o perigo dos desertos durante uma Estação é simplesmente que quase todos os animais e insetos hibernam bem fundo na areia, onde ainda está quente. Existem aqueles que alegam ter descoberto um método infalível para desenterrar lagartos adormecidos e coisas do tipo, mas normalmente isso é golpe: as comus que beiram o deserto guardam tais segredos zelosamente. As plantas superficiais já terão murchado ou sido comidas por criaturas que se preparavam para a hibernação, não deixando nada acima da superfície além de areia e cinzas. O conselho do saber das pedras sobre entrar em desertos durante uma Estação é apenas: não entre. A menos que queira morrer de fome.

A comu passa dois dias acampada à margem do Merz, preparando-se, embora a verdade seja — como Ykka confidenciou a você quando se sentou com ela, compartilhando seu último mellow

— que, na verdade, nenhuma preparação tornará a viagem mais fácil. Pessoas vão morrer. Você não será uma delas; é uma sensação curiosa saber que Hoa a levará embora para Ponto Central se houver algum perigo real. Talvez seja trapaça. Exceto pelo fato de que não é. Exceto que você vai ajudar tanto quanto possível; e, porque você não vai morrer, vai ver muitas das outras pessoas sofrerem. É o mínimo que pode fazer, agora que está empenhada na causa de Castrima. Testemunhar e lutar como os fogos da terra para impedir que a morte reivindique mais do que a sua cota.

Nesse meio tempo, as pessoas que estão trabalhando com a comida nas fogueiras cumprem jornada dupla assando insetos, desidratando tubérculos, transformando as últimas provisões de grãos em bolos, salgando carne. Depois de receberem alimentação suficiente para ter um pouco de força, os sobreviventes do grupo de Maxixe Beryl se mostraram particularmente úteis para encontrar forragem, uma vez que vários deles são da região e se lembram de onde poderia haver fazendas abandonadas ou escombros do tremor que abriu a Fenda que não tenham sido vasculhados demais. Rapidez será essencial: sobreviver significa ganhar a disputa entre a extensão do Merz e os suprimentos de Castrima. Por conta disso, Tonkee — que vem cada vez mais se tornando a porta-voz dos Inovadores, para seu próprio descontentamento — supervisiona uma rápida e simples desmontagem e reconstrução das carroças de suprimentos de acordo com um design mais leve e resistente a choques que se movimentaria mais fácil pela areia do deserto. Os Resistentes e os Reprodutores redistribuem os suprimentos que restam para garantir que a perda de qualquer uma das carroças, se tiver que ser abandonada, não causará algum tipo de escassez crítica.

Na noite anterior à entrada no deserto, você está agachada ao lado de uma das fogueiras, ainda aprendendo desajeitadamente como se alimentar com um único braço, quando alguém se senta ao seu lado. Isso faz você se sobressaltar um pouco e tremer o suficiente para derrubar o pão de milho do prato. A mão que se estende ao alcance da sua vista para pegá-lo é grande e cor de bronze, cortada por cicatrizes de combate, e há um pedaço de seda



amarela molhada (agora imunda e esfarrapada, mas ainda possível de reconhecer) enrolado no pulso. Danel.

— Obrigada — você diz na esperança de que ela não vá aproveitar a oportunidade para puxar conversa.

— Dizem que você já foi do Fulcro — ela fala, devolvendo-lhe o pão de milho. Pois é, você não teve essa sorte.

Não deveria surpreendê-la o fato de o povo de Castrima estar fofocando. Você decide não se importar, usando o pão de milho para pegar mais um bocado de cozido. Está particularmente gostoso hoje, engrossado com farinha de milho e cheio da carne macia e salgada que tem sido abundante desde o bosque de pedras. Todos precisam ingerir o máximo de gordura que puderem para se preparar para o deserto. Você não pensa sobre a carne.

— Era — você responde em um tom que espera que soe como um aviso.

— Quantos anéis?

Você faz uma careta de desgosto, considera a possibilidade de explicar os anéis “não oficiais” que Alabaster lhe deu, considera o quanto você progrediu mesmo em relação a esses dois, considera a opção de ser humilde... e então escolhe a exatidão.

— Dez. — Essun Dez-anéis, o Fulcro a chamaria, se os seniores se dessem o trabalho de reconhecer o seu nome atual e se o Fulcro ainda existisse. Se isso vale alguma coisa.

Danel dá um assovio de aprovação. É tão estranho encontrar alguém que saiba sobre essas coisas e dê importância a elas.

— Dizem — continua ela — que você consegue fazer coisas com os obeliscos. Foi assim que nos derrotou em Castrima; eu não fazia ideia que você era capaz de incitar os insetos daquele jeito. Ou prender tantos comedores de pedra.

Você finge não se importar e se concentra no pão de milho. Está só um pouco doce: a equipe da cozinha está tentando gastar o açúcar para abrir espaço para produtos comestíveis com maior valor nutritivo. Está delicioso.

— Dizem — continua Danel, olhando para você de soslaio — que um roga de dez anéis partiu o mundo lá nos Equatoriais.

Isso não.

— Orogene.

— O quê?

— *Orogene*. — Talvez seja irrelevante. Devido à insistência de Ykka em transformar “rogga” em nome de casta de uso, todos os quietos estão usando a palavra indiscriminadamente, como se não significasse nada. Não é irrelevante. Significa alguma coisa. — “Rogga” não. Você não pode dizer “rogga”. Não conquistou esse direito.

Silêncio durante algumas respirações.

— Tudo bem — Danel diz então, sem nenhum sinal de que vá pedir desculpas ou que está só agradando você. Ela simplesmente aceita a nova regra. Ela também não volta a insinuar que você é a pessoa que causou a Fenda. — Mas o argumento continua valendo. Você consegue fazer coisas que a maioria dos orogenes não consegue. Né?

— É. — Você sopra um floco de cinza perdido para longe da batata assada.

— Dizem — Danel fala, cravando as mãos nos joelhos e inclinando-se para a frente — que você sabe como pôr fim a esta Estação. Que você vai partir em breve para algum lugar e tentar. E que vai precisar de pessoas para te acompanharem quando partir.

O quê? Você franze a testa, olhando para a batata.

— Você está se oferecendo?

— Talvez.

Você a encara.

— Você *acabou* de ser aceita entre os Costas-fortes.

Danel observa você por mais um instante, sua expressão impenetravelmente estática. Você não percebe que ela está hesitando, tentando decidir se revela ou não algo sobre si a você, até que ela suspira e conta.

— Na verdade, faço parte da casta Sabedorista. Já fui Danel Sabedorista Rennanis. Danel Costa-forte Castrima nunca vai soar correto.

Você deve parecer descrente enquanto tenta visualizá-la com lábios pretos. Ela revira os olhos e os desvia.

— Rennanis não *precisava* de sabedoristas, o chefe dizia. Precisava de soldados. E todos sabem que os sabedoristas são bons de briga, então...

— O quê?

Ela suspira.

— Sabedoristas equatoriais, quero dizer. Aqueles entre nós que vêm das antigas famílias sabedoristas treinam combate corpo a corpo, as artes da guerra, e assim por diante. Isso nos torna mais úteis durante as Estações e na tarefa de defender o conhecimento.

Você não fazia ideia. Mas...

— Defender o *conhecimento*?

Danel mexe um músculo da mandíbula.

— Soldados podem segurar uma comu durante uma Estação, mas foram os contadores de histórias que fizeram Sanze se manter firme durante sete delas.

— Ah. Certo.

Ela faz um esforço palpável para não chacoalhar a cabeça, reprovando o provincialismo latmediano.

— De qualquer forma, é melhor ser general do que bucha de canhão, já que essa foi a única escolha que me deram. Mas tentei não esquecer quem eu realmente sou... — De repente, ela assume um ar de preocupação. — Sabe que eu não consigo mais me lembrar das palavras exatas da Tábua Três? Ou o conto do Imperador Mutshatee. Só dois anos sem histórias e estou perdendo-as. Nunca pensei que fosse acontecer tão rápido.

Você não sabe ao certo o que dizer sobre isso. Ela parece tão deprimida que você quase sente vontade de tranquilizá-la. “Ah, vai ficar tudo bem agora que você não está mais ocupando a sua mente com o massacre em larga escala das Latmedianas do Sul”, ou algo do tipo. Mas você acha que não conseguiria dizer isso sem soar um pouco irônica.

Danel cerra o maxilar de um modo um tanto determinado ao lhe lançar um olhar penetrante.

— Mas eu sei quando estou diante de novas histórias sendo escritas.

— Eu... eu não sei nada dessas coisas.

Ela dá de ombros.

— O herói da história nunca sabe.

Herói? Você ri um pouco, e há sarcasmo em sua risada. Você não consegue deixar de pensar em Allia, e em Tirimo, e em Meov, e

em Rennanis, e em Castrima. Heróis não invocam enxames de insetos dignos de pesadelos para comer seus inimigos. Heróis não são monstros para suas filhas.

— *Não vou* me esquecer do que sou — continua Danel. Ela apoiou uma das mãos no joelho e se inclinou para a frente, insistente. Em algum momento nos últimos dias, ela obteve uma faca e a usou para raspar as laterais do couro cabeludo. Isso lhe dá uma aparência naturalmente definida e ávida. — Se sou possivelmente a última sabedorista equatorial que restou, então é meu dever ir com você. Para escrever o relato do que acontece... e, se eu sobreviver, garantir que o mundo ouça.

É ridículo. Você a encara.

— Você nem sabe para onde vamos.

— Imaginei que íamos resolver se eu vou em primeiro lugar, mas podemos pular para os detalhes, se quiser.

— Não confio em você — você diz, em grande parte por estar exasperada.

— Também não confio em você. Mas não precisamos gostar uma da outra para trabalharmos juntas. — O prato dela está vazio; ela o pega e acena para uma das crianças que está trabalhando na limpeza para vir buscar. — Não é como se eu tivesse motivos para te matar. Desta vez.

E é pior que Danel tenha dito isso; que ela se lembre de que mandou uma Guardiã sem camisa para cima de você e não sinta remorso. Sim, era uma guerra e, sim, você massacrou o exército dela, mas...

— Pessoas como você não precisam de um motivo!

— Acho que você não faz ideia de quem ou o que “pessoas como eu” são. — Ela não está brava; sua declaração foi pragmática. — Mas, se precisa de outros motivos, aqui está mais um: Rennanis é uma merda. Claro, tem comida, água e abrigo; sua chefe está certa de levá-los até lá se for verdade que a cidade está vazia agora. É melhor do que se tornar sem-comu ou reconstruir uma em algum lugar sem provisões. Mas, fora isso, é uma merda. Eu preferiria continuar na estrada.

— Bobagem — você retruca, franzindo o cenho. — Nenhuma comu é tão ruim assim.

Danel bufa amargamente uma única vez. Isso deixa você inquieta.

— Pense no assunto — ela diz por fim e se levanta para ir embora.

• • •

— Concordo que Danel deveria vir conosco — diz Lerna nas altas horas da noite, quando você lhe conta sobre a conversa. — Ela luta bem. Conhece a estrada. E está certa: não tem motivos para nos trair.

Você está meio sonolenta por causa do sexo. É anticlimático agora que finalmente aconteceu. O que você sente por Lerna jamais será intenso ou livre de culpa. Você sempre vai se sentir velha demais para ele. Mas, bem. Ele pediu a você que mostrasse o seio cortado e você mostrou, pensando que isso marcaria o fim do interesse dele em você. A parte cor de areia é cascuda e áspera em meio ao tom mais suave de marrom do seu torso — como uma casca, embora com a cor e a textura erradas. Seu toque foi delicado quando ele examinou o local e o declarou cicatrizado o suficiente a ponto de não precisar mais de curativos. Você disse a ele que não doía. Você não contou que estava com medo de não conseguir sentir mais *nada*. Que você estava mudando, endurecendo em mais de um sentido, tornando-se nada além da arma na qual todos ficam tentando transformá-la. Você não disse “talvez você fique melhor com um amor não correspondido”.

Mas, apesar de você não ter dito nenhuma dessas coisas, depois do exame ele olhou para você e disse:

— Você continua linda.

Ao que parece, você precisava ouvir aquilo mais do que havia se dado conta. E aqui está você agora.

Então você assimila as palavras dele devagar porque ele a fez relaxar e ficar mole e sentir-se humana outra vez, e demora uns bons dez segundos antes de você dizer bruscamente:

— Conosco?

Ele apenas olha para você.

— Merda — você diz e cobre os olhos com o braço.

No dia seguinte, Castrima entra no deserto.

• • •

Chega um momento de maior dificuldade para vocês.

Todas as Estações são difíceis, “a Morte é a quinta, e ocupa o trono”, mas desta vez é diferente. Isto é pessoal. São mil pessoas tentando atravessar um deserto que é mortífero mesmo quando não há chuva ácida caindo do céu aos borbotões. Este é um grupo de marcha forçada ao longo de uma estrada alta sem firmeza e cheia de buracos grandes o bastante para uma casa cair por eles. As estradas altas são construídas para suportarem tremores, mas há um limite, e a Fenda definitivamente o ultrapassou. Ykka decidiu correr o risco porque é mais rápido viajar por uma estrada alta, mesmo que danificada, do que pela areia do deserto, mas essa escolha cobra um preço. Todos os orogenes da comu precisam ficar em alerta, pois qualquer coisa pior do que um microtremor enquanto vocês estão aqui em cima poderia significar um desastre. Um dia, Penty, exausta demais para prestar atenção nos próprios instintos, pisa em um trecho de asfalto rachado que está completamente instável. Outra das crianças roga a puxa no exato momento em que aquele pedaço grande simplesmente cai pela subestrutura da estrada. Outros são menos cuidadosos e têm menos sorte.

A chuva ácida foi inesperada. O saber das pedras não discute o impacto que as Estações podem ter no clima porque essas coisas são imprevisíveis na maioria das vezes. O que acontece aqui não é de todo surpreendente, porém. Mais ao norte, no equador, a Fenda lança calor e partículas ao ar. Ventos tropicais oriundos do mar e carregados de umidade atingem essa parede disseminadora de nuvens e vertedora de energia, que os transforma em tempestade. Você se lembra de ter se preocupado com a neve. Não. O problema é uma chuva infinita e desgraçada.

(A chuva não é tão ácida quanto de costume. Na Estação do Revira Solo — muito antes de Sanze, você não saberia —, houve chuvas que arrancavam o pelo dos animais e a casca das laranjas. Essa não é nada comparada àquela, diluída como está pela água. Como vinagre. Vocês vão sobreviver.)

Ykka estabelece um ritmo brutal enquanto vocês estão na estrada alta. No primeiro dia, todos acampam bem depois do anoitecer, e Lerna não vem para a tenda depois que você a monta,

cansada. Ele está ocupando cuidando de meia dúzia de pessoas que estão mancando porque escorregaram ou torceram o tornozelo, de dois idosos que estão tendo dificuldade para respirar e da mulher grávida. Esses últimos três estão bem, ele lhe diz quando entra enfim no seu saco de dormir, quase ao amanhecer; Ontrag, a ceramista, sobrevive por pirraça, e a mulher grávida tem os familiares e metade dos Reprodutores cuidando dela. O que preocupa são os ferimentos.

— Tenho que contar para Ykka — ele diz enquanto você coloca um pedaço de pão armazenado encharcado pela chuva e uma salsicha azeda na boca dele, depois o cobre e o faz ficar deitado. Ele mastiga e engole quase sem perceber. — Não podemos continuar andando nesse ritmo. Vamos começar a perder pessoas se não...

— Ela sabe — você lhe diz. Você fala da maneira mais delicada que consegue, mas ainda o faz calar-se. Ele fica olhando até você se deitar de novo ao lado dele (desajeitadamente, com apenas um braço, mas com êxito). Por fim, a exaustão vence a angústia e ele dorme.

Você caminha com Ykka um dia. Ela está estabelecendo o ritmo como uma boa líder de comu deveria, não exigindo de ninguém mais do que de si mesma. Na solitária pausa para descanso no meio do dia, ela tira uma bota e você vê que seus pés estão cheios de sangue por conta das bolhas. Você olha para ela, franzindo o cenho, e seu olhar é eloquente o bastante para fazê-la suspirar.

— Nunca achei tempo para pedir botas melhores — ela diz. — Estas estão muito folgadas. Sempre pensei que teria mais tempo.

— Se os seus pés apodrecerem... — você começa, mas ela revira os olhos e aponta para a pilha de suprimentos no meio do acampamento.

Você olha para a pilha, confusa, começa a retomar a bronca, e então para. Pensa. Olha para a pilha de suprimentos de novo. Se cada carroça transporta uma caixa de pão armazenado salgado e outra de salsicha, e se aqueles barris são legumes em conserva, e aqueles são grãos e feijão...

A pilha é tão pequena. Tão pequena para mil pessoas que ainda têm semanas para atravessar o Merz.

Você não fala nada sobre as botas. Mas ela consegue um par de meias extra de alguém; isso ajuda.

Você fica chocada de estar se saindo tão bem. Você não está *saudável*, não exatamente. Seu ciclo menstrual parou, e provavelmente ainda não é a menopausa. Quando você se despe para tomar um banho de bacia, o que é meio que inútil sob chuva constante, mas hábito é hábito, você percebe que as suas costelas ressaltam visivelmente sob a sua pele flácida. Mas isso não se deve apenas a toda essa caminhada; parte se deve ao fato de que você vive se esquecendo de comer. Você se sente cansada ao final do dia, mas é um tipo de sensação distante, alheia. Quando você toca Lerna (não em busca de sexo, você não tem energia para isso, mas ficarem abraçadinhos pelo calor poupa calorias, e ele precisa do conforto), a sensação é boa, mas de uma maneira igualmente alheia. Você sente como se flutuasse acima de si mesma, vendo-o suspirar, ouvindo um outro alguém bocejar. Como se estivesse acontecendo com outra pessoa.

Foi isso que aconteceu com Alabaster, você lembra. Um distanciamento da carne, à medida que deixava de ser carne. Você decide se esforçar mais para comer sempre que tiver oportunidade.

Após três semanas no deserto, como era esperado, a estrada alta dá uma guinada para o oeste. Daquele ponto em diante, Castrima tem que descer ao nível do solo e lutar contra o terreno desértico em um contato próximo e pessoal. É mais fácil, de certo modo, porque pelo menos é pouco provável que o solo se desintegre sob os seus pés. Por outro lado, é mais difícil caminhar na areia do que no asfalto. Todos diminuem o ritmo. Maxixe Beryl justifica seu sustento absorvendo uma quantia suficiente de umidade da camada de areia e cinzas mais acima e congelando-a alguns centímetros abaixo para torná-la mais firme sob os pés de todos. Contudo, fazer isso constantemente o deixa exausto, então ele guarda essa habilidade para os piores trechos. Ele tenta ensinar Temell como fazer o mesmo truque, mas Temell é um selvagem comum: não consegue atingir a precisão necessária. (Você podia ter feito isso pelo menos uma vez. Você não se permite pensar nesse assunto.)



Todos os batedores enviados para tentar encontrar um caminho melhor voltam e relatam a mesma coisa: uma lama ferrugenta de cinzas e areia por toda parte. Não existe um caminho melhor.

Três pessoas foram deixadas para trás na estrada alta, incapazes de continuar andando devido a torções ou ossos quebrados. Você não as conhece. Em tese, eles vão alcançar o grupo quando se recuperarem, mas você não consegue ver como vão se recuperar sem comida nem abrigo. Aqui, no nível do solo, é pior: meia dúzia de tornozelos quebrados, uma perna quebrada e uma distensão nas costas entre os Costas-fortes que puxam as carroças, tudo no primeiro dia. Depois de algum tempo, Lerna para de ir até eles a menos que peçam ajuda. A maioria não pede. Não há nada que ele possa fazer, e todos sabem disso.

Em um dia frio, Ontrag, a ceramista, simplesmente se senta e diz que não está com vontade de prosseguir. Ykka chega a discutir com ela, o que você não esperava. Ontrag passou sua técnica de cerâmica para dois membros mais jovens da comu. Ela não é necessária e já passou da idade de ter filhos faz muito tempo; deveria ser uma escolha fácil para a chefe, segundo as regras do Velho Sanze e os princípios do saber das pedras. Mas, no final das contas, a própria Ontrag tem que mandar Ykka calar a boca e ir embora.

É um sinal de alerta.

— Não consigo mais fazer isso — você ouve Ykka dizer mais tarde, quando vocês perderam Ontrag de vista. Ela caminha pesadamente, seu ritmo estável e rápido como de costume, mas está de cabeça baixa, tufo de cabelo encharcados de cinzas sopradas tampando seu rosto. — Não consigo. Não está certo. Não deveria ser assim. Não deveria ser... pelas ferrugens, ser Castrima é mais do que ser útil, em nome da Terra, ela me *dava aula* na creche, ela conhece *histórias*, pelas ferrugens, eu não *consigo*.

Hjarka Liderança Castrima, que foi ensinada desde cedo a matar uns poucos para que muitos pudessem sobreviver, apenas toca seu ombro e diz:

— Você vai fazer o que tiver que fazer.

Ykka não diz nada nos quilômetros seguintes, mas talvez seja só porque não há nada a dizer.

Os legumes acabam primeiro. Depois a carne. O pão armazenado Ykka tenta racionar a maior quantidade de tempo possível, mas a verdade é que as pessoas não conseguem viajar nesse ritmo sem comer nada. Ela tem que dar a todos pelo menos algumas migalhas por dia. Não é o suficiente, mas é melhor do que nada... até que não haja nada. E, assim mesmo, vocês continuam caminhando.

Na ausência de todo o resto, as pessoas funcionam à base de esperança. Danel conta a todos ao redor de uma fogueira uma noite que, do outro lado do deserto, há outra Estrada Imperial que vocês podem pegar. É fácil viajar por ela até Rennanis. É a região do delta de um rio também, com bom solo, foi um dia o celeiro dos Equatoriais. Há muitas fazendas agora abandonadas nos arredores de qualquer comu. O exército de Danel encontrou boa forragem por ali no caminho para o sul. Se conseguirem atravessar o deserto, vai haver comida.

Se conseguirem atravessar o deserto.

Você conhece o final dessa história. Não conhece? Como poderia estar aqui ouvindo essa história se não conhecesse? Mas, às vezes, é *o modo* como as coisas acontecem, e não só o desfecho, que é o mais importante.

Então é assim que termina: das quase 1.100 almas que entraram no deserto, pouco mais de 850 alcançam a Estrada Imperial.

Durante alguns dias depois disso, a comu efetivamente se dissolve. Pessoas desesperadas, não mais dispostas a esperar as buscas organizadas pelos Caçadores por forragem, saem da estrada cambaleando para escavar o solo ácido, procurando tubérculos semipodres e larvas amargas e raízes de árvores que mal dão para mastigar. A terra por aqui é irregular, sem árvores, metade desértica e metade fértil, há muito despovoada pelos rennanianos. Antes que perca pessoas demais, Ykka ordena que façam acampamento em uma antiga fazenda com muitos celeiros que conseguiram sobreviver à Estação até agora. As paredes, exceto pela estrutura básica, não se mantiveram tão bem, mas também não desmoronaram. Eram os tetos que ela queria, uma vez que a chuva ainda cai aqui na fronteira do deserto, embora seja mais leve e intermitente. É bom enfim dormir no seco.

Três dias dura a pausa de Ykka. Durante esse tempo, as pessoas voltam furtivamente, sozinhas ou de duas em duas, algumas trazendo comida para compartilhar com as outras que estão fracas demais para procurar forragem. Os Caçadores que se dão o trabalho de voltar trazem peixes de um dos braços de rio que fica relativamente perto dali. Um deles encontra a coisa que os salva, a coisa que parece vida depois de toda a morte que ficou para trás: as provisões particulares de fubá da casa de um fazendeiro, lacradas em urnas de barro e escondidas debaixo das tábuas do assoalho da casa arruinada. Vocês não têm nada para misturar com o fubá, nada de leite nem ovos nem carne seca, só água ácida, mas comida é aquilo que alimenta, diz o saber das pedras. Naquela noite, a comu se deleitou com massa de fubá frita. Uma urna rachou e está cheia de cochonilha farinhenta, mas ninguém se importa. Proteína extra.

Muita gente não volta. É uma Estação. Todas as coisas mudam.

Ao final dos três dias, Ykka declara que qualquer um que ainda esteja no acampamento é Castrima; qualquer um que não tenha voltado foi agora jogado às cinzas e se tornou sem-comu. É mais fácil do que especular como podem ter morrido, ou sobre quem poderia tê-los matado. O que restou do grupo desmonta o acampamento. Vocês se dirigem para o norte.

• • •

Isso foi rápido demais? Talvez as tragédias não deversem ser resumidas de forma tão franca. Eu pretendi ser misericordioso, não cruel. O fato de você ter que vivenciar isso é a crueldade... mas distância e desapego curam. Às vezes.

Eu poderia tê-la levado do deserto. Você não tinha que sofrer como eles. E, no entanto... tornaram-se parte de você, essas pessoas. Seus amigos. Seus companheiros. Você precisava acompanhá-los nessa travessia. Sofrer é a sua cura, pelo menos por enquanto.

Para que você não pense que sou inumano, uma pedra, fiz o que pude para ajudar. Algumas das feras que hibernam sob a areia do deserto são capazes de se alimentar de humanos, sabia disso? Algumas acordaram quando vocês passaram, mas eu as mantive

longe. Um eixo de madeira de uma das carroças se dissolveu parcialmente na chuva e começou a vergar, embora nenhum de vocês tenha notado. Eu transmutei a madeira — petrifiquei-a, se preferir pensar assim — para que pudesse durar mais tempo. Fui eu quem removeu o tapete carcomido pelas traças naquela casa de fazenda abandonada para que os seus Caçadores encontrassem o fubá. Ontrag, que não havia contado a Ykka sobre a dor crescente que sentia na lateral do corpo e no peito, ou sobre sua falta de ar, não viveu muito depois que a comu a deixou para trás. Voltei para encontrá-la na noite em que ela morreu e retirei o pouco de dor que ela estava sentindo com uma melodia. (Você ouviu a cantiga. Antimony a cantou para Alabaster uma vez. Vou cantar para você se...) Ela não estava sozinha no final.

Isso reconforta você? Espero que sim. Ainda sou humano, eu lhe disse. Sua opinião importa para mim.

Castrima sobrevive: isso também importa. Você sobrevive. Por enquanto, pelo menos.

E, por fim, algum tempo depois, vocês alcançam a extremidade mais ao sul do território de Rennanis.



HONRA EM TEMPOS DE SEGURANÇA, SOBREVIVÊNCIA EM TEMPOS DE AMEAÇA.

A NECESSIDADE É A ÚNICA LEI.

— *TÁBUA TRÊS, “ESTRUTURAS”, VERSÍCULO QUATRO*



## 10

### *Nassun, atravessando o fogo*

Tudo isso acontece na terra. Cabe a mim saber e compartilhar com você. Cabe a ela sofrer. Sinto muito.

Dentro do veículo perolado, as paredes são incrustadas com elegantes desenhos de vinhas feitos do que parece ser ouro. Nassun não sabe ao certo se o metal é puramente decorativo ou se tem algum tipo de propósito. Os assentos duros e lisos, que têm um tom pastel e um formato semelhante ao das conchas dos mexilhões que ela comia às vezes em Lua Encontrada, têm almofadas incrivelmente macias. Nassun descobre que são fixos ao chão e, no entanto, é possível virá-los de um lado para o outro ou recliná-los. Ela não consegue imaginar do que as cadeiras são feitas.

Causando-lhe um choque ainda maior, uma voz soa no ar um pouco depois que eles se acomodaram. A voz é feminina, educada, distante e, de certo modo, tranquilizadora. A linguagem é... incompreensível, e não é nem remotamente familiar. Contudo, a pronúncia das sílabas não é diferente da do sanze-mat, e alguma coisa quanto ao ritmo das frases, à sua ordem, adequa-se às expectativas do ouvido de Nassun. Ela desconfia que parte da primeira frase seja uma saudação. Acha que uma palavra que continua sendo repetida ao longo de uma passagem que tem um ar de ordem poderia ser um termo usado para suavizar, como “por favor”. O resto, entretanto, é completamente estranho.

A voz só fala por um breve instante, depois se cala. Nassun olha para Schaffa e fica surpresa ao vê-lo franzir a testa, apertando os olhos, concentrado... embora parte disso também seja tensão na mandíbula, e um pouco de palidez a mais em torno dos lábios dele. O prateado está lhe causando mais dor, e deve ser uma dor forte desta vez. Todavia, ele olha para ela com uma expressão semelhante a espanto.

— Eu *me lembro* dessa língua — ele diz.

— Essas palavras estranhas? O que ela falou?

— Que esta... — Ele faz uma careta. — Coisa. Chama-se veímulo. O anúncio diz que partirá desta cidade e começará a viagem para Ponto Central em dois minutos, e chegará lá em seis horas. Disse também alguma coisa sobre outros veículos, outras rotas, viagens de volta para várias... estações de ligação? Não lembro o que isso significa. E ela espera que tenhamos uma boa viagem. — Ele sorri um pouco.

— Ah. — Satisfeita, Nassun balança um pouco as pernas em seu assento. Seis horas para percorrer o caminho todo até o outro lado do mundo? Mas talvez ela não devesse ficar impressionada com isso, já que essas foram as pessoas que construíram os obeliscos.

Parece não haver nada a fazer exceto ficar à vontade. Cuidadosamente, Nassun tira a bolsa de fuga das costas e a pendura no encosto da cadeira. Isso a faz notar que algo parecido com líquen cresce por todo o assoalho, embora não possa ser natural nem accidental; seus brotos se espalham em bonitos padrões regulares. Ela estende um pé e descobre que é macio, como um tapete.

Schaffa fica mais inquieto, andando de um lado para o outro dentro dos confortáveis limites do... veímulo... e tocando seus veios dourados de vez em quando. Ele anda em um ritmo lento e metódico, mas até mesmo isso é incomum da parte dele, então Nassun fica inquieta também.

— Já estive aqui — ele murmura.

— O quê? — Ela o ouviu. Só está confusa.

— Neste veímulo. Talvez neste mesmo assento. Já estive aqui, eu sinto. E aquela língua... não me lembro de tê-la ouvido, e no

entanto. — Ele cerra os dentes de repente e enfia os dedos entre os cabelos. — Familiaridade, mas sem, sem... contexto! Sem significado! Há alguma coisa errada com esta viagem. Há alguma coisa errada e *eu não lembro o quê*.

Schaffa está deteriorado desde que Nassun o conheceu, mas esta é a primeira vez que ele lhe *parece* deteriorado. Está falando mais rápido, as palavras atropelando umas às outras. Há uma estranheza na forma como seus olhos passam de um ponto a outro do interior do veímulo que faz Nassun desconfiar que ele está vendo coisas que não existem.

Tentando ocultar sua ansiedade, Nassun estende a mão e dá uma batidinha na cadeira em forma de concha ao seu lado.

— São macias o suficiente para dormir nelas, Schaffa.

É uma sugestão óbvia demais, mas ele se vira para olhar para ela e, por um momento, a tensão perturbada em sua expressão se suaviza.

— Sempre tão preocupada comigo, minha pequenina. — Mas a frase interrompe a agitação, como ela esperava, e ele vem se sentar.

Assim que ele se senta, a voz de mulher fala outra vez, fazendo Nassun sobressaltar-se. Ela está fazendo uma pergunta. Schaffa franze a testa e depois traduz devagar.

— Ela... acho que esta é a voz do *veímulo em si*. Está falando conosco agora, especificamente. Não está apenas anunciando algo.

Nassun se mexe, sentindo-se de repente desconfortável dentro daquela coisa.

— Ele fala? Está vivo?

— Não sei ao certo se a diferença entre criatura viva e objeto sem vida importa para as pessoas que construíram este lugar. Entretanto... — Ele titubeia, depois levanta a voz para dizer, hesitantemente, palavras estranhas ao ar. A voz responde de novo, repetindo algo que Nassun já ouviu antes. Ela não tem certeza de onde algumas das palavras começam e terminam, mas as sílabas são as mesmas. — Ela diz que estamos nos aproximando do... ponto de transição. E pergunta se gostaríamos de... vivenciar? — Ele chacoalha a cabeça, irritado. — De ver alguma coisa.

Encontrar as palavras na nossa própria língua é mais difícil do que entender o que está sendo falado.

Nassun se contrai, nervosa. Ela coloca os pés em cima da cadeira, com um medo irracional de machucar as entranhas daquela coisa-criatura. Ela não sabe ao certo o que perguntar.

— Ver vai machucar? — “Machucar o veímulo”, ela quis dizer, mas não consegue deixar de pensar também em “nos machucar”.

A voz fala outra vez antes que Schaffa tenha tempo de traduzir a pergunta de Nassun.

— Não — o veímulo responde.

Nassun se sobressalta, em puro estado de choque, sua orogenia se contraindo de um jeito que teria feito Essun gritar com ela.

— Você disse “Não”? — ela pergunta de maneira brusca, olhando para as paredes do veímulo. Talvez tenha sido uma coincidência.

— O excedente de armazenamento biomagético permite... — A voz volta para a língua antiga, mas Nassun tem certeza de que não imaginou ter ouvido aquelas palavras em uma pronúncia estranha de sanze-mat. — ... processando — a voz termina. Ela é tranquilizadora, mas parece vir das próprias paredes, e Nassun se sente incomodada por não ter nada para olhar, nenhum rosto para o qual se voltar enquanto está ouvindo. Como é que aquela coisa está falando sem nem ao menos ter boca nem garganta? Ela imagina os cílios do lado de fora do veículo de alguma forma se esfregando entre si como patas de insetos, e a ideia lhe dá calafrios.

A voz continua:

— Tradução... — Alguma coisa. — ... mudança linguística. — Isso parecia sanze-mat, mas ela não sabe o que significa. Continua com mais algumas palavras, incompreensível outra vez.

Nassun olha para Schaffa, que também está franzindo o cenho, alarmado.

— Como respondo o que ela estava perguntando antes? — ela sussurra. — Como digo que quero ver aquilo sobre o que ela estava falando?

Em resposta, embora Nassun não houvesse tido a intenção de fazer essa pergunta diretamente ao veímulo, a parede uniforme diante deles de súbito escurece, formando pontos redondos e



pretos, como se na superfície houvesse brotado de repente um fungo feio. Esses pontos se espalham e se fundem rapidamente até metade da parede estar tomada pela escuridão, como se estivessem olhando por uma janela para as entranhas da cidade, mas fora do veímulos não há nada para ver exceto a escuridão.

Em seguida, a luz aparece na parte de baixo dessa janela, que é uma janela de fato, ela se dá conta; de algum modo, toda a parte da frente do veímulos ficou transparente. A luz, em painéis retangulares como aqueles que revestiam a escada que vinha da superfície, acende-se e projeta-se para a escuridão à frente e, através de sua iluminação, Nassun consegue ver paredes formando arcos à sua volta. Outro túnel, este com largura suficiente apenas para o veímulos e curvas em meio a escuras paredes rochosas surpreendentemente rústicas, dada a predileção dos construtores de obeliscos por superfícies inteiramente lisas. O veímulos se move de forma constante pelo túnel, embora não com rapidez. Impulsionado por seus cílios? Por algum outro meio que Nassun não consegue imaginar? Ela se vê ao mesmo tempo fascinada e um pouco entediada, se é que isso é possível. Parece impossível que uma coisa que anda tão devagar possa levá-los ao outro lado do mundo em seis horas. Se todas essas horas vão ser assim, seguindo um trilho branco e plano em meio a um túnel rochoso e preto com nada com que se ocupar a não ser a inquietação de Schaffa e uma voz sem corpo, vai parecer demorar muito mais.

Então a curva do túnel termina em uma linha reta e, lá na frente, Nassun vê o buraco pela primeira vez.

O buraco não é grande. Não obstante, há alguma coisa nele que é imediata e visceralmente impressionante. Jaz no centro de uma caverna abobadada, cercado por mais painéis de luz, que foram colocados no chão. À medida que o veímulos se aproxima, essas luzes passam do branco para o vermelho vivo de uma maneira que Nassun conclui ser outro sinal de alerta. Pelo buraco abaixo há uma escuridão profunda. Instintivamente, ela sensa, tentando captar suas dimensões... mas não consegue. A circunferência do buraco, sim; tem apenas uns seis metros de largura. Um círculo perfeito. A profundidade, contudo... ela franze a testa, desencolhe-se na cadeira, concentra-se. O safira comicha em sua mente, convidando-

a a usar seu poder, mas ela resiste; há demasiadas coisas neste lugar que reagem ao prateado, à *magia*, de uma maneira que ela não entende. E, de qualquer forma, ela é uma orogene. Sentar a profundidade de um buraco deveria ser fácil... mas este buraco se estende fundo, bem fundo, para além de seu alcance.

E os trilhos do veímulo seguem direto até o buraco e para além de sua borda.

Que é como deveria ser, não é? O objetivo é chegar a Ponto Central. No entanto, Nassun não consegue evitar um acesso de medo que é forte o bastante a ponto de beirar o pânico.

— Schaffa! — Ele imediatamente pega a mão dela. Ela agarra a mão dele com firmeza, sem medo de machucá-lo. A força dele, que só foi usada para protegê-la, jamais como ameaça, é um reconforto desesperadamente necessário neste exato momento.

— Já fiz isso antes — ele diz, mas soa inseguro. — Eu sobrevivi.

*Mas o senhor não lembra como*, ela pensa, sentindo um tipo de pavor para o qual não conhece a palavra.

(A palavra é “premonição”.)

Então eles chegam à borda e o veímulo vira. Nassun arqueja e agarra os braços da cadeira... mas, estranhamente, não há vertigem. O veímulo não acelera; seu movimento para por um instante, na verdade, e Nassun tem um breve vislumbre de alguns dos cílios formando um borrão nas extremidades do seu campo de visão enquanto, de algum modo, ajustam a trajetória de seguir *adiante* para seguir *para baixo*. Algo mais se ajustou com essa mudança, de modo que Nassun e Schaffa não caem para fora dos assentos; Nassun descobre que suas costas e seu traseiro continuam acomodados na cadeira com a mesma firmeza de antes, embora isso seja impossível.

E, nesse íterim, o leve zunido dentro do veímulo que, até o momento, fora baixo demais para ser mais do que um som subliminar, de repente começa a ficar mais alto. Mecanismos invisíveis reverberam mais rápido em um inconfundível padrão de aceleração. Quando o veímulo completa sua virada, a vista se enche de escuridão de novo, mas, desta vez, Nassun sabe que é o negrume profundo do poço. Não há mais nada à frente. Só abaixo.

— Lançamento — diz a voz dentro do veímulo.

Nassun arqueja e agarra a mão de Schaffa com mais força enquanto é puxada para trás pelo movimento. Não é tanto impulso quanto ela *deveria* estar sentindo, entretanto, porque todos os seus sentidos lhe dizem que eles acabaram de disparar a uma velocidade enorme, andando muito, muito mais rápido até mesmo do que um cavalo corre.

Adentrando a escuridão.

De início, a escuridão é absoluta, embora interrompida de tempos em tempos por um anel de luz que passa em forma de borrão enquanto eles se precipitam pelo túnel. A velocidade continua a aumentar; no momento, esses anéis passam tão rápido que são apenas lampejos. Leva três lampejos para Nassun ser capaz de discernir o que está vendo e sensando, e depois só uma vez ela observa um anel enquanto eles passam: *janelas*. Há janelas nas paredes do túnel, iluminadas pela luz. Há um espaço habitável aqui embaixo, pelo menos nos primeiros quilômetros. Depois, os anéis param e o túnel passa a não ser nada além de escuridão por algum tempo.

Nassun sente uma mudança iminente um momento antes de o túnel se iluminar de repente. Eles conseguem ver uma luz nova e rósea que entremeia as paredes rochosas do túnel. Ah, claro: eles desceram tanto que parte da rocha derreteu e brilha em um tom de vermelho vivo. Essa nova luz pinta o interior do veículo de cor de sangue e faz a filigrana dourada ao longo das paredes parecer pegar fogo. A vista dianteira é indistinta em princípio, apenas vermelho em meio a cinza e marrom e preto, mas Nassun entende instintivamente o que está vendo. Eles entraram no manto, e o medo dela enfim começa a se atenuar em meio à fascinação.

— A astenosfera — ela murmura. Schaffa franze o cenho para ela, mas dar nome ao que vê aliviou seu medo. Nomes têm poder. Ela morde o lábio, então finalmente solta a mão de Schaffa para se levantar e se aproximar da janela dianteira. De perto, é mais fácil dizer que o que ela está vendo é só uma ilusão, de certa forma... diamantes minúsculos e coloridos subindo pela camada interior do veículo, como um borrão, para formar um mosaico de imagens em movimento. Como funciona? Ela não consegue nem começar a imaginar.

Fascinada, ela estende a mão para o alto. A camada interior do veímulo não solta calor, embora ela saiba que eles já estão em um nível do subsolo onde a carne humana deveria queimar em um instante. Quando toca a imagem na vista dianteira, ela ondula bem de leve em torno do seu dedo, como ondas na água. Colocando a mão inteira em um rebuliço de cor marrom avermelhada, ela não consegue deixar de sorrir. A apenas alguns metros, do outro lado da camada do veímulo, está a terra ardente. Ela está *tocando* a terra ardente, a pouquíssima distância. Ela levanta a outra mão, pressiona a bochecha contra as placas lisas. Aqui, nesta estranha engenhoca de civextinta, ela é parte da terra, talvez mais do que qualquer orogene antes dela jamais tenha sido. A terra é *ela*, está *nela*, ela está na *terra*.

Quando Nassun olha por sobre o ombro para Schaffa, ele está sorrindo, apesar das linhas de dor ao redor dos olhos. É diferente de seu sorriso habitual.

— O quê? — ela pergunta.

— As famílias da Liderança de Yumenes acreditavam que os orogenes um dia dominaram o mundo — ele conta. — Que a missão delas era impedir que a sua espécie retomassem todo esse poder. Achavam que vocês seriam governantes monstruosos para o mundo, fazendo com as pessoas comuns o que os outros fizeram com vocês se algum dia tivessem a chance. Não acho que eles estivessem certos sobre nada disso... e no entanto. — Ele faz um gesto enquanto ela fica ali, iluminada pelo fogo da terra. — *Olhe* para você, pequenina. Se você é o monstro que eles imaginaram que fosse... você também é gloriosa.

Nassun o ama tanto.

É por isso que ela desiste da ilusão de poder e volta para se sentar ao lado dele. Mas, quando ela se aproxima, vê por quanta tensão ele está passando.

— A sua cabeça está doendo muito.

O sorriso dele desvanece.

— É suportável.

Preocupada, ela põe as mãos nos ombros dele. Dezenas de noites aliviando sua dor tornaram isso fácil de fazer... mas, desta vez, quando ela envia o prateado para dentro dele, o clarão branco

e quente de linhas entre as células dele não desaparece. Na verdade, elas brilham *mais*, tão bruscamente que Schaffa fica tenso e se afasta dela, levantando-se para começar a perambular de novo. Ele estampou um sorriso no rosto, mais um ritual enquanto vagueia inquieto para um lado e para o outro, mas Nassun é capaz de notar que as endorfinas do sorriso não estão fazendo nada.

Por que as linhas ficaram mais brilhantes? Nassun tenta entender isso examinando a si mesma. Nada do prateado está diferente: ele flui em suas linhas claramente delineadas de costume. Ela volta seu olhar prateado para Schaffa... e só então percebe algo chocante.

O veímulo é *feito* de prateado, e não apenas de linhas delgadas dele. O prateado cerca-o, permeia-o. O que ela percebe é uma onda da substância, reverberando em faixas em torno dela e de Schaffa, começando no nariz do veículo e fechando-se atrás. Esse revestimento de magia, ela entende de súbito, é o que está repelindo o calor e mantendo a pressão, virando as linhas de força dentro do veímulo de modo que a gravidade exerça força em direção ao assoalho e não em direção ao centro da terra. As paredes são apenas uma carcaça; algo em sua estrutura torna mais fácil para o prateado fluir e se conectar e formar treliças. A filigrana dourada ajuda a estabilizar a agitação de energias na frente do veículo... ou pelo menos é o que Nassun supõe, uma vez que não consegue entender todas as formas como esses mecanismos *mágicos* trabalham juntos. É simplesmente complexo demais. É como andar dentro de um obelisco. É como ser carregada pelo vento. Ela não fazia ideia de que o prateado pudesse ser tão incrível.

Mas há alguma coisa além do milagre das paredes do veímulo. Alguma coisa fora dele.

De início, Nassun não sabe ao certo o que está percebendo. Mais luzes? Não. Ela está olhando tudo de maneira errada.

É o prateado, igual ao que flui entre suas próprias células. É *um único fio de prateado*... e, no entanto, ele é titânico, corrompiendo entre uma espiral de rocha mole e quente e uma bolha de água causticante de alta pressão. Um único fio de prateado... e é mais comprido do que o túnel que eles atravessaram até agora. Ela não

consegue encontrar nenhuma das pontas. É mais largo do que a circunferência do veímulo por uma diferença perceptível. Contudo, fora isso, é tão claro e concentrado como qualquer uma das linhas dentro da própria Nassun. A mesma coisa, só que... imensa.

E Nassun *entende* então, ela *entende*, de modo tão repentino e devastador que seus olhos se abrem de uma vez e ela tropeça para trás com a força da compreensão, trombando com outra cadeira e quase caindo antes de agarrá-la para se manter de pé. Schaffa solta um ruído baixo de frustração e se vira em uma tentativa de reagir ao sobressalto dela... mas o prateado dentro do corpo dele brilha tanto que, quando explode, ele se dobra, segurando a cabeça e gemendo. Ele está sentindo dor demais para cumprir sua missão como Guardião, ou para agir com base em sua preocupação por ela, porque o prateado no corpo dele tornou-se tão brilhante quanto aquele imenso fio lá fora no magma.

Magia, Aço chamou o prateado. A coisa que existe sob a orogenia, que é feita de coisas vivas ou que um dia viveram. Esse prateado das profundezas do Pai Terra passa por entre os fragmentos montanhosos da substância dele exatamente da mesma forma como se enlaça entre as células de uma coisa viva que respira. E isso ocorre porque *um planeta* é uma coisa viva que respira, ela sabe disso agora com a certeza do instinto. Todas as histórias sobre o Pai Terra estar vivo são reais.

Mas se o manto é o corpo do Pai Terra, por que o prateado dele está ficando mais brilhante?

Não. Oh, não.

— Schaffa — Nassun sussurra. Ele geme; ele se dobrou sobre um dos joelhos, soltando arfadas curtas enquanto segura a cabeça. Ela quer ir até ele, quer reconfortá-lo, quer ajudá-lo, mas fica onde está, respirando rápido demais devido ao pânico cada vez maior que sente por saber de súbito o que está por vir. Mas ela quer negar. — Schaffa, p-por favor, essa coisa na sua cabeça, o pedaço de ferro, o senhor chamou de núcleo pétreo, Schaffa... — Sua voz está agitada. Ela não consegue recuperar o fôlego. O medo quase fechou sua garganta. Não. Não. Ela não entendeu, mas agora entende e não faz ideia de como parar aquilo. — *Schaffa, de onde vem isso, esse núcleo pétreo na sua cabeça?*

A voz do veímulo fala outra vez naquela língua da saudação, e depois continua, indecente em sua cortesia imparcial.

— ... uma maravilha, disponível apenas... — Alguma coisa. — ... rota. Este veímulo... — Alguma coisa. — ... centro, iluminado... — Alguma coisa. — ... para o seu deleite.

Schaffa não responde. Mas Nassun consegue sentir a resposta à sua pergunta agora. Ela consegue *sentir-la* conforme o tênue e insignificante prateado que percorre seu próprio corpo repercute... mas é uma repercussão leve, do *seu* prateado, gerado por sua própria carne. O prateado em Schaffa, em todos os Guardiões, é gerado pelo núcleo pétreo alojado em seus sensapinae. Ela estudou essa pedra algumas vezes até onde foi capaz enquanto Schaffa dormia e ela lhe fornecia magia. É ferro, mas diferente de qualquer ferro que já tivesse sentido. Estranhamente denso. Estranhamente energético, embora parte seja a magia que o ferro canaliza para dentro dele a partir de... algum lugar. Estranhamente vivo.

E quando todo o lado direito do veímulo se dissolve para deixar seus passageiros vislumbrarem a maravilha raras vezes vista que é o centro do planeta desinibido, ele já incandesce diante dela: um sol prateado subterrâneo, tão brilhante que ela precisa semicerrar os olhos, tão pesado que percebê-lo machuca seus sensapinae, tão poderoso em sua magia que faz a conexão prolongada do safira parecer trêmula e fraca. É o núcleo da Terra, a fonte dos núcleos pétreos e, diante dela, é um mundo em si mesmo, engolindo a janela e aumentando ainda mais à medida que eles se aproximam.

Não parece rocha, Nassun pensa vagamente em meio ao pânico. Talvez seja apenas o bruxuleio do metal derretido e da magia ao redor de todo o veímulo, mas a imensidão diante de si parece tremeluzir quando tenta se concentrar nela. Há alguma coisa sólida ali; à medida que se aproximam, Nassun consegue detectar anomalias pontilhando a superfície da esfera brilhante, minúsculas em contraste... mesmo quando ela se dá conta de que são obeliscos. Várias dezenas deles, encravados no centro do mundo como agulhas em uma alfineteira. Mas eles não são nada. Nada.

E Nassun não é nada. Nada diante disso.

“É um erro levá-lo”, Aço dissera a respeito de Schaffa.

O pânico toma conta. Nassun corre até Schaffa quando ele cai, batendo no chão. Ele não grita, embora sua boca esteja aberta e seus olhos branco-gelo estejam arregalados e os músculos de todos os seus membros estejam retesados enquanto ela luta para fazê-lo recostar-se. Um braço agitado bate contra sua clavícula, jogando-a para trás, e segue-se um lampejo de dor terrível, mas Nassun mal pensa nisso antes de voltar às pressas para perto dele. Ela agarra o braço dele com seus dois braços e tenta segurá-lo porque ele está estendendo as mãos em forma de garra em direção à cabeça, arranhando com as unhas o couro cabeludo e o rosto.

— Schaffa, não! — ela grita. Mas ele não pode ouvi-la.

Então o veímulo escurece por dentro.

Ele continua se movendo, embora mais devagar. Na verdade, eles entraram no elemento semissólido do núcleo, a rota do veímulo deslizando por sua superfície... porque é claro que as pessoas que construíram os obeliscos se regozijariam de sua capacidade de perfurar o planeta por diversão. Ela consegue sentir o brilho daquele sol prateado e agitado por toda a sua volta. Atrás dela, porém, a parede que forma uma janela de repente começa a apresentar um brilho fraco. Há alguma coisa tocando o lado de fora do veímulo, pressionando seu revestimento de magia.

Lentamente, com Schaffa contorcendo-se em silenciosa agonia no seu colo, Nassun se vira para encarar o núcleo da Terra.

E aqui, dentro do santuário do seu centro, a Terra Cruel também a percebe.

Quando a Terra fala, não o faz exatamente com palavras. Isso é uma coisa que você já sabe, mas que Nassun só descobre nesse momento. Ela sensa os significados, ouve as vibrações com os ossos dos ouvidos, expele-as através da pele com um calafrio, sente-as tirar lágrimas de seus olhos. É como afogar-se em energia e sensação e emoção. *Dói*. Lembre-se: a Terra quer matá-la.

Mas lembre-se também: Nassun a quer igualmente morta.

Então ela diz com microtremores que acabarão causando um tsunami em alguma parte do hemisfério sul: *Olá, pequena inimiga*.

(Essa é uma ideia aproximada, você se dá conta. É o máximo que a jovem mente da garota consegue suportar.)



E quando Schaffa sufoca e começa a ter convulsões, Nassun agarra seu corpo arruinado pela dor e olha para a parede de escuridão enferrujada. Ela não está mais com medo; a fúria a empederniu. Ela é tão filha da mãe dela.

— Deixe-o em paz — ela diz com raiva. — *Deixe-o em paz agora mesmo.*

O núcleo do planeta é feito de metal, derretido e, no entanto, comprimido até se solidificar. Existe certa maleabilidade nele. A superfície da escuridão vermelha começa a ondular e mudar enquanto Nassun observa. Surge algo que, por um instante, ela não consegue processar. Um padrão familiar. Um *rosto*. É só a sugestão de uma pessoa, olhos e boca, a sombra de um nariz... mas então, por apenas um momento, os olhos apresentam um formato distinto, os lábios alinhados e detalhados, uma pinta surgindo debaixo dos olhos, *que se abrem*.

Ninguém que ela conheça. Só um rosto... onde não deveria haver nenhum. E, enquanto Nassun olha para ele, um pavor nascente afastando aos poucos a raiva, ela vê outro rosto... e outro, mais rostos aparecendo todos de uma vez para preencher a vista. Cada um deles é afastado quando outro surge mais abaixo. Dezenas. Centenas. Este tem papada e aparência cansada, aquele é inchado como se houvesse chorado, aquele está de boca aberta e gritando em silêncio, como Schaffa. Alguns olham para ela suplicantes, articulando com os lábios palavras que ela não conseguiria entender mesmo que as pudesse ouvir.

Todos eles ecoam, porém, o divertimento de uma presença maior. *Ele é meu*. Não uma voz. Quando a Terra fala, não é em palavras. No entanto.

Nassun pressiona os lábios, sintoniza o prateado de Schaffa e corta impiedosamente o maior número de tentáculos cravados no corpo dele que consegue, bem em torno do núcleo pétreo. Não funciona como de costume quando usa o prateado para cirurgias. As linhas prateadas em Schaffa se recompõem quase que instantaneamente e latejam com muito mais intensidade quando são restabelecidas. Schaffa estremece a cada vez. Ela o está machucando. Está piorando as coisas.

Não há outra escolha. Ela envolve o núcleo pétreo dele com seus próprios fios para realizar a cirurgia que ele não permitiu que ela fizesse alguns meses antes. Se encurtar a vida dele, pelo menos ele não sofrerá pelo resto dela.

Mas outra reverberação de divertimento faz o veímulo estremecer, e uma labareda de prateado resplandece dentro de Schaffa e ignora seus fios insignificantes. A cirurgia fracassa. O núcleo pétreo jaz firme como sempre entre os lobos dos sensapinae dele, como o parasita que é.

Nassun chacoalha a cabeça e procura ao redor alguma coisa, qualquer coisa, que possa ajudar. Ela se distrai momentaneamente com as borbulhas e mudanças de rostos na superfície da escuridão enferrujada. Quem são essas pessoas? Por que estão aqui em um turbilhão em meio ao centro da Terra?

*Obrigação*, responde a Terra, em ondulações de calor e de pressão esmagadora. Nassun cerra os dentes, lutando contra o peso de seu desdém. *O que foi roubado, ou emprestado, deve ser recompensado.*

E Nassun não tem como deixar de entender isso também, aqui dentro do abraço da Terra, com seu significado vibrando através dos ossos. O prateado — a magia — vem da vida. Aqueles que criaram os obeliscos buscavam explorar a magia, e conseguiram. E como conseguiram. Eles a usaram para construir maravilhas além da imaginação. Mas depois quiseram mais magia do que apenas aquela que suas vidas, ou que eras acumuladas de vida e morte na superfície da Terra, podiam propiciar. E quando viram quanta magia abundava logo abaixo daquela superfície, pronta para pegarem...

Nunca lhes passou pela cabeça que tanta magia, tanta *vida*, pudesse ser um indicativo de... consciência. A Terra não fala com palavras, afinal; e talvez, Nassun se dá conta, tendo visto coisas demais do mundo para ainda ter muito de sua inocência de criança, talvez esses construtores da grande rede de obeliscos não costumassem respeitar vidas diferentes das suas próprias. Não tão diferentes, na verdade, das pessoas que administram os Fulcros, ou dos saqueadores, ou de seu pai. Então, onde deveriam ter visto um ser vivo, eles viram apenas mais uma coisa a explorar. Quando deveriam ter pedido permissão, ou deixado em paz, eles violaram.

Para alguns crimes, não existe justiça adequada... somente reparação. Então, para cada milímetro de vida drenado da camada abaixo da pele da Terra, a Terra arrastou um milhão de restos humanos para o seu centro. Os corpos apodrecem no solo, afinal, e o solo jaz sobre placas tectônicas, as quais passam por um processo infinito de convecção pelo manto... e ali, dentro de si mesma, a Terra come tudo o que eles eram. É justo, a Terra conclui... friamente, com uma raiva que ainda estremece das profundezas para rachar a pele do planeta e desencadear Estação após Estação. É correto. A Terra não começou esse ciclo de hostilidades, ela não roubou a Lua, não cavou debaixo da pele de nenhuma outra pessoa nem pegou pedaços de sua carne ainda viva para guardar como troféus ou ferramentas, não conspirou para escravizar humanos em um pesadelo interminável. Ela não começou essa guerra, mas, pelas ferrugens, ela *terá. O que. Lhe. Devem.*

E, ah. Será que Nassun não entende isso? Suas mãos apertam a camisa de Schaffa, tremendo enquanto seu ódio hesita. Será que ela não consegue se identificar com a situação?

Pois o mundo lhe tirou tantas coisas. Ela teve um irmão um dia. E um pai, e uma mãe que ela também entende, mas gostaria de não entender. E um lar, e sonhos. O povo da Quietude há muito lhe roubou a infância e qualquer esperança de um futuro real e, por conta disso, ela está tão brava que não consegue pensar nada além de “ISSO PRECISA PARAR” e “EU VOU ACABAR COM ISSO”...

... ela própria, então, não se identifica com a ira da Terra Cruel? Ela se identifica.

Que a Terra a coma, ela se identifica.

Schaffa se aquietou em seu colo. Uma de suas pernas está úmida; ele urinou nas calças. Os olhos dele ainda estão abertos, e ele respira em arfadas curtas. Seus músculos retesados ainda têm espasmos de vez em quando. Todos sucumbem, se a tortura continua por tempo suficiente. A mente suporta o insuportável indo para outro lugar. Nassun está passando dos dez anos de idade para os cem, mas viu o suficiente da crueldade do mundo para saber disso. Seu Schaffa. Foi embora. E talvez nunca, nunca mais volte.

O veímulo avança, acelerado.

A vista começa a clarear de novo quando sai do núcleo. As luzes interiores retomam seu brilho agradável. Os dedos de Nassun repousam frouxos sobre as roupas de Schaffa agora. Ela olha para a massa agitada do núcleo até a substância da parede ficar opaca outra vez. A vista dianteira permanece, mas também começa a escurecer. Eles entraram em outro túnel, este mais largo que o primeiro, com sólidas paredes pretas refreando de algum modo o turbilhão de calor do núcleo externo e do manto. Agora, Nassun sente que o veímulo está inclinado para cima, afastando-se do núcleo. Dirigindo-se de novo para a superfície, mas, desta vez, do outro lado do planeta.

Nassun sussurra para si mesma, já que Schaffa foi embora.

— Isso tem que parar. Vou acabar com isso. — Ela fecha os olhos; os cílios, molhados, grudam. — Eu prometo.

Ela não sabe para quem está fazendo essa promessa. Na verdade, não importa.

Não muito depois, o veímulo chega a Ponto Central.



## Syl Anagist: Um

Eles levam Kelenli embora de manhã.

É inesperado, pelo menos de nossa parte. Além disso, não tem nada a ver conosco, nós percebemos sem demora. O condutor Gallat chega primeiro, embora eu veja vários condutores de alta patente conversando na casa mais acima do jardim. Ele não parece aborrecido quando chama Kelenli e fala com ela em um tom de voz baixo, porém determinado. Todos nos levantamos, vibrando culpa, embora não tenhamos feito nada de errado, apenas passamos a noite deitados em um chão duro, ouvindo o estranho som da respiração e dos ocasionais movimentos dos outros. Observo Kelenli, temendo por ela, querendo protegê-la, embora esse desejo seja incipiente; não sei qual é o perigo. Ela se mantém ereta e apumada, como um deles, enquanto fala com Gallat. Senso a tensão dela, como uma falha geológica a ponto deslizar.

Eles estão do lado de fora da casinha do jardim, a uns cinco metros de distância, mas ouço Gallat levantar a voz por um instante.

— Por quanto tempo mais você pretende continuar com essa bobagem? Dormir na cabana?

— Algum problema? — pergunta Kelenli calmamente.

Gallat é o condutor de patente mais alta. É também o mais cruel. Achamos que ele não faz de propósito. É só que parece não entender que é possível ser cruel conosco. Somos os afinadores da máquina; nós mesmos precisamos ser afinados para o bem do

projeto. O fato de que esse processo às vezes causa dor ou medo ou se somos descomissionados para o canteiro de roseiras bravas é... um detalhe.

Nós nos perguntamos se o próprio Gallat tem sentimentos. Ele tem, eu vejo isso quando ele recua agora, seu rosto contorcido pela mágoa, como se as palavras de Kelenli fossem algum tipo de golpe.

— Eu fui bom com você — ele diz. Sua voz vacila.

— E eu sou grata. — Kelenli não mudou nem um pouco a inflexão de voz, nem um músculo da face. Ela parece e soa, pela primeira vez, como uma de nós. E, como fazemos com tanta frequência, os dois estão tendo uma conversa que não tem nada a ver com as palavras que saem de suas bocas. Eu verifico: não há nada no ambiente a não ser as fracas vibrações de suas vozes. E no entanto.

Gallat olha para ela. Então a mágoa e a raiva desvanecem de seu rosto, substituídas pelo cansaço. Ele vira as costas e diz bruscamente:

— Preciso de você de volta ao laboratório hoje. Há oscilações na rede outra vez.

O rosto de Kelenli se mexe enfim, franzindo as sobrancelhas.

— Me disseram que eu tinha três dias.

— A Geoarcanidade é mais importante do que os seus planos de lazer. — Ele dá uma olhada para a casinha onde eu e os outros estamos reunidos e me pega olhando para ele. Eu não desvio o olhar, em grande parte porque estou tão fascinado com a angústia dele que não penso nisso. Ele parece constrangido por um breve instante, depois irritado. Ele diz a ela, com seu costumeiro ar de impaciência: — A biomagestria só consegue fazer escaneamentos à distância fora do complexo, mas eles dizem que, na verdade, estão detectando um interessante esclarecimento de fluxo na rede dos afinadores. O que quer que você venha fazendo com eles obviamente não é um desperdício de tempo. Então vou levá-los aonde quer que você estava planejando ir hoje. Aí você pode voltar para o complexo.

Ela olha para nós. Para mim. *Meu pensador.*

— Deve ser um passeio suficientemente tranquilo — ela responde a ele enquanto olha para mim. — Eles precisam ver o

fragmento de motor local.

— O ametista? — Gallat olha para ela. — Eles vivem à sombra desse motor. Eles o veem constantemente. Como isso vai ajudar?

— Não viram o soquete. Eles precisam entender seu processo de crescimento por completo; mais do que em teoria. — De repente, ela vira as costas para mim e para ele e começa a andar até a casa grande. — Apenas mostre isso a eles, depois pode deixá-los no complexo e estará terminado.

Entendo exatamente por que Kelenli falou nesse tom desdenhoso e por que não se deu o trabalho de se despedir antes de ir embora. Não é diferente do que nós fazemos quando temos que ver ou sentir outro da nossa rede ser punido; fingimos não dar importância. (*Tetlewha. Sua música não tem tom, mas não silenciou. De onde você canta?*) Isso diminui a punição para todos e impede que os condutores, em sua raiva, concentrem-se em outro. Contudo, entender isso e não sentir nada enquanto ela se afasta são duas coisas diferentes.

O condutor Gallat fica muito mal-humorado depois disso. Ele nos manda pegar nossas coisas para podermos ir. Não temos nada, embora alguns de nós precisemos eliminar os excrementos antes de partir e todos precisem de comida e água. Ele deixa os necessitados usarem o pequeno banheiro de Kelenli ou uma pilha de folhas lá fora, nos fundos (eu sou um desses; é muito estranho me agachar, mas também é uma experiência profundamente enriquecedora), depois diz para ignorarmos nossa fome e nossa sede e o acompanharmos, então nós o fazemos. Ele nos conduz muito rápido, embora nossas pernas sejam mais curtas do que as dele e ainda estejam doendo por conta do dia anterior. Ficamos aliviados ao ver o veículo que ele requisitou, quando chega, para podermos nos sentar e sermos levados de volta para o centro da cidade.

Os outros condutores seguem conosco e com Gallat. Eles ficam conversando com ele e nos ignorando; ele dá respostas curtas, monossilábicas. Eles lhe perguntam sobretudo a respeito de Kelenli: se ela é sempre tão intransigente, se ele acredita que seja uma falha imprevista de engenharia, por que ele se dá o trabalho de permitir que ela contribua com o projeto quando ela é, para todos os efeitos, apenas um protótipo obsoleto.

— Porque ela estava certa em todas as sugestões que fez até agora — ele responde de forma brusca após a terceira pergunta. — Que é o exato motivo pelo qual desenvolvemos os afinadores, no final das contas. Sem eles, o Motor Plutônico precisaria de outros setenta anos de aprimoramento antes que pudéssemos sequer fazer um teste de lançamento. Quando os sensores de uma máquina são capazes de lhe dizer exatamente o que está errado e exatamente como fazer a coisa toda funcionar de modo mais eficiente, é estupidez não prestar atenção.

Isso parece apaziguá-los, então eles o deixam em paz e voltam a conversar... embora uns com os outros, não com ele. Estou sentado perto do condutor Gallat. Percebo como o desdém dos outros condutores na verdade aumenta a tensão dele, fazendo a raiva irradiar pela pele assim como o calor residual da luz do sol irradia de uma rocha muito depois do anoitecer. Sempre houve uma dinâmica estranha na relação entre os condutores; nós procuramos decifrá-los o melhor possível, embora não entendêssemos de fato. Agora, porém, graças à explicação de Kelenli, lembro que Gallat tem uma “ascendência indesejável”. Nós fomos feitos assim, mas ele simplesmente nasceu com pele pálida e olhos branco-gelo — traços comuns entre os niess. Ele não é niess; os niess desapareceram. Há outras raças, raças sylanagistinas, de pele pálida. Os olhos sugerem, no entanto, que em algum ponto da história de sua família (um ponto distante, ou não teriam permitido que ele frequentasse a escola e recebesse assistência médica e tivesse sua atual posição de prestígio), alguém fez filhos com um niess. Ou não: esse traço poderia ser uma mutação aleatória ou uma casualidade da pigmentação. Mas, ao que parece, ninguém pensa dessa forma.

É por isso que, embora Gallat trabalhe com mais empenho e passe mais horas no complexo do que qualquer outra pessoa e esteja no comando, os outros condutores o tratam como se ele fosse menos do que é. Se ele não passasse adiante esse favor em suas relações conosco, eu sentiria pena dele. Da maneira como as coisas são, tenho medo dele. Sempre tive medo dele. Mas, por Kelenli, decido ser corajoso.

— Por que está bravo com ela? — eu pergunto. Minha voz é suave e difícil de ouvir em meio ao zumbido do ciclo metabólico do



veímulo. Poucos entre os outros condutores percebem o meu comentário. Nenhum deles se importa. Escolhi bem o momento da pergunta.

Gallat se sobressalta, depois olha para mim como se nunca houvesse me visto.

— O quê?

— Kelenli. — Levanto os olhos para encará-lo, embora tenhamos aprendido ao longo do tempo que os condutores não gostam disso. Eles acham o contato visual desafiador. Mas eles também nos esquecem mais rápido quando não olhamos para eles, e eu não quero ser esquecido neste momento. Quero que ele *sinta* esta conversa, mesmo que seus sensapinae fracos e primitivos não consigam lhe dizer que meu ciúme e meu ressentimento tenham elevado a temperatura do lençol freático da cidade em dois graus.

Ele me encara, furioso. Eu olho de volta para ele impassivelmente. Sinto tensão na rede. Os outros, que, é claro, perceberam o que os condutores ignoram, de repente temem por mim... mas quase me distraio quanto à preocupação deles devido à diferença que, de súbito, percebo em nós. Gallat está certo: nós *estamos* mudando, ficando mais complexos, nossa influência ambiente está aumentando, como consequência das coisas que Kelenli nos mostrou. Será que isso é um aprimoramento? Ainda não sei ao certo. No momento, estamos confusos, quando antes éramos em maior parte unificados. Remwha e Gaewha estão irritados comigo por correr esse risco sem procurar consenso primeiro — essa imprudência, imagino eu, é meu próprio sintoma de mudança. Bimniwha e Salewha estão irracionalmente bravas com Kelenli devido à estranha maneira pela qual está me afetando. Dushwha se cansou de todos nós e só quer ir para casa. Por trás de sua irritação, Gaewha teme por mim, mas também sente pena, porque acho que ela entende que minha imprudência é sintoma de alguma outra coisa. Concluí que estou apaixonado, mas o amor é um doloroso redemoinho de ponto quente sob a minha superfície em um lugar onde antes havia estabilidade, e não gosto disso. Afinal, um dia acreditei ser a melhor ferramenta já criada por uma grande civilização. Agora, descobri que sou um equívoco remendado por

ladrões paranoicos que estavam aterrorizados com a própria mediocridade. Não sei como me sentir, *a não ser* imprudente.

Mas nenhum deles está irritado com Gallat por ser perigoso demais para se ter uma simples conversa. Há algo de muito errado nisso.

— O que faz você pensar que estou bravo com Kelenli? — Gallat enfim pergunta. Abro minha boca para ressaltar a tensão em seu corpo, seu estresse vocal, a expressão em seu rosto, e ele produz um som que mostra irritação. — Deixa pra lá. Sei como vocês processam a informação. — Ele suspira. — Imagino que esteja certo.

Estou definitivamente certo, mas sei que não devo lembrá-lo do que ele não quer saber.

— Você quer que ela more na sua casa. — Eu não tinha certeza de que era a casa de Gallat até a conversa daquela manhã. Mas deveria ter adivinhado; a casa tinha o mesmo cheiro que ele. Nenhum de nós é bom no uso de outros sentidos que não a sensuna.

— É a casa *dela* — ele responde de forma brusca. — Ela cresceu lá, assim como eu.

Kelenli me contou isso. Criada junto com Gallat, pensando que era normal, até que alguém finalmente lhe contou por que seus pais não a amavam.

— Ela fazia parte do projeto.

Ele concorda com um aceno de cabeça, a boca contorcida de amargura.

— E eu também. Uma criança humana era um controle necessário, e eu tinha... características úteis para a comparação. Eu pensei nela como minha irmã até nós dois completarmos quinze anos. Então eles nos contaram.

Tanto tempo. E, contudo, Kelenli deve ter desconfiado que era diferente. O brilho prateado da magia flui à nossa volta, por dentro de nós, como a água. Todos podem sensá-la, mas nós, afinadores, a vivemos. Ela vive em nós. Ela não pode ter jamais pensado ser normal.

Gallat, porém, teria ficado totalmente surpreso. Talvez sua visão do mundo tenha virado completamente de cabeça para baixo assim

como a minha agora. Talvez ele tenha se atrapalhado — e se atrapalhe — do mesmo modo, lutando para conciliar seus sentimentos com a realidade. Sinto uma empatia repentina por ele.

— Nunca a maltratei. — A voz de Gallat ficou suave, e não sei ao certo se ainda está falando comigo. Ele cruzou os braços e as pernas, fechando-se enquanto olha firmemente por uma das janelas do veículo sem ver nada. — Nunca a tratei como um... — De súbito, ele pisca e estreita os olhos para olhar para mim. Eu começo a aquiescer para mostrar que entendo, mas algum instinto me avisa para não fazer isso. Eu simplesmente olho de volta para ele. Ele relaxa. Não sei por quê.

*Ele não quer que você o ouça dizer “como um de vocês”, Remwha assinala, zumbindo irritado com a minha estupidez. E não quer que você saiba o que significa, se ele disser isso. Ele reafirma a si mesmo que não é como as pessoas que tornaram a própria vida dele mais difícil. É uma mentira, mas ele precisa dela, e precisa que sustentemos essa mentira. Ela não deveria ter nos contado que somos niess.*

Nós não somos *niess*, mando num pulso gravitacional. Em grande parte, estou aborrecido com o fato de que ele tenha tido que salientar isso. O comportamento de Gallat é óbvio, agora que Remwha explicou.

*Para eles, nós somos.* Gaewha manda essa mensagem em um único microtremor cujas reverberações ela destrói, de maneira que sentimos apenas um silêncio frio depois. Paramos de discutir porque ela está certa.

— Dei a ela tanta liberdade quanto pude — Gallat continua, alheio à nossa crise de identidade. — Todos sabem o que ela é, mas eu permiti que ela tivesse os mesmos privilégios que qualquer mulher normal teria. Claro que há restrições, limitações, mas é algo razoável. Não posso ser visto como permissivo se... — Ele vai parando de falar e mergulha nos próprios pensamentos. Mexe alguns músculos ao longo do maxilar, frustrado. — Ela age como se não pudesse entender isso. Como se *eu* fosse o problema, não o mundo. Estou tentando ajudá-la! — Então ele solta o ar em uma expiração pesada de frustração.

Contudo, nós ouvimos o bastante. Mais tarde, quando processarmos tudo isso, eu direi aos outros: *Ela quer ser uma pessoa.*

*Ela quer o impossível, dirá Dushwha. Gallat acha melhor possuí-la ele próprio do que permitir que Syl Anagist o faça. Mas, para ela ser uma pessoa, precisa deixar de ser... uma posse. De qualquer pessoa.*

*Então Syl Anagist precisa deixar de ser Syl Anagist, acrescentará Gaewha com tristeza.*

Sim. Todos eles estão certos também, meus colegas afinadores... mas isso não significa que o desejo de Kelenli de ser livre esteja errado. Ou que alguma coisa é impossível só porque é muito, muito difícil.

O veímulos para em uma parte da cidade que, surpreendentemente, parece familiar. Eu vi essa área apenas uma vez e, no entanto, reconheço o padrão das ruas e as flores das vinhas em uma parede de verdestrato. A qualidade da luz que atravessa o ametista à medida que o sol se inclina para se pôr desperta em mim um sentimento de nostalgia e alívio que um dia aprenderei que se chama saudade de casa.

Os outros condutores saem e voltam para o complexo. Gallat acena para nós. Ele ainda está irritado e quer que isso acabe. Então nós o seguimos e aos poucos vamos ficando para trás porque nossas pernas são mais curtas e nossos músculos queimam, até que finalmente ele percebe que nós e nossos guardas estamos uns três metros atrás dele. Ele para a fim de nos deixar alcançá-lo, mas cerra o maxilar e, com uma das mãos, dá batidinhas rápidas nos braços cruzados.

— Andem logo — ele diz. — Quero fazer testes de ativação esta noite.

Nós sabemos que não devemos reclamar. Uma distração costuma ser útil, porém.

— Estamos andando depressa para ver o quê? — pergunta Gaewha.

Gallat chacoalha a cabeça, impaciente, mas responde. Como Gaewha havia planejado, ele anda mais devagar para poder falar

conosco, o que nos permite andar mais devagar também. Desesperadamente recuperamos o fôlego.

— O soquete onde este fragmento cresceu. Disseram o básico a vocês. No momento, cada fragmento funciona como central de energia para uma estação de ligação de Syl Anagist: absorvendo magia, catalisando-a, devolvendo um pouco para a cidade e armazenando o excedente. Até o Motor ser ativado, é claro.

De repente ele para, distraído pelo que há à nossa volta. Chegamos à área restrita ao redor da base do fragmento: um parque de três níveis com alguns prédios administrativos e uma parada na linha do veímulos que (pelo que nos contam) faz uma viagem semanal para Ponto Central. É tudo muito utilitário e um pouco entediante.

No entanto. Sobre nós, preenchendo o céu até onde a vista alcança, está o fragmento ametista. Apesar da impaciência de Gallat, todos paramos e olhamos para ele, admirados. Vivemos à sua sombra colorida e fomos feitos para responder às suas necessidades e controlar a sua produtividade. Ele é nós; nós somos ele. Contudo, raras vezes conseguimos vê-lo assim, diretamente. As janelas em nossas celas apontam todas no sentido oposto a ele. (Conectividade, harmonia, campo de visão e eficiência das formas de onda; os condutores não querem arriscar uma ativação acidental.) É uma coisa magnífica, penso, tanto em seu estado físico como em sua superposição mágica. Ele brilha nesse último estado, uma treliza cristalina quase totalmente carregada com a energia mágica armazenada que em breve usaremos para ativar a Geoarcanidade. Quando houvermos mudado os sistemas de energia do mundo, do sistema limitado de armazenamento e geração dos obeliscos para os fluxos ilimitados dentro da terra, e quando Ponto Central estiver totalmente conectado para regulá-los, e quando o mundo houver enfim realizado o sonho dos grandes líderes e pensadores de Syl Anagist...

... bem. Nesse momento, eu e os outros não seremos mais necessários. Ouvimos tantas coisas sobre o que vai acontecer quando o mundo se libertar da escassez e da carência. Pessoas vivendo para sempre. Viagens para outros mundos, muito além da nossa estrela. Os condutores nos asseguraram que não seremos

mortos. Seremos celebrados, na verdade, como o apogeu da magestria e como representações vivas do que a humanidade pode alcançar. Ser venerado não é algo a almejar? Não deveríamos estar orgulhosos?

Mas, pela primeira vez, penso em que tipo de vida eu poderia querer para mim se tivesse escolha. Penso na casa onde Gallat mora: enorme, bonita, fria. Penso na casa de Kelenli no jardim, que é pequena e cercada por pequenas magias que crescem. Penso em morar com Kelenli. Sentar aos seus pés todas as noites, conversar com ela o quanto eu quiser em todas as línguas que conheço, sem medo. Penso nela sorrindo sem amargura e essa ideia me dá um prazer incrível. Depois, sinto vergonha, como se não tivesse o direito de imaginar essas coisas.

— Perda de tempo — murmura Gallat, olhando para o obelisco. Eu estremeço, mas ele não percebe. — Bem. Aqui está. Não faço ideia de por que Kelenli queria que vocês vissem isso, mas agora estão vendo.

Nós o admiramos como fora solicitado.

— Podemos... chegar mais perto? — pergunta Gaewha. Vários de nós gememos através da terra: nossas pernas doem e estamos com fome. Mas ela responde, frustrada. *Já que estamos aqui, é melhor aproveitar ao máximo.*

Como que concordando, Gallat suspira e começa a andar, descendo o caminho em declive em direção à base do ametista, firmemente alojado em seu soquete desde a primeira infusão do meio de cultura. Eu já tinha visto o topo do fragmento ametista perdido em meio a nuvens em movimento e às vezes emoldurado pela luz branca da Lua, mas esta parte é nova para mim. Ao redor de sua base estão as torres de transformação que, sei por conta do que me ensinaram, desviam parte da magia da fornalha geradora no núcleo do ametista. Essa magia — uma fração minúscula da incrível quantidade que o Motor Plutônico é capaz de produzir — é redistribuída através de incontáveis conduítes para casas e edifícios e maquinários e estações de abastecimento de veículos por toda a cidade-estação-de-ligação. Acontece o mesmo em todas as cidades-estações-de-ligação de Syl Anagist em todo o mundo: 256 fragmentos no total.

Uma estranha sensação chama a minha atenção... a coisa mais estranha que já sensei. Algo difuso... alguma coisa ali por perto gera uma força que... chacoalho a cabeça e paro de andar.

— O que é isto? — eu pergunto antes de levar em consideração se é prudente falar de novo com Gallat nesse estado de humor.

Ele para, olha feio para mim, depois aparentemente entende a confusão no meu rosto.

— Ah, imagino que vocês estejam perto o suficiente para detectar daqui. Isso é só a retroalimentação das linhas de absorção.

— E o que são as “linhas de absorção”? — pergunta Remwha, agora que eu quebrei o gelo. Isso faz Gallat olhar para ele com uma irritação ligeiramente maior. Todos ficamos tensos.

— Pela Morte Cruel — Gallat suspira enfim. — Tudo bem, é mais fácil mostrar do que explicar. Venham.

Ele acelera outra vez e, desta vez, nenhum de nós ousa reclamar apesar de estarmos arrastando as pernas doloridas com baixa glicose no sangue e um pouco de desidratação. Seguindo Gallat, chegamos à fileira mais baixa, cruzamos o trilho do veímulo e passamos entre duas das enormes torres que zunem.

E ali... ficamos destruídos.

Para além das torres — o condutor Gallat nos explica em um tom de indisfarçada impaciência — está o sistema de ativação e tradução do fragmento. Ele passa para uma explicação técnica detalhada que nós absorvemos, mas não ouvimos de fato. Nossa rede, o sistema quase constante de conexões por meio das quais nós seis nos comunicamos, estimamos a saúde uns dos outros e ressoamos avisos ou nos tranquilizamos com canções de reconforto, ficou totalmente muda e estática. Isso é choque. Isso é horror.

A essência da explicação de Gallat é esta: os fragmentos não poderiam ter iniciado a geração de magia por conta própria décadas atrás quando foram criados. Coisas não vivas e inorgânicas como o cristal são inertes para a magia. Portanto, a fim de ajudar os fragmentos a iniciarem o ciclo gerador, magia bruta precisava ser usada como catalisador. Todo motor precisa de ignição. Entrando nas linhas de absorção: elas parecem vinhas grossas e encaracoladas, retorcendo-se e ondulando-se para formar um

emaranhado natural em torno da base do fragmento. E, enredados nessas vinhas...

“Nós vamos vê-los”, Kelenli me disse quando perguntei a ela onde estavam os niess.

Eles ainda estão vivos, eu sei de imediato. Embora se estendam inertes em meio ao emaranhado de vinhas (deitados sobre as vinhas, enrolados entre elas, envoltos nelas, perfurados por elas nos pontos onde as vinhas crescem transpassando a carne), é impossível não sentir os delicados fios de prateado correndo entre as células da mão deste, ou dançando ao longo dos pelos das costas daquele ali. Alguns deles nós conseguimos ver respirando, embora o movimento seja muito lento. Muitos vestem roupas maltrapilhas apodrecidas com os anos, alguns estão nus. O cabelo e as unhas não cresceram, e seus corpos não produziram excrementos que possamos ver. Nem podem sentir dor, eu sinto instintivamente; isso, pelo menos, é uma gentileza. É porque as linhas de absorção tiram deles toda a magia da vida, exceto o mínimo necessário para mantê-los vivos. Mantê-los vivos os mantêm gerando mais.

Estas são as roseiras bravas. Quando éramos recém-decantados, ainda aprendendo como usar a linguagem que havia sido inscrita em nossos cérebros durante a fase de crescimento, uma das condutoras nos contou para onde seríamos mandados se nos tornássemos incapazes de trabalhar por algum motivo. Isso foi quando havia catorze de nós. Seríamos recolhidos, ela disse, para um lugar onde ainda poderíamos servir ao projeto indiretamente. “É tranquilo lá”, a condutora disse. Eu lembro com clareza. Ela sorriu enquanto dizia. “Vocês vão ver.”

As vítimas das roseiras bravas estão aqui há anos. Décadas. Há centenas deles à vista, e outros milhares escondidos se o emaranhado de linhas de absorção se estende ao redor de toda a base do ametista. Milhões, quando multiplicados por 256. Não conseguimos ver Tettlewha ou os outros, mas sabemos que eles também estão aqui em algum lugar. Ainda vivos e, no entanto, não vivos.

Gallat termina enquanto olhamos em silêncio.



— Então, depois de preparar o sistema, quando o ciclo gerador estiver estabelecido, só ocasionalmente há necessidade de outra preparação. — Ele suspira, entediado com a própria voz. Nós encaramos em silêncio. — As linhas de absorção armazenam magia para qualquer necessidade possível. No Dia do Lançamento, cada reservatório deve ter aproximadamente 37 lamotires armazenados, o que é três vezes...

Ele para. Suspira. Aperta a ponte do nariz.

— Isso não tem propósito. Ela está brincando com você, seu tolo. — É como se ele não visse o que estamos vendo. Como se essas vidas armazenadas e transformadas em componentes não significassem nada para ele. — Chega. Está na hora de levarmos todos vocês de volta para o complexo.

Então vamos para casa.

E começamos, enfim, a fazer planos.



DEBULHE BEM

ALINHE O INIMIGO

ENTRARÃO PARA O ESTOQUE DE TRIGO!

ESMAGUE MAIS

MANTENHA-OS CALADOS:

JÁ É MEIO CAMINHO ANDADO!

ARRANQUE A LÍNGUA

E OS OLHOS ATENTOS

JAMAIS PARE ANTES DOS LAMENTOS!

GRITOS NEM IMAGENS

FICAM NA MEMÓRIA

É ESSE O CAMINHO PARA A VITÓRIA!

— *CANTIGA INFANTIL PRÉ-SANZE POPULAR NOS DISTRITANTES DE YUMENES, HALTOLEE, NIANON E EWECH, DE ORIGEM DESCONHECIDA. EXISTEM MUITAS VARIANTES. ESSE PARECE SER O TEXTO PADRÃO.*



## 11

### *Você está quase em casa*

Os guardas da estação de ligação parecem de fato achar que podem lutar quando você e os outros castrimenses saem da chuva de cinzas. Você imagina que o seu grupo realmente pareça um bando de saqueadores maior do que o de costume, dadas as suas roupas sujas de cinzas e corroídas pelo ácido e a sua aparência esquelética. Ykka sequer tem tempo de pedir a Danel que tente persuadi-los antes que comecem a atirar com suas balestras. Para a sorte de vocês, eles são péssimos atiradores; para o azar de vocês, a lei das médias está do lado deles. Três castrimenses são atingidos pelas setas antes que você perceba que Ykka não faz ideia de como usar uma espiral como escudo... mas depois você lembra que também não pode fazer isso, não sem Consequências. Então você grita para Maxixe Beryl e ele o faz com a precisão de um diamante, transformando as setas que chegam em flocos de madeira, não muito diferente de como você começou as coisas em Tirimo naquele último dia.

Ele não é tão habilidoso agora quanto você era naquela época. Parte da espiral permanece em torno dele; ele apenas estende e reestrutura a extremidade da frente para formar uma barreira entre Castrima e os grandes portões de escória vulcânica da estação de ligação. Felizmente, não há ninguém na frente dele (depois que você gritou para as pessoas saírem do caminho). Depois, com um

último peteleco de cinética redirecionada, ele despedaça os portões e congela os portadores das balestras antes de deixar a espiral se desfazer. Então, enquanto os Costas-fortes de Castrima entram em disparada e cuidam das coisas, você vai até Maxixe Beryl e o encontra estendido no leito da carroça, ofegante.

— Desleixado — você diz, pegando uma das mãos dele e puxando-a para si, já que não pode friccioná-la entre as suas. Você consegue sentir a baixa temperatura da pele dele através de quatro camadas de roupa. — Deveria ter fixado aquela espiral a uns três metros de distância, pelo menos.

Ele resmunga, fechando os olhos. Sua energia se foi, mas isso provavelmente se deve ao fato de que fome e orogenia não são uma boa combinação.

— Faz dois anos que não preciso fazer nada mais sofisticado do que apenas congelar pessoas. — Então ele encara você, furioso. — Vejo que você nem se deu o trabalho.

Você sorri cansadamente.

— Porque sabia que você dava conta. — Depois, você tira uma camada de gelo do leito da carroça para ter um lugar onde se sentar até o fim da luta.

Quando ela acaba, você dá um tapinha em Maxixe Beryl (que adormeceu) e então se levanta para ir encontrar Ykka. Ela está lá dentro, perto dos portões com Esni e outros dois Costas-fortes, todos eles olhando para o minúsculo estábulo, admirados. Há uma *cabra* lá, olhando para todos com indiferença enquanto mastiga um pouco de palha. Você não vê uma cabra desde Tirimo.

Mas uma coisa de cada vez.

— Certifiquem-se de que não matem o médico ou os médicos — você diz a Ykka e Esni. — Eles provavelmente estão entrincheirados com o mantenedor da estação. Lerna não vai saber como cuidar do mantenedor: são necessárias habilidades especiais. — Você faz uma pausa. — Se ainda estiver empenhada nesse plano.

Ykka aquiesce e olha para Esni, que por sua vez assente e olha para outra mulher, que encara um jovem, que então corre para o complexo da estação de ligação.

— Quais são as chances de o médico matar o mantenedor? — pergunta Esni. — Por misericórdia?

Você resiste ao impulso de dizer “A misericórdia é para pessoas”. Esse modo de pensar precisa morrer, mesmo que você esteja pensando assim com amargura.

— Pequenas. Explique pela porta que você não planeja matar quem se render, se achar que isso vai ajudar. — Esni manda outro mensageiro para fazer isso.

— Claro que ainda estou empenhada no plano — afirma Ykka. Ela está esfregando o rosto, deixando rastros nas cinzas. Sob as cinzas há apenas mais cinzas, mais profundamente impregnadas. Você está se esquecendo de como é a cor natural dela e não consegue mais distinguir se ela está usando maquiagem nos olhos. — Digo, a maioria de nós consegue lidar com tremores de uma forma controlada, até as crianças a esta altura, mas... — Ela olha para o alto. — Bom. Tem *aquilo*. — Você segue o olhar dela, mas já sabe o que vai ver. Você vem tentando não ver. Todos vêm tentando.

A Fenda.

Deste lado do Merz, o céu não existe. Mais ao sul, as cinzas que a Fenda expele tiveram tempo de subir à atmosfera e se diluir um pouco, formando as nuvens ondulantes que têm dominado o céu como você o conhece pelos últimos dois anos. Mas aqui. Aqui você tenta olhar para cima, mas, antes mesmo que os seus olhos alcancem o céu, o que os atrai é algo como um paredão de cor preta e vermelha em ebulição lenta sobre toda a parte visível do horizonte norte. Em um vulcão, o que você está vendo seria chamado de uma coluna de erupção, mas a Fenda não é só um respiradouro solitário. São mil vulcões colocados de ponta a ponta, uma linha contínua de fogo da terra e caos de uma costa da Quietude a outra. Tonkee vem tentando fazer todos chamarem o que estão vendo pelo termo apropriado: “pirocumulonimbus”, um paredão maciço de tempestade composto por uma nuvem de cinzas e fogo e raios. Você já ouviu as pessoas usando um termo diferente, no entanto: simplesmente “a Parede”. Você acha que o nome vai pegar. Você desconfia, na verdade, que, se alguém ainda estiver vivo em uma ou duas gerações para batizar essa Estação, eles a chamarão de algo como “a Estação da Parede”.

Você consegue ouvir, leve, porém onipresente. Um ronco da terra. Um grunhido baixo e incessante no seu ouvido médio. A Fenda não é só um tremor: é a divergência dinâmica e ainda em curso de duas placas tectônicas ao longo de uma falha geológica recentemente criada. Os tremores secundários da Fenda inicial não cessarão durante anos. Seus sensapinae estão tinindo há dias agora, avisando-a para se preparar ou correr, contraindo-se com a necessidade de *fazer alguma coisa* quanto à ameaça sísmica. Você sabe que não deve, mas aí está o problema: todos os orogenes de Castrima estão sensando o que você está sensando. Sentindo o mesmo impulso de reagir. E, a menos que sejam orogenes de alta patente em anéis, com a precisão do Fulcro e capazes de atrelar outros orogenes igualmente qualificados antes de ativar uma antiga rede de artefatos de civextinta, *fazer alguma coisa* irá matá-los.

Então Ykka está aceitando agora uma verdade que você entendeu desde que acordou com um braço de pedra: para sobreviver em Rennanis, Castrima precisará dos mantenedores das estações de ligação. Precisarão cuidar deles. E, quando esses mantenedores morrerem, Castrima terá que encontrar alguma maneira de substituí-los. Ninguém está falando sobre essa última parte ainda. Uma coisa de cada vez.

Depois de algum tempo, Ykka suspira e olha para a entrada do prédio.

— Parece que a luta terminou.

— Parece que sim — você concorda. O silêncio se prolonga. Ela tensiona um músculo do maxilar. Você acrescenta: — Vou com você.

Ela encara você.

— Não precisa fazer isso. — Você contou a ela sobre a primeira vez que viu um mantenedor de estação de ligação. Ela ouviu o horror ainda presente na sua voz.

Mas não. Alabaster lhe mostrou o caminho, e você não se esquiva mais da missão que ele outorgou a você. Você vai virar a cabeça do mantenedor, deixar que Ykka veja a cicatriz na nuca, explicar sobre o processo de lesão. Você precisará mostrar a ela como o arame minimiza as escaras. Porque, se for fazer essa

escolha, precisa saber exatamente o preço que ela (e Castrima) deverá pagar.

Você vai fazer isso; fazê-la ver essas coisas, obrigar a si mesma a encará-las de novo, porque essa é *toda* a verdade sobre o que os orogenes são. A Quietude teme a sua espécie por um bom motivo, é verdade. Entretanto, também deveria reverenciar a sua espécie por um bom motivo e escolheu fazer apenas uma dessas coisas. Ykka, mais do que ninguém, precisa ouvir tudo.

Ela cerra o maxilar, mas aquiesce. Esni observa vocês duas, curiosa, mas depois dá de ombros e vira as costas enquanto você e Ykka entram no complexo da estação juntas.

• • •

A estação de ligação tem um depósito totalmente abastecido, que você supõe que deveria ser um local de armazenamento auxiliar para a própria comu. É mais até do que uma Castrima faminta e sem comu consegue comer e inclui itens que todos estavam cada vez mais desesperados para obter, como frutos vermelhos e amarelos secos e legumes enlatados. Ykka impede as pessoas de transformarem a ocasião em um banquete improvisado — vocês ainda têm que fazer as provisões durarem até sabe a Terra quando —, mas isso não evita que o grosso da comu entre em um clima quase festivo conforme todos se abrigam para passar a noite com a barriga cheia pela primeira vez em meses.

Ykka coloca guardas na entrada da câmara do mantenedor da estação (“Ninguém além de nós precisa ver essa merda”, ela declarara e, por essas palavras, você desconfia que ela não quer que nenhum dos quietos da comu comecem a ter ideias) e no depósito. Ela coloca uma guarda tripla com a cabra. Uma garota Inovadora de uma comu agrícola foi designada para descobrir como ordenhar a criatura. Ela consegue. A mulher grávida, que perdeu um membro da família no deserto, recebe o direito de tomar leite primeiro. Talvez seja inútil. Fome e gravidez também não combinam, e ela diz que faz dias que o bebê não se mexe. Provavelmente é melhor que ela o perca agora, se for perder o bebê, aqui onde Lerna tem antibióticos e instrumentos esterilizados disponíveis e pode ao menos salvar a vida da mãe. Mesmo assim, você a vê pegar a

canequinha de leite quando lhe entregam e tomá-lo apesar de fazer careta devido ao gosto. Ela tem uma expressão determinada. Há uma chance. É o que importa.

Ykka também coloca monitores no banheiro da estação de ligação. Eles não são guardas exatamente, mas são necessários porque muitas pessoas em Castrima vêm de comus latmedianas pequenas e rústicas e não sabem como a água encanada funciona. Além disso, algumas pessoas estavam ficando debaixo do jato quente durante uma hora ou mais, chorando enquanto as cinzas e o resto da areia do deserto saía de suas peles ressecadas pelo ácido. Agora, depois de dez minutos, os monitores gentilmente tiram as pessoas e as levam até os bancos nas laterais do cômodo, onde podem continuar chorando enquanto os outros têm a sua vez.

Você toma banho e não sente nada, exceto que está limpa. Quando reivindica um canto do refeitório da estação (cuja mobília foi retirada para que várias centenas de pessoas possam passar a noite livres de cinzas), você se senta em cima do seu saco de dormir, recostada contra a parede de escória vulcânica, deixando seus pensamentos vagarem. É impossível não notar a montanha à espreita dentro da pedra bem atrás de você. Você não o chama porque as outras pessoas de Castrima desconfiam de Hoa. Ele é o único comedor de pedra ainda por perto, e eles lembram que os comedores de pedra não são um grupo neutro e inofensivo. Contudo, você estende a mão para trás e dá uma batidinha na parede. A montanha se remexe um pouco e você sente alguma coisa, uma cutucada forte, na região lombar. Mensagem recebida e respondida. É surpreendente como esse momento particular de contato faz com que se sinta bem.

Você precisa sentir outra vez, você pensa enquanto observa uma dúzia de pequenas cenas se desenrolarem à sua frente. Duas mulheres discutem sobre quem vai comer o último pedaço de fruta seca de sua cota da comu. Dois homens, um pouco adiante delas, trocam sussurros furtivos enquanto um passa ao outro uma pequena esponja macia — do tipo que os equatoriais gostam de usar para se limpar depois da evacuação. Todos apreciam seus pequenos luxos quando a sorte lhes proporciona. Temell, o homem que agora dá aulas às crianças orogenes da comu, está enfurnado



no meio delas enquanto ronca no saco de dormir. Um menino está encolhido contra a sua barriga; enquanto isso, os pés vestidos de meias de Penty repousam em sua nuca. Do outro lado da sala, Tonkee está de pé com Hjarka... ou melhor, Hjarka está segurando suas mãos e tentando persuadi-la a dançar algum tipo de dança lenta enquanto Tonkee fica imóvel e tenta apenas revirar os olhos e não sorrir.

Você não sabe ao certo onde está Ykka. Provavelmente passando a noite em um dos galpões ou tendas lá fora, se você a conhece bem, mas você espera que ela deixe um dos amantes ficar com ela desta vez. Ela tem um grupo rotativo de mulheres e homens jovens, alguns compartilhados com outros parceiros e alguns solteiros que parecem não se importar que Ykka os use para alívio ocasional de estresse. Ykka precisa disso agora. Castrima precisa cuidar de sua chefe.

Castrima precisa, e você precisa e, exatamente quando você pensa isso, Lerna aparece do nada e se acomoda ao seu lado.

— Tive que dar um fim em Chetha — ele diz em voz baixa. Chetha, você sabe, é um dos três Costas-fortes atingidos pelos rennanianos... ironicamente, ela própria era uma ex-rennaniana, recrutada para o exército junto com Danel. — Os outros dois provavelmente vão sobreviver, mas a flecha perfurou o intestino de Chetha. Teria sido lento e horrível. Mas tem bastante analgésico aqui. — Ele suspira e esfrega os olhos. — Você viu aquela... coisa... na cadeira de arame.

Você assente, hesita, depois estende a mão para tocar a dele. Ele não é particularmente carinhoso, você ficou aliviada ao descobrir, mas precisa de pequenos gestos às vezes. Um lembrete de que não está sozinho e de que nem tudo é irremediável. Com essa finalidade, você diz:

— Se eu conseguir fechar a Fenda, talvez você não precise cuidar dos mantenedores das estações de ligação. — Você não tem certeza se isso é verdade, mas espera que seja.

Ele aperta de leve a sua mão. É fascinante perceber que ele nunca inicia o contato entre vocês. Ele espera você oferecer, depois responde aos seus gestos com a mesma intensidade que você deu ao esforço. Respeitando seus limites, que são afiados e sensíveis.

Você jamais soube, em todos esses anos, que ele era tão observador... mas deveria ter imaginado. Ele descobriu que você era orogene só de observá-la anos atrás. Você decide que Innon teria gostado dele.

Como se ele houvesse escutado seus pensamentos, Lerna olha para você, e o olhar dele é de preocupação.

— Eu estava pensando em não te contar uma coisa — ele fala.

— Ou melhor, não chamar a atenção para uma coisa que você provavelmente escolheu não notar.

— Que introdução.

Ele sorri um pouco, depois suspira e olha para as suas mãos dadas, o sorriso desvanecendo. O momento se atenua; a tensão cresce dentro de você, pois isso é tão atípico dele. Mas por fim ele suspira.

— Quanto tempo faz desde a sua última menstruação?

— Quanto... — Você para de falar.

Merda.

*Merda.*

Em meio ao seu silêncio, Lerna suspira e recosta a cabeça contra a parede.

Você tenta inventar desculpas na sua própria cabeça. Desnutrição. Esforço físico extraordinário. Você tem 44 anos de idade... você acha. Não consegue lembrar em que mês estão. As chances são menores do que era a de Castrima sobreviver ao deserto. Mas... as suas menstruações foram fortes e regulares a vida inteira, parando apenas em três ocasiões anteriores. Três ocasiões *significativas*. Foi por isso que o Fulcro decidiu usá-la para procriar. Orogenia meio decente e um bom quadril latmediano.

Você sabia. Lerna está certo. De alguma forma, você notou. E então escolheu não notar porque...

Lerna está em silêncio ao seu lado já faz algum tempo, observando a comu relaxar, a mão dele frouxa sobre a sua.

— Entendo que você precisa terminar aquela sua questão em Ponto Central dentro de um prazo, estou correto? — ele pergunta bem baixinho.

Ele usa um tom muito formal. Você suspira, fechando os olhos.

— Está.

— Em breve?

Hoá lhe disse que o *perigeu* — quando a Lua está mais próxima — será em alguns dias. Depois disso, ela passará da Terra e pegará velocidade, catapultando-se de novo para as estrelas distantes ou onde quer que tenha estado esse tempo todo. Se você não pegá-la agora, não a pegará mais.

— Sim — você responde. Você está cansada. Você... está sofrendo. — Muito em breve.

É uma coisa que vocês não discutiram e provavelmente deveriam ter discutido pelo bem da relação. É uma coisa que você nunca teve que discutir porque não havia nada a ser dito.

— Usar todos os obeliscos uma vez fez isto com o seu braço — Lerna diz.

Você olha desnecessariamente para o cotoco.

— É. — Você sabe aonde ele quer chegar com essa conversa, então decide pular para o final. — Foi você quem perguntou o que eu ia fazer em relação à Estação.

Ele suspira.

— Eu estava zangado.

— Mas não errado.

A mão dele se contrai um pouco sobre a sua.

— E se eu pedisse para você não fazer isso?

Você não dá risada. Se desse, seria um riso amargo, e ele não merece. Em vez disso, você suspira e vira para se deitar, empurrando-o até ele fazer a mesma coisa. Ele é um pouco mais baixo do que você, então você é a conchinha externa. Isso, é claro, coloca o seu rosto em contato com o cabelo cinzento dele, mas ele também se serviu do chuveiro, então você não se importa. Ele está cheiroso. Um cheiro saudável.

— Você não pediria — você diz, a boca quase encostada no couro cabeludo dele.

— Mas e se eu pedisse? — É uma pergunta cansada e sem entusiasmo. Ele não está falando sério.

Você beija a nuca dele.

— Eu diria “tudo bem”, e então seríamos três, e ficaríamos todos juntos até morrermos com os pulmões cheios de cinzas.

Ele pega a sua mão outra vez. Não foi você quem começou desta vez, mas esse fato não a incomoda.

— Promete — ele diz.

Ele não espera a sua resposta antes de adormecer.

• • •

Quatro dias depois, vocês chegam a Rennanis.

A boa notícia é que vocês não estão mais sendo assolados pela chuva de cinzas. A Fenda está perto demais, e a Parede está ocupada carregando as partículas mais leves para cima: vocês nunca mais vão ter que se preocupar com isso. O que vocês têm em contrapartida são rajadas periódicas repletas de material incendiário: lapilli, pedaços minúsculos de material vulcânico que são grandes demais para serem aspirados com facilidade, mas ainda estão queimando quando caem no chão. Danel diz que os rennanianos as chamavam de chuvas de faíscas e, em grande parte, são inofensivas, embora as pessoas devessem manter cantis sobressalentes de água em pontos estratégicos por toda a caravana caso alguma das faíscas ateesse fogo e ardesse lentamente.

Mais impressionante do que a chuva de faíscas, contudo, é o modo como os relâmpagos dançam no horizonte sobre a cidade, assim tão perto da Parede. Os Inovadores estão entusiasmados com isso. Tonkee diz que existe todo tipo de uso para relâmpagos consistentes. (Esse comentário teria feito você ficar olhando para ela se não houvesse vindo de Tonkee.) Mas nenhum deles atinge o chão... apenas os edifícios mais altos, todos os quais foram equipados com para-raios pelos antigos moradores da cidade. É inofensivo. Vocês só vão ter que se acostumar.

Rennanis não é bem o que você estava esperando. Ah, é uma cidade enorme: estilo equatorial por toda parte, sistema hidro ainda funcionando com água de poço filtrada fluindo tranquilamente e muros altos de obsidiana preta que trazem gravuras terríveis do que acontece com os inimigos da cidade. Seus edifícios não são tão bonitos nem tão impressionantes como os de Yumenes, mas Yumenes era a maior de todas as cidades equatoriais, e Rennanis mal merecia o título.

— Só meio milhão de pessoas — você se lembra de ouvir alguém zombando uma vida atrás. Mas, duas vidas atrás, você nasceu em um humilde vilarejo das Latmedianas do Norte e, para o que sobrou de Damaya, Rennanis ainda é uma tremenda vista a se contemplar.

Há menos de mil de vocês para ocupar uma cidade que um dia abrigou centenas de milhares. Ykka ordena a todos que ocupem um pequeno complexo de prédios próximo a um dos campos verdes da cidade. (Há dezesseis.) Os antigos habitantes convenientemente marcaram os edifícios da cidade com um código de cores baseado em sua estabilidade estrutural, já que a cidade não sobreviveu à Fenda completamente ilesa. Sabe-se que os prédios marcados com um X verde são seguros. Um X amarelo quer dizer que qualquer dano poderia significar um desmoronamento, especialmente se outro grande tremor atingir a cidade. Os prédios marcados com vermelho estão claramente danificados e são perigosos, embora você veja sinais de que eles eram habitados também, talvez por aqueles dispostos a aceitar qualquer abrigo em vez de serem mandados às cinzas. Há mais edifícios marcados com um X verde do que o suficiente para Castrima, então todas as famílias têm a oportunidade de escolher apartamentos mobiliados, seguros e que ainda têm sistemas hidro e geo funcionando.

Há vários bandos descontrolados de galinhas correndo de um lado para o outro, e mais cabras, as quais, na verdade, estiveram procriando. As plantações dos campos verdes estão todas mortas, entretanto, tendo passado meses sem ser irrigadas e cuidadas entre o momento em que você matou os rennanianos e o momento em que Castrima chegou. Apesar disso, os estoques contêm várias sementes de dente-de-leão e outros alimentos comestíveis resistentes e que sobrevivem com pouca luz, inclusive itens equatoriais básicos como inhame. Nesse meio tempo, os esconderijos de provisões da cidade estão transbordando de pães armazenados, queijos, linguiças picantes salpicadas de gordura, grãos e frutas, ervas e folhas conservadas em óleo e outros. Parte desses itens é mais fresca do que o resto, trazida de volta pelo exército saqueador. Tudo isso é mais do que o povo de Castrima

conseguiria comer se desse um banquete toda noite pelos próximos dez anos.

É incrível. Mas há alguns problemas.

O primeiro é que é mais complicado operar a unidade de tratamento de água de Rennanis do que qualquer um esperava. Ela está funcionando automaticamente e não quebrou até agora, mas ninguém sabe como operar o maquinário se ele quebrar. Ykka dá aos Inovadores a tarefa de descobrir isso ou inventar uma alternativa utilizável se o equipamento falhar. Tonkee está extremamente irritada. “Eu estudei durante seis anos na Sétima para aprender a tirar merda da água de esgoto?”, ela disse. Mas, apesar das reclamações, está trabalhando nisso.

O segundo problema é que Castrima não tem como proteger os muros da cidade. A cidade simplesmente é grande demais, e há muito poucos de vocês. Vocês estão protegidos, por enquanto, pelo fato de que ninguém vem para o norte se puder evitar. Todavia, se alguém vier para conquistá-la, nada ficará entre a comu e a conquista exceto o muro.

Não há solução para esse problema. Nem mesmo os orogenes conseguem fazer tanto no sentido bélico, aqui à sombra da Fenda, onde a orogenia é perigosa. O exército de Danel era o excedente da população de Rennanis e atualmente está alimentando uma profusão de fervilhões lá no sudeste das Latmedianas do Sul... não que você fosse querê-los por aqui mesmo, tratando vocês como os intrusos que são. Ykka ordena aos Reprodutores que aumentem a produção para o nível de reposição, mas, mesmo que eles recrutem todos os membros saudáveis da comu para auxiliar, Castrima não terá pessoas suficientes para defender a comu por gerações. Não há nada a fazer exceto proteger ao menos a porção da cidade que a comu ocupa agora o melhor que puder.

— E se outro exército aparecer — você pega Ykka murmurando —, vamos apenas convidá-los a entrar e designar um quarto para cada um. Isso deve resolver.

O terceiro problema — e o maior, existencialmente, se não logisticamente — é este: Castrima precisa viver em meio aos cadáveres daqueles que conquistou.

As estátuas estão por toda parte. De pé nas cozinhas dos apartamentos lavando a louça. Deitadas em camas que vergaram ou quebraram sob seu peso de pedra. Subindo os degraus do parapeito para assumir o posto de outras estátuas na vigia. Sentadas nas cozinhas comunitárias tomando chá que há muito secou e se transformou em borra. Elas são bonitas à sua maneira, com rebeldes cabeleiras de quartzo fumê e pele lisa de jaspe e roupas de turmalina ou turquesa ou granada ou citrino. Suas expressões são sorrisos ou olhos revirados ou bocejos de tédio... porque a poderosa onda de choque do Portão do Obelisco que os transformou foi rápida, felizmente. Eles sequer tiveram tempo para sentir medo.

No primeiro dia, todos rodeiam as estátuas com cautela. Tentam não se sentar no campo de visão delas. Fazer qualquer outra coisa seria... desrespeitoso. E no entanto. Castrima sobreviveu tanto a uma guerra que essas pessoas iniciaram quanto à vida de refugiados decorrentes dela. Seria igualmente desrespeitoso para com os mortos de Castrima deixar que a culpa ofusasse essa verdade. Então, depois de um ou dois dias, as pessoas começam simplesmente a... *aceitar* as estátuas. Na verdade, não dá para fazer nenhuma outra coisa.

Mas algo nessa situação incomoda você.

Você se vê vagando uma noite. Há um prédio marcado com X amarelo que não fica muito longe do complexo, e é lindo, com uma fachada coberta por entalhes de vinhas e temas florais, alguns brilhando com uma lâmina de ouro a descascar. A lâmina reflete a luz e cintila um pouco quando você anda, seus ângulos de reflexo mudando para criar a ilusão geral de um edifício coberto com uma vegetação viva e em movimento. É um edifício mais antigo do que a maioria dos edifícios de Rennanis. Você gosta, embora não saiba ao certo por quê. Você sobe para a cobertura, encontrando apenas os costumeiros apartamentos habitados por estátuas pelo caminho. A porta está destrancada e permanece aberta; talvez alguém estivesse no telhado quando a Fenda se abriu. Você se certifica de que há um para-raios a postos antes de passar pela porta, claro; este é um dos edifícios mais altos da cidade, embora tenha só seis ou sete andares no total. (Só, escarnece Syenite. Só?, pensa

Damaya, admirada. É, só, você responde bruscamente às duas para fazê-las se calarem.) Há não apenas um para-raios, mas também uma caixa d'água vazia, então, contanto que você não encoste em uma superfície metálica nem se demore nas imediações do para-raios, você provavelmente não vai morrer. Provavelmente.

E ali, posicionado de frente para o paredão de nuvens da Fenda como se houvesse sido construído lá em cima, olhando para o norte desde quando os temas florais eram novos, Hoa espera.

— Não há tantas estátuas aqui quanto deveria haver — você diz quando para ao lado dele.

Você não consegue deixar de seguir o olhar de Hoa. Daqui, você ainda não consegue ver a Fenda em si: parece que há uma floresta morta e alguns espinhaços montanhosos entre a cidade e o monstro. Porém, a Parede é ruim o bastante.

E talvez um horror existencial seja mais fácil de encarar do que outro, mas você se lembra de usar o Portão do Obelisco nessas pessoas, mudando a magia entre as células dessa gente e transmutando suas partes infinitesimais de carbono para silicato. Danel lhe contou como Rennanis era populosa... tanto que tinha que mandar para fora um exército conquistador para sobreviver. Agora, entretanto, a cidade não está abarrotada de estátuas. Há sinais de que esteve em algum momento: estátuas profundamente concentradas em conversas com companheiros que parecem estar faltando, apenas duas pessoas em uma mesa para seis. Em um dos maiores edifícios marcados com um X verde, há uma estátua nua na cama, de boca aberta e com o pênis permanentemente ereto e quadril projetado para cima, as mãos posicionadas nos lugares exatos para agarrar as pernas de alguém. Mas ele está sozinho. A piada horrível e mórbida de alguém.

— Minha espécie é oportunista ao se alimentar — diz Hoa.

Pois é, é exatamente isso que você temia que ele dissesse.

— E, ao que parece, absurdamente famintos? Tinha muita gente aqui. A maioria deve ter sumido.

— Nós também guardamos recursos extras para mais tarde, Essun.

Você esfrega o rosto com a mão que sobrou, tentando, sem sucesso, *não* imaginar uma gigantesca despensa de comedores de



pedras em algum lugar, agora cheia de estátuas de cores brilhantes.

— Pela Terra Cruel. Por que gasta tempo comigo então? Eu não sou uma refeição tão... *fácil* como aquelas.

— Membros inferiores da minha espécie precisam se fortalecer. Eu não. — Há uma mudança muito ligeira na voz de Hoa. A essa altura você o conhece; isso é desdém. Ele é uma criatura orgulhosa (até mesmo ele admite). — Eles foram mal feitos, são fracos, pouco mais que feras. Nós estávamos muito sozinhos naqueles primeiros anos e, de início, não sabíamos o que estávamos fazendo. Os famintos são o resultado da nossa falta de jeito.

Você hesita porque na verdade não quer saber... mas já faz alguns anos que não é covarde. Então se prepara, vira para ele e depois diz:

— Você está criando outro agora. Não está? A partir de... de mim. Se não tem a ver com alimentação para você, então é... reprodução. — Uma reprodução horripilante, se depende da morte de um ser humano por petrificação. E deve ter algo além de apenas transformar as pessoas em pedras. Você pensa no kirkhusa na hospedaria, e em Jija, e na mulher que você matou em Castrima. Você pensa em como a atingiu, em como a *destruiu* com magia por fazê-la reviver o assassinato de Uche, o que não chega a ser um crime. Mas Alabaster não ficou igual, no final das contas, ao que você fez com a mulher. Ela era uma coleção reluzente de joias de cores brilhantes. Ele era um pedaço feio de pedra marrom... e, no entanto, a pedra era feita de maneira primorosa, elaborada com precisão, *cuidadosa*, enquanto a mulher era uma bagunça desordenada sob sua beleza superficial.

Hoa se cala em resposta à sua pergunta, o que é uma resposta por si só. E então você enfim se lembra. Antimony, alguns momentos depois de você fechar o Portão do Obelisco, mas antes de você entrar em um estado de letargia mágico-traumática. Ao lado dela, outro comedor de pedra, estranho em sua brancura, perturbador em sua familiaridade. Ah, Terra Cruel, você não quer saber, mas...

— Antimony usou aquele... — Pedaço diminuto de pedra marrom. — Usou *Alabaster*. Como matéria-prima para... para, pelas

ferrugens, para criar outro comedor de pedra. E ela o fez parecido com *e/e*. — Você odeia Antimony de novo.

— Ele escolheu a própria forma. Todos nós escolhemos.

Isso desfaz a sua espiral de fúria. Você sente um nó no estômago, desta vez por outro motivo que não asco.

— Aquele... então... — Você precisa respirar fundo. — Então é *e/e*? Alabaster. Ele é... Ele é... — Você não consegue se obrigar a pronunciar a expressão.

Num piscar de olhos Hoa encara você, a expressão compassiva, mas também de algum modo expressando um alerta.

— A treliça nem sempre se forma perfeitamente, Essun — ele diz. Seu tom de voz é delicado. — Mesmo quando se forma, sempre há... perda de dados.

Você não faz ideia do que isso significa e, entretanto, está tremendo. Por quê? Você não sabe. Você ergue a voz.

— Hoa, se aquele é Alabaster, se eu puder falar com ele...

— Não.

— *Pelas ferrugens, por que não?*

— Porque precisa ser uma escolha dele em primeiro lugar. — Uma voz mais dura aqui. Uma reprimenda. Você se contrai. — Principalmente porque somos frágeis no início, como todas as criaturas novas. Leva séculos para nós, para a nossa *identidade*... resfriar. Até mesmo a menor pressão, como você exigindo que ele corresponda às suas necessidades em vez das necessidades dele, pode danificar a forma final da personalidade.

Você dá um passo para trás, o que a surpreende porque não havia percebido que estava se aproximando do rosto dele. E então você se deixa cair. Alabaster está vivo, mas não está. Será que o Alabaster Comedor de Pedra é remotamente o mesmo o homem de carne e osso que você conheceu? Será que isso ainda importa, agora que ele passou por uma transformação tão completa?

— Então eu o perdi de novo — você murmura.

Hoa não parece se mexer a princípio, mas segue-se um breve rodopio de vento ao seu lado e, de repente, uma mão dura toca as costas da sua mão macia.

— Ele viverá pela eternidade — diz Hoa de modo tão suave quanto sua voz cavernosa permite. — Enquanto a Terra existir, algo

da pessoa que ele era existirá também. Você é que ainda corre o risco de se perder. — Ele faz uma pausa. — Mas, se você escolher não terminar o que começamos, eu vou entender.

Você ergue a cabeça e então, talvez somente pela segunda ou terceira vez, você acha que o entende. Ele sabe que você está grávida. Talvez ele soubesse antes de você saber, embora você não consiga imaginar o que isso significa para ele. Ele também sabe o que está por trás dos seus pensamentos sobre Alabaster e está dizendo... que você não está sozinha. Que você *tem* alguma coisa. Você tem Hoa, e Ykka e Tonkee e talvez Hjarka, *amigos*, que a conhecem em toda a sua monstruosidade rogga e a aceitam apesar disso. E você tem Lerna... o silenciosamente exigente e incansável Lerna, que não desiste e não tolera suas desculpas e não finge que o amor exclui a dor. Ele é o pai de outra criança que provavelmente será linda. Todos os seus filhos foram até agora. Belos e poderosos. Você fecha os olhos para o arrependimento.

Mas isso traz os sons da cidade aos seus ouvidos, e você fica perplexa ao ouvir uma risada que o vento traz, alta o bastante para ser propagada de lá do nível do solo, provavelmente ao redor de uma das fogueiras comunitárias. O que faz você lembrar que tem *Castrima* também, se quiser. Essa comu ridícula de pessoas desagradáveis que impossivelmente ainda estão juntas, pela qual você lutou e que lutou por você em troca, por mais que tenha sido a contragosto. Isso faz você sorrir.

— Não — você diz. — Vou fazer o que precisa ser feito.

Hoa contempla você.

— Você tem certeza.

Claro que tem. Nada mudou. O mundo está partido e você pode consertá-lo; foi o que Alabaster e Lerna a incumbiram de fazer. *Castrima* é *mais* uma razão para você fazer isso, não uma a menos. E já está na hora de você deixar de ser covarde e ir encontrar Nassun. Mesmo que ela odeie você. Mesmo que você a tenha deixado para encarar um mundo terrível sozinha. Mesmo que você seja a pior mãe do mundo... você fez o melhor que pôde.

E talvez signifique que você esteja escolhendo um dos seus filhos, o que tem mais chance de sobreviver, em detrimento do outro. Mas isso não é diferente do que as mães tiveram que fazer

desde o princípio dos tempos: sacrificar o presente na esperança de um futuro melhor. Se o sacrifício desta vez foi maior do que a maioria deles... Tudo bem. Que seja. Esse é o trabalho de uma mãe também, afinal, e você é a ferrugenta de uma dez anéis. Você vai cuidar disso.

— Então o que estamos esperando? — você pergunta.

— Só você — responde Hoa.

— Certo. Quanto tempo nós temos?

— O perigo é daqui a dois dias. Posso levá-la a Ponto Central em um.

— Tudo bem. — Você respira fundo. — Preciso me despedir de algumas pessoas.

— Posso levar outros conosco — diz Hoa com perfeita e branda casualidade.

Ah.

Você quer, não quer? Não ficar sozinha no final. Ter a presença calma e implacável de Lerna às suas costas. Tonkee ficará furiosa por não ter a chance de ver Ponto Central se você a deixar para trás. Hjarka ficará furiosa se você levar Tonkee sem ela. Danel quer narrar a transformação do mundo por motivos desconhecidos de sabedoristas equatoriais.

Ykka, contudo...

— Não. — Você fica séria e suspira. — Estou sendo egoísta outra vez. Castrima precisa de Ykka. E todos eles sofreram demais.

Hoa apenas olha para você. Como ferrugens ele consegue expressar tanta emoção com um rosto de pedra? Mesmo que essa emoção seja um ceticismo mordaz quanto à sua conversa mole sobre autoabnegação. Você ri... uma vez, e a risada sai enferrujada. Faz algum tempo.

— Acho — diz Hoa lentamente — que, se você ama alguém, não escolhe como eles vão corresponder ao seu amor.

Há tantas camadas nos estratos dessa afirmação.

Mas tudo bem. Certo. Isso não é só sobre você, e nunca foi. Todas as coisas mudam em uma Estação; e uma parte de você está enfim cansada da narrativa da mulher solitária e vingativa. Talvez Nassun não fosse a única para a qual você precisava arranjar um

lar. E talvez nem mesmo você devesse tentar mudar o mundo sozinha.

— Então vamos perguntar a eles — você diz. — E depois vamos buscar a minha menininha.



PARA: YAETR INOVADOR DIBARS

DE: ALMA INOVADORA DIBARS

PEDIRAM-ME QUE O INFORMASSE DE QUE A SUA VERBA FOI CORTADA. VOCÊ DEVE RETORNAR IMEDIATAMENTE À UNIVERSIDADE DA FORMA MAIS BARATA POSSÍVEL.

E JÁ QUE EU O CONHEÇO, VELHO AMIGO, DEIXE-ME ACRESCENTAR O SEGUINTE: VOCÊ ACREDITA EM LÓGICA. VOCÊ ACHA QUE MESMO OS NOSSOS ESTIMADOS COLEGAS SÃO IMUNES AO PRECONCEITO, OU À POLÍTICA, DIANTE DE FATOS CONCRETOS. É POR ISSO QUE NÃO VÃO PERMITIR QUE VOCÊ CHEGUE NEM A UM QUILOMETRO DE DISTÂNCIA DO COMITÊ DE VERBAS E CONCESSÕES, NÃO IMPORTA QUANTOS MESTRADOS VOCÊ RECEBA.

NOSSAS VERBAS VÊM DO VELHO SANZE. DE FAMÍLIAS TÃO ANTIGAS QUE, EM SEUS ACERVOS, ELAS TÊM LIVROS MAIS ANTIGOS DO QUE TODAS AS UNIVERSIDADES... E ELAS NÃO NOS DEIXAM TOCÁ-LOS. COMO VOCÊ ACHA QUE ESSAS FAMÍLIAS CONSEGUEM SER TÃO ANTIGAS, YAETR? POR QUE SANZE DUROU TANTO TEMPO? NÃO É POR CONTA DO SABER DAS PEDRAS.

VOCÊ NÃO PODE ABORDAR PESSOAS DESSE TIPO E PEDIR QUE FINANCIEM UM PROJETO DE PESQUISA QUE TRANSFORMA OS ROGGAS EM HERÓIS!

SIMPLESMENTE NÃO PODE. ELAS VÃO DESMAIAR E, QUANDO ACORDAREM, VÃO PEDIR QUE ALGUÉM O MATE. VÃO DESTRUIR VOCÊ DA MESMA MANEIRA COMO DESTRUIRIAM QUALQUER AMEAÇA À SUBSISTÊNCIA E AO LEGADO DELAS. SIM, EU SEI QUE NÃO É ISSO QUE VOCÊ ACHA QUE ESTÁ FAZENDO, MAS É.

E, SE ISSO NÃO FOR O SUFICIENTE, EIS UM FATO QUE PODE SER LÓGICO O SUFICIENTE ATÉ MESMO PARA VOCÊ: OS GUARDIÕES ESTÃO COMEÇANDO A FAZER PERGUNTAS. NÃO SEI POR QUÊ. NINGUÉM SABE O QUE IMPELE ESSES MONSTROS. MAS FOI POR ISSO QUE VOTEI JUNTO À MAIORIA DO COMITÊ, MESMO QUE SIGNIFIQUE QUE VOCÊ ME ODIARÁ DE AGORA EM DIANTE. QUERO

VOCÊ VIVO, VELHO AMIGO, NÃO MORTO EM UMA VIELA COM UM PUNHAL DE VIDRO CRAVADO NO CORAÇÃO. SINTO MUITO.

BOA VIAGEM.



## 12

### *Nassun não está sozinha*

Ponto Central é um lugar silencioso.

Nassun se dá conta disso quando o veímulo no qual ela atravessou o planeta chega a sua estação correspondente, do outro lado do mundo. Essa estação se localiza em um dos estranhos edifícios inclinados que circundam o imenso buraco no meio de Ponto Central. Ela grita por ajuda, grita por alguém, grita, quando a porta do veímulo se abre e ela arrasta o corpo mole e sem reação de Schaffa pelos corredores silenciosos e depois pelas ruas silenciosas. Ele é grande e pesado, então, embora tente de várias maneiras usar magia para ajudar a arrastar o peso dele — o que faz muito mal; a magia não é para ser usada para algo tão grosseiro e localizado, e sua concentração é insuficiente no momento —, ela só consegue arrastá-lo por um quarteirão mais ou menos além do complexo antes de cair também, exausta.

• • •

*Algum dia ferrugento, algum ano ferrugento*

*Encontrei esses livros em branco. Eles não são feitos de papel. É algo mais grosso. Não dobra com facilidade. Talvez isso seja bom, caso contrário teria se transformado em pó a essa altura. Vai preservar as minhas palavras pela eternidade! Rá! Vai durar mais que a minha ferrugenta sanidade.*

*Não sei o que escrever. Innon daria risada e me diria para escrever sobre sexo. Então tudo bem: eu bati uma hoje, pela primeira vez desde que A. me arrastou para este lugar. Pensei nele quando estava na metade e não consegui gozar. Talvez eu esteja velho demais? É o que Syen diria. Ela só está brava porque eu ainda sou capaz de engravidá-la.*

*Estou me esquecendo do cheiro do Innon. Tudo tem cheiro de mar aqui, mas não é como o mar de Meov. Águas diferentes? Innon tinha o cheiro da água de lá. Toda vez que o vento sopra, eu perco mais um pouco dele.*

*Ponto Central. Como odeio este lugar.*

• • •

Ponto Central não é exatamente uma ruína. Quer dizer, não está arruinada, e não está desabitada.

Na superfície do mar aberto e infinito, a cidade é uma anomalia com edifícios... não muito altos se comparados a Yumenes, recentemente perdida, ou a Syl Anagist, perdida há mais tempo. Todavia, Ponto Central é singular, tanto entre as culturas do passado como entre as culturas do presente. As estruturas de Ponto Central são solidamente construídas, de metal inoxidável e estranhos polímeros e outros materiais que conseguem resistir aos frequentes ventos que dominam este lado do mundo, carregados de sal e fortes como furacões. As poucas plantas que crescem aqui nos parques construídos há tanto tempo não são mais as coisas adoráveis, exclusivas e próprias de estufas que os construtores de Ponto Central privilegiavam. As árvores de Ponto Central — descendentes híbridas e selvagens do paisagismo original — são coisas enormes e lenhosas contorcidas em formatos artísticos pelo vento. Elas saíram há muito de seus canteiros e envoltórios organizados e agora se retorcem sobre as calçadas de fibra comprimida. Diferente da arquitetura de Syl Anagist, aqui há muito mais ângulos acentuados, destinados a minimizar a resistência dos edifícios ao vento.

Mas há mais coisas na cidade além do que pode ser visto.

Ponto Central fica no cume de um enorme vulcão subterrâneo em escudo, e os primeiros quilômetros do buraco em seu centro na



verdade estão alinhados a um complexo de alojamentos, laboratórios e fábricas esvaziados. Essas construções subterrâneas, originalmente destinadas a abrigar os geomagestres e engenheiros de Ponto Central, há muito foram transformadas para atender a um propósito completamente diferente... porque esse avesso do Ponto Central é Garantia, onde os Guardiões são feitos e onde moram entre as Estações.

Falaremos mais sobre isso depois.

Acima da superfície de Ponto Central, no entanto, é fim de tarde, sob um firmamento cujas nuvens são escassas em meio a um céu surpreendentemente azul e resplandecente. (As Estações que começam na Quietude raramente têm grande impacto no clima neste hemisfério, ou pelo menos não até vários meses ou anos depois.) Como convém a esse dia brilhante, há pessoas nas ruas ao redor de Nassun enquanto ela luta e chora, mas elas não se mexem para ajudar. Em sua maioria, não se mexem para nada... pois são comedores de pedra, com lábios de mármore róseo e cintilantes olhos de mica e tranças entrelaçadas em pirita dourada ou em quartzo claro. Ficam nos degraus de edifícios que não veem pés humanos há dezenas de milhares de anos. Sentam-se nos peitoris de pedra ou de metal cujas janelas começaram a se deformar sob a pressão de um peso incrível aplicado no decorrer de décadas. Uma está sentada com os joelhos dobrados e os braços apoiados neles, recostada em uma árvore cujas raízes cresceram em torno dela; a parte de cima dos seus braços e do seu cabelo está forrada de musgo. Ela observa Nassun, apenas seus olhos se mexendo, com algo que poderia ser interesse.

Todos eles observam, sem fazer nada, enquanto essa criança humana barulhenta e de movimentos rápidos soluça em meio ao vento carregado de sal até ficar exausta e então simplesmente se senta ali, amontoada, com os dedos ainda enroscados no tecido da camisa de Schaffa.

• • •

*Outro dia, mesmo (?) ano*

*Não vou escrever sobre Innon ou Coru. Está proibido de agora em diante.*

Syen, ainda consigo senti-la... não sensor, sentir. Existe um obelisco aqui, acho que é um espinélio. Quando estabeleço uma ~~conexão~~ conexão com ele, é como se eu pudesse sentir qualquer coisa conectada a eles. O ametista está seguindo Syen. Eu me pergunto se ela sabe.

Antimony diz que Syen conseguiu chegar ao continente e está ~~vagu~~ vagando. Será que é por isso que sinto como se estivesse vagando? Ela foi a única coisa que sobrou, mas ela ma... merda.

Este lugar é ridículo. Será que Anniemony estava certa de que é um jeito de acionar o Portão do Obelisco sem o cab de controle? (Ônix. Poderoso demais, não posso arriscar, ativaria o alinhamento rápido demais e aí quem iria fazer a segunda mudança de traje?) Mas os ferrugentos que o construíram colocaram tudo nakele buraco idiota. A. me contou um pouco sobre isso. Grande projeto uma ova. Mas ver é pior ainda. Essa cidade ferrugenta inteira é a cena de um crime. Andei por aí e achei tubos muito grandes seguindo pelo fundo do oceano. ~~em~~ ENORMES, prontos para bombear alguma coisa do buraco até o continente. Magia, diz Antimony, será que eles precisavam mesmo de tanta????? Mais do que o Portão!

Pedi a Tinimony para me levar para dentro do buraco hoje e ela disse não. O que é que tem no buraco, hein? O que é que tem no buraco.

• • •

Quase ao pôr do sol, aparece outro comedor de pedra. Aqui, entre a variedade colorida e elegantemente vestida do seu povo, ele se destaca ainda mais com sua cor cinza e seu peito despido: Aço. Ele fica parado perto de Nassun por vários minutos, talvez esperando que ela alce o olhar e note sua presença, mas ela não o faz. Logo ele diz:

— Os ventos do oceano podem ser frios à noite.

Silêncio. As mãos dela apertam e desapertam a roupa de Schaffa, não exatamente de forma espasmódica. Ela só está cansada. Ela está agarrada a ele desde o centro da Terra.

Após mais algum tempo, conforme o sol se aproxima do horizonte, Aço diz:

— Há um apartamento habitável em um edifício a dois quarteirões daqui. A comida guardada nele ainda deve estar própria para consumo.

— Onde? — pergunta Nassun. Sua voz está rouca. Ela precisa de água. Há um pouco em seu cantil, e um pouco no cantil de Schaffa, mas ela não abriu nenhum dos dois.

Aço muda sua postura, apontando. Nassun ergue a cabeça para acompanhar e vê uma rua estranhamente reta e aparentemente pavimentada em direção ao horizonte. Cansada, ela se levanta, agarra melhor a roupa de Schaffa e começa a arrastá-lo de novo.

• • •

*Quem está no buraco, o que há no buraco, aonde o buraco leva, em que buraco eu me meti?*

*CPs trouxeram comidas melhores hoje porque não como o suficiente. Tão especial, entrega fresssssca do outro lado do mundo. Vou secar as sementes e plantá-las. Vou me lembrar de rasparrrr o tomate que joguei em A.*

*A linguagem do livro parece quase com Sanze-mat. Caracteres semelhantes? Precursores? Algumas palavras eu quase reconheço. Algumas são etúrpico antigo, outras são hladdac, uma antiga dinastia Regwo. Gostaria que Shinash estivesse aqui. Ele gritaria se me visse colocando os pés em livros mais antigos do que o tempo. Sempre tão fácil de provocar. Sinto saudade dele.*

*Sinto saudade de todo mundo, até das pessoas ferrugentas do Fulcro (!). Sinto falta de vozes que saem de bocas ferrugentas. SYENITE conseguia me fazer comer, sua pedra falante. SYENITE ligava minimamente para mim e não só com o fato de que eu poderia consertar este mundo que pouco me importa. SYENITE deveria estar aqui comigo, ~~eu daria qualquer coisa para tê-la aqui comigo~~*

*Não. Ela devia me esquecer e esquecer In Meov. Encontrar algum tolo chato com quem ela queira de fato se deitar. Ter uma vida chata. Ela merece isso.*

• • •

A noite cai durante o tempo que Nassun leva para chegar ao edifício. Aço se reposiciona, aparecendo diante de um prédio

estranho e assimétrico em forma de cunha e cuja extremidade alta está de frente para o vento. O teto inclinado do prédio, a sotavento, está coberto por um emaranhado de vegetação enorme e retorcido. Há bastante terra no telhado, mais do que provavelmente teria se acumulado por conta do vento ao longo dos anos. Parece planejado, embora tenha crescido demais. No entanto, em meio à bagunça, Nassun consegue ver que alguém fez um jardim. Recentemente; as plantas também cresceram demais, com novas plantas surgindo a partir de frutas que caíram e de vinhas negligenciadas que se dividiram, mas, considerando a relativa ausência de ervas daninhas e as fileiras ainda organizadas, esse jardim não pode estar sem cuidados há mais de um ou dois anos. A Estação agora tem quase dois anos de duração.

Mais tarde. A porta do edifício abre sozinha, deslizando para um lado quando Nassun se aproxima. Fecha sozinha também, depois de ela conseguir arrastar Schaffa lá para dentro. Aço entra, apontando para o andar de cima. Ela arrasta Schaffa para o pé da escada e depois se deixa cair ao lado dele, trêmula, cansada demais para continuar pensando ou andando.

O coração de Schaffa ainda está forte, ela pensa, enquanto faz do peito dele travesseiro. Com os olhos fechados, ela quase consegue imaginar que ele a está abraçando em vez de ser ela quem o abraça. É um conforto irrisório, mas suficiente para permitir que ela durma sem sonhos.

• • •

O outro lado do mundo fica  
do outro lado do buraco.

N  
Ã  
O

F  
I  
C  
A  
?



De manhã, Nassun arrasta Schaffa escada acima. Felizmente, o apartamento já é no segundo andar: a porta da escadaria dá direto nele. Tudo lá dentro é estranho aos olhos dela e, no entanto, familiar quanto ao seu propósito. Há um sofá, embora seu encosto fique em uma das extremidades do longo assento em vez de ficar atrás dele. Há cadeiras, uma delas fundida com algum tipo de mesa grande e inclinada. Para desenhar, talvez. A cama, no cômodo anexo, é a coisa mais estranha: uma grande e ampla almofada hemisférica de cores brilhantes sem lençóis nem travesseiros. Entretanto, quando Nassun se deita nela, hesitante, descobre que se aplaina e acolhe seu corpo de um modo que é incrivelmente confortável. É quente também... esquentando debaixo dela até as dores de dormir em uma escadaria fria desaparecerem. Fascinada mesmo sem querer, Nassun examina a cama e fica chocada ao perceber que está *cheia* de magia, que inclusive a cobriu. Fios de prateado vagueiam sobre o seu corpo, determinando seu desconforto ao tocar seus nervos e depois reparando seus hematomas e arranhões; outros fios agitam as partículas da cama até que a fricção as aqueça; outros fios mais vasculham sua pele em busca de descamações secas e partículas de poeira infinitesimais e as limpam. É semelhante ao que ela faz

quando usa o prateado para curar ou cortar coisas, mas, de alguma maneira, automático. Ela não consegue imaginar quem faria uma cama que consegue fazer magia. Não consegue imaginar por quê. Não consegue compreender como alguém poderia ter convencido todo esse prateado a fazer essas coisas boas, mas é isso que está acontecendo. Não é à toa que quem construiu os obeliscos precisava de tanto prateado, se o usavam no lugar de lençóis, banhos de banheira ou deixar o corpo se recuperar com o tempo.

Nassun descobre que Schaffa se sujou. Ter que tirar a roupa dele e limpá-lo usando panos maleáveis que ela encontra no banheiro a deixa envergonhada, mas seria pior deixá-lo cercado pela própria sujeira. Os olhos dele se abriram de novo, embora ele não se mexa enquanto ela trabalha. Eles abriram durante o dia, e fecham de noite, mas, embora Nassun converse com ele (implore para ele acordar, peça para ele ajudá-la, diga que precisa dele), Schaffa não responde.

Ela o coloca na cama, deixando um pouco de pano debaixo do seu traseiro despido. Coloca a água dos cantis aos pingos em sua boca e, quando a água acaba, cautelosamente tenta pegar mais da estranha bomba da cozinha. Não há alavancas nem maçanetas na bomba, mas, quando ela coloca seu cantil debaixo da torneira, sai água. Ela é uma menina diligente. Primeiro, usa o pó que está em sua bolsa de fuga para fazer uma xícara de segura com a água, para verificar se há contaminantes. A segura se dissolve, mas permanece opaca e branca, então ela mesma bebe aquela xícara e leva mais água para Schaffa. Ele bebe prontamente, o que provavelmente significa que estava de fato com sede. Ela lhe dá passas que primeiro deixa de molho na água, e ele mastiga e engole, embora devagar e sem muita energia. Ela não cuidou bem dele.

Vai cuidar melhor, decide, e se dirige para o jardim para pegar comida para os dois.

• • •

*Syenite me disse a data. Seis anos. Já faz seis anos? Não é de admirar que ela esteja tão brava. Ela me falou para pular em um buraco, já que faz tanto tempo. Ela não quer mais me ver. Que*

*coração tão duro. Eu disse para ela que sentia muito. Isso é culpa minha, tudo isso.*

*Culpa minha. Minha Lua. Ativei a chave reserva hoje. (Linhas de visão, linhas de força, três por três por três? Uma estruturação cúbica, como uma boa e pequena treliza de cristal.) A chave abre o Portão. Mas é perigoso trazer tantos obeliscos para Yumenes; há Guardiões por toda parte. Não teria tempo antes de eles me pegarem. Melhor fazer uma chave sobressalente com os orogenes, e quem posso usar? Quem é suficientemente forte? Syen não é; chega perto, mas não o bastante. Innon não é. Coru é, mas não consigo encontrá-lo. De qualquer forma, ele é só um bebê, não está certo. Bebês. Muitos bebês. Os mantenedores das estações de ligação? Os mantenedores das estações de ligação!*

*Não. Eles já sofreram o suficiente. Em vez disso, vou usar os seniores do Fulcro.*

*Ou os mantenedores das estações de ligação.*

*Por que eu deveria fazer isso aqui? Tampa o buraco. Mas fazer isso lá... Pega Yumenes. Pega o Fulcro. Pega um monte de Guardiões.*

*Pare de me encher o saco, mulher. Vai falar para o Innon te foder ou qualquer coisa. Você sempre fica tão mal-humorada quando não transa. Vou pular no buraco amanhã.*

*• • •*

Torna-se uma rotina.

Ela cuida de Schaffa de manhã, depois sai à tarde para explorar a cidade e encontrar coisas de que eles precisam. Não é necessário dar banho em Schaffa, nem limpar os excrementos dele de novo; espantosamente, a cama cuida disso também. Então Nassun pode passar seu tempo falando com ele, e pedindo que ele acorde, e dizendo-lhe que não sabe o que fazer.

Aço desaparece outra vez. Ela não se importa.

Outros comedores de pedra aparecem de tempos em tempos, ou pelo menos ela sente o impacto de suas presenças. Ela dorme no sofá e, certa manhã, acorda e descobre que está coberta por uma manta. É só uma coisa simples e cinza, mas é quente, e ela fica agradecida. Quando começa a cortar uma das linguças para tirar a

gordura com a intenção de fazer sebo (as velas de sua bolsa de fuga estão acabando), ela encontra um comedor de pedra na escada com os dedos curvados, chamando-a com um gesto. Quando ela o segue, ele para ao lado de um painel coberto de símbolos curiosos. O comedor de pedra aponta um em particular. Nassun o toca e ele se inflama com o prateado, resplandecendo com um brilho dourado e enviando fios que viajam sobre sua pele. O comedor de pedra diz algo em uma língua que Nassun não entende antes de sumir, mas, quando ela volta ao apartamento, ele está mais quente e suaves luzes brancas se acenderam no teto. Tocar quadrados na parede faz as luzes se apagarem.

Uma tarde, ela entra no apartamento e encontra um comedor de pedra agachado ao lado de uma pilha de coisas que parecem ter vindo das provisões de uma comu: sacos de juta cheios de raízes leguminosas e cogumelos e frutas secas, uma peça grande de queijo branco azedo, sacos de carne seca misturada com sebo e frutas secas, bolsas de arroz e feijão desidratados, e uma preciosidade: um pequeno barril de sal. O comedor de pedra desaparece quando Nassun se aproxima da pilha, então ela não consegue nem agradecer. Precisa soprar as cinzas de cima de tudo antes de guardar.

Nassun deduz que o apartamento, assim como o jardim, deve ter sido usado até pouco tempo atrás. Os detritos da vida de outra pessoa estão por toda parte: calças grandes demais para ela nas gavetas, uma cueca ao lado delas. (Certo dia, elas são substituídas por roupas que servem em Nassun. Outro comedor de pedra? Ou talvez a magia do apartamento seja ainda mais sofisticada do que ela pensava.) Há livros empilhados em um dos cômodos, muitos dos quais são de Ponto Central — ela está começando a reconhecer a aparência peculiar, organizada e não exatamente natural das coisas do lugar. Alguns, porém, têm uma aparência normal, com capas de couro rachado e páginas que ainda fedem a elementos químicos e tinta de caneta. Alguns dos livros estão em uma língua que ela não consegue ler. Algo costeiro.

Um deles, contudo, é feito do material de Ponto Central, mas suas páginas em branco foram escritas à mão em Sanze-mat. Nassun o abre, senta-se e começa a ler.



• • •

*ENTREI  
NO BURACO  
NÃO*

*não me enterre*

*por favor NÃO, Syen, eu te amo, eu sinto muito, me mantenha a salvo, me proteja que eu te protejo, ninguém é tão forte quanto você, eu gostaria tanto que você estivesse aqui, por favor NÃO*

• • •

Ponto Central é uma cidade em natureza morta.

Nassun começa a perder a noção do tempo. Os comedores de pedra falam com ela ocasionalmente, mas a maioria deles não sabe sua língua, e ela não ouve o suficiente da língua deles para captar alguma coisa. Ela os observa às vezes, e fica fascinada ao perceber que alguns estão realizando tarefas. Observa uma mulher de malaquita verde de pé no meio das árvores agitadas pelo vento e só mais tarde se dá conta de que a mulher está segurando um galho para cima e para um lado para fazê-lo crescer de um modo em particular. Todas as árvores, que parecem agitadas pelo vento e, no entanto, são um pouco exageradas demais, um pouco artísticas demais na forma como se esticam e se curvam, foram modeladas assim. Deve levar anos.

E, perto do limite da cidade, ao pé de uma daquelas coisas estranhas semelhantes a hastes que despontam da água na extremidade daquele lugar (não são bem píeres, apenas pedaços de metal que não fazem sentido), outro comedor de pedra fica todos os dias com uma das mãos erguida. Nassun por acaso está por perto quando o comedor de pedra se transforma em um borrão e segue-se um borrito de água e de repente sua mão erguida segura pelo rabo um peixe enorme, tão grande quanto ele mesmo, e que se mexe. Sua pele de mármore brilha devido à umidade. Nassun não tem que estar em nenhum lugar em especial, então se senta para ver. Depois de algum tempo, um mamífero do oceano (Nassun já leu sobre eles, são criaturas que parecem peixes, mas respiram ar) se aproxima furtivamente da extremidade daquele lugar. Ele tem a pele cinza e formato tubular; há dentes afiados em sua mandíbula, mas

são pequenos. Quando desponta da água, Nassun vê que é muito velho, e algo nos movimentos de busca que faz com a cabeça a faz perceber que ficou cego. Também há antigas cicatrizes em sua testa; alguma coisa causou uma lesão grave na cabeça da criatura. O animal dá uma cutucada no comedor de pedra, que, é claro, não se mexe, e depois mordisca o peixe na mão dele, arrancando pedaços e engolindo-os até o comedor de pedra soltar o rabo. Quando termina, a criatura produz um som complexo e estridente, como... pios? Ou uma risada. Então ela desliza mais para dentro da água e vai embora.

O comedor de pedra bruxuleia e vira-se para Nassun. Curiosa, Nassun se põe de pé para ir até lá falar com ele. Mas, até ela se levantar, ele já sumiu.

Isto é o que ela vem a entender: existe vida aqui entre essas pessoas. Não é a vida que ela conhece, ou uma vida que ela escolheria, mas é vida mesmo assim. Isso a reconforta já que não tem mais Schaffa para lhe dizer que ela é boa e está em segurança. Esse reconforto, e o silêncio, dão-lhe tempo para ficar de luto. Ela não entendia, até este momento, que precisava disso.

• • •

*Eu decidi.*

*É errado. Está tudo errado. Algumas coisas estão tão arruinadas que não podem ser consertadas. Você tem é que acabar de destruí-las, limpar os destroços e começar de novo. Antimony concorda. Alguns dos outros CPs também concordam. Alguns não.*

*Que vão para as ferrugens estes aí. Eles liquidaram a minha vida para que eu me tornasse a arma deles, então é isso que vou ser. Minha escolha. Meu mandamento. Faremos em Yumenes. Um mandamento é gravado em pedra.*

*Perguntei por Syen hoje. Não sei por que ainda me importo. Mas Antimony a tem vigiado (por mim?). Syenite está morando numa merda de comu pequena nas Latmedianas do Sul, eu esqueço o nome, fazendo-se de professora de creche. Bancando a quieta felizinha. Casada com dois novos filhos. Quem diria. Não sei ao certo a filha, mas o filho está atraindo o água-marinha.*

*Incrível. Não é de admirar que o Fulcro nos tenha feito procriar. E nós realmente fizemos uma criança linda apesar de tudo, não fizemos? Meu menino.*

*Não vou deixar que eles encontrem o seu menino, Syen. Não vou deixar que o levem, e queimem o cérebro dele, e o coloquem na cadeira de arame. Também não vou deixar que encontrem a sua menina, se ela for uma de nós, ou mesmo que ela tenha potencial para ser Guardiã. Não vai restar nada do Fulcro quando eu terminar. O que se seguirá não será bom, mas será ruim para todos: ricos e pobres, equatoriais e sem-comu, sanzeds e árticos, agora todos saberão. Todas as estações são uma Estação para nós. O apocalipse nunca acaba. Eles poderiam ter escolhido um tipo diferente de igualdade. Todos nós poderíamos ter ficado seguros e confortáveis juntos, sobrevivendo juntos, mas eles não queriam isso. Agora ninguém vai ficar a salvo. Talvez seja o necessário para eles finalmente perceberem que as coisas têm que mudar.*

*Aí vou desativá-lo e colocar a Lua de volta. (Não deve me transformar em pedra, o primeiro ajuste da trajetória. ~~A menos que eu subestime~~ Não deve.) Pelas ferrugens, é a única coisa pra que sirvo mesmo.*

*Depois disso... vai depender de você, Syen. Tornar as coisas melhores. Sei que te falei que não era possível, que não existia uma maneira de tornar o mundo melhor, mas eu estava errado. Vou parti-lo porque eu estava errado. Começar de novo, você estava certa, mudá-lo. Torná-lo melhor para os filhos que você ainda tem. Criar um mundo onde Corundum poderia ter sido feliz. Criar um mundo onde pessoas como nós, você e eu e Innon e o nosso doce menino, nosso lindo menino, poderíamos permanecer inteiros.*

*Antimony diz que talvez eu consiga ver esse mundo. Isso nós veremos. Pelas ferrugens. Estou procrastinando. Ela está esperando. Volto para Yumenes hoje.*

*Por você, Innon. Por você, Coru. Por você, Syen.*

*• • •*

*À noite, Nassun consegue ver a Lua.*

*Foi aterrorizante na primeira noite em que ela olhou para fora, notou uma estranha brancura pálida delineando as ruas e as*

árvores da cidade e depois ergueu os olhos e viu uma grande esfera branca no céu. Para ela, a esfera é enorme; maior que o sol, muito maior do que as estrelas, seguida por um ligeiro rastro de luminescência que ela não sabe tratar-se da gaseificação do gelo que aderira à superfície lunar no decorrer de seu trajeto. A coloração *branca* é a verdadeira surpresa. Ela sabe muito pouco sobre a Lua, só o que Schaffa lhe contou. É um satélite, ele disse, a filha perdida do Pai Terra, uma coisa cuja luz reflete o sol. Levando esse fato em consideração, ela esperava que fosse amarela. Incomoda-a ter estado tão errada.

Incomoda-a mais ainda o fato de que há um *buraco* naquela coisa, quase exatamente no centro: uma grande escuridão profunda como o pontinho da pupila de um olho. É pequeno demais para ter certeza por enquanto, mas Nassun acha que, talvez, se ela olhar por tempo suficiente, verá estrelas do outro lado através desse buraco.

De certo modo, faz sentido. O que quer que tenha acontecido eras atrás para causar a perda da Lua certamente foi catastrófico em múltiplos níveis. Se a Terra sofreu a Estação do Estilhaçamento, então o fato de que a Lua também tem cicatrizes parece normal e correto. Com o polegar, Nassun esfrega a palma da mão, onde a mãe quebrou seus ossos uma vida atrás.

E, no entanto, quando fica no jardim do telhado e olha por tempo suficiente, ela começa a achar a Lua bonita. É um olho branco-gelo, e ela não tem motivos para pensar mal de olhos assim. Como o prateado quando rodopia e forma uma espiral dentro de algo semelhante a uma concha de caracol. Isso a faz pensar em Schaffa — que ele está cuidando dela à sua própria maneira — e a faz sentir-se menos sozinha.

Com o tempo, Nassun descobre que pode usar os obeliscos para ter uma noção da Lua. O safira está do outro lado do mundo, mas há outros aqui acima do oceano, atraídos mais para perto em resposta ao seu chamado, e ela vem explorando e domando cada um deles à sua vez. Os obeliscos a ajudam a sentir (não sensar) que a Lua em breve estará no ponto mais próximo. Se ela a deixar seguir, a Lua vai passar e começar a diminuir rapidamente até desaparecer do céu. Ou ela pode abrir o Portão, puxá-la e mudar

tudo. A crueldade do status quo ou o conforto do esquecimento. A escolha parece clara para ela... exceto por uma coisa.

Uma noite, enquanto Nassun contempla sentada a grande esfera branca, ela diz em voz alta:

— Foi de propósito, não foi? Você não ter me contado o que aconteceria com Schaffa. Para poder se livrar dele.

A montanha que esteve por perto se mexe ligeiramente, posicionando-se atrás dela.

— Eu tentei alertá-la.

Ela se vira para olhar para ele. Ao ver a expressão dela, ele solta uma leve risada, que soa autodepreciativa. Mas a risada para quando ela diz:

— Se ele morrer, vou te odiar mais do que odeio o mundo.

É uma guerra de desgaste, ela começa a perceber, e ela vai perder. Nas semanas (?) ou meses (?) desde que chegaram a Ponto Central, o estado de Schaffa se deteriorou visivelmente, sua pele desenvolvendo um tom pálido feio, seu cabelo quebradiço e opaco. As pessoas não foram feitas para ficarem deitadas sem se mexer, piscando, mas não pensando, durante semanas a fio. Ela teve que cortar o cabelo dele mais cedo. A cama limpa a sujeira do cabelo, mas ele ficou oleoso e, nos últimos tempos, está sempre embaraçando; no dia anterior, parte dele deve ter enroscado no braço de Schaffa enquanto ela se esforçava para colocá-lo de barriga para cima, cortando a circulação dele de uma maneira que ela não notou. (Ela o cobriu com um lençol, embora a cama seja quente e não seja necessário. Incomoda-a o fato de ele estar sem roupa e sem dignidade.) Esta manhã, quando ela por fim percebeu o problema, o braço estava pálido e um pouco cinzento. Ela soltou o braço, friccionou-o na esperança de trazer a cor de volta, mas a situação não parece boa. Ela não sabe o que vai fazer se realmente houver algo errado com o braço dele. Ela pode perdê-lo inteiro desse modo, devagar mas indubitavelmente, pequenos pedaços dele morrendo porque ela tinha só quase nove anos quando essa Estação começou e agora tem só quase onze e cuidar de inválidos não foi algo que lhe ensinaram na creche.

— Se ele sobreviver — responde Aço em sua voz inexpressiva —, nunca mais viverá um momento sem agonia. — Ele faz uma

pausa, os olhos cinzentos fixos no rosto dela, ao passo que Nassun reverbera as palavras dele, juntas à própria negação e ao próprio pavor de que Aço esteja certo.

Nassun se põe de pé.

— Eu p-preciso saber como consertá-lo.

— Não é possível.

Ela cerra os punhos. Pela primeira vez no que parecem séculos, parte dela se projeta nos estratos à sua volta. No caso, isso é o vulcão em escudo debaixo de Ponto Central... mas quando ela o “toca” orogenicamente, descobre, com alguma surpresa, que ele está *ancorado* de algum modo. Isso a distrai por um momento, uma vez que ela tem que alterar sua percepção para o prateado... e ali encontra sólidos e cintilantes pilares de magia cravados nos alicerces do vulcão, fixando-o no lugar. Ele ainda está ativo, mas nunca vai entrar em erupção devido àqueles pilares. É tão estável quanto um leito de rocha, apesar daquele buraco no centro descendo até o coração da Terra.

Ela deixa esse fato de lado como algo irrelevante e por fim expressa em voz alta um pensamento que vem se formando em sua mente ao longo de todos esses dias em que morou nessa cidade de pessoas de pedra.

— Se... se eu o transformar em um comedor de pedra, ele vai sobreviver. E não sentirá dor. Certo? — Aço não responde. No silêncio que se prolonga, Nassun morde o lábio. — Então você precisa me dizer como... como torná-lo como você. Aposto que consigo fazer isso se usar o Portão. Posso fazer qualquer coisa com o Portão. Exceto...

Exceto. O Portão do Obelisco não faz coisas pequenas. Da mesma forma como Nassun sente, sensa, *sabe* que o Portão a torna temporariamente onipotente, ela também sabe que não pode usá-lo para transformar apenas um homem. Se ela transformar Schaffa em um comedor de pedra... todos os seres humanos do planeta se modificarão da mesma maneira. Cada comu, cada bando de sem-comu, cada andarilho faminto: dez mil cidades de natureza morta, em vez de uma só. O mundo inteiro será como Ponto Central.

Mas será que isso é uma coisa tão terrível assim? Se todos forem comedores de pedra, não haverá mais orogenes e quietos. Sem mais crianças para morrer, sem mais pais para assassiná-las. As Estações poderiam ir e vir, e não teriam importância. Ninguém nunca mais morreria de fome. Tornar o mundo todo pacífico como Ponto Central... não seria bondade?

O rosto de Aço, que estava erguido em direção à Lua até mesmo enquanto seus olhos a observavam, agora gira lentamente para encará-la. É sempre perturbador vê-lo se mexer devagar.

— Você sabe qual é a sensação de viver para sempre?

Nassun pisca, desconcertada. Ela estava esperando uma briga.

— O quê?

O luar transformou Aço em uma coisa de sombras gritantes, preto e branco contra a penumbra do jardim.

— Eu perguntei — ele diz, e sua voz é quase agradável — se você sabe qual é a sensação de viver para sempre. Como eu. Como o seu Schaffa. Você tem ideia de quantos anos ele tem? Você *se importa*?

— Eu... — Prestes a dizer que sabe, Nassun hesita. Não. Essa é uma coisa que ela nunca levou em consideração. — Eu... eu não...

— Eu calcularia — continua Aço — que os Guardiões duram habitualmente três ou quatro mil anos. Você consegue imaginar essa quantidade de tempo? Pense nos últimos dois anos. A sua vida desde o começo da Estação. Imagine outro ano. Você consegue fazer isso, não consegue? Cada dia aqui em Ponto Central parece um ano, ou pelo menos é o que a sua espécie me diz. Agora coloque esses três anos juntos e imagine-os *vezes mil*. — A ênfase que ele coloca nessas palavras é nítida e enunciada com precisão. Mesmo sem querer, Nassun se sobressalta.

Mas também mesmo sem querer... ela pensa. Nassun se sente velha, na idade cansada do mundo de quase onze anos. Tanta coisa aconteceu desde o dia em que chegou em casa e encontrou seu irmãozinho morto no chão. Ela é uma pessoa diferente agora, quase não é mais Nassun; às vezes, ela fica surpresa ao perceber que “Nassun” ainda é o seu nome. Quantas outras diferenças ela apresentará em três anos? Dez? Vinte?

Aço faz uma pausa até ver uma mudança na expressão dela... alguma evidência, talvez, de que ela esteja ouvindo-o. Depois ele diz:

— Porém, tenho motivos para acreditar que o seu Schaffa é muito, muito mais velho do que a maioria dos Guardiões. Ele não chega a ser da primeira geração; todos esses morreram já faz muito tempo. Não seria possível. Mas ainda assim ele é um dos primeiros. As línguas, sabe, é assim que sempre dá para saber. Eles nunca chegam a perdê-las, mesmo depois de esquecerem os nomes que receberam ao nascer.

Nassun se lembra de como Schaffa sabia a língua do veículo que cruza a terra. É estranho pensar que ele nasceu quando aquela língua ainda era falada. Isso significa que ele... ela nem consegue imaginar. O Velho Sanze teoricamente tem sete Estações de idade, oito se se contar a Estação atual. Quase três mil anos. O ciclo de retorno e recuo da Lua é muito mais velho do que isso, e Schaffa se lembra disso também, então... sim. Ele é muito, muito velho. Ela franze a testa.

— É difícil encontrar um deles que realmente consiga ir tão longe — continua Aço. Sem tom é casual, coloquial; ele poderia estar falando sobre os antigos vizinhos de Nassun em Jekity. — O núcleo pétreo lhes causa tanta dor, sabe. Eles ficam cansados, depois se tornam descuidados, e então a Terra começa a contaminá-los, consumindo sua vontade. Eles não costumam durar muito depois que esse processo começa. A Terra os usa, ou seus colegas Guardiões os usam, até que acabe a sua utilidade e um lado ou outro os matem. É uma prova da força do seu Schaffa o fato de ele ter vivido muito mais. Ou a prova de alguma outra coisa, talvez. O que mata o resto, sabe, é perder as coisas que as pessoas comuns precisam para serem felizes. Imagine como é isso, Nassun. Ver todos com quem você se preocupa e que você ama morrerem. Ver o seu lar morrer e ter que encontrar um novo lar... de novo e de novo e de novo. Imagine nunca se atrever a se aproximar de outra pessoa. Nunca ter amigos, porque você vai viver mais do que eles. Você se sente sozinha, pequena Nassun?

Ela esqueceu a raiva.

— Sim — ela admite antes que possa pensar em não fazer isso.



— Imagine sentir-se solitária para sempre. — Há um sorriso muito ligeiro nos lábios dele, ela vê. O sorriso esteve ali o tempo todo. — Imagine morar aqui em Ponto Central para sempre, sem ninguém para conversar além de mim... quando eu me der o trabalho de responder. Qual você acha que vai ser a sensação, Nassun?

— Horrível — ela responde. Em voz baixa agora.

— É. Então, eis aqui a minha teoria: acredito que o seu Schaffa tenha sobrevivido por amar aqueles que estavam sob seus cuidados. Você, e outros como você, aliviaram a solidão dele. Ele realmente ama você, nunca duvide disso. — Nassun engole uma pontada fraca de dor. — Mas ele também precisa de você. Você o mantém feliz. Você o mantém *humano*; caso contrário, o tempo o teria transformado há muito em outra coisa.

Em seguida, Aço se mexe outra vez. É inumano por conta da estabilidade, Nassun enfim se dá conta. As pessoas são rápidas nos grandes movimentos, mas mais lentas para ajustes delicados. Aço faz tudo no mesmo ritmo. Vê-lo se mexer é como ver uma estátua derreter. Mas então ele fica de braços estendidos, como se dissesse: “Olhe para mim”.

— Eu tenho quarenta mil anos — diz Aço. — Arredondando alguns milênios a mais ou a menos.

Nassun olha fixamente para ele. As palavras são como os balbucios que o veímulo dizia... quase compreensível, mas na verdade não. Irreal.

Mas qual é a sensação?

— Você vai morrer quando abrir o Portão — diz Aço depois de dar um tempo para Nassun assimilar o que ele disse. — Ou, se não morrer nesse momento, vai morrer algum tempo depois. Algumas décadas, alguns minutos, é tudo a mesma coisa. E, o que quer que faça, Schaffa vai perder você. Ele vai perder a única coisa que o manteve humano enquanto a Terra se esforçava para devorar a vontade dele. Ele também não vai encontrar ninguém mais para amar... não aqui. E não será capaz de voltar à Quietude a menos que esteja disposto a correr o risco de passar pela rota das Profundezas da Terra de novo. Então, quer ele fique curado de algum modo, quer você o transforme em um da minha espécie, ele

não terá escolha a não ser seguir em frente, sozinho, ansiando eternamente pelo que jamais terá outra vez. — Devagar, Aço abaixa os braços. — Você não faz ideia de como é isso.

E então, de repente, surpreendentemente, ele está bem diante de Nassun. Sem borrão, sem aviso, apenas um piscar de olhos e ele está *ali*, inclinando-se à altura da cintura para colocar o rosto bem diante do dela, tão perto que ela sente a corrente de ar que ele deslocou e o cheiro de argila e consegue até mesmo ver que as íris dos olhos dele têm estrias de tom cinza.

— **MAS EU TENHO** — ele grita.

Nassun tropeça ao dar um passo para trás e grita. Entre uma piscada e outra, no entanto, Aço volta à sua posição anterior, ereto, braços ao lado do corpo, um sorriso no rosto.

— Então pense com cuidado — diz Aço. Sua voz volta a ter um tom coloquial, como se nada houvesse acontecido. — Pense com algo mais do que o egoísmo de uma criança, pequena Nassun. E pergunte a si própria: mesmo que eu pudesse ajudá-la a salvar aquele saco de merda controlador e sádico que atualmente se passa por sua figura paterna adotiva, por que eu faria isso? Nem mesmo o meu inimigo merece esse destino. Ninguém merece.

Nassun ainda está tremendo.

— Tal-talvez Schaffa queira viver — ela responde corajosamente, num impulso.

— Talvez. Mas será que ele *deveria*? Será que alguém deveria, para sempre? Essa é a questão.

Ela sente a ausência do peso de incontáveis anos, e fica indiretamente envergonhada de ser uma criança. Mas, em seu âmago, ainda é uma criança gentil, e é impossível para ela ouvir a história de Aço sem sentir outra coisa além da habitual raiva que tem dele. Ela desvia o olhar, trêmula.

— Eu... sinto muito.

— Eu também. — Segue-se um momento de silêncio. Durante esse tempo, Nassun se recompõe aos poucos. Quando ela se concentra nele outra vez, o sorriso de Aço já desapareceu.

— Não posso detê-la quando você já tiver aberto o Portão — ele diz. — Eu manipulei você, sim, mas a escolha, no final das contas, ainda é sua. No entanto, reflita. Até o Pai Terra morrer, eu vivo,

Nassun. Essa foi a punição dele para nós: nós nos tornamos parte dele, nossos destinos acorrentados. A Terra não se esquece nem daqueles que cravaram uma faca em suas costas... nem daqueles que colocaram a faca em nossas mãos.

Nassun pisca ao ouvir “nossas”. Mas perde esse pensamento em meio à tristeza de perceber que é impossível consertar Schaffa. Até agora, parte dela nutriu a esperança irracional de que Aço, como adulto, tinha todas as respostas, inclusive algum tipo de cura. Agora ela sabe que sua esperança foi uma tolice. Uma infantilidade. Ela é uma criança. E agora o único adulto em quem já foi capaz de confiar vai morrer nu e machucado e indefeso, sem jamais poder se despedir.

É demais para suportar. Ela se agacha, abraçando os joelhos com um dos braços e cobrindo a cabeça com o outro de modo que Aço não a *veja* chorar, mesmo que ele saiba que é exatamente isso o que está acontecendo.

Ele ri baixinho ao ver isso. Surpreendentemente, a risada não parece cruel.

— Você não atinge nada deixando qualquer um de nós vivo — ele diz — a não ser crueldade. Tire os monstros destroçados que somos do nosso tormento, Nassun. A Terra, Schaffa, eu, você... todos nós.

Depois ele desaparece, deixando Nassun sozinha sob a branca Lua nascente.



## Syl Anagist: Zero

Um momento no presente, antes que eu fale outra vez sobre o passado.

Em meio às sombras quentes e fumegantes e à pressão insuportável de um lugar que não tem nome, abro os olhos. Não estou mais sozinho.

Da pedra sai outro de minha espécie. Seu rosto é anguloso, frio, tão aristocrático e elegante quanto o rosto de qualquer estátua deveria ser. Ela mudou o resto, mas manteve a palidez de sua cor original; enfim me dou conta disso, após dezenas de milhares de anos. Todas essas recordações me deixaram nostálgico.

Como símbolo disso, digo em voz alta:

— Gaewha.

Ela se mexe ligeiramente, chegando tão próximo quanto qualquer um de nós chega de uma expressão de... reconhecimento? Surpresa? Nós fomos irmãos um dia. Amigos. Desde então, rivais, inimigos, estranhos, lendas. Ultimamente, aliados cautelosos. Vejo-me contemplando parte do que fomos, mas não o todo. Eu me esqueci do todo, assim como ela.

— Esse era o meu nome? — pergunta ela.

— Quase isso.

— Hum. E você era...?

— Houwha.

— Ah. Claro.

— Você prefere Antimony?

Outro movimento ligeiro, o equivalente a dar de ombros.

— Não tenho preferência.

Eu penso “nem eu”, mas é mentira. Eu jamais teria dado a você meu novo nome, Hoa, se não em homenagem ao que me lembro daquele nome antigo. Mas estou divagando.

— Ela está empenhada na mudança — digo.

Gaewha, Antimony, quem quer e o que quer que ela seja agora, responde:

— Eu percebi. — Ela faz uma pausa. — Você se arrepende do que fez?

É uma pergunta boba. Todos nós nos arrependemos daquele dia de diferentes maneiras e por diferentes razões. Mas eu respondo:

— Não.

Espero um comentário em resposta, mas acho que realmente não há mais nada a ser dito. Ela produz ruídos mínimos, acomodando-se à rocha. Ficando à vontade. Ela pretende esperar aqui comigo. Estou feliz. Algumas coisas são mais fáceis quando não as enfrentamos sozinhos.

• • •

Há coisas que Alabaster nunca lhe contou sobre si mesmo.

Sei dessas coisas porque o estudei; ele faz parte de você, afinal. Mas nem todo professor precisa que cada protegido conheça todos os seus tropeços durante a jornada até a maestria. Qual seria o objetivo? Nenhum de nós chegou aqui do dia para a noite. Existem estágios no processo de ser traído pela sua sociedade. Uma pessoa é tirada de sua posição de complacência pela descoberta da diferença, pela hipocrisia, por maus tratos inexplicáveis ou incoerentes. O que se segue é um período de confusão... de desaprender o que se pensava ser a verdade. Mergulhar na nova verdade. E depois é preciso tomar uma decisão.

Alguns aceitam seu destino. Engolem o orgulho, esquecem a verdade real, abraçam a falsidade com tudo o que têm a oferecer... porque, eles concluem, o que eles podem oferecer não é muito. Se uma sociedade inteira se dedicou à sua subjugação, afinal, então eles certamente a merecem? Mesmo que não mereçam, contra-

atacar é doloroso demais, impossível demais. Pelo menos desse jeito existe algum tipo de paz. Por um momento fugaz.

A alternativa é exigir o impossível. Não é certo, eles murmuram, choram, gritam; o que fizeram com eles não é certo. Eles *não* são inferiores. Eles não merecem isso. E então é a sociedade que precisa mudar. Também pode haver paz dessa maneira, mas não sem haver conflito antes.

Ninguém alcança esse ponto sem um ou dois passos em falso.

Quando Alabaster era jovem, ele amava com facilidade e de forma casual. Ah, ele sentia raiva, mesmo naquela época, claro que sentia. Até crianças percebem quando não são tratadas de forma justa. Contudo, ele escolhera cooperar, por ora.

Ele conheceu um homem, um acadêmico, durante uma missão que o Fulcro lhe designara. O interesse de Alabaster era libidinoso: o acadêmico era bem bonito, e encantadoramente tímido em resposta aos flertes dele. Se o acadêmico não houvesse se ocupado de escavar o que descobriram ser um esconderijo de antigo saber, não haveria mais nada para contar. Alabaster o teria amado e o teria deixado, talvez com remorso, mais provavelmente sem ressentimentos.

Em vez disso, o acadêmico mostrou a Alabaster suas descobertas. Originalmente, havia mais do que apenas três tábuas de saber das pedras, Alabaster contou a você. Além disso, a atual Tábua Três foi reescrita por Sanze. Na verdade, ela foi reescrita *de novo* por Sanze; ela fora reescrita várias vezes antes dessa. A Tábua Três original falava de Syl Anagist, sabe, e de como a Lua foi perdida. Por muitos motivos, esse conhecimento foi considerado inaceitável repetidas vezes ao longo dos milênios. Ninguém quer mesmo encarar o fato de que o mundo é o que é porque um povo arrogante e egocêntrico tentou pôr uma coleira no ferrugento do planeta. E ninguém estava pronto para aceitar que a solução dessa confusão toda era simplesmente deixar os orogenes viverem e crescerem e fazerem o que nasceram para fazer.

Para Alabaster, o conhecimento do esconderijo do saber das pedras foi avassalador. Ele fugiu. Foi demais para ele saber que tudo isso acontecera antes. Que ele era descendente de um povo abusado, que os antepassados desse povo também foram, por sua

vez, abusados, que *o mundo como ele o conhecia não podia funcionar sem forçar alguém à servidão*. Naquela época, ele não conseguia ver um fim para aquele ciclo, nenhuma forma de exigir o impossível da sociedade. Então ele se afastou e fugiu.

A Guardiã dele o encontrou, claro, a três distritantes de distância de onde ele deveria estar e sem ter a menor noção de para onde estava indo. Em vez de quebrar a mão dele (eles usam técnicas diferentes com orogenes de muitos anéis como Alabaster), a Guardiã Leshet o levou a uma taverna e pagou-lhe uma bebida. Ele chorou enquanto bebia vinho e confessou a ela que não conseguia suportar muito mais do mundo como ele era. Ele tentou se submeter, tentou aceitar as mentiras, mas *não era certo*.

Leshet o acalmou e o levou de volta ao Fulcro e, por um ano, deram tempo para Alabaster se recuperar. Para aceitar novamente as regras e o papel que foram criados para ele. Ele esteve contente durante esse ano, creio eu; em todo caso, Antimony acredita que sim, e ela é quem o conhecia melhor nessa época. Ele se acalmou, fez o que era esperado dele, fez três filhos e até se ofereceu para ser instrutor para os orogenes juniores com mais anéis. Ele nunca teve a chance de realizar essa última atividade, no entanto, porque os Guardiões já haviam decidido que Alabaster não poderia ficar sem punição por ter fugido. Quando ele conheceu um dez anéis mais velho chamado Hessionite e se apaixonou por ele...

Eu já lhe disse que eles usam métodos diferentes com orogenes de muitos anéis.

Eu também fugi um dia. De certo modo.

• • •

É o dia seguinte ao nosso retorno da missão de afinação de Kelenli, e eu estou diferente. Olho pela janela de nemátodo para o jardim de luz roxa e ele não me parece mais bonito. O piscar das flores-estrelas brancas me permite saber que algum genegenheiro as fez, atando-as à rede de energia da cidade de maneira que pudessem receber um pouco de magia. De que outra forma conseguiriam aquele efeito bruxuleante? Vejo os adornos feitos de vinhas nos edifícios ao redor e sei que, em algum lugar, um biomagestre está tabulando quantos lamotires de magia podem ser coletados a partir

de tal beleza. A vida é sagrada em Syl Anagist... sagrada e lucrativa e útil.

Então estou pensando nisso, e estou de mau humor, quando um dos condutores juniores entra. Condutora Stahnyn é o seu nome e, normalmente, eu gosto dela. Ela é jovem o bastante para não ter adquirido ainda os piores hábitos dos condutores mais experientes. E agora, quando me viro para encará-la com os olhos que Kelenli abriu, noto algo novo nela. Uma aspereza nos seus traços, a pequenez de sua boca. Sim, é muito mais sutil do que os olhos branco-gelo do condutor Gallat, mas eis aqui outra sylanagistina cujos ancestrais claramente não entendiam o objetivo do genocídio.

— Como está se sentindo hoje, Houwha? — ela pergunta, sorrindo e olhando para o bloco de anotações ao entrar. — Disposto a fazer um exame médico?

— Estou disposto a fazer uma caminhada — eu digo. — Vamos para o jardim.

Stahnyn se sobressalta, piscando para mim.

— Houwha, você sabe que isso não é possível.

Eles mantêm uma segurança tão frouxa sobre nós, eu percebi. Sensores para monitorar os nossos sinais vitais, câmeras para monitorar os nossos movimentos, microfones para gravar os nossos sons. Alguns dos sensores monitoram nosso uso de magia... e nenhum deles, nem mesmo um, consegue medir ao menos um décimo do que realmente fazemos. Eu me sentiria insultado se não houvessem me mostrado como é importante para eles que nós sejamos inferiores. Criaturas inferiores não precisam de um monitoramento melhor, não é? As criações da magestria sylanagistina não podem ter habilidades que a ultrapassem. Impensável! Ridículo! Não seja tolo.

Tudo bem, *estou* me sentindo insultado. E não tenho mais paciência para a condescendência educada de Stahnyn.

Então encontro as linhas de magia que se dirigem às câmeras e as entrelaço com as linhas de magia que se dirigem aos seus próprios cristais de armazenamento, então as amarro. Agora, as câmeras vão mostrar só a gravação que fizeram nas últimas horas... que consiste, em grande parte, em imagens minhas olhando pela janela, carrancudo. Faço a mesma coisa com o



equipamento de áudio, tomando o cuidado de apagar a última conversa entre eu e Stahnyn. Faço tudo isso com menos de um piscar da minha vontade porque fui projetado para afetar máquinas do tamanho de arranha-céus; câmeras não são nada para mim. Uso mais magia para me conectar com os outros para contar uma piada.

Os outros, porém, sentem o que estou fazendo. Bimniwha sente um pouco do meu humor e imediatamente alerta os demais... porque normalmente eu sou o bonzinho. Era eu quem, até pouco tempo, acreditava na Geocanidade. Em geral, Remwha é o rancoroso. Mas, neste exato momento, Remwha está friamente calado, digerindo o que descobrimos. Gaewha está calada também, em desespero, tentando imaginar como exigir o impossível. Dushwha está se abraçando em busca de conforto e Salewha está dormindo demais. O alerta de Bimniwha cai em ouvidos cansados, absorvidos, e é ignorado.

Enquanto isso, o sorriso de Stahnyn começou a vacilar, já que ela percebe agora que estou falando sério. Ela muda de postura, colocando as mãos no quadril.

— Houwha, isto não é engraçado. Entendo que vocês tiveram a chance de sair outro dia...

Refleti sobre a melhor maneira de fazê-la se calar.

— O condutor Gallat sabe que você o acha atraente?

Stahnyn fica paralisada, arregalando os olhos. Olhos castanhos, no caso dela, mas ela gosta de branco-gelo. Eu vi como ela olha para Gallat, embora nunca tenha dado muita importância. Na verdade, não dou importância agora. Mas imagino que achar olhos niess atraentes seja tabu em Syl Anagist, e nem Gallat nem Stahnyn podem dar-se o luxo de serem acusados dessa perversão em particular. Gallat demitiria Stahnyn ao ouvir o primeiro rumor sobre isso... mesmo que o rumor viesse de mim.

Caminho até ela. Ela se afasta um pouco, franzindo o cenho diante da minha audácia. Não nos impomos; nós, construtos. Nós, ferramentas. Meu comportamento é anômalo de um modo que ela deveria denunciar, mas não foi isso que a deixou tão preocupada.

— Ninguém me ouviu dizer isso — eu digo a ela muito delicadamente. — Ninguém pode ver o que está acontecendo nesta sala neste exato momento. Relaxe.

Seu lábio inferior treme só um pouquinho antes de ela falar. Eu me sinto mal, só um pouquinho, por tê-la deixado tão perturbada.

— Você não pode ir longe. T-tem uma deficiência de vitamina... Você e os outros foram feitos assim. Sem comida especial, a comida que servimos a vocês, morrerão em apenas alguns dias.

Só agora me ocorre que Stahnyn pensa que pretendo fugir.

Só agora me ocorre *fugir*.

O que a condutora me disse não é uma barreira intransponível. É bastante fácil roubar comida para levar comigo, embora eu fosse morrer quando a comida acabasse. Minha vida seria curta independentemente. Mas o que me preocupa de verdade é que não tenho aonde ir. O mundo inteiro é Syl Anagist.

— O jardim — eu repito finalmente. Essa será a minha grande aventura, a minha fuga. Considero a possibilidade de rir, mas o hábito de parecer não ter emoções me impede de fazê-lo. Na verdade, não quero ir a lugar algum, para ser sincero. Só quero sentir que tenho algum controle sobre a minha vida, mesmo que por alguns instantes. — Quero ver o jardim por cinco minutos. É só.

Stahnyn muda o apoio de um pé para o outro, visivelmente infeliz.

— Eu poderia perder meu posto por causa disso, principalmente se algum dos condutores seniores vir. Eu poderia ser *presa*.

— Talvez eles lhe deem uma boa janela com vista para um jardim — eu sugiro. Ela estremece.

E então, porque a deixei sem escolha, ela me conduz para fora da minha cela e para o andar de baixo e para fora.

O jardim de flores púrpuras parece estranho a partir deste ângulo, eu descubro, e é uma coisa completamente diferente cheirar as flores-estrelas de perto. Elas têm um cheiro estranho... estranhamente doce, quase açucarado, com um toque de fermentação por baixo, onde algumas das flores mais velhas murcharam ou foram esmagadas. Stahnyn está irrequieta, olhando demais ao redor, enquanto eu passeio devagar, desejando não precisar dela ao meu lado. Mas é um fato: não posso simplesmente perambular pela área do complexo sozinho. Se guardas ou serventes ou outros condutores nos virem, pensarão que Stahnyn está em missão oficial, e não me interrogarão... se ela parar quieta.

Mas então eu paro abruptamente atrás de uma melodiosa árvore-aranha. Stahnyn para também, franzindo a testa e claramente se perguntando o que está acontecendo... e aí ela também vê o que eu vi e fica paralisada.

Mais adiante, Kelenli saiu do complexo e se postou entre dois arbustos encaracolados, sob um arco de rosas brancas. O condutor Gallat a seguiu até o lado de fora. Ela está de braços cruzados. Ele está atrás dela, gritando às suas costas. Não estamos perto o suficiente para ouvir o que ele está falando, embora seu tom irritado seja incontestável. Seus corpos, porém, contam uma história tão clara quanto os estratos.

— Ah, não — sussurra Stahnyn. — Não, não, não. Nós devíamos...

— Não — eu murmuro. Eu quis dizer *não se mexa*, mas, de qualquer maneira, ela se aquieta, então pelo menos consegui passar a mensagem.

E então ficamos ali, vendo Kelenli e Gallat brigarem. Não consigo ouvir nem um pouco da voz dela, e me ocorre que ela *não pode* erguer a voz para ele: não é seguro. Mas, quando ele a agarra e a puxa para fazê-la ficar de frente para ele, ela automaticamente põe uma das mãos sobre a barriga. A mão na barriga é uma coisa rápida. Gallat a solta na mesma hora, aparentemente surpreso com a reação dela e com a própria violência, e ela coloca de novo a mão ao lado do corpo com um movimento suave. Acho que ele não percebeu. Eles voltam a discutir e, desta vez, Gallat faz um gesto largo com as mãos, como que oferecendo algo. Existe súplica na postura dele, mas percebo como suas costas estão tensas. Ele implora... mas acha que não deveria implorar. Dá para ver que, quando a súplica falhar, ele vai recorrer a outras táticas.

Fecho os olhos, sofrendo ao passo que finalmente, finalmente entendo. Kelenli é uma de nós de todas as formas que importam, e sempre foi.

Aos poucos, porém, ela se endireita. Abaixa a cabeça, finge uma rendição relutante, diz alguma coisa em resposta. Não é de verdade. A terra reverbera com sua raiva e seu medo e sua má vontade. No entanto, parte da tensão nas costas de Gallat se dissipa. Ele sorri, faz um gesto mais aberto. Volta a se aproximar

dela, pega seus braços, fala com ela delicadamente. Fico admirado que ela tenha desarmado a raiva dele com tanta eficácia. É como se ele não visse o modo como os olhos dela desviam enquanto ele está falando, ou como ela não corresponde quando ele a puxa mais para perto. Ela sorri em reação a algo que ele diz, mas, mesmo a uns quinze metros de distância, posso ver que ela está encenando. Decerto ele deve ser capaz de ver isso também? Mas estou começando a entender que as pessoas acreditam no que querem acreditar, não no que está ali para ser visto e tocado e sentido de fato.

Então, tranquilizado, ele se vira para ir embora... felizmente por uma trilha do jardim diferente daquela onde Stahnyn e eu estamos à espreita no momento. A postura dele mudou por completo: seu humor está visivelmente melhor. Eu deveria ficar feliz com isso, não deveria? Gallat lidera o projeto. Quando ele está feliz, todos nós ficamos mais seguros.

Kelenli fica olhando para ele até ele sumir. Depois vira a cabeça e olha diretamente para mim. Stahnyn engasga ao meu lado, mas ela é uma tola. Claro que Kelenli não vai nos denunciar. Por que ela faria isso? Sua encenação nunca foi para Gallat.

Depois ela também sai do jardim, seguindo Gallat.

Foi uma última lição. Aquela de que eu precisava mais, eu acho. Peço a Stahnyn para me levar de volta para a minha cela, e ela praticamente geme de alívio. Quando já estou de volta e desembarcei as magias do equipamento de vigilância, e me despedi de Stahnyn com um delicado lembrete para não ser tola, eu me deito no meu sofá para refletir sobre essa descoberta recente. Ela está dentro de mim, uma fagulha fazendo tudo ao redor arder e soltar fumaça.

• • •

E então, várias noites após termos voltado da missão de afinação de Kelenli, a fagulha ateia fogo em todos nós.

É a primeira vez que todos nos reunimos desde o passeio. Entrelaçamos nossas presenças em uma camada de carvão frio, o que talvez seja apropriado, uma vez que Remwha envia um zumbido que atravessa todos nós como areia triturada entre

fissuras. Soa/parece/sensa como as linhas de absorção, as roseiras bravas. Também é um eco do vazio de estase na nossa rede, onde Tettlewha — e Entiwha, e Arwha, e todos os outros — um dia existiu.

*Isso é o que nos espera quando tivermos dado a Geocanidade a eles*, ele diz.

É, Gaewha responde.

Ele faz outro zumbido. Nunca o sensei tão zangado. Ele passou os dias desde o nosso passeio ficando cada vez mais zangado. Mas o restante de nós também... e agora é a hora de exigirmos o impossível. *Nós não deveríamos dar nada a eles*, ele declara, e então sinto a decisão dele aguçar-se, tornar-se perversa. *Não. Nós deveríamos devolver o que eles pegaram.*

Misteriosos pulsos de impressão e ação em escala menor se propagam pela nossa rede: um plano enfim. Uma maneira de criarmos o impossível, se não podemos exigi-lo. O tipo certo de sobrecarga de energia no momento certo, depois que os fragmentos houverem sido lançados, mas antes que o Motor tenha sido empregado. Toda a magia armazenada dentro dos fragmentos — o equivalente a décadas, o equivalente a uma civilização, o equivalente a milhões de vidas — voltará para os sistemas de Syl Anagist. Primeiro, ela queimará os canteiros de roseiras bravas e suas lamentáveis plantas, permitindo que os mortos finalmente descansem. Em seguida, uma rajada de magia passará por nós, os componentes mais frágeis da grande máquina. Nós morreremos quando isso acontecer, mas a morte é melhor do que o que eles pretendiam para nós, então estamos satisfeitos.

Quando estivermos mortos, a magia do Motor Plutônico aumentará de forma irrestrita por todos os condúites da cidade, queimando-os de modo irreparável. Todas as estações de ligação de Syl Anagist fecharão: veículos morrendo a não ser que tenham geradores de emergência, luzes se apagando, máquinas parando, todas as infinitas conveniências da magestria moderna apagadas da mobília e dos equipamentos e dos cosméticos. Gerações de esforço gastas na preparação da Geocanidade serão perdidas. Os fragmentos cristalinos do Motor se tornarão muitas pedras enormes, quebradas e queimadas e inúteis.

Nós não precisamos ser tão cruéis quanto eles. Podemos instruir os fragmentos para descerem longe da maioria das áreas habitadas. Somos os monstros que eles criaram e mais, mas, na morte, seremos o tipo de monstro que queremos ser.

E estamos de acordo então?

*Sim.* Remwha, com fúria.

*Sim.* Gaewha, com tristeza.

*Sim.* Bimniwha, com resignação.

*Sim.* Salewha, com indignação.

*Sim.* Dushwha, com cansaço.

E eu, pesado como o chumbo, digo *sim*.

Então estamos de acordo.

Apenas para mim mesmo eu penso “não”, vendo Kelenli com os olhos da mente. Mas, às vezes, quando o mundo é duro, o amor tem que ser mais duro ainda.

• • •

Dia do Lançamento.

Eles nos trazem alimentos: proteína com uma porção de fruta fresca e doce, e uma bebida que nos dizem ser uma iguaria popular: seg, que fica com cores bonitas quando vários suplementos vitamínicos são acrescentados a ela. Uma bebida especial para um dia especial. É farinhenta. Eu não gosto. Depois, é hora de viajar para o Polo Zero.

Eis aqui como funciona o Motor Plutônico, em breves e simples palavras.

Primeiro, nós despertaremos os fragmentos, que repousaram em seus soquetes durante décadas, canalizando energia de vida através de cada estação de ligação de Syl Anagist... e armazenando parte dela para usar depois, inclusive aquela que lhes foi suprida à força por meio das roseiras bravas. No entanto, eles alcançaram agora um nível excelente de armazenamento e geração, cada um deles se tornando um motor arcano independente em si mesmo. Agora, quando os invocarmos, os fragmentos se levantarão de seus soquetes. Reuniremos o poder deles em uma rede estável e, depois que o fizermos repercutir em um refletor que ampliará e concentrará ainda mais a magia, nós o verteremos no ônix. O ônix

direcionará essa energia direto para o núcleo da Terra, causando uma sobrecarga, que o ônix então desviará para os ávidos condutites de Syl Anagist. A Terra se tornará efetivamente um imenso motor plutônico também, com o dínamo que é seu núcleo jorrando muito mais magia do que recebe. A partir daí, o sistema se autoperpetuará. Syl Anagist se alimentará da vida do próprio planeta para sempre.

(Ignorância é um termo inadequado para isso. É verdade, ninguém pensava na Terra como algo vivo naqueles tempos... mas *deveríamos* ter imaginado. Magia é o produto derivado da vida. O fato de haver magia na Terra para tomarmos... Todos nós deveríamos ter imaginado.)

Tudo o que fizemos até agora foi mero treino. Jamais poderíamos ter ativado o Motor Plutônico inteiro aqui na Terra... demasiadas complicações envolvendo a obliquidade dos ângulos, a velocidade e resistência do sinal, a curvatura dos hemisférios. Tão estranhamente redondos, os planetas. Nosso *alvo* é a Terra, afinal; linhas de visão, linhas de força e atração. Se ficarmos no planeta, a única coisa que realmente podemos afetar é a Lua.

É por isso que o Polo Zero nunca esteve na Terra.

Portanto, de madrugada somos trazidos a um tipo singular de veímulo, sem dúvida genegenheiramente fabricado a partir de gafanhotos ou algo semelhante. Ele tem asas de diamante, mas também grandes patas de fibra de carbono, fumegando agora com a energia armazenada em bobinas. Enquanto os condutores nos embarcam nesse veímulo, vejo que outros estão sendo preparados. Um grupo grande pretende vir conosco assistir à conclusão do grande projeto. Eu me sento onde me mandam sentar, e todos somos afivelados com cintos porque a propulsão do veímulo pode às vezes superar a inércia geomagética e... hmm. Basta dizer que o lançamento pode ser um tanto alarmante. Não é nada comparado a mergulhar no coração de um fragmento vivo e pulsante, mas suponho que os humanos achem que é uma coisa grandiosa e incrível. Nós seis ficamos sentados, imóveis e frios com senso de propósito enquanto eles tagarelam à nossa volta e o veímulo salta para a Lua.

Na Lua, está a pedra da lua... um cabochão branco maciço e iridescente incrustado no fino solo cinzento do lugar. É o maior dos fragmentos, do tamanho de uma estação de ligação de Syl Anagist; a Lua inteira é seu soquete. Disposto em torno de suas extremidades está um complexo de edifícios, cada um deles vedado contra a escuridão sem ar, e que não são muito diferentes dos edifícios dos quais acabamos de sair. Eles só estão na Lua. Este é o Polo Zero, onde se fará história.

Somos levados para dentro, onde a equipe permanente do Polo Zero está enfileirada pelos corredores e nos olha com orgulhosa admiração, como se admiram instrumentos feitos com precisão. Somos conduzidos até berços que se parecem exatamente com os berços usados todos os dias para as nossas práticas — embora, desta vez, cada um de nós seja levado a uma sala separada do complexo. Ao lado de cada sala está a câmara de observação dos condutores, conectada por uma janela de cristal transparente. Estou acostumado a ser observado enquanto trabalho... mas não estou acostumado a ser trazido à sala de observação em si, como está acontecendo hoje pela primeira vez.

Ali estou eu, baixo e vestido de forma simples e nitidamente desconfortável em meio a pessoas altas, vestidas com trajes luxuosos e complexos, enquanto Gallat me apresenta como “Houwha, nosso melhor afinador”. Essa declaração por si só prova que ou os condutores realmente não fazem ideia de como funcionamos ou que Gallat está nervoso e está procurando algo para dizer. Talvez as duas coisas. Dushwha ri na forma de microtremor em cascata (os estratos da Lua são ralos, poeirentos e sem vida, mas não são tão diferentes dos da Terra) enquanto eu fico ali, murmurando saudações agradáveis, como esperam que eu faça. Talvez seja isso que Gallat realmente queira dizer: sou o afinador que finge melhor se importar com os disparates dos condutores.

Algo chama a minha atenção, no entanto, enquanto as apresentações são feitas em meio a conversas amenas e eu me concentro em dizer a coisa certa na hora certa. Eu me viro e noto uma coluna de estática perto do fundo da sala, zunindo ligeiramente e bruxuleando com suas próprias energias plutônicas, gerando o



campo que mantém estável algo lá dentro. E, flutuando sobre sua superfície de cristal lapidado...

Há uma mulher na sala que é mais alta e está vestida com trajes mais elaborados do que todos os demais. Ela segue meu olhar e pergunta a Gallat:

— Eles sabem sobre a sondagem?

Gallat estremece e olha para mim, depois para a coluna de estática.

— Não — ele responde. Ele não chama a mulher pelo nome nem por um título, mas seu tom de voz é muito respeitoso. — Contaram-lhes apenas o necessário.

— Imagino que contexto seja necessário, mesmo para a sua espécie. — Gallat se irrita ao ser comparado a nós, mas não diz nada em resposta. A mulher parece achar graça. Ela se inclina para perscrutar meu rosto, embora eu não seja *tão* mais baixo do que ela. — Você gostaria de saber o que é este artefato, pequeno afinador?

Eu imediatamente a odeio.

— Sim, por favor — respondo.

Ela toma a minha mão antes que Gallat possa detê-la. Não é desconfortável. Sua pele é seca. Ela me leva para perto da coluna de estática, de modo que agora posso dar uma boa olhada naquela coisa que flutua acima dela.

A princípio, acho que o que estou vendo não passa de um pedaço esférico de ferro, planando alguns centímetros acima da superfície da coluna de estática e sendo iluminada pelo brilho branco que emana dela. É só um pedaço de ferro, sua superfície trincada com linhas oblíquas e tortuosas. Um fragmento de meteorito? Não. Percebo que a esfera está se mexendo; girando devagar em um eixo norte-sul ligeiramente inclinado. Olho para os símbolos de alerta ao redor da borda da coluna e vejo indicadores de extremo calor e pressão, e um aviso de advertência quanto a romper o campo de estática. Dentro, dizem os indicadores, ela recriou o ambiente natural do objeto.

Ninguém faria isso por um simples pedaço de ferro. Pisco, ajusto minha percepção para a sensunal e a magia e recuo rapidamente quando uma luz branca abrasadora resplandece sobre mim e

atravessa meu corpo. A esfera de ferro está *repleta* de magia: fios concentrados, trincados, sobrepostos uns aos outros, alguns deles até mesmo estendendo-se para além de sua superfície e para fora e... para longe. Não consigo seguir aqueles que se prolongam para além da sala: eles se estendem para pontos fora do meu alcance. Contudo, posso ver que se distendem em direção ao céu por algum motivo. E, escrito nos fios agitados que consigo ver... Eu franzo a testa.

— Ela está zangada — eu comento. E é familiar. Onde foi que vi algo parecido com isso, essa magia, antes?

A mulher pisca para mim.

— Houwha... — Gallat chia entre respirações.

— Não — diz a mulher, erguendo a mão para acalmá-lo. Ela se concentra em mim outra vez com um olhar que é atento agora, e curioso. — O que você disse, pequeno afinador?

Eu a encaro. Ela obviamente é importante. Talvez eu devesse estar com medo, mas não estou.

— Aquela coisa está zangada — eu digo. — *Furiosa*. Ela não quer estar aqui. Vocês a pegaram de algum outro lugar, não pegaram?

Outros na sala perceberam essa conversa. Nem todos são condutores, mas todos olham para a mulher e para mim com um desconforto e uma confusão palpáveis. Ouço Gallat prendendo a respiração.

— Pegamos — ela me responde enfim. — Fizemos uma perfuração para sondagem em uma das estações de ligação das Antárticas. Depois enviamos sondas que pegaram essa lasca do núcleo mais interno. É uma amostra do próprio coração do planeta. — Ela sorri, orgulhosa. — A riqueza da magia no núcleo é exatamente o que tornará possível a Geoarcanidade. Essa sondagem é a razão pela qual construímos Ponto Central, e os fragmentos, e vocês.

Olho para a esfera de ferro novamente e fico espantado que a mulher permaneça tão perto daquilo. *Ela está zangada*, penso outra vez sem saber muito bem por que essas palavras me vêm à mente. *Ela fará o que tiver que fazer*.

Quem? Fará o quê?

Chacoalho a cabeça, inexplicavelmente irritado, e me viro para Gallat.

— Não deveríamos começar?

A mulher ri, encantada. Gallat olha feio para mim, mas relaxa um pouquinho quando se torna óbvio que a mulher está achando graça. Todavia, ele diz:

— Sim, Houwha. Acho que deveríamos. Se não se importar...

(Ele se dirige à mulher usando algum título e algum nome. Eu esquecerei ambos com o passar do tempo. Em quarenta mil anos, eu me lembrarei apenas da risada da mulher, e de como ela não considera Gallat diferente de nós, e de como ela fica imprudentemente perto de uma esfera de ferro que irradia pura malícia... e magia suficiente para destruir cada edifício de Polo Zero.

E me lembrarei de como eu também ignorei todos os alertas possíveis sobre o que estava por vir.)

Gallat me leva de volta para a sala com o berço, onde sou convidado a me acomodar em minha cadeira de arame. Meus membros são atados, o que jamais entendi, pois, quando estou no ametista, mal percebo meu corpo, muito menos o mexo. A seg fez meus lábios formigarem de uma forma que sugere que um estimulante foi adicionado. Eu não precisava.

Sintonizo os outros e os encontro firmes como o granito em sua decisão. Sim.

Surgem imagens na parede de visualização à minha frente, mostrando a esfera azul da Terra, cada um dos berços dos outros cinco afinadores, e uma imagem de Ponto Central com o ônix pronto, pairando sobre o local. De suas imagens, os outros afinadores me olham de volta. Gallat se aproxima e finge verificar pontos de contato da cadeira de arame, que servem para enviar medições para a divisão de Biomagestria.

— Você vai controlar o ônix hoje, Houwha.

De outro prédio do Polo Zero, sinto o pequeno tremor de surpresa de Gaewha. Estamos muito afinados uns aos outros hoje.

— Kelenli controla o ônix — eu digo.

— Não controla mais. — Gallat mantém a cabeça abaixada enquanto fala, estendendo o braço desnecessariamente para

verificar minhas correias, e me lembro dele estendendo o braço da mesma maneira para puxar Kelenli para perto de novo, no jardim. Ah, eu entendo agora. Todo esse tempo ele teve medo de perdê-la... para nós. Com medo de torná-la apenas mais uma ferramenta aos olhos dos seus superiores. Será que vão deixá-lo ficar com ela depois da Geoarcanidade? Ou será que ele teme que ela também seja jogada nas roseiras bravas? Deve temer. Por que outro motivo fazer uma mudança tão significativa na nossa configuração no dia mais importante da história humana?

Como que para confirmar minha suposição, ele diz:

— A biomagestria diz que vocês agora mostram compatibilidade mais do que suficiente para manter a conexão pela quantidade de tempo necessária.

Ele está me observando, esperando que eu não vá protestar. Percebo de repente que eu *posso* protestar. Com tanta vigilância sobre cada decisão de Gallat hoje, pessoas importantes notarão se eu insistir que a nova configuração é má ideia. Eu posso, apenas levantando a voz, tirar Kelenli de Gallat. Posso destruí-lo como ele destruiu Tettlewha.

Mas esse é um pensamento bobo e sem propósito, pois como posso exercer meu poder sobre *e/le* sem causar sofrimento a *ela*? Vou causar sofrimento suficiente a ela de qualquer forma quando nós voltarmos o Motor Plutônico contra si mesmo. Ela deve sobreviver à convulsão inicial de magia; mesmo que esteja em contato com qualquer um dos mecanismos que fluem, ela tem habilidade mais do que suficiente para desviar a energia de retorno. Então, na sequência, será apenas mais uma sobrevivente, transformada em semelhante no sofrimento. Ninguém saberá o que ela é de fato... ou seu bebê, se ele acabar sendo como ela. Como nós. Nós a teremos libertado... para lutar pela sobrevivência junto com todo o resto. Mas isso é melhor do que a ilusão de segurança em uma jaula dourada, não é?

*Melhor do que qualquer coisa que você poderia ter dado a ela,* penso sobre Gallat.

— Tudo bem — eu digo. Ele relaxa minimamente.

Gallat sai da minha câmara e volta para a sala de observação com os outros condutores. Estou sozinho. Nunca estou sozinho: os

outros estão comigo. Chega o sinal de que devemos começar, e o momento parece prender a respiração. Nós estamos prontos.

Primeiro, a rede.

Afinados como estamos, é fácil, prazeroso, modular nossos fluxos de prateado e anular nossa resistência. Remwha faz o papel de parêntese, mas ele quase não precisa incitar qualquer um de nós a ressonar mais alto ou mais baixo ou a seguir no mesmo ritmo; nós estamos alinhados. Todos queremos a mesma coisa.

Lá no céu e, no entanto, facilmente ao nosso alcance, a Terra parece zunir também. Quase como uma coisa viva. Nós fomos a Ponto Central e voltamos durante o nosso treinamento inicial: viajamos pelo manto e vimos os fluxos maciços de magia que jorram naturalmente do núcleo de ferro e níquel do planeta. Explorar essa fonte sem fundo será a maior proeza humana de todos os tempos. No passado, esse pensamento teria me deixado orgulhoso. Agora compartilho isso com os outros e *uma centelha de flocos de mica e pedras trêmulas*, expressando divertimento amargo, se propaga entre todos nós. Eles nunca acreditaram que fôssemos humanos, mas vamos provar, com nossas ações de hoje, que somos mais do que ferramentas. Mesmo que não sejamos humanos, somos pessoas. Eles jamais poderão nos negar isso de novo.

Chega de frivolidades.

Primeiro, a rede; depois, os fragmentos do Motor precisam ser reunidos. Sintonizamos o ametista porque é o mais próximo no globo. Embora estejamos a um mundo de distância, sabemos que ele emite uma nota baixa e contida; sua matriz de armazenamento brilha e transborda de energia quando mergulhamos para cima em seu fluxo torrencial. Ele já parou de sugar os últimos resíduos das roseiras bravas em suas raízes, tornando-se um sistema fechado em si mesmo; agora, parece quase vivo. Quando o estimulamos a sair da latência e entrar em atividade ressonante, ele começa a pulsar e depois, enfim, a tremeluzir em padrões que imitam vida, como o disparo de neurotransmissores ou as contrações peristálticas. Ele *está* vivo? Eu me pergunto isso pela primeira vez, uma pergunta desencadeada pelas lições de Kelenli. É uma coisa constituída de matéria de alto nível, mas coexiste simultaneamente com uma coisa constituída de magia de alto nível feita à sua

imagem... e tirada dos corpos de pessoas que um dia riram e se enfureceram e cantaram. Será que resta algo de suas vontades no ametista?

Se restar... será que os niess aprovariam o que nós, seus filhos caricaturais, pretendemos fazer?

Não posso mais dispensar nem um pouco de tempo para esses pensamentos. A decisão foi tomada.

Então expandimos essa sequência inicial em nível macroscópico para toda a rede. Nós sensamos sem sensapinae. Nós *sentimos* a mudança. Sabemos intuitivamente... porque fazemos parte desse motor, componentes do maior prodígio da humanidade. Na Terra, no coração de cada estação de ligação de Syl Anagist, sinais ecoam pela cidade e torres de alerta irradiam avisos vermelhos que podem ser vistos de longe à medida que, um a um, os fragmentos começam a vibrar e tremeluzir e se soltar dos soquetes. Minha respiração acelera quando eu, ressonante com cada um deles, sinto a primeira separação entre um cristal e uma pedra mais rústica, o arrastamento à medida que pousamos e começamos a pulsar com a mudança de estado da magia e então começamos a ascender...

(Há um espasmo aqui, rápido e quase imperceptível nesse momento inebriante, embora gritante através das lentes da memória. Alguns dos fragmentos nos machucam, só um pouquinho, quando se soltam dos soquetes. Sentimos um raspão de metal que não deveria estar lá, um arranhão de agulhas contra a nossa pele cristalina. Sentimos cheiro de ferrugem. É uma dor que passa rápido e é esquecida sem demora, como com qualquer agulha. Só mais tarde nos lembraremos, e lamentaremos.)

... ascender, zunir e virar. Respiro fundo à medida que os soquetes e as paisagens urbanas à volta deles desaparecem lá embaixo. Syl Anagist troca para sistemas de energia de reserva: eles devem durar até a Geocanidade. Mas são irrelevantes essas preocupações mundanas. Eu fluo, voo, *caio* para cima na luz que se precipita e que é roxa ou índigo ou malva ou dourada, o espinélio e o topázio e o granada e o safira... tantos, tão brilhantes! Tão vivos com o poder que se acumula.

(Tão vivos, penso outra vez, e esse pensamento envia um tremor ao longo da rede porque Gaewha estava pensando nisso

também, e Dushwha; é Remwha que nos repreende com uma fissura como a de uma falha de rejeito transcorrente: *Seus tolos, vamos morrer se vocês não se concentrarem!* Então deixo de lado esse pensamento.)

E... ah, sim, enquadrado ali na tela, centralizado em nossa percepção como um olho observando sua presa: o ônix. Posicionado, como Kelenli ordenou que ficasse da última vez, sobre Ponto Central.

Não estou nervoso, digo a mim mesmo enquanto o sintonizo.

O ônix não é como os outros fragmentos. Até mesmo a pedra da lua é inativa em comparação; ela é apenas um espelho, afinal. Mas o ônix é poderoso, assustador, a escuridão mais sombria, incognoscível. Enquanto os outros fragmentos precisam ser procurados e ativamente integrados, ele agarra minha consciência no instante em que me aproximo, tentando me arrastar mais para o fundo de suas desenfreadas correntes de prateado em convecção. Quando me conectei com ele antes, o ônix me rejeitou, da mesma forma como rejeitou todos os outros em suas respectivas vezes. Os melhores magestres de Syl Anagist não conseguiam entender por quê... mas agora, quando me ofereço e o ônix me reivindica, de repente eu sei. *O ônix está vivo.* O que era apenas uma pergunta nos outros fragmentos foi respondido aqui: ele me *sensa*. Ele me aprende, tocando-me com uma presença que, de súbito, é inegável.

E, no exato momento em que percebo isso e tenho tempo suficiente para me perguntar temerosamente o que essas presenças pensam de mim, seu patético descendente feito a partir da fusão de seus genes com o ódio daqueles que os destruíram...

... percebo enfim um segredo da magestria que até mesmo os niess simplesmente aceitavam em vez de entender. Isso é magia, afinal, não ciência. Sempre haverá partes que ninguém consegue compreender. Mas agora eu sei: coloque magia suficiente em algo não vivo e esse algo se torna vivo. Coloque vidas suficientes em uma matriz de armazenamento e elas retêm um tipo de vontade coletiva. Elas se *lembram* do horror e da atrocidade através do que quer que haja restado delas — suas almas, se quiser.

Então o ônix cede a mim agora porque, ele *sensa* finalmente, eu também conheci a dor. Abriram meus olhos para a minha própria

exploração e degradação. Estou com medo, é claro, e com raiva, e magoado, mas o ônix não desdenha desses sentimentos dentro de mim. Ele procura alguma outra coisa, contudo, algo mais, e por fim encontra, aninhado em um pequeno nó ardente por trás do meu coração: determinação. Eu me comprometi a transformar todas essas coisas erradas em algo certo.

É isso que o ônix quer. *Justiça*. E, porque eu quero isso também...

Abro meus olhos de carne.

— Ativei o cabochão de controle — relato aos condutores.

— Confirmado — diz Gallat, olhando para a tela onde a Biomagestria monitora nossas conexões neuroarcânicas. Nossos observadores começam a aplaudir, e eu sinto repentino desprezo por eles. Seus instrumentos desajeitados e seus sensapinae simples e fracos lhes contaram enfim o que é tão óbvio para nós quanto respirar. O Motor Plutônico está funcionando.

Agora que todos os fragmentos decolaram, cada um deles ascendendo para zunir e bruxulear e pairar sobre 256 cidades-estações e pontos de energia sísmica, nós começamos a sequência de intensificação. Entre os fragmentos, os amortecedores de fluxo de cor clara iniciam primeiro, depois reaproveitamos os tons de joias mais escuros dos geradores. O ônix reconhece a inicialização em sequência com um único estrondo pesado cujas ondas se propagam pelo Oceano Hemisférico.

Minha pele está repuxando, meu coração está batendo acelerado. Em algum lugar, em outra existência, eu cerrei os punhos. Nós cerramos, ao longo da insignificante separação de seis corpos diferentes e 256 braços e pernas e um grande coração negro pulsante. Fico boquiaberto (ficamos boquiabertos) quando o ônix se alinha perfeitamente para explorar a fonte incessante de magia-da-terra onde o núcleo está exposto bem, bem lá embaixo. Eis aqui o momento para o qual fomos feitos.

*Agora*, nós deveríamos dizer. Isto, aqui, *conectar*, e vamos prender os fluxos de pura magia do planeta a um ciclo interminável de prestação de serviço à humanidade.

Porque foi para isso que os sylanagistinos realmente nos fizeram: para confirmar uma filosofia. A vida é sagrada em Syl



Anagist... como deveria ser, pois a cidade queima a vida como o combustível para a sua glória. Os niess não foram o primeiro povo devorado por sua boca, apenas a última e mais cruel exterminação entre muitas. Mas, para uma sociedade construída com base na exploração, não existe ameaça maior do que não restar mais ninguém para oprimir. E agora, se mais nada for feito, Syl Anagist terá outra vez que encontrar um modo de dividir seu povo em subgrupos e criar razões para haver conflito entre eles. Não há magia suficiente para ser tomada só das plantas e da fauna genegenheiramente projetada; *alguém* precisa sofrer se for para o resto desfrutar do luxo.

É melhor a terra, Syl Anagist argumenta. É melhor escravizar um grande objeto inanimado que não pode sentir dor e que não vai se opor. É melhor a Geoarcanidade. Mas esse argumento ainda é falho porque, basicamente, Syl Anagist é insustentável. É um parasita, seu apetite por magia cresce a cada gota que devora. O núcleo da Terra não é ilimitado. Um dia, mesmo que leve cinquenta mil anos, esse recurso também se esgotará. E, então, tudo morrerá.

O que estamos fazendo é inútil e a Geoarcanidade é uma mentira. E, se ajudarmos Syl Anagist a prosseguir por essa via, teremos dito: *O que fizeram conosco foi certo e natural e inevitável.*

Não.

Então. *Agora*, dizemos em vez disso. Isto, aqui, conectar: dos fragmentos claros aos escuros, de todos os fragmentos ao ônix, e do ônix... de volta a Syl Anagist. Nós tiramos a pedra da lua inteiramente do circuito. Agora, todo o poder armazenado nos fragmentos atingirá a cidade e, quando o Motor Plutônico morrer, Syl Anagist também morrerá.

Começa e termina muito antes que os instrumentos dos condutores cheguem a registrar um problema. Com os outros unidos a mim e nossa melodia silenciada enquanto paramos e esperamos que o ciclo de realimentação nos atinja, percebo que estou contente. Será bom não morrer sozinho.

• • •

Mas.

*Mas.*

Lembre-se. Nós não fomos os únicos que escolheram contra-atacar naquele dia.

Isso é algo de que só me darei conta mais tarde, quando visitar as ruínas de Syl Anagist, olhar para soquetes vazios e vir agulhas de ferro projetando-se das paredes. Esse é um inimigo que entenderei somente depois de ter sido humilhado e refeito aos seus pés... mas vou explicar agora para que você aprenda com o meu sofrimento.

Eu falei para você, não faz tanto tempo, sobre uma guerra entre a Terra e a vida sobre a sua superfície. Eis aqui um pouco de psicologia inimiga: a Terra não vê diferença entre nenhum de nós. Orogene, quieto, sylanagistino, niess, futuro, passado... para ela, humanidade é humanidade. E, mesmo que outros houvessem ordenado o meu nascimento e desenvolvimento, mesmo que a Geoarcanidade tenha sido um sonho de Syl Anagist desde muito antes de os meus condutores nascerem, mesmo que eu estivesse apenas seguindo ordens, mesmo que nós seis pretendêssemos contra-atacar... a Terra não se importou. Todos nós éramos culpados. Todos cúmplices do crime de tentar escravizar o próprio planeta.

Porém, agora, tendo nos declarado todos culpados, a Terra atribuiu sentenças. Aqui, pelo menos, estava um tanto disposta a dar o crédito pela intenção e pelo bom comportamento.

Eis aqui o que lembro, e as peças que juntei posteriormente, e o que acredito. Mas lembre-se — nunca se esqueça — que esse foi apenas o começo da guerra.

• • •

Nós percebemos a ruptura primeiro como um fantasma na máquina.

Uma presença ao nosso lado, *dentro* de nós, intensa e invasiva e imensa. Ela tira o ônix do meu domínio antes que eu saiba o que está acontecendo e silencia os nossos sinais perplexos de *O quê?* e *Há algo errado* e *Como isso aconteceu?* com uma de onda de choque de conversa pela terra tão assombrosa quanto a Fenda um dia será para vocês.

*Olá, pequenos inimigos.*

Na câmara de observação dos condutores, finalmente soam os alarmes. Nós estamos paralisados em nossas cadeiras de arame, gritando sem palavras e recebendo respostas de algo além da nossa compreensão, então a Biomagestria só percebe que há um problema quando, de repente, 9% do Motor Plutônico — 27 fragmentos — desliga. Não vejo o condutor Gallat ofegar e trocar um olhar horrorizado com os outros condutores e seus estimados convidados; isso é especulação, conhecendo o que conheço dele. Imagino que, em algum momento, ele se vira para um console para abortar o lançamento. Também não vejo a esfera de ferro atrás deles pulsar e inchar e estilhaçar, destruindo o campo de estática e bombardeando todos na câmara com fragmentos de ferro quentes e pontiagudos como agulhas. Eu *ouço* a gritaria que se segue conforme os fragmentos de ferro sobem queimando pelas veias e artérias e o silêncio nefasto que vem em seguida, mas tenho meus próprios problemas para resolver neste momento em particular.

Remwha, ele que era o mais perspicaz, tira-nos à força do nosso estado de choque com a percepção de que *alguma outra coisa está controlando o Motor*. Não há tempo para se perguntar quem ou por quê. Gaewha percebe como e avisa freneticamente: os 27 fragmentos “desligados” ainda estão ativos. Na realidade, eles formaram um tipo de sub-rede... uma chave reserva. Foi assim que a outra presença conseguiu tirar o controle do ônix. Agora, todos os fragmentos, que geram e contêm a maior parte do poder do Motor Plutônico, estão sob o controle de uma entidade externa e hostil.

Sou uma criatura orgulhosa no meu âmago. Isso é intolerável. O ônix foi dado a *mim* para *eu* controlar... então eu o pego de novo e o meto nas conexões que constituem o Motor, removendo o falso controle de imediato. Salewha destrói as ondas de choque de magia que esse distúrbio violento causa para que elas não ricocheteiem por todo o Motor e desencadeiem uma ressonância que... bem, na verdade não sabemos o que essa ressonância faria, mas seria ruim. Eu me mantenho firme enquanto essa ação reverbera, meus dentes cerrados no mundo real, ouvindo enquanto meus irmãos gritam ou rosnam comigo ou arquejam em meio aos tremores secundários após a turbulência inicial. Tudo é confusão. No mundo de carne e sangue, as luzes das nossas câmaras se apagaram, deixando

apenas painéis de energia brilhando nas extremidades das salas. Os sinais de alerta são incessantes e, em outra parte em Polo Zero, posso ouvir equipamentos estalando e chocalhando com a sobrecarga que colocamos no sistema. Os condutores, gritando na câmara de observação, não podem nos ajudar... não que algum dia isso tenha sido uma possibilidade. Não sei o que está acontecendo, não de verdade. Só sei que é uma batalha, cheia de confusão momento a momento como são todas as batalhas e, a partir desse instante, nada fica muito claro...

Aquela presença estranha que nos atacou puxa com força o Motor Plutônico, tentando tirar o nosso controle mais uma vez. Eu grito com ela com uma fúria de *rachadura de magma e ebulição de gêiser* sem palavras. *Saia daqui!* Eu me enfureço. *Deixe-nos em paz!*

*Vocês começaram isso*, a coisa sibila nos estratos, tentando de novo. Quando essa tentativa fracassa, porém, ela rosna, frustrada... e depois trava aqueles 27 fragmentos que desligaram misteriosamente. Dushwha sente a tentativa da entidade hostil e tenta pegar alguns dos 27, mas os fragmentos escapam do seu domínio como se estivessem impregnados de óleo. Isso é bem próximo da verdade, figurativamente falando; alguma coisa contaminou esses fragmentos, deixando-os sujos e quase impossíveis de pegar. Talvez consigamos pegá-los com esforço conjunto, um a um... mas não há tempo. E, até lá, o inimigo controla os 27.

Impasse. Nós ainda temos o ônix. Controlamos os outros 229 fragmentos, que estão prontos para disparar o pulso de retorno que destruirá Syl Anagist... e a nós mesmos. Nós adiamos isso, contudo, porque não podemos deixar as coisas assim. De onde vem essa entidade, tão brava e tão incrivelmente poderosa? O que ela vai fazer com os obeliscos que controla? Longos instantes se passam em silêncio contido. Não posso falar pelos outros, mas eu, pelo menos, começo a acreditar que não haverá mais ataques. Sempre fui tão tolo.

Em meio ao silêncio vem o desafio cheio de divertimento e malícia do nosso inimigo, rilhando em magia e ferro e pedra.

*Queimem para mim*, diz o Pai Terra.

• • •

Tenho que fazer algumas conjecturas sobre parte do que aconteceu na sequência, mesmo após ter passado tantas eras procurando respostas.

Não posso narrar mais nada porque, nesse momento, foi tudo quase instantâneo, e confuso, e devastador. A Terra muda apenas gradualmente, até que um dia muda rápido. E, quando contra-ataca, ela o faz com muita determinação.

Eis aqui o contexto. Aquela primeira sondagem que deu início ao projeto da Geoarcanidade também alertou a Terra quanto aos esforços humanos no sentido de tomar controle dela. Ao longo das décadas que se seguiram, ela estudou seu inimigo e começou a entender o que pretendíamos fazer. O metal era seu instrumento e aliado; por esse motivo, nunca confie no metal. Ela mandou lascas de si mesma para a superfície para examinar os fragmentos em seus soquetes... pois aqui, pelo menos, a vida estava armazenada no cristal, compreensível para uma entidade de matéria inorgânica de um modo que a simples carne não era. Apenas gradualmente ela aprendeu a assumir o controle de vidas humanas individuais, embora isso exigisse o intermédio dos núcleos pétreos. Sem isso, somos criaturas tão pequenas e tão difíceis de pegar. Vermes tão insignificantes, exceto pela nossa infeliz tendência de às vezes nos tornarmos perigosamente significantes. Os obeliscos, no entanto, eram uma ferramenta mais útil. Fácil de ser voltada contra nós, como qualquer arma manuseada de modo negligente.

### *Destruição pelo fogo.*

Você se lembra de Allia? Imagine aquele desastre vezes 256. Imagine a Quietude perfurada em cada ponto onde havia uma estação de ligação e em cada local onde havia atividade sísmica, e no oceano também: centenas de pontos quentes e bolsões de gás e reservas de petróleo comprometidos, e todo o sistema de placas tectônicas desestabilizado. Não existe palavra para tal catástrofe. Ela tornaria a superfície do planeta líquida, evaporando os oceanos e esterilizando tudo do manto para cima. O mundo, para nós e para qualquer criatura que pudesse algum dia no futuro evoluir e ferir a Terra, acabaria. A Terra em si, contudo, ficaria bem.

Nós poderíamos deter esse processo. Se quiséssemos.

Não vou dizer que não nos sentimos tentados quando confrontados com a escolha entre permitir a destruição de uma civilização ou de toda a vida no planeta. O destino de Syl Anagist estava selado. Não se engane: nós queríamos selá-lo. A diferença entre o que a Terra queria e o que nós queríamos era puramente uma questão de escala. Mas *qual* é o modo como o mundo acaba? Nós, afinadores, morreríamos; a distinção pouco me importava naquele momento. Nunca é prudente fazer essa pergunta a pessoas que não têm nada a perder.

Exceto. *Eu* tinha algo a perder. Naqueles instantes eternos, eu pensei em Kelenli e em seu filho.

Portanto, foi assim que a minha vontade prevaleceu dentro da rede. Se você tem alguma dúvida, vou dizer com todas as palavras agora: fui *eu* que escolhi o modo como o mundo acabou.

Fui eu que assumi o controle do Motor Plutônico. Nós não podíamos impedir a Destruição pelo Fogo, mas podíamos inserir um atraso na sequência e redirecionar a pior parte de sua energia. Depois da interferência da Terra, o poder era volátil demais para simplesmente o despejarmos de volta em Syl Anagist como havíamos planejado originalmente; isso teria feito o trabalho da Terra por nós. Toda essa quantia de energia cinética tinha que ser consumida em algum lugar. Em nenhum lugar do planeta, se eu quisesse que a humanidade sobrevivesse... mas aqui estavam a Lua e a pedra da lua, prontas e esperando.

Eu estava com pressa. Não havia tempo para pensar duas vezes. O poder não podia *ser refletido* a partir da pedra da lua, como era pretendido: isso só aumentaria o poder da Destruição pelo Fogo. Em vez disso, rosnando, peguei os outros e os forcei a me ajudar — eles estavam dispostos, só que lentos — e nós estilhaçamos o cabochão da pedra da lua.

No instante seguinte, o poder atingiu a pedra partida, não conseguiu ser refletido e começou a cavar seu caminho pela Lua. Mesmo com isso para mitigar o golpe, a força do impacto em si foi devastadora. Mais do que suficiente para tirar a Lua de órbita.

A repercussão do mau uso do Motor deveria simplesmente ter nos matado, mas a Terra ainda estava lá, o fantasma na máquina. Enquanto nos contorcíamos nas dores da morte, com todo o Polo

Zero caindo aos pedaços à nossa volta, ela assumiu o controle outra vez.

Eu disse que ela nos responsabilizou pelo atentado contra sua vida, e responsabilizou... mas, de alguma maneira, talvez através de seus anos de estudo, ela entendeu que éramos ferramentas de outros e não atores por nossa própria vontade. Lembre-se também de que a Terra não nos entende por completo. Ela olha para os seres humanos e vê criaturas frágeis de vidas curtas, estranhamente desligadas em substância e consciência do planeta do qual suas vidas dependem, que não entendem o dano que tentaram causar... talvez *porque* elas têm vidas tão curtas e frágeis e desligadas. E então ela escolheu para nós o que lhe pareceu uma punição fermentada com significado: nos tornou parte dela. Em minha cadeira de arame, gritei enquanto onda após onda de alquimia trabalhava no meu corpo, transformando minha carne em magia bruta, viva, solidificada e que parece pedra.

Nós não ficamos com a pior parte: essa foi reservada para aqueles que mais ofenderam a Terra. Ela usou os fragmentos de núcleo pétreo para assumir controle direto desses vermes mais perigosos... mas isso não funcionou como pretendido. A vontade humana é mais difícil de prever do que a carne humana. O propósito nunca foi que eles continuassem.

Não descreverei o choque e a confusão que senti naquelas primeiras horas após a minha modificação. Jamais serei capaz de responder a pergunta sobre como retornei da Lua à Terra; lembro-me apenas de um pesadelo em que caía e queimava interminavelmente, que pode ter sido um delírio. Não vou pedir que você imagine como eu me senti ao me encontrar de repente sozinho, e sem melodia, depois de passar uma vida cantando para outros como eu. Isso foi justo. Eu aceito; admito meus crimes. Tenho procurado compensá-los. Mas...

Bem. O que está feito está feito.

Naqueles últimos momentos antes de nos transformarmos, conseguimos cancelar o comando de Destruição pelo Fogo para os 229. Alguns fragmentos se despedaçaram devido ao estresse. Outros morreriam nos milênios subsequentes, suas matrizes danificadas por forças arcanas incompreensíveis. A maioria entrou

em estado de espera e continuou vagando durante milênios sobre um mundo que não precisava mais do seu poder... até que, ocasionalmente, uma das criaturas frágeis lá embaixo pudesse enviar um pedido de acesso confuso e sem direção.

Não pudemos impedir os 27 da Terra. Conseguimos, entretanto, inserir um atraso em suas treliças de comando: cem anos. O que as histórias entenderam errado foi apenas o tempo, entende? Cem anos depois que a filha do Pai Terra foi roubada dele, 27 obeliscos desceram ardendo em chamas até o núcleo do planeta, deixando feridas incandescentes por toda a sua pele. Não foi o fogo purificador que a Terra buscava, mas ainda assim foi a primeira e a pior Quinta Estação... a que vocês chamam de Estação do Estilhaçamento. A humanidade sobrevive porque cem anos não são nada para a Terra, ou mesmo para a amplidão da história humana, mas, para aqueles que sobreviveram à queda de Syl Anagist, foi tempo suficiente para se prepararem.

A Lua, sangrando destroços de uma ferida em seu coração, desvaneceu em um período de dias.

E...

Nunca mais vi Kelenli ou seu filho. Envergonhado demais do monstro que eu havia me tornado, nunca os procurei. Mas ela sobreviveu. De vez em quando eu ouvia o atrito e o resmungo de sua voz de pedra e os de seus vários filhos à medida que iam nascendo. Eles não estavam totalmente sozinhos; com o resto de sua tecnologia magéstrica, os sobreviventes de Syl Anagist decantaram mais alguns afinadores e os usaram para construir abrigos, planos B, sistemas de alerta e proteção. Aqueles afinadores acabavam morrendo, porém, quando sua utilidade terminava ou quando outros os culpavam pela ira da Terra. Só os filhos de Kelenli, que não sobressaíam, cuja força se escondia em plena vista, continuaram. Só restou dos niess o legado de Kelenli, na forma dos sabedoristas que iam de povoado em povoado alertando sobre o holocausto que estava por vir e ensinando os outros como cooperar, adaptar-se e lembrar-se.

Mas funcionou. Vocês sobrevivem. Eu também sou responsável por isso, não sou? Fiz o melhor que pude. Ajudei onde pude. E agora, meu amor, nós temos uma segunda chance.



É hora de você acabar com o mundo outra vez.



2501: MUDANÇA DE FALHA GEOLÓGICA AO LONGO DAS PLACAS MÍNIMA E MÁXIMA: MACIÇA. UMA ONDA DE CHOQUE VARREU METADE DAS LATMEDIANAS DO NORTE E DAS ÁRTICAS, MAS PAROU NA BORDA EXTERIOR DA REDE EQUATORIAL DE ESTAÇÕES DE LIGAÇÃO. OS PREÇOS DOS ALIMENTOS AUMENTARAM DRASTICAMENTE NO ANO SEGUINTE, MAS A FOME FOI EVITADA.

— *NOTAS DE PROJETO DE YAETR INOVADOR DIBARS*



## 13

### *Nassun e Essun, do lado escuro do mundo*

O sol está se pondo quando Nassun decide mudar o mundo.

Ela passou o dia encolhida ao lado de Schaffa, usando as roupas velhas dele, ainda salpicadas de cinzas, sentindo o cheiro dele e desejando coisas que não são possíveis. Por fim, ela se levanta e muito cuidadosamente lhe dá o resto do caldo de legumes que fez. Ela lhe dá bastante água também. Mesmo depois que houver arrastado a Lua para uma rota de colisão, vai demorar alguns dias até a Terra ser destruída. Ela não quer que Schaffa sofra muito durante esse tempo, uma vez que ela não vai mais estar por perto para ajudá-lo.

(Ela é uma criança tão boa em seu âmago. Não fique brava com ela. Ela só consegue fazer escolhas dentro de seu limitado número de experiências, e não é culpa dela que tantas dessas experiências tenham sido horríveis. Em vez disso, fique admirada com a facilidade com que ela ama, com a profundidade com que ela ama. Amor suficiente para mudar o mundo! Ela aprendeu a amar desse jeito *em algum lugar*.)

Enquanto ela usa um pano para limpar o caldo que escorreu dos lábios dele, projeta sua consciência para o alto e começa a ativar a rede. Aqui, em Ponto Central, ela consegue fazer isso mesmo sem o ônix, mas a inicialização vai levar tempo.

— Um mandamento é gravado em pedra — ela diz solenemente a Schaffa. Os olhos dele estão abertos de novo. Ele pisca, talvez em reação ao som, embora ela saiba que isso não tem nenhum significado.

As palavras são algo que ela leu no estranho livro escrito à mão... aquele que lhe contou como usar uma rede menor de obeliscos como “chave reserva” para subverter o poder do ônix sobre o Portão. O homem que escreveu o livro provavelmente era louco, como ficou demonstrado pelo fato de que ele aparentemente amava a mãe de Nassun muito tempo atrás. Isso é estranho e errado e, no entanto, não a surpreende. Apesar de o mundo ser grande como é, Nassun está começando a perceber que ele também é bem pequeno. As mesmas histórias, repetindo os mesmos ciclos. Os mesmos finais, de novo e de novo. Os mesmos erros repetidos eternamente.

— Algumas coisas *estão* quebradas demais para serem consertadas, Schaffa. — Inexplicavelmente, ela pensa em Jija. A dor dessa lembrança a silencia por um momento. — Eu... eu não posso fazer as coisas melhorarem. Mas pelo menos posso garantir que as coisas ruins acabem. — Tendo dito isso, ela se levanta para sair.

Ela não vê o rosto de Schaffa se virar, como a Lua deslizando dentro da sombra, para vê-la sair.

• • •

É madrugada quando você decide mudar o mundo. Você ainda está dormindo no saco de dormir que Lerna trouxe para o telhado do edifício com um X amarelo. Você e ele passaram a noite sob a caixa-d'água, ouvindo o estrondo constante da Fenda e o estalo de relâmpagos ocasionais. Você provavelmente deveria ter feito sexo ali mais uma vez, mas não pensou nisso e ele não sugeriu, então ah, bem. De qualquer forma, isso já lhe causou problemas suficientes. Você não tinha nada que ter confiado apenas na meia-idade e na desnutrição como contraceptivos.

Ele observa enquanto você se levanta e se alonga, e esta é uma coisa que você nunca vai entender por completo, nem vai se sentir confortável com ela: a admiração no olhar dele. Ele faz você se sentir uma pessoa melhor do que você é. E isso faz você lamentar,

de novo, incessantemente, que não possa ficar para ver o filho dele nascer. A bondade constante e incansável de Lerna é uma coisa que deveria ser preservada no mundo de alguma maneira. Que pena.

Você não fez por merecer a admiração dele. Mas pretende.

Você desce as escadas e para. Ontem à noite, além de Lerna, você avisou Tonkee e Hjarka e Ykka que havia chegado a hora; que você partiria de manhã, depois do desjejum. Você deixou a questão sobre se elas podiam vir ou não implícita e em aberto. Se elas se oferecerem, é uma coisa, mas você não vai pedir. Que tipo de pessoa você seria para pressioná-las a correr esse tipo de risco? Elas enfrentarão riscos suficientes, assim como o resto da humanidade, do modo como as coisas estão.

Você não estava contando com encontrar todos eles no saguão do edifício marcado com um X amarelo quando desce as escadas. *Todos eles* ocupados, guardando sacos de dormir e bocejando e fritando linguiça e reclamando em voz alta que alguém tomou todo o chá ferrugento. Hoa está lá, perfeitamente posicionado para ver você descendo as escadas. Há um sorriso um tanto convencido em seus lábios de pedra, mas isso não a surpreende. Mas Danel e Maxixe Beryl sim, ela de pé e fazendo algum tipo de exercício de artes marciais em um canto enquanto ele fatia outra batata para colocar na panela... e sim, ele fez uma fogueira no lobby do edifício porque é o que as pessoas sem-comu fazem às vezes. Algumas janelas estão quebradas; a fumaça está saindo por elas. Hjarka e Tonkee são uma surpresa também; elas ainda estão dormindo, deitadas juntas em uma pilha de peles de animal.

Mas quem você realmente, realmente não estava esperando entrar era Ykka, sua expressão marcada por um pouco da sua antiga audácia e com os olhos perfeitamente maquiados outra vez. Ela dá uma olhada ao redor do saguão, abrangendo você junto com o resto, e coloca as mãos no quadril.

— Peguei vocês ferrugentos em má hora?

— Você não pode — você diz bruscamente. É difícil falar. Nó na garganta. Ykka em especial; você olha para ela. Pela Terra Cruel, ela está usando aquele colete de pele outra vez. Você achou que

ela o havia deixado em Castrima-de-baixo. — Você não pode vir. A comu.

Ykka revira os olhos exageradamente pintados.

— Bem, foda-se você também. Mas você está certa, eu não vou. Só vim para me despedir de você e de quem mais for junto. Eu devia era pedir para alguém matar vocês, já que estão efetivamente se atirando às cinzas, mas suponho que podemos ignorar essa pequena formalidade por enquanto.

— O quê, nós não podemos voltar? — Tonkee pergunta de forma abrupta. Ela se sentou enfim, embora esteja nitidamente inclinada, e com o cabelo bastante retorcido. Hjarka, murmurando imprecensões por ter sido acordada, levantou-se e entregou a ela um prato de guisado de batata da pilha que Maxixe Beryl já cozinhou.

Ykka olha para ela.

— Você? Você vai viajar para uma ruína enorme e perfeitamente preservada de construtores de obeliscos. Nunca mais vou ver você. Mas claro, suponho que poderia voltar, se Hjarka conseguisse te trazer à razão. Eu preciso *dela*, pelo menos.

Maxixe Beryl boceja alto o bastante para chamar a atenção de todos. Ele está nu, o que lhe permite ver que ele enfim parece melhor... ainda quase esquelético, mas metade da comu está assim atualmente. Ele está tossindo menos e seu cabelo está começando a ficar mais cheio, embora, até o momento, ainda esteja naquele estágio hilário de penugem espetada antes que o cabelo de cinzas sopradas desenvolva peso suficiente para cair decentemente. É a primeira vez que você vê os cotocos das pernas dele descobertos, e só agora você percebe que as cicatrizes são certinhas demais para terem sido causadas por algum saqueador sem-comu usando um serrote. Bem, cabe a ele contar essa história. Você lhe diz:

— Não seja idiota.

Maxixe Beryl parece levemente aborrecido.

— Não vou ser. Mas *poderia*.

— Não, pelas ferrugens, você não poderia — Ykka diz com rispidez. — Eu já te disse, nós precisamos de um roga do Fulcro aqui.

Ele suspira.

— Tudo bem. Mas não há motivo para eu não poder ao menos me despedir de você. Agora pare de fazer perguntas e venha comer alguma coisa. — Ele estende o braço para pegar as roupas e começa a vesti-las. Obedientemente, você vai até a fogueira para comer algo. Sem enjoos matinais ainda; já é uma sorte.

Enquanto come, você observa a todos e fica impressionada, e também um pouco frustrada. Claro que é comovente que eles tenham vindo assim para se despedir. Você está contente, não pode nem fingir que não está. Quando foi que você partiu de um lugar dessa maneira: abertamente, sem violência, em meio a risadas? Parece... você não sabe o que parece. Bom? Você não sabe o que fazer com isso.

Contudo, você espera que mais deles decidam ficar para trás. Do modo como as coisas estão, Hoa vai arrastar uma ferrugenta caravana pela terra.

Mas, quando olha para Danel, você pisca, surpresa. Ela cortou o cabelo outra vez: parece mesmo não gostar dele comprido. Raspou as laterais de novo e... passou tinta preta nos lábios. Só a Terra sabe onde ela encontrou tinta, ou talvez ela mesma tenha feito com carvão e gordura. Mas, de repente, fica difícil vê-la como a general Costa-forte que era. Não era. De alguma forma, entender que você vai enfrentar um destino que uma sabedorista equatorial quer registrar para a posteridade muda as coisas. Agora não é mais uma caravana. Pelas ferrugens, é uma missão.

Essa ideia faz você soltar meio que um riso fungado, e todos param o que estão fazendo para encará-la.

— Não é nada — você diz, fazendo um gesto e colocando o prato vazio de lado. — É só que... merda. Venham então, quem for junto.

Alguém trouxe a mochila de Lerna, que ele coloca em silêncio, observando você. Tonkee pragueja e começa a se apressar para se preparar enquanto Hjarka pacientemente a ajuda. Danel usa um trapo para enxugar o suor do rosto.

Você se aproxima de Hoa, que moldou o rosto em uma expressão de divertimento irônico, e fica ao lado dele para suspirar diante de toda essa confusão.

— Você consegue levar toda essa gente?

— Contanto que eles permaneçam em contato comigo ou com alguém que está me tocando, sim.

— Me desculpe. Eu não esperava por isso.

— Não esperava?

Você olha para ele, mas então Tonkee — ainda mastigando alguma coisa e colocando a mochila nos ombros com o braço bom — pega a mão dele que está erguida, embora pare e fique olhando descaradamente, fascinada. Esse momento passa.

— Então como vai funcionar? — Ykka anda de um lado a outro da sala, observando todos e cruzando os braços. Ela está visivelmente mais agitada do que o de costume. — Você chega lá, pega a Lua, coloca na posição, e depois o quê? A gente vai ver algum sinal de mudança?

— A Fenda vai esfriar — você diz. — Isso não vai mudar muita coisa em curto prazo porque já há cinzas demais no ar. Esta Estação vai ter que transcorrer, e vai ser ruim não importa o que aconteça. Talvez a Lua até piore as coisas. — Você consegue sensá-la já atraindo o planeta; é, você tem certeza de que ela vai piorar as coisas. Mas Ykka aquiesce. Ela consegue sentir também.

Mas há uma ponta solta de longo prazo que você não conseguiu descobrir sozinha.

— Se eu conseguir fazer isso, restaurar a Lua... — Você encolhe os ombros e olha para Hoa.

— Isso abre espaço para negociação — ele diz com sua voz cavernosa. Todos param para encará-lo. Pelos estremecimentos, você sabe quem está acostumado com comedores de pedra e quem não está. — E, talvez, uma trégua.

Ykka faz uma careta.

— Talvez? Então vocês passaram por tudo isso e não conseguem nem saber ao certo se isso vai acabar com as Estações? Pela Terra Cruel.

— Não — você admite. — Mas vai acabar com *esta* Estação. — Disso você tem certeza. Isso, por si só, faz valer a pena.

Ykka se acalma, mas volta e meia fica murmurando coisas para si mesma. É assim que você descobre que ela quer ir também... mas você fica muito feliz que ela pareça ter se convencido do

contrário. Castrima precisa dela. Você precisa saber que Castrima estará aqui depois que você partir.

Finalmente, todos estão prontos. Você pega a mão direita de Hoa com a sua mão esquerda. Não tem nenhum outro braço para dar para Lerna, então ele envolve a sua cintura com o braço; quando você olha para ele, ele acena com a cabeça, firme, determinado. Do outro lado de Hoa estão Tonkee e Hjarka e Danel, de mãos dadas.

— Isso vai dar errado, não vai? — pergunta Hjarka. Do grupo todo, só ela parece nervosa. Danel está irradiando calma, finalmente em paz consigo mesma. Tonkee está tão entusiasmada que não consegue parar de sorrir. Lerna está apenas encostado em você, firme como sempre é.

— Provavelmente! — responde Tonkee, saltitando um pouco.

— Essa parece uma ideia espetacularmente ruim — diz Ykka. Ela está recostada contra uma parede da sala, braços cruzados, vendo o grupo se reunir. — Quero dizer, Essie *tem* que ir, mas o resto... — Ela chacoalha a cabeça.

— Você viria, se não fosse a chefe? — pergunta Lerna. Cai um silêncio. Ele sempre solta os maiores pedregulhos desse jeito, de forma discreta e do nada.

Ela faz uma carranca e o encara. Depois, lança a você um olhar que é cauteloso e talvez um pouco constrangido antes de suspirar e se afastar da parede. Mas você viu. Você está com um nó na garganta de novo.

— Ei — você diz antes que ela possa escapar. — Yeek.

Ela olha feio para você.

— *Odeio* esse apelido ferrugento.

Você ignora isso.

— Você me disse algum tempo atrás que tinha um estoque de seredis. A gente ia ficar bêbada depois que eu derrotasse o exército de Rennanis. Lembra?

Ykka pisca, depois um sorriso se espalha lentamente pelo rosto dela.

— Você estava em coma ou algo parecido. Bebi tudo sozinha.

Você olha feio para ela, surpresa por descobrir que está verdadeiramente irritada. Ela ri na sua cara. Lá se vão as



despedidas carinhosas.

Mas... bem. É bom de qualquer modo.

— Fechem seus olhos — diz Hoa.

— Ele não está brincando — você acrescenta, como alerta. Mas você mantém os seus abertos enquanto o mundo fica escuro e estranho. Você não sente medo. Você não está sozinha.

• • •

É noite. Nassun está no que pensa ser o campo verde de Ponto Central. Não é — uma cidade construída antes das Estações não teria necessidade de tal coisa. É só um lugar próximo ao enorme buraco que é o coração de Ponto Central. Em torno do buraco há edifícios estranhamente inclinados, como as torres que ela viu em Syl Anagist... mas estes são imensos, da altura de vários andares e da largura de um quarteirão cada um. Ela descobriu que, quando chega muito perto desses edifícios, que não têm portas nem janelas que ela possa ver, são acionados alertas compostos de palavras e símbolos em vermelho vivo, a vários metros de altura, brilhando no ar sobre a cidade. Piores são os alarmes sonoros baixos e roucos que ecoam pelas ruas... não são altos, mas são insistentes, e fazem seus dentes parecerem moles e coçarem.

(Ela olhou dentro do buraco, apesar de tudo isso. É enorme comparado àquele da cidade subterrânea, sua circunferência muitas vezes maior que a daquele, tão grande que ela levaria uma hora ou mais para completar uma volta ao redor dele. No entanto, apesar de toda a sua grandeza, apesar da evidência de uma façanha da engenharia há muito perdida pela humanidade, Nassun não consegue se sentir impressionada. O buraco não alimenta ninguém, não propicia abrigo contra as cinzas nem contra-ataques. Ele nem ao menos a assusta... embora isso não signifique nada. Depois da viagem pela cidade subterrânea e pelo núcleo do planeta, depois de perder Schaffa, nada jamais vai assustá-la outra vez.)

O ponto que Nassun encontrou é um pedaço perfeitamente circular de chão pouco além do raio de alertas do buraco. É um solo estranho, ligeiramente macio ao toque e flexível sob os seus pés, diferente de qualquer material que ela já tenha tocado... mas, aqui em Ponto Central, esse tipo de experiência não é raro. Não há

nenhum solo de verdade nesse círculo, com exceção de um pouco de terra soprada pelo vento e empilhada nas bordas; algumas ervas marinhas se enraizaram aqui, e há um tronco ressecado e espichado de um broto morto que fez o melhor que pôde antes de definhar muitos anos atrás. Isso é tudo.

Vários comedores de pedra apareceram ao redor do círculo, ela nota quando se posiciona no seu centro. Nenhum sinal de Aço, mas deve haver uns vinte ou trinta outros nas esquinas ou nas ruas, sentados em escadas, recostados contra paredes. Alguns viraram a cabeça ou os olhos enquanto ela passava, mas ela os ignorou e ignora. Talvez eles tenham vindo para testemunhar a história. Talvez alguns sejam como Aço, esperando pôr um fim à sua existência horrivelmente interminável; talvez aqueles que a ajudaram o tenham feito por conta disso. Talvez estejam apenas entediados. Ponto Central não é a mais empolgante das cidades.

Nada importa, neste exato momento, exceto o céu noturno. E, nesse céu, a Lua está começando a nascer.

Ela está baixa na linha do horizonte, aparentemente maior do que estava na noite anterior e com aparência oblonga devido às distorções do ar. Branca e estranha e redonda, ela quase parece não valer toda a dor e toda a luta que sua ausência simbolizou para o mundo. E no entanto... ela atrai tudo o que existe de orogene dentro de Nassun. Ela atrai o planeta inteiro.

É hora então de o planeta retribuir a atração.

Nassun fecha os olhos. Eles estão todos em volta de Ponto Central agora... a chave reserva, três por três por três, 27 obeliscos que ela passou as últimas semanas tocando e domando e persuadindo a ficar em órbita ali por perto. Ela ainda consegue sentir o safira, mas ele está longe e não está à vista; ela não pode usá-lo, e ele demoraria meses para chegar se ela o invocasse. Mas estes outros servirão. É estranho ver tantas dessas coisas juntas no céu depois de uma vida inteira tendo um obelisco só — ou nenhum — à vista em dado momento. É mais estranho ainda senti-los todos conectados a ela, zumbindo em velocidades ligeiramente diferentes, seus reservatórios de poder com profundidades ligeiramente diferentes. Os mais escuros são mais profundos. Não dá pra saber por quê, mas é uma diferença perceptível.

Nassun ergue as mãos, abrindo os dedos em uma imitação inconsciente da mãe. Com muito cuidado, ela começa a conectar cada um dos 27 obeliscos: um a um, depois esses dois a outros dois, depois outros. Ela é compelida por linhas de visão, linhas de força, estranhos instintos que exigem relações matemáticas que ela não entende. Cada obelisco sustenta a treliça que se forma em vez de interrompê-la ou anulá-la. É semelhante a colocar cavalos em uma parelha, mais ou menos, quando você tem um com o passo naturalmente rápido e outro que acompanha pesadamente. Isso é emparelhar 27 cavalos de corrida temperamentais... mas o princípio é o mesmo.

E é lindo o momento em que todos os fluxos param de lutar contra Nassun e adotam uma marcha sincronizada. Ela inspira, sorrindo mesmo sem querer, sentindo prazer pela primeira vez desde que o Pai Terra destruiu Schaffa. Deveria ser assustador, não deveria? Tanto poder. Mas não é. Ela cai para cima em meio a torrentes de cinza ou verde ou malva ou branco claro; partes suas para as quais ela nunca soube o nome se mexem e se ajustam em uma dança de 27 partes. Ah, é tão lindo! Se ao menos Schaffa pudesse...

Espere.

Algo faz os cabelos da nuca de Nassun se arrepiarem. É perigoso perder a concentração agora, então ela se obriga a tocar metodicamente cada obelisco por vez e colocá-los de volta em algo como um estado de inatividade. Em sua maioria, eles toleram isso, embora o opala dê alguns pinotes e ela tenha que forçá-lo a entrar em latência. Porém, quando todos enfim estão estáveis, ela abre os olhos com cautela e olha ao redor.

A princípio, as ruas pretas e brancas iluminadas pela lua estão como antes: silenciosas e estáticas apesar da multidão de comedores de pedra que se reuniu para vê-la trabalhar. (Em Ponto Central, é fácil sentir-se sozinho no meio de uma multidão.) Então ela nota... movimento. Algo... *alguém*... espreitando de sombra em sombra.

Surpresa, Nassun respira e dá um passo em direção a esse vulto que se move.

— O-olá?

O vulto cambaleia em direção a uma espécie de coluna pequena cujo propósito Nassun jamais entendeu, embora pareça haver uma em cada esquina da cidade. Quase caindo enquanto se segura na coluna em busca de apoio, o vulto estremece e ergue o olhar ao ouvir a voz dela. Olhos branco-gelo dardejam Nassun a partir das sombras.

Schaffa.

Acordado. Movendo-se.

Sem pensar, Nassun começa a andar a passos largos, depois a correr até ele. O coração dela está na boca. Ela ouviu falar sobre coisas desse tipo e não deu importância antes — era só poesia, só bobagem —, mas agora sabe o que significa ao passo que sua boca fica tão seca que ela consegue sentir o próprio pulso através da língua. Sua visão fica borrada.

— Schaffa!

Ele está a mais ou menos dez metros de distância, perto de uma das construções em forma de torre que circundam o buraco de Ponto Central. Perto o bastante para reconhecê-la... e, no entanto, não há nada em seu olhar que pareça saber quem ela é. Muito pelo contrário. Ele pisca e depois sorri de um modo lento e frio que a faz parar aos tropeços com uma profunda inquietação que lhe contrai a pele.

— Sch-Schaffa? — ela diz outra vez. Sua voz sai bem fininha em meio ao silêncio.

— *Olá, pequena inimiga* — responde Schaffa com uma voz que reverbera por Ponto Central e pela montanha debaixo da cidade e pelo oceano em um raio de mais de mil quilômetros.

Então ele se vira para a construção em forma de torre atrás de si. Uma abertura alta e estreita aparece quando ele a toca; ele entra meio cambaleando, meio tropeçando. A abertura desaparece atrás dele em um instante.

Nassun grita e se lança atrás dele.

• • •

Você está nas profundezas do manto, no meio do caminho para o outro lado do mundo, quando sente a ativação de parte do Portão do Obelisco.

Ou pelo menos sua mente interpreta isso, a princípio, até você controlar o susto e se projetar para confirmar o que está sentindo. É difícil. Aqui nas profundezas do solo, existe *tanta* magia; tentar filtrar o que quer que esteja acontecendo na superfície é como tentar ouvir um riacho distante em meio a cem cachoeiras retumbantes por perto. Fica pior à medida que Hoa os leva mais para o fundo, até que finalmente você tem que “fechar os olhos” e parar de perceber a magia por completo... porque há algo imenso por ali que está “cegando” você com seu brilho. É como se houvesse um sol subterrâneo, branco-prateado e girando com uma concentração incrivelmente intensa de magia... mas você também consegue sentir Hoa desviando bastante dele, embora isso signifique que a viagem no geral vai levar mais tempo do que o absolutamente necessário. Você terá que lhe perguntar por quê mais tarde.

Você não consegue ver muita coisa além de turbilhões vermelhos aqui nas profundezas. A que velocidade vocês estão indo? Sem pontos de referência, é impossível dizer. Hoa é uma sombra intermitente na vermelhidão ao seu lado, tremeluzindo nas raras ocasiões em que você o vislumbra... mas você provavelmente também está tremeluzindo. Ele não está perfurando a terra, mas sim tornando-se parte dela e transportando as partículas do seu ser em torno das partículas da terra, tornando-se uma forma de onda que você consegue sentir como se fosse som ou luz ou calor. É perturbador o bastante sem que você pense no fato de que ele está fazendo isso com você também. Você não consegue sentir nada desse jeito exceto um pouco de pressão da mão dele, e uma insinuação de tensão do braço de Lerna. Não há nenhum som além do zumbido onipresente, nenhum cheiro de enxofre ou de nenhuma outra coisa. Você não sabe se está respirando e não sente necessidade de ar.

Mas o despertar distante de múltiplos obeliscos a deixam em pânico, quase a fazem tentar se afastar de Hoa para poder se concentrar, embora — idiota — isso não fosse apenas matá-la, mas *aniquilá-la*, transformando-a em cinzas e depois vaporizando as cinzas e depois incendiando o vapor.

— Nassun! — você grita, ou tenta gritar, mas as palavras se perdem naquele estrondo profundo. Não há ninguém para ouvi-la

gritar.

Exceto. Que há.

Algo se mexe à sua volta... ou, só agora você percebe, você está se mexendo em relação àquilo. É uma coisa na qual não pensa até acontecer de novo, e você acha que sente Lerna sacudir ao seu lado. Então finalmente lhe ocorre olhar para os fogos prateados dos corpos dos seus companheiros, que pelo menos você consegue distinguir em relação à densa substância vermelha da terra ao seu redor.

Há uma chama de forma humana ligada à sua mão, pesada como uma montanha na sua percepção enquanto avança depressa: Hoa. No entanto, ele está se movendo de modo estranho, mudando de tempos em tempos para um lado ou para outro. Foi isso que você percebeu antes. Ao lado de Hoa, há brilhos tênues, delicadamente entalhados. Um tem uma interrupção perceptível no fluxo do prateado de um braço: esse tem que ser Tonkee. Você não consegue distinguir Hjarka de Danel porque não consegue ver cabelo ou tamanho relativo ou nada tão detalhado, como dentes. Apenas o fato de saber que Lerna está mais perto de você é o que o distingue. E, para além de Lerna...

Algo passa rápido como um lampejo, pesado como uma montanha e brilhante por conta da magia, com formato humano, mas não humano. E não é Hoa.

Outro lampejo. Alguma coisa passa em disparada em uma trajetória perpendicular, interceptando-o e afastando-o, mas existem mais. Hoa se lança para um lado outra vez, e um novo lampejo erra o alvo. Mas passa perto. Lerna parece se contrair ao seu lado. Será que ele consegue ver isso também?

Você verdadeiramente espera que não, porque agora entende o que está acontecendo. Hoa está se *esquivando*. E você não pode fazer nada, nada, a não ser confiar nele para mantê-los a salvo dos comedores de pedra que estão *tentando separar você dele*.

Não. É difícil concentrar-se quando você está com tanto medo assim... quando você foi fundida à rocha semissólida de alta pressão do manto do planeta, e quando todos os que você ama vão morrer de uma maneira horrível e lenta se você fracassar em sua missão, e quando você está cercada por correntezas de magia que

são muito mais fortes do que qualquer coisa que você já tenha visto, e quando você está sob o ataque de comedores de pedra assassinos. Mas. Você não passou a sua infância aprendendo a se esforçar sob ameaça em vão.

Meros fios de magia não são suficientes para deter comedores de pedra. Os rios sinuosos dessa substância na terra são a única coisa que você tem à mão. Procurar tocar um deles é como mergulhar sua consciência em um tubo de lava e, por um instante, você se distrai pensando se essa será a sensação se Hoa soltar: um lampejo terrível de calor e dor, depois o esquecimento. Você deixa isso de lado. Uma lembrança lhe vem à mente. Meov. Inserindo uma cunha de gelo em um penhasco, fendendo-o no momento exato para esmagar um navio cheio de Guardiões...

Você molda a sua vontade em forma de cunha e a encrava na torrente de magia mais próxima, uma coisa gigantesca e crepitante em espiral. Funciona, mas a sua mira sai errada; magia se esparrama por toda parte e Hoa precisa se esquivar de novo, desta vez dos seus esforços. Merda! Você tenta de novo, concentrando-se desta vez, deixando os seus pensamentos se soltarem. Você já está na terra, vermelha e quente em vez de escura e cálida, mas qual é a diferença? Você ainda está no tormento, só que em um tormento literal em vez de um mosaico simbólico. Você precisa direcionar a sua cunha *para cá* e mirá-la *ali* ao passo que outro lampejo de montanha com formato de pessoa começa a acompanhar vocês e acelera para a matança...

... no exato momento em que você desloca um riacho do prateado mais puro e mais brilhante diretamente para a rota dele. Não acerta. Você ainda não mira bem. No entanto, você vislumbra o comedor de pedra parar quando a magia resplandece bem diante do nariz dele. Aqui na vermelhidão profunda é impossível ver expressões, mas você imagina que a criatura ficou surpresa, talvez até alarmada. Você espera que sim.

— A próxima é para você, seu maldito ferrugento filho de um canibal! — você tenta gritar, mas não está mais em um espaço puramente físico. O som e o ar são irrelevantes. Você *imagina* as palavras, então, e espera que o ferrugento em questão entenda o espírito da coisa.

O que você não imagina, contudo, é que os vislumbres rápidos e fugazes de comedores de pedra vão parar. Hoa continua avançando, mas não há mais ataques. Muito bem, então. É bom ter alguma utilidade.

Ele está subindo mais rápido agora que está desimpedido. Seus sensapinae começam a perceber a profundidade como uma coisa racional e calculável outra vez. O vermelho intenso se transforma em marrom intenso, depois passa para um tom frio de preto intenso. E então...

Ar. Luz. Solidez. Você se torna *real* de novo, de carne e sangue e inalterada por outra matéria, sobre uma estrada entre edifícios estranhos e lisos, altos como obeliscos sob um céu noturno. O retorno das sensações é impressionante, profundo... mas nada comparado ao absoluto choque que você sente quando olha para cima.

Porque você passou os últimos dois anos sob um céu com quantidades variáveis de cinzas e até agora não fazia ideia de que a Lua havia voltado.

É um olho branco-gelo contra a escuridão, um mau presságio escrito de maneira gigantesca e aterrorizante contra a tapeçaria de estrelas. Você consegue ver o que ela é, mesmo sem sensá-la: uma rocha redonda imensa. Ilusoriamente pequena contra a vastidão do céu. Você acha que vai precisar dos obeliscos para sensá-la por completo, mas consegue ver em sua superfície coisas que talvez sejam crateras. Você já atravessou crateras. As crateras da Lua são grandes o bastante para ver daqui, grandes o bastante para levar *anos* para atravessar a pé, e isso lhe revela que a coisa toda é incompreensivelmente enorme.

— Puta merda — diz Danel, o que faz você tirar os olhos do céu. Ela está de quatro, como que agarrada ao chão e agradecida por sua solidez. Talvez ela esteja lamentando ter escolhido o dever agora, ou talvez não houvesse entendido, antes dessa experiência, que ser uma sabedorista poderia ser tão horrível e perigoso quanto ser general. — Puta merda! Puta merda!

— Então é isso. — Tonkee. Ela está olhando para a Lua também.

Você se vira para ver a reação de Lerna...



Lerna. O espaço ao seu lado, onde ele se segurava em você, está vazio.

— Eu não esperava o ataque — diz Hoa. Você não consegue se virar para ele. Não consegue virar as costas para o *espaço vazio* onde Lerna deveria estar. A voz de Hoa tem seu costumeiro tom sem inflexão e cavernoso de tenor... mas será que ele está abalado? Chocado? Você não quer que ele esteja chocado. Você quer que ele diga algo do tipo: “Mas é claro que eu consegui manter todos a salvo, Lerna está logo ali, não se preocupe”.

Em vez disso, ele diz:

— Eu deveria ter imaginado. As facções que não querem paz... — Ele vai parando de falar. Cala-se, como qualquer pessoa comum que não encontra as palavras.

— Lerna. — Aquele último solavanco. Aquele que você achou que haviam errado por pouco.

Não é o que deveria ter acontecido. Você é quem está se sacrificando nobremente pelo futuro do mundo. Era para *ele* sobreviver a isso.

— O que aconteceu com ele? — Essa é Hjarka, que está de pé, mas inclinada, com as duas mãos sobre os joelhos, como se estivesse pensando em vomitar. Tonkee está esfregando a lombar como se isso fosse ajudar de algum modo, mas a atenção de Hjarka está em você. Ela está franzindo a testa, e você vê o momento em que ela percebe do que vocês estão falando e muda para uma expressão de choque.

Você se sente... entorpecida. Não aquela ausência de sensações que vem do fato de estar se transformando em uma estátua. Isso é diferente. Isso é...

— Eu nem achava que o amava — você murmura.

Hjarka estremece, mas se endireita e respira fundo.

— Todos nós sabíamos que essa poderia ser uma viagem só de ida.

Você chacoalha a cabeça... confusa?

— Ele é... Ele *era*... tão mais novo do que eu. — Você esperava que ele vivesse mais do que você. Era assim que *deveria* ser. Você deveria morrer sentindo-se culpada por deixá-lo para trás e matar o filho dele que ainda estava por nascer. Ele deveria...

— *Ei.* — A voz de Hjarka sobe um tom. Mas você conhece essa expressão. É um olhar de Liderança, ou um olhar lembrando que você é a líder aqui. Mas é isso mesmo, não é? É você quem está chefiando esta pequena expedição. Foi você quem não forçou Lerna ou qualquer um deles a ficar em casa. Foi você quem não teve coragem de fazer isso sozinha da forma como deveria muito bem ter feito se realmente não quisesse que eles se machucassem. A morte de Lerna é culpa sua, não de Hoa.

Você para de olhar para eles e involuntariamente leva a mão ao cotoco do braço. Isso é irracional. Você estava esperando feridas de batalha, marcas de queimadura, alguma outra coisa para mostrar que perdeu Lerna. Mas está tudo bem. Você está bem. Você olha de novo para os outros; todos eles também estão bem, porque batalhas com comedores de pedra não são coisas das quais se escapa com meras feridas na carne.

— É um *pré-guerra*. — Enquanto você fica ali, desolada, Tonkee se vira meio de costas para Hjarka, o que é um problema porque, nesse momento, Hjarka está apoiada nela. Hjarka resmunga e passa um braço em torno do pescoço de Tonkee para mantê-la no lugar. Tonkee parece não notar de tão arregalados que estão os seus olhos enquanto ela olha ao redor. — Maldita Terra comedora, olhem para este lugar. Totalmente intacto! Não está escondido de modo algum, não tem estruturas de defesa ou camuflagem, mas também não tem espaço verde suficiente para torná-lo autossuficiente... — Ela pisca. — Eles teriam precisado de remessas regulares de suprimentos para sobreviver. Este lugar *não foi construído para a sobrevivência*. Isso significa que é de antes do Inimigo! — Ela pisca de novo. — As pessoas que viviam aqui devem ter vindo da Quietude. Talvez exista algum meio de transporte por aqui que ainda não vimos. — Ela se perde em pensamentos, murmurando algo para si mesma enquanto agacha para passar o dedo na substância de que é feito o chão.

Você não se importa. Mas você não tem tempo para lamentar a perda de Lerna ou odiar a si mesma, não agora. Hjarka está certa. Você tem um trabalho a fazer.

E você viu as outras coisas no céu além da Lua; as dezenas de obeliscos que pairam tão perto, tão devagar, com sua energia

contida, nenhum deles reconhecendo o seu toque quando você tenta sintonizá-los. Eles não são seus. Mas, embora tenham sido arranjados e preparados, emparelhados uns aos outros de uma forma que você imediatamente reconhece como Má Notícia, eles não estão fazendo nada. Algo os colocou em espera.

Concentração. Você pigarreia.

— Hoa, onde está ela?

Quando você olha para ele, vê que ele assumiu uma nova postura: expressão alheia, o corpo ligeiramente voltado para o sul e o leste. Você segue o olhar dele e vê algo que, de início, deixa-a admirada: um amontoado de edifícios, de seis ou sete andares pelo que você pode ver, em formato de cunha e de características inexpressivas. É fácil distinguir que eles formam um anel, e é fácil adivinhar o que há no coração desse anel, muito embora você não possa ver devido ao ângulo dos edifícios. Mas Alabaster lhe contou, não contou? *A cidade existe para conter o buraco.*

Sua garganta fecha, impedindo sua respiração.

— Não — Hoa diz. Tudo bem. Você se obriga a respirar. Ela não está no buraco.

— Onde então?

Hoa se vira para olhar para você. Ele faz isso lentamente. Os olhos dele estão arregalados.

— Essun... ela entrou em Garantia.

• • •

Ponto Central, o que está em cima, é como Garantia, o que está embaixo.

Nassun corre por corredores entalhados em obsidiana, de teto baixo e claustrofóbicos. Está quente aqui embaixo... não opressivamente quente, mas o calor é próximo e onipresente. O calor do vulcão, irradiando do seu núcleo através da velha rocha. Ela consegue sentir ecos do que foi feito para criar este lugar porque foi orogenia, não magia, embora tenha sido uma orogenia mais precisa e poderosa do que qualquer coisa que ela já viu. Mas ela não se importa com nada disso. Ela precisa encontrar Schaffa.

Os corredores estão vazios, a parte superior iluminada por mais daquelas estranhas luzes retangulares que ela viu na cidade

subterrânea. Não há mais nada neste lugar que se pareça com aquele. O design da cidade subterrânea passava a sensação de ter sido feito com calma. Há sinais de beleza no modo como a estação foi construída que sugerem que ela foi desenvolvida gradualmente, parte por parte, com tempo para contemplar cada fase da construção. Garantia é um lugar escuro, utilitário. À medida que Nassun desce por rampas em declive e passa por salas de conferência, salas de aula, refeitórios e saguões, ela vê que todos eles estão vazios. Os corredores daquela instalação foram abertos a pancadas e patadas a partir do vulcão em escudo em um período de dias ou semanas... às pressas, embora não esteja claro por quê. Nassun consegue distinguir a natureza apressada do lugar, de alguma maneira, para o seu próprio espanto. O medo impregnou as paredes.

Mas nada disso importa. Schaffa está aqui em algum lugar. Schaffa, que mal se moveu durante semanas e, no entanto, de alguma forma, está correndo agora, seu corpo impulsionado por algo que não a própria mente. Nassun rastreia o prateado dele, impressionada que ele tenha conseguido chegar tão longe nos instantes que ela levou para reabrir a porta que ele usou e depois, quando a porta não abriu para ela, para usar o prateado para abri-la à força. Mas agora ele está ali adiante e...

... outros também. Ela para por um momento, ofegando, sentindo-se desconfortável de repente. Muitos deles. Dezenas... não. Centenas. E todos são como Schaffa, seus prateados mais tênues, mais estranhos, e também sustentados a partir de algum outro lugar.

Guardiões. Então este é o lugar para onde eles vão durante as Estações... mas Schaffa disse que vão matá-lo porque ele está "contaminado".

Não vão, não. Ela cerra os punhos.

(Não lhe passa pela cabeça que eles vão matá-la também. Na verdade, passa sim, mas "Não vão, não" ocupa mais espaço no escopo da realidade dela.)

Quando Nassun passa correndo por uma porta no alto de uma pequena escada, porém, o corredor próximo de súbito dá em uma câmara estreita, mas de teto muito alto. É alto o suficiente a ponto

de o teto quase se perder na escuridão, e seu comprimento se estender para além de onde a vista consegue alcançar. E, ao longo de todas as paredes dessa câmara, em fileiras organizadas que se empilham até o teto, há dezenas... centenas... de estranhos buracos quadrados. Isso a faz lembrar dos compartimentos em um ninho de vespas, exceto que o formato está errado.

E em cada um deles há um corpo.

Schaffa não está muito longe. Em algum lugar desta sala, não mais avançando. Nassun também para, a apreensão enfim suplantando sua forte necessidade de encontrá-lo. O silêncio faz sua pele comichar. Ela não consegue evitar sentir medo. A analogia do ninho de vespas ficou com ela e, de certo modo, ela tem medo de olhar para as celas e encontrar um verme a encarando, talvez em cima do cadáver de alguma criatura (pessoa) da qual é parasita.

Inadvertidamente, ela olha para a cela mais próxima. Mal chega a ser maior do que os ombros do homem lá dentro, que parece estar adormecido. Ele é jovem, de cabelo grisalho, um latmediiano, vestindo o uniforme vinho de que Nassun ouviu falar, mas nunca viu. Está respirando, embora devagar. A mulher na cela ao lado da dele está usando o mesmo uniforme, embora seja completamente diferente em todos os outros aspectos: uma costeira do leste de pele completamente negra, cabelos que foram trançados ao longo do couro cabeludo em padrões intrincados e lábios vinho escuro. Há o mais leve dos sorrisos nesses lábios... como se, mesmo durante o sono, ela não conseguisse perder esse hábito.

Adormecidos, mais do que adormecidos. Nassun segue o prateado que há nas pessoas que estão nas celas, sondando seus nervos e circulação, e entende que cada um deles está em algo como um coma. Mas ela pensa que talvez comas normais não sejam assim. Nenhuma dessas pessoas parece estar ferida ou doente. E, dentro de cada Guardiã, há aquele fragmento de núcleo pétreo... inativo aqui, em vez de agitando-se raivosamente como aquele em Schaffa. Estranhamente, os fios de prateado em cada Guardiã estão se estendendo para aqueles à sua volta. Formando uma rede. Sustentando uns aos outros, talvez? Carregando uns aos outros para realizar algum tipo de trabalho da forma como uma rede de obeliscos faz? Ela não consegue determinar.

(O propósito nunca foi que eles continuassem.)

Mas então, do centro da sala abobadada, talvez uns trinta metros à frente, ela ouve um nítido zumbido metálico.

Ela se sobressalta e se afasta das celas aos tropeços, lançando um olhar rápido e assustado ao redor para ver se o barulho despertou qualquer um dos ocupantes das celas. Eles não se mexem. Ela engole em seco e chama baixinho:

— Schaffa?

Sua resposta, ecoando pela câmara alta, é um gemido baixo e familiar.

Nassun avança aos tropeços, prendendo a respiração. É ele. No meio da estranha câmara há engenhocas organizadas em fileiras. Cada uma consiste de uma cadeira anexada a um complexo arranjo de arame prateado composto de voltas e barras; ela nunca viu nada como aquilo. (Você já.) Cada engenhoca parece grande o bastante para acomodar uma pessoa, mas estão todas vazias. E — Nassun chega mais perto para ver melhor, depois estremece — cada uma se apoia em uma coluna de pedra que possui um mecanismo indecentemente complicado. É impossível não notar os minúsculos bisturis, os delicados acessórios de variados tamanhos semelhantes a fórceps, e outros instrumentos com o claro propósito de cortar e furar...

Em algum lugar ali por perto, Schaffa geme. Nassun afasta da mente as coisas cortantes e desce correndo fileira abaixo.

... e para diante da única cadeira de arame ocupada da sala.

A cadeira foi ajustada de alguma maneira. Schaffa está acomodado nela, mas de barriga para baixo, seu corpo suspenso pelos fios, seu cabelo cortado dividido ao redor do pescoço. O mecanismo atrás da cadeira voltou à vida, estendendo-se para cima e sobre o corpo dele de uma forma que parece predatória para ela... mas já está se retraindo quando ela se aproxima. Os instrumentos ensanguentados desaparecem dentro do mecanismo; ela ouve mais zumbidos leves. Limpeza, talvez. Um acessório minúsculo, semelhante a uma pinça, permanece, entretanto, segurando um prêmio que ainda brilha ligeiramente com o sangue de Schaffa. Um pequeno fragmento de metal irregular e escuro.

Olá, pequena inimiga.

Schaffa está imóvel. Nassun olha para o corpo dele, trêmula. Não consegue se forçar a mudar sua percepção de volta para os fios de prateado, para a *magia*, para ver se ele está vivo. A ferida ensanguentada bem no alto de sua nuca foi cuidadosamente suturada, bem em cima da cicatriz antiga sobre a qual ela sempre pensava. Ainda está sangrando, mas fica claro que a ferida foi aberta rapidamente e fechada quase com a mesma rapidez.

Como a criança que deseja que o monstro debaixo da cama não exista, Nassun deseja que as costas e as laterais do corpo de Schaffa se mexam.

Elas se mexem quando ele puxa o ar.

— N-Nassun — ele murmura.

— Schaffa! Schaffa. — Ela se ajoelha e vai para a frente para olhar para o rosto dele por baixo da engenhoca de arame, sem se importar com o sangue ainda pingando do rosto e das laterais da nuca. Seus olhos, seus lindos olhos branco-gelo, estão entreabertos... e são *e/e* desta vez! Ela percebe isso e cai no choro. — Schaffa? O senhor está bem? Está bem mesmo?

A fala dele está lenta e enrolada. Nassun não vai pensar sobre o porquê.

— Nassun. Eu. — A expressão do rosto dele muda mais devagar ainda, um maremoto nas sobrancelhas enviando um tsunami de lenta percepção para o resto. Ele arregala os olhos. — Estou. Sem dor.

Ela toca o rosto dele.

— Aquela... aquela coisa não está mais dentro de você, Schaffa. Aquela coisa de metal.

Ele fecha os olhos e ela sente um aperto no estômago, mas então a ruga desaparece da testa dele. Ele sorri de novo... e, pela primeira vez desde que Nassun o conheceu, não existe nem um pouco de tensão ou falsidade no sorriso. Ele não está sorrindo para aliviar sua dor ou os temores dos outros. Ele abre a boca. Nassun consegue ver todos os dentes dele. Ele está *rindo*, embora debilmente; está chorando também, de alívio e alegria, e é a coisa mais linda que ela já viu. Ela coloca as duas mãos no rosto dele, sem se esquecer da ferida na nuca, e encosta a testa na dele,

sacudindo com a tênue risada dele. Ela o ama. Ela simplesmente o ama tanto.

E porque ela está tocando-o, porque o ama, porque está tão afinada às necessidades e às dores dele e ao propósito de fazê-lo feliz, sua percepção passa para o prateado. Ela não faz por querer. Ela só quer usar os olhos para apreciar o ato de vê-lo retribuindo o olhar, e o de suas mãos tocarem a pele dele, e o de seus ouvidos ouvirem a voz dele.

Mas ela é orogene e não consegue mais desligar a sensuna, da mesma forma como não pode desligar a visão ou a audição ou o tato. E é por isso que seu sorriso vacila e sua alegria desvanece porque, no momento em que vê como a rede de fios dentro dele já está começando a desvanecer, ela não pode mais negar que ele está morrendo.

É um processo lento. Ele poderia durar algumas semanas ou meses, talvez até um ano, com o que restou. Mas, enquanto todos os outros seres vivos produzem fartamente o seu próprio prateado quase por acidente, fazendo-o fluir e hesitar e obstruir tudo entre as células, não há nada entre as células dele a não ser um pouquinho. O que sobrou de prateado nele flui pelo sistema nervoso, e ela consegue ver um vazio gritante e escancarado onde costumava ser o núcleo da rede de prateado dele, nos sensapinae. Sem o núcleo pétreo, como ele a alertou, ele não vai durar muito.

Os olhos de Schaffa acabaram se fechando. Ele está dormindo, exausto por ter arrastado seu corpo enfraquecido pelas ruas. Mas não foi ele quem fez isso, foi? Nassun se põe de pé, tremendo, mantendo as mãos nos ombros de Schaffa. A cabeça pesada dele pressiona o peito dela. Ela olha para o pequeno fragmento de metal com amargura, entendendo de imediato por que o Pai Terra fez isso com ele.

Ele sabe que ela pretende trazer a Lua para baixo, e que isso criará um cataclismo muito pior do que o Estilhaçamento. Ele quer viver. Ele sabe que Nassun ama Schaffa e que, até agora, ela via a destruição do mundo como a única maneira de dar paz ao Guardião. Agora, contudo, ele refez Schaffa, oferecendo-o a Nassun como uma espécie de ultimato vivo.



*Agora ele está livre, a Terra escarnece com esse gesto sem palavras. Agora ele pode ter paz sem morte. E, se você quiser que ele viva, pequena inimiga, só há um modo.*

Aço nunca disse que não podia ser feito, apenas que não deveria ser feito. Talvez Aço esteja errado. Talvez, como comedor de pedra, Schaffa não fique sozinho e triste para sempre. Aço é cruel e horrível, por isso ninguém quer ficar com ele. Mas Schaffa é bom e gentil. Com certeza ele encontrará outra pessoa a quem amar.

Especialmente se todo mundo for comedor de pedra também.

A humanidade, ela decide, é um preço baixo a se pagar pelo futuro de Schaffa.

• • •

Hoa disse que Nassun foi para o subsolo, para Garantia, onde ficam os Guardiões, e o pânico que isso lhe causa traz um gosto azedo à boca enquanto você circunda o buraco a passos largos, procurando uma forma de entrar. Você não ousa pedir a Hoa que simplesmente a transporte até ela: os aliados do Homem Cinza espreitam por toda parte agora, e eles a matarão tão seguramente quanto mataram Lerna. Os aliados de Hoa estão presentes também; você tem uma lembrança turva de ver duas montanhas que estavam correndo colidirem, uma tirando a outra do caminho. Mas, até essa questão com a Lua estar resolvida, ir para dentro da Terra é perigoso demais. Todos os comedores de pedra estão aqui, você sensa: mil montanhas do tamanho de um humano em Ponto Central e debaixo de sua superfície, algumas delas observando você correr pelas ruas procurando sua filha. Todas as facções antigas e batalhas particulares chegarão a um ponto crítico esta noite, de um jeito ou de outro.

Hjarka e os outros seguiram você, embora mais devagar; eles não sentem o seu pânico. Enfim você avista uma construção em forma de torre que foi aberta... *cortada*, ao que parece, como que com uma faca enorme: três golpes irregulares e então alguém fez a porta cair para o lado de fora. A porta tem trinta centímetros de espessura. Mas, para além dela, há um corredor amplo e de teto baixo que desce para a escuridão.

Alguém está saindo dele, contudo, quando você chega lá e para aos tropeços.

— Nassun! — você diz bruscamente, porque é ela.

A garota emoldurada pela porta é vários centímetros mais alta do que você se lembrava. Seu cabelo está mais comprido agora, preso em duas tranças que caem por trás dos ombros. Você mal a reconhece. Ela para ao ver você, com uma ligeira ruga de confusão entre as sobrancelhas, e você percebe que ela está tendo dificuldade de reconhecê-la também. O reconhecimento vem, e ela olha como se você fosse a última coisa no mundo que ela esperava ver. Porque você é.

— Oi, Mamãe — Nassun diz.



## 14

### *Eu, no final dos dias*

Sou testemunha do que se segue. Vou lhe contar tal como foi.

Observo você e sua filha encararem uma à outra pela primeira vez em dois anos, através de um abismo de provações. Só eu sei o que vocês duas passaram. Cada uma de vocês pode julgar a outra apenas com base nas presenças, nas ações e nas cicatrizes, pelo menos por enquanto. Você: muito mais magra do que a mãe que ela viu pela última vez quando decidiu faltar à creche um dia. O deserto desgastou você, ressecando sua pele; a chuva ácida descoloriu seus cachos, deixando-os com um tom de castanho mais claro do que deveria ser, e os fios brancos aparecem mais. As roupas dependuradas em seu corpo também foram descoloridas pelas cinzas e pelo ácido, e a manga direita vazia da sua camisa foi atada em um nó; ela balança, nitidamente esvaziada, enquanto você recupera o fôlego. E outra parte da primeira impressão que Nassun tem de você pós-Fenda: atrás de você há um grupo de pessoas que olham para Nassun, algumas delas com uma desconfiança palpável. Você, no entanto, demonstra apenas angústia.

Nassun está tão imóvel quanto um comedor de pedra. Ela cresceu apenas dez centímetros desde a Fenda, mas, para você, parece que foram trinta. Você consegue ver que a adolescência está chegando... cedo, mas essa é a natureza da vida em tempos difíceis. O corpo tira vantagem da segurança e da abundância

quando pode, e os nove meses que passou em Jekity foram bons para ela. Ela provavelmente vai começar a menstruar no próximo ano, se conseguir encontrar comida suficiente. Mas as maiores mudanças não são materiais. A desconfiança no olhar dela, nada parecida com a timidez reservada de que você se lembra. A postura dela: os ombros para trás, os pés apoiados no chão e retos. Você disse a ela para arrumar a postura um milhão de vezes e sim, ela parece tão alta e forte agora com a postura reta. Tão lindamente forte.

A orogenia dela repousa sobre a sua consciência como um peso sobre o mundo, firme como uma rocha e precisa como uma broca de diamante. Pela Terra Cruel, você pensa. Ela sensa exatamente como você.

Acaba antes de começar. Você sente isso tão seguramente quanto sensa a força dela, e ambas as coisas a deixam desesperada.

— Eu estava procurando você — você diz. Você ergueu a mão sem pensar. Seus dedos se abrem e se contraem e abrem outra vez em um gesto que é metade avidez, metade súplica.

Ela semicerra os olhos.

— Eu estava com o Papai.

— Eu sei. Eu não conseguia te encontrar. — É redundante, óbvio; você odeia a si mesma por balbuciar. — Você... está bem?

Ela desvia o olhar, preocupada, e você fica incomodada com o fato de que a preocupação dela claramente não é você.

— Eu preciso... o meu Guardião precisa de ajuda.

Você fica tensa. Nassun ouviu de Schaffa sobre como ele era antes de Meov. Ela sabe, em sua mente, que o Schaffa que você conheceu e o Schaffa que ela ama são pessoas completamente diferentes. Ela viu um Fulcro e a forma como ele desvirtuava seus detentos. Ela se lembra de como você costumava ficar tensa mesmo ao ver de relance a cor vinho... e enfim, aqui no fim do mundo, ela entende por quê. Ela conhece você melhor agora do que jamais conheceu antes em sua vida.

E no entanto. Para ela, Schaffa é o homem que a protegeu de saqueadores... e do pai dela. É o homem que a acalmou quando ela estava com medo, que a colocava na cama de noite. Ela o viu lutar

contra sua própria natureza brutal, e contra a Terra em si, a fim de ser o pai de que ela precisava. Ele a ajudou a aprender como amar a si mesma pelo que ela é.

A mãe dela? Você. Não fez nenhuma dessas coisas.

E nesse momento contido, enquanto você luta contra a lembrança de Innon caindo aos pedaços e da dor intensa de ossos quebrados em uma mão que você não tem mais, com “Nunca diga não para mim” ecoando na sua cabeça, ela intui aquilo que você negou até agora: que é impossível. Não pode haver nenhuma relação, nenhuma confiança, entre você e ela porque vocês duas são o que a Quietude e a Estação as tornaram. Que Alabaster estava certo e que algumas coisas estão quebradas demais para serem consertadas. Não há nada a fazer a não ser destruí-las totalmente, por misericórdia.

Nassun chacoalha a cabeça enquanto você fica ali, contraindo-se. Ela desvia o olhar. Chacoalha a cabeça outra vez. Os ombros dela se curvam um pouco, não devido à preguiça, mas ao cansaço. Ela não culpa você, mas também não espera nada de você. E, neste exato momento, você apenas está no meio do caminho.

Então ela se vira para ir embora, e isso lhe causa um choque que a tira de seu estado de fuga.

— Nassun?

— Ele precisa de ajuda — ela repete. A cabeça está baixa e os ombros, tensos. Ela não para de andar. Você inspira e começa a segui-la. — Tenho que ajudá-lo.

Você sabe o que está acontecendo. Sentiu isso, receou isso, o tempo todo. Atrás de você, você ouve Danel deter as demais. Talvez ela pense que você e sua filha precisam de espaço. Você as ignora e corre atrás de Nassun. Você pega o ombro dela, tenta fazê-la virar.

— Nassun, o que... — Ela chacoalha o ombro para se libertar de você com tanta força que você cambaleia. Seu equilíbrio ficou abalado desde que você perdeu o braço, e ela está mais forte do que era antes. Ela não percebe que você quase cai. Ela continua andando. — Nassun! — Ela nem olha para trás.

Você está desesperada para conseguir a atenção dela, para fazê-la reagir, alguma coisa. Qualquer coisa. Você procura e então

diz, com ela de costas para você:

— Eu... eu... eu sei sobre Jija!

Isso a faz vacilar até parar. A morte de Jija ainda é uma ferida aberta dentro dela que Schaffa limpou e suturou, mas que não fechará por algum tempo. O fato de você saber o que ela fez a faz curvar-se de vergonha. O fato de ter sido necessário, autodefesa, frustra-a. O fato de você tê-la lembrado disso agora transforma a vergonha e a frustração em raiva.

— Eu *tenho* que ajudar Schaffa — ela diz outra vez. Endireita os ombros de um jeito que você reconhece de cem tardes nos seus tormentos improvisados e de quando ela tinha dois anos e aprendeu a palavra “não”. Não dá para argumentar com ela quando fica assim. As palavras se tornam irrelevantes. As ações significam mais. Mas que ações poderiam possivelmente expressar a desordem dos seus sentimentos neste exato momento? Você olha para os outros sem poder fazer nada. Hjarka está segurando Tonkee; o olhar de Tonkee está fixo no céu e na reunião de mais obeliscos do que você jamais viu em sua vida inteira. Danel está um pouco mais distante do resto, mãos atrás das costas, lábios pretos mexendo-se no que você reconhece como um exercício mnemônico de sabedorista para ajudá-la a absorver tudo o que vê e ouve, palavra a palavra. Lerna...

Você esqueceu. Lerna não está aqui. Mas, se estivesse, você suspeita, ele estaria alertando-a. Ele era médico. Feridas de família não estavam propriamente dentro da sua esfera de atuação... mas qualquer um consegue ver que alguma coisa aqui infeccionou.

Você corre atrás dela de novo.

— Nassun. Nassun, pelas ferrugens, olhe para mim quando eu falo com você! — Ela ignora você, e é um tapa na cara; mas do tipo que clareia a sua mente, e não do tipo que faz você querer brigar. Tudo bem. Ela não vai ouvir você até que tenha ajudado... Schaffa. Você deixa para trás esse pensamento, embora seja como arrastar-se em uma lama cheia de ossos. Tudo bem. — D-deixe-me ajudar você!

Isso faz Nassun de fato diminuir o ritmo e depois parar. A expressão dela é desconfiada, tão desconfiada, quando ela se vira para trás.

— Me ajudar?

Você olha para além dela e vê que ela estava se dirigindo a outra das construções em forma de torre... essa tem uma escada larga com corrimão que sobe pela lateral inclinada. A vista do céu deve ser excelente lá do alto... Irrracionalmente, você conclui que tem que impedi-la de subir até lá.

— É. — Você estende a mão outra vez. *Por favor.* — Me diz do que você precisa. Eu vou... Nassun. — Você está sem palavras. Deseja que ela sinta o que você sente. — Nassun.

Não está funcionando. Ela diz em um tom de voz tão duro quanto pedra:

— Preciso usar o Portão do Obelisco.

Você hesita. Eu já lhe disse isso semanas atrás, mas aparentemente você não *acreditou*.

— O quê? Você não pode.

Você está pensando: *isso vai matar você*.

Ela cerra a mandíbula.

— Eu vou.

Ela está pensando: *eu não preciso da sua permissão*.

Você chacoalha a cabeça, incrédula.

— Para fazer o *quê*? — Mas é tarde demais. Já chega para ela. Você disse que ia ajudar, mas depois hesitou. Ela é filha de Schaffa também, no fundo do coração dela; pelos fogos da Terra, dois pais e *você* entre todas as pessoas para moldá-la, é de espantar que ela tenha saído do jeito que saiu? Para ela, hesitação é a mesma coisa que “não”. Ela não gosta quando as pessoas dizem “não” para ela.

Então Nassun dá as costas para você de novo e diz:

— Não venha mais atrás de mim, Mamãe.

Você, claro, imediatamente começa a segui-la outra vez.

— Nassun...

Ela se vira com violência. Ela está na terra, você *sensa*, e está no ar, você *vê* as linhas de magia e, de repente, as duas forças se entrelaçam de um modo que você não consegue nem sequer entender. A substância do chão de Ponto Central, que é de metal e fibras prensadas e substâncias para as quais você não tem um nome, disposta em camadas sobre rocha vulcânica, sobe e desce sob os seus pés. Por conta de um velho hábito, de anos suprimindo

as birras orogênicas dos seus filhos, você reage ao mesmo tempo em que cambaleia, fixando uma espiral no chão que você pode usar para interromper a orogenia dela. Não funciona porque ela não está usando apenas orogenia.

Mas ela sensa e estreita os olhos. Os *seus* olhos cinzentos, como as cinzas. E, um instante depois, uma parede de obsidiana brota do chão à sua frente, rompendo a fibra e o metal da infraestrutura da cidade, formando uma barreira entre você e ela que abrange a passagem.

A força dessa turbulência joga você no chão. Quando você para de ver estrelas e a poeira se dissipa o suficiente, você olha para a parede, chocada. A sua filha fez isso. Com você.

Alguém põe a mão em você e você se contrai. É Tonkee.

— Não sei se já passou pela sua cabeça — ela diz, puxando seu braço para você se levantar —, mas a sua filha parece ter o *seu temperamento*. Então, sabe, talvez você não devesse ser tão insistente.

— Eu nem sei o que ela fez — você murmura, atordoada, embora agradeça a Tonkee com um aceno de cabeça por tê-la ajudado a se levantar. — Aquilo não foi... eu não... — Não havia nenhuma precisão ao estilo Fulcro no que Nassun fez, embora você tenha ensinado a ela os princípios fundamentais do lugar. Você coloca a mão contra a parede, confusa, e sente as centelhas remanescentes de magia dentro de sua substância, dançando de partícula em partícula enquanto desvanecem. — Ela está *mesclando* magia e orogenia. Nunca vi nada parecido antes.

Eu já. Nós chamamos de afinação.

Enquanto isso. Não mais impedida por você, Nassun subiu os degraus da torre. Ela está no alto agora, cercada por símbolos de alerta de um vermelho intenso que giram e dançam no ar. Uma brisa pesada e um pouco sulfurosa sopra do grande buraco de Ponto Central, erguendo os fios de cabelo soltos das duas tranças. Ela se pergunta se o Pai Terra está aliviado por tê-la manipulado para poupar a vida dele.

Schaffa viverá se ela transformar todas as pessoas do mundo em comedores de pedra. É a única coisa que importa.



— Primeiro, a rede — ela diz, alçando os olhos ao céu. Os 27 obeliscos bruxuleiam do estado sólido ao mágico em uníssono quando ela os reativa. Ela estende as mãos afastadas diante de si.

No chão, abaixo de onde ela está, você se encolhe quando sensa — sente; está afinada com — a ativação de 27 obeliscos, rápida como um relâmpago. Eles agem como um só neste instante, vibrando de forma tão poderosa juntos que os seus dentes comicham. Você se pergunta por que Tonkee não está fazendo caretas como você, mas Tonkee é apenas uma quieta.

Mas não é burra, e esse é o trabalho da vida dela. Enquanto você olha para a sua filha, espantada, ela estreita os olhos, observando os obeliscos.

— Três elevado ao cubo — ela murmura. Você chacoalha a cabeça, emudecida. Ela olha feio para você, irritada com a sua lentidão. — Bem, se eu fosse imitar um cristal *grande*, começaria colocando cristais menores em uma configuração cubiforme de treliça.

Então você entende. O cristal grande que Nassun pretende imitar é o ônix. Você precisa de uma chave para inicializar o Portão, foi isso que Alabaster lhe disse. O que Alabaster *não* lhe contou, aquele idiota inútil, é que existem muitos tipos possíveis de chave. Quando ele abriu a Fenda que dividiu a Quietude, usou uma rede composta por todos os mantenedores de estações de ligação na vizinhança, provavelmente porque o ônix em si o teria transformado em pedra de imediato. Os mantenedores eram um substituto inferior para o ônix... uma chave reserva. Você não sabia o que estava fazendo naquela primeira vez, quando emparelhou os orogenes de Castrima-de-baixo em uma rede, mas *e/e* sabia que o ônix era demais para você simplesmente pegar direto naquela época. Você não tinha a flexibilidade ou a criatividade de Alabaster. Ele lhe ensinou uma maneira mais segura.

Nassun, contudo, é a aluna que Alabaster sempre quis. Ela pode nunca ter acessado o Portão do Obelisco antes — ele foi seu até agora —, mas, como você observa, chocada, horrorizada, ela sintoniza além de sua rede de chave reserva, encontrando outros obeliscos um por um e conectando-os. É mais lento do que seria com o ônix, mas você pode ver que é igualmente eficaz. Está

funcionando. O apatita, conectado e fixado. O sardônica, enviando um pequeno pulso lá de onde ele paira fora de vista, em algum lugar no mar ao sul. O jade...

Nassun vai abrir o Portão.

Você empurra Tonkee.

— Afaste-se de mim o máximo que puder. Todos vocês.

Tonkee não perde tempo discutindo. Seus olhos ficam arregalados; ela vira e corre. Você a ouve gritar com os demais. Você ouve Danel discutindo. E então você não pode mais prestar atenção neles.

Nassun vai abrir o Portão, virar pedra *e morrer*.

Só uma coisa pode deter a rede de obeliscos de Nassun: o ônix. Mas você precisa sintonizá-lo primeiro e, neste exato momento, ele está do outro lado do planeta, no meio do caminho entre Castrima e Rennanis, onde você o deixou. Uma vez, há muito tempo em Castrima-de-cima, ele a chamou para si. Mas você ousa esperar que ele faça isso agora, com Nassun tomando o controle de cada parte do Portão? Você precisa chegar ao ônix primeiro. Para isso, precisa de magia... muito mais magia do que consegue juntar sozinha, aqui, sem um único obelisco em seu nome.

*O berilo, o hematita, o iolita...*

Ela vai morrer bem na sua frente se você não fizer alguma coisa.

Freneticamente, você lança sua consciência à terra. Ponto Central jaz sobre um vulcão, talvez você possa...

Espere. Algo chama a sua atenção de volta para a boca do vulcão. No subsolo, mas mais perto. Em algum lugar debaixo desta cidade, você sente uma rede. Linhas de magia entrelaçadas, sustentando umas às outras, profundamente enraizadas para absorver mais... É fraca. É lenta. E há um zunido feio e familiar no fundo da sua mente quando você toca essa rede. Zunido em cima de zunido em cima de zunido.

Ah, sim. A rede que você encontrou são os *Guardiões*, quase mil deles. Pelas ferrugens, é claro. Você nunca procurou a magia deles conscientemente antes, mas, pela primeira vez, entende o que é aquele zunido; alguma parte de você, mesmo antes do treinamento de Alabaster, sentia a origem externa da magia dentro deles. Essa compreensão lhe suscita uma pontada brusca, quase paralisante,

de medo. A rede deles está por perto, fácil de controlar, mas, se você fizer isso, o que vai impedir todos esses Guardiões de saírem de Garantia como vespas zangadas de um ninho no qual mexeram? Você já não tem problemas suficientes?

Nassun geme lá em cima da torre. Para o seu choque, você consegue... pela Terra Cruel, você consegue ver a magia ao redor dela, dentro dela, começando a incendiar-se como fogo quando atinge um graveto encharcado de óleo. Ela arde contra a sua percepção, o peso dela sobre o mundo aumentando a cada instante. *O cianita o ortoclásio o escapolita...*

E, de repente, seu medo desaparece, porque a sua bebê precisa de você.

Então você firma os pés. Você se conecta àquela rede que encontrou, sejam eles Guardiões ou não. Você rosna entredentes e pega tudo. Os Guardiões. Os fios que se estendem dos sensapinae deles até as profundezas, e o máximo que você consegue da magia que percorre esses fios. Os próprios fragmentos de ferro, minúsculos depósitos da vontade do Pai Terra.

Você se apropria de tudo, emparelha com firmeza, e depois *pega*.

E, em algum lugar lá em Garantia, há Guardiões gritando, despertando e contorcendo-se em suas celas e colocando as mãos na cabeça enquanto você faz com cada um deles o que Alabaster um dia fez com a Guardiã dele. É o que Nassun desejava fazer com Schaffa... só que não há gentileza no modo como você está fazendo isso. Você não os odeia; apenas não se importa. Você arrebatou o ferro dos seus cérebros e cada porção de luz prateada do espaço entre suas células e, quando você os sente cristalizar e morrer, você tem enfim magia suficiente em sua rede provisória para sintonizar o ônix.

Ele ouve quando você o toca, bem distante, acima da camada de cinzas da Quietude. Você se precipita nele, mergulhando desesperadamente na escuridão, para defender o seu ponto de vista. *Por favor*, você implora.

Ele considera o pedido. Isso não acontece em palavras ou sensações. Você simplesmente sabe que ele está considerando.

Ele, por sua vez, analisa você: seu medo, sua raiva, sua determinação para corrigir as coisas.

Ah... essa última encontra ressonância. Você sabe que está sendo analisada de novo, mais de perto e com ceticismo, já que seu último pedido foi para algo tão frívolo. (Só aniquilar uma cidade? Você, mais que todas as pessoas, não precisava do Portão para isso.) O que o ônix encontra dentro de você, no entanto, é algo diferente desta vez: o temor por um dos seus. O temor de falhar. O temor que acompanha toda mudança necessária. E, por trás disso tudo, uma forte vontade de tornar o mundo melhor.

Em algum lugar distante, um bilhão de coisas moribundas estremece quando o ônix produz um estrondo baixo e impactante e entra em atividade.

No alto da torre, sob o pulso dos obeliscos, Nassun sente aquela distante escuridão renovada como um alerta. Mas ela está envolvida demais com a sua invocação; demasiados obeliscos a preenchem agora. Ela não pode desviar nem um pouco de atenção do seu trabalho.

E, enquanto cada um dos 216 obeliscos restantes por sua vez se submetem a ela, enquanto ela abre os olhos para olhar para a Lua que vai deixar passar intocada, e enquanto ela se prepara, em vez disso, para voltar todo o poder do grande Motor Plutônico em direção ao mundo e ao seu povo para transformá-los como eu um dia me transformei...

... ela pensa em Schaffa.

É impossível se enganar em um momento como esse. É impossível ver apenas o que se quer ver, quando o poder para mudar o mundo ricocheteia pela mente e pela alma e pelos espaços entre as células; ah, eu aprendi isso muito antes de vocês duas. É impossível não entender que Nassun conhece Schaffa há pouco mais de um ano e que não o conhece *verdadeiramente*, considerando quanto de si mesmo ele perdeu. Impossível não perceber que ela se agarra a ele porque não tem mais nada...

Mas, em meio à sua determinação, há uma centelha de dúvida na mente. Não é nada mais do que isso. Nem ao menos chega a ser um pensamento. Mas ela sussurra: *você não tem mesmo mais nada?*

*Não há mais uma pessoa neste mundo além de Schaffa que se importa com você?*

E eu vejo Nassun hesitar, os dedos dobrando-se e o rosto pequeno contraindo-se para franzir a testa ao mesmo tempo em que a trama do Portão do Obelisco se conclui. Observo o tremor de energias além da compreensão que começam a se alinhar dentro dela. Perdi o poder de manipular essas energias dezenas de milhares de anos atrás, mas ainda consigo vê-las. A treliça arcanoquímica — aquilo em que você pensa apenas como pedra marrom e o estado energético que a produz — está se formando delicadamente.

Observo quando você vê isso também e entende instantaneamente o que significa. Observo você rosnar e destruir a parede entre você e a sua filha, sem sequer notar que seus dedos viraram pedra ao fazer isso. Observo você correr para o pé da escada e gritar para ela:

— *Nassun!*

E, em resposta à sua súbita, bruta e incontestável *exigência*, o ônix aparece do nada com um estampido.

O som desse aparecimento — um ruído baixo que faz tremer os ossos — é titânico. A rajada de ar que ele desloca é estrondosa o bastante para derrubar tanto você como Nassun. Ela grita e rola por alguns degraus, chegando perigosamente perto de perder o controle do Portão quando o impacto abala sua concentração. Você grita no momento em que o impacto a faz notar seu antebraço, que se tornou pedra, e sua clavícula, que se tornou pedra, e o seu pé e o seu tornozelo esquerdos.

Mas você cerra os dentes. Você não sente mais dor, exceto angústia pela sua filha. Não tem nenhuma necessidade, exceto uma. Ela tem o Portão, mas você tem o ônix... e, quando você olha para ele, e para a Lua brilhando através de sua translucidez turva, uma íris branco-gelo em um mar esclerótico de escuridão, você sabe o que tem que fazer.

Com a ajuda do ônix, você alcança um lugar a meio planeta de distância e crava a sua intenção na ferida do mundo. A Fenda estremece quando você exige cada pinga de seu calor e movimento cinético, e você estremece sob o fluxo de tanto poder que, por um

momento, pensa que ele simplesmente vai jorrar de você como uma coluna de lava, consumindo tudo.

Mas o ônix é parte de você também, neste exato momento. Indiferente às suas convulsões — que, aliás, você está tendo; debate-se pelo chão e espuma pela boca —, ele pega e aproveita e equilibra o poder da Fenda com uma facilidade que a humilha. Automaticamente, ele se conecta aos obeliscos tão convenientemente próximos, a rede que Nassun reuniu a fim de tentar imitar o poder do ônix. Mas uma réplica só tem poder, não tem vontade, diferente do ônix. Uma rede não tem agenda. O ônix toma os 27 obeliscos e começa de imediato a tomar o resto da rede de obeliscos de Nassun.

Mas aqui sua vontade não é mais suprema. Nassun a sente. Luta contra ela. Ela está tão determinada quanto você. Igualmente movida pelo amor... você por ela, ela por Schaffa.

Eu amo vocês duas. Como poderia não amar, depois disso? Ainda sou humano, afinal, e essa é uma batalha pelo destino do mundo. Uma coisa tão terrível e magnífica de testemunhar.

Mas é uma batalha, linha a linha, tentáculo por tentáculo de magia. As energias titânicas do Porão, da Fenda, açoitam e estremecem ao redor de vocês duas em uma aurora boreal cilíndrica de energias e cores, com a luz visível variando entre comprimentos de onda além do espectro. (Essas energias *ressoam* em você, onde o alinhamento já está completo, e ainda *oscilam* em Nassun... embora a forma de onda dela tenha começado a entrar em colapso.) É o ônix e a Fenda contra o Portão, você contra ela, e todo o Ponto Central treme com a força bruta de tudo isso. Nos corredores escuros de Garantia, entre os cadáveres compostos de joias dos Guardiões, paredes rangem e tetos racham, espalhando poeira e pedras. Nassun está se esforçando para tirar a magia do que sobrou do Portão para voltá-la a todas as pessoas em torno de vocês e a todos os que estão para além disso... e finalmente, finalmente, você entende que ela está tentando transformar todo mundo em *comedores de pedra* ferrugentos. Enquanto isso, você se projetou para cima. Para pegar a Lua e talvez conseguir uma segunda chance para a humanidade. Mas, para qualquer uma de vocês duas alcançar seus respectivos objetivos, vocês precisam

reivindicar tanto o ônix como o Portão, e o combustível adicional que a Fenda proporciona.

É um impasse que não pode continuar. O Portão não pode manter suas conexões para sempre, e o ônix não pode conter o caos da Fenda para sempre... e dois seres humanos, por mais poderosos e obstinados que sejam, não podem sobreviver a tanta magia por muito tempo.

E então acontece. Você grita quando sente uma mudança, um alinhamento: Nassun. As magias da substância dela estão completamente alinhadas; a cristalização dela começou. Em desespero e por puro instinto, você pega parte da energia que procura transformá-la e a desvia para longe, embora isso apenas atrase o inevitável. No oceano bem próximo a Ponto Central, ocorre um tremor profundo que nem mesmo os estabilizadores da montanha podem conter. A oeste, uma montanha em forma de faca emerge do fundo do oceano; a leste surge outra, chiando e soltando vapor devido à novidade do seu nascimento. Nassun, rosnando de frustração, agarra-se às duas como novas fontes de poder, extraíndo o calor e a violência delas; ambas racham e caem aos pedaços. Os estabilizadores aplainam o oceano, evitando um tsunami, mas não podem fazer muito mais. Não foram construídos para esse tipo de coisa. Muito mais do que isso e até mesmo Ponto Central desmoronará.

— Nassun! — você grita outra vez, angustiada. Ela não pode ouvir você. Mas você vê, mesmo de onde está, que os dedos da mão esquerda dela se tornaram tão marrons e pedregosos quanto os seus. De algum modo, você sabe que ela está ciente disso. Ela fez essa escolha. Está preparada para a inevitabilidade da própria morte.

Você não está. Ah, pela Terra, você simplesmente não pode ver outro dos seus filhos morrer.

Então... você desiste.

Eu sofro com o olhar em seu rosto porque sei o quanto lhe custa desistir do sonho de Alabaster... e do seu. Você queria fazer um mundo melhor para Nassun. Mas, mais do que qualquer outra coisa, você quer que essa última filha sua *viva*... e então você faz uma

escolha. Continuar lutando vai matar vocês duas. A única maneira de vencer então é não lutar mais.

Sinto muito, Essun. Sinto muito. Adeus.

Nassun arqueja, abrindo os olhos de repente ao sentir sua pressão sobre o Portão — sobre ela, enquanto você absorvia todas as terríveis ondulações de magia transformadoras para si mesma — relaxar de súbito. O ônix para sua ofensiva, cintilando em conjunto com as dezenas de obeliscos que ele reivindicou; ele está cheio de um poder que precisa, *precisa* ser gasto. No momento, porém, ele aguarda. As magias estabilizadoras enfim acalmam o oceano agitado em torno de Ponto Central. Durante esse momento contido, o mundo espera, imóvel e tenso.

Ela se vira.

— Nassun — você diz. É um sussurro. Você está nos primeiros degraus da escada da torre, tentando alcançá-la, mas isso não vai acontecer. Seu braço se solidificou por completo, e o seu torso está no processo. Seu pé de pedra escorrega inutilmente no material liso, depois trava quando o resto da sua perna paralisa. Com o seu pé bom, você ainda consegue dar impulso, mas a pedra em você é pesada; no quesito engatinhar, você não está se saindo bem.

Ela franze a sobancelha. Você olha para ela e se dá conta. Sua menininha. Tão grande, aqui sob o ônix e a Lua. Tão poderosa. Tão linda. E você não consegue evitar: você cai no choro ao vê-la. Você *ri*, embora um de seus pulmões tenha se transformado em pedra e a risada seja apenas um leve arquejo. Pelas ferrugens, é tão incrível a sua menininha. Você está orgulhosa de perder para a força dela.

Ela puxa o ar, arregalando os olhos como se não pudesse acreditar no que está vendo: sua mãe, tão temível, no chão. Tentando engatinhar com membros de pedra. O rosto úmido de lágrimas. *Sorrindo*. Você nunca, jamais sorriu para ela antes.

E então a linha de transformação chega ao seu rosto, e você se vai.

Ainda está lá fisicamente, um pedaço de arenito marrom paralisado nos degraus mais baixos, apenas com a mais ligeira sugestão de um sorriso formado pela metade. Suas lágrimas ainda estão lá, brilhando sobre a pedra. Ela olha para as lágrimas.



Ela olha para as lágrimas e puxa o ar em uma respiração longa e vazia porque, de repente, não há nada, *nada* dentro dela, ela matou o pai e matou a mãe e Schaffa está morrendo e não sobrou nada, nada, o mundo só tira e tira e tira dela e não deixa *nada*...

Ela não consegue parar de olhar para as suas lágrimas, que estão secando.

Porque o mundo tirou e tirou e tirou de você também, afinal. Ela sabe disso. E, no entanto, por algum motivo que ela acha que jamais vai entender... mesmo enquanto você morria, você estava buscando a Lua.

E ela.

Ela grita. Aperta a cabeça com as mãos, uma delas transformada em pedra até a metade. Cai de joelhos, esmagada sob o peso da perda como se fosse um planeta inteiro.

O ônix — paciente, mas não muito; ciente, mas indiferente — toca-a. Ela é o único componente restante do Portão que tem uma vontade funcional e complementar. Por meio desse toque, ela percebe seu plano, uma vez que os comandos foram travados e apontados, mas não atiraram. Abra o Portão, derrame o poder da Fenda através dele, pegue a Lua. Acabe com as Estações. Conserte o mundo. Esse, Nassun sensa-sente-sabe, foi o seu último desejo.

O ônix pergunta, à sua maneira pesada e sem palavras: *Executar S/N?*

E no frio silêncio de pedra, sozinha, Nassun decide.

*SIM*



# Conclusão

## *Eu e você*

Você está morta. Mas não você.

A recaptura da Lua ocorre sem dramas, da perspectiva das pessoas que estão debaixo dela. No alto do edifício de apartamentos onde Tonkee e as outras se abrigaram, ela usou um antigo instrumento de escrita (que há muito secou, mas que ela ressuscitou com um pouco de cuspe e sangue na ponta) para tentar acompanhar o movimento da Lua entre uma hora e a outra. Não ajuda porque ela não observou variáveis suficientes para fazer as contas corretamente, e porque ela não é uma astrônoma amadora ferrugenta, pela Terra. Ela também não sabe ao certo se acertou na primeira medição devido ao tremor de grau cinco ou seis que ocorreu bem naquela hora, pouco antes de Hjarka arrastá-la para longe da janela.

— Janelas de construtores de obeliscos não sofrem danos — ela reclama depois.

— Meu temperamento ferrugento sofre — Hjarka retruca, e isso acaba com a discussão antes que possa começar. Tonkee está aprendendo a ceder pelo bem de uma relação saudável.

Mas a Lua mudou de fato, elas veem à medida que passam os dias e depois as semanas. Ela não some. Ela varia de formas e cores em um padrão que, de início, não fazem sentido, mas não fica menor no céu nas noites subsequentes.

O desmantelamento do Portão do Obelisco é um pouco mais dramático. Tendo gasto toda a sua capacidade na realização de algo tão poderoso quanto a Geocanidade, o Portão prossegue como projetado com seu protocolo de desligamento. Um a um, as dezenas de obeliscos flutuando ao redor do mundo voam em direção a Ponto Central. Um a um, os obeliscos (totalmente desmaterializados agora, todos os estados quânticos sublimados em energia potencial, você não precisa entender além disso) se atiram no abismo negro. Isso leva vários dias.

O ônix, contudo, último e maior dos obeliscos, voa em direção ao mar, seu zumbido mais grave à medida que a sua altitude diminui. Ele entra no mar delicadamente, em uma rota pré-planejada para minimizar danos — uma vez que, diferente dos outros obeliscos, só ele conservou existência material. Isso, como pretendiam os condutores muito tempo atrás, preserva o ônix para necessidades futuras. Também coloca os últimos vestígios dos niess para descansar, enfim, no fundo de um túmulo líquido.

Suponho que devamos esperar que nenhum jovem e intrépido orogene do futuro o encontre e o erga.

Tonkee é quem vai atrás de Nassun. É no final da manhã, algumas horas após a sua morte, sob um sol que nasceu brilhante e quente no céu azul sem cinzas. Depois de parar um pouco para olhar esse céu, admirada e nostálgica e fascinada, Tonkee volta para a borda do buraco e para a escada da torre. Nassun ainda está lá, sentada em um dos primeiros degraus perto do pedaço de pedra marrom que é você. Os joelhos estão dobrados, a cabeça baixa, a mão completamente solidificada (paralisada no gesto aberto que ela usou enquanto ativava o Portão) desajeitadamente pousada no degrau ao lado dela.

Tonkee se senta do seu outro lado, contemplando você por um longo instante. Nassun se sobressalta e levanta o olhar ao perceber a presença de outra pessoa, mas Tonkee apenas sorri para ela e, desajeitadamente, pousa uma das mãos em você, no que foi um dia o seu cabelo. Nassun engole em seco, esfrega as marcas de lágrima evaporadas no rosto e então acena para Tonkee. Juntas elas ficam ali sentadas, com você, de luto por algum tempo.

Danel é quem vai com Nassun mais tarde resgatar Schaffa da escuridão de Garantia. Os outros Guardiões, que ainda tinham núcleos pétreos, viraram joia. A maioria parece simplesmente ter morrido onde estava, embora alguns tenham caído para fora de suas celas enquanto se debatiam, e seus corpos cintilantes se espalham desajeitadamente contra a parede ou pelo chão.

Só Schaffa ainda está vivo. Ele está desorientado, fraco. Quando Danel e Nassun o ajudam a voltar para a luz da superfície, fica evidente que o seu cabelo cortado já está marcado por fios grisalhos. Danel fica preocupada com a ferida suturada na nuca dele, embora tenha parado de sangrar e pareça não causar dor a Schaffa. Não é isso que vai matá-lo.

Não obstante. Depois que ele consegue ficar de pé e o sol ajuda a clarear um pouco sua mente, Schaffa abraça Nassun, ali ao lado do que restou de você. Ela não chora. Basicamente, está entorpecida. As outras aparecem, Tonkee e Hjarka se juntando a Danel, e elas ficam com Schaffa e Nassun enquanto o sol se põe e a Lua nasce outra vez. Talvez seja uma silenciosa cerimônia fúnebre. Talvez eles apenas precisem de tempo e companhia para se recuperar de eventos grandiosos e estranhos demais para compreender. Eu não sei.

Em outra parte de Ponto Central, em um jardim que há muito se tornou um prado silvestre, eu e Gaewha encaramos Remwha (Aço, Homem Cinza, seja lá o que for) sob a Lua agora minguante.

Ele está aqui desde que Nassun fez sua escolha. Quando finalmente fala, eu me pego pensando que a voz dele ficou tão fina e cansada. Houve um tempo em que ele fazia as próprias pedras reverberarem com o humor irônico e cáustico de sua conversa pela terra. Agora, ele parece velho. Milhares de anos de vida incessante fazem isso com um homem.

— Eu só queria que acabasse — ele diz.

Gaewha — Antimony, o que quer que seja — responde:

— Não foi para isso que fomos feitos.

Ele vira a cabeça lentamente para olhar para ela. É cansativo o simples ato de observá-lo fazendo isso. Tolo teimoso. Há um desespero de eras no rosto dele, tudo porque se recusa a admitir que há mais de uma forma de ser humano.

Gaewha oferece uma das mãos.

— Fomos feitos para *tornar o mundo melhor*. — Ela transfere o olhar para mim em busca de apoio. Eu suspiro no meu íntimo, mas ofereço uma das mãos em trégua também.

Remwha olha para as nossas mãos. Em algum lugar, talvez entre os outros da nossa espécie que se reuniram para ver esse momento, estão Bimniwha e Dushwha e Salewha, que esqueceram quem eram há muito tempo, ou então simplesmente preferem abraçar quem são agora. Somente nós três guardamos alguma coisa do passado. Isso é uma coisa boa e uma coisa ruim ao mesmo tempo.

— Estou cansado — ele admite.

— Uma soneca talvez ajude — eu sugiro. — Há o ônix, afinal.

Bem! Resta algo do velho Remwha. Não acho que mereci esse olhar.

Mas ele pega nossas mãos. Juntos, nós três — e os outros também, todos aqueles que entenderam que o mundo *precisa* mudar, que a guerra *tem que* terminar — descemos para as profundezas em ebulição.

O coração do mundo está mais quieto do que de costume, descobrimos quando nos posicionamos à sua volta. Isso é um bom sinal. Ele não nos afasta furiosamente de imediato, o que é um sinal melhor ainda. Nós explicitamos os termos em fluxos conciliadores de reverberação: a Terra fica com sua magia da vida, e o resto de nós fica com a nossa magia, sem interferência. Nós lhe devolvemos a Lua e incluímos os obeliscos como garantia de boa-fé. Mas, em troca, as Estações devem acabar.

Segue-se um período de quietude. Só mais tarde fico sabendo que foram vários dias. No momento, parece outro milênio.

Depois, uma sacudidela brusca de gravitação. *Aceito*. E — o melhor sinal de todos — ela liberta as incontáveis presenças que ingeriu ao longo da era passada. Elas se vão aos rodopios, desvanecendo nas correntes de magia, e não sei o que acontece com elas depois disso. Jamais saberei o que acontece com as almas após a morte... ou, pelo menos, não saberei pelos próximos sete bilhões de anos mais ou menos, ou quando quer que a Terra morra enfim.

Uma coisa intimidadora a se contemplar. Esses primeiros quarenta mil anos foram desafiadores.

Por outro lado... não há outro lugar aonde ir a não ser para cima.

• • •

Eu volto para elas, a sua filha e a sua antiga inimiga e as suas amigas, para contar-lhes as novidades. Para minha surpresa, em certa medida, passaram-se vários meses nesse ínterim. Elas se acomodaram no edifício que Nassun ocupou, vivendo do antigo jardim de Alabaster e dos suprimentos que trouxemos para ele e para Nassun. Isso não será suficiente no longo prazo, claro, embora elas tenham complementado as provisões admiravelmente com linhas de pesca improvisadas, com armadilhas para capturar aves e com algas marinhas comestíveis desidratadas, as quais Tonkee parece ter descoberto uma maneira de cultivar na beira da água. Tão habilidosas, essas pessoas modernas. Mas está se tornando cada vez mais claro que elas terão que voltar para a Quietude logo se quiserem continuar vivendo.

Encontro Nassun, que está sentada na torre outra vez, sozinha. Já o seu corpo permanece onde caiu, mas alguém colocou flores silvestres frescas na mão que restou. Há outra mão ao lado dele, eu percebo, posicionada como uma oferenda perto do cotoco do seu braço. É pequena demais para você, mas a intenção foi boa. Ela não fala nada durante um bom tempo depois que eu apareço, e descubro que isso me agrada. A espécie dela fala tanto. Isso continua por um tempo considerável, no entanto, e até eu fico um pouco impaciente.

Eu lhe digo:

— Você não verá Aço de novo. — Caso ela esteja preocupada com isso.

Ela se contrai um pouco, como se houvesse se esquecido da minha presença. Depois suspira.

— Diga a ele que eu sinto muito. Eu simplesmente... não consegui.

— Ele entende.

Ela aquiesce. Depois:

— Schaffa morreu hoje.

Eu havia me esquecido dele. Não deveria ter esquecido; ele era parte de você. No entanto. Eu não digo nada. Ela parece preferir assim.

Ela respira fundo.

— Você... As outras disseram que você as trouxe, e que trouxe a Mamãe. Você pode nos levar de volta? Sei que vai ser perigoso.

— Não há mais perigo. — Quando ela franze o cenho, explico tudo a ela: a trégua, a libertação dos reféns, a suspensão imediata das hostilidades na forma de fim das Estações. Não significa estabilidade total. Placas tectônicas serão sempre placas tectônicas. Desastres semelhantes aos das Estações ocorrerão, embora com uma frequência muito menor.

— Vocês podem pegar o veímulo de volta para a Quietude — eu concluo.

Ela estremece. Só então me recordo do que ela sofreu lá. Ela também diz:

— Não sei se posso fornecer magia para ele. Eu... eu sinto como se...

Ela ergue o cotoco coberto de pedra do pulso esquerdo. Eu entendo então... e sim, ela está certa. Ela está perfeitamente alinhada e continuará assim pelo resto da vida. A orogenia está perdida para ela para sempre. A menos que ela queira se juntar a você.

— Vou fornecer energia para o veímulo. A carga deverá durar mais ou menos seis meses. Partam dentro desse período — eu digo.

Então eu ajusto minha posição para o pé da escada. Ela se sobressalta, olha ao redor e me vê segurando você. Peguei a antiga mão dela também, porque nossos filhos sempre são parte de nós. Ela fica de pé e, por um instante, eu temo uma situação desagradável. Mas a expressão dela não é de infelicidade. Só de resignação.

Eu espero, por um momento ou um ano, para ver se ela tem algumas palavras finais para o seu cadáver. Em vez disso, ela diz:

— Não sei o que vai acontecer com a gente.

— A gente?

Ela suspira.

— Os orogenes.

Ah.

— A Estação atual vai durar algum tempo, mesmo com a Fenda contida — eu respondo. — Sobreviver a isso exigirá cooperação entre muitos tipos de pessoas. A cooperação traz oportunidades.

Ela franze o cenho.

— Oportunidades... para o quê? Você disse que as Estações vão acabar depois desta.

— Sim.

Ela ergue as mãos, ou uma mão e um cotoco, para fazer um gesto de frustração.

— As pessoas nos matavam e nos odiavam quando *precisavam* de nós. Agora nem isso a gente tem.

A gente. Nós. Ela ainda pensa em si mesma como orogene, embora nunca mais vá poder fazer mais do que ouvir a terra. Decido não salientar isso. Mas digo:

— E vocês também não vão precisar deles.

Ela se cala, talvez confusa. Para esclarecer, eu acrescento:

— Com o fim das Estações e a morte de todos os Guardiões, agora os orogenes poderão conquistar ou eliminar os quietos, se assim escolherem. Antes, nenhum dos grupos poderia ter sobrevivido sem a ajuda do outro.

Nassun arqueja.

— Isso é horrível.

Não me dou o trabalho de explicar que, só porque uma coisa é horrível, ela não deixa de ser verdade.

— Não haverá mais Fulcros — ela diz. Ela desvia o olhar, perturbada, talvez se lembrando de quando destruiu o Fulcro Antártico. — Acho que... Eles são errados, mas não sei de que outro modo... — Ela chacoalha a cabeça.

Em silêncio eu a observo atrapalhar-se durante um mês, ou um momento.

— Os Fulcros são errados — eu digo.

— O quê?

— O aprisionamento de orogenes nunca foi a única opção para garantir a segurança da sociedade. — Faço uma pausa proposital, e ela pisca, talvez lembrando-se de que pais orogenes são



perfeitamente capazes de criar filhos orogenes sem que haja desastres. — Linchar nunca foi a única opção. As estações de ligação nunca foram a única opção. Todas essas coisas foram escolhas. Escolhas diferentes sempre foram possíveis.

Há tanta tristeza nela, na sua menininha. Espero que Nassun descubra algum dia que não está sozinha no mundo. Espero que descubra como ter esperança de novo.

Ela abaixa os olhos.

— Eles não vão escolher nada diferente.

— Escolherão se você os obrigar.

Ela é mais sábia do que você e não reluta contra a ideia de forçar as pessoas a serem decentes umas com as outras. Apenas a metodologia é um problema.

— Eu não tenho mais nada de orogenia.

— A orogenia — eu digo bruscamente de modo que ela vá prestar atenção — nunca foi a única forma de mudar o mundo.

Ela fica olhando. Eu sinto que falei tudo o que podia, então a deixo ali para contemplar minhas palavras.

Visito a estação da cidade e forneço ao veímulo magia suficiente para retornar à Quietude. Ainda será necessária uma viagem de meses ou mais para Nassun e suas companheiras chegarem a Rennanis a partir das Antárticas. A Estação provavelmente vai piorar enquanto elas viajam, porque temos a Lua de volta. No entanto... elas são parte de você. Espero que sobrevivam.

Quando elas tomam seu rumo, eu venho aqui, para o coração da montanha debaixo de Ponto Central. Para cuidar de você.

Não existe uma única forma certa quando iniciamos este processo. A Terra (em nome das boas relações não a chamarei mais de Cruel) nos reorganizou instantaneamente e, a essa altura, muitos de nós somos habilidosos o suficiente para imitar essa reorganização sem uma longa gestação. Contudo, eu descobri que a pressa produz resultados variados. Alabaster, como você o chamaria, talvez não se lembre totalmente de si mesmo durante séculos... ou talvez não se lembre nunca. Você, porém, tem que ser diferente.

Eu a trouxe aqui, reorganizei a substância arcânica bruta do seu ser e reativei a trelça que deveria ter preservado a essência crucial

de quem você era. Você perderá algumas lembranças. Com a mudança, sempre há alguma perda. Mas eu lhe contei esta história, preparei o que restou de você, para preservar o máximo possível de quem você era.

Não para forçá-la a ter algum formato em particular, veja bem. Daqui em diante, você pode se tornar quem você quiser. Só que precisa saber de onde veio para saber para onde vai. Entende?

E, se você decidir me deixar... eu vou suportar. Já passei por coisas piores.

Então eu espero. O tempo passa. Um ano, uma década, uma semana. O período não importa, embora Gaewha acabe perdendo o interesse e parta para cuidar de seus próprios assuntos. Eu aguardo. Eu anseio... não. Eu simplesmente aguardo.

E então, um dia, bem no fundo da fissura onde eu coloquei você, o geodo se parte e a abertura solta um chiado. Você se ergue das metades que eclodiram, sua matéria desacelerando e resfriando até atingir seu estado natural.

Linda, eu acho. Caracóis de jaspe enrolados. Pele de mármore ocre estriado que sugere linhas de riso nos olhos e na boca, e camadas estratificadas nas suas vestes. Você me observa e eu a observo de volta.

Você pergunta, em um eco da voz que um dia teve:

— O que você quer?

— Apenas estar com você — eu respondo.

— Por quê?

Eu me coloco em uma postura humilde, com a cabeça abaixada e uma das mãos sobre o peito.

— Porque é assim que se sobrevive à eternidade — eu digo —, ou mesmo a alguns anos. Amigos. Família. Seguindo com eles. Seguindo adiante.

Será que você se lembra da primeira vez em que eu lhe disse isso, enquanto você se desesperava por não saber se algum dia seria capaz de reparar o mal que havia feito? Talvez. Você ajusta sua posição também. Braços cruzados, expressão cética. Familiar. Tento não ter esperanças e fracasso totalmente.

— Amigos, família — você diz. — Qual dos dois eu sou para você?

— Os dois e muito mais. Nós estamos além dessas coisas.

— Humm.

Não estou ansioso.

— O que você quer?

Você reflete. Eu ouço o lento e contínuo estrondo do vulcão aqui embaixo, nas profundezas. Então, você responde:

— Quero que o mundo seja melhor.

Nunca lamentei tanto a minha incapacidade de pular no ar e gritar de alegria.

Em vez disso, eu me transporto até você com uma das mãos em gesto de oferecimento.

— Então vamos lá torná-lo melhor.

Você parece achar graça. É você. É você de verdade.

— Simples assim?

— Pode ser que demore um pouco.

— Acho que não tenho muita paciência. — Mas você pega a minha mão.

Não tenha paciência. Jamais tenha. É assim que um novo mundo começa.

— Eu também não — eu digo. — Então vamos cuidar disso.





## Agradecimentos

Ufa. Isso levou um tempo, não levou?

*O céu de pedra* marca mais do que apenas o fim de mais uma trilogia para mim. Por vários motivos, o período durante o qual escrevi este livro acabou sendo o momento de mudanças tremendas na minha vida. Entre outras coisas, saí do meu emprego formal e me tornei escritora em tempo integral em julho de 2016. Bem, eu *gostava* do meu emprego formal, no qual eu podia ajudar as pessoas a fazerem escolhas saudáveis — ou, pelo menos, sobreviver por tempo suficiente para fazer isso — em um dos pontos de transição mais cruciais da vida adulta. Ainda ajudo as pessoas, eu acho, como escritora, ou pelo menos essa é a impressão que tenho daqueles de vocês que me mandaram cartas ou mensagens online me contando o quanto a minha produção literária os tocou. Mas, no meu emprego diurno, o trabalho era mais direto, assim como suas agonias e recompensas. Sinto muita falta dele.

Ah, não me entendam mal: essa era uma transição de vida boa e necessária a fazer. Minha carreira como escritora explodiu da melhor forma e, afinal, eu amo ser escritora também. Mas é da minha natureza refletir em tempos de mudança e reconhecer tanto o que foi perdido como o que foi ganho.

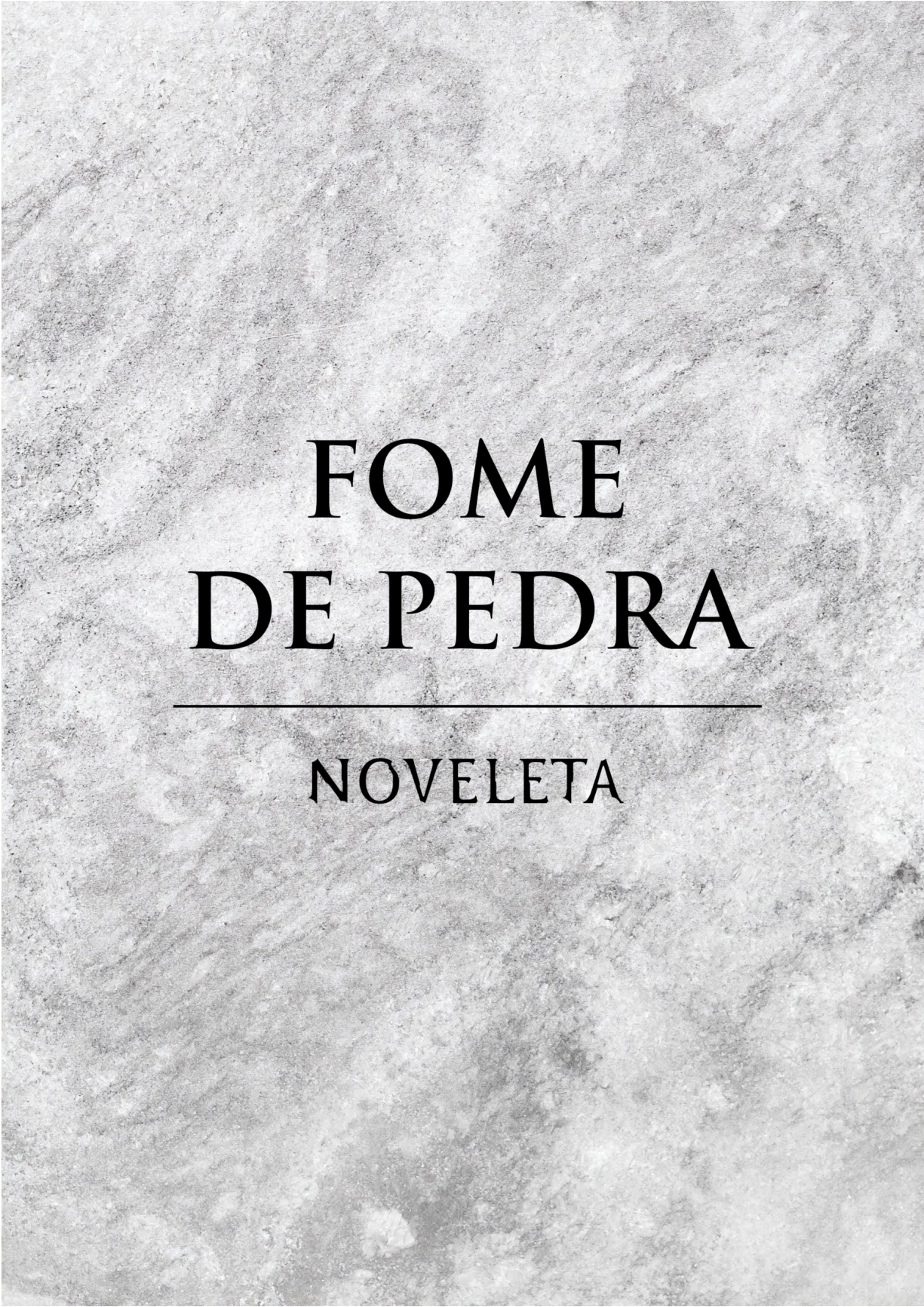
Essa mudança foi facilitada por uma campanha de Patreon (financiamento coletivo para artistas) que eu comecei em 2016. E, tocando em uma notícia triste... esse financiamento via Patreon também foi o que me permitiu me concentrar totalmente em minha mãe durante os últimos dias de sua vida, no final de 2016 e início de

2017. Eu não falo com frequência de coisas pessoais em público, mas talvez vocês consigam ver que a trilogia *A terra partida* é minha tentativa de lidar com a maternidade, entre outras coisas. Os últimos anos de minha mãe foram difíceis. Acho (tantos dos alicerces dos meus romances se tornam claros em retrospecto) que, de algum modo, eu suspeitava que a morte dela estava chegando; talvez eu estivesse tentando me preparar. Ainda assim, não estava pronta quando aconteceu... mas ninguém jamais está.

Então sou grata a todos: à minha família, aos meus amigos, à minha agente, aos meus patrocinadores, ao pessoal da Orbit, inclusive a meu novo editor, a meus antigos colegas de trabalho, à equipe da casa de repouso, *a todos*, que me ajudaram a passar por isso.

E foi por isso que trabalhei tanto para que *O céu de pedra* saísse no prazo, apesar das viagens e das hospitalizações e do estresse e de todas as mil indignidades burocráticas da vida após a morte de um dos pais. Eu definitivamente não estava no meu melhor momento enquanto trabalhava neste livro, mas posso dizer uma coisa: onde há dor no livro, é dor de verdade; onde há raiva, é raiva de verdade; onde há amor, é amor de verdade. Vocês vêm fazendo esta viagem comigo, e sempre terão a melhor parte do que eu tenho. É o que minha mãe ia querer.



The background of the entire page is a grayscale marbled paper with a complex, swirling pattern of light and dark gray tones, resembling natural stone or marble.

# FOME DE PEDRA

---

NOVELETA





## Fome de Pedra

Era uma vez uma garota que vivia em um lugar muito bonito e cheio de gente muito bonita que fazia coisas muito bonitas. Então o mundo acabou.

Agora a garota está mais velha, mais fria e mais faminta. Seu refúgio é em uma árvore morta e de lá vê como a cidade (uma grande e rica, com muros altos e portões bem protegidos) move sua cobertura para se proteger da umidade da noite. A garota nunca viu nada parecido como aquele telhado. Ela não fez nada além de observar durante dias, fascinada pela caixa torácica de trilhos metálicos, faixas de tecido e materiais lubrificados que eles usam para movimentá-lo. Eles devem apagar a maioria de suas chamas dentro de casa ou se asfixiariam na fumaça, porém, ao cobri-la, a cidade pode reter calor suficiente para que o fogo não seja necessário.

Seria ótimo estar aquecida novamente. A garota muda o ponto de apoio, de uma perna para a outra, um indício de que ela está se preparando para algo.

Ela está localizada nos galhos esqueléticos de uma árvore que cresce no alto de um cume acima da cidade, uma das poucas árvores que sobraram. Afinal, a cidade precisa de coisas para queimar, pois o solo não está coberto de carvão, aquelas mesmas veias pegajosas de concentrado amargor esfumaçado que se estendem até a rocha fria. Os habitantes da cidade utilizaram até

mesmo os tocos de árvores que estavam entre as sobras da floresta. Nada é desperdiçado. Eles não parecem ter tocado no resto, embora a garota tenha notado a suspeita ausência de armadilhas para animais e lenha para fogo na superfície da floresta abaixo dela. Talvez tenham deixado esse grupo de árvores como quebra-ventos ou para manter o pé do penhasco estável. Quaisquer que sejam as razões, o fato de os habitantes da cidade terem sido tão cuidadosos está a seu favor. Eles não poderão ver como ela os observa, como espera pela oportunidade, até que seja tarde demais.

E talvez, se tiver sorte...

Não. Ela nunca teve sorte. A garota fecha novamente os olhos para sentir o gosto da terra e da cidade. É a cidade mais singular que já encontrara. Uma amálgama de doçura, de carne, de amargura e... azedo.

Hmm.

Talvez.

A garota se recosta no tronco da árvore, encobre-se melhor no cobertor esfarrapado que tirou de sua mochila e adormece.

• • •

O nascer do sol é pouco mais do que um brilho cinzento no céu. O sol não aparece há anos.

A garota acorda por causa da fome: uma pontada aguda, o eco de um hábito de muito tempo atrás. De quando ela tomava café da manhã. Quando ela não está saciada, essa pontada se torna a dor habitual e onipresente.

Mas a fome é boa. A fome ajuda.

A garota se levanta, sente um comichão crescente que pressagia a iminência da situação. *Está chegando*. Ela desce da árvore, facilmente. Os animais da superfície haviam roído a casca do tronco por anos antes de desaparecer. Então a garota caminha até a beira do penhasco. Estar lá pouco antes de um terremoto é perigoso, mas ela precisa encontrar o lugar certo. Além disso, ela sabe que um tremor não está próximo. Ainda assim.

Ali.

Descer o vale é mais perigoso do que ela esperava. Não há trilhas. Ela tem que alternar entre subir e descer a pequenos riachos



secos que correm ao longo da parede rochosa e que são preenchidos por aglomerados de cinzas do tamanho de cascalho. Não é como se ela estivesse no seu melhor depois de morrer de fome por oito dias. Seus membros ficam fracos de vez em quando. Haverá comida na cidade, ela lembra a si mesma, e começa a se mover um pouco mais rápido.

Ela chega na parte mais baixa do vale e fica escondida atrás de um monte rochoso perto de um rio meio-seco. Os portões da cidade ainda estão a centenas de metros de distância, mas nas paredes ela vê algumas marcas familiares. Postos de observação, talvez tenham lunetas. Ela sabe por experiência própria que as cidades têm recursos para fazer bons vidros, e boas armas. Se ela se aproximar mais, eles a verão, a menos que algo os distraia.

Era uma vez uma garota que esperava. Mas então, finalmente, veio a distração. Um tremor.

O epicentro não está próximo. É muito mais ao norte, mais uma reverberação da destruição que despedaçou o mundo. Isso não importa. A garota respira fundo e enterra seus dedos no leito do rio, sentindo o poder fluir em sua direção. Ela sente o *gosto* daquela pequena vanguarda escorregando pela sua língua, deixando um certo sabor residual, como guloseimas grossas e grudentas...

(O que ela sente não é real. Ela sabe disso. Seu pai até se referiu a isso como o som de um coro ou de uma cacofonia. Ela ouviu outros reclamarem que havia alguma semelhança com odores nojentos ou sensações dolorosas. Para ela, é comida. Parece mais do que apropriado).

...isso torna fácil (e delicioso!) ir mais a fundo. Visualizar a si mesma abrindo a boca e lambendo aquele doce fluxo de força natural. Ela suspira e relaxa na raridade do prazer, uma vez sem medo, ela baixa a guarda sem temer e guia a energia com o mais nobre pincel de sua vontade. Com sutileza, não um empurrão. Mas com um toque de língua.

Pedrinhas chacoalham ao redor da garota. Ela se joga no chão como um inseto, unhas raspando a pedra, orelha pressionada com força contra a pedra fria e áspera.

Pedra. *Pedra.*

Pedra que parece gordura viscosa, como calda morna e pegajosa que escorre entre os dedos, como uma pedra fluida que se aperta e torce, lenta e inexorável como um doce. Naquele momento, aquela energia iminente, aquela ondulação que se espalha através da pedra, para quando atinge o grande leito de rocha que compõe o vale e as montanhas circundantes. A ondulação tenta rodeá-la, deixar a energia ser transmitida a outro lugar, mas a garota a suga se opondo a essa resistência. Isso leva um tempo. No chão, ela se contorce e bate nos lábios emitindo um som: “*Ummmah.*”

Então o

Oh, a pressão

Era uma vez uma garota que cerrou os dentes por causa da prrressssssão.

*explode*, a inércia é *quebrada* e as ondulações de energia se afundam no vale. É como se a terra inspirasse, levantasse e gemesse a seus pés. É ela, ela *mesma*, que controla. A garota ri: ela não pode evitar. É tão bom estar cheia, de um jeito ou de outro.

Uma fenda serrilhada esfumaçante devido ao atrito se abre onde a garota está até o pé da cordilheira onde passou a noite. Toda a face do penhasco desmorona e se desintegra, ganhando força e energia à medida que forma uma avalanche que se dirige para a muralha sul da cidade. A garota aumenta um pouco a energia, como tempero, bem-de-leve. Se ela se esforçar demais, vai transformar todo o vale em cascalho, incluindo a cidade, e deixando nada útil. A garota não destrói, só machuca. Apenas o bastante e...

O tremor para.

Ao mesmo tempo, a garota sente uma interferência. O doce fluido solidifica, algo estraga o sabor de uma forma que a faz recuar. Há algo de amargo e intenso...

...e *vinagre*. Ao menos, sem dúvidas, não está imaginando coisas desta vez. É *vinagre*...

...e então, a energia maravilhosa que ela coletou é dissipada. Não há nenhuma força compensatória, nada para *usar*. Simplesmente desapareceu. Como se alguém corresse à frente dela e comesse os melhores pratos em um banquete. Mas a garota não se importa mais que seu plano tenha falhado.

“Encontrei você.” Ela se levanta do leito seco do rio, e de seus cabelos caem flocos de cinzas. Ela está tremendo, e agora não é de fome. Seu olhar está fixo na muralha da cidade, que permaneceu intacta. “*Encontrei você.*”

O ímpeto acumulado do tremor não parou, mas está fora do controle da garota. Embora o solo tenha parado de se mover, uma avalanche de rochas não pode ser parada: pedregulhos e árvores, incluindo aquela a qual ela se refugiou na noite passada, deslizam e atingem a muralha da cidade. Talvez tenha quebrado. Mas isso não chega nem perto do dano que a garota esperava. Como ela vai entrar? Ela *tem* que entrar, agora.

Ah — os portões da cidade estão abertos. Uma entrada. Embora seja possível que os cidadãos tenham ficado com raiva. Eles podem até mesmo matá-la. Ou pior.

Ela se levanta, e corre. Os dias sem comida a deixaram sem forças e sem velocidade, mas o medo também serve como combustível. Entretanto, as pedras se voltam contra ela agora, ela tropeça, e escorrega sobre o cascalho solto. Ela sabe que não vale a pena perder tempo olhando para trás.

Ela ouve cascos tamborilando no chão, milhares de pequenos tremores que se recusam a obedecer a sua vontade.

• • •

Era uma vez uma garota que acordou em uma cela de prisão.

Está escuro, mas ela pode ver a grade de metal em uma porta não muito longe. A cama é a mais confortável em que dormiu há meses, e o ar é quente. Ou talvez seja *ela* que está quente. Ela examina a febre que arde em sua pele e conclui que é perigosamente alta. Também não está com fome, embora tenha o estômago vazio, como sempre. Um mau sinal.

Talvez isso tenha algo a ver com a dor que ela sente em sua perna: parece um grito baixo e monótono. Dois gritos. Sua coxa dói, mas sente como se milhares de pedaços de gelo tivessem ficado presos na articulação do seu joelho. Ela gostaria de tentar dobrá-lo para ver se consegue mover a perna o suficiente para suportar seu peso, mas a dor é tanta que ela sente medo.

Permanece quieta, escutando antes de abrir os olhos; um hábito que já salvou sua vida antes. Ouve o som distante de vozes ecoando pelos corredores que cheiram a ferrugem e a argamassa mofada. Sem respiração ou movimento nas proximidades. A garota se levanta com cuidado e toca o pano que a cobre. Áspero, cheio de remendos. Mais quente que o seu próprio cobertor, onde quer que ele esteja agora. Ela o roubará, se puder, quando escapar.

Então ela congela, assustada, porque há outra pessoa com ela na sala. Um homem.

Mas o homem não se move, sequer respira. Simplesmente fica lá. E agora ela percebe que o que pensava ser pele é na verdade mármore. Uma estátua. *Uma estátua?*

A febre e a dor a impedem de pensar com clareza, até mesmo a brisa soa alto em seus ouvidos, e ainda assim chega à conclusão de que os habitantes da cidade têm um gosto peculiar pela arte.

Ela sente dor. Ela está cansada. Ela adormece.

• • •

“Você tentou nos matar,” diz a voz de uma mulher.

A garota pisca e acorda novamente, desorientada por um momento. Acima dela, algo queima e fumega numa lamparina sobre um candelabro. A febre se foi. Ela ainda está com sede, mas não tão sedenta como antes. Naquele momento, veio a lembrança da presença de mais pessoas na sala, pessoas que estavam cuidando de suas feridas e lhe dando caldo amargo. É uma memória distante e estranha. Devia estar delirando quando aconteceu. Ela ainda está com fome (está sempre com fome), mas agora essa necessidade não é tão urgente como antes. Até mesmo o fogo e o gelo em sua perna diminuíram.

A garota se volta para olhar para a visitante. A mulher está sentada numa cadeira velha de madeira, com os braços apoiados nas costas. A garota não tem experiência suficiente com outras pessoas para saber quantos anos ela tem. Mais velha do que ela, mas não idosa. Também é grande, com ombros largos que parecem ainda mais largos por causa das camadas de tecido e peles de animais, com grandes botas pretas. Seu cabelo, uma juba grossa, cinza e dura como grama coberta de cinzas. Parece ainda mais

espesso por causa das tranças e nós, que podem ser decorativos ou uma tentativa de manter a massa de cabelo fora dos olhos. Seu rosto é largo e angular, sua pele é de um tom marrom pálido, como a da garota.

(A estátua no canto desapareceu. Era uma vez uma garota cuja febre lhe causou alucinações).

“Você teria derrubado metade do nosso muro sul,” continua a mulher. “Provavelmente destruiu um ou mais estoques. Isso é mais do que suficiente para matar uma cidade hoje em dia. Desastres atraem carniceiros.”

É verdade. Mas a garota certamente não quis fazer isso. Ela tenta ser um parasita bem sucedido, não matando seu hospedeiro, fazendo apenas danos suficientes para entrar sem ser detectada. E enquanto a cidade estivesse preocupada em reparar o problema e enfrentar os inimigos atraídos, a garota poderia ter sobrevivido dentro dos muros sem chamar a atenção, por algum tempo. Ela fez isso em outro lugar. Poderia ter rondado seus becos, mordiscado suas bases, sempre procurando por aquele sabor de vinagre. *Ela está aqui em algum lugar.*

E se ela não conseguir encontrá-lo a tempo, se ela fizer a esta cidade o que fez com as outras... bem. Ela não mataria uma cidade sozinha, mas aproveitaria os destroços antes de seguir o seu caminho. Não fazer isso seria um desperdício.

A mulher espera um momento, depois suspira como se não esperasse uma resposta. “Eu sou Ykka. Presumo que você não tenha um nome.”

“Claro que eu tenho um nome,” a garota retruca.

Ykka espera. Então ela bufa. “Quantos anos você tem? Quatorze? Você está desnutrida, então digamos dezoito. Você era uma criança quando a ruptura aconteceu, mas não é feroz (não muito, pelo menos), então alguém deve ter criado você por algum tempo depois que aconteceu. Quem?”

A garota vira o rosto, desinteressada. “Você vai me matar?”

“O que você faria se eu dissesse que sim?”

A garota cerra os dentes. As paredes da cela são de chapas de aço aparafusadas, e o piso é feito de ripas de madeira sobre um chão de terra. Mas o metal é tão *fino*. E há tão *pouca* madeira. Ela

se imagina pressionando a língua entre as ripas do chão, lambendo as camadas de sujeira abaixo (já comeu coisa pior) e finalmente tocando a base. Concreto. Atravessando isso, ela poderia tocar o fundo do vale. A pedra ficará sem sabor e fria, fria o suficiente para grudar na língua, pois não há nada para aquecê-la: nem um terremoto nem um resto de tremor. Além disso, o vale não está perto de uma falha ou de um ponto quente, portanto, também não há choques ou borbulhas. Mas existem outras maneiras de aquecer pedras. Ela pode usar o calor e o movimento de outras coisas.

Como o calor e o movimento do ar ao seu redor, por exemplo. Ou o calor e o movimento de um corpo vivo. Se ela tirar isso de Ykka, não conseguirá muito. Não o suficiente para causar um verdadeiro terremoto, para o qual ela precisaria de mais pessoas. Ela pode ser capaz de sacudir o chão da cela, entortar a porta de metal o suficiente para estourar a fechadura. Ykka morreria, mas algumas coisas são inevitáveis.

A garota estende a mão para Ykka. Não consegue evitar de ficar com água na boca...

Um gosto repentino o interrompe. Uma especiaria, semelhante à canela. Não é tão ruim. Mas a intensidade do sabor aumenta à medida que tenta se apoderar da energia, até que de repente se transforma em fogo e *queima* e ela percebe um frescor que faz seus olhos marejarem e suas entranhas se agitarem...

A garota arfou e abriu os olhos de repente. A mulher sorri, e a garota sente um arrepio na nuca, uma descoberta tardia e perturbadora.

“É o bastante para mim,” diz Ykka calmamente, embora uma fúria fria emane de seu olhar. “Teremos que mudá-la para uma cela melhor se você for sensível o suficiente para passar por aço e madeira. Tivemos sorte de você ter estado muito fraca para tentar antes.” Ela faz uma pausa. “Se você tivesse conseguido agora, você teria matado apenas a mim? Ou destruído a cidade inteira?”

Ainda atônita por ter recuperado a consciência, a garota responde com sinceridade antes mesmo de poder reconsiderar. “Não a cidade inteira. Não destruo cidades.”

“O que é isso? Algum tipo de código moral?” Ykka ri.

Não tem sentido responder a essa pergunta. “Teria matado todas as pessoas necessárias para me libertar.”

“E depois?”

A garota dá de ombros. “Encontraria algo para comer. Um lugar quente para me esconder.” Ela não acrescentou: *Procuraria o homem vinagre*. De qualquer forma, isso não faria sentido para Ykka.

“Comida, calor e abrigo. Necessidades tão simples.” Há zombaria na voz de Ykka, e isso incomoda a garota. “Você poderia fazer isso de roupas limpas. Um bom banho. Talvez alguém com quem conversar, para começar a valorizar os outros.”

A garota franze o cenho. “O que você quer de mim?”

“Descobrir se você é útil.” Vendo a carranca da garota, Ykka a olha de cima a baixo, como se estivesse avaliando. Seu cabelo não é escovado, como o da Ykka, é uma bagunça castanho-escuro que ela corta com uma lâmina quando chega a um tamanho que a irrita. Ela é pequena, magra e ágil, quando não está ferida. Não há como saber o que Ykka pensa dessas características. Não há como saber por que ela se importaria. A garota só espera que não pareça fraca.

“Você já fez isso em outras cidades?” Ykka pergunta.

A questão é uma prova tão estúpida que não vale a pena respondê-la. Depois de um momento, Ykka assente. “Foi o que pensei. Parece que você sabia o que estava fazendo.”

“Aprendi desde pequena.”

“Umm?”

A garota decide que já falou o suficiente. Mas antes que seu silêncio seja relevante, algo oscila em sua percepção, seguido pelo que é sem dúvida uma vibração dentro da terra. Pedacos de argamassa caem de trás de uma placa solta na parede da cela. Outro terremoto? Não, as profundezas da terra estão frias. A vibração foi superficial, delicada, como se o mundo se arrepiasse.

“Você pode perguntar o que foi isso,” diz Ykka, percebendo sua confusão. “Eu posso até responder.”

A garota cerra os dentes, e Ykka ri enquanto se levanta. Ela é ainda maior do que parecia quando estava sentada, pelo menos um metro e oitenta. Ou mais. Sanzed de sangue puro. Metade das raças do mundo tem cabelos como ela, mas a altura é uma

característica marcante. Os Sanzed reproduzem os membros mais fortes para se protegerem quando a vida se torna mais difícil.

“O penhasco sul se tornou instável por sua causa,” diz Ykka. “Precisamos repará-lo.” Então ela faz uma pausa, com uma mão no quadril, enquanto a garota liga os pontos. Não leva muito tempo. Aquela mulher é como ela. (Ela nota que um sabor quente e apimentado ainda arde em sua boca. Repugnante.) Mas esse tremor há pouco foi causado por outra pessoa, e embora a presença seja como um melão (tênue, sutil e sem sabor), também tem um certo sabor de sangue.

Dois na mesma cidade? O tipo dela sabe muito bem. Já é difícil para um lobo se esconder entre as ovelhas. Mas espere... Havia mais dois, assim como quando ela quebrou o penhasco sul. Um deles tinha um gosto muito diferente, amargo, algo que ela nunca provou e não sabe como definir. O outro era o homem vinagre.

*Quatro* em uma cidade. E a mulher está muito interessada em descobrir como ela pode ser útil. Ela olha para Ykka. Ninguém faria isso.

Ykka balança a cabeça, parece não estar mais gostando. “Eu acho que você é um desperdício de tempo e comida,” afirma ela, “mas a decisão não depende só de mim. Se você tentar prejudicar a cidade novamente, nós a sentiremos, vamos detê-la e depois matá-la. Mas se você não causar problemas, pelo menos saberemos que você pode ser treinada. Ah, evite usar sua perna se quiser caminhar novamente.”

Então Ykka vai até a grade da porta e grita algo em outro idioma. Um homem desce o corredor e a deixa sair. Os dois olham para a garota por um longo momento antes de seguir pelo corredor e passar por outra porta.

No novo silêncio, a garota ergue as costas e senta. Tem que fazer isso lentamente, ainda está muito fraca. Sua roupa de cama cheira a suor de febre, embora esteja seca agora. Quando ela levanta o cobertor remendado, ela percebe que não está usando calças. Há um curativo na metade da coxa direita: a ferida abaixo irradia linhas de infecção, embora elas comecem a desaparecer. Seu joelho também foi enrolado com bandagens de couro largas. Ela tenta dobrar a perna mas uma onda repugnante de dor irradia



de cima a baixo, como abalos secundários de sua própria fúria. O que aconteceu? Ela se lembra de estar fugindo de pessoas a cavalo. De cair em meio a rochas tão afiadas como facas.

O homem vinagre não vai ficar muito tempo nesta cidade. Ela sabe disso porque o tem rastreado há anos. Às vezes restam sobreviventes nas cidades que ele destrói, sobreviventes que, se fossem obrigados a falar, fariam de um andarilho que estava acampado do lado de fora dos portões, pedindo para entrar, mas não indo embora quando lhe fosse negado. Esperando, talvez por alguns dias; se escondendo, se os habitantes o enxotassem. Então entraria, presunçosa e indiferentemente, assim que as paredes caíssem. Ela tem que achá-lo logo porque, se ele estiver aqui, a cidade está condenada, e ela não gostaria de presenciar as agonias finais da cidade.

Continuando a pressionar contra a tensão das faixas, a garota consegue dobrar o joelho talvez uns vinte graus, e então algo que não deveria se mover desliza. Ouve-se um estalo úmido em algum lugar na junta. Seu estômago está vazio. O que a deixa contente, pois ela quase vomitou de dor. As náuseas desapareceram. Ela não vai conseguir sair de lá e não vai poder perseguir o homem vinagre, pelo menos não ainda.

Mas quando ela ergue o olhar, percebe que alguém está na sala com ela novamente. A estátua que ela alucinou.

Sua mente tenta se convencer de que é uma estátua, embora seja claro que não se trata de uma alucinação. Ela analisa a figura daquele homem: ele é alto, de simetria esbelta, tem uma cabeça inclinada e uma expressão gentil e sincera esculpida em seu rosto. Uma face de mármore cinza e branco, com olhos incrustados, semelhantes a ônix e a alabastro. O artista que esculpiu esta criação aplicou detalhes incríveis, até esculpindo cílios e pequenas rugas nos lábios. A garota conhece a beleza quando a vê.

Ela também acredita que a estátua não estava lá há um momento atrás. Na verdade, ela tem certeza disso.

“Você gostaria de sair daqui?” a estátua pergunta, e a garota recua até onde a perna ferida e a parede a permitem.

Há uma pausa.

“C-comedor de pedra,” ela sussurra.

“Garota.” Seus lábios não se mexem quando fala. A voz vem de algum lugar em seu tronco. As histórias dizem que os corpos dos comedores de pedra não são exatamente feitos de pedra, mas sim de um material muito diferente e menos flexível que a carne.

Também é dito que os comedores de pedra não existem, exceto nas histórias sobre comedores de pedra. A garota umedece os lábios.

“O que...” Sua voz falha. Ela se levanta um pouco mais e encolhe de dor porque esqueceu seu joelho. Que faz de tudo para não ser esquecido. Ela se concentra em outras coisas. “Sair?”

A cabeça do comedor de pedra não gira, mas seus olhos se movem muito lentamente. Seguindo-a. De repente ela sente vontade de se esconder debaixo do cobertor para escapar daquele olhar, mas e se ela espreitar e encontrar a criatura bem na sua frente, olhando de volta?

“Em breve eles a levarão para uma cela mais segura.” Tem a forma de um homem, mas a mente da garota se recusa a usar o pronome masculino com algo que obviamente não é humano. “Será mais difícil para você alcançar as pedras de lá. Posso levá-la a um contato direto.”

“Por quê?”

“Para que possa destruir a cidade, se ainda quiser.” Sua voz, relaxada, pacífica. É indestrutível, as histórias contam. Não se pode parar um comedor de pedra, apenas sair de seu caminho.

“Você terá que lutar contra Ykka e os outros, no entanto,” continua. “Afinal, esta é a cidade deles.”

Isso quase faz a garota esquecer a estranheza ameaçadora do comedor de pedra. “Isso é impossível,” diz ela, teimosa. O mundo odeia o que ela é; ela aprendeu isso desde o início. Os que são como ela se alimentam do poder da terra e a cospem de volta como força e destruição. Quando a terra está quieta, eles se alimentam de qualquer coisa que possam encontrar, desde o calor do ar até o movimento dos seres vivos, para obter o mesmo efeito. Não podem viver entre pessoas normais. Seriam descobertos no primeiro tremor, ou com o primeiro assassinato.

O comedor de pedra se move, e ver isso lhe fez suar frio. É lento, rígido. Ela ouve um som fraco quase como a cobertura de

pedra de uma tumba sendo movida. Agora a criatura a encara, e sua expressão contemplativa se tornou irônica.

“Há vinte e três como você nesta cidade,” diz. “E muitos mais do outro tipo, claro.” Pessoas normais, ela adivinha pelo tom desdenhoso. Ela não pode dizer porque sua mente está presa na frase anterior. Vinte e três. *Vinte e três*.

Então, ela percebe que o comedor de pedra ainda está esperando por uma resposta. “C-como você me tiraria daqui?” ela pergunta.

“Eu carregaria você.”

Deixar o comedor de pedra tocá-la. Ela tenta não deixar que a veja estremecer, mas seus lábios se ajustam sutilmente. Agora a estátua tem um leve sorriso esculpido. O monstro gosta de ser visto como monstruoso.

“Voltarei mais tarde,” diz a criatura. “Quando você tiver recuperado suas forças.”

Então sua forma brilha, ela não sente as mesmas vibrações como as do resto do povo, mas sente uma presença sólida e estática, como a de uma montanha. Ela pode ver através de seu corpo. Então afunda no chão como se tivesse aparecido um buraco sob seus pés, apesar de as ripas de madeira sujas estarem perfeitamente sólidas.

A garota respira fundo várias vezes e se encosta na parede. Ela sente o metal frio através de suas roupas.

• • •

Eles movem a garota para uma cela cujo piso é de madeira sobre metal. As paredes também são de madeira e acolchoadas com couro costurado sobre grossas camadas de algodão. Há correntes embutidas no piso, mas felizmente não foram usadas nela.

Eles trazem comida para a garota: caldo com flocos de fermento, biscoitos com sabor de mofo, grãos germinados envoltos por folhas secas. Ela come e fica mais forte. Alguns dias depois, quando aos poucos o sistema digestivo da garota começou a funcionar, os guardas lhe deram algumas muletas. Eles a observam enquanto ela os experimenta até poder usá-los, com um mínimo de dor. Ela é então levada para uma sala onde pessoas nuas se esfregam juntas

ao redor de uma poça rasa de água morna. Quando ela termina de tomar banho, os guardas escovam seu cabelo para remover os piolhos. (Ela não tem nenhum. Os piolhos aparecem quando se está em contato com outras pessoas.) Finalmente, ela recebe roupas: roupas íntimas, um par de calças largas feitas de algum tipo de fibra vegetal, outro par de calças mais apertadas feitas de couro, duas camisas, um sutiã muito grande e sapatos forrados com couro. Ela veste tudo gananciosamente. É bom estar aquecida.

Ela é levada de volta para a cela, e a garota sobe cuidadosamente na cama. Está mais forte, porém ainda fraca; se cansa facilmente. O joelho ainda não é capaz de suportar seu peso. As muletas são um desastre: ela não pode se *esgueirar* para lugar nenhum enquanto tiver se apoiando nelas e fazendo tanto barulho. A frustração a consome porque ela sabe que o homem vinagre anda por aí e teme que ele possa agir, ou atacar, antes que ela tenha se recuperado. Mas carne é carne, e a sua tem sofrido muito nestes dias. Ela cobra seu preço. A garota não tem outra escolha senão obedecer.

Depois de descansar por um tempo, no entanto, ela percebe que algo vasto, calmo como uma montanha e familiar está novamente na sala. Ela abre os olhos e vê o comedor de pedra inerte e silencioso em frente à porta da cela. Desta vez está com a mão estendida, a palma aberta e preparada. Um convite.

A garota se levanta e senta. “Você pode me ajudar a encontrar alguém?”

“Quem?”

“Um homem. Um homem como...” Ela não tem ideia de como expressar de forma que o comedor de pedra a entenda. Será que é capaz de distinguir entre dois seres humanos? Ela não tem ideia de como um comedor de pedra pensa.

“Como você?” o comedor de pedra investe diante do silêncio dela.

Ela luta contra o desejo de rejeitar imediatamente essa comparação. “Outro que pode fazer o que eu faço, sim.” Um de vinte e três. Um problema que nunca pensou que teria.

O comedor de pedra fica em silêncio por um momento. “Compartilhe comigo.”

A garota não entende. Mas aquela mão ainda está lá, como uma oferenda, esperando, então ela se levanta e manca, com a ajuda de muletas. Ao estender a mão para a criatura, ela sente por um instante que todas as partes de seu corpo se revoltam contra a noção de tocar aquela estranha pele marmorizada. É suficientemente desagradável estar tão perto a ponto de perceber que não está respirando, de ver que não está piscando, e de perceber que cada um de seus instintos gritam contra a ideia de senti-lo com aquela parte de si que conhece a pedra. Ela sente que, se tentar, seu sabor terá gosto de amêndoas amargas e enxofre ardente, e então ela morrerá.

Ainda assim...

Relutante, ela pensa em um belo lugar o qual não se permite lembrar há anos. Era uma vez uma garota que tinha comida todos os dias e sempre podia se aquecer, em um lugar onde as pessoas lhe davam essas coisas sem que ela tivesse que pedir por elas, completamente de graça. Eles também lhe davam outras coisas, coisas que ela não quer agora, que ela não precisa agora, como companhia, um nome ou sentimentos que não sejam fome e raiva. Esse lugar não existe mais. Destruído. Ela é a única que resta, para se vingar.

Ela pega a mão do comedor de pedra. A pele do comedor de pedra é fria e cede levemente ao toque; os braços dela se arrepiam e a pele da palma de sua mão estremece. Ela espera que não tenha notado.

Ele aguarda até ela lembrar do pedido. Ela fecha os olhos e se recorda do gosto azedo e doce do homem vinagre ao mesmo tempo, esperando que a criatura seja capaz de senti-lo através de sua pele.

“Ah,” diz o comedor de pedra. “Eu conheço esse.”

A garota umedece os lábios. “Vou matá-lo.”

“Você vai tentar.” O sorriso parece estar fixo em seu rosto.

“Por que você está me ajudando?”

“Eu disse. Os outros a enfrentarão.”

Isso não faz sentido. “Se você odeia tanto a cidade, por que não a destrói você mesmo?”

“Eu não odeio a cidade. Não tenho interesse em destruí-la.” Ela sente um aperto quase imperceptível, uma pitada de pressão que parece vir dos lugares mais profundos da terra. “Devo levá-la até ele?”

É um aviso e, ao mesmo tempo, uma promessa. A garota entende: Ela deve aceitar a oferta agora, ou perderá a oportunidade. Afinal de contas, não importa por que o comedor de pedra está ajudando.

“Leve-me até ele,” ela responde.

O comedor de pedra a puxa para mais perto, passa seu braço livre sobre os ombros com a lentidão e a implacabilidade de uma geleira. Ela treme contra sua sólida desumanidade, fitando os olhos pretos e brancos demais da criatura enquanto segura firmemente as muletas entre seus braços. Ainda não havia parado de sorrir. Ela percebe, e não sabe por que percebe, que a coisa sorri com seus lábios fechados.

“Não tenha medo,” diz a criatura sem abrir a boca, e o mundo se turva. Há uma sensação sufocante de aperto e reclusão, um calor que parece ser causado por atrito, uma escuridão oscilante e uma sensação de que as profundezas da terra estão se movendo em torno dela, tão perto que ela não apenas pode saborear. Também sente, respira e se *torna* parte da criatura.

Eles estão em um pátio tranquilo da cidade agora. A garota olha em volta, assustada com o súbito retorno da luz, do ar frio e de tanto espaço, e nem percebe os movimentos do comedor de pedra que a solta e recua, muito lentamente. É dia. O telhado da cidade está recolhido e o céu é seu habitual melancólico cinza, vertendo lágrimas de cinza. Por dentro, a cidade parece menor do que ela imaginara. Os edifícios são baixos, mas próximos, quase todos são atrofiados, redondos e em forma de cúpula. É o mesmo estilo arquitetônico que já vira em outras cidades: é usado para conservar melhor o calor e suportar agitações.

Não há ninguém por perto. A garota se volta para o comedor de pedra, tensa.

“Por ali.” Seu braço já está levantado, apontando para um prédio no final de uma via estreita. É uma cúpula maior que as demais,

com subsidiárias menores se ramificando pelos lados. “Ele está no segundo andar.”

A garota observa o comedor de pedra por um tempo e a criatura olha de volta, como uma placa gentil e sorridente. *Sua vingança é por ali.* Ela se vira e segue o dedo indicador.

Ninguém repara na sua presença enquanto caminha de muletas em direção ao local, apesar de ser uma estranha. Isto mostra que a cidade é grande o bastante para que todos não se conheçam. As pessoas por quem ela passa são de muitas raças, muitas idades. Sanzeds como Ykka predominam, ou talvez sejam Cebaki; ela nunca aprendeu a distingui-los. Há muitos regwos de lábios pretos e uma mulher shearar de grandes olhos redondos e pálidos. A garota se pergunta se eles sabem dos vinte e três (vinte e quatro, ela se corrige). Eles devem. Sua espécie não pode habitar entre pessoas comuns sem, eventualmente, se revelar. Normalmente não conseguem viver de maneira alguma entre as pessoas comuns. Mas aqui, de alguma forma, eles conseguem.

Ao caminhar pelas ruas estreitas e pelos cantos entre os edifícios, ela nota outra coisa, algo muito pior que explica, num piscar de olhos, porque ninguém se preocupa com as vinte e quatro pessoas que poderiam destruir a cidade num instante. Em meio às sombras, nas calçadas, quase camufladas pelas paredes cor de cinza: figuras de pé imóveis demais. Estátuas cujos olhos a seguem. *Muitos deles:* Ela vê uma dúzia antes de parar de contar.

Era uma vez uma cidade cheia de monstros, dos quais a garota era apenas mais um.

Ninguém a impede de entrar na grande cúpula. Está mais quente lá dentro do que no edifício onde ela estava presa. As pessoas entram e saem à vontade, em grupos de dois ou três, falando e carregando papéis ou ferramentas. Enquanto a garota caminha pelos corredores, ela examina os pequenos braseiros de cerâmica em todas as salas, que emitem um cheiro fresco além de calor. Eles têm pilhas de flores há muito mortas entre as brasas.

Ela mal sobrevive às escadas. Leva algum tempo para descobrir um método de subir de muletas sem ter que dobrar o joelho ferido. Ela para depois do terceiro trecho para se encostar na parede, tremendo e suando. Os dias de alimentação constante ajudaram,

mas ela ainda não está totalmente recuperada e nunca teve muita resistência física. Não adiantava encontrar o homem vinagre e desmaiar a seus pés.

“Você está bem?”

A garota aparta os cabelos úmidos que lhe cobrem os olhos. Ela está em um amplo corredor ladeado por braseiros; um tapete comprido e estampado — um luxo que nunca sai de moda — sob seus pés. Há um homem de pé. Tão pequeno quanto ela, e essa é a única razão pela qual ela não se afastou abruptamente quando o viu tão de perto. Ele é quase tão pálido quanto o comedor de pedra, embora sua pele seja realmente pele e seu cabelo espesso, porque provavelmente tem sangue sanzéd. Ele tem um rosto alegre, embora olhe para ela com uma preocupação educada.

A garota se encolhe quando ela instintivamente tenta provar seu ambiente e reconhece aquele sabor intenso, de vinagre azedo, de pickles fedorentos e de coisas velhas conservadas, de vinho envelhecido. É ele, *é ele, ela conhece o gosto dele*.

“Eu sou de Arquin,” ela deixa escapar. O sorriso se solidifica no rosto do homem, fazendo-a pensar no comedor de pedra novamente.

Era uma vez uma cidade chamada Arquin, muito ao sul. Era uma cidade de artistas e pensadores, um lugar bonito e cheio de pessoas bonitas, dos quais os pais da garota eram dois. Quando o mundo acabou — algo que acontece com frequência, a terra partida é apenas o mais recente exemplo de muitos apocalipses — Arquin resistiu ao frio, trancou os portões e se encolheu para sobreviver até que o mundo se curasse e esquentasse novamente. A cidade havia se preparado bem. Seus estoques de provisões estavam cheios, suas defesas fortes e variadas; poderia ter durado muito tempo. Mas então um estranho veio à cidade.

Um tenso silêncio paira após a declaração da garota.

O homem é o primeiro a reagir. Suas narinas se dilatam e ele se endireita, como se quisesse mascarar o desconforto. “Todo mundo fez o que tinha que fazer naquela época,” ele diz. “Você teria feito o mesmo em meu lugar.”

Existe um indício de desculpas no tom de sua voz? *Acusação?* A garota mostra os dentes. Ela não tentou alcançar a pedra sob a



cidade desde que estava com Ykka. Mas agora ela alcança, percorrendo os pilares nas paredes até a base do edifício e depois mais fundo, encontrando e engolindo terra firme com sabor de hortelã-doce. Não há muita. Hoje não houve tremores. Mas por pouco que seja, o que ela encontra é como um bálsamo para aliviar os dias de medo e desespero que acabam de passar.

O homem vinagre cambaleia até a parede oposta do corredor, em reação ao toque da garota no leito rochoso, ele considera isso uma afronta. De repente, todo azedume que o compõe flui como cuspe, tentando repugná-la para que cesse. Ela quer; ele está arruinando o sabor. Porém, ela faz uma careta e abocanha a energia com mais força, fazendo dela sua, e se recusando a desistir. Os olhos dele se estreitam.

Alguém adentra o corredor vindo de alguma sala adjacente. O desconhecido diz algo, em voz alta. A garota entende que ele está chamando Ykka. Ela mal consegue ouvir as palavras. Sua boca está cheia de pó de pedra. O som da rocha profunda range em seus ouvidos. O homem vinagre a pressiona, tentando novamente tomar o controle, e ela o odeia por tentar. Durante quantos anos ela passou fome, frio e medo por causa dele? Não, não, ela não pode culpá-lo por algo assim, não quando ela fez tantas coisa igualmente terríveis, ele está certo em dizer *você também faria o mesmo, você também fez o mesmo* — e agora? E agora, tudo o que ela quer é energia. É pedir muito? É tudo o que aquele homem lhe deixou.

E ela prefere despedaçar todo o vale do que novamente deixá-lo tomar algo que é dela.

A madeira não polida das muletas está pregada em suas mãos enquanto ela morde a pedra imaginária para se preparar. A terra está imóvel; sua energia se encontra muito profunda para se alcançar. Em momentos como este, não há mais nada para se alimentar, é uma papa aquosa feita de pequenos movimentos, um calor tênue. As brasas com sabor de rosas dos braseiros próximos. A trêmula agitação nos braços, olhos e tórax ofegantes. Além disso, também é capaz de movimentos para os quais não há nomes: as pitadas infinitesimais que flutuavam no ar, as agitadas partículas de matéria sólida. E os menores ainda, grânulos rodopiantes que constituem essas partículas.

(Em algum lugar, fora da terra, há mais pessoas. Outros sabores começam a irritar seus sentidos: melão, ensopado quente de carne, pimentas conhecidas. Os outros querem detê-la. Ela precisa se apressar.)

“Você não se atreveria,” diz o homem vinagre. O chão treme, e todo o edifício se agita com a energia emanada de sua fúria. Vibrações tamborilam sob os pés da garota. “Não vou permitir que vo...”

Ele não tem chance de terminar o aviso. A garota se lembra do sabor de vinho azedo que encontrou em um depósito destruído de Arquim. Ela estava tão faminta que precisava de algo, qualquer coisa, para sobreviver. Tinha gosto de malte com um toque de fruta. O desespero é capaz de fazer com que até o vinagre tenha um gosto bom.

O ar na sala esfria. Um círculo de gelo irradia ao redor dos pés da garota, formando uma camada de gelo sobre o tapete estampado. O homem vinagre está dentro deste círculo. (No corredor, outros exclamam e recuam conforme o círculo fica maior.) O homem grita enquanto o gelo começa a se formar em seus cabelos, em suas sobrancelhas. Seus lábios ficam azuis; seus dedos endurecem. Não é só frio: à medida que a garota devora o espaço entre suas moléculas, o próprio movimento de seus átomos; a carne do homem se torna algo diferente, condensando, endurecendo. Na terra onde os sabores habitam, ele luta; ácido queima a garganta da garota e agita sua barriga. Suas orelhas ficam dormientes, e o frio faz seu joelho latejar e de seus olhos vertem lágrimas.

Mas ela engoliu coisas muito piores do que a dor. E esta é a lição que o homem vinagre lhe ensinou quando matou seu futuro, quando a transformou em nada mais que um parasita como ele. Ele é mais velho, mais cruel, mais experiente e talvez mais forte, mas a sobrevivência nunca foi algo exclusivo dos mais aptos. Mas também dos famintos.

• • •

Ykka chega quando o homem vinagre já está morto. Ela entra no círculo gelado sem medo, embora haja um tom vermelho quente

com frescor quando a garota se vira para encará-la. A garota recua. Ela não está em condições para outra luta agora.

“Meus parabéns,” diz Ykka, quando a garota tira sua consciência da terra e se senta desajeitadamente, cansada. (O chão onde ela descansa está muito gelado.) “Sente-se melhor?”

Um pouco atordoada, a garota tenta processar as palavras. Uma pequena multidão se aglomera no corredor, fora do círculo de gelo, murmurando e olhando para ela. Uma mulher de cabelo preto, tão pequena e franzina quanto Ykka é grande e robusta, entra no círculo com Ykka; e se aproxima do homem vinagre espreitando na esperança de encontrar algo de valor. Mas não há nada. Sobrou dele o mesmo tanto que ele deixou para a garota, em um certo dia há muito tempo atrás em um lugar outrora bonito. Nem sequer parece um homem, é pouco mais do que uma massa marrom-acinzentada e estaladiça de algo que costumava ser carne amontoada contra a parede do corredor. Seu rosto é só olhos e dentes desnudos, de sua mão, uma garra erguida.

Além de Ykka e da multidão, a garota vê algo que a faz sair de seus pensamentos: o comedor de pedra, do outro lado do corredor. Olhando e sorrindo para ela, imóvel como uma estátua.

“Ele está morto,” diz a mulher de cabelo preto, ao se virar para Ykka. Ela parece mais aborrecida do que zangada.

“É, foi o que pensei,” responde Ykka. “Do que se trata tudo isso?”

A garota leva um tempo para perceber que a Ykka está indo em sua direção. Ela está exausta, fisicamente — mas por dentro, todo o seu ser transborda de energia, entusiasmo e satisfação. Ela está atordoada e um pouco tonta, por isso quando abre a boca para falar apenas ri. Mesmo para seus próprios ouvidos, soa instável, perturbador.

A mulher de cabelo preto cospe um insulto numa língua que a garota não conhece e puxa uma faca, determinada a livrar a cidade da louca ameaça da garota. “Espere,” diz Ykka.

A mulher a olha fixamente. “Esse monstinho acabou de matar Thoroa...”

“Espere,” Ykka repete, mais forte, e olha para a mulher de cabelo preto até que a raiva que era evidente na tensão dos ombros da

mulher se enfraquece. Então Ykka se vira novamente para a garota. Seu hálito se condensa no ar frio quando ela pergunta: “Por quê?”

A garota só pode balançar a cabeça. “Ele me devia.”

“Devia o quê? Por quê?”

Ela balança a cabeça novamente, desejando que a matassem e acabassem logo com isso.

Ykka a observa por um longo momento, seu rosto duro e ilegível. Quando volta a falar, a sua voz é mais suave. “Você disse que tinha aprendido desde pequena.”

A mulher de cabelo preto fita a garota com desprezo. “Todos nós fizemos o que tinha de ser feito para sobreviver.”

“Verdade,” diz Ykka. “E às vezes sofremos as consequências de nossas ações.”

“Ela matou um cidadão desta cidade...”

“Ele *devia* a ela. A quantas pessoas você deve? Quer mesmo fingir que por alguma razão cada um de nós não merece morrer?”

A mulher de cabelo preto não responde.

“Uma cidade de gente como nós,” diz a garota. Ela ainda está tonta. Seria fácil sacudir a cidade e descarregar toda a sua tontura, mas isso os forçaria a matá-la, do que, por alguma razão naquele momento, eles parecem duvidar. “Nunca vai dar certo. Costumavam nos perseguir antes da ruptura, e com razão.”

Ykka sorri como se soubesse o que a garota está sentindo. “Eles ainda nos caçam agora, em muitos lugares, e com razão. Afinal, só um de nós poderia ter feito aquilo.” Ela faz um gesto vago para o norte, onde uma enorme fenda serrilhada que escorre líquido vermelho por todo o continente destruiu o mundo. “Mas talvez não *seríamos* monstros se não fôssemos tratados como monstros. Eu gostaria que vivêssemos como pessoas por um tempo, para ver como lidamos.”

“Até agora, estávamos indo muito bem,” murmura a mulher de cabelo preto, olhando para o cadáver sólido do homem vinagre. Thoroa. Seja qual for seu nome.

Ykka dá de ombros, mas seus olhos se estreitam para a garota. “Alguém provavelmente virá atrás de você também, algum dia.”

A garota não desvia o olhar, é algo que ela sempre soube. Ela fará o que tem que fazer até não poder mais.

Mas de repente a garota fica alerta, porque o comedor de pedra está agora ao seu lado. Todos no corredor ficam surpresos. Nenhum deles o viu se mover.

“Obrigado,” a criatura diz.

A garota umedece os lábios sem desviar o olhar. Não é prudente virar as costas a um predador. “De nada.” Ela não pergunta por que agradeceu.

“E esses,” diz Ykka atrás da criatura, com um suspiro que pode ou não ser resignação, “são a nossa motivação para vivermos juntos *em paz*.”

A maioria dos braseiros no corredor estão apagados, a garota os extinguiu em sua busca desesperada por energia. Apenas os de ambos extremos do corredor, muito além do círculo de gelo, permanecem acesos. A luz contorna o rosto do comedor de pedra, embora ela possa facilmente imaginar seu sorriso de mármore esculpido.

Sem dizer nada, Ykka se aproxima, com a mulher de cabelo preto. Elas ajudam a garota a se levantar, todas as três olhando para o comedor de pedra com cautela. O comedor de pedra não se move, nem para impedir nem para dar passagem. Ele apenas fica lá de pé até que a levem embora. Outros no corredor, aqueles que estavam lá e não fugiram quando viram monstros lutando, também saem — rapidamente. Em parte porque o corredor está congelante.

“Vai me expulsar da cidade?” a garota pergunta. Ela foi deixada ao pé das escadas. E agora tem dificuldade em pegar suas muletas porque suas mãos estão tremendo o tempo todo, e elas têm sido lentas para reagir ao frio e à experiência de quase morte. Se for expulsa agora, ferida, morrerá lentamente. E a garota prefere ser morta do que passar por isso.

“Ainda não sei,” diz Ykka. “Você quer ir embora?”

A garota fica surpresa ao ser perguntada. É estranho ter opções. Naquele momento ela olha para cima, um som a perturba: estão fechando a cobertura para proteger a cidade da noite. À medida que o telhado desliza para o lugar, a cidade escurece e os habitantes que andavam pelas ruas começam a acender algumas lanternas verticais que ela não havia notado antes. A cobertura cessa o

movimento com um profundo e ecoante estalo. Nesse momento, sem o frio do ar que sopra lá fora, a cidade está mais quente.

“Quero ficar,” a garota ouve a si mesma dizer.

Ykka suspira. A mulher de cabelo preto balança a cabeça. Mas elas não chamam os guardas, e quando ouvem algo vindo do andar de cima, as três caminham juntas, sem falar. A garota não faz ideia para onde elas estão indo. Ela também não acha que as outras duas fazem. Só então se dá conta que não deveriam estar ali.

Porque ela ainda continua vendo o corredor que acabaram de sair, momentos antes de a carregarem escada abaixo. Ela olhou para trás e viu. O comedor de pedra tinha se movido novamente. Estava de pé sobre o cadáver petrificado de Thoroa. A criatura havia colocado a mão sobre seu ombro, amigavelmente. E desta vez, enquanto sorria, brilharam pequenos e perfeitos dentes de diamante.

A garota respira fundo para tirar a imagem da cabeça.

Então, sem parar de andar, ela pergunta a Ykka: “Tem algo para comer?”





## APÊNDICE I

*Um catálogo das Quintas Estações que foram registradas antes e desde a fundação da Afiliação Equatorial Sanzed, da mais recente para a mais antiga*

**ESTAÇÃO DA ASFIXIA:** do ano 2714 ao 2719 da Era Imperial. Causa aproximada: erupção vulcânica. Localização: as Antárticas, perto de Deveteris. A erupção do monte Akok cobriu um raio de aproximadamente oitocentos quilômetros com nuvens de cinzas finas que se solidificavam em pulmões e membranas mucosas. Cinco anos sem luz do sol, embora o hemisfério norte não tenha sido tão afetado (apenas dois anos).

**ESTAÇÃO ÁCIDA:** do ano 2322 ao 2329 da Era Imperial. Causa aproximada: tremor de nível maior que dez. Localização: desconhecida; em algum ponto distante do oceano. Um deslocamento repentino de placa tectônica deu origem a uma cadeia de vulcões no caminho de uma grande corrente de jato. Essa corrente acidificou-se, fluindo em direção à costa oeste e enfim por toda a Quietude. A maioria das comus costeiras pereceu no tsunami inicial; as restantes fracassaram ou foram forçadas a mudar de lugar quando suas frotas e instalações portuárias se corroeram e a pesca se esgotou. A oclusão atmosférica causada pelas nuvens durou sete anos; os níveis de pH permaneceram insustentáveis por muitos anos mais.

**ESTAÇÃO DA EBULIÇÃO:** do ano 1842 ao 1845 da Era Imperial. Causa aproximada: erupção de um ponto quente sob um grande lago. Localização: Latmedianas do Sul, distritante do Lago Tekkaris. A erupção lançou milhões de galões de vapor e partículas ao ar, o que provocou chuvas ácidas e oclusão atmosférica sobre a metade sul do continente durante três anos. Entretanto, a metade norte não sofreu impactos negativos, então os arqueomestras contestam se isso se qualifica como uma “verdadeira” Estação.

**ESTAÇÃO OFEGANTE:** do ano 1689 ao 1798 da Era Imperial. Causa aproximada: acidente de mineração. Localização: Latmedianas do Norte, distritante de Sathd. Uma Estação inteiramente causada pelos humanos, provocada quando mineiros na extremidade das regiões carboníferas do nordeste das Latmedianas do Norte deram origem a incêndios subterrâneos. Estação relativamente amena, apresentando ocasional luz do sol e nenhuma chuva de cinzas nem acidificação, exceto na região; poucas comus declararam Lei Sazonal. Aproximadamente catorze milhões de pessoas da cidade de Heldine morreram na erupção inicial de gás natural e no buraco de fogo que se espalhava rapidamente antes que Orogenes Imperiais acalmassem e fechassem com êxito as extremidades do fogo para evitar que se espalhasse mais. A massa restante só pôde ser isolada e continuou queimando durante 109 anos. A fumaça desse fogo, espalhada através dos ventos predominantes, causou problemas respiratórios e ocasionais sufocamentos em massa nessa região durante várias décadas. Um efeito secundário da perda das regiões carboníferas das Latmedianas do Norte foi um aumento catastrófico nos custos do combustível para fins de aquecimento e a adoção mais ampla do aquecimento geotermal e hidroelétrico, levando à criação do Licenciamento para Geoneiros.

**ESTAÇÃO DOS DENTES:** do ano 1553 ao 1566 da Era Imperial. Causa aproximada: tremor oceânico que provocou uma explosão supervulcânica. Localização: Fissuras Árticas. Um abalo secundário do tremor oceânico rompeu um ponto quente antes desconhecido próximo ao polo norte. Isso provocou uma explosão supervulcânica; testemunhas relatam ter ouvido o som da explosão até nas Antárticas. As cinzas subiram até os níveis mais altos da atmosfera



e se espalharam ao redor do globo rapidamente, embora as Árticas tenham sido mais fortemente afetadas. O dano dessa Estação foi exacerbado pela má preparação da parte de muitas comus, porque uns novecentos anos haviam se passado desde a última Estação; a crença popular na época era a de que as Estações eram apenas lendas. Relatos de canibalismo se espalharam do norte até os Equatoriais. Ao final dessa Estação, o Fulcro foi fundado em Yumenes, com instalações satélite nas Árticas e nas Antárticas.

**ESTAÇÃO DOS FUNGOS:** ano 602 da Era Imperial. Causa aproximada: erupção vulcânica. Localização: oeste dos Equatoriais. Uma série de erupções durante a Estação das Monções aumentou a umidade e obstruiu a luz do sol sobre aproximadamente 20% do continente durante seis meses. Embora essa tenha sido uma Estação branda no que se refere a esse tipo de coisa, a época em que veio criou condições perfeitas para o aparecimento de fungos que se espalharam pelos Equatoriais e chegaram até as Latmedianas do Norte e do Sul, dizimando um alimento que então era básico, o miroq (agora extinto). A fome que resultou disso durou quatro anos (dois anos para a ferrugem do fungo encerrar o seu ciclo, mais dois anos para a agricultura e os sistemas de distribuição se recuperarem). Quase todas as comus afetadas conseguiram subsistir com os seus estoques, provando assim a eficácia das reformas imperiais e do planejamento sazonal, e o Império foi generoso em compartilhar sementes estocadas com aquelas regiões que dependiam do miroq. No período subsequente, muitas comus das latitudes medianas e das regiões costeiras uniram-se voluntariamente ao Império, dobrando sua extensão e dando início à sua Era de Ouro.

**ESTAÇÃO DA LOUCURA:** do ano 3 antes da Era Imperial ao ano 7 da Era Imperial. Causa aproximada: erupção vulcânica. Localização: Derrame de Basalto de Kiash. A erupção de múltiplas crateras de um antigo supervulcão (o mesmo responsável pela Estação Gêmea de aproximadamente 10.000 anos antes) lançou ao ar grandes quantidades de sedimento de augito, um mineral de cor escura. Os decorrentes dez anos de escuridão não foram devastadores apenas no sentido sazonal habitual, mas resultaram em uma incidência

maior que o comum de doenças mentais. A Afiliação Equatorial Sanzed (comumente chamada de Império Sanze) nasceu nessa Estação quando a Guerreira Verishe de Yumenes conquistou múltiplas comus atormentadas usando técnicas de guerra psicológica. (Veja *A arte da loucura*, vários autores, Editora da Sexta Universidade.) Verishe se autoneomeou Imperatriz no dia em que reapareceu o primeiro raio de sol.

**[Nota do Editor:** Muitas das informações sobre Estações anteriores à fundação de Sanze são contraditórias ou não confirmadas. As próximas são Estações reconhecidas pela Conferência Arqueométrica da Sétima Universidade de 2532.]

**ESTAÇÃO ERRANTE:** aproximadamente 800 anos antes da Era Imperial. Causa aproximada: mudança do polo magnético. Localização: não verificável. Essa estação resultou na extinção de várias importantes culturas comerciais da época e em vinte anos de fome devido à confusão dos polinizadores por conta do movimento do verdadeiro norte.

**ESTAÇÃO DA MUDANÇA DE VENTOS:** aproximadamente 1.900 anos antes da Era Imperial. Causa aproximada: desconhecida. Localização: não verificável. Por motivos desconhecidos, a direção dos ventos predominantes mudou durante muitos anos antes de voltar ao normal. É consenso que essa tenha sido uma Estação, apesar da falta de oclusão atmosférica, pois apenas um evento sísmico substancial (e provavelmente em um ponto distante do oceano) poderia tê-la provocado.

**ESTAÇÃO DOS METAIS PESADOS:** aproximadamente 4.200 anos antes da Era Imperial. Causa aproximada: erupção vulcânica. Localização: Latmedianas do Sul, perto das regiões costeiras do leste. Uma erupção vulcânica (que se acredita ter sido no Monte Yrga) causou oclusão atmosférica durante dez anos, exacerbada pela contaminação generalizada por mercúrio por toda a metade leste da Quietude.

**ESTAÇÃO DOS MARES AMARELOS:** aproximadamente 9.200 anos antes da Era Imperial. Causa aproximada: desconhecida. Localização:

Regiões Costeiras do Leste e do Oeste, e nas regiões costeiras até as Antárticas. Essa Estação só é conhecida por meio de relatos escritos encontrados em ruínas equatoriais. Por motivos desconhecidos, o aparecimento generalizado de uma bactéria intoxicou quase toda a vida marinha e causou fome nas regiões costeiras durante várias décadas.

**ESTAÇÃO GÊMEA:** aproximadamente 9.800 anos antes da Era Imperial. Causa aproximada: erupção vulcânica. Localização: Latmedianas do Sul. De acordo com canções e histórias orais datadas daquela época, a erupção de uma cratera vulcânica causou uma oclusão de três anos. Quando ela começou a clarear, foi seguida por uma segunda erupção de uma cratera diferente, que estendeu a oclusão por mais trinta anos.



## APÊNDICE 2

*Um glossário de termos comumente usados em todos os distritantes da Quietude*

**ANÉIS:** usados para denotar classificação entre os Orogenes Imperiais. Orogenes em treinamento e sem classificação devem passar por uma série de testes para obter o primeiro anel; dez anéis é a classificação mais alta que um orogene pode alcançar. Cada anel é feito de uma pedra semipreciosa polida.

**ANTÁRTICAS:** as latitudes mais ao sul do continente. Também se refere às pessoas das comus da região antártica.

**ARMAZENADOS:** comida armazenada e suprimentos. As comus mantêm protegidas e trancadas as provisões armazenadas o tempo todo devido à possibilidade de uma Quinta Estação. Apenas membros reconhecidos da comu têm direito a uma cota dos armazenados, embora os adultos possam usar sua cota para alimentar crianças não reconhecidas e outros. Residências individuais costumam manter seus próprios armazenados caseiros, igualmente protegidos contra pessoas que não são membros da família.

**ÁRTICAS:** as latitudes mais ao norte do continente. Também se refere às pessoas das comus da região ártica.

**BASTARDO:** uma pessoa nascida sem casta de uso, o que só é possível para meninos cujos pais são desconhecidos. Aqueles que

se distinguirem podem receber permissão para usar a casta de uso da mãe ao receber o nome de comu.

**BOLSA DE FUGA:** um pequeno estoque facilmente carregável de provisões armazenadas que as pessoas mantêm em suas casas em caso de tremores ou outras emergências.

**BORBULHA:** um gêiser, uma fonte termal ou saídas de vapor.

**BRITADOR:** um artesão que, com ferramentas pequenas, trabalha em pedra, vidro, osso ou outro material. Em grandes comus, britadores podem usar técnicas mecânicas ou de produção em massa. Britadores que trabalham em metal, ou britadores incompetentes, são coloquialmente chamados de ferrugentos.

**CABEÇAS QUIETAS:** termo pejorativo usado pelos orogenes para as pessoas que não têm orogenia, em geral abreviado para “quietos”.

**CABELO DE CINZAS SOPRADAS:** um traço racial sanzed peculiar, considerado nas atuais diretrizes da casta de uso Reprodutora como sendo vantajoso e, portanto, com preferência na seleção. O cabelo de cinzas sopradas é notadamente grosso e espesso, geralmente crescendo em direção ascendente; quando é comprido, ele recai sobre o rosto e os ombros. É resistente a ácidos, retém pouca água após a imersão e mostrou-se eficaz como filtro de cinzas em circunstâncias extremas. Na maioria das comus, as diretrizes dos Reprodutores reconhecem somente a textura; entretanto, os Reprodutores Equatoriais em geral também requerem uma coloração natural “cinza” (de cinzento ardósia a branco, presente desde o nascimento) para a cobiçada designação.

**CAMPOS VERDES:** uma área não cultivada dentro ou bem próxima dos muros da maioria das comus, segundo é aconselhado pelo Saber das Pedras. Os campos verdes das comus podem ser usados para agricultura ou criação de animais o tempo todo, ou podem ser mantidos como parques ou áreas não cultivadas durante as épocas não sazonais. Residências individuais costumam manter também seus próprios espaços verdes, ou jardins.

**CEBAKI:** um membro da raça cebaki. Cebak foi um dia uma nação (unidade de um sistema político obsoleto antes da Era Imperial) nas Latmedianas do Sul, embora tenha sido reorganizado dentro do sistema de distritantes quando o Velho Império Sanze a conquistou séculos antes.

**COMU:** comunidade. A menor unidade sócio-política do sistema de governo imperial, geralmente correspondendo a uma cidade ou vilarejo, embora cidades muito grandes possam conter várias comus. Membros aceitos de uma comu são aqueles a quem foram concedidos direitos de cota de armazenados e proteção, e que, por sua vez, sustentam a comu através de impostos e outras contribuições.

**COMEDORES DE PEDRA:** espécie humanoide senciente raramente vista cuja pele, cabelo etc. assemelham-se à pedra. Pouco se sabe sobre eles.

**COSTA-FORTE:** uma das sete castas de uso comuns. Costas-fortes são indivíduos selecionados por sua destreza física, responsáveis por trabalhos pesados e pela segurança quando acontece uma Estação.

**COSTEIRO:** uma pessoa de uma comu costeira. Poucas comus costeiras têm condições de contratar Orogenes Imperiais para erguer recifes de corais ou para se proteger de outra forma contra tsunamis, então as cidades costeiras precisam sempre se reconstruir e, como consequência, tendem a ter poucos recursos. As pessoas da costa oeste do continente tendem a ser claras, de cabelo liso, e às vezes têm olhos com dobras epicânticas. As pessoas da costa leste tendem a ter a pele escura, cabelo crespo, e às vezes olhos com dobras epicânticas.

**CRECHE:** um lugar onde as crianças pequenas demais para trabalhar recebem cuidados enquanto os adultos realizam as tarefas necessárias na comu. Quando as circunstâncias permitem, é um local de ensino.

**DISTRITANTE:** o nível intermediário do sistema de governo imperial. Quatro comus geograficamente adjacentes formam um distritante. Cada distritante tem um governador ao qual os chefes individuais das comus se reportam, e que, por sua vez, reporta-se a um governador regional. A maior comu em um distritante é sua capital; as maiores capitais de distritante estão ligadas umas às outras por meio do sistema da Estrada Imperial.

**EQUATORIAIS:** latitudes ao redor do equador, inclusive este, exceto as regiões costeiras. Também se refere às pessoas das comus da região equatorial. Graças ao clima temperado e à relativa estabilidade no centro da placa continental, as comus equatoriais tendem a ser prósperas e politicamente poderosas. Os equatoriais um dia formaram o centro do Velho Império Sanze.

**ESTAÇÃO DE LIGAÇÃO:** a rede de estações mantida pelo Império e localizada por toda a Quietude a fim de reduzir ou acalmar eventos sísmicos. Devido à relativa raridade dos orogenes treinados pelo Fulcro, as estações de ligação se agrupam principalmente nos Equatoriais.

**ESTRADA IMPERIAL:** uma das grandes inovações do velho Império Sanze, as estradas altas (rodovias elevadas para andar a pé ou a cavalo) ligam todas as principais comus e a maior parte dos grandes distritantes uns aos outros. As estradas altas foram construídas por equipes de geoneiros e Orogenes Imperiais, com os orogenes determinando o caminho mais estável em meio a áreas de atividade sísmica (ou acalmando a atividade sísmica se não houvesse um caminho estável) e os geoneiros determinando o trajeto da água e de outros recursos importantes perto da estrada para facilitar a viagem durante as Estações.

**EXPLOSÃO:** um vulcão. Também chamado de montanhas de fogo em algumas línguas costeiras.

**FALHA GEOLÓGICA:** Um lugar onde rupturas na terra criam frequentes e graves tremores e explosões são mais comuns.

**FULCRO:** uma ordem paramilitar criada pelo Velho Sanze após a Estação dos Dentes (1560 da Era Imperial). A sede do Fulcro fica em Yumenes, embora dois Fulcros satélites estejam localizados nas regiões árticas e antárticas, para uma máxima cobertura continental. Orogenes treinados pelo Fulcro (ou “Orogenes Imperiais”) têm permissão legal para praticar a habilidade da orogenia que, de outra forma, é ilegal, sob estritas regras organizacionais e com supervisão atenta da ordem dos Guardiões. O Fulcro é autoadministrado e autossuficiente. Orogenes Imperiais são marcados por seus uniformes pretos e coloquialmente conhecidos como “jaquetas pretas”.

**GEONEIRO:** Um engenheiro que trabalha com a terra: mecanismos de energia geotermal, túneis, infraestrutura subterrânea, mineração.

**GEOMESTA:** pessoa que estuda a pedra e seu lugar no mundo natural; termo geral para cientista. Especificamente, geomestas estudam litologia, química e geologia, que não são consideradas disciplinas separadas na Quietude. Alguns geomestas se especializam em orogênese, o estudo da orogenia e seus efeitos.

**GRÃOS:** no Fulcro, crianças orogenes sem anéis que ainda estão no treinamento básico.

**GUARDIÃO:** membro de uma ordem que se diz preceder o Fulcro. Os Guardiões rastreiam, protegem, combatem e orientam os orogenes na Quietude.

**HOSPEDARIA:** postos localizados a intervalos ao longo de todas as Estradas Imperiais e de muitas estradas secundárias. Todas as hospedarias contêm uma fonte de água e ficam perto de terras aráveis, florestas ou outros recursos úteis. Muitas delas estão localizadas em áreas de mínima atividade sísmica.

**INOVADOR:** uma das sete castas de uso comuns. Os Inovadores são indivíduos selecionados por sua criatividade e inteligência aplicada, responsável pela resolução de problemas técnicos e logísticos durante uma Estação.



**KIRKHUSA:** um mamífero de porte médio, às vezes criado como animal de estimação ou usado para proteger as casas ou o gado. Normalmente herbívoro; durante as Estações, carnívoro.

**LATMEDIANAS:** as latitudes “médias” do continente, aquelas entre o equador e as regiões árticas ou antárticas. Também se refere às pessoas das regiões latmedianas (às vezes chamados “latmedianos”). Essas regiões são vistas como o lugar mais atrasado da Quietude, embora produzam boa parte da comida, dos materiais e de outros recursos essenciais do mundo. Existem duas regiões latmedianas: a do norte (Latmedianas do Norte) e a do sul (Latmedianas do Sul).

**LEI SAZONAL:** lei marcial que pode ser declarada por qualquer chefe de comu, governador de distritante, governador regional ou membro reconhecido da Liderança Yumenescense. Durante a Lei Sazonal, os governos distritante e regional ficam suspensos, e as comus funcionam como unidades políticas soberanas, embora a cooperação local com outras comus seja fortemente encorajada de acordo com a política imperial.

**MELA:** uma planta das latmedianas, da família dos melões dos climas equatoriais. As melas são plantas terrestres em forma de vinha que normalmente produzem as frutas acima do solo. Durante uma Estação, as frutas crescem sob o solo como tubérculos. Algumas espécies de mela produzem flores que prendem insetos.

**META-SABER:** como a alquimia e a astromestria, uma descreditada pseudociência repudiada pela Sétima Universidade.

**NOME DE COMU:** o terceiro nome usado pela maioria dos cidadãos, indicando sua lealdade e seus direitos no que se refere a uma comu. Esse nome geralmente é concedido na puberdade como sinal da passagem à maioridade, indicando que uma pessoa foi considerada um membro de valor da comunidade. Aqueles que imigraram para uma comu podem solicitar adoção a essa comu; se forem aceitos, tomam o nome da comu adotiva como seu.

**NOME DE USO:** o segundo nome usado pela maioria dos cidadãos, indicando a casta de uso à qual aquela pessoa pertence. Há vinte castas de uso reconhecidas, embora apenas sete sejam correntemente usadas por todo o atual e o antigo Velho Império Sanze. Uma pessoa herda o nome de uso do progenitor de mesmo sexo, com base na teoria de que traços úteis são mais facilmente passados dessa forma.

**NOVA COMU:** termo coloquial para comus que surgiram apenas desde a última Estação. Comus que sobreviveram a pelo menos uma Estação geralmente são vistas como lugares mais desejáveis para morar, tendo provado sua eficácia e força.

**OROGENE:** pessoa que possui orogenia, quer seja treinada ou não. Forma pejorativa: rogga. (N.T.: Para criar esse neologismo, a autora se inspirou na palavra “nigga”, criada a partir de “nigger”, termo usado nos Estados Unidos para se referir aos negros que foram escravizados. “Nigga” é considerada uma palavra extremamente ofensiva.)

**OROGENIA:** a habilidade de manipular energia termal, cinética e formas de energia relacionadas para lidar com eventos sísmicos.

**REGIÃO:** o nível mais alto do sistema de governo imperial. Regiões imperialmente reconhecidas são as Árticas, as Latmedianas do Norte, as Costeiras do Oeste, as Costeiras do Leste, os Equatoriais, as Latmedianas do Sul e as Antárticas. Cada região tem um governador a quem todos os distritantes locais se reportam. Os governadores regionais são oficialmente nomeados pelo Imperador, embora, na prática, sejam geralmente escolhidos pela Liderança Yumenescense ou são membros dela.

**REPRODUTOR:** uma das sete castas de uso comuns. Reprodutores são indivíduos selecionados por sua saúde e por sua desejável constituição física. Durante uma Estação, são responsáveis pela manutenção de linhagens saudáveis e pela melhoria da comu ou da raça por meio de medidas seletivas.

**RESISTENTE:** uma das sete castas de uso comuns. Resistentes são indivíduos escolhidos pela habilidade de sobreviver à fome e à pestilência. São responsáveis por cuidar dos enfermos e dos cadáveres durante as Estações.

**SABEDORISTA:** pessoa que estuda o Saber das Pedras e a história perdida.

**SANZE:** originalmente uma nação (unidade de um sistema político obsoleto, Antes da Era Imperial) nos Equatoriais; origem da raça sanzéd. Ao final da Estação da Loucura (ano 7 da Era Imperial), a nação Sanze foi abolida e substituída pela Afiliação Equatorial Sanzed, consistindo em seis comus predominantemente sanzéd sob o domínio da Imperatriz Verish Liderança Yumenes. A Afiliação se expandiu após a Estação, englobando por fim todas as regiões da Quietude em torno do ano 800 da Era Imperial. Mais ou menos na época da Estação dos Dentes, a Afiliação se tornou coloquialmente conhecida como o Velho Império Sanze, ou simplesmente o Velho Sanze. A partir dos Acordos Shilteen de 1850 da Era Imperial, a Afiliação oficialmente deixou de existir, já que o controle local (segundo recomendação da Liderança Yumenescense) foi considerado mais eficiente no caso de uma Estação. Na prática, a maioria das comus ainda seguem os sistemas imperiais de governo, finanças, educação e outros, e a maioria dos governadores regionais ainda pagam impostos em tributo a Yumenes.

**SANZED:** um membro da raça sanzéd. De acordo com os padrões de Reprodução Yumenescense, os sanzeds têm, idealmente, pele cor de bronze e cabelo de cinzas sopradas, com constituições mesomórficas e endomórficas e uma altura na fase adulta de no mínimo 1,80m.

**SANZE-MAT:** língua falada pela raça sanze e língua oficial do Velho Império Sanze, agora língua franca da maior parte da Quietude.

**SEGURA:** uma bebida tradicionalmente servida em negociações, primeiros encontros entre partes potencialmente hostis e outras reuniões formais. Ela contém o leite de uma planta que reage à presença de qualquer substância estranha.

**SEM-COMU:** criminosos e outros indivíduos indesejados incapazes de conquistar aceitação em qualquer comu.

**SENSUNA:** consciência dos movimentos da terra. Os órgãos sensoriais que realizam essa função são os sensapinae, localizados no tronco cerebral. Forma verbal: sensor.

**SÉTIMA UNIVERSIDADE:** uma faculdade famosa para o estudo de geometria e do Saber das Pedras, atualmente financiada pelo Império e localizada na cidade equatorial de Dibars. Versões anteriores da Universidade foram mantidas pelo setor privado ou de forma coletiva; notadamente, a Terceira Universidade em Am-Elat (aproximadamente 3.000 antes da Era Imperial) foi reconhecida na época como uma nação soberana. Faculdades regionais ou distritamentais menores pagam tributos à Universidade e recebem conhecimentos especializados e recursos em troca.

**TERRENO QUEBRADO:** solo que foi revolvido por atividade sísmica extrema e/ou muito recente.

**TREMOR:** um movimento sísmico da terra.



## NOTA EDITORIAL

N.K. Jemisin ganhou consecutivamente três prêmios Hugo de Melhor Livro com a trilogia *A terra partida*. E por que isso é tão importante?

O Prêmio Hugo começou em 1953 como uma ideia e atualmente toda a premiação é votada pelos membros da WorldCon — que qualquer um pode se tornar pelo site oficial. É considerado o prêmio mais prestigioso e importante de Ficção Científica e Fantasia, não apenas por conta de sua longevidade, mas por oferecer um vislumbre do que toda uma comunidade de leitores pensa. Entre os ganhadores da categoria principal, Melhor Livro, estão: Isaac Asimov, Ursula Le Guin, William Gibson, J.K. Rowling and Neil Gaiman.

Todos eles deixaram sua marca na história da literatura — com suas ideias impactantes de como a vida poderia ser, aonde a raça humana pode chegar e, o questionamento que a maioria dos grandes autores faz: o que essencialmente significa ser humano. Mas Jemisin foi, em 2016, a primeira pessoa negra a ganhar um Hugo de Melhor Livro.

A literatura especulativa em geral é a melhor via para explorar novas possibilidades, estruturas sociais e até formas de vida que não estejam sujeitas às nossas limitações mundanas. Dos primórdios da Ficção Científica com Mary Shelley às obras pioneiras de Samuel R. Delany e Octavia E. Butler é possível perceber a relevância de trabalhos que usam o gênero como subterfúgio para discutir questões essenciais como raça, gênero e preconceito.

A despeito de suas possibilidades ilimitadas, por muito tempo o gênero ficou restrito a narrativas específicas de pontos de vista específicos, estreitando as discussões e inibindo seu verdadeiro potencial.

Novos autores que buscaram inserir ideias inéditas e trazer diversidade ao gênero foram recebidos com hostilidade por aqueles que queriam manter as histórias “puras” e “tradicionais”, e que chegaram ao extremo de tentarem manipular os resultados do Prêmio Hugo em favor dos autores deste grupo.

Mas essas histórias não devem e não vão ser escondidas; essas vozes retumbarão acima de protestos arcaicos. E uma das provas é este livro que você tem em mãos, pelo qual Jemisin recebeu seu terceiro Prêmio Hugo seguido, quebrando todos os recordes e fazendo um poderoso discurso na cerimônia de premiação, que você poderá ler na próxima seção.

Apreciem esta trilogia de N.K. Jemisin e saibam que a cada palavra impressa estamos um passo mais próximos de acessar o potencial máximo do gênero e de descobrir novos mundos de infindáveis possibilidades.

EDITORA MORRO BRANCO



## Discurso de N.K. Jemisin: Cerimônia de premiação do Hugo WorldCon de 2018

Eu comecei a cultivar toda uma superstição de que só ganho prêmios quando não apareço [na cerimônia].

[...] Este tem sido um ano difícil, não é? Alguns anos difíceis, um século difícil. Para alguns de nós, as coisas sempre foram difíceis e escrevi a trilogia *A terra partida* para falar dessa luta e do que é preciso para viver, quem dirá prosperar, em um mundo que parece determinado a quebrar você. Um mundo de pessoas que constantemente questionam sua competência, sua relevância, sua própria existência.

Eu recebo muitas perguntas sobre de onde vêm os temas da trilogia *A terra partida*. Acho que é bem óbvio que tirei inspiração da história humana de opressão estrutural, assim como meus sentimentos sobre este momento na história americana. O que talvez seja menos óbvio é o quanto da história deriva dos meus sentimentos sobre ficção científica e fantasia. Por outro lado, ficção científica e fantasia são microcosmos do mundo mais amplo, de modo algum excluídos da mesquinharia e do preconceito do mundo.

Mas outra coisa que eu tento abordar com a trilogia *A terra partida* é que a vida num mundo difícil não é nunca apenas uma luta. A vida é família, de sangue e encontrada; a vida são aqueles aliados que se provam dignos por ações e não apenas discursos; a vida significa celebrar cada vitória, não importa quão pequena. Então, enquanto estou aqui diante de vocês, sob estas luzes, eu quero que vocês se lembrem que 2018 é também um bom ano. Este é um ano em que recordes foram estabelecidos, um ano em que

mesmo os privilegiados mais cegos entre nós foram forçados a reconhecer que o mundo está quebrado e precisa de conserto, e isso é uma coisa boa, porque reconhecer o problema é o primeiro passo para consertá-lo.

Eu olho para a ficção científica e fantasia como o ímpeto de ambições do zeitgeist. Nós, criadores, somos os engenheiros da possibilidade. E à medida que esse gênero finalmente, embora relutantemente, reconhece que os sonhos dos marginalizados importam e que todos nós temos um futuro, o mundo também fará isso. Em breve, espero. Muito em breve.

E sim, haverá contraditores. Eu sei que estou aqui neste palco aceitando este prêmio por basicamente o mesmo motivo que todos os vencedores de melhor romance anteriores: porque eu trabalhei para caramba. Eu verti minha dor no papel quando não podia pagar por terapia, eu estudei uma ampla gama de obras de literatura e me aprofundei nelas para aprender o que podia e refinar minha voz; escrevi um milhão de palavras de merda e provavelmente um milhão de palavras de *meh*. E, além disso, eu sorri e acenei enquanto editores de revistas bem-intencionados me aconselharam a moderar minhas alegorias e minha raiva.

Não fiz isso.

Eu cerrei os dentes enquanto um escritor profissional estabelecido me fez uma diatribe de 10 minutos, basicamente como uma representante de todas as pessoas negras, por mencionar a falta de representatividade nas ciências. Eu continuei escrevendo embora meu primeiro romance, *The Killing Moon*, tenha sido inicialmente rejeitado sob a suposição de que apenas pessoas negras iriam querer ler o trabalho de uma escritora negra. Eu ergui minha voz para rebater outros convidados em mesas que tentaram falar acima de mim sobre minha própria vida. Eu lutei contra mim mesma e a vizinha dentro de mim que constantemente, e ainda, sussurra que eu devia manter a cabeça abaixada e calar a boca e deixar os escritores de verdade falarem.

Mas este é o ano em que eu posso sorrir para todos os contraditores; cada um deles, medíocres, inseguros, aspirantes, que abriram a boca para sugerir que eu não pertencço a este palco, que pessoas como eu não podem merecer tal honra, e que quando eles



ganham é meritocracia, mas quando nós ganhamos é por política de minorias. Eu posso sorrir para essas pessoas e erguer um dedo enorme, brilhante, em forma de foguete na direção deles<sup>[1]</sup>.

Então, quantos de vocês viram *Pantera Negra*? Provavelmente, minha parte preferida é a canção tema de Kendrick Lamar, “All the Stars”. O refrão diz: “Esta pode ser a noite em que meus sonhos vão me dizer que as estrelas estão mais próximas”. Que 2018 seja o ano em que as estrelas ficaram mais próximas para todos nós. As estrelas são nossas. Obrigada.

N.K. JEMISIN

## SOBRE A AUTORA



N. K. Jemisin é uma autora nova iorquina, cujas histórias foram indicadas diversas vezes aos maiores prêmios de ficção científica e fantasia do mundo, incluindo o Nebula, Locus e World Fantasy Award. Em 2016, se tornou a primeira pessoa negra a receber o Hugo Award na categoria principal por seu livro “A Quinta Estação”.

Jemisin é considerada uma das mais importantes vozes da ficção especulativa atual, por construir universos ricos e complexos, que vão da fantasia à ficção científica. Suas obras falam sobre justiça social, preconceito, violência e a multiplicidade do comportamento humano.

Além de escritora, Jemisin é blogueira política, feminista e antirracista. Atualmente escreve a coluna “*Otherworldly*” para o New York.

# Nota

1. O troféu do prêmio Hugo tem o formato de um foguete



MORROBRANCO  
EDITORA